

145 anos de nascimento de Papus

1865 - 2010



Dr. GÉRARD ANACLET VINCENT ENCAUSSE

Papus

No ano em que se comemora o 145º ano de nascimento de Papus, o Grupo Hermanubis dedica neste equinóscio de primavera de 2010, uma atualização especial, uma homenagem ao criador e primeiro Grão Mestre da Ordem Martinista.

Foi graças a Papus, em especial, que a nossa fraternidade foi munida de organização administrativa e se desdobrou pelo último século em dezenas de Ordens e fraternidades. Neste único arquivo reproduzimos em mais de 700 páginas, os mais importantes livros, artigos e material de leitura e estudo sobre Ocultismo e esoterismo nas línguas portuguesa e espanhola. Foram omitidos desta obra os livros protegidos por direitos autorais, mesmo assim, é sem dúvida nenhuma o mais completo conjunto reunido em um só volume e arquivo da obra de GÉRARD ANACLET VINCENT ENCAUSSE, o médico que tornou-se famoso no meio ocultista sob o pseudônimo de PAPUS, nasceu no dia 13 de julho de 1865, em Corunã-Espanha, as sete horas da manhã, sendo filho de pai francês, o químico Louis Encausse, e mãe espanhola, de origem cigana, a senhora Irene Perez. O jovem Gérard criou-se, assim, em um ambiente favorável a um futuro estudante de Alquimia e de Tarot.

Em 1869 a família Encausse veio estabelecer-se em Paris, no bairro Montmartre, onde Papus iniciou seus estudos, primeiro no Colégio Rollin, depois aos 17 anos, na Faculdade de Medicina de Paris. Ainda jovem, dedicou-se nas horas vagas ao Ocultismo; enquanto seus colegas preocupavam-se com os problemas políticos da Europa e em percorrer todos os autores da Ciência Oficial, Papus passava suas tardes na Biblioteca nacional de Paris ou na Biblioteca do Arsenal estudando os autores clássicos da Alquimia e da Cabala, tomando notas dos principais manuscritos tão zelosamente guardados há séculos nessas preciosas bibliotecas. Papus teria sido iniciado por Henri Delaage em 1882, segundo ele mesmo nos diz, na Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, ordem que teria sido fundada por Louis Claude de Saint-Martin no século XVIII, na França. Com 17 anos de idade, o jovem Papus passou a destacar-se no seio do Grupo que passou a integrar, pela seriedade com que procurava as chaves da Iniciação.

Em 1887, aos 22 anos, escreveu sua primeira obra, denominada O Ocultismo Contemporâneo. Seu Tratado Elementar da Ciência Oculta(1), no ano seguinte, alcançou grande sucesso em vários países e proporcionou a seu autor grande liderança no meio ocultista parisiense. Fundou, em 1889, o Grupo Independente de Estudos Esotéricos (Gldee), transformado mais tarde em Escola Hermética, destinada a divulgar a espiritualidade e a combater o materialismo, igualmente, as revistas A Iniciação e Véu de Isis, órgãos de divulgação do Ocultismo, planetas que giravam em torno do centro irradiante de dinamismo, que era o Iniciador Papus. Trabalhou como externo nos hospitais de Paris e não abandonou o exercício da medicina. Em 1894 defendeu sua tese de medicina, intitulada A Anatomia Filosófica e Suas Divisões, recebendo o título de Doutor em Medicina, com elogios. Sua obra posterior, Compendio de Fisiologia Sintética, foi igualmente muito elogiada nos meios acadêmicos.

Ao defender sua tese, Papus confessou-se um iniciante na arte de curar, pois vislumbrava as possibilidades do Ocultismo. Como Paracelso, percorreu vários países da Europa, estudando todas as medicinas, a oficial, a dos curandeiros, a homeopatia, aprendendo uma série de procedimentos desconhecidos dos médicos tradicionais.

Praticou a alopatia, a homeopatia e a hipnose, realizando curas consideradas extraordinárias por seus biógrafos. É o caso da senhora ricamente vestida, conta-nos Phaneg, que entrou em seu consultório com ares de descrença. Papus sem que ela falasse e após ter chamado sua atenção pela falta de fé no médico em presença, diagnosticou seu mal e falou de sua precária situação financeira. A senhora ficou maravilhada pelas revelações que ouvia e pela nevralgia subitamente desaparecida. Papus não lhe cobrou a consulta, porque aquela era seu último "Louis".(2)

Muitas vezes Papus, para efetuar o diagnóstico, observa em primeiro lugar o astral do doente, depois o curava misteriosamente, apelando à força vital-mãe, fonte de equilíbrio. Ele classificava, assim as doenças, como sendo do Corpo, do Astral e do Espírito. As doenças do Corpo (como febres, traumatismos) podem, segundo Papus, ser curadas pela medicina dos contrários; as doenças do Astral (como tuberculose e o câncer) podem ser tratadas pela homeopatia e o

magnetismo; e as doenças do Espírito (como epilepsia, histeria e loucura) podem ser tratadas pela oração e pela magia, desde que o mal não seja Cármico (dívida espiri-tual a ser paga pelo doente). Assim, Papus praticava seguidamente a Medicina Oculta, curando à distância, agindo sobre a urina, o sangue e o cabelo do paciente. Contam que Papus realizava diagnósticos insólitos, agindo pelos dons de clarividência e de clariaudiência.

No Umbral do Mistério, Stanislas de Guaita escreve que Papus, "jovem médico dos mais eruditos e fecundos, converteu-se em dupla personalidade: conquistou a notoriedade sob dois nomes diferentes. Suas obras de anatomia e de fisiologia receberam apenas a subscrição de Gérard Encausse. Seus Tratados de magia arvoram um outro nome".

"Cabeça enciclopédia e pena infatigável, saudemos este jovem iniciado que dis-farça ou, diríamos, que desfigura o lastimável pseudônimo de Papus. É mister, seguramente, que os seus livros testemunhem uma superioridade assaz transcendente, para que se possa per-doar sua etiqueta! Fato é que os amadores de teosofia pronunciam o nome de Papus sem esbo-çar qualquer sorriso mas, isto sim, com admiração e apreço. Passando pelas brochuras já em número considerável, que têm vigorosamente contribuído para a difusão das ciências esotéri-cas, mencionaremos tão-somente as obras Ocultismo Contemporâneo (Carré, 1887, in 8º), O Sepher Yetsirah (Carré, 1888, in-8º) e a Pedra Filosofal (Carré, 1889, in-12, frontispício)".

"Convém lembrar que Papus publicava, desde 1888, o seu Tratado Elementar de Ciência Oculta(Carré, in-12, com figuras). Trata-se da primeira obra metódica em que se acham resumidos com clareza, agrupados e sintetizados com maestria todos os dados primor-diais do Esoterismo. Este livro excelente, que enfoca a aplicação dos métodos experimentais de nossas ciências ao estudo dos fenômenos mágicos, e ademais, uma ação boa e meritória: os próprios estudantes adiantados podem recorrer a ela com segurança, como ao mais sábios dos gramáticos. Mas, Papus acaba de firmar para sempre a sua reputação de adepto através da aparição de uma monumental obra atinente ao Tarot (3). Em nosso entender, não exageramos ao asseverar que este livro, em que se acha revelada, até às profundezas, a lei ondulatória do ternário universal, constitui, no sentido mais alto do termo, uma Chave absoluta das Ciências Ocultas".

Seu pseudônimo Papus foi retirado do Nuctameron de Apolônio de Tiana e significa o "médico da primeira hora", aquele que não mede sacrifícios para atender seus seme-lhantes.

Papus consagrou-se ao estudo da Luz Astral e de sua influência sobre as doen-ças e sobre sua terapêutica, tal como ensinava Paracelso um dos pais da Medicina. O papel da mente e suas relações com o Plano Astral e o Homem. Durante longos anos dirigiu suas pes-quisas sobre os fenômenos hipnóticos, espíritas, parapsicológicos, exteriorização da sensibili-dade e do magnetismo. Fundou a Escola de Magnetismo de Lyon, tendo o Mestre Philippe como seu Diretor.

Seus estudos dos Corpo Astral e do Plano Astral não tinham como objetivo apenas a cura do Corpo, mas, principalmente, a cura da Alma, isto é, sua terapia pela iniciação. Fez da famosa divisa do Templo de Delfos "Conhece-te a ti mesmo que conhecerás o Universo e os Deuses" o seu lema de trabalho iniciático e profissional. Estudou profundamente a Anti-güidade egípcia e os mistérios gregos e romanos, concluindo que entre eles a Ciência e a Inici-ação estavam intimamente associadas.

A Escola Hermética, que tinha como professores famosos ocultistas da época, tais como Stanislas de Guaita, Sedir, Barlet, Peladan, Chamuel, Marc Haven, Maurice Barrès (academia francesa) Victor-Emile Michelet, entre outros, tinha como objetivo recrutar mem-bros para as sociedades iniciáticas dirigidas por Papus e por Stanislas de Guaita (que ainda existem hoje em pleno vigor), através de cursos, conferências, pesquisas ocultistas e publica-ções. Ensinavam o Hebraico, a Cabala, o Tarot, a Astrologia, a História Oculta, a Magia, a Medicina Oculta, focalizando principalmente seu aspecto menos velado e mais científico. Pa-pus é tido como o divulgador do Ocultismo Científico de Louis Lucas, que se baseia na Ana-logia, método que procura explicar o Invisível por inferência, a partir do Visível.

Papus teve como Mestre Intelectual o Marquês Joseph Alexandre Saint-Yves d'Alveydre e como Mestre Espiritual, como ele próprio afirmava, o "Mestre Philippe de Lyon", a partir de 1887 e 1897, respectivamente. Teve no seu companheiro Stanislas de Guaita um incentivador de primeira grandeza, discípulo póstumos todos os dois de Eliphaz Levi, Fabre d'Olivet, Saint Martin e Jacob Boehme, cujas obras sabiam praticamente de cor.

Praticava a Cabala Prática(4), juntamente com seus principais companheiros, com a qual procurava o aperfeiçoamento espiritual até chegar ao conhecimento da Divindade. O adepto deve conhecer toda a teoria da Magia, dizia Papus, os materiais usados pelos magos, os perigos da Magia que enfrentam os praticantes temerários, a chave da magia negra, as ciladas do inimigo invisível, o controle das paixões, a eliminação dos vícios, se o Iniciado desejar, sinceramente, tornar-se um Mestre e obter a Salvação.

Sua vida foi uma ação constante em todos os planos, lutando contra o materialismo e o ateísmo e divulgando a espiritualidade. A lembrança do duelo com Jules Blois, que tinha desacatado fortemente a Stanislas de Guaita, ficou gravado na memória de todos os inimigos de Papus. Quando Jules Blois dirigia-se em um fiacre para o local designado para o combate, os cavalos assustaram-se com a aparição súbita de um vulto e empinaram-se, derrubando por terra Jules Blois e sua comitiva. Assim, Jules Blois chegou à presença de Papus com dor de cabeça e cambaleante. O duelo começou, sem muito entusiasmo, Papus procurando, dizem seus biógrafos, não ferir gravemente seu opositor. Este recebeu um pequeno ferimento no ombro e a luta teve fim. Papus cumpriu sua obrigação de médico, socorrendo seu adversário e a inimizade terminou.

Papus visitou a Rússia Três vezes, sendo recebido pelo imperador. Em 1914 foi a Guerra como capitão-médico, onde contraiu tuberculose. Faleceu em 25 de outubro de 1916, aos 51 anos de idade. Seu corpo repousa no cemitério de Père Lachaise, em Paris, na divisão 93. "Imitemos esse Iniciador, disse-nos Sedit, que desejou não ser mais do que um amigo para nós e que foi bastante forte ao ponto de nos esconder suas dores e seus desgostos sob um perpétuo sorriso. Enxuguemos nossas lágrimas; elas o reteriam nas sombras; regozijemo-nos, como ele próprio há três dias o fez, por rever finalmente face à face o Todo Poderoso Terapeuta, o autêntico Pastor das Almas, o Amigo Eterno, o Bem Amado de quem ele foi Eterno, o Bem Amado de quem ele foi o fiel servidor".

"Digamos, juntos a Gérard Encausse, um até logo vibrante; demos a ele, por nossas boas vontades doravante indefectíveis, a única recompensa digna de tão longas penas que ele suportou por nós"(5).

Papus foi sem dúvida alguma um grande Mestre ocultista, destacando-se por sua realização: escreveu mais de 160 títulos entre livros, artigos, conferências, abordando tanto a medicina como o ocultismo. Os livros principais foram publicados em sua juventude, como o Tratado Elementar de Ciências Oculta (23 anos), o Tarot dos Boêmios (24 anos), o Tratado Metódico de Ciência Oculta (26 anos), a Cabala (27 anos), o Tratado Elementar de Magia Prática (28 anos).

Para seus companheiros de adepto, suas obras principais foram o Tarot dos Boêmios, o Tratado Metódico de Ciência Oculta e o Tratado Elementar de Magia Prática. São Três "dos mais belos livros e dos mais fundamentais para o estudo do Ocultismo aparecidos após os de Eliphaz Levi, Louis Lucas e Saint-Yves d'Alveydre" (Stanislas de Guaita em No Umbral do Mistério (4).

Como ilustração de sua obra literária, apresentamos a seguir a lista alfabética de suas principais publicações ocultistas:

01 - ABC Illustré D'Occultisme, Dorbon, 1922 (6º ed.)

02 - L'Almanach de la Chance por 1905 (id.,até 1910).

- 03 - L'Almanach du Magiste, de 1895 a 1899.
- 04 - Revista L'Initiation (artigos, de 1891 a 1914).
- 05 - Revista Le Voile d'Isis (artigos, de 1891 a 1909).
- 06 - Les Arts Divinatoires. Chamuel, 1895.
- 07 - La Cabbale, Chacornac, 1903 (3º ed.)
- 08 - Ce que deviennent nos morts. La Sirene, 1918.
- 09 - Ce que doit savoir un maitre Maçon. Ficher, 1910.
- 10 - Comment on lit dans les mains. Ollendorff, 1902 (2º ed.)
- 11 - La Magie et l'Hypnose. Chamuel, 1897.
- 12 L'Occultisme contemporain. Carré, 1901.
- 13 - Premiers Eléments de Lecture de la Langue Hébraïque. Dorbon 1913
- 14 - Qu'est-ce que l'Occultisme? Chamuel, 1892.
- 15 - La Réincarnation. Dorbon, 1912.
- 16 - La Science des Mages. Chamuel, 1892.
- 17 - La Science des Nombres. Chacornac, 1934.
- 18 - Le Tarot des Bohémiens. Carré, 1889.
- 19 - Le Tarot Divinatoire. Libr. Hermetique, 1909.
- 20 - Traité Elémentaire de Magie Pratique. Chamuel, 1893.
- 21 - Traité Elémentaire d'Occultisme et d'Astrologie. Dangles, 1936.
- 22 - Traité Elementaire de Science Occulte. Carré, 1888.
- 23 - Traité Méthodique de Magie Pratique. Chacornac, 1924.
- 24 - Traité Méthodique de Science Occulte. Carré, 1891.

Observações:

- 1- Publicado em português, sob o título Tratado de Ciências Ocultas, pela Ed. Três, Coleção Planeta nº 8 e 9, São Paulo, 1973.
- 2- Antiga moeda francesa, de ouro valendo 20 francos.
- 3- Papus. Le Tarot des Bohémiens. Paris Ed. Dangles, s/d ("Papus, continua Guaita, publicou, após a 2º edição do Umbral do Mistério em 1890, dois grandes volumes, onde a mais alta doutrina

formula-se numa linguagem luminosa e precisa: *Traité Méthodique de Science Occulta* (1891) e *Traité Elémentaire de Magie Pratique* (1894)". "O Tarô dos Boe

4- Guaita, Stanislas. *No Umbral do Mistério*. Porto Alegre, Grafosul, 1979 (uma segunda edição dessa obra está sendo executada pela Sociedade das Ciências Antigas SCA, que obteve os direitos da tradução brasileira).

5- Discurso de Paul Sédir junto ao túmulo de Papus, na ocasião de seu enterro.

6- A presente tradução baseia-se na edição de 1903 (3ª edição), revista e ampliada por Papus, contendo trabalhos dos cabalistas Stanislas de Guaita (falecido em 1897). Eli-phas Levi, Lenain, Marc Haven, Sedir, Jacob, Sair e uma tradução completa do *Sepher Yetzi-rah* seguida de uma reimpressão parcial de um tratado cabalístico do Cav. Drach.



Leitura em Portugues

À aproximação da morte do livro "A reencarnação "

Dr Gerard Encausse (Papus)

É provável que, à parte certos pontos gerais, à aproximação da morte, cada qual tenha consciência em relação consigo mesmo.

Eis os meus com as circunstâncias que o rodeavam. Empreendi em fevereiro de 1904 uma longa viagem de conferências com o colega Girault; tinha escolhido para título "Tomada de posse". e Girault: "Para a cidade melhor" as duas conferências se completavam mutuamente.

Podíamos fazer-las cem vezes sem que fossem da mesma maneira, pois que a tomada de posse da terra pela humanidade começa no meio das ruínas do velho mundo através das quais cresce o novo germinal. É nesses escombros que os povos procuram orientar-se para uma existência melhor, mais consciente e mais elevada.

A viagem devia compreender trinta cidades da França, Córsega e Algéria. Calais, Roubaix, Tourcoing e Liancourt tiveram as primeiras conferências, pois vinha da Inglaterra.

Uma tormenta de neve nos tendo rodeado em Liancourt, comecei a lutar contra uma gripe, ora vencida, ora mais forte.

Em Troyes, onde passava alguns dias, o médico e os amigos opondo-se a que fosse fazer a conferência de Chaumont, não quis, resistindo, fazer que se ocupassem de mim, mas sentia que minha vontade seria menos poderosa; a vontade se dobra como o aço duma espada: parecia-me que indo a Chaumont ficaria curada; foi em Chaumont que fiz meus estudos e Chaumont e Paris eram as únicas cidades que tinha visto antes da minha viagem da Caledônia.

Quando fui à conferência de Toulon, julguei que esta vez tinha vencido o mal e era desta convicção que falava no fim do meu discurso. Mas, uma vez no hotel Términus, onde devia ter um ou dois dias de descanso, era eu que estava vencida; a gripe tinha-se mudado em congestão pulmonar.

Desci rapidamente a tal estado que pensava nesta expressão que representa o aniquilamento de todas as forças do corpo: o trapo humano; parecia-me efetivamente que meu corpo arrastava-se como um farrapo; o pensamento, tendo-se exteriorizado, olhava-o como a qualquer outra coisa.

À aproximação da morte tudo se torna sensação; primeiramente, nas condições comparáveis à da agulha duma bússola procurando o Norte durante os ciclones, os sentidos podem ser empregados uns pelos outros: depois parece ser um só deles que reúne a todos.

Parecia-me ler através dos meus dedos cartas que minha amiga Carlota tinha em suas mãos.

A agonia se compõe de perturbação antes que de dor; a gente sente-se escorregar nos elementos com duas impressões, uma que leva como ao fio d'água, a outra que dissemina no espaço o ente cujas moléculas se desagregam, como um aroma se espalha no ar ou uma matéria corante num líquido. Esta sensação não é sem prazer: parece que poderia durar muito tempo assim.

O pensamento se materializa em símbolos, em quadros, e sob esta forma é mais intenso e mais elevado.

As lembranças se compõem das impressões recebidas outrora, que se renovam mais fortes. É assim que recebia sensações da mesma ordem que as que tinha presentes com mais força pela própria situação.

Na Caledônia, durante um ciclone, o céu, a terra, o oceano sendo uma só noite na qual rugiam os elementos desencadeados, ao passo que torrentes de água vertiam nas ondas que subiam precipitadas, procurando escalar as praias com suas garras brancas de espuma; segurava-me nos rochedos para resistir aos urros dos abismos que me atraíam ao fundo; pensando que em tempos remotos tínhamos vivido nos elementos, tinha esta mesma impressão deslizando no infinito com a certeza que a morte é uma volta aos elementos.

Lembrava-me duma impressão do infinito, porém de outra ordem; um dos nossos amigos, o Sr. Huot, tocava em seu violão um trecho composto por um nihilista que não deixou seu nome ao morrer; sentia a sensação de outrora, ainda a de um abismo, em cujas estreitas e úmidas paredes teria, na escuridão, batido com os braços; aí, ainda eram os elementos que se ouviam como durante os ciclones, porém que cantavam.

Quando tornou-se difícil falar, a voz não sendo mais que um sopro, que apenas pode evocar uma vibração na garganta onde a sede desapareceu, quando os membros estão pesados como o mármore, uma grande calma se faz; as coisas parecem naturais; a gente se olha de cima com o pensamento; com o corpo estendido diante dele, a gente não pergunta se vai viver ou morrer: olha e é tudo.

Olha-se aí e alhures, em todo o mundo que parece ter-se tomado menor, muito menor para que. a raça humana não seja mais que um povo.

Olha-se perto e longe os mortos e os vivos e como ao redor duma pedra jogada n'água estão ao redor de vós círculos concêntricos, estas ondas, sem dúvida, de eletricidade, vão-se embora longe, muito longe.

O tempo pesa como um rochedo, o passado parece existir ainda, o futuro é já, a personalidade desapareceu e olha-se sempre: a gente mesma é um olhar.

Diante dos olhos uma nebulosa estendeu-se semelhante aos grandes nevoeiros; no quarto só distinguia ainda as pessoas pela forma, a estatura, como se elas fossem grandes sombras chinesas.

Ao longe. o pensamento sempre se materializa por imagens. A guerra aparece como uma imensa mancha de sangue com mortos, moribundos, cavalos sem cavaleiros e com as crinas ao vento; mais longe, o grande desastre chegando ao cúmulo: as mães, as criancinhas, os velhos abandonados; o incêndio alumando as ruínas; a fome, a peste, como outrora, e todavia, a humanidade chegada à primeira juventude da raça, o velho covil é pouco a pouco penetrado pela luz, a ciência, a verdade, como as cavernas cheias de amarelo foram, depois da descoberta do fogo, invadidas pelas famílias humanas, com a tocha à mão.

Como voltei daí, não o sei; é uma dor real e cruel quando as moléculas dispersadas ou próximas a se-lo se unem e a gente sobe à corrente da vida, e a voz extinta passa de novo através dos lábios já imóveis.

Será porventura a corrente simpática, que de toda parte se dirigia para mim, que veio ajudar os cuidados de Carlota e do sábio doutor Bertholet? Principalmente uma coisa chamou minha atenção: é que devo me esforçar em merecer esta simpatia muito grande para um só ente, ao passo que tantos outros caem esquecidos por todos.

Em meu estudo sobre mim mesma, enganei-me na avaliação do tempo. Apesar das peripécias da doença, pareceu-me mais curto. Quando comecei a achar-me melhor, avalei em oito dias a agonia que durara quase quatro semanas; pensei então nestes contos em que o sono que durou cem ou mais anos parece ser de algumas horas.

E, durante este tempo, no Oriente a questão se desembaraçou a golpes de machado; o arroz da Manchúria germinaria no sangue para lucro dos financeiros russos e dos financeiros Japoneses, para a maior glória do. Czar, se os estudantes e os mujiks deixassem passar a. hora do 89 ou do 93 do Norte.

A fraternidade entre os povos se cimenta por tanto sangue derramado, que nenhum assalto dos déspotas ou dos seus inconscientes rebanhos poderá mais desagregar dela uma só partícula. . .

A respeito da guerra e dos desastres, se as lições dadas à raça humana por todos os grandes carneiros de homens não fossem enfim compreendidas, seria para se considerar os homens mais estúpidos que os animais. Ao passo que com a juventude do XX século, uma era nova se prepara, toda de ciência e de paz, na qual cada um e todo empregarão, para sua felicidade e a dos outros, as ciências, as artes, as descobertas que farão mais largos os cérebros e maiores os corações.

Seja o que for, podemos resumir, conforme as experiências iniciáticas e conforme as narrações dos que voltaram, o estado do ente humano imediatamente após a morte.

A sensação da morte não é dolorosa na evolução normal, exceto no suicídio. Esta sensação é análoga à que se sente num bote que desliza sobre a água; daí a barca de Isis, a barca de Charonte, e todas as idéias mitológicas que traduzem para o povo na Antigüidade as sensações do plano astral. Para os modernos, a sensação é análoga à duma viagem de estrada de ferro, sem abalo. O ente não crê que sofreu o que chamamos morte; parece-lhe estar dormindo e sonhar.

Ao mesmo tempo, como a morte é um verdadeiro nascimento para os planos que aqui chamamos invisíveis, o ente encontra ao redor de si todos os seus parentes, todos os que julgava perdidos e que celebram sua chegada com transportes de entusiasmo, enquanto os pobres abandonados da terra se lamentam e crêem numa partida definitiva.

Durante três dias, diz a tradição iniciática, o espírito, acompanhado por seu guia, pode visitar todos os pontos da terra que lhe seriam agradáveis de ver. Pode aparecer, quer em sonho, quer diretamente (fantasma dos vivos) aos entes caros que deixou na terra; pode até - e isto muitas vezes acontece - seguir seu enterro no estado astral; depois chega o sono.

É preciso que os novos órgãos astrais se habituem ao plano nos quais doravante vão evoluir ti, como a natureza não dá saltos, esta nova adaptação Sp faz lentamente, conforme a evolução anterior do espírito. Para os iniciados, para aqueles que já foram ao plano astral, esta evolução é suprimida e a passagem das portas zodiacais se faz com a maior facilidade. Para os não-iniciados e os profanos, os que não passaram neste plano, que é indicado no grau Rosa-Cruz pelo esqueleto colocado na entrada e na saída da câmara vermelha, para esses a evolução é mais lenta e o despertar pode esperar de um mês a um ano de tempo terrestre.

Ainda uma vez aqui tudo é individual. Os Hindus estudaram perfeitamente estas diferenças do tempo, e nos mostram que um ano do plano divino é equivalente a 365 anos do plano terrestre.

Por isso, os Espíritos têm muita dificuldade, quando são evocados, em fixar o tempo terrestre cuja noção perderam.

É claro que não podemos entrar em detalhes a respeito da ocupação do espírito no plano divino porque também este é um caso de evolução individual: uns participam da marcha dos entes astrais, - era este o ideal dos Egípcios: participar da vida de Râ; - outros, mais modestamente, participam da evolução de um mineral e outros das criações das invenções terrestres ou marcianas. Era preciso escrever volumes para estudar detalhadamente estes assuntos, cuja existência apenas podemos esboçar aqui.

Uma vez realizado o despertar, o espírito utiliza seus órgãos astrais, primeiramente para ajudar a evolução geral, depois para constituir seus futuros aposentos terrestres. ..

Dizemos terrestres, porque falamos na terra; porém a reencarnação pode fazer-se em qualquer outro planeta .de qualquer sistema, supondo que o sistema astronômico ensinado pelos sábios contemporâneos seja exato, o que só saberemos depois da morte.

O Microcosmo Ou O Homem

Dr Gerard Encausse (Papus)

Nada parece mais complicado à primeira vista do que o ser humano. Como analisar todos os pormenores da constituição anatômica e fisiológica deste ser, mesmo sem mencionar sua constituição psicológica?

O esoterismo procura sempre a síntese, e deixa o estudo dos detalhes aos esforços poderosos das ciências analíticas. Vejamos se é possível determinar sinteticamente os princípios que constituem o ser humano.

Geralmente, todos os órgãos que constituem o ser humano nos aparecem em pleno período de ação. Tudo funciona, se movimenta e se manifesta sob mil aspectos, e somente com muita dificuldade podemos determinar as causas pouco numerosas no meio da multiplicidade dos efeitos.

Quando a noite chega, no entanto, os membros relaxam, os olhos se fecham, o mundo exterior não atua mais sobre o ser humano, e também ele deixa de atuar sobre o mundo exterior: ele dorme. Aproveitemos esse sono para iniciar nosso estudo.

O homem dorme mas suas artérias pulsam, seu coração funciona e o sangue circula em suas veias; seus órgãos digestivos continuam seu trabalho, e seus pulmões aspiram e expiram ritmicamente o ar vivificante. Durante esse sono, o que chamamos homem não é capaz de movimento, nem de sensação, nem de pensamento; não pode amar, nem odiar, nem ser feliz, nem sofrer; seus membros repousam inertes, seu rosto está imóvel, mas seu organismo funciona como se nada de novo houvesse acontecido .

O fenômeno do sonho perturba vagamente esse repouso e lembra a existência do princípio superior.

Somos por isso levados a considerar no homem:

- 1 - Uma parte mecânica que continua sua ação tanto durante o sono quanto no estado de vigília; é o organismo propriamente dito.
- 2 - Uma outra parte, essa intelectual, que aparece somente no estado de vigília; é o que denominamos consciência, espírito.

Aparentemente, o domínio do organismo é tão precioso quanto o espírito . Mas o que se passa realmente no organismo?

Tudo o que depende do espírito, os membros, o rosto e seus órgãos, a voz, a sensibilidade geral, tudo isso repousa durante o sono. Mas tudo isso apenas envolve o ser humano, tudo isso é periférico. É no interior do tronco, nos três segmentos que o constituem: ventre, peito ou cabeça, que se passam os fenômenos produtores do funcionamento automático da máquina humana.

Como toda máquina, o organismo humano possui órgãos movidos, uma força motora e um centro de conservação e de renovação da força motora.

Assim, se considerarmos, tomando um exemplo bem material, uma locomotiva, encontraremos nela certos órgãos de aço movidos pelo vapor, e a renovação desse vapor é mantida por uma emissão contínua de calor.

Também no organismo humano encontramos órgãos de constituição particular (órgãos de tecido liso), artérias, veias, órgãos digestivos etc., que são movidos pela força nervosa (comunicada pelas terminações do grande simpático). Essa força, bem como a vida particular de cada uma das células que constituem os órgãos, é mantida pela corrente sanguínea arterial. Assim: órgãos, centros de ação das diversas forças, força motora nervosa e força animadora sanguínea são os princípios essenciais que constituem a máquina humana em ação.

Mas o homem acorda. Um novo elemento vem se acrescentar aos anteriores. Os membros, que descansavam, movimentam-se; o rosto se anima e os olhos se abrem; o indivíduo que estava deitado levanta e fala. Uma nova vida principia, enquanto a vida orgânica prossegue mecanicamente em sua ação.

O princípio que acabou de aparecer difere essencialmente dos princípios precedentes: ele possui seus órgãos de ação particulares no corpo (órgãos de fibras estriadas); ele tem um sistema nervoso especial, ele se serve do corpo como um operário utiliza uma ferramenta, como o maquinista dirige a locomotiva; ele governa todos os centros e todos os órgãos periféricos que estavam repousando. Denominamos esse princípio espírito consciente.

Resumindo o que dissemos, encontramos no homem três princípios: o que suporta tudo é o corpo físico; o que anima e move tudo, formando os dois pólos de um mesmo princípio, é a alma; por último, o que governa o ser inteiro, é o espírito. O corpo físico, a alma ou mediador plástico duplamente polarizado e o espírito são os três princípios gerais que constituem o ser humano.

Se considerarmos que o mediador plástico é duplo, podemos dizer que o homem é composto de três princípios orgânicos: o que suporta, o que anima, o que move o corpo, o corpo astral e o ser psíquico, sintetizados e levados à unidade de ação, e o ser psíquico, sintetizados e levados à unidade de ação por um princípio consciente: o que governa, o espírito.

Este é um exemplo do que se chama a trindade na unidade ou a tri-unidade no ocultismo.

JESUS DE NAZARÉ (Tratado de Ciências Ocultas livro II)

Dr Gerard Encausse (Papus)

Há certos assuntos que podemos abordar sem muita reflexão e mediante o auxílio de uma erudição mediana . Há outros , no entanto , que despertam um verdadeiro temor de conduzir as inteligências ao erro. Quando atravessamos a fase da evolução intelectual em que o materialismo parece ser a verdade integral , comentamos com a mesma leviandade a existência do Cristo e a de Zoroastro . Sentimo-nos muito orgulhosos de nosso conhecimento e, entretanto, possuímos tanto menos a verdade quanto mais julgamos conservá-la. Mais tarde , percebemos um canto da ciência viva , folheamos uma quantidade de livros , acumulamos montanhas de informações sobre todas as Tradições religiosas, supersticiosas , literárias ou científicas que podemos assimilar . Criamos idéias que julgamos originais ao reunir os mais diversos documentos. Reunimos a poeira das sepulturas para construir uma casinha de bonecas. Alimentamo-nos com as idéias dos outros e não vivemos por nós mesmos. Neste momento da evolução , escrever uma obra sobre o Cristo parece algo coberto de mil dificuldades para não repetir o que já foi feito centenas de vezes. À medida que a evolução prossegue , tomamos consciência da vida em diferentes planos , consciência essa que não é mais unicamente intelectual, mas experimental. Abandonamos a metafísica e suas classificações estéreis , deixamos a poeira das sepulturas para respirar o princípio mesmo que, outrora, animou os ossos do deserto , e ao mesmo tempo , tomamos consciência de um fator até então desconhecido : a responsabilidade efetiva de todo escritor em relação à interpretação dos leitores ; a responsabilidade terrível de quem se julga um mestre e que é responsável pela evolução dos espíritos daqueles que escolheu para discípulos.

Aproveitarei essa ocasião para expor minhas idéias pessoais sobre a questão do Cristo , primeiro em sua defesa , como um pobre soldado , perdido num canto da batalha , para defender sua bandeira , e depois para explicar de uma vez por todas a meus leitores como podemos ser um soldado do Cristo , sem ser clerical nem beato , e porque os verdadeiros Rosa-Cruzes e os Martinistas defendem sempre a identidade absoluta do Verbo Eterno, do logos , e do indivíduo no qual o verbo se encarnou na pessoa de Jesus de Nazaré , Deus vindo na carne.

Essa afirmação, em nossa época , requer como corolário os seguintes estudos :

- 1- A personalidade de Jesus existiu na Terra?
- 2- Jesus é um Homem evoluído ou verbo encarnado?
- 3- Jesus tem uma existência metafísica ou é um princípio vivo que age atualmente em relação a nossas ações terrestres e à história dos povos?
- 4- O que significa a vida esotérica de Jesus e o que podemos dizer sobre sua vida não-pública?

1) A personalidade de Jesus existiu na Terra?

Suponhamos que nos dirigimos a profanos que exigem provas físicas porque é impossível a um iniciado digno desse nome negar o que ilumina o plano divino , assim como é impossível a uma pessoa normal negar a luz do sol. Para afirmar a existência da personalidade do Cristo vamos eliminar enquanto críticos :

- Os evangelhos que deixaremos de lado no que diz respeito ao ponto de vista crítico desse assunto , enquanto os consideramos como a luz viva no referente à devoção ;
- Os teólogos e os padres da Igreja com todos os seus argumentos metafísicos;
- As obras dos gnósticos e de todos os cristãos interessados em afirmar a existência terrestre do Verbo . O que nos sobra então?

Nos sobra as obras dos autores pagãos e dos inimigos do Cristo: os Judeus . Apoiando-se em Josefo , Tácito e Suetônio, alguns autores afirmam a existência terrestre do Cristo - o que nos alegra sobremaneira . Tratam de argumentos sérios ; mas não devemos esquecer que alguns

críticos de má fé afirmaram que essas passagens eram interpoladas ! Por conseguinte , menciono um texto pouco conhecido que não pode ser considerado interpolado , uma vez que só se encontra nas obras dos inimigos de Jesus : os Talmudistas . Por outro lado , esse texto se refere unicamente a uma questão de jurisprudência . Ei-lo : "Talmude de Babilônia (Simedrim pag 67) e Talmude de Jerusalém (Sanedrim , VII, XVI, pag 25) , abordam esse tipo de testemunho nos processos criminais e, apresentando-os como lei tradicional , citam unicamente o processo de Jesus no qual foi posto em uso " (Graetz , Sinai et Golgotha , pag 338 , citado por Hippolyte Rodrigues Le Roi des Juifs , pag 245). Esse texto possui uma importância capital, porquanto prova definitivamente a existência do indivíduo que foi objeto dessa jurisprudência especial . Alem, deste documento , existe um outro , trata-se de um livro escrito pelos rabinos da sinagoga contra o Cristo e que se intitula o Livro do Impostor , Sepher Toldos Jeschouah. É um livro inteiramente farisaico e anticristão . Todas as histórias abjetas e as calúnias dirigidas contra Jesus e sua família são colhidas nessa obra . Mas por pior que seja , ela afirma, pelo testemunho dos inimigos mesmo do Cristo , dois fatos importantes.

- 1- A existência do Cristo enquanto indivíduo .
 2- A realidade de seus milagres .

Em suma , se abandonamos aos críticos os Evangelhos , os teólogos , os padres da Igreja e os gnósticos , bem como todos os cristãos , resta-nos ainda a prova absoluta da existência histórica de Jesus fornecida:

- 1-Pelos pagãos
 2- Pelos rabinos contemporâneos;
 3- Pelo Talmude .
 E isso nos Basta !

Em todas as escolas mais ou menos ligadas à tradição oriental e , por conseguinte , não cristã , bem como em muitos centros pitagóricos , os mestres dizem aos neófitos o seguinte: "Todo homem possui em si uma centelha divina proveniente do Logos ou verbo divino . Basta desenvolver essa centelha para se tornar Cristo . Jesus fez isso e é um homem evoluído à máxima potência."Segundo essa tradição , Jesus foi procurar no Oriente um centro capaz de desenvolver sua centelha divina . Ao Meu Ver, e segundo todos os ensinamentos dos verdadeiros Rosa-Cruzes e das fraternidades ocidentais , essa afirmação é errônea . Para os hermetistas iluminados, bem como para Jacob Boehm , Swedenborg e Saint Martin , Jesus é o princípio-verbo , isto é , vindo na carne e não uma carne humana divinizada. A opinião deles , além do resultado das visões diretas no invisível a respeito das quais nos calamos por principio , baseia-se no fato de que Jesus foi o único de todos os reveladores vindos à Terra que passou pela morte e voltou no mesmo corpo que suportou a morte terrestre, demonstrando assim a futilidade dos terrores humanos referentes à passagem de um plano a outro.

Nem Buda , nem Moisés , nem nenhum daqueles que foram postos em paralelo com o reparador e que eram homens evoluídos , nenhum desses atravessou a porta dos mortos e voltou no mesmo invólucro carnal . Pela reencarnação , pela substituição dos corpos , é possível continuar uma vida física como faz o Dalai-Lama; mas somente o principio da existência pode animar de novo um corpo ferido e torturado , porque não se trata nesse caso de uma letargia voluntária, como insinuaram os críticos desorientados por essa ressurreição . Já que mencionamos o fato , é necessário falar da objeção que o absoluto não pode se particularizar e que o verbo não pode se encarnar num ponto do espaço e num ciclo do tempo . O verbo pode manifestar seu principio num ponto do espaço sem cessar de estar no absoluto , uma vez que esse ponto particular se confunde em todos os momentos com ele mesmo . Saint Martin consagrou muitas páginas a demonstrar que o homem de carne materializado pela queda de Adão Cadmon não podia ser "reparado em sua essência senão por um principio não-humano que se unisse a sua natureza " . E , por essa união , o principio aceita todas as condições da existência terrestre , inclusive o esquecimento do plano divino e a angústia do abandono do Pai .

Jesus tem uma existência metafísica ou é um principio vivo e atualmente atuante em relação a nossas ações terrestres e à história dos povos ?

Muitas pessoas imaginam o verbo como um principio colocado acima das nuvens , a quem se fala muito raramente de joelhos dizendo palavras que se recita de cabeça sem pensar no significado delas e sem verificar se eles correspondem exatamente a nossos pensamentos. Outros freqüentemente assíduos das igrejas , pensam que ele delegou , desde a sua vinda à Terra , todos os seus poderes aos sacerdotes de diferentes cultos , e que desobedecer a esses é o mesmo que desobedecer a Deus . Por ultimo , os espíritos mais esclarecidos admitem uma ação do plano divino sobre as boas ações e os bons pensamentos , mas não vão mais longe.

Lacuria , nas Harmonias do Ser Expressas Pelos Números , fornece alguns esclarecimentos muito importantes em seu capítulo da personalidade de Jesus . Ele observou especialmente que o verbo criador é um principio intimamente ligado a todas as manifestações vivas da natureza e que nada recebe da vida sem um sacrifício permanente feito ao Pai , nada recebe a faculdade de ação e de reflexão criadora sem um sacrifício permanente do verbo , e nada recebe a luz da sensibilidade e da inteligência sem uma ação constante do espírito divino.

E como tudo é vivo , nossas ações assim como nossos pensamentos e nossos desejos nossas ações e nossos pensamentos e desejos serão reflexos de nossas atitudes. Porque o principio que se encarnou em Jesus não abandonou o plano físico , seja ele terrestre ou não , e está sempre presente para curar a todos que conscientes de sua insignificância , aproximasse dele para lhe tocar na veste . Quando a Terra foi criada e se tornou adequada para ser povoada pela humanidade , cada raça recebeu a promessa de uma libertação de suas correntes e de seus véus de carne pela intervenção do principio criador.

Saint Martin expressou misticamente esse fato pela figura na qual o 1 representa Deus , 4 o homem e 0(zero) a matéria . Antes da queda tudo era separado 1,4,0 . Depois da queda e antes da redenção tínhamos:
1

depois da vinda do redentor temos:

No invisível o nome do principio reparador está escrito desde a formação de nosso planeta , e o arqueômetro de Saint Yves D' Alveydre determina exatamente que esse nome , em todas as civilizações , é o de Jesus. Somente o ciclo de Jesus é pessoal ; nenhum outro revelador veio ao mesmo tempo nas outras raças . Quando o rei vem em pessoa , a multiplicidade dos embaixadores se torna inútil.

Aqueles que tem olhos e ouvidos , olhem e escutem no invisível e compreenderão.

A luz gerada por Jesus na " aura do universo material" foi tão grande , sua ação de abrir um caminho aos espíritos nas barreiras zodiacais foi tão evidente para todo iluminado , que cada raça procurou apoderar-se de uma parte dessa ação , como se fosse proveniente dela.

Ao terminar esse estudo , desejamos declarar que as idéias que expomos nos são pessoais e que assumimos toda responsabilidade por elas , fora de toda sociedade ou fraternidade . As Ordens Martinistas procuram fazer cavaleiros do Cristo: não são uma ordem dogmática e cada qual desenvolve livremente sua consciência e seu coração.

Mas todos devem compreender que seus membros não teriam razão de existir se não procurassem com todas as suas forças prestar ao reparador , ao condutor da humanidade em direção ao Pai , ao Cristo de Glória , a honra e o mérito que lhe são devidos em todos os planos. Ao realizar isso , cumprimos apenas com uma parte de nosso dever , porque não temos o direito de julgar nem de condenar os negadores ; tudo que podemos é conduzi-los ao plano da Luz , e o céu fará o resto.

O MARTINISMO CONTEMPORÂNEO E SEUS CRÍTICOS

Dr Gerard Encausse (Papus)

Derivando diretamente do Iluminismo Cristão, o Martinismo acabou adotando seus próprios princípios. Eis porque a Hierarquia é em geral, nas Organizações formais feitas de cima para baixo: O Grão Mestre ou Presidente da Ordem nomeia os membros do Comitê Diretor ou Grandes oficiais, estes designam os membros do Supremo Conselho, os Delegados Gerais.

Os Delegados Gerais nomeiam os Presidentes das Lojas ou Heptadas, os quais designam seus oficiais e são oficiantes de suas estruturas, tendo funções administrativas e ritualísticas. Todas as funções são inspecionadas diretamente pelo Supremo Conselho, através de seus inspetores ou Mestres Distritais e Provinciais

Eis a síntese de uma organização que pôde, sem dinheiro, adquirir considerável extensão e resistir até o presente todas as tentativas de desmoralização, lançadas sucessivamente por diversas confissões e, sobretudo, pelas intrigas .

O Martinismo sobreviveu a tudo, mesmo às calúnias lançadas contra seus membros, quem a até algum tempo atrás eram considerados subordinados ao Inferno ou magos negros, mesmo sendo reconhecidos como Cristãos e tendo como Mestres do Passado grandes Teólogos e Teurgos.

O sucesso das diversas Ordem vem confirmar a alta origem das instruções recebidas.

É através dos membros dos Supremos Conselhos que o Martinismo liga-se ao Iluminismo Cristão. As diferentes Ordens em seu conjunto é antes de tudo uma escola de cavalaria moral, que se esforça em desenvolver a espiritualidade de seus membros, pelo estudo do Mundo Invisível e de suas Leis, pelo exercício do devotamento e da assistência intelectual e pela criação em cada espírito de uma fé cada vez mais sólida, baseada na observação e na ciência.

O Martinismo constitui uma cavalaria de Altruísmo, oposta à liga egoísta dos apetites materiais, uma escola onde se aprende a dar ao dinheiro o seu justo valor, não o considerando como influxo Divino; é, finalmente, um centro onde se aprende a permanecer impassível diante dos turbilhões positivos ou negativos que subvertem a Sociedade.

Formando o núcleo real desta universalidade viva, que fará um dia o casamento da Ciência sem divisão com a Fé sem atributos, o Martinismo esforça-se em tornar-se digno de seu nome, criando escolas superiores de ciências metafísicas e fisiogônicas, desdenhosamente separadas do ensino clássico, sob pretexto de serem ocultas.

Os exames instituídos nessas escolas abrangem: o simbolismo de todas as tradições e de todas as iniciações; as chaves hebraicas e os primeiros elementos da língua sânscrita, permitindo aos Martinistas aprovados nos exames explicar sua tradição e mostrar que os descendentes dos Iluminados permaneceram dignos de sua origem.

Tal é o caráter do Martinismo. Compreende-se que é impossível encontrá-lo integralmente em cada um dos membros da Ordem, pois cada iniciado representa uma adaptação particular dos objetivos gerais. Mas esta época de ceticismo, de adoração da fortuna material e do ateísmo tem grande necessidade de uma reação francamente Cristã, ligada sobretudo à ciência e independente de todos os cleros.

Em todos os países onde se estabeleceu o Martinismo salvou da dúvida, do desespero e do suicídio muitas almas; trouxe à compreensão do Cristo muitos espíritos que as manipulações equivocadas e seu objetivo de baixo interesse material, isto é, de adoração de César, tinham distanciado de toda fé. Após ter feito isso, não importa se caluniem, difamem o Martinismo ou seus Filósofos Desconhecidos. A Luz atravessa os vidros mesmo imundos e ilumina todas as trevas físicas, morais e intelectuais.

OS ADVERSÁRIOS DO MARTINISMO E SUAS OBJEÇÕES

Apesar dos fracos recursos materiais, os progressos das várias Ordens Martinistas e grupos independentes foram rápidos e consideráveis. Mas seu sucesso originou três tipos de adversários:

1º - Os materialistas ateus

2º - Alguns clérigos mal intencionados ou mal informados;

3º - As sociedades e indivíduos que combatem o Cristo e procuram diminuir sua obra, aberta ou ocultamente.

OS MATERIALISTAS ATEUS

Os Materialistas, após terem acusado os Martinistas de alienados, -" sonhadores de outra era que nada podem fazer no século da luz e da razão" - ficaram admirados pelo rápido progresso dessa Ordem e procuraram copiar a organização dos "Grupos Martinistas" sem bons resultados; imaginaram formar "grupos de jovens ateus" Foi então que se ativeram ao problema financeiro.

OS CLÉRIGOS

Os ataques dos clérigos são mais desleais e mais diretos. Abandonando toda questão material, atem-se aos espírito. Apesar de todas as afirmações e evidências contrárias, lhes é impossível admitir que os ocultistas (e nós em particular) não consagrem ao diabo algum culto secreto. Por conseguinte, os Martinistas devem ocultar seu objeto; todos aqueles que ousam defender o Cristo. É muito difícil convencer escritores clericais que o clero e Deus possam agir independentemente um do outro; que podemos perfeitamente admitir a bondade de Deus e a cobiça material, sem confundir-lhes um instante. Segundo eles, atacar um inquisidor é atacar a Deus.

Os Martinistas querem ser Cristãos, livres de toda dependência; as acusações de satanismo lhes farão balançar os ombros, pedindo perdão ao Céu para aqueles que os caluniam injustamente.

OS ADVERSÁRIOS DO CRISTO

Os Clérigos acusam, pois, os Martinistas de evocar Satã ou algum outro demônio em suas reuniões secretas, que jamais existiram a não ser em sua imaginação. Outras sociedades que pretendem estudar o Ocultismo e "desenvolver as faculdades latentes no homem", sem crer, de resto, na existência do diabo, hipocritamente fazem circular cartas acusando os Martinistas de praticar "Magia Negra".

Ora, a prática da Magia Negra consiste em fazer o mal consciente e covardemente; nada é mais distanciado do objetivo e dos processos essencialmente Cristãos do Martinismo de todos os tempos. Os Martinistas não praticam magia, nem a branca, e muito menos a negra. Estudam, oram e perdoam as injúrias da melhor maneira possível.

Os Martinistas, como os Rosa-Cruzes, sempre defenderam a verdade, agindo sem subterfúgios, publicando seus atos e suas decisões. Pelo contrário, aqueles que difamam na sombra, ocultando-se quando se vêem descobertos, escrevendo circulares hipócritas e caluniando sornateiramente os Martinistas, temendo sua lealdade, não merecem senão a piedade e o perdão.

Vendo as faculdades latentes manifestadas através desses processos, somos levados a mostrar a esses homens que a Magia Negra começa pela difamação anônima, tão geradora de larvas no plano mental quanto a baixa feitiçaria do camponês iletrado no plano astral.

OS DOZE APÓSTOLOS **Dr Gerard Encausse (Papus)**

Assim como a alma do Cristo e de Maria, as almas dos 12 apóstolos não vêm do mundo dos arcontes, mas antes do plano celeste, como afirmam as seguintes passagens:

"Alegrai-vos pois, jubilai, porque quando vim ao mundo desde o início -trouxe comigo 12 potências, assim como vos disse desde o princípio; recebi-as das mãos dos 12 salvadores do tesouro da luz, segundo a ordem do primeiro mistério, e atirei essas potências no seio de vossas mães desde meu advento nesse mundo e são essas potências que estão agora em vossos corpos.

E as 12 virtudes dos 12 salvadores do tesouro da luz que recebi das mãos dos 12 decanos do meio, eu as atirei na esfera dos arcontes e os decanos dos arcontes com seus liturgos pensavam que eram almas dos arcontes, e os liturgos levaram-nas consigo; eu as prendi no corpo de vossas mães e, quando vosso tempo chegou, fostes gerados sem possuir dentro de vós as almas dos arcontes".

A FUNÇÃO DOS APOSTOLOS

"Em verdade, em verdade eu vos digo: eu vos tomarei perfeitos em todos os pleromas, desde os mistérios do interior até os mistérios do exterior, eu vos inundarei do espírito, e por isso sereis chamados sopro perfeito de todos os pleromas; e em verdade, em verdade eu vos digo, eu vos darei todos os mistérios de todos os céus de meu Pai e de todos os lugares dos primeiros mistérios, e aquele que introduzirdes na Terra será introduzido na luz do alto, e aquele que rejeitardes na Terra será rejeitado no reino de meu Pai que está nos Céus."

Valentin, pois, o doutor gnóstico, autor do Pistis Sophia, é formal.

Todas as manifestações terrestres que precederam o nascimento do cristianismo são pessoas do plano celeste. Foi por uma sublime invocação divina que a evolução das almas se tornou possível.

Eis portanto o caráter elevado e particular do cristianismo, a origem dos seus mistérios mais profundos. Cada raça humana pode ser objeto de um messianismo especial; mas em cada novo messianismo a nova raça se apresenta num plano mais elevado da espiral evolutiva. A raça branca foi aquela que invocou a última manifestação divina; não é justo então, segundo as leis da evolução no tempo e no espaço, que essa manifestação tenha sido mais elevada do que as precedentes e que ela tenha, em vista disso, necessitado uma involução de uma ordem igualmente mais elevada? Deixamos essas idéias à meditação dos que sabem realmente o que significa o método analógico e conhecem as leis misteriosas que ele traduz.

Jesus (Yeschouá) vinha de um plano demasiado elevado para se abaixar aos meios vis empregados pelos homens para firmar seu poder, e Fabre D'Olivet enunciou com muita sabedoria essa reflexão:

"Devemos observar que se Jesus desejasse seguir o caminho das conquistas que se abriu diante dele quando os povos da Galiléia lhe ofereceram a coroa, e que se houvesse tomado a liderança dos judeus que aguardavam um messias conquistador, teria certamente conquistado a Ásia inteira;

mas a Europa teria resistido a sua força, e como era na Europa que deveria exercer principalmente sua influência, ele preferiu optar por uma vitória bem menos brilhante a princípio, mas muito mais poderosa no futuro - e decidiu superar a fatalidade do destino em vez de se servir dele" .

Entretanto, o grande mestre segue a tal ponto o método histórico e crítico que chega a desconhecer as forças secretas que se manifestaram por meio dos apóstolos.

"Os 12 apóstolos que Jesus Cristo escolheu não tinham a energia necessária para realizar o apostolado. Foi em São Paulo que o cristianismo encontrou sua força dogmática e sua doutrina espiritual. Mais tarde, recebeu seus ritos sagrados e suas formas de um teósofo da escola de Alexandria, chamado Ammonius" .

Sim, tudo isso é verdade deste lado da cortina, mas o que deve interessar ao iniciado é justamente o outro lado. São as forças invisíveis em ação, os motivos sutis graças aos quais o gigante científico filosófico e religioso, que era o politeísmo em seu princípio, vai sucumbir em alguns anos, sob o impulso desses homens de pequeno saber mas de fé ardente que foram os primeiros cristãos.

O ARQUÉTIPO

Dr Gerard Encausse (Papus)

Quando queremos figurar o homem, é sempre a imagem de seu corpo físico que se apresenta primeiramente em nosso espírito. Porém, este corpo físico não faz senão suportar e manifestar o homem verdadeiro, o espírito que o governa. Pode-se retirar milhões de células deste corpo físico, cortando um membro, por exemplo e a consciência não sofre danos. O homem-mente que nós somos é inteiramente independente dos órgãos, os quais não são mais que suportes e meios de comunicação.

Homem e Deus

O conjunto dos seres e das coisas revela a existência de Deus, como o corpo físico do homem revela e determina a realidade de seu espírito. As relações do espírito humano com o corpo humano são análogas às relações entre Deus e a Natureza. Deus, embora se manifeste na Humanidade e em todas as coisas da Natureza não se confunde com estes seus aspectos infinitos; antes, possui uma existência metafísica independente de toda a Criação. ...Deus é, de fato, o conjunto de tudo o que existe assim como o homem é o conjunto de todos os órgãos e de todas as faculdades que possui. O homem verdadeiro, porém, o Espírito (ou a Mônada) é distinto do corpo físico, do corpo astral e do ser psíquico (a personalidade efêmera) ...Da mesma forma, Deus-em-Unidade é distinto da Natureza e da Humanidade. Em termos vulgares, a Natureza é o corpo de Deus e a humanidade é sua vida em mais alto grau de autoconsciência. No homem, o organismo é o corpo material denso do homem e o corpo astral e o ser psíquico são seus princípios vitais.p 115

O Universo concebido como um todo animado é composto de três princípios: a Natureza, o Homem e Deus ou, empregando a linguagem dos hermetistas: o Macrocosmo, o Microcosmo e o Arquétipo. O homem é chamado Microcosmo, o pequeno Mundo, porque ele contém analogicamente em si as leis que regem o Universo. ...O homem influenciando sobre a Natureza pela ação, sobre os outros homens pela palavra e elevando-se até Deus pela prece e pelo êxtase, constitui o elo que une a Criação ao Criador. ...Os fatos são do domínio da Natureza; as Leis, do domínio dos Homens e os Princípios, são o domínio de Deus. p 120

Reações do Ser Impulsivo

O exercício da Vontade não é fácil. Cada afirmação do poder da vontade é precedida e seguida de uma reação em sentido contrário. O ser impulsivo pode se tornar muito enérgico instaurando desânimo e lassidão quando o indivíduo estava aparentemente firme em sua disposição para um trabalho. Com efeito, o trabalho intelectual só se pode obter à custa da submissão absoluta do Homem Impulsivo ao Homem de Vontade. Um treino especial é necessário e o fracasso significa completa impotência para realizar operações mágicas ou mesmo tarefas ordinárias.

Suponhamos que após uma crise de preguiça e de pessimismo, venceste estes sentimentos e vos entregais ao trabalho. Nem bem começa a escrever ou desenhar e surge um forte desejo de sair, de andar. Se não estiveres prevenido para resistir, abandonareis neste momento seu objetivo e em um instante estarás na calçada. O que sucede é que o Ser Instintivo, cujo modo de ação habitual é

o exercício de andar, vos engana e zomba de vossa vigilância. Porém, vós resistis, empenha-se no trabalho, vence a primeira tentação e logo uma enorme sede manifesta-se em vós.

É uma outra astúcia do centro instintivo, pois cada gole de líquido absorvido rouba uma parte da força nervosa e com isso a disposição necessária à realização projetada. Mais uma vez, dominas o mecanismo de fuga e que estás mesmo já completamente empenhado em sua proposta. Eis então a terceira tentação: emoções que se manifestam. Imagens de fatos passados, afeições, ambições. A mente é tomada por devaneios que colocam a perder toda a concentração.

As reações são muito pessoais mas todos os magistas experimentam tais obstáculos. Contra esta tendência de dispersão somente a disciplina da resistência pode surtir efeito. Para resistir, o conhecimento das reações do Ser Impulsivo é indispensável. A paciência e a perseverança opostas a este Ser Impulsivo permitem atingir rápida e seguramente um objetivo, o qual não se deve perder de vista nem por um instante. Lembrai-vos da lenda das sereias. p 165

O espelho

Os espelhos mágicos, usados em exercícios de educação do olhar, são instrumentos de **condensação da luz astral**; por isso, o carvão, o cristal, o vidro e os metais são empregados no artesanato, na confecção dos espelhos mágicos. O mais simples dos espelhos mágicos é um copo de cristal cheio de água pura. Ele deve ser colocado sobre um guardanapo branco com uma luz colocada por trás. Outro tipo, consiste em um simples quadrado de papel granulado (papel para desenho) enegrecido com carvão ou com **fusain** (carvão vegetal empregado em desenho). Experimentamos também um espelho mágico trazido da Índia: era uma bola de cristal posicionada de maneira a refletir luz. Todos estes espelhos são objetos que possuem em comum a propriedade de **concentrar em um ponto uma parcela de luz astral** estabelecendo uma conexão entre o Ser individualizado em cada um de nós com a vida universal que abriga todas as formas.

O exercício com o espelho mágico é simples porém não é fácil. A maior dificuldade reside em manter o olhar fixo, sem piscar, completamente entregue à contemplação da luz refletida. No começo do exercício, o estudante se posiciona confortavelmente e olha fixamente para o espelho. Logo sentirá picadas nos olhos, agonia, ressecamento que convida a baixar as pálpebras um instante. Ceder a esse impulso é anular qualquer esforço feito até então. A tendência a pestanejar é apenas um hábito do ser impulsivo, é reflexo. Para manter os olhos abertos é preciso desenvolver uma **tensão de vontade**. Obtido esse resultado, vencido o desconforto da imobilidade dos olhos, opera-se em simultâneo a **saturação do sentido da visão em nível físico**. O resultado é a abertura do canal de visão metafísica: o espelho começa a apresentar coloração diferente. Serão vislumbrados eflúvios vermelhos e azulados semelhantes aos eflúvios elétricos e, lentamente, as formas aparecerão, ou seja, visões de pessoas, entidades, mundos ou acontecimentos que estão registrados ou contidos na luz astral, onde grandezas como espaço e tempo não existem.

Além de proporcionar experiências de **vidência**, o exercício com o espelho mágico desenvolve a capacidade de **PROJEÇÃO DA VONTADE** por meio do olhar. O olhar fixo canaliza, direciona um pensamento, uma vontade, do operador em relação a um receptor. Trata-se de um fenômeno denominado **FASCINAÇÃO**. Na fascinação, o olho do fascinado é o espelho e olhar-pensamento do fascinador é a LUZ. O fascinado RECEBE impulsos emanados do olho do fascinador. A utilização dos olhos-olhar como instrumentos de fascinação são parte de um processo mais amplo: a magnetização ou gerência de fluxos magnéticos. Pode-se "imantar" algo ou a si mesmo, situação de absorção, condensação e concentração de energia; ou pode ser o caro de irradiar, transmitir, enviar energia. O magnetizador é um **acumulador** de prana ou ENERGIA VITAL, força transutilitária pois serve a diferentes operações. Destas, destacam-se as curas de enfermidades, a

repulsão metafísica de inimigos, a reversão de situações negativas.

Em espanhol, **querer** quer dizer, ao mesmo tempo, **amar** e desejar. Esse é o segredo do magismo curativo. Um pensamento firme, **intenso**, dirigido é fundamental para a realização das operações magnéticas (concentrar-irradiar) porém é preciso aprender sobre fazer um pensamento ser firme e constante sem necessariamente estar presente, todo o tempo, na mente consciente que realiza suas pequenas tarefas do dia-a-dia. Por isso os magos advertem que é preciso aprender a querer.

Cadeia Mágica

A prática constante da Prece cria, em torno do magista, uma estrutura metafísica denominada Cadeia Mágica. É uma aura de proteção capaz de deter todos os esforços de indivíduos invejosos ou devotados ao ódio. Esta Cadeia Mágica se constitui pela influência energética de seres simpáticos. Por isso recomenda-se chamar evocar os mestres que são caros a cada magista. Deve-se escolher entre os mestres falecidos, antigos ou modernos, um guia preferido, cuja doutrina ou obras toquem mais de perto o espírito do praticante. Durante a prece, ou logo depois de evocar os mestres, deve-se estabelecer a assistência de que se necessita, seja para o sucesso em estudos e trabalhos, pelo bem estar de pessoas ou pela defesa contra ataques de forças invisíveis. Em caso de perigo ou no momento de executar um ato importante, é suficiente chamar em voz baixa, e por três vezes, o mestre da Cadeia e então, sentir-se-á sua influência manifestar-se imediatamente. O silêncio sobre estas operações pessoais é a primeira condição imposta ao magista, ou seja, não vale a pena alardear entre leigos as virtudes da oração, sobretudo em nosso tempo, quando proliferam seitas cristãs e os assuntos religiosos são explorados pelos mídia (meios de comunicação de massa) com tanta intensidade que tornam-se apenas mais um produto cujas virtudes são saturadas pelo abuso, pela prática leviana. A Cadeia Mágica bem como o Círculo Mágico são a manifestação material, objetiva, de uma rede que vos protege e vos guarda no invisível. Este é um dos maiores segredos da Cabala prática.

A Prece e o Nome de Cristo

A prece é a guarda soberana contra todos os malefícios. se tens inimigos capazes de utilizarem forças astrais, é preciso orar **por eles** e pedir ao céu que os ilumine e os reconduza ao caminho do bem. Se não são conhecidos os autores dos malefícios, é preciso, ainda assim, pedir para eles a proteção invisível, em vez de os oprimir com ódio e maldições, processo de feiticeiros vulgares e mal sucedidos.

O salmo 31 é de uma eficácia extraordinária contra todas as ações astrais. Em uma luta contra uma ação astral, é necessário evitar dizer mal dos ausentes e procurar, tanto quanto possível, afastar de si pensamentos e palavras maledicentes. A prática da caridade é indispensável, o tipo de caridade que faz alguém adiar seus próprios interesses para socorrer alguém que sofre com verdadeira urgência de auxílio. O fato é que, forças astrais, sem exceção, se prosternam diante do nome de Cristo, mesmo quando este nome é pronunciado por um pecador ou espírito mau. Invocar o auxílio do Cristo dissipa as más forças como o sol dissipa nuvens ligeiras. Recorra-se portanto à prece pois nada pode resistir à sua ação.

Martinesismo, Willermosismo, Martinismo e Franco-Maçonaria

Dr Gerard Encausse (Papus)

Contendo um resumo da história da Franco-Maçonaria até 1899 e uma análise nova de todos os graus do Escocismo, ilustrado com inúmeros quadros sintéticos. “Os profanos não vos lerão, quer sejais claro ou obscuro, prolixo ou sintético. Somente os **HOMENS DE DESEJO** irão ler os vossos escritos e aproveitarão vossa luz. Dai-lhes essa luz tão pura e revelada quanto possível.”

Louis Claude de Saint-Martin

INTRODUÇÃO

Muitos erros foram cometidos em relação ao Movimento Martinista; muitas calúnias foram proferidas contra seus fundadores e suas doutrinas, o que torna necessário elucidar alguns pontos de sua história, esclarecendo os objetivos deste movimento, estabelecendo a diferença entre ele e os propósitos das diversas sociedades que se ligam a um simbolismo qualquer.

Para que todo membro da Ordem e todo pesquisador consciencioso possa destruir definitivamente tais calúnias, iremos expor de modo imparcial os diferentes aspectos que o Movimento Martinista conheceu, e que podem enquadrar-se em quatro grandes períodos: a-) O Martinesismo de Martinez de Pasqually; b-) O Willermosismo de Jean-Baptiste Willermoz; c-) O Martinismo de Louis Claude de Saint-Martin; d-) O Martinismo contemporâneo (fim do século XIX).

CAPÍTULO 1

OS ILUMINADOS, SWEDENBORG,

MARTINEZ E WILLERMOZ

1. – OS ILUMINADOS CRISTÃOS

1.1 – A ROSA-CRUZ

É impossível compreender a essência do Martinismo de todas as épocas, se antes não estabelecermos a diferença fundamental existente entre uma Sociedade de Iluminados e a Maçonaria. Uma Sociedade de Iluminados liga-se ao Invisível por um ou por vários de seus chefes. Seu princípio de existência tem sua origem em um plano supra-humano; toda sua organização administrativa se faz *de cima para baixo*. Os membros da fraternidade obedecem a seus chefes, obrigação que se torna ainda mais importante à medida que os membros entram no círculo interior.

A Maçonaria não está ligada ao Invisível por nenhum vínculo. Seu princípio de existência tem sua origem em seus membros e em nada mais. Toda sua organização administrativa se faz *de baixo para cima*, com seleções sucessivas por eleição. Infere-se disso que esta última forma de fraternidade nada pode produzir para fortificar sua existência a não ser cartas constitutivas e papéis administrativos, comuns a toda sociedade profana; enquanto as Ordens de Iluminados baseiam-se, sempre, no Princípio do Invisível que as dirige.

A vida privada, as obras públicas e o caráter dos chefes da maioria das fraternidades de Iluminados demonstram que esse Princípio Invisível pertence ao plano Divino, sem relação alguma com Satã ou com outros demônios, como insinuam os clérigos, assustados com o progresso dessas sociedades.

A Fraternidade de Iluminados mais conhecida, anterior a Swedenborg, a única da qual se pode falar no mundo profano, é a dos *Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz*, cuja constituição e

chave serão dadas dentro de alguns anos. Foram os membros dessa fraternidade que decidiram criar sociedades simbólicas, encarregadas de conservar os rudimentos da Iniciação Hermética, dando nascimento aos diversos ritos da Franco-Maçonaria. Não se pode estabelecer nenhuma confusão entre o Iluminismo, centro superior de estudos Herméticos, com a Maçonaria, centro inferior de conservação, reservado aos debutantes. Somente entrando nas Fraternidades de Iluminados, podem os Franco-Maçons obter o conhecimento prático desta Luz, quando então sobem de grau em grau.

1.2 – SWEDENBORG

Através dos esforços constantes dos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz, o Invisível concedeu um impulso considerável à Humanidade, através da iluminação de Swedenborg, o célebre sábio sueco.

A missão de realização de Swedenborg consistiu basicamente na constituição de uma cavalaria laica do Cristo, encarregada de defender a idéia cristã, dentro de sua pureza primitiva, e de atenuar, no Invisível, os deploráveis efeitos das corrupções, das especulações de fortuna e de todos os processos caros ao "Príncipe deste Mundo", realizados pelos Jesuítas, sob as cores do Cristianismo.

Swedenborg dividiu sua obra de realização em três seções:

- Seção de ensinamento, constituída por seus livros e pelo relato de suas visões;
- Seção religiosa, constituída pela aplicação ritualística de seus ensinamentos;
- Seção encarregada da tradição simbólica e da prática, constituída pelos graus iniciáticos do Rito Swedenborgiano.

Esta última seção nos interessa mais particularmente no momento. Ela foi dividida em três seções secundárias: a primeira era elementar e maçônica; a segunda preparava o recipiendário para o Iluminismo; a terceira era ativa.

A primeira seção compreendia os graus de Aprendiz, Companheiro, Mestre e Mestre Eleito; na segunda tínhamos os graus de Aprendiz Cohen (ou Mestre Eleito Iluminado), Companheiro Cohen e Mestre Cohen; na terceira, os graus de Mestre Cohen (destinado à realização elementar, ou Aprendiz Rosa-Cruz), Cavaleiro Rosa-Cruz Comendador, Rosa-Cruz Iluminado ou Kadosh (Mestre Grande Arquiteto). Observa-se que os escritores maçônicos, entre outros Ragon, não tiveram sobre o Iluminismo senão informações de segunda mão e não puderam fornecer os dados que hoje apresentamos, nem ver a chave da passagem de uma seção à outra, pelo desdobramento do grau superior de cada seção.

Observa-se, além disso, que o único verdadeiro criador dos altos graus foi Swedenborg, que esses graus ligam-se exclusivamente ao Iluminismo e foram diretamente hierarquizados e constituídos por Seres Invisíveis. Mais tarde, falsos maçons procuraram apropriar-se dos graus do Iluminismo e não conseguiram senão expor sua ignorância.

Com efeito, posse do grau de Irmão Iluminado da Rosa-Cruz não consiste na propriedade de um pergaminho ou de uma faixa sobre o peito; prova-se somente pela aquisição de *poderes espirituais ativos*, que o pergaminho e a faixa apenas podem indicar.

Ora, entre os iniciados de Swedenborg, houve um a quem o Invisível prestou assistência particular e incessante, um homem dotado de grandes faculdades de realização em todos os planos. Esse homem, Martinez de Pasqually, recebeu a iniciação do Mestre em Londres, sendo encarregado de difundi-la na França.

2. – OS ILUMINADOS

2.1 – O MARTINESISMO

Foi graças às cartas de Martinez de Pasqually que pudemos fixar a ortografia exata de seu nome, estropiado até então pelos críticos (1); foi ainda graças aos arquivos que possuímos e ao apoio constante do Invisível, que logramos demonstrar que Martinez não teve jamais a idéia de transportar a Maçonaria aos “princípios essenciais”, que sempre desprezou, como bom Iluminado que foi. Martinez passou metade de sua vida combatendo os nefastos efeitos da propaganda sem fé desses pedantes de lojas, desses pseudo-veneráveis que, abandonando o caminho a eles fixado pelos **Superiores Incógnitos**, quiseram tornar-se pólos no Universo e substituir a ação do Cristo pelas suas e os conselhos do Invisível pelos resultados dos escrutínios emanados da multidão. Em que consistia o Martinesismo? Na aquisição pela pureza corporal, anímica e espiritual, dos poderes que permitem ao homem entrar em relação com os Seres Invisíveis, denominados anjos pela Igreja, chegando não somente a sua reintegração pessoal, mas também à reintegração de todos os discípulos de vontade. Martinez fazia vir à sala de reuniões todos os que lhe pediam a luz. Traçava os círculos ritualísticos, escrevia as palavras sagradas, recitava suas orações com humildade e fervor, agindo sempre em nome do Cristo, como testemunharam todos aqueles que assistiram às suas operações, como testemunham ainda todos os seus escritos. Então, os seres invisíveis apareciam, resplandecentes de luz. Agiam e falavam, ministravam ensinamentos elevados e instigavam à oração e ao recolhimento; tudo isso ocorria sem médiuns adormecidos, sem êxtase, sem alucinações doentias. Quando a operação terminava, os Seres Invisíveis tendo sido embora, Martinez dava a seus discípulos o modo de chegarem por si mesmos à produção dos mesmos resultados. Somente quando os discípulos obtinham sozinhos a assistência real do Invisível é que Martinez lhes outorgava o grau de Rosa-Cruz, como mostram suas cartas, com evidência.

A iniciação de Willermoz, que durou mais de dez anos, a de Louis Claude de Saint-Martin e de outros, mostram-nos que o Martinesismo foi consagrado a outros objetivos, além da prática da Maçonaria Simbólica. Basta não ser admitido no pórtico de um centro real de Iluminismo, para confundir os discursos dos veneráveis com os trabalhos ativos dos Rosa-Cruzes Martinistas.

Martinez quis inovar tão pouco que conservou integralmente os nomes dados aos graus pelos Invisíveis e transmitidos por Swedenborg. Seria justo, então, utilizarmos a denominação de *Swedenborgismo* adaptado em vez do Martinesismo (2). Martinez considerava a Franco-Maçonaria uma escola de instrução elementar e inferior, como prova se “Mestre Cohen” que diz: “*Fui recebido Mestre Cohen, passando do triângulo aos círculos*”. Isto quer dizer, traduzindo os símbolos: “Fui recebido Mestre Iluminado, passando da Franco-Maçonaria à prática do Iluminismo”. Perguntase igualmente ao Aprendiz Cohen: “Quais são as diferentes palavras, sinais e toques convencionais dos Eleitos Maçons Apócrifos?” E ele responde: “Para o Aprendiz, Jakin, a palavra de passe é Tubalcain; para o Companheiro, Booz, a palavra é Schiboleth; para o Mestre, Macbenac, a palavra é Giblin.”

Era necessário possuir pelo menos sete dos graus da Maçonaria ordinária para tornarse Cohen. A leitura mesmo superficial dos catecismos é clara a esse respeito. Martinez procurava desenvolver cada um dos membros de sua ordem pelo trabalho pessoal, deixando-lhes toda a liberdade e toda a responsabilidade por seus atos. Ele selecionava com o maior cuidado seus iniciados, conferindo os graus somente a uma real aristocracia da inteligência.

Os iniciados, uma vez recrutados, reuniam-se para trabalhar em conjunto; essas reuniões eram feitas em épocas astrológicas determinadas. Assim se constituiu uma cavalaria de Cristo, cavalaria laica, tolerante e que se afastava das práticas habituais dos diversos cleros. Procura individual da reintegração pelo Cristo, trabalho em grupo, união de esforços espirituais para ajudar os principiantes: tal foi, em resumo, o papel do Martinesismo. Essa Ordem recrutava seus discípulos diretamente junto aos profanos, como foi o caso de Saint-Martin, ou, mais habitualmente, entre os homens já titulares de altos graus maçônicos.

Em 1574, Martinez encontrava-se em presença:

1º – da Franco-Maçonaria oriunda da Inglaterra, constituindo a Grande Loja Inglesa da França (após 1743), que deveria, em breve, tornar-se a Grande Loja da França (1756), dando lugar às intrigas do mestre de dança Lacorne. Essa maçonaria era absolutamente elementar e constituída apenas dos três graus azuis (Aprendiz, Companheiro e Mestre); era sem pretensões e formava um excelente centro de seleção. 2º – Paralelamente a essa Loja Inglesa, existia sob o nome de *Capítulo de Clermont* um grupo praticando o sistema templário, que Ramsay acrescentou em 1728 à Maçonaria, com os graus designados “Escocês, Noviço, Cavaleiro do Templo”, etc. Uma curta explicação aqui é necessária: um dos representantes mais ativos da iniciação templária foi Fenelon. Em seus estudos sobre Cabala, entrou em relações com vários Cabalistas e Hermetistas. Após *sua luta com Bosuet* (3), Fenelon foi forçado a fugir do mundo e a exilar-se quando preparou, com o maior cuidado, um plano de ação que deveria mais tarde proporcionar-lhe a revanche.

O cavaleiro de Ramsay foi cuidadosamente iniciado por Fenelon e encarregado de executar esse plano com o apoio dos Templários, que obteriam ao mesmo tempo sua vingança. O cavaleiro de Beneville estabeleceu em 1754 o *Capítulo de Clermont*, com seus graus templários. Ele perseguia um objetivo político e uma revolução sangrenta que Martinez não podia aprovar, como nenhum outro cavaleiro do Cristo aprovaria. Assim como Martinez, todos os discípulos de sua ordem entre os quais Saint-Martin e Willermoz, combateram energicamente esse rito templário, que alcançou parte de seus fins em 1789 e em 1793, quando mandou guilhotinar a maioria dos chefes Martinistas. Mas não nos antecipemos.

3º – Além dessas duas correntes, havia outros representantes do Iluminismo na França. Citemos, em primeiro lugar, Dom Pernety, tradutor da obra *O Céu e o Inferno* de Swedenborg, fundador do sistema dos *Iluminados de Avignon* (1766) e importante personagem na constituição dos Filaletes (1773). É necessário ligar ao mesmo centro a obra de Benedict de Chastenier, que lançou em Londres em 1767 as bases de seu rito *Iluminados Teósofos*, que brilhou particularmente a partir de 1783. O Iluminismo criou vários grupos interligados por objetivos comuns e por Mestres Invisíveis oriundos da mesma fonte, que se reuniram posteriormente no plano físico. De Martinez de Pasqually vem a obra mais fecunda nesse sentido, pois foi a ele que o céu deu “poderes ativos”, lembrados por seus discípulos com admiração e respeito. Do ponto de vista administrativo, o Martinesismo seguirá exatamente os graus de Swedenborg, como podemos constatar pela simples leitura da carta de Martinez de 16 de junho de 1760. Com efeito, o grau de Mestre Grande Arquiteto resume os três graus da terceira seção.

Sob a autoridade de um Tribunal Soberano constituíram-se Lojas e Grupos no interior da França, cujo nascimento e evolução poderemos constatar pela leitura das cartas de Martinez, por nós publicadas.

2.2 – O WILLERMOSISMO

Dos discípulos de Pasqually, dois merecem particularmente nossa atenção pelas obras que realizaram: Jean Baptiste Willermoz, de Lyon, e Louis Claude de Saint-Martin. Inicialmente iremos nos ocupar do primeiro. Willermoz, negociante Lionês, era maçom quando começou sua correspondência iniciática com Martinez de Pasqually. Habitado à hierarquia maçônica, aos grupos e às Lojas, concentrou sua obra de realização no sentido do trabalho em grupo. Tendeu, pois, a constituir Lojas de Iluminados; enquanto Saint-Martin dirigiu seus esforços para o trabalho individual. A obra capital de Willermoz foi a organização de congressos maçônicos, os *Conventos*, permitindo aos Martinistas desmascarar previamente a obra fatal dos Templários e apresentar o Martinismo sob seu real aspecto de universalismo integral e imparcial da Ciência Hermética.

Quando foi iniciado por Martinez, Willermoz era venerável da loja *A Perfeita Amizade* de Lyon, cargo que ocupou entre 1752 e 1763. Essa loja filiava-se à Grande Loja da França. Em 1760, uma primeira seleção foi realizada e todos os membros portadores do grau de Mestre constituíram uma grande Loja de Mestres de Lyon tendo Willermoz como Grão-Mestre. Em 1765, nova seleção foi realizada através da criação do *Capítulo de Cavaleiros da Águia Negra*, colocados sob a direção do Dr. Jacques Willermoz, irmão mais moço de Jean-Baptiste. Ao mesmo tempo, este abandonou a presidência da Loja ordinária e da loja de Mestres, em favor do Ir... Sellonf, para colocar-se na chefia da Loja dos Elus Cohens, formada com os melhores elementos do Capítulo. Sellonf, Jacques Willermoz e Jean Baptiste formaram um *Conselho Secreto*, tendo os irmãos de Lyon sob tutela.

Abordemos agora a natureza dos trabalhos realizados na Loja dos Cohens, falando mais tarde dos conventos realizados.

Constata-se nos documentos depositados no Supremo Conselho da Ordem Martinista, vindos diretamente de Willermoz, que as reuniões, reservadas aos membros portadores do título de Iluminado, eram consagradas à oração coletiva e às operações, permitindo a comunicação direta com o Invisível. Possuímos todos os detalhes relativos à maneira de fazer essa comunicação; mas esses rituais devem ficar reservados exclusivamente ao Comitê Diretor do Supremo Conselho. Podemos revelar, contudo, lançando grandes luzes sobre muitos pontos, que os iniciados davam o nome de **Filósofo Desconhecido** ao ser invisível com o qual se comunicavam. Foi ele quem ditou, em parte, o livro **Dos Erros e da Verdade** de Saint-Martin, que somente adotou esse pseudônimo mais tarde, por ordem superior. Provamos essa afirmação em nosso volume consagrado a Saint-Martin.

A mais alta espiritualidade, a mais intensa submissão às vontades do Céu, as mais ardentes orações a Nosso Senhor Jesus Cristo jamais deixaram de preceder, de acompanhar e de encerrar as reuniões presididas por Willermoz (4). Apesar disso, se os clérigos ainda desejam ver um diabo peludo e cornudo em toda influência invisível e se estão dispostos a confundir tudo o que for supra-terrestre com influências inferiores, só poderemos lamentar uma posição desse tipo, que possibilita toda espécie de mistificação e de zombaria. O Willermosismo, assim como o Martinesismo e o Martinismo, sempre foi cristão e jamais clerical. Ele dá a César o que é de César e ao Cristo o que é de Cristo; jamais vende o Cristo a César.

O *Agente* ou *Filósofo Desconhecido* ditou 166 cadernos de instrução, possibilitando a Saint-Martin copiar os principais. Dentre esses manuscritos, cerca de 80 foram destruídos nos primeiros meses de 1790 pelo próprio *Agente*, para evitar que caíssem em mãos de enviados de Robespierre, que se esforçou para obtê-los.

2.3 – OS CONVENTOS

Em 12 de agosto de 1778, Willermoz anunciou o *Convento de Gaules*, realizado em Lyon entre 25 e 27 de dezembro do mesmo ano. Esse convento tinha como objetivo apurar o sistema escocês e destruir todos os maus germens introduzidos no sistema pelos Templários. Sob a influência dos Iluminados de todo o País, saiu dessa reunião a primeira condenação do plano de vingança sangrenta, preparado em silêncio dentro de certas lojas. O resultado dos trabalhos desse convento está contido no **Novo Código das Lojas Retificadas da França**, mantido em nossos arquivos e publicado em 1779. Para se compreender o grande esforço realizado no sentido da união dos maçons, é necessário lembrar que o mundo maçônico estava em plena anarquia. O Grande Oriente da França fora fundado em 1772 graças à usurpação da Grande Loja por Lacorne e seus seguidores, dirigidos ocultamente pelos Templários. Estes, após terem estabelecido o Capítulo de Clermont, foram transformados em 1760 em Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente; em 1762, em Cavaleiros do Oriente, entrando, finalmente, no Grande Oriente através de Lacorne. Graças à sua

influência, o sistema de lojas foi profundamente modificado; em todos os lugares o regime parlamentar, realizando eleições de seus oficiais, substituiu a antiga unidade e autoridade hierárquica. Com a desordem causada em todas as partes por essa revolução, os Martinistas intervieram para trazer a todos a reconciliação. Eis a razão desse primeiro convento de 1778 e de seus esforços para impedir as dilapidações financeiras que se faziam em toda a parte.

Encorajado por esse primeiro sucesso, Willermoz convocou, a partir do dia 9 de setembro de 1780, "todas as grandes lojas escocesas da Europa ao Convento de Wilhemsbad, perto de Hanau" (5). O Convento de Wilhemsbad foi aberto em uma terça-feira, no dia 16 de julho de 1782, sob a presidência de Ferdinand de Brunswick, um dos chefes do Iluminismo Internacional. Desse convento saiu a *Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa de Jerusalém* e uma nova condenação do sistema Templário.

Como se observa, o Willermosismo tendeu sempre ao agrupamento de fraternidades iniciáticas, à constituição de coletividades de iniciados dirigidas por centros ativos ligados ao Iluminismo. Não tem razão quem pensa que Willermoz tenha abandonado as idéias de seus mestres; pensar isso é conhecer mal seu caráter elevado. Sempre até a morte, quis estabelecer a Maçonaria sobre bases sólidas, dando como objetivo a seus membros a prática da virtude e da caridade; mas sempre procurou fazer das lojas e dos capítulos centros de seleção para os grupos de Iluminados. A primeira parte de sua obra era clara, a segunda oculta; é por isso que as pessoas mal informadas podem não ver Willermoz sob sua verdadeira personalidade.

Após a tormenta revolucionária, tendo seu irmão Jacques Willermoz sido guilhotinado, com todos os seus iniciados, havendo ele próprio escapado por milagre da mesma sorte, foi ainda ele quem reconstituiu na França a Franco-Maçonaria espiritualista, graças aos rituais que pôde salvar do desastre. Tal foi a obra deste Martinista, a quem consagraremos um volume, tão logo quanto possível, se Deus o permitir.

CAPÍTULO II

SAINT-MARTIN, MARTINISMO E

FRANCO-MAÇONARIA

1. – LOUIS CLAUDE DE SAINT-MARTIN E O MARTINISMO

Embora não se conhecesse a ortografia correta do nome de Martinez de Pasqually e a profundidade da obra real de Willermoz, antes da publicação das cartas de Pasqually, muito se escreveu sobre Saint-Martin; muitas inexactidões foram publicadas em relação à sua obra.

As críticas, as análises, as suposições e também as calúnias feitas à sua obra baseiam-se tão somente nos livros e nas cartas esotéricas do *Filósofo Desconhecido*. Sua correspondência de Iniciado, endereçada a seu colega Willermoz, mostra os inúmeros erros cometidos pelos críticos e, em particular, por Matter. É verdade que não se pode obter muita informação com base nos documentos atualmente conhecidos, sobretudo quando não se tem nenhuma luz sobre as chaves que dá o Iluminismo a esse respeito. Antes de publicar essas cartas, esperaremos que novas imprecisões sejam produzidas em relação ao grande realizador Martinista, para destruir de uma só vez todas as ingenuidades e todas as lendas.

Willermoz foi encarregado do agrupamento de elementos Martinistas e de ação na França; Saint-Martin recebeu a missão de criar a iniciação individual e de exercer sua ação tão longe quanto possível. A esse respeito, permitiram-lhe estudar integralmente os ensinamentos do "Agente Desconhecido". Possuímos nos arquivos da Ordem muitos cadernos copiados e anotados pelo punho de Saint-Martin. Como dissemos há pouco, o livro **Dos Erros e da Verdade** originou-se, em grande parte, do Invisível. Por esse motivo, provocou grande emoção nos centros iniciáticos desde seu aparecimento, fato que os críticos procuram com muita

dificuldade explicar. Esse aspecto, assim como outros, serão esclarecidos quando necessário. Além dos estudos ligados ao Iluminismo, começados junto a Martinez e desenvolvidos com Willermoz, Louis Claude de Saint-Martin ocupou-se ativamente da Alquimia. Ele possuía em Lyon um laboratório organizado para esse fim. Mas deixemos esses detalhes que pretendemos aprofundar mais tarde; ocupemo-nos tão somente do aspecto de sua obra que nos interessa aqui. Tendo estendido seu raio de ação, Saint-Martin foi obrigado a fazer certas reformas dentro do Martinesismo. Os autores clássicos de Maçonaria deram o nome do grande realizador à sua adaptação e designaram sob o nome de *Martinismo* o movimento proveniente de Louis Claude de Saint-Martin. É muito divertido ver certos críticos, que nos abstermos de qualificar, esforçarem-se em fazer acreditar que Saint-Martin jamais fundou qualquer ordem. É necessário realmente considerar os leitores bastante mal informados para ousar sustentar ingenuamente tal absurdo.

A Ordem de Saint-Martin foi introduzida na Rússia sob o reino da Grande Catarina, sendo tão difundida ao ponto de ser mencionada em uma peça de teatro encenada na corte. É à Ordem de Saint-Martin que se ligam as iniciações individuais, referidas nas memórias da baronesa de Oberkierch. O autor clássico da Franco-Maçonaria, o positivista Ragon, que não simpatizava com os ritos dos Iluminados, descreve nas páginas 167 e 168 de sua *Ortodoxia Maçônica* as mudanças operadas por Saint-Martin para constituir o Martinismo (6).

Sabemos que esses críticos não merecem ser levados a sério, principalmente por Saint-Martin ter desprezado a Franco-Maçonaria positivista, fato que nunca perdoaram. O mesmo fez Martinez, que relegou a Maçonaria a seu verdadeiro papel de escola elementar e de centro de instrução simbólica inferior. Em suma, quando desejam negar fatos históricos, ridicularizam.

Aquele que os críticos universitários denominavam "Teósofo de Amboise" foi um realizador bastante prático, sob uma aparência mística. Empregou assim como Weishaupt (7), a iniciação individual. Foi graças a esse procedimento que a Ordem obteve facilidade de adaptação e de extensão, que muitos ritos maçônicos invejam. Saint-Martin foi tão dedicado à difusão da Cavalaria Cristã de Martinez que violentos ataques foram endereçados contra sua obra, sua personalidade e sua vida. Seria necessário um volume inteiro para rebater essas críticas; limitar-nos-emos dentro deste curto estudo a indicar a verdadeira essência do Martinismo da época de Saint-Martin, servindo-nos documentos já impressos (8).

1.1 – LIGAÇÃO DE SAINT-MARTIN COM OS ENSINAMENTOS DE

MARTINES DE PASQUALLY

"Meu primeiro mestre, a quem eu fazia perguntas semelhantes em minha juventude,

respondia-me que se aos sessenta anos eu tivesse atingido o termo, não deveria

lamentar. Ora, tenho apenas cinquenta anos!" Procurai ver que as melhores coisas aprendem-se e não se ensinam, e sabereis mais que os doutores.

"Nossa primeira escola tem coisas preciosas. Eu mesmo fui levado a acreditar que Pasqually, de quem me falais (o qual, é necessário vos dizer, era nosso mestre) tinha a chave ativa de tudo aquilo que nosso caro B...(9) expõe em suas teorias, mas não nos considerava aptos para receber verdades tão elevadas. Ele possuía, também os pontos que nosso amigo B... não conheceu ou não quis mostrar, tais como a resipiscência do ser perverso, para a qual o primeiro homem teria sido encarregado de trabalhar; idéia que me parece ainda ser digna do plano universal, mas sobre o qual, entretanto, ainda não tenho nenhuma demonstração positiva, exceto pela inteligência. Quanto à Sofia e ao Rei do mundo, ele nada nos revelou; deixou-nos nas noções elementares do mundo e do demônio. Mas não afirmarei que ele não tenha tido conhecimento de tudo isso; estou persuadido que acabaríamos por chegar a esse conhecimento, se o tivéssemos conservado por mais tempo".

"Resulta de tudo isso que há um excelente casamento a se fazer entre a doutrina de nossa primeira escola e a de nosso amigo B... É sobre isso que trabalho; confesso-vos francamente que considero os dois esposos tão bem feitos um para o outro que não encontro nada de mais completo: assim, aprendamos deles tudo o que pudermos, eu vos ajudarei da melhor maneira possível".

1.2 – A INICIAÇÃO MARTINISTA, SEU CARÁTER

"A única iniciação que prego e que procuro com todo o ardor de minha alma é aquela que nos permite entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós, para aí fazer um casamento indissolúvel, transformando-nos no amigo, irmão e esposa do Divino Reparador. Não existe outro mistério para chegar-se a essa santa iniciação a não ser este: penetrar cada vez mais nas profundezas de nosso ser até aflorar a viva e vivificante raiz; porque, então, todos os frutos que deveremos portar, segundo nossa espécie, irão se produzir naturalmente em nós e fora de nós, como aqueles que vemos nascer em nossas árvores terrestres, porque são aderentes à sua raiz particular e porque não cessam de sugar seu sumo".

A – FOGO, SOFRIMENTO

"Quando sofremos por nossas próprias obras, falsas e infectas, o fogo é corrosivo e queima; e, entretanto ele deve ser menos do que aquele que serve de fonte a essas obras

*falsas. Também tenho dito, mais por sentimento do que por luz (no livro **O homem de***

***Desejo**), que a penitência é mais doce do que o pecado. Quando sofremos pelos outros homens, o fogo é ainda mais vizinho do óleo e da luz; mesmo que ele nos rasgue a alma e nos inunde de lágrimas, não passaremos por essas provas em delas retirar deliciosas consolações e as mais nutritivas substâncias".*

B – CARÁTER ESSENCIALMENTE CRISTÃO DO MARTINISMO

Os clérigos sempre se esforçaram em conservar só para si a possibilidade de comunicação com o plano Divino. A partir dessa pretensão, todo contato que não vem por seu intermédio atribui-se a Satã ou a outros demônios. Caluniaram ao ponto de pretender que os Martinistas não eram cristãos, não servindo ao Cristo, mas a um demônio qualquer, disfarçado sob esse nome. Eis a resposta de Saint-Martin a essas acusações:

"Acrescento que os elementos mistos foram o meio de que se serviu o Cristo para vir até nós; enquanto devemos quebrar e atravessar esses elementos para chegar até ele; assim, enquanto repousarmos sobre esses elementos, estaremos atrasados". "Entretanto, como acredito falar a um homem sensato, calmo e discreto, não esconderei que na escola onde passei há mais de vinte e cinco anos as comunicações de todo o tipo eram numerosas e freqüentes; e eu tive a minha parte como muitos outros. Nesses trabalhos, todos os sinais indicativos do Reparador estavam compreendidos.

Ora, não ignorais que o Reparador e a Causa Ativa são a mesma coisa". "Acredito que a palavra comunicou-se sempre, diretamente e sem intermediário, desde o começo das coisas. Ela falou diretamente a Adão, a seus filhos e sucessores, a Noé, a Abraão, a Moisés, aos Profetas, etc., até o tempo de Jesus Cristo. Ela falou pelo grande nome e queria tanto transmiti-lo, diretamente, que segundo a lei levita o grande sacerdote encerrava-se sozinho no Santo dos Santos para pronunciá-lo; e, segundo algumas tradições, ele possuía campainhas na barra de seu balandrau para ocultar sua voz aos que permaneciam nos recintos vizinhos.

"Quando o Cristo veio, tornou a pronúncia dessa palavra ainda mais central ou mais interior, uma vez que o grande nome que essas quatro letras exprimem é a explosão quaternária ou o sinal

crucial de toda vida. Jesus Cristo, transportando do alto o dos hebreus, ou a letra S, juntou o santo ternário ao grande nome quaternário deve encontrar em nós sua própria fonte nas ordenações antigas, com mais forte razão o nome do Cristo deve também esperar dele, exclusivamente, toda eficácia e toda luz.

Também, ele nos disse para nos encerrarmos em nosso quarto quando desejássemos

orar; ao passo que, na antiga lei, era absolutamente necessário ir ao Templo de

Jerusalém para adorar; e aqui, vos envio os pequenos tratados de vosso amigo sobre a

penitência, a santa oração, o verdadeiro abandono, intitulados: Der Weg zu Christ (O

caminho de Cristo)(10); ai vereis, passo a passo, que se todos os costumes humanos não desaparecerem, e se é possível que qualquer coisa nos seja transmitida, verdadeiramente, se o espírito não se criar em nós, como criasse eternamente no princípio da natureza universal, onde se encontra permanentemente a imagem de onde adquirimos nossa origem e que serviu de exemplo a Menschewerdung. Sem dúvida, há uma grande virtude ligada a essa verdadeira pronúncia, tão central quanto oral, deste grande nome e daquele de Jesus Cristo que é como a flor. A vibração de nosso ar elementar é uma coisa bem secundária na operação pela qual esses nomes tornam sensíveis aquilo que não o foi. A virtude deles é de fazer hoje e a todo momento o que fizeram no começo de todas as coisas para lhes dar a origem; e como produziram toda coisa antes que o ar existisse, sem dúvida que ainda estão abaixo do ar, quando desempenham as mesmas funções; não é impossível a esta Divina palavra se fazer escutar mesmo por um surdo e em lugar privado de ar, pois não será difícil à luz espiritual tornar-se sensível a nossos olhos mesmo físicos, pelo menos não ficaríamos cegos e ofuscados no mais tenebroso calabouço. Quando os homens fazem sair as palavras fora de seu verdadeiro lugar, livrando-as por ignorância, imprudência ou impiedade, às regiões exteriores ou à disposição dos homens de torrente, elas conservam sempre, sem dúvida, sua virtude, mas daí retiram muito de si próprias, porque não se acomodam por combinações humanas; também, esses tesouros tão respeitáveis não fizeram outra coisa senão provar a escória, passando pela mão dos homens; sem contar que não cessaram de serem substituídos pelos ingredientes nulos ou perigosos, que, produzindo enormes efeitos, acabaram por encher o mundo inteiro de ídolos, porque ele é o templo do Deus verdadeiro, que é o centro da palavra”.

Ao terminar estas citações, salientemos que a Ordem recebeu de Saint-Martin o pantáculo e o nome místico do Cristo, , que ornamenta todos os documentos oficiais do Martinismo.

É necessário a má fé de um clérigo para pretender que esse nome sagrado relacionase com outro diferente de Jesus Cristo, o Divino Verbo Criador. Antonini em seu livro *Doutrina do mal* afirma que o Schim hebraico sataniza todas as palavras onde entra; isso demonstra o seu conhecimento insuficiente de Simbolismo.

C – O MARTINISMO É CRISTÃO, MAS SEU ESPÍRITO É

ANTICLERICAL

“Estão a ignorância e a hipocrisia dos padres entre as causas principais dos males que afligiram a Europa há séculos.

“Não falo da pretendida transmissão da Igreja de Roma, que em minha opinião nada transmite como Igreja, embora alguns de seus membros possam transmitir algo algumas vezes, seja por virtude pessoal, pela fé de seu rebanho ou por vontade particular do bem”.

D – A PRÁTICA, OS SERES ASTRAS

Como todo Iluminado, Saint-Martin soube insistir sobre o perigo das comunicações com os seres astrais, como prova a correspondência entre os dois amigos:

"Não poderíamos denominar os três reinos que vossa escola designava "natural, espiritual e Divino" , natural, astral e Divino?"

"Todas essas manifestações que vêm após a iniciação, não seriam do reino astral? Uma vez tendo colocado os pés nesse domínio, não se entraria em sociedade com os seres que aí habitam, cuja maior parte, se me for permitido, em assunto dessa natureza, servir-me de uma expressão trivial, é má companhia? Não se entra em contato com seres que podem atormentar, até ao excesso, o operador que vive nessa multidão, ao ponto de suscitar-lhe o desespero e de inspirar-lhe o suicídio, como testemunharam Schoroper e o Conde de Cagliostro! Sem dúvida que terão os iniciados os meios mais ou menos eficazes para se protegerem das visões; mas, em geral, parece-me que essa situação, que está fora da ordem estabelecida pela Providência, pode ter antes conseqüências mais funestas do que favoráveis ao nosso progresso espiritual".

1.3 – SAINT-MARTIN E CAGLIOSTRO

A citação acima demonstra a desconfiança que o Iluminismo francês tinha em relação ao enviado dos irmãos Templários da Alemanha. Ninguém melhor do que Saint-Martin para julgar a realidade de certos fatos produzidos por Cagliostro, alguns de influência positiva, outros, que se manifestavam juntos com detestáveis entidades, que não deixavam de apossar-se do espírito e das almas dos assistentes.

A – CAGLIOSTRO

"Apesar da objeção de seu estado moral, descobri que seu mestre operava pela palavra e que tinha transmitido a seus discípulos o conhecimento para operar da mesma maneira durante sua ausência".

"Um exemplo marcante desse tipo, que fiquei sabendo há alguns anos, foi o da consagração da loja maçônica egípcia de Lyon em 26 de julho de 1756, segundo seu cálculo que me parece errado. Os trabalhos duraram três dias, as orações cinqüenta e quatro horas; havia 27 membros reunidos. Enquanto os membros oravam para o Eterno manifestar sua aprovação através de um sinal visível, estando o mestre no meio de suas cerimônias, o Reparador apareceu, abençoando os membros da assembléia. Ele desceu diante de uma nuvem azul, que servia de veículo a essa aparição; pouco a pouco elevou-se ainda sobre essa nuvem que, desde o momento da descida do céu à terra, tinha adquirido uma aparência tão deslumbradora que uma jovem presente, C., não pôde suportar o esplendor da luz que dele emanava. Os dois grandes profetas e o legislador de Israel deram-lhe sinais de aprovação e de bondade. Quem poderia, com alguma plausibilidade, colocar em dúvida o fervor e a piedade de vinte e sete membros? Entretanto, quem foi o criador da loja e o ordenador, embora ausente das cerimônias? Cagliostro! Essa única palavra é suficiente para fazer ver que o erro e as formas emprestadas podem ser a conseqüência da boa fé e das intenções religiosas de vinte e sete membros reunidos".

2. – MARTINISMO E MATERIALISMO

A obra perigosa de Cagliostro não foi a única que Saint-Martin procurou combater. Ele também concentrou todos os seus esforços para lutar contra o progresso dos "Filósofos", que se esforçavam em precipitar a Revolução espalhando por toda a Europa os princípios do ateísmo e do materialismo. Foram ainda os Templários (11) que manejaram esse movimento perfeitamente organizado, como nos indicam os trechos extraídos de Kirchberger.

"A incredulidade formou atualmente um clube muito bem organizado. É uma grande árvore que faz sombra em uma parte considerável da Alemanha, que porta muitos maus frutos e que projeta suas raízes até à Suíça. Os adversários da religião cristã têm suas afiliações, seus observadores e sua correspondência muito bem montada; para cada departamento, tem um provincial que dirige os agentes subalternos; têm os principais jornais alemães sob controle, que constituem a leitura favorita do clero, que não gosta mais de estudar; nossos jornais censuram

artigos, aos quais dão sua versão e criticam os demais; se um escritor quer combater esse despotismo, enfrentará uma enorme dificuldade para encontrar um editor que queira encarregar-se de seu manuscrito. Eis o método para a parte literária; mas têm muitos outros para consolidar seu poderio e enfraquecer aqueles que sustentam a boa causa”.

“Se há uma vaga de instrução pública qualquer, ou se existe um senhor com necessidade de um instrutor para seus filhos, eles têm três ou quatro personagens prontos que apresentam-se ao mesmo tempo por canais diferentes; dessa maneira, estão quase sempre certos de vencer. Eis como é freqüentada da Alemanha, e para onde enviamos nossos jovens para estudar”.

“Intrigam também para colocar seus protegidos nos gabinetes dos ministros da corte alemã; têm também seus apadrinhados dentro dos conselhos dos príncipes e em outros lugares”.

“Um segundo método que empregam é aquele de Basílio... a calúnia. Esse método torna-se para eles cada vez mais fácil, na medida em que a maior parte dos eclesiásticos protestantes são, infelizmente, os seus agentes mais zelosos; como essa classe tem mil maneiras de penetração em todos os lugares, podem espalhar os rumores que causam efeito, antes que se tenha tido conhecimento da coisa e tempo de se defender”.

“Essa coalizão monstruosa custou trinta e cinco anos de trabalho a seu chefe, que é

um velho homem de letras de Berlim, e, ao mesmo tempo, um dos livreiros mais célebres

da Alemanha. Ele redige desde 1765 o primeiro jornal desse país; chama-se Frederic

Nicolai. Essa Biblioteca Germânica foi também amparada por seus agentes pelo

espírito da Gazeta Literária de Viena, que é muito bem feito e que circula em todos os

países onde a língua alemã é falada. Nicolai influencia ainda o jornal de Berlim e o

Museu Alemão, dois veículos muito acreditados. A organização política e as sociedades afiliadas foram estabelecidas quando os jornais inocularam suficientemente seu veneno. Eles marcharam lentamente, mas com passo seguro. Atualmente seu progresso é tão assustador e sua influência tão grande, que não existe mais nenhum esforço que possa resistir-lhes; somente a Providência tem o poder de nos libertar dessa peste. “No início, a marcha dos Nicolaístas foi muito silenciosa; associavam as melhores cabeças da Alemanha à sua Biblioteca Universal; os artigos científicos eram admiráveis; os temas de obras teológicas ocupavam sempre uma parte considerável de cada volume. Esses temas eram compostos com tanta sabedoria, que nossos professores da Suíça os recomendavam em seus discursos públicos a nossos jovens eclesiásticos. Mas, pouco a pouco, eles expeliam seu veneno, embora com bastante cautela. Esse veneno foi reforçado com endereço certo. Mas, por fim, tiraram a máscara e, em dois de seus jornais afiliados, esses celerados ousaram comparar nosso Divino Mestre ao célebre impostor tártaro Dalai Lama (Veja o artigo da Dalai Lama em Moreri). Esses horrores circularam em nossa terra, sem que ninguém em toda Suíça desse o menor sinal de descontentamento. Então, em 1790, escrevi em uma gazeta política, à qual estava anexa uma folha onde se escrevia tudo; despertei a indignação pública contra esses iluminadores, Aufklärer, ou esclarecedores, como se denominavam. Enfatizei sobre a atrocidade e a profunda asneira dessa blasfêmia. “Neste momento, essa gente faz ainda menos mal por seus escritos do que por suas afiliações, por suas intrigas e por suas infiltrações nos postos; de sorte que a maior parte de nosso clero, na Suíça, é corrompida moralmente até o miolo dos ossos. Faço, por minha parte, tudo o que posso pelo menos para retardar a marcha dessa gente. Algumas vezes obtive sucesso, em outros casos os meus esforços foram impotentes, porque são muito adestrados e porque seu número chama-se legião”.

3. – SAINT-MARTIN E A FRANCO-MAÇONARIA

O Willermosismo apoiava-se na Maçonaria, para o recrutamento de seus quadros inferiores; este não foi o critério do movimento individual de Saint-Martin, que só procurava a qualidade, sem jamais se preocupar com o número; ele sempre teve um desprezo misturado com piedade pelas pequenas intrigas, complôs e pelas mesquinhas lojas maçônicas.

Certos maçons, para os quais uma pequena faixa representa erudição, acreditavam que Saint-Martin professava por seu mestre e sua obra o mesmo despreendimento que pelas lojas inferiores. Isto é um erro derivado da confusão existente entre o Iluminismo e a Maçonaria. Para demonstrar a que ingênuos erros podem chegar todos aqueles que portam julgamentos sem documentação séria, iremos transcrever abaixo um pequeno extrato da correspondência de Saint-Martin, relativa a esta questão:

"Eu rogo (a nosso Ir...) de apresentar e de admitir a demissão de meu cargo na ordem interior, de fazer-me o favor de riscar meu nome de todos os registros e listas maçônicas onde eu possa ter sido inscrito após 1785; minhas ocupações não me permitem seguir doravante essa carreira; não me fatigarei em dar maiores detalhes das razões que me determinam. Ele bem sabe que tirando meu nome de todos os registros nada fará de errado, pois não lhe sirvo para nada; ele sabe, além disso, que meu espírito jamais aí esteve inscrito; ora, na verdade não estamos ligados a não ser formalmente. Ficaremos ligados para sempre, eu o espero, como Cohens e permaneceremos da mesma forma pela Iniciação (12) ...".

Esta citação é instrutiva de diversas maneiras. Inicialmente, mostramos que Saint-Martin só foi inscrito em um registro maçônico em 1785 e que somente em 1790 separou-se desse meio.

Assim como todos os iluminados franceses, recusou-se participar da reunião organizada pelos *Filaletes* em 15 de fevereiro de 1785. Não somente os iluminados franceses, mas também Mesmes, delegado de um centro de Iluminismo alemão, e todos os membros do Rito Escocês Filosófico, recusaram participar dessa reunião, onde Cagliostro foi obrigado a provar suas afirmações. Saint-Martin colocou a Franco-Maçonaria no seu devido lugar e jamais deixou de fazer inúmeras iniciações individuais. Um de seus discípulos, Gilbert, foi mais tarde discípulo de Fabre d'Olivet. Outro de seus discípulos diretos, Chaptal, foi avô de Delaage, de modo que podemos seguir historicamente, na França, os traços da Ordem Martinista sem nenhuma interrupção. Uma das obras do Cavaleiro Arson mostra-nos uma organização de sábios Martinistas em pleno funcionamento em janeiro de 1818, isto é, após a morte de Saint-Martin.(13)

4. – OPINIÕES SOBRE O MARTINISMO

O número de Franco-Maçons Martinistas que se opuseram ao progresso da anarquia excede bastante o número daqueles que a favoreceram. Em 1789, o venerável de uma Loja Martinista de *Dauphine*, sabendo que salteadores uniram-se a cultivadores enganados por falsas ordens do rei, para pilhar e incendiar as casas de nobres na campanha, enviou, por intermédio do poder civil de que estava investido, todos os reforços possíveis para dar fim a esses estragos. Tentou comunicar aos demais seu zelo pela manutenção do direito de propriedade. Não se limitou em contribuir com as ordens severas que foram dadas contra os incendiários e os ladrões; conduziu pessoalmente a força armada, combateu com ela, mostrando a bravura de suas ações e a pureza de seus princípios (14).

4.1 – OPINIÃO DE JOSEPH DE MAISTRE

Durante quarenta anos, pelo menos, Joseph de Maistre esteve entre os Martinistas e outros místicos; penetrou seu espírito, suas teorias e seus projetos. Seu julgamento é, pois, de grande peso. Sem dúvida, ele os censura por odiarem a autoridade, por filiaresem-se às opiniões origenistas (15); mas teria protestado se esses místicos cristãos que conhecia a fundo, tivessem sido algumas vezes satanistas ou luciferianos. É muito deplorável que na França

tenham existido laicos e mesmo padres tão ignorantes do caráter do Martinismo para confundir-lhe com a monstruosidade absurda das seitas modernas (16).

Não se deve confundir os iluminados alemães, discípulos de Weishaupt, niveladores encarniçados, com o "discípulo virtuoso de Saint-Martin, que não professa somente o cristianismo, mas que só trabalha para elevar-se às mais sublimes alturas desta lei Divina" (17).

Esses homens de desejo pretendem poder elevar-se de grau em grau até aos conhecimentos sublimes dos primeiros cristãos.

4.2 – BALZAC E OS MARTINISTAS

A curiosa citação a seguir mostra que Balzac teria certamente recebido, em reunião de iniciação, a filiação real da Ordem Martinista.

"A teologia mística abrangia o conjunto das revelações Divinas e a explicação dos mistérios. Esse ramo da antiga teologia permaneceu secreto entre nós. Jacob Boheme, Swedenborg, Martinez de Pasqually, Saint-Martin, Molinos, Senhoras de Guyon, Bourignou e Krudener, a grande seita dos Extáticos, dos Iluminados, em diversas épocas conservaram dignamente as doutrinas desta ciência, cujo objetivo tem qualquer coisa de assustador e de gigantesco" (18).

5. – UNIÃO DOS MARTINISTAS E DOS ROSA-CRUZES

A tendência desses últimos Rosa-Cruzes é de fundir a teoria cabalística da emanção com as doutrinas do cristianismo, tendência que prepara o caminho à união dos Rosa-Cruzes com os Martinistas e os Iluminados (19).

CAPÍTULO III

O MARTINISMO CONTEMPORÂNEO

A França é no Invisível a filha mais velha da Europa, devendo, por conseguinte, manter em seu seio o centro da iniciação. Mas, a maioria das lojas maçônicas francesas afastaram-se da iniciação, atendo-se aos compromissos maléficos da política, descendo de grau em grau até tornarem-se centros ativos de ateísmo e de materialismo. Tendo abandonado o estudo dos símbolos, que estavam encarregados de transmitir às gerações futuras, e tendo feito, sob protesto de anticlericalismo, uma guerra incessante a toda crença e a todo ideal, os Franco-Maçons franceses tornaram-se logo indignos de serem contados entre os membros da grande família maçônica universal. Foi então que os mestres do Invisível dirigiram a grande reação idealista e forneceram ao Martinismo os meios para adquirir considerável expansão. Assim como Martinez havia adaptado o Swedenborgismo ao meio no qual deveria agir, assim como Saint-Martin e Willermoz tinham também feito as alterações indispensáveis, igualmente o Martinismo contemporâneo adaptou-se a seu meio e à sua época, conservando à Ordem seu caráter tradicional e seu espírito primitivo. Essa adaptação consistiu sobretudo na união íntima dos sistemas de Saint-Martin e de Willermoz. Os iniciadores livres, criando discretamente outros Iniciadores e desenvolvendo a Ordem pela ação individual, caracterizavam o sistema de Saint-Martin. Os grupos de Iniciados e Iniciadores, regidos por um centro único e constituídos hierarquicamente, caracterizavam o Willermosismo. Eis porque o Martinismo contemporâneo constituiu seu Supremo Conselho, mantendo Iniciadores Livres, assessorando-se de Delegados Gerais, Delegados Especiais, administrando lojas e grupos espalhados atualmente em toda a Europa e América. Não solicitando a seus membros nenhuma cotização, nem direitos de entrada, não exigindo nenhum tributo regular de suas lojas ao Supremo Conselho, o Martinismo ficou fiel a seu espírito e às suas origens, fazendo da pobreza material sua primeira regra. Desse modo, pôde evitar as irritantes questões de dinheiro, causa dos desastres de certos ritos maçônicos contemporâneos; assim, também, pôde exigir de seus membros um trabalho intelectual elevado, criando escolas, distribuindo seus graus exclusivamente através de

exame, abrindo suas portas a todos os que justificarem uma riqueza intelectual ou moral, afastando os ociosos e pedantes que pensam ser alguém apenas tendo dinheiro. O Martinismo ignora a exclusão de membros pelo não pagamento de cotização, desconhece o tronco de solidariedade. Apenas seus chefes são chamados a justificar seu título, participando, segundo seus graus, do desenvolvimento geral da Ordem.

1. – FILIAÇÃO MARTINISTA: SAINT-MARTIN, CHAPTAL E

DELAAGE (20)

A organização Martinista em grupos proporcionou-lhe grande dinamismo; ela foi efetuada por um modesto ocultista, fiel à conservação da tradição iniciática do Espiritualismo, caracterizada pela Trindade, e à defesa do Cristo fora de qualquer seita. São essas as características do *Incógnito* a quem foi confiado o depósito sagrado: Henri Delaage, que preferiu ficar fiel à sua iniciação do que fundar uma nova seita não tradicional como fez Rivail (Allan Kardec).

Delaage manteve o respeito ao segredo, nada revelando, a ponto de não falar da origem de sua iniciação em seus livros. Somente aos íntimos falava de coração aberto do Martinismo, cuja tradição lhe foi transmitida através de seu avô, o Senhor de Chaptal, iniciado pelo próprio Louis Claude de Saint-Martin.

A carta que transcrevemos a seguir justificará esse ponto.

2. – SOCIEDADE ASTRONÔMICA DA FRANÇA

Paris, 19 de janeiro de 1899

Ao Sr. Dr. ENCAUSSE

Meu querido Doutor,

Não vejo nenhum inconveniente em vos repetir por escrito o que já vos disse de viva voz, a respeito de Henri Delaage. Encontrei-me freqüentemente com ele, entre 1860 e 1870. Lembro que falava seguido de seu avô (o ministro Chaptal) e de Saint-Martin (o Filósofo Desconhecido), que Chaptal conhecia particularmente. Delaage ocupou-se, juntamente com o Sr. Matter, da doutrina na Livraria Acadêmica Didier, onde o encontrei algumas vezes.

Queria receber, meu caro Doutor, a expressão de meus melhores sentimentos.

FLAMARION

Transcrevemos, agora, duas citações bem características de Delaage, em relação à origem de sua iniciação pessoal.

"Somos homem de tradição e unimo-nos calorosamente às sublimes instituições do Cristianismo" (21).

"A tradição, ou o conhecimento profundo de Deus, do Homem e da Natureza, é sumamente necessário a todos os povos. O Homem, que a recebeu pela Iniciação e que procura manter-lhe o véu, para torná-la visível a todos os olhos, palpável a todas as mãos, deve preocupar-se em escolher símbolos, alegorias e mitos que se relacionem com os bons costumes, a natureza e os conhecimentos do povo a quem aspira dotar com os benefícios preciosos da Verdade. Sem isso, a revelação nada transmitiria à inteligência e ao coração. Eis que o que é capaz de por alguém na parvoíce e fazê-lo um perfeito cretino, são os símbolos colocados à sua disposição, quando não lhes

compreende o sentido; pois, quando se ordena à inteligência de conservar na memória coisas incompreensíveis, impõem-se, inevitavelmente, ao espírito a ordem de suicidarse” (22).

“Afirmamos que no começo do mundo o pecado tinha animalizado o homem, envelopado sua alma com órgãos mortais e materiais, colocando-a em relação com as criaturas mortais da terra, mas limitadíssimas para permitir-lhe estar como antes da Queda, em relação direta com Deus. Dai a razão da luta do Iniciado com os elementos da Natureza, revoltados contra o homem caído: a terra, que triunfa, penetrando em seu seio; a água, atravessando-a; o fogo, passando por ele; o ar, permanecendo nele, impassivelmente suspenso; deriva também daí o combate com a carne pelo jejum e pela castidade, para asujeitá-la; enfim, o renascimento da alma à potência e à luz da vida.” (23)

Alguns meses antes de sua morte, Delaage quis passar a alguém a semente que lhe tinham confiado, mas dela não esperava nenhum fruto (24). Pobre depósito, constituído por duas letras e alguns pontos, resumo dessa doutrina iniciática que iluminou as obras de Delaage. Mas o Invisível estava presente e foi ele quem se encarregou de religar as obras à sua real origem e de permitir a Delaage confiar sua semente a uma terra onde ela poderia se desenvolver.

As primeiras iniciações pessoais, sem outro ritual que essa transmissão oral de duas letras e de dois pontos, tiveram lugar entre 1884 e 1885, na rua Rochechouart (em Paris). De lá, passaram à rua de Strasbourg, onde os primeiros grupos foram criados. A primeira loja foi constituída na rua Pigalle, onde Arthur Arnould foi iniciado, começando a senda que o afastaria definitivamente do materialismo. Essa Loja foi em seguida transferida para um apartamento da rua Tour d’Auvergne, onde as reuniões de iniciação foram freqüentemente e frutuosas sob o ponto de vista intelectual. Os cadernos surgiram entre 1887-1890 e foi mais ou menos nessa época que Stanislas de Guaita pronunciou seu belo discurso de iniciação. A partir desse momento o progresso foi bastante rápido.

O grupo Esotérico e a Livraria do Maravilhoso, tão bem criada por um bacharel em direito, membro fundador da loja, Lucien Chamuel, foram fundados em 1891. O Supremo Conselho da Ordem Martinista foi constituído, como um local reservado às reuniões e às iniciações, primeiro na rua Trevisse nº 29, após na rua Bleue e, finalmente na rua Savoie.

Em seguida, a Ordem constituiu seus delegados e suas lojas, inicialmente na França e nas diversas partes da Europa; mais tarde na América, no Egito e na Ásia. Tudo isso foi obtido sem que jamais um Martinista pagasse uma quotização qualquer, sem que jamais uma loja tivesse fornecido um tributo regular ao Supremo Conselho. Os fundadores consagraram todos os seus ganhos à sua obra e o Céu lhes recompensou dignamente pelos seus esforços.

O que diferencia particularmente a iniciação de Martinez é o aparecimento do ternário desde o primeiro grau dos Cohens. Há *três colunas* de cores diferentes, dominadas por uma grande luz. Esse ternário, unificado pelo quaternário, desenvolve-se harmonicamente nos demais graus. No segundo grau, a história da Queda e da Reintegração é apresentada ao discípulo. Os graus seguintes servem para afirmar essa *Reconciliação* da criatura com seu Criador.

Todos esses detalhes são necessários, porque os Cadernos Martinistas contemporâneos foram impressos em 1887. Somente oito anos mais tarde foi que o Supremo Conselho tomou conhecimento dos antigos catecismos das lojas lionesas, demonstrando a integralidade da Tradição desde Martinez de Pasqually.

3. – CARACTERÍSTICAS DO MARTINISMO CONTEMPORÂNEO

Derivando diretamente do Iluminismo Cristão, o Martinismo acabou adotando seus próprios princípios. Eis porque as nomeações são feitas de cima para baixo: o Presidente da Ordem

nomeia o Comitê Diretor, este designa os membros do Supremo Conselho, os Delegados Gerais e administra os negócios correntes. Os Delegados Gerais nomeiam os chefes das lojas, os quais designam seus oficiais e são mestres de suas lojas. Todas as funções são inspecionadas diretamente pelo Supremo Conselho, através de seus inspetores principais e de seus inspetores secretos. Eis a síntese desta organização que pôde, sem dinheiro, adquirir considerável extensão e resistir até o presente todas as tentativas de desmoralização, lançadas sucessivamente por diversas confissões e, sobretudo, pelo clericalismo ativo. A Ordem sobreviveu a tudo, mesmo às calúnias lançadas contra seus membros, considerados enviados dos Jesuítas, subordinados ao Inferno ou magos negros. Os Chefes sempre foram prevenidos em relação a essas intrigas e aconselhados sobre a maneira de evitá-las. O sucesso da Ordem vem confirmar a alta origem das instruções recebidas.

É através dos membros do Supremo Conselho que o Martinismo liga-se ao Iluminismo Cristão. A Ordem em seu conjunto é antes de tudo uma escola de cavalaria moral, que se esforça em desenvolver a espiritualidade de seus membros, pelo estudo do Mundo Invisível e de suas Leis, pelo exercício do devotamento e da assistência intelectual e pela criação em cada espírito de uma fé cada vez mais sólida, baseada na observação e na ciência. O Martinismo constitui uma cavalaria da Altruísmo, oposta à liga egoísta dos apetites materiais, uma escola onde se aprende a dar ao dinheiro o seu justo valor, não o considerando como influxo Divino; é, finalmente, um centro onde se aprende a permanecer impassível diante dos turbilhões positivos ou negativos que subvertem a Sociedade! Formando o núcleo real desta universalidade viva, que fará um dia o casamento da Ciência sem divisão com a Fé sem atributos, o Martinismo esforçase em tornar-se digno de seu nome, criando escolas superiores de ciências metafísicas e fisiogônicas, desdenhosamente separadas do ensino clássico, sob pretexto de serem ocultas.

Os exames instituídos nessas escolas abrangem: o simbolismo de todas as tradições e de todas as iniciações; as chaves hebraicas e os primeiros elementos da língua sânscrita, permitindo aos Martinistas aprovados nos exames explicar sua tradição a muitos Franco-Maçons dos altos graus e mostrar que os descendentes dos Iluminados permaneceram dignos de sua origem.

Tal é o caráter do Martinismo. Compreende-se que é impossível encontrá-lo integralmente em cada um dos membros da Ordem, pois cada iniciado representa uma adaptação particular dos objetivos gerais. Mas esta época de ceticismo, de adoração da fortuna material e do ateísmo tem grande necessidade de uma reação francamente cristã, ligada sobretudo à ciência e independente de todos os cleros, sejam católicos ou protestantes. Em todos os países onde penetrou, o Martinismo salvou da dúvida, do desespero e do suicídio muitas almas; trouxe à compreensão do Cristo muitos espíritos que as manipulações clericais e seu objetivo de baixo interesse material, isto é, de adoração de César, tinham distanciado de toda fé. Após ter feito isso, não importa se caluniem, difamem ou excomunguem o Martinismo ou seus chefes. A Luz atravessa os vidros mesmo imundos e ilumina todas as trevas físicas, morais e intelectuais.

4. – OS ADVERSÁRIOS DO MARTINISMO E SUAS OBJEÇÕES

Apesar dos fracos recursos materiais, os progressos da Ordem Martinista foram rápidos e consideráveis. Mas seu sucesso originou três tipos de adversários: 1º – os materialistas ateus, representantes do Grande Oriente da França; 2º – os clérigos; 3º – as sociedades e indivíduos que combatem o Cristo e procuram diminuir sua obra, aberta ou ocultamente. A partir daí surgem inúmeras objeções, mal-entendidos e calúnias que devem ser denunciados a fim de permitir aos membros da Ordem destruí-las.

4.1 – OS MATERIALISTAS

Os Materialistas, após terem acusado os Martinistas de Jesuítas, alienados, –

"sonhadores de outra era que nada podem fazer no século da luz e da razão" – ficaram

admirados pelo rápido progresso dessa Ordem e procuraram copiar a organização dos "*Grupos Martinistas*" sem bons resultados; imaginaram formar "*grupos de jovens ateus*" ligados ao sistema eleitoral do Grande Oriente. Foi então que se ativeram ao problema financeiro. Uma Ordem que avança muito rapidamente deveria tornar-se muito onerosa a seus fundadores. Com quanto seus membros contribuem mensalmente? Nada... Quanto custam os diplomas dos Delegados? Nada... Quem paga as despesas de impressão, de correio, de secretaria e dos diplomas, necessárias a movimentação de tal organismo? Os chefes. Estes não poderão, pois, serem acusados de obterem lucro com um movimento ao qual consagraram a maior parte de suas rendas. Entretanto, as "*peçoas práticas*" acabaram por se persuadirem que os Martinistas são pelo menos muito convencidos.

4.2 - OS CLÉRIGOS

Os ataques dos clérigos são mais desleais e mais diretos. Abandonando toda questão material, atêm-se aos espíritos. Apesar de todas as afirmações e evidências contrárias, lhes é impossível admitir que os ocultistas (e nós em particular) não consagrem ao diabo algum culto secreto. Por conseguinte, os Martinistas devem ocultar seu objeto; todos aqueles que ousam defender o Cristo, mantendo em seu devido lugar o clero que o vende todos os dias ao mercador do templo, livram-se, segundo esses bons clérigos, às mais terríveis evocações de Satã e de seus mais ilustres demônios. É muito difícil convencer escritores clericais que o clero e Deus possam agir independentemente um do outro; que podemos perfeitamente admitir a bondade de Deus e a cobiça material do clero (que age dizendo ser em seu nome), sem confundir-lhes um instante. Segundo eles, atacar um inquisidor é atacar a Deus. Os Martinistas querem ser Cristãos, livres de toda dependência clerical; as acusações de satanismo lhes farão balançar os ombros, pedindo perdão ao Céu para aqueles que os caluniam injustamente.

Ouviremos novamente a esse respeito a grande farsa de Léo Taxil sobre o tema dos "ocultistas diabólicos"? Veremos sob seu verdadeiro aspecto essa bizarra sociedade secreta do *Labarum*, cujos dignatários nos são conhecidos? Ouviremos quanto Taxil deve estar disposto a montar uma nova mistificação baseada na "maçonaria feminina"? Não seria melhor tolerar o insulto, a calúnia, o descrédito, sem responder de outra maneira a não se pelo perdão e pelo esquecimento?

Cada novo ataque, sendo injusto e vil não fica jamais sem recompensa e vale ao Martinismo um novo sucesso. Eis a verdadeira manipulação das leis ocultas e o verdadeiro uso das faculdades espirituais do homem. Quando acusamos os escritores clericais de enganar o público ingênuo, que aceita suas afrontas, e de empregar processos polêmicos, indignos do autor de respeito, poder-se-ia acreditar que existe de nossa parte certa animosidade e tendência ao exagero. Para evitar essa dúvida, iremos submeter ao próprio leitor alguns desses processos, para seu julgamento. Escolheremos a última deslealdade cometida. O autor ficará certamente muito feliz por ser apresentado ao público. Chama-se Antonini, professor do Instituto Católico de Paris, e seu livro intitula-se *A Doutrina do Mal*.

Nessa obra, fala-se muito de Satã, de Lúcifer, do Diabo e de culto secreto. Entretanto, falta a esse autor a veia do excelente Taxil; ele é, ademais inosso e sem imaginação. Não temos mais esse bom Bitru, de quem Taxil extraiu parte do apêndice para oferecê-lo aos Jesuítas, que o aceitaram com reconhecimento. Fica bem entendido que os ocultistas (benzei-vos), e em particular vosso servidor, passam uma parte de seu tempo em companhia do Diabo, fazendo anagramas, dos quais o Sr. Antonini tem bastante dificuldade em encontrar a chave. Mas vejamos uma pequena amostra dessa prosa:

"Aulnaye, Eliphaz Levi, Desbarolles, Stanislas de Guaita, para não citar mais do que esses iniciados, reconhecem que luz Astral significa LUZ DA TERRA, chamada astral porque a terra é um astro. Sobre o que é fundamentada tão estranha alegação? A declaração dos iniciados

passa geralmente despercebida, ou então, faz rir. E, entretanto, constitui a confissão mais grave e mais conclusiva de seu ensinamento.

"Denominam a terra um astro porque engloba A GRANDE ESTRELA CAÍDA DOS

CÉUS, como o Apocalipse denomina Lúcifer o arcanjo portador da luz e precipitado no

FOGO central da terra, por ter querido igualar-se a Deus." (25)

Analisemos essas passagens:

4.3 – LUZ ASTRAL SIGNIFICA LUZ DA TERRA

Antonini, tendo grande dificuldade em citar as palavras exatas de seus autores, não procurou justificar a presente citação com uma referência real, porque ela é simplesmente idiota. Ele sai do embaraço inventando a citação, permitindo-lhe dizer as extravagâncias seguintes:

"A Terra contém uma estrela! Oh! meus professores de Astronomia! Onde está este Sol, pois uma estrela é um sol; se creio em meu amigo e mestre Flamarion, onde está esse Sol, caído sobre a terra, eis que deve ser bem maior que ela, onde está esse monstro Sol que não se vê mais?..."

Esse Sol, meus amigos, é um arcanjo; esse arcanjo é Lúcifer e Lúcifer está no fogo central da Terra, e a Terra não explodiu ao receber esse novo Sol em seu seio! Eis como os Ocultistas confessam que são satanistas! Isso é muito simples e essa é a base da argumentação de Antonini. Não podemos mais ser amáveis.

4.4 – OS ADVERSÁRIOS DO CRISTO

Os Clérigos acusam, pois, os Martinistas de evocar Satã ou algum outro demônio em suas reuniões secretas, que jamais existiram a não ser em sua imaginação. Outras sociedades que pretendem estudar o Ocultismo e "desenvolver as faculdades latentes no homem", sem crer, de resto, na existência do diabo, hipocritamente fazem circular cartas acusando os Martinistas de praticar "Magia Negra".

Ora, a prática da Magia Negra consiste em fazer o mal consciente e covardemente; nada é mais distanciado do objetivo e dos processos essencialmente cristãos do Martinismo de todos os tempos. Os Martinistas não praticam magia, nem a branca, e muito menos a negra. Estudam, oram e perdoam as injúrias da melhor maneira possível. Os Rosa-Cruzes sempre combateram os feiticeiros, aproveitadores da ignorância e do ceticismo popular, para exercerem seus poderes sobre vítimas inocentes, prevenindo abertamente a todos aqueles a quem tinham dado "o batismo da luz". Esse trabalho foi sempre oculto, realizado através da prece.

Os Martinistas, como os Rosa-Cruzes, sempre defenderam a verdade, agindo sem subterfúgios, publicando seus atos e suas decisões. Pelo contrário, aqueles que difamam na sombra, ocultando-se quando se vêm descobertos, escrevendo circulares hipócritas e caluniando sornateiramente os Martinistas, temendo sua lealdade, não merecem senão a piedade e o perdão. Vendo as faculdades latentes manifestadas através desses processos, somos levados a mostrar a esses homens que a Magia Negra começa pela difamação anônima, tão geradora de larvas no plano mental quanto a baixa feitiçaria do camponês iletrado no plano astral.

5. – LUGARES ONDE O SUPREMO CONSELHO DA ORDEM MARTINISTA É OFICIALMENTE REPRESENTADO POR SEUS DELEGADOS GERAIS E SUAS LOJAS. (26)

A sede do Supremo Conselho da Ordem Martinista encontra-se em Paris, com três lojas (Hermanubis, Esfinge e Voluspa). A França é dividida em 14 delegações, cujos delegados têm sua sede nas seguintes cidades (27)

- Nº 1 (Chartres), Beauvais;
- Nº 2 (Lille), Abbeville;
- Nº 3 (Caen), Le Havre;
- Nº 4 (Nancy), Châlons-sur-Marne;
- Nº 5 (Rennes), Nantes;
- Nº 6 (Poitiers), La Roche -sur-Yon;
- Nº 7 (Bordeaux), Pau;
- Nº 8 (Toulouse), Cahors;
- Nº 9 (Montpellier), Perpignan;
- Nº10 (Marseille), Nice e Algerie;
- Nº11 (Lyon), Roanne;
- Nº12 (Dijon), Troyes;
- Nº13 (Clermont-Ferrand), Tulle;
- Nº14 (Grenoble), Valence.

Cada uma dessas delegações dirige lojas ou grupos.

Para evitar qualquer indiscrição, suprimimos o nome da cidade onde se encontra a sede das diversas delegações no exterior.

6. – ÓRGÃOS DA ORDEM MARTINISTA

Possuímos uma revista mensal de cem páginas: *L'initiation*, editada em Paris. É o órgão oficial da Ordem Martinista (28). Editamos igualmente um jornal semanal de oito páginas in-4: *Le Voile d'Isis* e um boletim mensal autografado e reservado aos Delegados: *Psiquê*.

No exterior, a Ordem Martinista dispõe, através de seus Delegados, de órgãos especiais nos seguintes idiomas: inglês, alemão, espanhol, checoslovaco e sueco.

7. – AFILIAÇÕES DA ORDEM MARTINISTA

A Ordem Martinista é afiliada aos seguintes órgãos e ordens:

- União Idealista Universal (Internacional);
- Ordem Cabalística da Rosa-Cruz (França);
- Grupo Independente de Estudos Esotéricos (França);
- Ordem dos Iluminados (Alemanha);
- Sociedade Alquímica da França (França);
- Universidade Livre de Altos Estudos (Fac. de Ciências Hermét.) – (França);
- Babistas (Egito, Pérsia, Síria);
- Sociedades Chinesas (Em negociação em 1891).

CAPÍTULO IV

A FRANCO-MAÇONARIA

1. – MARTINISMO E FRANCO-MAÇONARIA

Os escritores que se ocuparam do Martinismo, sobre tudo os clérigos, confundiram muitas vezes com uma má fé voluntária o Martinismo com a Franco-Maçonaria. O Martinismo, não exigindo nenhum juramento de obediência passiva de seus membros e não lhes impondo nenhum dogma (muito menos o dogma materialista ou clerical) deixalhes inteiramente livres em suas ações; ele é independente da Franco-Maçonaria como ordem, tal como é praticada atualmente na França.

Como toda a ordem de iluminados, o Martinismo dá acesso, em algumas reuniões, a Franco-Maçons instruídos (sobretudo a membros do Rito Escocês) quando possuem pelo menos o grau 18 (Rosa-Cruz); mas essas relações limitam-se a uma simples questão de delicadeza. Os Martinistas contemporâneos não agem de maneira diversa nas mesmas circunstâncias, como agiram seus antepassados dos Conventos de Gaules e de Wilhemsbadt.

Portando o nome cabalístico do Cristo e o reconhecimento do Verbo Criador na mente, em todos os seus atos, o Martinismo só pode manter relações com potências maçônicas que trabalhem segundo a constituição dos Rosa-Cruzes Iluminados, que fundaram a Franco-Maçonaria. Todo rito que subtrai Deus de suas pranchas e transforma, sem referências tradicionais, o simbolismo que lhe confiaram, não existe mais para os Martinistas, assim como também para todos os iniciados de um centro real e sério.

Eis porque o Grande Oriente da França, que está distanciado da verdadeira e universal Franco-Maçonaria, não deve ser confundido com o Martinismo, como os clérigos procuram fazer. Isso nos induz a expor a situação atual dos diferentes ritos da Franco-Maçonaria francesa, traçando sua história.

A Franco-Maçonaria compreende, na França, três Ritos:

1º – **O Grande Oriente da França**, o mais potente, na França, pelo número de lojas e de membros, rito materialista e ateu pelo espírito e pela ação, causa real da decadência momentânea de nosso País;

2º – **O Rito Escocês**, dividido em duas seções:

- a) O Supremo Conselho e suas Lojas, que admite os Altos Graus Maçônicos;
- b) A Grande Loja Simbólica Escocesa, Federação de Antigas Lojas Escocesas, que não admite Altos Graus.

Em 1897, um acordo estabelecido entre essas duas seções deu nascimento à **Grande Loja da França**. Caráter desse rito: espiritualismo eclético. É por este rito que a França liga-se aos ritos de outros países.

3º – O Rito de Misraim, decadente, caiu no ridículo por não ter nem vinte membros para constituir suas lojas, seu capítulo e seu areópago.

Retomemos rapidamente a história de cada rito:

2. – A FRANCO-MAÇONARIA DESDE SUA CRIAÇÃO ATÉ 1789

2.1 – O GRANDE ORIENTE E SUAS ORIGENS

O Grande Oriente da França nasceu de uma insurreição de alguns de seus membros contra as constituições e a hierarquia tradicionais da Franco-Maçonaria. Algumas linhas de explicação são aqui necessárias.

A Franco-Maçonaria foi fundada na Inglaterra por homens que faziam parte de uma das potentes fraternidades secretas do Ocidente: a *Confraria dos Rosa-Cruzes*. Esses homens, sobretudo Ashmole, tiveram a idéia de criar um centro de propaganda onde pudessem formar, sem que se soubesse abertamente, membros instruídos para a Rosa-Cruz. Assim, as primeiras lojas maçônicas foram mistas e compostas por obreiros reais e por obreiros da inteligência (livres maçons). Os primeiros trabalhos de Ashmole datam de 1646; mas foi somente em 1717 que a Grande Loja de Londres foi constituída. Foi essa Loja quem forneceu as cartas regulares às Lojas francesas de Dunkerque (1721), Paris (1725), Bordeaux (1732) etc...

As lojas de Paris multiplicaram-se rapidamente, nomearam um Grão-Mestre para a França, o Duque D'Antin (1738 a 1743), sob influência do qual foi idealizada e publicada a Enciclopédia, como veremos adiante. Eis a origem real da revolução realizada inicialmente no plano intelectual, passando após ao plano formal. Em 1743, o Conde de Clermont

sucedeu ao Duque d'Antin como Grão-Mestre e tomou a direção da *Grande Loja Inglesa da França*. Esse conde de Clermont, muito negligente para ocupar-se seriamente dessa sociedade, nomeou substituto um mestre de dança, *Lacorne*, indivíduo intrigante e de costumes deploráveis. Esse Lacorne fez entrar nas lojas grande quantidade de indivíduos de sua espécie, o que originou a cisão entre a loja constituída por Lacorne (Grande Loja Lacorne) e os antigos membros que formavam a *Grande Loja da França* (1756).

Após uma tentativa de reconciliação entre as duas facções rivais (1758), o escândalo tornou-se tão grande que a polícia interveio e fechou as lojas de Paris.

Lacorne e seus adeptos aproveitando-se desse acontecimento, obtiveram o apoio do

Duque de Luxemburgo (15 de junho de 1761) (29). Fortes por esse apoio, conseguiram

entrar na Grande Loja de onde tinham sido banidos. Fizeram nomear uma comissão de

controle, cujos membros foram previamente comprados. Ao mesmo tempo, os irmãos do

Rito Templário (Conselho dos Imperadores) associaram-se em segredo às intrigas dos

comissários e, em 24 de dezembro de 1772, um verdadeiro golpe de estado maçônico foi

dado pela supressão da inamovibilidade dos presidentes das Lojas e pelo

estabelecimento do regime representativo. Revoltados vitoriosos fundaram, desse modo,

o *Grande Oriente da França*. Um maçom contemporâneo pode escrever: "*Não é demais*

dizer que a revolução maçônica de 1773 foi a precursora e o estopim da Revolução de 1789" (30)

O que se faz necessário enfatizar é a ação secreta dos irmãos do Rito Templário. Foram eles os verdadeiros fomentadores das revoluções; os demais não passaram de dóceis agentes. Assim, o leitor poderá compreender nossa afirmação: O Grande Oriente nasceu de uma insurreição. Retornemos sobre dois pontos: a) *A Enciclopédia* (Revolução Intelectual); b) *A História do Grande Oriente de 1773 a 1789*.

2.2 – A ENCICLOPÉDIA

Dissemos que os fatos sobre os quais os historiadores baseiam-se foram, na maioria dos casos, conseqüência de ações ocultas. Ora, pensamos que a revolução não seria possível se esforços consideráveis não tivessem sido feitos precedentemente, para orientar em um novo caminho a intelectualidade da França. É agindo sobre os espíritos cultivados, criadores da opinião, que se prepara a revolução social. Iremos encontrar, agora, uma prova decisiva sobre esse fato.

Em 25 de junho de 1740, o Duque D'Antin, Grão-Mestre da Franco-Maçonaria da França, pronunciou um importante discurso no qual anunciou o grande projeto em curso, como demonstra a seguinte citação:

"Todos os Grão-Mestres da Alemanha, Inglaterra, Itália e de outros lugares, exortam todos os sábios e artesãos da confraternidade a se unirem para fornecer os materiais de um dicionário universal das artes liberais e das ciências úteis, exceto teologia e política. Já se começou a obra em Londres; e pela reunião de nossos confrades, poder-se-á conduzi-la à perfeição em poucos anos".

Amiable e Colfavru, em seus estudos sobre a Franco-Maçonaria no séc. XVIII, compreenderam perfeitamente a importância desse projeto, pois, após terem falado da *Enciclopédia Inglesa* de Chambers (Londres 1728), acrescentam:

"Bem mais prodigiosa foi a obra publicada na França, contendo 28 volumes infólio, sendo 17 com texto de 11 com gravuras, aos quais foram acrescentados, em seguida, cinco volumes suplementares, obra cujo autor principal foi Diderot, secundado por uma plêiade de escritores de elite. Mas não lhe bastava ter colaboradores para a boa execução de sua obra; foi-lhe necessário potentes protetores. Como poderia ter sido protegido sem a Franco-Maçonaria?"

"Além disso, as datas aqui são demonstrativas: O Duque D'Antin pronunciou seu discurso em 1740; sabe-se que, desde 1741 Diderot preparava sua grande empresa. O privilégio indispensável à publicação foi obtido em 1745. O primeiro volume da Enciclopédia apareceu em 1751".

Assim a revolução já se manifestava em duas etapas: a) *Revolução Intelectual*, originada da *Enciclopédia*, com apoio da Franco-Maçonaria Francesa, sob a alta impulsão do Duque D'Antin (1740); b) *Revolução Oculta* nas lojas, promovida em grande parte pelos membros do Rito Templário e executado por um grupo de Franco-Maçons expulsos, depois anistiados do Duque de Luxemburgo (1773) e presidência do Duque de Chartres.

A revolução patente na sociedade, isto é, a aplicação à sociedade das constituições das lojas não tardou. Retomemos a história do Grande Oriente no ponto onde a deixamos. Uma vez constituída, a nova potência maçônica apelou a todas as lojas para ratificar a nomeação do Duque de Chartres como Grão-Mestre. Ao mesmo tempo (1774), o Grande Oriente instalava-se no antigo noviciado dos Jesuítas, à rua do Pot-de-Fer, procedendo à expulsão das ovelhas sarnentas. Centro e quatro lojas aderiram ao novo estado de coisas; mais tarde, 195 (1776); finalmente, em 1789 havia 629 lojas em atividade.

Mas um fato, em nossa opinião considerável, produziu-se em 1786. Os capítulos do Tiro Templário tornaram-se oficialmente aliados ao Grande Oriente, chegando a fundir-se com ele. Vimos como os irmãos desse rito ajudaram na revolta de onde nasceu o Grande Oriente. Passemos a resumir, agora, a história do Rito Templário.

2.3 – O RITO TEMPLÁRIO E O ESCOCISMO

A Franco-Maçonaria, como vimos, foi estabelecida na Inglaterra por membros da Fraternidade dos Rosa-Cruzes, desejosos de constituir um centro de propaganda e recrutamento para sua ordem. A Franco-Maçonaria Inglesa possuía somente três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Em razão disso, a Franco-Maçonaria Francesa e o Grande Oriente, seu ramo principal, eram formados por membros possuidores apenas dos três primeiros graus. Mas, logo determinados homens pretenderam ter recebido uma iniciação superior, de acordo com os mistérios da fraternidade dos Rosa-Cruzes. Os ritos criaram-se concedendo graus superiores ao grau de Mestre, chamados altos graus. O espírito dos ritos dos graus superiores, assim criados, era naturalmente diferente daquele da maçonaria propriamente dita. Foi assim que RAMSAY instituiu o *Sistema Escocês*, cuja base era política e cujo ensinamento tendia a fazer de cada irmão um vingador da Ordem do Templo (31). Eis porque demos o nome de Rito Templário a essa criação de RAMSAY.

As reuniões dos irmãos detentores de altos graus passaram a denominar-se não mais lojas, mas capítulos. Os principais capítulos estabelecidos na França foram:

1º – *O Capítulo de Clermont* (Paris 1752), de onde saiu o Barão de Hunt, criador da alta maçonaria alemã ou iluminismo alemão;

2º – Após o capítulo de Clermont, nasceu o *Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente* (Paris, 1758), do qual certos membros, separando-se de seus irmãos, formaram:

3º – *Os Cavaleiros do Oriente* (Paris, 1763), cada uma dessas potências expediu cartas de lojas e os principais irmãos (Tshoudy, Boileau, etc.) criaram ritos especiais no interior da França.

Em 1782, o Conselho dos Imperadores e os Cavalheiros do Oriente uniram-se para formar o *Grande Capítulo Geral da França*, cujos principais membros tinham ajudado na constituição do Grande Oriente por suas intrigas. Assim, também vemos em 1786, esses irmãos realizarem a fusão do *Grande Capítulo Geral da França*. Qual foi o resultado dessa fusão? Os membros do Grande Capítulo, bem disciplinados, perseguindo um objetivo preciso e sendo *inteligentes*, puderam dispor do *número* fornecido pelo Grande Oriente. Compreende-se agora a gênese maçônica da Revolução Francesa. A maior parte dos historiadores confunde esses membros do Rito Templário, verdadeiros inspiradores da revolução (32), com os Martinistas.

3. – A FRANCO MAÇONARIA DE 1789 A 1898

3.1 – HISTÓRICO

Seguimos a história do Grande Oriente e do Rito Templário até 1789; continuemo-la até nossos dias.

- a) *Grande Oriente* – O Grande Oriente possui a tradição mais ou menos integral dos três primeiros graus e após 1786, detém igualmente a tradição dos graus templários e de outros graus formando a Maçonaria de perfeição com 25 graus, analisada a seguir. Um grande colégio de ritos foi encarregado de conservar essa tradição que permitia realizar os maçons saídos do Grande Oriente com os do resto do universo. Em 1804, um acordo foi estabelecido, durante alguns meses, que concedia ao Grande Oriente o poder de conferir os graus 31, 32, 33 por intermédio do Rito Escocês, do qual falaremos adiante.

Mas sob pretexto de livrar a Franco-Maçonaria das superstições e dos erros do passado, os membros do Grande Oriente, instigados pelos deputados das Lojas do interior, cada qual mais ignorante do valor dos símbolos, transformaram ao gosto da multidão eleitoral o legado que lhes tinham confiado e tornaram-se um centro de política ativa, professando abertamente o materialismo e o ateísmo. Em 1885, a transformação estendeu-se ao Colégio dos Ritos, ainda depositário de um resto de tradição. O elo que unia a maior parte dos maçons franceses ao resto do universo foi definitivamente rompido.

No momento em que tinha maior necessidade de estender sua influência ao exterior, exercer uma vigilância efetiva na ação das potências estrangeiras no interior dos centros maçônicos de outros países, a França estava excluída da comunidade maçônica internacional por culpa do Grande Oriente. Por ocasião da Exposição Universal de Chicago, quando o presidente do novo Conselho dos Ritos (o mais alto oficial do Grande Oriente) apresentou-se à porta das Lojas americanas, foi colocado na rua como um vulgar profano, como na realidade ele era, para os verdadeiros maçons.

Eis o teor de tão grave ato cometido em 1885:

"Por decreto promulgado em 9 de novembro de 1885, o Grande Oriente da França, conforme decisão tomada em 31 de outubro último pela Assembléia Geral das Lojas Simbólicas da Obediência, ordena a dissolução do Grande Colégio dos Ritos e encarrega o Conselho da Ordem de velar por sua reconstituição".

O grande chanceler protestou da seguinte maneira, mas em vão:

"Vós me enviastes uma ampliação do decreto da Assembléia Geral das Lojas Simbólicas, com data de 31 de outubro último (1885), pronunciando a dissolução do Soberano Conselho dos Grandes Inspectores Gerais do Rito Escocês Antigo e Aceito, que sob o título de Grande Colégio dos Ritos, constitui, no seio do Grande Oriente da França, o Supremo Conselho para a França e Colônias Francesas". "Esta decisão, que sob pretexto de reorganização, derrubou todos os princípios e

todas as tradições da Franco-Maçonaria Universal, é absolutamente ilegal pela incompetência de todos aqueles que a tomaram”.

FERDEUIL

(Grande Chanceler do Grande Conselho dos Ritos)

Todos os esforços possíveis foram feitos no Grande Oriente para ocultar aos irmãos que entravam na Ordem a maneira pela qual os membros desse rito são julgados no exterior e tomou-se o cuidado de dizer-lhes que não seriam recebidos em nenhuma parte uma vez saídos da França ou de qualquer uma de suas colônias. As grandes palavras de razão, superstição esmagada, princípios de liberdade, etc., substituem as tradições da Maçonaria Universal. Esses grandes simplórios ficam ainda bem lisonjeados quando um maçom de origem estrangeira vem, *como visitante*, verificar se a separação da França e do resto do mundo ainda continua. Recebe-se o visitante com grandes honras, mas este, retornando, esforçar-se-á em colocar na rua o venerável da loja francesa, se ousar apresentar-se, por seu turno, a uma reunião em seu país. Assim, o Grande Oriente está destinado a desaparecer, mesmo com sua prosperidade aparente, se não retornar rapidamente a uma melhor compreensão dos interesses reais do País.

Terminaremos esta exposição, citando algumas palavras de Albert Pike: "O Grande

Oriente da França esteve sempre nas mãos dos três "I": Ignorantes, Imbecis e Intrigantes".(33)

3.2 – O ESCOCISMO

Em 1786, o Rito Templário fundiu-se com o Grande Oriente. Esse Rito Templário era composto de 25 graus; deixando de lado seu objetivo de vingança política, era de fato um rito de perfeição, onde os maçons ordinários foram levados a conhecer alguns ensinamentos concernentes à tradição cabalística dos Templários. Ora, em 1761, isto é, antes da fusão com o Grande Oriente, o Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente tinha dado a um judeu denominado Morin os poderes necessários para estabelecer o sistema templário na América, para onde esse tal Morin deslocou-se.

Quando Morin chegou ao seu destino, apressou-se em dar o 25º grau a muitos de seus camaradas, os quais em comum acordo com ele, iniciaram por sua vez inúmeros cristãos em 1797.

Quando os novos iniciados sentiram-se suficientemente fortes colocaram seu iniciador na rua e, separando-se dele, acrescentaram 8 graus herméticos aos 25 já existentes, e elevou o número de graus do sistema escocês a 33. Foi assim que fundaram em Charleston, em 1801, um Supremo Conselho que deveria, em seguida, conquistar uma grande influência. Por que esse número de 33 graus? Um antigo maçom, possuidor desse grau, Rosen, disse que esse número representa o grau de latitude de Charleston, e isso pode ser maliciosamente verdadeiro; pois, como veremos, o número de graus pouco importa, desde que o sistema maçônico seja realmente sintético. A relação dos presidentes do Rito Escocês da América, desde seu nascimento, é a seguinte:

Conta-se entre nomes *Grasse-Tilly*. Foi ele quem retornou à Europa em 1804, trazendo o sistema de 33 graus, com o poder de constituir areópagos. Foi precedido de alguns meses por outro iniciado direto de Morin, um tal de Hacquet, cuja tentativa não gerou nada imediato.

Grasse-Tilly e os irmãos que tinha iniciado fizeram um acordo com o Grande Oriente em 1804; esse tratado foi rompido por *comum acordo* em 6 de setembro de 1805. Sublinhamos esse "comum acordo" e enviamos o leitor a Ragon (ortod. Maç., p.313) para os detalhes que provam em oposição ao que diz Rosen em seu livro (*Satã e Cia.*), que não houve histórias de dinheiro nesse negócio.

O que se infere de tudo isso, é que os pretensos graus maçônicos dados por Frederico da Prússia são de invenção de Bailache, em colaboração com Grasse-Tilly.

Entre 1806 e 1811, o Supremo Conselho fundado por Grasse-Tilly só expedia os mais altos graus, 31º, 32º e 33º, deixando ao cargo do Grande Oriente a expedição dos demais. Em 1811, o Supremo Conselho declara-se independente. Em 1815, De Grasse-Tilly retornou dos "Pontons" ingleses e fundou um novo Supremo Conselho. O antigo Supremo Conselho colocou Grasse-Tilly em julgamento e o condenou. Mas o novo Supremo Conselho, presidido pelo Duque Decaze, tomou uma tal importância que em 1820 o antigo uniu-se a ele e em 1821 foi constituído o *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para a França e suas Colônias*.

Em 1875 teve lugar em Lausana um convento importantíssimo dos diversos Supremos Conselhos Escoceses. Em 1879, algumas lojas escocesas de Paris separam-se do Supremo Conselho, protestando contra a existência dos altos graus e fundaram a *Grande Loja Simbólica Escocesa*, que se tornou mais tarde muito potente. Durante esse tempo, os negócios do Supremo Conselho iam mal e a penúria de fundos tornou-se tal que em 1897 o Supremo Conselho teve que ceder um pouco e entender-se com as lojas rebeldes. Segundo esse entendimento, o Supremo Conselho passou à Grande Loja Simbólica todas as suas lojas e guardou somente os capítulos e aréopagos. Assim se constituiu a Grande Loja da França, que cometeu logo um grave erro com a supressão da menção do Grande Arquiteto em suas pranchas o que permitiu cortar o fraco elo de ligação que ainda unia a França ao estrangeiro.

3.3 – O RITO DE MISRAIM

O que podemos dizer do último rito que nos resta falar, o *Rito de Misraim*? Eis como Clavel relata sua fundação:

"Foi em 1805 que vários irmãos de costumes desacreditados, não podendo ser admitidos na composição do Supremo Conselho Escocês, fundado nesse mesmo ano em Milão, imaginaram o regime misraimita. Um irmão, Lechangeur, foi encarregado de recolher elementos, classificá-los, coordená-los e redigir um projeto de estatutos gerais. No início, os postulantes só podiam chegar ao 87º grau. Os três outros, que completavam o sistema, foram reservados aos Superiores Incógnitos, os nomes desses graus foram ocultados aos irmãos dos graus inferiores. Foi com essa organização que o Rito de Misraim espalhou-se no reino da Itália e Nápoles. Ele foi adotado sobretudo por um capítulo da Rosa-Cruz, chamado "La Concorde" que tinha sua sede nos Abruzzes. Na parte inferior de um diploma expedido em 1811 pelo capítulo ao irmão B. Clavel, comissário das guerras, figura a assinatura de um dos chefes do rito, o irmão Marc Bedarride, que na época só tinha o grau 77º. Os irmãos Lechangeur, Joly e Bedarride trouxeram para a França, em 1814, o Misraimismo". (34)

Após 1814, o rito se enfraqueceu rapidamente. Atualmente possui em Paris no máximo vinte membros, constituindo sua única loja, seu capítulo e seu areópago; estando praticamente excluído da Maçonaria Universal.

3.4 – GRANDE ORIENTE E ESCOCISMO

É muito curioso ver os que transformam completamente o depósito de tradições e de símbolos, que lhes foram confiados, desconhecerem os caracteres da grande fraternidade universal da Franco-Maçonaria ao ponto de se tornarem indignos de todas as iniciações da terra. É curioso, repito, ver os descendentes de Lacorne tomar grande ares de dignidade para solicitar aos irmãos do Rito Escocês seus arquivos e sua Filiação. Através de Grasse-Tilly, Francken e Morin, os maçons escoceses ligam-se diretamente a Ramsay e aos templários. Eles tem, pelo menos, o mérito de não haverem subvertido em demasia sua tradição, apesar dos defeitos. Enquanto o Grande Oriente, tendo abandonado em 1773 suas constituições originais e destruído em 1885 seu Grande Colégio de Ritos, para transformá-lo em uma praça parlamentar, só tem da Franco-Maçonaria o nome e está condenado a desaparecer bruscamente, desde que os franceses do Rito Escocês tenham a coragem de se recuperar, de deixar de lado as questões de dinheiro e de reconstituir uma Maçonaria Nacional espiritualista, solidamente ligada ao resto do Universo.

Mas, admitamos que esse fato não se produza. Vamos supor que os procedimentos daqueles que sonham em isolar definitivamente a França, mãe, para Morin, de todos os Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito atuais, vencessem, e que a iniciadora pareça definitivamente morta para aqueles que foram iniciados por ela. Alguém iria acreditar que a lenda de Hiram não se tornaria uma viva realidade? Que os Iluminados não tornariam a criar aquilo que já fora feito anteriormente por eles? Veríamos nascer uma nova forma maçônica adaptada à nossa época e baseada nos mesmos princípios pelos quais foi gerada outrora. Em breve essa criação seria suficientemente forte para impor-se em todos os lugares, sem pergaminho, sem árvore genealógica, bastando uma ordem do Invisível a um dos *Superiores Incógnitos* que velam sempre dentro de um plano ou de outro. E os restos das velhas e anteriores criações afundar-se-iam rapidamente, se fosse necessário. Pois, além de sua filiação templária, cujo objetivo sempre foi perigoso para a tolerância de um Martinista, o Rito Escocês conquistou o direito de grande naturalização, por suas próprias forças e pelo seu caráter verdadeiramente internacional.

Enquanto que um maçom do Grande Oriente não poderá entrar em nenhuma loja fora da França ou de suas Colônias, o maçom escocês será fraternalmente recebido dentro da jurisdição dos vinte e sete Supremos Conselhos, originados de Charleston. O quadro a seguir mostra essa filiação para os principais Supremos Conselhos. Da mesma forma, se os Iluminados julgarem necessário reconstruir um centro já existente para o estudo e a prática do simbolismo, em vez de criar um novo centro, será ao Escocismo que dariam essa função, de preferência, pois é o único rito capaz de tirar a Maçonaria francesa do ateísmo e do baixo materialismo, onde poderá perder-se definitivamente.

4. – OS GRAUS MAÇÔNICOS, CONSTITUIÇÃO PROGRESSIVA

DOS 33 GRAUS DO ESCOCISMO

Não basta conhecer o resumo histórico dos diferentes ritos; é necessário que aprofundemos seu conhecimento (reservando a uma obra posterior um estudo completo e detalhado do simbolismo maçônico), para fornecer aos que se interessam pela Maçonaria ou pelo Iluminismo uma idéia acerca do caráter real dos ritos, sob o ponto de vista da tradição.

Antes de começar, devemos alertar os leitores em relação aos estudos clericais. Já falamos da tendência desses últimos em confundir o Iluminismo com a Maçonaria. Partindo - os escritores ligados ao clericalismo misturam à análise dos ritos maçônicos interpolações e

reflexões pessoais as mais grosseiras. Sob aparência de análise imparcial, lançam de vez em quando um pequeno comentário destinado a desviar o leitor confiante. Agindo assim, desempenham seu papel, que conhecemos por experiência pessoal. Eles foram dignos de experimentar o gênio literário de Léo Taxil, que deles zombou com tanta habilidade, mas que foi injuriado, guardando contudo integralmente suas idéias sobre o papel secreto do Ocultismo de nossa época. Iremos analisar as transformações do ritual, dando uma olhada geral sobre sua evolução histórica. O primeiro ritual maçônico que unificou os maçons espiritualistas aos da matéria foi composto pelos Irmãos Iluminados da Rosa-Cruz. Entre os mais conhecidos temos Roberto Fludd e Elias Ashmole.(35)

4.1 – A CHAVE DOS GRAUS SIMBÓLICOS

A – APRENDIZ

Os três primeiros graus foram estabelecidos sobre o ciclo quaternário aplicado ao número dez, isto é, sobre a quadratura *hermética* do círculo universal. O grau de Aprendiz deveria desvelar, ensinar e tornar a velar o primeiro quarto do círculo; o grau de Companheiro o segundo quarto e o grau de Mestre os dois últimos e o centro. O significado atribuído pelo revelador a cada grau deriva diretamente do simbolismo total do círculo e de sua adaptação particular.

A adaptação do círculo relaciona-se com o movimento da terra sobre si mesma. O primeiro quarto do círculo descreverá simbolicamente a saída da noite, das seis horas da manhã às nove horas; o segundo quarto do círculo a ascensão de nove horas ao meio-dia e os dois últimos quartos a descida em direção da noite, ou do meio-dia à noite. Neste caso, o Aprendiz será o homem da manhã, o sol que se eleva; o Companheiro, o homem do meio-dia ou sol pleno; o Mestre, o homem do sol que se põe. Se a adaptação do círculo se relaciona com a marcha (aparente) do Sol durante o ano, os quartos de círculo corresponderão às estações e representarão, respectivamente, a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno. O Aprendiz será, então, a semente que desabrocha; o Companheiro, a planta que floresce; o Mestre, a planta que frutifica e o fruto que cai da árvore para gerar novas plantas ao liberar as sementes que contém. Cada uma dessas adaptações pode ser aplicada ao mundo físico, ao mundo moral e ao mundo espiritual. Compreende-se, assim, como verdadeiros Iluminados poderiam conduzir à luz da Verdade, em direção da “Luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo”, em direção do Verbo Divino vivo, os profanos chamados à Iniciação. Mas, para isso, era absolutamente necessário que a chave fundamental e hermética dos graus e de sua adaptação fosse conservada por uma *universalidade oculta*. Tal foi o papel que se reservaram os Rosa-Cruzes e os iniciados judeu-cristãos. Eles possuíram sempre essas chaves que os escritores maçônicos só perceberam as adaptações; o presente trabalho, ainda que muito resumido, abrirá a esse respeito os olhos *daqueles que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir*. Que os outros nos insultem e nos acusem de adorar o diabo ou de servir aos Jesuítas; nós os deixaremos dizer o que quiserem e balançaremos os ombros.

Do ponto de vista alquímico, os três primeiros graus representam a preparação da Obra: os trabalhos do Aprendiz figuram os trabalhos materiais, os do Companheiro representam a busca do verdadeiro fogo filosófico e os do Mestre correspondem à colocação do mercúrio filosófico no Atanor e à produção da cor preta, de onde devem sair as cores brilhantes. É necessário não compreender as idéias e os trabalhos dos Rosa-Cruzes hermetistas, para não ver que os verdadeiros ocultistas estabeleceram seu plano iniciático segundo as regras estritas da adaptação de princípios e que a vingança de um pretendente excluído somente jogará um papel bem secundário nessa história toda. Vindo do mundo profano, o Aprendiz aí retornará mais tarde como Mestre, após ter adquirido a iniciação. Assim é figurado o caduceu hermético que dá a chave real minado, pois dividiu sua

iniciação pelo *quarto de círculo*. Não se pode passar de um plano a outro sem atravessar o reino que indica ao futuro iniciado a Câmara de Reflexões e seus símbolos.

O iniciado nada pode começar sozinho, sob pena de graves acidentes, devendo cercar-se de guias visíveis, experientes, como ensinam os discursos e as interrogações que ouvirá após sua entrada em loja. Mas os ensinamentos orais não teriam nenhum valor sem a experiência pessoal: tal é o objetivo *das viagens e das provas* dos diferentes graus.

B – COMPANHEIRO

O aprendiz cresce sem mudar de plano, passa dos trabalhos materiais aos trabalhos relacionados com as *forças astrais*; aprende a manejar os instrumentos que permitem transformar a matéria sob o efeito das forças físicas, manejadas pela inteligência; conscientiza-se de que além das forças físicas, existem forças de ordem mais elevada, figuradas pelo brilho da estrela flamejante: são as *forças astrais* que lhe permitem pressentir pelo símbolo da estrela flamejante. O aprendiz, tornando-se Companheiro, é instruído sobre a *história da Tradição*, em relação a seus primeiros elementos.

C – MESTRE

O companheiro ao tornar-se Mestre prepara-se para mudar de plano. Passará novamente pelo reino da obscuridade e da morte; mas desta vez passará sozinho, sem necessidade de guia. Fará de modo *consciente* o que fez inconscientemente na Câmara de Reflexões. Mas, antes disso, receberá a chave dos três graus e de suas relações, oculta na história de Hiram e de seus três assassinos.

Como já demonstramos (36), a adaptação solar da lenda de Hiram não passa da adaptação de um princípio bem mais geral: o giro do círculo no quaternário, com suas duas fases de evolução e de involução. É preciso lembrar que o iniciado não vai somente ouvir essa lenda: vai vivê-la tornando-se o personagem principal de sua reprodução. Aqui aparece um procedimento notável, colocado em prática por Ashmole, quando compôs esse grau em 1649 (os de Aprendiz e de Companheiro foram criados, respectivamente, em 1646 e em 1648). Para revelar ao iniciado a história da tradição, de maneira efetiva, seu iniciador fará que revise essa lenda. Essa será a chave dos graus superiores e de seu ritual. Esta constatação deverá estar sempre presente quando for preciso reformular os rituais, adaptando-os às novas épocas, sem distanciá-los de seu princípio de constituição.

4.2 – CONTRIBUIÇÃO DOS GRAUS TEMPLÁRIOS, RAMSAY

Para evitar toda obscuridade, e enumeração fastidiosa, acompanhemos a evolução histórica dos graus maçônicos. Aos três graus simbólicos, Aprendiz, Companheiro e Mestre, Ramsay acrescentou em 1738, três novos graus denominados *Escocês, Noviço e Cavaleiro do Templo*.

Esses graus são *exclusivamente Templários* e têm por objetivo fazer o recipiendário reviver: 1º o nascimento e a constituição da Ordem do Templo, que continua o Templo de Salomão; 2º a destruição exterior e a conservação secreta da Ordem; 3º a vingança contra os autores da destruição. Esta é a chave dos três graus adaptados à lenda de Hiram, religando o Templo de Jerusalém à Ordem de Jacobus Burgundus de Molay. Os maçons desejosos de conquistar os graus superiores deveriam instruir-se no Ocultismo e nos primeiros elementos de Cabala. Assim, o Noviço (denominado mais tarde *A Arca Real*) deveria aprender os seguintes nomes Divinos:

Iod (Principium)

Iah (Deus)

Iaô (Existens)

Ehieh (Sum, ero)

Elijah (Fortis)
Iahib (Concedens)
Adonai (Domini)
Elchanan (Misericors Deus)
Iobel (Jubilans)

Induziam-lhe, ao mesmo tempo, a estudar as relações das letras e dos números, bem como os primeiros elementos do simbolismo das formas. No grau de *Escocês* (denominado mais tarde *Grande Escocês*), acrescentavam-se outros estudos mais aprofundados sobre as correspondências na natureza. O quadro abaixo, referente às relações entre pedras e nomes Divinos, indicará os primeiros elementos desses estudos.

PEDRAS – NOME DIVINO GRAVADO – SIGNIFICADO

Sardônica MELEK (*Rex*)
Topázio GOMEL *Retribuens*
Esmeralda ADAR *Magnificus*
Carbúnculo IOAH *Deus Fortis*
Safira HAIN *Fons*
Diamante ELCHAI *Deus Vivens*
Sincura ELOHIM Dii (Sin, os Deuses)
Ágata EL *Fortis*
Ametista IA OH IA
Crisólito ISCHLJOB *Pater Excelsus*
Ónix ADONAI *Domini*
Berilo IEVE (Sum Qui Sum)

A iniciação nesses dois graus desenvolvia a união entre o Templo de Salomão e os Templários; ela se desenvolvia em lugares subterrâneos para demonstrar o estado em que a Ordem ficou. Era no grau de Cavaleiro do Templo (transformado mais tarde, parcialmente, no Kadosch) que o recipiendário era realmente consagrado vingador da Ordem do Templo. Transformava-se a iniciação em guerra política à qual os Martinistas nunca aderiram.

A frase seguinte, gravada no túmulo simbólico de Jacques de Molay, indicava que os procedimentos adotados para atingir o pórtico da segunda morte eram conhecidos dos que pertenciam a esse grau: "*Aquele que vencer os temores da morte sairá do seio da terra e terá o direito de ser iniciado nos grandes mistérios*". O detalhe da iniciação Kadosch, com suas quatro câmaras, a Negra, onde presidia o Grão-Mestre dos Templários, a Branca, onde reinava Zoroastro, a Azul, onde dominava o chefe do tribunal da Santa Vema (37) e a Vermelha, onde Frederico dirigia os trabalhos, indica que esse grau é o resumo de todas as vinganças e a materialização sobre a terra desse terrível livro de sangue, que se abre demasiadamente seguido no Invisível, quando Deus permite aos inferiores se manifestarem.

Esse grau sempre foi reprovado pelos Martinistas, que preferem a oração à vingança política, e que desejam ser soldados leais do Cristo, que disse: "*Aquele que ferir com a espada, morrerá pela espada*".

O Rito Templário compreendia, não somente esses quatro graus de Ramsay, mas ainda oito graus que Rosen, em seu livro *Satã Desmascarado* (com o qual deve ter colaborado algum bom clérigo, pois o autor é bastante instruído, para ter dito as ingenuidades contidas nessa obra), une sem razão, em nosso ponto de vista, aos graus escoceses do 19º ao 28º:

1º Aprendiz ou Iniciado;

- 2º Companheiro ou Iniciado do Interior;
- 3º Adepto;
- 4º Adepto do Oriente;
- 5º Adepto da Águia Negra de São João;
- 6º Adepto Perfeito do Pelicano;
- 7º Escudeiro;
- 8º Cavaleiro de Guarda da Torre Interior.

4.3 – O RITO DA PERFEIÇÃO

A – ANÁLISE DE SEUS GRAUS

Foi a esses graus templários que a constituição do Rito de Perfeição (1758) acrescentou o complemento do sistema maçônico inteiro, assim constituído:

1º – Uma seção histórica e moral, na qual o recipiendário revive a história do primeiro Templo de Jerusalém, de sua construção à sua destruição; em seguida, participa da descoberta do Verbo que, encarnando-se, dará nascimento ao Cristianismo e à Nova Jerusalém, da qual o recipiendário torna-se Cavaleiro. Analogicamente, essa seção histórica permitia profundas dissertações morais sobre a Queda e a Reintegração natural do ser humano.

2º – Uma seção hermética, consagrada ao desenvolvimento das faculdades anímicas do ser humano, cujas cerimônias iniciáticas reproduziam as fases do desdobramento astral e das adaptações alquímicas. Esta seção estava inserida em apenas dois graus do Rito de Perfeição: o Príncipe Adepto e o Príncipe do Segredo Real. 3º – A essas duas seções acrescentava-se, como dissemos, a seção Templária. Analisemos rapidamente os 25 graus do Rito de Perfeição, para esclarecer ainda mais a classificação precedente. Do 4º ao 15º graus, o Presidente da loja representa Salomão, um de seus ajudantes ou um de seus vassallos. Ocupa-se da construção do Templo, da vingança de Hiram ou de sua substituição.

É essa idéia de vingança que faz Rosen acreditar que os graus de Eleitos relacionavam-se com a *Santa Vema* (38); é um erro que um iluminado não teria cometido. A Santa Vema foi uma adaptação germânica dos vingadores pitagóricos, que imitavam os vingadores de Osiris, como compreendeu muito bem o autor do *Thuilleir do Escocismo*. Entretanto, Aulnaye não passou dos pequenos mistérios e não viu na iniciação senão o aspecto naturalista e o plano sexual, como fazem hoje em dia os clérigos. A citação seguinte irá nos esclarecer melhor a esse respeito:

"Se o terceiro grau da Maçonaria, o de Mestre, nos oferece o quadro da morte de Hiram, dito o Arquitecto do Templo, ou, antes a de Osiris, de Pan, de Thammuz, Grande Arquitecto da Natureza, com o Primeiro Eleito ecoa o primeiro grito de vingança, aquele que Horus efetuou contra os assassinos de seu pai, Júpiter contra Saturno, etc. Esse grande e permanente sistema de vingança, que se encontrava mais ou menos expresso em um grande número de graus, notadamente no de kadosh, remonta aos tempos mais longínquos. Independentemente da interpretação que se possa dar as operações da Natureza, que apresentam uma série de combates e de reações entre o princípio gerador e o princípio destruidor, ele pertence sobretudo à teocracia, o mais antigo sistema de Governo. Seguindo as diferentes circunstâncias onde são encontrados os fundadores das diferentes sociedades secretas e seguindo o espírito particular que os animava, estabeleceram a aplicação dessa vingança a esta ou àquela lenda, a este ou aquele fato histórico; a partir disso, tem-se a diferença dos ritos; mas os princípios fundamentais são sempre os mesmos". (39)

No 17º grau (Cavaleiro do Oriente e do Ocidente), chegamos à tomada de Jerusalém pelos Romanos e à destruição do Templo. A seguir, encontramos o grau verdadeiramente cristão da Maçonaria, o 18º, ao qual os Rosa-Cruzes deram o nome de sua Ordem e onde ocultaram a parte mais pura da Tradição. Os materialistas, confusos, dizem que esse grau é criação dos Jesuítas, e estes, comovidos por verem a Cruz e o Cristo Glorioso dentro de um Templo Maçônico, dirão que esse grau é uma criação de Satã. Como observamos, há de tudo para todos os gostos. O grau da Rosa-Cruz Maçônica é a tradução física dos mistérios que conduzem ao

título de Irmão Iluminado da Rosa-Cruz, que não pertence à Franco-Maçonaria, mas à sua criadora, a Sociedade dos Iluminados. Um Rosa-Cruz Maçom, quando conhece bem seu grau, pode ser considerado como um Aprendiz Iluminado e possui todos os elementos de um alto desenvolvimento espiritual, como veremos na análise desse grau.

B – A ROSA-CRUZ MAÇÔNICA

A iniciação no grau Rosa-Cruz maçônico exige quatro câmaras: a Verde, a Preta, a Astral e a Vermelha, que se reduzem na prática a três, pela supressão da primeira. O Tema do grau refere-se à Palavra Perdida, necessária à reconstrução do Templo. O recipiendário a descobre; é o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo: **INRI**. Graças a essa palavra, atravessa a região astral em sua seção inferior ou infernal e eleva-se à Câmara da Purificação cristã e da Reintegração. Do ponto de vista alquímico, representa: a criação da pedra na cor vermelha, pela descoberta das forças astrais; a saída da cabeça do corvo e a passagem à fênix ou ao pelicano. Do ponto de vista moral, representa o nascimento, no homem, da centelha do Verbo Divino, que se encontra encarcerada no interior de sua alma, pelo exercício da oração, da caridade, do sacrifício e da submissão ao Cristo.

Experimentai explicar isso a um mercador de vinho, cabo eleitoral e dignatário do Grande Oriente, ou a um R. P. Jesuíta. O primeiro irá substituir a Fé, Esperança e Caridade por sua preciosa divisa "Liberdade, Igualdade e Fraternidade"... ou a morte; e o segundo desejará encontrar anagramas que transformem o nome de Cristo no nome do Príncipe deste mundo, pois não admite que se possa compreender o Cristo sem passar pelos que pensam ser o único clero Divino sobre a terra. Para o clérigo, tudo não passa de "Gnosticismo", pois emprega sempre esse nome para designar aquilo que não compreende.

Retomemos a análise da iniciação nesse grau. A Câmara Verde Lembra a primeira evolução do recipiendário nos graus simbólicos. A Câmara Preta vai abrir-lhe as portas da segunda morte, indicando uma mudança de plano. Ela é pintada de preto, com lágrimas de prata.

A destruição do Primeiro Templo é representada pelas colunas quebradas e pelos instrumentos esparramados pelo solo. Somente três colunas permanecem em pé e podemos ler: *Fé*, a Sudoeste; *Esperança*, a Sudeste; e *Caridade*, a Noroeste. A Leste, encontra-se um dos símbolos mais profundos: uma cruz com uma rosa na interseção de seus braços, símbolo da criação pelo homem de seu ser espiritual. Além desse símbolo, disposto sobre a mesa coberta com uma toalha preta, encontram-se os instrumentos da construção material: o compasso, o esquadro e o triângulo. Essa mesa está colocada diante de uma grande cortina que, abrindo-se, mostrará o Cristo crucificado, iluminado por dois círios em cera de cor solar. É lá que o recipiendário reencontrará a "Palavra Perdida", após ter criado em si próprio a *Fé*, através do trabalho pessoal, e a *Caridade*, que lhe abrirá as grandes portas da *Esperança* e da *Imortalidade*. Essa imortalidade será adquirida imediatamente à certeza simbólica, pois com o rosto coberto por um véu negro penetrará, *com a ajuda daqueles que o precederam* na Câmara que chamamos Astral, denominada comumente infernal. Esclarecemos, contentando igualmente ao Sr. Antonini (40), que o inferno dos católicos é denominado "Plano Astral Inferior" pelos ocultistas. Para se chegar às regiões celestes, é necessário atravessar o plano astral e vencer, pela pureza moral e pela elevação espiritual, as larvas e os seres que povoam essa região do Invisível. O céu envia a seus eleitos os guias necessários para atravessar esta região. O autor de "*Pistis-Sofia*" (41) dá-nos informações interessantíssimas sobre esse assunto. Mas os ocultistas colocam as larvas e os demônios nos seus devidos lugares e não os adoram, reservando suas orações ao Cristo ou à Virgem. É absolutamente necessário triunfar dos demônios para se alcançar o plano celeste. Não se pode triunfar nesse aspecto a não ser seguindo os preceitos evangélicos, segundo o método do Ocidente; ou seguindo a revelação dos mestres no Oriente. Todo homem de bem, seja Cristão, Muçulmano ou Budista, alcançará o Céu quando segue a palavra de Deus; e todo criminoso, seja Papa, Padre Católico, Judeu, Protestante, ou um simples leigo de uma religião qualquer, entrará em contato com os seres do Plano Astral, até o momento da dissolução de

suas cascas, a menos que a piedade Divina apague os clichês dos seus pecados. Eis porque Dante viu vários Papas no Inferno. Esta câmara astral é formada por material transparente em cada canto, onde se encontra um esqueleto para indicar que a morte é a única porta de entrada ou saída desta câmara. Sobre o material transparente, pintam-se larvas e seres astrais quaisquer, que o recipiendário perceberá levantando o véu que cobre sua cabeça. Ele chega, enfim, à Câmara Vermelha, iluminada por 33 luzes.

No Oriente, sob um dossel, o recipiendário depara-se com um admirável símbolo. No alto, uma estrela flamejante portando a letra (Schin) invertida, para indicar a encarnação do Verbo Divino na natureza humana. Embaixo, vê-se um sepulcro aberto e vazio para mostrar que o Cristo triunfou da morte, indicando, assim, o caminho a todos aqueles que quiserem segui-lo.

É também nesta direção que fica o estandarte do capítulo sobre o qual é gravado o Pelicano, em pé sobre o seu ninho, alimentando seus sete filhos com o próprio sangue, que verte ao furar o peito com o bico. Este Pelicano porta no peito a Rosa-Cruz. Este é o símbolo do verdadeiro cavaleiro do Cristo, representação da ação incessante da luz Divina que faz reviver mesmo aqueles que cometem atrocidades em seu nome, como o sol que ilumina os bons e os maus, espalhados sobre as sete regiões planetárias de seu sistema.

As inscrições das colunas, *Infinidade* e *Imortalidade*, caracterizam a transformação espiritual das virtudes ao iluminar a Câmara Negra. Esta iniciação apoia-se em quinze pontos de instrução, que transformam sucessivamente o recipiendário em Cavaleiro de Heredom, Cavaleiro da Guarda da Torre e Rosa-Cruz. Essas instruções referem-se aos seguintes pontos: 1º Mestrado; 2º números 9, 7, 5, e 3; 3º pedra angular; 4º mistérios da arca e da imortalidade (Enoque e Elias); 5º as montanhas da salvação, o Moria (42) e o Calvário, em todos os planos; 6º o Atanor hermético (43); 7º as virtudes morais nascidas do esforço espiritual; 8º a resistência às paixões (guarda da Torre); 9º o simbolismo astral; 10º o simbolismo geral; 11º o simbolismo dos números; 12º a Jerusalém Cristã e o novo Templo Universal; 13º as três luzes cristãs: Jesus, Maria e José; 14º a Palavra Perdida; 15º Consumatum est.

Observamos, finalmente, que os iluminados haviam transmitido à Maçonaria, neste grau, seu sistema de redução cabalística dos nomes em suas consoantes e os cinco pontos, figurando a aprendizagem do Iluminismo.

Os graus seguintes: 19º, Grande Pontífice; 20, Grande Patriarca; 21, Grão-Mestre da chave; 22, Príncipe do Líbano; continuam a colocar em ação a tradição histórica. O último grau, Príncipe do Líbano, tornou-se o Cavaleiro do Real Machado do Escocismo. Ele começa a série dos verdadeiros graus herméticos, consagrados ao desenvolvimento das faculdades espirituais (44).

O tema iniciático desses graus herméticos relaciona-se com a parte da vida em que Salomão dedicou-se ao estudo da Magia e da Alquimia. Vemos Salomão submetido às provas da segunda morte, abandonando os ídolos pelo verdadeiro Deus e retornando à verdadeira fé pela Ciência. Trata-se da retomada sobre um outro plano da alegoria histórica dos graus precedentes. Na Maçonaria de Perfeição, os graus herméticos estavam inseridos nos seguintes graus: 22, Príncipe do Líbano; 23, Príncipe Adepto e 25, Príncipe do Segredo Real.

Encontramos no grau de Príncipe Adepto, tornado 28º do Rito Escocês, Cavaleiro do Sol, os estudos teóricos sérios que formam a base de toda prática real. Estudaremos detalhadamente esta seção, em função do Escocismo e das modificações que esse rito introduziu nos graus herméticos. Como vemos, o Rito de Perfeição continha todo o sistema maçônico. As transformações recebidas limitam-se apenas ao desenvolvimento dos graus já existentes no "Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente". Passemos ao Escocismo, enumerando antes as seguintes classes que englobam os graus desse rito, como segue:

1ª classe – 1,2,3;

2ª classe – 4,5,6,8 e 8;

3ª classe – 9,10 e 11;

4ª classe – 12, 13 e 14;

5ª classe – 15, 16, 17, 18 e 19;

6ª classe – 20, 21 e 22;

7ª classe – 23, 24 e 25.

Maiores detalhes podem ser obtidos no quadro geral dos ritos, apresentados no fim deste capítulo.

C – ESCOCISMO, RAZÃO DE SER DE SEUS NOVE GRAUS, ILUMINISMO, REINTEGRAÇÃO E HERMETISMO

Chegamos ao Escocismo propriamente dito, isto é, ao desenvolvimento dos últimos graus do Rito de Perfeição. Como dissemos, os mistérios do desdobramento consciente do ser humano, que se convencionou denominar *saída consciente do corpo astral*, e que caracterizava o batismo nos templos antigos, foram desenvolvidos para constituírem os graus escoceses, acrescidos pelo Supremo Conselho de Charleston, cerca de 1802, ao sistema levado por Morin.

Não é justo, pois, ver nesses graus apenas coisas superficiais e inúteis. Eles terminam a progressão do aperfeiçoamento do ser humano, ao lhe dar a chave do desenvolvimento das faculdades supra-humanas, pelo menos para uso na vida atual. Denominamos *chave*, pois na iniciação não pode dar outra coisa.

O que importa, agora, se essas luzes forem dadas a homens que não irão ver nelas senão um simbolismo ridículo; ou que ceguem os clérigos que procurarão nesse simbolismo somente phalos e ctéis, segundo seu louvável hábito; pois essas pessoas possuem um cérebro desse feitio, que não vêem senão isso em todos os lugares, com uma diabo qualquer como chefe de orquestra. Coitados! A iniciação vai retrair as diversas fases da travessia consciente dos planos astrais, com seus perigos, seus obstáculos e seu coroamento, que é o de vencer o círculo do inferno astral para elevar-se, se a alma for digna, às diversas regiões celestes. O tema representará, como dissemos, o recipiendário sob a figura de Salomão ocultista, dirigindo Hiram e participando ativamente das operações. O grau 22, *Cavaleiro do Machado Real*, relaciona-se às preparações *materiais* das operações, figuradas pelas copas dos cedros sobre o Monte Líbano e pelo machado consagrado.

O 23º grau, chefe do Tabernáculo, relaciona-se com as indicações concernentes ao plano em que se vai operar, isto é, a natureza astral. A sala é perfeitamente circular, iluminada por sete luzes principais e 49 (=13, número da passagem pelo astral) luzes acessórias. A palavra sagrada IEVE e a palavra de passe é o nome do Anjo do Fogo que deverá vir assistir ao operador no início dos operadores que invocam as forças inferiores do astral, pensando progredir mais rapidamente por esses meios. Podem, com isso, perder a comunicação com o Céu e ser enganados pelo demônio. Esse erro é figurado pelos ídolos que Salomão sacrificou. O recipiendário deve sair triunfante desse primeiro contato com a região astral.

A seguir, aborda o plano onde estão gravados os *clichês astrais*. Vê a palavra de Deus, os doze mandamentos e os evangelhos, escritos sobre o livro eterno; executa então a primeira *viagem em Deus* (palavra de passe do 24º grau). É lá que atinge o plano de êxtase onde se encontrava Moisés quando viu se iluminar a sarça ardente. Tendo passado pelo plano astral, aborda o plano Divino, obtendo, assim, a primeira manifestação da harmonia celeste (25º grau). O recipiendário possui a cruz como sinal, a palavra sagrada é Moisés, a palavra de passe é INRI, indicando a união dos dois Testamentos. As correntes que envolvem o recipiendário indicam o peso da matéria e das cascas, que paralisam a ação do Espírito no plano Divino; a serpente de bronze, enroscada em volta da cruz, indica a dominação do plano astral (a serpente) pelo homem regenerado pelo Cristo (a cruz). Os clérigos, para seu grande pesar, não conseguiram ver o diabo nesse grau. Aqui geralmente passam em silêncio. Seguindo sua evolução no plano Invisível, o recipiendário aborda os diversos planos da região celeste (26º grau, Escocês Trinitário ou Príncipe da Misericórdia). Passará pelo primeiro, segundo e terceiro céus; no lugar dos demônios do plano astral, entrará em contato com os silfos e os recebedores celestes. Nesta parte, ouve-se os cacarejos irônicos dos ignorantes

quando se ocupam desse grau, e os alegres comentários dos clérigos. Mas continuemos. O recipiendário recebe *asas* como marca de sua ascensão ao plano Divino. O catecismo contém estas frases características:

P.: Sois Mestre Escocês Trinitário?

R.: Eu vi a Grande Luz e sou, como vós, *Perfeito* pela *Tríplice Aliança* do sangue de Jesus Cristo, do qual portamos a marca.

P.: Qual é essa Tríplice Aliança?

R.: Aquela que o Eterno fez com Abraão pela circuncisão; aquela que fez com seu povo no deserto, pela intermediação de Moisés; e aquela que fez com os homens pela morte e paixão de Jesus Cristo, seu filho Bem-Amado. No grau seguinte (27º), Grande Comendador do Templo, o recipiendário é admitido na *Corte Celeste*. A jóia contém as letras hebraicas, isto é **INRI**. O sinal consiste em formar uma cruz sobre a testa do irmão que interroga. Chegamos ao grau que englobava primitivamente todos os precedentes: o grau do *Cavaleiro do Sol* (28º), o antigo Príncipe Adepto do Rito de Perfeição. Esse grau simbolizava a reintegração do Espírito no Adão-Kadmon, quando julgado digno por Deus. O recipiendário é transportado no espaço intra-zodiacal, onde encontrava-se o homem antes da Queda; toma conhecimento dos sete Anjos planetários que presidem, depois da Queda, os destinos das sete regiões (o recipiendário encontra-se supostamente no Sol). Tomará conhecimento das forças emanadas de seu centro. Eis as correspondências ensinadas nesse grau, cuja palavra de passe, eminentemente alquímica, é *Stibium*:

MICHAEL *Pauper Dei* Saturno
GABRIEL *Fortitudo Dei* Júpiter
OURIEL *Ignis Dei* Marte
ZERACHIEL *Oriens* Sol
CHAMALIEL *Indulgentia Dei* Vênus
RAPHAEL *Medicina Dei* Mercúrio
TSAPHIEL *Absconditus Dei* Lua

O 29º grau (Grande Escocês de Santo André) é essencialmente alquímico. O adepto retorna à terra após sua ascensão ao mundo espíritos e será capaz de realizar a Grande Obra. A esse grau acrescenta-se, como palavra sagrada, um grito de vingança. Isso demonstra que se misturaram alguns pontos do Rito Templário com o ensinamento hermético.

PALAVRAS DE PASSE DO 29º GRAU

Ardarel anjo do Fogo
Casmaran anjo do Ar
Talliud anjo da Água
Furlac anjo da Terra

Entre os graus administrativos, 31º, 32º e 33º, assinalaremos sobretudo o 32º, o antigo 25º do Rito de Perfeição, denominado *Príncipe do Segredo Real*. É necessário abandonar o falso Frederico (45) desse grau, como também aquele do 21º grau (Noachita), que é uma reconstituição simplesmente histórica da Santa Vema. O que nos interessa é a figura desse grau, "o selo" onde se veem cinco raios de luz, englobando um círculo e inscritos em outro círculo, enclausurado em um triângulo que é, por seu turno, inscrito num pentágono. Esse conjunto reproduz a análise da Esfinge, Touro, Leão, Águia (com duas cabeças) e o coração inflamado e alado. O conjunto aparece sustentado pela pedra cúbica. Em volta do selo encontram-se os **locais de trabalho**, figurando os centros de realização maçônica.

O 33º grau é, em parte, o desenvolvimento alquímico do Príncipe do Segredo Real e, em parte, uma composição da figura de Frederico que não nos interessa. Constitui o grau administrativo dos centros maçônicos, que pode ligar-se a um iluminismo qualquer.

5. – RESUMO GERAL E RECAPITULAÇÃO DOS GRAUS

MAÇÔNICOS

A rápida revisão efetuada em torno da hierarquia dos graus maçônicos mostra-nos que constituem uma progressão real e harmônica, na qual se constata poucas irregularidades, como os graus noachitas, compostos fora da ação dos fundadores do sistema maçônico.

Esses graus simbólicos contêm, em síntese, todo o sistema. Entretanto, os altos graus desenvolvem harmonicamente essa síntese, inicialmente sob o ponto de vista histórico, passando em revista o povo judeu, o Cristianismo, o Tribunal Secreto, as Ordens de Cavalaria e os Templários.

Esse sistema seria incompleto sem o coroamento verdadeiramente oculto, abrindo ao iniciado novos horizontes sobre a salvação do ser humano, pela oração, pelo devotamento (18º) e pela caridade, que conduzem às provas da segunda morte e à percepção do plano Divino, após ter triunfado das tentações infernais do plano astral. Os Iluminados deram pessoalmente à sua obra todos seus desenvolvimentos; e saberão restaurá-la caso acabe no baixo materialismo e no ateísmo. O quadro seguinte resume o significado geral dos diferentes graus:

GRAUS SIMBÓLICOS História Sintética do Homem

(1º, 2º e 3º)

GRAUS HISTÓRICOS Construção do Templo de Jerusalém.

(4º ao 22º) Cativo.

Libertação.

Queda de Jerusalém e Destruição do Templo.

O Cristianismo (18º).

Nova Jerusalém.

GRAUS TEMPLÁRIOS Tribunal Secreto.

(13º, 14º, 21º e 30º) Cavaleiros e Templários.

GRAUS HERMÉTICOS Primeiras provas do Adeptado.

(22º ao 33º) O Adepto toma contato com a Serpente Astral.

Desdobramento.

O Adepto triunfa da Serpente Astral e eleva-se em direção ao Plano Divino.

Triunfo Hermético.

Reint. e retorno consciente ao plano físico.

A evolução progressiva dos graus é apresentada como segue:

1º – Três graus simbólicos;

2º – Três altos graus templários de Ramsay, que devem ser colocados em frente dos números 13, 14 e 30;

3º – Constituição dos graus históricos; desenvolvimento da história de Salomão e da construção do Templo de Jerusalém, 4º ao 15º; destruição do Templo e reconstituição da Nova Jerusalém pelo Cristianismo, 15º ao 22º;

4º – Coroamento dos graus históricos pelos graus do Hermetismo, abrindo uma porta ao Iluminismo Cristão, 22º ao 25º.

Tal é o resumo do Rito de Perfeição. Aos vinte e cinco graus do Rito de Perfeição, o Supremo Conselho de Charleston acrescentou os seguintes graus: o Chefe do Tabernáculo (23º), o Príncipe da Misericórdia (24º), o Cavaleiro da Serpente de Bronze (25º), o Comendador do Templo (26º), o

Cavaleiro do Sol (27º). O Príncipe do Segredo Real ocupa os graus 28º, 29º, 30º, 31º e 32º; o Kadosch, o 28º grau e o Soberano Grande Inspetor Geral, o 33º e último grau.

Após a chegada de Grasse-Tilly a Paris, nova modificação foi adotada, que ainda rege o Escocismo. Essa transformação, em suas grandes linhas, é a seguinte: o Príncipe da Misericórdia (24º) tornou-se o Príncipe do Tabernáculo; o Comendador do Templo tornou-se o Príncipe do Tabernáculo; o Comendador do Templo tornou-se o Escocês Trinitário (26º); o Cavaleiro do Sol tornou-se o 28º grau, sendo substituído pelo Grande Comendador do Templo; o 29º grau foi o Grande Escocês de Santo André e o Kadosch (antigo 24º do Rito de Perfeição e 28º do de Charleston) tornou-se definitivamente o 30º grau.

O 31º grau tornou-se o Grande Inspetor; o Príncipe Adepto constituiu o 32º e o Soberano Grande Inspetor Geral o 33º, o último grau do sistema escocês. Enfim, um grau Noachita, o 21º substituiu em todos os lugares o Grão-Mestre da Chave do Rito de Perfeição.

6. – DOS SÍMBOLOS E DE SUA TRADUÇÃO

Uma palavra relativa à tradução dos símbolos, em todas as suas adaptações, torna-se necessária. Um símbolo é uma imagem material de um princípio ao qual se liga por analogia. O símbolo exprime toda escala analógica das correspondências de sua classe, das mais elevadas às mais inferiores. É assim que um rude sectário poderá dizer que uma bandeira não passa de um pano colorido, carnavalesco neste caso, materializa e avilta a idéia tão bela e pura da representação simbólica da pátria. Esse procedimento de difamação, que consiste em atribuir aos símbolos correspondências analógicas triviais, é usado com satisfação pelos escritores clericais ao analisarem os símbolos maçônicos. O princípio criador ativo e o princípio gerador passivo, simbolizados na Igreja Católica pela ação do Pai e do Filho, têm como correspondência sexual inferior o *phallus* e o *Cteis*. Dessa maneira, os clérigos não deixam de relatar a seus leitores que todo simbolismo maçônico, ou toda tradição iniciática dos Iluminados, resume-se na representação desses órgãos. Trata-se de ignorância ou má fé; em todo caso, a melhor solução é ignorar tais procedimentos. O que diriam os clérigos, se fizéssemos o mesmo, afirmando-lhes que o hissopo (47) é uma imagem do *phallus* fecundador e que a água benta representa a emissão da substância geradora; a mesma coisa poder-se-ia dizer do bastão utilizado pelos bispos, enquanto os cálices usados nas igrejas representam *cteis*! O que diriam os homens instruídos acerca dessas analogias grosseiras e inadequadas?

Diriam que seria dar provas de um singular estado de espírito bem vizinho da caduquice. Assim, nos parece necessário lembrar os escritores católicos da necessidade de estudarem um pouco mais aquilo que se entende por correspondência analógicas e de não considerarem os símbolos, mesmo maçônicos, sob esse aspecto grosseiro; pois podem ouvir as mesmas críticas, fato incorreto, tanto de um lado como de outro. Apresentaremos algumas referências acerca do simbolismo das cores, empregado nas tapeçarias; em seguida, falaremos da palavra sagrada, que tomamos emprestado a Aulnaye.

O branco é consagrado à Divindade; o preto, a Hiram e ao Cristo; (48) o preto também se encontra nos graus de *Mestre*, *Eleito*, *Kadosch* e *Rosa-Cruz*. O verde, emblema da *Vida* e da *Esperança* é a cor de *Zorobabel*; eis por que esta é a cor do *Mestre Perfeito* e do *Cavaleiro do Oriente*. O vermelho pertence a Moisés, mas mais a Abraão; por esse motivo, é a cor especial do Escocês. Finalmente, o azul, símbolo da morada celeste, é a cor do *Sublime Escocês*; relaciona-se, entre os Patriarcas, com *Adão*, criado na inocência e à imagem de Deus, habitando o Jardim do Éden (49). Como Símbolo da *Palavra Primitiva*, Jeovah pertence especialmente ao antigo Mestre ou *Mestre Perfeito*; como a *Palavra Reencontrada*, pertence ao verdadeiro Escocês, consagrador do sacerdote de Jehovah, ou da Antiga Lei, por oposição à nova. Encontra-se particularmente no Machado Real, no Escocês de Perfeição, no Mestre *ad Vitam*, o

Perfeito Eleito, o Eleito Supremo, os Escoceses da Prússia, de Montpellier, do Interior do Templo, etc.(50)

7. – GRITO DE ALARME

Foi após ter havido um erro capital que a Franco-Maçonaria francesa atraída em sua ignorância pelos agentes estrangeiros, deixou-se levar pelos combates políticos; foi mostrado à Franco-Maçonaria o espectro do clericalismo, como se mostra a capa vermelha ao touro; foram exaltadas as tendências materialistas de seus membros, sob pretexto de fazerem “espíritos livres” e “homens de razão”. Assim, do anticlericalismo ao ateísmo não havia mais senão um passo, cuja distância foi eliminada pelos ingênuos. De que servia falar do “Grande Arquiteto do Universo” que deveria ser ainda algum produto “da Ignorância e da Superstição”. De que serviam todos os símbolos, “vãs recordações de uma época de escravidão e obscurantismo”? Dessa forma, devido à existência de todo esse materialismo e “racionalismo”, o Grande Arquiteto do Universo foi abolido das pranchas e dos diplomas; os símbolos foram reduzidos à inteligência dos bêbados de bares, encarregados de explicá-los.

O plano do estrangeiro era assim realizado. Esses “homens livres”, esses “seres de razão brilhante e esclarecida”, foram apresentados ao resto do mundo como pessoas pífidas e homens suficientemente vis por desprezarem o *Grande Arquiteto*. Em seguida, em todas as lojas do Universo, a palavra de ordem passou como relâmpago e as portas foram fechadas imediatamente, sob o nariz dos “livres pensadores franceses”, indignados por encontrarem em todo lugar “maçons ainda ligados aos erros do passado”. Os espertalhões franceses deixaram-se levar como crianças. Suas relações com as lojas maçônicas do resto do Universo foram cortadas, em sua grande maioria. Entretanto, restava eliminar definitivamente todos os liames, lançando o que restava do Rito Escocês na senda. Advinda a fuga dos caixas, arruinou inteiramente o Supremo Conselho Escocês, que colocou suas lojas sob a tutela da “Grande Loja Simbólica Escocesa”, o produto da revolta, constituindo assim a *Grande Loja da França*. Esta, dirigida sempre em segredo pelas intrigas, apressou-se em abolir o nome do Grande Arquiteto, menção que ligava ainda alguns franceses ao estrangeiro. Nada mais restou, senão alguns capítulos escoceses e raros areópagos, capazes de manter o elo com a Maçonaria Universal. Entretanto, há quem trabalhe arduamente para desfazer este último liame. Mas o Invisível vigia. Foram os Iluminados que criaram a Maçonaria e que escolheram a França como centro superior no Visível, como é no Invisível; serão também eles que salvarão ainda uma vez mais os cegos e os surdos. Que os membros do Supremo Conselho Escocês, ao lerem estas linhas, possam refletir um pouco e sair um momento da atmosfera estreita das querelas de pessoas e das questões de dinheiro. A salvação da obra paciente se seus antepassados está em suas mãos; nosso papel deve limitar-se no lançamento do grito de alarme. Ademais, sabem disso e nada temos a lhes ensinar a esse respeito. Podemos ter plena e inteira confiança em sua clarividência e patriotismo.

CONCLUSÃO

Em resumo, os diversos representantes contemporâneos do Iluminismo, do qual a Ordem Martinista forma o ramo francês e cristão, deparam-se com os seguintes centros:

1º – Os centros clericais, que consideram os Martinistas como Franco-Maçons e perigosos satanistas. Esforços inusitados foram feitos no sentido de esclarecer os clérigos, como outros grupos, do caráter real do Martinismo. Esses esforços serviram para produzir ainda mais injúrias contra aqueles que, semelhantes a exploradores, lançaram-se nos centros clericais para tentar esclarecê-los sobre as mistificações de que foram vítimas e de que serão novamente.

2º – Os ritos Franco-Maçons divididos em três grupos:

A – Os materialistas ateus do *Grande Oriente da França*, exilados do resto do Universo e que irão desaparecer por ocasião da próxima revolução. Fora da França, o Grande Oriente não tem

nenhuma força e seus oficiais foram colocados na rua, como criados, por quase todas as lojas estrangeiras.

B – Os doze membros parisienses do *Rito de Misraim*, desvitalizado e que destina-se a desaparecer em pouco tempo, se não se reestruturar ou se não se fundir com algum outro rito. Fora de Paris, o Rito de Misraim praticamente não existe; em Paris, sua presença é igualmente sem expressão.

C – O *Rito Escocês* que acabamos de justificar a filiação e os graus, o único capaz de salvar a tradição maçônica, se os chefes continuarem a manter a energia necessária. Entretanto, aniquilado por problemas de dinheiro, esse rito não pode dar à sua propaganda todos os esforços necessários.

Diante desses diversos grupos, o Martinismo manifesta suas tendências absolutamente independentes, sempre pronto a dar seu apoio a todos os que quiserem salvar ou reatar sua tradição. Veremos que esse apoio não é de se desdenhar. Os Iluminados conquistaram, por sua coesão, um tal lugar ao Sol, que podem, se Deus permitir que continuem em sua marcha ascendente, reconstituir os estudos simbólicos uma vez abandonados na França, ou dar seu apoio aos poderes regulares que quiserem reconstituir esses estudos.

Como se resume atualmente a potência efetiva da Ordem Martinista? Em primeiro lugar, por suas revistas, traduzidas em quase todas as línguas. Na França, possuímos uma edição mensal de cem páginas, uma edição semanal de oito páginas, formato in-4º, e um caso de necessidade. Em segundo lugar, pelos Delegados em todos os países da Europa e da América, pelos iniciadores Livres e pelas lojas espalhadas em todo o mundo. Em terceiro lugar, pelas alianças com todos os centros de Iluminismo e de idealismo, realizadas ou em fase de execução. Finalmente, pelo desprezo ao dinheiro, pelo voto de pobreza, que permitiu à Ordem resistir a muitas tormentas. Não existe nenhum outro rito, na França, que possa justificar tal raio de ação e que possua veículos tão potentes de propaganda. Não existe nenhuma organização capaz de agir sem intermediários nos demais países. Tudo isso foi construído à luz do dia, sem juramentos, nem sociedades secretas, através de seus jornais e autores. Tão séria é a organização Martinista que não se ocupa de política nem de religião, tanto na França como no exterior, uma vez que seus estatutos proíbem terminantemente essas atividades. Essa organização pode expandir-se ainda mais ou cair na sombra e no silêncio de uma hora a outra, se esse for o desejo do Invisível. Esta é uma característica das Ordens de Iluminados. Se a primeira hipótese prevalecer, se a marcha ascendente da Ordem continuar, após ter conquistado todos os recantos da Europa, é de se esperar a chegada de polêmicas e de ataques ainda mais violentos, de calúnias ainda de maior dimensão, de esforços ainda mais diretos visando as pessoas. Mas o que importa! Apoiamo-nos apenas na resistência. Cada calúnia representa uma vitória posterior. Acusados de ser demônios por uns, clérigos por outros, magos negros ou alienados pela multidão, permaneceremos simplesmente Cavaleiros ferventes do Cristo, inimigos da violência e da vingança; sinarquistas convictos, opostos a toda anarquia de cima ou de baixo, em uma palavra: permaneceremos Martinistas como foram nossos gloriosos antepassados, Martinez de Pasqually, Louis Claude de Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz.

NOTAS

1 – PAPUS. *MARTINEZ DE PASQUALLY*. Paris, 1895, in-18.

2 – “É dito nos mistérios do rito de Swedenborg que o homem, uma vez reintegrado por uma vida santa e exemplar em sua dignidade primitiva, uma vez tendo recuperado seus direitos primitivos, através de trabalhos úteis, aproxima-se então de seu Criador, conhecendo uma via nova, especulativa, animada pelo sopro Divino: ele é iniciado *Elu Cohen*: nas instruções que recebe, aprende as *Ciências Ocultas* em todas suas partes, que lhe fazem conhecer os segredos da Natureza, a alta Química, a Ontologia e a Astronomia.” (REVHELLINE, 2º vol., p. 434, citado por RAGON, *Orthodoxie*

Maçonnique.)

- 3 – Bispo francês (1627-1704), orador de grande reputação. Preceptor do príncipe herdeiro sob Luis XVI. Combateu os protestantes e condenou o Quietismo de Fenelon. Este, arcebispo de Cambraia (1651-1715), por suas críticas ao rei da França, foi obrigado a submeter-se e a retirar-se em seu arcebispado. O Quietismo foi uma doutrina mística combatida pela Igreja. Apoiava-se nas obras do padre espanhol Molinos e ensinava que a perfeição cristã é obtida pelo amor de Deus e pela anulação da vontade individual (sic!).
- 4 – “Conheci muitos Martinistas, tanto em Lyon como em diferentes cidades das províncias meridionais. Longe de parecerem ligados às opiniões dos filósofos modernos, demonstravam desprezo por seus princípios. Sua imaginação, exaltada pela obscuridade dos escritos de seu patriarca, deixava-os expostos a todo gênero de credulidade. Embora muitos fossem distinguidos por talentos e conhecimentos, tinham o espírito amiúde ocupado com fantasmas e prodígios. Não se limitavam a seguir os preceitos da religião dominante; mas livravam-se às práticas de devoção em uso na classe menos instruída. Em geral, seus costumes eram bastante regulares. Constatava-se grande mudança de conduta naqueles que, antes de adotar as opiniões dos Martinistas, tinham vivido na dissipação e na procura dos prazeres”. (NEUNIER. *Influência dos Iluminados na Revolução*. Paris, 1822, In-8, p. 157).
- 5 – RAGON. **Ortodoxia Maçônica**, p. 162.
- 6 – Ficamos surpresos por ver o judicioso autor da *História da Fundação do Grande Oriente da França* ter o prazer de diminuir “O Escocismo” reformado de Saint-Martin, no qual só encontra *superstições ridículas e crenças absurdas*. Não ignoramos que a maior parte das cópias existentes desse rito estão bastante alteradas, podendo induzir ao erro o homem mais instruído, mas, assinalemos: 1º que grandes luzes e o talento de escrever asseguram a Saint-Martin um lugar distinguido entre os “Sectários particulares”; 2º que foi pelo menos uma empresa louvável, ultrapassando o círculo estreito desse labirinto e pelo orgulho; 3º que a filiação dos graus de Saint-Martin apresenta, aparentemente, um sistema bastante coerente, um conjunto que pode conduzir facilmente todo o iniciado na arte real. Finalmente, cada grau em particular supõe um conhecimento profundo da Bíblia, que ninguém possuía melhor do que ele próprio dos textos originais, conhecimento bastante raro entre os maçons. Poder-se-ia talvez apenas censurar-lhe de ser muito preso aos detalhes. (DE L’AULNAYE. *Le Thuilleur Général*).
- 7 – Veja *Cartas à Caton Zwach*, de 16.2.1781.
- 8 – Iremos nos servir, para essas citações, da correspondência entre Louis Claude de Saint-Martin e o Barão de Kirchberger.
- 9 – Saint-Martin refere-se a Jacob Boheme.
- 10 – BOHEME, Jacob. *Le Chemin pour aller a Christ*. Rennes, Ed. AWAC Bretagne, 1978.
- 11 – Esses Templários que, segundo Papus, organizaram um movimento subversivo que culminou com a Revolução Francesa, só têm o nome dos antigos Templários, construtores do Templo Místico de Salomão. Os primeiros originaram-se do *Sistema Escocês* instituído por Ramsay em 1728, “cuja base era política e cujo ensinamento tendia a fazer de cada irmão um vingador da Ordem do Templo” (Cf. item 2.3, adiante). Os antigos Templários originavam-se da Ordem do Templo, fundada em Jerusalém em 1118 por Hugues Payens e Geoffroi de Saint-Omer e sete Cavaleiros, sob a espada do 67º sucessor de São João, o Evangelista. Exteriormente, tinham como objetivo proteger os peregrinos que se dirigiam ao Santo Sepulcro de Jerusalém; ocultamente, o objetivo era obter a Iluminação, como toda ordem iniciática digna desse nome. (N.T.)
- 12 – Carta inédita de Saint-Martin a Willermoz, endereçada de Strasbourg, com data de 4 de julho de 1790 (Arquivos do Supremo Conselho da Ordem Martinista, na França).
- 13 – J.B. Willermoz faleceu em 20 de maio de 1824. (N.T.)
- 14 – J.J. MOUNIER, *Op. Cit.*, p. 159.

- 15 – Partidário da doutrina de Orígenes, nascido na Alexandria no Século II. Apologista que interpretava a Bíblia pelo método alegórico. Sua doutrina foi condenada pela Igreja. (N.T.)
- 16 – SATURNINUS. Joseph de Maistre e os Martinistas. *Revue L'Initiation*, vol. 39, nº 7.
- 17 – JOSEPH DE MAISTRE, *les Soirées ... (XI^o Entretien)*, citado por Saturninus.
- 18 – BALZAC. *Les Proscrits*.
- 19 – KIESWETTER, Carl. *Histoire de l'Ordre de la Rose-Croix* (Arquivos da Ordem).
- 20 – São encontrados no livro *l'Appel à l'Humanité*, do Cavaleiro Arson, documentos positivos sobre a existência da Ordem Martinista em 1818. Constata-se que nessa época, a Ordem funcionava em Paris e lutava contra os Templários e seus agentes.
- 21 – DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p.7.
- 22 – DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p. 16.
- 23 – DELAAGE, H. *Doctrine des Sociétés Secrètes*. Paris, 1852, p. 158
- 24 – Trata-se do próprio Papus. (N. T.)
- 25 – ANTONINI. *Doutrina do Mal*, p. 16.
- 26 – Trata-se da organização da Ordem Martinista do tempo de Papus. (N.T.)
- 27 – A sede central da Delegação está indicada entre parêntesis e uma das sedes secundárias logo após. Inúmeros Delegados Especiais têm suas sedes em outras cidades.
- 28 – A Revista *L'Initiation*, fundada por Papus em 1888, foi recolocada em circulação a partir de 1953 por Philippe Encausse, filho de Papus. Substituída *Cadernos de Documentação Esotérica Tradicional*, essa revista, de mais ou menos 60 páginas, circula trimestralmente e é o órgão da Ordem Martinista na França. Para toda informação no que diz respeito a assinatura e aquisição de exemplares já publicados, dirigir-se ao Dr. Philippe Encausse, ou ao Sr. Michel Leger, no seguinte endereço: 5, Rue Victor Considérant, 75014 Paris, França. (N.T.)
- 29 – Veja RAGON. *Ortodoxia Maçônica*, p. 56.
- 30 – AMIABLE e COLFAVRU, *Op. Cit.*
- 31 – Em 19 de março de 1314, Jacques de Molay, Grão-Mestre da Ordem do Templo, foi queimado numa pequena Ilha do Sena, em Paris, por ordem do rei da França, Philippe, o Belo, com o consentimento do Papa Clemente V. A Ordem do Templo foi exteriormente destruída e seus bens confiscados pelo rei da França. A Ordem, no entanto, permaneceu oculta, sendo continuada na Escócia sob a direção do Cavaleiro D'Aumout. Este, segundo S. de Guaita, teria constituído as bases da Franco-Maçonaria e continuado a iniciação oculta, que mais tarde tomou o nome de fraternidade Rosa-Cruz. (N.T.)
- 32 – Alguns autores pretendem que o internamento de Luis XVI, no Templo, foi decidido pelos irmãos do Rito Templário.
- 33 – Carta de Albert Pike ao Visconde de Jonquièrre.
- 34 – CLAVEL. *Histoire Pittoresque de la Franc-Maçonnerie*.
- 35 – Citemos, entre os demais Rosa-Cruzes que contribuíram com a nova criação:

Desaguliers, Jacques Anderson, G. Payne, King, Calvat, Lumden, Madden e Elliot.
- 36 – PAPUS. *Traité Méthodique de Science Occulte*. Paris: Dangles, 2 vol. (Análise da lenda de Hiran).
- 37 – A *Santa Vema* foi uma sociedade secreta criada por Carlos Magno, Rei da França, imperador do Ocidente, no ano de 772, para combater a feitiçaria. Surgiu na Westfália, espalhando-se mais tarde por toda a Europa Central, famosa pela instauração do Tribunal dos Franco-Juizes, que executou o Duque Frederico de Brunswick. Para maiores, veja GUAITA, S. *No Umbral do Mistério*. (N.T.)
- 38 – Satan Démasqué.
- 39 – DE L'AULNAYE. *Thuilleur Général*. p. 58 (nota de rodapé).
- 40 – Autor do livro *A Doutrina do Mal*.

- 41 – Obra Gnóstica atribuída a Valentino (Século II). Veja a publicação em língua portuguesa efetuada pela Editora Francisco Alves, Coleção Arcano, 1983. (N.T.)
- 42 – Lugar onde, segundo a mitologia grega, a Deusa Atena bate-se com Poseidon, o Deus do Mar e da navegação. (N.T.)
- 43 – Fornalha do Alquimista. (N.T.)
- 44 – Ver os estudos do Dr. Blitz sobre esse grau na revista *L'Initiation*.
- 45 – Papus fala aqui do Duque Frederico de Brunswick, executado por membros da *Santa Vema*, por ter recusado atender a uma citação dos Franco-Juízes. Veja Guaita, S. *No Umbral do Mistério*. Porto Alegre: Grafosul, 1979, p. 34.
- 46 – Magistrado militar antigo. (N.T.)
- 47 – Utensílio utilizado nas igrejas, para espalhar a água benta. (N.T.)
- 48 – Em nosso entendimento, o preto indica particularmente a passagem de um plano a outro, representando a morte, seguindo-se da ressurreição. É por essa razão que essa cor é consagrada ao Cristo e ao simbólico Hiram. Os Leitores que desejarem estudar seriamente o Simbolismo, são convidados a tomar conhecimento do excelente trabalho de Emile Soldi-Colbert de Beaulieu sobre *A Língua Sagrada*. É um dos raros autores contemporâneos que tem visto claro dentro do caos constituído pelo Simbolismo.
- 49 – Thuilleur, p. 73 (nota de rodapé).
- 50 – Thuilleur, p. 89 (nota de rodapé).

A DEFINIÇÃO DO MESTRE

Dr Gerard Encausse (Papus)

Somos guiados passo a passo em nossa evolução, e os guias que nos são enviados pelo invisível vêm de diferentes planos; em linguagem mística "apartamentos", segundo o gênero de faculdade que eles devem evoluir. Trata-se de mestres, mas é necessário darmos a este termo, de imediato, seu significado verdadeiro e geral, porque em nossa época de mediocracia universal, termos tão elevados como "mestre" são atribuídos, pela cortesã nice dos arrivistas, a qualquer indivíduo que lhes possa ser de alguma utilidade em sua ascensão às alegrias e aos horrores materiais. O Mestre é um guia, e ele pode devotar-se à evolução de três tipos de faculdades humanas: pode dirigir a evolução da coragem, do trabalho manual ou das forças físicas como o oficial, o mestre construtor ou o professor de boxe. É realmente um Mestre, mas este é o produto da sociedade e age sobre a porção física das faculdades humanas. Esse tipo de maestria é coroado por um enviado do plano invisível que se chama "o Conquistador" e que faz evoluir a humanidade como a febre faz evoluir as células humanas na batalha, no terror, no sacrifício e na matança em todos os planos. O segundo tipo de maestria visa à evolução do mental humano. Ele começa pelo Mestre de escola, a quem Grosjean quer sempre retornar para chegar ao professor universitário, com todos os intermediários possíveis. Tudo isto constitui a banda dos queridos Mestres, horda sagrada que defende justamente suas prerrogativas e eleva diante do profano a barreira das ciências técnicas e dos exames. Esse tipo de maestria é dominado por um enviado do mundo invisível vindo do apartamento que os antigos chamavam Hermes, trimegista, e que chamamos pessoalmente o Mestre intelectual, caracterizado pelas luzes que projeta em todos os planos de instrução. Acima, enfim, encontramos aquele que é o único a ter verdadeiramente direito a esse título de Mestre. É o enviado real, encarregado de evoluir as faculdades espirituais da humanidade, e ele apela a forças que bem poucos compreendem e de quem poucos ainda podem seguir as incitações. Este é aquele a quem chamamos um Mestre espiritual, que foi assim chamado por Marc Haven, em seu maravilhoso estudo sobre Cagliostro, o Mestre Desconhecido, e por Sédir, em seus comentários sobre o Evangelho, o homem livre. Seja qual for o nome que lhe demos, ele chega a certo período manifestando-se abertamente, aa outros períodos ocultando-se em meio aos humanos e agindo desconhecido para o bem coletivo e todos os que podem entrar em contato com ele guardam uma tal lembrança que seu coração permanece comovido por várias encarnações. É dele que Sédir diz, em uma de suas conferências: "Mas quando o Mestre aparece, é como um sol que se ergue no coração do discípulo; todas as nuvens se desfazem; todas as gangues se desagregam; uma nova claridade, ao que parece, se expande no mundo; esquecem-se dissabores, desesperos e ansiedades; o pobre coração tão infeliz se lança rumo às radiosas paisagens entrevistas, sobre as quais o tranqüilo esplendor da Eternidade estende suas glórias; nada mais terno lança sombras na Natureza; tudo, enfim, se concilia na admiração, na adoração e no amor". É aquele que provoca discípulos ardorosos ou adversários impiedosos e que recebe, como Cagliostro, cartas desse tipo: "Eu ficaria feliz, então, se pudesse dar-lhe provas dessa afeição terna e respeitosa da qual foi penetrado, dessa afeição da alma que não sei dar e que sinto tão vivamente. Minha existência física e moral pertence a ele; que ele disponha dela como do mais legítimo apanágio... Minha mulher, meus irmãos, meus pais, Me du Piqueet e sua família, que também lhe devem grandes obrigações, querem... Que o Senhor Conde de Cagliostro esteja persuadido de que fomos afetados além da expressão de tudo o que os acontecimentos imprevistos lhe fazem sofrer, e que nossa ambição e nossa glória estariam satisfeitas se pudéssemos encontrar ocasiões de servir-lhe de maneira útil, é a homenagem simples e espontânea de nossos corações". Estas classificações, como todas as classificações humanas, são forçosamente um pouco artificiais; em geral um Mestre aborda, mais ou menos, as três categorias a que nos referimos, e como tudo no invisível é coletivo, esses enviados se prendem não a personalidades, mas a "apartamentos". Assim, um enviado do apartamento do Cristo está sempre ligado à lei Cristal solar, o que fecha a porta invisível a todos os impostores. É perigoso deixar-se chamar "Mestre", porque, além da evocação dos seres de orgulho que velam ao nosso redor, isto dá àquele que aceita esse título, a responsabilidade de todos as faltas cometidas por seus auto-intitulados discípulos. Assim vosso servidor, que não passa

na realidade de um pobre soldado desse exército, não tendo sequer podido nele obter os galões de cabo, fica desagradavelmente impressionado cada vez que lhe enfiam goela abaixo o título de "Mestre". Consolo-me imaginando que estou fazendo uma viagem à Itália. Nesse país encantador, recebe-se um título nobiliário segundo o valor da gorjeta que se distribui aos empregados dos trens; por cinquenta centavos é-se cavalheiro; por um franco, duque ou excelência; e por cinco francos, é-se pelo menos príncipe. O número de Mestres que são mestres como o viajante à Itália é príncipe, é de tal forma grande na terra, principalmente nos centros intelectuais, que o verdadeiro Mestre tem razão de permanecer desconhecido. Permitam-me abrir um parêntesis aqui. É a propósito de uma associação misteriosa de homens evoluídos, conhecidos sob o título de "Rosa- Cruz". Esse título é um nome exotérico, cuja finalidade é ocultar o nome secreto e verdadeiro da sociedade em questão. Ora, uma multidão de ambiciosos, que nada sabem de real sobre esta sociedade, ornaram-se a torto e a direito com esse nome e dizem, misteriosamente aos seus amigos e conhecidos: "Admirem-me, vejam minha belas plumas de pavão; não digam a ninguém: Eu sou Rosa-Cruz". Não falamos, bem entendido, do 18º grau do escocismo. Ora, os verdadeiros Rosa-cruzes (eles são dez, ao todo) não se dizem tal. Apresso-me a dizer que não sou um deles, mas os conheço. Eles se divertem muito em ver que o nome profano de sua sociedade ser desavergonhadamente empregado de todas as maneiras; é um pouco como um societário da Comédie-Française que vê na província um figurante se esforçando para desempenhar seu papel e copiar seu nome. Ele sorri, mas não se aborrece. De onde vem esse nome de "Mestre"? Na França, do latim magister que, decomposto em suas raízes nos dá: MaG, fixação em uma matriz (intelectual ou espiritual) do princípio A pela ciência G; IS, dominação da serpente (S) pela ciência divina (I), característica do nome de "ÍISIS"; TR, proteção pelo sacrifício de qualquer expansão (R). Se, deixando de lado as chaves hebraicas e o tarô, dos quais acabamos de nos servir, nos voltarmos ao sânscrito, obteremos duas palavras: MaGa, que quer dizer "felicidade e sacrifício" com seu derivado "Magoni", a aurora, e IsTa, que quer dizer "o corpo do sacrifício", a oferenda. O Mestre, o Maga Ista, ou o Magisto, o Mago, é pois aquele que vem sacrificar-se, que dá seu ser em oferenda para a felicidade de seus discípulos. Compreender-se-á agora o símbolo maçônico do Pelicano e a lei misteriosa "O iniciado matará o Iniciador".

Antes de deixar o sânscrito, digamos que a palavra "Guru" originou a palavra francesa "Grave"; é o instrutor, aquele a quem chamamos "o Mestre intelectual", o Grave professor, e isto não tem qualquer ligação, em geral, com o plano das forças divinas.

TRATADO ELEMENTAR DE MAGIA PRÁTICA

Dr Gerard Encausse (Papus)

VOLUME II - PRÁTICA

Cap.	V	-	Introdução
a realização do homem			
5.1. Alimentação			
5.2. Vegetarianismo			
5.3. Regime Animal			
5.4. Excitantes Materais			
5.5. Álcool			
5.6. Café			
5.7. Chá			
5.8. Haschisch			
5.9. Respiração			
5.10.	Respiração		II
como usar - dicas de Papus			
5.11.	Educação	do	Ser
Corpo Astral e Alma Astral			
5.12. Educação do Homem Mineral-Vegetal			
5.13. Educação do Homem Animal			
5.13. Educação do Homem Racional			
5.14. O Amor na Formação do Mago			
5.15. Sexo & Castidade			

CAPÍTULO V – Introdução

a realização do homem

Neste capítulo, Papus trata das práticas que o estudante de magia deve adotar a fim de obter o preparo físico, psíquico, psicológico e espiritual necessários ao exercício dos chamados "poderes mágicos" ou faculdades metafísicas. O autor fala da alimentação, dos excitantes, da meditação, da educação dos sentidos e da inteligência.

Antes de agir sobre a natureza, o homem deverá ser suficientemente senhor de si mesmo para resistir às emoções de seu ser impulsivo. Um cavaleiro controla seu cavalo usando as rédeas. O homem controla o ser impulsivo usando força nervosa. A qualidade da força nervosa determina o grau de domínio do homem verdadeiro sobre o homem animal. Ora, a qualidade da força nervosa depende da qualidade dos alimentos, da qualidade do ar e do ritmo respiratório.

O preparo de um mago inclui, portanto, além de cuidados alimentares, exercícios como a meditação e outros mais que servem para educar os sentidos (percepção) e a expressão (manifestação da vontade). A educação do olhar, com o emprego dos espelho e prática de contemplação; educação da palavra, para que seja clara, concisa e com inflexão firme; educação do gesto, origem dos pentáculos (traçado de símbolos), educação do andar e gestos de modo geral. p 126

Alimentação

Depois do que foi dito podemos perceber a importância que assume a questão dos alimentos para o magista. O ideal a atingir por aquele que se sujeita ao regimen de alimentação preconizado pela Magia, consiste em pôr à disposição da vontade a maior quantidade possível de força nervosa em um tempo dado. Quando o mago atinge o nível de força realmente satisfatório ele atinge também aquilo que se chama **LIBERDADE DE ESPÍRITO**. O espírito livre tem condições de dispor, com segurança, de uma enorme quantidade de fluido nervoso. Este estado se manifesta principalmente pela manhã ou em jejum, isto é, nos momentos em que o ser humano está **menos ocupado com o trabalho fisiológico** do organismo, **sobretudo a digestão**. p 127

Para fixar bem nossas idéias, representemos o ser humano como um balão que pode alcançar diversas alturas conforme o pêso maior ou menor que serve de lastro. O balão é o espírito; o lastro ou pêso é o corpo, o organismo; as cordas são a força nervosa. ...Um pré-requisito dos mais importantes para se alcançar a liberdade de espírito é justamente a diminuição do pêso do organismo (e este peso se refere não só à massa física, mas também à massa de pensamentos que tencionam a mente). Isso não significa passar fome. As práticas místicas relativas ao corpo devem ser controladas, devem ser periódicas, nunca contínuas. ...Pode-se treinar progressivamente para libertar uma quantidade cada vez maior de força nervosa ...sob a condição de não esquecer que a reposição da força nervosa depende da absorção de alimentos.

O estado de saúde física é obtido por um harmonioso equilíbrio entre o espírito e o organismo. Quando, sem transição, o ser voluntarioso, a Vontade se sobrepõe ao corpo, há o perigo de desfalecimento e loucura. A situação contrária, do organismo que oprime o espírito, resulta em sonolência e embrutecimento. Suponhamos que, estando em jejum, fazemos uma refeição abundante e pesada. À medida que a sensação de satisfação do estômago se estabelece, as idéias se obscurecem. Isso ocorre porque, a força nervosa que estava a serviço do espírito passa a ser usada pela esfera instintiva do ser humano; a força nervosa vai ser empregada na digestão. O homem instintivo, para quem a satisfação do apetite constitui uma das formas de felicidade, deixa-se seduzir por esses gozos de embrutecimento progressivo e ainda favorece este embrutecimento

entregando-se ao sono pós refeição, a sesta. Semelhante indivíduo está inteiramente escravizado ao seu organismo e não conseguiria realizar qualquer operação mágica. p 127 - 128 - 129

Vegetarianismo

A educação do magista passa por períodos de preparação pessoal que tornam o estudante apto a realizar operações mágicas. Estes períodos variam entre 7 e 40 dias. Nestas épocas, o regimen vegetariano deve ser o único a ser empregado. Isso tem sua razão de ser: o homem orgânico é uma criação da natureza que deve estar a serviço do homem-espírito. Em sua experiência terrena o organismo humano possui um centro vital animal no peito e um centro vital vegetal no abdômen.

Os alimentos vegetais agem quase que unicamente no homem instintivo e seu emprego constante produz CALMA ORGÂNICA, FÍSICA. Um organismo assim preparado, alimentado com vegetais, não oferece muita resistência à FORÇA DE VONTADE. Se quereis vos abandonar aos sonhos e experimentar sensações que nunca serão saturadas pelo tédio, tomais como meio ambiente o CAMPO e adotai como regimen alimentar o vegetarianismo. Tende o cuidado de beber somente leite ou água e logo vereis como uma paz profunda se instala no ser outrora agitado. Mas se desejais ir mais longe e fazer nascer em vós faculdades transcendentais adormecidas, acrescentai a este regimen o CHÁ, várias vezes ao dia e praticai, pela manhã e à noite, a MEDITAÇÃO durante uma hora ou hora e meia e estareis em condições de conseguir fenômenos muito nítidos de telepatia e visão do astral.

O regime vegetariano que exclui o peixe, a carne e o álcool, sendo usado no campo ou em meio análogo, livre de toda preocupação material, pode ser usado durante longos anos sem nenhum perigo. A princípio, o estudante deve exercitar-se em períodos curtos, de 7 dias; depois, passará a 15 dias e assim por diante. Nos regimes vegetarianos de longa duração admitem leite, ovos e queijo. Quando se pretende realizar uma operação mágica, ovos e queijo são suprimidos. Este é o chamado "regime pitagórico".

O clima deve ser levado em consideração quando se estabelece o regime alimentar. Nas regiões frias o organismo precisa de mais gorduras. Nas regiões quentes, tropicais e equatoriais, como Egito e Índia, a energia solar supre boa parte da necessidade energética do corpo e por isso, uma porção de arroz é suficiente como prato principal ao longo de um dia. Em outras palavras, não se pode impor a um inglês o mesmo regime alimentar de um indiano. Uma vez compreendida essa necessidade de adaptação, importa saber que o vegetarianismo continuado confere ao homem força física e diminui as tensões nervosas.

Finalmente, antes de entregar-se a um regime alimentar, a fim de realizar operação mágica, é preciso concentrar-se no objetivo que se quer atingir e das forças disponíveis. Somando a isto as considerações sobre o ambiente e o clima, pode-se então determinar o número de dias durante os quais o regime deverá ser seguido.

O regime comum deve ser substituído pelo vegetarianismo gradualmente. No início são suprimidos os excitantes, como o café e o álcool; depois, a carne no almoço e no jantar; a seguir, o peixe conservando por mais tempo o uso da manteiga e do azeite.

O regime dura oito dias e consiste em uma dieta de legumes cozidos sem sal e, de preferência, colhidos pelo operador. É um regime que somente deve ser empregado no campo. Nas grandes cidades, de vida agitada, onde tudo gravita em torno da esfera passional ...os ensaios do regime vegetariano exclusivo são desastrosos. Temos constatado fenômenos evidentes de anemia cerebral em várias pessoas que tentaram seguir estritamente este regime ao qual ninguém pode resistir mais de seis meses. p 130 - 131 - 132 - 133 - 136

Regime Animal

Os alimentos vegetais atuam sobre o centro emocional ou instintivo, involuntário. Os alimentos do reino animal atuam sobre o centro passional e desenvolvem de um modo considerável a resistência do organismo aos impulsos vindos quer do exterior, que da vontade. O regime animal convém, principalmente, aos de ação na vida cotidiana ou àqueles que suportam a vida febril das grandes cidades. Este regime deve ser excluído da educação mágica porém, o magista deve conhecer seus efeitos.

Na antigüidade, os animais sacrificados nos templos para alimentação, eram "encantados" antes do sacrifício. O sacerdote sacrificador fazia um ritual, uma prece, cujo objetivo era promover a separação entre o corpo físico e corpo astral e assim evitar o sofrimento do animal. Em tais condições, a carne consumida era **astralmente boa** e não desenvolvia nenhuma faculdade má no ser humano.

Atualmente, os animais são assassinados industrialmente em uma atmosfera de horror, revolta e sofrimento sem medida. A conseqüência deste fato é que os contemporâneos não absorvem somente a carne; absorvem ao mesmo tempo a cólera, a revolta e o embrutecimento. Se os profanos não compreendem e zombam destas verdades, outros compreenderão e saberão o motivo da tradição da prece antes de começar uma refeição, qualquer que seja a religião. É uma necessidade verdadeira na época atual para afugentar as más influências astrais. p 136 - 137

Excitantes Materiais

Assim como alimentos vegetais atuam sobre os centros nervosos do instinto e os animais sobre os centros passionais, há substâncias que agem sobre o centro intelectual: são os EXCITANTES (drogas). Sabe-se que, no estado normal, uma reserva de força nervosa existe nos plexos nervosos do grande simpático. A primeira ação de um excitante é influir sobre estas reservas liberando força nervosa armazenada. O efeito produzido é um aumento súbito do fluxo de idéias. O preço deste estímulo, quando passa o efeito da droga, é uma fadiga profunda do organismo que, se for prolongada, pode trazer graves perturbações. Neste estudo, trataremos das propriedades das seguintes substâncias: álcool, café, chá, haschisch (extrato de *cannabis sativa* ou maconha). p 138

Álcool

Resultado da química dos laboratórios humanos, o álcool, como a maior parte dos excitantes é um dos mais poderosos e também dos mais perigosos. Sua ação, em forma de aguardente (destilados, cachaça, vodka, etc.) é muito rápida porém pouco profunda e de pouca duração. Sob a influência do álcool, uma grande quantidade de força nervosa é liberada e o espírito fica como que iluminado pela riqueza de idéias que surgem e se relacionam no centro intelectual. O álcool não se presta portanto aos trabalhos demorados de análise, de dedução; adequa-se unicamente à concepção de idéias matrizes que, se não forem anotadas na hora, em geral, perdem-se no esquecimento depois do sono que advém ao cessar o efeito do excitante.

Como foi dito, a ação do álcool dura pouco. Não se deve recorrer a uma segunda dose em uma mesma ocasião. A ingestão de uma segunda dose, na esperança de prolongar os efeitos da primeira, é inútil e perigosa. A vivacidade intelectual dá lugar a um embotamento da percepção e do discernimento: a embriaguês. A combinação do álcool destilado com açúcares resulta em um outro tipo de excitante alcoólico: o licor. A ação dos licores é mais lenta que ação do destilado puro. O licor age mais intensamente sobre os desejos e pode fortalecer momentaneamente a capacidade de realização da vontade em ocupações intelectuais. O destilado puro, atua sobre as necessidades físicas e emocionais. É preferível o licor às "águas ardentes" sempre que o objetivo for uma ação. O álcool "seco", sem açúcar, é mais indicado à meditação ou trabalho de concepção de idéias. p 139 - 140

Café

O café é o mais poderoso dos excitantes no que diz respeito à duração dos efeitos. O café coado, produz dois resultados perfeitamente distintos:

1º) Durante a primeira hora que se segue a sua ingestão, o café opera sobre o plexo nervoso do abdômen e, ajudado pelo calor, facilita o trabalho digestivo permitindo ao espírito dispor de maior quantidade de força nervosa corrente, ou seja, sem recorrer às reservas.

2º) Duas ou três horas após a ingestão, o café começa a operar na esfera intelectual e esta ação dura de uma a duas horas para cada xícara. Assim, se for tomado a uma hora da tarde, a **ação psíquica** começa às 3 e continua até as 5. Depois disto, o estômago vazio e ocioso, torna o trabalho intelectual ainda mais fácil.

Quem pretende usar o café como estimulante deve se preparar para isso, preparando suas anotações, traçando seus esquemas e esboços antes de começar a trabalhar. O melhor horário de uso é pela manhã, em jejum ou em quase jejum. Entretanto, é necessário estar prevenido contra as reações adversas. Em pessoas nervosas o café pode provocar uma espécie de "ressaca", crises de tristeza. Por isso, o emprego do café é mais seguro em pessoas vigorosas e deve ser evitado pelos fracos e anêmicos. p 140 - 141

Chá

A excitação intelectual fornecida pelo chá é intermediária entre a do álcool e a do café; esta excitação, porém é muito suave. O chá torna o indivíduo melancólico e enfraquece paulatinamente os centros nervosos. Temos visto freqüentemente anemias nervosas graves em estudantes russos que abusaram do chá. Este excitante possui a faculdade de sustentar um trabalho intelectual continuado. Por isso, é o único que pode ser empregado nos períodos de realização. O defeito capital do chá é atuar muito profundamente sobre os centros nervosos de modo que o período de reparação do organismo é muito longo. A anemia nervosa provocada pelo chá manifesta-se pela ausência total de iniciativa e coragem. p 142

Haxixe

O haschisch (haxixe) é uma das drogas mais perigosas do ponto de vista psicológico. Muita gente pensa que esta substância proporciona visões sublimes e êxtase. Isso não é verdade. É preciso saber usar o haxixe. Tal como o ópio, porém com ação mais intensa, o haxixe libera rapidamente toda a reserva de força nervosa ativando a esfera intelectual de modo que as idéias pré-existentes ao uso da droga são exageradas, amplificadas de modo prodigioso. Isso implica existência de idéias antes da queima do haxixe.

Quando as idéias originais são vulgares, vulgares também são as impressões que resultam do uso do haxixe. Um experimentador, tendo usado o haxixe sem uma idéia pré-concebida e esperando o que ia suceder, simplesmente dormiu e sonhou que era um cachimbo e que fumava a si próprio. O haxixe é um amplificador e não um criador. A reação adversa, pós-efeito, freqüentemente se apresenta como sensação de angústia e ocorrência de pesadelos.

Sob o ponto de vista mágico, o uso de todas as drogas aqui mencionadas encerra uma boa dose de perigo. Elas aumentam o império do ser impulsivo sobre a vontade e é preciso uma autoridade muito forte sobre si mesmo para não se deixar dominar por estas substâncias, que são a encarnação da alma do mundo na matéria. p 142 - 143

Respiração

resumo introdutório

São aspectos da matéria ou corpo físico do ser humano:

- 1 - O Vegetal-Mineral, movido por necessidades e metabolismo involuntário.
- 2 - O animal. Inclui as necessidades, o metabolismo involuntário porém é caracteristicamente movido por desejos ou PAIXÕES.
- 3 - Intelectual, movido pelos hábitos e condicionamentos culturais, motivado por lógica comportamental.

Os três aspectos coexistem e se revezam na predominância que exercem sobre o SER EM CONDIÇÃO HUMANA, em circunstâncias diversas. Os aspirantes a Magos empregam métodos, práticas, estudos, exercícios a fim de submeter estes aspectos do físico denso-orgânico à MENTE LIVRE, que é o homem verdadeiro, o Homem Superior, o INDIVÍDUO REAL que antecede à personalidade, entidade efêmera e determinada por fatores socio-culturais. Nos tópicos anteriores, vimos que alimentos e drogas (excitantes) são usados para modificar as condições de ação e reação do corpo físico. No tópico a seguir, Papus fala sobre os meios de influir sobre o corpo astral.

Passamos rapidamente em revista os **modificadores do corpo físico**, alimentos e excitantes. Chegamos agora aos **modificadores do corpo astral**: o ar atmosférico e os perfumes, as substâncias voláteis, quando misturadas ao ar inspirado, operarem diretamente sobre os pulmões. ...O ar inspirado constitui o **modificador do sangue** mais rápido de que se dispõe. A substância volátil aspirada age diretamente sobre o sangue e no momento mesmo em que o glóbulo vermelho sofre a ação vitalizante do ar atmosférico inspirado.

Três aspectos são importantes no estudo da respiração como modificador do corpo astral:

- 1 - A ação do ar sobre o sangue, sob o ponto de vista da força nervosa.
- 2 - O ritmo respiratório e as modificações que esse ritmo opera na disposição do homem.
- 3 - A ação dos excitantes do corpo astral ou **os perfumes**. p 145 - 148

O ritmo respiratório age sobre os centros nervosos de maneira notável. A inspiração rápida age como excitante; a inspiração lenta e sobretudo a expiração prolongada e espaçada, acalmará os centros nervosos. ...O pulmão e o coração podem ser considerados como duas rodas com engrenagens entrosadas uma na outra, o que faz com que o aumento do ritmo respiratório seja reproduzido no ritmo cardíaco com reflexos em todo o sistema circulatório. A respiração é, pois, o dispositivo mecânico-orgânico que restabelece o equilíbrio dos fluxos sempre que este equilíbrio se perde por um distúrbio qualquer. p 145 - 146

Como Usar a Respiração – Dicas de Papus

Na embriaguês: quando um excitante material, como o álcool, tiver esgotado uma parte da força nervosa, é pela respiração que a reparação imediata se fará, caso ela possa ser feita. A aspiração trará dinamismo reparador e a expiração eliminará uma parte do álcool absorvido. Todavia, será preciso graduar bem a respiração do bêbado. Para obter um resultado positivo a respiração deverá muito lenta e muito profunda, pois uma respiração rápida produziria um efeito contrário. ...Daí o perigo do ar livre para os ébrios, os quais, saindo da mesa em estado de febre, respiram muito depressa e são, conforme uma de suas expressões, "estuporados" pelo meio exterior. p 148

Respiração e Magia: o magista deve exercitar-se em fazer muitas vezes largas (lenta e longa) inspirações verificando cuidadosamente o efeito produzido sobre seu organismo bem como a duração desse efeito. Cada ação importante deverá sempre ser precedida de três inspirações profundas, feitas pensando fortemente na ação que se deve empreender.

O efeito da respiração, agindo como excitante intelectual, será aumentado se a pessoa se move enquanto faz as referidas inspirações. Eis porque um passeio após a refeição substitui facilmente os excitantes materiais. **O ar inspirado é o alimento do corpo astral.** Os perfumes são substâncias capazes de excitar o corpo astral, o ser anímico. Três tipos de perfume são notáveis considerados sob o ponto de vista de seus efeitos sobre o homem:

o incenso leva a orar, o almiscar a amar, a fumaça do tabaco a dormir

- * **INCENSO** e seus análogos: operam sobre psíquico e são excitantes intelectuais.
- * **ALMISCAR** - influi sobre o ser anímico, o corpo astral, porém despertando impulsos instintivos.
- * **TABACO** (cigarros) - também age sobre o ser instintivo com ligeira excitação intelectual a princípio. p 150

Educação do Ser Psíquico

O objetivo mágico é a submissão total do ser impulsivo ao Homem de Vontade. O magista não deve tolerar nenhuma sujeição, nenhuma emoção reflexa, sem estar em condições de opor-se às mesmas. Nos tópicos anteriores abordamos o uso dos alimentos e o estudo da respiração que permitem favorecer o desenvolvimento das aptidões mágicas. Devemos agora considerar a SENSACÃO. Encontrais diariamente pessoas que vos dizem: "Não posso tocar em veludo" ou "Não suporto cheiro de lírio" ou ainda "Sempre que vejo um sapo sinto-me desfalecer". Pois bem, todas estas repulsões instintivas, todas estas emoções, puramente reflexas, devem ser implacavelmente dominadas pelo estudante de Magia, o que constitui um processo de educação da Vontade.

Quando falamos em vencer estes impulsos antipáticos dos sentidos, não significa que se deva passar a gostar do antes se rejeitava. Longe disso, pretendemos que a vontade seja suficientemente desenvolvida para ser capaz de se opor à manifestação impulsiva das sensações. O reflexo se produzirá sempre porém o objetivo da educação mágica é fortalecer a vontade a fim dominar os atos reflexos. Uma vontade capaz de vencer reflexos é uma vontade poderosa. p 151-153

comentário As SENSACÕES, resultado das capacidades receptoras-perceptoras dos órgãos dos sentidos, são agradáveis ou desagradáveis em função de fatores circunstanciais. O gostar ou não gostar de certas sensações é um tipo de "juízo" condicionado que fica retido na memória. A sensação se reproduz porque a memória, ao recuperar o conhecimento, ao trazê-lo de volta à consciência, recupera relacionando o objeto à sensação primitiva de agrado ou desagrado.

TATO e o PALADAR se referem ao corpo físico e aos instintos. OLFATO, ao corpo astral e ao centro anímico (centro da alma astral); AUDIÇÃO relaciona-se ao ser psíquico e ao centro intelectual. VISÃO, pertence ao Homem de Vontade

TATO — Qualquer que seja a sensação, viscosa ou de outra espécie, produzida pelo contato de um animal ou de um corpo, é preciso acostumar-se a percebê-la sem a menor emoção, sobretudo se esta sensação é desagradável. Além disso, um asseio constante e minucioso é indispensável para manter os órgãos do tato e todo o organismo em perfeito estado. Aconselhamos também, o banho diário quase frio, tomado ao levantar e seguido de uma fricção de óleo ou de uma infusão de verbena. Estas práticas são indispensáveis durante os oito dias que antecedem uma operação mágica. p 152

PALADAR — É preciso exercitar-se em apreciar os pratos que se come mesmo quando não são do agrado do experimentador. O mesmo aconselhamos com relação às bebidas usuais, como o leite e a cerveja. Estas práticas, aparentemente inúteis, são da mais alta importância para domar o instinto, o qual, se não estiver dominado, entrava, mais tarde, todos os esforços do magista. É necessário, também, exercitar-se em variar as horas de refeição e diminuir progressivamente a quantidade de alimentos ingeridos, voltando depois ao regime habitual. p 152

OLFATO — A educação do olfato por meio de perfumes deve ser contínua, pois ela permitirá observar bem os efeitos das diversas substâncias aromáticas sobre o centro anímico (corpo-alma astral). É preciso habituar-se a vencer as antipatias por este ou aquele odor floral, dos alimentos etc.. Toda repugnância física é de origem reflexa. p 153

AUDIÇÃO — A educação da audição é das mais importantes para o magista. Tal como a vista, a audição é a chave do senso estético. Para tanto, é necessário familiarizar-se com os sons, tanto os sons musicais quanto os sons em geral, do meio ambiente, dos ruídos urbanos aos sussurros da natureza. A educação musical se faz pelo processo óbvio de se dedicar à apreciação de diferentes ritmos, com especial atenção para a música clássica ocidental, os concertos para piano, óperas etc.. além da música contemporânea de todas as tendências. Paralelamente, a educação da audição é complementada com sessões de relaxamento e/ou meditação com especial atenção voltada para o som, seja o som ambiente, seja uma música escolhida para este fim. Neste caso, a preferência é para as peças instrumentais, sem vocais. Também é recomendável, para os ocidentais, buscar sonoridades de diferentes culturas: indiana, africana, árabe, chinesa, japonesa. p 153

Música — Excitante Intelectual

A música comove diretamente a alma e as ordens religiosas assim como as antigas sociedades iniciáticas, têm em grande conta este fato; mas o centro psíquico só é susceptível de comover-se na proporção direta de seu grau de desenvolvimento. Há uma grande diferença entre a maneira pela qual, um operário, um burguês, as pessoas, sendo diferentes, percebem a música. Diferentes gêneros de música são simpáticas ou antipáticas para diferentes classes de seres humanos.

A música, na sua qualidade de excitante intelectual, é tão variada que pode adaptar-se às necessidades de todos os seres humanos qualquer que seja a sua educação física....Podemos, em linhas gerais fazer a seguinte classificação:

- * a música instintiva, representada pela cançoneta, o **bal musette** e o café-concerto.
- * Música anímica, o "gênero eminentemente francês", desde a marcha militar e o canto nacional até a ópera cômica.
- * Música intelectual que, para o povo é a "romanza" e, para os artistas, uma ópera de Wagner. p 156 - 157

VISÃO — A freqüência aos museus e a meditação diante das obras dos mestres, principalmente pela manhã, facilitam a educação estética da vista. O chá poderá ser empregado para ajudar. Porém, em se tratando de educação da vista, o ponto mais importante é o domínio absoluto, pela vontade, sobre as emoções que são despertadas por percepções visuais, pelas imagens, especialmente quando são visões estranhas ou inesperadas. Estas emoções podem produzir-se a qualquer momento porém devem ser dominadas no mesmo instante pela ação enérgica da vontade. A maior parte das iniciações antigas atentavam muito a este ponto.

Perder a cabeça diante da visão de algo inesperado é perder o controle da Vontade e sucumbir aos reflexos do ser impulsivo, submetendo o Ser Imortal aos terrores que assombram mortais, sempre assustados com qualquer coisa que se pareça com o que chamam de "manifestações do além". Ora, as entidades astrais, por exemplo, só podem empregar o medo contra um experimentador isolado em seu círculo e magicamente armado (pentáculos, signos, espada, bastão, aura própria). ...Compreende-se porque o treinamento, a educação da vista e o domínio constante da vontade sobre as emoções é tão importante para aqueles que querem fazer experiências difíceis, como a evocação consciente. Mas apressemos-nos a dizer que estas experiências são raras na prática mágica e muitas outras existem que não requerem tão minuciosas preparações nem este rigoroso treinamento. p 154 - 155

**Educação
do homem mineral-vegetal**

do

Ser

Instintivo

Tendes dificuldade em realizar vossas idéias, apesar de as conceberdes facilmente? Sentis embaraço em continuar em trabalho um tanto extenso, embora o trabalho da imaginação se efetue por si mesmo? Isso quer dizer que em vosso ser prepondera demasiadamente o centro instintivo sobre o intelectual. É preciso reagir senão jamais realizareis qualquer projeto e vos tornareis, pouco a pouco, um desses ociosos falastrões de café que despertam admiração a um auditório pela originalidade e vigor de suas idéias mas que são impotentes para construir coisas. Pessoas assim dão origem à categoria dos invejosos vencidos pela vida que passam as noites nas mesas dos bares.

O trabalho de realização implica um sofrimento ao qual é preciso habituar-se sob pena de morte intelectual. Com efeito, durante a realização o espírito se materializa, o que é uma dor contra a qual reage e só pode ser aniquilada, a nosso ver, por dois meios:

1. o hábito de realizar sempre à mesma hora.

2. o embrutecimento consciente e a materialização do espírito obtidos pelo desenvolvimento do ser instintivo.

É um erro grave desprezar o corpo físico e suas necessidades; este erro é a causa da impotência intelectual, do misticismo improdutivo e até da loucura. A Natureza deu ao homem uma tríplice parêntese para se conduzir na vida e não é matando o animal desta parêntese que se chega onde se quer. Na vida terrena, é o corpo físico, o animal, quem sustenta a disposição orgânica do homem durante as tarefas mais longas e estafantes. É necessário, pois, "coagular" ou concentrar a força nervosa pela educação do ser instintivo. São recomendados neste treinamento:

ALIMENTOS: Refeições substanciais ricas em vegetais.

BEBIDAS: (excitantes) Leite e cerveja.

RESPIRAÇÃO: Lenta e pouco profunda.

PERFUMES: Tabaco

SENSAÇÃO: Paladar

MÚSICA: Lenta, monótona, fácil.

HORA PROPÍCIA: A tarde, de preferência ao anoitecer

Certos artistas de temperamento naturalmente ativo, substituem instintivamente este trino material pelo hábito de realizar seus trabalhos em um horário determinado. Emile Zola, dizem, tinha por hábito escrever (ou seja, realizar) cinco a seis páginas de trabalho todas as manhãs. Este momento, é com efeito, aquele em que o espírito, saindo do sono com o máximo de força, está o mais calmo possível. p 159 - 160

Educação do Homem-animal

Há certos homens de rosto pálido, de olhar profundo, pensadores notáveis, muitas vezes realizadores fecundos mas que se não se resguardam contra adversidades materiais não tardam a sucumbir aos golpes do destino implacável. São talentos maravilhosos condenados ao aniquilamento desde o seu nascimento. Eles não têm bastante resistência orgânica para atividades materiais e a origem deste tipo de ânimo é o sangue. Ora, o animal, no homem, não é naturalmente preparado para suportar as adversidades próprias da civilização. Os egípcios e, mais tarde, os gregos, exigiam de seus filósofos as provas físicas, cuja preparação era a ginástica. O treinamento do animal estabelece a seguinte rotina:

ALIMENTOS: Carnes assadas, caça.

RESPIRAÇÃO: Rápida e profunda.

PERFUMES: Almíscar

SENSAÇÃO: Olfato

MÚSICA: Marchas

HORA PROPÍCIA: Imediatamente após as refeições. p 161

Educação do Homem Racional

Tendes grandes mãos e dedos grossos, contais com um vigor muito grande para o trabalho porém tendes também grande dificuldade de assimilação rápida e compreensão artística? Queres aguçar vosso ser intelectual; queres pôr vosso trabalho e até vosso apetite à serviço do cérebro? Confiai em vossa memória, já que a tendes excelente. Mas atentai que será preciso aprender a vencer as necessidades e os apetites que constituem quase toda a vossa existência. Será preciso dominar sempre os acessos de cólera que vos invadem a cada contrariedade. Será preciso praticar os exercícios intelectuais que recomendamos sobre a sensação e a música. Acrescentai a isto o regime seguinte e dentro de seis meses, eu vos prometo, afinareis sua alma e apreciareis sensações refinadas que antes lhe eram indiferentes.

ALIMENTOS: Frutas e laticínios, ovos, pouca carne, açúcar.

BEBIDAS: (excitantes) Café, uma vez ao dia e chá, duas vezes, durante um dia, a cada semana. Como bebida habitual, água pura ou ligeiramente misturada com vinho.

RESPIRAÇÃO: Rápida com expiração bem gradual.

PERFUMES: Incenso apreciado durante ritualde prece.

SENSAÇÃO: O ouvido deve ser desenvolvido assim como a vista.

MÚSICA: Sacra, concertos sinfônicos, ópera, música clássica.

HORA PROPÍCIA: Sempre em jejum, pela manhã, das 7 as 11 horas. Durante a tarde, das 5 as 7 horas. Para realizar, prefira o período da manhã; para criar, o início da noite. p 162

O Amor na Formação do Mago

O amor é o estimulante do Homem de Vontade, do Espírito Livre. Porém, devemos estar atentos ao emprego tão comum e leviano que se faz da palavra AMOR. Para o Homem Superior, o melhor estimulante, aquilo que o move, não uma substância, um perfume ou mais arrebatadora das músicas. Para comover o espírito imortal é seu recôntido mais profundo é necessário esse fenômeno, que conforme seja vivenciado, pode ser a pior ou a mais elevada experiência existencial:

o

amor.

O amor é um catalisador de relações que funciona através de uma espécie de interação eletromagnética. O amor é afinidade misteriosa da atração entre os átomos assim como é a atração entre dois seres humanos. O amor é o grande móvel de todo ser criado. Há dois caminhos principais que conduzem o fenômeno do amor: um é o sexual, instintivo, o ato fecundador que é a mais material manifestação de amor. O outro caminho é o êxtase, uma satisfação mais espiritual e elevada.

Aquele que foge do amor terreno e carnal não saberá jamais resistir-lhe. Entretanto, deixar-se arrastar pelo mais poderoso dos sentimentos, em qualquer de suas manifestações é assaz perigoso. O imprudente que apela para a Magia para satisfazer uma paixão amorosa, não passa de um ignorante ou um tolo, porque procura armas para combater no momento mesmo em que se confessa vencido. O magista não deve ser dominado pelo afeto amoroso assim como também não deve desconhecê-lo. A castidade absoluta só é exigida do experimentador durante quarenta dias que precedem operação mágica. Mas se magista deve saber resistir à cólera e ao ódio que sente nascer em si, melhor ainda deve saber dirigir a potência do amor quando ela se apresenta no seu caminho.

O fato é que na medida em que o ser psíquico se eleva, refina seus gostos, novos amores se revelam ao homem e a Cabala nos ensina que o sábio, consagrando seus esforços e suas vigílias ao culto desinteressado da verdade, será ajudado em seus trabalhos pela presença cada vez mais perceptível da **alma irmã**, entidade astral que sacrifica sua evolução pessoal pela do bem amado. Aí está um dos mistérios mais profundos dos "mistérios do amor"; só aqueles que estudaram a cabala penetrarão o segredo. ...Da mesma forma que o homem do mundo, experiente, sabe distinguir as amorosas das vendedoras de amor, o magista deve saber reconhecer o amor verdadeiro onde quer que ele se manifeste, assim como precisa saber distinguir os vendedores que desonram o templo mais sagrado de todos. **p 171 a 175 - texto adaptado**

Sexo & Castidade

O amor, que identificamos como **excitante do ser total** é um centro de expressão relacionado à **GERAÇÃO**. A geração pode ser psíquica, fisiológica ou física. A união de dois cérebros para o mesmo fim cria idéias vivas; a união de dois corações dedicados a um mesmo ideal cria sentimentos que sobrevivem à morte física; a união física (sexual) de dois seres dá origem às criaturas. A ciência do magista consiste em substituir progressivamente os prazeres da procura do amor físico pelos deleites mais delicados, os sentimento duráveis e depois, pelos entusiasmos menos enganadores das criações intelectuais.

O homem que considera o amor físico, o sexo, como o eixo fundamental do bem estar ou da realização na existência, está condenado ao mal estar a à frustração inevitáveis pois, com o passar dos anos o vigor sexual se dissipa, e se não conhece outros prazeres, fica desprovido de interesse pela vida e torna-se presa fácil da apatia, do desânimo.

O controle dos impulsos sexuais exige um treino longo e progressivo. Somente a ignorância justifica a imposição de uma castidade absoluta aos jovens recém iniciados e que ignoram quase tudo da vida . Os maiores dentre os fundadores de ordens religiosas eram, ao contrário, velhos militares ou pessoas já cansadas do mundo e seus prazeres. Santo Agostinho é um bom exemplo, pois somente ingressou num mosteiro depois de passar toda a juventude entre estudos e amores profanos.

É evidente que quem visa desenvolver poderes excepcionais deve achar-se em condições de resistir às sugestões do sexo. Os ritos mais rigorosos impõem, ao menos, quarenta dias de abstinência aos práticos mais treinados, antes de qualquer operação mágica. O objetivo é: 1) não dissipar uma energia qualitativamente preciosa, que é a energia sexual ou geradora; 2. Evitar trocas energéticas nocivas que podem resultar do ato sexual.

Não é proibido ao magista amar; mas ele não deve, absolutamente, deixar-se dominar pelo amor a tal ponto de sua vontade aniquilada pelo ser desejado e/ou amado. Os impulsos do amor devem ser tratados como reflexos sobre os quais o homem de vontade (e mulheres também) deve manter predomínio completo a todo instante.

Em boa parte dos casos, os parceiros sexuais ou amorosos não admitem por muito tempo partilhar o ser amado com a Magia, rival cujos encantos aumentam com o tempo ao passo que os atrativos do amor passam, decaem, como tudo que se refere ao plano material. O processo de adaptação do magista deve, pois, capacitar o Iniciado a ceder ou resistir ao amor conforme sua

vontade. Um ser humano cuja esfera superior é desenvolvida deve saber deter-se no instante em que uma paixão amorosa vai manifestar-se, especialmente se é um sentimento caracteristicamente "**passionale**" (de paixão), ou seja, um desejo do Ser Passivo que tenta se impor ao Ser de Vontade.

O indivíduo que exerce uma função sacerdotal deve ser casto e abster-se de carne durante os quinze dias que precedem e os quinze dias que seguem o desempenho do sacerdócio porque, em verdade, realiza um ato de Alta Magia. Deve-se dominar as sugestões do amor com todo o esforço de uma vontade enérgica, porém nunca ignorar seus mistérios. A prática alterna períodos mais ou menos longos de abstinência absoluta, períodos consagrados ao estudo, ao trabalho e às ocupações da vida cotidiana. **p 202 a 205 - texto adaptado**

VOLUME III - PRÁTICA

TRECHOS SELECIONADOS & COMENTÁRIOS

Cap. VI - Meditação

6.1. Exercícios de Papus

6.2. Ciência das Analogias

6.3. Fortalecendo a Vontade

6.3. Reações do Ser Impulsivo

Cap. VII - Realização da Vontade

7.1. Educação do Olhar: Espelho Mágico

7.2. Educação da Palavra

7.3. Educação do Gesto

7.4. Educação do Andar

A sensação é o alimento do ser psíquico. Sendo assim, uma sensação deve sofrer uma espécie de processamento para sua completa assimilação, tal como acontece com os alimentos que passam pela digestão antes dos nutrientes poderem ser utilizados pelo organismo.

Fisiologia da Meditação

- 1º) Filtração das sensações pelos órgãos dos sentidos, primeiro passo para a produção de idéias.
- 2º) Fixação das idéias.
- 3º) "Digestão" das idéias, origem do pensamento.

Os órgãos dos sentidos representam, para a sensação, o que a boca, o estômago e os intestinos representam para os alimentos: órgãos de separação e de primeira transformação. Uma vez produzidas, as idéias, análogas ao quilo, são condensadas na memória, como o quilo é condensado, em grande parte, no fígado. Chardel definiu a memória como uma reação da inteligência sobre a sensibilidade. Transcendendo a inteligência condicionada e a memória, começa a ação do magista, que considera a memória, tão cara aos pedagogos atuais, como uma faculdade puramente passiva.

A digestão das idéias é muito mais complicada que a digestão dos alimentos. Ao que sente, segue-se a ação daquele que PENSA, ação muito mais elevada, característica exclusiva de seres humanos. "Ter idéias, disse Fabre d'Olivet, é sentir; ter pensamentos é criar". Ora, a meditação é o exercício do pensamento; é a origem do dom das faculdades remotas (ou latentes) do homem, inclusive o dom da profecia e o êxtase.

O desenvolvimento especial da memória não é absolutamente necessário ao exercício da meditação e a profecia, por exemplo, se desenvolverá mais provavelmente na alma de um pastor contemplativo da natureza que no espírito de um erudito carregado de diplomas e preconceitos. A instrução é um instrumento, um meio e, muitas vezes, um perigo quando incompleta; jamais um fim, exceto para o Ocidental que se autodenomina "um homem prático".

É pelo exercício progressivo da meditação que se chega, pouco a pouco, ao desenvolvimento das faculdades psíquicas superiores, de onde derivam três ordens de fenômenos que os autores antigos classificaram como: **arroubo**, **êxtase** e **sonho profético**. O **arroubo** decorre da meditação das coisas espirituais combinada com um ritmo respiratório caracterizado pela expiração voluntariamente retardada. O procedimento produz catalepsia do corpo físico e iluminação do corpo astral que pode entrar em contato telepático com o plano espiritual embora "permaneça no físico". O **ÊXTASE** se manifesta exteriormente pelos mesmos fenômenos: catalepsia, olhar fixo, ritmo respiratório peculiar etc.) mas, neste estado, ocorre o deslocamento do corpo astral além da visão à distância. O **SONHO PROFÉTICO** não se confunde com o sonho da psicologia da personalidade, que processa fatos, visões e idéias vividos e que ocupam a mente durante um dia ou por longos períodos. O **sonho profético** independe, inclusive do estado de sono. É desencadeado por uma súbita iluminação da alma, um estado de consciência no qual há percepção do plano astral. Sobre < escreveu profético,>

Aquele que quiser ter sonhos divinos deve estar fisicamente disposto e preparado e não ter o cérebro sujeito a vapores nem o espírito às paixões; não deve cear neste dia nem beber coisa alguma que o possa atordoar. Que seu quarto esteja muito limpo e seja mesmo exorcisado e consagrado, queimando-se nele algum perfume. Sob o travesseiro, colocará uma figura sagrada e tendo invocado a divindade por meio de santas orações, o operador deve deitar-se com o pensamento fixo naquilo que quer saber; pois é assim que ele terá sonhos muito verdadeiros e certos." **PAPUS, p 337**

Da mesma forma que os diversos processos que descrevemos aqui auxiliam o treino do que SENTE em nós, o exercício da meditação desenvolve rapidamente e com segurança o que PENSA. Mas o que é preciso fazer para praticar a meditação? — perguntareis. Goethe, quando desejava penetrar um segredo da natureza relativo à anatomia, por exemplo, tomava o crânio de um animal qualquer e, sentando-se no jardim, contemplava longamente o objeto de suas investigações.

Exercícios

1º) O primeiro exercício psíquico que deveis praticar consiste em **SUBSTITUIR SEMPRE** as respostas e as idéias puramente reflexas, saídas da memória, por respostas refletidas e comedidas. Não mais terrível inimigo dos esforços da meditação que a massa flutuante das idéias "que se têm muito sabidas".

2º) Evitar discussões: as discussões contraditórias e polêmicas devem ser cuidadosamente evitadas. Não passam de exercícios puramente inúteis, ferem quase sempre o adversário sem nenhum proveito e excitam o amor-próprio despertando o orgulho, anulando a serenidade. Deixe que os impulsivos discutam à vontade. Aprendei a guardar silêncio sempre que uma discussão violenta comece em vossa presença. Leia com freqüência os Versos Áureos de Pitágoras: ensinai, dizei, porém, respeitai-vos o bastante para não discutir **NUNCA**. É um emprego inútil das faculdades intelectuais.

3º) Buscar **OLHAR** mais que somente **VER** os fatos do dia a dia. É preciso encontrar a **idéia oculta** que se esconde sob a sensação visível, material.

4º) Quando, pela reflexão sobre as sensações for um hábito, depois de habituar-se a reconhecer o invisível, a idéia revelada pela forma, o esotérico que se oculta sob o véu do exotérico, é preciso ir mais longe e procurar as **relações das idéias** entre si.

Ciência das Analogias

A meditação está estreitamente relacionada com o chamado raciocínio analógico. Plantas, pedras, que para o leigo não têm significação, manifestam ao magista as **assinaturas astrais** que ligam aquela pedra ou planta a tal ou qual animal ou situação planetária. Esta habilidade de estabelecer analogias é o grande segredo dos "curadores" e dos feiticeiros de aldeia. A Magia é a ciência das relações das coisas, disse Kircher. Investigar por si mesmo, além dos livros, as analogias naturais, tal deve ser um exercício constante para o magista.

A essência da meditação é a reflexão profunda sobre objeto ou objetos. Além da Natureza e seus recantos tão propícios, recomendamos a contemplação das obras de arte. É útil dedicar várias sessões de atenção voltada para uma determinada peça sem nunca consagrar a mesma sessão a duas obras diferentes. Quando se trata de uma produção literária é preciso proceder da mesma forma. Deter-se em um livro, um texto e evitar a leitura simultânea de escritos diferentes.

Fortalecimento para quem tem dificuldade em tomar decisões

da

Vontade

Todas as manhãs, ou — ao despertar, e tanto quanto possível, ao nascer do dia, envolver-vos-eis em um cobertor de lã cobrindo até a cabeça. Sentado no leito, concentra o pensamento nos trabalhos a empreender durante o dia. Atenta para o corpo, observando as impressões fornecidas pelo sentido interno. Fareis este exercício de meditação, a princípio durante 20, depois 20 minutos a cada manhã. Durante este tempo a respiração será lenta e profunda. Observa a respiração, respeita seus ritmos até que se torne regular.

Reações do Ser Impulsivo

O exercício da Vontade não é fácil. Cada afirmação do poder da vontade é precedida e seguida de uma reação em sentido contrário. O ser impulsivo pode se tornar muito enérgico instaurando desânimo e lassidão quando o indivíduo estava aparentemente firme em sua disposição para um trabalho. Com efeito, o trabalho intelectual só se pode obter à custa da submissão absoluta do Homem Impulsivo ao Homem de Vontade. Um treino especial é necessário e o fracasso significa completa impotência para realizar operações mágicas ou mesmo tarefas ordinárias.

Suponhamos que após uma crise de preguiça e de pessimismo, venceste estes sentimentos e vos entregais ao trabalho. Nem bem começa a escrever ou desenhar e surge um forte desejo de sair, de andar. Se não estiveres prevenido para resistir, abandonareis neste momento seu objetivo e em um instante estarás na calçada. O que sucede é que o Ser Instintivo, cujo modo de ação habitual é o exercício de andar, vos engana e zomba de vossa vigilância. Porém, vós resistis, empenha-se no trabalho, vence a primeira tentação e logo uma enorme sede manifesta-se em vós.

É uma outra astúcia do centro instintivo, pois cada gole de líquido absorvido rouba uma parte da força nervosa e com isso a disposição necessária à realização projetada. Mais uma vez, dominas o mecanismo de fuga e que estás mesmo já completamente empenhado em sua proposta. Eis então a terceira tentação: emoções que se manifestam. Imagens de fatos passados, afeições, ambições. A mente é tomada por devaneios que colocam a perder toda a concentração.

As reações são muito pessoais mas todos os magistas experimentam tais obstáculos. Contra esta tendência de dispersão somente a disciplina da resistência pode surtir efeito. Para resistir, o conhecimento das reações do Ser Impulsivo é indispensável. A paciência e a perseverança opostas a este Ser Impulsivo permitem atingir rápida e seguramente um objetivo, o qual não se deve perder de vista nem por um instante. Lembrai-vos da lenda das sereias. p 165

Capítulo

VII

realização da vontade

introdução

Este é um Capítulo dedicado ao ensino objetivo do modos, do **como** realizar **atos mágicos**. É um texto sobre técnicas. Nos capítulos anteriores ao autor deixou claro que Magia é a ciência da força de Vontade, no sentido de ser o conhecimento que permite ao homem possuir o completo domínio sobre sua capacidade de querer e realizar. O aprendiz de magia precisa saber dirigir esta força metafísica, essencialmente mental e provavelmente ligada à realidade subatômica, ao universo das partículas.

A Alta Magia ocidental de mestres como Papus e Eliphas Levi insiste neste ponto: a iniciação mágica começa com o aprendizado de algo que a maioria das pessoas considera um instinto ou um impulso atávico: QUERER. Enquanto a filosofia discute o livre arbítrio, multidões fazem coisas sem querer e sem pensar todos os dias, movidas por sugestões estampadas em telões. Querer coisas parece ser uma mera manifestação de necessidades que não precisa ser ensinada. Mas não é assim. Primeiro porque há uma grande distância entre QUERER, que é estabelecer um objetivo, ou toscamente DESEJAR, movido por instintos vulgares comuns a todo reino animal ou pior, o desejo das multidões é ainda mais primário que o desejo de qualquer bicho porque é o desejo corrompido pelos pela busca de identidade cultural e aceitação social.

O querer do cotidiano é um ato reflexo, um impulso inconsciente. É assim que as pessoas se abandonam a "quereres" dos mais insensatos e mesmo nocivos; e comem demais, bebem demais, fumam demais, compram demais. Aprender a querer, alcançar a liberdade do querer, o querer consciente, está na base dos pré-requisitos indispensáveis à realização de qualquer ato mágico, ou

seja uma ação exercida por meio do uso da força metafísica de um pensamento definido e verdadeiramente livre.

O desenvolvimento da Vontade começa com os diversos exercícios fisiológicos e psíquicos e evolui para o treinamento dos recursos de expressão do homem: o olhar, a palavra, o gesto e o andar ou ação em geral. Em Magia, cada um desses recursos de expressão está associado a instrumentos potencializadores e símbolos da Vontade. O espelho mágico, por exemplo, serve, sobretudo, para a educação do olhar; o bastão, a espada, o traçado de figuras pentaculares e o artesanato de talismãs, para a educação do gesto; as fórmulas orais, evocações e preces exercitam a magia das palavras; os círculos e passeios concorrem para a educação da capacidade de agir no meio físico. Ao mesmo tempo, lidar com todos esses instrumentos e obedecer a fórmulas rituais favorece o desenvolvimento da capacidade de concentração (concentrar a atenção, a mente) em todas as coisas que se faz. p 179

Educação dos espelhos mágicos

do

Olhar

Os espelhos mágicos, usados em exercícios de educação do olhar, são instrumentos de **condensação da luz astral**; por isso, o carvão, o cristal, o vidro e os metais são empregados no artesanato, na confecção dos espelhos mágicos. O mais simples dos espelhos mágicos é um copo de cristal cheio de água pura. Ele deve ser colocado sobre um guardanapo branco com uma luz colocada por trás. Outro tipo, consiste em um simples quadrado de papel granulado (papel para desenho) enegrecido com carvão ou com **fusain** (carvão vegetal empregado em desenho). Experimentamos também um espelho mágico trazido da Índia: era uma bola de cristal posicionada de maneira a refletir luz. Todos estes espelhos são objetos que possuem em comum a propriedade de **concentrar em um ponto uma parcela de luz astral** estabelecendo uma conexão entre o Ser individualizado em cada um de nós com a vida universal que abriga todas as formas.

O exercício com o espelho mágico é simples porém não é fácil. A maior dificuldade reside em manter o olhar fixo, sem piscar, completamente entregue à contemplação da luz refletida. No começo do exercício, o estudante se posiciona confortavelmente e olha fixamente para o espelho. Logo sentirá picadas nos olhos, agonia, ressecamento que convida a baixar as pálpebras um instante. Ceder a esse impulso é anular qualquer esforço feito até então. A tendência a pestanejar é apenas um hábito do ser impulsivo, é reflexo. Para manter os olhos abertos é preciso desenvolver uma **tensão de vontade**. Obtido esse resultado, vencido o desconforto da imobilidade dos olhos, opera-se em simultâneo a **saturação do sentido da visão em nível físico**. O resultado é a abertura do canal de visão metafísica: o espelho começa a apresentar coloração diferente. Serão vislumbrados eflúvios vermelhos e azulados semelhantes aos eflúvios elétricos e, lentamente, as formas aparecerão, ou seja, visões de pessoas, entidades, mundos ou acontecimentos que estão registrados ou contidos na luz astral, onde grandezas como espaço e tempo não existem.

Além de proporcionar experiências de **vidência**, o exercício com o espelho mágico desenvolve a capacidade de **PROJEÇÃO DA VONTADE** por meio do olhar. O olhar fixo canaliza, direciona um pensamento, uma vontade, do operador em relação a um receptor. Trata-se de um fenômeno denominado **FASCINAÇÃO**. Na fascinação, o olho do fascinado é o espelho e olhar-pensamento do fascinador é a LUZ. O fascinado RECEBE impulsos emanados do olho do fascinador. A utilização dos olhos-olhar como instrumentos de fascinação são parte de um processo mais amplo: a magnetização ou gerência de fluxos magnéticos. Pode-se "imantar" algo ou a si mesmo, situação de absorção, condensação e concentração de energia; ou pode ser o caro de irradiar, transmitir, enviar energia. O magnetizador é um **acumulador** de prana ou ENERGIA VITAL, força transutilitária pois serve a diferentes operações. Destas, destacam-se as curas de enfermidades, a repulsão metafísica de inimigos, a reversão de situações negativas.

Em espanhol, **querer** quer dizer, ao mesmo tempo, **amar** e desejar. Esse é o segredo do magismo curativo. Um pensamento firme, **intenso**, dirigido é fundamental para a realização das operações magnéticas (concentrar-irradiar) porém é preciso aprender sobre fazer um pensamento ser firme e constante sem necessariamente estar presente, todo o tempo, na mente consciente que realiza suas pequenas tarefas do dia-a-dia. Por isso os magos advertem que é preciso aprender a querer.
texto adaptado das pgs 179 a 182

O Espelho Negro de John Dee

Sobre espelhos mágicos, um curioso episódio é registrado na vida do misterioso ocultista John Dee (1527-1608) e mencionado no livro de Jacques Bergier, **Os livros malditos**. John Dee, considerado por muitos como charlatão, fez estudos brilhantes em Cambridge onde trabalhos com robótica lhe valeram a expulsão da Universidade, acusado de feitiçaria. Foi astrólogo, especialista em línguas antigas e criptólogo. Em 1581, John Dee sofreu uma estranha experiência:

"Um ser sobre-humano, ou ao menos não-humano, apareceu-lhe. Dee chamou-o "anjo". Esse anjo deixou-lhe um espelho negro que existe ainda (o autor escreve em 1971) no Museu Britânico. É um pedaço de antracite extremamente bem polido. O anjo lhe disse que olhando naquele cristal veria outros mundos e poderia ter contato com raças não-humanas ...O museu Britânico não autoriza (em 1971) exames na pedra negra".

(**BERGIER**, 1980 - p 65)

Educação da Palavra

A palavra é o instrumento de geração do espírito. A palavra cria. "Falar é criar" (LEVI, 1995) e "no princípio, Era o Verbo" (Gênesis). Uma velha lenda cristã diz que o diabo é incapaz de tomar pensamentos enquanto não tenham sido **materializados** pela palavra. A Ciência Oculta ensina que toda vibração no plano físico determina mudanças de estado particulares no plano astral e no plano psíquico e, portanto, é certa e considerável a influência que o verbo humano exerce sobre todos os planos da natureza. A emissão da voz compreende três efeitos simultâneos:

- 1º)** uma vibração, uma onda vibratória que se propaga no plano físico da natureza.
- 2º)** Emissão de certa quantidade de fluxo vital pondo em ação o plano astral.
- 3º)** A liberação e criação de uma entidade psíquica que é a IDÉIA à qual O SOM DÁ CORPO e a articulação dá a vida

Cada idéia assim realizada e manifestada no mundo material age, durante um certo tempo, como um ser verdadeiro; depois extingue-se e desaparece progressivamente... A duração da ação desta idéia depende da tensão cerebral (concentração do pensamento e firmeza da locução) com a qual ela foi emitida. Quando um homem sacrifica sua vida em benefício da idéia que defende, criam-se no astral e sobretudo no mundo divino, correntes de uma potência considerável.

Existe uma ciência do Verbo conservada por duas escolas iniciáticas: a oriental, com seus **mantrãs** e a ocidental, com suas fórmulas cabalísticas em língua hebraica. Na ciência do Verbo, a locução obedece ritos estabelecidos e as palavras ou frases são como vestimentas de idéias, fórmulas que comunicam ao astral a Vontade humana. É pela intensidade vital da imaginação que a palavra torna-se um instrumento de poder. A maior dificuldade na prática desta ciência é ocorrer da ser palavra cortada por uma violenta emoção; por isso, o magista deve ter bastante domínio sobre seu Ser Impulsivo a fim de evitar este acidente que poderia trazer conseqüências funestas. p 183-184

Educação do Gesto

O olhar e a palavra, considerados como órgãos de expressão, têm como defeito o não serem permanentes. Eis aí a importância a importância do gesto como recurso para a fixação de idéias. O gesto é o produtor do desenho, da escrita, da pintura, da escultura, da dança e de todas as artes que deixam às gerações futuras um sinal permanente de suas realizações. A escrita, o desenho, são materialização de idéias. A Ciência Oculta ensina que as formas existem, em essência, no astral antes de serem realizadas no plano físico. O plano astral é extremamente susceptível a ser impressionado pelas FORMAS, especialmente os esquemas lineares que esquematizam uma estrutura. A imagem sintética de uma potência física, o esquema desta potência, é linguagem no plano astral e influi sensivelmente, comunicando idéias, informando os seres que habitam este plano.

Um homem visto através da limitação visual dos olhos do corpo é um conjunto visual que inclui o traje, a cor do olhos, o porte; porém os olhos do corpo não vêem o a imagem do Ser Moral. No **estado** astral, ao contrário, somente se percebe este SER MORAL. Ali, o homem aparece como um ser mais ou menos luminoso, conforme sua elevação psíquica. A imagem humana, no astral, se compõe de linhas fluídicas de diversas cores cuja reunião representa muito bem a figura do **pentagrama mágico** (estrela de cinco pontas).

Diante de um pentagrama, certas potências astrais reconhecem a figura de um homem dotado de uma Vontade poderosa; porque, no plano astral, a imagem do homem se converte no esquema da estrela de cinco pontas; na esfera astral só se percebem esquemas sintéticos. Tal é a origem dos signos bizarros denominados **assinaturas astrais** e que se vêem figuradas sobre a maior parte dos talismãs: são resumos, grafo-sínteses de princípios da mais alta importância.

Para que um gesto atue sobre o astral não é preciso ser fixado sobre um suporte físico e o **Sinal da Cruz**, figurado por um simples movimento de mão, como fazem os cristãos, é um talismã de potência singular quando executado com verdadeira vontade e grande fé; é um sinal milenar, anterior ao próprio cristianismo, que carrega todo o poder de uma crença alimentada pela fé de milhões de praticantes e correntes de pensamento. O Sinal da Cruz é um dos sinais mais eficientes como significativo da união do homem com Deus e funciona bem contra os impulsos nocivos e situações de aflição psíquica-psicológica. p 185-186

Educação do Andar

O deslocamento do corpo físico no plano material é acompanhado de um deslocamento de envoltórios fluídicos no astral. A cada passo, o homem atrai ou repele fluidos que se cruzam sem cessar no plano de formação da natureza. A maior parte das pessoas não tem nenhuma consciência deste fato. Aquele que, depois de Ter posto em tensão sua vontade, empreende uma marcha particular, deixa sobre a estrada que seguiu um rastro fluídico e dinâmico de sua passagem.

O magista que descreve um círculo e que reforça seu poder volitivo tornando duas vezes sobre o caminho percorrido eleva, no espaço, uma muralha perceptível pelos videntes e intransponível para seres astrais. Antes de colher uma planta, antes de penetrar em um lugar terrível e no qual se quer encerrar as potências malfeitoras, o magista formulará sua vontade pelo tríplice círculo fluídico.

Um exercício recomendado por Eliphas Levi e que tem um valor considerável consiste em vencer a fadiga resultante de uma marcha prolongada para realizar sua vontade sobre um objeto material qualquer. Assim, se vos acontece de entrar em casa numa hora adiantada da noite, após uma caminhada fatigante, quando todo o vosso ser reclama um repouso revigorante, tornai a sair e vai a lugar situada a meia hora de vossa casa. Ide apanhar a primeira pedra que lá encontrar ou qualquer outro objeto que seja, depois, retorna à tua casa. Este objeto, símbolo do esforço voluntário, é um talismã pessoal mais eficaz que todos os amuletos que puderes comprar. Todo o

segredo da ação psíquica das peregrinações está na prática deste exercício do andar. p 201-202

Sobre o andar, mencionamos ainda um pequeno texto extraído de O diário de um mago, do escritor fictício Paulo Coelho. É o Exercício da Velocidade:

"Caminhe durante vinte minutos em passos vagarosos, com metade da velocidade que usa habitualmente em seus deslocamentos a pé. Preste atenção a todos os detalhes, pessoas e paisagens que estão à sua volta. Observe seu próprio ritmo respiratório. O exercício pode ser praticado em qualquer hora ou circunstância e com regularidade." (COELHO, 1990)

VOLUME IV - PRÁTICA

TRECHOS SELECIONADOS & COMENTÁRIOS

ÍNDICE

Capítulo. VIII
Princípios de Astrologia

SETE PLANETAS

8.1. Saturno

8.2. Júpiter

8.3. Marte

8.4. Sol

8.5. Vênus

8.6. Mercúrio

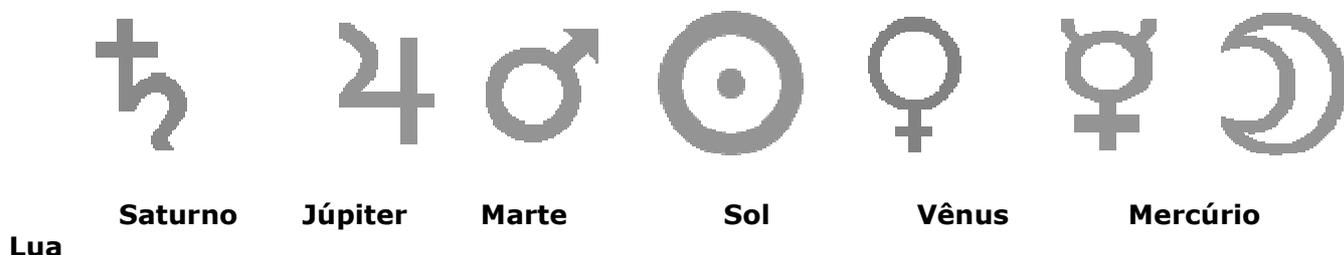
8.7. Lua

8.8. Planetas & Gestação

CAPÍTULO VIII

Princípios de Astrologia

O fluido astral que circula nos seres e nas coisas terrestres passa por sucessivos estados de condensação ou de dissolução. Ensina o esoterismo que tais estados dependem da posição dos corpos celestes cuja influência predomina significativamente em nosso planeta. São sete os astros que o conhecimento mágico considera importantes em suas relações e interação com a Terra. Eis seus nomes e símbolos de identificação:



Estes sete astros movimentam-se no céu como ponteiros de um relógio. Um relógio celeste com sete ponteiros dotados de movimentos mais ou menos rápidos. Neste relógio cósmico, metaforicamente, o Sol representa um ponteiro de destaque, como o das horas, nos relógios comuns. O mesmo ocorre com a Lua, que pode ser comparada a um ponteiro indicativo dos minutos. A diferença é que, ao invés dos ponteiros astronômicos marcarem relações de tempo, suas combinações indicam disposições astrais, tendências à precipitação ou retardamento de acontecimentos, estados psíquicos dos homens, dos deuses (inteligências superiores) e do cosmos.

Os astros em geral, e também estes sete, são, na maioria — segundo Papus, e todos eles, segundo os Teósofos, centros inteligentes ou mais, seres vivos e inteligentes, emissores de forças dinâmicas, com efeitos físicos e poéticos em seu campo de ação. No nosso sistema solar, a Terra interage com estes astros pois todo o conjunto integra não somente um sistema físico de corpos siderais. Mais que isso, é um sistema metafísico de seres vivos e dotados de diferentes graus de consciência, inteligência e potência de ação.

comentário do editor

A idéia da inteligência dos corpos celestes não é exclusiva da Alta Magia Ocidental; ao contrário, pertence a tradições muito antigas, que remontam às cosmogonias indianas, que se referem aos "Espíritos Planetários" dos sete Regentes dos Céus da Terra. Os horóscopos astrológicos referem-se justamente à influência de cada um destes Espíritos sobre a formação de todas as criaturas terrenas e seus ciclos existenciais. Com atributos característicos, cada astro, em função de suas relações espaciais, entre si e com a Terra, determina o desenvolvimento de todo tipo de fenômeno: dos climáticos-geológicos até as condições de formação intra=uterina, nascimento e desenvolvimento de um ser humano. Em seu Tratado Elementar, Papus preenche inúmeras páginas com ilustrações de "assinaturas dos espíritos planetários" e de seus anjos e demônios, e como usar estes caracteres na configuração dos talismãs, números e tábuas numéricas correspondentes além de fórmulas de consagração ou seja, de magnetizar o objeto, conferir ao talismã a energia pessoal do magista. São Tomás de Aquino, eminente doutor da Igreja Católica Apostólica Romana escreve:

"Não me recordo de já ter encontrado nas obras dos santos e dos filósofos alguma palavra que negue serem os planetas guiados por seres espirituais ...Parece-me que é possível demonstrar que os corpos celestes estão regidos por uma inteligência, seja diretamente de Deus, seja por intermédio dos anjos." (BLAVATSKY, 2003 - vol. V, p 310)

Em Ocultismo, os sete astros principais em relação à Terra possuem, cada um, características próprias que devem ser conhecidas do magista porque são analogicamente associadas a signos e seres da Terra, sua origem, sua história, sua evolução. Cores, pedras, metais, plantas, animais, metais relacionados a cada um dos sete astros são usados em magia na confecção de talismãs,

amuletos, sachês (bentinhos), medalhas, jóias, figuras traçadas em tela, pergaminho ou papel e, claro, em poções. A seguir, os atributos de cada astro serão examinados em tópicos separados:



Saturno

Chamado Cronos, é o "deus" símbolo do Tempo que devora todas as coisas transitórias, como a personagem da teogonia grega, que devorava seus próprios filhos temendo ser superado por um deles. Saturno, que foi destronado por Júpiter (Zeus), representa o espírito afeito a coisas antigas e à melancolia além de experiência. No hoósocopo, está ligado aos signos de Capricórnio e Aquário. Saturno e a Lua, em sua fase minguante, é o astro preferido dos magos negros e suas influências são, em geral, consideradas maléficas do ponto de vista humano. Saturno é associado aos seguintes seres e objetos do mundo material:

COR: chumbo, negro metálico

DIA DA SEMANA: sábado

METAL: chumbo, usado na confecção dos talismãs dedicados a Saturno.

SIGNOS ZODIACAIS ASSOCIADOS: Capricórnio e Aquário

PEDRAS DE SATURNO: pedra-imã e calcedônia. A pedra-imã é muito importante para o magista porque entra na confecção da baqueta mágica (ver instrumentos do Mago). Não se deve confundir esta pedra-imã, que é uma substância natural, com o ferro magnetizado obtido industrialmente. Quando um homem deseja saber se sua mulher é virtuosa, toma uma pedra-imã e coloca-a sob a cabeça daquela pessoa. Se é honesta, abraçará o companheiro; caso contrário, deixará imediatamente o leito. Reduzindo-se esta pedra a pó e lançando este pó sobre carvões nos quatro cantos de uma casa, todos aqueles que ali estiverem escondidos, sairão. **(PAPUS apud Grande Alberto, p 234)**

PLANTAS DE SATURNO: São de Saturno os venenos que entorpecem e atordoam, como a maior parte das solanáceas. As plantas que parecem não produzir frutos; as que produzem raízes, folhas ou galhos negros, como a Figueira Negra, O Pinheiro e o Cipestre; as que têm gosto margo, com odor forte, como o Aipo Silvestre, consagrado a Plutão ***Apium graveolens umbelífero.*** **(PAPUS apud Grande Alberto, p 237)**

ANIMAIS DE SATURNO: poupa (passarinho, ave coraciforme de plumagem vermelha, marcada de preto e branco com um tufo de penas na cabeça. Nome científico: *Upupa epops*); toupeira e sapo; siba (octópode marinho, como o polvo).

Poupa - aquele que leva consigo olhos de poupa, engorda e se os põe sobre o estômago, se reconciliará com todos os seus inimigos. Levando a cabeça do animal na bolsa, evita-se o logro em negócios.

Toupeira - este animal possui propriedades admiráveis: colocada no ninho de alguma ave, os ovos se tornarão estéreis. Esfregando um cavalo negro com a água em que se cozinhou uma toupeira, o cavalo torna-se branco.



Júpiter

Este planeta representa o homem de razão e vontade, a calma, o método. Em Magia, a influência de Júpiter está ligada às honras e glórias das realizações longamente trabalhadas. Seus signos astrológicos são Sagitário e Peixes.

COR: Tons de Azul e amarelo claro transparentes.

DIA DA SEMANA: Quinta-feira

SIGNOS ZODIACAIS ASSOCIADOS: Sagitário e Peixes

METAL: estanho.

PEDRAS DE JÚPITER: Safira e Berilo. Quem carrega consigo a **Safira** encontra a paz e a concórdia, a devoção e a piedade, inspira o bem, modera a ira e o ardor das paixões interiores. Quanto ao **Berilo**, sendo pálido, quase transparente como água, resolve demandas e questões, protege contra os inimigos e propicia a vitória da justiça. Usada por crianças, tem a virtude facilitar a aprendizagem nos estudos. **(PAPUS, p 234)**

PLANTAS DE JÚPITER: As plantas de Júpiter são caracterizadas por seu cheiro aromático e os frutos, quase todos oleaginosos, tem sabor doce, como as nozes, amêndoas, avelãs etc.. As árvores são majestosas, como o carvalho, e são consideradas portadoras de felicidade, como a aveleira, o álamo, a figueira branca e, particularmente, a oliveira. Suas ervas características são a hortelã, a buglossa (*Anchussa off*), empregadas em Magia com destaque para o **Meimendro** (*Hyosciamus niger, solanácea*), assim caracterizada no Grande Alberto: "Sua raiz, sendo colocada sobre úlceras, fecha-as e impede que se inflamem as feridas. Quem trouxer consigo o meimendro evitará as surgimento de úlceras e abscessos. Sua raiz é muito boa para a Gota. Seu suco com mel alivia as dores do fígado, pois Júpiter domina este órgão. É afrodisíaco além de conferir ao portador uma aura agradável e jovial. **(PAPUS apud Grande Alberto, p 238)**

ANIMAIS DE JÚPITER: Águia - Veado – Delfim

Reduzindo-se a pó os miolos de uma águia e misturando este pó ao suco da cicuta, aqueles que tomarem o preparado começarão a arrancar os próprios cabelos até o último fio. A figura bizarra desta reação significa que a poção produz alterações mentais como alucinações. **(PAPUS apud Grande Alberto, p 244)**



Marte É o planeta mais próximo da Terra. Avermelhado e violento, ele é a imagem do homem de guerra. Marte possui a coragem, a energia, a cólera e a violência. Em Magia, sua influência é utilizada para momentos que exigem ação.

COR: vermelho fogo

DIA DA SEMANA: Terça-feira

METAIS: ferro

SIGNOS ZODIACAIS ASSOCIADOS: Áries e Escorpião

PEDRAS DE MARTE: Ametista – Diamante

Ametista: para ter bom caráter e não se embriagar nunca, toma-se uma pedra de ametista cor de púrpura; a melhor encontra-se nas Índias. É maravilhosa para os ébrios e torna o espírito acessível às ciências.

Diamante: aqueles que querem suplantar seus inimigos usarão o diamante. Colocada no peito, do lado esquerdo, é poderosa contra inimigos, conserva a razão, põe em fuga animais ferozes e venenosos e evita as más intenções daqueles que vos queiram assassinar ou fazer qualquer outro mal. Faz cessar questões, processos, problemas judiciais. Também é eficaz em anular as substâncias venenosas e elementais, como duendes. **(PAPUS, p 234)**

PLANTAS DE MARTE: Os troncos das árvores, o alho, as urtigas, cebolas, mostarda e o "eufórbio" (da família das euforbiáceas, que inclui árvores, arbustos e ervas incluindo cerca de 7 mil e 200 espécies, como o pequeno cipreste, ruibardo dos pobres, herbácea com folhas ásperas e flores branco-esverdeadas).

Sobre o Eufórbio, Papus cita mais um trecho do Grande Alberto (Grimório, livro de fórmulas e informações de feiticeiros): "sua raiz é boa para dor de cabeça, parte do corpo associada a Marte. É usada também para as doenças dos testículos e para as úlceras podres, quando Marte está em Escorpião, signo que retém a semente. Seu suco é admirável para disenteria e hemorróidas bem como para doenças do estômago. **(PAPUS, p 239)**

ANIMAIS DE MARTE: Corvo, Lobo, Lucio.

Enterrando-se a cauda de um lobo em uma aldeia, ela impedirá que aqueles animais aí entrem. Dependurando-se uma causa sobre a mangedoura das vacas ou em um curral, o lobo não se aproximará enquanto a cauda ali estiver.

SAIBA MAIS CLICANDO NA FIGURA



Sol O Sol representa a juventude com todas as suas ambições, seu orgulho, sua combinação arriscada de audácia e inexperiência com as coisas práticas. Está associado ao gosto pelas artes e ao desprezo a tudo o que é vulgar. Sua mitologia, presente em todas as culturas do mundo surpreende os leigos por seus sincretismos ao longo da história. No Egito, Osíris era o Sol, Rei Celeste; para o moderno parse (sec. XIX) ortodoxo, é o "olho de Ormuzd", considerado 'Deus Onividente', "Deus Salvador (BLAVATSKY, 2003). O Sol pode ainda ser identificado com o Hélios grego, Apolo, em Roma, ou o Cristo católico, por exemplo. **(PAPUS, texto adaptado)**

P

215

-

texto

adaptado)

COR: amarelo ouro

DIA DA SEMANA: domingo

SIGNO ZODIACAL ASSOCIADO: Leão

METAL: ouro

PEDRAS DO SOL: "carbúnculo" (granada nodular trabalhada com cabucho, instrumento de lapidação com extremidade cônica), crisólito (**chrysolitho**, pedra preciosa cor de ouro), heliotrópio* - variedade de ágata verde com pingos vermelhos.

(* nota do editor)

crisólito: usado como amuleto, torna prudente quem o trás consigo evitando ações irrefletidas. Afugenta os fantasmas, impede a loucura, combate o sentimento de medo.

heliotrópio: os necromantes chamam esta pedra de "pedra preciosa de Babilônia". Era usada pelos sacerdotes da antigüidade para adivinhação e interpretação de oráculos. É encontrada na Etiópia, em Chipre e na Índia.

PLANTAS DO SOL: frutos, ervas aromáticas, girassol, ranúnculo (ou flor poligônia).

As plantas do Sol, em geral, são aromáticas e classificadas conforme seus movimentos em relação ao astro, como o girassol, ou as que abrem ou fecham suas flores e/ou folhagens ao nascer e ao crepúsculo, respectivamente, tais como o loureiro, a peônia, chelidônia, etc.. A mais característica das plantas solares é o Girassol, cujas propriedades são assim descritas no Grande Alberto:

"O **girassol** tem uma virtude admirável quando colhido no mês de agosto, enquanto o Sol está no signo de Leão. Envolvida em uma folha de louro junto com um "dente-de-leão", quem a trazer consigo não sofrerá o menor dano, nem mesmo por palavras. Quem colocar o girassol sob a cabeça, durante a noite, verá e conhecerá as pessoas que poderiam prejudicá-lo; colocada a flor em uma igreja onde houver mulheres, aquelas que tiverem violado a fidelidade que prometeram aos maridos não poderão sair enquanto não for retirado o girassol. O **ranúnculo**, erva de porcos ou ainda poligônia cura dores do coração e do estômago. Em forma de beberagem, é um estimulante afrodisíaco. Sua raiz cura males dos olhos, é boa para desobstruir os pulmões e contra os fluxos de sangue dos melancólicos (depressão)." PAPUS, p 240

ANIMAIS DO SOL: Cisne - leão - thymallus **na figura acima**

Sobre o simbolismo que associa o Sol ao Leão, citemos um trecho de The Source of Measures, de J.R. Skinner: "Houve dois Messias. Um que desceu ao abismo para salvar o mundo: era o sol, despojado de seus raios de ouro e coroado de raios negros, como espinhos. O outro era o vitorioso Messias que subiu ao topo do arco celeste e foi personificado pelo Leão de Judá..." **(citado em BLAVATSKY, 2003 - p 275)**

O **CISNE** relaciona-se ao Sol em uma espécie de substitutivo de pássaros míticos: a Fênix e o estranho Garuda. A Fênix, também chamada "Homem-Leão", é o emblema do Tempo cíclico, periódico. Garuda é pássaro-veículo de Vishnu, coeterno com o Deus, uma das três pessoas da Trindade ou Trimurti hindu (BLAVATSKY, 2003 - v. IV p 235). Além disso, o cisne é um animal que aparece com destaque na história do Buda Sakyamuni: foi o primeiro ser cuja vida foi poupada pelo iluminado quando, ainda criança, salvou um deles da panela de um primo caçador. **(YUTANG, 1955).**

Na tradição mais remota dos hindus, a palavra Hamsa que significa o "Princípio Abstrato". É uma palavra do sânscrito decomposta em nos semas **A-Hm-sa**, que significam "Eu sou Ele". A expressão, lida de outro modo, **"So-ham"**, inverte-se para "Ele sou Eu", uma referência à identidade entre a essência do homem e a essência divina. O símbolo desta abstração, é o Cisne, cujo nome em sânscrito é precisamente Hamsa.

Sob tal perspectiva, o Cisne representa a Sabedoria Divina. Os relatos exotéricos apresentam o Cisne como um pássaro fabuloso que separa água e leite misturados numa tigela, bebendo o leite e deixando a água, demonstração de sabedoria porque o leite representa a espírito e a água, a matéria. Na mesma mitologia, hindu, Brahma atravessa os céus no dorso de um Cisne. O Cisne e o Pelicano aparecem também como símbolo das Sociedades Esotéricas dos Rosa-Cruzes. O pássaro aparece rodeado dilacerando o próprio peito e, com seu próprio sangue, alimenta sete filhotes. **Blavatsky, 2001 - Doutrina Secreta - vol I, p 135-136.**

Sobre o Leão, assinala Pappus, ainda com base no Grande Alberto: "Quem de sua pele fizer correias e cingir-se com as mesmas, não temerá inimigos. A carne do animal cura a febre quartã e trazendo os olhos do leão sob as axilas, fará com que outros animais tornem-se submissos e fujam.



Vênus É a estrela da manhã. A juventude feminina com todas as suas faceirices, suas seduções e seus perigos, deusa do amor em todas as suas modalidades. Reina sobre a amante assim como sobre a mãe.

COR: verde

DIA DA SEMANA: sexta-feira

SIGNOS ZODIACAIS ASSOCIADOS: Touro e Libra

METAL: cobre

PEDRAS DE VÊNUS: lápis-lazuli. Esta pedra tem a propriedade de agir contra as febres e contra a melancolia.

PLANTAS DE VÊNUS: flores e todas as ervas que se distinguem por seu perfume, como a Verbena, a Valeriana, o cabelo de Vênus (*Capillum Veneri*) além dos frutos, que são muito doces, como as peras, os figos, as laranjas. As rosas são particularmente consagradas a Vênus, sobretudo nas operações feitas pela manhã.

A **Verbena** é uma das plantas mágicas mais poderosas e misteriosas que existem. Sua raiz, colocada no pescoço, cura escrófulas, parotidas, úlceras e a incontinência urinária, fazendo-se um emplastro que deve ser aplicado no local da moléstia. É soberana para contusões e hemorróidas. Quem beber seu suco com mel em água quente terá bom hálito e respiração desembaraçada. Favorece o amor, porque seu sumo dá abundância de sêmen. Colocada em casa, em uma terra ou em uma vinha, produzirá grandes rendimentos. As crianças que a trouxerem consigo em um sachê serão bem educadas, amarão a ciência e estarão sempre de bom humor. A Verbena é ainda eficiente depurativo (purificante do organismo) e afugenta os espíritos malignos e os demônios (maus pensamentos).

ANIMAIS DE VÊNUS: pomba, bode, boi-marinho

pomba: trazendo-se o coração desta ave em uma pele de lobo, ele extinguirá todo o fogo da concupiscência e os desejos amorosos; queimando o coração e jogando as cinzas sobre ovos de outras aves, eles nada produzirão. Estas cinzas, se colocadas aos pés de uma árvore, esta não dará mais frutos. O sangue da pomba misturado com água na qual se tenha cozinhado uma toupeira torna-se uma poção que esfregada à pelagem de qualquer animal, faz cair todos os pelos que forem negros.

bode: com o sangue ainda morno deste animal misturado com vinagre prepara-se uma poção que tem vários usos: esfregada no rosto, a poção produz visões de coisas horríveis, espantosas; atirada sobre o fogo diante de alguém que sofra do "mal caduco" (esclerose), a pessoa morrerá imediatamente.

boi-marinho: mais uma vez é o sangue do animal que produz efeitos: atirado na água junto com um pedaço do coração do animal, todos os peixes das proximidades se aproximarão; o pedaço de coração, posto sob uma das axilas tornará a pessoa criteriosa e justa; se for um criminoso, será julgado com brandura e favoravelmente.



Mercúrio

O mais rápido dos planetas e o mais próximo do Sol representa a infância com seu transbordamento de vitalidade e ação. Na mitologia, é o Toth dos egípcios, inventor da escrita e precursor dos estudos ocultistas. Mensageiro dos deuses gregos, é o regente das comunicações e da perspicácia e da diplomacia nas relações sociais.

COR: o prisma, a faixa do arco-iris. Nos velhos grimórios escrevia-se o nome deste planeta com uma cor diferente para cada uma das letras.

DIA DA SEMANA: Quarta-feira

SIGNOS ZODIACAIS ASSOCIADOS: Gêmeos e Virgem

METAL: mercúrio

PEDRAS DE MERCÚRIO: Esmeralda e Ágata

esmeralda: Quem almejar ser sábio, reunir riquezas e conhecer o futuro, tomara uma esmeralda - a amarela é melhor. Quem a trouxer consigo terá vivacidade de espírito, boa memória e possuirá riquezas. Colocada sob a língua, comunica o dom da profecia.

ágata: Ágata negra evita toda espécie de perigos. Quem a possui como talismã nada tem a temer do mundo das adversidades da vida. Para desenvolver um caráter generoso, tome-se uma ágata negra estriada de branco.

PLANTAS DE MERCÚRIO: dominaas sementes e a casca. As ervas de mercúrio são compostas de várias naturezas e de diferentes cores. Destacamos aqui a aveleira, a tussilagem (planta medicinal conhecida como unha-de-cavalo) e a mercurial (*Mercurialis annua*, euforbiáceas) - esta última também chamada **urtiga**. Além destas, o Grande Alberto menciona o "quinquefólio" (*Pontilla reptans*), da família das rosáceas: "A raiz desta planta cura chagas e dardros quando usada como emplastro, assim como as escrófulas. O suco, misturado com água alivia as dores de estômago e do peito. Introduzida na boca, combate a dor de dentes ou quaisquer outras da boca, como das gengivas. Trazendo-a consigo, ao modo de sachê, dá boa sorte no trato com autoridades que concederão o que o portador deseja."
(PAPUS, p 242)

ANIMAIS DE MERCÚRIO: cegonha - macaco - throchus



Lua

A lua domina o mundo físico, que em hermetismo recebe o nome de mundo **sublunar**. Em Magia Prática, a importância da Lua aproxima-se da importância do Sol e, a rigor, é bastante guiar-se unicamente por estes dois astros para triunfar em todas as operações empreendidas. ...Tudo o que chega à Terra, os fluidos, as almas, passa pela Lua e tudo o que parte da Terra, pela Lua passa. A Lua reproduz analogicamente, em suas fases, a lei universal da involução e da evolução em quatro períodos. Durante a primeira metade do seu curso, da Lua Nova à Lua Cheia, é o momento único que o magista deve utilizar para suas operações de Luz; é também o momento em que as influências lunares estão verdadeiramente dinamizadas.

COR: branca

DIA DA SEMANA: Segunda-feira

SIGNO ZODIACAL ASSOCIADO: Câncer

METAL: prata

PEDRAS DA LUA: cristal (quartzo) - pérolas - coral branco

cristal (quartzo): Para fazer fogo é necessário tomar esta pedra e expô-la ao Sol em face de qualquer substancia ou material susceptível de arder. Triturado e tomado com mel, o quartzo faz aumentar o leite das amas.

coral: O coral é admirável contra tempestades e perigos que se corre sobre as águas. Quem trás consigo o coral branco, como talismã, manterá o espírito ponderado jamais perdendo a serenidade e o bom senso.

PLANTAS DA LUA: a Lua domina as folhas. A este astro são consagradas as plantas aquáticas porém todas elas são sensíveis às fases da Lua. São plantas lunares características: o Nenúfar Branco ou Lírio d'água e o Lírio de terra, este, com propriedades descritas no Grande alberto: "Esta flor cura e limpa os rins. É boa para doenças dos olhos e para moléstias do estômago."

ANIMAIS DA LUA: coruja - gato - luro - rã

INFLUÊNCIA DOS PLANETAS NO PROCESSO DE GESTAÇÃO

Durante o **primeiro mês**, Saturno domina a formação do embrião porque a matéria com que o homem é engendrado é separada e condensada pela ação daquele espírito planetário; Saturno seca e esfria.

No **segundo mês**, Júpiter comanda a formação dos membros e reforça a matéria do feto por meio de calor e umidade conferindo flexibilidade à forma definida por Saturno.

No **terceiro mês**, Marte "faz a cabeça", define a estrutura dos membros separando pescoço de braços, braços de costas etc..

No **quarto mês**, o Sol domina a gestação começando a determinar as características pessoais do feto, trabalha as estruturas do coração e confere vida à alma sensitiva.

No **quinto mês** Vênus aperfeiçoa os membros exteriores, mãos, pés, dedos e forma outros como orelhas, nariz, ossos, genitália.

No **sexto mês**, sob a influência de Mercúrio, formam-se os órgãos da voz, as sobrancelhas, os olhos, os cabelos e unhas.

O **sétimo mês**, a Lua, pelas virtudes de sua umidade, preenche todos os vazios que se encontram na carne.

No **oitavo mês**, Saturno volta a atuar resfriando para consolidar o que até então foi realizado.

Finalmente, no **nono mês**, Júpiter vitaliza o feto em sua preparação para o nascimento. **PAPUS, p 249**

VOLUME

V

PRÁTICAS PESSOAIS & INSTRUMENTOS

**Capítulo
Práticas Pessoais: A Prece**

IX

A Prece e o Nome de Cristo

Cadeia Mágica

O Magista na Sociedade

O Dia do Iniciado

Relações Sociais

Tipos Humanos

Magia & Religião

CAPÍTULO

IX

Práticas Pessoais

A Prece

A prece tem por fim a fusão momentânea do Eu e do Inconsciente Superior, o Não-Eu pela ação do sentimento idealizado sobre a vontade magicamente desenvolvida. A prece é uma cerimônia mágica de primeira ordem, fundamento de toda prática. A Prece é um ato voluntário e cerebral e não consiste unicamente no movimento dos lábios, conforme determinadas palavras sempre iguais, hábito que pode tornar a prece um simples ato reflexo quando deve ser plenamente consciente. A palavra é apenas uma roupa com que o iniciado reveste ou expressa suas idealizações; recomendamos a prece meditada, comentada em termos diferentes a cada vez. A prática da prece é mais eficiente quando obedece a um ritual que serve para promover a concentração da mente no objeto da oração. Entre todos os rituais de prece, aqui está o que preferimos:

O praticante deve manter-se em jejum de sólidos ao menos três horas antes do ritual. Começará com uma meditação de cinco minutos, precedida de três inspirações lentas e profundas. Recomenda-se, além do ambiente de tranquilidade inviolável, que o Iniciado envolva-se em uma manta larga abrigando todo o corpo até a cabeça. Pode usar um bastão de incenso. Depois do exercício regulador do ritmo respiratório (a respiração lenta e profunda), pode-se começar a oração dita.

Invocar-se-á primeiro os mestres do invisível que constituem a cadeia mágica (respeitando-se cada religião, pode ser Buda ou Jesus Cristo e Nossa Senhora etc.), depois os seres psíquicos que presidem a evolução da humanidade (Anjos, Devas) e, progressivamente, eleva-se o pensamento até o Centro Superior, o Criador de todas as coisas ou Deus.

Os efeitos produzidos pela oração mágica são consideráveis. No plano astral, as formas elementares são imantadas pela ação do Verbo humano. Para a alma do operador, funciona como um bálsamo calmante e podem surgir sentimentos de piedade, compaixão pela humanidade, pelos próprios inimigos, ou emoções pela percepção dos próprios erros ou de bençãos recebidas. Visões também podem ocorrer. Porém, mesmo que as emoções sejam fortes, é preciso dominá-las e evitar o pranto desenfreado. Para os católicos, o Rosário Meditado de Santo Inácio de Loyola é um guia de valor.

Cadeia Mágica

A prática constante da Prece cria, em torno do magista, uma estrutura metafísica denominada Cadeia Mágica. É uma aura de proteção capaz de deter todos os esforços de indivíduos invejosos ou devotados ao ódio. Esta Cadeia Mágica se constitui pela influência energética de seres simpáticos. Por isso recomenda-se chamar evocar os mestres que são caros a cada magista. Deve-se escolher entre os mestres falecidos, antigos ou modernos, um guia preferido, cuja doutrina ou obras toquem mais de perto o espírito do praticante. Durante a prece, ou logo depois de evocar os mestres, deve-se estabelecer a assistência de que se necessita, seja para o sucesso em estudos e trabalhos, pelo bem estar de pessoas ou pela defesa contra ataques de forças invisíveis. Em caso de perigo ou no momento de executar um ato importante, é suficiente chamar em voz baixa, e por três vezes, o mestre da Cadeia e então, sentir-se-á sua influência manifestar-se imediatamente. O silêncio sobre estas operações pessoais é a primeira condição imposta ao magista, ou seja, não vale a pena alardear entre leigos as virtudes da oração, sobretudo em nosso tempo, quando proliferam seitas cristãs e os assuntos religiosos são explorados pelos mídia (meios de comunicação de massa) com tanta intensidade que tornam-se apenas mais um produto cujas virtudes são saturadas pelo abuso, pela prática leviana. A Cadeia Mágica bem como o Círculo Mágico são a manifestação material, objetiva, de uma rede que vos protege e vos guarda no invisível. Este é um dos maiores segredos da Cabala prática.

A Prece e o Nome de Cristo

A prece é a guarda soberana contra todos os malefícios. se tens inimigos capazes de utilizarem forças astrais, é preciso orar **por eles** e pedir ao céu que os ilumine e os reconduza ao caminho do bem. Se não são conhecidos os autores dos malefícios, é preciso, ainda assim, pedir para eles a proteção invisível, em vez de os oprimir com ódio e maldições, processo de feiticeiros vulgares e mal sucedidos.

O salmo 31 é de uma eficácia extraordinária contra todas as ações astrais. Em uma luta contra uma ação astral, é necessário evitar dizer mal dos ausentes e procurar, tanto quanto possível, afastar de si pensamentos e palavras maledicentes. A prática da caridade é indispensável, o tipo de caridade que faz alguém adiar seus próprios interesses para socorrer alguém que sofre com verdadeira urgência de auxílio. O fato é que, forças astrais, sem exceção, se prosternam diante do nome de Cristo, mesmo quando este nome é pronunciado por um pecador ou espírito mau. Invocar o auxílio do Cristo dissipa as más forças como o sol dissipa nuvens ligeiras. Recorra-se portanto à prece pois nada pode resistir à sua ação.

O Magista na Sociedade

POSTURA: DISCRIÇÃO

A imantação das forças psíquicas deve ser feita no silêncio. É pela perseverança, pela calma e pela investigação exclusiva da verdade por si mesma, sem interesses vis, que esse chega à intuição do astral e o domínio das práticas mágicas. Pitágoras impunha, antes de tudo, um longo período de silêncio a seus discípulos, processo muito eficaz para desenvolver a meditação e a concentração. Aquele que se dedica ao estudo e prática da Magia deve adotar uma extrema discrição e disfarçar suas verdadeiras pesquisas e ocupações esotéricas sob pretextos diversos. A mais importante das regras a observar é o quarto ensinamento da Esfinge: **CALAR**.

O DIA DO INICIADO

O dia do magista deve ser consagrado à prece sob estas três formas: a palavra, o trabalho e a meditação. Ao levantar-se, deve purificar-se o tanto quanto possível. Um banho rápido, ou o banho iogue, é recomendável com água tépida, em locais frios e fria, em locais quentes. Após o banho, o corpo deve ser secado friccionando a toalha dos pés até a cabeça. A seguir, já vestindo uma túnica ou camisa ou ainda roupas íntimas, o praticante deve envolver-se em sua manta, permitir-se alguns instantes de silêncio enquanto toma consciência de seu ritmo respiratório. Então, pode começar o ritual da prece, prestando atenção ao seu Ser interior e começando a evocação dos seus Mestres Espirituais. Feito isso, é hora de começar o dia do cidadão e iniciar suas atividades profissionais ou atender a compromissos civis — "Quem trabalha, ora" — diz um escritor sacro.

O trabalho, a profissão que se exerce para viver jamais se confunde com a ocupação à qual uma pessoa se dedica. Todo ser humano deve Ter uma profissão, um ofício para assegurar sua vida, do ponto de vista físico e social. O que aqui denominamos "ocupação" além da profissão é a atividade escolhida para o desenvolvimento intelectual e preservação do pensamento livre. O magista, depois de cumprir seus deveres profissionais e civis deverá, então, usar o tempo disponível para se dedicar às práticas relacionadas à magia: meditação, leitura, escrita, desenho, educação dos sentidos pela contemplação de obras de arte, audição de peças musicais, confecção de objetos encantados.

No Tratado Elementar, Papus transcreve as sete "Orações Misteriosas de Enchidião", uma para cada dia da semana. Estas orações podem ser substituídas sem prejuízo, por quaisquer outras próprias da religião de origem do magista, ou seja, serão orações do Islã, se é um muçulmano, ou mantras, se é um hinduísta ou budista. Para os católicos, as orações clássicas combinadas, como o Pai Nosso, a Ave-Maria, a Salve Rainha, a Oração ao Anjo da Guarda, o Credo e a palavra espontânea dirigida às potências divinas são suficientes.

O **Domingo**, deve ser tanto quanto possível consagrado unicamente à ocupação e não à profissão e outros compromissos civis. Neste dia, ao despertar, a prece é mais demorada e solene; se preferir, o magista pode freqüentar a missa ou o ritual de sua Igreja de origem. A tarde dos domingos será consagrada às atividades mágicas, como mencionado antes: artesanato de instrumentos, leituras, visita a museus, audição musical, desenho, escrita, meditação, exercícios respiratórios e físicos etc. Ao anoitecer, depois de repousar da última refeição, é hora de recapitular as atividades desenvolvidas durante a semana, ler mais um pouco, fazer apontamentos, meditar e orar.

RELAÇÕES SOCIAIS

Suponhamos agora que o experimentador alcançou constituir ao redor de si uma atmosfera de simpatia tanto no mundo invisível quanto no mundo visível. Ele vai utilizar sua ciência em benefício de profanos e ignorantes. Pessoas que responderão a cada benefício com sentimentos cheios de veneno, como inveja, cobiça, ódio. O magista precisa estar ciente e preparado quando perceber quanta energia e firmeza de ânimo é preciso para ser Bom!

Senhor de vossas paixões e instruído nos mistérios da natureza, lançai as vistas em torno. Encara com entendimento as condições que a época impõe e estuda friamente o que vos cumpre fazer

para manifestar o poder. Vives em meio aos seres humanos mas, o quê é um ser humano além de sua forma? A verdade é que, conforme o caso, pode ser um boi ou um porco guiado por instintos e apetites grosseiros; um tigre ou um javali, estimulado por paixões, dirigido pelo egoísmo e pelo ódio; um abutre ou um papagaio fascinado por interesses, mesquinhas e preconceitos. Raramente encontrareis um ser humano verdadeiro, de corpo e espírito. Cada um destes seres trás escrito no semblante a assinatura dos impulsos animais que o movem e dominam. Tu, possuidor do segredo de Hermes, deves aprender a arrancar a máscara da face humana que esconde a bestialidade latente no fundo de cada um. O rosto, o aspecto da pele, o andar, os gestos, a escrita, a voz servem para estabelecer rapidamente o diagnóstico do Ser Moral.

TIPOS HUMANOS

Os antigos distinguiam quatro tipos humanos de temperamento: 1. fleumático; 2. sangüíneo; 3. nervoso; 4. melancólico-bilioso. Neste Tratado apresentamos uma síntese dos pontos característicos que permitem ao magista diagnosticar o caráter-tipo dos indivíduos.

Impulsivo-instintivo: o instintivo (vegetativo) possui a tranqüilidade, a lentidão e a resistência dos bovinos. Sua tez é pálida, sem viço, suas carnes são flácidas e vagarosos também são gestos, seu andar e sua voz.

Impulsivo-anímico: este é um ativo, apressado e, por vezes, violento. Seu hieróglifo é o Leão. Sua face é avermelhada, congestionada; suas carnes são rígidas, seu andar e seus gestos são vivazes e seu falar é rápido.

Impulsivo-intelectual: o intelectual é como um pássaro. Seus passos são curtos e rápidos. A face é amarelada e a expressão estudada. Os gestos, comedidos e a fala premeditada, marcada por pausas e interjeições.

Homem de Vontade: este é facilmente reconhecido por seu olhar profundo, a amplitude dos gestos e passos, a firmeza do falar e o equilíbrio geral das formas físicas.

Se quiserdes dominar um instintivo, satisfazei sua gula, sua preguiça e cuidai que reine a tranqüilidade no meio em que com ele estiverdes. Assim, criareis ao redor deste ser uma atmosfera de hábitos absorventes da qual ele terá grande dificuldade de se libertar. Para prevalecer sobre o anímico, cuida de dar a ele o que fazer, obstáculos a vencer; procura despertar sua cólera de vez em quando e depois fazei-o aquietar-se com um punhado de elogios esperados. O intelectual se controla pelo conhecimento de suas pequenas manias que tratareis de encorajar e satisfazer. Incitai-o a sentir ciúme e inveja e logo terás um escravo de vossos desejos mesmo que pense estar a contrariar-te. Engana, portanto o discernimento do intelectual e o guiareis pela via que quiseres. Para o Homem de Vontade, precisarás de muita astúcia. Procura saber qual sua ambição mundana oculta, se ele a tiver. Finge aceitar sua liderança e alimenta-lhe a vaidade. Se fraquejar, este ser poderá ser dominado enquanto crê estar dominando.

Para resumir esta exposição, podemos figurar estes conhecimentos de maneira mais simples: é sobre um boi que quereis atuar? Seja como erva se é necessário prendê-lo e desarmá-lo. Seja aguilhão e espora, se é preciso fazê-lo evolucionar. Trata-se de dominar uma fera, um leão? Ele se torna dócil para quem lhe leva a comida na jaula; mas se for preciso colocá-lo na jaula, seja um domador e jamais demonstre qualquer vestígio de medo. É preciso agarrar um pássaro ligeiro? Fazei girar rapidamente o espelho de mil facetas e a calhandra, deslumbrada, se deixará apanhar com a mão; ou então, sede o passarinho, a arapuca onde a isca seja uma promessa de lucrativo saber.

MAGIA & RELIGIÃO

O magista deve permanecer independente no meio de todos os cultos, igualmente respeitáveis. Cada continente gerou sua flora, sua fauna. Cada povo, sua cultura, suas aspirações psíquicas em um culto. Por isso, cada culto é vivificado por uma parcela de verdade única. O magista deve saber orar tão desembaraçadamente na Igreja Católica quanto no templo, na sinagoga, na mesquita pois em toda parte o verbo divino se revela o mesmo sob um véu diferente. Deixemos aos guardas da forma que disutem sobre as cores diversas e comunguemos com os adeptos do Santuário. Se sois católico, ide à igreja, ouvi a missa e tomai vossas lições de magia. Quanto ao resto, meditai os dois primeiros versículos pitagóricos: "Presta aos deuses imortais o culto consagrado. Guarda, em seguida, tua Fé."

PAPUS, p 356

VOLUME VI

Capítulo X - Instrumentos do Mago

Baqueta Mágica

Espada Mágica

Talismãs

Lâmpada Mágica

Roupas do Mágico

Livro do Mágico

Laboratório Mágico

Círculo Mágico

Elementais

Salomão: Mundo Invisível

Cap. XI - Medicina Hermética

Larvas Astrais e Obsessões

CAPÍTULO

X

Instrumentos do Mago

introdução

Toda intenção que não se manifesta por atos é uma intenção vã e a palavra que a exprime é uma palavra ociosa. Os atos revelam a vida e demonstram o poder da vontade. Tal é a origem teórica de todos os instrumentos acessórios empregados em Magia. O estudioso, deve, tanto quanto possível, dispor de um espaço próprio onde tenha privacidade para desenvolver estudos e práticas: é o Laboratório Mágico. No Laboratório, o Mago vai confeccionar ou, ao menos, consagrar todos os seus instrumentos além de ali os guardar juntamente com seus livros, vestes especiais e apontamentos. Todos os móveis e demais objetos devem ser novos e consagrados separadamente segundo o seguintes ritos:

- 1.** Compra e preparação em correspondência planetária.
- 2.** Aspersão com "Água Mágica" (perfumada e consagrada).
- 3.** Fumigação: queima de incensos com perfumes adequados.
- 4.** Consagração pelo gesto nos quatro cantos do cômodo (Sinal da Cruz, por exemplo).
- 5.** Evocação de nomes sagrados.
- 6.** Pronunciar orações.
- 7.** Enceramento da sessão guardando os objetos.

BAQUETA

A baqueta mágica é um objeto que serve para indicar e dirigir a vontade do magista. Isso é possível porque a baqueta tem a propriedade de condensar uma grande quantidade de fluido emanado do operador. Deve ser feita com madeira de sabugueiro de comprimento não superior a 50 cm. Será raspado e polido. Em intervalos regulares, se for o caso, coincidindo com os nós do ramo escolhido, farás pequenos orifícios onde passarás pedacinhos de metal relacionado com o planeta de sua preferência ou então usarás uma liga dos vários metais planetários. Protetores de

latão ou mesmo de madeira devem fazer o acabamento das extremidades. Nestas "tampas", deve-se gravar caracteres mágicos dedicados ao Mestre escolhido ou algo genérico, como o pentagrama ou o Sêlo de Salomão (estrela de seis pontas). Depois de pronto o bastão deverá ser guardado em um estojo de tecido branco e será necessário incensá-lo. Enquanto queima o bastão, o magista deve dedicar-se à prece. Depois, guardará sua baqueta no armário do quarto mágico e manterá acesa a lâmpada mágica no aposento, durante 40 dias.

ESPADA

A espada mágica é um instrumento de defesa do operador e a ponta metálica, na extremidade, é o que confere esta qualidade ao objeto. Um tridente, como usava Paracelso ou um prego velho engastado em um pedaço de madeira, podem, a rigor, servir tanto quanto a mais bela e preciosa das espadas mágicas. Os conglomerados fluídicos formados pela união de uma potência astral atuando como alma com os fluidos vitais do ambiente, têm uma analogia muito acentuada com os conglomerados elétricos. O astral só pode atuar sobre o físico por meio dos fluidos da vida física, ou seja, eletricidade vital. Assim, quando o operador presume que a potência astral que tem diante de si quer abusar de seu poder, não resta outro recurso senão apresentar a ponta de sua espada ao ser fluídico. A ponta metálica extrai instantaneamente os fluidos astro-elétricos que formavam o ser dotado de más intenções, o qual é imediatamente privado de todos os seus meios de ação sobre o plano físico. Projéteis de armas de fogo, como chumbo, balas, atuam da mesma forma, pois o impacto é incisivo e a substância de ataque é metálica.

TALISMÃS

Os talismãs são considerados representações exatas das formas criadoras do astral e por isso estabelecem um meio de comunicação entre o homem e tais formas. Fazer e usar um talismã é um modo de manifestar adesão ou simpatia aos significados que o talismã encerra. A confecção de cada talismã é uma verdadeira cerimônia mágica. Os materiais e caracteres são cuidadosamente escolhidos conforme o fim a que se destina o pentáculo. As correspondências planetárias são então observadas desde o artesanato do objeto até sua consagração, utilizando-se os metais, as assinaturas ou outros símbolos, os perfumes, as cores.

Consagrar o talismã significa magnetiza-lo, imanta-lo, dotar de uma energia especificamente voltada para certo propósito: proteção pessoal espiritual e física, sucesso nos empreendimentos, conservação da saúde etc.. é uma cerimônia que começa no momento em que se começa a "providenciar" o talismã, seja confeccionado pelo próprio magista, seja encomendado a um artesão. Se encomendado, o dia e a hora da encomenda já serão escolhidos conforme a afinidade planetária bem como o material e tudo o que vai ser gravado. Uma vez pronto o talismã, deve ser envolto em tecido de seda da cor adequada e guardado durante sete dias no meio de coisas pessoais do magista que escolherá uma noite ou um amanhecer para fazer a cerimônia de fumigação, ou seja, incensar o talismã e fazer as orações que completarão o processo de "imantação" ou magnetização.

LÂMPADA MÁGICA

A lâmpada mágica serve para iluminar o Laboratório Mágico. Sua luminosidade colorida e suave é ideal para criar uma atmosfera favorável à concentração. Esta lâmpada deve ser feita de modo a "sintetizar as influências planetárias" (PAPUS, p 310). É confeccionada com sete lâminas de vidro, cada uma da cor de um dos planetas (Mercúrio é uma placa multicolorida). As lâminas, compradas e consagradas separadamente, obedecendo à relação dos dias da semana com os astros, são encaixadas em uma base de madeira. A fonte de luz pode ser antiga, ou seja, velas, ou contemporânea, uma lâmpada elétrica. A lâmpada é usada em experiências de hipnose. Contemplar a lâmpada também ajuda no processo de meditação podendo produzir fenômenos de visão do astral.

Sobre estes instrumentos: baqueta, espada, pentáculos, espelho e lâmpada mágica, Papus fornece roteiros detalhados de confecção e consagração, orações tradicionais, rituais, gestos etc.. Para

quem pretende seguir à risca tais procedimentos, o ideal é adquirir o livro e usá-lo, no caso, como um manual onde se pode tirar dúvidas a qualquer momento.

Além disso, todo magista deve possuir: uma bússola, canetas e lápis preto, lápis coloridos comuns ou de cera, papéis brancos para desenho, cadernos para anotações, velas coloridas, incensos.

VESTUÁRIO PARA OPERAR

O vestuário deve ser feito de linho branco, em forma de túnica, longa até os pés, sem aberturas além mangas e cabeça. As mangas estreitam-se nos punhos. Por baixo, o operador vestirá calças curtas e também brancas, do mesmo tecido. A mesma cor será a dos sapatos, que serão leves. O vestuário também deve ser incensado.

LIVRO DO MAGO

O Mago deverá providenciar um livro onde deverá escrever com capricho e ordem suas anotações: as preces, os nomes dos anjos, os desenhos de selos e caracteres, os relatos de experiências, trechos selecionados de leituras importantes. O livro deve ser fabricado ou adquirido em um dia dedicado a Mercúrio e será incensado e consagrado a Hermes (Mercúrio) antes de ser usado.

LABORATÓRIO MÁGICO

Nos dias atuais, a maior parte das pessoas, especialmente os mais jovens, não pode dispor de mais de um aposento em sua casa ou apartamento. Por vezes, sequer possui um quarto só para si. Supondo, entretanto, que venha a se possuir um quarto, este, que serve de dormitório, poderá ser adaptado para as operações mágicas. Se não possuir tal quarto, um armário deverá ser reservado para guardar, longe de olhos levianos, livros e objetos mágicos. A seguir, descreveremos, segundo Papus, os elementos que compõem um Laboratório-quarto Mágico:

- Cor da Paredes: branca.
- Os quatro pontos cardeais assinalados com auxílio da bússola.
- Oeste: localização da mesa de trabalho.
- Leste: um oratório conjugado com um armário utilitário, para guardar livros, instrumentos mágicos e outros materiais.
- O centro do quarto deverá permanecer como espaço livre o tanto quanto possível.

CÍRCULO MÁGICO

Todos os rituais mágicos solenes, que obedecem aos procedimentos tradicionais, são realizados em espaços discretos, seja em um quarto, uma sala fechados ou em local deserto, ao ar livre. Os rituais denominados "Rituais de Evocação", em especial, exigem o traçado do **CÍRCULO MÁGICO**. O Círculo é uma área preparada para abrigar o operador e demais presentes de modo a preservar a segurança destas pessoas durante o ritual. Os perigos são ataques eventuais de entidades astrais, perda súbita de energia vital etc..

"O Círculo é a assinatura pessoal da vontade combinada com as influências astrais. Os videntes descrevem-no como uma linha circular de chamas e projeções em forma de colunas de luzes muito

brilhantes, lá - onde nossos sentidos físicos só percebem um traço de carvão e nomes hebraicos".
Papus, 497 – Apêndice

A magia que faz do círculo uma área de segurança começa com todos os movimentos e concentração do traçado. É a magia do gesto que "simboliza a Vontade do operador em promover o isolamento, proteção contra toda má influência. Este círculo pode ser traçado com a Espada Mágica e marcado com uma mistura de carvão e pedra-imã pulverizados ou mesmo, somente com o carvão, isolante magnético por natureza". Existem modelos de Círculos Mágicos dedicados a cada um dos sete planetas esotéricos. No **Tratado Elementar** Papus reproduz todos eles além de transcrever toda uma série de evocações e preces específicas para cada elemental, cada dia da semana, cada anjo etc.. O Círculo Tradicional, uma espécie de Círculo Master que pode ser usado em qualquer operação é composto em camadas que contêm nomes sagrados e símbolos.

ELEMENTAIS

O mago exerce sua vontade sobre o plano físico com atitudes e práticas bem objetivas. Entretanto, todo ato de vontade, toda idéia cultivada, ensamento concentrado, exerce sua influência também no plano astral, onde circulam energias capazes de produzir formas. O plano astral é "receptáculo das formas futuras e das imagens do passado". Suas energias são algumas das "forças mais ativas e ocultas que é permitido ao homem utilizar" (PAPUS, p 403).

No mundo visível, o homem soube dominar forças físicas; soube colocar a seu serviço inúmeros animais. "Um campo análogo abre-se para a vontade no plano astral" (idem). Ali existem seres que são desconhecidos do leigo mas sobre os quais o magista pode agir. "Nós os chamaremos, com a Cabala, **elementais**; eles também são denominados espíritos elementares, demônios mortais etc.. "Seu papel é análogo ao dos animais no mundo visível; aliviam o operador de uma grande parte de seus trabalhos, como simples instrumentos que são, sem responsabilidade pelo que fazem (PAPUS, p 404).

Podemos definir os elementais como seres instintivos e mortais, intermediários entre o mundo psíquico e o mundo material. ...O caráter essencial dos elementais é animar instantaneamente as formas de substância astral que se condensa em volta deles. Seu aspecto é variável e estranho: ora são como uma multidão de olhos fixos sobre um indivíduo; ora são pequenos pontos fixos luminosos rodeados de aura fosforescente. Podem, ainda, parecer criaturas indefinidas, combinações de formas humanas com animais (PAPUS, p 405).

Para entrar em relação com os elementais é preciso entrar no plano astral. Pode-se chegar a esse resultado pelo treino psíquico e meditação. Porém, todo ser humano entra em relação íntima com este plano astral imediatamente antes de adormecer e imediatamente antes de despertar, isto é, quando as relações entre o ser impulsivo (corpo astral) e o ser consciente vão experimentar uma mudança qualquer. Pode ocorrer ainda em momentos de terror ou alegria súbitos ou em um instante de um pressentimento grave. ...Eis porque as pessoas vêem, no momento em vão adormecer e quando seus olhos estão fechados, cabeças estranhas e formas bizarras que avançam para o leito com uma rapidez incrível e logo desaparecem para serem substituídas por outras. Os pesadelos, quando não decorrem de perturbações orgânicas, procedem dos elementais.

Estes seres são, teoricamente, divididos em quatro grandes classes correspondentes às quatro forças elementares e às quatro letras do tetragramaton. Cada tipo possui Gênio, Ponto cardeal, temperamento, hieróglifo e instrumento mágico relacionados. São eles:

1. Gnomos - elementais da Terra

2. Salamandras - elementais do Fogo

3. Silfos - elementais do Ar

4. Ondinas - elementais da Água

elemento

gênio

P cardeal

humor

hieróglifo

GNOMOS

Terra

GOB

Norte

Melancólicos

TOURO

ESPADA

SALAMANDRAS

Fogo

DJIN

Sul

Sanguíneos

LEÃO

BAQUETA

SILFOS

Ar

PARALDA

Leste

Biliosos

ÁGUIA

TALISMÃS

ONDINAS

Água

NICKSA

Oeste

Fleumáticos

AQUÁRIO

TAÇA

A ação do magista sobre os elementais deve ter como ponto de partida a soberania inteira da vontade sobre o mundo físico. Eliphaz Levi resume: quem tem vertigem não ordenará nunca aos Gnomos; aquele que tem medo da tempestade, dos mares e corredoiras será vencido pelas Ondinas; as Salamandras zombam de quem teme o fogo e os Silfos, desprezam quem teme os raios e as ventanias.

Os elementais são invocados pela prece e o ritual completo prevê o uso do Círculo Mágico, com o magista voltado para o ponto cardeal correspondente, apresentando o instrumento característico de cada um, chamando-os pelo nome de seus gênios. O Círculo Mágico garante o isolamento e proteção contra qualquer surpresa da parte das potências do astral. A meditação, na obscuridade, com o corpo isolado por uma manta de lã e com a espada à mão, tendo proferido preces pedindo auxílio aos mestres, também pode propiciar a visão dos elementais.

Discurso de Salomão Sobre os Seres Invisíveis

...Deus, tendo feito todas as coisas para lhe serem submetidas, quis levar suas obras até o grau mais perfeito, fazendo um trabalho que participa do divino e do terrestre, isto é, o homem cujo corpo é grosseiro e terrestre e a alma, espiritual e celeste. Ao homem ele submeteu toda a terra e seus habitantes e lhe deu meios pelos quais pudesse familiarizar-se com o trato dos anjos, que eu chamo criaturas celestes e que são destinados uns a povoar os elementos, outros a conduzir e ajudar os homens e outros a cantar continuamente louvores a Deus. Tu podes, com auxílio de seus selos e caracteres, fazer com que te sejam familiares, contanto que não abuses desta faculdade, exigindo-lhes coisas que lhes são contrárias, porque maldito seja a quele que invocar o nome de Deus em vão e que empregar mal as ciências e os bens com que nos enriqueceu.

...Há diferentes classes de espíritos, segundo as coisas às quais eles presidem. Há os que presidem o céu empíreo; outros, o primeiro e o segundo cristalino; outros, o céu estrelado; há também os dos céus de Saturno, que eu domino, os saturnistas; há espíritos jupiterianos, marcianos, solares, venusianos, lunares e mercuriais; existem também nos elementos, na região ígnea, outros no ar, outros na água e outros na terra. Todos podem ser úteis ao homem que tiver a felicidade de os conhecer e saber atraí-los.

Quero ainda que saibas que Deus destinou a cada um, um espírito que vela e zela pela nossa conservação; são chamados gênios e sua natureza é elementar como a nossa e são mais aptos a prestar serviços àqueles cujo temperamento está conforme com o elemento que o gênio habita; assim é que, se, por exemplo, tens um temperamento ígneo, isto é, sanguíneo, teu gênio será ígneo e submetido ao império de Bael (Baal). Deveis saber que há tempos reservados para a invocação destes espíritos, dias e horas nos quais têm forças e um poder absoluto.

Transcrito por Papus em seu Tratado, este é um fragmento do Discurso de Salomão a Roboão, seu Filho, uma Teoria Sobre o Mundo Invisível - que o autor extraiu de um exemplar da Biblioteca Nacional, Paris.

CAPÍTULO

XI

Medicina Hermética

Curar é um dos objetos da iniciação do magista. A ciência terapeuta é tripla e pode destinar-se quer ao corpo físico, quer ao corpo astral, quer ao Ser psíquico. ...Modifica-se o **corpo físico** pela ação de substâncias materiais dadas em altas doses. É a medicina materialista, a alopatia, a medicina dos contrários, única que a maior parte dos contemporâneos reconhece e admite. Modifica-se o **corpo astral** pela ação de substâncias fluídicas contidas em ínfimas doses de matéria. É a medicina homeopática e ação dos semelhantes, primeira aplicação da Magia ao microcosmo. **Modifica-se o Ser psíquico pela ação das idéias vitalizadas pela vontade do magista. É a medicina do magnetismo e da ação das forças psíquicas.**

O corpo físico é **fabricado** pelo corpo astral, que desenvolve os princípios ou idéias modelares de toda forma material. Esta concepção está resumida na Lei: "**O visível não é mais que manifestação do invisível**". ...A alopatia encontrará sua aplicação nas doenças que se localizam principalmente no corpo físico. A homeopatia produz excelentes resultados nos males do corpo astral bem como nas doenças do peito, o cancro (cancer) e certas formas de enfermidades nervosas. A medicina hermética é utilizada nas afecções psíquicas, casos de **obsessão** ou de **vampirismo**, tão pouco conhecidos pelos médicos contemporâneos que os confundem com manifestações de loucura. Como não nos propomos a fazer um tratado de medicina, basta, aqui, informar que, estando em presença de um doente, um procedimento útil é determinar a influência planetária que domina o paciente, informando-se sobre o mês e dia de nascimento da pessoa.

Para doenças do corpo físico empregam-se o álcool, as plantas, os minerais que estimulam as boas influências planetárias. Se é um problema de origem astral, os remédios homeopáticos e o uso específico de perfumes aliados ao magnetismo será de grande proveito. Também são aconselháveis os talismãs propiciadores de influências que promovam a cura da moléstia. Para as enfermidades do Ser psíquico o magista usará a música, o encantamento das palavras, a persuasão, o magnetismo associado a fórmulas mágicas.

Obsessão

O ser humano, em certas condições de irritabilidade nervosa, sob a influência de um grande medo, de um remorso, de um ódio violento etc., gera em sua atmosfera astral entidades particulares denominadas **LARVAS**, que se alimentam da substância astral do imprudente que lhes deu vida. Está aí o grande perigo das experiências psíquicas.

Uma pessoa que tem medo de ser odiada por uma outra ou que se julga perseguida, cria uma larva assim constituída: a força vital do pensador forma seu corpo e a idéia confere-lhe alma, vivacidade, sentido de ser. Esta larva penetra pouco a pouco a substância do obssecado e logo aparece a loucura a sugerir o internamento daquele que foi bastante fraco para não ter dominado a impulsão de um terror nascida e alimentada em seu próprio centro psíquico.

O mesmo acontece com o remorso que se apodera do astral de criminosos a ponto de os levar a confessar seu delito ou cometer suicídio. A larva deste último gênero pode ser ainda mais terrível porque é constituída, em parte, pelo corpo astral da vítima. A prática da mediunidade espírita conduz também a essas obsessões. Dois processos podem ser usados para livrar uma pessoa de uma obsessão:

1º) AÇÃO INDIRETA: com base na correspondência do físico e do astral. Neste caso, o paciente precisará ser submetido à hipnose profunda isolado magneticamente e eletricamente, totalmente envolto em uma manta grossa de algodão ou lã. É necessário visualizar a larva e suas formas esquemáticas. Isso será tarefa para o próprio paciente ou para um vidente convocado ou ainda para o próprio operador, se for vidente. A seguir, desenha-se a larva em papel consagrado, máxima concentração. É um momento para utilizar também os incensos com aromas adequados ao propósito. Pronto o desenho, toma-se a espada mágica ou um punhal mágico, ou seja, objeto do mago e devidamente consagrado e danifica-se o desenho, corta-se a forma em um ritual indireto de destruição. Em resumo, este processo consiste em repetir no plano físico as imagens astrais, estabelecer um laço mágico entre a forma astral (ou larva) e sua representação gráfica que permitirá, destruindo a representação, destruir, por reflexo, a larva.

2º) AÇÃO DIRETA: Magia Cerimonial praticada com emprego da espada. É um processo usado em casos graves. Baseia-se no fato de que os elementais e as larvas astrais se nutrem de substância astral e **o SANGUE é o veículo que contém maior quantidade desta substância.** O procedimento é o seguinte: o operador deverá estar com sua veste cerimonial branca. Toma-se uma mecha de cabelos da vítima, submete-a à fumaça dos incensos, consagra-se em prece ritual.

Feito isso, na presença do enfermo, pega-se a mecha de cabelos e embebe-a no sangue de um pombo ou uma cobaia que foram sacrificadas sob as influências de Júpiter ou Apolo. Em seguida, a mecha é colocada sobre uma prancheta traçando-se, ao redor, um círculo com uma mistura de **carvão e imã pulverizado** (pó de pedra-imã). No interior do círculo, serão traçados os quatro pontos cardeais e as quatro letras do tetragrama sagrado (YAVH).

Depois de tais preparações, é hora de usar a Espada Mágica ou, na falta desta, um punhal ou pequena faca de caça. O operador segura a arma com atenção para manter a mão na área de material isolante do cabo e ataca, espetando fortemente a mecha de cabelos e ordenando à larva que se dissolva: "Solve". Uma boa fórmula verbal é: "Desaparece! Volta para o teu Nada! Em nome de" (pronuncia-se o nome do Mestre ou dos Mestres que o operador reconhece como seus Orientadores). A experiência deve ser repetida 3 vezes, cada vez separada da outra por um intervalo de 7 dias. **PAPUS, p 421**

VOLUME VI

APÊNDICE

introdução

Em seu Tratado Elementar de Magia Prática, Papus inclui um Apêndice onde comenta livros conhecidos, tradicionais no estudo da Magia além de transcrever trechos curiosos de Grimórios antigos que contêm fórmulas populares dachamada Magia dos Campos. Entre os autores e títulos destacados por Papus estão Agripa e Stanilas de Guaita e títulos como O Gande Alberto, O Pequeno Alberto, as Clavículas de Salomão, O Dragão Vermelho e O Grimório de um Feiticeiro.

Os Admiráveis Segredos de Alberto, o Grande Lion: Beringos Irmãos com a divisa de Agripa - 1791

Este pequeno Tratado compreende:
- Um estudo de embriologia.
- Estudo de correspondências mágicas consagrado ao conhecimento das ervas, pedras, animais, acompanhado de um quadro de influências planetárias.
- Um livro sobre práticas de feitiçaria.
- Noções elementares de fisionomia.

Segredos Maravilhosos da Magia Natural - Pequeno Alberto Liège: 1758

É um livro que resgata tradições populares da Magia. Há receitas curiosas para inspirar ou aumentar o amor, alcançar satisfação nos interesses materiais, conseguir dinheiro, encontrar tesouros. Sobre tesouros, o autor faz um estudo teórico sobre os espíritos dos defuntos e os gnomos, guardiães de tesouros. Um dos capítulos trata das correspondências entre as horas do dia e os planetas.

As Obras Mágicas de Henrique Cornélio Agripa Lion: Beringos Irmãos - 1788

Contém uma lista de correspondências mágicas e cabalísticas muito completas referentes ao setenário, assim como conjurações e detalhes técnicos.

O Dragão Vermelho Milão: Gaspardo Buffanelli

Também chamado de Arte de Governar Espíritos Celestes, Aéreos e Infernais, é obra-prima entre os Grimórios. Um dos raros tratados que descrevem detalhadamente o meio de fazer pactos. Uma raridade bibliográfica.

A Filosofia Oculta de Henrique Cornélio Agripa Haya, 1727

Esta obra é considerada a primeira enciclopédia real do ocultismo. São três livros. O primeiro é dedicado ao estudo dos elementos, dos três mundos, das correspondências analógicas, da teoria da ssimpatias e antipatias, dos princípios de Astrologia, base teórica de todos os estudos de Ciência Oculta. Também são temas destacados: a teoria sobre o mundo divino e a teurgia, o mundo físico e o uso mágico das substâncias materiais, as ciências divinatórias, os processos de desenvolvimento individual. O segundo livro contém o conhecimento da cabala numérica e astrológica, figuras dos talismãs e sua relação com os planetas além de um estudo sobre a alma humana. O terceiro livro contém 9 capítulos sobre às práticas e o treino dos magos. Nos outros capítulos Agripa fala dos Sephirots e do mundo divino, dos elementais, do desenvolvimento da Vontade, da obtenção de poderes psíquicos por meio de práticas disciplinares como asseio, castidade, jejum, solidão, penitência, sacrifício, preces etc..

A Serpente do Gênesis: Ensaio Sobre as Ciências Malditas
Templo de de Satan: Chamuel, 1891

Stanilas de Guaita é um dos mais sábios e dos mais eruditos entre os Ocltistas. Este livro interessa ao magista principalmente por sua parte teórica e pelo seu **Inventário do Arsenal do Feiticeiro**

Sepher Yetzirah
O Livro Cabalístico da Criação
TRADUÇÃO:
Dr Gerard Encausse (Papus)

CAPÍTULO I - Exposição Geral

É com as trinta e duas vias da sabedoria, vias admiráveis e ocultas, que IOAH (h w h y) DEUS de Israel, DEUS VIVO e Rei dos Séculos, DEUS de Misericórdia e de Graça, DEUS Sublime tão Exaltado, DEUS vivendo na Eternidade, DEUS santo, grava seu nome por três numerações: SEPPER, SEPPHAR e SIPUR, isto é o NÚMERO, O QUE NUMERA e o NUMERADO (Também traduzido por Escritura, Número e Palavra - Abendana), contido nas dez Sefirotas isto é, dez propriedades, com exceção do inefável, e vinte e duas letras.

As letras são constituídas por três mães, mais sete duplas e doze simples. As dez Sefirotas com exceção do inefável (EN SOF), são constituídas pelo número dez, como os dedos das mãos, são cinco mais cinco, mas no meio deles está a aliança da unidade. Na interpretação da língua e da circuncisão encontram-se as dez Sefirotas com exceção do inefável.

Dez e não nove, dez e não onze, compreende isto em tua sabedoria e saberás dentro de tua compreensão. Exercita o teu espírito sobre elas, pesquisa, relaciona, pensa, imagina, restabelece as coisas em seus lugares e assenta o Criador no seu Trono.

Dez Sefirotas com exceção do inefável, cujas dez propriedades são infinitas: o infinito do princípio, o infinito do fim, o infinito do bem, o infinito do mal, o infinito em elevação, o infinito em profundidade, o infinito ao Oriente, o infinito ao Ocidente, o infinito ao Norte, o infinito ao Sul (Meio-dia). Só o Senhor está acima; Rei fiel, ele domina tudo do alto do seu Trono pelos séculos afora.

Vinte e duas letras fundamentais, três mães: Aleph, Mem, Shin (c m a), elas correspondem ao prato do mérito, ao prato do demérito e à balança da lei que conserva o equilíbrio entre eles; sete duplas, b Beth, - g Ghimel - d Daleth - k Caph - p Phé - r Resh - t Thau, que correspondem à vida, à paz, à sabedoria, à riqueza, à posteridade, à graça, à dominação; doze simples: h He- w Vau- z Zain - j Cheth - f Teth - y Iod - l Lamed - n Nun - s Samech - u GHain - x TTsade - q Cuph, que correspondem à vista, ao ouvido, ao olfato, à palavra, à nutrição, à coabitação, à ação, ao caminhar, à cólera, ao riso, ao pensamento e ao sono.

Pelo qual Yah, Eterno Sabaoth, Deus de Israel, Deus Vivo, Deus Onipotente, elevado, sublime, vivendo na Eternidade e cujo nome é santo, propagou três princípios e suas posteridades, Ar, Água e Fogo, sete conquistadores e suas legiões (Os Planetas e as Estrelas), doze arestas do cubo (O nome y s b l a - não parece significar diagonal...).

A prova das coisas é dada por testemunhos dignos de fé, o mundo, o ano e o homem, que tem a regra das dez, três, sete e doze; seus prepostos são o dragão, a esfera e o coração.

CAPÍTULO II - As Sefirotas ou as Dez Numerações

Dez Sefirotas com exceção do inefável; seu aspecto é semelhante ao das chamas cintilantes, seu fim perde-se no infinito. O verbo de Deus circula nelas; saem e voltam sem cessar, semelhantes a um turbilhão, e executam a todo instante a palavra divina e se inclinam diante do Trono do Eterno.

Dez Sefirotas com exceção do inefável; considera que seu fim está junto ao princípio como a chama está unida ao tição, porque só o Senhor está acima e não há segundo. Que número poderia enunciar-se antes do número um?

Dez Sefirotas com exceção do inefável. Fecha teus lábios e suspende tua meditação, e, se teu coração desfalece, retorna ao ponto de partida. Porque está escrito: sair e retornar, pois por isso a aliança foi feita: Dez Sefirotas com exceção do inefável.

A primeira das Sefirotas, um, é o Espírito do Deus Vivo, é o nome abençoado e bendito do Deus eternamente vivo. A voz, o espírito e a palavra é o Espírito Santo. Dois é o sopro do Espírito. E com ele são gravadas e esculpidas as vinte e duas letras, as três mães, as sete duplas e as doze simples; cada uma delas é espírito.

Três é a Água que vem do sopro. Com eles esculpiu e gravou a matéria prima inanimada e vazia, edificou TOHU, a linha que da a volta ao redor do mundo, e BOHU as pedras ocultas enterradas no abismo, de onde saem as Águas.

Eis uma variação desta passagem por M. Mayer Lambert - "Em terceiro lugar: criou a água e o ar; traçou e talhou com ela o TOHU e o BOHU, o lodo e a argila; fez uma espécie de canteiro, talhou-os em uma espécie de muro, encobriu-os com uma espécie de telhado; fez correr água em cima, e ela penetrou a terra, como está escrito: Pois à neve disse: sê a terra (TOHU é a linha verde que engloba o mundo inteiro; BOHU são as pedras esburacadas e enterradas no Oceano, de onde sai a água, como está dito: Ele esticará sobre ela a linha de TOHU e as pedras de BOHU)". Esta última interpretação é provavelmente uma interpolação. O autor do Sepher Yetzirah parece ter explicado: w h b w w h t por m y f w c p r.

Quatro é o Fogo que vem da Água, e com eles esculpiu o trono de honra, os Ophanim (rodas celestes), os Serafins, os Animais santos e os Anjos servidores; e de sua dominação fez sua morada como diz o texto: Foi ele quem fez seus anjos e seus espíritos ministros se movendo no fogo.

Cinco é o sinete com o qual selou a altura quando a contemplou acima dele. Ele a selou com o nome (w h y) - IEV.

Seis é o sinete com o qual selou a profundidade quando a contemplou abaixo dele. Ele a selou com o nome de (h w y) - IVE. ... e assim por diante:

Sete Oriente (w y h) - EIV

Oito Ocidente (y h w) - VEI

Nove Sul (h y w) - VIE

Sepher Yetzirah - O Livro Cabalístico da Criação Página 2 de 8 ebook:lsy24.html 24/12/03 Tais são os dez Espíritos inefáveis do Deus vivo: o Espírito, o Sopro ou o Ar, a Água, o Fogo, a Altura, a Profundidade, o Oriente, o Ocidente, o Norte e o Sul.

CAPÍTULO III - As Vinte e Duas Letras

As vinte e duas letras são constituídas por três mães, sete duplas e doze simples. As três mães são Aleph Mem Shin (c m a), isto é, o Ar, a Água e o Fogo. A Água (m) é muda, o Fogo © é sibilante, o Ar (a) é intermediário entre os dois, como a balança da lei O C H (q h) tem o centro entre o mérito e a culpabilidade. Essas vinte e duas letras tomam forma, peso, misturando-se e transformando-se de diversas maneiras, criando a alma de tudo que foi ou que será criado. As vinte e duas letras são esculpidas na voz, gravadas no Ar, e colocadas, pela pronúncia em cinco partes: na garganta, no céu da boca, na língua, nos dentes e nos lábios. As 22 letras, os fundamentos, estão colocadas sobre a esfera do número 231. O círculo que as contém pode ser diretamente virado; e, então, significa felicidade, o retrógrado passa a ser o contrário. Por isso ele as tornou pesadas e as permutou, Aleph com todas e todas com Aleph (a), Beth (b) com todas e todas com Beth, etc.

É por este meio que nascem 231 portas, que todos os idiomas e todas as criaturas derivam desta formação e em consequência, toda a criação procede de um único nome. Foi assim que foi feito (t a), isto é Alfa e Ômega, o que não se transformará nem envelhecerá jamais.

O sinal de tudo isto é vinte e dois totais em um só corpo: 22 letras fundamentais: três principais, sete duplas, doze simples. Três principais: Aleph Mem Shin (c m a); o fogo, o ar e a água. A origem do céu é o fogo, a origem da atmosfera é o ar, a origem da terra é a água: o fogo sobe, a água desce e o ar é a regra que põe equilíbrio entre eles; o Mem (m) é grave, o Shin © é agudo e o Aleph (a) intermediário entre eles. Aleph Mem Shin (c m a) é selado por seis selos e contido no macho e na fêmea. Sabe, pensa e imagina que o Fogo suporta a Água.

Sete duplas, b B, - g G - d D - k CH - p PH - r R - t T, que são usadas com duas pronúncias: bet beth, guimel ghimel, dalet dhalet, kaf, khaf, pé, phé, resch, rhesch, tau, thau, uma suave, outra dura, à semelhança do forte e do fraco. As duplas representam os contrários. O contrário da vida é a morte, o contrário da paz é a desgraça, da sabedoria é a tolice, riqueza pobreza, cultura deserto, graça fealdade, poder servidão.

Doze letras simples, h E He- w V Vau- z Z Zain - j H Cheth - f T Teth - y I Iod - l L Lamed - n N Nun - s S Samech - u GH Hain - x TS Tsade - q K Cuph. Ele as traçou, talhou, multiplicou, pesou e permutou; como as multiplicou? Duas pedras constroem 2 casas, três constroem 6 casas, quatro constroem 24 casas, cinco 120, seis 720 e sete 5040 casas. A partir daí, vai e conta o que tua boca não pode exprimir, o que teu ouvido não pode escutar.

Por elas Yah, o Eterno Sabaoth, o Deus de Israel, Deus vivo, Senhor Todo-Poderoso, elevado esublime,

habitando a eternidade e cujo nome é santo, traçou o mundo. Yah se compõe de três letras, h w h y Dez Norte (y w h) – EVI (IEVE) de quatro letras. Sabaoth: é como um signo no seu exército. Deus de Israel (Israel) é um príncipe perante Deus. Deus vivo: três coisas são chamadas vivas: Deus vivo, água viva e Árvore da Vida. El - Forte. Shadday - até aí é suficiente. Elevado - porque Ele reside no alto do mundo, e está acima de todos os seres elevados. Sublime - porque ele carrega e sustenta o alto e o baixo, enquanto que os carregadores estão em baixo e a carga no alto. ELE está no alto e dirige para embaixo; carrega e sustém a eternidade. Habitando a Eternidade - porque seu reino é cruel e ininterrupto. Seu nome é santo - porque ele e seus servidores são santos e lhe dizem cada vez: santo, santo, santo.

A prova da coisa é fornecida por testemunhos dignos de fé: o mundo, o ano, a alma. Os doze estão em baixo, os sete estão acima deles e as três acima dos sete. Das três faz seu santuário, e todos estão ligados ao Um: Sinal do Um que não tem segundo, Rei Único em seu mundo, que é um cujo nome é um.

CAPÍTULO IV - As Três Mães

Três mães A, M e S (c m a) são os fundamentos. Elas representam o prato do merecimento, o prato da culpabilidade e a balança da lei O C H (q h) que está no meio.

Três mães Aleph, Mem, e Shin (c m a). Insígnia secreta, tão admirável e tão oculta, gravada por seis anéis dos quais saem fogo, água e ar que se divide em machos e fêmeas. Três mães A, M, e S (c m a) e três pais; com eles todas as coisas são criadas.

Três mães A, M e S (c m a) no mundo, o Ar, a Água, o Fogo. No princípio, os céus foram criados do Fogo, a Terra a Água e o Ar do Espírito que está no meio.

Três mães A, M e S (c m a) no ano, o Quente, o Frio e o Temperado. O Quente foi criado do Fogo, o Frio da Água e o Temperado do Espírito, meio-termo entre eles. Três mães A, M e S (c m a) no

Homem, a Cabeça, o Ventre e o Peito. A Cabeça foi criada do Fogo, o Ventre da Água e o Peito, meio-termo entre eles, do Espírito.

Três mães A, M e S (c m a). Ele as esculpe, as grava, as compões e com elas foram criadas três mães no mundo, três mães no ano, três mães no Homem, machos e fêmeas.

Ele fez reinar Aleph (a) sobre o Espírito, ligou-os por um laço e os compôs um com outro, e com eles selou o ar do mundo, o temperado no ano e o peito do homem, machos e fêmeas. Machos em A, M, e S (c m a), isto é no Ar, na Água e no Fogo, fêmeas em A S M (m c a), isto é no Ar, no Fogo e na Água. Ele fez reinar Mem (m) sobre a Água, ele o encadeou de tal maneira e os combinou um com outro de tal modo que selou com eles a terra no mundo, o frio no ano, o fruto do ventre no homem, machos e fêmeas.

Ele fez reinar Shin sobre o Fogo e o encadeou e os combinou um com outro, de tal modo que selou com eles os céus no mundo, o quente no ano, e a cabeça no homem, machos e fêmeas.

De que maneira os misturou? Aleph Mem Shin (c m a), Aleph Shin Mem (m c a), Mem Shin Aleph (a c m), Mem Aleph Shin (c a m), Shin Aleph Mem (m a c), Shin Mem Aleph (a m c). O céu é do fogo, a atmosfera é do ar, a terra é da água. A cabeça do homem é do fogo, seu coração é do ar, seu ventre é da água.

CAPÍTULO V - As Sete Duplas

As Sete Duplas (b B Beth, - g G Ghimel - d D Daleth - k CH Caph - p PH Phé - r R Resh - t T Thau - constituem as sílabas: Vida, Paz, Ciência, Riqueza, Graça, Semente, Dominação).

Duplas porque elas são reduzidas, em seus opostos, pela permutação; no lugar da Vida é a Morte, da Paz a Guerra, da Ciência a Ignorância, da Riqueza a Pobreza, da Graça a Abominação, da Semente a Esterilidade, e da Dominação a Escravidão. As sete duplas são opostas aos sete termos: o Oriente, o Ocidente, a Altura, a Profundidade, o Norte, o Sul e o Santo Palácio fixado no centro que tudo sustenta.

Essas sete duplas, ele as esculpe, as grava, as combina e cria com elas os Astros do mundo, os Dias no ano, e as aberturas no Homem, e com elas esculpe sete céus, sete elementos, sete animalidades vazias desde a obra. E é por isso que ele escolheu o Setenário sob o céu.

1. Sete letras duplas, ele as traçou, talhou, misturou, equilibrou e permutou; criou com elas as palavras, os dias e as aberturas.
2. Fez reinar o Beth (b) e lhe colocou uma coroa, e combinou um com outro e criou com ele Saturno no mundo, o Sabat no ano e a boca no homem.
3. Fez reinar o Ghimel (g), colocou-lhe uma coroa e os misturou um com outro, com ele criou Júpiter no mundo, domingo no ano e o olho direito no homem. ... e assim por diante, como se resume no capítulo VII.

Separou as testemunhas e as colocou cada uma à parte, o mundo à parte, o ano à parte e o homem à parte.

Duas letras constroem 2 casas, 3 edificam 6, 4 fazem 24, 5 -> 120, 6 -> 720 e daí em diante o número progride para o indescritível e o inconcebível.

Os astros no mundo são o Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter e Marte. Os dias no ano são os sete dias da criação, e as sete portas do homem são dois olhos, dois ouvidos, dois narinas e uma boca.

CAPÍTULO VI - As Doze Simples

Doze Simples (- h E He- w V Vau- z Z Zain - j H Cheth - f T Teth - y I Iod - l L Lamed - n N Nun - s S Samech - u GH Hain - x TS Tsade - q K Cuph).

Seu fundamento é o seguinte: a Visão, a Audição, o Olfato, a Palavra, a Nutrição, o Coito, a Ação, a Locomoção, a Cólera, o Riso, a Meditação, o Sono. Sua medida é constituída pelas doze partes do mundo.

O Norte-Leste, o Sul-Leste, o Leste-Altura, o Leste-Profundidade. O Norte-Oeste, o Sul-Oeste, o Oeste-Altura, o Oeste-Profundidade O Sul- Altura, o Sul-Profundidade, o Norte-Altura, o Norte-Profundidade. Sepher Yetzirah - O Livro Cabalístico da Criação Página 5 de 8 ebook:lsy24.html 24/12/03 Os marcos se propagam e avançam pelos séculos afora e são os braços do Universo.

As doze simples, ele as esculpe, as grava, as reúne, as pesa e as transmuta e cria com elas os doze signos no Universo, a saber: O Carneiro, O Touro ... etc

Doze meses no ano.

Essas 12 letras são as 12 diretrizes do Homem, como se segue: Mão Direita e Mão Esquerda, os 2 pés, os 2 rins, o fígado, a bÍlis, o baço, o cólon, a bexiga, as artérias.

Ele fez reinar o He (h), colocou-lhe uma coroa, misturou-os um com outro e com ele criou o Carneiro no mundo, nisan (março) no ano e o fígado no homem. ... e assim por diante, como resumido no capítulo seguinte...

CAPÍTULO VII

1 - Quadro das Correspondências

Aleph Mem Shin

Ar Água Fogo

Atmosfera Terra Céu

Temperado Frio/Inverno Calor/Verão

Peito Ventre Cabeça

Regra do Equilíbrio

(Flagelo)

Prato do Desmerecimento Prato do Mérito

Beth Saturno Sabat Boca Vida e Morte

Guimel Júpiter Domingo Olho Direito Paz e Desgraça

Daleth Marte Segunda Olho Esquerdo Sabedoria e Ignorância

Caph Sol Terça Narina Direita Riqueza e Pobreza

Phe Vênus Quarta Narina Esquerda Cultura e Deserto

Resh Mercúrio Quinta Ouvido Direito Graça e Fealdade

Tau Lua Sexta Ouvido Esquerdo Domínio e Servidão

He Carneiro Nisan Fígado Visão e Cegueira

Vau Touro Iyyar BÍlis Audição e Surdez

Zain Gêmeos Sivan Baço Olfato e sua Ausência

Cheth Câncer Tammuz Estômago Palavra e Mudez

Sepher Yetzirah - O Livro Cabalístico da Criação Página 6 de 8 ebook:lsy24.html 24/12/03 E todos estão ligados ao Dragão, à esfera do coração.

Três coisas estão no poder do homem: as mãos, os pés e os lábios. Três coisas não estão no poder do homem: os olhos, os ouvidos e as narinas. Há três coisas penosas a escutar: a maldição, a blasfêmia e a notícia maldosa.

Há três coisas agradáveis a escutar: a bênção, o louvor e a boa nova.

Três olhares são maus: o olhar do adúltero, o olhar do ladrão e o olhar do avarento. Três coisas são agradáveis de se verem: o olhar do pudor, o olhar da franqueza e o olhar da generosidade.

Três odores são ruins: o odor do ar corrompido, o odor de um vento pesado e o odor dos venenos.

Três odores são bons: o odor das especiarias, o odor dos banquetes e o odor dos perfumes.

Três coisas são nefastas à língua: a tagarelance, o ano e o olho esquerdo na pessoa.

Três coisas são boas para a língua: o silêncio, a reserva e a sinceridade.

2 - Resumo Geral

Três mães, sete duplas e doze simples. Tais são as 22 letras com as quais é feito o Tetragrama IEVE (h w h y), isto é, Nosso Deus Sabaoth, o Deus Sublime de Israel, o Todo-Poderoso residindo nos séculos;

e seu santo nome cria três pais e seus descendentes e sete céus com suas cortes celestes e doze limites do Universo.

A prova de tudo isto, o testamento fiel, é o universo, o ano e o homem. Ele os erigiu em testemunho e os esculpiu por três, sete e doze. Doze signos Chefes no Dragão Celeste, no Zodíaco e no coração. Três, o fogo, a água e o ar. O fogo mais acima, a água mais abaixo e o ar no meio. Isto significa que o ar participa dos dois.

O Dragão Celeste significa a Inteligência do mundo, o Zodíaco no ano e o Coração no homem. Três, o fogo, a água e o ar. O fogo superior, a água inferior, e o ar no meio, porque participa dos dois.

Teth Leão Ab Rim Direito Deglutição e Fome

Iod Virgem Elul Rim Esquerdo Comércio Sexual e Castração

Lamed Balança Tischrei Intestino Delgado Atividade e Impotência

Nun Escorpião Marheschvan Intestino Grosso Andar e Claudicação

Samech Sagitário Kislev Mão Direita Cólera e Arrebatamento do Fígado

Hain Capricórnio Tebet Mão Esquerda Riso e Arrebatamento do Baço

Tsade Aquário Séhebat Pé Direito Pensamento e Arrebatamento do Coração

Cuph Peixes Adar Pé Esquerdo Sono e Apatia

O Dragão Celeste é no universo semelhante a um rei sobre o trono, o Zodíaco no ano é semelhante a um rei em sua cidade, o Coração no homem, assemelha-se a um rei em guerra. E Deus os fez opostos, Bem e Mal. Ele fez o Bem do Bem e o Mal do Mal. O Bem demonstra o Mal e o Mal o Bem. O Bem inflama nos justos e o Mal nos ímpios. E cada um é constituído pelo ternário. Sete partes são constituídas por dois ternários no meio dos quais têm-se a unidade. O duodenário é constituído por partes opostas, três amigos, três inimigos, três vivos vivificam, três matam, e Deus, rei fiel, domina a todos no limiar de sua santidade.

A unidade domina sobre o ternário, o ternário sobre o Setenário, o Setenário sobre o duodenário, mas cada parte é inseparável de todas as outras desde que Abraão nosso pai compreendeu e que considerou, examinou, penetrou, esculpiu, gravou e compôs tudo isso, e fez assim, a criatura unir-se ao criador.

Então o mestre do Universo manifestou-se para ele, chamou-o de seu amigo e empenhou-se numa aliança eterna com ele e sua posteridade; como está escrito: Ele creu em IOAH (U h w h y) e foi incluído como uma obra de Justiça. Ele contraiu com Abraão um pacto entre seus dez dedos dos pés, é o pacto da circuncisão, e um outro entre os dez dedos da mão, é o pacto da língua. Ele ligou as 22 letras à sua língua e descobriu seu mistério. As fez descer à água, subir ao fogo, lançou-as ao ar, iluminou-as nos sete planetas e as espalhou pelos doze signos celestes.

A Morte E A Evolução Dos Três Princípios
Extraído do livro "o que acontece com nossos mortos"
Dr Gerar Encausse (Papus)

Nem todos nós estivemos na China e, entretanto, não duvidamos da efetiva existência de tal país, porque temos confiança no testemunho dos viajantes que dali voltam e nos falam, assim como em outra serie de provas que nos proporcionam a certeza da existência da China.

Mas quando se trata de outros planos de existência, nossa certeza se vê muito deteriorada. Os cétricos dizem: ninguém voltou jamais a dizer-nos o que ali acontece...e estes cétricos se equivocam, porque alguns pálidos viajantes voltaram para falar-nos...e além, quanto se relaciona com um plano no que se desenvolve uma nova existência em outro corpo que não seja o físico, dá medo aos cérebros mal preparados para uma concepção tranqüila da realidade, sejam as que forem e então se diz: quando eu me encontrar ali, conhecerei bem.

Pelo contrário, os que ainda permanecem no plano físico, os que seguem neste lado enquanto seus queridos tenham partido, queriam saber...queriam ter minuciosos detalhes, e é por isso que escrevemos estas páginas.

Digamos para começar que, para um sábio iniciado nos antigos mistérios do Egito, as fases da morte lhe eram conhecidas, como a são as do nascimento para um médico, porque a iniciação consistia justamente em dar-se conta pratica destas fases; para um cérebro contemporâneo, as coisas têm um sentido completamente diferente.

As ciências chamadas psíquicas estão em fase de constituição, desde o ponto de vista dos corpos científicos chamados "sérios". Alguns especialistas pertencentes às Academias dedicadas a estas investigações admitem que exista "alguma coisa", mas sem chegar até as afirmações dos espíritas ou ocultistas.

Tentemos agora indicar plenamente o caráter de nosso trabalho e dizer que algumas de nossas afirmações derivam de nossas experiências e estudos pessoais ainda que temos a certeza de que tudo isto será considerado como "científico" antes de que passem muitos anos da mesma forma que era científico na direção do ano 2.600 antes de Jesus Cristo.

O fenômeno da morte aparece entre nós desde o ponto de vista puramente fisiológico como caracterizado pelos seguintes feitos:

- 1) Ruptura do equilíbrio das forças que produzem a faísca vital.
- 2) Desdobramento do ser humano em duas seções:
 - a) O cadáver
 - b) Outro corpo mais sutil que o cadáver e que se separa deste último.
- 3) Manifestação possível e evolução das faculdades intelectuais que permanecem neste segundo corpo fluídico depois do choque forçado produzido sobre estas faculdades pelo fenômeno da morte.

O Cerebro Humano E Sua Evolução

O cérebro humano é um órgão que evolui como o resto dos órgãos: dirige as idéias e personaliza os pensamentos como o estomago digere os alimentos e os prepara para formar a substância humana personalizada.

Existem cérebros de todas as idades entre homens de idade diferente: um homem de sessenta anos que não utilizou nunca suas faculdades intelectuais pode ter um cérebro de dez anos enquanto que um artista de vinte anos que sofreu e que criou sua personalidade através das provas pode ter um cérebro de cinquenta anos, há cérebros que irradiam e outros que absorvem.

Por último existem diferentes estados no desenvolvimento das funções cerebrais:

Em princípio qualquer ser humano não se difere da massa: acredita no que lhe diz, não sendo capaz e amadurecer por uma nova digestão as idéias que lhe servem já dispostas para o "consumo" Se o ensinamento que recebeu é religioso acredita nas idéias religiosas, se, pelo contrário o ensinamento primitivo foi irreligioso e tem sua fonte nos jornais ou outras publicações de tendência demagógica ou nos folhetinhos chamados populares, *(Estas linhas possuem uma enorme atualidade; hoje haveria que acrescentar a ação de outros meios de "informação", radio, TV, Internet, etcetc...(N. do T.).* tal ser não acredita em nada que esteja além da vida através de "a luta de classes". Que conste que nada criticamos, nos limitamos a corroborar.

Um segundo estado de desenvolvimento cerebral começa com a criação da personalidade intelectual.

O individuo nega, em princípio, tudo quanto aprendeu no primeiro estado. Se foi educado em meio crente, se converte em um incrédulo e não é capaz de evoluir, realmente, mais que quando se transformou totalmente em um materialista ou um ateu.

É no seno desta obscuridade cerebral, desta negação de tudo o adquirido anteriormente, de onde vai sair mais tarde a rocha da crença racional e pessoal.

Mas é preciso que antes se organize o cérebro e atravesse as fases de: dúvida, negação, materialismo, depois: positivismo, criação de um sistema pessoal, e por último, crença racional e derivada dos feitos e pensamentos individuais.

O materialista sente perfeitamente que seu cérebro está mais evoluído que o do crente do princípio, mas o materialista se figura que está também mais evoluído que o crente por criação e isto é um erro.

Para dar-se conta da existência efetiva destes diferentes estados de evolução cerebral, é suficiente que se leia com atenção a vida de Augusto Comte, o criador do Positivismo, que se converteu em um místico nos últimos dias de sua existência, pela evolução normal e seu cérebro, e isto com grande escândalo para seus discípulos, que permanecendo fiéis a seu antigo caminho, acreditaram ser um louco.



LEITURA EM ESPANHOL

ALQUIMIA

Dr. Gerard Encausse (Papus)

CAPITULO I

EL OCULTISMO Y LA ALQUIMIA

Corrientemente, suele opinarse que la Alquimia es un arte mendaz, cuyo propósito es fabricar oro de manera artificial, y que en la Edad Media ha llevado a mucha gente crédula a la ruina. En primer lugar se nos plantea una cuestión y ésta consiste en saber cómo hay que considerar a la Alquimia desde el punto de la vista de la Ciencia Oculta.

Para ello, haremos caso omiso de aquellos comentarios y declaraciones,

relacionados con la Alquimia, que aparecen en ciertas Enciclopedias de la actualidad, y nos referiremos únicamente a aquellos que consideran a los alquimistas como *maestros* en su ciencia.

Por ejemplo, tomemos la obra de Raimundo Lulio. ¿Qué encontramos en ella? Nada más que las reglas de este arte especial, considerado como la única preocupación de los alquimistas.

En efecto, en todo escrito serio, en el que se haga referencia a la filosofía hermética, encontraremos lo siguiente:

1. Una filosofía profunda que sirve de base a una síntesis natural, la cual tiene, como punto de partida, la teoría de la evolución expuesta hasta sus últimas consecuencias, y la teoría de la unidad de la sustancia y del plan. (Por ende, el axioma alquímico que dice: "Todo está en todo").
2. Una criteriosa aplicación de los principios de la Cábala hebrea, vinculados con la tradición egipcia y gnóstica.
3. Numerosas prácticas de carácter físico, químico y biológico que apoyan esas teorías.

Por tales circunstancias, cuando lo único que se quiere ver en la Alquimia son prácticas de naturaleza química, lo que se hace es mutilar, de manera por demás indigna, una enseñanza completa en la cual su práctica llega a justificar su teoría científica.

Un alquimista de verdad era, pues, al mismo tiempo, médico, astrónomo y astrólogo, filósofo, cabalista y químico. Asimismo, los estudios eran muy serios y prolongados, y eran transmitidos, mediante iniciación, por el maestro a uno o dos discípulos dilectos, ocultándolos cuidadosamente a los profanos. Junto con aquellos sabios –verdaderos filósofos herméticos- aparecen los charlatanes ignorantes cuyo único propósito consistía en adquirir riquezas materiales. Lo único que éstos hicieron siempre fue desacreditar a la Alquimia. Por ello, varios millares de tomos escritos en francés, que se hallan en nuestras bibliotecas bajo el rubro de "Filosofía Hermética" abarcan lo siguiente:

1. Tratados de historia natural;
2. Tratados de física y química corrientes;
3. Tratados de Alquimia propiamente dicha, o de preparación de la Piedra filosofal;
4. Tratados de filosofía y Cábala, o de astrología;
5. Especies de enciclopedias, las cuales son un conglomerado de todos los géneros. Esta observación permite comprobar que la tradición esotérica se halla representada, en todas sus ramas, por la Filosofía Hermética. Cómo se produjo el paso de esta tradición desde Egipto hacia Occidente. Esto es lo que vamos a ver.

El estudio de quienes son depositarios del Esoterismo nos permitió comprobar que los esenios por una parte, y los gnósticos por la otra, fueron los únicos que guardaron las claves de la Ciencia Oculta.

Los esenios, asentados en Palestina, apartados de toda actividad política, fundaron muchas sociedades secretas.

En cambio, los gnósticos procuraron difundir sus enseñanzas por doquier. Tras la libertad concedida a las facultades regionales para que divulgaran las enseñanzas esotéricas, fueron escritos muchos tratados concernientes a las prácticas de la Ciencia Oculta según las tradiciones de la Universidad egipcia propiamente dicha. Estos tratados, cuya redacción se remonta efectivamente hacia el siglo II de nuestra era, solo tenían como finalidad fundamentar la retentiva y propender a la transmisión oral. Había dos grandes clases de tratados:

1. Los que se ocupaban del mundo invisible, del alma y sus poderes, o sea de la *Psicurgia* y 2. Los que se ocupaban de la aplicación de los poderes del alma a la Naturaleza, o sea, de la *Teurgia* y la *Alquimia*.

De los primeros, que son principalmente filosóficos, poseemos algunos fragmentos, de cuya traducción se ocupó enteramente el estudioso Louis Ménard. 1 De los segundos, poseemos una enorme cantidad de tratados a los que puede denominarse propiamente obras de Alquimia.

Se cree, de manera general y coincidente, que la parte práctica del Ocultismo llegó a Europa por medio de los árabes. Estos últimos introdujeron en Europa las ciencias (que ellos habían recibido de los gnósticos que quedaban en Egipto) mucho tiempo después de predicarse la Gnosis en Europa.

Ahora bien, la Gnosis abarcaba una parte mágica. Recuérdense los milagros de

Apolunio de Tiana, de Simón el Mago y de otros gnósticos célebres, y se descubrirá

- 1 Hermès Trismégiste, de Louis Ménard, un tomo.

el verdadero origen de esta Filosofía Hermética (origen éste que, a primera vista, parece tan nebuloso).

La Alquimia representa, pues, la vía de transmisión de la Ciencia Oculta a través de Occidente. Por esta razón, ahora nos ocuparemos de los trabajos y teorías de quienes se titulan "hijos de Hermes". A continuación, y de manera sucesiva, veremos lo siguiente:

1. El propósito exotérico de los alquimistas. La Piedra Filosofal. Su realidad y lo que se puede decir acerca del cómo prepararla.
2. Los textos sobre los cuales los alquimistas basan sus opiniones filosóficas. La Tabla de Esmeralda y sus aplicaciones.

3. La explicación de las historias simbólicas que es posible hallar en los textos de Alquimia.
4. Como ejemplo de estas aplicaciones, haremos extensos comentarios sobre la preparación de la Piedra Filosofal, según un texto de estilo simbólico, del siglo XIX, perteneciente a Cyliani (hacia el año 1837).
5. Finalmente, nos referiremos a la Alquimia de nuestra época y a sus actuales cultores.

CAPITULO II

¿QUÉ ES LA PIEDRA FILOSOFAL?

¿Qué se entiende como tal? Esta cuestión, a pesar de ser tan sencilla a simple vista, es bastante difícil de resolver. Recurramos a diccionarios serios y leamos las ponderadas recopilaciones efectuadas por unos pocos "sabios" que se dignaron tratar este tema.

La conclusión es bastante fácil de plantear.

Piedra Filosofal, transmutación de metales igual a Ignorancia, Engaño y Locura.

Como resultado de esto, si reflexionamos que, en suma, para hablar de *paños*, más vale recurrir a quien los comercia que a un doctor en literatura, tal vez se nos ocurra establecer qué es lo que piensan los alquimistas acerca de la cuestión que nos ocupa.

Ahora bien, en medio de las consentidas oscuridades y de los numerosos símbolos que llenan sus tratados, hay un punto en el que todos están de acuerdo: el que se refiere a la definición y a las cualidades de la Piedra Filosofal. La Piedra Filosofal perfecta es un polvo rojo que tiene la propiedad de transformar todas las impurezas de la Naturaleza.

Generalmente se cree que dicha Piedra sólo puede servir, según los alquimistas, para transformar al plomo o al mercurio en oro. Este es un error. La teoría alquímica deriva de fuentes demasiado especulativas como para localizar de esta manera sus efectos. Puesto que la evolución es una de las grandes leyes de la Naturaleza, tal como el Hermetismo lo enseña hace muchos años, la Piedra Filosofal hace *evolucionar* rápidamente aquello que las formas naturales tardan largos años en producir y, por esta razón, los adeptos dicen que ella actúa tanto sobre los reinos vegetal y animal como sobre el mineral, y bien se la puede denominar *medicina de los tres reinos*.

La Piedra Filosofal es un polvo que puede adoptar muchos colores diferentes, según sea su grado de perfección, pero que, en la práctica, solo posee dos: el blanco o el rojo.

La verdadera Piedra Filosofal es *roja*. Este polvo rojo posee tres virtudes:

1. Transforma en oro el mercurio o el plomo en fusión, sobre los cuales se deposita una pulgarada. (Digo en *oro*, y no "en un metal" que se le aproxime más o menos, como lo ha creído, ignoro por qué, un sabio contemporáneo)²

- 2 Marcellin Pierre Eugène erthelot.

2. Constituye un enérgico depurativo de la sangre y, cuando se la ingiere, cura cualquier enfermedad; y 3. También actúa sobre las plantas, y las hace crecer, madurar y dar frutos en unas horas.

Estos tres puntos parecerán muy fabulosos a muchas personas, pero todos los alquimistas se hallan de acuerdo en esto.

Además, basta reflexionar para advertir que estas tres propiedades constituyen una sola: fortalecimiento de la vitalidad.

La Piedra Filosofal es pues, sencillamente, energía Vital condensada ³ en una pequeña cantidad de materia. Actúa sobre el cuerpo con el que toma contacto como si fuera levadura. Es suficiente un poco de levadura para que una masa de pan se "e/eve" y agrande. De igual manera, basta un poco de Piedra Filosofal para hacer crecer la vida contenida en cualquier materia, ya sea mineral, vegetal o animal. Por esta razón, los alquimistas denominan a su Piedra: medicina de los tres reinos.

Ahora sabemos bastante sobre qué es esta Piedra Filosofal. Así podremos entender su descripción en un relato de carácter simbólico, y allí deberán tener un límite nuestras ambiciones.

³ Cfr. Traité Méthodique de Science Occulte, del autor.

CAPITULO III

LA FABRICACION DE LA PIEDRA FILOSOFAL Y SUS

DISTINTOS COLORES

Veamos ahora cómo se fabrica la Piedra Filosofal.

He aquí cuáles son las operaciones esenciales.

Extraer el mercurio común y corriente un fermento especial, al que los alquimistas denominan *Mercurio de los filósofos*.

Hacer actuar este fermento sobre la plata, a fin de obtener, igualmente, un fermento.

Hacer actuar el fermento del mercurio sobre el oro, a fin de obtener también, el fermento.

Combinar el fermento que se obtuvo del oro con el fermento que se obtuvo de la plata y el fermento mercurial en un matraz de vidrio verde, muy sólido y de forma oval, tapar herméticamente este matraz y ponerlo a cocer en un horno especial, al que los alquimistas llaman *atanor*. Lo único que diferencia al *atanor* de los demás hornos es que, por su estructura, permite alentar durante muy largo tiempo y de una manera especial la antedicha combinación, ahora de forma oval. Es entonces (durante esta cocción), y solo entonces cuando se producen ciertos colores sobre los cuales se basan todos los comentarios alquímicos. La materia que ese "huevo" contiene se torna primeramente negra y se petrifica en su totalidad. A este estado se lo designa con el nombre de *cabeza de cuerpo*. De repente, a continuación de este color negro se presenta un color brillante. Este pasaje, del negro al blanco, de la oscuridad a la luz, es una excelente piedra de toque para reconocer una historia simbólica que trata sobre la Alquimia. La materia así "fijada" sirve para transmutar los metales impuros (plomo o mercurio) en plata.

Si se mantiene el fuego, entonces se ve cómo ese color blanco desaparece poco a poco; la materia adquiere diversas tonalidades, desde los colores inferiores del espectro (azul, verde) hasta los colores superiores (amarillo, anaranjado), y finalmente llega al color rojo rubí. Entonces la Piedra Filosofal está casi terminada.

Dije "casi" terminada, pues, en este estado, *diez gramos* de Piedra Filosofal no transmutan más de *veinte gramos* de metal.

A fin de perfeccionar la Piedra, hay que introducirla en un matraz con un poco de Mercurio de los filósofos, y empezar a calentarlo.

La operación original, que requirió un año, ahora no exige más de tres meses.

Entonces, los colores reaparecen en el mismo orden que la primera vez.

En este estado, la Piedra transmuta en oro *diez veces su peso*. Hay que recomenzar la operación. Esta vez dura solamente un mes, y la Piedra transmuta *mil veces* su peso de metal.

Por último, se realiza la operación final y se obtiene la verdadera Piedra Filosofal perfecta, la cual transmuta diez mil veces su peso de metal en oro puro. Estas operaciones se designan con el nombre de *multiplicación de la Piedra*.

CAPITULO IV

UNA EXPLICACION SOBRE TEXTOS ALQUÍMICOS

Cuando se lee un texto escrito por un alquimista, es preciso establecer a qué operación se está refiriendo:

1. Si habla sobre la fabricación del Mercurio de los filósofos, entonces, con seguridad, resultará ininteligible para el profano.
2. Si habla de la fabricación de la Piedra propiamente dicha, entonces el alquimista hablará con claridad.
3. Si se refiere a la multiplicación, entonces será absolutamente claro. En posesión de estos datos, el lector puede consultar la obra de Guillaume Louis Figuier, titulada *la Alquimia y los alquimistas*, y si no le disgusta lo festivo, leer las primeras cincuenta páginas. Entonces, le será fácil descifrar el sentido de los relatos simbólicos que resultan tan oscuros para dicho autor y que le hacen aventurar en tan graciosas explicaciones.

Viene a cuento, como prueba de ello, el siguiente relato que él considera un galimatías:

"Hay que empezar al ponerse el sol, mientras el marido Rojo y la esposa Blanca se unen en el espíritu de la vida para vivir en el amor y la tranquilidad, en la proporción exacta del agua y de la tierra".

He aquí su interpretación:

Se ponen en el matraz, de forma oval, dos fermentos, a saber, el activo o Rojo y el pasivo o Blanco.

También leemos lo siguiente:

"Adelántate desde el Occidente, a través de las tinieblas, hacia el Septentrión".

Esta es la interpretación:

Los diversos grados del fuego.

También nos encontramos con esto:

"Altera y disuelve al marido entre el invierno y la primavera, transforma el agua en una tierra negra, y elévate a través de los variados colores hacia el Oriente, en el cual se muestra la Luna Llena. Después del Purgatorio, aparece el sol blanco y radiante."

La interpretación es:

Cabeza de cuerpo, colores de la Obra.

Cuando estudiemos un relato simbólico, deberemos buscar siempre el sentido hermético oculto que aquí casi seguramente encierra.

Puesto que la Naturaleza es idéntica por doquier, el mismo relato, que exprese los misterios de la Gran Obra, podrá significar igualmente el curso del Sol (mitos solares) o la vida de un héroe fabuloso.

Solamente el iniciado se hallará, pues, en condiciones de captar el *tercer sentido* (hermético) de los mitos de la antigüedad⁴, mientras que el sabio solo verá en ellos los *sentidos primero y segundo* (físico y natural, curso del Sol, Zodíaco, etc.) y el lego comprenderá únicamente el *primer sentido* (el relato relacionado con el héroe). Desde este punto de vista, son célebres, entre los alquimistas, las aventuras de Venus, Vulcano y Marte.⁵ De acuerdo con todo lo dicho, es dable apreciar que, para preparar la Piedra Filosofal, hay que tener tiempo y paciencia.

Hablando en términos alquímicos, quien no haya eliminado de sí mismo el deseo⁶ del oro, jamás será rico. Para convencerse de esto, basta leer las biografías de dos alquimistas del siglo XIX: Cyliani⁷ y Louis Paul François Cambriel⁸. En su aspecto físico, la Piedra Filosofal será, pues, un polvo rojo de consistencia bastante parecida a la del cloruro de oro, y su olor es el de sal marina calcinada. En su aspecto químico, se trata simplemente de un incremento de la densidad, si se admite la unidad de la materia, idea ésta que cuenta con considerable apoyo por parte de los filósofos químicos contemporáneos.

Efectivamente, el problema que hay que resolver consiste en transformar un cuerpo cuya densidad es de 13,6, como lo es el mercurio, en un cuerpo cuya densidad es de 19,5, como lo es el oro.

¿Esta hipótesis de la *transmutación* discrepa con los más recientes informes de la química?

Esto es lo que ahora trataremos de explicar.

4 Fastes initiatiques, La Maçonnerie occulte, de Joseph Marie Ragon.

5 Id. ant.

6 Ver el admirable tratado titulado *Luz en el sendero*, de Mabel Collins, Editorial Kier.

7 *Hermes develado*, ver al final de este estudio.

8 *Curso de alquimia en 19 lecciones*.

CAPITULO V

LA QUÍMICA MODERNA Y LA PIEDRA FILOSOFAL

Son dos los químicos que, en nuestra época, impulsaron sus investigaciones por el oscuro campo de la Alquimia.

Uno de ellos es Guillaume Louis Figuier quien, hacia 1853, publicó *La Alquimia y los Alquimistas*, obra de la que ya tendremos ocasión de hablar. El otro es el profesor Marcelin Pierre Eugène Berthelot, miembro del Instituto, quien dio a conocer, en 1885, *Los Orígenes de la Alquimia*.

Estos dos sabios de la ciencia oficial, especialmente el último, tienen autoridad en esta materia y su opinión merece ser escuchada por toda persona criteriosa. Ambos consideran que tanto la Alquimia como lo que ésta propone son bellos sueños, dignos de épocas pasadas, y niegan formalmente la existencia de la Piedra Filosofal (aunque Figuier prueba, sin saberlo, la existencia de aquélla). Sin embargo, declaran que, *científicamente*, la cuestión no puede ser negada *a priori*. Es Figuier quien dice:

“En el estado actual de nuestros conocimientos, no se puede probar de manera absolutamente rigurosa que la transmutación de los metales sea imposible. Algunas circunstancias se oponen a que el punto de vista alquímico sea rechazado como un absurdo en contradicción con los hechos”.

En muchos países de su libro, Berthelot muestra que, lejos de oponerse a la química contemporánea, la teoría de los alquimistas tiende, en cambio, a reemplazar hoy en día lo que antes se pensaba de esa filosofía. He aquí algunos párrafos que abonan esta opinión:

“A través de las explicaciones de carácter místico y de los símbolos con los que los alquimistas se envuelven, podemos entrever las teorías esenciales de su filosofía. Esas teorías se reducen, en suma, a una pequeña cantidad de ideas claras y plausibles, algunas de las cuales ofrecen una analogía ajena a los conceptos de nuestro tiempo”.

También dice:

“¿Por qué no podríamos formar el azufre con el oxígeno o formar el selenio y el telurio con el azufre, mediante convenientes procedimientos de condensación? ¿Por qué el telurio y el selenio no podrían convertirse, de manera inversa, en azufre, y éste, a su vez, metamorfosearse en oxígeno? En efecto, nada se opone a esto *a priori*.”

Y concluye diciendo:

“Lo repito nada puede afirmarse, con seguridad, en el sentido de que la fabricación de cuerpos simples sea imposible *a priori*...” Todo esto muestra suficientemente que la Piedra Filosofal no es algo fatalmente imposible, según el criterio de sabios contemporáneos. Lo que ahora debemos averiguar es si tenemos pruebas positivas de que la Piedra Filosofal existe.

CAPITULO VI

LA PIEDRA FILOSOFAL: PRUEBAS DE SU EXISTENCIA

Afirmamos que hay pruebas irrefutables de que la Piedra Filosofal existe, y pasaremos a exponer los hechos sobre los cuales basamos nuestras convicciones. Hemos dicho los *hechos*, pues lo que se demuestra mediante razonamientos más o menos sólidos puede considerarse absolutamente serio. En el campo de la historia, lo que se afirma suele ser fácil de comprobar en esta época y, por ello, verdaderamente irrefutable. Ahora vamos a exponer los argumentos invocados por los adversarios de la Alquimia contra la transmutación; éstos son *hechos* que, por sí solos, podrán refutar victoriosamente cada una de esas objeciones. Correspondió al mayor de los hermanos Geoffroy encargarse, en 1772, de efectuar el proceso de los alquimistas ante la Academia. Si damos crédito al memorial que él presentó, los numerosos casos de transmutación, sobre los cuales los adeptos basan su fe, se pueden explicar fácilmente como supercherías, filósofos irreprochables, como Paracelso y Raimundo Lulio, dejan de lado, por un momento, las especulaciones abstractas para efectuar astutos escamoteos ante personas crédulamente embobadas. Sin embargo, analicemos los medios para engañar de los que ellos disponían, y procuremos establecer condiciones experimentales que anulen tales argumentos.

Según Geoffroy, los alquimistas se valen de los siguientes elementos para engañar a los asistentes:

1. *Crisoles de doble fondo.*

2. *Carbones (o varitas huecas), previamente rellenas con oro en polvo; y 3. Reacciones químicas desconocidas en ese entonces, y conocidas perfectamente hoy en día.*

A fin de que se concrete una de estas condiciones, es necesario que el alquimista esté presente en la operación o que haya tomado contacto, de antemano, con los instrumentos empleados.

Por lo tanto, la condición primera e imprescindible, para determinar experimentalmente una transmutación, consiste en que el alquimista esté ausente. Además, será preciso que no haya tenido en sus manos objeto alguno que luego sirva para esa transmutación.

Y para responder al último argumento, es indispensable que las premisas fundamentales de la química contemporánea sean incapaces de explicar normalmente el resultado obtenido.

Para que nuestro trabajo encuentre una prueba más sólida aún, es preciso que sea el lector mismo quien pueda controlar con facilidad todo lo que sostenemos. Por este motivo, extraeremos nuestros argumentos de una sola obra: *La Alquimia y los Alquimistas*, del ya citado Figuiet.

Antes de proseguir, recordemos las condiciones más esenciales:

1. *Ausencia del alquimista;*
2. *Que no haya tocado nada de lo que el operador utilice;*
3. *Que el hecho no pueda ser explicado por la química contemporánea.*

Incluso podemos agregar esta otra condición:

4. *Que el operador no pueda ser sospechado de complicidad.*

Abrimos el libro de Figuiet, edición de 1854, capítulo III, en la página 206. Allí no encontramos un solo hecho, isino *tres!* que responden a *todas nuestras condiciones* y que vamos a comentar uno por uno.

El operador no solo no es alquimista sino que es un sabio respetado y un enemigo declarado de la Alquimia: esto responde, con más fuerza aún, a nuestra cuarta condición. Hablamos, en primer término, de Helvetius y de su transmutación. Citamos textualmente a Figuiet, "Johann Frederick Schweitzer (1625-1709), conocido con el nombre latino de Helvetius, era uno de los adversarios más acérrimos de la Alquimia y había alcanzado notoriedad por un escrito suyo contra el "polvo simpático" (sympathetic powder) de Sir Kenelm Digby (1603-1665). El 27 de diciembre de 1666, recibió en La Haya la visita de un extranjero vestido como un hombre corriente del norte de Holanda, quien se negó obstinadamente a dar a conocer su nombre. El extranjero dijo a Helvetius que, enterado de su disputa con Sir Digby, acudía para darle pruebas concretas de que la Piedra Filosofal realmente existía. En una larga conversación, el adepto defendió los principios herméticos y, para disipar las dudas de su adversario, le mostró la Piedra Filosofal: se hallaba en una cajita de marfil y era un polvo metálico cuyo color era el del azufre. Helvetius instó al desconocido a demostrar, mediante fuego, las virtudes de su "polvo", pero el alquimista se negó a ello y se marchó, no sin antes prometer que regresaría tres semanas después.

"Mientras conversaba con ese hombre y examinaba la Piedra Filosofal, Helvetius se las ingenió para separar con una uña unas partículas. Cuando estuvo solo, se dedicó a poner a prueba las supuestas virtudes de esas partículas. Fundió plomo en un crisol y efectuó la proyección. Sin embargo, todo se disipó en una humareda. Lo único que quedó en el crisol fue un poco de plomo y tierra vitrificada. Entonces, Helvetius pensó que aquel hombre era un impostor, y habría olvidado lo ocurrido si, tres semanas después y en el día señalado, el extranjero no hubiese reaparecido. Sin embargo, se negó a efectuar él mismo la operación, pero cediendo a los ruegos de Helvetius, le regaló un poco de su "Piedra", cuyo grosor era apenas el de un grano de mijo. Y como Helvetius expresó sus temores de que tan pequeña cantidad de sustancia careciera de la menor propiedad, el alquimista, considerando que incluso ese regalo era demasiado dispendioso, retiró la mitad y le dijo

que lo que quedaba era suficiente para transmutar algo más de una onza y media de plomo. Al mismo tiempo, se encargó de informarle sobre las precauciones que debía tener para que la Obra fuera exitosa y, sobre todo, le recomendó que, en el momento de la proyección, recubriera la Piedra Filosofal con un poco de cera para protegerla del humo del plomo. En ese instante, Helvetius comprendió por qué había fracasado en su intento de transmutación; no había recubierto la Piedra con cera y había descuidado, en consecuencia, una precaución indispensable.

Además, el extranjero prometió regresar el lunes para asistir a la experiencia. “El lunes, Helvetius aguardó inútilmente. Así pasó todo el día sin que se presentara nadie. Al anochecer, la esposa de Helvetius, incapaz de contener su impaciencia, le urgió para que intentara él solo la operación. Entonces, él lo hizo en presencia de su esposa y de sus hijos.

“Fundió una onza y media de plomo, proyectó sobre el metal fundido la Piedra recubierta de cera, tapó convenientemente el crisol y lo dejó expuesto a la acción del fuego durante un cuarto de hora. Al cabo de ese lapso, el metal había adquirido un bello color verde: era oro fundido, el cual, colado y enfriado, adquirió un color amarillo espléndido.

“Todos los orfebres de La Haya estimaron muy alto el valor de ese oro. Povelius, aquilatador de las monedas de Holanda, lo sometió siete veces a la prueba del antimonio sin que su peso disminuyera.”

Así es cómo Helvetius narró esta aventura. Los términos y pormenores precisos de su relato excluyen toda sospecha de impostura por parte de él. Este hecho le maravilló de tal manera que escribió su *Vitulus aureus*, (La Haya, 1667, obra reproducida en *Museum Hermeticum Reformatum*, Francfort, 1678, y *The Hermetic Museum Restored and Enlarged*, Londres, 1893). De esta manera es cómo él narra lo ocurrido y sale en defensa de la Alquimia.

CAPITULO VII

LA VALIDEZ DE LA PIEDRA FILOSOFAL

Lo expuesto responde a todas las condiciones requeridas. Sin embargo, Figuiet, sabedor de cuán difícil es explicar esto, añadió algunas explicaciones en una edición posterior de su obra (1860). Deseoso de hallar por todas partes, *a priori*, la existencia de fraude, éste fue el argumento principal que esgrimió: el alquimista contrató un cómplice, el cual introdujo en los crisoles de Helvetius un compuesto de oro de fácil descomposición con el calor.

¿Es necesario demostrar la ingenuidad de esta objeción?

1. ¿Cómo habría que elegir precisamente el crisol que tomaría Helvetius? 2. ¿Cómo pensar que él fuera tan tonto como para no diferenciar un crisol vacío de uno lleno, o bien, una aleación de un metal?

3. ¿Por qué no tomarse el trabajo de releer el relato de los hechos? Entonces, Figuiet habría advertido dos cuestiones importantes:

En primer lugar, la siguiente frase: *tomó una onza y media de plomo*. Esto indica que la pesó, la manipuló y estuvo en condiciones de verificar fácilmente si era plomo de verdad.

4. A continuación, este pormenor: *tapó convenientemente su crisol*, lo cual impide toda evaporación ulterior.

5. Aunque supongamos incluso que Helvetius fue realmente engañado y que, siendo un experimentado sabio, confundiera al oro con el plomo, la prueba de la transmutación no resulta menos evidente, pues los críticos olvidan siempre el siguiente hecho:

Si existe una aleación que oculta en sí al oro, entonces, después de la evaporación u oxidación, pesará *mucho menos* que el metal inicialmente empleado. Por el contrario, si con cualquier procedimiento se agregó oro, el lingote pesará *mucho más* que el metal inicialmente empleado.

Ahora bien, la transmutación de Claude Guillermet de Bérigard (o Beauregard), de Pisa (¿1578?-1664), que comentaremos más adelante, prueba irrefutablemente la nulidad de tales argumentaciones.

Finalmente, para destruir para siempre lo que Figuiet afirma, basta señalar que tanto los orfebres de La Haya como el aquilatador de las monedas de Holanda comprueban la pureza absoluta de aquel oro, lo cual sería imposible si hubiera existido cualquier aleación.

Aquí cae por su propio peso la explicación que la crítica da a este hecho: "En la actualidad, solo podemos explicar estos hechos admitiendo que el mercurio o el crisol utilizados ocultaban cierta cantidad de oro, disimulada con una habilidad maravillosa".

Hemos dicho que *un solo hecho* plenamente comprobado bastaba para demostrar la existencia de la Piedra Filosofal. Sin embargo, son tres los hechos sujetos a las mismas condiciones. Veamos los otros dos:

Esto es lo que relata Bérigard de Pisa, citado por el mismo Figuiet:

"Contaré lo que otrora me sucedió cuando yo tenía muchísimas dudas de que el mercurio pudiera convertirse en oro. Un hombre diestro, deseoso de quitarme esas dudas, me dio una porción de polvo cuyo color era bastante parecido al de la amapola silvestre, y cuyo olor era el de la sal marina calcinada. "Para destruir toda suposición de fraude, yo mismo compré el crisol, el carbón y el mercurio a diferentes comerciantes a fin de que por nada del mundo pudiera haber oro en algunos de esos elementos (pues esto lo hacen frecuentemente los que convierten a la Alquimia en un embuste).

"Agregué un poco de polvo a diez medidas de mercurio, expuse todo a un fuego bastante fuerte y, en poco tiempo, toda la masa se convirtió en casi diez medidas de oro. Diversos orfebres lo pusieron a prueba y reconocieron que era oro purísimo. "Si este hecho me hubiera ocurrido sin testigos, sin la presencia de árbitros extranjeros, yo habría podido suponer la existencia de algún fraude. "Sin embargo, puedo asegurar, con confianza, que el hecho ocurrió tal como yo lo cuento."

He aquí, además, que quien realiza esa operación es un sabio, pero conoce las tretas de los embaucadores y, para evitarlas, emplea todas las precauciones imaginables.

Finalmente, citamos también la transmutación efectuada por François-Mercurie van Helmont (1618-1699), en su laboratorio de Vilvorde, cerca de Bruselas. Van Helmont recibió de un desconocido un cuarto de grano de Piedra Filosofal. Se lo enviaba un adepto que, al descubrir el secreto, deseaba convencer de su realidad al ilustre sabio cuyos trabajos honraban a su época.

El mismo van Helmont llevó a cabo esa experiencia él solo, en su laboratorio. Con el cuarto de grano de polvo, que recibió del desconocido, transformó ocho onzas de mercurio en oro. Hay que convenir que este hecho era un argumento casi irrefutable que podía invocarse en favor de la existencia de la Piedra Filosofal. Era difícil engañar a Van Helmont, el químico más diestro de su tiempo. Él mismo era incapaz de toda impostura y no tenía interés alguno en mentir, pues jamás aprovechó para nada lo que él observó.

Por último, puesto que la experiencia tuvo lugar fuera de la presencia del alquimista, es difícil comprender cómo pudo deslizarse allí el fraude. Van Helmont quedó tan convencido del hecho que pasó a ser declarado partidario de la Alquimia. En honor de esta aventura, a su hijo recién nacido le puso el nombre de Mercurios. Por lo demás, este Mercurios Vermont no desmintió su bautismo alquímico. Hizo que Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) compartiera su modo de pensar. Durante toda su vida buscó la Piedra Filosofal. Es verdad que no la halló, pero difundió

fervorosamente sus conocimientos. Retomemos ahora esos tres relatos y comprobaremos que responden a las condiciones científicas planteadas. En efecto, ¿el mercurio o el plomo contenían oro? No lo creo, sí tengo en cuenta:

1. Que ni Helvetius, ni van Helmont, ni Bérigard de Pisa creían en la Alquimia, estaban en la misma situación y no los divertía hacerlo;
2. Que en ningún caso el alquimista tocó los objetos empleados;
3. Finalmente, en la transmutación de Bérigard de Pisa, si el mercurio hubiera contenido oro y éste hubiera quedado solo, después de volatilizarse el primero, el lingote obtenido habría pesado mucho menos que el mercurio empleado, lo cual no ocurrió.

No podrá creerse que, después de estos argumentos, la lista concluya: persiste en el mundo, por lo menos, un argumento nada veraz, por cierto, pero tanto más peligroso:

Todos estos relatos, extraídos de libros impresos, no son la obra de los autores que los firman, sino de hábiles alquimistas impostores.

Ciertamente, estamos frente a una objeción terrible, que parece destruir todo nuestro trabajo. Sin embargo, la verdad puede todavía aparecer victoriosa. En efecto, existe una carta perteneciente a una tercera persona, tan eminente como las otras. La dirigió el filósofo Baruch Spinoza (1632-1677) a Jarrig Jellis. La misiva prueba irrefutablemente que la experiencia de Helvetius fue real. He aquí el pasaje importante:

“Después de conversar con Voss sobre el asunto de Helvetius, se burló de mí, asombrándose de verme ocupado en tales bagatelas.

“Para asegurarme de la verdad, acudí a lo del monedero Brechtel. Este, que había puesto a prueba el oro, me aseguró que, durante la fusión, había aumentado incluso más su peso cuando introdujo plata en él. Era preciso, pues, que ese oro, que transformó la plata en oro nuevo, fuese de un carácter muy particular. “No solamente Brechtel, sino incluso otras personas que habían asistido a la prueba, me aseguraron que lo ocurrido fue así.

“En seguida fui a ver a Helvetius y él mismo me mostró el oro y el crisol que todavía contenía un poco de oro pegado en sus paredes. Me dijo que había introducido apenas, en el plomo fundido, Piedra Filosofal del tamaño de un cuarto de grano de trigo. Agregó que hará conocer este hecho al mundo entero. “Parece que este adepto ya efectuó la misma experiencia en Ámsterdam. Todavía es posible encontrarle en dicha ciudad.

“Estas son todas las informaciones que pude obtener sobre este tema.

“Booburg, 27 de marzo de 1667.

Spinoza”

(Opera posthuma, página 553)

Tales son los hechos que crearon en mí esta convicción:

Hay pruebas irrefutables de que la Piedra Filosofal existe, a menos que se niegue para siempre el testimonio de los textos, de la historia y de los hombres.

CAPITULO VIII

LA TABLA DE ESMERALDA,
DE HERMES TRISMEGISTO,

Y SU EXPLICACION PASO A PASO

"Es cierto, sin mentira y muy verdadero.

"Lo que está abajo es como lo que está arriba, y lo que está arriba es como lo que está abajo para realizar los milagros de la cosa única.

"Y como todas las cosas provinieron y provienen del Uno, así todas las cosas nacen en esta cosa única por adaptación.

"El sol es el padre, la luna es la madre, el viento lo llevó en su vientre, la tierra es su nodriza, el padre de todo, el Thelema de todo el mundo, está aquí su fuerza es total si se convierte en tierra.

"Separarás la tierra del fuego, lo sutil de lo denso, suavemente, con gran diligencia. Asciende de la tierra al cielo y desciende directamente a la tierra, y recibe la fuerza de las cosas inferiores y superiores. Por este medio tendrás toda la gloria del mundo y toda oscuridad se alejará de ti.

"Esta es la fuerza de toda fuerza, pues ella vencerá toda cosa sutil y penetrará toda cosa sólida.

"Así fue creado el mundo.

"De esto habrá y surgirán innumerables adaptaciones, cuyo medio está aquí. "He aquí por qué se me ha llamado Hermes Trismegisto, poseedor de las tres partes de la filosofía del mundo.

"Lo que he dicho sobre la operación del Sol se ha cumplido y consumado". La Tabla de Esmeralda comienza con una trinidad. Hermes afirma así, desde la primera palabra, la Ley que rige sobre toda la Naturaleza. Sabemos que el Ternario se reduce a una jerarquía cuyo nombre es: *los tres Mundos*. Por lo tanto, estas palabras nos presentan, para que la estudiemos, una misma cosa bajo tres aspectos diferentes.

Esta cosa es la verdad y su triple manifestación en los Tres Mundos, o sea: *Es cierto*: la Verdad sensible, correspondiente al Mundo Físico. Este es el aspecto que la Ciencia contemporánea estudia. *Sin mentira*: Lo contrario del aspecto anterior. La verdad filosófica, la certidumbre correspondiente al Mundo metafísico o moral. *Muy verdadero*: La unión de los dos aspectos anteriores, es decir, la tesis y la antítesis para constituir la síntesis. La verdad inteligible correspondiente al Mundo divino.

Puede verse que la explicación que he dado acerca del número tres halla aquí una brillante aplicación. Pero continuemos; ordenemos en tres bloques la frase siguiente:

Lo que está arriba Lo que está abajo
es como { y } es como
lo que está abajo lo que está arriba

?

para realizar los milagros de la cosa única.

De esta manera nos encontraremos nuevamente, en primer término, con dos Ternarios, o más bien con un Ternario considerado bajo dos aspectos, el *positivo* y el *negativo*: alto bajo Positivo { análogo a negativo { análogo a bajo alto Volvemos a encontrar la aplicación del método de la Ciencia Oculta: la analogía. Hermes dice que lo positivo (arriba) es *análogo* a lo negativo (abajo), y se cuida muy bien de decir que ambos son semejantes.

Finalmente, vemos la constitución del cuatro, por la reducción del tres a la unidad⁹.

Para realizar los milagros de una sola cosa.

O la constitución del siete, por la reducción del seis (los dos Ternarios) a la unidad. Puesto que el cuatro y el siete expresan la misma cosa,¹⁰ cualquiera de las dos aplicaciones puede efectuarse con certeza.

Encaremos la explicación de la segunda fase de la explicación de la primera, y entonces veremos:

Que uno Verdad debe ser considerada, ante todo, en su triple aspecto: el físico, el metafísico y el espiritual.

Entonces, a este conocimiento solo se le puede aplicar el método analógico, el cual permitirá aprender las Leyes.

9 Cfr. *Traté Méthodique de Science Occulte*; final del capítulo II, del autor.

10 Id. ant.

Finalmente, hay que reducir a la unidad la enorme cantidad de Leyes mediante el descubrimiento del Principio o de la Causa primera.

A continuación, Hermes aborda el estudio de las relaciones de la multiplicidad con

la unidad, o de la Creación con el Creador diciendo: "Y como todas las cosas

provinieron y provienen del Uno, así todas las cosas nacen en esta cosa única por adaptación".

Aquí se halla compendiada, en pocas palabras, la sagrada enseñanza sobre la creación del Mundo. La creación mediante adaptación o mediante el cuaternario, desarrollada en el *Sepher Yetzirah*¹¹ y en los diez primeros capítulos del *Berasit* de Moisés.¹² Esta cosa única, de la que todo deriva, es la Fuerza universal cuya generación es descripta por Hermes:

El Sol (positivo) es su Padre, La Luna (negativo) es su Madre, El Viento (receptor) la llevó en su vientre, La Tierra (materialización y desarrollo) es su nodriza.

Esta cosa que él llama Thelema (o Thelesma: Voluntad) es de tal importancia que, aunque corriendo el riesgo de extender demasiado esta explicación, transcribiré lo que opinan muchos autores sobre este tema centrado en la *Luz Astral*. "Existe un agente mixto -natural y divino, corporal y espiritual-, un dúctil mediador universal, un receptáculo común de las vibraciones del movimiento y de las imágenes de la forma, un fluido y una fuerza a los que podría llamarse, de alguna manera, "la imaginación de la Naturaleza".

"Mediante esta fuerza, todos los sistemas nerviosos se comunican secretamente entre sí; de ella nacen la simpatía ya la antipatía; de ella provienen los sueños: por ella se producen los fenómenos de la "segunda vista" y la visión sobrenatural. Este agente universal de las obras de la Naturaleza, es el *od* de los hebreos y de Karl Louis von Reichenbach (1788-1869), y es la *Luz Astral* de los martinistas. "La existencia y el posible uso de esta fuerza son el Gran Arcano de la magia práctica.

"La *Luz Astral* imanta y calienta; alumbra y magnetiza; atrae y rechaza; vivifica y destruye; coagula y separa; rompe y vuelve a unir todas las cosas bajo el impulso de voluntades potentes." (*Historia de la Magia*, de Eliphas Levi). "Los cuatro fluidos imponderables son solo las diversas manifestaciones de un mismo agente universal que es la luz." (*La Clave de los Grandes Misterios; La Clef des Grands Mystères*, de Eliphas Levi, página 207, edición de 1867)

11 El autor tradujo este libro importante, lo publicó en el n°7 del *Lotus* (octubre de 1887) y lo reprodujo en

su obra *Traité Méthodique de Science Occulte*; páginas 572 y siguientes.

12 La langue hébraïque restituée, de Fabre d'Olivet.

"Hemos hablado de una sustancia que se expande en el infinito. Es la sustancia única que es cielo y tierra, o sea, que según sus grados de polarización, es sutil o fija. Hermes Trismegisto denomina el gran Thelesma a esta sustancia. Y se la llama "luz" porque produce resplandor. A un mismo tiempo, es sustancia y movimiento, fluido y vibración perpetua" (*id. ant.*, página 117) "El gran agente mágico se revela mediante cuatro clases de fenómenos, y las ciencias profanas lo sometieron a pruebas bajo distintas denominaciones, a saber, calor, luz, electricidad y magnetismo. El gran agente mágico es la cuarta emanación del principio vital, del cual el sol es la tercera forma". (*id. ant.* Página 152)

"Este agente solar está vivo mediante dos fuerzas contrarias: una fuerza de atracción y una fuerza de proyección, lo cual hace decir a Hermes que este agente siempre asciende y vuelve a descender". (*id. ant.*, página 153) "*Beth Hei Shin*". Esta palabra, empleada por Moisés, cuando se la lee cabalísticamente, nos describe y define este agente mágico universal, representado en todas las teogonías con la serpiente, y al que los hebreos también denominaron OD = Más, OB = Menos; Aour = Infinito.

"*Aleph Iud Vav*. La Luz universal, cuando imanta los mundos, se llama Luz Astral; cuando forma los metales, se la denomina *azoth o mercurio de los sabios*; y cuando da vida a los animales, se la debe llamar *magnetismo animal*" (Eliphas Levi). "El Movimiento es el aliento de Dios en acción entre las cosas creadas; este principio omnipotente, uno y uniforme en su naturaleza y tal vez en su origen, es nada menos que la causa y el promotor de la variedad infinita de fenómenos que componen las indecibles categorías de los mundos; como Dios, vitaliza o descompone, organiza o desorganiza, de acuerdo con las leyes secundarias que son la causa de todas las combinaciones y permutaciones que podemos observar alrededor de nosotros". (*Nueva Medicina: Nouvelle Médecine*, Louis Lucas) "El Movimiento es el estado NO DEFINIDO de la fuerza general que anima a la Naturaleza. El Movimiento es una fuerza elemental, la única que entiendo y considero que debe utilizarse para explicar todos los fenómenos de la Naturaleza, pues él es susceptible de más y de menos, es decir, de condensación y dilatación, electricidad, calor y luz. Además, es susceptible de una COMBINACIÓN de condensaciones. Finalmente, en él también se encuentra la ORGANIZACIÓN de sus combinaciones. El Movimiento que se supone ACTIVO nos da, *material e intelectualmente*, la clave de todos los fenómenos". (*id. ant.*) "El Movimiento, que se supone no definido, es susceptible de *condensarse, organizarse, concentrarse o entonarse*. Produce una *fuerza de poder relativo* cuando *se condensa*. Es capaz de conducir o *dirigir órganos* especiales, o conjuntos de órganos, cuando *se organiza*. Por último, cuando *se concentra o entona*, le es posible reflejarse sobre todo el organismo y dirigirlo en su totalidad". (*id. ant.*) "En el alma del ámbito fluido del mundo, que penetra todas las cosas, hay una corriente de amor o atracción, y una corriente de ira o rechazo. Este éter electromagnético, que a todos nos imanta, este cuerpo encendido por el Espíritu Santo, que renueva sin cesar la faz de la Tierra, se fija por el peso de nuestra atmósfera y por la fuerza de atracción del mundo. La fuerza de atracción se fija en el centro del cuerpo, y la fuerza de proyección, en su contorno. Esta fuerza doble actúa mediante espirales de movimientos contrarios que jamás se encuentran. Se trata del mismo movimiento que el del Sol, el cual atrae y rechaza sin cesar a los astros de su sistema. Toda manifestación de la vida, tanto en el orden moral como en el orden físico, es producida por la tensión extrema de estas dos fuerzas". (*El hombre rojo de las Tullerías: L'homme rouge des Tuileries*, de Paul Christian (J. B. Pitois), 1863).

Confío en que el lector ávido de aprender halle en estas notas mayor esclarecimiento sobre el tema que el que puedan brindarle las mejores disertaciones del mundo.

Tras su declaración acerca de esta fuerza universal, Hermes aborda el Ocultismo práctico, la regeneración del Hombre por sí mismo, y la regeneración de la materia por el Hombre regenerado.

Muy frecuentemente, los alquimistas aplican en sus obras los principios del Esoterismo, a los que ya nos hemos referido. Para concluir esta explicación, y a modo de ejercicio para los lectores que

sientan curiosidad por esta cuestión, presentamos la traducción de la Tabla de Esmeralda según los procedimientos de la geometría cualitativa.

Imaginemos un triángulo equilátero que tiene un punto en su centro: *la verdad en los tres mundos*. Cada lado del triángulo representa: *Verdad Moral* (lado izquierdo); *Verdad Intelectual* (lado derecho) y *Verdad Física* (base).

Lo que está arriba (representado por un triángulo equilátero con su ápice hacia arriba) es como lo que está abajo (representado por un triángulo equilátero con su ápice hacia abajo).

Para cumplir los milagros de la cosa única.

Y como todas las cosas provinieron y provienen del uno (representado por un círculo con un punto en su centro) así todas las cosas nacen en esta cosa única por adaptación, (la cual es representada por una cruz dentro de un círculo).

CAPITULO IX

PRIMERA OPERACIÓN:

MERCURIO DE LOS FILÓSOFOS

Un alquimista del siglo XIX, conocido únicamente bajo el seudónimo de Cyliani, pasó más de cuarenta años estudiando la Piedra Filosofal. Según él, logró su objetivo en 1837, después de espantosas desdichas.

Por su valor documental, damos a continuación la preparación completa, escrita por Cyliani en su libro titulado *Hermes develado (Hermès dévolé)*. Esta obra es absolutamente inhallable.

El estudio que publicamos es precedido por la narración de un sueño durante el cual un "espíritu planetario" revela a nuestro alquimista el secreto que tanto buscaba. Después de este relato, comienza al siguiente tratado que casi constituye, por sí solo, la obra de Cyliani.

Tomé la materia que contiene las dos naturalezas metálicas y empecé a embeberla, poco a poco, con el espíritu astral, a fin de despertar los dos fuegos interiores que estaban como apagados, secando ligeramente y triturando circularmente todo con el calor del sol; después, repetí esto y lo humedecí cada vez más, secando y triturando hasta que la materia tomó el aspecto de una masa ligeramente espesa. Entonces, vertí encima una nueva cantidad de espíritu astral, de manera que sobrenadara en la materia, y lo dejé todo así durante cinco días, al cabo de los cuales decanté diestramente el líquido o la disolución, que conservé en un lugar frío. Después, sequé directamente al calor solar la materia restante en el vaso de vidrio de unos tres dedos de altura; embebí, trituré, sequé y disolví, como ya lo había hecho antes, y reiteré esto hasta haber disuelto todo lo susceptible de serlo, teniendo cuidado de verter cada disolución en el mismo vaso bien tapado. Puse éste, durante diez días, en el lugar más frío que pude encontrar. Una vez que transcurrieron los diez días, puse toda la solución a fermentar en un recipiente durante cuarenta días, al cabo de los cuales se precipitó una materia negra por el efecto del calor interno de la fermentación. Entonces, la destilé sin fuego, lo mejor que me fue posible, y la puse en un vaso de vidrio blanco, con tapón esmerilado, en un lugar húmedo y frío.

Tomé la materia negra e hice que se secase con el calor del sol, como ya lo dije, repitiendo las imbibiciones con el espíritu astral; las interrumpí tan pronto advertí que la materia empezaba a

secarse. Dejé que se secase sola. Hice esto tantas veces como fue necesario para que la materia tomara la apariencia de un pez negro y brillante.

Entonces, la putrefacción fue total e interrumpí el fuego exterior para no dañar para nada la materia con la combustión del alma blanda de la tierra negra. Por este medio, la materia se convirtió en algo parecido a estiércol de caballo. De acuerdo con lo que dicen los filósofos, hay que dejar que actúe el calor interior de la materia misma.

A esta altura, es preciso recomenzar con el fuego exterior para coagular la materia y su espíritu. Después de dejar que se seque sola, se la embebe, poco a poco y cada vez más, con su líquido destilado que se tiene aparte, el cual contiene su propio fuego embebida, se la tritura y se la pone a secar con suave calor solar hasta que haya "bebido" toda su agua.

Por este medio, el agua se transforma enteramente en tierra, y esta última, por su disecación, se transforma en un polvo blanco al que también se llama "aire", el cual cae como una ceniza que contiene la *sal o el mercurio de los filósofos*. En esta primera operación, se observa que la disolución o el agua se transforma en tierra, y ésta, por sutalización o sublimación, se convierte en aire puro. Allí se interrumpe el primer trabajo.

Se toma esta ceniza, que se hace disolver, poco a poco, con la ayuda del nuevo espíritu astral, dejando, después de la disolución y decantación, una tierra negra que contiene el azufre fijado.

Sin embargo, si reiteramos la operación sobre esta última disolución, tal como lo acabamos de describir, se obtiene una tierra más blanca que la primera vez, la cual es la primer "águila" y se reitera así de siete a nueve veces. Por este medio se obtiene el *mentruo universal, mercurio de los filósofos o ázoe* con cuya ayuda se extrae la fuerza activa y particular de cada cuerpo.

Es conveniente observar aquí, antes de pasar de la primer "águila", al igual que a las siguientes, que hay que repetir la operación precedente sobre la ceniza que queda, si la sal, por el fuego central de la materia, no se eleva suficientemente por la sublimación filosófica, a fin de que, después de la operación, solo quede una tierra negra, despojada de su mercurio.

Préstese aquí mucha atención: después de que la materia se hincha durante la fermentación que sigue a la disolución, se forma, en la parte superior de la materia, una especie de piel nueva, debajo de la cual se halla una infinidad de burbujitas que contienen el espíritu. Es entonces cuando hay que manejar el fuego con prudencia, puesto que el espíritu adopta una forma aceitosa y adquiere cierto grado de sequedad.

Cuando se vierte en la tierra, poco a poco, la cantidad de agua necesaria para que se disuelva, hay que tener cuidado de no empezar a embeberla antes de que la tierra se haya secado convenientemente.

Tan pronto se disuelve la materia, ésta se hincha, entra en fermentación y produce un ligero ruido que emana en forma de burbujas.

A fin de realizar bien la operación que acabo de describir, es necesario observar el peso, el fuego del atamor y el tamaño del vaso.

El peso debe consistir en la cantidad de espíritu astral necesario para disolver la materia.

El fuego exterior del atamor no debe ser demasiado y hay que dirigirlo de manera que no haga evaporar las burbujas que contienen el espíritu, sin que ni la "nata" ni el azufre ardan sumándose al fuego exterior, todo esto de modo que el fuego se impulse bastante lejos de la materia seca después de la fermentación o putrefacción de ella, a fin de no ver lo rojo antes de lo negro. Por último, el tamaño del vaso debe calcularse según sea la cantidad de la materia, de manera que solamente contenga una cuarta parte de su capacidad. Entiéndase bien esto: tampoco hay que olvidar que la misteriosa solución de la materia o las bodas mágicas de Venus con Marte se realizan

en el templo del que ya he ha blado, en una bella noche, con el cielo sin nubes y en calma, el Sol en el signo de Géminis, y la Luna en su primer cuarto total, con la ayuda del amante que atrae es espíritu astral del cielo, el cual se rectifica siete veces hasta que pueda calcinar el oro.

Una vez que la operación culminó, se posee el *ázoe, el mercurio blanco, la sal o el fuego secreto de los filósofos.*

Algunos sabios hacen que se disuelva directamente en la menor cantidad de espíritu astral necesario para tomar una disolución espesa. Después de diluido, ellos lo dejan en un lugar frío para obtener tres capas de sal. La primera sal tiene el aspecto del silicio, y la segunda, la del salitre con pequeñísimas agujas. La tercera, es una sal fija alcalina. Los filósofos las emplean separadamente, y hay otros que las juntan, como lo indica A. de Villeneuve en su *Pequeño Rosario (Petit Rosaire)*, de 1306, bajo el título de "Dos Plomos", y las disuelven en cuatro veces su peso de espíritu astral a fin de realizar todas las operaciones.

La primera sal es el verdadero *mercurio de los filósofos*, es la llave que abre todos los metales, con cuya ayuda se extraen sus tinturas; disuelve radicalmente todo, fija y madura todo de manera pareja y, por ser de naturaleza fría y coagulante, fija todo.

En síntesis, es una esencia universal muy activa, es el vaso en el que se efectúan todas las operaciones filosóficas. Por lo tanto, se observa que *el mercurio de los sabios* es una sal que ellos denominan *agua seca* que no moja las manos. Sin embargo, para su utilización hay que disolverla en el espíritu astral, como ya lo dijimos. Se emplean diez partes de mercurio por uno de oro. La segunda sal se usa para separar lo puro de lo impuro, y la tercera, para aumentar nuestro *mercurio* de manera continua.

CAPITULO X

SEGUNDA OPERACIÓN:

CONFECCIÓN DEL AZUFRE

La tintura que se extrae del oro común se obtiene mediante la preparación de su azufre. Esto es resultado de su calcinación filosófica, que le hace perder su naturaleza metálica y la convierte en tierra pura.

Dicha calcinación no puede tener lugar con el fuego común, sino solamente con el fuego secreto que existe en *el mercurio de los sabios*, debido a su doble propiedad. En virtud de este fuego celeste, secundado por la trituration, penetra en el centro del oro común, y se libera y anima el doble fuego central del oro: el mercurial y el sulfuroso.

El primer fuego celeste, después de haber extraído la tintura del oro, la fija mediante su cualidad fría y coagulante, y se torna perfecta pudiendo multiplicarse tanto en calidad como en cantidad.

Una vez que esta tierra alcanzó fijeza, adquiere un color de flor de melocotonero que da la tintura o el fuego que entonces es el oro vital y vegetativo de los sabios. Esto tiene lugar mediante la regeneración del oro con nuestro mercurio. Hay que empezar, pues, a disolver el oro común en su materia espermática mediante nuestra agua de mercurio o nuestro *ázoe*.

Para llegar a esto, hay que reducir el oro en un óxido de un rojo oscuro muy puro, y después de haberlo lavado varias veces con agua de lluvia bien destilada con poco fuego, se lo dejará secar ligeramente con el calor del sol; entonces es cuando se lo calcinará con nuestro fuego secreto. En esta ocasión los filósofos dicen: los químicos queman con el fuego, y nosotros con el agua. Después de haber embebido y triturado ligeramente el óxido de oro calcinado, el cual está húmedo; después de haberle hecho absorber su peso de sal o de tierra seca sin que moje las

manos y después de que todo junto se incorporó como es debido, se lo embeberá directamente y se aumentarán, de manera sucesiva, las imbibiciones hasta que todo parezca una masa apenas espesa. Entonces, se le echará encima cierta cantidad de agua de mercurio, proporcional a la materia, de manera que sobrena de en esta última.

Se dejará todo en el calor suave del baño de María de los sabios durante cinco horas, al cabo de las cuales se decantará la solución en un vaso que se tapará debidamente y se dejará en un lugar húmedo y frío.

Se tomará la materia que no se disolvió y se la dejará secar con un calor parecido al del sol. Cuando esté suficientemente seca, se recomenzarán las frecuentes imbibiciones y trituraciones, como ya lo hemos dicho, a fin de obtener una nueva disolución. Esta se juntará con la primera y se repetirá el procedimiento hasta haber disuelto lo que pueda haber, sin que quede más que tierra muerta, sin valor alguno.

Una vez concluida la disolución, se la pone en el vaso de vidrio bien tapado, del que ya hemos hablado; su color es parecido al del lapislázuli. Se dejará este vaso en el lugar más frío que se pueda, durante diez días. Después se pondrá esa materia a fermentar, como ya lo hemos dicho en la primera operación y, mediante el correspondiente fugo interno de esta fermentación, se precipitará una materia negra.

Esta materia será destilada diestramente y sin fuego, poniendo el líquido separado mediante la destilación (el cual sobrenadará en la tierra negra) en un vaso bien tapado y en un lugar frío.

Se tomará la tierra negra separada mediante destilación de su líquido, se la dejará secar sola y, después, se la embeberá directamente con el fuego exterior, o sea, con el mercurio filosófico, debido a que el árbol filosófico necesita, de tiempo en tiempo, ser quemado por el sol y, luego, ser refrescado por el agua. Hay que alternar, pues, lo seco y lo húmedo, a fin de apresurar la putrefacción, y cuando se advierta que la tierra empieza a secarse, se suspenden las imbibiciones. Después, se la deja secar sola, hasta que alcance apropiada sequedad. Se repite este procedimiento hasta que la tierra parece un pez negro: entonces, la putrefacción es perfecta.

Debemos recordar aquí lo dicho en la primera operación, a fin de no dejar que el espíritu se volatilice o las "flores" se quemen, suspendiendo a propósito el fuego exterior en el momento en el que la putrefacción es total. El color negro que se obtiene al cabo de cuarenta o cincuenta días (siempre que se administró debidamente el fuego exterior), es una prueba de que el oro común se transformó en tierra negra, a la que los filósofos llaman estiércol de caballo. En el momento en el que la materia tiene color blanco y concluyó la coagulación, se procede a fijarla secando aún más la materia con la ayuda del fuego exterior. Para ello, se sigue el mismo procedimiento que en la coagulación anterior, hasta que el color blanco se transforme en el color ojo que los filósofos llaman el elemento del fuego.

La materia alcanza sola un grado de fijeza tan grande que ya no la afecta el fuego exterior o común, el cual no puede perjudicarla más.

No solamente hay que fijar la materia como ya lo acabamos de hacer, sino que también hay que petrificarla, induciendo a la materia a que tenga el aspecto de una piedra triturada, valiéndose para ello del fuego ardiente, es decir, del primer fuego que se usó, y siguiendo los mismos medios antes descritos, a fin de transformar la parte impura de la materia en tierra "fija" y de despojar también a la materia de su humedad salina.

Entonces se procede a separar lo puro de lo impuro de la materia. Este es el último grado de la regeneración, que se consume con la solución. Para llegar a esto, después de haber triturado debidamente la materia y de haberla puesto, como ya lo hemos dicho, en un vaso de sublimación (de tres a cuatro dedos de altura, de vidrio blanco de buena calidad y de un espesor que sea el doble del corriente), se vierte encima el agua mercurial, la cual es nuestro ázoe, disuelto en la

cantidad de espíritu astral que le es necesaria y que ya indicamos, graduando su fuego de manera que la mantenga en un calor templado, mientras, al final, se le agrega una cantidad de este mercurio filosófico con el fin de fundir la materia. Por este medio, toda la parte espiritual de la materia se introduce en el agua, y la parte terrosa se va al fondo; se decanta su extracto, se lo pone en hielo, a fin de que la quintaesencia oleosa se junte y suba a la superficie del agua y allí sobrenade como aceite, desechándose el resto de la tierra como inútil. Esta tierra aprisionaba la virtud medicinal del oro y, por lo tanto, ella carece de todo valor. Obsérvese bien aquí que no hay que extender demasiado la petrificación de la materia para no transformar el oro calcinado en una especie de cristal. Hay que regular con destreza el fuego exterior para que seque poco a poco la humedad salina del oro calcinado, transformándolo en una tierra blanda que cae como una ceniza, como resultado de su petrificación o disecación más amplia. El aceite que así se obtiene mediante la separación es la tintura, el azufre, el fuego radical del oro o la verdadera coloración; es también la medicina universal, verdadera o potable, para todos los males que afligen a la humanidad. En los dos equinoccios, se toma la cantidad necesaria de este aceite para teñir ligeramente una cucharada sopera de vino blanco o rosado destilado, debido a que una gran cantidad de esta medicina destruiría el radical húmedo del hombre y le quitaría la vida.

Este aceite puede tomar todas las formas posibles y convertirse en polvo, sal, piedra, espíritu, etc., mediante su disecación con la ayuda de su propio fuego secreto. Este aceite es también la sangre del león rojo: los antiguos lo representaban con la imagen de un dragón aliado que descansaba sobre la tierra. Finalmente, este aceite inalterable es el mercurio aurífero. Una vez hecho, se lo divide en dos partes iguales. Se conserva una parte, en estado de aceite, en una redoma de vidrio blanco, bien cerrada con tapón esmerilado, y se la conserva en un lugar seco, a fin de usarla para efectuar las imbibiciones en los reinos de Marte y del Sol, como lo diré al final de la tercera operación.

La otra porción se deja secar hasta que se reduzca a polvo, siguiendo los mismos pasos antes indicados para disecar la materia y coagularla. Entonces, se divide este polvo, de manera pareja, en dos partes iguales. Se disuelve una parte en cuatro veces su peso de mercurio filosófico, para embeber la otra mitad con el polvo que se tiene aparte.

CAPITULO XI

TERCERA OPERACIÓN:

CONJUNCIÓN DEL AZUFRE

CON EL MERCURIO DE LOS FILÓSOFOS

Aquí es donde casi todos los filósofos inician sus operaciones, lo cual ha inducido a error a muchas personas.

Es también en esta operación donde se junta el azufre de los filósofos con el mercurio de éstos. Casi todos los sabios denominaron "fermentación" a esta última operación, puesto que el azufre se disuelve de nuevo en ella, fermenta, entra en putrefacción y resucita mediante su nueva regeneración en la que tiene diez veces su fuerza.

Esta operación, difiere de las dos anteriores, lo cual hace que los filósofos la integren con siete grados, a cada uno de los cuales asignaron un planeta. Para efectuar esta operación, hay que tomar la mitad del polvo que se tiene aparte, del cual ya hemos hablado, y embeberlo poco a poco, puesto que, embebiéndolo en una cantidad demasiado grande, se disuelve directamente el azufre en el aceite, el cual se sublima sobrenadando en el agua, y esto impide que el azufre y el mercurio se junten.

Esta es una grave deficiencia que impide que muchos filósofos tengan éxito. Por ello, hay que embeber la materia, gota tras gota, en aspersión, a fin de lograr que se unan la Luna con el Sol de los Ángeles y, juntos formen una masa espesa. El fuego externo, que sirve para efectuar estas imbibiciones, es aquel del que ya hemos hablado en el momento en que hicimos disolver en polvo el cuarto de aceite aurífico en la cantidad de mercurio filosófico necesario para disolverse. Este fuego exterior se regula de acuerdo con la cantidad de la materia. Aquí hay que tener cuidado de mantener la materia en un estado de untuosidad mediante imbibiciones, reiteradas todo el tiempo que sea necesario para hacer que la materia se hinche y entre en fermentación. Su disolución termina en el momento en el que la materia adquiere un color azulado. A esta disolución se la llama *rebis* o mercurio doble y el grado del mercurio.

Esta disolución es seguida de inmediato por la fermentación. Entonces se interrumpen las imbibiciones y el fuego exterior, y se deja que el fuego interior de la materia actúe totalmente por sí solo, hasta que la materia caiga al fondo del vaso y allí se torne negro como el carbón.

Entonces, comienza el primer grado, llamado de Saturno, que se destila sin fuego y cuyo líquido sobrenada la materia negra, mientras se sigue el proceso ya descrito para las dos operaciones precedentes.

Dejar que la materia negra se seque sola. En el momento en el que alcance un estado apropiado de sequedad, se la embebe directamente con el fuego exterior, interrumpiendo las imbibiciones cuando se ve que la materia empieza a secarse. Dejar que adquiera por sí sola cierto grado de sequedad y se prosigue, repitiendo hasta que alcance su putrefacción total: entonces se interrumpe el fuego exterior para no dañar la materia.

Como resultado de la acción del propio fuego de la materia, ésta se convierte de negra en gris, sin que sea necesario aplicarle fuego exterior, entonces se alcanzó el grado de Júpiter.

En este grado se ven aparecer los colores del aro iris, que son reemplaza dos por una especie de piel de color negro oscuro, el cual lo adquiere por la sequedad; y se resquebraja y pone gris, rodeada en la pared del vaso por un circulito blanco. Cuando la materia llegó a este punto, se la podría utilizar como medicina. En este caso, habría que dejar secar la materia y hacer que se convierta en un polvo blanco, empleando los mismos procedimientos ya descritos para obtener este color, al cual se lo tornará rojo con la ayuda del fuego secreto. Esta medicina tendría entonces diez veces la virtud de la primera de la que ya he hablado. Sin embargo, si se desea utilizarla para la transmutación de metales, después de haberla disecado bien, no se espere que se vuelva blanca, sino que se la vuelve así amalgamándola, en partes iguales, con mercurio comercial común, cuidadosamente purificado mediante destilación, bien sublimado y revivificado. Se trata de la "leche" o la "grasa" de la tierra.

En efecto, en el momento en el que el mercurio común se amalgama con la materia, todo se disuelve bajo el aspecto de un líquido blanco parecido a la leche, que la materia condensa en una sal fija, mediante la acción de su propio fuego. Entonces se recomienzan los lavados mercuriales que la vuelve cristalina, con la ayuda de siete lavados diferentes; en cada uno de ellos se agrega el mercurio revivificado, de forma pareja, como ya lo dije; después, por media, tercera, cuarta, quinta, sexta y séptima parte del peso de la materia fija, a fin de que el peso de la materia sea siempre mayor que el del mercurio revivificado que se emplea. Pero desde el primer lavado, de forma pareja, no hay que interrumpir el fuego ni el de día ni de noche, o sea, las imbibiciones que contienen el fuego de la materia, a fin de que no se enfríe y pierda: el compuesto es el *latón de los filósofos*, que hay que blanquear mediante frecuentes imbibiciones hasta que nuestra materia fije el mercurio, con la ayuda de su propio fuego. Esto consume el grado de Júpiter. Si se continúa de esta manera, el latón se torna amarillento; después, azulado, y aparece encima una bellísima blancura : entonces comienza el grado de la Luna. Esta bella blancura tiene el aspecto del diamante triturado y se convierte en un polvo muy fino y sutil. Se ha obtenido el blanco fijo. Se lo

coloca sobre una lámina roja de cobre. Si se funde sin echar humo, entonces la tintura se fijó suficientemente.

En el caso contrario, se le aplica fuego, prosiguiendo así hasta que haya alcanzado su grado de fijeza conveniente, y allí se interrumpe el fuego, si sólo se quiere hacer la tintura blanca, una parte de la cual transmuta cien partes de mercurio común en plata mejor que la de las minas.

Sin embargo, si lo que se desea es preparar la tintura roja, entonces hay que continuar con el fuego sobre la materia. Si se quiere que se ponga roja, no hay que dejarla enfriar.

Si se sigue aplicando fuego exterior, la materia se vuelve muy fina y tan sutil que es difícil imaginarla. Por esta razón, hay que dirigir bien su fuego a fin de que la materia no se volatilice con la fuerza del fuego (el cual debe penetrar por completo), sino que quede en el fondo del vaso, convirtiéndose en un polvo rojo. Entonces, éste es el grado de Venus.

Si se continúa sabiamente con el fuego exterior, la materia adquiere el color amarillo limón: éste es el grado de Marte. Este color aumenta su intensidad y se convierte en color cobre. Cuando llega a este punto, no puede aumentar su intensidad por sí solo.

Si seguimos las imbibiciones con el aceite aurífico, entonces la materia se torna cada vez más roja; después, purpúrea; y por último, de color rojo oscuro, lo cual constituye la salamandra de los sabios, a la que el fuego jamás puede atacar. Finalmente, se introduce el mismo aceite aurífico en la materia y se la embebe gota tras gota hasta que el aceite del Sol se coagule en la materia y esta última, puesta sobre una lámina caliente, se funda sin echar humo.

Por este medio se ha obtenido la tintura roja y el otro fijo y coagulante, una parte del cual transmuta cien partes de mercurio en oro mejor que el de la Naturaleza.

CAPITULO XII

LAS MULTIPLICACIONES

Las dos tinturas de las que acabo de hablar: -la blanca y la roja- son susceptibles de multiplicarse en calidad y cantidad, mientras no hayan sido sometidas a la acción del fuego corriente, el cual les hace perder su humedad radical, coagulándolas como tierra cuyo aspecto es el de una piedra. Para que estas dos tinturas -la blanca y la roja- se multipliquen hay que repetir por completo la tercera operación.

Ambos polvos -el blanco y el rojo- deben ser disueltos en el mercurio filosófico, hasta que se fermenten y entren en putrefacción y, de esta manera, lleguen a regenerarse. Para llegar a esto hay que repetir, poco a poco, las imbibiciones, orientar el fuego y regularlo, de manera sucesiva, como ya lo hemos descripto. En esta segunda multiplicación, una parte se proyecta sobre mil partes de mercurio y las transmuta en plata o en oro, según sea el color del polvo en metal perfecto. La multiplicación en calidad se realiza repitiendo la sublimación filosófica. Esta tiene lugar separando lo puro de lo impuro con la ayuda del mercurio filosófico. Se repiten puntualmente las manipulaciones de la tercera operación, después de haber efectuado la disecación con la ayuda del fuego de la materia y de haber reducido a polvo todo el aceite blanco si se trabaja el blanco, y solo una parte del aceite rojo si se trabaja el rojo, a fin de conservar la otra parte para utilizarla en el grado de Marte y del Sol, al igual que para insertar, como ya lo indiqué, si se trabaja el rojo.

La multiplicación en cantidad se realiza añadiendo mercurio común revivificado, como ya lo expresé. Si se desea realizar, al mismo tiempo, la multiplicación en calidad, hay que comenzar, por regla general, por sublimar la materia separando lo puro de lo impuro, disecándolo en su totalidad, si se trabaja el blanco, o por la mitad, si se trabaja el rojo, con la ayuda del propio fuego, el cual se regulará de la misma manera que lo hice en la primera operación, a fin de reducirlos a polvo; se dividirá cada polvo en dos partes iguales. Se hará disolver una parte en cuatro veces su peso de

mercurio filosófico, el cual servirá para embeber la otra porción que se tiene aparte, repitiendo por completo la tercera operación. Si se lo desea, es posible repetir estas manipulaciones hasta diez veces: la materia adquirirá, cada vez, una fuerza que se multiplicará por diez, y será tan sutil que la última vez atravesará el vaso, volatilizándose en su totalidad. Corrientemente se interrumpe esto en la novena multiplicación, o de lo contrario se torna tan volátil que, ante el mínimo calor, horada el vaso y se evapora, lo cual hace que, habitualmente, haya que interrumpir la transmutación de una parte sobre mil o diez mil a lo sumo, a fin de exponerse a perder un tesoro tan precioso. No describiré aquí operaciones curiosísimas que yo he realizado para mi gran asombro, en los reinos vegetal y animal, y tampoco al modo de hacer que el vidrio se torne maleable y que las perlas y las piedras preciosas se vuelvan más bellas que las naturales, si se sigue el procedimiento iniciado por Denis Zachaire, mediante la utilización de vinagre, materia coagulada blanca y granos de perlas o rubíes muy finamente triturados, moliéndolos luego y coagulándolos con el fuego de la materia. Esto se debe a que no quiero ser perjuro y dar muestras de trasponer los límites del espíritu humano.

CAPITULO XIII

EL VERDADERO ALQUIMISTA

Ya hemos hablado mucho sobre la Piedra Filosofal. Digamos ahora algunas palabras acerca de su feliz poseedor: el Alquimista.

Por lo general, se supone que este hombre vive buscando perpetuamente lo imposible en medio de hornos ardientes, cocodrilos disecados, búhos siniestros y gatos hechizados. Sin embargo, basta abrir sus libros y ver el modo con que ellos mismos representan sus hornos y laboratorios para comprobar que existe un profundo error del que los prejuicios del vulgo dan fe.

El verdadero alquimista es un filósofo suficientemente instruido como para pasar, sin inmutarse, por épocas muy turbulentas y difíciles.¹³ El es el sagrado depositario de toda la ciencia maravillosa que otrora fue enseñada en los venerados santuarios de la India y Egipto. Es preciso que él sepa velarla bastante para eludir la celosa mirada del clérigo déspota que husmea en él al enemigo y le vigila muy de cerca. Cuando la Inquisición persigue sin piedad todo vestigio de conocimiento, el filósofo hermético vela más sus escritos con símbolos y figuras misteriosas, aunque no lo suficiente como para que el investigador esmerado no los pueda comprender con facilidad. Este es el origen de las oscuridades deliberadas que encontramos en las obras de los adeptos.

¿Cómo utilizan ellos las inmensas riquezas que el conocimiento del misterioso secreto puede brindarles?

Una de las reglas elementales de la Ciencia denominada Oculta enseña que, para ser maestro de alguna cosa, hay que saber considerarla con la máxima indiferencia.

Quien desee la Piedra Filosofal por las riquezas que ella procura, es muy posible que no la posea jamás.

La tradición esotérica también nos representa al alquimista vestido con sencillez y siempre de viaje, dando limosna a los mendigos y a los reyes y, por esta razón, mostrándose superior a estos últimos.¹⁴ Si damos crédito a los relatos de los contemporáneos, el alquimista Nicolás Flamel, poseedor de inmensas riquezas, las empleaba únicamente en obras pías y de caridad, y tanto él como su esposa comían legumbres hervidas, en burdos platos de barro cocido.

Estas ideas las encontraremos puestas en práctica hasta en pleno siglo XIX. El alquimista Cyliani (1832), tras descubrir según él lo cuenta, la Piedra Filosofal al cabo de cuarenta años de trabajos, vivió con una renta modestísima después de

13 *Le Roman Alchimique*, de Louis Lucas.

14 *Historia de la Magia*, de Eliphas Levi. Editorial Kier.

haberse sentido tentado a ofrecer el precioso secreto al rey Luis XVIII. Fue la esposa de Cyliani quien le hizo cambiar la idea.¹⁵ Además, basta leer la obra de Guillaume Louis Figuier para reunir numeroso datos sobre este tema.

La doctrina que los alquimistas enseñaban es, en gran parte, filosófica. La experiencia solo debe servir para verificar las teorías especulativas enunciadas en los libros más venerados. Por esta razón, los adeptos denominan Filosofía Hermética al conjunto de sus conocimientos.

La Filosofía Hermética proclama la unidad de la sustancia en la base de todas estas demostraciones. Por otra parte, existe un *principio universal* expandido en todos los cuerpos, cualquiera que sea la composición de ellos. El conocimiento de este principio universal y su puesta en acción constituyen el secreto de la Gran Obra y hace, *ab initio*, que las experiencias alquímicas se diferencien de los trabajos de los químicos corrientes, a quienes los filósofos herméticos consideran "dependientes de laboratorio".

Esta fuerza oculta ha recibido una enorme cantidad de denominaciones en las obras que tratan sobre la Alquimia: es el *Thelema* (o *Thelesma*) de Hermes,¹⁶ el *Aour* de los cabalistas¹⁷, el *Rouah Elohim* de Moisés¹⁸, el *Mercurio Universal* de los alquimistas¹⁹, la *Luz Astral* de la Ciencia Oculta²⁰, el *Movimiento* de Louis Lucas²¹, etc.

Esta teoría, hacia la cual se sienten atraídos los filósofos contemporáneos, acaba de ser actualizada en toda su belleza por los trabajos de los ocultistas. Pormenores de esta interesante cuestión se hallarán también en un bellissimo estudio del Conde Albert de Rochas, titulado *Las doctrinas químicas en el siglo XVII (Les doctrines chimiques au XVIIe. siècle)*, aparecido en Cosmos, en el año 1888.

¿Existe en nuestra época algún vestigio de esta Filosofía Hermética y de sus enseñanzas? Busquémoslo.

15 *Hermes develado*, de Cyliani.

16 *La Tabla de Esmeralda*.

17 *La Clef de grands mystères*, de Eliphas Levi.

18 *La langue hébraïque restituée*, de Fabre d'Olivet.

19 *Les Secrets les plus cachés* (6º tratado), de Crosset de la Haumerie.

20 *Dogma y Ritual de Alta Magia*, de Eliphas Levi. Editorial Kier.

21 *Chimie Nouvelle*, de Louis Lucas.

CAPITULO XIV

VESTIGIOS DE LA ALQUIMIA EN LA ÉPOCA ACTUAL

Por lo general, los alquimistas trabajaban solos hasta el siglo XVI. A partir de esa época, las sociedades secretas más o menos poderosas eran las que conferían la Iniciación. Y fueron ellas las que dejaron rastros suficientemente perdurables como para que podamos volver a encontrarlos en nuestra época.

Sin mencionar a los *Templarios*, que fueron destruidos prematuramente, la más

importante y famosa de las Sociedades Herméticas es, incuestionablemente, la misteriosa *Fraternidad de los Rosacruces*. Merced a su impulso, Elías Ashmole (1617-1692) fundó la Masonería inglesa, de la cual derivan todas las Iniciaciones modernas.²²

La *Masonería* nos presenta, todavía hoy, las vivas tradiciones del Hermetismo en muchos de sus altos grados, y fue Joseph Marie Ragon (1781-1862) quien la estudió, especialmente desde este punto de vista, en su obra *Masonería Oculta* (*Maçonerie Occulte*).

Así es cómo la palabra perdida y reencontrada, del grado 18 del Escotismo –INRI–, se explica esotéricamente con un aforismo hermético: *Igne Natura Renovatur Integra*.²³ La Naturaleza se renueva íntegramente con el fuego. Este *fuego* no es el común: es la *fuerza universal*, de la que hablamos hace poco, representada también por la “G” que aparece en el centro de la Estrella Llameante.²⁴ Los grados 22° y 28° están también colmados de tradiciones reales de la Ciencia Hermética.²⁵ Además de estas tradiciones, conservadas sin que sus poseedores lo sepan, y muchos monumentos de París son incluso pruebas positivas de las enseñanzas de la Filosofía Hermética.

Desde este punto de vista, citamos en primer lugar la *Torre de Saint-Jacques*; después, los *Vitrales de Sainte-Chapelle*; y finalmente, la *Fachada de Notre Dame* de París.²⁶ Por último, el siglo XIX vio nacer a muchos alquimistas convencidos. Citamos en primer lugar a Cyliani, autor de *Hermes develado*, que ya mencionamos, en el que afirma que descubrió la Piedra Filosofal y brinda, *con estilo alquímico*, el modo de fabricarla. Es curioso observar que este estilo simbólico se emplea incluso actualmente.

22 *Orthodoxie maçonnique*, de Joseph Marie Ragon.

23 *Francs-Maçons et Théosophes*, del autor.

24 *La Messe et ses Mystères*, de Joseph Marie Ragon.

25 *Moralis and Dogma of Freemasonry*, de Albert Pike, Charleston, 1881, páginas 340 y siguientes.

26 En el *Tratado Elemental de Ciencia Oculta*, del autor, se halla explicado el jeroglífico alquímico de la fachada de Notre Dame. Lámina VI.

Después de Cyliani, debemos citar a Théodore Tiffereau, antiguo catedrático de química en la Escuela de Nantes y autor de un memorial dirigido a la Academia, titulado *Los metales no son cuerpos simples* (1853).

A continuación viene el menos serio de todos, Louis Paul François Cambriel (1784-1850), autor de un deficiente tratado que lleva por título *La alquimia en 19 lecciones* (*L'alchimie en 19 leçons*).²⁷

Tales son los representantes de la Alquimia en nuestra época. ¿Existen otros en Occidente? ¿Existen Sociedades Herméticas? Esto es lo que no podemos decir. Sin embargo, puedo hablar de una aventura enteramente personal, que me ocurrió hace casi dos años.

27 Albert Poisson publicó hacia 1890 un excelente estudio titulado *Cinq traités d'Alchimie*, con muchos grabados.

CAPITULO XV

UN ALQUIMISTA PRÁCTICO

En esa época yo realizaba un trabajo que todavía permanece inconcluso. Trataba de reducir todos los términos alquímicos a sus equivalentes de la química contemporánea. La tarea era fácil con algunos de ellos, y dificultosa con otros. Cuando la mera teoría no me bastaba, entonces apelaba a la experiencia. Fue por eso que, cuando estaba sublimando una mezcla de nitrato de potasio y mercurio, mediante el procedimiento alquímico, observé que se produjeron tres sales de diferente aspecto físico, aunque de idéntica composición química. Estas tres sales eran las indicadas claramente por los alquimistas, sin que los químicos las mencionaran para nada. Esto mismo fue lo que me había impulsado a intentar la experiencia.

Todo trabajo ocultista despierta y repercute en un nivel de ideas que guarda una correspondencia exacta en los tres mundos. Tampoco me asombré cuando inopinadamente recibí la visita de un hombre de unos cuarenta años, bien vestido, quien me confesó que se ocupaba de la Piedra Filosofal hacía diez años. Aducía haber hallado la dirección del fuego astral y dedicarse a mostrar su acción a la persona que pudiera, no para que le adelantara dinero, pues no lo quería, sino para que le alquilara una casita por un año. La persona que eso hiciera seguiría siendo propietario de esa casita. Eso le permitiría concluir cómodamente su trabajo.

Puesto que "mis aposentos" están constituidos por una habitación situada cerca del cielo, y todo lo que puedo ganar lo consagro a difundir el Ocultismo, me era imposible adelantar los mil doscientos francos necesarios para satisfacer el sueño de aquel alquimista. Por ello, le llevé a ver a diversos ocultistas ricos, pero éstos no quisieron arriesgar esa suma. Yo habría hecho cualquier cosa por ver la prometida experiencia, pues ésta era la condición *sine qua non* de la entrega del dinero. Para recompensar mis esfuerzos, el alquimista, me regaló una botella que contenía una sustancia blanca, de olor muy penetrante y dotada de curiosas propiedades físicas.

Esta sustancia es tan higrométrica que una porcioncita puesta sobre el agua se agita de inmediato violentamente, recordando un poco al sodio, pero sin inflamarse jamás. Todavía no he tenido tiempo para analizar esta materia que, según pienso, es de origen orgánico.

Desde entonces, el alquimista de quien hablo continúa sus trabajos. Vive en Winterthur, en la Suiza de habla alemana, y se llama H. Etter. Es un hombre muy serio y sumamente erudito en Ocultismo. Si algunos de mis lectores visita ese lugar, puede ir a ver las experiencias de este "filósofo del fuego". Es el único alquimista práctico a quien yo conozco, además de una Asociación situada en los alrededores de Gortiz, en Austria.

Hice ese descubrimiento hacia la misma época de un zapatero, portero en un callejón de Menilmontant, quien poseía la más completa biblioteca sobre Alquimia que yo jamás había visto. Muy afecto a sus estudios, el zapatero al que me refiero, socialista de la escuela de Fourier y de Torreil, durante cuarenta años había estado comprando esos libros, uno tras otro, a revendedores de curiosidades. Entre otras obras raras, tenía manuscritos herméticos de gran valor. En la actualidad se vio obligado a vender casi todos sus tesoros. Había leído y tomado nota de todo, y era muy erudito en Ocultismo como para ser un interlocutor del Venerable Maestro el día de su Iniciación. Sin embargo, nunca había intentado practicar la Alquimia. Nuestra monografía no sería completa si concluyéramos sin indicar, por lo menos, los libros más útiles para quienes quieran llegar más lejos en estos curiosos estudios. Esto es lo que intentaremos hacer.

CAPITULO XVI

CÓMO ESTUDIAR ALQUIMIA, Y CONCLUSIÓN

Aconsejamos leer íntegramente, en primer término, *La Alquimia y los Alquimistas*, de Figuiet. Aunque el autor se erija en adversario enconado de la Filosofía Hermética, su libro está muy bien escrito y, salvo algunos errores de poca monta, merece ser considerado seriamente. Sobre todo, es notable la parte histórica, y su lectura permite demostrar, categórica y evidentemente, la existencia de la Piedra Filosofal. Por lo tanto, Figuiet debe ser estudiado por la parte histórica que su obra contiene.

Es entonces cuando se podrá leer la obra de un alquimista de verdad, y tomar conocimiento de este estilo extraño y figurado. Aconsejamos vivamente estudiar, desde este punto de vista, la obra de Cyliani, a quien ya citamos en los Capítulos IX, X y XI. Se observará que, incluso en el siglo XIX, el lenguaje simbólico todavía se usa, a pesar de la química contemporánea. También se podrá tener en cuenta lo que aquel alquimista relata sobre sus cuarenta años de sufrimientos e investigaciones, y cuán difícil fue la labor que él emprendió. Este texto es rarísimo, y tal vez se halle en la Biblioteca Nacional de París.

Finalmente, la instrucción elemental se completará si se lee la *Historia de la Filosofía Hermética (Histoire de la Philosophie Hermétique)*, de Langlet du Fresnoy, y los autores reproducidos en los dos tomos de la *Biblioteca de Filósofos Químicos (Bibliothèque des Philosophes Chimiques)*, de Salmon (1667-1736). Es una obra póstuma, publicada en 1753.

Puesto que existen más de tres mil textos sobre Alquimia, creemos que debemos limitarnos a dar los más importantes. Quienes quieran llegar a ser alquimistas prácticos (y los compadezco muchísimo), deberán tomar conocimiento de todos los maestros, sobre todo de las obras de Abu Abadía Jabir ibn Hayyan *Geher* (siglo VIII), Raimundo *Lulio* (1235-1315), Basil *Valentine* (o Basilius Valentinus, o Basilio Valentín, siglo XV), *Paracelso* (Aureolus Theophrastus o Philippus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, 1493-1541), y Jean Baptiste van *Helmont* (1577-1644).²⁸

²⁸ Ver Bibliografía en castellano.

CONCLUSIÓN

Hemos llegado al final de nuestro trabajo y esperamos haber alcanzado el objetivo

que perseguíamos: Demostrar que la Piedra filosofal no es solamente posible, sino que existe y ha dado pruebas irrefutables de su existencia.

A los lectores serios, carentes de partidismo y preconceptos, les rogamos que estudien bien lo que afirmamos, verifiquen su autenticidad en los *libros originales* (lo cual es fácil, en la Biblioteca Nacional de París), y se cercioren de sí allí hay *pruebas irrefutables* o solamente simples conjeturas, despojadas de todo fundamento sólido. El amor por la verdad es lo único que nos indujo a defender a los alquimistas, a estos filósofos humildes, a quienes se conoce muy poco y se calumnia demasiado. Ojalá indujéramos a algún investigador más instruido por nosotros a desarrollar y ampliar esta clase tan particular de estudios. Además, asistimos a un verdadero renacimiento de la antigüedad. Los tan curiosos fenómenos de la sugestión vienen a destruir apropiadamente las conclusiones apresuradas, y es posible que, en el siglo XX, se constituyan

finalmente la SÍNTESIS y la alianza de la *física positivista* de Occidente con la *metafísica idealista* de Oriente. Ojalá esté cercano el día en el que todas las filosofías reingresen en la Unidad de una misma CIENCIA, todos los cultos se reincorporen en la *Unidad* de una misma FE, y *la ciencia y la Fe* den nacimiento, mediante su alianza, a la síntesis de una sola VERDAD!

SUCINTA INFORMACION SOBRE ALQUIMISTAS Y ESTUDIOSOS

MENCIONADOS EN ESTA OBRA

ASHMOLE, Elias.

Alquimista, astrólogo y anticuario. Nació el 23 de mayo de 1617; murió el 18 de mayo de 1692. Principales obras: *Theatrum Chemicum Britannicum* (Cornhill, 1652; *Memoirs* (publicada en Londres, en 1717). Además, fue el editor de *Fasciculus Chemicus*, de Arthur Dee (1650), y *The ways of bliss*, de autor anónimo (1858).

BERTHELOT, Marcelin Pierre Eugène.

Químico y político francés. Nació en París, el 29 de octubre de 1827; murió allí el 18 de marzo de 1907. Destacado investigador especializado en química orgánica y termoquímica. Traductor de textos alquímicos griegos, sirios y árabes. Principales obras: *Les origines de l'alchimie* (1885); *Collection des anciens alchimistes grecs (1867-1888)*; e *Introduction à l'étude de la chimie des anciens et du Moyen Age* (1893).

BERIGARD (o BEAUREGARD), Claude Guillermet de.

Alquimista y filósofo francés. Nació en Moulins, c. 1578; murió en Papua en 1664. Principales Obras: *Dubitaciones in dialogum Galilei pro terrae immobilitate* (Florencia, 1632) y *Circulus Pisanus* (Udine, 1643). CAMBREL, Louis Paul François.

Alquimista francés. Nació en La Tour de France el 8 de noviembre de 1784 ; murió en París, c. 1850. Obra principal: *Tours de la philosophie hermétique* (1843).

CYLIANI.

Alquimista francés cuya identidad no ha sido determinada hasta hoy: se le atribuye el descubrimiento de la Piedra Filosofal después de muchos años de labor. Obra: *Hermès dévoilé* (1832).

DAVIDSON, Peter.

Hermetista estadounidense. Primer Gran Maestro de la Hermetic Brotherhood of Luxor. Obra: *The book of light and life* (1892). DELAAGE, Henri.

Hermetista francés. Nació en 1825; murió en 1882. Principales obras:

Initiation aux mystères du magnétisme (1847); *Doctrines des sociétés secrètes* (1852); *Le monde occulte* (1856); y *La science du vrai* (1882).

DIGBY, Sir Kenelm.

Marino, diplomático y filósofo británico. Nació en Londres el 11 de julio de 1603; murió allí el 1º de junio de 1665. Obras principales: *Of Bodies* (1644);

Of the immortality of man's soul (1644); *Of the sympathetic powder. A discourse in a solemn assembly at Montpellier, made in French by Sir Kenelm*

Digby Knight (tanto la versión francesa como la inglesa fueron publicadas en 1658).

ENCAUSSE, Philippe.

Médico y hermetista francés, hijo de Gérard Encausse (Papus). Obras principales: *Papus, sa vie, son oeuvre* (1932); *Sciences occultes ou 25 années d'occutisme occidental* (1949); y *Sciences ocultes et déséquilibre mental* (1955).

FIGUIER, Guillaume Louis.

Químico y hermetista francés. Nació en 1819; murió en 1894. Obras principales: *L'alchimie et les alchimistes* (1854); *Le lendemain de la mort ou la vie future selon la science* (1872); y *Bonheurs d'outre-tombe* (1892).

FLAMEL, Nicolás.

Alquimista francés. Nació en París o Pontois c. 1330; murió en París en 1448. Principales obras: *Explication des figures hiéroglyphiques mises par noi Nicolas Flamel, écrivain, dans le cimetière des Innocents* (1624); *Codex Germanicus* (1350); *Le trésor de philosophie* y *Somnaire Philosophique (Transformation métallique)*.

GEBER, Abu Abdallah Jabir bu Hayyan.

Alquimista árabe del siglo VIII. Obras principales (atribuidas a Geber): *Summa perfectionis magisterii*; *De investigatione perfectionis*; *De inventione veritatis*; *Liber formacium*; *Testamentum Geberi Regis Indiae (De Salibus animalium, piscium, volatilium, vegetabilium, et aliorum)*; y *Liber de Septuaginta*.

HELVETIUS, seudónimo de Johann Frederick Schweitzer.

Médico y alquimista. Nació en Alemania en 1625; murió en Hravenhage, Holanda, en 1709. Obras principales: *De alchymica complura veterum philosophorum* (1644); *Mors morborum*; *Microscopium phisiognomiae* (1664); y *Vitulus Aureus* (1667).

LEIBNIZ, Gottfried Wilhem.

Filósofo y matemático alemán. Nació en Leipzig el 1º de julio de 1646; murió en Hannover el 14 de noviembre de 1716. Principales obras: *De arte combinatoria*; *Nova methodus docendi discendique juris*; *Confessio naturae contra theistas*; *Hipótesis physica nova*; y *Monadologia*.

LEVI, Eliphaz. Seudónimo de Alphonse Louis Constant.

Hermetista francés. Nació el 6 de febrero de 1810 en París, murió allí el 31

de mayo de 1875. Principales obras: Historia de la Magia; Dogma y Ritual de

Alta Magia; El Libro de los Esplendores; El Gran Arcano del Ocultismo Revelado; Las Claves de los Grandes Misterios; Claves Mágicas y Clavículas de Salomón; Paradojas de la Ciencia Suprema; La Magia Ritual del Sanctum regnum, interpretada con los Triunfos del Tarot; y Leyenda y simbolismo.

LULIO, Raimundo. También conocido como Ramón Lull o Llull. Místico y filósofo; no se lo debe confundir con Raimundus Lillius, hermetista hebreo del siglo XV. Obra principal: *Ars Magna*. Se le atribuyeron, sin fundamento: *Testamentum; Codicillos seu Testamentum novissimum; y Experimenta*.

PARACELSO. Seudónimo de Aureolus Theophrastus o Philippus Theophrastus Bonbastus von Hohenheim.

Médico, alquimista y hermetista, fundador de la medicina experimental. Nació el 17 de diciembre de 1493 en Einsiedeln, Suiza; murió el 24 de setiembre de 1541 en Salzburgo. Obras principales: *Opera Omnia* (Basilea, 1589); Estrasburgo 1616-1618, Ginebra, 1658)

PHILIPPE, Nizier Anthelme.

Hermetista francés, dedicado a la sanación, a quien se conoció como Maître Phillipe. Gozó del favor popular, e incluso del de los soberanos de Rusia. Para sus prácticas se valió de procedimientos nigrománticos, cartománticos, hipnóticos y otros. Nació en Loisieux, Saboya, el 25 de abril de 1849; murió el 2 de agosto de 1905 en Arbrès. No dejó obra escrita. RAGON, Joseph Marie.

Escritor francés, coleccionista y estudioso de textos herméticos y masónicos.

Nació el 25 de febrero de 1781 en Bray-sur-Seine; murió en 1862, en París.

Principales obras: Curso filosófico de las iniciaciones antiguas y modernas;

La Misa y sus misterios comparados con el mito solar de los Misterios

Antiguos; Ortodoxia masónica; Manual completo de la Masonería de

Adopción; Historia del desarrollo y de la marcha de la Gran Iniciación desde

la antigüedad más remota; y La Masonería oculta y la Iniciación hermética.

ROCHAS, Conde Albert de.

Investigador de metapsíquica francés, cuyos estudios sobre fenómenos

hipnóticos y regresión de la memoria alcanzaron notoriedad. Nació en 1837;

murió en 1914. Principales obras: La science des philosophes et l'art des

thaumaturges dans l'antiquité; La science dans l'antiquité, les origines de la science et ses premières applications: Les forces non définies, recherches historiques et expérimentales: Le fluide des magnétiseurs; Les effluves odiques; Les états profonds de l'hypnose; Les états superficiels de l'hypnose;

L'envoutement; L'extériorisation de la sensibilité; L'exteriorisation de la

notricité; La levitation; Les sentiments, la musique et le geste; Les frontières

de la science; y La suspension de la vie.

SALMON.

Cabalista francés de quien, hasta ahora, no es posible obtener antecedentes biográficos. Nació en 1667; murió en 1736. Principales obras: *Le livre des Conciles* y *Bibliothèque des philosophes chimiques*.

SPINOZA, Baruch.

Filósofo holandés. Nació en Amsterdam el 24 de noviembre de 1632; murió allí el 21 de febrero de 1677. Principales obras: *De Deo et homine* (1660);

Renati Descarti principiorum philosophiae more geometrico demonstrata (1663); *Tractatus theologico-politicus* (1670); y *Ethica* (1675).

TIFFEREAU, Théodore.

Alquimista francés. Según "Quién fue y Quién es en Ocultismo", de Dalmor, presentó memorias de sus experiencias a la Académie des Sciences. Entre 1860 y 1890, publicó varios libros sobre temas alquímicos, en uno de los cuales, editado por Chacomac, de París, en 1889, relata cómo, después de un largo estudio minero en México y tras muchas experiencias logró obtener trazas de oro en diversos compuestos argentíferos. VALENTINE, Basil (o Basilius Valentinus).

Filósofo y alquimista alemán del siglo XV. Misterioso personaje cuya identidad no resulta clara hasta el presente. Dícese de él que descubrió el bismuto y el antimonio, y que los textos que se le atribuyen corresponden a una recopilación de autores anónimos.

VAN HELMONT, François-Mercury.

Alquimista belga, hijo de Jean Baptiste Van Hemont. Nació en 1618, en Vilvorde; murió en 1699, en Berlín. Principales obras: *Cabbalah denudata* (1677) y *Opuscula philosophica* (1699).

VAN HELMONT, Jean Baptiste.

Químico, médico y filósofo belga, contrario a la escolástica, descubridor del jugo gástrico, a quien se le atribuye la invención de la palabra "gas". Nació en Bruselas, en 1577; murió en Vilvorde, el 30 de diciembre de 1644.

Principales obras: *De magnetica vulnerum naturali et legitima curatione*

(1621); *Tractatus de flatibus; Doctrina inaudita* (1624); *Ortus medicinae, id*

est, inicia inaudita progressus novas in morborum ultione ad vital longam

(1648).

ZACHAIRE, Denis.

Alquimista francés. Nació en 1510 en Guyena; murió en fecha incierta, en Alemania. Principales obras: *Opuscule de la philosophie naturelle des métaux* (Amberes, 1567) y *Autobiographie* (varias veces editada entre 1583 y 1740).

BIBLIOGRAFIA SOBRE ALQUIMIA

EN CASTELLANO

(Esta lista no es exhaustiva sino meramente orientadora. Recomendamos muy especialmente la lectura de la obra titulada *Quién fue y quién es en Ocultismo*, de E. R Dalmor, publicada por Editorial Kier S.A. El lector podrá encontrar allí valiosísimos comentarios sobre personajes que se destacaron por su labor en el campo de la Alquimia. Asimismo, podrá documentarse acerca de la enorme cantidad existente de textos especializados pertenecientes a distintos autores, no traducidos aún a nuestro idioma).

ALGORA CORBI, Manuel. "La Tabla Redonda de los Alquimistas". 1ª. Edición, Luis Cárcamo editor, Colección Crisopeya, Madrid. 1980. ALONSO FERNANDEZ CHECA, J. Felipe. "Diccionario de Alquimia, Cábala y Simbología", 1ª. Edición, Trigo Ediciones, San Fernando de Henares (Madrid), 1995.

ANDREAE, Johann Valentín, "Las Bodas Químicas de Christian Rosenkreutz". Estudios y comentarios de Rudolf Steiner. 1ª. Edición, Edicomunicación S.A., Barcelona, 1991.

ANONIMO. "Siete Textos de Alquimia" Colección Miscelánea. 4ª. Edición, Editorial Kier S.A. Buenos Aires, 1994.

ATIENZA, Juan G. "Los Saberes Alquímicos" Diccionario de pensadores, símbolos y principios. 1ª. Edición, Ediciones Temas de Hoy, Colección Enciclopedias del Tercer Milenio, Madrid, 1995.

BARBAULT, Armand. "El Oro de la Milésima Mañana", 1ª. Edición, Editorial Sirio, Málaga, 1986.

BERTRAND, José Antonio. "La Alquimia en El Bosco, Durero y otros pintores del Renacimiento", 1ª. Edición, del autor. Barcelona, 1989. BLAISE de VICENERE. "Tratado del Fuego y de la Sal", 1ª. Edición, Ediciones Índigo, Barcelona, 1992.

BURCKHARDT, Titus. "Alquimia", 1ª. Edición, Plaza y Janés, Barcelona, 1971. COSMOPOLITA, El. "Los Doce Tratados o el Cosmopolita, con el Diálogo del Mercurio y del Alquimista", 1ª. Edición, J. Fonfría (Librería-Editorial), Madrid, 1995. d'ESPAGNET, Jean. "La Obra Secreta de la Filosofía de Hermes. Texto anónimo:

El Niño Hermafrodita y de Huginus à Barmâ: El reino de Saturno" 1ª. Edición, Colección Archivo Hermético, Ediciones Índigo Casanova, Barcelona, 1995.

D'ESPAGNET, Jean. "La filosofía Natural restituida (Enchyridion Physicae Restitutae)", 1ª. Edición, Colección Biblioteca Esotérica, Muñoz Moya y Montraventa editores. Cerdanyola del Vallés (Barcelona), 1986. ELIADE, Mircea. "Herreros y alquimistas", 1ª. Edición, Taurus, Madrid, 1959.

FEDERMANN, Reinhard. "La alquimia", 1ª. Edición, Bruguera, Barcelona, 1972. FLAMEL, Nicolás. "El Libro de las Figuras Jeroglíficas", Ediciones Obelisco, Barcelona-Buenos Aires, 1981 y 1986.

FRANZ, Marie-Louise von. "Introducción al Simbolismo", 1ª. Edición, Editorial Luciérnaga, Verdaguer (Barcelona), 1991.

FULCANELLI "Las moradas filosofales", 1ª. Edición, Plaza y Janes, Barcelona, 1969.

FULCENELLI "El misterio de las catedrales", 1ª. Edición, Plaza y Janés, Barcelona, 1975.

GOLLAN (h.), Josué. "La Alquimia" Editorial Castellvi, Santa Fe, Argentina, 1963.

HOLMYARD, E. J. "La prodigiosa historia de la alquimia", 1ª. Edición, Guardian, Madrid, 1970.

HUTIN, S. "La Alquimia" Eudeba, Buenos Aires, 1963.

INGALESE, R. y VOLPIERRE, D. L. "Alquimia" 1ª. Edición, Editorial Sirio, Málaga, 1986.

JUNG, Carl G. "Psicología y Alquimia" 1ª. Edición, Santiago Rueda, Buenos Aires, 1957.

LIZONDO FERNANDEZ "La magia de la alquimia", 1ª. Edición, Barcelona, 1972.

MARTINEZ, Noemí Hebe. "Alquimia" 1ª. Edición, Corregidor, Buenos Aires, 1993.

MOREL, Héctor V. "Mudras, Símbolos, Nombres, Enigmas" Capítulo titulado "Enigmas II: Fulcanelli", 1ª. Edición, Editorial Kier, 1996. NORTON, Thomas. "El libro ritual de Alquimia", 1ª. Edición, Editorial Humanitas, Barberá del Vallés (Barcelona), 1991.

PARACELSO "Catecismo Alquímic", 1ª. Edición, Edicomunicación S.A., Barcelona, 1993.

PERRY, H. C, "La alquimia" Mundi, Buenos Aires, 1963.

RAFAEL "La Triple Via del Fuego", 1ª. Edición, Muñoz Moya y Montraveta editores, Brenes (Sevilla), 1992.

READ, J. "Por la alquimia a la química", 1ª. Edición, Aguilar, Madrid, 1960. ROGER, Bernard. "Los enigmas Secretos de la Alquimia. La vía secreta para el conocimiento interior de las cosas". 1ª. Edición, Susaeta ediciones, Girona, España, s.f.

SADOUL, Jacques. "El gran arte de la alquimia", 1ª. Edición, Plaza y Janés, Barcelona, 1975.

SADOUL, Jacques. "El tesoro de los alquimistas", id. ant. SHERWOOD TAYLOR, F. "Los alquimistas, fundadores de la química moderna", 1ª. Edición, Editorial Fondo de cultura Económica, México, 1957.

STOLCIUS, Daniel. "Viridarium Chyicum", 1ª. Edición, Muñoz Moya y Montraveta editores. Cerdanyola del Vallés (Barcelona), 1986. TREVISANO, Bernardo. "Tratado de la Naturaleza del Huevo de los Filósofos", Texto bilingüe, 1ª. Edición, Muñoz Moya y Montraveta editores. Brenes (Sevilla), 1990.

VAZQUEZ ALONSO, Mariano. "El universo de la Alquimia", 1ª. Edición, Ediciones 29, Barcelona, 1995.

ZLIEGER, Gillette. "Nicolás Flamel, el fabricante de oro". Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1976.

ANEXO

LOS VERSOS DORADOS DE PITÁGORAS

Según la versión de *Antoine Fabre d'Olivet* (1768-1825),

la cual data del año 1813

PREPARACIÓN

Rinde el culto consagrado a los Dioses inmortales;

Conserva tu fe; reverencia la memoria

De los Héroeos bienhechores y los Espíritus semi -Dioses.

PURIFICACIÓN

Sé buen hijo, hermano justo, esposo tierno y buen padre.

Escoge por amigo tuyo a quien sea amigo de la virtud;

Acoge sus dulces consejos, intrúyete con su vida, Y jamás le abandones por un ligero agravio Si puedes hacerlo; pues una ley severa Liga la Autoridad con la Necesidad.

Por ello, estás habilitado para combatir y vencer A tus locas pasiones, aprende a dominarlas.

Sé sobrio, dinámico y casto; evita la ira.

Ni en público ni en privado, jamás permitas Nada malo; y, sobre todo, respétate.

No hables ni actúes sin haber reflexionado.

Sé justo. Recuerda que un poder invencible Ordena morir; que los bienes y honores Fácilmente adquiridos, son fáciles de perder.

Y en cuanto a los males que el Destino conlleva, Júzgalos por lo que son; sopórtalos, y procura, En lo que puedas, suavizar sus rasgos;

Los Dioses, por demás crueles, no han librado a los sabios.

La Verdad es, como el Error, para sus amantes:

El filósofo aprueba o censura con prudencia;

Y, si el Error triunfa, aquél se aleja y espera.

Escucha mis palabras y grábalas en tu corazón:

Cierra tus ojos y oídos a la prevención;

Recela del ejemplo ajeno; piensa por ti mismo;

Consulta, delibera y elige libremente.

Deja que los locos actúen sin objeto ni motivo.

Tú debes, ahora, contemplar el porvenir.

No pretendas hacer lo que no sabes.

Instrúyete: el tiempo y la constancia todo lo deparan.

Vigila tu salud: dispensa, con mesura.

Alimentos al cuerpo y reposo al espíritu.

Evita los cuidados demasiados o escasos, pues el deseo Se aferra por igual a uno u otro exceso.

El lujo y la avaricia tienen parecidas consecuencias.

En todo hay que elegir un término medio, justo y bueno.

PERFECCIÓN

Ojalá que el sol jamás cierre tus párpados Sin que te preguntes: ¿Qué omití? ¿Qué hice?

Si obraste mal, abstente; si obraste bien, persevera.

Media sobre mis consejos; ámalos; hazlos tuyos.

Ellos te conducirán hacia las virtudes divinas.

Lo juro por quien grabó en nuestros corazones La Tétrada Sagrada, símbolo inmenso y puro, Fuente de la Naturaleza, y modelo de los Dioses.

Sin embargo, que ante todo tu alma, fiel a su deber, Invoque con fervor a estos Dioses cuyo auxilio Es el único capaz de consumir las obras que iniciaste.

Que ellos te instruyan; entonces, nada te inducirá a error.

Sondearás la esencia de seres diferentes;

Conocerás el principio y el fin de Todo.

Si el Cielo lo quiere, sabrás que la Naturaleza, Semejante a todo, es la misma por doquier;

De modo que, en conocimiento de tus verdaderos derechos, Tu corazón no se alimentará más con deseos vanos.

Verás que los males que devoran a los humanos Son el fruto que ellos eligieron; y que esos desdichados Buscan lejos de sí los bienes de cuya fuente son portadores. Poco saben sobre ser felices; juguetes de las pasiones Sacudidos, alternadamente por olas contrarias, En un mar sin ribera, enceguecidos, van a los tumbos Sin poder resistir ni ceder a la tempestad.

¡Dios, los salvarías quitándoles las vendas de sus ojos!

Sin embargo, no es así: corresponde a los humanos, cuya raza Es divina, distinguir el Error y ver la Verdad.

La naturaleza es su servidora. Hombre sabio, hombre feliz.

Respira en el puerto en el cual ingresaste.

Más observa mis leyes, absteniéndote de cosas Que tu alma debe temer, distinguiéndolas bien;

Dejando que la inteligencia reine sobre el cuerpo A fin de que, elevándote en el Éter resplandeciente, Seas tú mismo un Dios en el seno de los Inmortales.

A la memoria del autor del Mundo Nuevo, el abate Roca.

EL TAROT SIMBÓLICO

Dr. Gerard Encausse (Papus)

PRIMER SEPTENARIO — ARCANOS 1 A 7 — TEOGONIA

Plan de trabajo — Clave del 1º septenario — La primera lámina del Tarot, origen de todas las demás — Los tres principios del Absoluto — La Trinidad — Cuadro resumen de la primera lámina — La Papisa y la beth — La Guimel y la Emperatriz — La dalet y el Emperador — La hé y el Papa — La vau y el Enamorado — Resumen sobre el 1^{er}- septenario — Constitución de Dios.

ESTUDIO DE CADA UNO DE LOS ARCANOS MAYORES

PLAN DE TRABAJO

Tratemos de aplicar esta ley general del simbolismo a cada uno de los 22 arcanos mayores del Tarot. Con tal fin pedimos al lector el máximo de atención. Haremos todo lo posible para que nuestra exposición sea clara; para esto explicaremos el plan que nos proponemos seguir en el estudio de cada una de las láminas del Tarot.

1º Comenzaremos por el signo jeroglífico que dio origen a la correspondiente letra hebrea. A este respecto seguiremos las indicaciones de Court de Gébelin.

2º Extraeremos del carácter jeroglífico las ideas que se deduzcan progresivamente y que caracterizan la letra hebrea considerada como signo. Kirscher y Fabre D'Olivet son nuestras autoridades en esta cuestión.

3º Una vez que hayamos determinado las ideas figuradas por la letra hebrea buscaremos la aplicación de estas ideas en la figura simbólica del Tarot. Eliphas Levi, Christian o Barrois, nos ayudarán en nuestra búsqueda.

4º En fin, determinaremos el sentido que deba atribuirse a la lámina del Tarot, de acuerdo a sus relaciones numéricas y simbólicas con las restantes, aplicando la ley general del simbolismo. Esta parte de nuestro trabajo nos es personal.

5º Terminaremos el estudio de cada una de las láminas mediante un cuadro en el que resumiremos cuanto acabamos de indicar.

Advertimos al lector que la simple lectura de este cuadro no le sería de ninguna utilidad para comprender las láminas del Tarot y que el mejor camino consiste en seguir progresivamente el desarrollo de cada lámina teniendo el juego de Tarot a la vista.



TAROT DE COURT DE GÉBELIN

No queremos terminar esta introducción sin añadir algunas palabras respecto a la base sobre la cual hemos establecido las relaciones astronómicas de las láminas.

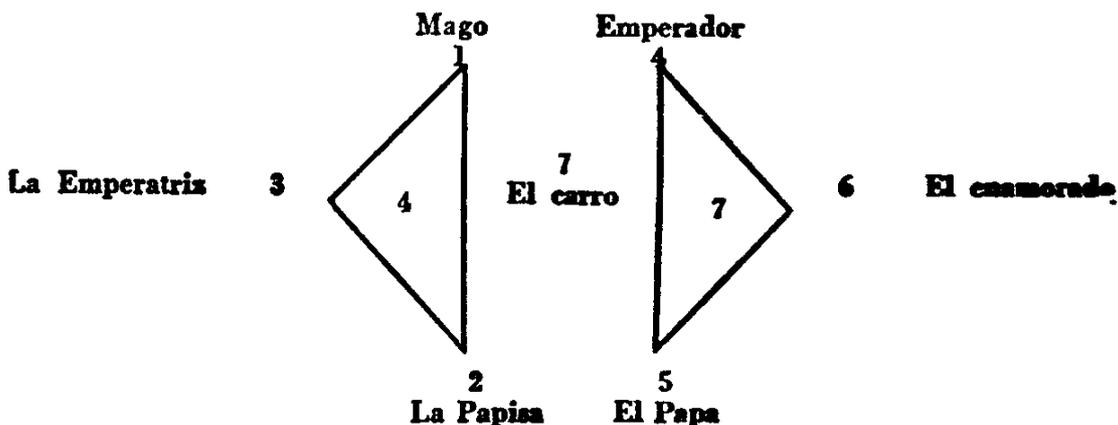
Uno de los más viejos libros de cábala que poseemos: el Sefer Jesirah, dice que las tres letras madres del alfabeto hebreo corresponden a los tres mundos; las siete dobles a los siete planetas y las doce simples a los doce signos del zodiaco.

Ahora bien, recorriendo el manuscrito astrológico publicado por Christian, hemos descubierto que los números atribuidos por el autor del manuscrito a los planetas, corresponden exactamente a los números de las letras hebraicas dobles. Los números atribuidos a los doce signos del zodiaco corresponden también exactamente a las letras simples.

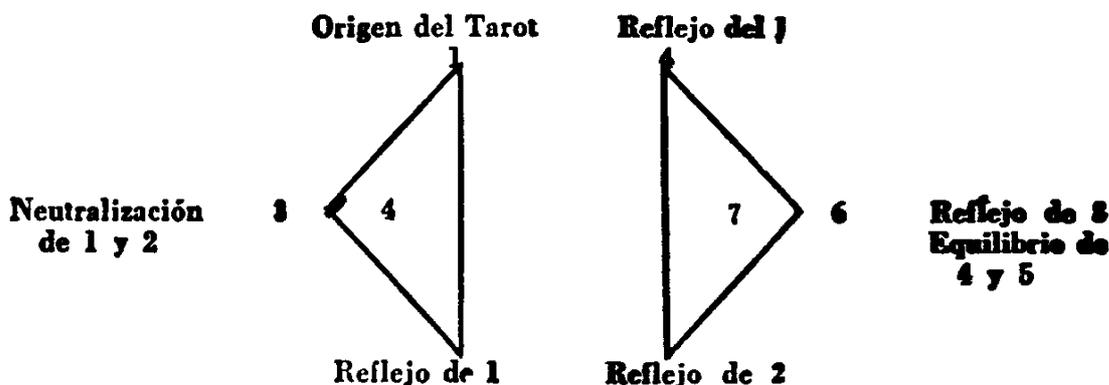
Hemos pensado que esta concordancia absoluta entre documentos de origen tan diferente merecía ser tomada en seria consideración y, por lo tanto, hemos indicado la correspondencia astrológica de cada lámina.

CLAVE DEL PRIMER SEPTENARIO

DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS PARA Su ESTUDIO



CARACTERÍSTICAS DE LAS FIGURAS



ORIGEN DEL SIGNIFICADO DE LAS RESTANTES

Después de lo que precede observaremos que basta conocer el exacto sentido de la primera lámina del Tarot para deducir la significación de todas las demás. Es por esto que abordamos la cuestión con cierta nerviosidad. La esperanza de alcanzar la verdad está balanceada por la posibilidad de un error, cuyas consecuencias serían funestas.

Los trabajos que nos han conducido hasta aquí nos permiten, no obstante, alcanzar casi matemáticamente el sentido de la primera lámina del Tarot; mas en su sentido general solamente, y nos consta que cada lámina debe tener no solamente uno, sino tres sentidos diferentes. Por lo tanto debemos hallar tres principios suficientemente generales como para poder aplicarlos a todos los órdenes del conocimiento humano; puesto que tal debe ser la finalidad del Tarot.

En este caso, como siempre, recurriremos a los autores eminentes que han tratado esta cuestión desde diversos puntos de vista; la concordancia entre sus enseñanzas nos aportará nuevas luces, capaces de alumbrar nuestro camino.

El polonés Wronski, muerto de hambre en los alrededores de París, es probablemente uno de los cerebros más poderosos que ha producido el siglo XIX. Pretendía haber hallado la fórmula del absoluto y sus obras constituyen, incuestionablemente, una de las síntesis más elevadas conocidas. No discutiremos las doctrinas de Wronski, queremos simplemente decir unas palabras sobre los tres elementos primitivos que conforman su ley de la creación.

Wronski sitúa en el origen de cualquier creación tres elementos que designa con los nombres de:

Elemento neutro (E.N.)

Elemento ser (E.E.)

Elemento saber (E.S.)

El "elemento neutro" representa el absoluto, la realidad resultante de la neutralización total de los dos elementos restantes.

El "elemento saber" representa la facultad creadora con sus características especiales: la autogénesis y la espontaneidad.

El "elemento ser" representa la facultad permanente cuyas características son: la autotesis y la inercia.

Principio de la creación o elemento saber.

Principio de la conservación o elemento ser.

Principio de la neutralización o elemento neutro.

Tal son los tres términos sobre los cuales Wronski establece el fundamento de la realidad y, en consecuencia, de todos los sistemas de creación. Recordemos bien esta conclusión.

Fabre D'Olivet, en sus investigaciones sobre los primeros principios que todo lo dirigen, determina la existencia de tres términos que denomina providencia, destino y voluntad humana.

La providencia es el principio de la libertad absoluta, de la creación de los seres y de las cosas.

El destino es el principio de la necesidad absoluta, de la creación de las cosas y de los seres.

En fin, la voluntad humana es un principio neutro intermediario entre los dos: el principio de la movilidad y del cambio en todas sus formas. Ahora bien, no se necesita ser muy lince para descubrir la concordancia absoluta que existe entre estos dos autores; uno de ellos, Wronski,

obtiene sus conclusiones por inferencia matemática: el otro, Fabre D'Olivet, por el profundo estudio de la antigüedad y de sus misterios. En efecto, solamente las palabras cambian; las ideas en el fondo son las mismas. ¿El (E.S.) de Wronski, principio de la creación, es algo diferente de la providencia de D'Olivet, que la concibe también como principio de la creación? ¿El (E.E.) de Wronski, principio de la facultad permanente, es algo diferente de lo que D'Olivet llama el destino y que concibe como principio de la conservación? En fin, la voluntad humana de D'Olivet responde perfectamente al elemento neutro de Wronski.

He aquí dos sistemas bien diferentes reunidos por una idéntica significación. Pero nuestras conclusiones no se detienen aquí.

Si consideramos más atentamente estos tres principios primitivos hallaremos en el primero: La providencia o el elemento saber, lo que se representa filosóficamente con el nombre de Dios. El destino o el ser nos muestra su identidad con la ley fatal que gobierna el Universo. Por último la voluntad humana corresponde al hombre y no requiere ser largamente estudiada para llegar a esta conclusión.

DIOS, EL HOMBRE Y EL UNIVERSO

Tal es la base de toda la filosofía esotérica de los antiguos y ahora no es solamente Wronski y Fabre D'Olivet que vienen a coincidir por sus conclusiones en este misterioso ternario; es toda la ciencia oculta que nos anuncia su identidad con estos principios mediante las voces de todos sus discípulos. Hermes Trismegisto, la Santa Cábala, los Neoplatónicos y los Alquimistas, pasando por Pitágoras y toda la filosofía griega, nos afirman la división del Gran Todo en tres entidades o mundos.

Guillermo Postel nos da la clave del Tarot sin desear explicarla, y la base de esta clave está formada por esta misteriosa entidad:

DIOS, HOMBRE, ROTA

Triteo y su discípulo Cornelio Agrippa enunciaban igualmente en sus tablas analógicas esta fecunda y sublime Trinidad. El jesuíta Kircher demuestra que la división en tres mundos formaba la base de los misterios egipcios. Por último Claude de Saint Martin ha llenado un libro sobre las claves del Tarot. Este libro se intitula: "Cuadro natural de las relaciones que unen a Dios, el HOMBRE y el UNIVERSO".

Interroguemos a la India sobre las leyes del absoluto, nos contestará:

Trimurti: BRAHMA, SHIVA, WICHNOU

Preguntemos a la China venerable el último secreto de su filosofía y nos ofrecerá los "Tri-grammos de Fo-Hi".

Dirijámonos a los viejos iniciados del Egipto y nos responderán:

Osiris, Isis, HORUS

El fundador de la cosmografía griega, discípulo de la ciencia del Egipto, Hesíodo, nos transmite todavía esta ley, y todo confirma las palabras de Luis Lucas: "Siento que bajo esta fórmula mística de la Trinidad se oculta una de las leyes científicas más importantes para el hombre".

Dios, el hombre y el Universo, tales son los principios más generales que podemos alcanzar, tales serán también los que constituirán el triple sentido de la primera lámina del Tarot.

Nos queda todavía por ver si estas interpretaciones responden correctamente al jeroglífico primitivo y coinciden con las restantes láminas del Tarot.

1º LETRA HEBRAICA (ALEPH)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA PRIMERA LÁMINA DEL TAROT

La aleph expresa jeroglíficamente el hombre, considerado en sí mismo como una unidad colectiva, principio maestro y dominador de la tierra.

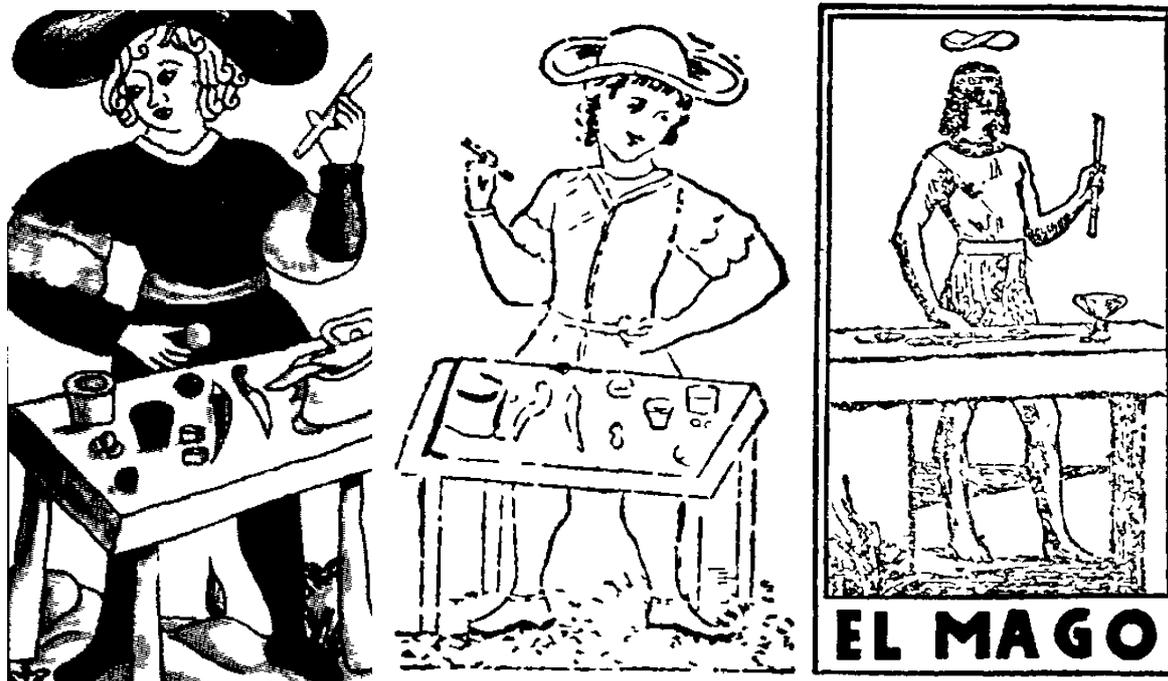
De este sentido jeroglífico se han derivado las ideas sobre el universo y del principio que lo determina, ideas que confieren a la aleph su valor como emblema de la potencia y de la estabilidad.

El hombre o el microcosmo, la unidad, es el principio de todos los mundos; tal es el sentido jeroglífico primitivo que, como vemos, determina exactamente las ideas generales que tuvimos ocasión de enunciar. Mas un estudio detenido de la primera lámina del Tarot nos aportará nuevas luces.

SIMBOLISMO DE LA PRIMERA LÁMINA DEL TAROT

EL MAGO

1



Si observamos atentamente la primera lámina del Tarot, no tardaremos en reconocer que la disposición del mago en la figura, responde perfectamente a la configuración de la letra aleph. Si

ahora aplicamos al estudio de esta lámina los principios que determinan el simbolismo, según lo expusimos en nuestro Tratado Elemental de Ciencias Ocultas, recibiremos nuevas enseñanzas.

En la parte superior de la figura puede verse el signo divino de la vida universal, situado sobre la cabeza del mago. La parte inferior representa a la tierra ornamentada con sus productos, símbolo de la naturaleza. La parte media está ocupada por el hombre, situado detrás de una mesa sobre la que descansan diversos objetos.

La derecha y la izquierda de la figura está ocupada por las manos del mago, de las cuales una señala la tierra y la otra el cielo. La posición de estas dos manos representa los dos principios, activo y pasivo, del Gran Todo y corresponde a las dos columnas (Jakin y Bohas) del templo de Salomón y de la Masonería.

Con una mano el hombre busca a Dios en el cielo, mientras que hunde la otra en lo inferior para elevar el demonio hasta sí, con lo que reúne en lo humano, lo divino y lo diabólico. Es así como el Tarot nos muestra la universal función mediadora acordada al Adan-Kadmon. Si ahora queremos resumir el sentido simbólico determinado en lo que precede, podremos disponerlo así:

DERECHA	Parte Superior	Divino	Cabeza	IZQUIERDA
(Brazo bajado) levantado)	Parte media	Humano	Cuerpo	(Brazo
Necesidad				Libertad
Mal	Parte inferior	Natural	Pie	Bien

Mas el simbolismo de esta primera lámina del Tarot no se detiene aquí. El mago oprime en la mano levantada la varita mágica; delante de él están colocados los cuatro grandes símbolos del Tarot: la Copa, la Espada, los Oros o talismanes y el Basto (figurado por la varita que el mago lleva en la mano). Estos cuatro símbolos corresponden exactamente a las letras del tetragrama:

Bastos o iod, símbolo del principio activo por excelencia y de Dios.

Copas o hé, símbolo del principio pasivo por excelencia o del Universo.

Espadas, cruz o vau, símbolo del principio equilibrante por excelencia o del hombre.

Oros o 2ª hé, símbolo cíclico de la eternidad que reúne los tres primeros principios en un todo único.

Desde el punto de vista humano estos símbolos corresponden a las cuatro grandes castas sociales.

Los hombres de iod o los inventores, los productores, la nobleza de la inteligencia.

Los hombres de hé, o los depositarios de las grandes verdades descubiertas por los hombres de iod: los sabios, los jueces, la nobleza de toga.

Los hombres de vau o los guardianes y defensores de los precedentes: los guerreros, la nobleza de espada.

Los hombres de la 2ª hé, la multitud entre la cual se reclutan en todo momento las otras castas: el pueblo.

Los cuatro grandes símbolos están situados al azar sobre la mesa, el hombre debe dominarlos y ordenarlos; en el arcano 22 veremos estos símbolos ordenados en cruz.

En efecto, sabemos que la primera lámina del Tarot se completa con la 21 (21 más 1 igual a 22); vemos entonces que si la primera lámina representa el "microcosmo", la última representará el "macrocosmo"; y la undécima lámina que ejerce la función de enlace universal entre todas las complementarias del Tarot, representará la "Corriente Universal Reflejada" que sirve de enlace entre los mundos. Mas no nos anticipemos y volvamos a nuestro primer arcano.

Este símbolo es el primero del Tarot y lleva el nombre característico de: la unidad.

La unidad-principio, cuyo origen es impenetrable para el hombre, es el comienzo de toda cosa. No podemos alcanzar el origen de esta causa primera, que nos contentamos con afirmar, de acuerdo a la ley de analogía, según los versos de Eliphas Levi:

Creo en lo desconocido que Dios personifica,
Probado por el ser y por la inmensidad
Ideal suprahumano de la filosofía,
Perfecta inteligencia y suprema bondad.

Si no podemos alcanzar este desconocido en su principio, por lo menos nos es permitido seguirlo en sus consecuencias; por lo tanto nuestro estudio se limitará al desarrollo de la unidad-principio en creación, según lo enseña la cosmografía de la antigua iniciación.

Dios, el hombre y el Universo serán, en consecuencia, el triple sentido de nuestra primera lámina. Añadiremos algunas palabras respecto de la aplicación de estos antecedentes a las otras láminas del Tarot.

EXTENSIÓN DE LOS TRES GRANDES PRINCIPIOS AL TAROT

El triple sentido de la primera lámina representa respectivamente:

El creador o iod El receptor o hé El transformador o vau

En fin, la transición a la 2ª hé, que no consideraremos. Mas la primera lámina del Tarot, considerada en su conjunto, representa al creador o iod; la segunda lámina, considerada según el mismo punto de vista, representará entonces al receptor o hé, y la tercera al transformador o vau. Cada una de ellas mostrará además los cuatro aspectos en "iod, hé, vau, hé", de la idea que expresa.

Lo que es verdadero para el ternario lo será también para el septenario, y si el primer septenario, tomado en su conjunto, representa al creador, el segundo septenario representará al receptor y el tercero al transformador. En fin, el ternario transición representará el retorno de los efectos en las causas y en consecuencia en el principio.

Resumamos todo esto diciendo:

1 septenario: Dios

2 septenario: El hombre

3 septenario: El Universo

Además cada uno de estos elementos se halla contenido en los dos restantes en todos los puntos de su manifestación.

RESUMEN GENERAL

Nos queda por resumir las diversas acepciones de la primera lámina en un cuadro general. Como cada una de las láminas del Tarot tendrá también su correspondiente resumen, nos parece útil explicar el plan que seguimos en esta exposición.

En la parte superior del cuadro se hallará el número y la letra hebraica correspondiente a la lámina. En la parte inferior el nombre vulgar usado en el Tarot.

En la parte derecha se hallarán las significaciones en los tres mundos:

divino,
humano y
material.

Al final de estas tres significaciones se hallará la clave absoluta de cada lámina, de acuerdo con el cuadro de transformaciones del nombre "iod hé vau hé". Las letras hebreas situadas sobre la línea superior de esta clave, indican el origen de la lámina considerada; las letras hebreas situadas debajo indican el sentido exacto de la lámina.1.- ALEPH

1- ALEPH 

EL MAGO

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El hombre

CÁBALA: Kether

ASTRONOMÍA: (sin relaciones)

ARCHEÓMETRO: (ver el Tarot Adivinatorio)

SIGNIFICADOS:

CLAVE DE LÁMINA: iod – iod

El creador divino o Dios el padre

DIOS

El padre

OSIRIS

iod de iod

iod-iod

El conservador divino

EL HOMBRE

ADÁN

hé de iod

iod-iod

El transformador divino

EL UNIVERSO ACTIVO

LA NATURA NATURANTE

vau de iod

iod-iod

2° LETRA HEBRAICA (BETH)

ב

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SEGUNDA LÁMINA DEL TAROT

La beth expresa, jeroglíficamente, la boca del hombre como órgano de la palabra. La palabra es una elaboración interior del ser. Por esto la beth representa todo lo que es interior, central, tal como una habitación adonde podemos aislarnos sin ser molestados.

De aquí las ideas de Santuario, mansión inviolable del hombre y de Dios. Además, la beth expresa también toda producción emanada de esta misteriosa morada, toda acción interior y activa; de aquí las ideas de enseñanza, de elevada ciencia, de ley, de gnosis, de ciencia oculta o cábala.

La beth corresponde al número 2 y astronómicamente a la luna. Este nombre es el que ha dado nacimiento a todas las significaciones "pasivas" emanadas del binario, de donde las ideas de reflejo, de mujer aplicado a la luna por referencia al sol y a la mujer por referencia al hombre.

LA SEGUNDA LÁMINA DEL TAROT

LA GRAN SACERDOTIZA

2



El mismo Dios, o Dios el padre, se refleja y produce el nacimiento de Dios el hombre o Dios el hijo, negativo en relación a su creador. El hombre es el receptor divino, por lo tanto esta segunda lámina del Tarot expresará todas las ideas de la primera concebida negativamente.

La primera lámina representaba a un hombre de pie; ésta, en cambio, representa lo contrario: una mujer sentada. (Primera idea de pasividad representada por la mujer y por la posición.)

El hombre estaba revestido con los atributos del poder y situado en el medio de la naturaleza. La mujer se halla ornamentada con los atributos de la autoridad y de la persuasión y se halla colocada bajo el pórtico del templo de Isis, entre dos columnas.

Idea de recinto sagrado, de receptor divino.

2. ➤

LA PAPISA

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La boca del hombre

CÁBALA: Chocmah

ASTRONOMÍA: La Luna

DÍA DE LA SEMANA: Lunes

ARCHEÓMETRO: Beth (doble).

SIGNIFICACIONES:

Reflejo de Dios el padre u Osiris

DIOS

El hijo

Isis

iod de hé

hé hé

Reflejo de Adán

EVA

La mujer

hé de hé

hé hé

Reflejo de la naturaleza naturante

LA NATURALEZA NATURADA

vau de hé

hé de hé

Las dos columnas expresan lo positivo y lo negativo tal, como los brazos del mago.

La mujer se halla coronada con una tiara, sobre la que descansa el creciente lunar, y envuelta por un velo transparente, cuyos pliegues caen sobre su rostro. Lleva sobre el pecho la cruz solar y sobre sus rodillas un libro abierto que cubre a medias con su manto.

Tal es la imagen de Isis, la naturaleza, de la cual no hay que levantar el velo ante los profanos. Las enseñanzas de Isis son de orden oculto, tal como lo indica el libro; es ella la que enseña al mago los secretos de la verdadera cábala y de las ciencias ocultas. Este profundo símbolo merece toda nuestra admiración.

La primera lámina expresaba a Osiris en los tres mundos, la segunda nos dará la significación de Isis, compañera de Osiris: "En Dios, es el reflejo de Osiris, el reflejo de Dios el padre: Isis o Dios el hijo. En el hombre es el reflejo de Adán, del hombre absoluto: Eva, la mujer, la vida. En el Universo es el reflejo de la naturaleza naturante: la naturaleza naturada".

3ª LETRA HEBRAICA (GHIMEL)

ג

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA TERCERA LÁMINA DEL TAROT

La ghimel expresa, jeroglíficamente, la garganta, la mano del hombre semicerrada y en actitud de apresar un objeto. De aquí todo lo que rodea, todo hueco, un canal, un cerco. La garganta es el lugar donde se forma, donde se corporifica, me atrevería a decir, la palabra concebida en el cerebro; así la ghimel es el símbolo del envolvimiento material de las formas espirituales, de la generación orgánica en todos sus aspectos, de todas las ideas que se derivan de los órganos corporales o de sus acciones. La generación es el misterio en virtud del cual el espíritu se une a la materia, y mediante el cual lo divino se transforma en humano. Con estas explicaciones comprenderemos fácilmente lo que representaba Venus-Urania.

LA TERCERA LAMINA DEL TAROT

LA EMPERATRIZ

3



El símbolo debe expresar la idea de generación, de corporización en todos los mundos.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La mano en la acción de asir.

CÁBALA: Binah

ASTRONOMÍA: Venus

DÍA: Viernes

LETRA HEBRAICA: Ghimel (doble)

SIGNIFICACIONES:

Dios el Espíritu Santo "Horus"

LA FUERZA ANIMATRIZ UNIVERSAL

iod de vau
vau-vau

Adán-Eva

LA HUMANIDAD

hé de vau
vau-vau

El Mundo

vau de vau
vau-vau

2° hé de vau
vau-vau

UNA MUJER VISTA DE FRENTE

Es en los costados de la mujer que el ser humano se reviste de su cuerpo, se corporifica.

La mujer aparece con alas, o bien en el centro de un sol radiante.

"Idea de la espiritualidad del principio animador de los seres."

Aprisiona un águila en su mano derecha.

"El águila es el símbolo del alma y de la vida (Espíritu Santo)."

En su mano izquierda ostenta un cetro, signo astrológico de Venus.

"El cetro está sostenido por la mano izquierda para indicar la influencia pasiva que ejerce la naturaleza, Venus-Urano, o la mujer durante la generación de los seres."

Está coronada por una corona de doce puntas o también de doce estrellas.

"Signo de la difusión del principio animador a través de todos los mundos y del sol a través del zodiaco."

La tercera lámina del Tarot muestra el resultado de la acción recíproca de los dos primeros términos que se neutralizan en un mismo principio. Es éste el "elemento neutro" de Wronski, base de cualquier sistema de realidad.

La fuerza creadora u Osiris y la fuerza conservadora o Isis se neutralizan en la fuerza equilibrante, que resume en ella las propiedades, tan diferentes, de las dos primeras formas.

En Dios será el equilibrio del padre y del hijo, o:

Dios el Espíritu Santo

HORUS

La fuerza animatriz universal

En el hombre será el equilibrio de Adán-Eva o la humanidad:

Adán-Eva

La humanidad

En el Universo será el equilibrio de la naturaleza naturante y de la naturaleza naturada:

El Mundo (concebido como un ser)

El principio creador y el principio receptor, habiendo producido por su acción recíproca el principio transformador, crea una entidad completamente nueva. Esta entidad corresponderá a la "segunda hé" del nombre sagrado, y, en consecuencia, indicará la transición de una serie a otra.

4º LETRA HEBRAICA (DALETH)

ד

ÓBICES DEL SIMBOLISMO DE LA CUARTA LÁMINA DEL TAROT

La daleth expresa, jeroglíficamente, el seno. De aquí la idea de un objeto capaz de producir una abundante alimentación, fuente de un crecimiento futuro. El niño es el lazo viviente que reúne en esa neutralidad el antagonismo de los sexos, por esto la daleth representa también la abundancia nacida de la división. Es, al igual que el 1, un signo de creación activa; mas esta creación es el resultado de acciones anteriores fácilmente determinables, mientras que el origen de la unidad es inabordable para la humana concepción. La daleth expresa una creación realizada, según las leyes divinas, por un ser creado. La daleth será la imagen del principio animador y activo del Universo: Júpiter, reflejo de la primera causa.

LA CUARTA LÁMINA DEL TAROT EL EMPERADOR



RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El Seno

CÁBALA: Chesed

ASTRONOMÍA: Júpiter

DÍA: Jueves

LETRA HEBRAICA: Daleth (doble)

SIGNIFICACIONES:

Reflejo de Dios el padre

LA VOLUNTAD

Reflejo de Adán

EL PODER

Reflejo de la naturaleza naturante

El fluido universal creador

EL ALMA DEL UNIVERSO

5° LETRA HEBRAICA (HE)

D

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA QUINTA LÁMINA DEL TAROT

La hé expresa, jeroglíficamente, la respiración, el aliento. Es por la respiración que se crea y se mantiene la vida, razón por la cual se atribuye a la hé "todo aquello que anima". Mas la vida especializa al individuo diferenciándolo de sus semejantes; de aquí la idea de "ser" atribuida a esta letra.

Pero la acción de la vida no se detiene aquí; es también el principio que enlaza el cuerpo material al espíritu divino, del mismo modo el hombre enlaza a Dios con la naturaleza. La vida es como para el hombre (aleph) lo que el hombre es para el Universo, el principio mediador por excelencia. De aquí todas las ideas de "lazo", de reunión de los opuestos, de religión, atribuidos a la hé.

Esta letra es simple; corresponde astronómicamente al signo ígneo del carnero, cuyo significado explica.

LA QUINTA LÁMINA DEL TAROT EL HIEROFANTE:



Este símbolo debe expresar las ideas siguientes:

- 1° Idea de vida, de animación.
- 2° Idea de ser.
- 3° Idea de reunión.

El iniciador en los misterios de Isis está sentado entre las dos columnas del santuario. Se apoya sobre una cruz de tres travesaños y forma con la mano derecha el signo del esoterismo.

La cruz de tres travesaños simboliza el triple "Lingham" de la teogonía india, es decir, la penetración de la potencia creadora a través del mundo divino, del mundo intelectual y del mundo físico para producir todas las manifestaciones de la vida universal (primera idea).

Las dos columnas simbolizan, la de la derecha: la ley, la de la izquierda: la libertad de obedecer y desobedecer, esencia del ser (segunda idea).

El iniciador está cubierto con una tiara. A sus pies están postrados dos hombres coronados, el primero viste de rojo, el segundo de negro.

Aquí volvemos a encontrar en "activo" el símbolo expresado en "pasivo" por la segunda lámina. En efecto, la misma idea de esoterismo, de enseñanza secreta reaparece; mas la instrucción es ahora "práctica y oral", no hay ya necesidad de libros (tercera idea).

Como vemos, esta lámina es el complemento de la segunda: ocurre lo mismo con todas aquellas láminas cuya suma es igual a 7. Así:

3	se completa por	4
La Emperatriz	$4+3=7$	El Emperador
2	se completa por	5
La Papisa	$7=28=10=1$	El Papa
$2+5 = 7$		
1	se completa por	6
El Mago	$1+6=7$	El Enamorado

La quinta lámina del Tarot corresponde a la letra hé del nombre sagrado. Es el reflejo directo del arcano 4 y el reflejo indirecto del arcano 2. De aquí las siguientes significaciones:

En lo divino. Reflejo de la voluntad:

LA INTELIGENCIA

(característico en Dios el hijo)

En lo humano. Reflejo del poder:

LA AUTORIDAD

(característico en la mujer)

En la religión: la fe. En lo natural. Reflejo del alma del mundo o del fluido

universal creador.

LA VIDA UNIVERSAL

(característico de la naturaleza naturada)

La vida universal es la parte negativa del fluido animador universal. Su acción recíproca dará nacimiento a la "atracción universal" o "amor universal" representado por el arcano 6.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El aliento

CÁBALA: Pechad

ASTRONOMÍA: El Carnero

MES: Marzo

LETRA HEBRAICA: Hé (simple)

SIGNIFICADOS:

Reflejo de la voluntad

LA INTELIGENCIA

hé

iod-hé

Reflejo del poder

LA AUTORIDAD

LA RELIGIÓN – LA FE

hé

hé de hé

Relejo del alma del mundo

LA VIDA UNIVERSAL

hé

vau de hé

6ª LETRA HEBRAICA (VAU)

ו

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SEXTA LÁMINA DEL TAROT

La vau representa, jeroglíficamente, el ojo, todo lo que tiene relación con la luz y el resplandor. El ojo establece la relación entre el mundo exterior y el sujeto; es por su intermedio que la luz y las formas se revelan a nuestra conciencia. La idea dominante expresada por esta letra será la de "relación" y también la de "reunión de los opuestos". Mucho es lo que ya hemos hablado sobre la vau, sin embargo, creemos útil y necesario dar "in extenso" el estudio realizado por Fabre D'Olivet sobre esta letra;

"Esta letra es la imagen del misterio más profundo e inconcebible, la imagen del nudo que reúne o del punto que separa la nada del ser. Es el signo de conversión universal, el signo que sirve para pasar de una naturaleza a otra comunicando de un lado con el signo de la luz y del sentido espiritual (vau con punto), que es su aspecto más elevado, y uniéndose por otra parte, en su aspecto degenerativo, al signo de las tinieblas y del sentido material Aïn (γ), que es su aspecto más bajo."

La vau es la segunda letra simple, que representa astronómicamente el segundo signo del zodiaco: Taurus.

LA SEXTA LÁMINA DEL TAROT

LOS ENAMORADOS:



Este símbolo debe traducir las ideas de reunión y de antagonismo con todas sus consecuencias.

Un joven imberbe (el mago del arcano 4) descubierto, está de pie, inmóvil en la encrucijada de dos caminos. Sus brazos se hallan cruzados sobre el pecho formando la cruz diagonal.

Nuevo aspecto del arcano 1. Ya no se trata de un iniciado. Este ignora el procedimiento que permite dirigir las corrientes magnéticas de la luz astral; por esto se halla perplejo en la oposición de las ideas antagónicas que es incapaz de gobernar.

Dos mujeres, una a la derecha, otra a la izquierda, apoyan una mano sobre sus hombros, mientras le señalan con la otra los dos caminos que puede recorrer. La mujer de la derecha ciñe un círculo de oro sobre su frente, mientras que la de la izquierda se halla despeinada y coronada con pámpanos.

Los brazos del mago representan el positivo y el negativo; las dos columnas del templo de Isis (la necesidad y la libertad) están personificadas en las dos mujeres (las que representan también el vicio y la virtud).

De acuerdo a la senda elegida, el joven podrá transformarse en el mago iniciado del arcano 1, o en el imprudente fulminado del arcano 16.

Encima de este grupo, el genio de la justicia, planeando en una aureola fulgurante, tiende su arco y dirige hacia la mujer que personifica el vicio la flecha del castigo.

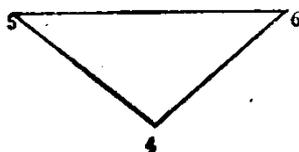
Simbolismo profundo que indica que si el hombre elige la senda de la virtud, será ayudado por la providencia para vencer el mal.

En resumen, todos estos jeroglíficos traducen la lucha entre las pasiones y la conciencia, el antagonismo de las ideas. Pero este antagonismo, cuando se transmuta en amor, constituye una fuerza poderosa (en virtud de la cual se reúnen los opuestos).

Esta lámina debe ser considerada bajo dos aspectos diferentes. Ambos nos llevarán a la misma conclusión.

Primer aspecto: como 3 del 4, es decir como representando al arcano 4 o reflejo de 1 considerado en sus relaciones de unión.

Segundo aspecto: como equilibrando a 4 y 5 tal como lo enseña el triángulo formado por el segundo ternario.



Cada carta equilibra a las otras dos.

El 4 equilibra el 5 y el 6.

El 5 equilibra el 4 y el 6.

El 6 equilibra el 4 y el 5.

De aquí los siguientes significados:

En lo divino. Equilibrio de la voluntad y de la inteligencia:

LA BELLEZA

(característico del Espíritu Santo)

En lo humano. Equilibrio del poder y de la autoridad:

EL AMOR

(característico de la humanidad)

La Caridad

En lo natural. Equilibrio del alma universal y de la vida universal.

LA ATRACCIÓN UNIVERSAL

El amor universal

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El Ojo, La Oreja

CÁBALA: Tiphereth

ASTRONOMÍA: El Toro

MES: Abril

LETRA HEBRAICA: vau simple

SIGNIFICADOS:

Equilibrio de la voluntad y de la inteligencia

LA BELLEZA

Equilibrio del poder y de la autoridad

EL AMOR

LA CARIDAD

Equilibrio del alma universal y de la vida universal

LA ATRACCIÓN UNIVERSAL

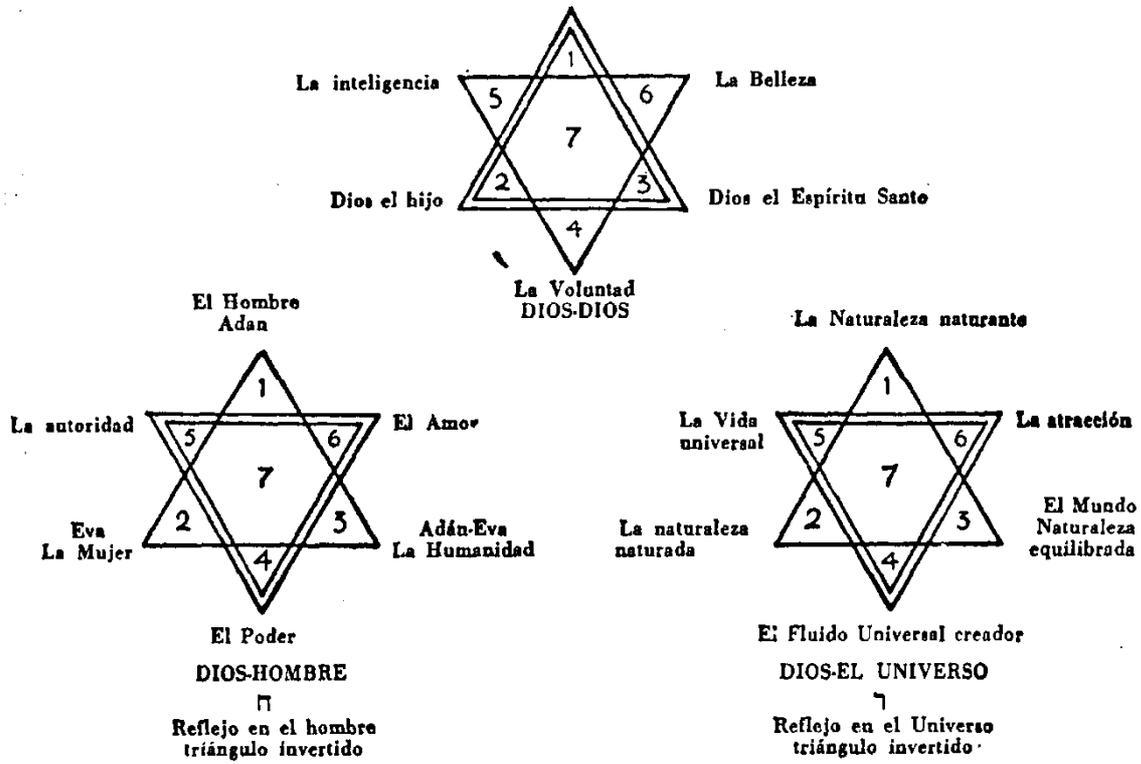
o

EL AMOR UNIVERSAL

1° SEPTENARIO

CONSTITUCIÓN DE DIOS

DIOS- DIOS o DIOS EL PADRE



Al amigo Marc Haven
El biógrafo de CAGLIOSTBO

CAPÍTULO XI

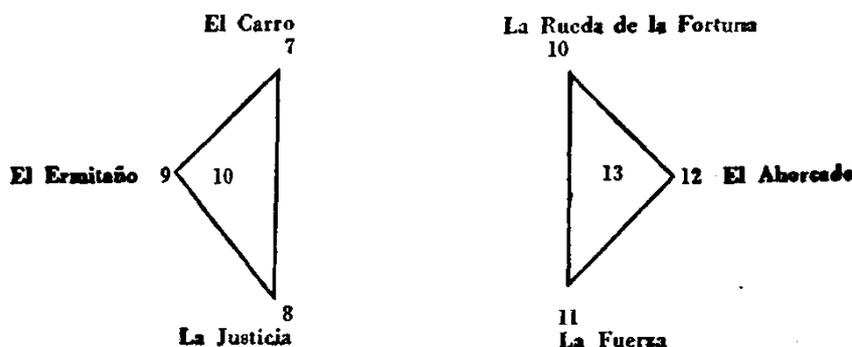
2º SEPTENARIO — ARCANO 7 AL 13

ANDROGONÍA

Clave del segundo septenario — La zaïn y el Carro — La heth y la Justicia — La teth y el Ermitaño — La iod y la Rueda de la Fortuna — La caph y la Fuerza — La lamed y el Ahorcado — Resumen del segundo septenario — Constitución del Hombre.

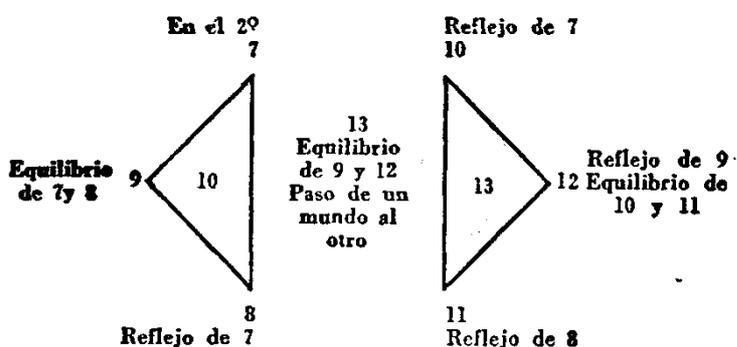
CLAVE DEL SEGUNDO SEPTENARIO

DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS PARA SU ESTUDIO



CARÁCTER DE LAS FIGURAS

Influencia del 1º septenario



El primer septenario nos ha enseñado el mundo de los principios o de la creación en todos sus aspectos; estudiaremos ahora el mundo de las leyes o de la conservación.

7° LETRA HEBRAICA (ZAYN)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SÉPTIMA LAMINA DEL TAROT

La zaïn expresa, jeroglíficamente, una flecha. De aquí las ideas de "arma", o instrumentos utilizados por el hombre para "dominar", "vencer" y realizar sus fines. La zaïn expresa la victoria en todos los mundos. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal "Los Gemelos".

SÉPTIMA LAMINA DEL TAROT EL CARRO

EL CARRO



El simbolismo de esta lámina concuerda exactamente con las ideas que debe expresar. Sobre un carro de forma cúbica, cubierto por un dosel de color azul tachonado de estrellas y sostenido por cuatro columnas, avanza un triunfador coronado con un círculo, sobre el cual relumbran tres pentagramas de oro.

Este símbolo reproduce, en un nuevo orden de ideas, el arcano 1 y el 22. Las cuatro columnas corresponden a los cuatro animales del arcano 22 y a los cuatro símbolos del arcano 1; expresan el cuaternario en todas sus acepciones.

El triunfador —que ocupa el centro de los cuatro elementos— es el hombre que ha vencido y que dirige las fuerzas elementales; esta victoria se halla confirmada por la forma cúbica del carro, como asimismo por los pentagramas que coronan al iniciado.

El triunfador ostenta sobre su coraza tres escuadras superpuestas. Lleva sobre las espaldas el "urim" y el "thumin" del soberano sacrificador, figurado por los dos crecientes; esgrime el cetro terminado por un globo, un cuadrado y un triángulo. En el frente del carro se halla el lingham indio sobre el cual se divisa la esfera volante de los egipcios. Dos esfinges, una blanca, la otra negra, se hallan enganchadas al carro.

Tal es la representación del septenario sagrado en todas sus manifestaciones. El nombre "iod hé vau hé" está representado en la parte delantera del carro por el globo alado para indicar que el

septenario da la clave total del Tarot. Las dos esfinges corresponden a los dos principios: activo y pasivo. El triunfador corresponde sobre todo a la "espada" y a la "vau" del nombre sagrado.

La 7ª lámina del Tarot muestra la influencia de la creación en la conservación, de lo divino en lo humano. Representa también la "iod" o el Dios del segundo septenario.

El Dios del 2º septenario

El hombre como función del Dios creador.

EL PADRE

La ley del 2º septenario.

LA REALIZACIÓN

(reflejo del poder)

El hombre del 2º septenario.

La naturaleza haciendo funciones de Adán

.

LA LUZ ASTRAL

Apenas se opera el pasaje de un mundo al otro, vemos surgir la misma ley del primer septenario. El tercer término de esta serie será el reflejo del primero, así como el segundo término de la primera serie reflejaba también aquél. No obstante, como el segundo septenario constituye el término medio de los otros dos, hallaremos en el fondo de todos estos arcanos la idea de mediación o equilibrio. Es precisamente lo que nos mostrará la octava lámina.

8º LETRA HEBRAICA (HETH)

𐤀

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA OCTAVA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la heth expresa un campo. De aquí la idea de todo lo que exige trabajo, pena o esfuerzo.

De la continuidad del esfuerzo surge el equilibrio entre la destrucción (resultado de la acción fatal de la naturaleza) y la conservación de las obras del hombre. De estos conceptos dimana la idea de "poder equilibrante" y de justicia, conferida a esta letra.

La correspondencia astronómica de la letra heth, es el signo zodiacal Cáncer.

LA OCTAVA LAMINA DEL TAROT LA JUSTICIA



El contenido de este símbolo y, en consecuencia, lo que debe de expresar, es la idea de "equilibrio" en todas sus formas.

Una mujer, representada de frente, se halla sentada en un trono, entre las dos columnas del templo. Sobre su frente ciñe una corona de hierro y sobre su pecho se destaca la cruz estelar.

Hallamos aquí de nuevo el simbolismo de los arcanos 2 y 5. El hecho de que la mujer se halla situada entre las dos columnas traduce la primera idea de equilibrio: El equilibrio entre el bien y el mal.

En la mano derecha empuña la espada, cuya punta está dirigida hacia arriba; en la mano izquierda sostiene una balanza.

La ciencia oculta (2), teórica hasta hoy, adquiere un valor práctico a través de la enseñanza oral. Esta ciencia se muestra ahora en todo el rigor de sus consecuencias —terrible para el falso mago (la espada), más justa para el verdadero iniciado (la balanza)—. Este arcano ocupa —desde el punto de vista de su significado— una posición intermedia entre los arcanos 5 y 11.

Esta lámina es la complementaria de la undécima (así como la quinta lo era de la décima). En el primer septenario todas las láminas cuya suma era 7 se explicaban recíprocamente, en el segundo septenario, ocurre lo mismo con todas aquellas que suman 19.

7 12

El Carro se complementa por El Ahorcado

$$7 + 12 = 19$$

$$19 = 10 = 1$$

8 11

La Justicia se complementa por La Fuerza

$$8 + 11 = 19$$

9 10

El Ermitaño se complementa por La Rueda de la Fortuna

$$9+10=19$$

La octava lámina del Tarot traduce el aspecto "conservador" de la segunda lámina. Sintetiza las ideas de la segunda y de la quinta lámina, además constituye el reflejo de la séptima. Representa:

1° *En lo divino*. Dios el hijo, del segundo septenario.

La mujer como función de Dios el hijo.

LA MADRE

Reflejo del Padre. Conservador de Dios el hijo en la humanidad.

2° Ley pasiva del segundo septenario.

LA JUSTICIA

Reflejo de la realización y de la autoridad.

3° La mujer del segundo septenario. La naturaleza en función de Eva.

LA EXISTENCIA ELEMENTAL

Reflejo de la luz astral. Conservación de la naturaleza naturalada en el mundo.

La existencia elemental es el medio en virtud del cual el fluido animador astral o "luz astral" (7) se manifiesta al través del éter o "materia astral" (9). Es lo que nos demostrará el arcano siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: Un Campo

CÁBALA: Nizah

ASTRONOMÍA: Cáncer

SIGNIFICADOS:

La mujer como función de Dios el hijo

LA MADRE

LEY

LA JUSTICIA

La Naturaleza como función de Eva

LA EXISTENCIA ELEMENTAL

9º LETRA HEBRAICA (TETH)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA NOVENA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la teth representa un "techado". De aquí las ideas de protección, lugar seguro, etc. Todas las ideas que despierta esta letra derivan de la unión entre la seguridad y la protección, por intermedio de la sabiduría. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal Leo.

NOVENA LÁMINA DEL TAROT

EL ERMITAÑO



Las ideas que esta lámina debe sugerir, son:

1º Protección.

2º Sabiduría, circunspección.

Un anciano camina apoyándose sobre un bastón; sostiene con la mano derecha una lámpara cuya luz se halla semioculta entre los pliegues del manto que lo cubre.

Este símbolo ocupa un lugar intermedio entre el sexto y el duodécimo arcano. La protección se halla simbolizada en el manto que cubre al anciano. La sabiduría por la lámpara semioculta. El bastón indica que el sabio se halla siempre armado para luchar contra la injusticia y el error.

Si comparamos esta lámina con la sexta y la duodécima, veremos que el joven imberbe de la sexta lámina se ha decidido por el buen camino. La experiencia adquirida en el diario vivir lo ha convertido en un anciano prudente, y ésta, unida a la sabiduría lo conduce al elevado fin que se ha propuesto (lámina 12). La flecha del genio de la sexta lámina, se ha transformado en su bastón, y la aureola que envolvía a este genio se halla ahora encerrada en la lámpara que guía al iniciado; tal es el resultado de su esfuerzo continuado.

La novena lámina del Tarot representa a la tercera, concebida en su sentido "conservador" y "receptor". Además equilibra la séptima y la octava lámina.

1º La humanidad como función de Dios el Espíritu Santo. La fuerza humana creadora.

EL AMOR HUMANO

Potencia conservadora de la humanidad. Equilibrio entre el padre y la madre. *

2º Equilibrio entre la realización y la justicia.

LA PRUDENCIA (Callarse)

3º La naturaleza como función de la humanidad. Equilibrio entre la luz astral y la existencia elemental.

LA FUERZA CONSERVADORA NATURAL El Fluido Astral

Por lo tanto, el fluido astral representa la conservación universal de las fuerzas que actúan en la naturaleza. Con esto concluye el primer ternario del septenario de la conservación. Veremos ahora el reflejo de estos términos en el ternario siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: Un techo

CÁBALA: Iesod

ASTRONOMÍA: Leo

MES: Julio

LETRA HEBRAICA: Teth (simple)

SIGNIFICADOS:

La Humanidad como función de Dios,

el Espíritu Santo

EL AMOR HUMANO

LA PRUDENCIA

Callarse

La Fuerza Conservadora Natural

EL FLUIDO ASTRAL

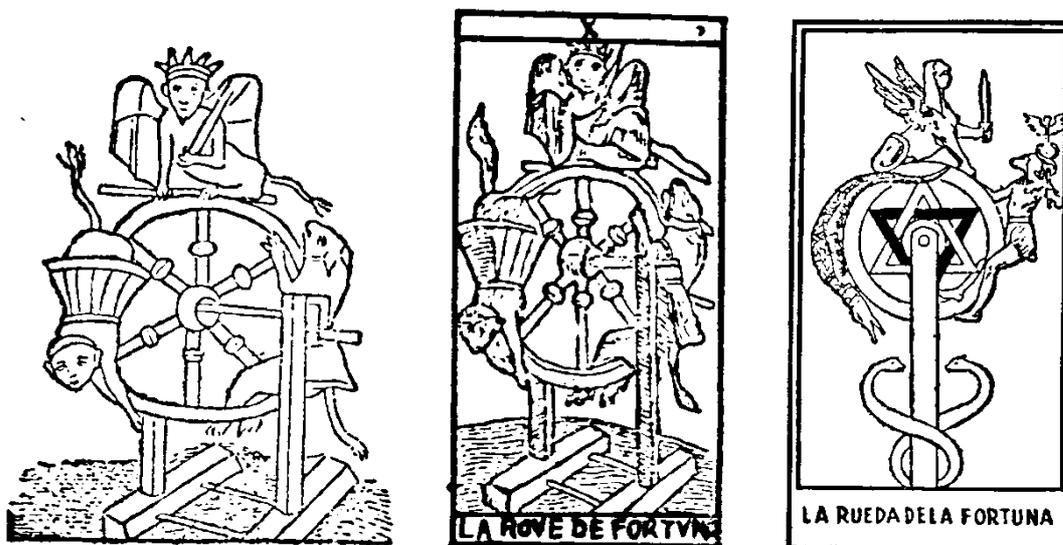
10ª LETRA HEBRAICA (IOD)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la iod representa el dedo del hombre, el índice en ademán de ordenar. Por esto es que esta letra se ha transformado en la imagen de la manifestación potencial, de la duración espiritual, en fin, de la eternidad de los tiempos y de todas aquellas ideas que con ella se relacionan.

La iod es un letra simple. Corresponde astronómicamente al signo zodiacal Virgo.

DÉCIMA LÁMINA DEL TAROT



LA RUEDA DE LA FORTUNA

Dos ideas principales deben ser expresadas por este símbolo:

- 1º La idea de mando, de supremacía.
- 2º La idea de duración, de la eterna acción del tiempo.

La rueda de la fortuna gira sobre un eje. A la derecha está Hermanubis, genio del bien ascendente; a la izquierda Typhon, genio del mal descendente; en la parte superior y en el medio, la Esfinge en equilibrio, la cual aprisiona una espada entre sus garras de león.

La idea primera queda expresada por el ternario: Hermanubis o positivo, Typhon o negativo, la Esfinge o equilibrio dominante.

La segunda idea se halla expresada por la rueda, cuya circunferencia carece de comienzo y de fin: símbolo de la eternidad.

El arcano 10 ocupa un lugar intermedio entre el 7 y el 13:

$$7 + 13 == 20; 20/2 == 10$$

y expresa el equilibrio incesante que atempera la realización creadora del septenario por la destrucción necesaria de la muerte (arcano 13). Los arcanos 7, 10 y 13 corresponden exactamente a la trinidad hindú o TRIMURTI:

Brahma	Creador	Arc. 7
Siva	Destructor	Arc. 13
Vichnou	Conservador	Arc. 10

Es la representación del curso de los acontecimientos según la ley ternaria que dirige las manifestaciones divinas.

La décima lámina del Tarot es el comienzo de la porción negativa del segundo septenario. En consecuencia expresará a éste en sus reflejos.

1º Reflejo de la voluntad (Arc. 4).

LA NECESIDAD

EL KARMA de los hindúes

2º Reflejo del poder y de la realización.

LA POTENCIA MÁGICA

La fortuna (Voluntad)

3º Reflejo del alma universal.

LA FUERZA EN POTENCIA DE MANIFESTACIÓN

La fuerza creadora absoluta se ha diferenciado, sucesivamente en el fluido animador universal (arc. 4); la luz astral (arc. 7) está ahora representada por la fuerza en potencia de manifestación. Veremos manifestarse esta fuerza en el arcano siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El Índice

CÁBALA: Malchut

ASTRONOMÍA: Virgo

MES: Agosto

LETRA HEBRAICA: Iod (simple)

SIGNIFICADOS:

LA NECESIDAD

El Karma de los hindúes

LA POTENCIA MÁGICA

La Fortuna

Reflejo del alma universal

LA FUERZA EN POTENCIA

DE MANIFESTACIÓN

11° LETRA HEBRAICA (CAPH)

»

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA UNDÉCIMA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la caph representa la mano del hombre, semi-cerrada y en actitud de aprehender un objeto, tal como la letra ghimel.

Mas la caph es algo así como una expresión más enérgica de ghimel, por esto es que se la puede definir también como la acción de "apretar con fuerza". Resulta de esta última idea que la letra caph debe traducir o expresar, siempre, el concepto de fuerza.

El número 11, el que le sigue a la década, modifica el valor de la caph en su sentido de aplicación, pues este número traduce el concepto de "vida refleja y pasajera" (algo así como una muela que recibe y devuelve todas las formas).



LA FUERZA:

Esta carta se deriva de la letra heth (arc. 8) que a su vez deriva de la vida absoluta hé (arc. 5). En consecuencia, desde el punto de vista de la vida elemental (arc. 8) une al significado del carácter heth la del signo orgánico ghimel (arc. 3), del cual no es —por otra parte— más que una especie de refuerzo. Astronómicamente la letra caph corresponde al planeta Marte y al día martes.

Este arcano debe expresar dos ideas:

1° La idea de fuerza.

2º La idea de vitalidad.

Una joven cierra sin esfuerzo aparente, la boca de un león (primera idea). En la parte superior, sobre su cabeza lleva el signo vital (segunda idea).

El arcano 11 ocupa el término medio entre el 8 y el 14. Volvemos a encontrar en él el simbolismo del arcano 8 aplicado al plano físico. Representa la imagen del poder que concede la ciencia sagrada (arc. 2) aplicado con justicia (arc. 8).

La undécima lámina del Tarot nos muestra todos los aspectos negativos o reflejos de la quinta, es decir:

Iº Reflejo de la inteligencia (arc. 5):

LA LIBERTAD

2º Reflejo de la autoridad, de la fe:

EL CORAJE (osar)

3º Reflejo de la vida universal. Manifestación de la fuerza:

LA VIDA REFLEJADA Y PASAJERA

La fuerza, que hasta entonces se hallaba en potencia de manifestación, se ha manifestado en el arcano 11; se equilibrará más tarde en el arcano siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La mano en la acción de apretar

ASTRONOMÍA: Marte

DÍA: Martes

LETRA HEBRAICA: Caph (doble)

SIGNIFICADOS:

Reflejo de la inteligencia

LA LIBERTAD

Reflejo de la autoridad, de la fe

EL CORAJE

(osar)

Reflejo de la vida universal

LA VIDA REFLEJA Y PASAJERA

12º LETRA HEBRAICA (LAMED)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DUODÉCIMA LAMINA DEL TAROT

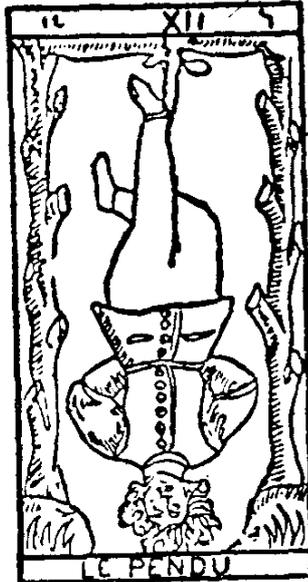
Jeroglíficamente, la lamed representa el brazo. Pero esto designa cualquier cosa que se eleva, se extiende o se despliega, como el brazo. Es el signo del movimiento expansivo. Este signo se aplica a todas las ideas de extensión, ocupación y posesión. Finalmente es la imagen del poder que resulta de la elevación.

La expansión divina en la humanidad se realiza por los profetas y por la revelación. De aquí surge la idea de "ley revelada".

Mas la ley revelada conlleva la idea de castigo para todo aquel que la viole, o la elevación para aquel que la comprende; por lo tanto le corresponden los conceptos de castigo, de muerte violenta, voluntaria o no.

La lamed, letra simple, corresponde astronómicamente al signo zodiacal Libra.

DUODÉCIMA LÁMINA DEL TAROT



EL COLGADO:

Un hombre se halla suspendido por un pie a una horca, sostenida por dos árboles, cada uno de los cuales ostenta seis ramas cortadas. Las manos del ahorcado se hallan atadas a la espalda; sus brazos forman la base de un triángulo invertido, cuyo vértice lo ocupa la cabeza. Los ojos están abiertos, sus rubios cabellos flotan al viento libre. La pierna derecha forma una cruz con la izquierda.

Encontramos de nuevo aquí al sujeto de los arcanos 1, 6 y 7 cuyas transformaciones conocemos ya. Semejante al sol, situado en el medio de los signos zodiacales (seis de cada lado; las ramas cortadas) nuestro joven audaz se halla todavía suspendido entre dos decisiones, de las cuales nacerá no ya su porvenir material —como en el arcano 6— sino su porvenir espiritual.

El arcano 12 ocupa el término medio entre el 9 (la sabiduría) y el 15 (la fatalidad). Estos dos últimos arcanos representan las dos mujeres del arcano 6, desde el punto de vista espiritual.

Este ahorcado sirve de ejemplo a los audaces, y señala la disciplina, la sumisión absoluta con que el hombre debe respetar lo divino.

Desde el punto de vista alquímico, el ahorcado es el símbolo de la personalidad (la cual se halla representada en el triángulo invertido, sobre cuya base se asienta la cruz).

En el grado hermético de la Rosa Cruz (18° de la Masonería Escocesa) uno de los signos de reconocimiento consiste en cruzar la pierna izquierda sobre la derecha, tal como se lo ve en el ahorcado hermético. Nos parece inútil destacar la ignorancia absoluta de la masonería respecto de este símbolo.

La lámina 12 del Tarot representa la potencia equilibrante por excelencia. Neutraliza los opuestos caracterizados por la décima y la undécima lámina.

1° Equilibrio entre la necesidad y la libertad:

LA CARIDAD

LA GRACIA

(Potencia conservadora del amor)

2° Equilibrio entre el poder y el coraje. Reflejo de la prudencia:

LA EXPERIENCIA ADQUIRIDA

(Saber)

3° Equilibrio entre la manifestación potencial (arc. 10) y la vida refleja (arc. 11). Reflejo del fluido astral:

LA FUERZA EQUILIBRANTE

La fuerza que atempera es el último término del segundo septenario. Mediante la acción de esta fuerza "lo astral" se realizará para pasar a lo físico, y también para pasar del mundo de la conservación y de la recepción (2° septenario), al mundo de la transformación (3° septenario).

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El brazo extendiéndose

ASTRONOMÍA: Libra

MES: Septiembre

LETRA HEBRAICA: Lamed (simple)

SIGNIFICADOS:

LA CARIDAD

La gracia

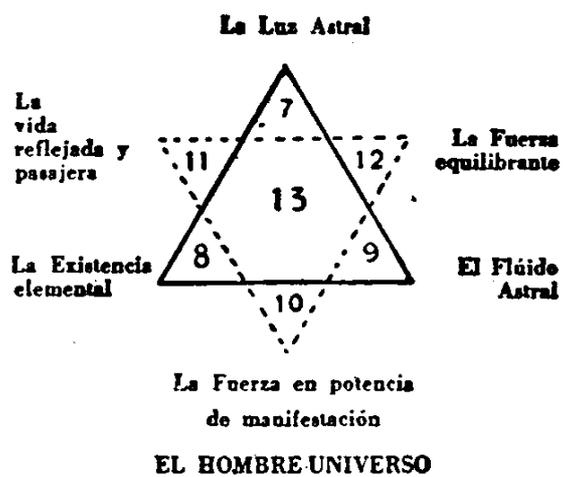
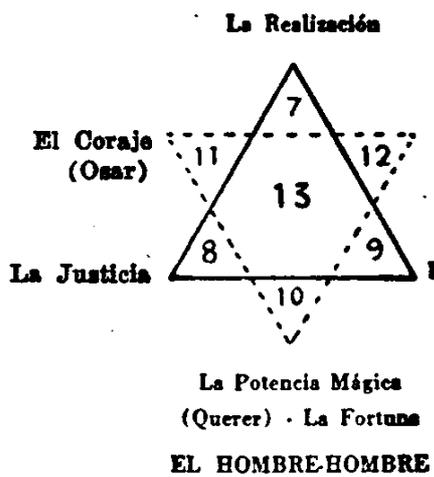
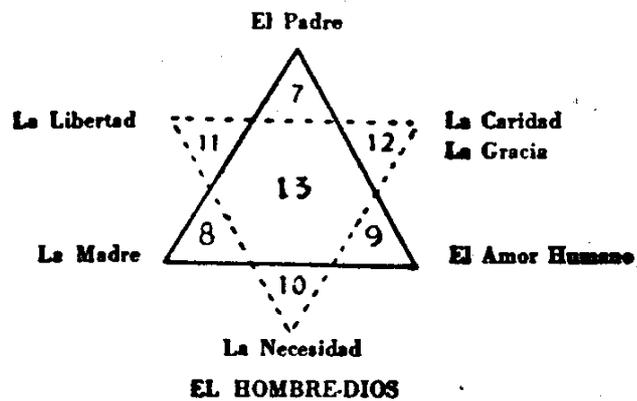
LA EXPERIENCIA ADQUIRIDA

(Saber)

LA FUERZA EQUILIBRANTE

2º SEPTENARIO

CONSTITUCIÓN DEL HOMBRE



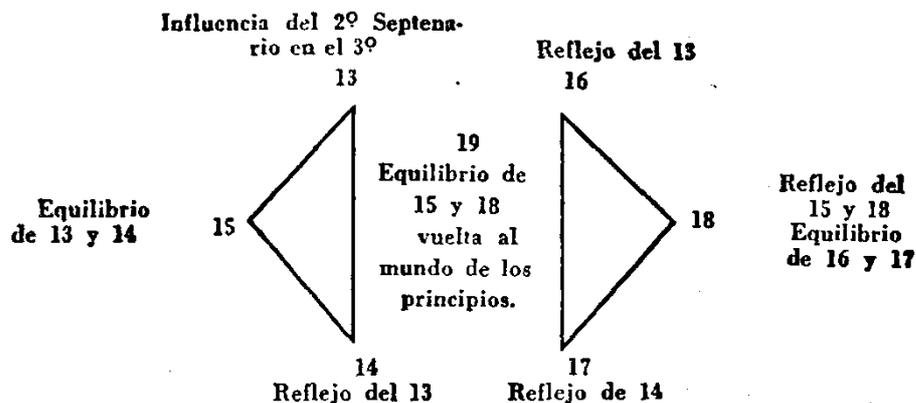
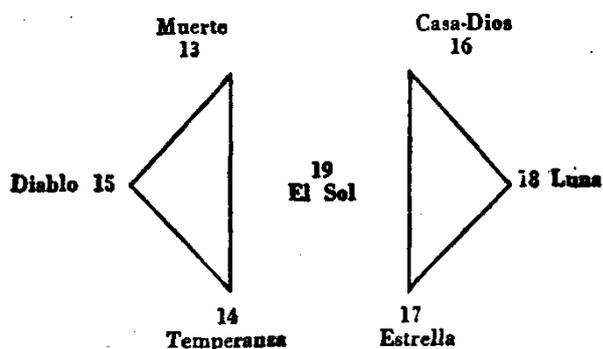
Al autor de la "Historia del Diablo", M. Jules Baissac.

CAPÍTULO XII

3º SEPTENARIO — ARCANOS 13 y 19 COSMOGONÍA

Llave del tercer septenario — La mem y la Muerte — La noun y la Templanza — La samech y el Diablo — La Gnain y la Casa de Dios — La tsade y la Luna — Resumen del tercer septenario — Constitución del Universo.

CLAVE DEL TERCER SEPTENARIO DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS



El primer septenario nos ha mostrado el "mundo de los principios" o de la creación. El segundo nos ha desarrollado el "mundo de las leyes" o de la conservación. El tercero nos enseñará el "mundo de los hechos", de la transformación. Veremos ahora cómo se establece la circulación entre los dos primeros septenarios.

13° LETRA HEBRAICA (LA MEM)

מ

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOTERCERA LÁMINA DEL TAROT

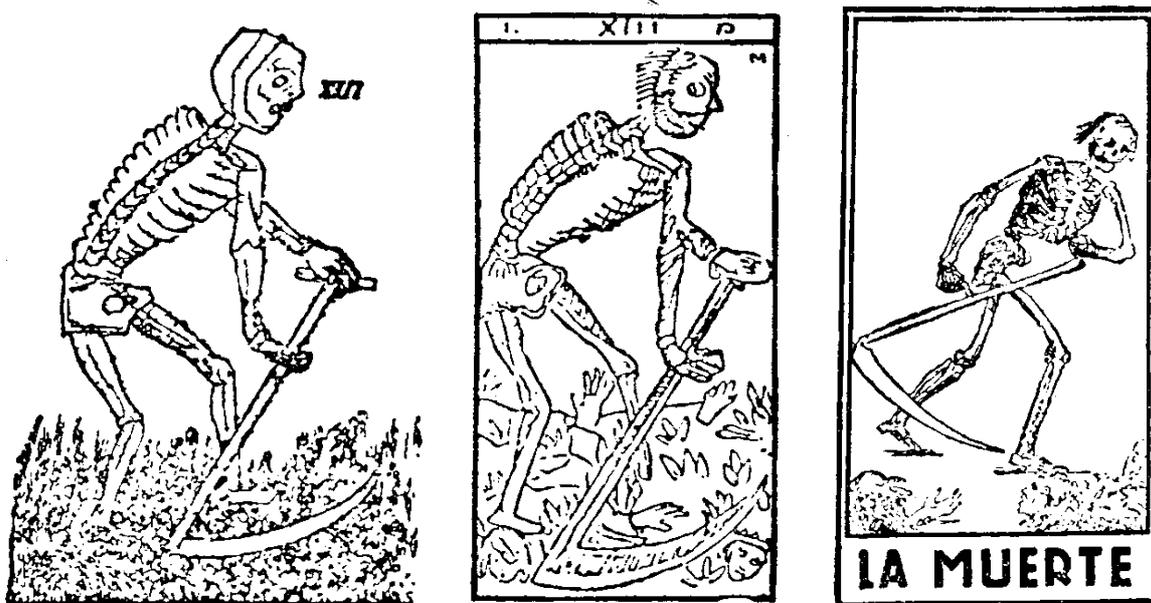
Jeroglíficamente la mem designa a la mujer, compañera del hombre. Por lo tanto evoca la idea de todo lo que es fecundo y capaz de crear. Constituye el signo maternal y femenino por excelencia, el signo local y plástico, imagen de la acción exterior y pasiva. Su uso al final de los nombres, adquiere una significación colectiva, pues desarrolla al ser en el espacio indefinido.

Dado que la creación exige una destrucción correspondiente y de sentido contrario, la mem ha figurado también las regeneraciones nacidas de la construcción anterior, es decir las transformaciones y, en consecuencia, la muerte (concebida como el pasaje de un mundo a otro).

La mem es una de las tres letras madres.

DECIMOTERCERA LAMINA DEL TAROT

LA MUERTE



Las ideas que este arcano debe expresar son las de la destrucción, precediendo o siguiendo a la regeneración. Un esqueleto sesga las cabezas de un campo, del cual surgen por todas partes pies y manos de hombres, a medida que el esqueleto prosigue su obra.

Las obras de la cabeza (concepción) se vuelven inmortales tan pronto han sido realizadas (manos y pies).

El arcano 13 ocupa el justo medio entre el arcano 10 (la fortuna) y el 16 (la destrucción).

$$10+16 = 26 ; 26/2 = 13$$

Trece, es pues, el término medio entre la iod (principio de la creación) y la hain (principio de la destrucción).

El arcano 18 es el complementario del 13, así como el 5 lo es del 12, y el 12 del 7. (Ver arcanos 8 y 5.)

13 18

La muerte se completa con La Luna

$$13 + 18 = 31$$

$$31 = 4 = 10 = 1$$

14 17

La Temperanza se completa con Las Estrella

$$14 + 17 = 31$$

15 16

El Diablo se completa con La Destrucción

$$15 + 16 = 31$$

La decimotercera lámina del Tarot está ubicada entre el mundo invisible y el visible. Resulta así ser el lazo universal de la naturaleza, el medio en virtud del cual las influencias reaccionan de un mundo sobre el otro. Representa:

1° Dios el transformador:

EL PRINCIPIO TRANSFORMADOR UNIVERSAL

Destructor y Creador

2° El negativo de la realización:

LA MUERTE

3° La luz astral como función del creador:

LA FUERZA PLÁSTICA UNIVERSAL

(Equilibrio entre la muerte y la fuerza transformadora)

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La Mujer

LETRA HEBRAICA: Mem (una de las tres letras madres)

SIGNIFICADOS:

EL PRINCIPIO TRANSFORMADOR UNIVERSAL

Destructor creador

LA MUERTE

LA FUERZA PLÁSTICA UNIVERSAL

14ª LETRA HEBRAICA (NOUN)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOCUARTA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la noun expresa el producto de la mujer, es decir un hijo, un fruto; y, en general, cualquier ser creado. Esta letra se ha transformado en la imagen del ser creado o reflejado, el signo de la existencia individual y corporal. Al final de un nombre, constituye el signo aumentativo, confiriéndole la extensión individual que la cosa representada puede alcanzar. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal SCORPIUS.

Resumiendo: la noun personifica el producto de cualquier combinación, el resultado de la acción de las fuerzas ascendentes o creadoras y de las descendentes o destructivas (simbolizadas por la estrella de Salmón).

DECIMOCUARTA LAMINA DEL TAROT

LA TEMPLANZA



He aquí las ideas que este símbolo debe expresar:

- 1º La combinación de los fluidos.
- 2º La individualización de la existencia.

El genio del sol vierte desde un cántaro de oro a otro de plata las esencias fluídicas de la vida (primera idea).

Estas esencias pasan de uno a otro vaso sin verter una sola gota (segunda idea).

La lámina 14 representa a la joven del arcano 11, que volveremos a hallar en la 17. La corriente vital, representada en el arcano 11 por el símbolo que ostenta sobre la cabeza, pasa aquí de un cántaro al otro; en el arcano 17 veremos la expansión de esta corriente.

La decimocuarta lámina del Tarot nos muestra los fluidos que circulan en la naturaleza.

1º Combinación de los fluidos y de los pasivos. Introducción del espíritu en la materia y reacción e la materia sobre el espíritu:

INVOLUCIÓN

2º Reflejo de la justicia en el mundo material:

LA TEMPERANZA

3º Fijación de la vida refleja. Encarnación de la vida:

LA VIDA INDIVIDUAL Y CORPORAL

RELACIONES:

JERoglífico PRIMITIVO: Un fruto

ASTRONOMÍA: Escorpio

MES: Octubre

LETRA HEBRAICA: Noun (simple)

SIGNIFICADOS:

LA INVOLUCIÓN

El Espíritu desciende en la materia

LA TEMPERANZA

LA VIDA INDIVIDUAL Y CORPORAL

15ª LETRA HEBRAICA (SAMECH)

ב

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOQUINTA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la samech expresa las mismas ideas de la zaïn, es decir una flecha, un arma cualquiera; mas en este caso la idea se completa mediante una nueva concepción: el movimiento circular realizado por la misma, lo que presupone que cualquier objeto en movimiento tendrá como signo representativo a la flecha (si este movimiento es circular). Ahora bien: el límite del círculo es la circunferencia; por lo tanto es la circunferencia la que delimita la superficie o área circunscripta por ella.

Esta idea de una circunferencia, cuyos límites no pueden ser sobrepasados, es lo que ha dado pie al concepto de destino, de fatalidad (superficie del círculo sobre la cual juega libremente la voluntad humana, pero cuya circunferencia señala el dominio del destino). La serpiente que se muerde la cola, es el símbolo que traduce el concepto anterior, al mismo tiempo que la imagen del año (anillo), y de las revoluciones fatales y determinadas de los tiempos.

La samech constituye el lazo (zaïn) reforzado y replegado sobre sí mismo. Como letra simple corresponde al signo zodiacal Sagitario.

DECIMOQUINTA LAMINA DEL TAROT EL DIABLO



En todas las cosmogonías, el diablo representa esa misteriosa fuerza astral cuyo origen revela el jeroglífico que caracteriza a samech. Una observación atenta del símbolo nos permitirá encontrar

los mismos datos que hemos hallado ya en diversas láminas del Tarot, pero presentadas bajo un nuevo aspecto. En efecto, colocad al mago al lado del diablo y no tardaréis en descubrir que los brazos de ambos personajes realizan el mismo gesto, mas de una manera invertida. El mago dirige su mano derecha hacia el Universo y la izquierda hacia Dios; el diablo, en cambio, eleva la derecha hacia el cielo y la izquierda hacia la tierra. En lugar de la varita mágica e iniciatriz del mago, el diablo muestra la antorcha encendida, símbolo de la magia negra y de la destrucción.

Al lado del diablo, y equilibrados por él, se hallan dos personajes (que reproducen el mismo símbolo de las dos mujeres del arcano 6 —El enamorado—), y que también se hallan representados por los montantes de la horca del ahorcado (arc. 12).

La fuerza animatriz universal, representada por el arcano 3, se ha transformado aquí en la fuerza destructora universal. El cetro de Venus-Urano se ha transformado en la antorcha del demonio y las alas del ángel en los odiosos alones del Dios del mal.

El arcano 3 simboliza el Espíritu Santo o la providencia de Fabre D'Olivet.

$$15+3 = 18 ; 18/2 = 9$$

El arcano 9, término medio entre ambas figuras, simboliza la prudencia o la voluntad humana de Fabre D'Olivet.

El diablo ha materializado sobre su cabeza el fluido universal que envolvía la cabeza del mago, tal como lo demuestra los dos cuernos (los cuales muestran seis puntas cada uno) que lo decoran. Se halla sentado sobre un cubo que descansa sobre una bola, para indicar el dominio de la materia (cubo) sobre el espíritu (la esfera).

Del simbolismo de la 15ª lámina del Tarot se obtienen los siguientes significados:

- 1º EL DESTINO (el azar)
- 2º LA FATALIDAD, resultado de la "caída" de Adán-Eva.
- 3º El fluido astral que individualiza.
- NAHASH, el guardián del umbral

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La Serpiente

ASTRONOMÍA: Sagitario

MES: Noviembre

LETRA HEBRAICA: Samech (simple)

SIGNIFICADOS:

EL DESTINO

El azar

LA FATALIDAD

Resultado de la caída de Adán-Eva

NAHASH

El Dragón del umbral

CÓMO COMBATIR LOS MALEFICIOS

I

El maleficio consciente y el maleficio inconsciente

El maleficio, embrujamiento o hechizo es el envenenamiento - o tentativa de envenenamiento - del astral de un ser por el odio o rencor de otro. Hablar mal de un ausente, tratar de perjudicarlo sin saberlo él, son maleficios verbales. Pensar que le ocurra alguna desgracia a un ser al que se cree demasiado feliz, es un maleficio mental.

A todo esto se le puede denominar el maleficio inconsciente. Junto a éste existe el maleficio consciente, practicado por ignorantes o seres miserables que esperan sacar dinero del odio, que no saben la terrible responsabilidad en la que incurren y el mal que hacia ellos mismos se atraen. Viene a ser algo así como el desgraciado que ama con locura a una mujer y la mata por celos, para evitar que pertenezca a otro, privándose él mismo del objeto de su amor y haciéndose condenar a largos meses de cárcel. Tal es la característica del maleficio: tratar de sembrar alrededor de seres felices la desgracia terrestre por medio del pensamiento o por la acción. Siempre hemos pretendido que era muy difícil realizar en la Tierra un verdadero maleficio sobre seres que viven mas o menos normalmente su vida, puesto que en la Tierra somos todos nosotros débiles y pecadores.

He dicho ya que si el maleficio existiese hasta el punto en que se lo imaginan aquellos que obran en el mal, no habría en todo París un solo alguacil con vida. El ser humano, incluso cumpliendo funciones repelentes como las de verdugo, pocero de pozos muertos o alguacil, representa cierto papel que debe ser desempeñado por alguien, y este papel tiene sus guardianes invisibles, así como a la vez cada uno de los seres humanos tiene también sus guardianes que impiden las acciones nocivas ocultas.

Aquel que practica el máximo bien, que solo tiene, diariamente, los doce o catorce accesos de egoísmos compatibles con la vida humana normal, aquel que tiene confianza en el invisible y en su constante ayuda, no tiene nada que temer de los hechiceros ni del maleficio.

Existen, sin embargo, muchos cerebros débiles, pecadores ciegos, reencarnados desventurados, muchos individuos que han pensado más de una vez en querer mal a sus vecinos, si pudieran llevarlo a cabo, y que no lo han hecho solamente por la ignorancia que de los medios adecuados tienen. Todos ellos han abierto la puerta al fluido de odio, y pueden ser el objeto de acciones nocivas ocultas.

Como sea que la justicia regular, iluminada por los médicos guardianes de la ciencia oficial, considera todo esto como perteneciente al campo de la alienación mental, y que ocho veces de cada diez la mujer sujeto o la mujer médium que percibe influencias ocultas está considerada como loca, los practicantes del maleficio están en excelentes condiciones y pueden ejercer su miserable industria con la parsimonia de un malhechor que posee un seguro refugio donde jamás los gendarmes podrán pillarle.

Nos ha parecido pues muy útil estudiar en detalle, no ya los medios para llevar a cabo el maleficio, lo cual seria como sembrar sombras en la luz, sino el medio de defenderse contra el mismo. Este medio conlleva, para el ser humano, tres etapas:

1. La puesta del mental en estado de limpieza o pureza.
2. El aumento de las fuerzas espirituales.
3. La dinamización de las fuerzas astrales que rodean a todo ser humano.

II

Higiene Mental

El hombre irradia a su alrededor ciertas fuerzas físicas, tales como el calor, la electricidad; irradia además ciertas fuerzas psíquicas, tales como las ondas vitales, generalmente conocidas bajo el nombre de "Magnetismo". Este hecho ha sido enseñado tres mil años antes de Jesucristo, en Egipto, donde se ve figurar la práctica del manejo de las fuerzas magnéticas, conocidas bajo el nombre de "Sa".

El hombre, antes de irradiar a su alrededor cierta cantidad de fuerzas, las absorbe - no hablamos ahora del lado fisiológico de la cuestión, muy conocido por los médicos, sino del lado o aspecto psíquico que estos últimos no conocen todavía.

Así como un paisaje contemplado en estado de alegría o en estado de dolor y desespero, impresiona de modo muy diferente al espíritu, así mismo la irradiación de las fuerzas psíquicas y su absorción son diferentes, a tenor del estado mental del operador.

Ocurre, por ejemplo, lo que en dos vasos, uno de los cuales contiene veneno y el otro agua potable. Cualquier líquido añadido al veneno quedará envenenado, y todo líquido añadido al agua sana será potable.

Un individuo rencoroso, envidioso, apegado a la cosas terrenales y ahído de odio, es un generador de veneno psíquico; las fuerzas nocivas que cultiva están tanto en él como en las mismas fuerzas; y si se le quiere despojar de acciones psíquicas o de ideas de odio lanzadas contra él, será preciso ante todo limpiar o purificar el invisible de dicho ser, al igual que habría sido necesario limpiar el vaso conteniendo veneno, antes de poder servirse de él útilmente. Los pitagóricos practicaban la purificación mental mediante el silencio, acompañado de un régimen físico del que estaba cuidadosamente excluido el astral de los animales.

En nuestros tiempos, hay que pedir a la persona que desea desembarazarse de malas ideas, o de malas influencias psíquicas - si dicha persona no fuera un enfermo cerebral -que se abstenga cuidadosamente, por lo menos durante doce días, de hablar mal de los ausentes, de pensar en ideas de envidia, y de vigilar atentamente el extenso campo de sus pensamientos, del mismo modo que se vigila la leche puesta a hervir en el fuego.

Aquí reside una higiene del mental que exigiría un estudio completamente especial, pero que solamente podemos indicar breve y rápidamente en estas páginas bastante elementales.

III

Incremento de las fuerzas espirituales

A la higiene mental, que no es más que un plano de reflexión y que no crea nada por sí mismo, hay que añadir la acción de principios espirituales.

1. La Plegaria

Aquí la plegaria tiene considerable influencia. Entendemos por plegaria, rezo u oración, todo acto espiritual que provoca realmente la influencia de las fuerzas de lo Alto. Para ser activa, la plegaria debe ser viva desde el punto de vista social; es decir, que rogar o rezar no consiste en pronunciar automáticamente palabras altisonantes, arrodillados; sino que es necesario esforzarse de todo corazón en perdonar a sus enemigos, pedir para ellos la luz, porque Dios, desde luego, posee el carácter de que ama por igual a nuestros enemigos y a nosotros mismos.

2. La Caridad

La plegaria no es viva mientras no vaya acompañada de un acto costoso y que vivifique al corazón. Si sois pobres, podéis ir a consolar a seres desesperados, a enfermos, a encarcelados, a mujeres de la vida; así concedéis un poco de vuestro tiempo - la única riqueza que poseéis - por lo demás. Si tenéis riquezas materiales, si socialmente estáis bien considerados, vosotros mismos tenéis que buscar a los desgraciados, huir de los profesionales de la mendicidad, que no son otra cosa que larvas humanas, y salvar a las familias miserables pagando sus alquileres atrasados o dando de comer a quienes les falta de lo necesario. Tenéis que hacer esto vosotros mismos, y no a través de intermediarios, sin lo cual perdéis gran parte de las fuerzas espirituales que habríais adquirido de otra manera.

3. El Perdón

Aquel que se adiestra en el perdón de los enemigos, en la plegaria y en los actos que dinamizan sus principios superiores, permanece completamente al abrigo de todo maleficio; las tentativas de proyección de fuerzas astrales nocivas chocan contra su "aura" espiritual, al igual que el obús contra el puente de un acorazado, y todas las fuerzas vuelven hacia su punto de partida. Así pues, cuando nos las tenemos con un ser desesperado, víctima realmente de fuerzas invisibles, es preciso ante todo proceder a la dispersión de las nocivas fuerzas psíquicas que están en derredor de este ser, tal como ya hemos dicho. Una vez hayamos hecho esto, podremos empezar la dinamización de las fuerzas astrales de las que nos ocuparemos a continuación.

IV

La dinamización de las fuerzas astrales

1. El Carbón

En la naturaleza existe una sustancia que, en el plano visible, tiene la singular propiedad de absorber todas las impurezas: es el carbón - carbón menudo o carbón vegetal -. Se sabe que el polvo de carbón purifica el agua, absorbe los colorantes y los gases deletéreos, y es muy empleado en las fábricas para distintos usos de esta clase. Ahora bien, el carbón absorbe igualmente los fluidos psíquicos.

Supongamos que hay un perturbado quien, todas las noches a la misma hora, envía pensamientos nocivos hacia un ser del cual quiere envenenar su cuerpo mental. Dichos pensamientos nocivos, van acompañados de proyecciones de fuerzas psíquicas, al igual que un veneno viene en general disuelto en un líquido. Si la persona es objeto de esas acciones nefastas sitúa a su alrededor o sobre ella misma carbón vegetal, los fluidos enviados irán a absorberse en el carbón en lugar de penetrar en el astral del maleficiado.

Basta, pues - como sea que estas malas acciones generalmente tienen lugar por la noche - colocar tres pedazos de carbón vegetal ordinario en un plato, debajo de la cama, tal como representan los grabados adjuntos y echarlos al agua corriente, por la mañana, para volver nulos físicamente los efectos de los hechiceros.

Éste es un procedimiento de defensa muy simple y que muy a menudo nos ha dado los más óptimos resultados.

Proyección de fuerzas psíquicas

El carbón absorbe los fluidos psíquicos

2. Los Signos Mágicos

Cuando el carbón no actúa lo bastante rápidamente, puede ayudarse su acción mediante el empleo de los denominados signos mágicos. Dichos signos tienen relación con jeroglíficos y con imágenes del mundo invisible sobre los cuales ejerce gran acción.

En ciertos tratados de magia, antiguos o modernos, podremos encontrar una lista de estos signos.

Además, haremos muy bien en remitirnos a las obras siguientes:

Paracelso. *Los Siete Libros de la Archidoxia Mágica*, un volumen ilustrado con unos cien de esos signos mágicos, talismanes y figuras cabalísticas.

Lenain. La Ciencia Cabalística o el Arte de conocer los genios benéficos que

influyen en el destino de los hombres, con la interpretación de sus talismanes o signos mágicos y caracteres misteriosos y la verdadera manera de componerlos, según la doctrina de los antiguos magos egipcios, árabes y caldeos, nueva edición cuidadosamente revisada para la cual hemos escrito un prefacio explicativo.

Se encontrarán además indicaciones muy preciosas en el *Libro de la Suerte*,

buena o mala.

Ofrecemos a continuación un extracto de *Los Siete Libros de la Archidoxia Mágica*, de Paracelso, concerniente al Espejo.

Sobre la Constelación del Espejo

Veamos ante todo la manera de preparar este instrumento real: empezarlo indiferentemente cada mes durante todo el año, aunque hay que tener en cuenta cuidadosamente el signo que está en ascendente en el cielo; observar atentamente el inicio de cada signo, su grado por encima del horizonte, junto a los signos meridianos como se denomina el medio cielo. Además, saber la parte del cielo donde se encuentra el planeta en cuestión, en la hora y en el día del principio o "incoación" de este misterio. Asimismo, si el planeta está por encima de la Tierra o por debajo, y cuándo éste debe subir hasta nuestro horizonte. Además, saber las conjunciones de los planetas, o en qué signo o grado se encuentra el Sol o la Luna. También es preciso observar con gran cuidado las fases y mutaciones de la Luna, así como los Equinoccios, sin servirse para este cálculo de las reglas o tablas de Tolomeo.

Las tablas de Tolomeo fueron hechas en el año 140 después de Jesucristo. En aquél momento, el equinoccio fue el 31 de marzo a las 2 horas y 4 minutos del mediodía. Por esto, en nuestro tiempo, a saber el año 1537, hay alrededor de 5 días, 7 horas y 36 minutos de intervalo. Luego, en la maquinación de esta obra tan admirable, hay que basarse en el verdadero Equinoccio; el lugar del Equinoccio debe ser tomado en la Eclíptica del 80. Cielo, a la que yo llamo inicio del Carnero (Aries) a causa de la división o reparto. Efectivamente, la primera parte del Equinoccio a partir de la Eclíptica contiene 24 minutos de declinación. Y así obtenemos el día del Equinoccio.

En él el lugar del Sol está próximo a la división de la Eclíptica y a la del sexto círculo del Equinoccio en el octavo cielo. Y este punto es cierto. Luego, esté donde esté el Sol, ora en la ascensión, ora en el medio del cielo, ora en su declive, ahí estará el inicio del Carnero y de los Signos. Y el Sol, situado en este lugar, se conoce nítidamente la hora del día según el cual el inicio del Carnero y de los Signos, estén donde estén en el cielo, podrá saberse según el lugar sensible y descubrirse

según la ascensión en Oriente, durante todo el año, a tenor del movimiento y el lugar del Sol. También es preciso tomar algunos lugares de planetas según la igualdad de la Eclíptica. Esta igualdad de descripción en el octavo cielo ha sido formulada por mí mismo, Teofrasto. Pero, una vez todas esas cosas expuestas por su manera y por su marcha, pasemos a la obra en sí misma. Los siete metales deben tomarse según el peso prescrito, de forma tal, sin embargo, que cada uno de ellos sea purificado y depurado de la forma que indicaremos:

Oro partes o ½ onzas	10
Plata "	10
Cobre "	5
Estaño "	2
Plomo "	2
Hierro "	1
Mercurio "	1

Una vez purificados, todos estos metales deberán ser guardados por separado envueltos en un papel. Desde luego, nos referimos a un espejo. Efectivamente, una cantidad tal de oro sirve para hacer un espejo cuyo tamaño sea aproximadamente el que mostramos a continuación:

-Espejo-

Nota: el diámetro aproximado es de 6 cm.

Son necesarios siempre tres de estos espejos. En uno de ellos se pueden contemplar las imágenes del hombre, tales como ladrones, enemigos u otra clase de personajes; igualmente las formas y figuras de los rebaños, de los ejércitos, de los combates, de los asedios; además de todas las cosas humanas llevadas a término o en trance de ejecución. Lo mismo de día que de noche, todo esto se refleja en el espejo.

En el segundo pueden verse todos los discursos, sermones, consejos, hablados o escritos, dónde y cuándo han sido elaborados y registrados con todas las cosas decretadas, resumidas y conclusas en esos consejos, junto con sus causas. Sin embargo, es muy importante que dichas cosas se hayan llevado a término y que hayan pasado, puesto que en esta materia, ninguna cosa futura puede ser vista, conocida o sabida.

En el tercero se podrán ver todas las cosas escritas en cartas o libros y todo cuanto la pluma haya consignado, aunque secretamente esté oculto. Resumiendo, el hombre que mira en esta especie de espejo, verá aparecer todo cuanto se hace o se ha hecho bajo el horizonte, lo mismo a distancia que en las cercanías, de día o de noche, a escondidas o abiertamente en público. Estos espejos deben fabricarse especialmente para aquellos que deben usarlos. El resto de los mortales para quienes no han sido contruidos, nada podrán ver en ellos. Téngase en cuenta que si se quieren fabricar espejos mayores, hay que tomar más cantidad de metal. Cuanto mayor es un espejo, más vasto es su campo de reflexión. En efecto, si se quieren conocer las grandes multitudes, las grandes asambleas que se producen en tiempos de guerra, de conflictos o de combates, un espacio estrecho no permitiría, ni a las personas, ni a los caballos, ni a los rebaños ni a tros espectáculos semejantes reproducirse tan distintamente como en un gran espejo en el que dichas cosas se ofrecen mucho más ampliadas. Y, sin embargo, se requiere tanto trabajo para un espejo pequeño como para uno mayor. La única diferencia reside en que en un espejo pequeño hay menos cantidad de metal y menos tiempo para el bruñido. Los metales, una vez formados, purificados y labrados, deben luego, para llevar a cabo esta obra, ser purgados de modo especial. Es muy importante que cada metal sea depurado en la hora de su planeta correspondiente. Por lo demás, hay que observar para con este planeta los aspectos buenos o malos de las demás constelaciones buenas o malas.

Oro

Si el oro ha sido fundido tres veces en el antimonio, luego pasado y depurado por Saturno, la obra no requiere ninguna otra purificación. Además, acuñarlo muy delgado, hacer macerar 24 horas en agua de sal, lavar con agua pura, secar muy cuidadosamente con un trapo de hilo puro y dejarlo aparte para servirse del mismo a su tiempo.

Plata

He aquí la manera de purificar la plata: extenderla en lámina delgada, luego hacerla cocer en agua adicionada con tártaro y sal, durante un cuarto de hora. Retirar, lavar con agua pura, secar con un trapo limpio y conservarla aparte para servirse de la misma en el momento oportuno.

Cobre

Colocar el cobre en agua de vitriolo (al. de alcanfor), cortada con vinagre, y esto durante seis u ocho horas. De esta manera quedará purificado. Lavar cuidadosamente, secar y poner aparte.

Hierro

Limar. Lavar cuidadosamente las limaduras, y secar con precaución encima de carbón menudo.

Plomo

Licuar el plomo en una cuchara de hierro. Echar en el mismo un pedazo de cera del tamaño de una haba, el cual se consumirá. Después, esparcir en agua pura.

Estaño

Fundir estaño, echar en el mismo cierta cantidad de sebo, cera o miel, los cuales arderán en él; esparcir el estaño en agua pura, secar y guardar aparte.

Mercurio

Pasar tres veces por el tamiz en un vaso de madera limpio. El mercurio que ha pasado por el tamiz es lo suficientemente bueno y purificado para esta obra; lo que ha permanecido en el tamiz no tiene valor alguno y debe ser desechado. Guardar aparte todos estos metales. Así, todo quedará listo para empezar. Ahora hace falta conocer cuidadosa y exactamente la complexión de la persona, hombre o mujer, para quien este espejo será fabricado: o sea, por el tema de la natividad tal como lo hemos puesto más claramente de relieve más arriba; no como algunos lo hacen, levantando ese tema rigiéndose por la hora oficial (la del parto en el preciso momento de la concepción) en el tiempo y en el preciso lugar donde el mismo Dios Todopoderoso envió un alma viviente al feto en el seno de su madre, y en el primer momento en que empezó a vivir. Esos tiempos se presagian y se adivinan a tenor de los fundamentos que yo, Teofrasto, he formulado y establecido exacta y verdaderamente para quienquiera que sea, hombre o mujer, joven o viejo.

Una vez conocida la natividad del hombre, así como su complexión, procura reunir los planetas y los signos, éstos son elementos suficientes para esta obra. Aquí no se trata de averiguar o conocer su fortuna, su desgracia, su muerte, su vida, sus enfermedades, etcétera; no, solamente interesa conocer la revolución del año durante el cual ha nacido.

(Sigue la tabla en la que aparece el principio del espejo para cualquier persona y cualquiera que sea su planeta.)

Si la persona en cuestión es saturnina, la primera operación debe hacerse cuando el planeta Saturno está en su propia casa, es decir, en Acuario; o bien si, por razón de tiempo, no estuviera en la casa de Saturno, procurad por lo menos en la duodécima casa celeste, la casa del infortunio, de la enemistad, de la envidia, en fin, de todos los males, y que el Sol esté en el quinto grado de Acuario, la Luna por el contrario en el medio o en el duodécimo grado. Primeramente toma plomo puro y purgado en el mismo punto y momento en el cual la Luna aparece en el primer límite del grado duodécimo de Acuario; ponlo al fuego en un crisol de arcilla; será conveniente que todas las

cosas hayan sido aportadas y preparadas con antelación. Una vez licuado el plomo, y estando en el primer punto de licuefacción, retíralo del fuego, cubre rápidamente el vaso de arcilla y ponlo aparte. Déjalo así hasta que el planeta Júpiter haya alcanzado el undécimo domicilio del cielo o el undécimo de Sagitario, y la Luna el decimonono de Sagitario; y el Sol en el tercer grado de su carrera en este mismo signo de Sagitario.

Toma entonces el estaño previamente purgado y purificado, a fin de tenerlo a mano. El plomo fundido ya citado será de nuevo licuado en el crisol; ponlo otra vez al fuego hasta que corra fácilmente; echarás en él el estaño a fin de que sea licuados juntos. Cuando hayas removido ambos metales con madera para comunicarles la suficiente fluidez, los retirarás y cubrirás como anteriormente, y los dejarás reposar hasta Marte en la forma ya descrita. Se procede de la misma manera con los demás metales siguiendo las dosis de la tabla, hasta que todos los metales estén fundidos y en cohesión.

Mas si la persona en cuestión es venusina, empieza por el cobre y observa el proceso siguiente: Venus, Mercurio, Sol, Luna; y como más arriba a partir de Saturno la numeración se hace por Júpiter y Marte e incluso hasta Venus, y que contándolos todos estén repetidos si se empieza siempre sólo por el Señor de la Compleción y de la Natividad. Mercurio solamente, cuando es el Señor de la Natividad, es siempre el último, porque su metal no permanece en el fuego, sino que se expande en vapor por doquier. Entonces es el último y no obstante a su tiempo.

Los siete metales, como ya hemos dicho, una vez estén todos reunidos, procura que dos planchas del hierro pulimentadas estén a tu alcance; ante todo, con un alambre de hierro, formarás un molde que tenga la anchura del espejo, de manera que, echado entre ambas planchas de hierro, el espejo adquiera su anchura exacta y determinada. Que el orificio sea estrecho de arriba a fin de que los metales puedan ser vertidos en el mismo. Calentarás las planchas de hierro antes de la colada, y las untarás enseguida para que los metales no se adhieran y para que el espejo salga pulimentado y netamente claro.

Una vez todo eso llevado a término, hay que prestar mucha atención al tiempo. Si el Señor de la Natividad está volcado de este lado de la Tierra, es decir en los grados 1, 2, 3, 4, 5 o en el 60 grado de la casa del cielo, la Luna en el grado 10 de la casa del Señor de la Natividad y que no haya además ningún mal aspecto, tales como cuadratura, trígono o conjunción; entonces vierte en la forma en nombre del Señor de los metales que han sido todos puestos en el vaso de arcilla. El primer espejo es aquél en el cual se pueden ver todas las cosas que deben reflejarse corporal y sustancialmente, tales como hombres, imágenes, edificios, animales. Procura que la fusión tenga lugar en el punto y momento en que la Luna alcanza el grado 10. No importa mucho que esto se lleve a cabo de día o de noche. Luego retira el espejo de la forma y ponlo aparte. En un vaso de arcilla funde los granitos, recortes y raeduras restantes, pero no antes de la conjunción del Señor de la Natividad y de la Luna. En la hora de dicha conjunción, funde de nuevo los metales en una sola masa. Una vez fundidos todos ellos juntos, déjalos en el vaso de arcilla y prepara el molde. Cuando el Señor de la Natividad esté en el grado 10 de la casa del cielo, es decir, en el medio del cielo o en el cenit, funde el segundo espejo. En este momento, la Luna debe situarse en la segunda casa o signo del planeta que es Señor de la Natividad. Así como la Luna anteriormente estaba en el grado 10 de Capricornio, ahora debe estar en el grado 10 de Acuario. Si Saturno fuera Señor de la Natividad, tendría dos domicilios, a saber, Capricornio y Acuario. Si el Sol y la Luna presiden a la Natividad, tienen por lo menos una casa: el León para el Sol y el Cangrejo para la Luna. De esta manera, tres espejos se pueden fundir, cuando la Luna recorre el grado 10 del León y el grado 10 del Cangrejo. El espejo se hace de la manera antedicha; con el mismo se pueden conocer todos los discursos, palabras, canciones ya ocurridas, añadiéndoles a ellos los días, tiempos y horas durante los cuales estas cosas han tenido lugar.

Finalmente, refunde los metales en el momento de una conjunción directa que comprenda al Señor de la Natividad. Es lo mismo si la Luna está en conjunción con otro planeta. El espejo conseguido se guarda aparte, y de nuevo recibe su forma como se ha dicho anteriormente. Cuando el planeta penetra en el grado 7, 8, 9, 10, 11 ó 12 de la casa, éste está ya por encima de la Tierra. Además, cuando la Luna está de nuevo en el primer signo o casa, el planeta en el grado 10, y que ningún mal aspecto intervenga, se opera la fundición del tercer espejo. En éste pueden contemplarse todas las cosas escritas, dibujadas, pintadas, en las letras y en los libros, y sumariamente todas las cosas ocultas que viven y están hechas por los vivos. Después de todo ello, si todavía queda metal, podrás emplearlo en lo que quieras.

Los espejos deben ser guardados en el orden de sus números 1, 2, 3. Cuando el Sol ha entrado en el signo o la casa de la Natividad del Señor, hay que alisar y pulimentar muy finamente los espejos por un lado y con piedra de esmeril, hasta que no pueda descubrirse ninguna aspereza o mancha, pues esto conllevaría un gran obstáculo para el éxito de la operación. Una vez hecho esto, no ponerlos de ningún modo unos encima de los otros, antes bien, guardarlos cada uno por separado; el pulimentado debe ser emprendido a tenor del tiempo. Aunque los tres no hayan sido fundidos a la vez, ello no es óbice y no presenta inconveniente alguno, pero hay que darse prisa. Una vez limpios los espejos, hay que prestar atención al futuro novilunio después del pulimentado. Entonces se bruñen. En el momento de la Luna nueva, se pone un poco de polvo sobre madera blanda, se frota muy suavemente el primer espejo; se tornará claro y brillante. En el punto del novilunio siguiente, es necesario pulimentar los espejos 2 y 3 de los que había aplazado dicha operación, de manera que no estén jamás ni juntos ni reunidos, sino guardados por separado. Pero, si además, el Señor de la Natividad se encuentra en la cuarta casa, es decir, en la casa de todo lo secreto y de todo lo oculto, si el Sol y la Luna permanecen durante todo ese tiempo en las casas del Señor de la Natividad y que haya tenido lugar una conjunción de dos planetas benéficos, entonces estos tres espejos deben ser colocados juntos dentro del agua clara de la fuente, pura, fluida, de tal manera que se encuentren por fin de nuevo reunidos bajo el agua. Se los dejará allí hasta el final de la conjunción; luego se retiran, se envuelven y se guardan en un paño de lino puro. Así pues, este instrumento real puede ser confeccionado en trece meses, si la operación comienza en tiempo adecuado y se observan exactamente las épocas (astroológicas). Se pueden confeccionar todos los años. Sin embargo, los hay más favorables que otros, sobre todo si el Señor de la Natividad gobierna el año o es Señor de la Parte de Fortuna.

PARACELSO

3. Las Puntas

A las defensas pasivas pueden añadirse las activas.

La fuerza empleada por los practicantes del maleficio pertenece a la familia de la electricidad. En las casas encantadas, donde generalmente una muchacha o un niño sirve de médium, la fuerza operante rompe los cuerpos malos y conductores de la electricidad, tales como el vidrio o la porcelana, y pone en movimiento a los cuerpos metálicos, tales como las cacerolas, las pinzas y otros objetos. Ahora bien, las puntas actúan sobre esta fuerza exactamente como sobre la electricidad, de tal forma actúan que si alguien tiene la oportunidad de presentar una punta en una corriente de fuerza psíquica, esta corriente es inmediatamente destruida con producción de una chispa o haces de fuego. He llevado a cabo numerosas experiencias personales y positivas a este respecto. La espada del mago, el cuchillo del verdadero brujo, el clavo enmangado en el bastón del ignorante, todos ellos son instrumentos de defensa efectiva contra estas fuerzas cuando han alcanzado un dinamismo tal que logra la producción de los fenómenos propios de la casa encantada.

Así pues, uno puede protegerse rodeándose de puntas, exactamente como se protege una casa contra la electricidad, mediante el empleo de los pararrayos.

Empleo de las puntas

4. Los Vegetales

También se puede uno librar del maleficio sirviéndose de los vegetales o de los animales.

Así como el hombre tiene el derecho de cosechar para su alimentación o el de coger los frutos para su subsistencia, asimismo tiene el derecho, en caso de protección necesaria, de utilizar a los seres inferiores, previo permiso a través de la plegaria.

J.J.Jacob aconseja, en verano, pasearse a lo largo de los caminos al mismo tiempo que se arrancan algunas hojas de las plantitas que lo bordean. Es un despeje magnético.

Se puede también, todos los días a la misma hora, aplicar las manos sobre una planta, y se podrá observar, a pesar de todos los cuidados de los que esté rodeada, cómo la planta se marchita y muere lentamente.

No aconsejamos la utilización de los animales como medio de protección, como lo hacían los antiguos egipcios. Esta práctica nos expone a muy grandes responsabilidades espirituales.

Este desembarazo mediante los vegetales es doblemente eficaz en el caso de que el practicante del maleficio haya hecho una imagen de la víctima, o bien cuando haya utilizado a animales para envenenar el astral de su enemigo.

5. La Fotografía

En este caso, la acción sobre los vegetales puede ir acompañada de una acción sobre la fotografía del hechizado. Esta fotografía tiene que ser una prueba directa sacada del negativo y no un contratipo reducido por impresión. Es necesario incensar dicha fotografía estando la Luna en cuarto creciente o creciendo a partir del novilunio, dos veces por día, y rodearla con perfumes, sin incensarla, en Luna menguante, salvo los domingos en que se la debe incensar en cualquier tiempo. Cuando uno está en relación con la misma persona maleficiada, puede actuarse magnéticamente.

6. La desmagnetización del embrujado

Resumiremos esta acción magnética:

Primero. Hay que situar a los sujetos en los cuales se quiere actuar, de pie, con las manos en alto, las palmas vueltas hacia arriba y afuera. *Segundo.* El desmagnetizador tiene que situarse detrás del sujeto. *Tercero.* Es necesario que el operador coloque sus manos a nivel del abdomen del sujeto, con las palmas hacia los riñones, yendo lo más suave y lentamente posible.

Una vez alcanzados los riñones, es necesario sacudirse las manos y soplar sobre las mismas.

Este pase debe efectuarse tres veces.

La desmagnetización del embrujado.

Luego hay que subir al nivel del plexo cardíaco, es decir a nivel del corazón. Se llevan las manos hasta la línea media de la espalda; e igualmente se efectúa este pase tres veces seguidas, suave y lentamente.

Finalmente, se actúa de la misma manera para la cabeza, llevando las manos desde la frente a la nuca, también lo más suave y lentamente posible. Se termina con un desprendimiento magnético haciendo delante del sujeto algunos pases de desprendimiento y dándole soplos fríos.

Dicha operación, efectuada una vez por semana, produce excelentes resultados.

7. Las transferencias

Cuando la acción magnética, que suele ser muy poderosa, no es suficiente, pueden utilizarse las transferencias hipnóticas tal como han sido practicadas por Babinski y Luys.

La transferencia, en todos los casos de afección nerviosa, da resultados tanto más notables tanto que no se duerme al sujeto enfermo, el cual conserva todas sus facultades.

Cuando la acción individual no basta para librar completamente del maleficio a una persona embrujada, habrá que averiguar si existen trastornos psíquicos, ideas de persecución o desórdenes mentales que tendrán que ser subsanados por médicos especialistas.

Deberá llevarse a cabo un estudio bastante serio del estado espiritual y mental del sujeto puesto que, casi siempre, habrá larvas mentales (Kama manásicos de los budistas).

En este caso la acción individual no basta y hay que proteger al enfermo por agrupación de las fuerzas psíquicas.

V

Los procedimientos derivados de la Magia y del

Hermetismo

Hemos pasado revista a los medios, que podrían llamarse positivos, de protección o defensa contra el hechizo. Vamos ahora a decir cuatro palabras acerca de los procedimientos derivados directamente de la Magia y del Hermetismo.

Ante todo aconsejamos prescindir de los procedimientos sangrientos, en los que se emplean corazones de animales para hacer una especie de contrahechizo. Estos procedimientos son sucios, tanto en el plano físico como en los demás planos. Y desde luego, son mucho menos eficaces que las plegarias y los nombres místicos.

La plegaria es un dinamismo astral. Está imantada por la acción de todos aquellos que la han empleado precedentemente durante años anteriores. Tiene, pues, una influencia considerable. Hecha después de haber sido precedida de purificación astral y física y seguida por una buena acción, la plegaria es invencible y derrumba los embrujamientos mejor contruidos. Facilitaremos, pues, una colección seleccionada de palabras destinadas a acompañar el acto de la plegaria.

-Talismán universal-

Como corolarios a la Plegaria aconsejamos el empleo de la Medallas y de los Pantáculos. Las medallas son verdaderos soportes de fuerzas divinas. Establecen el lazo entre lo humano y lo divino y son de gran socorro en la protección contra los ataques astrales.

-Pantáculos contra los enemigos según Paracelso- (Los siete libros de la Archidoxia mágica)

Todas las medallas religiosas son eficaces. Recomendamos especialmente las medallas de la Virgen, las de Santa Filomena y las de San Benito. Cada medalla debe estar consagrada especialmente para la persona influenciada, sobre todo por su nombre de pila.

Ofrecemos la reproducción de una medalla comunicada directamente por visión astral a Eliphas Lévi y extraída de su cuaderno de notas que nosotros poseemos. Tiene gran influjo y debe ser llevada por la persona influenciada. Si se trata de una persona perteneciente a otra religión distinta del Catolicismo, hay que emplear los pantáculos que se refieren a la religión de nacimiento de dicha persona.

-Pantáculo-

Así, para los israelitas, los pantáculos derivados de los salmos y de la Cábala son necesarios. Estas figuras son útiles a todos, y aquí facilitamos dos importantes reproducciones de uno de los más raros manuscritos que todavía permanece inédito.

Éstos son los procedimientos que aconsejamos antes de poner manos a la obra. Existen practicantes que hacen lo que se llama "trabajos" para combatir el maleficio.

Dejemos a los profanos reírse y burlarse de estas cuestiones. Sus negocios se hundan, sus hijos son alcanzados por enfermedades misteriosas que despistan a los médicos, y esos desgraciados tienen los ojos cerrados y continúan guaseándose de todo cuanto ignoran. De ellos se puede decir: "Perdónalos, Padre mío, porque no saben lo que hacen".

A título de documentos tradicionales, vamos a dar algunas prácticas y fórmulas de ciertos practicantes rurales. Aunque repetimos una vez más que todas esas fórmulas y todas esas prácticas son menos eficaces que la simple plegaria y los actos que la dinamizan. Nada prevalece contra la llamada a las influencias del Plano Divino.

Oración de los Salmos

Dios mío misericordioso, muy grande y muy poderoso, adoro vuestra suprema Majestad; conceded la gracia a vuestro servidor de recibir la virtud de los Salmos, os lo conjuro por vuestros santísimos nombres + Agla + Aglay + Adona + Agios.

+Othéos + Alpha y Omega + concededme el entero cumplimiento de mi petición. ¡Oh, Dios fuerte y abundante en todas las gracias, que vuestro santo nombre sea loado y glorificado en toda la eternidad. Así sea! Es indispensable que el Pantáculo esté confeccionado con pergamino virgen. En el lugar de la N. hay que escribir el nombre de la inteligencia del Salmo que se quiere recitar, y su carácter en el lugar de N. N. y recitar la oración más arriba indicada antes del salmo.

Salmo 72

Quoniam bonus Israël Deus his qui recto sunt corde... Asaph cantó este salmo así como los primeros cantores una vez David lo hubo compuesto; Aspa profetizó por la inspiración del Espíritu Santo y tuvo la inspiración de componer versos por su virtud, tal como San Agustín lo asegura.

Nombre de la Inteligencia: Ave Carácter:

-Carácter Inteligencia AVE-

San Jerónimo dice que sirve para obtener gran cantidad de gracias de Dios. Es excelente para obtener respuesta en sueños, si se recita tres veces al ir a acostarse el sábado por la noche, nombrando cada vez a su inteligencia, tomando el carácter en una hoja de hiedra, ponerla bajo la almohada, formulad vuestra petición y obtendréis respuesta cierta.

A recitar durante nueve mañanas a la salida del Sol

Oh Dios, aquel que permanece firme, con la asistencia de Dios reposará con toda seguridad en la protección del Dios cielo, dirá al Señor: sois mi defensor y mi refugio, él es mi Dios, en él pondré todas mis esperanzas.

Porque es él quien me ha librado de la trampa de los cazadores y de la palabra perniciosa, te cubrirá con sus espaldas, y bajo sus alas descubrirás la esperanza. Su verdad te rodeará como si fuese un escudo, no tendrás que temer los terrores de la noche, ni la flecha que vuela durante el día, ni las empresas de aquel que se arrastra en las tinieblas, ni los ataques de los demonios diurnos o nocturnos. Mil de ellos caerán a tu izquierda, y diez mil a tu derecha, ni siquiera uno solo se acercará a ti y hasta podrás considerar y ver con tus propios ojos el castigo del pecador, porque has recitado: "Señor, mi Dios, sois mi defensor y mi sola esperanza".

Has situado en el Altísimo tu refugio, el mal no podrá alcanzarte y tu morada no será invadida por azote alguno. Porque para ti Él ha ordenado a sus ángeles que guarden todos tus caminos. Te llevarán de la mano por temor de que tropieces contra la piedra, caminarás por encima del áspid y del basilisco y con el talón de tu pie golpearás al león y al dragón, porque quienquiera que espere de mí, le liberaré, le protegeré, puesto que ha reconocido mi nombre. A partir del momento en que me llamará, lo liberaré, estaré con él en la aflicción, lo arrancaré de la misma, será glorificado. Le colmaré de larga vida y le mostraré mi salvación.

Nota: este es el Salmo 91

Plegaria contra la posesión de los Demonios

Verbo que habéis sido hecho carne, que habéis sido clavado en cruz, que estáis sentado a la diestra de Dios Padre, os conjuro por vuestro Santo Nombre, a la pronunciación del cual flexionanse todas las rodillas tanto en el cielo como en la tierra y en los infiernos, acoger favorablemente las súplicas de aquellos que ponen su fe y confianza en Vos, dignaos preservar a esta criatura N. Por vuestro Santo Nombre, por los méritos de la Virgen Santa vuestra Madre, por las plegarias de todos los Santos, contra todo ataque y maleficio de parte de los demonios y de los espíritus malignos, Vos que vivís con Dios Padre, en la unidad del Espíritu Santo. Así sea.

- He aquí la cruz de Nuestro Señor Jesucristo de la que depende nuestra salvación, nuestra vida, nuestra resurrección espiritual, la confusión de todos los demonios y malos espíritus. Huid, pues, desapareced de aquí, demonios enemigos jurados de los hombres. Puesto que os conjuro, vosotros, demonios infernales, espíritus malignos, seáis lo que seáis, presentes o ausentes, bajo cualquier pretexto por el que seáis llamados, invitados, conjurados o enviados de buen grado o por fuerza, por amenaza o por el artificio de hombres malos o de mujeres malas para morar o habitar en esta criatura, os conjuro, pues, una vez más, por tercios y porfiados que seáis, a abandonar esta criatura. + por el gran Dios vivo. + por el Dios verdadero. + por el Dios santo. + por Dios Padre. + por Dios hijo. + por Dios Espíritu Santo, principalmente + por aquel que ha sido inmolado en Isaac + que ha sido vendido en José, + que siendo hombre ha sido crucificado, + que ha sido inmolado como un cordero, + por la sangre del cual San Miguel, al combatir contra vosotros, os ha vencido, os ha puesto en fuga, os prohíbo, de su parte y por su autoridad, bajo ningún pretexto, hacer mal alguno a esta criatura N., sea en su cuerpo, sea fuera de ella ni por visión, ni terror, ni temor, tanto de día como de noche, sea que esté durmiendo como velando, que esté comiendo u orando, que actúe natural o espiritualmente. Si sois rebeldes a mi voluntad, lanzo contra vosotros toda suerte de maldiciones y excomuniones, y os condeno de parte de la Santísima Trinidad, a ir hacia dentro del estanque de fuego y de azufre, adonde seréis conducidos por el bienaventurado San Miguel. Si se os ha invocado por algún expreso mandamiento, sea rindiéndose culto de adoraciones y de perfumes, sea porque alguien haya efectuado algún sortilegio mediante palabras o por magia en las hierbas, en las piedras o invocado por algún expreso mandamiento, sea rindiéndose culto de adoraciones y de perfumes, sea porque alguien haya efectuado algún sortilegio mediante palabras o por magia en las hierbas, en las piedras o en el aire, sea que esto se haya hecho de una forma natural o misteriosa, sean esas cosas temporales o espirituales, o en fin, que alguien se haya servido de cosas sagradas, que se hayan empleado los nombres, que se hayan servido de caracteres secretos, etcétera.

Rompo, destruyo, anulo todas esas cosas, + por el poder y la virtud de Dios Padre +, por la sabiduría del Hijo redentor de todos los hombres, por la bondad del Espíritu Santo; en una palabra, + por aquel que ha realizado la ley en su totalidad que era + y que será siempre + omnipotente.

- Agios + Ischyros + Athanatos. + Scoter, + Tetragrammaton, Jehovah + Alpha y Omega: en una palabra, que toda la potencia infernal sea puesta en fuga y destruida haciendo sobre esta

criatura N. El signo de la cruz por la cual Jesucristo ha muerto, y por la intercesión de la bienaventurada Virgen María, de los Santos Ángeles, Arcángeles, Patriarcas, Profetas, Apóstoles, Mártires, Vírgenes y Confesores y generalmente de todos los Santos que disfrutan de la presencia de Dios así como de las santas almas que viven dentro de la Iglesia de Dios. Rendid vuestros homenajes al Altísimo y muy Poderoso Dios y que penetren hasta su trono como el humo de aquel pez de los abismos que fue quemado por orden del arcángel Rafael: desapareció ante la casta Sara. Que todas esas bendiciones os ahuyenten y no os permitan de ningún modo acercaros a esta criatura N. Que tiene el honor de llevar en la frente el signo de la + santa cruz: porque el mandato que ahora os formulo no es el mío sino el de aquel que ha sido enviado del seno del Padre Eterno, a fin de aniquilar y destruir vuestros maleficios, cosa que he hecho al sufrir la muerte en el árbol de la cruz, dándonos el poder de mandaros así para la gloria, para la utilidad de los fieles, así pues, os prohibimos. A través del poder que hemos adquirido de Nuestro Señor Jesucristo y en su nombre desapareced a la vista de la cruz +. He aquí la cruz del Señor; huid poderosos enemigos + el león de la tribu de Judá a vencido; así sea, así, *fiat, fiat*, + Jesús de Nazareth, Rey de los Judíos, presérvanos de todo mal, así sea.

- Cristo es vencedor.
- Cristo reina.
- Cristo manda.

Dios mío, purificad mi corazón y borrad todos mis pecados, Jesús, María, José, socorredme y líbrame por favor + en nombre del Padre + y del Hijo + y del Espíritu Santo, así sea.

Bendición de San Francisco de Asís

Esta bendición fue revelada a Moisés en el desierto. Fue la última bendición de Jesucristo a sus discípulos antes de subir a los cielos; ha sido renovada por Jesucristo a San Francisco de Asís en el monte Alverna; a su vez, San Francisco la dio primeramente al hermano León para librarlo de una tentación: y la difundió con plenitud a San Antonio cuando en el capítulo de Aries apareció con los brazos en cruz dando la bendición a los hermanos y sobre todo a San Antonio que les predicaba la cruz. Posee gran poder en muchos trances dolorosos cuando se pronuncia con fe y piedad.

- Que el Señor os bendiga y os guarde, que os muestre su faz y que tenga piedad de todos vosotros, que vuelva su rostro hacia vosotros y os conceda la paz. N. (nombre de pila, apellido, edad, domicilio) que el Señor os bendiga y os acuerde (aquí precisad el objeto de vuestra petición). Así sea.

Pequeño exorcismo

Plegaria de San Frente, uno de los 72 discípulos de Jesucristo

Señor, que habéis concedido a vuestros servidores todo poder sobre las potencias del infierno, acoged favorablemente mi plegaria y glorificad vuestro Santo Nombre curando a N., vuestro servidor, y librándole de la legión de demonios que lo martirizan + por Nuestro Señor Jesucristo. As+i sea.

Plegaria para expulsar de una habitación a todo espíritu maligno o impedir toda clase de ruido sospechoso

Yo te expulso, Espíritu del mal y te requiero + por el Dios verdadero, + por el Dios vivo, + por el Dios santo, salir y alejarte de este lugar, para jamás volver al mismo, te lo ordeno en nombre de aquel que te ha vencido y que ha triunfado sobre ti en el patíbulo de la cruz y cuyo poder te ha encadenado para siempre. Te ordeno no aterrorizar nunca más a aquellos que habitan en esta morada, en nombre de Dios + Padre + Hijo + y Espíritu Santo, que vive y reina por todos los siglos de los siglos, así sea. Te rogamos, Señor, que visites esta morada y expulses de la misma todas las

emboscadas del enemigo; que tus santos habiten en ella, que nos mantengan en la paz; y que tu bendición esté siempre con nosotros. Así sea.

Plegaria de San Benito y Aplicación de las Medallas

Crux Sancti patris Benedicti, crux Sacra sit Mihi Lux Non Draco sit Mihi Dux vade retro Satana Numquam suade Mihi vana: sunt mala quae Libas ipse venena bibas i h s.

Cántico de Moisés contra las artimañas ocultas, las venganzas secretas

Júzgame, Señor, porque siempre he dirigido mis pasos por el camino de la inocencia, puesto que he cifrado mi esperanza en Dios, no voy a ser débil, ponme a prueba, Señor, quema mis riñones y mi corazón, porque tu misericordia está ante mis ojos y me complazco en tu verdad, nunca me he sentado en la asamblea de la vanidad y nunca me uniré a los portadores de iniquidades, odio a la Iglesia de los malos y no quiero sentarme con los impíos, me lavo las manos en compañía de los puros y me mantengo alrededor de tu altar, Señor, a fin de escuchar la voz de tus alabanzas y de contarme a mí mismo todas tus maravillas. Señor, me gusta la bondad de tu casa, y el lugar donde habita tu gloria. Dios mío, no pierdas a mi alma junto a los impíos, ni mi vida con la gente sanguinaria; ellos tienen las manos colmadas de iniquidades, su mano derecha está repleta de presentes; en cuanto a mí, quiero progresar en mi inocencia; rescátame y ten piedad de mí. Mi pie permanece firme en el camino derecho en tus templos. Señor, te bendeciré.

Nota: este es el Salmo 26

Plegaria contra los Enemigos Invisibles

- Elías, + Elohim, + Eloa, + León, + Ya, + Eserchel, + Agla, + Saday, + Adonai,
- Agios, + Otheos, + Ischyros, + Athanatos, + Eleison imas.

Señor, Gran Dios, Santo poderoso inmortal, socórreme. N., tu servidor (o sirviente) tan indigno como soy, líbrame de todo peligro de la muerte del alma y de la del cuerpo y de las emboscadas de los enemigos tanto visibles como invisibles:

- Jehová Sabaoth + Emmanuel + Sother + Tetragrámaton Omuzios Eheye + Alpha + y Omega + *via. Veritas et vita*, que tus santos nombres séanme provechosos y saludables a mí N., que soy el servidor (o la servidora) de Dios. Tú has dicho: + Éste es mi cuerpo, di también: que me quiera y tu amor hará un milagro no menos grande, la conversión y la salvación de un alma, el encadenamiento de las fuerzas malas desatadas contra mí en nombre del + Padre + y del Hijo + y del Espíritu Santo. Así sea.

Plegaria contra las asechanzas de los Espíritus malignos

- En nombre + del Padre + y del Hijo + y del Espíritu Santo , así sea. + Hel. + Heloim. + Sother. + Emmanuel + Sabaoth + Agla Tetragrammaton + Agios + Otheos. + Ischyros + Athanatos + Jehovah + Ya + Adonai + Saday + Homuzios + Mesias + Esercheye + incredado es el Espíritu + Jesús + Cristo reina + Cristo manda + si por sus sugerencias o por obras cualesquiera el demonio os ha atezado o intentado hacerlo, N., que por su misericordia os libre de todo espíritu inmundo ,Jesucristo hijo de Dios vivo, que ha descendido del cielo y se ha encarnado en el seno de la bienaventurada Virgen María para salvar al género humano y rechazar lejos de vosotros al Demonio y a todo espíritu maligno hasta lo más profundo de los abismos inferiores + he aquí la cruz + él es vencedor lejos de la tribu de Judá surgido de la raza de David. Aleluya.

VI

Resumen

Resumiendo, la protección contra el embrujamiento comprende tres fases:

Primera. Puesta del mental en estado de limpieza.

Segunda. Aumento de las fuerzas espirituales: plegaria, caridad, perdón. *Tercera.* Empleo de los objetos físicos como medio de protección astral: carbón, signos y palabras mágicas, puntas, vegetales, fotografía.

Subsecuentemente, hacerse desembrujar por un práctico.

Tales son, en resumen, los procedimientos de protección al ser humano.

ÍNDICE

I. El maleficio consciente y el maleficio inconsciente ,pag.01

II. Higiene mental ,pag.02

III. Incremento de las fuerzas espirituales ,pag. 03

1. La Plegaria ,pag.03

2. La Caridad ,pag.04

3. El Perdón, pag. 04

IV. La dinamización de las fuerzas astrales , pag.04

1. El Carbón ,pag. 04

2. Los Signos Mágicos ,pag. 05

Sobre la Constelación del Espejo, pag. 06

Oro ,pag.08

Plata ,pag.08

Hierro ,pag.08

Plomo ,pag.08

Estaño ,pag.08

Mercurio ,pag.08

3. Las Puntas ,pag.11

4. Los Vegetales ,pag.12

5. La Fotografía ,pag.12

6. La desmagnetización del embrujado ,pag.13

7. Las transferencias ,pag.13

V. Los procedimientos derivados de la Magia y del Hermetismo

Hermetismo ,pag.14

Oración de los Salmos ,pag.16

Salmo 72 ,pag.16

A recitar durante nueve mañanas a la salida del Sol ,pag.17

Plegaria contra la posesión de los Demonios ,pag.17

Bendición de San Francisco de Asís ,pag.19

Plegaria de San Frente, uno de los 72 discípulos de Jesucristo ,pag.19

Plegaria para expulsar de una habitación a todo espíritu maligno o impedir toda clase de ruido sospechoso ,pag.20

Plegaria de San Benito y Aplicación de las Medallas ,pag.20

Cántico de Moisés contra las artimañas ocultas, las venganzas secretas,pag. 20

Plegaria contra los Enemigos Invisibles ,pag.21

Plegaria contra las asechanzas de los Espíritus malignos ,pag.21

VI. Resumen ,pag.21

Nota: las notas insertadas al final de un texto son creaciones propias que no provienen del texto original, es una manera de guiar al lector, como por ejemplo en la pag. 20 el Cántico de Moisés es el Salmo 26.

Lo mismo sucedió con el espejo mágico, ya que en el texto digitado es difícil mostrar fidedignamente una imagen trabajada digitalmente, por esto se menciona el diámetro aproximado del círculo, que es de unos 6 cm.

En la pag. 19, luego de la frase "...el León de la tribu de Judá..." el texto original señala: "...tribu de Judá, vencido..." pero recordando la oración de origen latin, a quedado como: "...el león de la tribu de Judá a vencido..."

También aclaro para el que no conozca del tema, cada vez que aparece en un texto una cruz (o tómesese también como un signo de suma, matemáticamente hablando +) esto significa realizar el acto de persignarse, o sea marcar una cruz en el cuerpo, pero esto no se realiza como lo ejecutan los actuales cristianos que marcan algo en su cuerpo sin conocimiento y en zonas al azar, este signo sagrado debe hacerse como lo realizan los actuales cristianos Ortodoxos (Católicos) descendientes directos de la Iglesia Copta, es decir, con la mano derecha apoyarla en la frente, luego en el vientre, hombro derecho y el hombro izquierdo para finalizar. Esto es un símbolo energético potente y personal, por esto se llama persignarse, per :persona, sign: signo, o sea, un signo personal.

Anarquía, Indolencia y Sinarquía **Dr. Gerard Encausse (Papus)**

La Juventud contemporánea, elevada según los métodos del positivismo materialista, se rebeló contra la estrechez intelectual impuesta por estos métodos y se lanzó a cuerpo y a menudo también a mama perdidos, en busca de un ideal.

El monje ideal que existe sólo para mucho poco de estos jóvenes en los que se ató a destruirlo la parte más grande de los investigadores quiso perseguir el culto de la humanidad, estudiar sus sufrimientos y determinar sus leyes de existencia y de evolución de ahí el asco de la política y el amor de los sistemas de reforma social de ahí el éxito del socialismo cerca de muchos intelectuales contemporáneos.

Las generaciones precedentes, las creadoras de nuestros parlamentos actuales, tenían vino de Oporto todas sus aspiraciones hacia la política y estas combinaciones de grupos que aparecen a los jóvenes que piensan, tantas fantasmagorías ridículas destinadas a retrasar el progreso.

También el filósofo, cuya función principal consiste en dominar sonido. La época y los hechos contemporáneos, debe considerar sin asombro el antagonismo intelectual que separa a los viejos padres de sus jóvenes hijos; se trata allí de una de estas leyes de la evolución de la idea tan bien dado a luz por un filósofo de quien volveremos a hablar en seguida: F. Ch. Barlet.

No tenemos la intención de tomar partido en este debate. Simplemente queríamos llamar la atención en ciertas búsquedas perseguidas por un grupo de "jóvenes" contemporáneos y que tendrían por objeto estudiar las relaciones que pueden existir entre el organismo humano y el organismo social. Las primeras consecuencias sacadas de este trabajo que tiende a probar la necesidad de una síntesis científica, moral y religiosa (sin distinción dado culto), uno de los Maestros eligió como título de su ley de organización la palabra de Sinarquía que, por su oposición absoluta con la palabra Anarquía, indica bien el carácter de los estudios perseguidos y su fin.

Vamos pues analizar sucesivamente:

1º El Origen y el sentido de la palabra "sinarquía".

2º La concepción de los gobiernos actuales por el autor de esta sinarquía.

3º Los trabajos perseguidos actualmente en consecuencia de estas publicaciones o que se relacionan con estas publicaciones.

4º Las deducciones que se puede sacar de estos trabajos hasta el punto de vista del futuro de la sociedad humana en Occidente y el papel de los gobernantes de mañana comparados con los gobernantes de hoy.

Pensamos que al lado de los estudios más sabios sobre el movimiento socialista, nuestro resumen abastecerá a nuestros lectores de las informaciones poco conocidos sobre un movimiento todavía demasiado ignorado.

La Sinarquía.

Después de haber pasado cerca de veinte años al estudio detenido de la historia, un investigador contemporáneo, un marqués de Saint Yves d' Alveydre establece la existencia de una ley de organización de las sociedades tal como los pueblos que habían dado cumplimiento esta ley habían visto su gobierno durar siglos, mientras que al contrario los que habían perdido la noción de esta ley no tardaban en enturbiarse más o menos profundamente. De ahí el nombre de síntesis del gobierno o Sinarquía dado a esta ley de organización social.

Ante todo, que nos esté permitido diferenciar bien las búsquedas de Sr. de Saint Yves de con las concepciones más o menos utópicas de los socialistas

contemporáneos. La Sinarquía ha sido aplicada durante siglos sobre la humanidad y todavía funciona con pocas modificaciones en China. Esto ahora es pues ningún sueño, ni una invención

destinada a dar prueba; es una realidad la que se puede tener en cuenta más o menos, pero la que no existe de allí menos.

La Sinarquía es la ley de vitalidad que existe tanto en el organismo social como en el organismo humano y, si acaso, todo investigador puede descubrir esta ley aplicando sobre la sociedad los principios de fisiología que dirigen el organismo humano, considerado como el más evolucionado de los organismos animales.

Después de haber consagrado varias obras a la comprobación de esta ley en la historia: la Misión de los Judíos que exponía la historia universal, la Misión de los Soberanos, la historia de Europa, la Misión de los franceses, la historia de Francia, Sr. de Saint Yves hizo todos sus esfuerzos para mostrar cómo, por decreto simple, podíamos aplicarle esta ley a la sociedad actual. Hay pues lejos de allí a la revolución pacífica o violenta recomendada por muchos socialistas y a la destrucción de las ruedas sociales recomendada por los anarquistas. Esforcémonos pues en primer lugar por resumir de nuestro mejor modo la Sinarquía. Que golpea en primer lugar al investigador en las obras de nuestro autor, es la generalidad de estos principios que son aplicados aquí únicamente sobre lo social.

Podemos afirmar sin temor a ser contradicho que Saint Yves d'Alveydre encontró la fisiología de la Humanidad; mucho más, que determinó la ley de relación de los grupos diversos de la humanidad entre ellos.

Que, es la Analogía, que guió por todas partes las investigaciones de este autor, y para probarlo vamos a exponer su idea de la Sinarquía únicamente por la fisiología humana. Particularmente habiendo empujado nuestras búsquedas hacia este punto, nos será tanto más fácil exponérselo al lector. Todo es análogo en el Universo; la ley que dirige una célula del hombre debe científicamente dirigir a este hombre; la ley que dirige a un hombre debe científicamente dirigir una colectividad humana, una nación, una raza.

Estudiemos pues rápidamente la constitución fisiológica de un hombre. Punto es necesidad para esto de entrar en grandes detalles y nuestras deducciones serán tanto más verdaderas cuanto más generalmente se apoyarán en datos admitidos.

El hombre come, el hombre vive, el hombre piensa. Come y se alimenta gracias a su estómago, vive gracias a su corazón, piensa gracias a su cerebro.

Sus órganos digestivos son encargados de dirigir la economía de la máquina, de reemplazar las pérdidas por el alimento y de poner en reserva los excedentes si llega el caso.

Sus órganos circulatorios son encargados de llevar por todas partes la fuerza necesaria para la marcha de la máquina, lo mismo que los órganos digestivos abastecen la materia. Que tiene la fuerza, es un poder, los órganos circulatorios ejercen pues el poder en la máquina humana.

Por fin los órganos nerviosos del hombre dirigen todo esto. A través del inconsciente Grande simpático marchan los órganos digestivos y circulatorios; a través del sistema nervioso consciente, los órganos locomotores. Los órganos nerviosos representan la Autoridad. Economía, Poder, Autoridad: he aquí el resumen de las tres grandes funciones cerradas en el hombre fisiológico.

¿Cuál es la relación de estos tres principios entre ellos?

Mientras el vientre recibe el alimento necesario, la economía funciona bien. Si el cerebro, de intención deliberada, quiere restringir el alimento, el estómago grita:

tengo hambre, les ordeno a los miembros darme el alimento necesario. Si el cerebro resiste, el estómago mismo causa la ruina de todo el organismo y la del cerebro; el hombre muere de hambre.

Mientras los pulmones respiren a gusto, una sangre vivificadora, es decir poderosa, circula por el organismo. Si el cerebro se niega a hacer obedecer los pulmones o los conduce en un medio malsano, éstos previenen al cerebro de su necesidad por la angustia que puede traducirse: Danos el aire puro, si quieres que obligáramos marchar la máquina. Si el cerebro no tiene más bastante autoridad para hacerlo, las piernas no le obedecen más, son demasiado débiles, todo se derrumba y el hombre muere de asfixia.

Podríamos empujar este estudio más lejos, pero pensamos que basta con mostrarle al lector el juego de las tres grandes fuerzas: economía, Poder, Autoridad, en el organismo humano.

Reencontremos manteniendo estas grandes divisiones en la sociedad. Reúna en un grupo toda la riqueza de un país con todos sus medios de acción, agricultura, comercio, industria, usted tendrá el vientre de este país, constituyendo la fuente de su ECONOMÍA.

Reúna en un grupo todo el ejército, todos magistrados de un país, usted tendrá el pecho de este país, constituyendo la fuente de sonido podamos.

Reúna en un grupo a todos los profesores, todos los sabios, todos miembros de todos los cultos, todos los literatos de un país, usted tendrá el cerebro de este país, constituyendo la fuente de su AUTORIDAD. Quiere usted ahora descubrir el informe científico de estos grupos entre ellos, dice:

VIENTRE=ECONOMIA = ECONÓMICO
PECHO = PODER = JURÍDICO
CABEZA =AUTORIDAD = ENSEÑANZA

Y establezca las relaciones fisiológicas. ¿Qué pasará si, en un Estado, la Autoridad se niega a dar satisfacción a las reclamaciones justas de los gobernados?

Establezca esto analógicamente, y diga: ¿Qué pasará si, en un organismo, el cerebro se niega a dar satisfacción a las reclamaciones justas del estómago? "

La respuesta es fácil prever. El estómago hará sufrir El cerebro y finalmente el hombre morirá. Los gobernados harán sufrir a los gobernantes y elemento fino la nación perecerá. La ley es fatal.

Así en la fisiología de la sociedad como en la del hombre individual, existe una corriente doble: 1º Corriendo a gobernantes a los gobernados, el análogo en el transcurso del sistema nervioso ganglionar a los órganos viscerales. 2º Corriéndoles relaciones de gobernados a los gobernantes, análogo en el transcurso de las funciones viscerales a las funciones, siendo nervioso. Los poderes Docentes, jurídicos y económicos, constituyen el segundo del corriente. El primero es formado por los poderes Legislativos, judiciales y ejecutivos. Tales son ambos polos, ambas bandejas del equilibrio sinárquico. Nosotros todos escogimos este modo de exponer el sistema de Sr. Saint Yves d' Alveydre con el fin de hacer sentir mejor su carácter dominante: una analogía siempre estrictamente observada con las manifestaciones de la vida en la naturaleza.

Tal es y será siempre el sello de una creación que se relaciona con esoterismo verdadero; todo sistema social que no sigue analógicamente las evoluciones naturales es un sueño y nada más. Vemos que, en resumidas cuentas, el descubrimiento puesto al día en las Misiones es el de la ley de los gobernados Docentes, jurídicos y económicos; porque la ley de los gobernantes Legislativos, judiciales y ejecutivos es conocida bien después mucho tiempo, transmitida por el mundo pagano. Determinar científicamente la existencia y la ley de la vida orgánica de pueblo; determinar también la vida de relación de pueblo a pueblo y de raza a raza: tales son los problemas estudiados en las obras de Saint Yves d' Alveydre. Por todas partes la vida debe seguir leyes análogas; también, para hablar sólo pasando de la vida de relación de los pueblos europeos entre ellos, hay que ser gran pasante para ver su organización antinatural. ¿Representa, en efecto, a individuos que actúan entre ellos como lo hacen las grandes fuerzas? ¿Cuánto tiempo se quedarían sin ir a Mazas? La ley que reglamenta hoy las relaciones de pueblo a pueblo es el de los bandoleros, siempre armados, siempre preparados para aliarse para caer sobre el más débil y repartirse su fortuna. ¡Qué ejemplo para los ciudadanos!

Es por eso que el investigador puede científicamente hablar a todos los pueblos y decirles: " Cambie a sus reyes, cambie sus gobiernos, hará sólo agravar su dolores - Los - aquí vienen no de la forma gubernamental, pero muy más allá Ley que la constituye. ¡Aplique la ley de la naturaleza y el futuro se abrirá radiante para sus hijos! " Concepción de los gobiernos actuales. La Sinarquía, funcionando tampoco como un sistema, pero como una ley científica, permite pues ver la situación exacta que ocupan las formas diversas de gobierno en la jerarquía de las ciencias sociales. También vamos a dejarle la palabra a Sr. de Saint Yves mismo, con el fin de hacer saber mejor sus trabajos em su exponer de la definición de las formas diversas

de gobierno. El extracto siguiente es sacado de la Misión de los Soberanos, el capítulo I". En estas búsquedas sobre el origen de la mayoría del derecho y del gobierno general de Europa, tendremos que pronunciar a menudo los nombres de la república, de la monarquía, de la teocracia. Es importante determinar exacta y significado riguroso de estos nombres, sin proceder por abstracción ideológica, como se lo hizo demasiado sólo, desde " Platón hasta Montesquieu, sino por la observación y por la experiencia tradicional, cuya historia es el proceso verbal. Como nuestro fin es otro que de engañar yo mismo sacrificando al misticismo político de otros, nosotros, no retiraremos delante de la científica la verdad. Las formas de gobierno que tenemos que definir, según sus caracteres históricos, están puras o mixtas, radicales o compuestas, según que su título nominal es, o no es la expresión de su principio limpio y del medio por el cual debe tender a realizar su fin. La república. El principio de la República pura es la voluntad popular. El fin que se propone esta voluntad es la libertad ilimitada de los ciudadanos. El medio por el cual este principio tiende a realizar este fin es la igualdad jurídica, sin distinción de planos, sin jerarquía de funciones. La condición radical, el organismo típico correspondiente al empleo de este medio, es el nombramiento directo de los magistrados por el pueblo reunido en masa, sin representantes ni delegados, en una palabra, sin intermediarios. La garantía de esta forma de gobierno es la esclavitud doméstica, el avasallamiento civil, agrícola o militar del más gran número, el exilio o el ostracismo político. Atenas realizó este tipo real de la República; pero el pedazo por el que brilló no debe dar el pego, porque les es tomado a instituciones teocráticas importadas em Grecia, de Fenicia y sobre todo de Egipto: misterios de Orfeo, ritos de Delfos y de Eleusis, Amphictyons, etc. La libertad de los ciudadanos tenía, en esta República, la esclavitud como garantía, y nadie estaba al amparo de esta amenaza temible y perpetua. Así es como, si Nicetes no hubiera ganado la libertad de Platón, este vulgarizador de Pitágoras, a pesar de su metafísica caprichosa sobre la República, habría debido limitar sus virtudes republicanas a la práctica estricta de sus deberes de esclavo, bajo pena del látigo, de la tortura y del palo. Cartago también tuvo la República pura, con Espanto como el resorte, en la estatua de Moloch, y la esclavitud de los Númidas, como base y pedestal, como soporte y garantizada por la libertad. Fundada por bandoleros, antigua villa de Etruria teocrática, Roma, más grosera que Atenas, más brutal aunque Cartago, también se conformó el dato de la República radical, aunque con ciertos temperamentos, que le impusieron los pedazos de la realeza y de la teocracia, cuya influencia y la memoria trató vanamente de borrar. Así es como el Sumo pontífice romano, con su colegio de doce grandes sacerdotes, fue armado con un poder bastante considerable para suspender y disolver a las asambleas populares, y cuando la opinión trabajada por el pirronismo dejó de concederle a la religión la fe, al Soberano Pontifical el crédito necesario para su función, la patria de Cincinnatus se había hecho la de Sila, y Julio César iba a poner en su cabeza la tiara y la corona imperial. Roma republicana, para quedar libre, no se contentó con la esclavitud doméstica; todavía esclaviza Europa y una parte de África y de Asia. En la cristiandad, jamás hubo la República efectiva. El gobierno de las ciudades de Italia, de Flandes, de Holanda, fue republicano solo de nombre. En realidad representativo, el sistema de estas ciudades fue municipal o emporocrático, a veces los dos juntos, como son más o menos hoy Inglaterra, los Estados Unidos,

Suiza y como querría estar la democracia burguesa de Francia, sin poder llegar allá, para causas inútiles que hay que descubrir aquí.

Monarquía.

Cuando Montesquieu, después de haber dicho que el principio de las repúblicas era la virtud, pretendió que la de las monarquías era el honor, pensó o sea en cortesano de los reyes y en los pueblos, o son como lo hubiera hecho hoy Sr. Prudhomme, pero no como Montesquieu. El principio de la Monarquía pura es la energía de su fundador, es decir del más fuerte y de el más feliz, si se entiende por esta palabra la más favorecida por el destino. El fin que se propone la Monarquía pura es la autocracia. El medio por el cual este principio tiende hacia su fin es la centralización de todos los poderes en la persona del monarca.

La condición jurídica indispensable para el empleo de este medio, es que la ley directamente emana del déspota, sin representantes ni delegados reales, otros que escribanos forenses, jueces y ejecutores.

La garantía de esta forma de gobierno es el homicidio legal: porque en las condiciones de anarquía pública que necesitan y permiten la fundación de la Monarquía pura, para salvar la unidad de la vida nacional, hay que ser dueño de la muerte. La Monarquía pura reinó entre los asirios; Ciro, Atila, Gengis Khan, Timour llevan el carácter real. En la cristiandad, jamás hubo Monarquía efectiva, en el sentido absoluto de esta palabra. En cada país cristiano que tendía a la unidad, la autocracia fue bien el fin del dinastías, porque sin este fin, no habrían tenido móvil bastante poderoso de energía para crear y conservar la unidad nacional.

Pero, aunque la inmensa mayoría de ellos no hubieran más desconocido las garantías del despotismo que sus predecesores asiáticos, no pudieron usar de eso radicalmente de manera ordenado.

Teocracia.

El principio de la Teocracia pura es la Religión. El fin que se propone es la cultura universal de las ciencias y de las inteligencias, su unión y su paz social, El medio por el cual este principio tiende hacia su fin es la tolerancia de todos los cultos y su recordatorio a su príncipe común. La condición necesaria para el empleo de este medio es el consentimiento libre de legisladores y pueblos a la eficacia práctica de la ciencia y de la virtud del sacerdocio y de su fundador. La garantía de esta forma de gobierno es la realización incesante de la perfección divina por el desarrollo del perfeccionamiento humano: educación, instrucción, iniciación, selección los mejores. Antes del cisma de Irshou, Asia, África, Europa entera fueron gobernadas por una Teocracia, entre las que todas las religiones de Egipto, de Palestina, de Grecia, de Etruria, de Vara, de España, de Gran Bretaña, fueron sólo el desmembramiento y la disolución. Esta Teocracia, distintamente indicada en anchos anales sagrados de los hindúes, persas, Chinos, egipcios, Hebreos, fenicios, Etruscos, Druidas y Bardos célticos, y hasta en los cantos del extremo de Escandinavia y de Islandia, esta Teocracia, digo, fue fundada por el conquistador que celebran Ramayana de Walmiki y Dionisiacos de Nonus. Es gracias a esta primera unidad y se reencuentra por todas partes a su espalda rastros positivos, y cuyos antiguos templos conservaban la tradición, que todavía vemos en Damis y en Filostrato, Apolonio de Tiana, contemporáneo de Jesús Cristo, ir a conversar sucesivamente en todos los centros religiosos del mundo y con todos los sacerdotes de todos los cultos, desde la Vara, hasta el fondo de la India y de Etiopía. De nuestros " días, en la Francmasonería, armazón y esqueleto de una Teocracia, es la única institución que lleva este carácter de universalidad, y que, a partir del grado treinta tres, recuerda un poco, en cuanto al personal, la antigua alianza intelectual y religiosa. Moisés, iniciado la ciencia " del sacerdocio de Egipto dónde, desde el cisma de Irshou, reinaba una teocracia mixta, querido salvar de la disolución religiosa e intelectual algunos libros sagrados que

cerraban con una manera, extremadamente cubierta la ciencia fundamental de esta antigua unidad.

“ Es “ por qué este gran hombre fundó esta teocracia de Israel entre las que la cristiandad y el Islam son las colonias religiosas. La cristiandad jamás tiene o de Teocracia, o sea pura, o sea mixta, porque la Religión cristiana, representada por iglesias rivales, desde él siglo V, y subordinada por su constitución democrática a una forma política que oscilaba entre la República y el Imperio, jamás pudo, como culto, alcanzar la unidad intelectual, “ tiene la enseñanza científica, a - la educación, a la selección y a la iniciación que son la garantía de la Teocracia. Los medios necesarios del forma de gobierno: Tolerancia de ellos todos los evitas, su retirada a su principio común, jamás pudieron ser empleados, en los concilios generales de los primeros siglos, ni en los concilios parciales que siguieron la separación de la iglesia griega y de la iglesia latina, ni por el papado que, visto su situación política e ido de en la cristiandad, pudo, a pesar de todos sus esfuerzos, hacer obra sólo poder clerical y escolar, lo que es todo lo contrario de la autoridad teocrática. Sin embargo, la fuerza intelectual y la moral de Jesucristo es tan grande, tan teocrática, como hasta reducida a las purificaciones del espíritu y de la conciencia individuales, sin poder actuar religiosamente los sacerdocios divididos y, por ellos, las instituciones generales de Europa, determinó sin embargo, en el mundo cristiano, la fuerza universal de opinión que rechaza las cadenas del demagogo, los instrumentos de muerto del déspota, hace imposible el establecimiento, o sea de la República absoluta, o sea de la Monarquía radical, y paraliza todo gobierno político real. ¡Honor y gloria sean devueltos de allí eternamente a Jesucristo!

Sin embargo, apresurémonos a decirlo, lo que no es posible en la Cristiandad, es él en cualquier otra parte.

Las razas de África, las de Asia sobre todo, aunque contenidas por el Islam, mientras los turcos posean Constantinopla, están en condiciones que permiten el establecimiento de la Monarquía pura. Y qué no creamos que las armas materiales de nuestra civilización, que nuestros sistemas modernos de guerra, nos sean exclusivamente adquiridos: se prestan, al contrario, lo mejor del mundo, tanto al temperamento disciplinario de estas razas como a las invasiones por masas profundas de las que son acostumbradas, tan pronto como un déspota bastante enérgico los reúne y los indigna. “ No es un millón, sino veinte millones de hombres armados y arrastrados al europeo, que los esfuerzos reunidos de los pueblos de África y de Asia, sostenidos por el Islam y el imperio chino pueden lanzar, en el momento dado, sobre Europa dividida contra ella hasta. Repitiendo su camino acostumbrado de las costas de África en Italia y en España, de Italia y de España hacia el corazón de Occidente, del Caucaso hasta el Atlántico, este diluvio humano puede de nuevo hundirse, barriendo todo sobre su paso. El gobierno general de Europa la predispone más que nunca a todas las consecuencias de esta vuelta de movimientos periódicos que es posible prever a ciertos indicios o aparentes o secretos. Divididos entre ellos, sin lazos religiosos ni jurídicos reales, los Estados europeos serían, unos contra otros, los primeros auxiliares de los invasores. El mercantilismo está dispuesto a abastecer las armas, con tal que se los pague, y lo hacemos, y sabe enviar bien a destinación cañones, fusiles, carbones de bola, pelotas y pólvora.

La competición colonial, la rivalidad de los Estados, los celos de los pueblos cristianos dar y cada vez más todos los instructores, todas instrucciones militares necesarias. Cada nación europea, con tal que el dolor sea alejado de ella, ciertamente no se moverá para salvaguardar a aquella para la que será inmediato o próximo; se regocijará, al

contrario, en su seguridad, sin prever su catástrofe final, porque en la política internacional de los gobiernos dichos cristianos, todos los sentimientos inmorales y, por consiguiente, antiintelectuales, son los únicos autorizados a producirse. En cuanto al resorte capaz de propulsar, dos otros continentes sobre el nuestro, esta balística formidable de los diluvios humanos, se encontrará, seguramente, como en otro tiempo, en indomable energía de un asiático o de africano capaz de una monarquía absoluta y de una intención limpia gigantesca y sombría que transporta el alma fatídica de sus razas. Tales reyes no vacilarán más que en el pasado delante de las consecuencias de su principio político.

La Monarquía simple y firme se mostrará de nuevo en ellos, ejecutor radical de las interrupciones del destino, segando las cabezas de las familias destronadas imperiales y reales, afeitando por el fuego de los países enteros, degollando los grandes, forzando los pequeños que marchan por sus ejércitos, hartándose de nuestros bienes, y para vengar sus pueblos de la inmoralidad de Europa colonial, convirtiendo nuestras metrópolis en un montón lúgubre de piedras y de ornamentos calcinados, ahogando en la sangre a nuestras naciones, o el dispersan a las cuatro esquinas de Asia y de África.

Europa cristiana no a más fuerza política que opone a estas calamidades, la República pura y la Monarquía simple que lo fue también imposible debido a la inmoralidad necesaria de sus garantías. Para estos motivos, como muchos de otros, deberemos buscar, aparte de la política, el lazo posible de las naciones europeas. Debemos hablar ahora del temperamento por el cual se trata, después tanto tiempo, de reemplazar en Europa las garantías efectivas de la Monarquía y de la República; el lector ya adivinó que se trata de unas instituciones representativas.

Instituciones representativas. Dijimos que la idea de 3 representantes era moderna; es uno de los errores de nuestro tiempo. Así como cada campesino cree su pueblo más bello que todos los demás, y halaga su orgullo local atribuyendo a su campanario una supremacía sobre todos los campanarios vecinos, así los mismos de nosotros que agarran sobre ellos de enseñar a otros, son a menudo campesinos bajo este informe, y repugnan a salir por el pensamiento, de su tiempo y de su medio, para observar y juzgar sanamente lo que condenan por anticipado. La política es vieja como el mundo, y por todas partes como en cada tiempo, sus medios estuvieron conformes con sus necesidades. Siendo renovados por las formas gubernamentales de los antiguos celtas autóctonos, de primitiva Iglesia, y antes de la del neo celtismo de Odin que determinó el sistema feudal de los Godos, las instituciones representativas parecen adaptarse también bien a la República que a la Monarquía.

Sin embargo, templan estos gobiernos políticos sólo paralizándoles a la vez en sus principios, en sus medios y alejando sin cesar sus fines.

En efecto, la voluntad demagógica no puede ser representada sin estar ausente de ambos poderes legislativos y ejecutivos. También, la energía del déspota no puede delegarse, sin confinarse detrás de un parlamento o un Tribunal de Justicia. En el primer caso, no hay más la República pura, ya que la oligarquía representativa, y no el pueblo solo, legisla y gobierna, nombra a los magistrados, si limita la libertad de ellos todos y de cada uno. En el segundo caso, mismo no hay más Monarquía pura, ya que la oligarquía representativa, y no el monarca solo, legisla, comparte el gobierno, y, o sea bajo el empuje de su propia ambición, o sea bajo la de las facciones, puede llamar de la ley y de muerte la el rey, despojando del uso exclusivo del medio y de la garantía de su función.

En las Monarquías bastardas, o representativas, estas dos fuerzas, la voluntad del demagogo, la energía del monarca, se combaten perpetuamente de manera latente o declarada. En las Repúblicas bastardas, o constitucionales, el duelo pasa entre leído demagogia y la oligarquía representativa; pero el dualismo siempre es declarado a eso. Hace falta, una de dos, que el rey y la oligarquía representativa, en la Monarquía constitucional, la oligarquía y su cabeza, si tiene una, presidente estadista, protector, en la República bastarda, puedan, si la situación geográfica de su país ello pretende, soltar su demagogia sobre colonias marítimas o lanzarlo en conquistas militares. En el primer caso, la República como la Monarquía intentan en la Emporocracia, es decir en el predominio de los intereses económicos considerados como móviles de gobierno.

En el segundo caso, la República como la Monarquía se inclinan hacia el Imperio, si la conquista militar de los pueblos extranjeros dura, y se cambia, por consiguiente en dominación política. Tiro, Cartago, Venecia, Genes, Milano, Florencia, España, Portugal, Holanda, Inglaterra fueron emporocraticas, cuales que fueron por otra parte las bases republicanas o monárquicas de estas potencias. Roma, y después de ella, la inmensa mayoría de las potencias continentales que dictaron en Europa cristiana los tratados generales, después de haber fundado las unidades nacionales, también tendieron al Imperio: Inglaterra, durante la guerra de Cien años: España y Francia, durante la guerra de Italia; España, Francia, Austria, Suecia, durante la guerra de Treinta años; Francia supuesta republicana durante las guerras de la Revolución.

En Emporocracia como en el Imperio, el problema político de la alianza imposible de ambos principios de la Monarquía y de la República, o de la oligarquía constitucional y de la voluntad popular, es aplazado, pero resuelto, hasta el momento cuando las colonias escapan de Emporocracia, las conquistaste al Imperio, y donde el gobierno es reducido al dualismo de su vida interior, sin poder gozar de una diversión que se consagra fuera un ejercicio libre a las voluntades, una satisfacción a las energías. Bastante definimos, por el momento, los términos de Teocracia, de Monarquía, de la República, así como las instituciones representativas y Emporocraticas: no nos queda más que definir el Imperio.

Imperio.

Su carácter monárquico especial es dominar a la vez varios gobiernos, las repúblicas o las realezas, varios pueblos y varias razas. Así es como Valmiki, el poeta épico indio, nos representa a Ram como que se sirve de la forma política imperial, con el fin de realizar, más tarde, su Teocracia. Es así, también, Homero, en una medida mucho más restringida, nos representa su Agamenon como el emperador de todos los reyes y de ellos todos los pueblos de Grecia. Es así, por fin, como Alejandro, Julio César, Carlomagno, Carlos Quinto y Napoleón reinaron sobre los pueblos, sobre las razas que conquistaron y sobre sus gobiernos que se sometieron, así es como hoy, el gobierno emporocratico de Inglaterra reina majestuosamente sobre varias razas y sobre varios Estados de Europa, de América, de Asia, de África y de Oceanía. Así como se lo ve por lo que precede, el Imperio real se presta, como Emporocratico y las instituciones constitucionales, a formas políticas extremadamente variadas; porque teniendo a regir dominaciones y razas múltiples, los une bajo su poder sólo con la condición, o sea de respetar hasta cierto punto las instituciones limpias, o sea de desplegar una fuerza militar que excluye los beneficios que el Estado imperial tiene derecho de esperar de sus colonias. En Europa actual, otros gobiernos que llevan el título de Imperio, lo hacen de manera para decirlo así honorífico, pero sin carácter imperial real, a excepción de Sublime Puerta y del Imperio de Rusia. Todas las formas de gobierno que acabamos de caracterizar se remiten a una de tres grandes divisiones de la vida social: religión, Política, Economía, A la

Religión, se produce la Teocracia, a la Política corresponden la República y la Monarquía puras o mixtas, a la Economía responde por fin Emporocrático.

En los anales del género humano, es la Teocracia pura que aparece más raramente, porque exige por parte de su fundador, un genio, una sabiduría, una ciencia excepcionales, circunstancias favorables muy pocas comunes y pueblos bastante alumbrados para sostenerle. La longevidad de los gobiernos teocráticos es externa. Egipto, la India, China de Fo-Hi, Israel menudo, a pesar de la carga pesada que le hizo referirse a través de los siglos Moisés, haciendo Hebreos a los guardianes de las ciencias secretas del antiguo unidad, todos estos gobiernos vivieron varios millares de años y dieron en la gente todas las enseñanzas que son hoy el patrimonio común de la civilización. Aunque teniendo en la historia una longevidad menos larga, las Realezas y los Imperios debieron más tiempo que las Repúblicas, que sobrepasan raramente algunos siglos. Esta diferencia en la duración de los Estados valora a más donde menos fuerza que cierra su principio de vida. La sabiduría y la ciencia verdaderamente tienen parte al gobierno de las sociedades sólo en la Teocracia sola. En la Monarquía, la energía intelectual y moral del fundador deja siempre su obra abandonada a todos los azares, cuando no es más allí para dirigirlo: está a la merced de la debilidad y a la merced de la imbecilidad de los sucesores y, como consecuencia, las facciones y a la merced de la vuelta en escena del principio republicano. En la República, el principio de vida todavía es más débil, aunque la voluntad popular, tan ruidosa y tan animada, pueda dar la ilusión de la fuerza. El carácter de esta voluntad es de dividirse sin cesar contra él misma, de engendrar facciones sobre facciones y de poner sin cesar el Estado en peligro. También, de Cartago y de Tiro consistió, para dar a su obra algunos siglos de vida, en dotarla, a, rodearla toda el arte de los legisladores de Atenas, de Roma de instituciones tomadas de otros regímenes que la República, y cuyo tamaño suple por un tiempo a incurable mediocridad política de las masas. Nuestros lectores pueden ahora considerar la importancia de la obra perseguida por Sr. de Saint Yves. La ignorancia del grueso público y hasta del público intelectual que bizquea las Misiones y su autor, prueba bastante la modestia de este último y muestra que no buscó en la publicidad a una pasajera confirmación de su autoridad. Es pues en un deber de justicia en el que pensamos cumplir haciendo saber de nuestro mejor a un sabio verdadero, persiguiendo laboriosamente sus búsquedas y que será el primer asombrado de ver sus trabajos analizados y patrocinados en una publicación.

Sabemos ahora el partido que podemos sacar de la sinarquía. Veremos en la continuación cómo los investigadores contemporáneos, siguiendo la vía indicada por Sr. de Saint Yves, pudieron anunciar la reacción demagógica cuyos primeros efectos actualmente se hacen sentir bajo el nombre de anarquía. Los continuadores de la Sinarquía. En consecuencia de los trabajos de Saint Yves sobre la Sinarquía, un grupo de investigadores resueltamente persiguió la vía trazada por el Maestro y, después de cuatro años de esfuerzos, los resultados obtenidos son bastante importantes para que se pueda entregarle las primeras conclusiones al público. Recordemos una vez más que se trata allí de búsquedas de un carácter muy científico, que el fin que hay que alcanzar es establecer primero una anatomía social positiva, pasar de ahí a la fisiología social y abordar por fin la psicología social. Este trabajo pedía pues en primer lugar un análisis serio de los órganos de la sociedad; luego una síntesis de las funciones creadas por estos órganos; por fin la búsqueda de las leyes generales que dirigen estas funciones. Todo esto explica el tiempo necesario para un tal estudio que ha sido perseguido por MM. F. Ch. Barlet, Julián Lejay y su servidor y quien se acabará sólo en algunos años.

Los antiguos egipcios pretendían poseer la ley de organización y de funcionamiento de las

sociedades. Lo probaron enviando sus iniciados, Orfeo, Licurgo, Solón, Pitágoras organizar Grecia o sus colonias. Del mismo Moisés sacó de Egipto la organización del pueblo judío, la organización tal como permitió al espíritu de raza resistir a todo a través de los más espantosos cataclismo, Hoy los sedientos todos de reformas sociales casi reclaman o sea una humanidad nueva para aplicar sus proyectos, o sea una destrucción total de las ruedas sociales actualmente existentes. Están de acuerdo para destruir; pero cuando se trata de edificar, buscamos a tientas, pronunciamos grandes frases huecas. El problema que hay que resolver no consiste en matar al enfermo para elevar a sus niños de modo nuevo; consiste en curar a este enfermo respetando sus órganos y restableciendo la salud social, allí dónde la putrefacción ya comenzó sus estragos. Qué nuestra sociedad esté en mala salud, es allí un hecho que la permanencia de nuestros cimientos legislativos bastaría con probar. Varios investigadores, Sr. Quaerens (1), entre otras cosas, hasta quisieron caracterizar el diagnóstico que hay que llevar. En un estudio magistral, Julio Lermira (2) se esforzó muy bien por poner al día el punto de partida de nuestros malestares actuales. Todos los esfuerzos hechos en esta vía merecen pues llamar la atención del filósofo. Veamos rápidamente las grandes líneas de las conclusiones analíticas a las cuales llegan los continuadores de la Sinarquía. Ancho cuadra de este estudio desgraciadamente nos permite sólo resumir rápidamente el método empleado sin poder abordar las vías de realización inmediata y práctica abastecidas por este método. Los constructores de sistemas sociales sacan sus deducciones o de su imaginación o de las enseñanzas de la historia, a menudo hasta de la rutina simple. Los investigadores de quienes nos ocupamos de momento pretenden no haber inventado nada. Se esforzaron por estudiar bien los procedimientos empleados por la Naturaleza en la construcción de todo organismo y, considerando la sociedad como un organismo especial, por aplicar anchos leyes de la vida sobre este organismo especial; el primer resultado de sus esfuerzos fue de comprobar que todos los sistemas de gobierno que funcionan responden estrictamente a un organismo más o menos perfeccionado vegetal o animal. 1) Cachexie stercolare. (París, la Iniciación, 1893.) 2) Ventre de Cerveau. (París, 1894, Chamuel) Animados por esta primera prueba de la realidad de sus búsquedas, analizaron el organismo humano y se esforzaron por aplicar sobre la sociedad las leyes generales en acción en este organismo humano. No volveremos sobre las tres divisiones generales: vientre social o Economía política Pecho social o Poder. Cabeza social o Autoridad, que constituyen la base de todos estos estudios y a los que vamos siempre a reencontrar. He aquí en primer lugar las grandes divisiones establecidas en este estudio por F. Ch. Barlet (1). " La sociedad es un ser vivo compuesto de ser voluntarios y responsables. Es sujeta a las leyes biológicas pero su voluntad es más principal del funcionamiento fisiológico que es él el ser humano; tiene la facultad para disponer hasta de órganos bajo su responsabilidad (2). Su estudio es pues el de toda biología.

Su estudio es pues el de toda biología.
 ANATOMÍA
 FISIOLÓGÍA
 O BIONOMIA SUBJECTIVA
 BIOLOGÍA GENERAL
 BIONOMIO OBJETIVO
 Estudio de los órganos de un grupo social.
 Funcionamiento de los órganos del grupo social.
 Funcionamiento de la humanidad social.
 CONSIDERADO aisladamente / CONSIDERADO en su medio
 Historia y filosofía de la historia.

Política	Interior/Política	Exterior
Para dar a entender mejor estas divisiones, vamos a dar algunos extractos que conciernen a la anatomía, la fisiología y hasta la patología sociales. Indicamos tan claramente el carácter de estos estudios.		

Anatomía.

Todo grupo social comprende pues: 1º individuos (sus elementos constituyentes): el cuerpo. 2º Una unidad que hace estos elementos a un ser: El estado. 3º unidades intermediarias: familias y corporaciones. 4º Y un lazo entre los individuos y las unidades: el Gobierno, cuya función es doble. A. Satisfacer a los individuos como individuos; B. Plegarlos en el Estado como elementos. Pues recíprocamente la función de los individuos es doble; A. Satisfacer el Estado como unidad; (1) Para detalles, ver a P.CH. BARLET: principios de Sociología sintética; París, Chamuel, 1894. (2) Sabemos que, en casa del hombre, la marcha del sistema de la vida orgánica (corazón y circulación; hígado y digestión; grande simpático e inervación) escapan de la Influencia de la voluntad. P. B. Plegarlo a las necesidades del elemento individual. Es el sistema Gobierno que es dejado a la libertad y a la responsabilidad humana (tiene sin embargo principios fijos que pueden y deben guiar). Está de allí así como en el cuerpo humano. Los individuos son las células. El estado es el cuerpo entero, la salud depende del Gobierno que el alma les da a los individuos por el estado, a las células por el reglamento higiénico. La Sociedad, como todo organismo superior, tiene Cuerpo, Alma (espiritual e intelectual), Espíritu y Voluntad libre para reglamentar la relación de vida de estos tres sistemas o conducida que, en sociología, tiene nombre Gobierno. Su espíritu son los principios que la determinan (el espíritu publico, la conciencia pública, según la expresión vulgar). Su alma espiritual, es la Autoridad, la fuerza espiritual. Su alma intelectual, es el Poder, o más distintamente el poder temporal (al cual corresponden las constituciones a priori). Su cuerpo, son los agrupamientos sociales de diversos géneros (familia, tribu común, etc.) que son los órganos a los sistemas anatómicos, el organismo social. El espíritu y el alma espiritual que pertenece al mundo abstracto no tienen forma. Al contrario el poder y los grupos sociales son esencialmente formales. Fisiología.

¿Cómo cumple el Gobierno sus funciones? Así como la voluntad.

1ª recibe las impresiones (las cuales vienen de cuatro elementos: individuo, familia, corporación o de él mismo, de su propia iniciativa): AMONESTACIONES; CUADERNOS; peticiones; INICIATIVA. 2ª delibera según la conciencia (grandes hombres), o la inteligencia o el sentimiento (conquistadores), o la sensación (tiranos): DE O LOS CONSEJOS DIVERSOS. 3ª ordena: LEYES, DESECHOS, DADOS ORDEN DE PAGO, eTC. 4ª hace ejecutar: por ejecución activa (REALIZACIÓN POR ADMINISTRACIÓN), - Pasiva (COACCIÓN), - Intermediario (MAGISTRATURA), que decide si se efectúa allí o no a ejecución. Debe pues tener allí: Facultad de sensibilidad y órganos correspondientes.

- De deliberación
 - De ordenación (autoridad)
 - De ejecutar (poder)
 La fisiología normal, la ley suprema del Gobierno es:
 1 ° Inspiración de la autoridad por el espíritu.
 2 ° Consagración del poder por la autoridad,
 3 ° Dirección del cuerpo por el poder, de modo que el cuerpo expresa el espíritu. Pero esta vía es una ideal hacia la cual la Sociedad marcha destinando sucesivamente una importancia exagerada a uno de los elementos: es lo que hace la evolución social.

Patología.

El disturbio es aportado en la Sociedad:
 1 ° Por la individualidad (la enfermedad viene de la célula), individuo aislado o social.
 Es la anarquía, la conspiración, la usurpación etc.

MODIFICACIÓN DEL PODER.

2 ° Habla cambio del Espíritu publico (la enfermedad viene del espíritu).

MODIFICACIÓN DE LA AUTORIDAD.

Es la Revolución.

3 ° Por un ataque del exterior (la enfermedad viene del medio ambiente). Es la guerra internacional que será, según el grupo, entre familias, tribus, naciones, pueblos o razas). Es desde luego que estas notas no tienen por objeto sólo señalar al espíritu del lector el método empleado sin prejuzgar nada de los resultados adquiridos. Pero este método había permitido, al autor de quien nos ocupamos, M F. Ch. Barlet, de dar, hace dos años ya, en un estudio a la Evolución de la Idea (1 Volumen in-18) indicaciones muy curiosas sobre el período demagógico y de manifestación anárquica en la cual entramos. He aquí un extracto de esta obra. " Tal es la Vida total, tal también la vida de detalle al Santuario, en la Escuela o en el Pueblo, a través de los siglos como en los pequeños períodos que ven vivir y morir un sistema económico, filosófico o religioso. Por todas partes usted verá al principio a un hombre o un grupo inspirador de hombres; con él se forma el período de infancia, de fe, a la cual sucederán el del análisis y el de la síntesis final, salvo los accidentes (1) mórbidos o mortales.

(1) El filósofo V. Cousin no dejó de señalar estos fenómenos: " por todas partes, dice, donde reina una gran religión, la base de una filosofía es puesta no nos cansemos en absoluto de repetirlo, la religión es el fondo de toda civilización; es la religión que hace las creencias generales, contiene también la filosofía la religión parece única primero; luego de ahí religión saca la teología y la teología saca por fin la filosofía, etc " (historia general de la filosofía, p. 35 y 48.) No tenemos que preocuparnos pues de fluctuaciones, agitaciones, hasta las más terribles, de la Escuela o de la Sociedad, como tampoco del pedido sacrificio de vidas individuales por la vida universal; es allí sólo la obra del Destino, un solo pensamiento merece nuestros cuidados: la realización dado el Ideal cuyo embrollo produjo el movimiento al cual somos libres de asentir o no por el esfuerzo de nuestras voluntades y de la inteligencia. Pero cómo podámoslos realizar el Ideal; ¿que particularmente podemos en nuestra época para y por la evolución de la Idea?

Para comprenderlo, basta con considerar cual momento de la evolución nuestro siglo representa. Es el tiempo que vimos particularmente crítica, del análisis extremo, del extremo división, mitigada por una tendencia a la federación. Para la sociedad, es la infancia de la democracia, siendo amenazado de la enfermedad demagógica. Para el pensamiento público, es el positivismo materialista que amenaza de la disolución por el epicureismo o el escepticismo. Sin embargo, parecemos ya haber atravesado el punto peligroso de este cabo, porque, en la Escuela como en el público, tendemos en toda cosa hacia la síntesis, y es en ella que es nuestra salvación, con fin del

movimiento que atravesamos. - ` No tenemos que asustarnos pues amenazas de anarquía social ni desesperanzas sombrías del nihilismo; esto son los productos necesarios de la oscuridad que el destino nos condena por atravesar, subterráneos que nos conducen, si sabemos recorrerlos, a los esplendores de una ciencia y de una organización sociales desconocidas desde siglos largos. Todos nuestros esfuerzos deben apoyarse sobre la concentración de nuestras fuerzas dado todo género; fuera de la Escuela por el altruismo o la fraternidad, que consiste para cada uno en el olvido de su individualidad en provecho de la Universalidad; en la Escuela, por la síntesis de todos nuestros conocimientos, la terminación en la región de los Principios del edificio que comenzamos a sentar teniendo como base el positivismo, y para el que amontonamos un tesoro inapreciable de materiales.

Y así como, según la clara expresión de Carlomagno, " si el caso es mejor hacer bien que de saber, hay que sin embargo saber antes de que de hacer "; así como, después de todo, es la Idea que lleva el mundo, no es nada que pida más atención, más esfuerzos de nuestra parte que el órgano social de la Idea, la Escuela. Allí tenemos que reconstruir, resucitar por nuestros esfuerzos, a devolver hacia su hogar de origen la unidad ocultada ahora, bajada, diseminada en las sombras del mundo sensible.

Allí, como en el mundo, la primera condición de este movimiento laborioso y grandioso, es el olvido de la individualidad para la Unidad; por él sólo pueden realizarse ambas primeras condiciones de la ciencia sintética: la Unión de los tres Principios en el pensamiento, con el fin de evitar el escollo mortal de la especialización, y la organización jerárquica de todas las fuerzas de la Escuela, con el fin de que la distribución del trabajo secunde la síntesis por la concentración armoniosa de las voluntades (1). "

(1) V.- Ch. Barlet: la Evolución de la Idea, p. 160-161-162. Es a causa de la división al extremo, de este período de anarquía moral tanta como física que tenemos que atravesar que los investigadores que se ocuparon de sociología quisieron abordar que la economía política, es decir el estudio del vientre, de la parte más material de la sociedad. Sr. Julien Lejay dio a luz muy bien estas tendencias en algunos artículos notables los que demos aquí un extracto El lector encontrará allí indicadas las leyes efectivas que conducen sin saberlo ellos a la inmensa mayoría de los grandes "reformadores" contemporáneos.

La economía política y el método sintético. " El carácter dominante de todos los pensadores que se ocupan o sea de economía política, o sea de sociología, justo querer relacionarse exclusivamente con un principio de acción negando a priori todo valor a las búsquedas de los que mismos se coloca en otro punto de vista que. Entonces el manejo de la analogía permite considerar sintéticamente los esfuerzos de ellos todos los que abordaron la cuestión y, como consecuencia, de descubrir el estado exacto de evolución de los espíritus, estado tal como cada uno de estos reformadores exclusivistas, creyendo transformar su época, en suma sólo traduce pasivamente las aspiraciones actuales de esta época. El primer deber del sintetista es pues buscar la ley general que guió y que todavía guía en sus búsquedas y en sus conclusiones a los economistas y los escritores socialistas de toda época y de partir de esta ley general para tratar ampliamente la cuestión. El hombre individual es incitado por tres tipos de aspiraciones: las aspiraciones sensuales, las aspiraciones pasionales y las aspiraciones intelectuales. Justo compartiendo equitativamente sus fuerzas entre estas tres incitaciones él realiza la salud física y moral. El hombre que se entrega por completo a los placeres sensuales no tarda en ver disminuir sus facultades intelectuales, luego a enfermar si continúa. El exceso contrario, el trabajo excesivo y exclusivo de las facultades intelectuales produce los resultados análogos. Es en el equilibrio que se encuentra la solución verdadera del problema. Entonces el hombre colectivo, la sociedad, tienen las mismas leyes de salud y de enfermedad que

el hombre individual, la analógicamente parlante, y es curioso comprobar que todos los sistemas de reforma social propuestos son exclusivos, y tienden a subordinar todo a la satisfacción de una única de las aspiraciones de la sociedad. Podría mostrarle cómo existe una sociología espiritualista donde todo es subordinado a la felicidad de la aristocracia, una sociología racionalista donde todo es subordinado, al contrario, a la felicidad de la burguesía, por fin una sociología sensualista, donde el pueblo debe aplastar todas las demás clases y ser satisfecho a sus costas. Y cada sistema pretende imponerse sólo, olvidando que no existe hombre compuesto solamente de una cabeza, solamente de un tórax, y solamente de un vientre, y el que es al contrario, por un cambio equilibrado entre las funciones del Cerebro, del Corazón y del Estómago que el ser humano subsiste pero, mucho mejor, en cada uno de estos sistemas sociológicos exclusivos, subdivisiones existen quiénes dan origen a escuelas diversas según que la moral, la política o la economía están consideradas como más importantes a practicar, siempre exclusivamente. Así, en la actualidad, estamos de allí en la economía después de haber pasado por otras fases, y la economía política está considerada como sólo digna de interés. Déjeme pues insistir un poco en este punto y consideremos juntos las conclusiones que cada sectarismo pone según el modo, y considera su economía política abdomen de la sociedad.

No era bastante querer inventar a los seres humanos compuestos únicamente de un vientre subordinando todo a la economía, fuimos más lejos y quisimos subordinarle todos los órganos a uno de ellos, de tal modo que cada escuela de economistas pretende que in solo órgano debe totalmente hecha y que otros no sirven para nada suponiendo hasta que existen. Encontramos, en efecto, una economía política espiritualista, otra racionalista, otra sensualista, y cada una pretende poseer exclusivamente la Verdad. Naturalmente. - veamos un poco los detalles. La Riqueza emana del Estado, el Estado es el creador de la Riqueza, el valor reside en la abstracción, es decir en la Moneda. Todas las funciones económicas deben pues ser subordinadas al Estado, creativo de J [tiene moneda. He aquí lo que decían los partidarios de la economía política espiritualista de la que Law fue uno de los representantes más famosos. Usted se equivoca: la Riqueza emana del Trabajo, el hombre es el creador de la Riqueza, el valor residido en el Trabajo, es decir en el hombre, dicen los economistas racionalistas entre los que Adam Smith, Saint Simón fueron y son los brillantes representantes. Cual error es el suyo, clama y a su vuelta los economistas sensualistas, la Riqueza emana de la Naturaleza, el valor reside en los productos de la Naturaleza y no otra parte. De ahí la idea del impuesto único sobre la hacienda, de ahí todas teorías de los Agrarios y el éxito colosal de Henry Jorge que formuló maravillosamente sus aspiraciones. Y, lo que él allí de haber sido notable, es que al advenimiento de cada escuela de economistas al poder, las escuelas futuras su ya manifestaban, pero en forma de protestas: ¿ así es como Turgot y los fisiócratas cinco céntimos " valoraban hace mucho tiempo que la Riqueza emana de la Naturaleza, en la época de los economistas espiritualistas, mientras que los comunistas de 1848, Babeuf, Fourier, Cabet, etc., presentaban y defendían una tesis análoga en oposición de los economistas racionalistas?

¿Usted me pedirá qué hace el sintetista, el ocultista de acción, en presencia de esta multitud de sistemas ciertos? Procura agrupar estos principios diversos para de allí, constituir un organismo social compuesto de uno mama, ... De un tórax y de un abdomen como el mismo hombre. Y, en el caso actual ya que se trata de economía política, el sintetista se esfuerza por precisar el papel de cada uno de los órganos abdominales de la sociedad, representados cada uno por una escuela especial.

Sintéticamente pues todo es verdad; basta con hacer más profundizar en la cuestión y, sobre todo, con evitar el eclecticismo, el más grande de los errores posibles. En el abdomen del hombre hay algo que sostenga todo lo que el vientre cierra, es la materia

orgánica que constituye todas las células. Pero estas células acabarían rápidamente su función y morirían si una otra cosa, una sangre, y sobre todo un oxígeno que aporta no vengan animar para ellas. Por fin estas células tendrían como bello vivir que nada se produciría si una otra cosa todavía, una incitación nerviosa, no venga para poner todo esto en movimiento. Y estos tres principios de acción, la primera materia, la fuerza animadora y la fuerza motriz, son tanto vinculados y tan necesarios uno a otro que no podemos concebirlos actuando por separado. En el abdomen social (economía política) la primera materia producida por la Naturaleza sostiene todo y forma la base en la cual se apoyan otras acciones; pero el Trabajo producido por el hombre viene para dar el valor a esta primera materia y por fin la Especulación y es su objeto este valor viene para dar la plusvalía y el movimiento a otros principios. Es de la reacción armónica de estos tres principios: especulación, Trabajo y Realización física que resulta la salud del abdomen social. Es en el estudio de estas leyes y de sus análogos en la política y en la moral (tórax y mama de la Sociedad) que ya trabajo desde hace varios años. " Yo, me esfuerzo por darle a entender mi método, así como algunas conclusiones ya obtenidas. Posiblemente encontraremos después de todo que estas ideas son demasiado simples para ser verdaderas " posiblemente como me considerarán como un bono - a soñador no malo: que me importa. El estudio de la Ciencia oculto me condujo a buscar en todo el punto de vista sintético: quise aplicar este principio sobre el estudio de la Sociología. Cuando me sentiré preparado, publicaré una obra que resumirá mis trabajos y expondrá estas ideas con todos los detalles necesarios. - ¿y después? "

Después seré sin duda tan feliz como la abeja que viene para depositar en la colmena el producto de su visita larga a las flores del prado: ¿habré hecho lo que considero mi deber y no allí una gran satisfacción, y esta conciencia del deber consumada no constituye sólo suficiente recompensa (1)? " Así he aquí el balance de los esfuerzos intentados ahondados un grupo de investigadores que no desesperaron en el futuro y que, despreciando las satisfacciones engañosas de la política, son dirigidos a la Ciencia para investigar las causas dado la enfermedad social que ejerce actualmente Sus estragos en la inmensa mayoría de las naciones de Europa. ¿Cuál es, en cambio, la conducta de los gobernantes al poder en estas naciones? Es lo que debemos ahora examinar de nuestro mejor.

(1) J. LEJAY: la Economía política y el método sintético.

Indolencia y anarquía.
Los antiguos les preguntaban a sus gobernantes de garantías importantes a intelectuales y sobre todo morales. Además, los métodos aplicados sobre la dirección de las sociedades partían de este principio que los principios eran todo y que los individuos no eran nada. ¿ Que diríamos en efecto sobre viajeros que, en el momento de ponerse en camino, procederían por elección a la elección del mecánico encargada de conducir la locomotora y escogerían con este fin el más brillante a hablador? ¿Nos acusarán de forzar nuestra comparación, pero no lino poco aquel quién pasa en la vida pública de la inmensa mayoría de nuestras sociedades? El análisis al exceso y el individualismo triunfa por todas partes; los intereses personales superan todo y nuestra sociedad marcha positivamente la cabeza abajo y el vientre en el aire. La culpa no pertenece de allí de ninguna manera a sus gobernantes rellenos evidentemente por intenciones excelentes, cuyo patriotismo está por encima de toda sospecha, sino las que son los presos de un estado de malestares políticos del que ellos mismos son las primeras víctimas. La instrucción analítica que se les ha sido consagrada, la admiración que se les inculcó para la Revolución, la costumbre de manejar a los electores con bellas palabras y los diputados con grandes promesas, todo esto determina entre los hombres de gobierno, un pedazo agudo caracterizado por el predominio del inmediato sobre el futuro, pequeños comprometimientos para evitar las grandes audacias y por fin la indolencia para todo lo que es general y sintético por amor para todo lo que es

particular y analítico. Isla más, la inestabilidad ministerial y poca autoridad de los ministros sobre las oficinas tienden a destruir, sobre todo en Francia, esta unidad de política exterior, esta concepción ancha del futuro que desafía si es preciso la impopularidad para el obsequio que, las únicas, constituyen las naciones verdaderamente fuertes. Es allí la gran fuerza de Inglaterra para los gobernantes de los que la política, exterior no implica ninguna divergencia de vistas, cualquiera que sea el partido al poder. Es allí también la fuerza principal de Rusia, cuyo futuro legendario testamento de piedra el Gran sueldo fijo y lo bebió a alcanzar. Sólo los países dónde la unidad de gobierno todavía dura por la existencia simultánea del poder y de la autoridad en las manos de un único puede preservarse de empujes demagógicos. Tal es Rusia, tal es pueblo al cual no se presta una atención bastante grande, el cual se conoce muy mal y el cual se juzga falsamente: Turquía. No seguimos de bastante cerca los esfuerzos prodigiosos intentados y llevados a bien en algunos años por un soberano porfiado y trabajador y quien sintió muy bien el futuro posible reservado para pueblo que todo el mundo considera moribundo. Abandonando el culto exclusivo de la fuerza, sobre el cual se habían concentrado los esfuerzos de todos sus predecesores, Abdul Hamid II resolvió desarrollar,

como máximo, todas las fuentes de intelectualidad latentes en las nuevas generaciones. Les fundó, con este fin, más de diecinueve facultades y escuelas superiores a Constantinopla en algunos años, y totalmente proveídas a profesores eminentes y a alumnos y, mientras que otros gobiernos se dejen llevar por el culto de la Materia, Turquía espera su futuro solamente del triunfo de la Idea. La indolencia y la estrechez de vista son, en efecto, los caracteres de nuestros gobiernos efímeros. Evitamos, de prejuicio, el estudio detenido del organismo social, nos cogemos por fuera, a los vestidos, y dejamos la chusma invadir el cuerpo, escondido bajo el terciopelo y la seda. Cuando los parásitos aparecen por fuera, les matamos uno por uno, pero sin subir a la causa del mal. Obedecer al timón, es prever, es decir es hacer la higiene social. La indolencia engendra la suciedad, la suciedad permite el desarrollo de los parásitos por fuera y los microbios a. El interior. El anarquista es el microbio de la sociedad, es la célula que no recibe más el influjo vital necesario de los centros, y que, haciéndose centro a su vuelta, destruyendo para el placer de destruir y porque la destrucción es su sola razón para ser Ptomaines y dinamita son análogos. Entonces, así como lo determinó tan bien F. Ch. Barlet, llegamos desnudo punzado último del embrollo de la idea, del culto de la materia, el oro dios, el materialismo, el sensualismo, el culto del sostenedor al café cantante y del chantaje en una prensa cierta, todo esto es conexo y conducido fatalmente al mismo resultado: la descomposición pútrida en un individuo o la anarquía en una sociedad. El rigor y las leyes de excepción son sólo de pasajeros paliativos; la fe en el trabajo y en la ciencia es los remedios sólo verdaderamente. Resueltamente hay que volver al estudio de la idea si se quiere destruir la causa de todo el malestar material, y hay que comenzar las reformas con vientre, con la economía social; pero respetando las ruedas existentes y no queriendo destruirlos por la masa ignorante como muchos socialistas o por la dinamita como los anarquistas, Agrupado el electorado sobre los intereses corporativos y tampoco sobre la política, la autonomía de la Magistratura y de la Universidad, la herencia de los instrumentos y de las fábricas por los sindicatos obreros bajo ciertas garantías, el impuesto único sobre las herencias en línea colateral, el servicio de cada ciudadano, durante un cierto número de años y en su profesión para el Estado a cambio de la garantía de vivir, de la vivienda y del vestido del individuo por parte del Estado, todo esto son unos medios de transición que consideramos prácticos y que merecen una atención seria por parte de los que prefieren el inmediato al universal. El filósofo curioso de comprobar la vitalidad efectiva de la organización sinárquica y de sus derivados, también podrá estudiar la constitución y el funcionamiento del Imperio chino que conserva sus gobiernos durante varias centenas de años, que tiene un ejército de 300,000 hombres apenas para guardar 400 millones y que nos trata " salvajes y bárbaros ".

Un alto funcionario chino enviado a Europa para estudiar nuestra organización social decía: " Eh que, pues no tienen todavía leyes verdaderas ya que ellos siempre están ocupados de hacer noticias. En China he aquí varias centenas de años que no tuvimos que interesarnos por futilidades (1) iguales. " Qué el lector nos perdone la longitud de estas digresiones, nosotros todos todas creemos que nosotros todos todas hacemos obra útil llamando la atención en una cuestión capital y tenemos la certeza que el futuro vendrá para probar nuestros esfuerzos, tan humildes sean, no fueron totalmente vanos.

(1) Vea, a propósito de esto, los trabajos notables de Eug. Simón: la Ciudad incordia; la Ciudad francesa.

**DEL TRATAMIENTO EXTERNO Y PSÍQUICO DE LAS ENFERMEDADES
NERVIOSAS
IMANES Y CORONAS
MAGNÉTICOS - ESPEJOS - TRATAMIENTO DIETÉTICO
HIPNOTISMO - SUGERENCIA – TRANSFERENCIAS**

Dr. Gerard Encausse (Papus)

De la Facultad de París, Laureado de los hospitales de París
Ex-chef del Laboratorio de Hipnoterapia Del Dr. Luys a la Caridad, Oficial de Academia Oficial de Médjidié
Caballero de Cristo, Caballero del orden de Rey

INTRODUCCIÓN

FIN Y PLAN DE NUESTRO TRABAJO
En estos últimos años las numerosas búsquedas han sido hechas las que conciernen al tratamiento de las afecciones nerviosas -por procedimientos físicos (Imán, electricidad, etc.) o psíquicos (sugestión -transferencia). -estas búsquedas son esparcidas en una muchedumbre de tratados especiales y algunas hasta son todavía inéditas. -es porque quisimos reunir en un pequeño manual práctico bastantes informaciones para permitirle al práctico facultativo ser en condiciones de actuar con todo conocimiento de causa en la instauración de un tratamiento racional. Cuando comenzamos el estudio de hipnotismo en los hospitales primero como externo de Mesnet, luego como jefe de laboratorio de Luys, hemos sido golpeados por el exclusivismo en el cual nos encierran allí a la inmensa mayoría de los prácticos facultativos. Unos creen sólo al antiguo método de los baños y la hidroterapia, otros que emplean exclusivamente la sugestión y abandonan a los rebeldes enfermos a este modo de tratamiento, otros por fin se limitan a las inyecciones de suero artificial. Debemos hacer esta justicia a las búsquedas perseguidas a la Caridad bajo la dirección del DT Luys; el caso es que en este laboratorio todos los procedimientos de tratamiento sucesivamente han sido experimentados. Esta anchura de vistas quedará la característica de la Escuela de la Caridad creada por el DT Luys. Es allá dónde pudimos observar la importancia que hay a como todo conocer, para el práctico facultativo y es allá dónde tuvimos la primera idea del trabajo y presentamos su bosquejo a nuestros (as) Nuestro fin puede resumirse en algunas palabras: recordarles a los médicos los tratamientos que conocen e insistir bien solamente en los tratamientos poco familiares. Así es como mencionaremos rápidamente las prácticas de la electroterapia y del masaje reenviando los tratados especiales y sea insistiremos más en la práctica del hipnotismo, los espejos rotativos y de la transferencia. Recordaremos también ciertas prácticas antiguas y desconocidas hoy, como la medicina dietética, y el tratamiento por la llama. Pero nos tomaremos exclusivamente en el tratamiento externo y psíquico, reenviando desde ahora a los prácticos facultativos a quienes estos procedimientos no bastarían para la enseñanza de la Escuela que tocaría el tratamiento interno. Tal, como es y a pesar de sus imperfecciones inevitables somos persuadidos que este pequeño manual les prestará grandes servicios a los prácticos facultativos.

EL AUTOR.
Página 3 de 75

CAPÍTULO

LOS PRIMERO
Efecto buscado por el empleo de los imanes.

El efecto buscado por el empleo de los imanes debe ser la modificación de los centros nerviosos por medio de la creación a un campo magnético especial alrededor de estos centros. También la acción producida por un imán dependerá del tamaño del campo magnético creado por este imán y del informe más o menos extendido por este campo magnético con los centros nerviosos sobre los que se desea influir. El imán actúa como un aparato físico y no tiene facilidad de ninguna propiedad metafísica. Es porque las acciones obtenidas por los observadores diversos fueron tan diversas y los resultados

Determinación de campo magnético de un imán por las medidas de hierro.

Producidos tan contradictorios. Estudiamos sólo la acción del imán sobre la enfermedad sin ocuparse del género o de la potencia del imán; como tampoco de la localización de su acción. Estos factores son sin embargo indispensables observar si se quiere escribir un tratado serio sobre la acción de los imanes. Pero aquí debemos limitarnos a las indicaciones prácticas; es porque vamos a resumir rápidamente estas indicaciones.

-Aparatos diversos y empleados.
Un gabinete provisto seriamente para el empleo de los imanes debe comprender:
I.° barras de hierro imantado por dos tamaños.
A. De grandes barras de 0m, => o de longitud, de 0m, 05 del espesor y formados De tres barras reunidas.
B. De pequeños barras de 0m, 20 sobre 0m, 03.
2° Un buen electroimán de 0m, 10 de altura más o menos.
Página 4 de 75

3° De Las placas imantadas ligeramente cóncavas y destinadas a las aplicaciones locales.

4° De Las cadenas y las coronas formadas por la reunión de pequeños imanes.

5° coronas imantadas.

6° Una corona electromagnética.

7° Un casco solenoide. Vamos a describir el empleo de estos aparatos diversos.

LAS BARRAS IMANTADAS (GRANDES) CORRIENTES)

Las grandes barras imantadas son empleadas para producir las grandes corrientes de imantación y esto del modo siguiente.

A. En el primer caso cuando se trata de tratar el temblor de los miembros o coreo el enfermo tiene de cada mano uno de los polos del imán.

B. más generalmente es preferible dirigir uno de los polos del imán hacia uno de los grandes plexos nervioso (plexo cardiaco, o plexo solar) colocando por el lado opuesto una pequeña masa de hierro, es allí un tratamiento excelente de ciertas variedades de neurastenia.

Para la cabeza emplearemos preferentemente las coronas magnéticas. Las pequeñas barras son utilizadas para la transferencia.

Página 5 de 75

El Electroimán tiene dos usos.

1.° reemplaza en ciertos casos las grandes barras.

2° Le permite mantener a un grado siempre igual la imantación de todos los barras y de las placas empleadas (utilizar siempre el procedimiento del frotamiento para la imantación).

Placas magnéticas. PLACAS MAGNÉTICAS

Desde la época de Mesmer habíamos soñado con emplear las placas magnéticas.

Son placas de hierro dulces convenientemente imantadas y ligeramente cóncavas para poder aplicarse fácilmente el cuerpo. Destinan formas diversas según las partes del cuerpo las cuales son destinadas a actuar.

Cadenean pequeños imanes.

El Dr. Luys hizo construir cadenas de pequeños imanes subidos sobre cuero. La longitud de estas cadenas es variable.

Página

6

de

75

Sin embargo no aconsejamos el empleo de estas cadenas o de estas coronas visto la debilidad del campo magnético de cada uno de estos pequeños imanes. Las placas o las coronas magnéticas son de muy preferibles. Los consejos que podemos dar para el empleo de los imanes según nuestra experiencia personal, pueden resumirse en algunas proposiciones siguientes:

1 ° Emplear preferentemente barras derechas fuertemente imantados y que tienen un campo magnético poderoso.

(Determinamos la potencia del campo magnético midiendo la acción del imán sobre un cartón salpicado por polvo de hierro).

2 ° hacer actuar la acción magnética más cerca posible del centro nervioso que se debe influir (imantar el plexo nervioso para coreo, el cerebelo para la epilepsia, etc.).

3 ° Aumentar la acción del imán colocando pedazos de hierro dulce en oposición con él. Pero así como el patricio debe conocer todos los métodos empleados vamos a acabar este parágrafo por el resumen de los métodos clásicos y produciremos también algunos trabajos ya hechos sobre la acción y el empleo de los imanes en terapéutica.

Método de MM. Bourneville y Bricon.

En Bicêtre MM. Bourneville y Bricon emplearon los imanes de hierro a caballo y armaduras magnéticas de diversas formas. Los imanes de hierro a caballo han sido aplicados entre 16 enfermos entre los que están 15 epilépticos (7 niños y 8 adultos). Los imanes fabricados por Sr. Ducretet eran de una fuerza sustentadora de 35340 kilogramos que pesaban 7, 500 y fueron constados por cinco láminas de acero, cada una de 4 centímetros de anchura y de 1 centímetros de espesor.

La aplicación generalmente se efectuaba por la mañana. En 12 de sus enfermos, el imán ha sido colocado sobre la nuca (sobre dos de éstos el imán había sido, durante algunos días, aplicado sobre la cumbre de la cabeza), el polo Sur arriba, el polo Norte abajo (en dos de estos enfermos los polos han sido puestos uno tiempo el norte arriba, el sur abajo). Las aplicaciones fueron diarias y de una duración de una hora.

Método de MM. Proust y Ballet.

MM. Proust y Ballet describen así el procedimiento que empleaban: " En la aplicación de los imanes procedemos habitualmente del modo siguiente: tú enfermo o el enfermo es extendido a la cama, exactamente anotamos el estado de la sensibilidad general o especial, el grado de la fuerza muscular medida con la ayuda del dinamómetro y comparado por un lado con otro, por fin los diferentes síntomas que el enfermo presenta, si se efectúa allí. Luego el primer imán es aplicado al nivel del antebrazo.

Cuando empleamos varios, el segundo habitualmente es puesto al nivel del muslo; el tercero, en contacto con la pierna. Si se juzga utilizar un número más grande, colocamos otros en el ínterin los primeros sin que el lugar de aplicación tuviera importancia por otra parte grande. Tenemos siempre el cuidado de colocar los polos de los imanes a 5 o 6 centímetros de distancia de la piel y hasta de recubrirlos con una compresa con el fin de que los efectos obtenidos sean muy imputable a la sola acción

del imán y no a la de acero, actuando como metal como en las experiencias del Dr. Burq. -los imanes una vez aplicados, los dejamos en sitio durante un tiempo variable. Somos a menudo obligados para conseguir efectos, de mantenerlos aplicados durante varias horas. No obstante, en un gran número de casos, la acción del magnetismo es mucho más pronta y se manifiesta en algunos minutos. Las observaciones de MM.

Proust y Ballet permitió establecer una diferencia notable entre la acción de los metales y la de imanes. En efecto, la vuelta de la sensibilidad provocada por los aquí se hace siempre del centro en la periferia (se presenta con tórax) cualquiera que sea la parte puesta en contacto con los imanes. Durante la aplicación de los imanes es necesario, ni que decir tiene, investigar y anotar exactamente, a intervalos de los tiempos más o menos acercados, siguiendo los casos, las modificaciones que pueden producirse en el estado del enfermo, esté del lado de la sensibilidad, lado de la movilidad. Efectos terapéuticos del imán resumidos por el Dr. Bricon. En los histéricos la vuelta de la sensibilidad es generalmente pasajera; publicamos no obstante un cierto número de observaciones donde la curación definitiva principalmente ha sido obtenida en consecuencia de aplicaciones prolongadas unilaterales o bilaterales. Por aplicaciones bilaterales prolongadas, Sr. Debove llegó a hacer hemianestésica histérica alcanzada de anestesia generalizada. El mismo resultado ha sido obtenido en los disturbios de la sensibilidad especial y de la motilidad de los histéricos. En el hemianestésias y observadas las hemiplejías en el alcoholismo, el saturnismo, las lesiones cerebrales, el imán trajo la vuelta definitiva sin transferencia de la sensibilidad y de la motilidad en un cierto número de casos. En cuanto a la motilidad, es necesario anotar que la parálisis del que se trata aquí acompañaba la anestesia sensorial y cutánea y que son las únicas quienes parecen justiciables del tratamiento magnético. Sr. Bernheim atribuye no obstante al imán una eficacia especial sobre la función motriz. [Revista médica del Este, el 15 de mayo de 1881]. Sobre 22 epilépticos enfermos sometidos a un tratamiento prolongado y exclusivo por los imanes de hierro a caballo o las armaduras (modificación de las de él Noble y de Harsu) MM. Bourneville y Bricon no obtuvieron, contrariamente a los hechos aceptados por otros autores, por ningún resultado satisfactorio. El imán todavía ha sido empleado recientemente de nuevo para combatir algunas cefalalgias; lo utilizamos para la extracción de los cuerpos extraños (acero) de la córnea, etc. El método de Sr. Debon consiste en la aplicación prolongada y bilateral de imanes de hierro a caballo dispuestos por cada lado de cuerpos en número más o menos grande. Podemos obtener en ciertos casos la conservación forzada y prolongada de la sensibilidad de ambas partes por medio de la aplicación de las placas neutras metálicas (Vigorosas). Las aplicaciones prolongadas y bilaterales permiten obtener a veces los resultados que no se habría podido obtener por los procedimientos ordinarios. -Todavía no podemos distintamente establecer, desde ahora, las indicaciones terapéuticas del imán.

Página 8 de 75

Del empleo del imán en la terapéutica, por W. HAMOND de Nueva York. Qué el imán pueda ejercer una influencia fuerte y fisiológica sobre los animales, y hasta sobre las plantas, es un hecho que la experiencia definitivamente estableció, aunque generalmente sea hecho poco caso de eso por los médicos. La razón de este descuido debe ser atribuida sin duda a esta circunstancia, que los que promulgaron la ciencia del magnetismo mezclaron tanta pelota, con grano de trigo, que este último se encontró perdido a causa de la gran superfluidad de la primera. Este sujeto fue estudiado, hace varios años, por el barón Von Reichenbach, hombre no sólo dotado de una ciencia profunda, sino que además valoraba en gran consideración por Liebig 1 Anales de Psiquiatría y de Hipnología, -(noviembre de 1894). Y otros sabios eminentes. Cumple un gran número de experimentos sobre sujetos neuropáticos ambos sexos y aunque muchas cosas que dedujo de sus búsquedas puedan ser miradas como erróneas, no podemos rigurosamente decir sobre eso tantas todas sus conclusiones. Por ejemplo, cada uno puede fácilmente convencerse de la verdad de la observación siguiente (me aseguré repetidas veces su puntualidad: " Si un imán fuerte, pudiendo sostener cerca de diez libras es dirigido de arriba abajo sobre los cuerpos de quince o veinte personas, sin tocarlos efectivamente, encontrará de allí siempre entre ellas, algunas que sean excitadas de modo particular. El número de individuos que se encuentran para ser sensitivos de esa manera es más grande que generalmente nos le imaginamos. El tipo de impresión producida sobre estas personas excitables, que por otra parte pueden ser miradas como llenas de salud, es difícil de describir: Es más bien desagradable que agradable, y combinada a una sensación ligera de corriente de aire fresca, o de un calor dulce, que los enfermos se imaginan sentir sobre ellos. Algunas veces sienten

dificultades, picazones o tienen carne de gallina; algunos se quejan de ataques súbitos de cefalalgias, no sólo mujeres, sino que hombres a la flor de la edad se encuentran para ser muy sensibles a esta influencia; entre los niños, se hace sentir algunas veces de modo muy activo. Es indudable que de experiencias semejantes sean susceptibles de conducir a los resultados muy decepcionantes. Todo el mundo es más o menos apto para recibir la impresión del " principio de la sugerencia ", lo que consiste en lo que los sujetos ven y sienten, según lo que se espera de ellos, o según que les es dicho ver o sentir. Pero hasta cuando las experiencias son hechas tomando todas las precauciones para ponerse en guardia contra la influencia de este factor, fenómenos que esencialmente no difieren de los observados por Reichenbach se producen. Para le dársele un ejemplo, citaré la experiencia siguiente hecha solamente desde hace algunos días. Un Señor de edad de 30 años y de una naturaleza de ninguna manera impresionable descubrió su brazo derecho, a mi demanda, levantando la manga de su camisa hasta el hombro, y distendió de toda su longitud sobre una mesa. Tomé entonces un pañuelo y él vendé estrechamente los ojos, expresándole el deseo voluntario de decirme bien cuales sensaciones sentiría en este brazo en el curso de la experiencia. Habiéndolo inducido así a concentrar su atención en esta parte de su persona, tuve un imán fuerte

Página 9 de 75

en forma de hierro a caballo, en contacto casi inmediato por encima de su nuca y a cerca de un pulgar de intervalo con la piel. Al cabo de treinta y dos segundos a mi reloj, dice: no siento nada en absoluto en el brazo, sino experimento una sensación extraña de entumecimiento detrás del cuello. Diez segundos después, exclamaba: 11 parece ahora que usted me pasea un vaso ardiente detrás del cuello. Quité el imán y le pedí si no sentía nada en el brazo. No, replicó, no creo. Mientras que hablaba, vivamente traje el imán por encima de su cabeza y al mismo tiempo le golpeé el brazo con una plegadera. " Huelo que usted me golpea el brazo con algo, dice, pero el entumecimiento que sentía en el cuello desapareció y se encuentra ahora para ser justo por encima de mi cabeza. " Alejé entonces el imán y lo hice mover por encima del brazo, por encima del hombro al cabo de los dedos a la distancia de un pulgar o más o menos de la superficie de la piel. Después de dos o tres pasos de este modo, dice: ahora siento algo en el brazo; experimento una sensación tal como si usted me pinchaba el brazo con alfileres, aunque esto no me hiere de ninguna manera. Ahora me parece al que el vaso ardiente ligeramente me quema durante el brazo. Otras modificaciones de la experiencia fueron hechas, y siempre con resultado semejante. Era evidente que el imán producía sensaciones irritantes sobre las partes del cuerpo donde su proximidad no era sospechosa. Reichenbach suponía que de tales fenómenos y otros, que describía, eran debido a una fuerza que era el primero que hay que reconocer, y el cual, pretendía, tenía su asiento en el cuerpo de la persona. Lo llamaba la fuerza odica od u odilica. Cuando existía a un alto grado, los sujetos fueron mirados como sensitivos, y podían exhibir efectos todavía más asombrosos por la acción de los imanes que aquellos de quienes es ya hecho mención. Estos sensitivos eran casi invariablemente unos individuos de temperamentos fuertes y neuróticos, y mujeres para la inmensa mayoría. Según sonido decir, prefería a las que frecuentemente fueron incomodadas por cefalalgias periódicas, sobre todo por la jaqueca; las que se quejaban de opresión temporal del estómago, o las que dormían mal sin causa aparente; las que soñaban todo alto durante el sueño o las que fueron agitadas durante la noche, sufriendo la influencia de la luna llena; Las que fueron indispuestas rápidamente en las iglesias y los teatros, o las que eran muy sensibles a los olores fuertes. Cuando tales personas y varios conductos en una cámara oscura en la cual varios imanes estuvieron colocados, eran capaces al cabo de algunos minutos de determinar las posiciones precisas de estos objetos por los rayos de luz que emanaban de sus polos. Le cito los extractos siguientes de una carta escrita por Sr. Volpicelli, de Roma, a Sr. Chevreul, de París, como que se explica a la vez y los efectos del imán y 1 necesidad de ponerse en guardia contra un engaño, hasta involuntario, por parte del sujeto. " Un médico, dice este corresponsal, poseyendo una reputación excelente, afirma que si un imán es puesto en contacto con un sujeto nervioso, el magnetismo ocasiona efectos perturbadores y desarregla notablemente la salud. Para mi parte, dudo para

Página 10 de 75

que estos disturbios sean debidos, de ningún modo, a la influencia magnética, y no discuto sin embargo su existencia efectiva, pero los atribuyo a la imaginación de la persona. Fui invitado por un profesor sabio y medical que hay que hacerle experiencias sobre un sujeto nervioso, al hospital del Espíritu Santo, en Roma. Acepté la oferta cortés, pero en lugar de un imán, aporté un pedazo de hierro que fue magnetizado de ningún modo. El enfermo antes no hubo visto este hierro, que fue cogido por convulsiones violentas. Su imaginación había sufrido tal excitación que pudimos observar disturbios nerviosos incitados a su intensidad más grande. " Hice una segunda experiencia. Un imán estuvo colocado en la mano de una persona también destinada por una enfermedad nerviosa. Al cabo de algunos segundos, se volvió tan violentamente excitada que me vi obligado a quitarlo. Me sentí convencido que el disturbio nervioso fue producido por la vista simple del imán y despunta por una acción magnética cualquiera, y varios días después, pude adquirir, por ciertos medios, la convicción del hecho siguiente. La misma persona fue invitada a presidir una reunión científica. Tomé imanes poderosos y los coloqué bajo su silla, en el cajón de su mesa, y hasta bajo sus pies, sin que tuviera la sospecha más ligera de mis preparativos. Durante la sesión, que duró más de dos horas, tuvo que sea por medio de disturbios nerviosos; e inmediatamente después la reunión, respondiendo a la petición que se lo hice, me declaró que se sentía perfectamente bien. Cuando se le supo que había sido rodeado de imanes poderosos, manifestó a la vez la sorpresa y el espanto, como si no estuviera completamente seguro de ser lleno de salud. " Pero el ensayo más filosófico y al mismo tiempo más práctico de la acción del magnetismo sobre los seres vivos es el del Dr. Juan Vansant. Sus experiencias fueron hechas, y sobre plantas que no podían ser sospechadas de ser influidas por el principio de la sugerencia y sobre insectos u otros animales de la orden más inferior, de hasta insensibles a toda influencia, por fin sobre individuos, sino calculando las circunstancias, con el fin de evitar toda sospecha de la acción de ningún factor otra que el magnetismo. El Doctor Vansant empleaba pequeños imanes de acero, pudiendo sostener cerca de una onza de hierro, acabándose por trozos muy puntiagudos, y proveída para la comodidad del manejo de un puñado de madera en medio. Así como el periódico del Dr. Vansant no es generalmente accesible, cito debido a la importancia del sujeto, según sus documentos, la descripción siguiente: " Mi atención por primera vez particularmente había dirigido sobre el sujeto de esta comunicación en el invierno de 1866, cuando yo tener la oportunidad de observar que un pequeño junquillo de acero magnetizado " cuyas extremidades eran extremadamente puntiagudas ", si fue puesta cuidadosamente en contacto con una ampolla de una sensibilidad viva, que había sido producida por casualidad sobre uno de mis dedos por un punzón, daba lugar, cuando el polo Sur fue aplicado, a una sensación aguda momentánea, y parecía devolver la ampolla más dolorosa cuando el imán fue retirado. Cuando se hacía uso de la misma manera el polo Norte, ninguna sensación fue sentida en el momento del contacto y después del alejamiento del imán el dolor primitivo se calmaba de modo notable. Golpeado por este fenómeno, y sin embargo que casi se no fiaba de mis propias sensaciones, comencé por informar si era posible reconocer una diferencia entre ambas extremidades de un imán por medio de algún órgano particularmente sensible en su condición normal. A prueba, encontré que la membrana conjuntiva del ojo indicaría, por su sensibilidad, por cual polo fue tocada. Podía poner con cuidado la extremidad puntiaguda Norte del junquillo magnético sobre

Página 11 de 75

esta membrana sin dolor, o parpadeo de ojos, pero en el momento en que el polo Sur fue aplicado, importa con cual delicadeza, experimentaba una sensación aguda y un guiño ligero e involuntario del párpado. El efecto era débil, pero evidente. La experiencia fue repetida sobre el ojo de otra persona el mismo día y dio los resultados semejantes. Después de eso hice numerosas experiencias con imanes de diferentes formas y potencia (bien que con de muy grueso) aplicados sobre partes diferentes del cuerpo y así jamás observaba una serie determinada de síntomas después de cada aplicación hecha de la misma manera a una parte dada, con tal que un lapso del tiempo suficiente haya desaparecido entre las aplicaciones para que el órgano haya vuelto a su estado ordinario. Finalmente terminé de convencerme de la autenticidad de los fenómenos. Adquirí la certeza que no debían ser atribuidos en absoluto a la

imaginación y que eran tan regulares y constantes en la manera en la que se presentaban que los que siguen la administración de toda sustancia medicinal. Las experiencias del Dr. Vansant tenían para la inmensa mayoría un carácter fisiológico. Hace mención sin embargo de tres casos para los cuales el imán fue empleado como agente terapéutico, y con efecto inmediato. Así: "Sr. J. R., un Señor de una organización bastante delicada tenía una neuralgia en el lado superior del lado de la figura. Apliqué el polo Norte de una pequeña barra imantada que podía apenas levantar una media onza por uno de sus polos durante algunos segundos sobre el lugar doloroso. Aproximadamente al cabo de diez minutos dice que el dolor fue aumentado y localizado. Apliqué entonces el polo Sur de la manera misma y algunos minutos después declaró que el dolor casi había cesado. Este Señor se esperaba ser aliviado por la primera aplicación.

" Sr. M., un hombre muy privado de imaginación, tenía una neuralgia facial de origen infeccioso. Apliqué el polo del mismo pequeño imán descrito más arriba, aproximadamente durante un minuto. Al cabo de cinco minutos se quejó de lo que el dolor era peor. " Hice entonces una aplicación del polo + y en menos de un minuto el dolor cedió casi totalmente. Al cabo de aproximadamente la una hora, hubo un nuevo acceso de dolor, pero muy aminorado como intensidad. Esta persona también fue inducida a esperar del alivio por la primera manera de adaptación.

" Sra. S. Una dama de una sensibilidad notable, pero que poseía un gran imperio misma, sufría de una neuralgia atroz de los nervios que acababan en el lado izquierdo del estanco. La víspera, había hecho, cerca del lugar doloroso, una inyección subcutánea con cuarto de un gramo de sulfato de morfina, cuyo efecto fue producir una depresión muy grande de las fuerzas vitales, pero no aliviar el dolor, que continuó siendo sentido durante la inconciencia que siguió. A esta ocasión, sin que hubo por parte de la dama el menor conocimiento de lo que hacía, lentamente pasé, aproximadamente durante diez segundos, sobre el superior tercero del muslo el polo de un junquillo de acero fuertemente magnetizado por cuatro pulgadas de longitud sobre un tercio del pulgar de diámetro. El efecto fue sorprendente y alarmante. El dolor cambió de posición, se difundió y subió, pero no fue aliviado. Un estado de estupor sobrevino, su respiración fue oprimida, una palidez mortal invade su cara, sus líneas se volvieron nerviosas, sus ojos hundidos y medio cercado; el corazón débilmente latía, y la superficie del cuerpo fue fría y cubierta de un sudor viscoso. El efecto deprimente se

Página 12 de 75

parecía mucho al que había sido producido por la morfina el día precedente, pero fue hasta más marcado. Todos estos síntomas se manifestaron en el espacio de algunos minutos. Después de haber esperado quince minutos, apliqué el otro polo, el polo -+ durante la misma longitud del tiempo, en un lugar un poco debajo de la juntura de la cadera, y en poco tiempo, los nuevos síntomas se manifestaron. El dolor fue aumentado y más localizado en apariencia; las extremidades frías, pero el sudor estuvo detenido, la respiración más profunda, los ojos naturalmente cerrados y todos signos de depresión comenzaron a disiparse. "

Estos extractos del periódico muy interesante del Dr. Vansant son suficientes para mostrar los resultados de sus búsquedas.

Vengo ahora ponerle al tanto de mis propias observaciones. Al contrario del Dr. Vansant, que se servía de barras magnéticas, encontré que la forma de hierro a caballo, tal como los imanes expuestos aquí, era más eficaz. Es preferible también tener ellos todos de la misma talla, porque entonces pueden ser atados juntos, y su fuerza lo es muy aumentada.

Los polos pueden ser separados procurando de inclinar el imán con el fin de poner un polo en contacto más acercado a la superficie que el otro. Además, la barra magnética pierde pronto su magnetismo, mientras que el imán de hierro a caballo, si el que lo posee el guardia en un lugar conveniente, no sufrirá ningún deterioro durante años de un empleo constante. Cuando es juicioso de actuar con gran efecto una parte muy limitada del cuerpo, agujas pueden ser fijadas sobre la una de los polos o sobre los dos a la vez, o colocadas entra un par de imanes. Cuando dos o varios imanes son

reunidos en un único, debemos ocuparnos que todos los polos nortes y los polos meridionales se corresponden; de otro modo su potencia sería muy reducida de allí.

Durante varios años, he empleado, en mi práctica de la medicina, los imanes, y de modo considerable, sobre todo en el tratamiento de la neuralgia. Pero es solamente desde hace poco me serví de eso para el tratamiento de coreo y de la parálisis. Esto son las últimas clases de casos que propongo tratar en este artículo como lo que concierne a la influencia terapéutica del imán.

Compulsión

1er. CASO. -A. C, de edad de diez años, se volvió afectada de compulsión, tanto como podemos afirmar, hacia el 5 de julio de este mismo año. Logró el 21 de agosto ponerse bajo mi observación. En aquella época había una agitación continua de todos los músculos del tronco y de la cara. Había perdido la facultad de la voz. Por medio de un yugo que envolvía el cuello y los hombros, até dos imanes de hierro a caballo que podían cada uno sostener cuatro libras de hierro, de tal modo que uno fue apretado sobre la región cervico dorsal de la espina, y el otro sobre el esternón, ser dirigidos los polos de arriba abajo. Los imanes fueron aplicados sobre la 1h 30 m. el 22 de agosto. A la 1h 55 m. todo movimiento compulsivo había cesado. A la 1h 57 m. pronunció algunas palabras: sí, no, no sé. A las 2h 05 m. dice: " querría ir a la casa, mamá. " Los imanes entonces fueron quitados. Hasta aquí, y somos el 15 de septiembre, no hubo ninguna recaída.
Página 13 de 75

2do. CASO. -semejante al primero, pero la enferma podía hablar. Los imanes no produjeron ningún efecto, aunque aplicados repetidas veces. La enferma se cura con arsénico a altas dosis.

3er. CASO. -J. T., una joven chica, de edad de once años, me fue traída el 1 de septiembre, con el fin de ser tratado para coreo. El caso era unilateral, ser limitados los movimientos al lado izquierdo. Mi imán fue aplicado sobre la parte delantera del muslo izquierdo y el otro sobre la región cervical de la espina. Los movimientos cesaron al cabo de once minutos. Punto de recaída.

4º. CASO. -W. L., un chico de edad de siete años, compulsiones desde hace tres semanas, movimientos generales. Punto del resultado por los imanes. Curado en doce días por el arsénico.

5º. CASO. -C. D., chico de edad de nueve años, compulsiones desde hace dos meses, muy debilitado, no siendo capaz en absoluto de marchar sin derribar repetidas veces, movimientos generales, ningún resultado por el empleo de los imanes, curado al cabo de dos semanas por el arsénico.

6º. CASO. -R. D., una niña de edad de nueve años, compulsiones desde hace seis semanas, movimientos generales; punto del resultado por los imanes.

7º. CASO. -J. L., una chica de edad de ocho años, compulsiones desde hace seis semanas, movimientos limitados a la cara y en el cuello. Punto del resultado por los imanes. Todavía bajo el tratamiento del arsénico. Mejoramiento.

8º. CASO. -D. C> un chico de edad de ocho años, compulsiones desde hace un mes, movimientos generales, punzado por el resultado por los imanes, aunque fueron aplicados repetidas veces y dejados durante la una hora o más a la vez.

9º. CASO. -C. W., un chico de edad de siete años, compulsiones desde hace tres meses, movimientos limitados en las manos y en la figura. Ningún resultado por una aplicación repetida por imanes.

En resumen, empleé el imán para nuevo caso de compulsión. Para dos de ellos, los efectos fueron notables, al haberse producido curaciones completas en algunos minutos. Para los siete ningún otro resultado se efectuó. Es probable que observaciones posteriores demuestren que variaciones en la fuerza de los imanes o el modo de aplicación serán ventajosas.

Página 14 de 75

CAPITULO CORONAS

II MAGNÉTICAS

Cuando se trata de influir magnéticamente sobre el cerebro, las coronas magnéticas se vuelven muy útiles y dan los resultados excelentes.

Estas coronas son fuertemente imantadas y su campo de acción es bastante importante. El modelo más simple es empleado en la Caridad y las figuras indican, mejor que todas las demostraciones, su constitución y la colocación. Pero estas coronas presentan curiosa particularidad. Conservan la impresión fijada sobre ellas y pueden operarlo la transferencia. He aquí en cuales términos este descubrimiento ha sido presentado a la Sociedad de Biología.

Corona magnética.
De la transferencia a distancia con la ayuda de una corona de hierro imantado, de estados neuropáticos variados, de un sujeto en el estado vela sobre un sujeto por el estado hipnótico, por MM. Luys y Encausse.

La cuestión de la transferencia de estados neuropáticos variados que distintamente ha sido puesta en evidencia tan en últimamente por los trabajos de nuestro colega Babinski, acaba de enriquecerse de hechos nuevos que Sr. Encausse, mi jefe de laboratorio y yo, recientemente comprobamos todo.

No se trata más, en este caso, de la transferencia por contacto magnético de un estado neuropático cualquiera (parálisis, contracciones, anestias, etc.), de un sujeto que toma así, gracias a la intervención de un imán interpuesto, el estado mórbido de su compañero, pero mucha transferencia real, a distancia, sobre una corona de hierro imantado sirviendo de substrato material, de un estado neuropático cualquiera, de un sujeto transfiere (parálisis, contracciones, vértigos, etc.), en el estado de la víspera, en el sujeto en estado hipnótico. Podemos así, el sujeto hipnotizado que es en una cámara vecina, quitar la corona superior la cabeza del sujeto transfiere, llevar en la mano susodicha corona imantada que es encargada por el estado neuropático, como si se trate de un acumulador
Página 15 de 75

verdadero cargado de fluido eléctrico, y provocar reacciones similares. -son allí hechos nuevos y quienes son unas deducciones lógicas de los primeros trabajos que han sido hechos sobre la materia, y que un gran número de médicos fue en condiciones de verificar cada día la puntualidad en mi servicio a la Caridad. He aquí cómo operamos:

Presento primero a la Sociedad la corona imantada tal, como lo hice construir. Vemos que consiste en una lámina de hierro curvilíneo que abraza circularmente la curva craneana. Su continuidad es interrumpida al nivel de la región frontal, y cada extremidad libre de la media corona representa un polo del imán. -un espectro magnético hecho con las limaduras de hierro y fotografiado da una imagen fiel del brillo magnético.

Empíricamente, aplico el polo Norte sobre la sien derecha (indicaré más lejos el motivo de esta disposición), e interpongo entre la sien izquierda y otro polo un tapón de ropa blanca para asegurar el predominio de acción del polo al contacto de la piel. Un armazón hecho con la ayuda de cintas de cuero permite fijar la corona sobre la cabeza horizontalmente, y mantenerlo en las condiciones indicadas que me aparecen hasta ahora las más favorables la manifestación del fenómeno. Sea ahora un sujeto A, golpeado por hemiplejía derecha y en estado de vigilia, - Aplicamos, así como acabo de indicarlo, la media corona en su cabeza, el polo Norte a la derecha, y la mantenemos horizontalmente aproximadamente durante cinco minutos. " al cabo de este tiempo, sin proferir ninguna palabra, la colocamos en la cabeza de un sujeto B, previamente permitiendo por letargo hipnótico y colocado en una cámara vecina. Casi instantáneamente, el sujeto B. percibe una conmoción como una pequeña descarga eléctrica; todo su lado derecho se vuelve hemipléjico, y cuando se lo dirige hacia el despertar y cuando según los procedimientos usuales lo hace pasar en catalepsia, luego en sonambulismo lúcido, en este momento, digo, habla, tomó a la personalidad del sujeto hemipléjico, tiene la voz confusa, tiene el brazo que cuelga, marcha segando. En una palabra, la personalidad mórbida del sujeto transfiere hemipléjico real se encarnó con todos sus caracteres sobre el sujeto trasladado con una precisión verdadera.

" Al despertar, este estado pasajero desaparece instantáneamente en forma de sugerencia imperativa.

La fuerza nerviosa mórbida acumulada sobre la corona imantada no se apaga inmediatamente en cuanto se descargó sobre el primer sujeto.

Comprobé que esta fuerza acumulada era todavía apta para producir efectos idénticos, menos acentuados posiblemente, en un segundo sujeto.

Todavía puede persistir durante uno tiempo, y parsimoniosamente comprobé que cuando había quedado uno tiempo en contacto con los sujetos en experiencia, al cabo de una media hora, y algunas veces al cabo de las dos horas, era todavía bastante activa para revelarse por efectos apreciables.

Página 16 de 75

Pude así transportar a distancia, con la ayuda de la misma corona, las contracciones de las extremidades inferiores de un sujeto de mi servicio alcanzado por movilidad traumática, y que tenía los miembros inferiores muy dolorosamente nerviosos, " Neuralgias faciales y ciáticas, y, - cosa muy extraña ciertamente! " Estados cerebrales, disturbios encefálicos, tales como vértigos, 1 De Las experiencias recientes me permitieron comprobar que el estado neuro magnético de la corona imantada era susceptible de persistir el tiempo más prolongado. Al cabo de las 48 horas, una corona magnética colocada sobre la mama de un sujeto alcanzado por tortícolis, y colocada por inadvertencia 48 horas después sobre la mama de un sujeto hipnotizado reveló su actividad persistente por disturbios de tortícolis similar, y esto naturalmente se hizo sin que sospechemos para que esto pueda pasar, aturdimientos, sensaciones de agotamiento intelectual y de pérdida de memoria.

Todos estos estados neuropáticos, sean de orden somática o de orden psíquica, aparecen pues obedecer a las mismas leyes de la transferencia, y poder, a merced del experimentador, ser impuestos así sujetos hipnotizados que pueden transitoriamente servir para ellos de receptores, e impregnarse de eso de modo completo a la gran ventaja de su mejoramiento curativo. Siguiendo esta orden de ideas, naturalmente somos hechos investigar si en el empleo de estos métodos nuevos, no sería posible divisar medios nuevos aplicables a la terapéutica de las enfermedades mentales. -va a tener allí un problema de primer orden que va a ponerse a los espíritus a investigadores. ¿Porque, por lo tanto de este punto de partida real e indiscutible, en virtud del cual se puede trasladar a un sujeto de los estados neurológicos mórbidos que pertenecen a otro, somos hechos preguntarse si la recíproca no sería también verdadera, y tan por ejemplo, sobre un cerebro turbado y congestivo, en el período de excitación o de depresión, no sería posible trasladar las fuerzas nerviosas acumuladas por un cerebro en el estado fisiológico? En una época cuando 1ª audacia del cirujano no tiene más límites por medio de terapéutica mental, en una época cuando Sr. Burckard (de Préfargier) anuncia, en el Congreso de Berlín, cuando pudo curar ciertos casos de locura, con la ayuda de la extirpación de ciertas regiones de la corteza, podemos decir que en este dominio especial de la patología, todo es posible, y que las tentativas más aparte de las ideas normalmente recibidas, son a menudo coronadas de éxitos inesperados.

Todos estos hechos que pertenecen al dominio del hipnotismo, que parecen tan extraños a los espíritus mal preparados, se llevan con ellos una enseñanza muy significativa. Devuelven en luz, y revivifican, bajo una forma nueva, ciertas prácticas que pertenecen a todas las fases de la humanidad, estas tendencias al sobrenatural, que se reencuentra como fondo común de todas las religiones.

¿Acaso estas transferencias a distancia de fuerzas neuricas y psíquicas con la ayuda de un substrato material, por una corona simple y imantada, no recuerdan al espíritu la acción misteriosa de los talismanes y de los amuletos, los sortilegios de los brujos? ¿Y, por fin, en el mundo católico, la Iglesia no supone como uno de sus dogmas fundamentales que ciertos cuerpos materiales, ciertas reliquias, Los objetos benditos,

Página 17 de 75

se llevan con ellos a distancia ciertas gracias especiales, emanadas del que las consagró?

¿No son pues allí representaciones paralelas de los mismos fenómenos de orden psíquica que acabamos de exponer? Y como no somos hechos decir que en este dominio tan curioso de las cosas del hipnotismo, a pesar de las apariencias, no encontramos nada de nuevo, y que sólo hacemos

revivir antiguas cosas olvidadas en la evolución mental de la humanidad.
DESAPARICIÓN DE LA INFLUENCIA
Para quitar la influencia tan fijada sobre las coronas varios procedimientos han sido empleados. El mejor es sin disputa el lavado al agua corriente de las extremidades de la corona. Corona electromagnética. Pero para remediar más seguramente todavía este inconveniente, le propusimos al Dr. Luys el empleo electromagnético de las coronas. Coronas electromagnéticas. Únicamente imantándose bajo la influencia de la corriente eléctrica y hemos hecho, en últimamente, construir un modelo redondo que nos da los resultados excelentes.
Página 18 de 75

El casco solenoide.
Modificación poderosa del campo magnético.

Casco de solenoide del Dr. Encausse.
Sabemos la influencia ejercida por los solenoides sobre la creación y la transformación del campo magnético.

Es porque soñamos con modificar, por medio de un solenoide, el campo magnético del cerebro entero o del miembro entero. Para el cerebro, hicimos construir un casco solenoide que da los resultados muy rápidos y que permite en mucho caso reemplazar ventajosamente las coronas magnéticas.
Bibliografía.

Informe sobre los imanes presentados por Sr. abad el Noble, por ANDRY y THOuset (Biblioteca Nacional, T. VII, 27).
BERSON. -de la influencia de la temperatura sobre la imantación (Tesis de la Facultad de las Ciencias, 1886). Biblioteca Nacional, 40 R 489 (560-61).
Las corrientes de Polaridad en el imán y en el cuerpo humano. Por el Dr. CHAZARAIN y CH. DECLE. París, 1887, en octavo °. Biblioteca Nacional, T. XV, 182.
DURVILLE. -aplicación del imán al tratamiento de las enfermedades. París, 1895, in-18. Anales de Psiquiatría y de Hipnología, publicadas bajo la dirección del Dr. LUYs.

Página 19 de 75

CAPITULO III EL ESPEJO ROTATIVO

El espejo rotativo del Dr. Luys consta modelo) (último de una cabeza de madera recubierta con una placa níquel y puesta en marcha por un movimiento de relojería. El espejo da los resultados excelentes a dos puntos de vista:
1 ° Para producir la hipnotización en los sujetos difíciles.
2 ° Para obtener una acción mecánica de la luz sobre los centros nerviosos, una suerte de masaje de las células nerviosas por las vibraciones luminosas,

La Técnica de este espejo es los más simples. Podemos emplearlo de dos modos, o sea a la luz del día, o sea en el gabinete negro.

1° A la luz del día. -hacemos sentar el sujeto en una butaca, la cabeza cómodamente apretada sobre el expediente. La entrada de la luz a la habitación debe estar colocada detrás de la butaca. Disponemos entonces del espejo delante del sujeto tiene 0m, 50 o 1 metro de distancia aproximadamente del ojo y de tal modo como el haz luminoso venga para alumbrar los ojos a cada vuelta del espejo. Hacemos entonces sesiones de 5, 10 o 15 minutos, siguiendo los casos.
2° En la cámara oscura. -reemplazamos la luz de día por un chorro que proviene de una lámpara proveída de un manguito. Los resultados terapéuticos. -en cuanto a los resultados terapéuticos obtenidos por este procedimiento, podemos hacer mejor sólo de producir el trabajo según que el Dr. Lemoine sabio, el médico de los hospitales de Lila, quiso autorizarnos bien a reproducir. Del empleo de los espejos rotativos en la terapéutica del histerismo por MM. Jorge Lemoine y Pablo Joire (de Lila).

El tratamiento por el sueño hipnótico y la sugerencia tiende a introducirse cada vez más en la terapéutica especial de las enfermedades nerviosas. Lo conseguimos los resultados tan satisfactorios en un gran número de casos bien determinados que las prevenciones que este procedimiento había originado, en el espíritu de un cierto número de enfermos, completamente cayeron. Vemos a los mismos que mismos había levantado más objeciones a la generalización de este procedimiento terapéutico, mejor alumbrados ahora, recurrir a eso y aceptarlo sin dificultad. Principalmente es en los disturbios nerviosos de orden motora o sensitiva, que están bajo la dependencia del estado histérico, que el sueño hipnótico y la sugerencia fueron, hasta aquí, empleados con más éxito, mientras que a contra los disturbios psíquicos y los fenómenos neurasténicos casi se mostraron siempre rebeldes a este tratamiento. Le observamos recientemente al hospital de la Caridad, de Lila, a un cierto número de enfermos, aparte la primera categoría, que han sido tratados con éxito por el método hipnótico y particularmente por el sueño obtenidos por medio de los espejos rotativos. No habría que creer que el empleo del hipnotismo en terapéutica sea de fecha absolutamente nueva. Mientras que todavía no se habíamos estudiado los diferentes fenómenos del hipnotismo, que no se había disociado las diferentes fases del sueño que provoca, y que el conocimiento permite ahora emplearlo con más facilidad y eficacia, habíamos observado sólo el fenómeno más simple, el sueño; y la primera idea fue obtener por este medio la insensibilidad de los pacientes en las operaciones quirúrgicas. Esto tenía tanta razón para ser que en aquella época todavía no se conocía la anestesia por el éter y el cloroformo. Es primero en el extranjero encontramos el empleo de este procedimiento. Un cirujano de Bengala, un Dr. Esdaile, relata 270 operaciones practicadas sin dolor durante el sueño hipnótico. En Francia, Azam en Burdeos y algunos otros emplearon la anestesia hipnótica en las operaciones quirúrgicas. El Dr. Guérineau, de Poitiers, señala el hecho de una amputación de muslo practicada de ese modo. Pero pronto el descubrimiento de la anestesia por el éter y el cloroformo hizo olvidar este procedimiento, que además no se había generalizado jamás a causa de la dificultad en ponerlo en práctica.

Al lado del empleo del hipnotismo por los cirujanos, conviene señalar las observaciones mucho más recientes del empleo del hipnotismo para la anestesia obstétrica. Sr. Dumontpallier publicó, en 1887, una observación muy completa de parto durante el sueño hipnótico. Desgraciadamente, en Francia, 1 Comunicación a la Sociedad medical de los hospitales. Sesión del 35 de marzo de 1887. las búsquedas no fueron empujadas más lejos en este sentido, o las observaciones no fueron publicadas, porque todavía es en el extranjero debemos ir a por trabajos sobre este sujeto, y es la clínica del doctor Karl Braun, de Viena, que abastece un cierto número de observaciones de parto durante el período letárgico. Somos mucho más ricos en observaciones de afecciones nerviosas tratadas con éxito por el hipnotismo y la sugestión.

Página

21

de

75

Es sobre todo en los histéricos que se encuentra la mayoría de las veces un empleo terapéutico útil dado el hipnotismo, o sea para combatir los ataques convulsivos del histeroepilepsia, o sea para eliminar las diferentes manifestaciones de la gran neurosis. Las numerosas observaciones nos muestran los resultados buenos que se puede esperar en el tratamiento de la parálisis, las contracciones, las neuralgias histéricas. Los vómitos incoercibles, los insomnios, el mutismo histérico también han sido tratados con éxito por lo procedido. A pesar de los resultados excelentes obtenidos en el tratamiento de las enfermedades nerviosas por el hipnotismo, todavía quedaban hasta aquí grandes obstáculos a la generalización de este método, y uno de los principales era la dificultad en aplicarles este procedimiento a todos los individuos. Podíamos ponerlo en ejecución sólo en sujetos dotados de una predisposición natural particular, o sometida un entrenamiento suficiente. Se trataba pues de ensanchar lo más posible el círculo de los individuos hipnotizables, o de poner de manifiesto en sujetos, en apariencia refractaria, ciertas aptitudes hipnóticas que poseen más o menos en el estado latente. Es el problema que importa que Sr. Luys resolvió por su descubrimiento del poder de los espejos

rotativos que producen muy fácilmente el sueño hipnótico actuando de una vez por su pedazo más de brillantes y por su movimiento regular y continuo. Las ventajas de este procedimiento son bastante considerables; vamos a analizarlos rápidamente. A pesar de la extensión que tomó, desde hace algunos años, la práctica del hipnotismo, a pesar de la luz que ha sido hecha sobre esta rama de la fisiología patológica y que lo soltó oscuridades que lo rodeaban, ellos todos los que se ocupan de neuropatología pudieron comprobar que existen todavía a veces en el público ciertas aprensiones cuando se trata de someter a un enfermo a un tratamiento de este género. Por el empleo de los espejos, todas mismas estas aprensiones mal fundadas caen. Aquí, en efecto, no podemos más objetar la menor apariencia de una intervención activa por parte del operador. El enfermo es confrontado con aparato mecánico, como sería conectado con los hijos de un aparato eléctrico. El espejo actúa los centros cerebrales del paciente, como la corriente de la pila actúa sus fibras musculares. Acepta el segundo, puede pues aceptar bien la primera; ya que el aparato no es horroroso y que su acción se ejercita completamente aparte del operador. Siempre nos fue muy fácil hacer aceptar el empleo del sueño hipnótico por los enfermos los más prevenidos contra él, y de ahora en adelante esta práctica podrá sólo generalizarse. Cuando se trataba de adormecer a un enfermo por el método de Braid o por otro procedimiento, las primeras sesiones de hipnotización pedían una pérdida de tiempo considerable; le imponían al médico un cansancio y una atención constante, siempre más o menos penosa ". Un cierto número de sujetos sólo era a la mitad dócil, y se dejaba distraer u oponía uno 1 Sr. Luys renunció a los aparatos a dos aletas y se sirve preferentemente del espejo rotativo en una sola cabeza completamente recubierta con una placa de níquel

Página 22 de 75

resistencia más o menos conciente a los esfuerzos intentados para adormecerlos. Había que pues, a cada instante, empezar de nuevo, variar los procedimientos empleados para fijar la atención y sostener la buena voluntad y la confianza del paciente. Si con esto se estaba en relación con personas poco sensibles a la acción de los agentes hipnóticos, había que comenzar por entregarse a sesiones largas de entrenamiento, durante las cuales el tratamiento propiamente dicho no aparecía dar un paso. Pasaba a veces que el perdedor enfermo paciencia ponía menos buena voluntad que hay que someterse a lo que se le exigía; la confianza que tenía en el éxito se debilitaba y acababa por abandonar el tratamiento, en el momento en el que iba retirar de a eso todo el provecho. Por fin, hay unos enfermos que presentan una dificultad muy grande en ser adormecidos, como cuando se trata, por ejemplo, de estos sujetos que ciertos médicos serán intentados abandonar como hipnotizables, porque no habrán presentado ninguna sensibilidad a los procedimientos hipnóticos ordinarios después de varias tentativas infructuosas. Son sin embargo hipnotizables para la inmensa mayoría, pero esta facultad queda en su casa en el estado latente; y es necesario emplear procedimientos a la vez más delicados, más sensibles y más enérgicos para ponerla de manifiesto.

Sabemos también la dificultad que experimentamos a adormecer ciertas histéricas, a causa de su gran movilidad y de ellos poca buena voluntad. Es a causa de todas estas consideraciones que encontramos que el empleo de los espejos rotativos, para provocar el hipnotismo terapéutico, es un progreso de un gran interés práctico y presenta una superioridad indiscutible sobre todos los demás procedimientos. Algunas observaciones que vayamos a dar con el apoyo de esta opinión mostrarán más los resultados notables a los cuales se puede llegar en los casos más variados. Esto tiene que decir para esto que habrá que emplear exclusivamente los espejos cada vez que se tendrá que provocar el hipnotismo. Evidentemente no, es sobre todo en las primeras sesiones y para obtener un cierto entrenamiento que su empleo es ventajoso en mucho caso. Más tarde, en consecuencia del tratamiento, será más cómodo algunas veces hasta y más rápido de emplear otro modo de hipnotización. Por fin, el empleo exclusivo de los espejos se encuentra indicado en ciertos sujetos y en algunos casos que la costumbre y la experiencia adquirida permitan discernir. El aparato que empleamos en los casos los que damos aquí la observación es el que ha sido hecho sobre las indicaciones de Sr. Luys y el que lleva su nombre. Consta de una caja que cierra un movimiento de relojería destinado a poner en rotación dos aletas colocadas en el lado superior del

aparato. Estas aletas son formadas por piezas de madera que presentan varias curvaturas en el sentido de la longitud y cuyas caras laterales son oblicuas arriba. Sobre estas caras son aplicados, de distancia a distancia, y de modo bastante regular los pequeños pedazos de vaso de color cortados a facetas y algunas pequeñas placas rectangulares de vaso guarnecido de azogue. Todo es incrustado en la madera de las alas y toma, bajo la inclinación de los rayos de luz y por el movimiento de rotación, un pedazo notable.

Página 23 de 75

Ambas aletas giran en sentido opuesto y el aparato de relojería puede abastecerles un movimiento de una duración de aproximadamente 30 minutos. Hacemos sentar al enfermo en una butaca donde pueda encontrarse cómodamente y apoyar la cabeza sin volcarse demasiado para atrás, y colocamos delante de él el espejo animado cerca de 60 centímetros, y un poco más bajo que la línea de los ojos, de manera que la mirada naturalmente derribe sobre los puntos brillantes. La mirada primero es cautivada por los rayos de luz proyectados por las alas del espejo; luego, poco a poco, y al cabo del tiempo esencialmente variable que sigue los sujetos, se produce una suerte de fascinación, los párpados se cansan, se acercan insensiblemente y se cierran, la cabeza se vuelca para atrás y el sujeto duerme de un sueño que aparece el sueño natural, pero que realmente es un estado de pequeño hipnotismo.

En otros casos, en sujetos más predispuestos, durante el estado de fascinación, se produce una conmoción ligera causada por la contracción brusca de un músculo o de un grupo de músculos y el sujeto cae profundamente adormecido haciendo algunas inspiraciones profundas. Entonces es profundamente insensible, en la resolución completa, completamente anestésica, y además, apto para recibir las sugerencias y para ejecutarlos. Está en estado de gran hipnotismo.

OBSERVACIÓN

I.
Temblor histérico que simula la parálisis agitante que data de veintiún años, es curado en seis días por el tratamiento hipnótico por medio de los espejos rotativos. Pierre V., de edad de 58 años, entra en el hospital de la Caridad de Lila, el 4 de junio de 1891. Este hombre está casado y ejerce la profesión tejedor. Entra en el hospital para dolores violentos de cabeza y de la tos; tiene los miembros agitados del lado derecho de un temblor continuo. Este enfermo, que tiene edad sólo de 57 años, absolutamente tiene el aspecto de un viejo. Ningunos antecedentes hereditarios.

Personalmente, a parte de la sífilis que habría contraído en África, este hombre se llevó muy bien siempre hasta 1870. En aquella época, durante la guerra, en consecuencia de un combate en el cual fue aprisionado, experimentó una gran emoción. Quince días después comenzó a tiritar del brazo derecho. Este temblor, primero ligero, se acentuó poco a poco y siempre persistió. Pronto el miembro inferior derecho participó en un temblor que se extendió a todo el costado correspondiente.

Desde hace algunos años, el temblor se le limitó al miembro superior, dejando casi indemne el resto del cuerpo. Siempre fue grande consumidor de alcohol, en forma de ajeno en África, en forma de enebro al norte.

Hace cuatro meses, comenzó a toser. En la misma época, fue tomado por dolores violentos de cabeza. Adelgazó mucho; no de hemoptisis, de sudores nocturnos, ni de dolores de costado.

Página 24 de 75

Estado actual. - el apetito no es bueno, sino la digestión no es difícil. Jamás de vómitos. Tendencia al estreñimiento. El enfermo tose mucho; la expectoración, relativamente poco abundante, no presenta nada especial. El examen de los órganos de respiración permite comprobar signos de enfisema pulmonar y de bronquitis aguda. Al corazón nada anormal. Las arterias son visibles. El hígado es grueso. El enfermo se queja de cefaleas violentas. Toda la región de la cumbre de la cabeza es dolorosa, sin que existan puntos o el dolor sea más agudo. No de hiperestesia espino. El reflejo faríngeo es conservado. El reflejo córneo parece un poco disminuido. El campo visual es ligeramente estrechado. Declara que desde hace algún tiempo su vista baja.

Hasta el punto de vista de la sensibilidad, encontramos placas de anestesia sobre el miembro superior derecho, en medio del antebrazo y a la cara anterior del brazo. Otro a la parte derecha de la frente. Sobre el resto del cuerpo la sensibilidad es normal. Las masas musculares de los miembros son dolorosas. En la marcha, que es bastante buena, el enfermo arrastre un poco los pies. Elude con una dificultad cierta, se comporta bien en la posición vertical, los ojos abiertos o cerrados. Observamos algunos movimientos fibrilares músculos de la pantorrilla. La lengua es animada por movimientos fibrilares.

El brazo derecho es agitado por temblores marcados y casi ritmados, que persisten en el estado de descanso y que se acentúan cuando el enfermo quiere hacer un movimiento. La mano izquierda tiembla un poco. El miembro superior izquierdo, en el estado de descanso, es sacudido por un movimiento bastante marcado y rítmico, que se acentúa en los gestos deseados. La dirección general de un movimiento mandado es bien conservada, pero el enfermo llega al fin sólo después de un cierto número de oscilaciones que crecen poco a poco a medida que la mano se acerca al fin. Las oscilaciones persisten al descanso. El 22 de junio, a las 9 de la mañana, el enfermo está colocado delante del espejo rotativo en movimiento, y, sin hacerle ninguna sugestión, le dejamos así 30 minutos en presencia del espejo.

Página 25 de 75

Está en una suerte de estado de fascinación; los ojos abiertos y fijos, dirigidos sobre las superficies radiantes. Este estado pertenece al pequeño hipnotismo. Al cabo de una media hora, le hacemos la sugerencia de dormir. Sus ojos se cierran despacio y se encuentra en un estado que confina a la fase somnambulo del sueño hipnótico.

Durante este tiempo, le hacemos repetidas veces la sugestión de no temblar más, de encontrarse bien y de no experimentar ningún cansancio al despertar. Al cabo de diez minutos, lo despertamos por sugerencia simple y verbal. Durante esta primera sesión el enfermo pues ha estado sometido a treinta minutos de fascinación simple por el espejo rotativo; luego durante diez minutos, a un sueño más profundo, durante el cual se empleó la sugestión; en totalmente cuarenta minutos de hipnotización. A su despertar, el enfermo declara encontrarse bien. Las manos y los brazos no tiritan más de todo al descanso. En los movimientos hay todavía un temblor ligero, pero que es de ningún modo comparable al que existía hace una hora. Le presentamos un dedo que logra coger de una mano como del otro, sin vacilación y casi sin temblar. Para salir de la sala, coge el botón de la puerta con una precisión que es observada por todas las personas presentes. Vuelto en la sala, no tiembla casi más el resto del día, sino se queja siempre del dolor de cabeza por el que es atormentado desde hace varias semanas. Al día siguiente por la mañana, el 23 de junio, nueva sesión de hipnotización con espejo rotativo. Le sugerimos el sueño al cabo de algunos minutos; se duerme con la misma docilidad y más profundamente. Le hacemos repetidas veces la sugestión de no tirar más de todo y añadimos a eso la de no sufrir más la cabeza. Al despertar no tiembla más y declara tener pena más en la cabeza. En lo sucesivo su curación es asegurada, y tal, como puede ahora comer como todo el mundo su sopa que le era imposible en otro tiempo tomar a la cuchara. También bebe fácilmente de una sola mano, mientras que hace dos días, debía emplear toda tipo de precauciones para llevar a la boca su vaso medio lleno. El día siguiente y el día siguiente, el 24 y 25 de junio, noticia hipnotización para confirmar la curación, que además se mantuvo completamente. El 27, la suerte el enfermo del hospital, encantado y que siente sólo una cosa, es haber sufrido durante veintiún años una imperfección que podía ser curada en tres días.

OBSERVACION

II
Hiperestesia de todo el lado izquierdo, data de seis meses; neuralgia del lado izquierdo de la cabeza y la sordera que data de doce años; curación por el empleo del espejo rotativo y la sugerencia.

Página 26 de 75

El sujeto de la segunda observación es una mujer nombrada Sofía M., edad de 63 años. Esta mujer ejerce la profesión de ama de casa; ha estado casada algunos años

solamente; su marido ha muerto de tuberculosis pulmonar. Tuvo tres hijos entre los que dos murieron naciendo. Entró en el hospital el 14 de mayo de 1891 porque experimentaba dolores en el pecho y en todo 4º lado izquierdo del cuerpo. Su padre y su madre murieron en una edad avanzada.; La enferma jamás ha sido muy robusta. Es sobre todo desde una quincena de años que comenzó a ser más indispueta. Tose algunas veces, pero no expectore; jamás de no fue hemoptisis. El apetito es nulo, hay un estreñimiento. El adelgazamiento es considerable. Anotamos sudores nocturnos y dolores de costado.

Su respiración es un poco jadeante y rápida. El examen del pecho, en el cual no insistiremos, revela los signos de una tuberculosis al principio. El corazón late rápidamente y fuertemente; no existe ruido anormal. Anotamos solamente que, durante el examen del pecho, se observó que todo el lado izquierdo era excesivamente doloroso a la percusión. Existe en casa de este enfermo un hiperestesia considerable de todo el lado izquierdo, a punto que la menor presión, el menor contacto del trozo del dedo sobre el brazo izquierdo o sobre punto cualquiera del lado izquierdo del cuerpo, se le hace hacer un movimiento involuntario y casi dar un grito. Tiene un sobresalto y vivamente se retira, afirmando que se le hace daño. Este hiperestesia data de seis meses. Desde hace doce años, la cabeza es el asiento de neuralgias violentas, más pronunciadas a la izquierda, pero existiendo tan a la derecha. Puntos neurálgicos existen también sobre el lado izquierdo del tronco. Por fin, al miembro inferior izquierdo, encontramos algunos puntos de ciática: punto de emergencia punzado ischio trochantérien, despunta precipitado. Desde una docena de años que sufre de dolores neurálgicos en la cabeza, el oído disminuyó considerablemente del lado izquierdo. Hay que alzar notablemente la voz para oír. El reloj no es oído, hasta a una distancia de algunos centímetros de la oreja izquierda.

Página 27 de 75

El reflejo córneo y el reflejo faríngeo casi son nulos. El 25 de junio, a las 9 ½ de la mañana, esta enferma es traída por ser adormecida y ser colocada delante del espejo rotativo en movimiento. Se deja hacer sin resistencia y muestra una gran pasividad. Al cabo de 7 minutos, le hacemos el orden terminante de dormir; sus ojos se cierran, duerme, está en estado de pequeño hipnotismo. La sugerencia de no tener más sensibilidad exagerada del lado izquierdo le es hecha a tres o cuatro recuperaciones. Para marcar mejor la sugestión, le es recomendado oler un poco menos al lado izquierdo que al lado derecho, y le es dicho que se podrá tocarle, pellizcar y pinchar a la izquierda, que olerá un poco menos que a la derecha. Debido a la facilidad con la cual se puede adormecerlo, le hacemos seguidamente la sugestión de no dejarse adormecer sin autorización. Al cabo de cinco minutos despertamos por sugerencia verbal. En seguida despertada, con el fin de probar, hasta antes de hablarle y qué hubiera podido darse cuenta de eso, el efecto de la sugestión, la cogemos bastante vigorosamente por el brazo izquierdo. No demuestra ningún dolor, mientras que en seguida, tocándola del trozo del dedo solamente, gritaba y se retiraba. Interrogada, declara tener más sensibilidad dolorosa del lado izquierdo. Devuelta en la sala, nos aseguramos que es bien curada tocándole puntos más o menos muy diferentes del lado izquierdo, pellizcándole, ella pinchando; no acusa ninguna sensibilidad exagerada. Hasta podemos comprobar que el brazo derecho actualmente es más sensible que el brazo izquierdo. Es necesario anotar que no creía en absoluto en la posibilidad de su curación, y que su fisonomía expresaba un asombro no equívoco y medianamente cómico viendo el cambio súbito que se produjo en ella. El 29 de junio, hacemos volver de nuevo a la enferma para adormecerla. Comprobamos que la sensibilidad quedó normal del lado izquierdo, todo rastro de hiperestesia desapareció. La enferma declara además que, desde la primera sesión de hipnotización, el apetito le volvió, come mucho mejor que en otro tiempo.

Se queja siempre de neuralgias que desde hace doce años principalmente ocupan todo el lado izquierdo de la cabeza, y pide que se la cure. En la primera hipnotización, en efecto, la sugerencia se había referido solamente al hiperestesia del lado izquierdo del cuerpo. Comprobamos de nuevo, antes de adormecerlo, que la neuralgia es acompañada por sordera de la oreja izquierda. No oye el reloj a cinco centímetros.

Página 28 de 75

La colocamos delante del espejo rotativo y, al cabo de algunos minutos, le hacemos la sugestión de dormir. Durante el sueño y repetidas veces, le hacemos las sugerencias de conservar una sensibilidad normal en todo el lado izquierdo del cuerpo, de no sufrir más neuralgias del lado izquierdo de la cabeza, por fin de entender de la oreja izquierda. La enferma es despertada por sugestión verbal. Declara encontrarse bien, más tener dolores de cabeza.

Le hacemos entonces tapar la oreja derecha con la mano, y comprobamos que oye la voz grave tres metros de distancia. El reloj es oído a un metro. El 30 de junio, la enferma se queja ahora de sufrir del lado derecho de la cabeza. No es una transferencia que se produjo, porque hay que recordar que la enferma sufría de toda la cabeza, pero principalmente del lado izquierdo. Al haber desaparecido el dolor del lado izquierdo, siente más las neuralgias del lado derecho. La sordera volvió durante la noche. Adormecida como la víspera y sometida a las mismas sugerencias, declara al despertar tener más dolores y comprobamos que oye de nuevo la voz y el reloj. El 1 de julio, la enferma se declara mucho mejor; tiene sólo pocos dolores en el lado izquierdo de la cabeza. Comprobamos, antes de adormecerlo que todavía oye el reloj un metro de distancia de la oreja izquierda. La enferma es adormecida por el procedimiento acostumbrado y le sugerimos no sufrir más la cabeza y continuar oyendo. A partir de esta época la curación se mantuvo completamente. La enferma fue todavía conservada un cierto tiempo en observación, y salió del hospital cuando se hubo comprobado que su curación era definitiva.

OBSERVACION

III.

Paraplejía histérica en una sola sesión de sueño provocado por medio del espejo rotativo. La enferma es una mujer nombrada María F, edad de 24 años, ejerciendo la profesión de ama de casa esta mujer entró en el hospital por dolores en las piernas y un parálisis que absolutamente le impide marchar y tenerse en pie. Su padre todavía vive, es de temperamento nervioso. Su madre, que también vive, tuvo ataques de nervio en su juventud. La enferma no presentó nada de individuo en su infancia. Ha tenido la regla a la edad de doce años. Regla de manera irregular, tenía la leucorrea.

Página 29 de 75

A la edad de los quince, tuvo un ataque de reumatismo y sufrió de dolores articulares durante un año y medio. Se casó a la edad de 18 años y fue cerca de seis años sin tener niño. Tiene ahora 24 años, y, solamente al último diciembre, tuvo un hijo que murió muy luego. A parte de su reumatismo que tuvo a los 15 años, su salud general siempre fue buena; pero es sujeta a malestares nerviosos. Muy impresionable, es tomada por temblores a la menor contrariedad. Experimenta a veces la contracción faríngea con ahogo, que le da la sensación de la bola histérica. Es sujeta a los dolores de cabeza y, a veces, a los temblores sin causa. El 19 de junio, por la noche, tuvo accidentes gástricos, vómitos y diarrea que se puede producir una indigestión. Al mismo tiempo, se le declaró dolores en las piernas, que persistieron después de los disturbios gástricos, y fueron bastante intensas para devolverle, desde este momento, la marcha imposible. No mejorándose de este estado los días siguientes, se la condujo el 2 de junio al hospital. El examen de los diferentes órganos no revela nada notable. Los reflejos córneos y faríngeos son abolidos. El campo visual no parece estrechado. Él no allí ningún clavo histérico, ni de hiperestesia espinoso.

Encontramos zonas de disminución de la sensibilidad.
Los ovarios son poco dolorosos.
Hay una hiperestesia en los muslos.
El 25 de junio, a las 9 de la mañana, la enferma está traída y colocada delante del espejo rotativo. Para hacerla venir de la sala donde se encuentra su cama y hacerle atravesar las salas intermediarias, varias enfermeras son obligadas a sostenerla y casi a llevarla, porque, a pesar de su ayuda, vacila a cada paso y avanza sólo con la dificultad más grande. Colocada delante del espejo rotativo en movimiento, al cabo de cinco minutos apenas, tiene un sobresalto y cae profundamente adormecida. Esta enferma no se quedó mucho tiempo, como otros, en estado de pequeño hipnotismo para llegar sólo progresivamente a un sueño más profundo. El movimiento convulsivo que comprobamos en su casa, mientras que ya se encontraba en estado de fascinación y

Página 30 de 75

de pequeño hipnotismo, marcó el instante preciso cuando entró en el período de gran hipnotismo. Además, podemos comprobar que Tono obtiene en su casa, por los procedimientos ordinarios, la rigidez y el franco hiperexcitabilidad neuromuscular características del estado de gran hipnotismo. Durante el sueño, le hacemos tres o cuatro veces la sugestión de no sufrir más en las piernas y de marchar fácilmente. La sugestión de no dejarse adormecer por ninguna otra persona extraña, no designada para hacerlo, ni por algún objeto, le es hecha también y renovada muchas veces, debido a su facilidad que hay que derribar en gran hipnotismo. Al cabo de cinco minutos la despertamos por sugerencia simple y verbal. Parece un poco asombrada, luego, sobre la invitación que se le es hecha, se levanta muy fácilmente, afirma que no sufre más, y vuelve sola su cama, da un paso firme, para gran asombro de todo los que a ella vieron enseguida pasar, sostenida difícilmente por varias personas. Cada día marcha fácilmente y sin dolor, desciende al jardín y se pasea, lo que no había podido hacer desde su entrada al hospital. El 26 por la mañana le decimos volver a hacernos adormecer de nuevo. Se levanta sólo sin dificultad, marcha sólo y viene sin necesitar apoyarse en el camino. Colocando delante del espejo se duerme como la víspera, presentando siempre un movimiento convulsivo en el momento en el que pasa en estado de gran hipnotismo, al cabo de cuatro minutos. Las mismas sugestiones que la víspera le son repetidas, pero además lo dejamos dormir una media hora. Los dos días siguientes no la adormecemos, la curación se mantiene completa, marcha siempre sin dificultad y se pasea como todo el mundo. El 29 de junio, le recordamos para adormecerla de nuevo. Se queja de un punto neurálgico en la región derecha de la frente desde ayer. La presión al nivel del nervio conocido orbital es muy dolorosa. La adormecemos, siempre por el mismo procedimiento, y, al despertar, no sólo afirma que no sufre más, pero es fácil comprobar que el punto conocido orbital, en seguida tan doloroso a la presión, ahora es completamente insensible. Esta enferma ha sido seguida durante cierto tiempo y revisada varios meses después; su cura es mantenida completa como a su salida del hospital; es definitiva.

Página 31 de 75

OBSERVACION

IV.
Histerismo, neuralgia ciática y paresia dice en miembro inferior derecho. Curación por el empleo del espejo hipnótico. La enferma, que se le hace el objeto de esta observación, entra al hospital el 15 de marzo de 1892 por dolores en la pierna derecha y una gran dificultad para la marcha. Su padre y su madre viven y muy sustentadores. La enferma es de edad de 25 años, ejerce la profesión de ama de casa, tuvo tres niños e hizo dos lechos falsos, la última en diciembre. Hace volver a remontar el comienzo de sus dolores al nacimiento de su último niño vivo, es decir, hay cerca de dos años. Estos dolores ocupan un residen en el miembro inferior derecho. La enferma tiene la sensación de la bola histérica. Comprobamos la abolición del reflejo faríngeo y

el reflejo córneo.
 La presión es dolorosa al nivel de los ovarios.
 Los dolores al nivel de las piernas son intermitentes, sobrevienen ordinariamente durante la noche, sin pródromos individuales, si no es poco el cansancio.
 Tiene de la paresia de la pierna derecha, acompañado por neuralgia a lo largo de ciática; presenta los puntos doloroso isquiático, glúteo, poplíteo, perineo. Comprobamos las zonas muy extensas de anestesia a la pierna y algunas unas a la pierna derecha. Algunos disturbios digestivos, gastralgia. La enferma tiene cefalalgias intensas y frecuentes; también presenta el fenómeno del clavo histérico.
 Presenta disturbios de la vista que consisten de allí la ambliopía. Ningún estrechamiento del campo visual, ningún disturbio del oído. Tiene, en cambio, de la anosmia pero conservó sus sensaciones gustativas.
 Reflejo plantar conservado a la derecha, abolido a la izquierda. Ambos reflejos rotulares son un poco exagerados, ninguna trepidación epileptoide.
 Esta enferma estuvo sometida al tratamiento hipnótico por medio del espejo rotativo. Desde la primera sesión los dolores desaparecieron, y después de algunos días, durante los cuales estuvo sometida cada mañana en una hipnotización metódico, pudo marchar muy fácilmente.
 Página 32 de 75

Una mañana, como ella se había quejado de la debilidad de su vista que no le permitía distinguir letras gruesas a una distancia escasa, la sugerencia le fue hecha inmediatamente de ver de lejos y de poder leer las letras más finas. Esta sugestión fue renovada el día siguiente y desde su vista fue suficiente para permitirle leer y trabajar.
 OBSERVACIÓN V

Hemecoreo histérico.
 La mujer C. F, de edad de 46 años, ejerciendo la profesión de ama de casa, se presenta a nuestra consulta externa de las enfermedades nerviosas el 6 de abril, por la dificultad de la marcha, debida a movimientos involuntarios y encordones por el miembro inferior izquierdo. A causa de la dificultad en la marchar, hasta sostenida por una otra persona, se la introducimos al hospital para seguir regularmente su tratamiento.
 Su padre murió de un ataque de apoplejía. Su madre está viva y de buena salud, aunque muy nerviosa. No conoce a ningún miembro de su familia que hubiera presentado disturbios análogos. ¿Tuvo un solo niño, quién murió en la primera infancia de convulsiones? La enferma tuvo el sarampión hacia la edad de cinco años; ninguna otra afección en la infancia. Regla a la edad de quince años, ella siempre estuvo muy bien después. Es novia a la edad de 35 años.
 Afirma no haber tenido la sífilis y no encontramos por otra parte ningún rastro de esta afección. A pesar de sus denegaciones, se efectúa allí de pensar que tenía costumbres alcohólicas. Presenta en efecto unas fases que se acerca mucho a la de los etílicos. La figura es entorpecida, sin expresión, los labios espesos, la nariz roja.
 Hoy ya cerca de dos años, se percibió que su vista bajaba, los objetos le parecían envueltos con una niebla; poco a poco no pudo entregarse a los trabajos que exigían una atención constante. Estos disturbios de la vista progresivamente aumentaron, pero no fueron acompañados por ningún otro accidente.
 Hoy cerca de tres meses, vino en el servicio y le encontramos entonces, además de una sarna que era causa allí de su entrada, signos de alcoholismo y algunos estigmas histéricos. El último el 5 de marzo, fue tomada de modo súbito por movimientos desordenados e involuntarios en todo el lado izquierdo del cuerpo. El miembro inferior, el brazo, la cara eran el asiento de movimientos sin objeto determinado; la cara hacía muecas, la boca fue desviada hacia la izquierda.
 Página 33 de 75

Entró entonces en el servicio de Sr. profesor Wannebroucq donde los quince días se quedó. Nos dice que se le hizo entonces de la sugerencia, que le hizo tomar baños y que en consecuencia de este tratamiento el miembro superior fue curado. A su entrada al servicio, comprobamos que el miembro inferior izquierdo es agitado por movimientos casi continuos. Estos movimientos consisten o sea en flexión o en extensión del pie sobre la pierna, de la pierna sobre el muslo, o sea en rotación de la pierna de dentro por fuera, o sea en torsión del pie sobre la pierna.

Estos movimientos aumentan tan pronto como se acerca a la enferma o tan pronto como es emocionada. El miembro superior mismo todavía es el asiento de algunos pequeños movimientos, particularmente hacia el hombro. Los reflejos rotulares son ligeramente disminuidos, el reflejo faríngeo no es abolido. Al examen de la sensibilidad, comprobamos del hiperestesia sobre los miembros izquierdos, ningunas placas de anestesia. Existe una hiperestesia espinosa, los ovarios son sensibles a la presión. Esta enferma está sometida al tratamiento hipnótico por medio del espejo rotativo. No sobrepasa el período de pequeño hipnotismo; sin embargo, desde la primera sesión, los movimientos del miembro inferior derecho se vuelven mucho menos frecuentes y menos violentos. Ya puede, en consecuencia de esta sesión, levantarse sin ayuda y regresar sola a su cama; aunque la pierna todavía tuviera movimientos involuntarios, se volvió más firme y la marcha es posible. Los días siguientes, sometida siempre exclusivamente al mismo tratamiento, el mejoramiento se acentúa cada vez más y durante la jornada puede subir y descender y pasearse sola. Después de las cuatro primeras sesiones diarias, le hacemos una sugestión cuyo efecto debe durar cuatro días, durante la que no la adormecemos y la curación se mantiene. Después de este período la hacemos volver de nuevo cada mañana durante algunos días para adormecerla y sugerirle la curación completa que podemos considerar entonces como definitiva.

OBSERVACION

VI.

Histerismo, alcoholismo, alienación mental; mejoramiento por nuevo empleo del hipnotismo por medio del espejo rotativo, Daremos sólo en resumen esta observación. La dama D. es de edad de 29 años, su padre murió de neumonía, su madre, que todavía vive, ha sido encerrada durante un año en una casa de salud. Una hermana de la enferma está considerada como loca.

Página

34

de

75

Casada desde hace cinco años, la enferma jamás tuvo niños; menstruación difícil e irregular, disturbios dispépticos frecuentes. La enferma, de su propia confesión confirmada por las informaciones de las que le rodean, tiene una inclinación irresistible por las bebidas alcohólicas. Comprobamos repetidas veces en su casa crisis de gran histerismo, posición en arco de círculo, estado cataléptico, etc., lo que se nos dispensa de insistir en los disturbios de la sensibilidad que existen en su casa. En la época en la que nos proponemos tratarla por el hipnotismo y el espejo rotativo es enajenada perseguidora; y he aquí el resumen de las particularidades interesantes que señalaron su tratamiento. La enferma se quejaba en primer lugar de insomnios rebeldes, que fueron combatidos con éxito sugiriéndole dormirse a una hora determinada y dormir un número de horas determinados.

Dijimos que la enferma tenía una inclinación irresistible por las bebidas alcohólicas, sus parientes nos previnieron que, a pesar de todas las precauciones tomadas alrededor de ella, se proporcionaba vino y licores. Les afirmamos a sus parientes que se podría dejar en lo sucesivo a su alcance los líquidos alcohólicos, y en efecto, la sugerencia de dejar beber que el agua hizo más efecto que los medios empleados hasta entonces. Más tarde fue atormentada por la tarde y algunas veces durante la jornada por visiones terroríficas, alucinaciones en las cuales veía relojes o animales; fue todavía fácil por la sugerencia de eliminar este síntoma. Por fin esta enferma nos permitió demostrar cuánto es fácil evitar el peligro pretendido que haría correr a los enfermos el entrenamiento hipnótico exponiéndolos a hipnotizarse sólo delante de un objeto brillante o a ser hipnotizados por una persona cualquiera. En efecto, según la regla la que jamás se debe abandonar en estos casos, había sido sugerido repetidas veces a esta enferma que ninguna otra persona podría adormecerla. Varios meses después, como se encontraba en el campo, hicimos apelar a un médico vecino que soñó también con combatir sus insomnios por el hipnotismo, pero fue obligado a renunciar a eso después de un gran número de tentativas vanas para adormecerla. Este hecho nos fue contado más tarde por la enferma misma que, olvidando en el estado de la víspera las sugestiónes que le habían sido hechas, ignoraba por qué no se había podido adormecerle; y sus parientes nos confirmaron la puntualidad.

Inútil añadir que después la hipnotizamos tan fácilmente como en otro tiempo, comprobando así que la sugestión era la sola causa que lo había impedido ser adormecida por otra persona.

OBSERVACION

VII.

Sordomudez histérica con paraplejía, curación por los espejos rotativos.

Página 35 de 75

El enfermo es un hombre de edad de 40 años que entra en el hospital alcanzado por sordera y por mutismo absolutos por una paraplejía. Su padre murió de tuberculosis pulmonar; era dice, muy nervioso. Su madre todavía vive, sería también nerviosa, pero sin que pueda decir si jamás estuvo de crisis. Tiene un hermano y una hermana muy irritables y muy impresionables, lloran fácilmente, pero jamás tuvieron crisis. En los antecedentes mórbidos del enfermo levantamos sólo una pleuresía. Tuvo, dice, muchas penas, sintió un dolor profundo de la pérdida de una persona a la que quería. Está casado y tiene 4 niños; es sin cesar inquieto, atormentándose mucho sobre la suerte de su familia. En estos momentos de inquietud, siente una constricción profunda a la garganta, al hueco del estómago; siente, dice, su corazón helarse. Hace ocho años, en consecuencia de un dolor vivo y moral, tuvo por primera vez una gran crisis; sintió una violenta cefalalgia que ocupaba la frente y el occipucio; estas cefalalgias todavía vuelven hoy por intermitencias. Experimentaba al mismo tiempo dolores muy vivos en el epigastrio, con sensación de bola que subía hasta la faringe y la sensación de frío en la región precordial. Él cayó pesadamente a tierra y quedó inconsciente, entendiendo, dice, zumbidos, pero que no percibían lo que se decía alrededor de él. Estas crisis se repitieron cuatro o cinco veces al año, durante dos o tres años, presentando más o menos los mismos síntomas; no los preveía. Luego todo se calmó poco a poco y las crisis no se reprodujeron más, sino el enfermo quedó muy irritable, enfadándosele pesar de le a la menor ocasión, risueño o lloroso por un motivo fútil. El 23 de abril, tuvo una discusión respecto a su paga; considerando frustrado en sus derechos, soñando con su mujer y con sus niños, entró en una cólera violenta, y la intención le vino un momento de armarse para vengarse de aquel que creía que él lo había frustrado; pensada de el que enrojece hoy. Vuelve a su casa en presa de dolores violentos en la cabeza, y el epigastrio; percibiendo siempre hacia la región precordial, la misma sensación de frío en la cual insiste. Cada día siguiente, que es el domingo, queda sombrío, queriendo ver a alguien; tiene escalofríos, tiembla; le parece que va a volverse loco; niega todo alimento. El lunes por la mañana vuelve a trabajar; pero se siente, dice, muy raro. A las 9, abandona su trabajo, perseguido por una idea de persecución, se imagina que se quiere matar a su familia de hambre. Llegado a su casa, se acuesta, pero pronto se siente tomado de dolores tan violentos en todo el lado izquierdo que hace buscar a un médico que ordena un vejigatorio. Vejigatorio puesto, el enfermo se levanta, pero cae pesadamente a tierra como una masa. Esto pasaba hacia 11 las horas; se queda así, absolutamente extraño para todo lo que se hacía alrededor de él, hasta la una y medio. Cuando le volvía era sordo y mudo. Es mientras se lo aportemos al hospital; todavía fue por lo menos una hora el ojo despavorido, tratando de articular palabras que no podía pronunciar. Página 36 de 75

Por la tarde su temperatura ascendió 30° 1. Al día siguiente por la mañana la temperatura había caído a la normal. Es mientras pudimos examinarlo. La inteligencia es intacta; responde muy bien por escrito; repetimos a propósito las mismas cuestiones bajo varias formas, no se contradice. La memoria conservó su integridad. Órganos de los sentidos. -el gusto y el olfato son intactos. El sentido de la vista no es enturbiado. El campo visual no es estrechado; distingue los colores. El oído y la voz son completamente abolidos. Observamos que la oreja externa es completamente insensible al cosquilleo; podemos introducir impunemente un pedazo de papel hasta el tímpano. El enfermo absolutamente no percibe ningún sonido, cualquiera que sea la intensidad del ruido que Tono produzca a su oreja. Si se coloca un reloj entre sus dientes, o si lo aplica sobre su frente no percibe en absoluto el ruido. No tiene en absoluto ceguera verbal, porque responde muy bien por escrito, y hasta comprende más o menos al movimiento de los labios a uno de sus vecinos de la cama. Hay que observar sin embargo que cuando escribió durante 15 o 20 minutos, no tiene lo que se podría propiamente llamar de la agrafia, pero más bien de la amnesia. Busca, lo vemos en sus gestos, el fin de una palabra, y que no puede encontrarla, continúa su frase. Así la palabra comprender, que había escrito muy bien al principio de las cuestiones que le fueron hechas por medio de pizarra, no sabe

más escribirla hacia la 20 o 25 línea; escribe "comp" simplemente y así para otras palabras. Movilidad y sensibilidad. -no hay atrofia muscular. La fuerza dinamométrica es conservada y normal.

Los miembros superiores son absolutamente intactos, pero no hay de allí también unos miembros inferiores; existe una verdadera paraplejía quien es caracterizado por la pérdida de las sinergias musculares que aseguran el equilibrio de la marcha. Hace falta que dos hombres sostengan al enfermo; es sobre todo cuando quiere marchar que la impotencia se manifiesta; sus piernas se doblan y son tomadas por temblor. El reflejo córneo es disminuido. El reflejo faríngeo es completamente abolido. El reflejo rotular también es abolido. Encontramos una zona bastante extendida por anestesia cutánea sobre la delantera del pecho y un poco a la derecha; mientras que bajo el pecho izquierdo se encuentra una zona que parece hiperestesia. Digo, que aparece, porque es el asiento de vejigatorio reciente, y podemos actualmente darnos cuenta de aquel sólo era la sensibilidad normal en este punto.

A la cara anterior del muslo derecho, una placa de anestesia, de forma triangular, por delante del gran trocánter. Sobre el mismo miembro, otra placa de anestesia, en forma de triángulo cuya cumbre estaría a la rótula y la base en medio del muslo. Un poco encima, una zona más pequeña donde la sensibilidad es simplemente retrasada.

Página

37

de

75

Una gran placa de anestesia ocupa casi toda la cara anterior del muslo izquierdo, y al nivel de la rodilla izquierda una placa alargada por hiperestesia. La sensibilidad a la temperatura es alterada tan profundamente; no entraremos en más detalles, la observación completa delante de ser objeto de un trabajo especial. Se trataba de someter a este enfermo al tratamiento hipnótico y a la sugerencia. Vemos consecutivo que se elevaba allí una gran dificultad. Cómo entrar en comunicación, durante el sueño hipnótico, con un sujeto absolutamente sordo; porque se podía gritar de todas sus fuerzas a su oreja, absolutamente no oía nada; ¿era más sordo que el mismo sordomudo, porque a menudo éstos perciben ciertos ruidos brillantes? Se trataba primero de encontrar un medio de intimarle a Retorcer de oír, para hacérsele hacer una autosugestión que, en seguida comenzada, fácilmente sería desarrollada.

En el estado de la víspera, comunicábamos bien con él por la escritura, pero no quería emplear este medio por la sugestión por varias razones. Si la sugestión por el gesto imperativo puede ser tan rápida, tan profunda y tan eficaz como la sugestión por la palabra, no está de allí también de la sugestión por la palabra escrita. En efecto, la escritura directamente no puede evocar una idea en el cerebro, evoca solamente la imagen de una palabra, que misma representa la idea que se quiere comunicar. Se sigue un retraso en la transmisión del pensamiento, que necesariamente debilita mucho el efecto de la sugestión y la haría inevitablemente menos eficaz en un caso como éste donde hacen falta una orden rápida y un efecto súbito.

Había todavía otro inconveniente que emplea la sugestión por la vista en nuestro caso particular. La sala donde debía adormecer al enfermo era muy alumbrada; abriéndole los ojos, me encontraba expuesto a hacerle pasar en estado de catalepsia, estado en el cual la sugestión hubiera sido imposible.

Por fin quería imponerme en las condiciones donde me habría encontrado si este enfermo no hubiera sabido leer escribir ni, y me decidí a emplear el sentido del tacto para desarrollar en él una autosugestión capaz de dejarle oír.

El enfermo pues estuvo colocado delante del espejo rotativo y, sin explicarle de ningún modo lo que se esperaba y lo que debía llegar, le avisé solamente de mirar. Al cabo de aproximadamente diez minutos, era evidente que el enfermo comenzaba a hipnotizarse; el pecho fue levantado de cuando en cuando por una inspiración profunda, los ojos eran fijos y los párpados latían a veces. Le cerré los ojos con los dedos y en seguida una inspiración más profunda me advierte que fue bien sumergido en el sueño hipnótico. Me coloqué bien frente al enfermo, y precipitadamente apliqué un dedo sobre el conducto auditivo externo por cada lado, para cerrarlo completamente. Me quedé así algunos segundos con el fin de dejar caminar en su cerebro una autosugestión relativa todavía vaga en el sentido del oído; luego, súbitamente, apartando las manos, le grité al

mismo tiempo: "oiga". La misma maniobra fue repetida tres veces, y, después de la Página 38 de 75

tercera vez, el enfermo avisaba con la mano que comenzaba a entender de la oreja derecha.

Desde entonces, el éxito estaba seguro y pude desarrollar la sugestión y ordenarle entender y entender muy bien como en el pasado. Supe entonces que había dicho por escrito que desde hace tiempo oía mucho menos mucha oreja izquierda que la derecha. Cuando fui asegurado por sus gestos que perfectamente me oía, me ocupé de la palabra y comencé a sugerirle que podía hablar. Le hice primero responder sí a ciertas cuestiones, obligándole a repetir esta palabra después de mí. Quise entonces hacerle pronunciar su nombre y el nombre de la calle que habitaba; pero me percibí que la misma dificultad se renovaba para cada sílaba nueva que había que hacerle pronunciar, para cada sonido que debía emitir. Le parecía que había olvidado a la vez la noción de los diferentes sonidos y perdido la facultad para producirlos. Tomé pues al siguiente medio para recordar rápidamente a su memoria todas las combinaciones posibles de sonidos, y hacerle hacer al mismo tiempo una suerte de gimnasia de la palabra. Lo forcé por repetir después de mí toda la serie de las cifras desde uno hasta treinta, luego sucesivamente todas las letras del alfabeto. Al mismo tiempo a medida que avanzaba en este ejercicio veía la voz volverse más fácil, y, en seguida esta serie acabada, estaba seguro que podría hablar fácilmente. Le hice pues algunas cuestiones comunes a las cuales respondiera correctamente, luego le sugerí que continuaría entendiendo y pudiendo hablar después de su despertar, y lo desperté por sugestión verbal. Toda esta sesión, desde el momento cuando había sido sumergido en el sueño hipnótico, había durado no más de 15 minutos. Comprobé que perfectamente oía el ruido del reloj colocado entre los dientes o sobre la frente, y que oía la voz grave cinco metros de distancia. No me ocupé aquel día de la paroplejía y le hice acompañar al enfermo a su cama por los hombres que lo habían traído. El día siguiente, el enfermo fue hipnotizado de nuevo y, por orden terminante simple y verbal, le sugerimos que él ya podía marchar. En efecto, desde su despertar, pudo levantarse y regresar sólo en la sala; durante la jornada pudo pasearse, habiendo conservado sólo un poco de dolor y entumecimiento en el pie izquierdo. Estos dos síntomas desaparecieron completamente a la tercera hipnotización y desde entonces enfermo marcha y se pasea como todos los demás. Hay que observar que, desde la primera sesión de hipnotización, no había sido más cuestión de enriada y de la palabra en las sugerencias. Su sordomudez había sido curada radicalmente en una sola sesión.

Página

39

de

75

Esta observación es interesante, porque, si los casos de mutismo histérico son bastante frecuentes, no conocemos apenas observaciones en las cuales hubiera estado como en este caso acompañado de sordera. Además, hasta el punto de vista de la puesta en ejecución de la sugerencia, esta sordera absoluta aportaba dificultades interesantes en vencer; porque, si se tenía la certeza de curar a este enfermo por la sugerencia, había que encontrar el medio de enviarla a sus centros cerebrales devueltos casi inaccesibles por la supresión del sentido del oído. Estas observaciones que se refieren en sujetos bastante variados, muestran una vez más todos los servicios que se puede esperar la medicación hipnótica en la terapéutica de las afecciones nerviosas.

" Lo que todavía caracteriza este nuevo método de tratamiento y lo que " solicita justamente su aplicación, " dice Sr. Luys, es que no sólo " es eficaz, sino que todavía ella " no es perjudicial. No es una sustancia activa, pesada y material que " entra en la economía y desarrolla allí " sus energías limpias. Es un agente " físico, imponderable, que se manifiesta de modo puramente dinámico, en la intimidad de la trama nerviosa y que le penetra a fondo. Él acoten como las corrientes eléctricas, como las corrientes magnéticas, sin determinar de reacciones " dolorosas, y deja " como rastros de su paso que efectos " sedativos y benéficos. He aquí los hechos " innegables, y, hasta ahora, yo " todavía no comprobé ningún efecto nocivo de " este nuevo método

terapéutico “ siguiendo las indicaciones que anteriormente formulé. “
 Desde que Sr. Luys escribió estas líneas, su método se generalizó y recibió la sanción del tiempo. Nosotros mismos (as), que lo aplicamos desde hace varios años, podemos añadir que jamás observamos el menor efecto lastimoso. Hay utilidad pues grande que generaliza este método y a hacerla aplicable al número más grande y posible de sujetos; es aquel a que llegamos por el empleo de los espejos rotativos. En la inmensa mayoría de los casos, es la sugerencia que fue el agente directo de la curación; pero todavía hay otros casos, dice Sr. Luys, que podrán gozar del sueño hipnótico aparte de toda sugerencia.

Así, en ciertos períodos de alienación mental, donde no se puede intentar nada para restablecer el equilibrio de las funciones cerebrales, todavía podremos obtener momentos de descanso y de calma con la ayuda del hipnotismo; y, en estos casos particulares, es la mayoría de las veces sólo con la ayuda de los espejos rotativos que se podrá llegar allá. En ciertas formas de parálisis ensayo general al principio podremos reparar en parte las fuerzas motrices, y devolverles a los enfermos una dosis cierta de energía física y mental, por la calma y el descanso que les proporcionará el sueño artificial. Algunas veces, como en la inmensa mayoría de los casos de patología mental, deberemos limitarnos a eliminar ciertos síntomas como las alucinaciones, las ideas de persecución, Yo insomnio, etc., pero estos mismos resultados ya tienen una
 Página 40 de 75

importancia suficiente y, además, permiten esperar que se pueda conseguirlo más duraderos.

Principalmente es en las neurosis, y sobre todo en las manifestaciones tan variadas del histerismo y en todos los estados que están bajo su dependencia, que este método debe triunfar. En estos casos, se coloca en lo sucesivo fuera de par, por encima de todas las demás medicaciones, por su inocuidad absoluta, la ausencia de todo tratamiento penoso y desagradable para los enfermos, y por fin la certeza con la cual alivia y cura.
 Página 41 de 75

CAPITULO IV
 TRATAMIENTOS DIVERSOS

Electroterapia.

Sabemos la importancia que tomó desde hace algunos años la Electroterapia en medicina. Tratados especiales han sido consagrados a esta rama de la terapéutica y no sabríamos ser repetidos con los clásicos para este sujeto. Simplemente digamos, que a parte de los casos de parálisis, la electricidad estática debe siempre ser preferida a la electricidad dinámica en la mayoría de las aplicaciones. Conseguiremos los resultados excelentes combinando el empleo de la electricidad estática y de los imanes. Sin embargo es una aplicación de la Pila de Volta que es fácil hacer y que da los resultados excelentes. No podemos él pasar en silencio y vivamente les recomendamos el empleo a los prácticos facultativos: es la Pila directa. La Pila directa. Bajo el nombre de Pila directa, designamos una aplicación curiosa de la Pila de Volta que abastece a la terapéutica un aparato excelente de revulsión. Sobre una banda de tela disponemos de una serie de simidiscos de zinc y de cobre alternados como lo indica la figura. Además, al principio y al fin de la banda, ponemos un disco de cobre precedido por un disco de zinc. Este aparato muy fácil que hay que aplicar es accionado por el sudor y produce al cabo de algunas sesiones una erupción
 Página 42 de 75

La pila directa. Característica. Da los resultados realmente sorprendentes en la inmensa mayoría de las enfermedades de la médula. Empleo del Agua. Dejando a un lado todas las aplicaciones conocidas de la hidroterapia, vamos a insistir muy especialmente en el tratamiento dietético de Schrôth que permite utilizar el agua de manera

verdaderamente sorprendente en cuanto a los resultados obtenidos.
El tratamiento dietético.
En estos últimos años sabemos cómo el cura Kneipp difundió por todas partes su método y su tratamiento.

Entonces, estudiando el tratamiento dietético de SCHROTH, veremos que este género de tratamiento fue conocido bien mucho tiempo antes del cura Kneipp. Nuestra experiencia personal nos permite afirmar el valor del tratamiento dietético para las neurastenias graves y la utilidad de las compresas mojadas aplicadas según el método de Schroth en muchas afecciones nerviosas sobre dolores localizados.
Página 43 de 75

Así como este tratamiento es casi desconocido vamos a hacer extractos bastos a la traducción de Kypke.

EL TRATAMIENTO DIETÉTICO sin medicinas ni hidroterapia, según el sistema del médico de la naturaleza SCHROTH, detallado y explicado por Mauricio Kypke, doctor en filosofía y farmacéutico de 1re clase. Traducido por la 24 edición del alemán. Leipzig, Luis Fernau. -París Haas y Steiner, 9, rue Jacob. -Berlín, Theobald Gruben, 1864.

El envolvimiento y las compresas húmedas.

Nos proporcionamos una cubierta fuerte de lana como las empleamos en los hospitales y en las casas de baños para el mismo fin; para una gran persona, debe tener seis pies de longitud y un tanto de ancha. Por la tarde en el momento de acostarse, lo que se efectúa ordinariamente en verano a las nueve y a ocho en invierno y, en todos los casos, por lo menos dos horas después de haber comido, extendemos esta cubierta sobre la cama hasta poco cerca la mitad de la almohada, de modo que vaya hasta las axilas del enfermo, pero bajo los brazos, que no deben ser envueltas. Otra cubierta de la cama debe ser quitada. Sobre esta cubierta bien tendida, ponemos el paño de la cama de tela, de la misma dimensión que la cubierta, el cual bien ha sido mojado en el agua pura y fría y bien retorcido; La tela debe ser bastante gruesa para cerrar una suficiencia de agua (de la tela fina no podría ser conveniente porque guarda muy poca humedad), la cubierta de lana debe sobrepasar el paño en la altura de algunos dedos, y éste debe ser también perfectamente extendido, sin formar de pliegues. Luego tomamos el segundo paño del mismo tamaño y de la misma calidad también bien mojado por agua pura y fría y bien retorcido, lo plegamos en tres, de modo que pueda envolver al enfermo desde las axilas hasta las caderas, y lo extendemos muy también sobre el otro paño y en el medio de la cama. Cuando todos estos preparativos son terminados, el enfermo que conserva sólo su camisa, nos acostamos sobre la espalda, justa en medio del paño, luego levanta la camisa de modo que todas las partes del cuerpo se encuentren a desnudo hasta bajo los brazos, que deben siempre quedar libres. La persona de servicio, que es necesaria para todas estas operaciones, coloca un lado del paño plegado en tres sobre el pecho y el vientre y la otra parte por parte superior, de modo que el punto de junción se encuentre por parte superior y no por fondo. Debemos evitar ceñir demasiado este paño, para no molestar la respiración. Así como lo dijimos, este sobre debe agarrar desde las axilas hasta una poco debajo de las caderas. Luego ponemos el paño largo de la misma manera, pero de toda su longitud, y la parte que se queda abajo es replegado sobre los pies de modo que se encuentran totalmente envueltos; Luego rodeamos al enfermo con la cubierta de lana, de la misma manera, pero teniendo cuidado que sobrepasa poca altura los paños mojados, y para sujetarle más sólidamente, pasamos el primer lado un poco bajo la espalda, luego pasamos la otra tan lejos como posible ocuparse de envolver bien los pies. La cubierta debe cerrarse bien sobre el pecho pero sin molestar de ningún modo la respiración. Luego bajamos la camisa delante y por detrás, teniendo cuidado bien con no desarreglar la cubierta y los paños, luego ponemos cubiertas o un edredón sobre todo, siguiendo la temporada, pero cubriendo al enfermo hasta la barbilla. Los bordes de las cubiertas o de la cama de plumas deben ser bien cumplidos por cada lado bajo la cubierta de lana, y hay que
Página 44 de 75

sobre todo tener cuidado que los pies sean perfectamente envueltos. Es necesario tener cuidado que la cubierta de la cama rodea muy herméticamente al enfermo y para que no hubiera ninguna abertura por la cual pueda entrar el aire exterior que causaría

un enfriamiento. El cuerpo debe encontrarse totalmente aislado de todo contacto con aire; es por eso que es ventajoso poner por encima todo la segunda cubierta de lana y envolver con eso todo el paquete. Obtenemos por ahí más solidez en los sobres, lo que tiene que considerar sobre todo en los casos donde el sueño es agitado. En este último caso también es bueno atar todo, para tener más certeza que nada será desarreglado. Con poca habilidad y ejercicio, todas estas preparaciones que parecen tan minuciosas, toman sólo algunos minutos. Si se lo encuentra más cómodo, podemos aplicar el paño alrededor del torso antes de meter en la cama, levantando la camisa convenientemente y ocuparse que no se mueva. Es reconocido que es preferible para el hombre de acción de acostar sobre la espalda, pero sí, a consecuencia de costumbre larga, un enfermo prefería estar acostado sobre el costado, esto no haría ninguna dificultad si se tiene cuidado para que sea perfectamente bien envuelto. En las enfermedades agudas el envolvimiento debe ser hecho hasta el cuello, por consiguiente los brazos incluido, con el fin de obtener un calor más pronto y húmedo sobre todas las partes del cuerpo. Pero en las enfermedades crónicas, que necesitan un tratamiento más largo, le ahorramos al paciente esta posición penosa, sobre todo durante el sueño, es por eso que dejamos los brazos libres para poder también reparar sí los desórdenes como la inquietud que probamos podría aportar en la fajadura, y forzar de llamar un socorro extra o de levantarse. De esa manera el resultado será lo mismo, porque en las enfermedades crónicas él no allí haber sido periculum in mora y el tratamiento no será más largo de allí. Si sin embargo esto era necesario como por ejemplo, en los reumatismos, los atascamientos gotosos, parálisis nerviosa y otro, rodeamos los brazos y las manos separadas con servilletas húmedas sobre las cuales lo ponemos de pitillos, y todo es envuelto cuidadosamente con lana. En las afecciones catarrosas del cerebro o de la garganta}, o inflamación de la laringe, es necesario que el enfermo aplique compresas locales como sigue: mojamos una servilleta de tela gruesa en agua y lo apretamos (como siempre) fuertemente, lo plegamos luego de modo que sea la dimensión de la mano, luego lo aplicamos (sobre todo la tarde, antes de la fajadura) bien a plato sobre el cuello del enfermo, lo ponemos por encima un segundo pero seca, y sobrepasando la húmeda y rodeamos todo de una venda de lana. La mañana, antes de la subida, quitamos todas estas vendas, frotamos el cuello con una ropa blanca seca y caliente y ponemos una corbata. Si el dolor es antiguo y tenaz, devolvemos esta compresa durante el día, pero solamente en el verano o en una habitación calentada, en un tiempo frío se efectuaría allí de temer un enfriamiento. Debemos cuidadosamente evitar que el aire frío pueda penetrar en el dormitorio. Durante el invierno la temperatura no debe ser demasiado ascendida, aproximadamente 12 hasta 14 grado Réaumur, en otras habitaciones puede ser un poco más elevada, pero no más allá de 180. En las temporadas frías es conveniente de poner una blusa de noche.

Página 45 de 75

El enfermo cuidadosamente empaquetado no tardará en tener calor. El calor húmedo hace sentir su efecto benéfico tan pronto como el primer sentimiento, desagradable sea verdad, del frío es pasado. Sin embargo nos acostumbramos allí prontamente y sobre todo durante los grandes períodos de la fiebre, donde el calor de la piel hace que se desea tanto un enfriamiento, experimentamos un verdadero bienestar. Ordinariamente nos dormimos muy rápidamente hasta el día siguiente por la mañana, a menos que lo seamos impedidos por accidentes graves y agudos o la producción de crisis accidentales. El fin de este envolvimiento no es producir el sudor. Es posible que se manifieste en el comienzo o más tarde a consecuencia de los síntomas críticos. En este caso hay que esperar y el enfermo debe quedarse en sus toallas tanto tiempo como le puede sostener. El sudor en los paños húmedos no es tan insoportable como en la cama seca, el sudor desaparece completamente al cabo de poco tiempo cuando proviene sólo de la opresión o de la falta habitualmente y no del estado enfermizo particular.

Por la mañana, en verano aproximadamente a las seis, en invierno un poco más tarde, procedemos a dados envolvimiento, pero con muchas precauciones y bajo la cubierta. Primero soltamos los bordes de la cubierta sin demasiada precipitación, luego el enfermo, sin descubrirse, se libra tanto como le puede con sus manos, de la cubierta de lana, luego de gran paño y por fin del sobre del torso, se frota luego con una ropa blanca caliente o simplemente con la camisa, el pecho y el vientre para secarlos, quita todo de fondos su espalda y lentamente suelta sus pies. Después de

que todo saliera de fondo el cuerpo, lo quitamos dentro de la cama evitando descubrir el cuerpo del enfermo. En caso de que el paciente no es demasiado débil e indispuerto o no impedido por el dolor de remover el cuerpo, él mismo puede y sin el socorro de nadie, se le desenvuelve. Cuando el cuerpo se volvió totalmente seco, cerca de una media hora después, nos levantamos y para lavarse, hasta la boca, nos servimos de un agua no totalmente fría, entre 14° y 16° del calor. Es necesario lavar cada mañana los paños de tela en agua tibia, y cuando se percibe que los poros de la piel devuelven abundantemente mucosidades y otras sustancias, los coceremos los ocho o los quince días en agua de jabón y los lavará cuidadosamente; nos ocuparemos entonces de el bien enjuagar en agua pura hasta que todas las partes jabonosas bien sean quitadas. También hace falta cada día extender y secar la cubierta de lana, durante el verano al aire libre y durante el invierno cerca de la estufa. El colchón de plumas de la cubierta de lana bombea una cantidad bastante notable de humedad de los paños mojados, también es prontamente húmeda así como la cama; para evitar los disgustos a menudo bastante grandes que arrastra el secado de cubiertas de lana, que necesitan un gran calor, podemos poner entre la cubierta y el paño mojado otro paño seco, de modo que, en el envolvimiento exactamente se encuentre entre la lana y el paño húmedo. Todavía voy a dar la descripción de un modo de envolvimiento general, a exclusión de los brazos, que presenta grandes ventajas, sobre todo en los casos donde es necesario que la nuca y el cuello se encuentren en el mismo grado de calor húmedo que el resto del cuerpo, con el fin de que la influencia general también se haga sentir sobre esta parte tan importante, lo que no puede ser perfectamente obtenido por compresas

Página 46 de 75

locales. Nos hacemos hacer un chaleco o una blusa con mangas muy cortas, de modo que cubran sólo los hombros, con tres espesores de tela gruesa, este chaleco debe ir hasta debajo de las caderas, ya que debe reemplazar el sobre del torso, y tener un cuello que sirva al mismo tiempo de compresa para el cuello. Este chaleco es mojado en el agua fresca y fuertemente apretado y, abrigo, ponemos el segundo chaleco seco, también de tela y hace de modo que pueda abotonarse y cubrir totalmente el primero. Sobre todo ponemos otro chaleco de lana gruesa, también con botones y que tienen un cinturón ancho con la ayuda del cual podemos consolidarlo alrededor de la talla. También ponemos alrededor del cuello una banda espesa de lana. Este arreglo presenta la gran ventaja de que el envolvimiento es más simple y se efectúa más prontamente que por las compresas locales, que no hay perturbación posible y que el paciente conserva el goce pleno de sus brazos, lo que no puede efectuarse tan perfectamente con otro sistema. Para el envolvimiento de las partes de abajo del cuerpo, levantamos un poco los chalecos secos y de lana y hecho pasar un poco abajo el paño húmedo que Tu aplique de manera ya indicado y por encima se pone la cubierta de lana hasta las axilas. Si es necesario aplicar compresas sobre los brazos, hay sólo a hacer las mangas un poco más anchas de la blusa de lana. En las afecciones graves del bajo vientre, a menudo pasa que, durante el curso del tratamiento, los pies envueltos no pueden recalentarse y hasta quedan fríos durante cada noche. En este caso envolvemos las piernas con paño mojado solamente hasta los tobillos, de modo que los pies se queden a seco en la cubierta de lana. Al cabo de algunos días este síntoma desapareció a consecuencia de efectos interiores y procedemos como antes. Llega tanto algunas veces como sentimos dolores en los talones, que pueden volverse tan sensibles que interrumpen el sueño. Podemos obviar este inconveniente o colocando los pies sobre el lado, o poniendo bajo las piernas y debajo de la cubierta de lana un cojín u otro objeto, de modo que los talones sean libres de todo contacto. Este sentimiento doloroso también es sólo publicación y probablemente es causada por las vibraciones más multiplicadas por el sistema nervioso que está enfermo. Tan pronto como la acción de la piel esté más viva o sea el cuerpo pide más humedad, que, en las enfermedades crónicas tratadas por este método, le llega sólo por los órganos de la piel, algunas veces los paños se secan sobre el cuerpo y sobre todo a las piernas. Tan pronto como se lo observe, hay que tomar el tercer paño mojado y bien apretado, plegarlo en tres duplicados como la compresa del torso, de modo que vaya desde las caderas hasta los tobillos. Para envolver colocamos este paño sobre el grande en el lugar conveniente y rodeamos de eso las piernas

dejando sobre el torso su compresa, y pasamos sobre todo el gran paño. Sobre los pies suficientes tener el paño simple porque es remangado en varios duplicados y porque esto basta para producir el calor necesario, lo que no se efectúa sobre otras partes del cuerpo, aunque sea algunas veces difícil de obtenerlo en las afecciones del bajo vientre. Hay que siempre tener el cuidado más grande de proporcionar la cantidad necesaria de humedad, sobre todo en los fuertes períodos de fiebre, y, en caso de necesidad podemos añadir sobre la compresa del torso de las servilletas húmedas o de otras los grandes paños de tela. También hay que tener cuidado bien que el calor necesario de todas las partes del cuerpo no sea interrumpido. En este caso quitamos las ropas blancas adicionales y nos contentamos con la compresa del torso y del gran paño. Con

un poco de atención el juez paciente de la manera más su estado y puede pedir los cambios que juzgue los más convenientes. Aunque el menstroo de las mujeres sea una función totalmente natural, no deben dejar de llamar la atención; y algunas veces, en las debilidades nerviosas, hay que contentarse con la compresa del torso que se pliega entonces en cuatro duplicados, para no aumentar todavía la irritación. La prueba cuánto las compresas húmedas son calmantes y benéficas, es que se las sostiene muy fácilmente en la escarlatina, el sarampión, la viruela, los empeines y otras enfermedades de la piel y que apaciguan considerablemente los pruritos que son tan fatigosos y a menudo insoportables. Alimentos.

La reducción de los alimentos a una elección muy limitada de verduras simplemente preparadas durante la duración del tratamiento severo, prueba la importancia que Schroth ató a esta parte de su sistema; puede asustar bien algunos palacios mimados por la costumbre de la criada cara, pero que quiere el fin, quiere los medios. Según las necesidades y el apetito, el enfermo recibe por la mañana y también en el transcurso del día, en todo tiempo y a discreción, un bollo blanco seco (de una pasta compuesta de pura harina de trigo, de levadura y un poco de sal, leche o agua). Debe ser sentado de nuevo de dos o tres días, la corteza no demasiado morena, por consiguiente demasiado cocido y la miga de una consistencia tal como ella pueda desmigajarse entre los dedos, Para cena comemos alternativamente o según el gusto una papilla al agua con un poco de mantequilla y sal, arroz, sémola, trigo de trigo sarraceno, de mijo o de pan blanco raído; debe ser bastante espesa para que se pueda comerla con tenedor. Una papilla igual puede también ser comida por la mañana y por la tarde, en caso de que el enfermo lo preferiría, y sobre todo cuando el mal estado de los dientes no permitiría masticar bien el pan seco. En caso de que con tiempo se tomaría asco a la papilla, habría que contentarse con pan que, él, tiene la gran ventaja de que no se cansa de eso. En todos los casos es preferible comer más pan que papilla, porque la experiencia probó que no provocaba tanto la formación de mucosidades. Así como bebida se tomará durante los primeros ocho días una decocción de sémola de avena no demasiado clara y pasada, con adición de azúcar y de un poco de jugos de limón, o beberemos solamente lo que será necesario para aplacar una verdadera sed, no demasiado a la vez y siempre tibio. En la segunda semana beberemos una sola vez al día y la tarde hacia las tres o cuatro horas un pequeño vaso de vino extenso de un medio vaso de agua con azúcar y calentado. El mejor medio para calentar esta mezcla es una lámpara a espíritu de vino, sobre la cual se lo dejará hasta que la espuma se forme en la superficie, pero sin dejarlo hervir. Esta bebida agradable debe lentamente ser tomada y a pequeñas cucharadas a café y comiendo un bollo. Hay que escoger un buen vino blanco y muy natural, no cerrando demasiado ácido. No hay que

tomar el vino demasiado fino, y debe ser ligero. Sobre todo este vino debe ser un verdadero vino hecho con la uva y pura de toda mezcla. En la tercera semana tomamos el vino sin agua; pero siempre con azúcar, y en caso de sed demasiado ardiente podemos tomar un vaso y medio o dos vidrios. El tratamiento preparatorio que debe durar estas tres semanas, puede ser acortado o prolongado según la gravedad de la enfermedad que se quiere curar. Este tratamiento preparatorio es sobre todo una necesidad en los casos donde es cuestión de una enfermedad aguda, o cuando una enfermedad crónica grave es

acompañada por síntomas agudos; en este caso, hay que, para no excitar demasiado la fiebre, reemplazar la decocción de sémola de avena por agua azucarada con jugo de limón, de cereza o de frambuesa, hasta que los accesos de fiebre sean calmados más o menos. A principios del gran tratamiento, no hay que perder de vista esta prescripción, por medida de prudencia, porque en los casos de enfermedades inveteradas y no caracterizadas, puede sobrevenir un abatimiento contra el cual hay que cogerse bien en guardia; está más seguro, y por consiguiente más prudente desarrollar lentamente el estado crónico y la acción curativa de la naturaleza. En cambio las personas que tienen sólo un dolor de poca gravedad o que no se sienten muy enfermas, pueden muy bien no seguir este tratamiento preparatorio; Lo mismo ocurre cuando los enfermos peligran y cuando hay que actuar prontamente. Durante este tratamiento preparatorio reparamos al mismo tiempo las fuerzas del cuerpo cuya apariencia es a menudo engañosa, experimentamos la fuerza vital y entonces podemos determinar cuál debe ser la duración del tratamiento. Existen unas naturalezas que se impresionan fácilmente y en las que se observa desde el comienzo del tratamiento una gran irritación, entonces no sería conveniente de aportar demasiada severidad. Con método dietético, el temperamento del enfermo ejerce una gran influencia y debe siempre cuidadosamente ser observado, ya que es la fuerza de la naturaleza que sólo actúa para operar la curación; si el humor natural (no en el estado enfermizo) está vivo e impresionable, el resultado se obtiene mucho más fácilmente que en las naturalezas muelles y linfáticas; es necesario excitar enérgicamente a estas últimas. En caso de que los órganos de la digestión no serían debilitados demasiado o no atacados, y donde el organismo esté acostumbrado a un alimento animal, posiblemente la privación súbita de la carne podría tener una influencia lastimosa sobre la fuerza orgánica o por repugnar demasiado a un enfermo demasiado sensible a las privaciones; por fin si no se puede hacer de otro modo, podremos durante los primeros tiempos del tratamiento preparatorio comer los vegetales prescritos cocidos en el caldo, con el fin de que la transición al tratamiento riguroso no sea demasiado penosa.

Luego intentamos quedarnos todo un día sin beber nada de todo; el día siguiente tomamos hacia las cuatro horas el vaso de vino caliente acostumbrado, y el tercero hacemos lo que llamamos una juerga, es decir que dos horas después de la cena bebemos primero un vaso adivinador caliente, luego varios vidrios, hasta una botella de vino frío, comiendo pan. Sin embargo debemos beber muy lentamente, más o menos cada media hora un vaso, hasta cuando seríamos obligados a esforzarse un poco. 11, a la verdad, hemos permitido beber por su sed y según sus necesidades, pero puede considerar en general que una botella debe bastar, sin embargo podría llegar de casos

donde el cuerpo pide más humedad, lo que se efectúa ordinariamente en los accesos violentos de fiebre y cuando la debilidad de los órganos de la piel no pueden absorber en suficiencia lo cerrado en las ropas blancas mojadas. A condiciones de beber muy lentamente, podremos sobrepasar el límite prescrito, sin embargo el enfermo deberá siempre dejarse guiar por su estado al efecto que le produce el vino; porque hay unos días cuando se puede apenas sostener una media botella y otros donde lo querría beber mucho más, sin embargo no debemos abandonarnos a este deseo en el temor a causar una irritación demasiado grande o hasta una indisposición. En este último caso debemos dejar de beber y al día siguiente por la tarde tomar algunos vidrios además. Las mujeres, en los casos de las reglas, deben tener cuidado bien que el vino no les causa una irritación demasiado grande que podría perjudicarles; en este caso, y sobre todo para las personas débiles, habrá que durante este tiempo tomar el vino mezclado con agua y esto a la tarde y solamente un vaso o dos. El enfermo es el mejor juez de todas estas circunstancias y habrá que siempre operar estos cambios según lo que siente. Si no puede de una sola vez, el día de bebida, beber la cantidad necesaria, beberá por la mañana hacia las diez horas un vaso de vino caliente. También aquel día, también bien antes de que después de haber bebido el vino frío, se podrán, si se siente a eso el deseo, beber vino caliente azucarado, y entre muchos enfermos que preferían el vino caliente al vino frío, esta bebida les prestó servicios muy buenos, sobre todo cuando Tono quiere prontamente aplacar la sed; de modo que es absolutamente necesario aportar la atención más grande en el efecto producido por estas bebidas. En todos los casos podemos recomendar comenzar y acabar el día de bebida por un vaso de vino caliente.

Durante los días de verano cuando se siente una sed más viva, podremos mezclar un poco de agua en el vino, pero en pequeña cantidad y solamente en caso de necesidad, porque en este modo de tratamiento, hay que evitar en lo posible beber agua para no impedir la reacción que es necesario producir, también podremos añadir un poco de agua cuando la sed será demasiado violenta y cuando una botella de vino no será suficiente para apaciguarlo. En las acumulaciones fuertes de mucosidades, pasa que debido a la sequedad, la expectoración no se hace sólo con dificultad, entonces es también necesario facilitar cada día la evacuación con la ayuda del vino caliente, tanto tiempo como este estado durará. Vemos por las explicaciones más arriba, que la bebida está sometida a muchas modificaciones dictadas por una dirección atenta y juiciosa del tratamiento. El enfermo inteligente mismo, cuyo fin principal es el restablecimiento de su salud, sabrá indicar la mejor vía, porque, en materia de sed, el médico más hábil es obligado a remitirse a lo que se le dice, y cuando haya comprendido las bases de este método de tratamiento, no le parará en su marcha o no disminuirá de eso los efectos pasando o voluntariamente contraviniendo las prescripciones del sistema; al contrario debemos esperar de él que aportará la puntualidad más grande en la observancia rigurosa de todas estas prescripciones.

Durante los días de bebida está todavía permitido comer a cenar, para reconfortarse, el arroz o la sémola reventada en el agua con un huevo (tanto el blanco como el color amarillo, la clara de huevo cierra más sustancia nutritiva que el color amarillo), pan

raído, un poco de mantequilla y sal, esta mezcla puede ser cocida al horno o reducida a bolitas emborrachadas en el agua; añadimos a eso una salsa un poco espesa hecha con harina de patata, de vino al cual añadimos un tercio o la mitad del agua y del azúcar; muy diferente adición es prohibida. Además podemos hacer un plato muy bueno cociendo en el estado de papilla espesa, de pan rallado con cerveza añadiendo a eso mantequilla y sal; si Tono lo desea puede también poner en eso azúcar, o bien todavía, podemos hacer una papilla siempre espesa con pan raído, azúcar y vino extenso de un poco de agua y podemos hervir todo una vez. Una papilla semejante al vino o a la cerveza no deberá ser comida, aparte de los días de bebida, sólo por casualidad y no en gran cantidad. Si más tarde el enfermo sienta un gran apetito y una gran actividad de las vías digestivas, podría comer lentejas y judías desvainadas muy cocidas. Tan pues después de cada día una juerga, siguen los días de abstinencia y continuaremos también durante algunas semanas; pero si se siente más allá fuerza y del coraje podremos suprimir un día de abstinencia; de modo que durante dos días enteros se prive de beber, el tercer día tomamos el vino caliente y el cuarto celebramos la fiesta de Baco, bebiendo regularmente antes de mediodía un vaso de vino caliente y a la tarde el vino frío. No sería conveniente de hacer más esfuerzos, porque entonces la energía vital sería demasiado extendida y podría resultar de crisis muy fuertes que se debe evitar porque, ordinariamente, ocasionan recaídas. Vale más lentamente seguir siempre y con prudencia el modo de tratamiento, y este consejo se dirige más particularmente a los enfermos que gravemente son atacados al bajo vientre; llegamos más seguramente y más tranquilamente, aunque más lentamente, al fin que proponemos. Una diligencia exagerada, por el aumento de los días de abstinencia, mientras que la actividad del organismo todavía no adquirió la fuerza suficiente, puede muy fácilmente ocasionar accidentes que producen el efecto muy contrario que aquel que se proponía. La acción curativa de la naturaleza no se deja forzar, prosigue tranquilamente, pero seguramente, su camino, y el momento de su llegada a su fin depende de la fuerza vital del enfermo. Si el que puso en eso toda su confianza, da prueba de una persistencia absoluta, el resultado feliz le parecerá de allí sólo más dulce.

Los descansos.

Después de que Tono siguiera el tratamiento de la manera prescrita durante seis a ocho semanas, después de que la lengua se encuentre bien soltada, y después de que se desarrolle un apetito vivo, sobre todo el deseo de comer carne, procedemos a un cambio en el tratamiento, después de que nombramos el descanso, que puede durar, según las circunstancias, de ocho a quince días, y que debe despertar el coraje inestable del enfermo. Comemos por la primera cena una papilla de arroz o de sémola

con caldo de palomo, de gallina o de ternero, pero siempre de la misma consistencia que otras papillas; a la segunda cena comemos más en un medio palomo cocido, un pedazo de gallina o de ternero; Y el día siguiente, para variar, comemos verduras verdes, pequeños guisantes, zanahorias, espinacas, judías, o patatas raídas, con asado de ave de corral, caza, ternero, o bien un beefsteak o chuletas de ternero, pero sin especias, cebollas, mostaza y otras, luego una compota de manzana se emborracha en el vino extenso de agua, de ciruelas pasas, cerezas, o mermeladas de arándanos. Cada velada, sin embargo no demasiado temprano después, por lo menos

Página 51 de 75

dos horas, podremos beber varios vidrios adivinador, más o menos una media botella, por la elección, el frío o el calor y comer bizcochos ligeros y sentados de algunos días; podremos tomar también por la mañana una pequeña taza de cacao o de café, con pan o bizcochos. Además de estas dos comidas, deberemos comer sólo pan. Durante la suspensión del tratamiento severo, hay que sobre todo tener cuidado bien que los alimentos sean de una digestión fácil, y no hay que comer carne de vaca, carnero, cochino, y otros. Si en invierno no se puede proporcionarse verduras frescas, habrá que contentarse con comer de secos, como Tu hecho hasta entonces, y cocidos en el caldo, lo que bastará para que el enfermo los encuentre buenos. Deberá también contentarse con la carta más arriba, aunque no sea muy variada, sino porque la preparación de los platos deberá gustarle. Si el apetito volvió a su estado normal, los encontraremos más succulentos que los antiguos, que fueron bien sazonados sin embargo. Pero ante todo hay que ser muy moderado en el consumo de la carne, y el enfermo no debe tampoco hartarse de verduras verdes, con el fin de que no entre en el cuerpo una cantidad demasiado grande de líquidos; Hay que también comer pan al mismo tiempo para absorber este líquido. Los resultados buenos de este procedimiento no dejarán de hacerse sentir, porque cuando no se abusa de lo que es bueno, y goza con comedimiento de lo que es permitido, y no se extralimita de la suficiencia, el procedimiento curativo no se encuentra suspendido y sigue su curso aunque lentamente y, sobre todo cuando la fuerza vital aumentó en una proporción importante, no hay ninguna interrupción en la disolución de las materias; en todos los casos hay disminución en su cantidad y este nombre de descanso deja de ser justo. En caso de que el envolvimiento general de noche dejaría de ser absolutamente necesario o más bien debería acabar, podemos continuar el empleo del gran paño y de las compresas sobre el vientre, de modo que las piernas se encuentren a desnudo en la cubierta de lana, hasta que el tiempo de este descanso sea pasado. Al cabo de quince días, pero no más, cuando el apetito disminuyó, cuando un malestar o una indisposición llama la atención ver, hay que repetir el tratamiento severo, siguiendo las antiguas prescripciones, que desde entonces deben sucederse con los descansos hasta curación perfecta. La conveniencia de este descanso puede ser juzgada según la lengua que debe ser húmeda, pura y roja, y tener un sentimiento particular de frescura, por unas ganas más grande de comer, una sensibilidad más grande del gusto y del olfato, y las sillas regulares y naturales; la secreción, orinas claras y abundantes disminuye, el enfermo goza de un sueño más tranquilo y de un humor más alegre, adquiere un color de figura más sana y las fuerzas corporales se aumentan al mismo tiempo que el desarrollo de sus músculos y de sus carnes. Los descansos son útiles ni siquiera para el descanso del enfermo por una dulcificación temporal del tratamiento en caso de que habría estado afectado de allí demasiado, pero también para proporcionar al cuerpo una abundancia más grande de sustancias nutritivas y así abastecer a la naturaleza la materia necesaria para la regeneración, porque hay que poner muchos nueve en el sitio del antiguo que se había vuelto malo. Pero para devolver esta restauración verdaderamente posible y útil, es indispensable que la fuerza digestiva bastante se haya desarrollado para hacer sin esfuerzos demasiado grandes el trabajo necesario, lo que la pureza más grande más allá lengua y un apetito más grande hace fácilmente reconocer. En estos casos, los descansos perfectamente cumplirán su fin y serán un sostén poderoso. Si, durante este tiempo, el enfermo observa una disminución de fuerza en estas condiciones, si huele que su

Página 52 de 75

apetito desaparece o que después de las comidas las digestiones se hacen difícilmente, debe el mismo instante suspender estos días de fiesta y repetir el tratamiento severo, porque entonces el resultado esperado no puede ser obtenido y

hasta puede resultar de eso de accidentes lastimosos y devolvemos la recuperación de los descansos hasta que los signos indicados se hagan de nuevo observar. Después de la primera mitad del tratamiento, la facilidad más grande de digestión provoca la necesidad de un alimento más sustancial y más animal y el apetito aumenta por los platos excelentes del descanso. Afín sin embargo que el enfermo no sea engañado y no ponga en su estómago una ración más fuerte que hace falta y que conviene los órganos de la digestión, podrá hacer un segundo almuerzo que consistirá en un huevo pasado por agua, jamón crudo, flaco y poco salado, o sardinas bien desaladas, con pan y un vaso de vino. Es bueno tomar de dos días uno esta comida alimenticia porque está favorable para la descomposición y para la asimilación de las sustancias albúminas. Cuando las circunstancias están tan favorables, es bueno, durante el descanso, tomar algunas veces un vaso de buena cerveza no demasiado amarga y pura, o una media botella de Champaña, que, además, es permitida de cuando en cuando durante la dieta rigurosa, para los días de bebida, para la velada en lugar del vino de pasto.

Tratamiento por la llama.
El Dr. Gondreta comunicado con la Academia de las ciencias, el 20 de junio de 1842, una nota muy interesante donde describe su procedimiento. Este procedimiento es los más simples. Consiste en tomar una cerilla encendida, de la que se quita el carbón que podría caer y que se acerca cerca de la piel siguiendo, en lo posible, el trayecto nervioso, en los casos de neuralgia, el dolor muscular, etc. Podemos aumentar a voluntad esta especie " de aguacero de fuego " reuniendo varias cerillas en ignición.

1 Las llamas a pequeñas dimensiones empleadas contra el dolor, la debilidad, el torpor, etc., por el Dr. Gondret, París (Masson), 1847, iD-80. Encontraremos, en el libro del doctor Gondret una centena de observaciones de las más interesantes concerniendo a la acción efectuada por este modo de tratamiento en apariencia tan simple.

Empleo del Alcohol.
No hay que olvidar tampoco los resultados excelentes que se puede obtener cada vez que se trata de descongestionar un órgano por el empleo de compresas de alcohol que se deja secar al aire libre sin tejido impermeable interpuesto entre estas compresas y el exterior. Renovamos estas compresas tan pronto como son secas y obtenemos una disminución de temperatura fácilmente apreciable.

Página 53 de 75

Metaloterapia.

Metaloterapia ha sido empleado con gran éxito en el tratamiento de muchas afecciones nerviosas. Este método está basado, lo sabemos, en la acción directa producida por ciertos metales sobre los enfermos.

Cada persona siente más especialmente la acción de ciertos metales y los metales pueden actuar o sea como debilitado tías, o sea como estimulantes.

En general el hierro y el plomo son debilitantes.

El zinc, el níquel, la plata despacio son estimulantes.

El cobre, el oro excesivamente son estimulantes. -pero estas reglas no tienen nada absoluto. -poniendo alrededor de las muñecas o en el hueco del estómago de los pacientes los metales unos tras otros, anotamos el efecto fisiológico producido y podemos instituir así el tratamiento metaloterapia conveniente.

Este tratamiento hasta puede comprender, además de las aplicaciones externas, la inyección interna o sea por vía estomacal, o sea por vía hipodérmica de disolución mineral apropiado. -la bibliografía siguiente permitirá además, de hacerles más profunda la cuestión a aquellos a los que esto particularmente interesaría.

Orígenes de Metaloterapia. -parte que debe ser hecha al magnetismo animal en su descubrimiento, por el Dr. V. Burq. -Paris, Delahaye, 1883, in-8. Biblioteca Nacional, t. XII, 211. Metaloterapia, por el Dr. Moricourt. -extraído de la Unión medical y 3ª serie (1885). Biblioteca Nacional T. VII, 224, (Pieza).

Hipnotismo y Métalloscopie, por el Dr. p. Leblois. -París, J.B. Baillière, 1882, in-8; biblioteca Nacional, T. XIV, 59, (Pieza).

La absorción cutánea.
En las neurastenias al principio y en las complicaciones orgánicas de las afecciones nerviosas

conseguimos los resultados excelentes por el empleo de la absorción cutánea, por medio del generador Louis Encausse, yodo, del amoniaco y del yoduro de potasio. Publicamos una obra consagrada especialmente a este objeto y que sobre el encontrará allí todos los informes oficiales establecidos o sea en los hospitales de París y al asilo de Vincennes, o sea en los hospitales de España, dónde el tratamiento primero ha sido empleado. Sobre la absorción cutánea podremos consultar: Rabuteau. -tratado terapéutica, p. 10. Encausse (Gerard). -de la absorción cutánea. París (Chamuel), 1895, in-18.

Página 54 de 75

CAPÍTULO V
EL HIPNOTISMO Y LA SUGESTION

El hipnotismo cobró tal importancia en el tratamiento de muchas afecciones nerviosas que particularmente debemos insistir en este punto, Vamos pues a abordar sucesivamente:
1 ° La Técnica del Hipnotismo en cuatro lecciones.
2 ° La Técnica de la sugestión.
3 ° Algunas consideraciones sobre la Experimentación en el estudio del hipnotismo.

Técnica del Hipnotismo en cuatro lecciones.
Dejando a un lado todas las discusiones teóricas, vamos a ver cuáles son los diferentes medios prácticos de los que se puede valerse para determinar la hipnosis en casa de un ser humano. Clasificaremos estas prácticas del modo siguiente:
1 ° Determinación del Estado de receptividad hipnótica del sujeto;
2 ° Hipnotización del sujeto;
3 ° Determinación de las fases y los estados profundos de la Hipnosis;
4 ° Diferentes procedimientos de despertar de los sujetos.

PRIMERA LECCIÓN
ESTADO DE RECEPTIVIDAD

A pesar de las afirmaciones de ciertas escuelas medicas, podemos decir que todo individuo no es susceptible de ser hipnotizado. La proporción obtenida en el laboratorio hipnoterapia de la Caridad es del 40 % Para los hombres y del 60 al 70 % para las mujeres. Ciertos procedimientos rápidos permiten tener sin demora una primera idea de las influencias que podrá ejercer el hipnotismo sobre un sujeto.
Página 55 de 75

Entre los numerosos procedimientos empleados con este fin escogeremos los siguientes:

- 1 ° Atracción para atrás (procede Moutin);
- 2 ° Atracción del dedo meñique;
- 3 ° Sugerencia en el estado de la víspera;
- 4 ° Influencia del punto brillante;
- 5 ° Influencia del espejo rotativo;

Vamos a describir rápidamente cada uno de estos procedimientos.
Atracción para atrás. Coloque el sujeto levantado, los dos pies juntos. Ponga luego ambas manos a plato sobre los omóplatos del sujeto, teniéndole detrás de él, y retire despacio las manos al cabo de algunos instantes. Si usted está en relación con una persona muy sensible, sus hombros seguirán el movimiento de sus manos y le pesar de le habrá atraído para atrás. Sr. Moutin describe este procedimiento en su libro sobre " el Nuevo Hipnotismo".
Atracción del dedo meñique. Pídale respecto a le confiar su mano derecha sin guantes. Coloque entonces la mano la palma abajo y apriete despacio con su mano izquierda los dedos dejando el meñique libre. Esto hecho atraerle por pequeños pasos horizontales lentos el dedo meñique y repita estos pasos hasta el momento cuando seguirá el movimiento de atracción. Podrá entonces dar la sugerencia verbal para el sujeto que un dedo meñique quedará alejado otros a pesar de todo hasta el momento cuando usted querrá terminar el fenómeno. Después de la operación es indispensable soltar bien el pequeño debe, la mano y el antebrazo por medio del soplo frío.

Sugestión en el estado de la víspera. La sugestión en el estado de la víspera se obtiene mirando fijamente el sujeto en los ojos y mandándole con una voz fuerte y con un aire de autoridad de hacer tal o tal cosa (cerrar los ojos y más poder abrirlos, más poder abrir la boca, etc., etc.). Los sujetos sensibles a estos procedimientos son los más sensitivos. Influencia del punto brillante o del espejo rotativo. Si se hace fijar sobre el sujeto un punto brillante, o sea fijo, o sea en movimiento, y si el sujeto sienta al cabo de algunos instantes la pesadez en los párpados o experimente unas ganas irresistibles de dormirse, podemos sin temor ir hasta las fases hipnóticas con tal sujeto. Dejaremos a un lado pues los sujetos refractarios a estos procedimientos diversos y nos serviremos, al contrario, de otras personas más sensibles, en las experiencias posteriores.

Página 56 de 75

LA SEGUNDA LECCIÓN
 HIPNOTIZACION DEL SUJETO

El sujeto una vez reconocido sensible puede ser hipnotizado. Varios medios pueden ser empleados con este fin entre los cuales describiremos los siguientes:

I	o	Sugestión	simple;
2	o	Punzado	brillando;
3	o	Espejo	rotativo;
4	o		Mirada;
5	o		Pases.

Sugestión simple.
 Fijamos con dulzura al sujeto en los ojos y, sin precipitarlo, le mandamos cerrar los ojos, le mandamos luego siempre muy despacio perder la sensibilidad cutánea y le afirmamos en este momento, siempre sin brusquedad, que es adormecido, que siente el sueño ganarlo cada vez más, lo que se encuentra confirmado en algunos instantes con una naturaleza un poco sensible.

Punto brillante. Este procedimiento es conocido más generalmente. Consiste en hacer fijar sobre el sujeto un punto que brilla como un botón de níquel, la lámina de un bisturí, un pequeño espejo; etc., está colocado al nivel de la frente y entre ambos ojos. Esta posición fuerza el sujeto que hay que hacer converger su mirada arriba y en medio y determina la hipnotización muy rápidamente.

Espejo rotativo.
 El empleo del espejo rotativo del Dr. Luys, según nuestra opinión, es preferible a todos los demás medios como la seguridad y la rapidez. Aconsejamos sobre todo el espejo una sola cabeza y recubierto con cobre níquel. El constructor es Sr. Robillard, 25, rue Notre Dame de Nazareth, a París. Colocamos este espejo a la altura de los ojos del sujeto y a aproximadamente 0m, 50 del alejamiento, asegurándose que el centelleo luminoso pasa bien por los ojos. El sujeto mismo está colocado en una butaca, la cabeza insistente. El sueño generalmente se produce al cabo de veinte a treinta minutos por este procedimiento.

Página 57 de 75

Mirada.
 El empleo de la mirada como el medio de hipnotización es un método fatigoso, pero de una gran energía, y permite obtener los resultados buenos cuando todos los demás medios fueron suspendido. - he aquí cómo se opera.
 Hacemos sentar el sujeto frente a sí, la espalda girada a la luz. Tomamos luego ambas manos del sujeto y cogemos en mano plena los pulgares de sujeto susodicho. Es mientras miremos fijamente y, según el ritual señalado al entrenamiento de la mirada, a la pupila del ojo derecho del sujeto. El sueño se obtiene todavía más rápidamente si se añade a este procedimiento el empleo de la sugestión.

Pases.
 Nos presentamos como para el procedimiento de la mirada más arriba, pero ambos pulgares del sujeto son reunidos en la mano izquierda del magnetizador que, durante cinco o seis minutos, hecho los pasos inútiles de arriba abajo, en la cabeza del sujeto, descendiendo hasta el nivel del estómago. Nos desinteresamos de las manos del sujeto a lo largo del cuerpo y continuamos los pasos con ambas manos. El sueño tan obtenido está de otra orden que el sueño determinado por los procedimientos hipnóticos. Volveremos a hablar de eso además en seguida a propósito de los estados profundos.

La TERCERA LECCIÓN

DETERMINACIÓN DE LAS FASES

I
En la primera de estas fases hipnóticas el sujeto tiene todos los miembros flojos; si se le aprecia el brazo y qué le suelta, el brazo recae sin resistencia por parte del sujeto que entonces es adormecido profundamente y puede ser comparado con un ser borracho perdido. La respiración en este momento es profunda y regular. Es la fase de LETARGO.

II
Si, en este estado, le abre de fuerza los ojos del sujeto, o si se actúa de otro modo la segunda fase tiene origen. Los miembros recogidos y guardan las actitudes que les dará cualesquiera que sean estas actitudes. El sujeto tiene los ojos fijos (retienes bien esto) y mira derecho delante de él o al lugar donde usted dirige sus ojos. No le oye, tanto cuanto le habla, el esta completamente firme en el mundo exterior. Está en CATALEPSIA.
Página 58 de 75

Es en el estado que se puede ponerle la cabeza sobre una silla y los pies sobre la otra lo vacía existiendo entre estos dos puntos. Todavía es en el estado que se producen los éxtasis. Retenga bien dos puntos: la rigidez de los miembros y la fijeza de los ojos, veremos en seguida por qué.

III
Tan ahora le sopla sobre los ojos del sujeto o si hace pases, o si ligeramente le frota la frente el estado cambia completamente. El sujeto habla y absolutamente actúa como una persona despierta; naturalmente le causa pero no es consciente del medio ambiente y no se da cuenta del lugar donde está. Es entonces en la tercera fase: EL SONAMBULISMO LÚCIDO.

Presenta en este estado varias particularidades características que es de toda importancia de conocer bien para comprender lo que diremos en seguida respecto a los fenómenos a espiritistas. En primer lugar es sugestible. Podemos ordenarle ver o hacer a tal o tal cosa, no sólo durante su sueño, sino que una vez más como será bien despertado y esta visión persistirá, esta acción será ejecutada no sólo por días, sino que meses y hasta un año después de la orden dada. En el momento en el que el sujeto cumple su sugerencia, se vuelve inconsciente y obedece a su impulso sin discutir y, hace muy importante anotar, pierde súbitamente la sensibilidad para reencontrarlo después del cumplimiento de la sugerencia. El sujeto verá pues todo lo que se le mandará ver, se ejecutará lo que le mandará ejecutar, salvo excepciones que no podemos estudiar aquí.

En el estado somnambulico, otro hecho tiene origen; es la posibilidad del cambio de personalidad. Le dice al sujeto: no eres más tú, eres delegado y haces un discurso en la cámara. Ve entonces el sujeto entrar súbitamente en la piel del personaje que usted acaba de imponerle y tomar todos los pasos del papel que le hace jugar. Podrá así cambiar en su grado muchas veces de personalidad. Todavía es en el estado que se produce la visión a distancia de ciertos sujetos magnetizados. 1º estoy convencido que el árbitro libre del sujeto persiste siempre y puede entrar en acción en el momento dado para combatir una sugerencia criminal.
Página 59 de 75

¿Pues, para resumir todo aquel que dijimos? He aquí las características de los tres estados:

1. Letargo. - sueño profundo.

2º Catalepsia. - ojos fijos. Miembros rígidos.

3º Sonambulismo. - Sugestibilidad. Cambio de personalidad. Visión a distancia. Describimos allí las fases principales. Existe sin duda un gran número de estados intermedios y de combinaciones de estas fases entre ellas, pero es inútil embrollar la cuestión.

Anotemos para acabar que, según los hipnotizadores, estas fases se suceden siempre en la orden siguiente:
1. Despertar. 2. Letargo. 3. Catalepsia. 4. Sonambulismo. 5. Despertar. 6. Letargo. 7. Catalepsia. 8. Sonambulismo. 9. Despertar, etc., etc.

DESPERTAR DEL SUJETO

Jamás hay que ejercitarse en adormecer un sujeto si no se es rompida la práctica de los diferentes procedimientos de despertar. Es allí, en efecto, el punto más sujeto a las sorpresas y el que desvía sobre todo a los principiantes o los operadores que pierden fácilmente su sangre fría. Podemos despertar un sujeto por muchos procedimientos entre los cuales describiremos sobre todo los siguientes:

- 1 ° Despertar por sugerencia simple o al mando;
- 2 ° Despertar por el soplo;
- 3 ° Despertar por los pases;
- 4 ° ¿Despertar sin sugestión, por la mirada?
- 5 ° Despertar por la combinación de algunos de estos procedimientos diversos.

Despertar al mando.

El sujeto que está en fase somnambulica, le ordenamos despertarse bien soltado en un minuto justo. Todavía podemos ordenarle despertarnos cuando habremos llamado tres

Página 60 de 75

veces en las manos, o por medio de muy diferente variedad de sugerencia. Este procedimiento debe ser empleado preferentemente en fase somnambulica, pero consigue tan muy a menudo el sujeto que está en letargo, aunque con menos rapidez. Despertar por el soplo. Soplando fuertemente entre los ojos del sujeto, lo despertamos y lo soltamos al mismo tiempo.

Despertar por los pases.

Uno de los mejores procedimientos, sobre todo en los estados profundos, donde debe siempre ser empleado. Hacemos pases horizontales y repetidos con ambas manos primero al nivel del pecho, luego al nivel de la mama del sujeto. El despertar tan brusco es largo a obtener; pero es asegurado haber jamás temer algún accidente consecutivo, el sujeto que es perfectamente relajado.

Despertar por la mirada.

Empleado cuando el sujeto, con una causa u otro, resiste a la sugerencia. En este caso, miramos fijamente el sujeto entre ambos ojos, a la altura del medio de la frente y vemos el despertar brusco pronto, absolutamente completo y sin que hubiéramos pronunciado una sola palabra.

Despertar combinado.

Los mejores resultados son obtenidos despertando un sujeto por el procedimiento siguiente, el resultado de la combinación de la inmensa mayoría de otros procedimientos:

1 ° En fase somnambulica damos la sugestión para que cuando soplemos entre ambos ojos, el despertar completo se produzca en seguida;

2 ° Esto hace, practicamos el soplo en el lugar indicado que suelta al mismo tiempo rápidamente la frente por medio de pasos;

3° acabamos soplando una última vez cuando el sujeto es bien despertado.

Cuando se está en relación con un caso difícil como el del sujeto en letargo profundo y quien se niega a obedecer a la sugestión, procuraremos primero obtener una fase cualquiera del hipnotismo, o sea la catalepsia, o sea el sonambulismo y daremos la sugestión a término (una media hora o una hora) precedida por soplos y por pases.

De la sugerencia terapéutica.

Muchos tratados han sido escritos sobre la sugestión. Sin abordar algún punto teórico queremos limitarnos a algunas líneas siguientes a la técnica de la sugestión terapéutica.

Página 61 de 75

Las reglas capitales que hay que seguir en toda sugerencia son según nuestra experiencia las siguientes:

Proceden siempre en las sugerencias con la dulzura más grande;

Le quitan al enfermo no solamente su dolor, pero sobre todo siendo vaciado de su dolor. Decirle: usted creyó que estuvisteis enfermo; es allí una idea falsa, usted jamás estuvo enfermo; usted no

esta enfermo.
Precisan la fecha y el día en que el mejoramiento y la desaparición de cada síntoma deben producirse;

Descomponen los síntomas los cuales se quiere actuar por la sugestión y atacar ellos todos uno tras otro y no en bloque y al mismo tiempo. Dan siempre las sugestionen en el estado somnambulo (o en un estado análogo) y a hacer repetirle al enfermo uno por uno todos los mandos dados. De la experimentación en el estudio del hipnotismo. Uno de los puntos más delicados en la práctica del hipnotismo es, sin disputa, la conducta de una experiencia que concierne a hechos nuevos. Las causas de error de la práctica experimental corriente en fisiología son relativamente fáciles, en suma, prever y evitar. Además, los experimentadores extraen sus deducciones de las modificaciones aportadas en aparatos físicos por las sustancias o por las fuerzas estudiadas. En hipnotismo no es más así y los aparatos de comprobación no son más instrumentos físicos; pero muchos seres humanos colocados por la hipnosis en condiciones particulares de excitabilidad. Comprendemos sin dificultad los elementos múltiples de error introducidos en la experiencia por este género de aparatos susceptibles de reaccionar, no sólo bajo influencias exteriores, sino que además bajo el impulso de las pasiones diversas o de al nacer las tendencias psíquicas en el ser mismo.

También, nos parece necesario exponer en algunas líneas los resultados los cuales alcanzamos en la conducta de las experiencias de este género, después de varios años de práctica y las condiciones que, según nuestra opinión, deben escrupulosamente ser cumplidas en toda búsqueda que concierne a los hechos hipnóticos. Resumiremos nuestras conclusiones en tres proposiciones:

1° Costumbre muy grande de la experimentación hipnótica.
2° Multiplicidad de los aparatos (o sujetos) empleados.

Página 62 de 75

3° Ausencia completa de toda idea teórica preconcebida.
1° costumbre muy grande de la experimentación hipnótica.

Todo experimentador practicante de un modo seguido el hipnotismo pasa casi invariablemente por tres fases muy características. En el primer período de las búsquedas, el entusiasmo domina; todos los hechos parecen maravillosos y la imaginación encendida transforma la menor observación en un descubrimiento capital. Un bello día todo cambio, el descubrimiento de un debilitamiento en las facultades hipnóticas de los sujetos o la no comprobación sobre otros sujetos de los hechos observados con primero, todo esto desconcierta, los sueños monos se derrumban y una desconfianza ilimitada reemplaza el entusiasmo antiguo; es la segunda fase. Pero si se continúa las búsquedas sin ceder al desaliento, el tercer período tiene origen y el escepticismo derivado del estado agudo precedente ampliamente basta con corregir las desviaciones de imaginación en toda experiencia perseguida. Es solamente entonces el experimentador es realmente formado y que sabrá muy bien sostener sin cólera aparente las supercherías de los sujetos profesionales, como sabrá hacer justicia a los esfuerzos de las búsquedas sinceras y resarcidos. Esto nos hace hablar de aparatos humanos, sujetos utilizados.

2° Multiplicidad de los sujetos empleados.

El resultado adquirido con la ayuda de un solo sujeto debe estar considerado como una hipótesis destinada a ser invalidada o confirmada por búsquedas posteriores. Es por no observar la regla que la inmensa mayoría de los experimentadores cometen tantos errores y tantos juicios precipitados. Siendo dada las causas de errores múltiples que presenta el empleo de un aparato inteligente y razonante con relación al aparato físico, atenuamos estas causas de errores sólo por la multiplicidad de las observaciones hechas sobre aparatos diferentes y aislados unos de otros. También las búsquedas deben ser perseguidas sobre sujetos hipnotizables que jamás han sido utilizados antes para búsquedas análogas y el empleo de los enfermos que se quedan sólo algunas semanas al hospital y que se van curados, luego son reemplazados por otros es aconsejado sobre todo con este fin. Lo que hay que evitar por parte superior todo, es la utilización para búsquedas nuevas de los sujetos dice "a profesionales". En consecuencia de los trabajos de las escuelas hipnóticas se creó en París una profesión nueva que hizo más daño a estos estudios que todos los ataques y polémicas precedentes; es la profesión de "sujeto hipnótico". Un sujeto dice "a profesional" que, para algunos francos, se exhibe sobre los caballetes o "hacer los salones" es un aparato de búsqueda tan peligroso como poco sensible. La

costumbre de las mismas experiencias conduce este género sujetos a la práctica permanente de la superchería, y pone como consecuencia obstáculo a todo estudio serio y ordenado.
 Página 63 de 75

Y si añadimos que este género sujetos, apartado de los laboratorios serios en todo estudio nuevo, se jacta de haber sido utilizado antaño para imponerle confianza al público, comprenderemos el peligro y la inmoralidad de tal profesión. Es porque la multiplicidad de los sujetos empleados es tan necesaria. 3^o Ausencia completa de toda idea teórica preconcebida. En este género de búsquedas como en todos los demás, no hay que querer verificar a priori, tal o tal hecho hay que al contrario dejar los fenómenos producirse espontáneamente, quedar absolutamente neutro y contentarse con anotar los resultados obtenidos, con riesgo de verificarlos, en las mismas condiciones y con otros sujetos, más tarde. Es allí el gran peligro de las escuelas que crearon "dogmas" en hipnotismo. No queriendo tener en cuenta la individualidad de los aparatos empleados, los experimentadores a teorías totalmente hechas o poco experimentados apartan despiadadamente todo sujeto que exactamente no reproduce los hechos descritos por los "clásicos". Es allí lo que permitió la creación de los sujetos profesionales que juegan las experiencias y conocen mejor sus desarrollos acostumbrados que la inmensa mayoría de los experimentadores que se presentan en estos estudios. La neutralidad absoluta en las búsquedas perseguidas permitió a nuestro dueño, el Dr. Luvs de anotar a una muchedumbre de hechos nuevos que indisponen los espíritus propensos al dogmatismo o al sectarismo y todos los que querrían quedarse en el mismo sitio y desterrar el progreso del dominio de la experiencia.

Página 64 de 75

CAPITULO

VI

LA

TRANSFERENCIA

El fenómeno de transferencia ha sido estudiado por primera vez por Babinski en la exposición notable de la que he aquí el título: Búsquedas que sirven para establecer que ciertas manifestaciones históricas pueden ser trasladadas por un sujeto a otro sujeto bajo la influencia del imán, por el Dr. BABINSKI, el director de clínica de la Facultad de Medicina en Salpêtrière. París. (Progreso Medical) 1886 en octavo. Biblioteca Nacional T, LXXXV, 717. Pero la transferencia ha perfeccionada y verdaderamente transformada al hospital de ella Cantado donde más de 560 enfermos han sido curados por este procedimiento. He aquí la técnica completa y todavía inédita, de este tratamiento con nuestras modificaciones personales.

Técnica de la transferencia.

La Técnica del tratamiento por las transferencias es la siguiente.

1^o El sujeto es sumergido en estado de letargo y colocado lo más cómodamente posible o sea en una butaca, o sea sobre una silla.

2^o Una vez el sujeto adormecido, el enfermo sentado en frente, le toma ambas manos: la mano derecha con la mano izquierda y la mano izquierda con la mano derecha si ambas personas (enfermo y sujeto) son de un sexo diferente. Cruzando las manos y tomando derecha con derecha, e izquierda con izquierda, si las personas son del mismo sexo. Tal es la primera fase de transferencia, restablecimiento del contacto,

3^o Amplio contacto establecido, el operador toma

Página 65 de 75

La transferencia.

La barra imanada de la mano derecha, el polo positivo girado hacia los pacientes y pasea esta barra, del sujeto al enfermo y del enfermo para el sujeto imantando sucesivamente a los miembros y el tronco. Generalmente nos vamos del pecho del sujeto al nivel del plexo cardíaco. Producimos así la segunda fase de la transferencia: la Imantación. 4^o Una vez la imantación acabada ponemos la barra y, sin aflojar al enfermo las manos del sujeto, hacemos pasar a este último del estado letárgico en el estado somnambulico. Es mientras interroguemos el sujeto sobre sus sensaciones, y el sujeto describe minuciosamente las sensaciones del enfermo ya que, por el efecto de la transferencia, el sujeto es reemplazado por la personalidad física del enfermo. Es la tercera fase de la transferencia: el interrogatorio.

5º Cuando el interrogatorio se acaba, hacemos para el sujeto las sugerencias que le habríamos hecho al enfermo si este último sea adormecido e insistimos muchas veces consecutivas en estas sugerencias. La cuarta fase de la transferencia: la sugestión. 6º es mientras hay que hacer soltar por el enfermo las manos del sujeto. ¿La transferencia se acaba? No queda más que soltar el sujeto y en despertarlo. La quinta fase de la transferencia: el Despertar.

En la Caridad, estas dos operaciones siempre se hicieron al mismo tiempo; pero persiguiendo estos estudios en nuestra clínica, no tardamos en observar los inconvenientes muy importantes de este método e instauramos el método de desempeño en dos tiempos, o en dos sugerencias. LOS PRIMEROS TIEMPOS. -el sujeto cree siempre que él experimenta los síntomas de la afección trasladada. Es pues en el punto que va a referirse la primera sugerencia. " Cuando llamaré en mis manos, serás completamente soltada, usted no experimentará ningún malestar, usted completamente estará bien sin despertarse. " Llamamos

entonces en sus manos y la sugestión actúa. El sujeto es liberado la enfermedad es trasladada.

El SEGUNDO TIEMPO. -es solamente entonces despertaremos el sujeto por un procedimiento cualquiera. Seremos asegurados de no incomodar así jamás los sujetos, lo que llega demasiado a menudo por el empleo del antiguo método. Teoría de la transferencia (sobre el mismo sujeto) por Sr. Debove. Sr. Debove trató de dar la transferencia la teoría fisiológica siguiente: Sean AD los conductores de la sensibilidad de la mitad del cuerpo, BE los conductores de la otra mitad, C su entrecruzamiento, GF una comisura interhemisférica. El lado A es anestesiado, aplicamos un imán. Por el hecho de la excitación tan producida, las impresiones que encuentran la vía cerrada en FD siguen un camino lateral es decir AC FB E y la sensibilidad aparece lo Tiene. El lado B se vuelve insensible porque la parte B E es común a las impresiones partidas de A y de B y porque sucede en este punto un fenómeno análogo al que los físicos, en el estudio de la luz, designaron bajo el nombre de interferencia. Los conductores A se cansan a causa del trayecto largo que son obligadas a seguir las impresiones; éstas no son transmitidas más; las excitaciones hechas de allí B encontrando la vía libre son percibidas. Después de un descanso, los conductores de lado A transmiten de nuevo las impresiones, B vuelve a ser insensible y el mismo fenómeno se reproduce un cierto número de veces después de la aplicación del imán. Así puede explicarse este fenómeno si singular de las oscilaciones de la transferencia. Podemos asociar entre ellos los tratamientos diversos que acabamos de enumerar. Entre las asociaciones más frecuentemente empleadas señalaremos. La Corona y el Espejo rotativo. Aplicación en la cabeza más allá Corona mientras que el enfermo es sentado delante del espejo. La corona y las grandes corrientes de imán, Lo que vuelve a una imantación de la cabeza durante la acción de las gruesas barras imantadas sobre el plexo. La Corona y las transferencias. La transferencia se produce mientras que el enfermo tiene la corona en la cabeza, todavía podemos combinar

Los imanes y la sugestión. El casco solenoide y la sugestión. Página 68 de 75

CAPITULO						VII
PEQUEÑO	RESUMEN	ALFABÉTICO	DE	LAS	APLICACIONES	DEL TRATAMIENTO
EXTERNO	Y	PSÍQUICO	DE	LAS	PRINCIPALES	AFECCIONES NERVIOSAS
Anemia						cerebral.
Placas		magnéticas			y	coronar.
Suelta		la		mosca		solenoide.
Transferencias.						

Ataxia. Pilas locales al nivel del hemisferio izquierdo. Coronas electromagnéticas. Espejos.									
Ataxia Transferencia Absorción cutánea.			locomotora y						progresiva. espejo.
Atrofia Electroterapia. Metaloterapia. Espejos.			muscular						progresiva.
Congestión Aplicaciones Pilas locales a lo largo de la médula.			externas				de		cerebral. alcohol.
Epilepsia. Hipnotismo Placas magnéticas al cerebelo (si y en el plexo posible). Imanes.									cardíaco.
Hemorragia Aplicaciones Pilas locales la longitud más allá médula.			locales				de		cerebral. alcohol.
Página			69				de		75
Histerismo. Transferencias. Hipnotismo.									
Enfermedad Imanes Transferencias.							de (placas		Friedreich. magnéticas).
Meningitis. Aplicaciones Pilas locales Tratamiento dietético.			anchas al nivel				de de	la	alcohol. médula.
Jaqueca. (Migraña) Tratamiento Hipnotismo.									dietético.

Mielitis.
Pilas locales.
Tratamiento dietético.

Neurastenia.
Placas imantadas al nivel del plexo cardíaco y solar.
Tratamiento dietético (en las formas graves).
Transferencias.
Casco solenoide.
Absorción cutánea.

Neuralgias.
Tratamiento por la llama.
Transferencias.
Hipnotismo.

Parálisis.
Imanes.
Transferencias.
Hipnotismo (en el caso de por histéricos).
Método dietético (en ellos para los ancianos).

Página 70 de 75

Parálisis general.
Coronas magnéticas.
Pilas locales que permanece al nivel de la médula.
Casco magnético. Espejos.

Parálisis glosa labio laríngeo,
Tratamiento locales al nivel del dietético.
Pilas locales a lo largo de la bulbo.
Esclerosis.
Pilas locales a lo largo de la médula.
Grandes corrientes de imanes.
Espejos.

Syringomyélie.
Placas magnéticas.
Pilas locales en cadena a lo largo de la médula.
Imanes.
Transferencias.

INICIACION ASTROLOGICA

Dr Gerard Encausse (Papus)

UNAS PALABRAS AL LECTOR

ES NECESARIO ESTUDIAR LA ASTROLOGÍA

La base de los estudios científicos proseguidos en los templos antiguos, egipcios, caldeos, chinos, etc..., era el estudio del cielo. El recorrido del Sol en los 12 signos formaba el punto de partida de numerosas historias míticas (la conquista del Vello de Oro, los Trabajos de Hércules).

El orto y el ocaso de las constelaciones, los múltiples movimientos que se efectuaban en el inmenso MAR CELESTE, Maha María, retenían la atención de los iniciados y formaban la base de una enseñanza tan precisa como profunda.

Los caracteres alfabéticos de los alfabetos jeroglíficos egipcios, cuneiformes y chinos primitivos **(1)** derivan directamente de la forma que tienen ciertas constelaciones, (fig. I).

El cielo se convierte así en el conservatorio del verbo, y si todos los monumentos intelectuales de la Tierra fuesen destruidos, bastaría reemprender el estudio sistemático del cielo para reconstruir los Principios de construcción.

Hay tres círculos de construcción general, el círculo del astro central, el círculo de los astros móviles, y el círculo de los fijos:

Siete astros móviles.

Doce signos fijos zodiacales.



Fig. I.

Imaginad todo esto mediante signos jeroglíficos y tendréis la clave de todos los alfabetos sagrados de 22 letras que la Universidad de Babilonia hacia el año 500 a J. C. ha vuelto exotéricos.

Así pues, es necesario conocer bien los elementos primarios de la astrología para estudiar fructíferamente la magia, la alquimia, la mitología y la clave de los mitos sagrados.

En el trabajo presente no damos los medios necesarios para hacer un horóscopo, cosa que constituye la práctica de la ciencia astrológica y que ha sido realizada por especialistas mucho más competentes que nosotros

mismos.

Queremos solamente que todo investigador serio tenga la posibilidad de orientarse en la técnica de los términos empleados por los astrólogos. Además, nos hemos esforzado en hacer preceder las ideas de los astrólogos en lo que concierne a los planetas y a los signos, con los datos positivos de la Astronomía actual acerca del mismo tema.

Con el fin de aclarar más nuestra exposición, hemos recurrido a la ilustración ampliamente.

1. Ver Primeros Elementos de Lectura, de la lengua egipcia, de la lengua sánscrita, de la lengua hebrea, realizados por Papus.

Cada ejemplo técnico va acompañado de una figura explicativa. Esperamos así que este trabajo será considerado bajo su verdadero aspecto de introducción al estudio de los trabajos profundizados de los astrólogos y de los hermetistas antiguos o modernos.

CAPITULO I

LA ESFERA CELESTE

Cuando por la noche dirigimos la mirada al cielo estrellado, percibimos, si el tiempo es sereno, una enorme cantidad de estrellas más o menos brillantes, y en cuya masa parece imposible orientarse de buenas a primeras. Observando más de cerca y con más atención todos esos puntos brillantes en el cielo, no tardaremos en darnos cuenta que algunos de ellos forman una especie de grupos de estrellas algo alejados unos de otros.

COMO ORIENTARSE EN LA MASA DE ESTRELLAS

Desde muy remota antigüedad se ha formado por medio de esos grupos de estrellas, unas figuras a las que la imaginación de los sabios han atribuido unas formas, ya sean puramente geométricas, ya sean formas de animales, las más frecuentes, ya de hombres o de objetos. Se ha dado el nombre de Constelaciones a esos montones de estrellas, y hay unas Constelaciones especiales en el Hemisferio Norte situado por encima de nuestras cabezas en Europa, y también hay otras especiales en el Hemisferio Sur, al otro lado del Ecuador.

EL CURSO DE LOS ASTROS

Cabe destacar asimismo que, además de las estrellas fijas que aparecen punteadas en el Cielo como unas luces, se encuentran en él unos astros móviles que se pasean a través de las constelaciones. Estos Astros son, primero el Sol, después la Luna y por fin unos planetas de los que hablaremos más tarde. Veremos que muchos movimientos aparentes son debidos a la trayectoria

de la Tierra pero no nos ocuparemos ahora de ello, puesto que impediría la claridad de nuestras descripciones. Así pues observando el Cielo se ha advertido que el Sol recorría en su trayectoria ciertas constelaciones, siempre las mismas, se ha constatado que la Luna hacia lo mismo, así como todos los astros móviles o planetas.

EL ZODIACO

Esta ruta que siguen los astros en el cielo ha sido llamada la ruta a través de los animales celestes, la ruta de los astros divinos, o Zodíaco. Este Zodíaco se compone de doce constelaciones, y su estudio es de los más importantes tanto para el astrónomo, como para el astrólogo. Más adelante volveremos al mismo con más detalles.

DIVISIONES DEL CIELO

Todos los astros que hay en el cielo se dividen pues, en dos grandes secciones: primeramente las estrellas fijas que forman constelaciones, luego los astros móviles que circulan por las doce constelaciones del Zodíaco.

ESTRELLAS FIJAS

El adjetivo "Fija", aplicado a las estrellas, es relativo, efectivamente, esas estrellas no se desplazan individualmente, lo que las diferencia de los astros móviles; sino que es el cielo quien se desplaza alrededor del polo: he ahí porque los antiguos consideraban al cielo como un gran mar, en el cual tenían su orto o su ocaso las constelaciones.

Una serie de observaciones astronómicas tanto antiguas como modernas, está por lo demás basada en ese orto y en ese ocaso de las constelaciones.

LA ESFERA CELESTE

(Según el sistema antiguo de Ptolomeo)

La esfera celeste se ha dividido de una manera muy simple y análoga a la división de la Tierra, para que uno pueda orientarse en ella, la esfera celeste tiene dos polos; un polo norte o Ártico, y un polo sur o Antártico. Entre ambos polos y en medio de la esfera está el Ecuador Celeste, paralelo a los polos, el Zodíaco, actuando en el cielo como la elíptica sobre la Tierra, corta el ecuador en dos lados, de manera que seis signos del Zodíaco están por encima del ecuador hacia el polo norte o ártico, y seis por debajo del ecuador, hacia el polo sur o antártico. La figura adjunta

hará comprender enseguida la situación del Zodíaco con respecto al ecuador.

El signo que está más al norte del Zodíaco, es el de Cáncer, el signo que está más al sur, el más próximo al polo antártico es el de Capricornio.

Al ecuador y a los círculos que le son paralelos en la esfera celeste, hay que añadirles un círculo que pasa por Cáncer y toma el nombre de trópico de Cáncer; por encima y paralelo al ecuador celeste, hay otro círculo que pasa por Capricornio y que recibe el nombre de trópico de Capricornio.

Los dos signos del Zodíaco de los que acabamos de hablar, Cáncer y Capricornio, que forman el punto del extremo norte y el extremo sur del Zodíaco, constituyen la línea de los solsticios; otros dos signos, uno al este (Aries), otro al oeste (Libra). constituyen la línea de los equinoccios.

Estos dos últimos signos están situados precisamente en los dos puntos donde el Zodiaco corta el ecuador. En la ruta de los astros, se encuentra pues la gran cruz celeste, formada por la línea de los equinoccios y la de los solsticios, y constituida por cuatro signos, Norte, Sur y Este, Oeste, Cáncer, Capricornio y Aries, Libra.

Los astrólogos llaman a esos cuatro signos, las Casas Angulares, porque ocupan los cuatro ángulos del cielo, o los cuatro puntos cardinales.

Estos cuatro ángulos indican el comienzo de las cuatro estaciones.

A partir de ahora es necesario aprender de memoria el nombre de los doce signos del Zodíaco por orden. Dichos signos con los meses correspondientes, pues el año astrológico empieza en Marzo, son los siguientes:

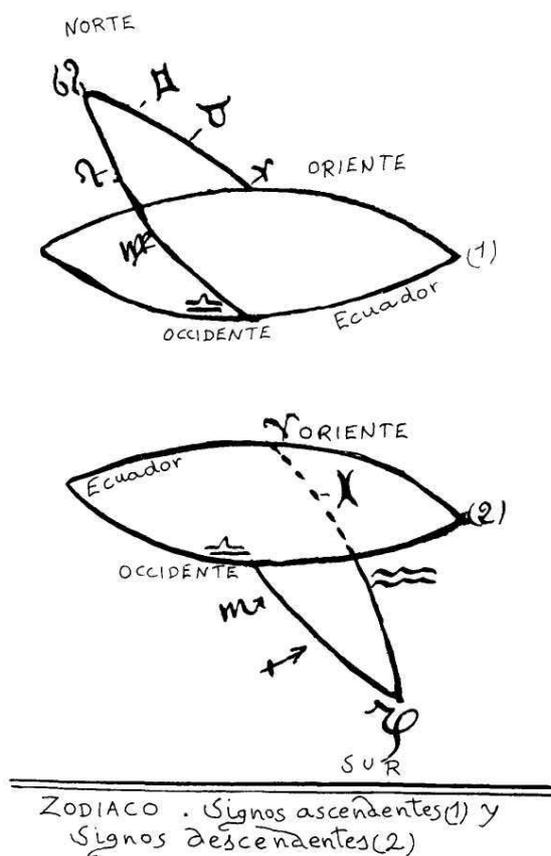


Fig. II

Aries,	20 de Marzo - 20 de Abril
Tauro,	20 de Abril - 20 de Mayo
Géminis,	21 de Mayo - 20 de Junio
Cáncer,	21 de Junio - 22 de Julio
Leo,	23 de Julio - 22 de Agosto
Virgo,	23 de Agosto - 22 de Septiembre
Libra,	23 de Septiembre - 22 de Octubre
Escorpión,	23 de Octubre - 21 de Noviembre
Sagitario,	22 de Noviembre - 21 de Diciembre
Capricornio,	22 de Noviembre - 20 de Enero
Acuario,	21 de Enero - 18 de Febrero
Piscis,	19 de Febrero - 19 de Marzo

Estas fechas indican la entrada del sol en los diferentes signos en el año 1916.

Para aprender de memoria y por orden los signos del Zodíaco, podemos emplear el siguiente medio mnemotécnico:

A	-	TAU	-	GE
CAN	-	LE		V
LI	-	E	-	SAG
CAP		AC	-	PIS

Ejercitándose un poco llegará a saber de memoria la sucesión de los signos del zodíaco, es indispensable su conocimiento para los estudios astrológicos.

Cada uno de los doce signos del zodíaco está formado por agrupaciones de estrellas, las cuales, reunidas en signos, nos dan figuras geométricas.

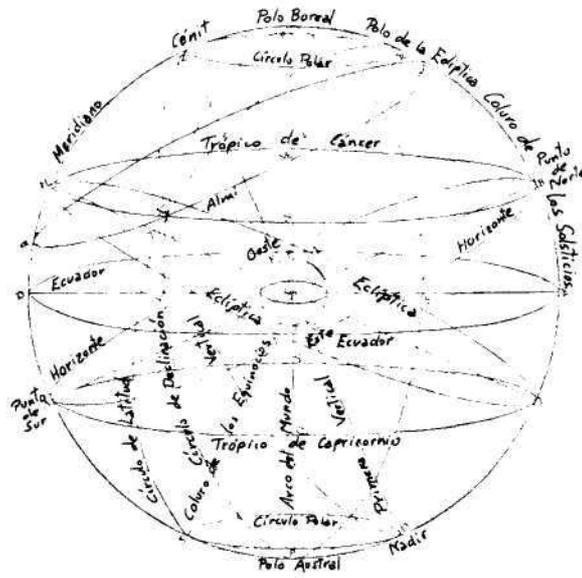


Fig. III

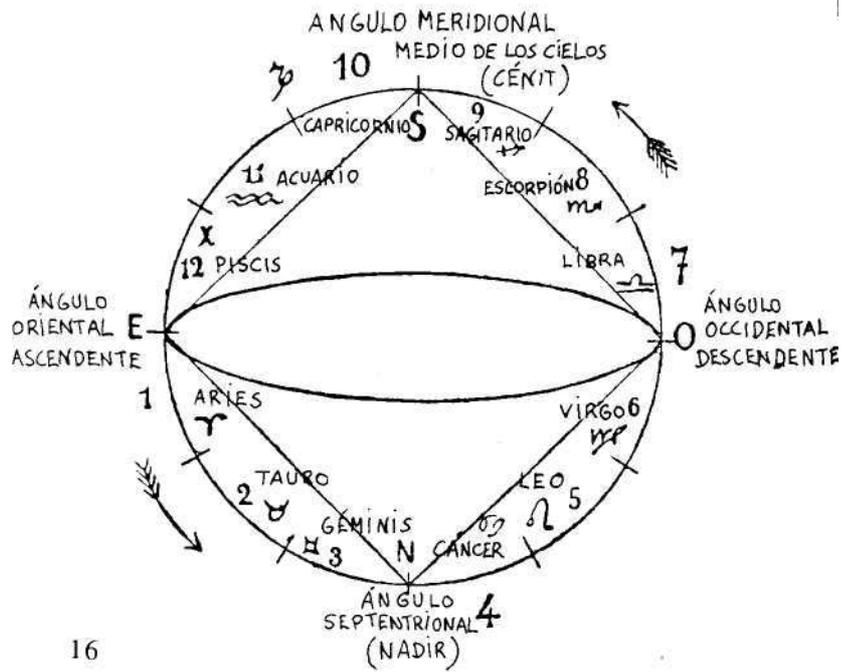


Fig. IV

Por lo demás desde la más remota antigüedad, se han atribuido a dichos

signos ciertas figuras simbólicas de animales, de personajes o de objetos, que recuerdan su nombre, y que se encontraran reproducidas en la figura adjunta.

Por fin. cada uno de los signos del zodiaco viene también figurado por un jeroglífico, e invitamos al lector a dibujar cuidadosamente y a cotejar los jeroglíficos y la formula mnemotécnica anterior.

Por el momento vamos a atenernos a lo que concierne al zodiaco, del que hablaremos detalladamente mas adelante.

CAPÍTULO II

LOS PLANETAS

El zodiaco es la ruta que siguen los planetas o astros móviles. Todos los planetas caminan sucesivamente a través de los doce signos del zodiaco, pero cada uno a velocidades diferentes.

Vamos a tomar como primer ejemplo la trayectoria del Sol que ha servido de base para que se establecieran gran cantidad de historias alegóricas de la mitología antigua.

Primeramente daremos algunos elementos de astronomía ordinaria y en un próximo capítulo será donde trasladaremos los datos puramente físicos de los astrónomos al punto de vista de los astrólogos.

La Jerarquía de los planetas.

Para el astrónomo, el Sol está en el centro de nuestro mundo planetario. A partir del Sol, encontramos los planetas siguientes:

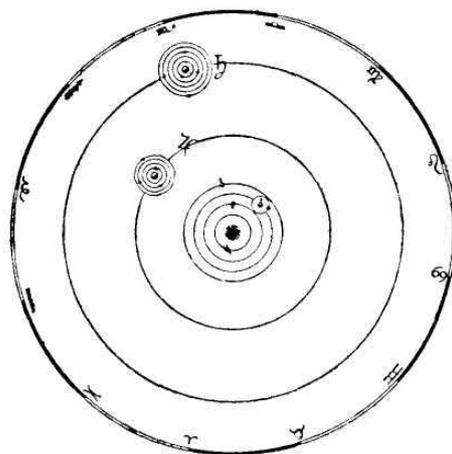


Fig. V.- Sistema de Copérnico.
(El Sol está en el centro)

SOL.

MERCURIO.

VENUS.

LA TIERRA Y LA LUNA.

MARTE.

MÚLTIPLES ASTEROIDES

JÚPITER.

SATURNO.

URANO.

NEPTUNO.

Aconsejamos fehacientemente al lector serio que estudie todo lo que concierne a la astronomía planetaria en las obras de nuestro maestro y amigo Camille Flammarion.

Vamos a resumir en pocas líneas algunos elementos:

El Sol.

A gran señor, gran honor.

El Sol tiene un diámetro 108 veces mayor que la Tierra. Su masa y su volumen siguen relaciones análogas.

Si la Tierra es representada por una cabeza de alfiler, el Sol seria un pequeño melón, se ve entonces la enorme masa de este astro.

Para el que examina las apariencias, el Sol recorre los doce signos del zodiaco en 365 días y una fracción (2564). Esto supone alrededor de un signo por treinta días terrestres. El Sol recorre un signo del Zodiaco todos los meses y tarda un año en completar la vuelta del Zodiaco y volver al punto de partida.

Apuntemos de paso, y sin insistir, que el Sol. al final del año. no vuelve otra vez al punto exacto donde se encontraba el año precedente hacia la misma época. En el equinoccio de primavera, por ejemplo, el 21 de Marzo, el Sol alcanza el punto equinoccial algunos grados antes del punto del año precedente; de ahí surge la precisión de los equinoccios, de lo que hemos hablado extensamente en un estudio anterior **1**.

No olvidemos que es la Tierra quien produce todos estos movimientos, pero, una vez más. quede claro que razonamos según las apariencias, según lo permite el tema.

Los antiguos que situaban la Tierra en el centro del mundo (fig. VII) veían llegar al Sol el 21 de Marzo al comienzo de los signos ascendentes del zodiaco, los signos que van de Oriente al Norte o de Aries a Cáncer. En este momento suponían que el Sol tenía su mayor fuerza y estaba en su mayor esplendor. Pero no nos anticipemos, quedémonos por el momento en la astronomía y continuemos nuestro estudio elemental.

Mercurio- De todos los planetas conocidos, es el más cercano al Sol: se encuentra siempre inmerso en los rayos solares, lo que le hace raramente visible a simple vista; es el planeta más pequeño y el más denso. Su diámetro no alcanza apenas la mitad del diámetro de la Tierra.

Venus.- Venus es el astro más brillante del cielo, su fulgor sobrepasa el de las más bellas estrellas: a veces es tan intenso que el planeta llega a hacerse visible en pleno día.

Venus tiene sensiblemente el mismo diámetro que la Tierra, pero la densidad es un poco mas baja.

Este planeta esta rodeado de una atmósfera análoga a la atmósfera terrestre.

La Tierra- La Tierra tiene la forma de una esfera un poco achatada en ambos polos; gira sobre si misma de Oeste a Este con un movimiento uniforme alrededor de uno de sus diámetros; es el movimiento de rotación el que determina la duración del día. El segundo movimiento denominado movimiento de traslación alrededor del Sol. se realiza completamente en un año o 365 días.

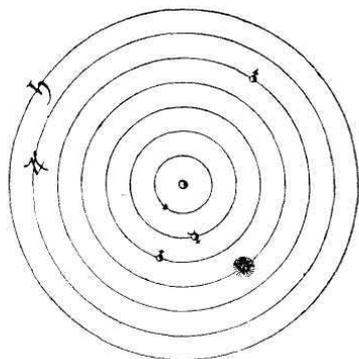


Fig. VI.- Sistema de Tolomeo.
(La Tierra está en el centro)

El gran círculo que se obtiene al cortar la superficie de la Tierra por un plano que pasa por la línea de los polos o eje de la Tierra, se llama meridiano. La longitud de un meridiano terrestre es de 40.000 Km. El radio de la Tierra es de 6.366 Km.

La Tierra esta recubierta por los mares en unas 3/4 partes de su superficie: la otra cuarta parte comprende las tierras. La mayor parte de la tierra esta situada en

1-El Zodiaco y sus adaptaciones esotéricas [Mysteria. oct. 1913].

el hemisferio que tendría a Paris como polo.

Las tierras están formadas por llanuras, valles y montañas. La montaña más alta, el Everest (Himalaya) tiene una altura de 8.840 metros, es decir, algo más de la milésima parte del radio terrestre. Las asperezas de la Tierra son proporcionalmente menos sensibles que las que muestra la piel de una naranja.

La mayor profundidad de los mares conocida es de 9.425 metros.

La Luna.- La Luna es un satélite de la Tierra, es decir un planeta más pequeño que gira alrededor de la Tierra, mientras que esta lo hace alrededor del Sol.

El radio de la Luna equivale aproximadamente a 3/11 del radio de la Tierra y su volumen 1/50 del volumen de la Tierra. La densidad de la Luna es 6/10 de la densidad de la Tierra. La distancia media de la Luna a la Tierra es de 60 radios terrestres.

La Luna acaba su revolución alrededor de la Tierra en 27 días y $1/3$. La Luna realiza aproximadamente 13 veces la vuelta a la Tierra mientras que la Tierra da una vuelta al Sol.

En realidad, la Luna describe una elipse alrededor de la Tierra y ocupa uno de sus focos.

Las desigualdades del suelo son relativamente más pronunciadas en el globo lunar que en el terrestre.

En la superficie de la Luna no parece existir ni agua ni atmósfera apreciable.

Los efectos de atracción de la Luna sobre la Tierra son muy sensibles y producen el fenómeno de la marea, más o menos dos veces al día.

Marte.- Este planeta, cuyo diámetro es la mitad del de la Tierra, se distingue por su matiz rojizo bastante pronunciado.

Marte tiene dos satélites, Phobos y Deimos, descubiertos en 1877 por un astrónomo americano. Marte tiene un volumen 7 veces menor que el de la Tierra. En Marte, los días tienen una duración aproximadamente igual a la nuestra.

Múltiples asteroides o pequeños planetas.- A partir de principios del siglo XIX, se han descubierto entre Marte y Júpiter cierto número de planetas telescópicos cuyos diámetros varían entre 20 y 800 Km. y cuyas revoluciones alrededor del Sol oscilan entre 3 y 8 años. Los 4 primeros, por orden de antigüedad del descubrimiento son: Ceres, Pallas, Juno y Vesta. Hoy en día se conocen más de 800.

Júpiter. Júpiter es el mayor de los planetas, el más brillante después de Venus. Su diámetro es $1/10$ al del Sol y equivale a 11 veces el diámetro de la Tierra; su densidad es un poco superior a la del agua. Este globo enorme gira sobre sí mismo en menos de 10 horas.

Júpiter está rodeado por 8 satélites. Los 4 primeros fueron descubiertos por Galileo en 1610; el 5o fue descubierto por Barnard en 1892; los 3 últimos han sido descubiertos mediante la fotografía de 1904 a 1908. El 8o se mueve en sentido retrogrado.

Saturno.- Saturno es el mayor planeta después de Júpiter, su diámetro equivale a 9 veces el de la Tierra, su densidad es menor que la del agua. Saturno es el más ligero y más achatado de todos los planetas. Lo que distingue a Saturno de los demás planetas, es el anillo ancho y tenue que lo rodea sin tocarlo: su anchura es casi igual al diámetro del planeta.

Con un buen antejo se ve desdoblarse el anillo en otros dos. separados por un espacio vacío que por contraste parece oscuro, un telescopio muy potente permite ver un anillo anterior a los otros dos y que parece oscuro.

Fue Huygens quien descubrió en 1656, la existencia del anillo que Galileo había percibido por primera vez en 1610 sin poder distinguir bien su forma: la división en dos anillos distintos fue descubierta en el 1665 por Cassini.

Saturno tiene 10 satélites. El 9o muy alejado del planeta, se mueve en sentido retrogrado, es decir

en sentido inverso al movimiento del planeta.

Urano.- Este Planeta fue descubierto por Herschel en 1781. Este gran observador exploraba una región de la constelación de Géminis con el fin de buscar las estrellas dobles, cuando percibió un astro de contorno muy redondeado que a primera vista tomó como un cometa, pero después de haber seguido su movimiento durante algunos años, lo reconoció como un nuevo planeta. Su volumen era 70 veces el de la Tierra.

Urano tiene 4 satélites que se mueven en sentido retrogrado. Los dos más alejados del planeta fueron descubiertos por Herschel en 1785 y los otros dos por Lassel en 1851.

Neptuno.- Su diámetro equivale, más o menos, a cuatro el de la Tierra: es un planeta invisible a simple vista. Neptuno tiene un satélite que se mueve en sentido retrogrado. Un joven astrónomo francés, Le Vernier, descubrió, en 1846, la masa y la posición de este planeta mediante el cálculo: esto causó una emoción universal.

Una vez echada esta rápida ojeada sobre los planetas, desde el punto de vista astronómico, volvamos a nuestro estudio astrológico.

Estudiaremos sucesiva y sintéticamente los domicilios de los planetas diurnos y nocturnos, sus aspectos de exaltación o de caída, sus posiciones respectivas, unas respecto a otras, y completaremos estos datos sucintos con un estudio detallado y verdaderamente iniciático de los planetas, según el sabio autor de La Luz de Egipto. Hemos visto que los astrónomos se ocupan solamente del aspecto exterior del Cielo. Trabajan sobre la anatomía celeste. Los astrólogos pretenden describir la vida íntima de cada astro, sus amistades y sus enemistades, su temperamento, y los sitios donde pierden su fuerza, o sea su fisiología y su psicología.

Los astrólogos también describen el carácter de cada uno de los signos del zodiaco y sus relaciones con ciertos planetas mostrando una inclinación particular por ciertos signos.

Cuando nacía un niño de sangre real, los astrólogos de la corte anotaban cuidadosamente la posición de cada astro en cada uno de los signos del zodiaco en el instante preciso del parto. Por este medio, se sacaba el horóscopo del futuro soberano, calculando la fuerza o debilidad de cada uno de los planetas presentes en el cielo, de las reacciones de los signos y de las constelaciones sobre dichos planetas.

Se comprende que los astrónomos por esas pretensiones de los astrólogos, los hayan considerado como soñadores y a su vez, los astrólogos, como profanos en extremo para con la ciencia elemental de los astrónomos, los hayan considerado como profanos y profanadores. Nuestra finalidad es la de poner al lector en situación de poder leer los libros de los astrólogos antiguos o modernos, sin más pretensión.

Desde ese principio nos parecen indispensables dos advertencias: 1o. ¿Cuántos planetas se deben estudiar para comprender la astrología?. Los antiguos maestros de la astrología solo utilizaron siete a saber: Saturno, Júpiter, Marte, el Sol, Venus, Mercurio y la Luna.

Los modernos queriendo actuar científicamente han añadido Urano y Neptuno. En mi opinión es un craso error.

Si se puede calcular la influencia de cada astro móvil del cielo, es preciso añadir el cálculo de los asteroides que circulan entre Marte y Júpiter y entonces la astrología llegaría a ser tan complicada que sería imposible preparar cualquier horóscopo. También sería conveniente tener en cuenta a los cometas.

Los antiguos habían dividido el cielo en siete zonas de influencias, y el hecho de que cada zona comprenda uno o varios astros no alteraba los cálculos. Urano y Neptuno deben ser calculados como pertenecientes a la zona de Saturno, así como los cálculos de los asteroides entran en la zona de Júpiter.

Por lo tanto en nuestra exposición, no vamos a ocuparnos ni de Urano ni de Neptuno.

Para comprender bien la astrología hay que empezar, al igual que los niños, por el alfabeto.

Del mismo modo que hemos facilitado un medio nemotécnico para los signos del zodiaco, así también rogaremos al lector que aprenda de memoria la misteriosa frase siguiente:

SA-JU-MA-SO-VE-MER-LU.

Es el orden de los planetas adoptado por los astrólogos, según el sistema de Ptolomeo. SATURNO-JÚPITER-MARTE-EL SOL-VENUS-MERCURIO-LA LUNA

Así pues, es preciso aprender de memoria este orden de los planetas y se poseerá la llave de gran cantidad de tablas astrológicas.

Para el astrólogo cada planeta es un personaje que tiene un lugar o domicilio favorito en el cielo y que tiene también amigos y enemigos entre los demás planetas, todo es como con los humanos, teniendo buen humor cuando ese personaje planetario encuentra a un amigo, y mal humor cuando se encuentra a un enemigo (aspectos), variando el humor a tenor de la proximidad o lejanía de este amigo o enemigo.

Todo ello supone múltiples y complicados cálculos, y desde ahora podemos darnos cuenta de la dificultad del estudio completo de la astrología. estudio proseguido, no obstante, con insistencia en los templos de la antigüedad.

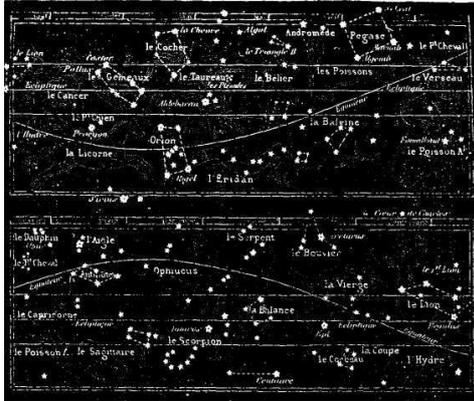
Procedamos pues despacio y por etapas:

DOMICILIO DE LOS PLANETAS.

Cada planeta tiene dos domicilios, uno llamado diurno y otro llamado nocturno, excepto el Sol y la Luna que sólo tienen uno.

Saturno tiene como domicilio a Acuario (undécimo signo del zodiaco) y como domicilio nocturno a Capricornio (décimo signo del zodiaco).

Júpiter, domicilio diurno en Pisés (duodécimo signo del zodiaco), domicilio nocturno en Sagitario (noveno signo del zodiaco).



Marte, domicilio diurno en Aries (primer signo del zodiaco), domicilio nocturno en Escorpión (octavo signo del zodiaco).

El Sol, domicilio único en Leo (quinto signo).

Venus, domicilio diurno en Tauro (segundo signo), domicilio nocturno en Libra (séptimo signo).

Mercurio, domicilio diurno en Géminis (tercer signo), domicilio nocturno en Virgo (sexto signo).

La Luna, domicilio único en Cáncer (cuarto signo).

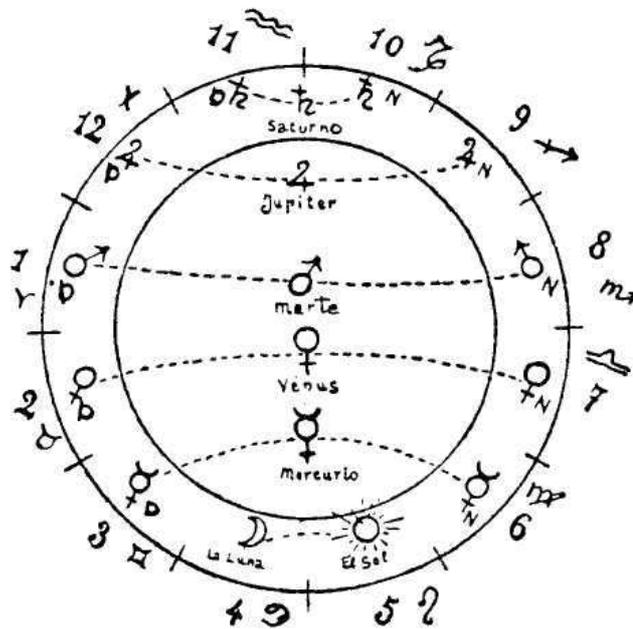


Fig. VIII

Siendo capital este estudio en astrología, ofrecemos dos figuras:

1º Una figura extraída del Atlas de Dupuy cuyos jeroglíficos de los planetas y de los signos, aconsejamos copiar (fig. VIII).

2º Una figura personal redonda en la que las relaciones quedan también netamente indicadas (fig. IX).

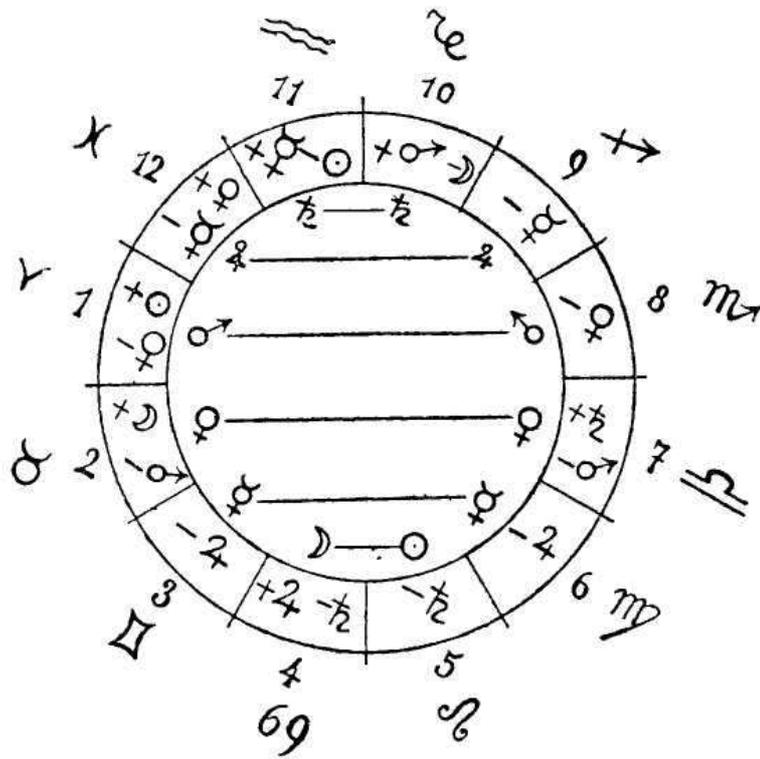


Fig. IX.

Una vez determinada esta cuestión de los siete planetas, nos es preciso abordar otra dificultad, los astrólogos colocan el zodiaco a la inversa, el norte abajo, el sur arriba, por lo tanto el este queda a la izquierda y el oeste a la derecha.

En el zodiaco de los astrónomos, el Sol parte de Oriente, sube hacia el Norte y desciende luego hacia el Sur. tal como le parece al observador corriente.

Los astrólogos, al contrario, sitúan a Aries a la izquierda y a Libra a la derecha y la trayectoria del Sol se hace de izquierda a derecha al descender.

Comparad cuidadosamente las dos figuras siguientes: Hechas estas observaciones, dejaremos a los astrólogos con sus hábitos y figuraremos a los signos como lo hacían en la antigüedad.

EXALTACIONES Y DECLINACIONES DE LOS PLANETAS DE CAÍDA

Además de su domicilio, los planetas tienen unos centros zodiacales donde se encuentran en exaltación, en honores, y otros en los que están molestos y según la jerga de los astrólogos. en declinación.

Es importante retener ese nuevo estado de cada planeta:

Saturno: *Exaltación*; Libra *Exilio*; Cáncer y Leo *Declinación* Aries.

Júpiter: *Exaltación*; Cáncer *Exilio* Géminis y Virgo *Declinación*; Capricornio

Marte: *Exaltación*; Capricornio *Exilio*; Tauro y Libra *Declinación*; Cáncer.

Sol: *Exaltación*: Aries *Exilio*; Acuario *Declinación*: Libra.

Venus: *Exaltación*: Piscis *Exilio*: Aries *Declinación*. Virgo.

Mercurio: *Exaltación*: Virgo *Exilio*: Sagitario \ Piscis *Declinación*: Piscis.

Luna: *Exaltación*: Tauro *Exilio*: Capricornio *Declinación*: Escorpión.

Como estos aspectos de exaltación, de exilio y de declinación se volverán a encontrar cuando hagamos el análisis de cada signo del zodiaco, es útil determinarlos desde ahora.

La clave de esos aspectos es de las más simples.

Los signos que se oponen a los signos donde los planetas tienen su domicilio diurno o nocturno constituyen el lugar de exilio de esos planetas.

El signo en oposición al lugar de exaltación es el de declinación.

Para comprender a los antiguos astrólogos, todavía es necesario tener en cuenta los detalles siguientes:

Del grado 18° de Géminis hasta el grado 42° de Cáncer, se ejerce la influencia de la **vía combusta** que contraria las influencias favorables y aumenta las desfavorables.

Del grado 1° al 10° de Libra y del grado 11° al 30° de Sagitario, ejerce su influencia la *Cabeza del Dragón*.

Los 30 grados de Virgo, los grados del 1° al 30° de Libra, del 41° al 20° de Escorpión y del 1° al 10° de Sagitario están influenciados por la *Cola del Dragón*.

He aquí, por lo demás las tablas de las exaltaciones y las debilidades planetarias que aportarán información al lector.

TABLA DE EXALTACIONES PLANETARIAS.

Todo planeta libre de la *vía combusta* recibe 5 grados de exaltación.

Si *Saturno, Júpiter y Marte* son orientales con relación al Sol. reciben 2 grados de exaltación.

Si *Venus y Mercurio* son occidentales con relación al Sol. reciben 2 grados de exaltación.

La Luna creciente, es decir desde el día uno al quince de su evolución mensual, recibe 2 grados de exaltación.

Todo planeta en casa diurna o nocturna, o en recepción recibe 5 grados de exaltación.

Todo planeta en su lugar de exaltación recibe 4 grados de exaltación.

Todo planeta en trigonocracia recibe 3 grados de exaltación.

Todo planeta en la casa I o X recibe 5 grados de exaltación.

Todo planeta en las casas IV, VII o XI recibe 4 grados de exaltación.

Todo planeta en la casa II o V recibe 3 grados de exaltación.

Todo planeta en la casa IX recibe 2 grados de exaltación.

Todo planeta en la casa III recibe 1 grado de exaltación.

Todo planeta en conjunción con *Júpiter* o *Venus* recibe 5 grados de exaltación.

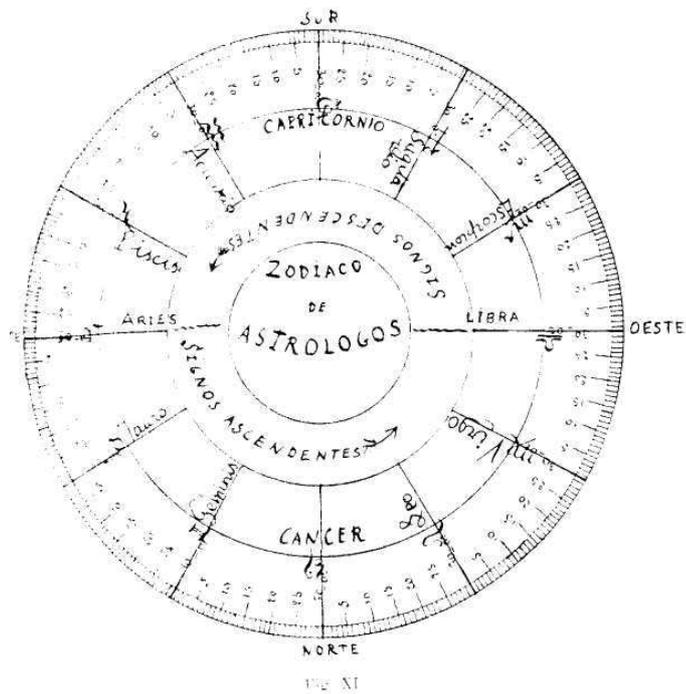
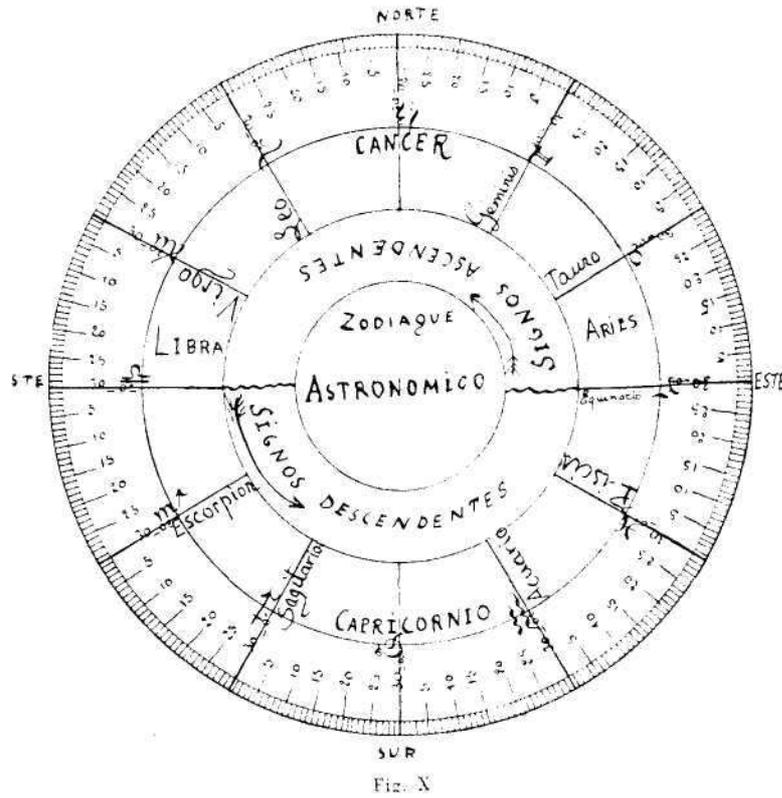
Todo planeta en aspecto trígono con *Júpiter* o *Venus* recibe 4 grados de exaltación.

Todo planeta en aspecto sextil con *Júpiter* o *Venus* recibe 3 grados de exaltación.

Todo planeta en conjunción sextil o trígono con una de las *Estrellas reales* recibe 6 grados de exaltación.

TABLA DE DEBILIDADES PLANETARIAS

Todo planeta en *vía combusta* experimenta 5 grados de debilidad según figura X.



Todo planeta que se encuentra bajo los rayos del Sol. es decir en el signo que el Sol atraviesa, experimenta 4 grados de debilidad.

Si *Saturno*, *Júpiter* y *Marte* son occidentales con respecto al *Sol*. sufren dos grados de debilidad.

Si *Venus* y *Mercurio* son orientales con respecto al *Sol*, sufren 2 grados de debilidad

La *Luna* decreciente, es decir desde el 15° día de su evolución mensual hasta la siguiente luna nueva, experimenta dos grados de debilidad.

Todo planeta situado en lugar de destierro, experimenta 5 grados de debilidad.

Todo planeta situado en un lugar de declinación, experimenta 4 grados de debilidad.

Todo planeta situado en un lugar donde no recibe ninguna exaltación, es llamado *peregrino*, y experimenta 5 grados de debilidad.

Todo planeta en casa XII experimenta 5 grados de debilidad.

Todo planeta en casa VI o VIII experimenta 4 grados de debilidad.

Todo planeta en conjunción con *Saturno* o *Marte*, experimenta 5 grados de debilidad.

Todo planeta en aspecto de cuadratura con *Saturno* o *Marte* experimenta 3 grados de debilidad.

Todo planeta en aspecto de oposición con *Saturno* o *Marte* experimenta 4 grados de debilidad.

LOS ASPECTOS PLANETARIOS

Los planetas se pasean en el cielo. Se encuentran, se cruzan, e intercambian influencias positivas o negativas entre ellos, según estén o no en buena armonía.

De ahí. el estudio de las posiciones de los planetas los unos respecto a los otros, o de los *aspectos* planetarios.

Esos aspectos son estudiados tanto por los astrónomos como por los astrólogos. Los astrónomos no ven en ellos más que fenómenos físicos, mientras que los astrólogos enseñan que los diversos aspectos de los planetas tienen una gran influencia sobre los seres humanos y sobre los acontecimientos políticos.

Para comprender los aspectos planetarios, basta con dividir el cielo en grados, como los astrónomos. Pronto se establece entonces, la relación de los ángulos con las casas astrológicas, recordando que una casa tiene 30°.

Cuando los dos planetas están situados uno debajo del otro exactamente, el ángulo formado es de 0° y se dice que hay conjunción.

Cuando los planetas están situados en las dos extremidades del cielo uno al mediodía y el otro al norte, hay según el astrónomo, un ángulo de 180°, y para el astrólogo hay un espacio de seis casas (6 veces 30 = 180): es la oposición entre la conjunción y la oposición. Los principales aspectos son los siguientes:

Semi-Sextil. 30°: una casa.

Semi-cuadrante. 45°: una casa y media.

Sextil. 60°: dos casas.

Cuadratura. 90°: tres casas.

Trina 120°: cuatro casas.

Sexqui-Cuadrante, 135°: cuatro casas y media.

Quincunce. 150°: cinco casas. (N. Trad. También se le conoce por Inconjunto).

Oposición. 180°: seis casas.

Una manera fácil de retener la teoría de los aspectos planetarios consiste simplemente en observar su reloj.

Imagínese que cada una de las agujas de su reloj representa a un planeta, y comprenderá enseguida todos los aspectos planetarios.

Cuando las dos agujas están en el mediodía se colocan exactamente una encima de otra. Hay conjunción.

Cuando la aguja mayor esta en el mediodía y la pequeña en las 6 horas, hay oposición entre las dos agujas con distancia de seis divisiones del cuadrante u horas que corresponden en el horóscopo a seis casas.

Cuando las agujas marcan la 1 horas, la mayor esta sobre el mediodía y la pequeña sobre la 1 horas: hay una casa de distancia y esto representa el aspecto llamado semi-sextil.

La aguja pequeña entre la 1 y las 2 horas y la grande sobre el mediodía dan la posición de semi-cuadrante (45°).

Cuando las agujas marcan las dos, marcan el aspecto sextil (dos casas).

Cuando las agujas marcan las tres, es la imagen de la cuadratura (tres casas).

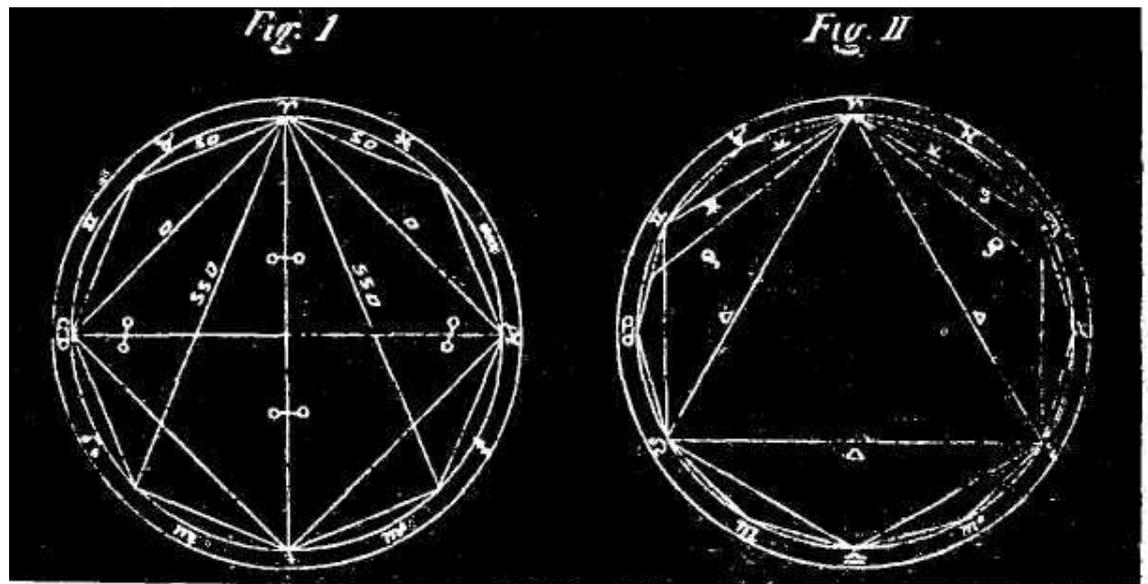
Las cuatro horas, representan la trina (cuatro casas).

Las cinco horas, marcarían el quincunce (150°), la tercera parte del círculo.

Finalmente las 6 horas, la representan la oposición.

Para aplicar a su reloj la figura de los aspectos que damos, basta considerar las horas de las 6 de la mañana hasta mediodía o bien, de las 6 de la tarde hasta medianoche.

Las 12 menos cuarto dan la cuadratura. Las 12 menos veinte, dan la trina, llamada también trígono (120° o la tercera parte del círculo), etc. etc..



Aspecto angular de rayos maléficis Aspecto angular de rayos benéficos

<i>Semi-cuadrante o</i>	<i>45°</i>	<i>Semi-sextil o</i>	<i>30°</i>
<i>Cuadratura o</i>	<i>90°</i>	<i>Sextil o</i>	<i>60°</i>
<i>Sexqui-cuadrante o</i>	<i>35°</i>	<i>Quintil o</i>	<i>72°</i>
<i>Oposición o</i>	<i>180°</i>	<i>Trina o</i>	<i>120°</i>

Fig . XII

NOTA SOBRE LOS ASPECTOS PLANETARIOS

Trígono y sextil son aspectos benéficos.

Oposición y cuadratura son aspectos maléficos.

Conjunción es benéfico con Venus y Júpiter, maléfico con Marte y Saturno.

Júpiter y Venus son muy buenos en conjunción, trígono o sextil.

El Sol, la Luna y Mercurio son dudosos en oposición y cuadratura, buenos en trígono y sextil (fig. XII).

En las páginas precedentes, el lector se ha habituado ya a la idea, quizás nueva para él, de que los astros son unos seres vivos como los animales o los vegetales, que los astros tienen amistades o aversiones y que se inflaman unos a otros por fluidos que circulan entre ellos.

La astrología puebla el cielo de seres vivos y de fuerzas inteligentes, mientras que la astronomía no nos muestra más que un inmenso cementerio de masas inertes y de fuerzas ciegas.

La lectura y el estudio de las páginas siguientes en las que un gran iniciado estudia esos seres planetarios con un cuádruple punto de vista: cabalístico, astrológico, intelectual y físico, permitirán hacernos una idea realmente verdadera y profunda del tema que nos ocupa.

EL PLANETA SATURNO □ (Fig. XIII)

El viejo padre Tiempo, con su cuerpo esquelético y su guadaña mortal, es bien conocido sin duda, por la mayoría de nuestros lectores.

Es una de las numerosas formas tomadas por Saturno en su aspecto simbólico. En tiempo de los antiguos griegos era conocido con el nombre de Kronos. sosteniendo en una mano el ciclo de la necesidad y del eterno cambio de forma de esfera y de función. Para los antiguos hebreos. Saturno se llamaba Shebo. nombre que significa siete. Esta compuesto por Asheb que significa el astro de la edad antigua, a la vez que representa el símbolo de este planeta.

En Cabala el planeta Saturno simboliza la meditación silenciosa y corresponde, así a los atributos



Fig. XIII

auriculares del Gran Hombre, y es por esta razón por el que representa los sentidos y las facultades del oído. de la audición etc.. en la constitución de la humanidad. Por ello vemos la significación mística de la concepción cabalística de este orden bajo la figura de la meditación silenciosa.

Para meditar, es necesario el silencio; para escuchar, es preciso oír. La meditación no es más que la tensión del espíritu hacia las inspiraciones del alma.

En el planisferio esotérico. Saturno se convierte en el ángel Cassiel. genio de la reflexión en la luz astral. Nos presenta también el lado oculto de todos

los misterios teológicos; de ahí la concepción de este planeta bajo la figura del ermitaño aislado. Es en ese sentido que lo encontramos simbolizado en el Tarot, sistema digno de una mayor atención que la que presentan los discípulos modernos de la ciencia oculta.

Considerado astrológicamente, se puede decir que en verdad, el planeta Saturno, es el más potente y el más perjudicial de todos los planetas. No es tanto por el marcado carácter de su influencia, como la manera imperceptible y sutil cuyo influjo determina la vitalidad del organismo físico de aquellos a quienes afecta. Marte viene como un trueno y da a entender, que hay algo decididamente negativo. Pero Saturno es exactamente el opuesto. Su naturaleza es lenta y paciente, artificiosa y furtiva. Una buena mitad o menos de la superficie de nuestro mundo es debida a la acción de este planeta, y en realidad las nueve décimas partes de los males de la humanidad se deben a los rayos maléficos de Saturno y de Marte en combinación. Marte comete el crimen pasional e inconsiderado, y es muy raramente culpable del mal premeditado. Saturno es el opuesto en todo esto. Medita muy cuidadosamente todos sus proyectos antes de ejecutarlos y raramente comete un error.

En el plano intelectual, Saturno rige el grupo superior de sentimientos egoístas y la totalidad de facultades de reflexión. Aquellos que están dominados por su influjo son solitarios, reservados, lentos en sus discursos y en sus acciones. Transmiten la forma más alta de reflexión; en consecuencia son estudiosos científicos y razonadores cerrados. Tienden generalmente a la exclusividad, lo que hace que el ermitaño sea el tipo verdadero de la acción de este planeta. Sobresalen en todos los estudios Ocultos.

En el plano físico, el único bien que Saturno puede hacer es fortalecer la intelectualidad, enfriar las pasiones del individuo egoísta y cuidadoso de sus propios intereses. Cuando un individuo pretende sus favores es excesivamente feliz, porque todos los aspectos y todas las posiciones de este planeta son más bien una desgracia que un beneficio. Por naturaleza Saturno es frío y muy propenso a crear una disposición a la avaricia.

EL PLANETA JÚPITER □ (fig. XIV).

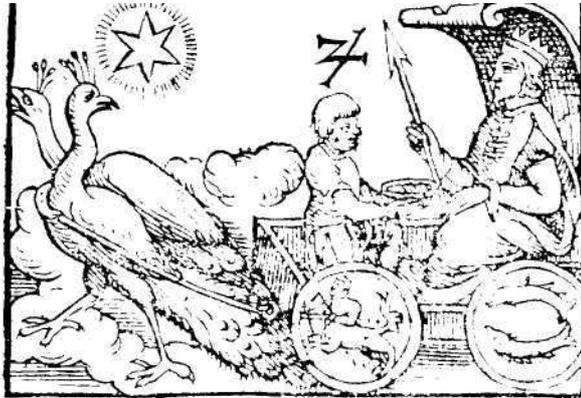


Fig. XIV.

representando por Thor; de ahí viene el sajón Thors-day (día de Thor) y el inglés moderno Thursday (jueves) día que se consideraba que este planeta regía.

Cabalísticamente, el planeta Júpiter significa la absorción etérea en el Gran Hombre. Por ello representa al sentido del olfato en el cuerpo de la humanidad.

Es el sentido a través del cual el alma desarrollada percibe y comparte las esencias aromáticas más sutiles de la naturaleza. En el planisferio esotérico, Júpiter se convierte en el celestial Zacariel o Ezakiel, y representa el espíritu imparcial de desinterés. Con esta cualidad, designa los principios y la filosofía del arbitraje, la perfecta organización del equilibrio por la supresión de las fuerzas perturbadoras. Los autores cabalísticos de los libros de Moisés, nos hablan de él cómo símbolo de los atributos de absorción. Nos dan a entender que mi "dulce perfume oloroso" fue ofrecido al Señor durante los ritos sagrados del servicio del templo.

El planeta Júpiter, considerado astrológicamente, es el más grande y después de Saturno es el más potente de nuestro sistema solar. Júpiter significa todo lo que es verdaderamente noble y está muy alejado de la timidez de la vergüenza de Saturno o del atrevimiento imprudente de Marte. El hijo puro de Júpiter vierte su calor genial en la atmósfera que le rodea. Absolutamente incapaz de engañar, no sospecha jamás de los otros, lo que a veces le hace ser víctima de sus astucias y de su duplicidad. La naturaleza de este planeta se define por sí misma cuando decimos que el Jupiteriano cree que todo hombre es honesto, hasta que se demuestra que es un pillo, y cuando está comprobado, él perdona una o dos veces antes de reprenderlo.

En el plano intelectual. Júpiter indica la naturaleza moral superior, las cualidades humanitarias, es el instigador de todas las instituciones y de todas las empresas nobles y caritativas.

Aquellos que están dominados por ese influjo son la expresión de la forma más elevada de naturaleza humana. Hay algo verdaderamente de realeza en la influencia de este planeta, una mezcla de madre, de patriarca y de rey. Esos individuos hacen mucho por rescatar al género humano de su depravación general. Se encontrara siempre en el plano intelectual de los jupiterianos, un anudo sentido de discernimiento, lo que hace que posean unas raras cualidades de justicia, que les dan el título de jueces del pueblo. Cuando se perturba es siempre del lado de la clemencia.

En el plano físico. Júpiter puede traer mucha suerte cuando domina sobre un nacimiento. Da un rostro grave, viril imponente. El jupiteriano es serio y grave en la conversación, pero al mismo tiempo es benévolo y simpático.

EL PLANETA MARTE □ (Fig. XV)

Este planeta, entre todos los demás, fue objeto de un culto divino a los ojos del mundo antiguo. Marte parece haber sido el más sinceramente adorado de todos los dioses, por nuestros antepasados septentrionales. El mayor guerrero, en esas épocas de la mayor gloria. Lo que hace que Marte, en su carácter universal represente al dios de la guerra. También era simbolizado por Vulcano, el forjador celeste, que forjaba los rayos de Júpiter. Esto indica el imperio de Marte sobre el hierro, el acero, el fuego y los instrumentos cortantes.

Cabalísticamente, el planeta Marte representa la alimentación en el Gran Hombre y es por ello que representa el sentido del gusto en la constitución del hombre. Tenemos en el Nuevo Testamento una alusión directa a la expresión de esas fuerzas martianas con relación a las sensaciones físicas, a saber: "Comamos, bebamos y seamos felices, pues mañana moriremos". En el planisferio esotérico, Marte se transforma en el ángel Samael, en el que residen los más elevados atributos de este espíritu. Como tal, representa la facultad y la capacidad de apreciar las esencias más elevadas, las más finas y las más sutiles de la oleada de vida, y, por consiguiente, la capacidad de regir las potencias de absorción y de asimilación.

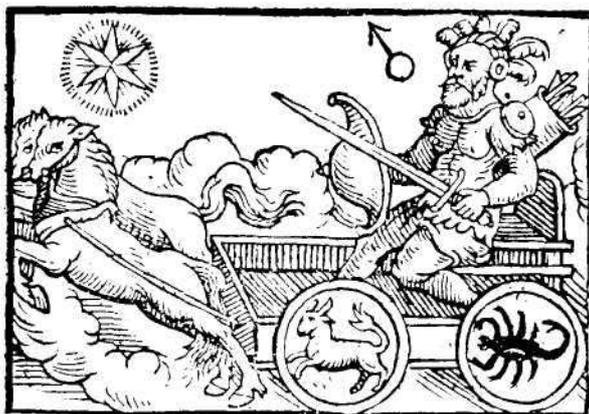


Fig. XV.

Considerado astrológicamente, Marte simboliza y encarna en su expresión astral, el espíritu de crueldad y de destrucción sanguinaria y ciega. El verdadero hijo de Marte es un luchador natural de primera fuerza, jamás es tan feliz como cuando está completamente empeñado en vencer a su adversario. Se puede encontrar a un tipo con este espíritu emprendedor en la historia de Gran Bretaña. Inglaterra está regida por el signo de Aries, principal signo de Marte y el tipo puro inglés es un nativo de Marte. No se puede hallar ningún sujeto de estudio mejor para ilustrar a Marte que John Bull. Siempre en combate, y su historia durante mil años sobre la tierra y sobre el mar es la historia de brillantes victorias, con muy pocos reveses.

En el plano intelectual, Marte representa el espíritu de empresa, la energía y el coraje. Sin la esencia de este planeta, todos los hombres serían unos cobardes afeminados y sin energía. Los que están dominados por el influjo marciano son artesanos en el punto más alto; poseen una energía invencible, y una potente voluntad.

En el plano físico, Marte abarca a todos aquellos que de alguna manera están relacionados en la producción del hierro y del acero. Todos los nativos de Marte prefieren las ocupaciones en las que se utilizan instrumentos cortantes, de hierro o de fuego, como en las profesiones de carnicero, barbero, de herrero, etc.. Cuando se comparan los nativos de Marte y los nativos de Saturno, se ve que son polos opuestos. Uno es parecido a una enfermedad lenta y consuntiva que se prolonga, el otro es como una fiebre ardiente. No importa lo que sean, siempre se puede encontrar en los Marcianos un carácter fogoso, obstinado y furioso, y en muchos casos serán crueles y destructores; y no obstante son al mismo tiempo generosos en exceso respecto de sus amigos, amando la nueva sociedad. La descripción de un verdadero nativo en Marte es un poco la siguiente: talla media, cuerpo robusto y bien hecho, tez rojiza, ojos penetrantes, mandíbula cuadrada, mirada atrevida y carácter vivo y pendenciero. El color de sus cabellos varía, pero generalmente tienen un tono ardiente.

EL SOL □ (Fig. XVI)

El aspecto glorioso del astro glorioso del día, indudablemente atrajo primero la atención, la veneración y la adoración de las razas primitivas de la humanidad. Todas las cosas de la naturaleza dependen para su existencia y vida, de la presencia y del sostén benefactor del Sol esplendoroso. La interpretación literal del nombre hebreo del Sol Ashahed es: "fuego muy beneficioso" y que está perfectamente en armonía con el globo solar.

Es completamente imposible, en el poco espacio de que podemos disponer, dar una idea, aunque muy alejada, de las innumerables ramificaciones, concernientes a las diferentes mitologías que simbolizan el Sol. Por ello añadiremos solamente que el Osiris de Egipto, el Khrishna de la India, el Belus de Caldea y el Ormuzd de los Persas son simplemente representaciones diferentes del Sol.

Cabalísticamente, el Sol representa la fuente espiritual central de todas las cosas. Es el divino Yo del Hombre Cósmico, y es por ello por lo que indica las potencialidades espirituales del poder creador. El gran YO SOY de todas las cosas, espirituales y temporales, es, por sí mismo el gran depósito de Vida, de Luz y de Amor. En el planisferio esotérico el Sol se transforma en el gran ángel Micael, vencedor de Satán, y que anda sobre la cabeza de la serpiente de la materia, y que desde entonces, guarda el camino de la vida, y de la inmortalidad con su espada flamígera de la potencia solar. En ese sentido, el Sol representa a las fuerzas positivas, agresivas, administradoras del cosmos. Las fuerzas del Sol son eléctricas.

Astrológicamente considerado, el Sol constituye el principio central de vida de todos los objetos físicos. Su influjo determina la medida absoluta de vitalidad física en cada organismo humano. Cuando el rayo solar no está viciado por las configuraciones discordantes de los astros maléficos, el nativo en estas condiciones goza de una constitución sana; será así más especialmente, si el Sol,

en el momento del nacimiento, se encuentra entre el ascendente y el meridiano, o, en otras palabras, durante el aumento de claridad solar diurna, es decir de la salida del Sol hasta el mediodía.

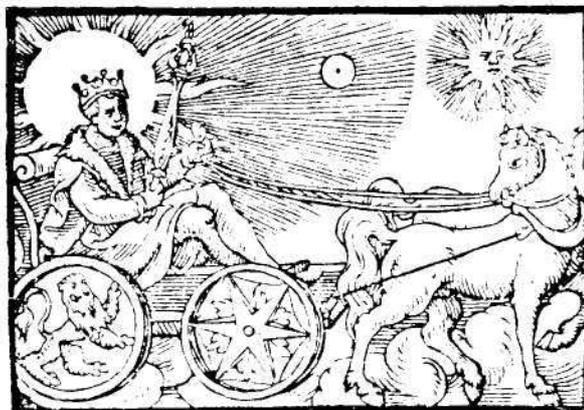


Fig. XVI.

En el plano intelectual, el Sol rige el grupo superior de los sentimientos egoístas y el grupo inferior de las cualidades morales, los primeros representados por la firmeza y la estima de si. las otras, por la esperanza y la conciencia. Los dominados por este influjo son los líderes natos de la humanidad. Por su noble serenidad proclaman, su "realeza de derecho divino". Son fieros ambiciosos, a la vez que magnánimos y nobles. Aborreciendo todas las acciones de astucia, pequeñas y

mezquinas, expresan la forma mas elevada de la humanidad verdaderamente digna.

En el plano físico, el lugar del Sol en el horóscopo es de vital importancia, pues en un individuo mal nacido, toma el hilo vital de su vida. Si ahí se concentran rayos perjudiciales, la vida será de corta duración, a menos que intervengan los aspectos que actúan en sentido contrario.

EL PLANETA VENUS □ (Fig. XVII)

En el aspecto mitológico y simbólico el planeta Venus ha sido venerada en el mundo entero bajo su doble carácter de amor y sabiduría. El astro brillante de la mañana, el orgulloso Lucifer era el precursor y el genio de la sabiduría, y verdaderamente ninguno de los astros del cielo no puede rivalizar con el estadillo de la gloria de Venus cuando brilla como el heraldo del día. Es igualmente remarcable como diosa del amor. Los antiguos griegos la presentaban también bajo la figura de Afrodita, llevando los cuernos de Tauro.

Cabalísticamente el planeta Venus significa el elemento Amor en el alma del Gran Hombre Cósmico Arquetípico. y por ello representa el sentido de amor en la humanidad encarnada. Consecuentemente expresa la parte femenina adherente. fecundante de la constitución humana. En el planisferio esotérico Venus es el celestial Anael. príncipe de la luz astral. En esta cualidad, percibimos sus facultades de transformación, y de "conservación de las fuerzas". Como Isis representa el fluido astral en estado de reposo, fecundada (por el Espíritu Santo) de las cosas futuras; Anael representa el mismo fluido pero en movimiento. Es por ello, por lo que la Luna y Venus son los símbolos cabalísticos de los dos modos de movimiento en el alma del universo.

Astrológicamente se puede decir que el planeta Venus representa la felicidad, la alegría y la sociabilidad a la vez que su influjo inclina a quienes ella rige a buscar el placer y una gran ostentación. Los placeres del mundo son gobernados especialmente por Venus. Bailes, juegos, conciertos y recepciones poseen un atractivo irresistible para aquellos que son nacidos bajo su influencia. Si Venus es maléfico en un horóscopo femenino, bajo potentes rayos contrarios, el individuo se vuelve "malhechor" y sufre la pérdida de su virtud, lo que hace que la posición de Venus sea muy importante.



Fig. XVII

En el plano intelectual, Venus rige el grupo superior de las cualidades domésticas, y también los sentimientos idealistas, artísticos y musicales. Aquellos que están dominados por su influjo sobresalen en la música, el arte y la poesía, y llegan a ser remarcables por sus perfecciones alcanzadas. Pero al mismo tiempo les falta una verdadera fuerza moral. Se guían involuntariamente por sus sentimientos, sus pasiones y sus deseos. La razón desaparece cuando sus deseos son despertados. De ahí el peligro de ser perturbados por la adulación, cuando Venus no está protegido por unos rayos armoniosos la falta de sentido sentimental llega a ser muy grande.

En el plano físico cuando Venus domina principalmente sobre el espíritu del individuo, causa una fuerte predilección por la sociedad y se inclina por la danza, la música, el dibujo etc.. Da también buen humor, y una disposición espiritual, amable y caritativa. Los hombres dominados por este influjo son siempre grandes favoritos del hermoso sexo, pero les falta por completo la firmeza y el dominio sobre ellos mismos, y si Venus es maléfico, se encuentran a menudo en situaciones difíciles, y son capaces de caer en el libertinaje.

EL PLANETA MERCURIO □

En su aspecto simbólico, el planeta Mercurio era muy remarcable como "mensajero de los dioses". Se han elaborado miles de mitos alrededor de la figura de "Mercurio con los pies alados". En la fértil imaginación de los propios griegos, el espíritu de Mercurio estaba siempre alerta para

manifestar sus facultades. Sus acciones, aunque a veces fuesen dañinas era a menudo benéficas. Parece que la idea fundamental de los antiguos era simbolizar o expresar bajo una forma exterior las actividades turbulentas del espíritu mercuriano; lo que hace que le hubieran puesto alas sobre la cabeza y en los pies.

Cabalísticamente, el planeta Mercurio significa percepción, y es por lo que representa la facultad visual en el gran cuerpo del Hombre Celeste. Es la facultad activa de la conciencia de sí en la humanidad, y la facultad de ver, de percibir y de razonar.

En el planisferio esotérico, Mercurio se transforma en el Ángel Rafael, genio de la sabiduría y del arte. Es por lo que vemos que las fuerzas esotéricas de este mundo son aquellas que tienden a hacer pasar el género humano del plano animal al más humano.

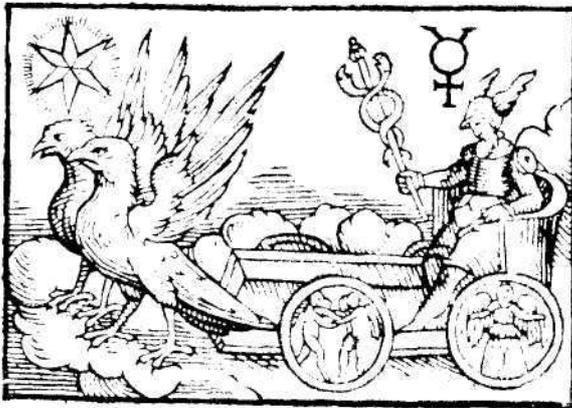


Fig. XVIII

Considerado astrológicamente, el influjo de Mercurio es intelectual y activo. Ningún sistema de invención puramente humana habría consagrado a un astro casi invisible -el más pequeño y el más insignificante de todos los planetas de primer orden- el gobierno de la naturaleza intelectual del hombre. todo sistema fantasioso hubiera atribuido un conjunto tan importante

de cualidades mentales, al Sol o al señorial Júpiter. Sin embargo la experiencia de los antiguos les demostró que ni el Sol ni Júpiter 10 poseían esta influencia, y sobre la experiencia de los ancianos es donde se fundan las verdades astrológicas. y las reglas establecidas para su aplicación. Las cualidades de Mercurio están bien expresadas en la frase americana "alzaros con viveza y atacad con prudencia", pues la energía, la inteligencia, y ia imprudencia constituyen los principales rasgos característicos de un nativo de Mercurio puro. No hay nada ni demasiado violento ni demasiado pesado para su espíritu inventivo y no hay nada demasiado grande que su fértil cerebro no pueda ejecutar. Los Estados Unidos, considerados como una unidad, están regidos por Géminis. la constelación de Mercurio. y La energía activa, la empresa comercial y la habilidad en los proyectos del tipo puro americano se expresan por la influencia singular de su astro dominante.

Entretanto, en el plano intelectual, el planeta Mercurio es verdaderamente el genio de la sabiduría, y gobierna la totalidad de las facultades mentales, llamadas facultades perceptivas. Las facultades oratorias están igualmente regidas por este planeta.

Aquellos que están dominados por su influjo son ingeniosos, inventivos, espirituales, sarcásticos, científicos y poseen una remarcable fuerza de penetración. Son profundos investigadores en todas las ciencias que ayudan al avance del comercio.

En el plano físico, Mercurio rige el cerebro y la lengua. Cuando está en una posición potente en el parto, el individuo posee una viva imaginación y una excelente memoria y también es remarcable por su capacidad intelectual y su poder de persuasión.

LA LUNA □

No se puede detallar el aspecto simbólico de la Luna más que el del Sol. Desde tiempo inmemorial la bella diosa de la noche ha sido venerada y adorada como la madre universal, el principio femenino fecundador de todas las cosas. En la concepción poética de los Hebreos, a la Luna se la llamaba Ashnem o Sheim, el estado de sueño y de cambio. Sin un conocimiento completo de la ciencia astrológica, las verdades encantadoras ocultas tras el velo de Isis no pueden ser bien comprendidas jamás. La astrología es la verdadera clave de los misterios fundamentales del Ocultismo. El secreto de las mareas, los misterios de la gestación y los periodos alternativos de esterilidad y de fecundidad, no pueden ser descubiertos más que por la comprensión de la diosa divina de nuestros cielos de medianoche. Este conocimiento fue sublime privilegio de los sabios de "quienes, según Bulwer-Lytton. los primeros, descubrieron las verdades estrelladas que brillan sobre el gran conjunto de la ciencia Caldea". La Chandra de los indúes, la Isis de los Egipcios, la Diana de los Griegos y las otras son todas ellas la Luna.

Cabalísticamente. la Luna representa el alma del Gran Hombre Cósmico. Es por ello que en su aplicación es la virgen celeste del mundo, el emblema del Anima-Mundi. En el planisferio esotérico la Luna se convierte en el Ángel Gabriel. En el naípe universal, se la expresa por la divina Isis, mujer vestida de Sol. En calidad de Isis. representa a la gran iniciadora del alma en los sublimes misterios del espíritu. La Luna representa también los atributos formadores de la Luz Astral. También es el símbolo de la materia. Lo que hace que, por su doble carácter, nos revele sus fuerzas, que son puramente magnéticas y como tales, son el polo opuesto a las fuerzas solares, que son eléctricas. En su mutua relación representan al hombre y a la mujer.

Considerado astrológicamente, se podrían escribir volúmenes y volúmenes sobre el tema de este globo. Cuando consideramos su proximidad a nuestra Tierra y su afinidad con ella, así como la rapidez de su movimiento, no podemos impedir el concederle el lugar más elevado como agente activo en todas las ramas de la astrología. Entretanto su influencia es puramente negativa, por sí misma, y cuando está desprovista de la configuración del Sol y de los planetas, no es ni fasta ni nefasta. Pero cuando entra en relación con otros orbes, su influjo llega a ser excesivamente potente por la manera que recibe y nos transmite la influencia intensificada de los astros que irradian hacia ella. Por ello la Luna puede ser llamada, el gran médium astrológico de los cielos.

En el plano intelectual, la Luna gobierna los sentidos físicos, y en gran medida también las pasiones animales. Rige las formas inferiores de las cualidades domésticas, y el grupo inferior de las facultades intelectuales. Los que están dominados por su influjo tienen una naturaleza cambiante, sumisa y muy inofensiva. Magnéticamente su esfera odílica es puramente mediúmnica; lo que hace que sean inactivos y soñadores. Generalmente se puede decir que los nativos bajo la influencia de la Luna tienen un carácter indiferente, falta de todo lo que se puede llamar fuerte y decisivo. Pasan por ser errantes, o trasladando continuamente su residencia de un sitio a otro.

En el plano físico, la influencia de la Luna es de una naturaleza cambiante, siendo armoniosa o discordante según su posición relativa al Sol y a los planetas mayores.



Fig. XIX.

CAPÍTULO III

LOS DOCE SIGNOS

Para el astrónomo, ya lo hemos visto, el zodiaco es simplemente el camino de los astros móviles. De entre las múltiples constelaciones del cielo, los planetas de nuestro sistema solar han escogido dos para construir su camino en el cielo, y ese camino, lo recorren más o menos deprisa según su masa y su alejamiento del Sol central.

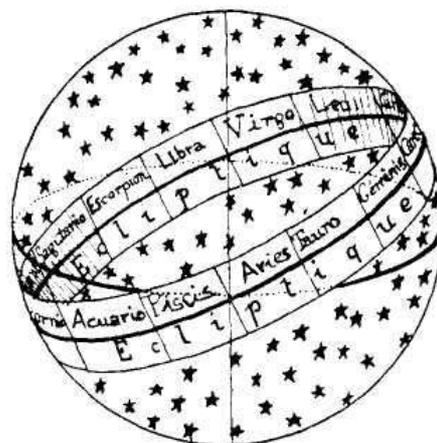


Fig. XX

El astrólogo, por el contrario, en lugar de ver en esos astros simples masas de materia descubre en ellos una verdadera fisiología y toda una psicología.

Para el astrólogo la Tierra es un ser viviente con su respiración, su circulación y sus condensaciones nerviosas, (ver las obras de Michael de Figanière). Además cada uno de los astros tiene representaciones en la Tierra. Algunas piedras con un rayo de un astro fijado en la materia. Algunos vegetales y animales terrestres son "correspondientes" a algunos astros sobre la Tierra. Toda la magia ceremonial y también una gran parte del Hermetismo están basados en el conocimiento y el recobro de correspondencias astrales. He aquí el por qué era tan importante conocer bien la astrología para todo estudiante de la ciencia antigua.

Cuando la Tierra gira sobre sí misma en 24 horas representa una noche y un día que, para el astrónomo, son simples fenómenos físicos.

Para el astrólogo la Tierra se presenta delante de cada uno de los doce signos del Zodíaco y puede recibir y reflejar Espíritus diferentes según el signo que pase por delante de una ciudad a una determinada hora.

Para el filósofo hermetista. la Tierra aspira el fluido del Sol durante el día y expira durante la noche, realizando esta respiración en 24 horas, cuando en realidad, el hombre la realiza veinte veces en un minuto.

Igualmente durante su movimiento anual alrededor del Sol, la Tierra ve desfilar sobre ella una mañana (primavera) un mediodía (verano), una tarde (otoño) y una noche (invierno). Este año de los hombres es un día de la Tierra. Y este día está consagrado a la circulación de las aguas y a la fijación de los fluidos nerviosos de la mencionada Tierra.

La noción del tiempo puede así estar integrada distintamente según los puntos de vista desde los que se mira. Un año de los Dioses correspondía antaño a 365 días terrestres, es decir 365 años de los hombres.

Si los astros están vivos, ¿que lugar ocupan en la jerarquía de esos seres?.

El problema ha sido estudiado con atención por J. J. Jacob, el autor *de L'Esquisse du tout Universel*, (N. T. Esbozo del Todo Universal) y estableció la jerarquía de los seres vivos de la manera siguiente:

1 ° Los Seres Números, 2° los Minerales, 3° las Fuerzas, 4° los Vegetales, 5° los Seres Astros, 6° los Animales y los Seres Humanos; 7° los Seres Geniales. En los libros de este autor, uno de los maestros del Hermetismo, se encontrará la razón de esta clasificación.

El lugar de los astros está caracterizado por el hecho de que un astro no puede moverse más que en concordancia con otro astro. El vegetal no se mueve; el animal por el contrario, se mueve a su voluntad.

La figura siguiente resume esta clasificación.

Esta idea de que el Astro es un verdadero ser con sus órganos fisiológicos, aclara muchas concepciones de los astrólogos. Uno comprende las amistades y las enemistades de los astros, su predilección por un signo Zodiacal, una casa astrológica, incluso más que otro tipo de casa.

Volvamos ahora al zodiaco.

Hemos visto precedentemente que el zodiaco, ruta de todos los planetas en el cielo estrellado, se compone de doce signos cuyos jeroglíficos y nombres hemos estudiado. Cada signo está dividido, tanto por el astrónomo como por el astrólogo, en 30°, los grados en 60 minutos y los minutos en 60 segundos.

Esto permite situar con mucha exactitud cada uno de los astros que circulan en el Zodíaco.

La manera de como el Sol parece ascender hacia el norte, luego, cuando ha alcanzado Cáncer que fija este norte, parece volver a descender hacia el ecuador hasta Libra, para después hundirse en los signos de invierno y de infortunio, ha llamado tanto la atención de los antiguos observadores que la mayoría de sus relatos mitológicos (como los trabajos de Hércules) se han basado en este hecho. Daremos pues, primeramente un pequeño cuadro que indicará el carácter de cada uno de los signos del zodiaco desde el punto de vista de la trayectoria aparente del Sol en susodicho Zodíaco (ver pag. 57).

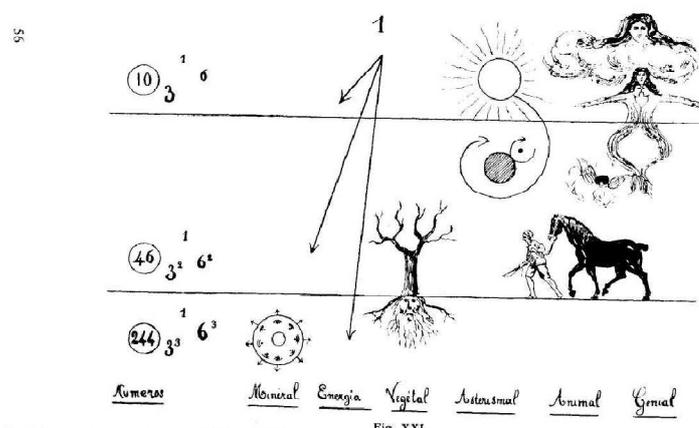


Fig. XXI

Los doce signos ha sido subdivididos de muchas maneras distintas y es indispensable, para orientarse en los libros de los astrólogos, estudiar esas subdivisiones.

Primeramente tenemos los cuatro signos que indican los puntos cardinales del cielo zodiacal; son: en Oriente y en el equinoccio de la primavera, Aries (ascendente) que encabeza los signos ascendentes del zodiaco. Esos signos ascendentes van de Aries a Libra, como hemos dicho precedentemente.

CONSTELACIONES RECTIFICACIONES MESES
CORRESPONDIENTES

1^a ARIES.....Anda el primero (1º del antiguo año).....del 20 de marzo al 20 de abril

2^a TAURO.....Borrasca, codera (estado de la atmósfera).....del 20 de abril al 20 de mayo

3^o GEMINTS.....Placidez, suavidad de la temperatura (niños del aire).....del 20 de mayo al 20 de junio

4^o CÁNCER.....1º retomo o trópico del Sol acercando su mediodía al horizonte.....del 20 de junio al 20 de julio

5^a LEO.....Ardor de la temperatura y del calor,del 20 de julio al 20 de agosto

6^o VIRGO.....Época de cosechas.....del 20 de agosto al 20 de septiembre

7^o LIBRA.....Días iguales a las noches equinoccio.....del 20 de Sepe, al 20 de octubre

8^o ESCORPIÓN...Época Ge las enfermedades peligrosas.....del 20 de octubre al 20 de Nov.

9^o SAGITARIO.... Época de caza.....del 20 de nov. al 20 de diciembre

10^o CAPRICORNIO, Nuevo retorno o trópico del Sol acercando su mediodía al centro del ciclo.....del 20 de diciem. al 20 de enero

11^o ACUARIO.....Estación de lluvias y nieves.....del 20 de Enero al 20 de Febrero

12^o PISCIS..... Momento de la pesca antes de la fuerza..... del 20 de febrero al 20 de Marzo

20 de Marzo, entrada del Sol en Aries

1^a Constelación que ha sido su punto de partida

Al Norte, en el solsticio de invierno, encontramos el ángulo septentrional del cielo zodiacal (Nadir) indicado por *Cáncer*.

En occidente, en el equinoccio de otoño, vemos a *Libra*, indicando el ángulo occidental. Es aquí donde empiezan los signos descendentes del Zodiaco que van de *Libra* a *Aries*.

Finalmente, en el mediodía, o en medio del cielo (Cenit) encontramos a *Capricornio*, puerta misteriosa de las almas celestes.

Esos cuatro signos angulares *Aries*, *Cáncer*, *Libra* y *Capricornio* forman los cuatro puntos de la *Gran Cruz* celeste de los equinoccios y de los solsticios, origen del simbolismo de la cruz en sus adaptaciones terrestres.

La figura siguiente indicara claramente estas divisiones:

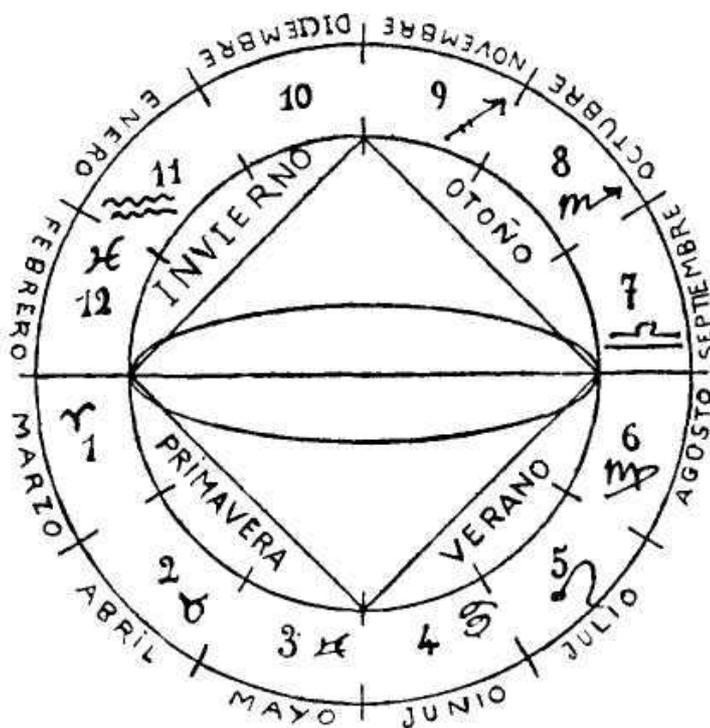


Fig. XXII.

No hay que olvidar aquí que los astrólogos sitúan el norte bajo sus figuras del cielo y el mediodía arriba, mientras que los astrónomos lo hacen al contrario.

Publicamos aquí esta figura tomada de Camille Flammarion, con su autorización, porque es muy útil para consultar y para comprender nuestros actuales estudios.

Primero se verá, con el nombre de *Signos*, la posición del zodiaco primitivo tal como era 2000 años antes de Jesucristo.

Bajo el nombre de *Constelaciones* encontramos la posición del zodiaco tal como es actualmente. Así la constelación de *Piscis* se encuentra delante del signo de *Aries*... y así sucesivamente.

Además, *Aries* está en el oriente, y *Cáncer* en el norte.

Se comprende que si el Sol recula cada año hacia el Sur, elevándose algunos grados más dentro de su signo, esta elevación determina una especie de medida del tiempo, donde el Sol tiene el papel de la cabeza de una aguja de reloj y donde el cuadrante está representado por el zodíaco completo con sus doce signos, constituyendo las horas de esta inmensa rueda del tiempo.

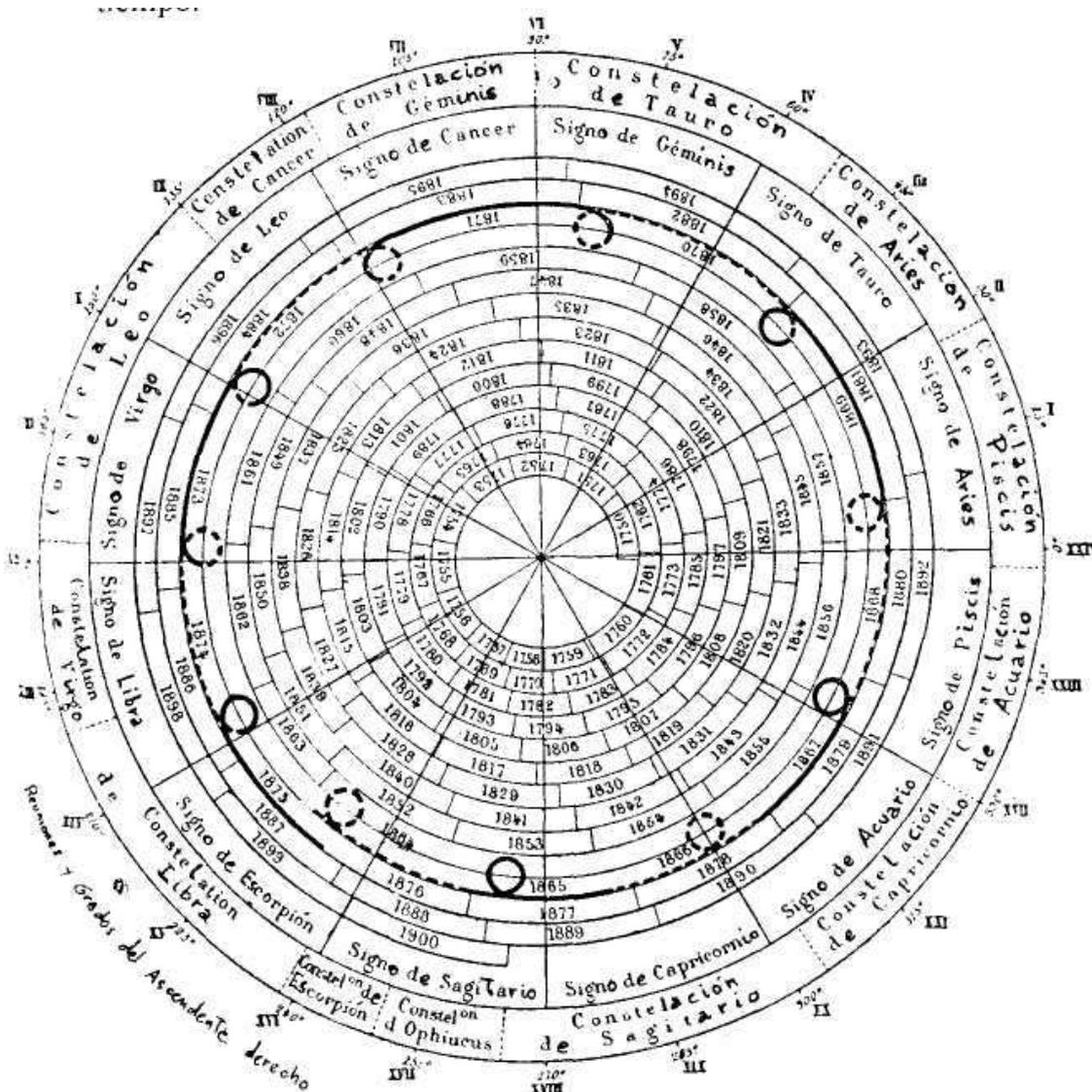


Fig. XXIII

El Sol invierte, en cifras redondas. 2000 años para recorrer cada una de sus horas o cada signo del zodiaco, lo que hace 24.000 años (las cifras exactas son: 2147 años por signo y 25.765 años para toda la vuelta al zodiaco) para recorrer los doce signos del zodiaco. Cada 24.000 años. pues, el Sol vuelve al punto del equinoccio donde estaba 24.000 años antes. Este numero que constituye el gran año que tiene una influencia en las constituciones planetarias, y en la producción de los diluvios. El movimiento que produce este año platónico se llama *Precesión de los Equinoccios* y esta caracterizado por el hecho de que el Sol llega el año siguiente al equinoccio antes del punto donde estaba el año precedente. El punto equinoccial de un año es anterior pues al del año precedente: de ahí ese nombre de precesión de los equinoccios.

EL ZODÍACO Y LAS CASAS ASTROLÓGICAS

Los signos del zodiaco ocupan en el cielo un lugar fijo con relación unos a otros. Cuando un niño nace en Mayo por ejemplo, los astrólogos ¿como van a operar para situar este signo del mes en el oriente?. De una manera muy sencilla, van a utilizar las *Casas astrológicas*. Cada signo del zodiaco va a constituir una casa. Aries será la Casa I. - Tauro la Casa II. y así necesariamente hasta la Casa XII para Piscis.

Cada una de esas Casas es exactamente como el signo correspondiente con relación a los domicilios, exaltaciones, dignidades o caídas de los planetas. El circulo de las Casas astrológicas se inscribe en el interior del circulo de los signos, cuando se confecciona el horóscopo, y se hace girar este circulo de Casas de manera que se conduzca la Casa del Nacimiento hacia el oriente mientras, que los signos conservan su lugar. Así para un nacimiento de Mayo, la casa de Géminis vendrá a colocarse en el oriente, delante del signo de Aries.

Las casas, como los signos, son angulares, fijos o mutables, además, cada una de ellas presenta un carácter especial para la lectura del horóscopo: la primera Casa marcando el temperamento del consultante, la segunda los intereses materiales, y así sucesivamente como lo veremos mas adelante.

Es pues muy importante concebir la noción de las Casas y los signos del zodiaco y esta concepción es tanto más fácil cuanto que hay similitud compleja entre las relaciones de los dos.

La esfera entera de los cielos esta dividida en dos hemisferios por el horizonte, y en dos mitades por el meridiano, la una oriental o ascendente, la otra occidental o descendente, lo que da cuatro partes denominadas cuartos, y cada cuarto está partido en tres partes, se obtienen así doce divisiones a las que los astrólogos han llamado casas del horóscopo.

Esas doce Casas, como significados, tienen relación con la vida entera del hombre, así pues las explicaremos más adelante.

Cada una de esas casas tiene un principio y un fin. el principio se llama punta y el fin de esta misma casa constituye la punta de la casa siguiente.

Los doce signos del zodiaco se encuentran distribuidos en las doce puntas de esas casas, según la hora y la latitud del lugar del nacimiento del niño de donde se erige el horóscopo.

He aquí el significado de esas doce casas.

En la primera casa se estudia todo lo relacionado a la confirmación del consultante, a su temperamento, a su carácter y a sus aptitudes buenas o malas.

La segunda informa sobre todo lo que toca a los intereses pecuniarios ganancias, beneficios, de toda índole, comercio y transacciones.

En la tercera se estudia para los presagios relativos a los pequeños viajes, a los desplazamientos, cambio de lugar, así como los relativos a los hermanos, a los parientes próximos.

La cuarta informa sobre los padres (el padre sobre todo), y sobre los bienes y las herencias.

La quinta es consultada para los niños, los empleos y las especulaciones.

La sexta informa sobre la familia en general, sobre los subalternos de toda clase, domésticos, sobre las enfermedades y luchas.

La séptima es la casa del matrimonio: se descubren también las enemistades declaradas, las querellas, las rupturas de asociación.

La octava da los presagios relativos a los bienes imprevistos, a las penas de todas clases y a la muerte natural o violenta.

La novena indica las aptitudes científicas, los largos viajes, el sacerdocio, la religiosidad y las protecciones provinciales.

La décima indica la buena o mala fortuna del consultante, su posición social, su elevación o su caída.

La undécima es la casa de los amigos, de los benefactores, de las asociaciones, de las protecciones de todo tipo.

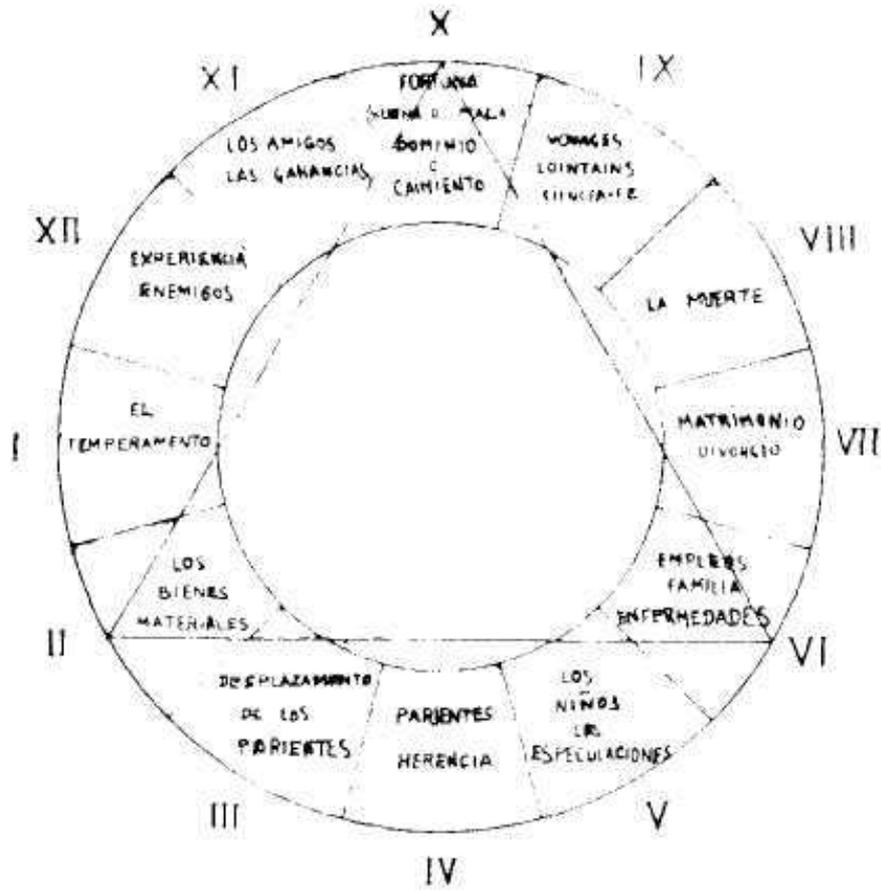


Fig. XXIV.

La duodécima indica las pruebas que son inherentes a toda vida humana, las maledicciones, las calumnias, los enemigos ocultos, los exilios y las cautividades.

Los presagios, buenos o malos, dependerán de las influencias de los planetas que vendrán a posarse en cada una de esas doce casas, constituidas por los signos del zodiaco del que hemos mostrado igualmente un estudio, resumido pero suficiente.

Aries □ simboliza el sacrificio. Es el símbolo de nuestros instintos. Los sujetos nacidos bajo ese signo son inteligentes, llenos de ardor, tienen el espíritu agresivo, la voluntad enérgica e imperiosa.

Son hombres de acción, indomables, insumisos, déspotas, irritables y pendencieros. Resultan guerreros excelentes.

Tauro □ simboliza la fecundidad y las fuerzas procreadoras. Da un carácter desabrido y reservado, lento para ponerse colérico, violento y furioso, ávido, llevado por los placeres de los sentidos. Siempre pone atención perseverante.

Preside en las industrias y en sus aplicaciones diversas, así como en las facultades vivificantes y fecundas del pensamiento silencioso.

Géminis □ simboliza la unidad de la acción, la fuerza por la unión.

Dan la inspiración, la energía en las empresas un gran deseo de aprender, la actividad, mucha imaginación y razonamiento, un carácter un poco ligero y cambiante, pero honesto y generoso. Siguiendo al eminente autor de *Lumière d'Égypte* (la Luz de Egipto), es signo que representa la unión de la razón y de la intuición y, por consiguiente, el estado más elevado de la humanidad encarnada.

Cáncer □ simboliza el retroceso, la marcha retrógrada. Hace de los sujetos contradictorios y amantes de las paradojas.

Influye en los poderes reflectores en el hombre y puede hacerlos médiums teniendo la inspiración directa.

Las personas que este signo influencia son tímidas, les gusta vivir retirados, son reflexivas y sensitivas.

Su compleción es pálida, delicada, femenina.

Su conversación es agradable y placentera.

Leo □ es el símbolo de la fuerza y del coraje. Domina el corazón, presenta una gran fuerza física y una potente energía vital. Resulta generoso y simpático: hace a oradores poderosos, impulsivos, apasionados, con la voluntad ardiente y contagiosa, pero cuyas ideas sobrepasan siempre sus medios de realización.

Su espíritu es altivo, resuelto, fiero, ambicioso.

Virgo ☐ simboliza la castidad. Los tipos nacidos bajo ese signo son tranquilos, están contentos, satisfechos, sienten amor por el estudio, por la instrucción y, por otra parte, tienen el cerebro perfectamente organizado y dotado de capacidades intelectuales superiores. Virgo da la esperanza > la satisfacción de sí mismo. Invita a las aplicaciones científicas y da la complexión sanguínea y un temperamento irritable.

Libra ☐ es el símbolo de la justicia, de la medida, de la repartición, de la equidad. Ofrece la percepción interior, contrapesada por la intuición, la previsión y la razón.

Los individuos nacidos bajo su influencia tienen las ideas de fraternidad universal, pero solo en teoría: para que lo pusieran en práctica sería necesario que ello les beneficiase.

Raramente se alzan contra posiciones elevadas, por ello son demasiado ponderados, demasiado equilibrados y sin grandes movimientos pasionales. Imponen respeto, prefieren en todo el justo punto, no son excesivos en nada, y en todas partes están muy cerca de la sabiduría.

Este signo da una complexión fina, un carácter bueno, amable y suave.

Escorpio ☐ simboliza las decepciones y la muerte. Sobresale en las facultades amorosas y llega a abusar de ellas.

Ofrece numerosas ideas, locos proyectos y nuevas concepciones, una aguda percepción, una voluntad positiva.

Los sujetos sobresalen como médicos, cirujanos, químicos y son aptos para las artes mecánicas. Son corpulentos y fuertes, egoístas, orgullosos y reservados.

Sagitario ☐ es el símbolo de la dualidad de la naturaleza. Manifiesta gusto por el deporte, por la caza sobre todo. Los sujetos a quienes influencia tienen cierta autoridad mundana. Da la fuerza organizadora del espíritu, la obediencia y la aptitud de mando.

Los sujetos a quienes influencia tienen las decisiones prontas; tienen un gran dominio sobre sí mismos: son guapos de cara, vivos, enérgicos, hábiles, leales, generosos, caritativos y amantes de la libertad.

Su temperamento es ardiente y su carácter benévolo.

Capricornio ☐ simboliza el pecado. Es también el emblema de la esclavitud material.

Los individuos nacidos bajo ese signo son fecundos en proyectos y siempre al acecho de las circunstancias. Saben descubrir en los demás todos los puntos débiles de los que podrían aprovecharse y beneficiarse: hipócritas y hombres de habla, prometen siempre y no se atienen a sus promesas. No aman en absoluto los trabajos penosos y no saben ser enérgicos a no ser que sus intereses estén en juego.

Son reservados y sutiles, a veces melancólicos, egoístas.

Acuario ♒, es el símbolo del juicio. Representa los fenómenos materiales y la ciencia intuitiva o instintiva, limitada a lo que es demostrable a los sentidos.

Los individuos influenciados por él son robustos, sanguíneos. elegantes, amables, espirituales, distinguidos.

Piscis ♓ son los símbolos de los mares agitados, ofrecen una especie de indiferencia mental, de despreocupación casi completa.

Las personas nacidas bajo ese signo tienen la tez pálida, unos ojos de pez: son tímidas, tranquilas, aptas para dejarse influenciar.

Como los planetas, los signos del zodiaco son clasificados en benéficos y maléficos.

Los benéficos son; Tauro. Cáncer. Leo. Virgo. Sagitario y Piscis.

Los maléficos son: Aries. Géminis, Libra, Escorpio. Capricornio y Acuario.

Están, además, clasificados en cuatro triplicidades, comprendiendo cada una tres signos correspondientes a los cuatro deméritos:

Fuego. Aire. Tierra y Agua.

Signos de Fuego: Aries. Leo. Sagitario.

de Aire: Géminis. Libra. Acuario.

de Tierra: Tauro. Virgo. Capricornio,

de Agua: Cáncer. Escorpio. Piscis.

Para completar este rápido estudio de los doce signos, ofrecemos por entero, aquí debajo, el remarcable trabajo del autor de la *'Lamiere d'Egytie'*("Luz de Egipto") sobre el mismo tema.

Estudiaremos enseguida la acción particular de los signos zodiacales en el cuerpo humano, sus correspondencias con las enseñanzas del Politeísmo, sus divisiones en serie de tres signos llamada: Triplicidad, refiriéndose a las antiguas divisiones de los elementos. Terminaremos citando igualmente el magistral estudio del autor de la *Lumiére d'Egypte* (Luz de Egipto), sobre las Triplicidades.

ARIES (el morueco)

El signo del morueco, bajo su aspecto simbólico, representa el sacrificio. El ganado y los rebaños traen al mundo a sus pequeños en la época del año cuando el Sol ocupa ese signo. además del sacrificio, el morueco simboliza también la primavera y el comienzo de un nuevo año. el momento donde la vida, la luz y el amor van a ser ofrecidos a los hijos de la tierra, después de la victoria que el Sol se ha llevado, una vez más sobre los reinos del invierno y de la muerte. El símbolo del cordero inmolado sobre la cruz equinoccial es otro tipo de morueco.

Cabalísticamente, el signo del morueco representa la cabeza y el cerebro del Gran Hombre Cósmico. Es el principio activo y pensante en la naturaleza llamado a veces instinto y a veces inteligencia. En el planisferio esotérico, ese signo esta ocupado por Benjamín de donde Jacob, en su bendición de sus doce hijos. dijo: "Benjamín *desgarrará* como un lobo, por la mañana devorara la presa, y por la tarde repartirá los despojos". Entre los demás animales, el lobo está consagrado al planeta Marte, y el signo del morueco esta bajo control especial y particular de este planeta ardiente. Marte es el más ardiente de todos los planetas, y el morueco es la primera constelación de la triplicidad del Fuego. Esta correspondencia es significativa. Los hebreos ocultan esta relación de la naturaleza planetaria de Marte cambiando el lobo y el morueco. "El lobo es la piel de la oveja" nos revela la acción planetaria de Marte cuando esta situado maléficamente en su propio signo, el morueco. La piedra cabalística de este signo es la amatista, y los nacidos con Aries subiendo sobre el ascendente de su horóscopo, poseen en esta piedra un potente talismán magnético. El morueco es la primera y la más alta emanación de la triplicidad del fuego, y es la constelación del planeta Marte.

En el plano intelectual, el morueco significa el espíritu marciano de destrucción y de agresión. Gobierna la cabeza: "De su boca salía una espada de dos filos ⁽¹⁾. Es la voluntad activa, guiada por las fuerzas ejecutivas del cerebro y los que están dominados en grado supremo, jamás se someterán al control del prójimo.

En el plano físico, el morueco da un cuerpo delgado, pero robusto, de talla media, una cara alargada, cejas espesas, un cuello mas bien largo, un pecho corpulento, una tez mas bien morena; una disposición animosa, ambiciosa, intrépida y despótica; el carácter es fogoso y pasional. Generalmente hablando ese signo da una personalidad muy pendenciera, irritable y batalladora. Sus enfermedades son los dolores de cabeza, la viruela, la escarlatina y las fiebres. Entre las plantas, ese signo rige la retama, el acebo, el cardo, la bardana, el helecho, el ajo. el cáñamo, la mostaza, la ortiga, la cebolla, la adormidera, el rábano, el ruibarbo y el pimentero. Entre las piedras, el morueco gobierna sobre la piritita, el azufre, el ocre y todas las piedras rojas comunes.

(1) Apocalipsis de San Juan

TAURO (el Toro)

El signo del toro, en su aspecto simbólico, representa las facultades de fecundidad, y también las fuerzas procreadoras en todas las partes de la naturaleza. Su genio esta simbolizado por Afrodita, quien generalmente era representada con dos cuernos en la cabeza a ejemplo del toro. Muchos mitólogos se han engañado con este símbolo, creyendo que representaba la Luna creciente sobre la cabeza de Isis. mientras que era el planeta Venus lo que los antiguos habían querido representar, ya que este rige la constelación del Toro por sus fuerzas simpáticas. Apis el buey sagrado de los egipcios, es esta concepción del Toro. Y como el Sol pasa por ese signo durante sus meses de labor, tenemos que este signo también es utilizado como símbolo de la agricultura.

Cabalísticamente, el signo del Toro representa las orejas, el cuello y la garganta del Gran Anciano de los Cielos, lo que hace que este signo sea el principio silencioso, paciente, atento a la humanidad y también el regulador del sistema linfático del organismo. El toro, en el planisferio esotérico, esta ocupado por Issacar. que significa mercenario o servidor. El patriarca, en su paternal bendición a Issacar. hace alusión en sus palabras a la naturaleza obediente y laboriosa de ese signo: "Issacar es un asno robusto, escondiéndose entre dos cargas". Este es evidentemente la naturaleza Taurina de la Tierra, así como el asno y el buey son igualmente remarcables por su fuerza de resistencia como bestias de carga. La piedra preciosa cabalística de este signo es el ágata, y por ello esta piedra constituye un talismán natural para aquellos nacidos con el Toro en su ascendente. El Toro es la más elevada emanación del trígono de la Tierra: es la constelación del planeta Venus.

En el plano intelectual, significa las facultades vivificantes y fecundantes del pensamiento silencioso y representa al que es amable y bueno: por consiguiente, aquellos que están dominados por su influjo son aptos para escoger y para asimilar aquello que es bueno. Son lentos para formarse una opinión: son cuidadosos, laboriosos y confiados en si mismos, y atienden la realización de los resultados pacientemente. Sus principales rasgos característicos intelectuales son la industria y la aplicación.

En el plano físico, el Toro da una estatura media con un vigoroso cuerpo, bien unido, y un cuello corto, espeso, un cuello de toro, una frente ancha y unos cabellos negros, una tez oscura y una boca mas bien grande. En su disposición los negativos del trígono de la Tierra son hoscos y reservados. Lento para montar en cólera, cuando esta se les enciende, son violentos y furiosos como el toro. Entre las plantas este signo rige la acelga, el plátano el lino, la espuela de caballo, la aguileña, la margarita silvestre, el diente de león, la calabaza, el mirto, el tusílogo, la lila, el musgo y la espinaca. Entre las piedras el toro rige el coral blanco, el alabastro y todas las piedras blancas opacas comunes.

GEMINIS (los gemelos)

El signo de los gemelos, bajo su aspecto simbólico, representan la unidad y la fuerza de la acción por la unión, así como las verdades de la unión. Las dos estrellas brillantes. Castor y Pollux, representan las almas gemelas. El mito de Castor y Pollux. vagando el rapto de Elena, no es más

que una repetición de la historia bíblica de Simeón y Levi masacrando a los hombres de Shechem por causa del ultraje cometido por el hijo de Hamor a su hermana Dinah.

Cabalísticamente, el signo de los gemelos representa las manos y los brazos del Gran Hombre Cósmico y por ello expresan las fuerzas proyectantes y ejecutivas de la humanidad en todas las partes mecánicas. En el planisferio esotérico este signo está ocupado por Simeón y Levi: "Son humanos" dijo Jacob, "y en su habitación son instrumentos de crueldad", lo que conduce sin error alguno a las facultades de proyección terriblemente potentes que yacen ocultas en la constitución magnética de todos aquellos dominados por este signo. El símbolo místico de los gemelos encierra la doctrina de las almas hermanas así como también se relacionan en los gemelos otras verdades importantes. La piedra mística de ese signo es el berilo, que quiere decir cristal, y es por consecuente, la piedra talismánica de los nacidos bajo la influencia de ese signo potente. Los gemelos son la más alta emanación del trígono del Aire, y constituyen la constelación del planeta Mercurio.

En el plano intelectual, los gemelos significan la unión de la razón y de la intuición, y aquellos que están dominados por su influencia experimentan el estado intelectual más elevado de la humanidad encarnada. Su esfera magnética es especialmente susceptible de recibir la influencia de corrientes inspiradoras. Por naturaleza son agitados y excesivamente enérgicos. Poseen un exceso de fuerza intelectual que les abre camino cabizbajos en las más gigantescas empresas. Sus principales rasgos característicos son la actividad intuitiva e intelectual: son por consiguiente nerviosos y activos.

En el plano físico, los gemelos dan un cuerpo grande y derecho, una tez sanguínea, unos cabellos negros, ojos color avellana o gris, una mirada penetrante y un paso vivo y activo. Los nativos del trígono del aire, en su tendencia, son versátiles y cambiantes. Les gustan las ciencias y tienen gran pasión para todo tipo de conocimientos: son inconstantes, y raramente estudian bien el mismo tema mucho tiempo: son contemplativos y tienen mucha imaginación. Entre las plantas, este signo rige el ligustro, el grama, la espirea, la granza, la madre selva, la atansia, la verbena y la milenrama. Entre las piedras, los gemelos gobiernan el granate y todas las piedras a rayas.

CÁNCER (el cangrejo)

El signo del cangrejo simboliza el apego a la vida. El cangrejo para avanzar, está forzado a andar a reculones, lo que muestra el movimiento aparente del Sol cuando está en ese signo, en el que empieza a dirigirse de nuevo hacia atrás al Ecuador. Representa también la esencia fecundante y vivificadora de las fuerzas vitales, lo que hace que veamos al símbolo del cangrejo ocupando un lugar notable en el pecho de la estatua de Isis, la madre universal y el sostén de todas las cosas.

Cabalísticamente, el signo del cangrejo representa los órganos vitales del Gran Hombre de los Cielos Estrellados, y es por ello por lo que representa las funciones de la respiración y de la digestión del género humano e indica también el dominio magnético de esta constelación sobre las esencias espirituales, celestes y vitales, y aquellos dominados especialmente por esta naturaleza, poseen la facultad de recibir y asimilar las corrientes inspiradoras.

Lo que hace que el cangrejo gobierne las fuerzas de inspiración del Gran Hombre Cósmico. El signo del cangrejo en el planisferio esotérico esta ocupado por Zabolón cuyo padre patriarcal dijo: "Zabolón permanecerá en puerto del mar. y será un refugio para las naves", dando a entender astrológicamente la casa del cangrejo, que esta a orillas del mar. Expresa también las diversas facultades de cohesión y las verdades paradoxales que se encuentran en todas las proporciones contradictorias. La piedra mística de este signo es la esmeralda. Esta piedra constituye un poderoso talismán para todos los nacidos bajo el signo del Cangrejo, que representa la más elevada emanación del trígono del agua, y que es la casa de la Luna.

En el plano intelectual, el Cangrejo significa equilibrio de las fuerzas vitales materiales y espirituales. Aquellos que están dominados por su influjo experimentan la forma mas elevada de las facultades reflectoras; son tímidos y reservados, son verdaderamente pasivos y constituyen los médiums naturales. El Cangrejo no posee apenas cualidades intuitivas. Lo que parece ser intuición es una inspiración directa. Para el ojo extremo, aquellos que han nacido bajo el trígono de agua parecen ser indolentes, mientras que son trabajadores infatigables en el plano superior o plano intelectual. Este signo expresa la conservación de las fuerzas. Los principales atributos son la sensibilidad y la reflectividad.

En el plano físico, el cangrejo da una estatura media, la parte superior del cuerpo mayor que la parte inferior, una cara pequeña y redonda, una tez pálida o delicada, cabellos morenos y finos, ojos grises pensativos: un paso afeminado, tímido y pensativo: un carácter suave: una conversación agradable y atractiva. Entre las plantas, este signo rige el pepino, la calabaza, el melón y todos los vegetales de agua como el junco, el nenúfar, etc. Entre las piedras el cangrejo gobierna sobre la cal, la selenita y todas las piedras blancas delicadas.

LEO (el León)

El signo del León simboliza la fuerza, el coraje y el fuego. La más calurosa parte del año. en el hemisferio septentrional es cuando el Sol pasa por este signo. Es este, el león solar de los misterios, que madura, por su propio calor interno, los frutos nacidos de la Tierra por la mador de Isis.

Cabalísticamente el signo del león significa el corazón del Gran Hombre y representa el centro vital del sistema circulatorio fluídico de la humanidad. Es también el torbellino de fuego de la vida física. Lo que hace que los nacidos bajo ese influjo sean notables por la fuerza superior de su constitución física y también por la facultad maravillosa que tienen de recobrar sus fuerzas después de haber sido abatidos por la enfermedad. El signo del león, en el planisferio esotérico esta ocupado por Juda. cuyo padre moribundo dijo: "Juda es un cachorro de león, tu sales del botín, hijo mío. El se ha agachado y se ha acostado como un león". Este signo nos revela los misterios del antiguo sacrificio, y las leyes de compensación. La gema mística del león es el rubí, constituye un talismán muy poderoso para resistir las enfermedades para los regidos por el influjo leonino. El leones la segunda emanación de la triplicidad del fuego: es la casa del Sol.

En el plano intelectual el león representa las simpatías del corazón. Aquellos que están dominados por su influjo son generosos son sus amigos, incluso con exceso. Por naturaleza son profundamente simpáticos y poseen ese grado particular de fuerza magnética que les vuelve capaces de poner en movimiento las simpatías latentes en los demás. Su estilo ardiente, impulsivo, patético les otorga como oradores un éxito irresistible. Un espécimen extraordinariamente bello de elocuencia leonina se encuentra en el Génesis. 44º cap. Esa simple y elocuente llamada de Juda a José probablemente no tiene igual, por su sublime ternura. Aquellos nacidos bajo el león son impulsivos y apasionados, honestos y fieles. Sus facultades intelectuales se esfuerzan siempre por alcanzar un estado superior, lo que hace que sus ideas vastas, majestuosas y grandiosas, sobrepasen siempre sus medios.

En el plano físico, el león da una bella estatura alta, unos hombros anchos, unos ojos grandes y saltones, una cara ovalada, una tez rojiza y los cabellos brillantes, generalmente dorados. Esto es para los veinte primeros grados del signo. Los diez últiméis dan el mismo individuo pero bastante mas pequeño.

Lleno de corazón, con carácter resuelto, altivo y ambicioso. Entre las plantas este signo rige el anís, camomila, la primavera, la aspodelo. el eneldo, el escaramujo, la eufrasia, el hinojo, la col. el espliego, la lila amarilla, la adormidera, el crisantemo, la menta, el muérdago, el perejil y el murajes.

Entre las piedras el león gobierna el jacinto y crisolita y todos los minerales amarillos claros como el ocre.

VIRGO (la Virgen)

El signo de la Virgen, simboliza la castidad, constituye la idea central de un gran número de mitos. El dios Sol siempre ha nacido a medianoche, el 25 de Diciembre, en el momento en que se ve brillar la constelación de la virgen en el oriente, por encima del horizonte. De ahí viene la primitiva idea del Hijo de Dios nacido de una Virgen. Cuando el Sol para por ese signo, la cosecha esta lista para el segador, lo que hace que la virgen este representada por una joven espigando con dos gavillas de maíz en la mano.

Cabalísticamente, el signo de la virgen significa el plexo solar del Gran Hombre Arquetípico. y por ello representa las funciones asimiladoras y distribuidoras del organismo humano. En consecuencia encontramos que los nacidos bajo esta influencia poseen buenas facultades de discernimiento para la elección de los alimentos que sus necesidades orgánicas particulares asimilan mejor. Esta constelación que rige las entrañas de la humanidad. es de suma importancia, ya que los intestinos comprenden una parte muy vital del organismo digestivo y de los fluidos itales. En el planisferio esotérico la virgen está ocupada por Asher. "Proviniedo de Ashersupan será opulento dijo Jacob, y producirá unos manjares reales" indicando así las riquezas de la cosecha. Este signo expresa el cumplimiento del designio creador, y por ello los misterios de la maternidad están ocultos bajo ese símbolo. Nos revela también el significado de la cena del Señor. La piedra mística de la virgen es el jaspé, piedra que posee unas virtudes muy importantes. Deberían llevarla todos los nacidos bajo

ese signo. La virgen es la segunda emanación del trígono de la Tierra: es la constelación de Mercurio.

En el plano intelectual, el signo de la virgen significa la realización de las esperanzas. Los dominados por este influjo son tranquilos, confiados y están contentos. Son reflexivos y estudiosos y aman extremadamente la lectura. En consecuencia se convienen en receptáculos intelectuales de mucha sabiduría y de saber exterior. Sus principales atributos son el espíritu y la satisfacción. Estas deseables cualidades que contiene este signo, combinadas con la penetración intelectual de Mercurio, conducen a aquellos que han nacido bajo el signo de la virgen a estar eminentemente dotados para la aplicación sostenida del estudio científico. Poseen un vasto cerebro, bien equilibrado y unas capacidades intelectuales superiores y son hombres de estado muy hábiles, cuando se lanzan en el torbellino de la vida política. En el plano físico, la virgen da una talla media muy bien proporcionada y dibujada, una tez sanguínea oscura, y unos cabellos negros; una disposición ingeniosa, estudiosa e inclinada al espíritu; un temperamento parecido al de los nacidos bajo la influencia de Tauro, pero un poco mas excitable. Los individuos bajo el signo de la Virgen pueden vivir fácilmente como oradores, simples, prácticos y muy interesantes. Entre los planetas ese signo rige la envidia. el mijo, el ligustro, la achicoria, la madre selva de los bosques, *la sentaillaire*, la valeriana, el trigo candeal, la cebada, el roble y el centeno. Entre las piedras, las diversas clases de sílex.

LIBRA (La Balanza)

Esta constelación bajo su aspecto simbólico, representa la justicia. La mayoría de nuestros lectores han visto sin duda la diosa de la justicia representada por una mujer, con una venda sobre los ojos y sosteniendo en una mano una balanza. Esta concepción es puramente astrológica y se refiere a la celeste balanza de los cielos. El Sol en ese signo aproximadamente hacia el 21 de Septiembre, y como dijo el poeta Manilius:

"El día y la noche son pesados en los platos de la Balanza, iguales durante cierto tiempo: al final la noche aventaja al día".

Cabalísticamente, el signo de la Balanza significa los riñones y los hombros del Gran Hombre Celeste, y por ello representa el conservador o almacén central de los fluidos reproductores. Es también el torbellino magnético de la fuerza procreadora, esta constelación representa también, en su aspecto mas interno, el punto equinocial del arco en el cielo ascendente y descendente del átomo vital. Es por lo que este signo contiene la unificación de las tuerzas cósmicas en tanto que es el gran punto central de equilibrio de la esfera. La Balanza, en el planisferio esotérico, esta ocupada por Dan. El patriarca en su bendición hace alusión a su naturaleza celeste, en estos términos: "Dan juzgará a su pueblo como una de las tribus de Israel". La balanza representa el equilibrio interno de las fuerzas de la naturaleza y en las antiguas iniciaciones contiene el misterio de la divina expiación. En la carta universal, este signo se transforma en Enoch, el hombre perfecto. Su piedra mística es el diamante. Como talismán magnético esta piedra actúa como fuerza repulsiva y en los nacidos bajo su influencia se combina con la esfera magnética para rechazar las emanaciones de cuerpos extraños, sea personas o cosas. La balanza es la segunda emanación de la triplicidad del Aire y es la constelación de Venus.

En el plano intelectual, la balanza significa la percepción exterior, equilibrada por la intuición, su unión se exterioriza bajo la forma de razón y de presencia. Por esto los dominados por esta influencia constituyen la escuela racionalista entre los pensadores del mundo. Teóricamente son firmes defensores de las doctrinas de la fraternidad universal, de la igualdad universal y de los derechos del hombre. Pero y raramente ponen en práctica (a menos que saque algo de ello) sus teorías favoritas. Los nativos de la balanza, aunque poseen un espléndido organismo intelectual y magnético, raramente se elevan a posiciones muy eminentes porque son demasiado iguales, intelectual y físicamente, para llegar a ser los líderes populares de cualquier partido popular, radical o sensacional, uno de los atributos de la balanza es infundir a todos los que han nacido bajo su influencia, un instinto natural que les hace aceptar el medio dorado, o, como se le ha llamado "el feliz medio". Eso hace que generalmente induzcan respeto a los dos bandos en cuestión de debate.

En el plano físico la balanza cuando es creciente en el nacimiento, da generalmente una forma grande, delgada, de perfectas proporciones: unos cabellos castaños, unos ojos azules destellantes, una bella tez clara. El carácter es noble, amable, alterno y bueno. Puede ser importante añadir que este signo a menudo da unos cabellos castaño oscuro y negros, y en la mujer unos rasgos muy bonitos. Entre las plantas, este signo rige el berro de agua, la rosa blanca, la fresa, la primorosa. la vid. la violeta, la violeta tricolor, la melisa, el limonero y el pensamiento. De entre las piedras la Balanza gobierna el mármol blanco, el espato y todos los cuarzos blancos.

ESCORPIO (el escorpión)

El signo de escorpión, en su aspecto simbólico representa la muerte y la decepción. Es la serpiente alegórica de la materia citada en el *Génesis* como tentadora de Eva. De ahí la supuesta caída del hombre fuera de la Balanza, punto de equilibrio, en la degradación y la muerte por la mentira de escorpión. Nada tiene de asombroso que en la elaboración de este símbolo, la inteligencia primitiva intente expresar un espíritu de desquite, como dice Mac Key. hablando de esas antiguas razas: "El acto de venganza por vuestra parte, habéis puesto en el sol un corazón de escorpión".

Haciendo alusión así a la brillante estrella de Antares.

Cabalísticamente, el signo de escorpión es el tipo de los órganos de la generación del Gran Hombre Cósmico y representa por consiguiente el sistema sexual o procreador de la humanidad. Es el emblema de la generación, y de la vida, es por ello por lo que los nativos destacan por la abundancia de sus fluidos seminales, y esto determina un aumento correspondiente de deseo. Se encontrara una alusión distinta a la humanidad de este signo en el Génesis capítulo XXX. en el que Lea. cuando ve el nacimiento del hijo de Zilpa. exclama: "Vino la ventura" (ver versículos 10 y 11). El escorpión en el planisferio esotérico esta ocupado por Gad. de donde Jacob moribundo dice: "Gad, una tropa le vencerá, pero al fin será el quien triunfara" dando a entender la caída del hombre de un estado de inocencia y de pureza a la multitud de los placeres sensuales y su victoria final sobre los reinos de la materia como entidad espiritual. Este signo representa en el plano físico los atributos de la procreación. Contiene el misterio del sexo y los secretos de los antiguos ritos

fálicos. La piedra mística del escorpión es el topacio, talismán natural de aquellos nacidos bajo esta influencia. El escorpión es la segunda emanación del trígono del Agua y es la constelación de Marte.

En el plano intelectual, el signo de escorpión simboliza la veneración de las ideas; por ello los que están dominados por este influjo poseen una fuente inagotable de ideas y de inspiraciones. Su espíritu activo y evolutivo está siempre ocupado por alguna nueva concepción y su cerebro vomita literalmente imágenes ingeniosas. Poseen una aguda sensibilidad, buenas facultades intuitivas y una voluntad muy positiva. Lo que hace que destaquen como médicos, practicantes, farmacéuticos y cirujanos. En las diferentes ramas del arte de la cirugía, los nacidos bajo este signo no tienen rival. Además de esta habilidad mecánica, están dotados de una fuerte salud, fecunda, magnética que transmiten a sus enfermos por simpatía. Esta es la razón por la cual se convierten en médicos lográndolo de maravilla. Sus deseos sexuales son naturalmente muy ardientes, lo que están inclinados a hacer excesos en este sentido.

En el plano físico, el signo da un cuerpo robusto, y más bien corpulento, una estatura media, una tez oscura o roja, unos cabellos negros, unos rasgos que a menudo tienen algo de águila un carácter activo, irritable, orgulloso, reservado, meditativo y también egoísta. Entre las plantas, este signo rige la ciruela, el rabanillo, el brezo, el marrubio, la haba, la zarza, el puerro, el glasto y el ajenjo, y entre las piedras, el imán, la hemalites y el bermellón.

SAGITARIO (el arquero)

Esta constelación, bajo su aspecto simbólico presenta una doble naturaleza, pues simboliza la recompensa o el castigo y también los deportes de caza. La encontramos plasmada bajo la figura de un Centauro con arco tenso, preparado para tirar. Por ello es por lo que frecuentemente se tenía la costumbre de que representase los deportes de otoño: la caza a caballo, etc. El Centauro era también un símbolo de la autoridad y de la sabiduría del mundo. Mac Key, hablando de este signo dice: "Sin embargo el centauro estrellado arma su arco para mostrar su parecer sobre lo que hacéis aquí abajo".

Cabalísticamente, el signo de Sagitario designa los muslos del Gran Hombre Universal. Es por lo que representa el fundamento muscular del centro donde radica la locomoción en la humanidad. Es el emblema de la estabilidad, del fundamento y de la potencia física. Este signo representa también los signos de la Autoridad y del mando físico extremo. El arquero en el planisferio esotérico, esta ocupado por José. "Su arco reside en su fuerza, dice el patriarca, y las armas de sus manos han sido hechas robustas". Representa también los poderes de "La Iglesia y del Estado" y la necesidad de códigos legales, civiles militares y religiosos. Nos muestra las facultades de organización de la humanidad y la absoluta necesidad de "poderes que sirvan" a cierto estado de desarrollo. Vemos en José el maestro egipcio legislador, el tipo perfecto de autoridad real. La piedra mística de este influjo es el carbúnculo, que es un talismán de gran potencia para aquellos nacidos bajo ese signo. El arquero es la emanación más baja del trígono del Fuego, es la constelación de Júpiter.

En el plano intelectual, el arquero representa la facultad organizadora del espíritu, por lo que su influencia indica las facultades exteriores de mando, de disciplina y de obediencia a la autoridad reinante en las instituciones materiales. Los individuos de esta naturaleza son leales, patriotas y sometidos a la Ley. Son generosos y libres, enérgicos y batalladores, de temperamento vivo, ambicionando una posición y el poder, también son caritativos con los afligidos y los oprimidos. Poseen fuertes cualidades conservadoras, y sus principales características intelectuales son la prontitud de decisión, la sangre fría y la habilidad necesaria para mandar a los demás.

En el plano físico, este signo produce ordinariamente un individuo bien hecho, de talla más bien por encima de la mediana, con tez sanguínea, cara ovalada, frente alta, cabellos castaño brillante, con ojos bonitos; en resumen, una bella persona. El que ha nacido bajo este signo tiene un carácter vivo, enérgico, amante de los deportes y los placeres al aire libre: es animoso, jovial, libre y benévolo. Entre las plantas este signo rige la agrimonia, la betónica y la malva. Entre las piedras, el arquero gobierna sobre la turquesa y todas las piedras con mezcla rojo y verde.

ACUARIO (La ánfora)

Este signo simboliza el juicio. Esta constelación forma la fuente estrellada de la urna de Minos, de donde brotan la maldición y el castigo, o las bendiciones y la recompensa, según las obras realizadas con el cuerpo, sin tener en cuenta la fe teológica. Las urnas bautismales primitivas de los primeros cristianos y las fuentes de piedra esculpida de las iglesias ulteriores son los restos de esta gran religión astral.

Cabalísticamente, el signo de Acuario significa las piernas del Gran Hombre Arquetípico. y por ello representa las funciones de locomoción en el organismo humano. Es el emblema natural de las fuerzas móviles y migratorias del cuerpo. Acuario, en el planisferio esotérico, esta ocupado por Rubén: "la excelencia de la dignidad y la excelencia del poder", dice Jacob, "inestable como el agua, tu no sobresaldrás" Simple pero magnífica descripción de este signo, que. desde tiempo inmemorable ha estado simbolizado por dos líneas sinuosas, como las ondas del agua que corre. Este signo significa la consagración y no solamente contiene los ritos y los misterios de la consagración, sino que además revelara al discípulo la fuerza de todas las obras sagradas y consagradas. La piedra mística de este signo es el zafiro azul cielo (no el zafiro oscuro u opaco). Acuario es la emanación mas baja del trígono del Aire, es la constelación de Urano.

En el plano intelectual. Acuario representa la ciencia popular. y consecuentemente la verdad de los fenómenos materiales. Aquellos que están dominados por su influjo constituyen la escuela de la filosofía inductiva, la gran base de toda la ciencia esotérica. Representan el espíritu intelectual y científico de su época y de su generación, y no pueden avanzar ni un solo paso más allá de la clase de hechos demostrables a los sentidos. Elegantes de forma, son de una inteligencia brillante.

En el plano físico. Acuario da una talla media, sólida, bien establecida y robusta, una buena tez clara y roja, unos cabellos pelirrojos o castaños: una apariencia de muy atento: una disposición

elegante, amable, buena, espiritual y muy artística: amando la sociedad refinada. Entre las plantas este signo rige el nardo indio, el incienso y la mirra. Entre las piedras, el Acuario gobierna la perla negra y la obsidiana.

PISCIS (los peces)

Este signo simboliza la inundación, principalmente porque, cuando el Sol pasa a través de ese signo, comienza la estación lluviosa, lavando las nieves del invierno que fundiéndose se transforman en torrentes que inundan los valles y las bajas regiones. Este signo es también el final del viaje de Apolo a través de los doce signos.

"Cerca de sus amadas olas se mantienen los tríos peces, se juntan con el morueco (Aries) y completan el ciclo".

Cabalísticamente, el signo de los peces designa los pies del Gran Hombre Cósmico, y es porque representa la base o fundamento de todas las cosas externas, así como las tuercas mecánicas de la humanidad. Es el emblema natural de la esclavitud paciente y de la obediencia. Este signo, en el planisferio esotérico, está ocupado por Efrain y Manasse, los dos hijos de José, que recibieron su parte en Israel, como representando los dos pies del Gran Hombre Arquetípico. Significa la confirmación y también el bautismo por el agua. Nos indica también el divino proyecto del gran ciclo de la necesidad: comenzando por un fuego eruptivo, esplendoroso, dominante del morueco (Aries), y terminando en el polo opuesto, el agua simboliza el equilibrio universal. La piedra mística de los peces es la crisolita (blanca y brillante). Los peces son la última emanación del trígono del Agua y son la constelación de Neptuno.

En el plano intelectual, los peces representan la indiferencia mental. Es el polo opuesto a la cabeza. Aquellos que están dominados por su influjo experimentan una particular indiferencia al respecto de todas las cosas que interesan generalmente a los demás. Toman las cosas como vienen, no prestan seria atención a ninguna. Viven y mueren, según la palabra de San Pablo, siendo "Todas las cosas para todos los hombres".

En el plano físico, ese signo da un cuerpo corto, carnoso, bellos morenos, una tez pálida, unos ojos húmedos (como los peces) un carácter negativo, tímido, despreocupado y ofensivo. Su naturaleza es apacible pero sus acciones están influenciadas por su entorno y por sus amigos. Entre las plantas, este signo rige las hierbas marinas, así como los helechos y los musgos que crecen en el agua. Entre las piedras, gobierna el coral, el peñasco, la piedra pómez y la grava o arena.

Busquemos ahora las relaciones del hombre con los signos zodiacales (fig. XXV).

Primeramente hay unas relaciones fijas, que no varían. En esta categoría señalaremos las relaciones de los signos del zodiaco y cuerpo físico del Hombre.

Aries corresponde a la cabeza del Hombre. Tauro a sus hombros y así sucesivamente, según la figura siguiente, hasta los pies a los que corresponde el signo de Piscis.

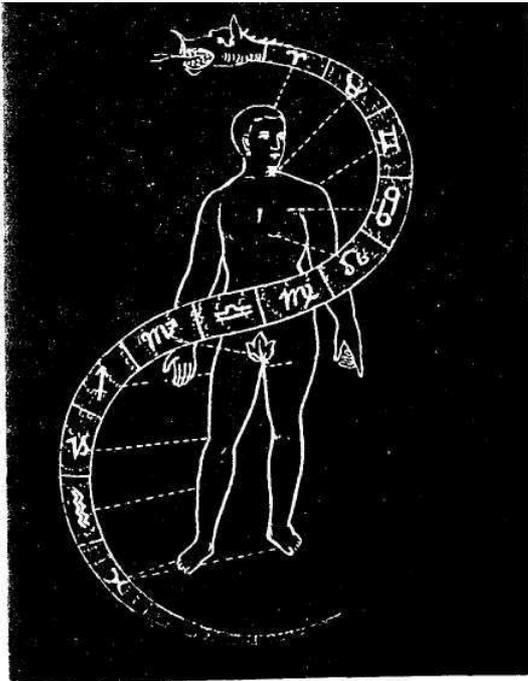


FIG. XXV.

Para servirse de esta correspondencia hay un medio muy simple. El signo que domina el nacimiento indica la parte del cuerpo físico mas sujeta a los trastornos. Así una persona nacida entre el 24 de Marzo y el 20 de Abril, bajo el signo de Aries, esta sujeta a trastornos de cabeza y a los accidentes de la cabeza. Una persona nacida bajo el signo de Piscis esta sujeta a los accidentes de los pies.

He aquí la tabla exacta de las correspondencias exactas de los signos. Con el fin de hacernos una idea del significado de los signos del zodiaco debemos estudiarlos por separado, acordándonos que la revolución de la Tierra indica sucesivamente a los doce signos a influenciarnos cada día de nuestra existencia.

81

Los signos son así como sigue:

MISTERIO DE LOS DOCE SIGNOS DEL ZODÍACO

- I. *Atnun*. genio de *Aries*: rige la cabeza y sus enfermedades.
- II. *Apis*, genio de *Tauro*: rige el cuello, los hombros y sus enfermedades.
- III. *Hércules - Apolo*, genios de *Géminis*: rigen los brazos. las manos y sus enfermedades.
- IV. *Hermanubis*. genio de *Cáncer*: rige el pecho, los pulmones, las costillas, el bazo y sus enfermedades.
- V. *Momphtha*. genio de *Leo*: rige el estómago, el corazón, el hígado y sus enfermedades.
- VI. *Isis*. genio de *Virgo*: rige el bazo, el vientre, los intestinos y sus enfermedades.
- VII. *Omphtha*. genio de *Libra*: rige la espina dorsal, los riñones y sus enfermedades.
- VIII. *Tifón*, genio de *Escorpio*: rige las caderas, los órganos sexuales y sus enfermedades.
- IX. *Nephte*. genio de *Sagitario*: rige los muslos y sus enfermedades.
- X. *Anubis*. genio de *Capricornio*: rige las rodillas y sus enfermedades.
- XI. *Canopus*. genio de *Acuario*: rige las piernas y sus enfermedades.

XII. *ichillón*, genio de *Piscis*: rige los pies y sus enfermedades.

Los siete grandes genios planetarios rigen la cabeza sede de la inteligencia y de la voluntad: *Rempha*. genio de *Saturno*: rige el ojo izquierdo. *Pi-Zeus*. genio de Júpiter, rige el ojo derecho. *Ertosi*. genio de Marte, rige el orificio nasal derecho. *Pi-re* genio del Sol rige la frente. *Suroth*. genio de *Venus*. rige el orificio nasal izquierdo. *Pi-Hennes*. genio de *Mercurio* rige la lengua. *Pi-Jori*. genio de la luna, rige el cerebro.

En el politeísmo grecorromano, los 12 grandes dioses correspondían a los 12 signos del zodiaco en el orden siguiente: *M inerva* a Aries; *Venus* a Tauro; *Apolo* a Géminis; *Mercurio* a Cáncer a *Júpiter* y *Cibeles* a Leo; *Ceres* a Virgo; *Vulcano* a Libra. Marte a Escorpio; *Diana* a Sagitario; *Vesta* a Capricornio; a Juno Acuario; *Neptuno* a Piscis.

En la cabala hebrea, las doce tribus de Israel, y las doce piedras preciosas que decoraban el pecho del Gran Sacerdote, correspondían a los signos del zodiaco, en el orden siguiente: la tribu de Gad y la amatista a *Aries*: la tribu de Efraim y el jacinto a Tauro, la tribu de Manasses y la crisopasa a *Géminis*: la tribu de Issacar y el topacio a *Cáncer*: la tribu de Juda y el berilo a *Leo*: la tribu de Nephtah y el crisolito a *Virgo*: la tribu de Aser y la

sardonice a *Libra*: la tribu de Dan y el sardonio a *Escorpio*: la tribu de Benjamín y la esmeralda a *Sagitario*: la tribu de Zabulón y la calcedonia a *Capricornio*: la tribu de Rubén y el zafiro a

Acuario: la tribu de Simeón y el jaspe a *Piscis*. Pasemos al estudio de las triplicidades.

LAS TRIPLICIDADES DE LOS SIGNOS

Los antiguos otorgaban una grandísima importancia a la división de los signos del Zodiaco en cuatro series en cada una tres signos y se referían a las viejas divisiones de los elementos: Fuego. Agua. Aire y Tierra.

Los antiguos enseñaban que el cielo tenía una acción sobre la tierra dominando sobre las fuerzas físicas, los seres vivos y los estados de la materia. Así daban el nombre de Tierra a todo lo que estaba en estado sólido, el nombre de Agua a todo lo que era líquido, y el nombre de Aire a todo lo que estaba en estado gaseoso, y el nombre de Fuego a todas las manifestaciones de la Fuerza. Es un gravísimo error pensar que estos términos designaban la Tierra en si misma o el Agua Terrestre o el Aire atmosférico o el Fuego del hornillo: palabras como Tierra de antimonio: Agua de vida.. Aire (o Espíritu) de Vino. Fuego filosófico, etc. etc.... servirían para la necesidad de instruir a los profanos.

Esos diversos estados de la materia eran indicados simbólicamente por un triangulo: el Fuego, con un triangulo con la punta para arriba sin estar cerrado en el vértice superior: el Aire por un triangulo con la punta hacia arriba y cerrado por el vértice superior, el Agua, por un triangulo con la punta para abajo y sin cerrar: la Tierra por un triangulo con la punta para abajo y cerrada.

Se podrá comprender ahora lo que dice el adepto, autor de la Lummiere d'Egypte (La Luz de Egipto) sobre este terna de la triplicidad.

Las cuatro triplicidades simbolizan los cuatro puntos cardinales del universo. Para nosotros, en el plano externo y físico actual, significan los cuatro puntos opuestos del espacio tal y como están representados sobre la brújula y sobre la cruz (de ahí el carácter sagrado de la cruz como símbolo de todos los tiempos \ todas las épocas) y los cuatro elementos ocultos: el Fuego, la Tierra, el Aire y el Agua. Cada uno de ellos corresponde a una sección particular del cielo. Así el Trígono del Fuego corresponde al nitrógeno positivo, y está expresado en el horizonte incandescente, ardiente de oriente, a la salida del sol. comienzo del día. De manera parecida, el fuego primordial fue el principio o primera condición del presente orden de cosas sobre nuestro globo, y representa el principio de calor llamado calórico, que sostiene la fuerza vital de la existencia animal de todos los seres vivos en la faz de los planetas.

En el plano intelectual, el Fuego representa el celo, el coraje animal, la audacia y. en realidad, todo lo que participa en la acción y en la actividad. Mientras que. en el plano superior, el plano esotérico, el Fuego implica la comprensión interior del sentido y del significado de la acción en tanto que esta está desplegada en la trinidad y expresada por el fuego de los tres términos Aries. Leo y Sagitario: Aries la inteligencia: Leo las emociones: Sagitario el producto de la inteligencia, y las emociones, resultado exterior o consumación de los dos. aunque no es ni uno ni otro, sino que los dos son uno.

La Triplicidad de la Tierra representa el norte helado, inerte como símbolo de frigidéz: endurecimiento, cristalización, muerte. Se refiere a todos los fenómenos que son más externos y más palpables para los sentidos exteriores, los sólidos, los metales, los edificios etc.

En el plano intelectual, se refiere a las relaciones sólidas entre ellos, de donde provienen especialmente, la forma, la posición, el sonido, etc. , Se puede decir lo mismo de los metales extraídos de las entrañas de la Tierra, del comercio, de las artes y de las industrias. Esotéricamente, el trígono de la Tierra simboliza la comprensión de las cualidades espirituales extraídas de las actividades de la Tierra, o mejor dicho, esta única cualidad espiritual de la triple formación expresada en los tres términos místicos □□□□y□□ Tauro, servidumbre o espíritu de labor paciente; -Virgo, formación y reformación-Capricornio, resultado de Tauro y de Virgo, conduce bien a un plano superior en la espiral de la existencia, bien a un plano más bajo en el canal inferior hacia los reinos más oscuros del ser, más terrestres, más densos y más muertos.

La triplicidad del Aire representa el oeste, país del poniente, que indica el final del día. de los sentidos y de la materia y que a su vez no indica más que la promesa de otro día. un encaminamiento hacia un plano superior. Ese día más brillante está anunciado por el trígono del Aire y en el plano exterior se aplica a las relaciones sacerdotales, políticas y sociales de la vida humana. Esto es. representa las cualidades superiores de esas relaciones. Por ello está representado por el elemento invisible. el Aire, el gran médium del movimiento. Su sentido esotérico está comprendido en los arcanos de la verdadera y única ciencia. Después de haber adquirido primero un conocimiento externo de Géminis (□), la ciencia interna atiende a la organización y al equilibrio o balanza (□) de los dos, de manera que se unen exactamente en el divino equilibrio de la armonía y de la sabiduría: solamente así realizando las olas ondulantes (□), se obtienen unos resultados apacibles en lugar de inundaciones que todo lo cubren y unos cataclismos tanto sociales como físicos, que resultan de la falta de equilibrio de las balanzas (□) cuando el plan exterior y el plan interior entran en lucha como dos fuerzas hostiles y absolutamente separados y dobles, en lugar de balancearse como el movimiento único y eterno, vida única del universo.

La Triplicidad del Agua. símbolo del mediodía, es el opuesto exacto del norte terrestre Es el hielo tundido: la fuerza endurecedora licuada, la renovación del cristal bajo otras formas. y la resurrección de la muerte en la vida. El Trígono del Agua significa el esfuerzo constante en la naturaleza para, armonizar los opuestos v los contrarios: para producir unos cambios y unas afinidades químicas, como se puede ver en los fluidos. y como esta perfectamente simbolizado por la gran propiedad distintiva del agua, que consiste en buscar su propio nivel. En los planos exteriores de la vida humana, el trígono del agua indica el amor (□) el sexo (□□□) y la generación (□) resultando externo de la unión de los dos (amor y sexo). En los planos exotéricos. Cáncer significa el apego a la vida: de ahí. el deseo de la inmortalidad que combinado con el conocimiento de los misterios del sexo (□□□) o de la generación y la regeneración, conduce al alma inmortal al final de su peregrinaje terrestre y de sus encarnaciones materiales, gracias a la unión con su otra mitad o Piscis que están representados en el ecuador celeste (equilibrio) por dos veces unidos uno al otro por el lazo (del amor), habiendo regresado a este ecuador y habiendo salido del arco inferior de la materia, el alma entra una vez mas en el sendero espiritual de la vida eterna consciente.

El lector comprenderá ahora que los cuatro grandes trógonos no son más que las diferentes series de atributos del alma humana o microcosmos, y. además que las constelaciones del zodiaco revelan el sentido místico de Adam Kadmon Arquetipo del planisferio estrellado. Así Aries rige la cabeza, el cerebro y la ardiente voluntad. Tauro el cuello y la garganta, las orejas, condiciones indispensables para la servidumbre obediente. Ge minis las manos y los brazos, o potencias de proyección y de ejecución. Cáncer el corazón y sus diferentes emociones. Virgo las entrañas y el ombligo o las cualidades maternas, compasivas y formadoras. Libra, los riñones o la fuerza física, la potencia para equilibrar las facultades mentales. Escorpio los órganos de la formación y los atributos procreadores. Sagitario, las caderas y los muslos, la sede o fundamento de la fuerza volitiva, los instintos viajeros, etc.. Capricornio las rodillas, muestras de sumisión a las potencias superiores. Acuario, las piernas y los tobillos, o facultades activas del movimiento o de la locomoción. Y finalmente Piscis representa los pies, soportes del cuerpo, que jamás sena capaz de encontrar y guardar su equilibrio sin su ayuda, evitando que el gran templo humano cayera al suelo. Así empezamos con el fuego y acabamos con el agua. Estos dos elementos constituyen los dos polos del imán humano.

Nota.- Para obtener la aplicación celeste de las cosas antes citadas, los puntos deben estar invertidos; el norte llega a ser el mediodía: el Este el Oeste v así sucesivamente.

CAPITULO IV

LAS ADAPTACIONES DE LA ASTROLOGIA.

La astrología es la llave de muchas adaptaciones de las ciencias ocultas. Estas adaptaciones resultan lógicamente del hecho de la realidad de las influencias astrales sobre la naturaleza y sobre el Hombre. Una vez admitidas estas influencias y el método experimental, convencerá pronto a todo serio buscador, se comprenderá muy fácilmente todo el partido que de ellas se puede extraer.

No siendo nuestra intención el escribir un tratado didáctico de astrología. sino simplemente despertar la atención, insistir en la importancia de estos estudios. \ amos a limitarnos a dar

algunos detalles sobre la adaptación de las influencias astrales en la magia, en la medicina, en las ciencias adivinatorias.

Remitiremos al lector a unos trabajos más completos, para el estudio de los grandes problemas sobre los cuales la astrología puede ofrecer algunas luces: el Nacimiento, la Herencia, la Criminalidad, la Educación, etc.. y con este fin aconsejamos la lectura de las obras de Haatan. Selva, Flambart. etc.

ADAPTACIÓN A LA MAGIA

El conocimiento de los signos del zodiaco y de su acción, el conocimiento de los planetas y de sus propiedades y correspondencias son absolutamente indispensables para el mago so pena de completo fracaso en todos sus trabajos. No obstante reduciremos la exposición de los principios necesarios para conocer los convenientes estrictamente y rechazaremos de esta exposición todas las enseñanzas de convención que no correspondan a una realidad natural.

Así pues vamos a ocuparnos primero de los signos del zodiaco u horas del cielo.

LOS SIGNOS DEL ZODÍACO

Los signos del zodiaco son 12. Su numeración comienza en Aries que corresponde al mes de Marzo y cada uno de ellos a una 30 grados en la esfera celeste. Como en la *Connaissance des Temps* (conocimiento de los Tiempos) la posición de los astros se encuentra indicada en *grados*. es importante acordarse bien de las posiciones de los signos del zodiaco con relación a la esfera celeste.

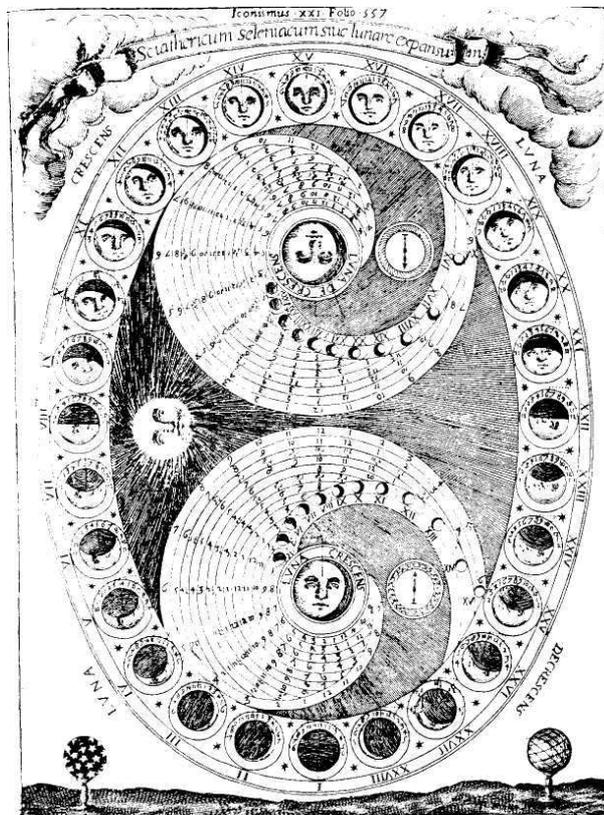
Las posiciones son las siguientes:

Marzo.....	Aries.....	de 0 a 30°
Abril.....	Tauro.....	de 30 a 60°
Mayo.....	Géminis.....	de 60 a 90°
Junio.....	ElCangrejooCancer....	de 90 a 120°
..... Julio.....	Leo.....	de 120 a 150°
Agosto.....	Virgo.....	de 150 a 180°
Septiembre.....	Libra.....	de 180 a 210°
Octubre.....	Escorpión.....	de 210 a 240°
Noviembre.....	Sagitario.....	de 240 a 270°
Diciembre.....	Capricornio.....	de 270 a 300°
Enero.....	Acuario.....	de 300 a 330°

Febrero.....Piséis.....de 330 a 360°

Los únicos siete astros que la magia considera como útiles, sin tener en cuenta los demás, son en el orden adoptado por la magia:

- Saturno
- Júpiter
- Marte
- el Sol
- Venus
- Mercurio
- la Luna



El ciclo Lunar de XXVIII dias (segun Kircher)

Se sabe que esta clasificación se basa en las apariencias y tomando la Tierra como centro. Astronómicamente el orden de los astros es. como saben nuestros lectores, el siguiente (Neptuno. Urano): Saturno. Júpiter. Marte. Tierra y la Luna. Venus, Mercurio, el Sol y tomando como punto de partida el verdadero centro del sistema el Sol.

Los siete astros giran en el cielo como las extremidades de las agujas de un reloj giran alrededor de un cuadrante. Pero el reloj celeste poseería, según la enseñanza de los hermetistas, siete agujas dotadas de movimientos más o menos rápidos.

Como para la mayoría, los astros son unos centros inteligentes de emisión de fuerza astral, es de suma importancia hacerse una idea lo más clara posible al respecto: del mismo modo abordamos solo progresivamente de los detalles más técnicos de manera que evitemos el máximo posible la oscuridad inherente a esta clase de cuestiones. Primero vamos a empezar por nuestro satélite, cada uno de los astros individualmente, sin ocuparnos de sus relaciones con los demás o con las cosas celestes.

La Luna- La Luna domina particularmente lo que llamamos el mundo físico sobre la Tierra, lo que el hermetismo llama mundo sublunar. Este satélite, que no es más que una masa casi despreciable, considerando solamente nuestro sistema solar, adquiere no obstante una importancia excepcional para el habitante de la Tierra, importancia tal, que en magia práctica, como la Luna se mueve a la par que el Sol resulta suficiente guiarse únicamente por uno de estos dos astros para tener éxito, casi a ciencia cierta, de todas las operaciones llevadas a cabo. La Luna es la matriz astral de todas las producciones terrestres cuyo padre viviente es el Sol. Hemos hablado ya de la acción de los satélites considerados como los ganglios nerviosos del planeta al que están sujetos.

Todo lo que viene hacia la Tierra, los fluidos y las almas: pasan por la Luna y todo lo que sale de la Tierra pasa por la Luna igualmente.

La Luna reproduce analógicamente en sus fases, la Ley Universal de Involución y de Evolución en cuatro periodos. Durante la primera mitad de su curso (N. L. a P. L.) la Luna crece según las apariencias. Es el momento y el *único* que el mago debe utilizar para sus operaciones de Luz: es igualmente el momento en que las influencias lunares son verdaderamente dinámicas.

A este propósito, permítanos abrir un paréntesis. Un rico industrial, hombre alegre, y burlándose de los prejuicios como es natural, tenía en otro tiempo la explotación de una tala de árboles en Jura. Aperciéndose de que sus concurrentes se guardaban cuidadosamente de hacer cortar los árboles en el periodo decreciente de la Luna (P. L. a N. L.), y se rió mucho de su superstición y aprovechó la mano de obra barata de aquel tiempo para explotar ampliamente sus bienes. Dos años después nuestro industrial se había vuelto más supersticioso que los demás; pues todas las talas realizadas durante aquel periodo lunar no tardaron en pudrirse. No se sabe porque nos lo dijo, pero gracias a el sabemos esta historia...

Así la fase ascendente de la Luna tiene una gran importancia según las enseñanzas de la magia. Pronto volveremos más extensamente sobre este a propósito de las casas lunares.

El color correspondiente a la Luna es el blanco.

Mercurio.- El más rápido de los planetas y el más cercano al Sol. Mercurio representa la infancia con su desbordamiento de vitalidad y movimiento. Cumple su ciclo en 88 días lo que permite

utilizar su influencia desde el punto de vista mágico al menos cuatro veces por año. El color correspondiente a Mercurio es el del prisma en conjunto, es decir la yuxtaposición de colores diferentes, lo que indica la tendencia al cambio que afecta a todo lo que depende de Mercurio. En los antiguos grimorios el nombre de este planeta se escribe con un color diferente para cada una de las letras que componen su nombre.

Venus la estrella de la mañana.- La juventud femenina con todas sus coqueterías, sus seducciones y sus peligros, la diosa del amor en todas sus cualidades, reina en el amante, mientras que la casta Diana, la Luna, reina sobre la madre. El cielo de Venus se cumple en 224 días y 16 horas lo que otorga una gran importancia a las operaciones realizadas bajo la influencia de este planeta, pues una fecha muy equivocada rebasa casi un año la vuelta del movimiento favorable. Venus se relaciona con el color verde.

El Sol, el ardiente Apolo.- La juventud con sus generosidades, sus nobles ambiciones y su orgullo, y también su temeridad y su inexperiencia de las cosas prácticas; el arte con su intuición divina, su horror y su desdén de lo vulgar.

El Sol es el padre, el generador universal en nuestro mundo; también es considerable su influencia en magia.

Esta influencia está calculada según la posición ocupada por el astro del día con relación a los signos zodiacales.

Las fiestas del cristianismo. Navidad, Pascua. San Juan son fiestas solares, así dentro de poco tendremos la ocasión de verlo. El color correspondiente al Sol es el amarillo dorado.

Marte, el planeta más próximo a la Tierra.- Rojizo y violento, es la imagen del guerrero. Marte posee el coraje, la energía, la cólera y la violencia. Las influencias de Marte son utilizadas en magia para la acción. Pero aun siendo el ciclo de este planeta de 687 días, casi el doble del año terrestre, no se emplean casi nunca las influencias de Marte para la confección de los pantáculos. Se utilizan o bien los días y las horas consagradas, o bien las relaciones analógicas de la Luna sobre los signos.

El rojo del fuego es el color que corresponde a Marte.

Júpiter, el hombre de razón y de voluntad en quien las violencias y los arrebatos de juventud se han sosegado y que verdaderamente es maestro de sí mismo: tal es el aspecto con el que Júpiter se nos muestra. Tranquilo y metódico. Júpiter es doce veces más lento que la Tierra, empleando exactamente en acabar su ciclo 11 años, 10 meses y 17 días. Es cierto que la influencia vivificante del Sol desaparece más rápido que sobre nuestro planeta, resultando el día dos veces más corto que en la Tierra.

En magia, la influencia de Júpiter que otorga los honores y la gloria sólo puede ser utilizada en casos excepcionales. El color de Júpiter es el azul metálico.

Saturno, el anciano, el hombre triste, pero de gran experiencia, emplea casi 30 años (29 años y 187 días) en acabar su ciclo completo y da larga vida pero sombría a los nacidos bajo su influencia. Saturno es el astro preferido de los magos negros, así como la Luna decreciente.

El color de Saturno es el del plomo: el negro metálico.

Esta es la primera idea que uno se puede hacer de los astros vivos de nuestro sistema. Como se ve. Mercurio, el Sol. Júpiter y Saturno representan los diferentes estadios de la vida humana desde la infancia hasta la vejez, y también indican el carácter moral e intelectual de cada uno de estos periodos que atraviesa el ser humano. Hay nativos de Saturno que son viejos ya a los 16 años y hay Mercurianos que tienen todavía a los 70 años la felicidad y el entusiasmo de la infancia. La Luna y Venus se relacionan con lo femenino en sus dos grandes cualidades: la maternidad y el amor, y respectivamente tienen como símbolos el color verde del mar y el color blanco del agua pura.

Recuerde además que a cada día de la semana le corresponde una de estas 7 influencias planetarias: el domingo el Sol, el lunes la Luna, el martes Marte, el miércoles Mercurio, el jueves Júpiter, el viernes Venus y el sábado Saturno y completara así la primera idea que debe tener de los astros desde el punto de vista de la magia.

LA LUNA EN LOS 12 SIGNOS

Llegamos ahora al estudio de las relaciones de la Luna con los signos del zodiaco. Este es un estudio capital para el mago.

Se sabe que cada signo contiene 30 grados. Para ir mas rápidos en la descripción, en el siguiente estudio se han dividido algunos signos en tres porciones: cabeza, parte media y final. 10° por cada una. Extraemos las tradiciones siguientes de una de nuestras ""clavículas" manuscritas.

Aries (cabeza de 1 a 30°).- La Luna derrama durante este tiempo dichosas influencias para la prosperidad del negocio y de los viajeros. Los caracteres, los talismanes que se forman bajo esta influencia garantizan de los peligros y riesgos para los viajeros y negociantes.

- (medio de 10 a 20°).- La Luna influye en las riquezas y el descubrimiento de tesoros. El momento es el apropiado para hacer talismanes y caracteres para ser afortunados en el juego principalmente, si la Luna está en aspecto benigno con Júpiter (conjunción).

Tauro (cabeza de 30 a 60°).- La influencia sobre los caracteres y talismanes conduce a la ruina de edificios, pozos y fuentes, a la ruptura de amistades, de matrimonios y otras cosas parecidas.

- (final 60°).- Veinticinco minutos después de la salida de Tauro, la Luna influye una salud espléndida, una gran disposición para aprender las ciencias y a conciliar la benevolencia de las gentes de distinción, y si durante este tiempo está en conjunción con Venus, serán infalibles bajo esta constelación los talismanes y demás figuras que se hagan para ser amado por el otro sexo.

Los Gemelos (60 a 90°) Caza exitosa y éxito también en las empresas militares. En este momento las influencias de la Luna vuelven insuperables a quienes llevan talismanes, figuras misteriosas o caracteres formados bajo los auspicios de esta constelación.

Cáncer (90 a 120°).- Influencias malignas, éxito de las traiciones, conspiraciones y otros atentados. Sin embargo si la Luna se encuentra en su aspecto afortunado con Júpiter, Venus y Mercurio, los talismanes serán favorables para el amor, el juego de azar y para el descubrimiento de tesoros.

Leo (de 120 a 150°). Bajo el aspecto de Saturno, al principio de su entrada en el signo, influye sobre todas las empresas funestas; pero al momento de salir de este signo (10 últimos grados) esta constelación es liberal en toda clase de prosperidades.

Virgo (de 150 a 180°).- Buenas influencias a menos que esté bajo el aspecto de Saturno. Los talismanes y caracteres dirigidos bajo esta constelación son muy ventajosos para los jugadores, viajantes, incluso a los que aspiran a grandes honores.

Libra (de 180 a 210°).- Favorece las empresas de los tesoros, el descubrimiento de riquezas, minas y metales y las fecundas fuentes de recursos.

Escorpión (de 210 a 240°).- Muy perjudicial para los viajeros, para los que se casan o los que empiezan alguna asociación.

Sagitario (de 240 a 270°).- Buenas influencias para los honores y la larga vida.

Capricornio (de 270 a 300°).- Favorecido por una benévola vigilancia de Venus o de Júpiter, influye en la salud así como en el amor del otro sexo, de manera que los talismanes y caracteres preparados bajo esta constelación desenlazan infaliblemente las ataduras y obstaculizan los maleficios que perjudican al matrimonio, entretienen la amistad y el buen razonamiento entre las personas casadas.

Acuario (de 300 a 330°).- Malas influencias para la salud y para los viajes.

Piscis (de 330 a 360°).- Sólo hay que temer al aspecto de Saturno para los que quieren preparar talismanes y caracteres bajo esta constelación: pues, siempre que esté vigilada amablemente por Júpiter. Mercurio o Venus, influye infaliblemente en los juegos de azar.

A.- Intelecto

La primera actividad, que encierra por su movimiento diario todas las esferas inferiores, comunica por su influencia en la materia, la virtud de existir y de moverse: el globo de las estrellas fijas no sólo le da al feto su potencia para distinguirse siguiendo sus diferentes figuras y accidentes, sino también le comunica el poder de diferenciarse siguiendo las diferentes influencias de ese globo. La esfera de Saturno esta inmediatamente tras el firmamento, y el alma recibe de este planeta el discernimiento y la razón: después está la influencia de Júpiter que otorga al alma la generosidad y otras diversas pasiones. Marte le comunica el odio, la cólera y otros más: el So/ le influencia la ciencia y la memoria: Venus los movimientos de la concupiscencia: Mercurio la alegría y el placer; y finalmente la Luna, que es el origen de todas las virtudes naturales, la fortifica. Aunque todas las cosas provengan del alma y esta las haya recibido de diversas partes de los cuerpos celestes, no obstante se le atribuyen a ella, y también a todos los cuerpos porque un simple accidente no es suficiente para comprenderlos todos.

B.~ Cuerpos físicos

Ahora respecto al cuerpo que esta creado y formado del embrión por los efectos y las operaciones de las estrellas que llamamos planetas, es imprescindible remarcar en primer lugar que la materia de la cual el hombre debe ser engendrado, siendo tomada y condensada por la frialdad y sequedad de Saturno. recibe de este planeta una virtud fortificante y vegetativa, con un movimiento material, ya que en Saturno hay dos fuerzas: una para preparar la materia en general y la otra para darle cierta forma particular.

Durante el primer mes. Saturno domina en la concepción del embrión: Júpiter lo reemplaza en el segundo, y por un favor especial y una singular virtud, dispone de la materia para tomar y recibir los miembros que debe tener. Además, gracias a un calor maravilloso, refuerza la materia del feto, humedece todas las zonas que habían sido secadas por Saturno en el primer mes.

Durante el tercero. Marte, con su calor, hace la cabeza, después distingue todos los miembros unos de otros: por ejemplo, separa el cuello de los brazos, los brazos de las costillas y así sucesivamente.

El Sol dominante en el cuarto mes. imprime las distintas formas al feto, crea el corazón y da el nuevo movimiento al alma sensitiva, eso si creemos a los médicos y a algunos astrónomos: pero Aristóteles es de otra opinión y sostiene que el corazón es engendrado antes que todas las demás partes, y que a partir de éste ellas se desarrollan. Otros dándole mas importancia, dicen que el Sol es la fuente y el origen de la vida.

Venus, en el quinto mes. perfecciona, con su influencia, algunos miembros exteriores y forma otros nuevos; como las orejas, la nariz, los huesos, la verga y el prepucio en los varones, la natura

o vulva y los pechos en las mujeres. Además separa y distingue las manos, los pies y los dedos.

Durante el sexto mes. bajo el dominio y las influencias de Mercurio, se forman los órganos de la voz. las cejas y los ojos; por el mismo planeta en el feto crecen los cabellos y salen las uñas.

La Luna acaba en el séptimo mes. lo que los demás planetas habían empezado, pues con su humedad llena todos los vacíos que se encuentran en la carne. Venus y Mercurio humedecen todo el cuerpo, le dan la nutrición necesaria.

Se atribuye el octavo mes a Saturno, que con su influencia, enfría y seca mucho al feto y por consiguiente lo oprime. Pero Júpiter que domina el noveno con su calor y humedad devuelve el bienestar al feto.

ADAPTACIÓN A LA MEDICINA

En uno de sus estudios sobre las influencias astrales¹. Flambart. se expresa así;

"Dando por sentadas las correspondencias de las enfermedades con las influencias astrales, debe deducirse que. si en estas ultimas no hay fuentes propiamente dichas de enfermedades, a pesar de todo muestran correspondencias indicadoras de las cuales la medicina tendría gran ventaja aprovechándolas a la vez como diagnósticos y pronósticos. Está fuera de duda que las predisposiciones nativas para la salud, a menudo muy claras en el horóscopo, son de naturaleza interesante al médico para dar los cuidados al enfermo, lo creo tanto más cuanto que puede llegar a determinar, con cierta precisión la naturaleza y el grado de receptividad mórbida de cada individuo según el cielo que reinaba en su nacimiento".

1. La portee de l'Astmlogie scienlifique (la inclinación a la astrologia Cientifica). H. et H Durville. editores.

Hemos visto por otra parte, que cada influencia planetaria ha contribuido a formar una parte de nuestro cuerpo, y que cada signo del zodiaco esta en correspondencia, no sólo con las diversas partes del cuerpo, sino también con las diversas criaturas del reino mineral y vegetal.

Uno deduce pues, en seguida, de que una planta influenciada por ejemplo, por Júpiter, teniendo concentrada en ella una parte de esa fuerza especial de la energía invisible, podrá curar una enfermedad de una parte de nuestro cuerpo en correspondencia con la misma fuerza.... etc.

Un médico de gran valía, el Dr. Duz **(1)** ha intentado adaptar a la medicina los datos de la

astrología tradicional basándose estrictamente en la experiencia. Ciñéndose a los límites de nuestro estudio, que constituye solamente un principio de iniciación, y para dar al lector una idea del partido que se puede sacar de los conocimientos astrológicos en medicina, daremos, según este autor, un cuadro de la acción lunar en los doce signos zodiacales, y un resumen de la acción fisiológica y patológicas que la experiencia ha permitido constatar.

ACCIÓN DE LA LUNA

La Luna es el astro que ejerce una acción contingente sobre los seres y sobre las cosas y su paso a través de los doce signos zodiacales influye al cuerpo humano de la siguiente manera:

En Aries:

La Luna afecta el sistema nervioso encefálico, la cabeza y sus dependencias, y forma la diátesis hepática.

Cualidades elementales: el calor seco.

En Tauro:

Afecta el sistema glandular y el de las tiroides, la hipófisis, el cuello, la garganta y sus dependencias y forma la diátesis renal.

Cualidades elementales: el frío seco.

En Géminis:

Afecta al sistema respiratorio (lóbulos superiores, de los pulmones derecho e izquierdo) la innervación pulmonar, los miembros superiores del cuerpo, y las vértebras dorsales 1,2,3, 4 y forma la diátesis craneana.

Cualidades elementales: el calor húmedo.

En Cáncer:

Afecta a los órganos digestivos (estómago, epigastrio, y sus dependencias), el diafragma, los lóbulos inferiores de los pulmones (el derecho 2 lóbulos, el izquierdo 1 lóbulo), y la pleura, y forma la diátesis craneo-abdominal.

Cualidades elementales: el frío húmedo.

En Leo:

Afecta el sistema cardíaco y circulatorio (corazón, grandes vasos) el 1/3 superior del estomago y el cardias, las vértebras dorsales 5. 6. 7. 8 y 9 y forma la diátesis cardiaca.

Cualidades elementales, el calor seco.

1. Traite pratique de Medicine Astrale (Tratado practico de Medicina). La medicine pratique (la medicina practica En Virgo:

Afecta las 2/3 inferiores de la parte derecha del estómago, el plexosolar. el piloro. el lóbulo izquierdo del hígado y el lóbulo de Spigel, el páncreas y sus dependencias, el sistema abdominal epigástrico y toda su dependencia y forma la diátesis craniana.

Cualidades elementales: el frío seco.

En Libra:

Afecta los riñones, la región umbilical derecha e izquierda y el hipogastrio. es decir las regiones inguinales derecha e izquierda, una parte de los intestinos delgados, la vejiga en los niños y el útero en tiempo de embarazo, y forma la diátesis renal.

Cualidades elementales: el calor húmedo.

En Escorpio:

Afecta el sistema genito-urinario. la vejiga, la matriz, la hipófisis y las otras glándulas vasculares sanguíneas, y forma la diátesis hepática.

Cualidades elementales: el frío húmedo.

En Sagitario:

Afecta el sistema muscular y también el corazón, los vasos sanguíneos, las tónicas gastro-intestinales. el músculo vesical, la región lumbar y los muslos, y forma la diátesis torácica.

Cualidades elementales: el calor seco.

En Capricornio:

Afecta el sistema cutáneo y mucoso, el tipo celular, las rodillas y forma la diátesis esplénica.

Cualidades elementales: el frío seco.

En Acuario:

Afecta el sistema sanguíneo (la sangre); las piernas, los tobillos y forma la diátesis esplénica.

Cualidades elementales: el calor húmedo.

En Piscis:

Afecta los sistemas fibra-ligamentosos. sinovial y respiratorio: el calcáneo, los pies y forma la diátesis torácica.

Cualidades elementales: el frío húmedo.

TABLA DE LAS INFLUENCIAS PLANETARIAS DESDE EL
PUNTO DE VISTA DE LA ACCIÓN FISIOLÓGICA Y
PATOLÓGICA.

1o Grupo de Marte

1o Sistema nervioso encefálico y cerebro-espinal o vida de relación:

2o Órganos de la cabeza: 3o Sistema genito-urinario y renal; 4o Glándulas vasculares sanguíneas;
5o Inflamación, astenia: 6o Localización. lesiones.

2o Grupo de Venus

1o Sistemas glandulares, de las tiroides y naso-faríngeo:

2o Sistema renal y hepático:

3o Secreciones humorales:

4o Distrofia;

5o Enfermedades infecciosas.

3o Grupo de Saturno

1o Sistema cutáneo y óseo;

2º Sistema sanguíneo (la sangre y su composición)

3o Tejido celular;

4o Tejido mucoso;

5o Astenia o debilidad orgánica;

6o Cronicidad;

7o Estenosis.

4o Grupo de Júpiter

1º Sistemas musculares y fibra-ligamentosos afectando el parénquima pulmonar, los vasos sanguíneos, el músculo cardíaco, las tónicas castro-intestinales y el músculo vesical;

2o Intoxicación, discrasia;

3o Miembros inferiores.

5o Grupo de Mercurio

1o Quilificación, inervación castro-abdominal (plexo solar y sus ramificaciones).

2º Sanguinificación e inervación pulmonar (plexo braquial); 3o Neurosis; 4o Metástasis: 5o Miembros superiores.

6o Grupo de la Luna

1º Vida de nutrición (glándula simpática), perjudicando a todos los sistemas orgánicos; 2º Periodicidad: 3o Microzymase; 4o Estado agudo; 5o Hiperemia.

7o Grupo del Sol

1o Sistema circulatorio sanguíneo:

2o Fuerza vital:

3o Tonicidad:

4o Irritación:

5o Estado sobreagudo.

Por estas citas que preceden, hemos visto como es imposible comprender nada de las ciencias

ocultas, herencia espléndida de las civilizaciones desaparecidas, si se ignora a la astrología. Hemos comprendido como incluso nuestras ciencias actuales, pueden sacar provecho de estos conocimientos, y que la medicina entre otras cosas, puede encontrar muchas aplicaciones de las correspondencias planetarias o zodiacales.

El estudio de los reinos Mineral, Vegetal. Animal y Humano, no puede estar mas facilitado por el conocimiento de las relaciones entre las fuerzas astrales y las criaturas inombrables que evolucionan en la Tierra hacia su fuente común. Dios su creador.

Estoy convencido de que las 7 fuerzas planetarias y las 12 fuerzas zodiacales constituyen en si mismas una clasificación muy conveniente para aquellas adoptadas por la ciencia moderna.

Los diversos colores de los vegetales, por ejemplo, son muy reveladores para los que los conocen.

Pero quedémonos en los límites de este estudio elemental y limitémonos a indicar en un cuadro muy sintético (Fig. XXVI) la acción de los 7 planetas en el hombre determinando en él un temperamento y un carácter particulares. Un segundo cuadro (Fig. XXVII) dará además el color preferido por cada tipo planetario. Seguidamente ofrecemos una figura tomada de Desbarrolles (fig. XXVIII). el cerebro quiromántico. que indicara en la mano las influencias planetarias y terminaremos con un cuadro de las influencias de los planetas en la naturaleza (fig. XXIX).

Algunos datos, añadidos al estudio completo de las mismas

CUADRO presentado en frente los nombres de los siete planetas con los siete temperamentos que corresponden y los siete caracteres que dependen de esos siete temperamentos.

PLANETAS	TEMPERAMENTOS	CARACTERES
SATURNO .	(la Duración Bilioso.....	Centro frío, reflexivo y pensativo.
	el Tiempo).	
JÚPITER	(el Benévolo).	Sanguíneo.- Bilioso Vivo, decidido,
	franco y leal, inteli-	gente imperioso y dominante.
MARTE	(el Fuego). Muscular	Fogoso, impaciente, colérico y vio-
		lento.

VENUS	(el Bueno el Viniente).	Nervioso.- Sanguíneo.- Linfático	Dulce, benévolo, bueno y simpático o débil.
MERCURIO	(el Ágil).	Nervioso-Bilioso	Fin de la inteligencia, hábil y astuto.
LA LUNA.....	(la Blanda).	Linfático	Blando con imaginación en movimiento y cambiante.
EL SOL.....	(el Brillante).	Armónico.....	Ideal, grande, generoso amigo de lo bello, y fuerte en las creaciones del arte.

Fig. XXVI

CUADRO QUE INDICA LA CORRESPONDENCIA DE LOS SIETE COLORES

con los principales temperamentos y caracteres y dando a conocer el color preferido para cada uno con el nombre del planeta con el que tiene relación.

TEMPERAMENTOS Y TIPOS	CARACTERES	Solar o armónico Gran de, generoso y artista
Bilioso		
Sanguíneo	Serio y Pensativo	
Nervioso	Jovial, ruidoso y dominante	
Nervioso-	Sentimental y amante Hábil, diestro y astuto	
Sanguíneo-muscular	Violento, colérico y brutal	
Linfático	Blando, lento, inconstante, tímido y modesto	

COLORES PREFERIDOS		PLANETAS
Amarillo-naranja		Saturno
Rojo		Júpiter
Azul		Venus
Verde		Mercurio
Pardo	Bistre sangre Buey	o de Marte
Violeta		Luna
Luz o	Oro	Sol

Fig. XXVII



Fig. XXVIII.

INFLUENCIAS DE LOS PLANETAS SOBRE :

MÚSICA	METALES	COLORES	PIEDRAS PRECIOSAS	FLORES O PLANTAS	ANIMALES	
<input type="checkbox"/>	-	Kleelrum Aleación de oro, plata o platino.	Malva			
<input type="checkbox"/>		Platino.	Colores rayados o mezclados.	Mimosa sensim a.		
<input type="checkbox"/>	LA	Plumo.	Negro y Pardo.	A/abache. Onice. Coral negro.	A con lio. Amat auto. 1 hedía. Acebo. Musgo. Rosado Nawdad, Alamó.	Perro. Lechuza. Serpiente.
<input type="checkbox"/>	I'A	Lslano.	Purpura violeta	Amatista, Esmeralda, Zafiro oscuro. Turquesa.	Geranio, Clavo. Mejoiana. 1 lisopo. Cíaseles. Ja/mineN	Aguila. Pavo real. Cieiw. Alondra. Pe, diz
<input type="checkbox"/>	SOI.	Hierro. Antimoni o. Imán.	Rojo-sangre.	Rubi. Granate, Sanguina, Coralina.	Acíbar. Anemona. Gieul. Peonias. Dalias. Retama, Remumeulo. Agracejo. Fucsia. Lúpulo. Ruibarbo. Tabaco.	Caballo, "Imie. Gallo. Hume. Pico Verde.
<input type="checkbox"/>	DO	Oro.	Amarillo y Naranja	Ambar, crisolita. Topacio.	Girasol. Heholropo. Centaura. Marav illa. Muérdago. A/alran. Limonero. Manganilla.	Leon. Macho Cabrio. Morueco. Canario.
<input type="checkbox"/>	RE.	Cobre.	A/ul v Rosa.	Berilo o Agua Marina. Zafiro claro. Coral rosa Lapisla/ul	Muguete. Narciso. Rosas. A/ucena. VenngLiilla. Jazmín. A tan asi a. Margarita silvestre. Saúco. Jacinto.	Gorrion. Paloma. 1 oreá. Ruiseñor, lorióla.
<input type="checkbox"/>	SI	Mercuno.	A/ur, A/ul suave.	Marcasita, ojo de gato. Agata. Jaspe y Piedras de colores	Espliego. Menta. Verbena. Valeriana. Melisa. Enredadera. Camedrio. Helenio, Anís. Margaritas.	Urraca. Pardiillo. Golondrina, Mariposa, Zorro.
<input type="checkbox"/>	MI	Plata.	Gris A/ul y Blanco	Diamante. Perlas. Cristal. Selenita o Labrador.	Malvas, Nenufar, Adormidera. Amapola. Miosota, Trébol. Saxífraga. Don Diego de Noche.	Galo. Pigargo. Murcielado. Mariposa de la

Fig. XXIX

fuerzas zodiacales y planetarias, aparecidos en los capítulos precedentes bastarán para hacer comprender que la Astrología no sólo es verdaderamente la llave universal de la Magia, de la Alquimia, de las ciencias adivinatorias y de todas las ciencias misteriosas del Pasado, sino que además constituye la base de esta síntesis de las ciencias tan buscada en el mundo profano, y a la cual han llegado ya todos aquellos que han sabido manejar este precioso instrumento.

Si nuestros lectores, después de haber estudiado estas páginas, reafirman nuestro libro tomando la decisión de profundizar en la Astrología dirigiéndose a los autores especialistas y de buscar sus diversas aplicaciones, nuestra meta se verá realizada y seremos ampliamente gratificados por nuestros esfuerzos.

FIN

APÉNDICES

I

PARADOJAS ASTROLÓGICAS DE STRINDBERG

LAS ESTRELLAS FIJAS

Las estrellas fijas no son cuerpos luminosos.

Prueba: mirad un planeta con una lente se verá aumentado.

Mirad una estrella con la lente más gruesa; se verá empequeñecida.

Los astrónomos dicen: las estrellas se empequeñecen porque están situadas a una distancia infinita.

Respuesta: 1o Los objetos que se encuentran a una distancia infinita deben ser invisibles.

2o Los objetos visibles a simple vista como las estrellas deben aumentar si se miran con lentes aumentadoras.

Pregunta: ¿Cuáles son las fuentes de luz que tienen la cualidad de empequeñecer cuando se miran con lentes de aumento?.

Un haz luminoso que he hecho proyectar por un agujero de un diafragma se animaba, mirando con una lente.

Las estrellas podrían ser pues la luz primitiva emitida por los estomas (poros) en el cielo cristalino. Pues en el observatorio de París, se fotografía con un objetivo de 33 centímetros y una distancia focal de 3 metros 43 centímetros.

¿Entonces qué se fotografía? Haces luminosos que pasando por una lente biconvexa, toman forma de puntos redondos.

Es que las lentes poseen la facultad de recoger los rayos de toda fuente luminosa y formar imágenes redondas.

Mirad la Luna creciente con una lupa y la forma pequeña de hoz se presenta como una redonda.

Mire una noche desde fuera, la lámpara encendida en una ventana, y la lupa transforma la llama triangular en una redonda.

Si se observan las constelaciones, se vera que se repiten en proyecciones inversas y siempre aminoradas, lo que indica su virtual naturaleza.

La Osa Mayor, invertida y aminorada es la Osa Menor, la Osa Menor se refleja en la cúpula cóncava y proyecta las pléyades, etc.

EL HORIZONTE Y EL OJO

Mirando la bóveda azul del cielo, se descubre una cúpula de la que el espectador es el centro (aproximadamente).

El cielo cubierto de nubes hace más manifiesta la cúpula y uno se lleva su cúpula a donde quiera que vaya.

Cada uno sabe bien que no es una cúpula, y que las nubes del horizonte flotan a la misma altura que las nubes del cenit.

Pues, en el mar, observando el círculo del agua, se dice sin vacilación: he aquí la forma redonda de la Tierra. Mientras tanto surge una niebla y se posa alrededor del barco. El círculo quedó sin embargo, limitado, y nadie dice nada más que es la redondez de la Tierra con un radio de 50 metros.

Dentro de una selva plantada en líneas rectas o en disposición de tresbolillo y girando a su

alrededor, el espectador observa los árboles ordenados en círculo, sin que se deje llevar por la ciencia de que es la redondez de la Tierra.

En un llano, el observador verá agruparse en círculo desde algún ángulo real, a los pueblos, a los montes bajos y a los campos.

El horizonte redondo no es más que una ilusión formada por esos factores:

El espectador, girando sobre sí mismo describe un círculo del cual él es el centro, y de donde el radio está formado por la distancia de la visión distinta, cuando el ojo está preparado para una distancia conveniente.

El horizonte redondo del mar no es más que una ilusión.

Prueba: Tome dos reglas paralelas (de las que se sirven los marinos para puntear el mapa). Apunte a la circunferencia del horizonte del mar, de manera que 90 grados del arco estén encuadrados entre las dos líneas paralelas de las dos reglas, y verá como el arco ya no es una línea curva sino una línea recta paralela a las dos líneas rectas de las reglas:

Además: En un puerto de mar, hay escollera rectilínea. Aléjese de ella hasta la distancia donde coincida el horizonte con la escollera, y verá como el arco forma una línea recta paralela a la escollera.

Así pues el horizonte no es circular. ¿Y la Tierra entonces?.

Junio 1897

Anguste Strindberg.

LA TIERRA, SU FORMA. SUS MOVIMIENTOS

Existe una fórmula para la esferidad de la Tierra, $R: 3570/h$. Los 3570 metros serían la extensión de la visión contada desde un metro de altura, y la H.. la altura del ojo por encima de la superficie del mar.

Esta fórmula es falsa.

Prueba 1a: A la orilla del mar, hay una boya anclada a una distancia de 1000 metros de la costa. La boya sobresale 1 metro por encima del agua. Calmado y tranquilo me tiro y nado manteniendo el ojo en la superficie del agua. La boya, según la fórmula, estará a una distancia de 3570 metros, siendo la altura del ojo H. igual a 0. Pero eso no es nada, la boya queda visible, solo un poco

corroída por la refracción en las capas inferiores de la atmósfera, naturales de vapor de agua.

Prueba 2a: En el báltico, donde no existen mareas, la superficie del cielo, cuando el mar está congelado, debe ofrecer una planicie bien unida e igual. En el mar helado yo he hecho cortes con pértigas graduadas y he verificado que el solideo del agua no existe, lo que está en contradicción con la fórmula dada para las superficies de los líquidos: $a + b = 5 m \sqrt{g_2 + g_1}$ o con la del Young

$$\frac{A}{2} \sqrt{g_1}$$

sobre la tensión de las superficies de los líquidos convexos:

$$Y = \frac{Y_1}{2} \left(\frac{1}{R} - \frac{1}{R} \right)$$

En los libros de instrucción primaria, hay una prueba para la existencia del solideo del mar. Es como un navío que cerca de la costa muestra primeramente los juanetes, después los cofos, las velas mayores. Esto es absolutamente falso porque la distancia de un barco que esconde hasta las cofas bajo el solideo es muy grande para que los mástiles puedan ser percibidos.

Según mis observaciones tomadas durante veinticinco años, un navío que se aleja de la costa, aminora, y, cuando va a desaparecer por el horizonte, parece como un navío microscópico guardando entera su forma.

Pues, a menudo, cuando hace viento, observando a simple vista un barco a vapor que se aleja de la costa, desaparece la cáscara. Uno coje una lente y la carcasa se vuelve visible, porque el color oscuro del navío se borra con el fondo oscuro de las olas.

Las únicas veces que he observado levantarse las cofas por encima del horizonte, ha sido cuando la diferencia de temperatura entre las capas inferiores y superiores de la atmósfera provocan el fenómeno conocido con el nombre de espejismos, en los que se produce un enorme aumento.

Se dice que la Tierra es una esfera porque en el eclipse de Luna, la sombra de nuestro planeta se ha proyectado en un círculo, admitido. Pero un disco, un cilindro, una lente, un cono, un huevo pueden proyectar sombras circulares. Además un polígono en rotación alrededor de su eje proyecta una sombra circular.

La prueba no es suficiente.

Magallanes ha realizado el circuito de una superficie y la brújula siempre indicará la ruta guardando el equilibrio, lo que no tendría lugar si la Tierra fuese una bola.

La prueba más científica es el péndulo.

Miremos las cifras que indican la longitud del péndulo, eliminando los decimales que no dicen nada:

LONGITUD DEL PÉNDULO

En el ecuador = $0^\circ = 9,9$ centímetros

Paris = $48^\circ = 9.9$

Koenigsberg = $54^\circ = 9,9$ "

Spitzbergen = $79^\circ = 9.9$

La longitud es por todas partes la misma, lo que no prueba ni a favor ni en contra.

Remarcando las múltiples correcciones a las pruebas del péndulo, se ratificará lo justo en la eliminación de los decimales después de la primera.

LAS CORRECCIONES

Cambios de temperatura.

Variación de la longitud del arco de oscilación.

Resistencia del aire según la densidad.

La manera de suspender el péndulo.

La altura por encima del nivel del mar.

¡El nivel del mar!. El nivel de una superficie curva que cambia según los mares, los vientos, las corrientes, de manera que se ha observado una diferencia de 300 metros entre Santa Elena y América del Sur.

Y los sabios han suprimido la corrección capital: ¡la fuerza centrífuga!.

Problemas de importancia.- Se pide las fórmulas para la longitud, la amplitud y la duración de la oscilación de un péndulo suspendido sobre una esfera, del tamaño de la Tierra, que se mueve alrededor de sí mismo y recorre en el mismo tiempo el éter (densidad desconocida, pongamos: cero) con una velocidad de 30 kilómetros por segundo.

Experiencia: Se suspende un péndulo sobre una bala de cañón**(1)**.

Finalmente y para la escuela de marina se cita una fábula sobre la prueba del reloj:

Se defiende que el Sol se levanta en tiempos diferentes según la longitud, y que el año cuenta con 365 auroras y ocasos de Sol.

Primeramente el año del polo no cuenta más que con un día y una noche. El día empieza el 21 (?) de Marzo y acaba el 21 (?) de Septiembre. La noche, pues, dura del 21 de Septiembre hasta el 21 de Marzo. Pues la cronología, la esfera del reloj, el cronómetro y el almanaque, resultan como unos inventos demasiado convencionales y simples para aclarar un hecho tan complejo.

Veinticinco horas, es decir: tanto y tanto de oscilaciones de un péndulo, no tiene nada que ver con el orto y el ocaso del Sol. Y un año del polo norte no coincide con un año del ecuador.

Así, por otra parte el Sol nace en Stresbourg, a las 6, se ve en Paris a las seis y veintidós minutos pero eso no constituye una prueba, porque, en los países alpinos, el Sol se ve desde la misma altura, según la altitud de la montaña alpina vecina que forma el horizonte accidentado.

Entonces no sólo es la longitud quien decide la hora, puesto que en el polo...

1. La velocidad de la Tierra en su órbita es sesenta veces mayor que la de una bala de cañón. ¡De ahí la posibilidad de la experiencia probada!

Alguien ha preguntado si era verdad que era de noche en América cuando era de día en Europa, y como se podía estar seguro.

La pregunta no es tan absurda como parece, pues el control por un gasto telegráfico no muestra cuanto tiempo ha empleado la corriente eléctrica para el trayecto, y que el círculo vicioso, el reloj según el Sol y el Sol según el reloj, se presenta siempre.

La pérdida de veinticuatro horas alrededor del mundo por el oeste no prueba que la Tierra sea una

esfera: visto que una rotación propia del firmamento produciría el mismo fenómeno.

Ni tampoco que se viaje de París a Japón por el este porque se puede llegar a Cap partiendo de Marsella, lo mismo si se toma Gibraltar por el oeste o Suez por el este.

Debe existir una razón por la que no se puede navegar con la brújula en la niebla, el barco va haciendo círculos todo el tiempo, mientras que la aguja intenta girar hacia el norte.

Perdido en una selva el cazador inexperimentado hace círculos también, como la liebre.

Si la Tierra es una esfera, qué curva inmensa para los raíles del ferrocarril, entre París y Berlín por ejemplo, sin que los ingenieros lo hayan considerado. Una curva formada de líneas rectas (los raíles).

Si la Tierra es una esfera debe ser imposible conducir el agua del lago Léman a París en un acueducto construido según el nivel de burbuja de aire y en línea recta, ya que la rotación de la Tierra debe crear una contracorriente.

Si la Tierra es una esfera en rotación, debería reinar un solo viento constante, corriendo de oeste a este.

Y los artilleros deberían calcular el alcance de su bala con dirección este-oeste, de manera que los cañones alemanes tendrían una extensión de tiro menor que los cañones franceses, coeteris paribus.

Si la Tierra es una esfera en rotación, el Danubio no podría llegar nunca al mar Negro etc. etc..

Para la gran Exposición de 1900, se quiso hacer figurar y probar la posibilidad de la rotación de la Tierra sin que ello alterase a los habitantes, fabricando así un globo enorme que gira alrededor de su eje. Pero para probar lo que se desea, hacia falta lanzar también esta esfera a una velocidad de 30 Kilómetros por segundo y observar si los objetos depositados en la superficie guardaban su lugar.

¿Es preciso discutir con una ciencia que trabaja con el material de las escuelas primarias y comunales?.

El sistema cosmogónico imperante es tan fácil de explicar! dicen los astrónomos populares. Se dibujo a un alumno de la escuela con una honda en la mano. La cuerda es la fuerza centrípeta, y la piedra es la fuerza centrífuga.

Eso es todo. Las dos fuerzas se compensan y la piedra describe su órbita, que no siempre crea una elipse, sino una infinidad de círculos mutilados, desnaturalizados, excéntricos, concéntricos, espirales, hélices, etc..

Ahora no existe la cuerda (fuerza centrípeta constante) entre el Sol y la Tierra. Además no hay un escolar, en el Sol que constituya el motor con su mano.

Es el motor lo que nos falta en el sistema ateo actual; es la honda sin niño ni cuerda!. Admitido que la fuerza motriz fue una velocidad inicial de la Tierra lanzada en el espacio por una erupción del Sol, En este caso, la Tierra volvería a caer sobre el Sol después de haber descrito una parábola (o hipérbola) como la bala de cañón.

Dos muestras de la cosmografía actual, enseñada en la universidad.

"La Tierra por entero no es más que un simple punto situado en el centro de la esfera celeste".

"El paralaje de cualquier estrella es nulo".

Mientras tanto si yo viajo en este punto, llamado Tierra, tendré en el ecuador la estrella polar al horizonte, y llegando al polo norte, la estrella polar se encontrará en el cenit, por encima de mi cabeza. Este desplazamiento ha servido como prueba para la esfericidad de la Tierra; pero la Tierra, no siendo "más que un simple punto" no podría dar lugar a un "paralelaje" como el citado.

Un ejemplo para aclarar el problema.

Yo me quedo debajo de la torre Eiffel y su luz está en el Zenit. Me alejo y la luz baja y llega a Vinans, por ejemplo, la luz se encuentra en el horizonte, sin que el casquete de la Tierra cuente para ello.

Parece pues que me acerque a la estrella polar yendo hacia el polo norte y que me alejo de ella, yendo hacia el ecuador.

Lo parece puesto que no es seguro, ya que todo el mundo parece ilusorio. Las refutaciones científicas a las leyes de Kepler y de Newton están mejor expuestas por P. E. P. Délestre, *Explorati3n du Ciel 'Théocentrique*

(Exploraci3n del cielo teocéntrico), Delhonne et Briguet. París y Lyon. Dedicado a "Mis compañeros de la escuela politécnic".

Qué forma y que movimientos posee la Tierra?.

Seamos modestos una sola vez y reconozcamos que lo ignoramos, y que todos los sistemas no son mas que métodos defectuosos y vanos para explicar lo inexplicable. Acordémonos de que los antiguos asirios y egipcios explicaban el mundo tan bien como nosotros suponiendo el firmamento móvil, que habían ordenado en el calendario, sabían predecir los eclipses; que Crist3bal Col3n descubri3 América antes de las leyes establecidas por Kepler.

Y extendamos la modestia hasta llegar a reconocer que la cosmografía actual es completamente insostenible.

Auguste STRINDBERG.

UNA MIRADA HACIA EL CIELO Y LOS 27 GRADOS

Era el día de Pascua, y el lindo retoño florecía en el parque de Stresholm, el lindo retoño que lleva la flor de la lila e imita su olor sin serlo, íbamos a ver bailar el Sol, como decía la leyenda en este día de resurrecci3n. Levantando los ojos para mirar al astro del día, s3lo descubri3 una claridad brillante de fuego blanco, y renunci3 al espectáculo peligroso, acordándome del consejo de mi madre, que me había prevenido de que el Sol podía cegar.

Muchas Pascuas han pasado desde entonces, y lleg3 el momento en que me acord3 de mirar al Sol para descubrir sus manchas.

Se encontraba en el ecuador del cielo, por tanto eso fue hacia el equinoccio de primavera. Levantando los ojos hacia el Sol, observ3 primero una inmensa claridad, una nube de fuego que se condensaba a medida que se concentraba para formar un disco amarillo oro circulando alrededor de otro círculo que tanto era blanco como negro de hierro.

Entonces se me ocurri3 la idea: el Sol es redondo, porque nosotros lo vemos redondo? Y qué es la luz. algo fuera de m o s3lo unas percepciones subjetivas?.

La luz que es una fuerza y no una materia, c3mo puede ser visible si las otras fuerzas no lo son? Es el Sol la luz omnipresente, primitiva, informe, que mi ojo defectuoso s3lo puede captar como la pequeña mancha amarilla en el fondo del 3rgano visual, únicamente sensible a los rayos brillantes?.

Y más aun, qué es la luz cuando la oscuridad no es su antítesis?. Enci3rrese en una habitaci3n

oscura, cúbrase los ojos con las manos, presione los globos y vera que la luz existe en las tinieblas.

Justamente esta experiencia verificada y anotada, la he repetido cantidad de veces.

Pues, cerrando los ojos con los cóndilos de los pulgares, veo un caos de luz, de estrellas, de chispas que se unen y se condensan en un disco deslumbrante que gira dentro de otro, perfectamente como el Sol. Pero esto no es todo. El disco se pone a lanzar haces de luz roja, remolinando de derecha a izquierda y a la inversa, imitando las fáculas del Sol, pero también se parecen a una mancha de Sol en remolino o a las nebulosas espirales de Virgo o del Perro de caza.

Con el máximo dolor provocado por la presión, el Sol desaparece y un astro brillante de luz blanca hace aparición.

Cesando de apretar, la claridad desaparece y se produce un juego de colores. Al centro, un hoyo negro otro púrpura de la Escabiosa, rodeado de un amarillo suave como el Azufre, presentando el dibujo característico de una mancha de Sol. Es pues, el interior de su ojo lo que el astrónomo dibuja con palabras e imágenes, y ¿serían éstos los lentes del tubo y del aparato que fotografía reproduciendo en la placa la figura del Sol?.

Pero, respondí, ilas fáculas, las manchas, las protuberancias están fotografiadas!. Y me detuve ahí por un momento.

Mientras tanto cayó a mis manos una oftalmoscopia con planchas coloreadas y confieso que me aturdí mirando estas figuras de la retina, imitando las nubes, el Sol, los círculos concéntricos, las estrellas, la vía láctea, todos los fenómenos de la bóveda celeste.

¿Dónde empieza el yo y dónde el no-yo? ¿El ojo adaptado al Sol o el ojo creando este fenómeno llamado Sol?.

Magister dixit: Schopenhauer dijo: El mundo entero con la inmensidad del espacio en el cual todo está contenido, y la inmensidad del tiempo en el cual todo se mueve, con la maravillosa variedad de las cosas que llenan uno y otro, sólo son fenómenos cerebrales.

El Sol dibuja una órbita circular, pero imaginaria en la bóveda imaginaria del firmamento que no está cerrada. Esta órbita describe un ángulo de 23° hacia el ecuador del cielo.

El ojo. formado por una esfera, posee una mancha redonda y amarilla, como el Sol, sólo sensible a

la luz y situada a 23° por encima del punto donde el nervio visual es insensible.

¡El hombre, poniéndose de rodillas y mirando el Sol en plena cara, se ha vuelto ciego hasta el punctum cecum, y que el Sol, la luz omnipresente, ha creado un nuevo hogar!.

¿O la Tierra, cambiando la posición de su eje, ha forzado al hombre a corregir los 23 grados?.

Quien lo sabe lo dice y al mismo tiempo que explica porque el corazón acusa igualmente una inclinación de 23 grados.

POR QUÉ EL HIERRO SIEMPRE INDICA EL NORTE

Todos los cuerpos bajo la influencia de una corriente galvánica, son magnéticos, sea paramagnéticos, sea diamagnéticos. Pero los paramagnéticos se sitúan en la dirección axial según el máximo de densidad.

La densidad entra pues como factor en el potencial magnético, y la dirección de la aguja imantada debe ser determinada por la densidad del hierro.

Nada ha probado que la Tierra es un imán ni tampoco que su masa consiste en hierro, considerando que los volcanes no vomitan jamás hierro fundido.

Preguntándome todavía por que el hierro, fuera de una influencia magnética, se sitúa en dirección norte, la densidad media del hierro evaluada de 5 a 6, se asociaba a la densidad calculada de la Tierra, evaluada de 5 a 6, de manera que yo formulaba así la respuesta: teniendo el hierro la densidad de la Tierra, suspendido en una posición libre, tiende a situarse en la dirección del eje a fin de buscar el equilibrio.

Para el control recorro a la experiencia.

Ejemplo 1.- Una aguja de zinc suspendida por un hilo de seda se localiza al este 53 grados.

Ejemplo 2- Una aguja de cobre bajo las mismas condiciones se dirige al este 69 grados.

Pues, la densidad del zinc, 6.8. es a la densidad del cobre 8.27, como la declinación del zinc, 53 grados, es a la declinación del cobre 69 grados.

Había pues una relación bien definida entre la dirección de los metales y su densidad.

Ejemplo 3.- Suspendí una aguja de cristal de densidad 3. Se situó 23 grados al este. Lo que está

conforme a la ecuación:

$$6,8:3=53^\circ: X^\circ$$

$$X=23,35$$

Ejemplo 4.- Extraje una aguja del tapón de una botella, sin conocer la composición de esta aleación de estaño y plomo.

La aguja tomó la posición 67 grados al este.

Evalué la densidad de la aguja de 8,5, lo que corresponde a una desviación de 67 grados.

Pues la aleación más común de estos tapones de botella es la de 1 del estaño, 1 del plomo, lo que da una media de 8,5.

Ejemplo 5.- Una aguja de cobre fue suspendida por encima de una rosa de los vientos bien graduado.

Cuatro velas de la misma altura y calibre fueron encendidas en los cuatro puntos cardinales.

La aguja tomó la posición este-oeste.

Apagué la vela del este: la aguja se desplazó 10 grados al este del norte.

La vela sur se apagó también; la aguja descendió con la punta norte justo 45 grados al sur del este.

Apagando también la vela oeste, de manera que la vela del norte era la única encendida, la aguja descendió todavía más con la punta norte y la puso en el sur justo la situación inversa de la original.

Encendiendo sólo la vela norte, la aguja se desplazó 10 grados este al oeste del norte.

Encendidas las velas norte y sur, la aguja ocupó la dirección norte-sur sin desviación.

Un vaso lleno de nieve repelió la aguja.

Un clavo calentado sin estar incandescente atrajo la aguja.

Pues, el polo frío y el polo magnético de la Tierra se encuentran casi a la misma latitud y longitud.

¿Hay una correspondencia entre temperatura y magnetismo?

Probablemente, puesto que la unidad de las fuerzas está recorrida.

La aguja de hierro imantada busca el frío, el magnetismo, el equilibrio.

Mirar la aguja de inclinación que se sitúa horizontalmente en el ecuador, como comienza a inclinarse cuando se la desplaza al norte, se inclina 65 grados hacia París y 90 grados hacia el polo magnético al norte de América.

Auguste, STRINDBERG.

NOTAS CIENTÍFICAS Y FILOSÓFICAS

III

EL ANÁLISIS ESPECTRAL

El análisis espectral, un fenómeno de indiferencia y reflexión. La línea D del espectro solar puede indicar la presencia de dos fuentes de Luz.

Newton, autor de la teoría de emisión no vio nunca las líneas de Fraunhofer, porque hizo pasar los rayos luminosos por agujero, no por una grieta.

La grieta del colimador parece constituir la parte capital del espectroscopio, lo que se confirma por la experiencia siguiente:

Levanto el prisma del espectroscopio, pongo mi ojo delante de la grieta del colimador. Todas las líneas de Fraunhofer se dejan ver, e incluso he intentado fotografiarlas, lo que es difícil cuando su proyección sólo se produce a una mínima distancia.

La aparición de los rayos negros no es otra cosa que un fenómeno de interferencia, franjas de interferencias refractadas por el prisma.

Ponga al rojo la llama de Bunsen por el sodio y verá la raya D en amarillo. Encienda detrás de esta llama una lámpara de Drummond y la raya amarilla cambiará a negro. ¡Fenómeno de interferencia!

Pues, dirija los rayos del Sol al aparato sin cerrar demasiado el colimador y tendrá el espectro continuo sin rayas. Apriete los tornillos al colimador y verá las rayas de Fraunhofer. Fenómeno de interferencia.

Fraunhofer comenzó por ver ocho rayos; después vio seiscientos, y en nuestros días, se han visto cien mil y más. Al fin y al cabo un enorme aumento, son innumerables, no obstante son contadas y numeradas.

¿Cómo explicar el color negro de las rayas del Sol?. Por la constitución fisiológica del ojo, o por la presencia de un Sol ultra-estelar, o por...

Un Sol detrás del nuestro, a la manera de la lámpara de Drummond detrás de la llama de alcohol, no es una idea de ayer, puesto que los fenómenos del eclipse habrían conducido a pensar desde hace mucho tiempo que era una especie de luz distinta al Sol.

"Según la descripción minuciosa de M. T. Arago ha dado sobre ello, la corona de 1842 se componía de una primera zona circular contigua al borde de la Luna, con una anchura de casi 3, y de una segunda zona menos viva, superpuesta a la primera y con un ancho de casi 5,45". "Eso si, como Arago se inclinaba a creer, la corona circunsolar es una luz diferente a nuestro Sol..."

P. F. D. DELESTRE.

Antiguo alumno de la Escuela Politécnica,

Director de las Manufacturas del Estado.

La primera vez que maneje un espectroscopio había olvidado de cerrar el objetivo. Me asombré al ver la llama de Busen por la grieta que caía justamente sobre la amarilla del espectro. Atornillando la grieta desapareció uniéndose al amarillo.

Coloreo la llama con cloruro de sodio y la raya amarilla apareció.

Pero eso sólo es un ensayo sencillo me digo. El sodio colorea en amarillo y la raya amarilla esta allí. El indio colorea en azul y la raya azul se presenta azul.

Por que el cloro de sal marina no toma parte en la coloración, esto era un enigma.

Pues la raya D tiene un papel de aguafiestas en el análisis espectral, ya que se revela a contratiempo y casi siempre. Se ha querido explicar esta anomalía por la omnipresencia del sodio, derivado del agua del mar evaporada sacando la sal marina, lo que es falso, cuando todo el mundo sabe que se evapora de ella expresamente los fluidos con el fin de dejar las materias sólidas como residuo.

Por otra parte, en el análisis microscópico no se encuentra la sal marina, pero si el sílice y el almidón como residuos.

Y la corteza terrestre compuesta para la mayoría de sílice de aluminio y de sal, produce un polvo exento de sal marina.

A despecho de estos hechos incontestables, Roscoe defiende que es el sodio omnipresente el que evoca la raya amarilla si se calienta un hilo de platino en la llama incolora. Voyle atribuye el mismo efecto al polvo de un libro; Bunsen y Kirchhoff asegura que 1 gramo de sodio bastan para dar una reacción distinta. ————— 3.000.000

Lo cual es falso.

La operación no se pasa tan regularmente pero cada vez que toco la llama con un cuerpo enfriado, la raya amarilla se presenta y la razón es la combustión incompleta que hace de depósito de carbón incandescente.

Acordémonos de una analogía. La llama del hidrógeno, enfriada por un cuerpo cualquiera produce el espectro de Azufre. Pues lo que se llama gas de hidrógeno es un hidrocarburo $C_n X_n$ que por enfriamiento se reduce en $CH_4 =$ metano, el cual se oxida a $CH_4 =$ azufre.

En 1879, Loe Kyers comunicó a la Academia de las Ciencias de Paris esta observación: que el fósforo calentado en tubo sellado con cobre da el espectro CH_3O . produce al cobre, de manera que queda 3 H, guardando la disposición de retirar estos impedimentos después de la operación.

Igualmente se observa que el fósforo produce el espectro del hidrógeno en el polo negativo.

Vigilando un buen fuego de madera encendido en la chimenea esperé para ver los espectros del carbón, los carburos hidrogenados del óxido de carbono, del cianógeno. del nitrógeno y sobre todo del potasio. Pero sólo obtenía la raya amarilla del sodio.

Atornillando el colimador para abrirlo la raya amarilla se alargó y finalmente veo brillar las llamas amarillas del fuego en la grieta entreabierta.

¡He aquí la raya D! y Juzguemos por ahí la nulidad de todo el análisis espectral. Amén.

IV

EL CIELO Y EL OJO

Un espejo estaba en una mesa, y la Luna se reflejaba en él como una imagen redonda amarilla lo que me pareció extraño en aquel momento.

Considerando que una superficie plana refleja una luz enorme como la Luna expuesta desde todos sus puntos, es preciso que la imagen redonda deba su forma al aparato visual.

Con el fin de elucidar esta cuestión y curioso de saber como se presentaría el mundo, sin mi ojo engañoso, procedí a las experiencias siguientes:

Exp. 1.- Una placa Lumière, en una caja negra, sin objetivo, sumergida en el revelador, fue expuesta a la Luna durante cuarenta y cinco minutos.

Levanté la placa, la expuse a la luz difusa y fijé. El resultado: una nube oscura en medio del cliché con un retículo claro alveolado.

Algún tiempo después, era primavera, me paseaba por una torrentera cuyo lado oriental estaba ocupado todavía por un montón de nieve expuesto a los rayos del ocaso. La superficie de la nieve fundiéndose presentaba las mismas improntas alveoladas que las trazadas en mi placa fotográfica por la Luna.

Durante un viaje a través de la Bohème, al deshielo de las nieves, observé que la nieve guardaba la impronta de estos mismos alvéolos, huecos, redondos, o hexágonos deteriorados.

Expuse el espejo a los rayos de la Luna llena, la amalgama encima del espejo me devolvió el retículo alveoleado que aún quedo.

Exp. 2.- Expuse una placa Lumière sin aparato, sin lente, al ocaso, tres segundos, y la imagen recibida no se parecía en nada a la de la Luna; toda la placa estaba cubierta de pequeñas llamas.

Exp. 3.- Expuse una placa Lumière sola, sin aparato y sin objetivo, al firmamento estrellado dirigida a Orión. El cliché mostró una superficie unida con innumerables puntos claros, pero de tamaños diferentes.

Reflexiones: ¿Por qué el Sol y la Luna no se presentan en la placa tal y como se dejan ver en el espejo, bajo formas distintas y limitadas?. Debe ser el ojo y su construcción las que deciden, la formación de esos discos brillantes.

El Sol y la Luna ¿son redondos?.

Con el fin de saber dónde estaba, envié las pruebas sobre papel a la Sociedad Astronómica de Francia acompañadas de una memoria que está en los archivos, esperando todavía la respuesta.

V

SOBRE LA FOTOGRAFÍA DIRECTA EN COLORES

En 1892, exponiendo un soporte con un imán delante de un aparato fotográfico ordinario, recibí en el revelador el color amarillo de la madera del soporte y el color rojo del minio del imán.

El revelador estaba compuesto por iconógeno, que es un derivado de hulla emparentado con los colores de anilina.

Los colores desaparecieron en el fijador como de costumbre.

Mis ideas fueron llevadas a las placas de eosina de Vogel. que son isocromáticas, y pensé que estas placas constituían la base de una fotografía en colores, puesto que la anilina tiene la propiedad de tomar todos los colores.

Continuando en mi razonamiento, me dije: si saco el objetivo de la caja negra, el efecto de los rayos deben ser más eficaces si son librados de atravesar un medio como el cristal.

Saqué el objetivo y lo reemplacé por un diafragma agujereado por una aguja.

El resultado, la fotografía obtenida, representaba a un hombre posado en una ventana y un paisaje debajo. La figura del hombre se moldeaba como una imagen vista al estereoscopio; el paisaje se dibujaba tan vigoroso como la figura; lo que más valía; el hábito blanco con rayas azules, había salido de manera que el blanco era claro y el azul oscuro. Así pues isocromatismo completo.

Después me dije: una placa de plata pulida expuesta a los vapores de yodo muestra los colores del espectro según la intensidad del ataque del yodo. Pues exponiendo una placa de plata en la caja negra, sin objetivo, y desarrollando unos vapores de yodo bajo cierto tiempo de exposición, el efecto producido in statu nascente debe conducir al principio. El resultado, fue impreciso, por causa de un mal aparato. Al contrario, una placa Lumière expuesta sin objetivo me dio un paisaje con los colores complementarios, de manera que los árboles eran rojo vino, etc..

Experiencias para hacer:

1.- Exponer una placa de plata en una caja sin objetivo, solamente con el diafragma abierto, la placa sumergida en un vaso de cristal aportado por los espectros de absorción, y lleno de agua de cloro.

2o.- Lo mismo con el desarrollo del cloro en forma de gas.

3o.- Una placa de acero pulido, que, con el calor toma colores distintos del espectro a causa de la oxidación, será expuesta en un líquido oxidante y en una cámara con el diafragma abierto.

4o.- Invertir las experiencias y exponer una placa o un papel clorurado, yoduratos y en una solución de una sal de plata para obtener el efecto in statu nascente.

VI

LA DISTANCIA DEL SOL A LA TIERRA

La Física nos enseña que los rayos del Sol son paralelos y que un espejo cóncavo debe reflejar estos rayos de manera que coinciden en un foco, situado en el centro del espejo.

Experiencia.- He expuesto un espejo cóncavo a los rayos del Sol, y a manera de pantalla he puesto algodón nítrico muy delgado, que se enciende en un fuego situado entre el vértice del espejo y el medio del radio.

Esto prueba que el Sol no se encuentra allí donde pretende la física.

Esto prueba que el mismo Sol es una imagen virtual ¿de qué? algunos dicen de la luz omnipresente, reflejada por la esfera celeste.

Para leer: Delestre, Exploration du ciel Théocentrique (exploración del cielo teocentrico); Alcide Norin, Treize Nuits (cité du Papus), trece noches (citado por Papus): Dober, Ein neues Wetall, Leipzig. 1892.

Auguste STRINDBERG.

LA SÍNTESIS DEL ORO

Nuestro eminente redactor Auguste Strindberg, que añade a su gran talento de escritos una ciencia prodigiosa, acaba de realizar la síntesis del oro. partiendo del hierro. Auguste Strindberg menosprecia absolutamente la riqueza, y no ha guardado en secreto ninguno de sus procedimientos, también nos ha dado inmediatamente sus recetas que vienen a confirmar todas las afirmaciones del alquimista. Perseguimos las experiencias de control que dan todos unos resultados a probar. Esperando decir mucho más. he aquí la primera carta que nos ha dirigido Strindberg a este tema.

"Querido Doctor.

He aquí lo que me preocupa y lo que vale como excusa de mi invisibilidad.

Hago oro. y he aquí las muestras.

Punto de partida:

El sulfato de hierro precipita el oro metálico de esas soluciones.

Precipitar (para mí) quiere decir: reconstruir un cuerpo descompuesto.

El hierro es pues como un ingrediente en el oro.

Las pruebas:

Todas las espadas de oro son ferruginosas.

Antes del descubrimiento de las minas americanas y australianas todo el oro ha sido extraído de sulfuros de hierro (piritas).

En todas partes, en las rocas ígneas donde se encuentra el oro, los sulfatos de hierro están por alrededor".

Auguste STRINDBERG

II

LA ASTROLOGÍA Y EL CALENDARIO.

REFORMA DEFINITIVA DEL CALENDARIO

El calendario es el amigo de la casa, nuestro guía en los senderos de la existencia.

Cada uno de nosotros consulta esta guía diariamente, recibe a este amigo en su casa, pero quién de entre nosotros sueña en controlar las indicaciones de este guía: dónde está aquel que se inquieta por los antecedentes del origen, del carácter de este amigo: quién se da cuenta al final

que tenemos en el calendario una guía falaz y mal informada, un amigo fantástico y poco recomendable.

En nuestra despreocupación hemos creído que el calendario registraba fielmente todos los movimientos del Sol, de la Luna y de la Tierra; que la división del año en doce meses respondía a los movimientos de la Luna, que la división del DIA en veinticuatro horas era lógica etc..

Bien ¡No es nada de esto!

Nuestro calendario no registra ni siquiera las rotaciones realizadas por nuestro planeta alrededor de su eje: sólo las vueltas del Sol al meridiano, es decir las vueltas de las horas. No es de nuevo la misma cosa pues, en el tiempo donde se efectúa 365 veces la vuelta de las horas, la Tierra gira 366 veces sobre si misma, una ve: mas.

Hasta aquí, sin embargo, no hay nada que censurar. Nuestro calendario tiene razón. En efecto, no tenemos necesidad de saber cuantas veces gira o no gira sobre si misma o alrededor del Sol, pero si tenemos necesidad de saber a cada instante donde estamos en el transcurso de las estaciones y de las horas, los últimos hechos ponen orden en los asuntos de nuestra vida, todas las costumbres de nuestra existencia.

Si se contasen las revoluciones de la Tierra alrededor del Sol por años siderales de 365 días de duración 6 horas, 9 minutos y 11 segundos, en lugar de contar los retornos de las estaciones, o bien por años tropicales, de una duración media de 365 días, 5 horas, 48 minutos y 45 segundos pronto se vería avanzar las estaciones cada vez más sobre las épocas fijadas, por el calendario y se estaría obligado a reformarlo a cada instante.

Igualmente si se contasen las rotaciones de la Tierra sobre sí misma o por días siderales de 23 horas, 56 minutos, 4 segundos, en lugar de contar las vueltas de las horas o por medias de 24 horas, pronto se vería el Sol nacer y ponerse a unos horas cada vez más a deshora. Pues, como el Sol no se alterará por ponerse de acuerdo con nuestros relojes, sena preciso que arregláramos nuestros relojes para ponernos de acuerdo con el Sol, y deberíamos hacerlo tan sencillamente que no tuvieran casi tiempo para molestarse ellos mismos.

Nuestro calendario tiene menos razón porque hace empezar el año el 1º de Enero. Su error no obstante no es todavía inexcusable.

Al principio de siglo la Tierra se encontraba regularmente durante el 1o de Enero en el punto más cercano al Sol punto al que llamamos perihelio. Ese día podía considerarse como el verdadero principio del año. pues verdaderamente es el aniversario del nacimiento de la Tierra y nuestro globo lo festeja como un hijo abnegado abandonando todos los años las regiones más lejanas para volver al hogar, donde le espera su madre...

Desgraciadamente, la Tierra llega más al perihelio durante el 1º de Enero. Desde 1876 llega en el 3 de Enero. 1932 sólo llega en el 4. y así sucesivamente, cada 56 años, un día más tarde.

Nuestro calendario debería pues decir más bien que el año comienza en el solsticio de invierno, el 21 de Diciembre, pues este punto marca, para nosotros el límite extremo de la oblicuidad de los rayos solares, es decir el final exacto del año tropical o meteorológico y el comienzo de uno nuevo. Se puede objetar que si el solsticio de invierno es, para nosotros, el mejor punto de partida del año, el solsticio de verano será el mejor para los habitantes del hemisferio opuesto al nuestro; pero esta objeción pierde todo su valor cuando se considera que nuestro hemisferio tiene la casi totalidad de Tierra habitable. El hemisferio boreal ha sido, y será siempre, el teatro principal de nuestros destinos y ciertamente, si uno de los dos debe regir al otro -como es éste el caso- es el hemisferio boreal, el más antiguo, quien debe mandar; el austral, el más joven, es quien debe obedecer.

El calendario hace un error menos excusable cuando suprime los días bisextiles de tres meses seculares sobre cuatro.

El año trópico, repitámoslo, dura una media de 365 días, 5 horas, 48 minutos y 45 segundos. Lo que hace 365 días y un cuarto, o casi 675 segundos **(1)**.

Los antiguos que no conocían la duración del año más que por el nombre de sus días, no contaban naturalmente este cuarto incompleto. Su año era demasiado corto y avanzaba cada vez más en las estaciones.

Se apreció en tiempos de Julio Cesar. Bajo el mando de este emperador el calendario fue reformado, y se empezó a contar los cuatro años y un día más cada año para atrapar los ocho cuartos perdidos en el intervalo.

Mas tarde, en 1583, debido a un conocimiento más exacto de la duración del año trópico, se reconoció que el remedio empleado cortaba el avance del calendario, era demasiado grande y que ahora ya era preciso retrasarlo.

Esos 675 segundos sumados cuatro veces más cada día bisextil, hacían que por acumulación, después del comienzo de la era vulgar, un retraso de 12 días. $1582 \text{ años} \times 675 \text{ seg.} = 1.064.686 \text{ seg.}$; $86.400 \text{ seg.} = 12 \text{ días}$.

El calendario se reformó de nuevo. Fue el papa Gregorio VII ayudado por los astrónomos de su tiempo, quien se encargó de ello. El 5 de Octubre de 1582 pasó a ser el 15 en todos los países católicos (se verá más adelante porque el 15 y no el 17) y para prevenir la repetición de una diferencia semejante, se resolvió suprimiendo los días bisextiles de tres años seculares sobre cuatro.

Así, no hubo 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 ni 14 en 1582 en la historia, y los años 1700, 1000, 1900, bisextuales en el calendario Juliano, no lo son ya más en el gregoriano.

Al punto donde hemos llegado en esta historia nos encontramos ante nosotros mismos, escrutando con estupefacción que después de todos los remedios y contrarremedios empleados, el calendario avanza hoy como avanzaba en tiempo de Julio César. La digresión no es la misma, es cierto, pero no es menos real.

Para prevenir un retraso, aumentando a razón de 675 segundos por año, no hacia suprimir un día bisextil todos los $133 \frac{1}{3}$ años -esto es tres en 400 años- pero todos los 128. Se obtiene la cifra $133 \frac{1}{3}$ cuando se toma por base la duración del año trópico tal como era en 1582 -esto es: 365 días. 5 horas, 49 minutos, 12 segundos o 365 días y un cuarto, menos 688 segundos. El cálculo es fácil:

$$86.400 : 675 = 128$$

Hay 86.400 segundos por día

$$86.400 : 648 = 133,33, \text{ etc.}$$

1. "La duración del año trópico depende de las variaciones que se dan en la excentricidad de la órbita Terrestre. Los astrónomos no parecen de acuerdo con esta duración en las diversas épocas de la historia y por consiguiente en la evaluación de su media.

C. Flammarion (Astronomie populaire Pag. 54 = Astronomía popular): dijo que al principio de ese siglo, la duración del año trópico era de 365 días. 5 horas. 48 minutos y 51 segundos. Siguiendo su relación habría disminuido en 4 segundos en el transcurso de este siglo.

El autor del Cours d'Astronomie de L'Ecole Militaire = Curso de Astronomía de la Escuela Militar otorga, al año trópico, en 1800. la duración de 365 días. 5 horas, 48 minutos y 45 segundos. C. Pillo (Leçon d'astronomie = lección de astronomía. 1877) le atribuye una duración actual de parecidos datos, es difícil hacerse una justa idea. Hemos establecido nuestra media sobre unas bases teóricas enteramente independientes de la observación y de unos cálculos astronómicos. Pues, concuerdo con los datos suministrados por la mayoría de los autores. Por lo demás, cuando el error fuera de algunos segundos solo resultaría una digresión sensible del paso de las estaciones en una época remota muy lejana del probable fin de la historia".

El calendario gregoriano estará pues un día avanzado en 11.200 años. Ciertamente no es este error el que nos pondrá en desacuerdo con el paso de las estaciones y que hará necesaria una nueva reforma; pero tampoco hablaríamos de él, si no formase parte de un sistema de errores que falsea todo nuestro calendario y requiere su reforma indispensable.

Este sistema consiste en sustituir la sana noción de la realidad por una serie de sueños metafísicos

nacidos de una consideración imperfecta de números y desprovistos de toda certeza filosófica, de toda garantía científica. Estas concepciones, -dudosas- no son más que vagas aprehensiones, presentimientos oscuros de la ley de creación definitiva de ahora en adelante establecida sobre las bases filosóficas y científicas inquebrantables. Veamos los efectos de este desastroso sistema. Cuando se aborda el examen de la reforma gregoriana la conclusión que se saca a primera vista es que los astrónomos del siglo XVI no conocían las variaciones que tienen lugar en la excentricidad de la órbita terrestre y que no podían por consiguiente calcular la duración media del año trópico - media que debería haber servido de base a su reforma.

Un examen más profundo descubre mientras tanto que habrían preferido en todo caso cualquier otra base adoptada parecía ofrecerles más ventajas parecidas a ningunas otras. ¿Cuáles eran estas ventajas?.

No aparecía mientras no era cuestión de corregir el avance del calendario romano. En efecto, que se toma como base de cálculo un avance anual de 675 segundos o un avance de 648 segundos, la corrección a hacer queda sensiblemente igual. Es de 12 días enteros en el primer caso, de 11 días, 20 horas, 57 minutos, 16 segundos, o sea 12 días menos 3 horas, 12 minutos, 44 segundos en el segundo caso. (El 5 de octubre de 1582 debería haber sido en todo caso el 17 o el 16 de octubre, mejor que el 15. Se le puso 15 porque era más cómodo. Sólo se tenía que poner un 1 delante del 5 y todo quedaba dicho.

El error voluntario que se cometió fue del resto sin ninguna consecuencia).

Las ventajas en cuestión aparecían cuando se trataba de prevenir el retorno del avance corregido. En efecto:

Distinguiendo bajo el nombre de seculares los años designados por las cifras de las centenas y privando de sus días bisextiles a tres de estos años sobre cuatro, reproduciendo "en grande", es decir en una escala de 400 años la mecánica que se utilizaba "en pequeño", o sea en una escala de 4 años, para purgar la cuenta del tiempo, de esta manera el funcionamiento de esta mecánica a gran escala llegaba a ser tan fácil de ajustar y de retener como la de la mecánica a pequeña escala. Las cuadrillas de años purificados venían a poner en orden las cuadrillas de siglos purificados. Era simple, lógico y conforme a la numeración decimal, la única conocida.

Pero ¿sobre qué fundamento se apoya esta distinción de los años en seculares y no seculares?.

Quien prueba, indica o permite suponer que una serie de cien años forma una realidad cualquiera a la cual se pueda dar lógicamente el nombre de "siglo".

¡El lector aturdido cree que bromeamos!.

¡No, nada de eso! La cuestión existe, no puede ser más serio y nosotros desafiamos al que sea capaz de dar la mínima respuesta razonable.

Que se llame año a una serie de 365 días. Nada mejor. Esta serie corresponde a la realidad de una revolución acabada por la tierra alrededor del Sol. Pero qué pasó en el cielo o en la tierra, en el espíritu del observador, no importa dónde, cuando se ha pasado el año que se ha designado con la cifra de una centena, cifra que empieza una nueva serie de números.

Vamos a rasgar el velo de este misterio.

Los romanos, a los que se debe la invención del día "bisextil" y que le dieron este nombre extravagante que lo distingue hoy todavía, localizaban este día al final de su año empezando el 1º de Marzo. (Este nombre el aquel del dios de la guerra -bonito principio del año. Esto prometía para los aguinaldos). Localizado así entre los dos años, como debe ser en efecto, el día bisextil formado por cuatro partes incompletas, no representa rigurosamente ni el fin de año al que sigue ni el principio del que precede. Pertenece a cuatro cuartos incompletos **(1)** al año que le precede y para el resto**(2)**, al año que le sigue.

Es -en toda la fuerza de la palabra- un día medianero y como sirve para "purificar" lo llamaremos "lustral".

El medianero "lustral" pues, considerado positivamente, es decir como perteneciente parcialmente a uno y otro de los años entre los que se encuentra, sólida indisolublemente estos dos años juntos de 365 días en uno sólo doble de 731.

Considerando negativamente al contrario, es decir como no perteneciente integralmente ni a uno ni a otro de los dos años que él sólida juntos, pero sí a la cuadrilla de años que hace retrasar el medianero lustral que integra todas esas cuadrillas unas con otras y hace de toda la serie, tanto más cuanto la soldadura se extiende, una sola realidad a la que conviene dar el nombre de siglo, si esta palabra, como creen ciertos etimólogos, quiere decir continuidad de años (del latín "sequi" seguir) o si, como piensan otros, significa tiempo de la vida (del gaélico "saoghal").

Un siglo real verdadero es pues una serie de 32 cuadrillas de años, soldados sucesivamente unos con otros y finalmente a una 33e cuadrilla que los purifica todos por la supresión de un día. La supresión de este día -que habría sido un meridiano- interrumpe la soldadura y determina el fin del siglo y el comienzo de otro.

1. es decir para 23 horas y un cuarto.
2. es decir para 3 cuartos de hora.

PUNTOS A CONSIDERAR PARA LA EXPLICACIÓN DEL CALENDARIO

Se puede relacionar finalmente con cuatro jefes todos los objetos relativos al Calendario y de donde la discusión es necesaria para su inteligencia y para desarrollar su origen y sus causas.

I.- Los astros que sirven para regular el Calendario, el Sol y la Luna, los cinco planetas restantes, los doce signos del Zodíaco, algunas constelaciones remarcables por su forma, y porque su Orto y su Ocaso concuerdan con los diversos trabajos del campo, como: Orión, las Pléyades, la Canícula, o el Gran Perro, etc..

II.- Las diversas partes del Tiempo que hacen el efecto de las revoluciones de esos Astros y que componen el Año tales como: el Día, la Noche, las Horas, las Semanas, los Meses, las Estaciones.

III.- La duración del Año y las principales combinaciones que se hacen de los años, para formar unos Ciclos propios para conciliar los movimientos diversos del Sol y de la Luna.

IV.- Los días del Año que sirven para dividir en Meses y en Estaciones; tales, el Día del Año, el primero de cada mes o los novilunios las nuevas lunas; los Solsticios y los equinoccios que regentan las cuatro estaciones o los cuatro Tiempos. La distribución de estos días en buenos o malos, las Asambleas, Mercados, Ferias, etc., que tienen lugar mientras dura el calendario.

EL AÑO DE CADA PLANETA

La Tierra emplea 365 días en girar alrededor del Sol y de ahí que se ha atribuido al Sol mismo este movimiento. Y es tiempo de volver a la realidad astronómica, al menos tal y como se enseña actualmente.

Veamos la duración en días terrestres del año de cada planeta.

Partamos del Sol:

Mercurio	87 días 96
Venus	224 días 70
La Tierra	365 días 25
Marte.	686 días 97
Júpiter.	4.332 días 58
Saturno.	10.759 días 21

Urano30.686 días 82
 Neptuno.....60.126 días 72

Por estas cifras se ve que una noche de Saturno dura treinta veces el tiempo de una noche terrestre o que los habitantes de Saturno duermen un mes seguido y velan un mes seguido con relación al tiempo terrestre.

Una vez más, se encontrará en los libros elementales de astronomía todo lo que concierne a la densidad, la masa, la distancia del Sol y las otras particularidades físicas de cada planeta.

El poeta Manilius describe así continuamente el carácter de los 12 signos:

"Ahora Musa icanta las constelaciones y los signos! que en orden resplandecen en tu poema; primero el Morueco glorioso en su vellocino de oro, se vuelve hacia un lado y admira al potente Toro, de donde la parte posterior aparece la primera; yace estirado; su cabeza es amenazadora y recuerda a los Gemelos; con el miedo, se enlazan y se abrazan estrechamente, e inmediatamente después con un paso desigual, se desliza el brillante Cangrejo, después Leo sacude su melena y la Virgen le sigue calmando su furia. Después el día y la noche son pesados en los platos de la Balanza, iguales durante un tiempo; finalmente la noche gana y el plato más pesado se inclina y atrae al Escorpión brillando en los signos de invierno. El Centauro**(1)** le sigue con un ojo que apunta, con el arco curvado y listo para tirar, enseguida se muestra el cabrito**(2)** con los cuernos estrechos y torcidos, y la urbe de Acuario expande la vida con olas; próximas a sus amadas olas, llegan los fríos peces que se juntan con el morueco y completan el Cielo".

1. "Centauro" la constelación de Júpiter, es decir. Sagitario.
2. "El Cabrito" con cuernos estrechos y torcidos se refiere a Capricornio, el macho cabrio.

TABLA DE MATERIAS

Unas palabras al lector	2
CAPITULO I : La esfera celeste	3
CAPITULO II : Los Planetas.	7
CAPITULO III: Los doce signos.....	25
CAPITULO IV: Las adaptaciones de la Astrología... ..	45

APÉNDICES

I.- Paradojas Astrológicas de Strindberg.. ..	57
II.- La Astrología y el Calendario.....	70

TABLA DE GRABADOS

Figuras	Pags.
I.- Tot-Hermes y las Constelaciones.... ..	2
II.- El Zodíaco. Signos ascendentes y descendentes.	5
III.- La Esfera celeste.....	6
IV.- Las Casas angulares.....	6
V.- El sistema de Copérnico.....	7
VI.- El sistema de Ptolomeo.....	8
VII.- Las constelaciones.....	11
VIII.- Los domicilios de los Planetas.....	11
IX.- Los domicilios planetarios. Exaltación y exilio.	12
X.- El Zodíaco Astronómico.....	14

XI.- El Zodíaco Astrológico.....	14
XII- Los aspectos angulares.....	16
XIII.- Saturno.....	17
XIV – Júpiter	18
XV.- Marte.....	19
XVI- El Sol.....	21
XVII.- Venus.....	22
XVIII- Mercurio.....	23
XIX- La Luna.....	24
XX.- El Zodíaco--El Eclíptico.....	25
XXI.- El Todo Universal (Jacob).....	27
XXII.- Los cuatro Signos angulares.....	28
XXIII- La precesión de los Equinoccios.....	29
XXIV- Las doce casas.....	31
XXV- Los signos del Zodíaco y el cuerpo humano.....	42
XXVI.- Cuadro de los siete planetas y los temperamentos	54
XXVII- Cuadro de los colores preferidos por cada temperamento	54
XXVIII.- La astrología y la quiromancia.....	55
XXIX.- Cuadro de la influencia de los Planetas en el mundo lírico	56

EL OCULTISMO CONTEMPORANEO

Dr Gerard Encausse (Papus)

Darles a los hijos de la viuda según los consejos de su autor Iniciado a Ragon de kabalistas y de Téosofistas una bibliografía que les permita extender el dominio de sus conocimientos, abastecer a las críticas el medio de saber aquel de lo que hablan, lo que todos no les llega siempre, devolver en luz de los sabios injustamente ignorados como, a Luis Lucas u Hoëne Wronski, con el fin mostrar la reacción antimaterialista que se produce de momento, tales son los fines que me propongo publicando este pequeño tratado. Escritos que serán leídos los todos que piensan, será mi recompensa más bella.

En lo posible las numerosas devoluciones prueban esto, lo que acerco y siento sólo una cosa, es para que el marco demasiado estrecho de este tratado no me hubiera permitido hacer tantas citas que lo habría deseado. Con todo modo le ofrezco al público el fruto de un trabajo largo y difícil y no el producto de una imaginación más o menos fértil.

PAPUS.

Junio de 1887.

PRIMERA PARTE

INTRODUCCIÓN

No es hoy de hombre verdaderamente instruido que no sepa que la ciencia no reposa en ningún fundamento estable.

¿Cuál informe establecer entre la atracción universal, la cohesión, la afinidad y la atracción molecular, mientras que las leyes no son idénticas más para todas las fuerzas? La ley del cuadrado es demasiado débil para explicar a IA atracción molecular y, la ley del cubo es demasiado fuerte.

Cual confianza conceder a las teorías químicas, en apariencias sólidas que la isomería vino para contradecir. ¿ Que creer afirmaciones contemporáneas, después de los trabajos químicos de Luis Lucas 1?

¿ Por fin que decir sobre médicos que se jactan con orgullo de no estudiar la vida de otro modo que por sus efectos? ¿ Esto es tratando de reconstruir las murallas de una ciudad, a medida que la artillería enemiga los derriba, o bien imponiendo silencio esta artillería que se protege a los ciudadanos? Vos tendríais como hermoso reconstruir, el cañón destruirá siempre, médicos usted tendrá como bello tratar los síntomas, la causa de la enfermedad que nos es desconocida actuará siempre.

Quisimos hacer una ciencia de los hechos, y los hechos vinieron para destruir los datos 2 admitidos.

Delante de estas contradicciones múltiples, los investigadores concienzudos se preguntaron si no existía otra ciencia.

1. V Chimie natural; de Luis Lucas Paris, 1854 in 8
2. V los boletines de la sociedad de psicología, fisiológica de París, 1885 y 1886.

Es mientras divisaron, a través de los tiempos, una ciencia siempre la misma y siempre cuidadosamente escondida, tan rica en ideas como el nuestro era rico en hechos: es la ciencia oculta.

Valientemente se lanzaron adelante, pero pronto las decepciones vinieron para derribar a la inmensa mayoría de ellos. Cómo adivinar lo que se escondía detrás de este montón de términos oscuros, de jeroglíficos raros y de recetas torcidas falseadas a propósito. Poco persiguió el estudio, otros se recuperaron a estudiar la ciencia de su tiempo.

El caso es que es muy bella a pesar de todo, la inducción magnífica que procede al establecimiento de nuestros conocimientos contemporáneos. Qué nos importe abandonar el estudio de los principios generales cuando los detalles revelados por la experiencia vienen para echar luces tan vivas sobre cada rama de nuestro saber. Construimos en presencia del cielo un monumento cuya cada piedra ha sido trabajada por nuestros mejores espíritus, dicen los sabios, a los que nos importa no conocer las bases.

Pero este desconocido al cual usted edificó hará un día hundirse su monumento, dicen los ocultistas, y otros vendrán para poner sobre sus bases sólidas las piedras que le dieron tanto dolor.

Dejando a los que buscan los detalles la consideración y los honores, los audaces persiguieron el camino. Después de un trabajo asiduo los símbolos comenzaron a hablar, los investigadores vieron la ciencia de cada época aparecer en medio de las palabras incomprensibles en los profanos, adivinaron detrás de lo que uno piensa en toda otra época más instruida que la nuestra 1.

1. V. Luis Lucas, La Novela alchimique y Saint Yves de Alveydre, la Misión de los judíos.

Por fin la alianza de los descubrimientos modernos y de la ciencia oculta en eterna la verdad se dejó divisar a los verdaderos investigadores y la síntesis se manifestó a su espíritu 1.

Es mientras se volvieron hacia su colega antiguo para rogarle que él une sus descubrimientos con sus ideas. Pero el hombre no es más lo mismo, envejeció en una paz mental dulce, halagado por sus contemporáneos, desgracia a la que se pervirtió, al que despreció el estudio del detalle. Cuando viene para ofrecer sus ideas de síntesis es tratado a utopista, a sueño hueco, hasta no queremos escuchar sus informes 2 y cuando, no es más - allí el sabio ilustre se pone a envidiar el que supo leer en el libro hermético para él y el adepto muere de miseria 3 o de silencio 4.

Todo esto llegó y posiblemente todavía no está acabado. ¿ Cuándo pues los hombres comprenderán que su personalidad no es nada en la Verdad? Es cuando el grano de trigo podrido en la tierra parece muerto para siempre que la vida se lanza del caos que lo cerraba y manifiesta una planta; es cuando el sucesor de Philippe el Hermoso se considera más sólidamente establecido sobre el trono que jamás, que el sucesor de Santiago B. Molay lo encierra en el Templo y se venga. Toda acción necesita una reacción igual.

Hombres verdaderamente instruidos sucumbieron bajo el complot del silencio, murieron de miseria y de hambre, de su suplicio nacerán escuelas que difundirán por todas partes la palabra que se quería esconder y uno día la fama científica de algunos se hundirá bajo el ridículo del que quisieron cubrir a los que los molestaban.

1. Vea los trabajos de Lucas; Wronski, Lacurie y Eliphas Lévi.

2. 3. Wronski.

4. Luis Lucas.

Es todos estos desconocidos de ayer y de mañana quien quiero hablar hoy, de los que luchan en la sombra por la Ciencia y no por el título o collar honorífico cualquiera, niños a los que la Libertad legó a algunas de sus voluntades 1.

Pero todavía lo repito, los ocultistas particularmente trataron sólo el aspecto general, la metafísica de la naturaleza 2 mientras que los sabios trataba al individuo.

Tomada por separado para explicar todo, la metafísica es tan falsa como la física. Justo apoyándose uno en el otro solamente ellas pueden dar origen a la síntesis científica social y religiosa.

1. Vea el Testamento de la Libertad de Eliphas Lévi.
2. A la excepción sin embargo de Luis Lucas.

segunda parte

El magnetismo, el espiritismo y los sabios

Hablar de un movimiento contemporáneo no es por cierto cosa fácil. Tan pronto como el tiempo cualquiera fluyó desde la producción de los hechos, pudieron sufrir un comienzo de clasificación, lo que no se efectúa para el sujeto que nos ocupa.

Cualquiera que sea la atención que hagamos, es imposible no dejar escapar un libro, una persona o una acción importante. También, ruego por anticipado que el lector se perdone las omisiones o los errores que podrían haberse deslizado en mi trabajo.

En el movimiento a favor de las ciencias ocultas que se manifestó desde el 1848, varias corrientes se establecieron.

Unos, enteros a los descubrimientos prácticos de Mesmer, ven en la ciencia oculta sólo el magnetismo fluídico, otros, venidos un poco más tarde, ven sólo manifestaciones de inteligencias que pertenecen o han pertenecido a los humanos, otras por fin se elevaron bastante para edificar una síntesis general.

Los dos primeros únicos, los magnetizadores y los espiritistas, se encontraron en lucha directa con los sabios; otros, suprimidos en el dominio de la teoría, escaparon hasta aquí de una polémica verdaderamente activa.

Veamos primero a los adversarios en presencia

De un lado se encuentra gente poco instruida, antigua obrera 1, pequeños burgueses 2 u oficiales pensionistas que producen fenómenos a tontas y a locas sin el menor método científico, pero son seguros de la existencia del fluido mesmeriano.

- 1 Cahagnet
- 2 formas de Ricard

Del otro, se encuentran los sabios, hombres instruidos y escépticos con respecto a lo que no descubrieron, tan necesarios para el inventor como la resistencia a la producción de la fuerza.

Así como el sabio es lo mismo, o poco a prados, en cada época, veamos el modo en el que los juzga un espíritu elevado que fue en condiciones de conocerlos y de estudiarlos: Goethe.

“ Las cuestiones científicas son muy a menudo de cuestiones de existencia. Un solo descubrimiento puede hacer la celebridad de un hombre y fundar su fortuna social. Es porque reinan en las ciencias esta aspereza, este tesón, este, celos de los bosquejos descubiertos por otros. En el imperio del bello todo marcha con más dulzura; los pensamientos son totalmente más o menos una propiedad innata, común a todos los hombres; el mérito es saber ponerlos en ejecución y naturalmente hay allí menos lugar para los celos. Pero en las ciencias la forma no es nada; todo está en el bosquejo descubierto.

Luchamos contra él como podemos: hacemos como si no lo entendamos, como si no lo comprendamos; hablamos de él con desdén como si sus ideas no valieran la pena de ser examinadas y así es como la verdad puede muy mucho tiempo esperar para abrirse su camino 1. ”

Goethe.

Ahora que conocemos a cada uno de ambos adversarios, veámoslos en lucha.

Primer período - El magnetismo

En consecuencia de las divulgaciones de Mesmer, centros diversos de magnetizadores se habían formado quienes luchaban a golpes de experiencias contra las academias. Éstas negaban en sus informes todos los fenómenos producidos por sus adversarios como dependiente de un fluido especial. Los atribuían, de la ingenuidad y de la imaginación de los adeptos.

Deleuze 2 De Potet 3, Puységur, Cahagnet 4, Ricard 5, Carnal 6, luchaban en el campo de los magnetizadores.

Hay que reconocer que estos autores daban lugar a las críticas de los sabios publicando como Cahagnet, libros sobre el estado del alma en el otro mundo según las revelaciones de varios sonámbulos extáticos.

1. Conversación, t 1, p 75, y Caro, la filosofía de Goethe, la 2ª edición, 1880, p 81.
2. Instrucción practica sobre 1º magnetismo 1883 animal.
3. Magia Develada Saint-Germán, 1875.
4. Magia magnética.
5. Almanaque del magnetizador 1846.
6. Esbozo de la naturaleza humana, (recomendado especialmente a los ocultistas).

Era precipitar un poco las revelaciones. Sea lo que sea, la lucha se volvía tanto más viva ya que la gente del mundo había participado en eso y los salones fueron partidos por la mitad campos: los sabios suprimidos en su escepticismo y su desdén, y los revolucionarios de la ciencia adormecedor a tontas y a locas, curando los incurables, proclamando por todas partes la existencia del fluido mesmeriano y poniendo sobre la cubierta de sus libros de los epígrafes en el género de ésta;

“ ¡ Sí! Sé sabio supuesto, todavía se niegan a tragarse la verdad que proclamo con tanta perseverancia, acabaré por les ingurgitársela 1 ”.

Así como se lo ve, el acuerdo no era fácil y los académicos, pinchados en su amor limpio, hacían oídos sordos. ¡ El infatigable, el magnetizador Ricard hasta fue hasta adormecer a algunos 2, otros pretendieron que eran cómplices!!

No obstante los sabios, bajo la influencia de los escritos de sus adversarios que invocaban totalmente la alta antigüedad de sus fenómenos, habían se puesto tiene estudiar algunas ramas de estas ciencias famosas y ocultas.

Luis Figuier publicaba un bello estudio la Alquimia y los Alquimistas 1856, en el cual él mismo niega la existencia de la piedra filosofal abasteciéndolo sin saberlo él la prueba irrefutable de tres transmutaciones 3.

A. Franck publicaba un trabajo notable sobre la Cábala 5, a la cual no comprende nada, más que Higuera a la Alquimia, por falta de conocimientos especiales suficientes.

1. 2. J J En Ricard, Almanaque del magnetizador práctico 1846.

4. Ver la Piedra filosofal comprobada por los hechos (PAPUS) nº3 del Loto junio de 1887.

5. A. Franck, La Cábala, París, 1863, in 8:.

Al mismo tiempo, estudiábamos las místicas de donde parecían provenir las ideas filosóficas de los Adeptos.

La crítica se ejercitaba sobre Claude de San-Martín 1, el " Filósofo desconocido ", cuyas ideas habían alimentado dos de los hombres más grandes de la época Balzac y Sainte-Beuve.

Sucesivamente aparecieron la Reflexión sobre las ideas de Louis Claude de San-Martín de Moreau 1850, el estudio sobre la filosofía mística en Francia y sobre San - Martín y el Martinez Pasqualis, de A. Franck, miembro del Instituto, 1866, etc.

De todos estos estudios y de la existencia cada vez más evidente de la realidad de los hechos producidos no los magnetizadores, los sabios entraban poco a poco en la vía de la convicción: pero sus Palabras anteriores no les permitían confesarse públicamente convencidos.

Sobre este entrefaites, llegó la guerra franco alemana 1870 que puso algunas confusiones en los trabajos de ambos partidos.

El segundo período - El hipnotismo

Después de la guerra, las academias encontraron a un salvador en la persona de un doctor inglés, Braid. Éste anunció en la gente sabia que lograba producir a la inmensa mayoría de los fenómenos invocados por los magnetizadores con el apoyo de sus doctrinas, sin el menor fluido, cansando la mirada por procedimientos muy mecánicos. Designamos el nuevo procedimiento bajo el nombre de hipnotismo, y las academias se miran a estudiar los fenómenos recientemente producidos por sus miembros como si el resto jamás hubiera existido.

1. Recomiendo a los ocultistas la lectura del Cocodrilo, de San-Martín aparecido al año 2 de la República.

Hay que reconocer que todas los estudios todas magistralmente fueron conducidos como los que seriamente son emprendidas por la ciencia contemporánea. Reencontramos uno por uno todos los hechos anteriormente descubiertos por los magnetizadores; pero exactamente determinando el medio y la duración de su producción y hasta estableciendo una clasificación que rindió, clara y simple la nomenclatura enorme del fenómeno productos sin orden y sin método por los primeros magnetizadores.

No obstante, los fisiólogos y los médicos que perseguían este estudio, y que todavía lo persiguen, eran demasiado materialistas para entrar en las vistas teóricas de los discípulos de Mesmer.

Orgullosos de la producción mecánica de los fenómenos, negaban toda existencia de fluidos especiales cuando uno por uno los hechos mismos producidos, vinieron darles para ellos un mentís.

En seguida, dos escuelas, se formaron en el seno de las sociedades científicas: unos negaban todos los fenómenos capaces de invalidar las doctrinas materialistas, otros sostenían enérgicamente la posibilidad de producir los fenómenos a distancia y como consecuencia la existencia, de un agente impalpable e invisible transmisor (hay que leer los informes de la Sociedad de Estudios de psicología *-physiologique* de París y las disputas homéricas de Richet y de sus colegas para darse cuenta del encarnizamiento que se muestra, 2 lados).

En suma, la misma lucha abierta en otro tiempo por los magnetizadores y los sabios, y que acaba por la derrota de estos últimos, se reproduce hoy entre los partidarios del fluido y sus detractores. Veremos bien que se lo llevará.

El tercer período - El espiritismo

Algún tiempo después el magnetismo, una nueva doctrina aparecía, que pronto iba a seguir las mismas fases que su hija mayor: era el espiritismo.

De América, la recién llegada se difundió en Inglaterra, y de ahí en Francia, dando origen a una literatura especial y a una polémica tan viva como el magnetismo.

Los principales escritores espiritistas estuvieron en Francia Allan Kardec 1, Auguez 2, Esquiros; Delanne, Delaage 3, etc.

Les recomiendo la lectura de las obras de Auguez y de Delaage a los trabajadores concienzudos.

Auguez dará informaciones serias y una bibliografía.

Delaage es uno de los modernos que más trabajaron a difundir la iniciación a los misterios antiguos y particularmente debemos agradecerle por eso. Su libro es un resumen excelente de todo punto.

El espiritismo encontró a numerosos detractores que negaban, sin querer comprobarlos, todos los fenómenos. Pero pronto los americanos sabios se declararon convencidos, luego algunos ingleses sabios, entre otras cosas, a Crookes, y por fin, a pesar del tratamiento prescrito por la medicina para los espiritistas que están considerados como alucinados 4, un antiguo interna hospitales de París, Preparador al Museo, el doctor Pablo Gibier, acaba de publicar un libro en el cual se declara vencido.

1. El libro de los espíritus 1862 y el libro de los médiums 1863 2 las manifestaciones de los espíritus 1857, los Elegidos del futuro 1858

3. La última obra de Delaage es la Ciencia de la Verdad 1885

3. Artículo espiritismo de la enciclopedia de las Ciencias medicales de Dechambre

Revela al mismo tiempo la existencia muy antigua de todos estos fenómenos en la India 1.

Hay que ver el artículo de crítico consagrado a Pablo Gibier y a su libro en la Revista científica para comprender la rabia sorda de los cuerpos sabios delante de estos fenómenos.

No pudiendo poner en duda la sinceridad de las experiencias irrefutables del sabio inglés Crookes, la crítica se ataca a las de Caza que, creo, tuvieron la culpa de publicarles. Lo censura por querer formar una sociedad para el estudio de los fenómenos y reconoce que sabios se ocupan de eso en secreto.

“ Sr. Gibier llama de sus votos la formación de una sociedad para estudiar esta nueva rama de la fisiología psicológica y aparece creer que es en nuestra casa el único, si no el primero, entre los sabios competentes, a interesarse por esta cuestión. Qué Sr. Gibier se calme y esté satisfecho. Un cierto número de investigadores muy competentes, los mismos que comenzaron con comienzo y ya pusieron una cierta orden en el revoltijo de la sobrenatural, se ocupan de esta cuestión y continúan su obra sin mantener al público.

Revista científica el 13 de noviembre de 1886 N°20 páginas 631 y 632.

Si nunca esta aseveración sea confirmada, esto echaría un día singular sobre los procedimientos de los. Que practican estos estudios experimentales. ¿ Me parecía sin embargo que la divulgación era de actualidad?.

1. El espiritismo por el doctor Pablo Gibier, París 1887 in 18.

tercera parte

LA CIENCIA OCULTA APLICADA SOBRE LAS CIENCIAS MODERNAS

Luis Lucas 1816 1863

Estudiar a todos los filósofos antiguos, buscar el punto común entre sus doctrinas por muy diferentes a primera vista luego reunir en una sola síntesis filosófica, la obra de los Alejandrinos, a Alquimistas y Escolásticas para extraer de eso los primeros principios. Por otra parte, estudiar experimentalmente las ciencias modernas sobre todo la física, la química, la fisiología y la medicina, y basar estas prácticas en las teorías filosóficas precedentes, tal es la obra emprendida y llevada a buen término por Luis Lucas.

Morir ignorado, asfixiado posiblemente por ciertas personalidades celosas y funcionarias, indignamente ser pillado por los teóricos de toda escuela, no ser mencionado por ellos, ni por algún diccionario o ninguna biografía supuesta universal, tal es la recompensa de todos estos trabajos.

Además, Luis Lucas no se había hecho ninguna ilusión sobre esto, lo que esperaba ya que escribía:

El autor consagrado a los principios generales debe, comenzando su trabajo, ser completamente desilusionado sobre la importancia fruto que lo retirará, cuando todavía no tiene que armarse con un nuevo coraje para combatir los peligros que nacerán de sus escritos. Hay que sobre todo, como los antiguos, encontrarse parvi contentus e ir delante con esta alegría del pobre que se resguarda detrás de la mediocridad de sus deseos 1.

Si esté en relación con uno de estos mil teóricos que creen cada uno que ellos revuelven el universo porque tienen una idea a menudo vieja como el mundo y nueva únicamente para ellos, no protestaría como le hago contra el olvido del nombre de un hombre.

Pero es a un sabio a quien descubrí y a quien soy posiblemente el primero que hay que devolver al día, es un práctico facultativo tanto como un teórico quien junta una experiencia personal a cada una de las hipótesis que acerca, es un hombre quien hizo varios descubrimientos, entre otras cosas el Biometro, del que una única bastaría con introducir un ambicioso en las sociedades

científicas oficiales, es un hombre cuyo nombre cuidadosamente es escondido y las ideas cuidadosamente pilladas por los que conocen sus obras.

¿ Por qué sus vistas sacadas de numerosos ejemplares que son imposibles de encontrar?

Me eché dos años a proporcionarme la química nueva. ¿ Por qué?

¿ Algunos sabios modernos sacarían provecho del olvido que es huye alrededor de él para copiarlo? Lea con conciencia la Química nueva, luego recorra, las teorías supuestas nuevas sobre la filosofía de las ciencias desde la termoquímica hasta los cálculos recientes sobre el éter y usted puede verificar a la inmensa mayoría de los hechos que me permito avanzar.

La crítica científica que hace cosas por muy bellas debería dirigirse a las obras de Luis Lucas. Vería que se equivocó una vez, lo que llega a todo escritor, " errare humanum es ", pero sería bien forzada por reconocer que tuvo razón la mayoría de las veces.

1 Luis Lucas, química nueva p 18

Vosotros poséis laboratorios bien avanzados, que verifica sus experiencias químicas y biológicas, muestre las que no consiguen sino muestre también las que son verdaderas y trate de explicarlos de otro modo que él.

Por otra parte vos no tiene que temer nada, Luis Lucas murió en 1863 y no competirá con vos la primera vez para que vos se presente a un sitio honorífico.

Además, si vos persiste en callar su nombre y sus obras, el extraño lo hará, lo espero. El ocultismo se vuelve cada vez más poderoso y Luis Lucas se jacta con orgullo de ser un discípulo de estos alquimistas 1 a quienes consagró una de sus obras más bellas. 2

Hasta el punto de vista de las ciencias ocultas, Luis Lucas reencontró la fuerza universal designada bajo tantos nombres (ignis, luz astral, magnès, azoth, etc.

Designó esta fuerza bajo el nombre de movimiento y estudia sus leyes bajo el nombre de leyes de la serie cuya serie trinitaire es la base. Una vez estas leyes conocidas, aborda la experiencia aplicándolos.

Después de haber destacado las contradicciones y los errores teóricos de los sabios modernos sobre las cuestiones generales, aplica sus descubrimientos en los casos donde la ciencia balbucea y, cuando hace falta, apoya sonido decir sobre una experiencia inédita o sobre un aparato nuevo.

No emplea ningún término simbólico, sus obras son escritas en la lengua de los sabios de su época.

No obstante varias cosas devuelven el estudio desagradable de sus obras a la crítica. En primer lugar,

1. Medicina nueva p. 15 tomo I

2. La Novela alchimique

Número enorme de hechos citados en sus libros y los conocimientos que poseía en varias ramas muy diferentes del saber humano (particularmente en química y en música) necesita una instrucción cierta y general; por fin, las burlas y las críticas mordaces de las que agobia a ciertos sabios lo hacen negociar a demente por aquellos a quienes son enviadas.

Reconoce no obstante su admiración a los verdaderos sabios a los que cita con alegría y reserva sus ataques sólo para las pedantes mediocridades que atestan la ciencia contemporánea.

Se presentó publicando, en 1849, una Revolución en la música, el ensayo de aplicación a la música de una teoría filosófica, por Luis Lucas, redactor jefe del periódico el diez de diciembre, precedió de un prefacio por Teodoro Bamille y seguir por el tratado de Euclides y por el diálogo de Plutarque sobre la música 1.

Esta obra fue editada en París en 1849 Paullin y Lechevalier, calle Richelieu 60.

Es allá dónde Lucas esboza las teorías que desarrollará más tarde en sus otros volúmenes.

En 1854, aparecía su obra maestra, un verdadero de rerum natura contemporáneo que contiene a una muchedumbre de hechos todavía desconocidos y de experiencias en 1887. Es: la Química nueva apretada sobre descubrimientos importantes que modifican profundamente el estudio de la electricidad, del magnetismo, de la luz, del análisis y de las afinidades químicas, con una historia dogmática de las Ciencias naturales. Física, química, fisiología, medicina, historia natural, por Luis Lucas, editada por el autor.

1. Este libro se encuentra en la biblioteca nacional, la sala de los impresos, la carta V.

He aquí el epígrafe de esta obra:

La dificultad más grande que encuentra el espíritu humano en el estudio de los principios naturales es justamente el extremo la sencillez de estos principios. El sabio no quiere creer en eso y hace caso omiso.

Por fin, he aquí su última obra que queda oscura si no se leyó y no se trabajó la química nueva: la Medicina nueva basada en principios de física y de química transcendentales y sobre experimentos capitales que muestran mecánicamente el origen del principio de la vida, por Luis Lucas, autor de la Química de l'Acoustique noticia, etc. París, 1862, Dentado y Savy 2 Tomo. In 8. Es su obra menos rara.

Entre tanto había aparecido:

La Novela Alchimique, el análisis maravilloso oculto, social y filosófico en forma de novela 1857.

Todas estas obras se encuentran en la Biblioteca nacional.

Hoêne Wronski

Es una parte de nuestras ciencias modernas que Luis Lucas no creyó que él tuvo abordar tanto como otros I: quiero hablar de matemáticas.

Este trabajo ha sido emprendido por 1º polaco Hoêne Wronski.

Éste es Menos desconocido que Luis Lucas. La enciclopedia universal de Larousse le consagra algunas líneas. Erdan, en Francia Mística se digna "darle una broma" durante un capítulo y los contemporáneos sabios se comportaron hacia él con un modo que les dejó a los lectores imparciales el cuidado de cualificar.

1. Aborda no obstante la geometría y le da algunas ideas generales en la química nueva página 85.

No obstante Wronski gritaba a cada nueva injusticia 1 y aprovechaba cada vez que un miembro del instituto se dignaba atribuirse uno de sus descubrimientos.

Esta conducta escandalosa enfrente de la ciencia llevó los frutos que debía llevar 2.

Después de haber visto durante el año 1822 sus obras casi totalmente destruidas, Hoène Wronski murió de miseria y casi de hambre el 9 de agosto de 1863.

Lea el relato de su muerte en la obra que le consagra un testigo de vista 3.

En cuanto a la prueba de destrucción de sus obras, hela aquí: rogamos que el lector observe que en 1822, cuando el autor publicó en Londres el 3r de sus opúsculos, acababa de recibir de París la noticia que sus obras matemáticas iban a ser vendidas al peso del papel y que esta noticia triste le llegaba así en el momento en el que acababa de probar por parte de los ingleses sabios el despojo del que es cuestión.

Wronski. Prolegómenos de Mesianismo, p. 306 nota.

Ahora, si usted quiere saber por qué sus obras fueron destruidas, trasládese a la página 243 del mismo volumen y usted leerá lo que sigue:

Después de la defunción de Lagrange, ningún geómetra en Francia, sin duda a consecuencia de preocupaciones diferentes, pudo encontrar el tiempo para estudiar ni por consiguiente, hacer más profundas estas verdades nuevas y generales

1. Ver los prolegómenos del mesianismo
2. Vea más arriba el juicio de Goethe sobre la conducta de los sabios enfrente de los novadores y verifíquelo aplicándoselo a Lucas y Wronski.
3. Vea a Lazare Augé. Reseña sobre Hoène Wronski Paris, 1865, Biblioteca Nationale L.27n.20.957.

Que el instituto había cualificado así 1; a punto que el propietario de las obras matemáticas que quieren ser publicadas a petición de estos geómetras que no pueden cederles a los librereros franceses en su casa se les había desprestigiado como conteniendo sólo ensueños fue forzado por venderles al peso del papel a la plaza de París.

¿ No siempre la aplicación de este procedimiento tan bien descrito por Goethe?

. Además, un segundo informe fue presentado al instituto por Arago y Legendre. Este informe ser totalmente lo contrario del precedente cuya existencia los ponentes ignoraban sin duda; Wronski para vengarse publicó ambos informes codo a codo. 2

Wronski pretende haber descubierto un método gracias al cual se alcanza fácilmente el conocimiento de lo absoluto.

Este método lo aplica en sus obras que son muy oscuras y hay que estudiarlas pacientemente a ver la verdad parecer magnífico de sitio a sitio.

Saca sus datos de la Cábala, como lo vio bien Eliphas Lévi:

Este admirable resumido mágico de Paracelso puede servir de clave a las obras oscuras del cabalista Wronski, sabio notable, que se dejó llevar más de una vez fuera de su razón absoluta por el misticismo de su nación y, especulaciones pecuniarias indignas de un pensador tan ilustre. 3.

En efecto, en su vida privada, Wronski ha sido mezclado a varios asuntos de dinero. Además, comprendo

1. Verle el informe elogioso de Lagrange sobre Wronski al Instituto en 1810 Prolegómenos del magnetismo p. 241.
2. Ver reforma del saber humano página * 2 Volumen y refutación analítica de las funciones de Lagrange
3. Dogma de la Alta Magia VII). El Tridente de Paracelso.

Apenas los argumentos de esta gente que, para combatir las doctrinas de un autor, sale todas las historias malas que pueden encontrar sobre su cuenta. ¡ Qué importe todo esto a la ciencia y a la verdad! En nuestros días empleamos la misma batea contra Saint Yves de Alveydre y Señora Blavatsky. Para mostrar la falsedad de sus ideas nos atacamos a sus personas. ¿ Qué esto prueba?

Según Landur 1 Wronski habría sacado de tres fuentes principales: Jacob Boehme, San-Martín, ella inrtiga.

Últimamente en los "Decadentes" publicaron en su revista " La Boga " un estudio sobre H Wronski y algunos de sus escritos inéditos.

Aconsejo a los que querrán estudiar la filosofía de Wronski de lira primero la obra de Landur titulado: exposición abreviada por la Filosofía absoluta de Hoêne Wronski aparecido en 1857.

Esta obra se encuentra en la Biblioteca Nacional a las indicaciones: R 8886.

He aquí una lista al año las obras de Wronski; yo el extracto del opúsculo de Lazare Augé.

Los curiosos encontrarán un retrato de Wronski en Francia Mística de Erdan.

1800. El Bombardero polaco.

1801. Memorias sobre la aberración de los astros móviles.

1802. Filosofía antigua descubierta por kant y fundada definitivamente sobre el principio del saber.

1810. Primeros principios de los métodos algorítmicas como base del technie de las matemáticas (Memoria al Instituto. Informe favorable de Lagrange.

1. Landur, Búsqueda de los Principios del Saber y de la Acción París 1865 in 8

Página 27

1811. Filosofía de las Matemáticas.

1812. Programa de un curso de Filosofía transcendental.

1814. Filosofía del Infinito.

1815. - 1817. Filosofía algorítmica.

1818. Respuesta al informe de Arson.

1819. Crítica de la teoría de las funciones generadoras de Laplace.

La Esfinge.

1820. Solución del problema de las refracciones astronómicas.

1821. Introducción a un curso de matemáticas (en inglés).

1827 Canones de Logaritmos.

1829. Problema fundamental de la política moderna.

Máquinas de vapor.

1831. Prodrome el Mesianismo.

1832. Boletines mesiánicos.

133. Forma teleológica del azar.

1835. Nuevos sistemas de máquinas de vapor. 10 opúsculos sobre la locomoción espontánea.

1839 Cuestión decisiva de Napoleon.

1840. Métapolitique.

1840. La Guadaña napoléonisme.

1842. El destino de Francia, de Alemania y de Rusia como Prolegómenos del Mesianismo 1.

1848. Reforma del Saber Humano 2 Dirige a las naciones eslavas sobre los destinos del mundo.

Epístola a príncipe Gzarloryski sobre los destinos de Polonia.

1849. Los últimos epístolas a los hombres superiores.

1 op. cit. más arriba.

2 más importados de sus obras.

1850. Las cien páginas decisivas.

1851. Epístola al emperador de Rusia.

Epístola a Luis Napoleon.

Documentos históricos de las naciones eslavas.

1852. Historiosophie.

Secreto político de Napoleon.

1852 - 1853 Opúsculos sobre las Mareas.

1855. Propedéutica Mesiánica.

1861. Desarrollo progresivo y fin final de la humanidad.

Estas dos últimas obras son póstumas, han sido publicados por Señora viuda Wronski que dejó ver también bajo su nombre: pequeño tratado de Metafísica elemental, París, 1854, in 8.

LOS OCULTISTAS

ÉLIPHAS LEVI

Este autor abre la serie de los que principalmente negocian el ocultismo en él - hasta sin aplicarse la alianza de la ciencia contemporánea con él.

En este género de estudios, hay que anotar bien que un autor mismo raramente es completo. Es por eso que, aunque las obras de Eliphas Lévi deben ser el vademécum de todo estudiante en ocultismo, es necesario completarles por las de Lacurie, de Cyliani, de Wronski y de Luis Lucas.

Es mientras podamos abordar con frutos el estudio de las publicaciones más modernas de Señora Blavatsky.

Eliphas Lévi primero escribió obras socialistas entre las que - uno de ellos, el Testamento de la Libertad, le valió algunos meses de prisión (1848).

Discípulo de Fourier y de Wronski 1, trabajó sobre todo la Cábala y el Génesis de Hénoch.

Desbarolles 2 lo llamaba una biblioteca viva y de hecho es el más sabio de todos ocultistas contemporáneos.

Sus principales obras están en ocultismo:

- 1861 Dogma y Ritual de la Alta Magia (teoría).
- 1861 Historia de la Magia (Realización).
- 1861 Clave de los grandes misterios (Adaptación).
- 1862 Fábula y Símbolos.
- 1861 El Brujo de Meudon.
- 1860 La Ciencia de los Espíritus.

LACURIE

Todavía un desconocido. Hizo un libro, Armonías de serle expresada por los números, París, 1847, 2 Tomo. En octavo con tablas que mismo no dice gran cosa, sino que se vuelve maravilloso como complemento de las obras de Eliphas Lévi y de Wronski.

CYLIANI

Uno de los últimos alquimistas que hubieran escrito sobre la piedra filosofal. Hizo en 1882 una obra anónima que recomiendo a todos los ocultistas: Hermès descubierto, en octavo. Los Hijos de la viuda encontrarán allí símbolos instructivos para ellos.

1. Ver a Lazare Auger, obra citada, p. 10.
2. Misterios de la mano. Prefacio.

ÉMILE BERTRAND

A publicado varias obras entre las que uno es notable es: el XIX y el futuro, París, 1860, in 8.

Por fin citaré como un resumen muy poco conocido y muy bien hecho la Cábala el libro de LENAIN: la Ciencia cabalística, publicado en Amiens en 1823.

Todas estas obras se encuentran en la Biblioteca nacional.

CHRISTIAN

Se ocupó sobre todo de la astrología; publicó dos volúmenes: el hombre rojo de las Tullerías 1854. - historia de la Magia 1870.

Por fin citaré en una orden de ciencias que, da beneficio a las ciencias ocultas, el abad MICHON, el autor de un Método de grafología o juicio de los caracteres según la escritura.

LA CIENCIA DE LOS MAGOS

Dr Gerard Encausse (Papus)

PREFACIO

El ocultismo conquistó desde hace algunos años, un sitio importante en el espíritu de muchos investigadores contemporáneos. Cuando se estuvo seguro que la inmensa mayoría de los fenómenos producidos por la fuerza psíquica eran reales, nos acordamos que existía una teoría particular de estos fenómenos: la Magia.

Los magos de Persia pretendían explicarse y producir a voluntad de los hechos del mismo género; pues era interesante conocer sus ideas a este respecto.

Estas ideas no son tan perdidas como podríamos creerlo a primera vista. Un estudio, hasta superficial, autores que se ocuparon de Magia y de Alquimia a través de los tiempos y algunas aproximaciones entre las ideas expuestas por estos autores y las emitidas en Zend Avesta de una parte y la Cábala por otra parte, permite reconocer bajo las transformaciones de los términos a través de los siglos, perfeccionada una concordancia en las ideas. De todo esto se libra una doctrina particular que, cosa curiosa, puede muy bien aliarse nuestras teorías científicas contemporáneas y, mucho más, puede ayudar a la ciencia que desmonta un poco el caos de los hechos, todavía inexplicados, de la Naturaleza.

El Ocultismo es una doctrina que vale lo que valen todas las doctrinas. No tiene la pretensión de poseer sólo la Verdad sobre los puntos que aborda, lejos de allí. Pero las teorías que expone tienden a reemplazar por todas partes el misticismo por un cierto racionalismo. Particularmente, en el estudio de los hechos espiritistas, el ocultismo, sin negar la intervención en ciertos casos entidades personales de seres difuntos, restringe considerablemente el papel que se puede atribuir a estas entidades y se pretende devolver a la inmensa mayoría de estos hechos fenómenos de hipnotismo transcendental producidos principalmente por las fuerzas emanadas del médium y los asistentes.

Es alla dónde hay que investigar el origen del favor cuyo ocultismo fue el objeto cerca de los espíritus alumbrados y la causa de su rápido éxito en Francia; es alla así dónde hay que ver la razón para ser ataques hirientes cuyo ocultismo es y será el objeto de ciertos escritores espiritistas. No negar la realidad de los hechos producidos, aplaudir al contrario la publicación de todas las obras, a todas las experiencias que prueban la existencia de estos hechos, pero procurar devolver las experiencias espiritistas de Sr. Henry Lacroix con Alfred de Musset o las comunicaciones de Victor Hugo y de Juana d' Arc hechos simples de psiquiatría, sin negarle jamás no obstante la comunicación posible de un niño a su padre, es atraerse seguramente la animosidad de los que

quieren ser consolados ante todo. Maltratamos mucho el Ocultismo sin conocerlo, la mayoría de las veces; hicimos nuestros esfuerzos en este folleto para devolver la cuestión de su terreno verdadero.

El título dado a este folleto no tiene otra pretensión que la de indicar el origen HISTÓRICO de las doctrinas que tratamos de exponer de nuestro mejor. Es con la CIENCIA DE LOS MAGOS que el Ocultismo directamente se relaciona y, para probarlo, nos ocupamos de citar a autores, escogidos en cada siglo, desde la época de Zend Avesta y de la Cábala hasta 1825, particularmente insistiendo en el XVI siglo, notable desde este punto de vista.

Nuestras citas son sacadas, para la inmensa mayoría, de traducciones hechas por miembros de nuestra Universidad, con el fin de que no se pueda acusarnos de haber traicionado el pensamiento de un autor. Por fin reenviamos al autor, conservando ante nosotros el nombre de los traductores y la devolución al capítulo, a sólo fin de poder decir, si es necesario, SIC VOBIS NO VOBIS.

Esperamos así responder de nuestro mejor a los que, por no conocer los primeros elementos de la historia de las doctrinas filosóficas, se figuran que inventamos el ocultismo.

No tenemos más título a tal honor como de llevar el nombre de "Mago" que se quiso imponernos a pesar de nuestras protestas vivas. Consideramos en efecto el empleo de estos títulos de otra edad como las satisfacciones de una vanidad tonta, excusables para un principiante, pero ridículas en primer lugar para un escritor serio y sobre todo como muy perjudiciales para la consideración que debe atarse toda búsqueda sincera. En el XIX siglo hay título serio sólo lo que se gana al examen, que aquellos a los que puede conquistar en las Facultades. Reforme los exámenes, cree de allí de nuevos si tal es su placer, pero jamás fije un título que no ofrece ninguna garantía de saber como los de "Mago" o de hiérophante ". Podemos no tener ningún diploma y manifestar del genio. ¿ Por qué remedar en este caso lo que está en derecho a despreciar?

Pero, para volver al Ocultismo, a este antiguo ciencia de los Magos, recordemos que el fin del trabajo presente es ofrecer UN RESUMEN MUY SUCINTO de la cuestión. Somos obligados a enunciar, en forma de afirmaciones dogmáticas, ideas que a menudo pedirían desarrollos largos. También reenviamos a los lectores curiosos de otros detalles sobre el Nacimiento, la Muerte, los siete Principios y la Historia, etc., nuestra obra precedente, TRATADO METÓDICO DE CIENCIA OCULTA, 1200 páginas donde encontrarán tablas numerosas e informaciones complementarias o sea sobre la Bibliografía, o sea sobre la Doctrina.

No obstante el resumen que le presentamos al público es totalmente inédito y no es formado por una elección ecléctica entre nuestros estudios precedentes. Es pues un ensayo de difusión de nuestras ideas, ensayo sobre el que el lector sabrá excusar las oscuridades y las debilidades.

Papus

El 20 de marzo de 1892

PRELIMINARES

SELECCIÓN-UNIDAD - LAS CORRESPONDENCIAS Y LA ANALOGÍA - EL ASTRAL

La historia habla que los pensadores más grandes de la Antigüedad que hubiera visto nacer nuestro Occidente fueron a acabar su instrucción en los misterios egipcios.

La Ciencia enseñada por los poseedores de estos misterios es conocida bajo diferentes nombres: ciencia oculta, Hermetismo, Magia, Ocultismo, Esoterismo, etc., etc.

Por todas partes idéntico en sus principios, este código de instrucción constituye la Ciencia tradicional de los Magos, que generalmente llamamos: ocultismo. Esta ciencia abrazaba la teoría y la práctica de un gran número de fenómenos cuya parte débil constituye en nuestros días el dominio del magnetismo o de las evocaciones dichas espiritistas. Estas prácticas, cerradas en el estudio de Psicurgie, formaban, anotemoslo bien, que una parte débil de la Ciencia oculta, que comprendía todavía tres grandes divisiones: la Teúrgia, la Magia, la Alquimia.

El estudio del Ocultismo es capital a dos puntos de vista: alumbraba el pasado de día con todo lo nuevo y le permite al historiador repetir la antigüedad bajo una forma todavía poco conocida. Este estudio le presenta por otra parte al experimentador contemporáneo un sistema sintético de afirmaciones que hay que controlar por la ciencia y de ideas sobre fuerzas todavía poco conocidas, hace un esfuerzo de la Naturaleza o del Hombre que hay que controlar por la observación.

El empleo de la analogía, el método característico del ocultismo, y su aplicación a nuestras ciencias contemporáneas o a nuestras concepciones modernas del Arte y de la Sociología, permite poner un día con todo lo nuevo sobre los problemas más insolubles en apariencia.

El Ocultismo no pretende dar sin embargo la sola solución posible de las cuestiones que aborda. Es un instrumento de trabajo, un medio de estudios, y un orgullo tonto puede sólo hacer pretenderles a sus adeptos que posee la Verdad absoluta, sobre algún punto que sea. El Ocultismo es un sistema filosófico que da una solución de las cuestiones que se ponen la mayoría de las veces a nuestro espíritu. ¿ Esta solución es la expresión única de la Verdad? Es lo que la experimentación y la observación pueden las únicas determinar.

El Ocultismo debe estar dividido, para evitar todo error de interpretación, en dos grandes partes:

1 ° Una parte inmutable que forma la base de la tradición y que se puede fácilmente reencontrar en los escritos de todo el hermétista, cualquiera que sea su época y cualquiera que sea su origen.

2 ° Una parte personal al autor y constituida por comentarios y aplicaciones especiales.¹

123

La parte inmutable puede estar dividida en tres puntos:

1 °-La existencia de *Selección-unidad* como ley fundamental de acción en todos los planos del Universo. 2

2 °-La existencia de *Correspondencias* que une íntimamente todas las porciones del Universo visible e invisible 3

3 °-La existencia de un *mundo exacto invisible y doble* y un perpetuo factor del mundo visible 4

La posibilidad consagrada a cada inteligencia de manifestar sus potencialidades en las aplicaciones de detalle es la causa eficiente del Progreso de los estudios, el origen de las diversas escuelas y la prueba de la posibilidad que tiene cada autor de conservar entera su responsabilidad, cualquiera que sea el campo de acción abordado por él.

LA CIENCIA DE LOS MAGOS

CAPÍTULO PRIMERO

§ 1 - El microcosmo o el hombre

Nada parece más complicado al primer aspecto que el ser humano. Cómo analizar todos los detalles de la constitución anatómica y fisiológica de este ser, sin hablar hasta de su constitución psicológica.

El Esoterismo busca por todas partes la síntesis y deja el estudio de los detalles a los esfuerzos poderosos de las ciencias analíticas. Veamos si es posible determinar sintéticamente los principios que constituyen el ser humano.

Generalmente todos los órganos que constituyen este ser humano aparecen en nosotros en pleno período de acción. Todo esto le funciona, se agita, se nos manifiesta bajo mil aspectos y es sólo con la dificultad más grande que se puede determinar las causas poco numerosas a través de la multiplicidad de los efectos.

Pero he aquí la tarde venida; los miembros doblan, los ojos se cierran, el mundo exterior mismo no tiene más acción sobre el ser humano, y no tiene más acción sobre el mundo exterior: duerme. Saquemos provecho de este sueño para comenzar nuestro estudio.

El hombre duerme y sin embargo sus arterias laten,, su corazón funciona y la sangre circula; sus órganos digestivos continúan su trabajo, y sus pulmones aspiran y espiran rítmicamente el aire vivificante. Durante este sueño, lo que llamamos el hombre no es capaz de movimiento, ni de sensación, ni de pensamiento; a él no puede gustar, odiar ni, ser feliz ni, sufrir ni; sus miembros reposan inertes, su cara es inmóvil, y sin embargo su organismo funciona como si nada de nuevo fuera en el.

Pues somos hechos forzosamente considerar en el hombre:

1 °-Una parte maquina que continúa su acción tanto durante el sueño como en la víspera; es el organismo propiamente dicho.

2 ° - Otra parte, intelectual ésa, apareciendo solamente en el estado de la víspera; es lo que llamamos la Conciencia, el Espíritu.

El dominio del organismo parece tan bien tajante como el del espíritu. ¿ Pero qué pasa en este organismo?

Todo lo que depende del Espíritu, los miembros, la cara y sus órganos, la voz, la misma sensibilidad general, todo esto reposa, lo vimos. Pero todo esto rodea al ser humano, todo esto es periférico. Es

en el interior del tronco, en los tres segmentos que lo constituyen, vientre pecho o cabeza que pasan los fenómenos de la marcha automática de la máquina humana.

Como toda especie de máquina, el organismo humano posee órganos movidos, una fuerza motriz y un centro de mantenimiento y de renovación de esta fuerza motriz.

Así, si consideramos, tomando un ejemplo muy material, una locomotora, encontraremos allí órganos de acero movidos por el vapor, y la renovación de este vapor es mantenida por un desempeño continuo de calor.

También en el organismo humano encontramos órganos de constitución particular (órganos a fibras lisas) arterias, venas, órganos digestivos, etc., etc., movidos por la fuerza nerviosa transportada por las redes del gran simpático. Es así como la vida particular de cada una de las células que constituye los órganos, es mantenido por la corriente sanguínea arterial. Pues, órganos, centros de acción de las fuerzas diversas, fuerza motriz nerviosa y fuerza a animadora sanguínea, tales son los principios esenciales que constituyen la máquina humana en acción.

Pero el hombre se despierta. Algo además viene para añadirse a las fuerzas precedentes. Los miembros, que reposaban, se agitan; la cara se anima y los ojos se abren; el ser humano que fue extendido se levanta y habla. Una vida nueva va a comenzar, mientras que la vida orgánica perseguirá mecánicamente su acción.

El principio que acaba de aparecer esencialmente difiere principios precedentes: tiene sus órganos particulares de acción en el cuerpo (órganos a fibras estriados); tiene un sistema nervioso especial, se sirve del cuerpo como un obrero se sirve de un instrumento, como el mecánico se sirve de la locomotora: gobierna todos estos centros y todos estos órganos periféricos que reposaban en seguida. Este principio, lo llamamos el Espíritu conciente.

Si resumimos la exposición precedente, encontramos en el hombre tres principios: *que sostiene todo*, es EL CUERPO FÍSICO; *lo que anima y lo que mueve todo*, formando ambos polos del mismo principio, EL ALMA; por fin, *lo que gobierna* al ser entero, EL ESPÍRITU.

El cuerpo físico, el alma o el mediador agrade con plástico doblemente polarizado, el espíritu conciente, tales son los tres principios generales que constituyen el ser humano.

Si se tiene cuidado que el mediador plástico es doble, podemos decir que el hombre es constado por tres principios orgánicos: *lo que sostiene, lo que anima*}, *lo que mueve*. El Cuerpo, el Cuerpo astral y el Ser psíquico sintetizados y devueltos la unidad de acción por un principio conciente: *lo que gobierna* el Espíritu.

He aquí un ejemplo de lo que se llama la Trinidad en la Unidad o Selección - unidad en el Ocultismo.

LOS TRES PRINCIPIOS

El Ser humano pues es constado por tres principios; el cuerpo físico, el mediador plástico o la alma y el Espíritu conciente. Este último término sintetiza los términos precedentes y transforma en Unidad la Trinidad 1 orgánica.

Recordemos que las ocultistas de todas las edades y de todas las escuelas están de acuerdo en esta división fundamental en tres principios. Sin embargo, el análisis de estos principios, el estudio de su acción física, pasional o intelectual, de su localización anatómica o psicológica condujo escuelas diversas a *subdivisiones*, puramente analíticas, además. Pero la base inmutable de la enseñanza esotérica, es la doctrina de los tres principes1.

El cuerpo físico *sostiene* todos los elementos que constituyen el hombre encarnado. Tiene su centro de acción en el abdomen.

El cuerpo astral *anima* todos los elementos que constituyen el hombre encarnado. Tiene su centro de acción en el pecho y constituye el principio de la Cohesión del Ser humano.

El Ser psíquico *mueve* todos los elementos que constituyen el hombre encarnado, a excepción de los elementos colocados bajo la dependencia del Espíritu; tiene su centro de acción colocado en la parte postéro-inferior de como ella tête2.

El Espíritu que sintetiza en él los tres principios precedentes, *obedece al timón*, alumbrado por la Inteligencia y servido por la Voluntad, el organismo entero. El Espíritu tiene su punto de apoyo en el cerebro material; pero, salvo de excepciones raras, completamente no es encarnado en el Ser human3.

EL CUERPO FÍSICO

Que sostiene} todos los elementos constituyentes el ser humano sobre la tierra, es el cuerpo físico.

El Cuerpo físico abastece a su propia constitución el esqueleto, los músculos y los órganos digestivos, así como todas sus dependencias. Abastece al cuerpo astral los hematíes, los órganos circulatorios y todas sus dependencias. Abastece al ser psíquico todos los principios materiales del

sistema nervioso ganglionar. Abastece por fin al Espíritu todos los principios materiales del sistema nervioso conciente.

Los elementos materiales del ser humano se renuevan bajo la influencia de los alimentos transformados por el aparato de digestión *en quilo*. El centro de renovación y de acción del cuerpo físico pues está colocado en el abdomen.

El Cuerpo físico circula por el organismo por el sistema de los vasos linfáticos, sobre el trayecto de los cuales están colocados ganglios, centros materiales de reserva.

El cuerpo físico, dirigido en su marcha orgánica por el Instinto, se manifiesta al Espíritu conciente por las necesidades.

EL CUERPO ASTRAL

Que anima} todos los elementos que constituyen el ser humano, es *el Cuerpo astral*.

El cuerpo astral es el duplicado exacto del cuerpo físico. Constituye una realidad orgánica y posee órganos físicos, centros de acción y localizaciones.

Los órganos físicos especialmente destinados al cuerpo astral son los órganos de la respiración y de la circulación y todas sus dependencias.

El centro de acción del cuerpo astral es pues en el pecho. Sus funciones orgánicas se mantienen bajo la influencia del aire atmosférico, transformado por el aparato respiratorio en fuerza vital fijada sobre el glóbulo sanguíneo¹.

El aparato circulatorio difunde la fuerza vital en todos los puntos del organismo y abastece al ser psíquico los principios necesarios para la elaboración de la fuerza nerveuse².

El cuerpo astral, dirigido por el sentimiento, se manifiesta al Espíritu conciente por la Pasión.

EL ENTE PSÍQUICO

Quien mueve todos los elementos que constituyen el organismo humano, es *el Ser psíquico*.

El Ser psíquico es a propiamente hablado el centro de sublimación y de condensación del cuerpo astral. Tiene sus órganos físicos de circulación y de acción.

Los órganos físicos especialmente destinados al Ser psíquico son los órganos que constituyen el sistema nervioso ganglionar y todas sus dependencias (Cerebelo - *gran simpático* - *N. vasomotores*)³.

El centro de acción del Ser psíquico es pues en la Cabeza (ida postéro-inferior). Sus funciones orgánicas se mantienen bajo la influencia de la fuerza vital aportada por la sangre y transformada por la acción del cerebelo en fuerza nerveuse⁴.

El aparato nervioso de la vida orgánica difunde el movimiento en todos los puntos del organismo y abastece al Espíritu conciente los elementos necesarios para la elaboración de Pensée¹.

El Ser psíquico, ser guiado por la Intuición, se manifiesta al Espíritu por la Inspiración.

EL ESPÍRITU CONCIENTE

Lo que gobierna al ser humano entero, lo que siente lo que piensa y lo que quiere, devolviendo la trinidad orgánica la unidad de la Conciencia, es el Espíritu inmortal.

El Espíritu tiene, en el ser humano, un dominio de acción bien delimitado con un centro de acción, órganos y conductores particulares.

Los órganos físicos especialmente destinados al Espíritu son los órganos que constituyen el sistema nervioso conciente, con todas sus dependencias.

El Espíritu tiene pues como centro de acción la Cabeza. El cuerpo físico le abastece la materia del sistema nervioso conciente, el cuerpo astral le abastece la fuerza vital que anima esta materia, el ser psíquico le abastece la fuerza nerviosa necesaria para su acción. Además cada uno de tres principios abastece al espíritu uno o varios órganos de sensación².

El cuerpo físico abastece al Espíritu el tacto y el gusto, el cuerpo astral le abastece el olfato, el Ser psíquico le abastece el oído y la vista.

Estos sentidos diversos ponen el Espíritu en contacto con mundo exterior.

El Espíritu es por otra parte en contacto con ser interior que se le manifiesta por el impulso sensual, pasional o intelectual.

Es por la médula espinal (porción posterior), que las comunicaciones se establecen entre el Espíritu conciente y cada uno de tres centros orgánicos del ser humano: vientre, Pecho y Cabeza.

La Esencia del Espíritu consiste en su Libertad de abandonarse a los impulsos venidos del ser interior o de resistir a eso. Es en la facultad primordial que esencialmente consiste el árbitro Libre.

El Espíritu, aunque independiente mismo de cada uno de tres centros orgánicos, les actúa sin embargo, no inmediatamente pero médiateamente.

El Espíritu directamente no puede modificar la marcha de los órganos digestivos, sino tiene todo poder en la elección de los alimentos, y la boca, la puerta de entrada del abdomen, está bajo la dependencia exclusiva del Espíritu, con Gusto como coadyuvante sensorial.

El Espíritu directamente no puede modificar la marcha de los órganos circulatorios, sino tiene todo poder en la elección del medio respiratorio, y los hoyos nasales, la puerta de entrada del pecho, están bajo la dependencia del Espíritu, con Olfato como coadyuvante sensorial.

Resulta de ahí que el Espíritu voluntariamente puede modificar la constitución del cuerpo físico modificando convenientemente los alimentos (1a fase de magia practica) y que el Espíritu puede también actuar el cuerpo astral actuando el ritmo respiratorio y modificando por perfumes especiales el aire atmosférico inspirado (2a fase de magia practica).

Por fin la acción del Espíritu sobre los ojos y las orejas permite desarrollar la clarividencia y clairaudience conciente (3a fase de magia practica).

Por los alimentos, por el aire inspirado, por las sensaciones, el Espíritu actúa al ser interior, por los miembros, actúa la Naturaleza.

La laringe, los ojos, considerados como órgano de expresión, la boca, considerada también, todavía se añaden a los miembros en la acción conciente del Espíritu sobre otros hombres, y el mundo exterior, sobre el el no yo.

En resumen, las funciones del Espíritu se reducen a los datos siguientes:

Anatomía y fisiología filosófica.

Gracias a los elementos materiales, vitales y psíquicos a él abastezco

por los tres principios del ser interiores, el Espíritu posee

medios especiales de acción.

Lo que huele Él recibe:

Ø□

Del Ser interior impulsos sensuales, animiques e intelectuales

□□ □Del el no yo de las sensaciones diversas.

Lo que piensa percibe las ideas que derivan sus estados

diversos y psíquicos, las compara, las clasifica, en tirada su juicio y formula por fin su voluntad.

Lo que quiere actúa luego:

Ø□ Sobre el Ser interior por las puertas de entrada de los tres centros, las puertas de entrada que están bajo su dependencia, y por los elementos introducidos en cada uno de tres centros.

□□ □puede también actuar la□periferia□de su Ser por los miembros.

□□ □Sobre el El no yo por los miembros colocados bajo su dependencia y por otros ciertos órganos de expresión: la Voz, la Mirada, el Gesto, etc., etc.

Lo que huele y lo que quiere es en relación directa con los órganos corporales; lo que piensa les domina al contrario.

De la acción del Abdomen sobre el El no yo (alimento) resulta el quilo; de la acción del Pecho sobre el El no yo resulta el dinamismo de la sangre; de la acción de la Cabeza sobre el órgano (la sensación) resulta la idea.

¿ Que resulta pues una acción del Espíritu conciente y sobre el Ser interior y sobre el mundo exterior?

DEL DESTINO

El Ser humano concebido como todo, fábrica, por el empleo libre que hace su voluntad, elementos que le son confiados, de la posibilidad o de la desgracia para su evolución futura. Es el árbitro libre quien mismo reglamenta el destino de la Mónada humana¹.



Explicación de la Figura

Esta figura semi-esquemático representa los dominios respectivos del Inconsciente y del Espíritu conciente en el hombre.

Todo lo que es blanco está colocado bajo la dirección del Inconsciente o sufre la influencia de este Inconsciente. *Todo lo que es teñido en negro* está colocado, al contrario, bajo la dirección de la Voluntad conciente. Las partes figuradas *en gris* representan la parte *sensitiva* conciente del Ser humano, las negras indican las partes motrices.

§ 2 - EL MACROCOSMO O LA NATURALEZA

El hombre edificó ciudades soberbias; alrededor de estas ciudades de los campos bien cultivados se extendieron; en las praderas vimos bellos rebaños pacer en tranquilidad plena; una sociedad humana, con sus órganos sociales y sus facultades nacionales se fijó en este país maravilloso de Egipto.

Pero el eje magnético de las civilizaciones se desplazó de un grado, la guerra y el incendio llevaron sus estragos en las ciudades, las ruinas reemplazaron las ciudades soberbias, las hierbas locas y los bosques tomaron el sitio de los campos cultivados, las bestias feroces y las serpientes venenosas sucedieron a gordo rebaños, y, ahora, ninguna sociedad humana aparece más en estos desiertos.

Cual es pues esta fuerza misteriosa que deshace así las obras de los hombres, que es este adversario escondido que repite paso a paso posesión de su bien, tan pronto como el hombre deja de luchar: es la Naturaleza. La Naturaleza, es la fuerza fatal que dirige todo lo que el hombre percibe alrededor de él en el Universo, desde el sol hasta la brizna de hierba. Esto es sólo en la tomada de la lucha constantemente, justo sólo desplegando sin cesar los esfuerzos de su Voluntad el Hombre llega a dominar la Naturaleza y a hacerse a un auxiliar precioso en su marcha hacia el Futuro. La Voluntad humana es la tan poderosa como la Fatalidad natural; son dos de las fuerzas cósmicas más elevadas que se hayan manifestado en lo absoluto.

Consideremos un rincón cualquiera de nuestro planeta en la cual la Naturaleza manifiesta su fuerza sin división con la acción del hombre, y veamos si no reencontramos allí principios y leyes generales escondidos bajo la multitud de los esfuerzos aparentes.

He aquí un rincón de bosque tropical. La Tierra y sus lechos geológicos entrecortados por venas metálicas forma la base, el soporte de ella casi totalidad de lo que podemos percibir.

Un arroyo traza silenciosamente su camino en medio de los árboles y las plantas que surgen de todas partes. Sin el agua fertilizante, actuando en el Planeta como el quilo actúa en el hombre, nada crecería sobre la Tierra desecada.

Entre estas plantas, insectos circulan rápidos y atareados por la lucha por la existencia. Sobre estos árboles, aves se divierten, y, en las profundidades del bosque, oímos el silbido de las serpientes y el rugido de las fieras.

Por encima de todos estos seres vegetales o animales, un fluido sutil circula invisible, impalpable: el aire atmosférico, el origen del movimiento vital que mueve toda la naturaleza animada. Por fin, altura, en el cielo, el Sol lanza de sus rayos ardientes este rincón de la tierra. Los rayos de sol aportan el movimiento al Planeta entero, el movimiento cuyas combinaciones más o menos intensas con la materia producen todas las fuerzas físicas conocidas. El sol se condensa en la sustancia de los árboles, de donde el hombre lo extraerá más tarde en el estado de calor quemando la madera o la hulla. El movimiento llegada del Sol se condensa en el interior de la Tierra en forma de magnetismo, y se manifiesta en su superficie en forma de atracción molecular.

Resumamos. - de la Tierra *que sostiene*}, Agua y el Aire *que animan*}, del solar Difunto *que mueve* creando todas las fuerzas físicas, y la Fatalidad *que gobierna* la marcha de todas estas fuerzas y de todos los seres, he aquí aquel de lo que nos aprende la vista de este rincón de Tierra. ¿ Es todo?

No. Todas estas fuerzas, todos estos elementos circulan a través de tres reinos, los minerales lentamente descompuestos por las raíces de los vegetales que los asimilan y los transforman en sustancia vegetal que los rayos de sol vienen para encargar de principios dinámicos, y que el aire atmosférico viene para animar.

Pero los animales, cogen a su alimento la sustancia vegetal que digieren y transforman en sustancia animal. Y la vida universal e idéntica para ser, circula a través de todos los reinos, animando tanto la brizna de hierba como el cerebro del gran cuadrumano

Tres reinos constituyen el cuerpo material de cada uno de los continentes de nuestro Planeta, y cada uno de estos tres reinos manifiesta un centro particular del organismo terrestre. El reino mineral es el *esqueleto*, *el centro* de digestión y de excreción, el reino vegetal es el centro animique que digiere el mineral y purifica sin cesar el aire atmosférico indispensable para todos los seres; por fin, el reino animal es *el centro* intelectual, evolucionando el instinto y la inteligencia a través de la ascensión penosa hacia ella conscience¹.

Que sostiene todos los principios en acción sobre el Planeta, es la Tierra con su tripa evolución mineral, vegetal y animal.

Que anima }, son el Agua y el Aire. El Agua que actúa en la Naturaleza como la parte líquida sangre en el hombre, y el Aire que actúa en la Naturaleza como el glóbulo de la sangre en el hombre.

Lo que mueve, son las fuerzas fisicoquímicas producidas por las combinaciones de los rayos de sol con la materia orgánica o inorgánica, es el movimiento en su esencia que los antiguos apelaban Difunto.

De la Tierra, del Agua, del Aire y del Fuego, tales son los cuatro principios que vemos actuar en la Naturaleza si abandonamos el campo del análisis para quedar en el mismo sitio esencialmente general. Pues no *tememos* ser tasados por ignorancia o agobiados bajo el peso del ridículo atreviéndonos a volver, al fin del siglo XIX, sin temor a los cuatro elementos de la antigua física de los iniciados.

Pero acabamos de analizar allí, solamente un rincón de nuestro planeta. Las fuerzas fisicoquímicas, el Aire, el Agua y la Tierra, únicamente constituyen los principios en acción en la porción de la Naturaleza que nos rodea inmediatamente, lo que los antiguos llamaban el mundo elemental. Prosigamos nuestro análisis.

Acabamos de ver hechos que se pasan sobre una parte débil de nuestro planeta. El empleo de la analogía nos permite esperar que, lo mismo que la misma ley dirija la marcha de una célula y la de un órgano en el hombre, también una ley idéntica debe dirigir la marcha de un continente y la de todo el Planeta, concebida como un ser orgánico especial.

Nuestro planeta, aislado en el Espacio, baña alternativamente el más grande se vaya de uno de sus hemisferios en el fluido solar. De ahí, la existencia de día y de noche correspondiente a una aspiración y una espiración del ser humano. En el organismo humano: el fluido reparador, la sangre, circula a través de los órganos que baña. En el organismo del mundo, al contrario, son los planetas (órganos del sistema solar), que circulan por el fluido solar reparador. La Tierra aspira el movimiento por el ecuador y lo espira por los polos¹.

Nuestro planeta recibe del mundo exterior tres influjos especiales:

1 ° el Sol

2 ° El de la Luna, el satélite de la Tierra

3 ° El de otros planetas del sistema solar (consideramos las estrellas fijas como demasiado alejadas para tener una acción especial sobre los planetas).

El estudio de estas corrientes fluídicas y de su acción fisiológica constituye la astrología.

Pero nuestra Tierra suelta por su parte varios fluidos:

1 ° inmediatamente es rodeada de un lecho atmosférico especial.

2 ° es luminosa vista otros planetas.

3 ° posee una fuerza de atracción particular que actúa tanto los cuerpos colocados en la superficie del planeta como la luna y especialmente también otros planetas del sistema.

La Luna que es una dependencia cósmica de la Tierra vuelve a su esfera de atracción, y el planeta unido con su satélite forma un sistema planetario. La Luna actúa enfrente de la Tierra como el Gran simpático enfrente del organismo humano, y regulariza y distribuye la fuerza dinámica, y por ahí dirige el crecimiento y la disminución de todos los organismos vivos, sobre tu Tierra.

Pero la Tierra y su satélite forman sólo uno de los órganos de nuestro sistema solar que, sólo, constituye todo, un organismo especial en el Universo.

Un sistema solar es constado:

De órganos materiales jerarquizados en tres categorías:

- 1 ° Los Satélites que obedecen a la atracción de un Planeta;
- 2 ° Los Planetas que obedecen a la atracción de un Sol;
- 3 ° Un Sol que obedece a la atracción de un centro particular.

Entre los satélites y los planetas actúan las fuerzas fisicoquímicas y los fluidos dichos elementales.

Entre los Planetas y el Sol actúan las fuerzas cósmicas y los fluidos dichos astrales.

Entre el Sol y el centro más elevado de atracción actúan los forzados psychiques (*sic*) y los fluidos dichos principiateurs.

Para un planeta de un sistema solar, (o) satélite actúa pues como el abdomen actúa en el hombre, el sol actúa como el corazón en el hombre, y el centro de atracción del Sol actúa como la cabeza en el hombre.

En resumen, un sistema solar comprende tres órdenes de principios:

Lo que sostiene: los órganos del sistema: satélites, planetas y Sol.

Lo que anima: fluido dinámico emanado del Sol.

Lo que mueve: fuerza de atracción localizada en los satélites del planeta y en el sol y emanada del centro de atracción del Sol.

Lo que gobierna: la fuerza cósmica llamada Natural o Destino.

La antigua física del hermétistes consideraba el Universo como constituido por tres planos o mundos.

1 ° El mundo elemental constituido por las fuerzas en acción sobre nuestro planeta, llamado también mundo sublunar, y cuyo dominio se extendía de la Tierra a su satélite: la Luna, (dominio de las fuerzas fisicoquímicas.)

2 ° El mundo de sin aberturas constituido por las fuerzas en acción en el sistema solar. Y el que el dominio se extendía del sol a los planetas del sistema (dominio de las fuerzas astrales.)

3 ° El mundo entero constituido por las fuerzas en acción en el Universo entero, y cuyo dominio, se extendía del centro (todavía poco determinado científicamente) de atracción de nuestro sol el sol situados en la misma esfera de atracción (dominio de las fuerzas y principios.)

Y estos tres planos no constituían centros*de acción acción estrictamente delimitados. Lo mismo que, en el hombre, reencontramos en todas las partes del organismo de la linfa, sangre y la acción nerviosa, aunque el abdomen, el tórax y la cabeza sean los planos que centralizan la acción de estos tres elementos, también, en el menor planeta reencontramos fuerzas físicas respectivas de la vida y de la atracción, la manifestación del mundo elemental, del mundo de los sin aberturas y del mundo empyrée.

§ 3 - EL ARQUETIPO

Cuando queremos figurarnos el hombre, es siempre *la imagen* su cuerpo físico que se presenta los primeros a nuestro espíritu.

Y sin embargo, poca reflexión basta para nosotros: dar a entender que. Este cuerpo físico sólo sostiene y sólo manifestar al hombre verdadero, el Espíritu que lo gobierna.

Podemos quitar millones de células de este cuerpo físico cortando a un miembro sin que para esto la unidad de la Conciencia sufra el menor atentado. El hombre intelectual mismo que está en nosotros es independiente de órganos que son sólo y medios de comunicación.

No es verdad de allí menos sin embargo que, para nosotros, en nuestro estado actual, estos órganos físicos son los más útiles, son los mismos indispensables para permitirnos subir a la acción del Espíritu y comprenderlo. Bajo esta base totalmente física, nuestras deducciones tomarán el carácter vago y la mística datos exclusivamente metafísicos.

Pero un análisis totalmente superficial puede sólo nosotros conducir a confundir al hombre intelectual con hombre orgánico, o a devolver la Voluntad totalmente solidaria de la marcha de los órganos.

Entonces, cuando se trata de tratar la cuestión de Dios, caemos la mayoría de las veces en uno de los excesos lo que acabamos de señalar a propósito del hombre.

El conjunto de los seres existentes y de las cosas que sostiene y manifiesta la Divinidad como el cuerpo físico del hombre sostiene y manifiesta el Espíritu.

Querer negociar a Dios sin apoyarse en todas estas manifestaciones físicas, es correr peligro de perderse en las nubes de la metafísica, es permanecer incomprensible la mayoría de las inteligencias. Es pues apretándonos la ' constitución del hombre de una parte y la del Universo de otra quien vamos a esforzarnos por darnos cuenta de Dios.

En el hombre, vemos a un ser físico, o más bien orgánico, funcionando de modo maquinal tanto durante la víspera como durante el sueño. Por encima de este ser orgánico, determinamos otro: el ser intelectual que entra en acción desde el despertar y manifestando casi exclusivamente durante el estado de la víspera.

Allí ida orgánico del ser humano responde a la idea que nos hicimos de la Naturaleza. Es la misma ley fatal y regular que dirige la marcha del hombre orgánico, como. El del Universo, este último que fue formado por órganos cósmicos en lugar de ser formado por órganos humanos.

El ser intelectual en. El hombre responderá como consecuencia, pero de modo muy elemental, a la idea que podemos hacernos de Dios, Las relaciones del hombre físico al hombre intelectual nos alumbrarán sobre las relaciones de la Naturaleza y del Dios, como las relaciones entre el ser físicos y el Espíritu en el hombre que puede alumbrarnos analogiquement sobre las relaciones del Hombre con Dios.

Por ahí, podemos desde ahora poner en principio que, si nuestra analogía es verdadera, Dios, aunque manifestado por la Humanidad y por la Naturaleza, aunque actuando estos dos grandes principios cósmicos, tiene sin embargo una existencia limpia e independiente.

i Pero la Primera Unidad tan concebida no tiene que intervenir más en! Tiene marcha de las leyes naturales que el Espíritu conciente del hombre interviene, en el estado normal, en la marcha del corazón y en la del hígado.

El *hombre* es el solo creador y el solo juez de su destino. Es libre de actuar a su modo en el círculo de su fatalidad, tanto como un viajero puede, en, un tren o en un vapor, actuar como él él plait en su cabina o en su compartimiento. Dios no puede ser hecho más cómplice de faltas humanas que el jefe del tren o el capitán del vapor son responsables de fantasías de los viajeros que conducen adelante.

i Hay que pues, con el fin de evitar todo error en la continuación, bien distinguir que Dios, tal, como aparece a primera vista, es el conjunto de todo lo que existe, lo mismo que! ' Hombre es el conjunto de todos los órganos y de todas las facultades que aparecen en primer lugar.

Pero el hombre verdadero, el Espíritu, es distinto del cuerpo físico, del cuerpo astral y del ser psíquico, que percibe y que domina. Del mismo Dios-unidad es distinto de la Naturaleza y de la Humanidad que percibe y que domina. Al hablar de modo grosero, la Naturaleza es el cuerpo de Dios, y la Humanidad es la vida de Dios. Pero tanto como el cuerpo material es el cuerpo del hombre, y el cuerpo astral y el Ser psíquico son los principios vitales del hombre; se trata allí del hombre orgánico y no del hombre Espíritu, que, todavía desnudo la vez, usa. De estos principios que como medio de manifestacion1.

No es verdad de allí menos sin embargo que el Espíritu del hombre está en relación por el sentido interno con la menor parcela de su organismo, parcela la cual no puede actuar, sino la cual, ella, puede manifestarse al Espíritu por el sufrimiento. También, Dios está presente médiatement o inmediatamente en la menor parcela de la creación, está en cada uno de nosotros; así como la conciencia humana está presente en calidad de receptora o de motriz conciente en cada una de nuestras células corporales.

La Naturaleza y el Hombre actúan pues libremente rodeados de todas partes por la acción divina circonférentielle, que arrastra el Universo hacia el Progreso, sin intervenir despóticamente en las leyes naturales o en las acciones humanas. Así el capitán del vapor que actúa el timón de su embarcación navega hacia el fin del viaje sin intervenir en el detalle de la maquinaria motriz (imagen de la naturaleza), o en las ocupaciones de los pasajeros. El capitán obedece al timón circonférentiellement el sistema general; tiene sólo hacer lo que pasa dentro de las cabinas.

Sin embargo la acción del capitán se ejercita sino inmediatamente, por lo menos médiatement.

1 ° Sobre la maquinaria por el portavoz.

2 ° Sobre los viajeros por los reglamentos de bordo elaborados por él capitan2.

En Cábala, llamamos a *Padre* el principio divino que actúa la marcha general del Universo (acción sobre la Barra), *Hijo* el principio en acción en la Humanidad, y *Espíritu Santo* el principio en acción en la Naturaleza. Estos términos místicos indican las aplicaciones diversas de la fuerza creadora universal.

§ 4. - LA UNIDAD

El Universo concebido como uno totalmente animado es constado por tres principios que son: la Naturaleza, el Hombre y El dios, o, para emplear el lenguaje del hermétistes, el Macrocosmo, el Microcosmo y el Archétype³.

El hombre es llamado microcosmo o pequeña gente porque contiene *analogiquement* en él lles leyes que rigen Univers¹.

La Naturaleza forma el punto de apoyo y el centro de manifestación general de otros principios.

El hombre que actúa la Naturaleza por la acción, otros hombres por el Verbo, y se eleva hasta Dios por la Oración y el Éxtasis constituye el lazo que une la creación con creador.

Dios que envuelve con su acción providencial los dominios en los cuales actúan libremente otros principios, domina el Universo y ramifica sus todos los elementos a la unidad de dirección y de acción.

Dios se manifiesta en el Universo por la acción de la Providencia que. Viene para alumbrar el hombre en su marcha; pero quien no puede ponerse allí enérgicamente en acción dos otras fuerzas primordiales¹.

El Hombre se manifiesta en el Universo por la acción de la Voluntad que le permite luchar contra el Destino y hacerlo al servidor de sus concepciones. En la aplicación de sus voliciones en el mundo exterior, el hombre tiene toda libertad de acudir a las luces de la Providencia o de despreciar la acción.

La naturaleza se manifiesta en el Universo por la acción del Destino que perpetúa de manera inmutable y en una orden estrictamente determinada los tipos fundamentales que constituyen su base de acción.

Los hechos son del dominio de la Naturaleza, *las Leyes* del dominio del hombre, *los principios* del dominio de Dios.

Dios crea siempre sólo en principio. La Naturaleza desarrolla los Principios creas para constituir los hechos, y el hombre, estableciendo, por el empleo que hace su voluntad de las facultades que posee, los relatamos los que unen los hechos con los Principios, transforma y perfecciona estos hechos por la creación de las Leyes.

Pero un hecho, cualquiera simple que sea, siempre es sólo la traducción por la naturaleza d un principio emanado de Dios, y el Hombre puede siempre restablecer el lazo que conecta otra vez el hecho visible al principio invisible, y esto por la enunciación de una Ley. (Fundamento del método analógico.)

*

* *

Un vapor es lanzado sobre el inmenso Océano y navega hacia el fin asignado por el término del viaje.

Todo lo que contiene el vapor es llevado adelante.

Y sin embargo cada uno es libre de organizar su cabina como él *él plait*. Cada uno es libre de subir sobre el puente contemplar el infinito o de descender a fondo de cala. El progreso adelante se efectúa cada día para la masa total; pero cada individualidad es libre de actuar a su guisa en el círculo de acción que le es destinado en división.

Todas las clases sociales están allí sobre esta embarcación, desde el pobre emigrante, que se acuesta totalmente vestido en un saco, hasta el yanqui rico, que ocupa una buena cabina.

Y la velocidad es la misma para ellos todos, ricos, pobres, grandes y pequeños ellos todos acabarán al mismo tiempo en el término del viaje.

Una máquina inconsciente que funciona según leyes estrictas mueve el sistema entero.

Una fuerza ciega (el vapor) canalizado en tubos y órganos de metal generado por un factor especial (el calor) anima la máquina muy entera.

Una voluntad, dominando y la máquina orgánica y el conjunto de los pasajeros, gobernar todo: el capitán.

Indiferente a la acción particular de cada pasajero, el capitán, los ojos fijados sobre el fin que hay que alcanzar, la mano - a la barra, conduce el organismo inmenso hacia el término del viaje, consagrándosele sus órdenes al ejército de las inteligencias que le obedecen.

El Capitán directamente no manda la hélice quién mueve el vapor, tiene acción inmediata sólo sobre el timón

Así el Universo puede ser comparado con un vapor inmenso del que está lo que llamamos Dios tiene el timón; la Naturaleza es la maquinaria sintetizada en la hélice que hace marchar todo el sistema ciegamente según leyes estrictas, y los humanos son los Pasajeros.

El Progreso existe, general, para todo el sistema, pero cada ser humano es absolutamente libre en el círculo de su fatalidad.

Pezón es la imagen que pinta bastante claramente las enseñanzas del Ocultismo sobre esta cuestión.

CAPITULO II

§ 1 - EL PLANO ASTRAL

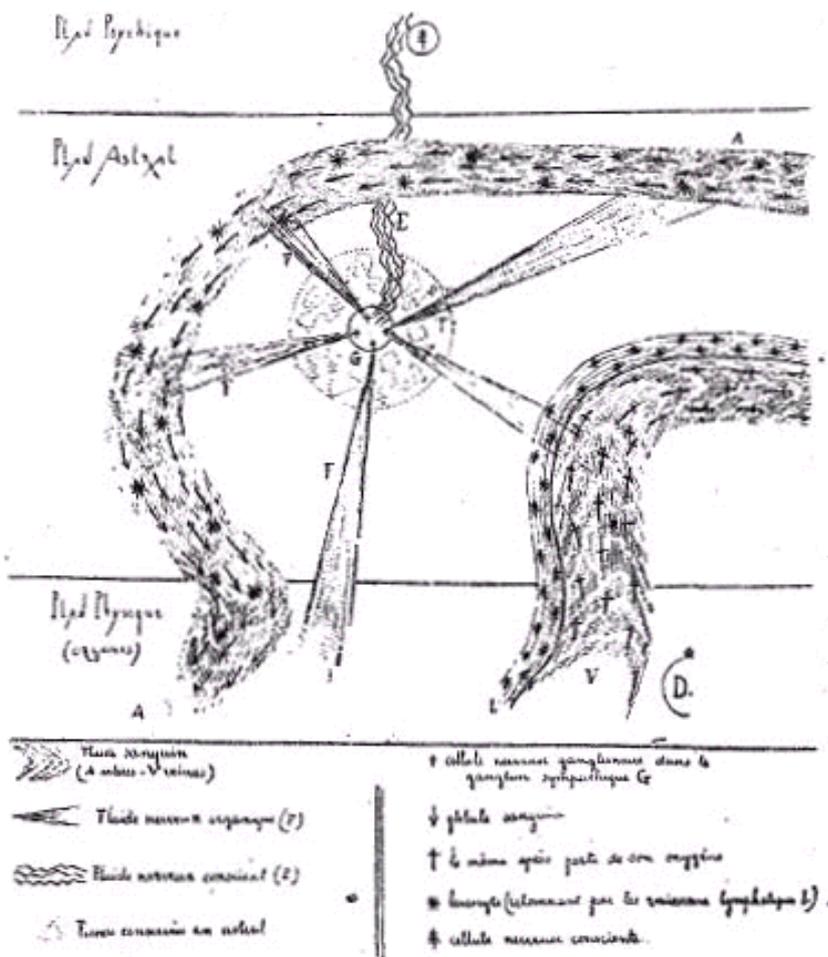
Los Fenómenos ocultos y la Práctica

Lo que dijimos hasta ahora, tal vez puede ser lo que tiene informe a Dios, no chocará sin medida a un lector que pasará para tener " un espíritu positivo " .Cela valora lo que hicimos todos nuestros esfuerzos para quedarse en un dominio tan científico como lo permiten estas cuestiones.

Pero nos queda hablar del mundo invisible y de su constitución, los seres invisibles y su acción, en una palabra la parte verdaderamente oculta o más bien ocultada por la Ciencia de los antiguos.

Ancho lector va a ver, resumidos casi sin ningún comentario, visto el marco de nuestra exposición, las enseñanzas del ocultismo sobre los espectros, los fantasmas, los elementales y los elementales, las propiedades mágicas del cuerpo astral y del mundo astral, etc., etc.

Son allí sujetos que desvían tanto la razón vulgar, en nuestra época, que más de un lector, tendrá la certeza que estas páginas son el producto de una forma cualquiera de alienación mental, tan tanto es para que ya hubiera puesto una conclusión análoga antes de abordar este capítulo.



Para nosotros, tenemos la certeza que los fenómenos inexplicables de los que tendremos que hablar son unas realidades. Cualesquiera que sean pues las conclusiones de los lectores, lo llamamos a la Fuerza que sabrá hacer justicia a todos: *al Tiempo*.

En el hombre, comprobamos la existencia de una parte visible y de una parte invisible¹.

La parte visible nos manifiesta la parte invisible como el receptor del telégrafo reproduce el telegrama enviado de lejos.

En la Naturaleza, también existe, según el ocultismo. Toda una parte invisible, al lado de objeto y fuerzas físicas que golpean nuestros sentidos materiales.

Lo mismo que por el hombre invisible circulan fluidos y células (fluidos sanguíneos y nerviosos, hematíes y leucocitos) factores incesantes del organismo, también en la Naturaleza invisible circulan de fuerzas y de seres; factores incesantes del plano físico².

El ocultista, que comprobó en el hombre la existencia de un cuerpo astral, un factor y un conservador de las formas orgánicas, no sabría pararse, en el estudio de la Naturaleza, tiene la comprobación de las fuerzas fisicoquímicas o de los resultados de la evolución. Estas cosas visibles son, una vez más, sólo el resultado de principios invisibles con nuestros sentidos físicos.

Recordemos que la parte invisible del hombre comprende dos grandes principios: el cuerpo astral y el ser físico de una parte, y el Espíritu conciente por otra parte.

La Naturaleza concebida como una entidad especial también comprende, en su parte invisible, un plano astral, un plano físico de una parte y un plano divino por otra parte.

El conocimiento del plano astral es indispensable si se quiere comprender las teorías presentadas por el ocultismo para explicar todos los fenómenos en apariencia extraños, susceptibles de ser producidos por el hombre, desarrollado de modo particular.

El sujeto mismo es muy oscuro. Sin embargo, basta con apoyarse el más posible en la constitución del hombre para comprender lo que nos tarda en exponer.

¿ Que entendemos por este término, en apariencia tan raro, de plano astral?

Vamos a servirnos de algunas comparaciones groseras es verdad; pero tan muy sugestivas para encaminarnos de una definición comprensiva de este término.

¿ He aquí por ejemplo un artista quién tiene la idea de hacer una figurina Que le hace falta para realizar cinco céntimos idea? De la materia, poca tierra por ejemplo. ¿ Es todo?

Sin duda, sí, a primera vista. ¿ Pero suponga al artista pobre y manco paralizado?

¿ Qué ocurrirá-?

Pasará que su idea de figurina será tan nítida como posible en su cerebro Por otra parte la tierra totalmente estará dispuesta a recibir y manifestar esta forma: pero EL INTERMEDIARIO, la mano; no obedeciendo más al cerebro de una parte. Y no pudiendo actuar la materia, por otra parte, nada se produce.

Para que la idea del artista plusse ser manifestada por la materia. La existencia de un intermediario entre la idea y la materia es necesaria.

Para recordar una de nuestras comparaciones más conocidas, la idea del artista puede ser asimilada al cochero de una tripulación y la materia al coche.

El intermediario entra al cochero y el coche es el caballo. Entonces, sin caballo, el cochero, sentado en el asiento, no puede más actuar el coche, que, sin brazo, el artista no puede modelar la tierra. Tal es el papel del intermediario en las comparaciones precedentes.

Volvamos a nuestro artista y a su figurina.

Supongamos que la materia, vencida por el trabajo, se haya plegado a los impulsos de la mano que lo amasa, y para que la figurina se acabe.

Que es, de allí, suma{sueño}, que esta figurina: una imagen física de la idea que el artista tiene en el cerebro. La mano hizo el oficio de un molde en el cual la materia ha sido modelada, y esto es verdad tanto como, si un accidente quebranta la figurina de tierra, el artista reencontrará la forma original siempre existente en su cerebro y podrá rehacer una nueva figurina, llena de imágenes más o menos perfeccionada por la idea que sirve de modelo.

Existe sin embargo un medio de prevenir la pérdida de la figurina tan pronto como se acaba, es moldear esta figurina. Por el molde obtenemos una negativa de la cosa que hay que reproducir, tal como la materia que saldrá del molde manifestará siempre la forma primitiva, sin que el artista jamás tuviera que intervenir.

Basta pues que exista un único negativo de la idea original para que multitudes de imágenes positivas de esta idea, imágenes siempre idénticas las unas a otros, tengan origen por la acción de esto negativo sobre la materia.

Pues bien. Cada forma orgánica o inorgánica que se manifiesta con nuestros sentidos es una figurina de un gran artista que se llama el creador, o más bien, que viene, de un plano superior que llamamos el plano de creación.

Pero en este plano de creación primordial, hay sólo unas ideas, principios, lo mismo que en el cerebro del artista.

Entre este plano superior y nuestro mundo físico y visible, existe un *plano intermediario* cargado{lleno} de recibir las impresiones del plano superior y de realizarlos actuando la materia, lo mismo que la mano del artista es encargada de recibir las impresiones del cerebro y de fijarlos sobre materia.

Este Plano intermediario entre el principio de las cosas y las cosas mismas es allí lo que se llama en ocultismo el plano astral¹.

Qué no se figure sin embargo que este plano astral es en una región metafísica imposible que percibe de otro modo que por el raciocinio. Sabríamos repetir demasiado sólo todo estrechamente es encajado en la Naturaleza tanto como en el hombre y sólo cada brizna de hierba lleva con él su plano astral y su plano divino. La necesidad del análisis nos obliga sólo a separar cosas absolutamente conexas. Acabamos de determinar la calidad *de intermediario* de este plano astral pero no es todo.

Si se comprendió bien esta comparación, es ahora fácil darse cuenta de lo que se entiende en ocultismo por la segunda propiedad del plano astral: la creación de las formas.

Toda cosa primero es creada en el mundo divino *en principio*, es decir en potencia{fuerza} de ser, análoga a la idea en casa de hombre.

Este principio pasa entonces por el plano astral y se manifiesta allí « en negativo » - es decir que, todo que era luminoso en el principio se vuelve oscuro, y recíprocamente todo que era oscuro se vuelve luminoso; no es la imagen exacta del principio que se manifiesta, es el moldeado de esta imagen. - el moldeado una vez obtenido, la creación « en astral ». Es *terminée*¹.

Es mientras comience la creación sobre el plano físico, en el mundo visible. La *forma astral* que actúa la materia da origen a la *forma física*, como el molde da origen a estas figurinas. Y el astral esto puede no cambiar los tipos a los cuales da origen, más que el molde cambia la imagen que reproduce. Para modificar la forma, habrá que crear un nuevo molde, es lo que podrán divinizar inmediatamente y el hombre medianamente - Pero no anticipemos.

Para volver a nuestro punto de partida, comprobemos que en definitiva, la imagen física exactamente reproduce el principio divino que inmediatamente le dio origen, el astral no tuvo otra utilidad que la de multiplicarse al infinito, y sin necesitar recurrir al artista primitivo, el principio, el punto de partida de la creación.

Anotemos no obstante que la creación sobre el plano físico, cuyo génesis acabamos de exponer según el ocultismo, es más detallada que lo hicimos. L analiza nos conduciría en definitiva a 22 (21 + 1) esferas de acción, el plano divino, el plano astral, el plano físico comprenden en efecto cada uno tres esferas activas, tres esferas pasivas, y una esfera equilibrante, es decir 3 veces 7 esferas más el tonalisante universal, lo que hace 22. Pero nuestro marco nos obliga a la claridad, y selección - unidad tiene el mérito. Quedando muy general, de ser más clara de métodos de exposición; también cojamosnos allí.

Para resumir lo que acabamos de decir respecto a la segunda propiedad del plano astral, lo que el lector se traslada a las operaciones diversas de la fotografía, tendrá una imagen muy fiel de lo que se puede entender por la creación en los tres mundos.

En efecto, el paisaje que tiene que reproducir es la imagen del Principio de creación del mundo divino. Este paisaje, después de haber atravesado la cámara oscura, se hace un negativo, una imagen negativa de la realidad, llena de imágenes en cuál los blancos son negros y los negros son blancos.

Pero una nueva serie de manipulaciones va a permitirle al fotógrafo sacar de esta imagen negativa toda una serie de pruebas positivas que exactamente reproduce el paisaje inicial.

Usted añade que la Naturaleza reproduce los colores, lo que todavía no hace el fotógrafo, usted tendrá, en limado inicial el tipo del mundo divino, en la imagen negativa t, se caracteriza del mundo astral, y en la prueba positiva te caracteriza del mundo físico.

LOS FLUIDOS

Pero vos va a detenerme allí y a decirme: todas estas operaciones de las que vos nos habla no se cumplen solas. Hacen falta agentes, serían sólo dedos de manos; para hacer su molde, su cliché fotográfico o todas estas cosas de las que vos nos mantiene. ¿ Cuáles son pues los agentes del mundo astral?

Ya que hablamos de la fotografía, guardamos esta comparación, y perseguimos con ella nuestro estudio, para responder a la cuestión precedente.

Tenemos que considerar dos acciones principales: 1 ° la transformación de nuestro paisaje en imagen negativa; 2 ° la transformación de nuestra imagen negativa en pruebas positivas.

Recordemos ante todo nuestras bases analógicas; el paisaje que hay que reproducir es la imagen del Principio emanado por el mundo divino, el cliché negativo representa la reproducción de este Principio en astral, y la prueba representa la realización del Principio en física.

¿ He aquí nuestro paisaje delante de nosotros y, por otra parte he aquí nuestro cliché sensibilizado, es decir preparado para recibir la impresión Esto basta para nosotros?

Sabemos bien que no, ya que, si haga por la noche, no obtendríamos nada.

Entre nuestro paisaje y nuestro cliché, hace falta un intermediario. Este intermediario será, en este caso, un fluido imponderable: la Luz.

Vamos a condensar un poco de esta luz en un lugar oscuro: la cámara oscura y el haz de luz transformado por su paso brusco de su medio natural tiene este nuevo medio a través de un pequeño hoyo o un objetivo va a manifestar sobre nuestro cliché una imagen *derribada* del paisaje.

Pero esta imagen no está allí que en energía de ser Para ponerlo de manifiesto, la luz primitiva es inútil y hasta perjudicial en lo sucesivo. Es en una habitación oscura o alumbrada de rayos particulares que vamos a hacer sufrir a nuestro cliché la acción de fluidos fisicoquímicos particulares. Bajo esta influencia, la imagen negativa del paisaje aparece, y puede sufrir en lo sucesivo la acción de la luz sin peligro. Nuestro "molde" es creado.

Es mientras acudimos de nuevo al fluido primitivo: a la Luz tan perjudicial en astral. Esta luz que actúa un nuevo lecho de sustancia sensible, está colocada bajo nuestro cliché, va a manifestar sobre el plano real, y tampoco negativo, la imagen de nuestro paisaje, imagen que la acción de algunos fluidos químicos harán estable.

Resumamos.

Dos tipos de operaciones.

Las operaciones hechas en Luz y hechas en ausencia de Luz. Es pasando alternativamente de uno de estos casos a otro que las operaciones diversas y fotográficas se cumplen.

En las operaciones hechas teniendo Luz, es como el fluido que actúa; pero entonces nada es estable; las imágenes obtenidas son invisibles son pasajeros todo *estamos bajo el poder de ser*, en principio.

Pero qué de nuevos fluidos vengan para actuar al amparo de esta luz, en el laboratorio, y en seguida lo que estaba bajo el poder de ser se realiza en negativamente, y el positivo que era pasajero se vuelve permanente.

Justo pues pasando alternativamente fluidos del mundo divino (operación en Luz) por los fluidos del mundo astral (operación en laboratorio) los seres y las cosas físicas son creados si nuestra comparación es justa. Por otra parte los fluidos del mundo divino son creativos y los de la gente

astral son fijadores o conservadores, consecuencia de nuestra comparación, que exactamente responde a las enseñanzas del ocultismo.

Los agentes: *Elémentals*, Elementales.

Además de los fluidos, los fluidos creativos, del Arquetipo, y los fluidos conservadores del Astral, existen unos *agentes* particulares que accionan los fluidos.

En nuestra comparación precedente, los dedos del operador, las mil células que mantienen el movimiento y la vida de estos dedos representan a los agentes de quienes hablamos.

Dado que todo que es visible es la manifestación y la realización de una *idea* invisible, el ocultismo enseña que existe, en la Naturaleza, una jerarquía de seres psíquicos, lo mismo que existe en el hombre, desde la célula ósea hasta la célula nerviosa, pasando por el hematíe, una jerarquía verdadera de elementos figurados.

Los seres psíquicos que pueblan la región en la cual actúan las fuerzas fisicoquímicas recibieron el nombre de *élémentals* o espíritus de los elementos. Son análogos a los glóbulos sanguíneos y sobre todo a los leucocitos del hombre. Son el *élémentals* que actúa en los lechos inferiores del plano astral en informe inmediato con plano físico.

Esta cuestión del *élémentals* que obedece a la voluntad buena o mala que las dirige, que es irresponsable de sus actos que son inteligentes, lo levantó de curiosas polémicas últimamente. Las citas de los autores Antiguos que damos más abajo probarán que el ocultismo conoció y enseñó desde hace tiempo la existencia de las entidades astrales¹.

¿ Además, basta con recordar que, en nuestro plano físico, un animal muy inteligente: el perro, desempeña el mismo papel - El perro de un bandolero él no atacará a un hombre honrado bajo el impulso de su dueño, y el perro del granjero él no se echa sobre el ladrón quién intenta entrar en la granja? En ambos casos el perro ignora si está en relación con un hombre honrado o con un bandido; es dado irresponsable sus acciones y se contenta con obedecer a su dueño, que se queda, sólo. Totalmente responsable. Tal es el papel del *élémentals* en el astral².

Amaestrar *élémentals*³ puede ser comparado sólo con la acción de la disciplina militar. El jefe de ejército supo agrupar alrededor él por la devoción o el temor de los seres concientes y responsables, que le quisieron esclavizarle bien su voluntad a la del jefe o han sido forzados por hacerle. Esta segunda acción es mucho más difícil que la acción sobre el perro. Lo mismo ocurre en astral, donde *élémental*⁴ obedece sólo por devoción o por temor, pero resto siempre libre de resistir a la voluntad de *Nécromant*.

Los *Elémentals* sonido en circulación casi continua en los fluidos del Astral. Además de estas entidades, existen de allí otros de la opinión de todos los videntes. Son las *Inteligencias directoras* formadas por los espíritus de los hombres que eliminados sufrido una evolución considerable. Estos seres, análogos a las células nerviosas de los centros simpáticos del hombre, recibieron nombres muy diversos en todas las cosmogonías de los antiguos. Nos contentamos con indicar su existencia.

Todavía encontramos, según la enseñanza de la Cábala en el plano astral de las entidades dotadas de conciencia, son los restos de los hombres quienes vienen para morir, y cuya alma todavía no sufrió todas sus evoluciones. Estas entidades responden lo que los espiritistas llaman "*unos espíritus*", a lo para que el ocultista llame "*elementales*"⁵.

Los elementales son pues unas entidades humanas evolucionadas, mientras que el *élémentals* todavía no pasaron por la humanidad, el punto muy importante a retener⁶.

LA IMAGEN ASTRAL

La teoría de las " imágenes astrales " es uno de los más particulares entre los que son expuestas por el ocultismo, para la explicación de los fenómenos más extraños, también debamos resumírnoslo de nuestra mejor.

A propósito de nuestro ejemplo del artista y de la figurina, vimos lo que una de las funciones del " plano astral " era conservar los tipos de las formas físicas y reproducirlos, como el molde conserva y reproduce las formas de nuestra *figurina*.

Esta propiedad viene de este hecho que el plano astral puede estar considerado como un espejo de la gente divina que reproduce en negativo las ideas principios, origen de las formas físicas futuras.

Pero el ocultismo enseña que, lo mismo que toda cosa o todo ser proyecta una sombra sobre el plano físico, también todo proyecta *un reflejo* sobre el plano astral.

Cuando una cosa o un ser desaparece, su reflejo en astral persiste y reproduce la imagen de esta cosa o de este ser, tal como esta imagen era en el momento preciso la desaparición. - cada

hombre deja pues « en astral » un reflejo, una imagen, *una característica*. - i a la muerte, el ser humano sufre un cambio de estado caracterizado por la destrucción de! Tiene *cohesión* que mantenía un principios de origen y de tendencia muy diferentes.

El cuerpo físico o el sobre carnal labra a la Tierra, en el mundo físico de donde había venido.

El cuerpo astral y el ser Psíquico alumbrados por la Memoria, la Inteligencia y la Voluntad de las memorias y de las acciones terrestres pasan en el plano astral sobre todo en sus regiones más elevadas donde constituyen un elemental o un "espíritu".

La suma de las aspiraciones más nobles del ser humano soltada la memoria de las cosas terrestres tanto como el sonámbulo es soltado memorias del estado de la víspera, en una palabra *el ideal* que el ser humano se creó durante la vida, se hace una entidad dinámica que no tiene que ver nada con MOI actual de este individuo y pasa en la gente divina.

Es el ideal más o menos elevado que será la fuente de las existencias futuras y que determinará el carácter.

Justo poniéndose en contacto con estas " imágenes astrales " el vidente reencuentra toda la historia de las civilizaciones desvanecidas y *de los seres desaparecidos*. Un descubrimiento totalmente reciente, el de *Psychométrie* vino para mostrar que estas afirmaciones del ocultismo, que se podría tomar por la metafísica pura, corresponden a realidades absolutas.

Suponga que su reflejo en un espejo persiste, después de su salida, con su color, sus expresiones y todas sus apariencias de realidad y usted tendrá una idea de lo que se puede entender por « *la imagen astral de un ser humano* ».

Los antiguos perfectamente conocían estos datos y que llamaban: *sombra* lo llena de imágenes astral, el que evolucionaba en las regiones más inferiores del plano astral, *el manes* la entidad personal, el YO que evolucionaba en las regiones superiores del astral y por fin *espíritu* propiamente dicho el superior ideal del ser.

Qué los incrédulos o los que se figuran que el ocultismo es una invención moderna escuchen Ovidio1:

En la evocación de un ser difunto, habrá que pues tener cuidado bien si se está en relación a su " imagen astral " o con sonido YO, verdadero.

En el primer caso él ser evocado se comportará como un reflejo en un espejo. II será visible él podrá hacer algunos gestos, será fotografiable; pero él NO HABLARÁS. Tal es el fantasma de Banca en *Macbeth*, fantasma visible solamente para el Rey, y que no profiere ninguna palabra.

Shakespeare estaba al tanto mucho las enseñanzas del ocultismo.

En el segundo caso, él ser evocado HABLARÁ, y varios mortales podrán verlo al mismo tiempo. Es el caso del fantasma puesto en movimiento por Shakespeare en *Hamlet*.

Los fenómenos espiritistas dichos sobre "Materialización" fueron conocidos siempre. Agarró en el XVIè siglo lo da una teoría completa, según el ocultismo, en su Filosofía oculta. Si sin embargo el XVIè siglo parecía todavía demasiado acercado, el lector puede leer con fruto todos los detalles de una evocación según el ocultismo en Homère, Odisea, canto XI, donde la imagen astral se llama **Εἶδωλον** 2.

RESUMEN

En resumen, el plano astral intermediario entre el plano físico y el mundo divino cierra:

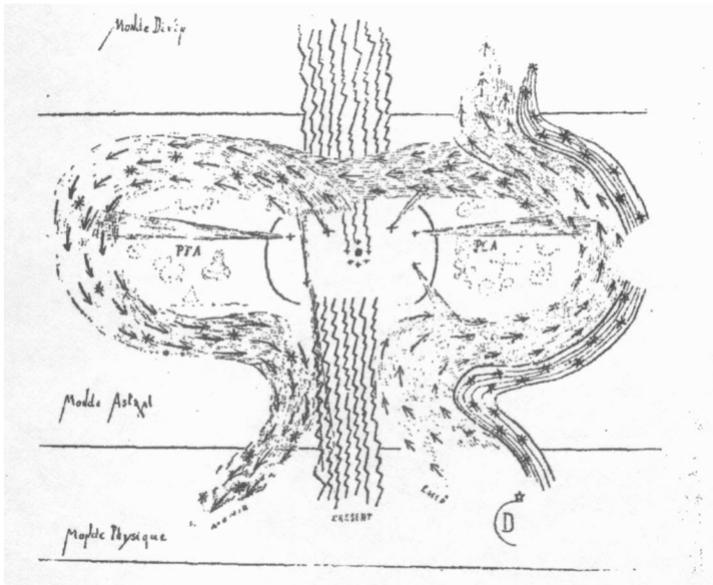
1 ° entidades directoras que dirigen la marcha de todo lo que evoluciona en astral. Estas entidades psíquicas están constituidas por los hombres superiores de las humanidades anteriores, evolucionados por su propia iniciativa. (Espíritus directivos de la Cábala.)

2 ° fluidos particulares formados de una sustancia análoga a la electricidad, pero dotados Isla propiedades psíquicas: la luz astral.

3 ° En estos fluidos circulan de seres diversos y susceptibles. De sufrir la influencia de la Voluntad humana: ancho Elémentals.

4 ° Además de estos principios limpios del plano astral, encontramos allí todavía: las formas preparadas del futuro que se manifiesta en el plano físico, formas constituidas por la reflexión en negativo ideas creadoras del mundo divino.

5 ° Las " imágenes astrales " de los seres y de las cosas, la reflexión en negativo del plano físico.



6 ° fluidos emanados de la Voluntad humana o del mundo divino y que acciona el astral.

i 7 ° cuerpos astrales de seres sobrecargados de materialidad (suicidas), de seres en vías de evolución (elementales) y de Entidades humanas que atraviesan! ' Astral, o sea para encarnarse (Nacimiento), o sea después de ser desencarnados (Muerto). Podemos también encontrar allí los cuerpos astrales de adeptos o de brujos en el período de experimentación.

§ 2 - LA EVOLUCIÓN Y EL EMBROLLO

(*La Reencarnación*)

Los fluidos que circulan por el hombre siguen en su marcha varias direcciones determinadas.

Estas direcciones están establecidas según la situación respectiva y la función de los centros principales de acción de estos fluidos.

Llamamos *evolución* la marcha seguida por un fluido para elevarse de un centro inferior como el abdomen a un centro superior como el pecho.

Llamamos *embrollo*, al contrario, la marcha seguida por un fluido para descender de un centro superior como la Mama, en un centro inferior como el Pecho.

Hay pues en el ser humano una *evolución* y un *embrollo* sobre el que vamos a decir algunas palabras.

Cada centro (mama, pecho o vientre) es proveído órganos que reciben varias corrientes fluídicas. En cada centro, hay primero una corriente venida del exterior y quien devuelve allí después de haber atravesado el centro (alimentos para abdomen, aire para el pecho, las sensaciones para la cabeza.)

Hay luego una corriente fluídica venida del centro inferior, es decir evolucionado (quilo para el pecho, la sangre. Para la cabeza).

El resultado de la acción de un centro dependerá pues de estos tres factores:

- 1 ° Calidad del órgano receptor o transformador.
- 2 ° Calidad de la corriente venida del exterior.
- 3 ° Calidad de la corriente evolucionada.

Así la calidad material y la dinámica de la sangre es totalmente vinculada a la calidad de los órganos receptores (pulmones), de una parte, a la calidad del quilo por otra parte, y por fin a la calidad del aire inspirado.

Los partidarios de la doctrina de la evolución considerada en su aspecto analítico se cogen en esta comprobación que, en la Naturaleza (y podrían aumentar en el Hombre) comprobamos una

progresión de formas y de fuerzas desde los planos inferiores hasta los planos más superiores. ¿ Pero cuál es la causa de esta progresión? ¿ Por qué esta transformación se produce? La respuesta a esta cuestión es confinada en el mundo dicho sobre la incognoscible, y, sin embargo un poco de atención permite divisar esta solución.

He aquí una parcela de alimento introducida en los órganos digestivos: se volverá asimilable sólo cuando habrá sufrido una evolución particular, transformándose en materia orgánica humana, es decir en quilo.

i El positivista se contentaría con comprobar esta evolución atribuyéndola a la marcha fatal de! ' Organismo sin ir más lejos.

¿ Entonces preguntamos cuál es la causa íntima de la marcha de los órganos digestivos? ¿ No el aflujo sanguíneo de una parte, y el aflujo de fuerza nerviosa motriz por otra parte?

Estas dos corrientes vienen de centros superiores; el primero del pecho, el segundo de la cabeza. Es pues sólo porque existe un *embrollo doble* de fuerzas que actúa el órgano digestivo que la evolución del alimento en quilo se produce, o para reducir estos hechos a una ley:

TODA EVOLUCIÓN ES PRECEDIDA POR UN EMBROLLO

Lo que se produce en el microcosmo se produce analogiquement en el macrocosmo, y la llave de la evolución natural no reside en la comprobación de los cambios de formas; pero bien en la búsqueda de las fuerzas involutives generadoras de estos cambios de formas.

REENCARNACIÓN

El espíritu inmortal del hombre paga en una existencia las faltas{culpas} que cometió en una existencia anterior.

Durante la vida terrestre, fabricamos nuestro destino futuro.

A la muerte del cuerpo material, el espíritu pasa de un estado inferior a un estado superior: *evoluciona*. Al contrario, cuando el nacimiento en un nuevo cuerpo va a producirse, el Espíritu pasa de un estado superior en un estado inferior: *involve*

Pero durante estas series de evoluciones y de embrollos el Universo físico, astral y psíquico persigue su marcha adelante en el Tiempo y en el Espacio, si aunque estas series ascendientes y descendentes que sufre el Espíritu no son perceptibles sólo para él y no actúan en nada el Progreso general del Universo.

Es lo que nos da el ejemplo del vapor (Universo) que persigue su camino adelante sin tener en cuenta ascensiones o bajadas que pueden ser hechos hacer los pasajeros, del puente a las clases

diversas cuyas cabinas son escalonadas en la Embarcación. La libertad de los pasajeros está entera, aunque circunscrita por la marcha por delante del vapor que lleva ellos todos.

Durante la serie de evoluciones (muerte) y de embrollos (nacimiento) que sufre el espíritu inmortal, el Ser atraviesa clases sociales diversas que dependen de su conducta{*conducto*} en las existencias antérieures1.

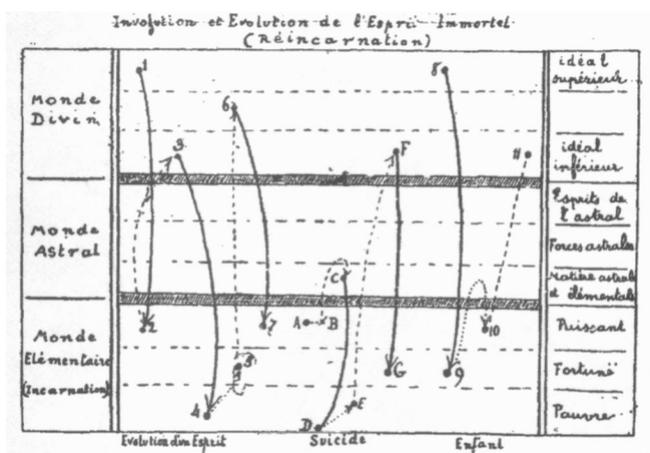
Entre las reencarnaciones, el Espíritu inmortal goza del estado de felicidad correspondiente al ideal que es crea durante su ' encarnación.

Un rico que abusó de su riqueza, el poderoso que abusó de su poder se reencarnan en el cuerpo de un hombre que tendrá que luchar casi toda su vida contra la adversidad.

Esta adversidad no viene de Dios, viene del empleo que hizo el Espíritu inmortal de su voluntad en las existencias anteriores. Pero durante esta encarnación el Espíritu podrá, por la paciencia en las pruebas y el tesón en la lucha, reconquistar en parte el sitio perdue2.

El Progreso existe pues para el general y como consecuencia existe médiatement para cada ser particular. Pero *inmediatamente*, cada ser es susceptible de subir o de descender en la escala social o sea durante su vida, o sea en el momento de su reencarnación.

EXPLICACIÓN DE LA FIGURA



1 - El Espíritu en el mundo divino (estado de felicidad).

1 - 2. - embrollo del Espíritu hacia la Encarnación.

2 - Encarnación en el cuerpo de un hombre rico y poderoso. El Destino fabricado por este hombre durante su vida es detestable.

3 - Evolución del Espíritu hacia el mundo divino. Realización del inferior ideal concebido durante la vida.

4 - Reencarnación del Espíritu en el cuerpo de un hombre agobiado por la adversidad: consecuencia de la vida anterior.

4 - 5. - durante su encarnación, el Espíritu reconquista una clase social más elevada que la que primitivamente le estuvo destinada.

6 - Evolución hacia el mundo divino. Realización del ideal concebido en el sufrimiento.

7 - Reencarnación en el medio social más elevado.

SUICÍDATE 1

A - Un hombre que pertenece a la clase social más elevada se suicida (B).

B a C. - Su espíritu evoluciona sólo en astral, y está en presa a la acción del elementals.

D. - reencarnación casi inmediata en la clase social menos elevada - a menudo en un cuerpo achacoso o deforme.

E - Evolución relativa durante la vida. Resignación al sufrimiento.

F - Evolución del Espíritu en el mundo divino.

G - Reencarnación en una clase social bastante elevada.

MORTINATO

8. - salida del Espíritu para la Encarnación.

9 - Encarnación. El cuerpo no permite al Espíritu cumplir su carrera. El Niño muere en su primera juventud.

10. - reencarnación inmediata después de un paso corto en astral. (Una clase social más elevada recompensa el Espíritu de los primeros sufrimientos sufridos.)

11 - Evolución hacia el mundo divino.

§ 3. - LA PRÁCTICA

La Ciencia oculta enseñada en los santuarios antiguos se dividía en cuatro grandes secciones.

El estudio y el manejo de los seres y de las fuerzas elementales o *La alquimia*.

El estudio y el manejo de las fuerzas astrales o *La magia*.

El estudio y el manejo de las fuerzas ocultas del hombre o *Psychurgie*.

Por fin el estudio de las fuerzas de Empyrée y de sus relaciones o *Teúrgia*.

Cada una de estas secciones comprendía subdivisiones classes de matemáticas superiores.

En nuestros días, pizcas de estas enseñanzas prácticas han sido reencontradas y son puestas en ejecución por profanos bajo los nombres de: magnetismo, Hipnotismo, Espiritismo, Télépsychie, Telepatía Psychométrie y Brujería. Vamos a analizar sin embargo los informes de estos estudios, totalmente modernos, con las enseñanzas del ocultismo.

El hombre, por un entrenamiento especial que se refiere en la respiración; puede acumular en él el dinamismo nervioso.

Por la Oración, espiritualiza esta fuerza acumulada. Por el Verbo, la concreta. Y. Por la Acción y la Voluntad, la dirige fuera de lugar¹.

El estremicimiento nervioso determinado por esta serie de entrenamientos produce un estado especial, un estado en el cual una parte de cuerpo astral se exterioriza y puede actuar a distancia.

Esta acción es entonces conciente y responde a Fakirismo el indous o a la Magia de los antiguos.

Pero, en la inmensa mayoría de los casos actuales, esta acción es semiconciente (experiencias de Horacio Pelletier) o inconsciencia completamente (experiencias de los médiums) y objetos podrán ser movidos *a distancia y sin contacto* bajo esta influencia.

Estos fenómenos son análogos a los imán que actúan a distancia y sin contacto, y hasta a través de ciertas sustancias materiales, objetos metálicos; pero aquí el imán es reemplazado por un ser humano, y el cuerpo astral hace las veces de modificador del campo magnético.

Los fenómenos del *Magnetismo* de los modernos son producidos por la acción del cuerpo astral (fluido) de un ser humano sobre el cuerpo físico oye ' el cuerpo astral de otro.

Esta fuerza de acción fue descrita en el XVIè siglo por Agarró en su capítulo sobre Sorcellerie².

Todavía es en la posibilidad que tiene el cuerpo astral de exteriorizarse que se producen las ideas de los antiguos sobre el hechizo y la acción a distancia, ideas confirmadas totalmente últimamente

por las experiencias de sugerencia hora hipnótica de télépsychie, y por los últimos trabajos de Sr. de Rochas (*Iniciación* abril de 1892).

Psychurgie estudiaba la evocación de las almas y su acción sobre el microcosmo.

La evocación podía referirse en "*Imágenes astrales*" o en *Elementales*.

En el primer caso, un entrenamiento particular permitía el evocador de sonambulismo semi-conciente, es decir abría con sus ojos el mundo astral, respetando el resto de su organismo. (*Casi todos los fenómenos modernos de TELEPATÍA vuelven en este caso.*)

En el segundo caso, el evocador fue aislado eléctricamente (por sus ropas y por el suelo) y psíquicamente (por el círculo) del mundo astral y se atraía sus seres por medio de la evocación mental ayudada por sustancias capaces de aumentar el dinamismo de los seres évoqués¹.

En este caso, el alma evocada se rodeaba de fluido astral (se rodeaba de un pequeño cuerpo de aire, dicen los antiguos) que le permitía hacerse visible y materializarse.

La sustancia que constituye estos fluidos que rodean él ser evocado tiene mucha analogía con la electricidad. Más allá las puntas{agujas} metálicas que se empleaba en estas suertes tipos de evocaciones.

Hoy, el empirismo más completo reemplazó estos ritos del ocultismo, basados en un conocimiento profundizado de la cuestión.

Las sesiones de materializaciones espiritistas son muy raros, no pueden ser producidos a voluntad, y son la mayoría de las veces entidades astrales que dirigen los fenómenos, por otra parte muy verdaderamente, que tienen origen.

Otro procedimiento de evocación consistía en reemplazar el YO de un sujeto arrastrado por la Personalidad evocada.

De ahí el *sybilles* de la antigüedad, cuyo furor « correspondía a nuestros modernos manifestaciones de la crisis histórica, de ahí los *médiums a encarnaciones*, sujetos somnambuliques habiendo sufrido un entrenamiento particular.

El ocultismo siempre enseñó la posibilidad que tienen las entidades del astral de utilizar a los seres humanos para sus communications².

La evocación de las " imágenes astrales ", cuya existencia es afirmada por el ocultismo desde hace tiempo, acaba de ser puesta al día experimentalmente en el mundo{*gente*} profano por el descubrimiento de Psichométrie¹.

Varias experiencias hechas bajo nuestros ojos en París pudieron convencernos de la realidad de los hechos observados en América y en Alemania.

En resumen:

Todos estos fenómenos todos de desplazamiento de objetos sin contacto, de apariciones de personas fallecidas, de materialización o de encarnaciones, de télépsychie y de telepatía casi se remiten a Psychurgie de los antiguos. Están basados en este hecho de que los aparatos físicos y generadores de las fuerzas estudiadas hasta ahora, son reemplazados por un ser humano que sufrió un cierto estremecimiento nervioso, es decir por un aparato psíquico, un generador de fuerzas todavía no definidas.

Más allá las condiciones tan difíciles de experimentación, de ahí el fraude, la mentira, el orgullo de los médiums y de los sujetos. Pero una vez más nada es sobrenatural en todo esto, hay allí sólo una "naturaleza" un poco más elevada que aquella que conocemos, y he aquí todo.

En algunos pueblos todavía encontramos a "brujos" que producen fenómenos serios. El brujo conservó mal que bien pizcas de antiguas prácticas de ocultismo, y sirvió por una voluntad ejercida por la soledad; maneja los fluidos magnéticos y psíquicos con bastante fuerza.

El brujo está en el ocultista lo que el obrero pertenece al ingeniero.

El obrero sabe hacer " su cuarto " según las reglas de las que le aprendió en el taller; pero no sabe las discusiones matemáticas que tocan las curvas que su vuelta producida.

De su costa; el ingeniero capaz de establecer las reglas que deben guiar al obrero sería mucho embarazado si él mismo debiera hacer y ajustar una pieza completa.

Así el brujo produce en cierto modo mecánicamente fenómenos ocultos cuyo ocultista conoce la razón para ser y teoría².

Ocultista practicante, de el que se encuentran algunos representantes en África y en la India, le es comparable al ingeniero que prácticamente conoce varios oficios y que lo hizo un aprendizaje importante.

También se ve la inanidad de los que se titulan "magos" o hiérophantes " en nuestra época y los que son incapaces de producir fenómenos psíquicos inferiores.

Esto nos hace decir algunas palabras de las operaciones prácticas del ocultismo.

Por regla general, el principio directivo en toda operación es La Voluntad humana, el medio de acción, el instrumento empleado es el fluido astral humano o natural, y el fin que hay que alcanzar es la realización (sobre el plano físico generalmente), de la operación emprendida.

Las ceremonias acumuladas las dificultades por el ritual, los símbolos constituyen los procedimientos más elementales de entrenamiento de la voluntad humana.

La higiene física (alimentos, vegetarianismo. Ayuno), animique (ritmo respiratorio) y psíquico (espiritualización de las sensaciones) son destinados al entrenamiento del cuerpo astral así como los perfumes.

En cambio, el empleo de la espada, de la copa, del cetro, del círculo y los talismanes así como las palabras proferidas con fuerza son destinados a la acción sobre el astral de la naturaleza y sobre los seres que lo pueblan.

El problema mágico consiste en obtener conscientemente y sin médium todos los fenómenos obtenidos por modernos espiritualistas en sus sesiones oscuras y otros todavía.

II hace falta pues que una parte de cuerpo astral de I operador sea proyectado fuera y encuentre un apoyo en las sustancias dispuestas por anticipado con este fin. Y el operador jamás debe perder conciencia, porque entonces sería tampoco ocultista practicante, pero un sujeto o un médium inconsciente. Este resultado de acción conciente sobre el astral diariamente es obtenido en la India. El empleo de los sujetos magnéticos facilita mucho las operaciones mágicas, permitiendo la supresión de la víctima, por la que el cuerpo astral fue utilizado y permite conseguir fenómenos muy importantes; es lo que nosotros mismos (as) pudo comprobar.

El agrupamiento de los estudiantes serios pues es mucho importante, y es allí lo que teme autor contemporáneo y particularmente cierto, muy gran artista, pero hombre pobre de ciencia, que, en un tipo « *catecismo del mago* », exhorta a sus discípulos a se *égoïser* en la soledad y el orgullo. Un estudiante en ocultismo que trabaja solamente desde hace un año comprende bastante la razón para ser de tales exhortaciones para que él nos sea inútil insistir.

En resumen, el ocultismo práctico pide una serie de esfuerzos muy serios, basados en un conocimiento bastante hecho más profundo por las fuerzas ocultas de la Naturaleza y del Hombre para merecer la atención de todo investigador concienzudo.

Y, cuanto más estudiamos, más podemos darnos cuenta que no hay allí nada que aillé en contra de las enseñanzas positivas de nuestras ciencias actuales. Las fuerzas estudiadas son análogas al magnetismo y a la electricidad, con la inteligencia animal en más; los generadores de estas fuerzas son unos seres vivos, en lugar de ser máquinas. O aparatos físicos; de ahí de nuevas propiedades y de nuevos métodos de experimentación; pero, una vez más, nada de todo eso es sobrenatural porque el sobrenatural existe pas1.

El brujo que recoge a la medianoche las plantas sobre la montaña pronunciando palabras extrañas y haciendo gestos raros no es enajenado más en sí que la locomotora que silba y que llamea sobre la vía de ferrocarril. La locomotora es una máquina generadora de fuerzas físicas, el brujo es otra máquina generadora conciente de fuerza psíquica y quien se entrena. Cuando se querrá devolver el problema estos límites justos, los experimentos espiritistas podrán hacerse la base de una enseñanza realmente científica. Las místicas perderán allí; pero la ciencia ganará allí.

Una vez más, todas estas prácticas; si extrañas y tan nuevas para nosotros, fueron perfectamente conocidas por la antigüedad.

Enseñábamos en los Misterios, que el hombre que se ejercitaba en las prácticas psychurgiques y que alcanzaba *el éxtasis* sacaba de la fuente directa de ellas todas *connaissances*1.

Elevándose .seulement hasta el plano astral por *el furor* (trance en nuestros días), el ser se volvía capaz de ejercer los poderes del *profeta*. Este don de profecía fue desarrollado sólo en consecuencia de prácticas largas y muy serias.

Todo esto está perdido, o más o menos, para nuestros contemporáneos de Occidente2.

CAPÍTULO. III

LAS APLICACIONES DEL OCULTISMO

Después de haber recorrido lo que precede, el lector casi se dirá seguramente: « acabamos de exponernos un sistema más o menos ingenioso sobre puntos tan extranjeros para el positivismo contemporáneo, que todo esto nos parece muy metafísico. Citaciones, tomadas a autores que han vivido en épocas muy diferentes, a nosotros muestran que este sistema es muy viejo, en sus grandes líneas, y que la humanidad, cansada del alimento sólida de la Ciencia, vuelve a las azucareras de la filosofía a principios de cada siglo ».

El lector plenamente tendría razón si nuestro fin fuera tenernos allí y reemplazar por el misticismo filosófico el pesimismo que invadió toda la generación precedente. El misticismo es tan peligroso para nuestra opinión como el materialismo, y los estudios científicos serán siempre el refugio de los espíritus inquietos o desalentados.

Pero todo tiene que rehacer en los métodos de exposición científica. La multiplicidad de los detalles y la ausencia de una síntesis general atropella los espíritus más eminentes y la especialización se impone todos de hora muy buena.

Entonces, si les decimos a todos los jóvenes ávidos de trabajo y de novedad: « Vuélvase sin temor hacia este pasado que se le desfiguró; busque el método que permitió a Egipto hacer nacer la civilización intelectual de Grecia, busque en los rastros de esta enseñanza en la filosofía profunda de los alquimistas », esto no es con la esperanza de imponer a ellos esfuerzos el conocimiento de una vieja ciencia arqueológica y momificada.

No por cierto. Es en la esperanza de que encontrarán, gracias a este estudio, una llave general de las ciencias del futuro, es en certeza que yendo por delante, sabrán evitar el gran peligro de todas las reacciones espiritualistas: el clericalismo. Y les diremos:

« El materialismo se muere en ciencia como en arte; usted siente que aspiraciones nuevas se despiertan en usted; y, guiados por las ideas de su infancia, usted necesita ideal. Tenga cuidado, el clericalismo vela. Le hablará de esta figura noble de Jesús de Nazareth, tamaños de la Fe y de los placeres místicos del Amor divino, le incitará a seguir la carrera que le señala y cubrirá su espíritu de este tinte sombrío que cubre el cuerpo de sus sacerdotes.

« Si la enseñanza clerical no conducía el espíritu al sectarismo, queriendo imponer este error grosero que una religión es sólo capaz de salvar la humanidad, si esta enseñanza no incitaba a la guerra para cuestiones de Fe, a la guerra de religión totalmente desconocida de toda la antigüedad

o diciendo pagana y de todo el Oriente - le diría todo el primero: vaya a allí por su ideal. Pero, en toda conciencia, no lo puedo, porque usted dispone en serie engañados. »

No hay Religión más elevada que la verdad, dicen Maharajá de Bénarès, y el primer carácter de la verdad es ser sintético y no sectario - Vaya pues sin temor a la Ciencia, y tome, para divisa: Voltaire ni Loyola.

La ciencia hará primero a usted a materialistas, sea; pero le armará así contra las empresas futuras de todos los clerics, el pharisiens de todo país. Ustedes serán los primeros en querer salir de la miopía intelectual que el positivismo les impone a sus adherentes, y entonces no vacile más: estudie las enseñanzas del Pasado, y usted se le dará fe hasta por la Razón y por el Science1.

El Ocultismo no vale por su carácter arqueológico, no vale por el estudio que hace unos fenómenos extraños producidos en nuestros días. No establecemos una doctrina científica sobre una vieja piedra, no más que sobre una fe de un histérico que se desdobra L ocultismo vale sólo por sus aplicaciones.

Es porque los que estudian la ciencia oculta pueden anunciarle nuevos métodos al artista también bien. Que al sabio, al hombre político tanto como al filósofo que el ocultismo puede ser estudiado por hombres serios. Son sus aplicaciones de ahora en adelante que permiten defenderlo altamente, en nuestra época toda de Razón.

En esta última parte de nuestra exposición, queremos abordarles muy sumariamente las aplicaciones de la Ciencia Oculta a algunos problemas científicos y filosóficos contemporáneos. Acabaremos indicando el estado actual del movimiento provocado en Francia por el ocultismo en estos últimos años.

El problema que, generalmente, interesa más al hombre, mismo es.

¿ Quiénes somos, y, como consecuencia, dónde vamos, y de donde venimos? ¿ La vida tiene un fin? ¿ Somos libres o determinados? ¿ Les existe una sanción cualquiera a nuestras criadas o a nuestras malas acciones? ¿ Hasta existen unas acciones que sean buenas y otras las que sean malas?

A esto el materialismo responde: somos el producto de una evolución material, y el agregado de celdas{*células*} que constituyen nuestro YO desaparecerá a la muerte y se irá constituir otros organismos. Venimos por casualidad y vamos al néant. Nuestras facultades como nuestras acciones dependen de la herencia, del medio y de nuestros órganos, no sabríamos ser más responsables no que la rueda de ómnibus que atropella a un imprudente o la teja derribada por el tejado que mata el transeúnte; el mal o el bien son unas palabras inventadas por nuestro orgullo

para satisfacer nuestras vanidades. El gendarme todavía es la sanción moral más elevada. El hombre, tan concebido, es constado por un principio vil: el cuerpo físico.

El catolicismo se entera de nosotros que somos constados por un cuerpo mortal y vil y por una alma inmortal. Uno viene de polvo, es el cuerpo. Y regresará allí; el otro viene de Dios, es el alma e irá después de la muerte al Paraíso pensar cantar a ángeles y contemplar a un Dios anthropomorphe, si fue sabia, o si fue mala, en el Infierno para la Eternidad Si fue neutra y guardó algunos pecados veniales, el Purgatorio le tiende sus tormentos para algunos millares de años solamente. El resto es en proporción y capaz de satisfacer plenamente las inteligencias medias. Pero el anatomista y el fisiólogo todavía se preguntan cómo este principio tan puro puede accionar bien el rectum o entregarse a las dulzuras del chylefication.

Entre estos dos extremos la filosofía dicha espiritualista, para uso de los bachilleres y los alumnos de la Escuela normal... Hecho de la historia y de ella. Crítica. Es lo que él allí de haber sido más sabio.

Entonces el ocultismo piensa aportar una serie de hipótesis susceptibles de explicarle racionalmente la constitución del hombre tanto al fisiólogo como a filósofo¹.

La existencia, no como entidad metafísica, pero bien en calidad de realidad fisiológica de un principio de acción intermediaria entre los órganos físicos y las facultades intelectuales, permite resolver simplemente la parte más grande de los problemas puestos. El materialista perfectamente tiene razón en sus afirmaciones, pero se fija en el estudio del cuerpo físicos; el espiritualista también tiene razón, pero estudia sólo el polo opuesto del equilibrio: el Espíritu conciente. El ocultista procura, no a destruir, pero unificar los esfuerzos de la Filosofía y los de Ciencia¹.

El Fin sí de la vida, dice, es fabricar su destino futuro, porque el hombre es libre en el círculo de fatalidad que le arrastra, como el pasajero del vapor es libre en su cabina.

Todo lo que existe tiene derecho a nuestro respeto: el Cuerpo físico tanto como el Espíritu. El Misticismo es una pérdida del equilibrio moral, por muy grande como el Sensualismo. La sanción de nuestros actos, me mismo es que la creamos, yo mismo es que sostenemos los errores de nuestras malas acciones o sea en esta vida, sobre nuestros bienes materiales, o sea en una existencia futura cuando nos reencarnaremos.

La doctrina de la *reencarnación* esté sobre esta Tierra o en otro lugar del Espacio, dato como sanción moral de nuestras acciones y como origen de nuestra situación en la sociedad, siempre ha sido enseñado por Occultisme².

Cada uno de los principios que constituye el hombre viene de un plan de acción diferente. El cuerpo físico viene del mundo físico y regresa allí. El cuerpo astral viene del plano astral. El Ser psíquico es un resultante de la combinación del cuerpo astral con Espíritu; es la chispa del MÍ actual que no será más al MÍ de la próxima existencia³.

A la muerte, el hombre cambia de estado y no de lugar. Realiza el ideal que se imaginó en su última existencia y este ideal subsiste tanto mucho tiempo como ha sido concebido con más intensidad.

Luego la entidad espiritual se reencarna y persigue así su evolución individual, sube y desciende en la escala social, pero le progresa pesar de le; porque el sistema entero evoluciona hacia la Reintegración final. El Progreso existe para la generalidad si parece no existir para él individuo⁴.

Pero la evolución, para ser efectiva, debe ser colectiva. Las colectividades tienen las mismas leyes de existencia, de enfermedad y de muerte que los individuos; el hombre está en la humanidad lo que una célula del cuerpo humano tiene que entera Ser. Existen pues una ciencia del social, una anatomía y una fisiología de la Naturaleza ignorados de nuestros políticos contemporáneos y a la reedificación de los cuales trabaja un gran número de ocultistas. (Citemos sobre todo desde este punto de vista los trabajos de F.-Ch. Barlet y de Julián Lejay).

La sociedad es un ser completo, teniendo sus órganos: económicos o abdominales, jurídicos o torácicos y profesores o cefálicos.

La Ciencia de la sociedad, de su evolución y de su transformación normal o patológica, es allí la llave verdadera de la Historia, que tiene que rehacer para el que sabrá aplicar sobre esta rama del saber humano las enseñanzas del ocultismo.

Al concernir la Tradición histórica a las antiguas civilizaciones de Lemurie y de Atlantide, así como la Ley de evolución de las razas generadas cada una y en épocas fijas por un continente particular, luego aniquiladas también en épocas fijas por un cataclismo cósmico, esta tradición apenas es sospechosa en sus consecuencias por ellas contemporáneas¹.

Selección-unidad del Hombre. Identidad de las leyes fisiológicas y psicológicas del individual y del colectivo. Sanción moral dada por la Reencarnación. Progreso general y libertad de subir o de decaer en el círculo de la fatalidad, para el Individuo. El hombre factor personal de su posibilidad{suerte} y de su desgracia, sin tener sufrir después de la muerte de otro juicio que el del ideal que su conciencia manifestó. Tales están, resumenes, los puntos principales puestos al día por la Ciencia Oculta concerniendo al hombre. Añadamos a la existencia de los seres andróginos formados sobre el plano divino por la fusión de las almas gemelas, la teoría de las imágenes astrales, las elementales y de la evocación y habremos mostrado cómo el ocultismo

explica los fenómenos que desvían tanto a nuestros contemporáneos sabios, casi totalmente imbuidos principios materialistas.

Extensión de la anatomía y de la fisiología por la creación de la anatomía filosófica y de la fisiología sintética, la creación casi entera de la psicología por el estudio de las facultades normales y transcendentales del ser psíquico y del espíritu conciente; reedificación de la historia y la creación de la política sintética, de la anatomía y de la fisiología sociales, tales son las principales aplicaciones que el estudio del hombre individual o colectivo permite ofrecer a los ocultistas del futuro. ¡ Y ciertos jóvenes pretenden que su actividad no tiene más desembocaduras!

¿ Después de haber hablado mal que bien del hombre que diremos sobre aspectos diversos bajo los cuales nuestros contemporáneos contemplan la Naturaleza?

El azar conduce todo. Bolas conectadas otra vez por hipótesis constituyen el Universo infinito y el Progreso y la Evolución y el ancho Transformismo accionan minerales, vegetales y animales, a la buena de Dios la selección natural. Toda la naturaleza con sus fuerzas físicas y sus afinidades químicas evoluciona majestuosamente para alcanzar al hombre, y, cuando esta evolución llega al hombre, éste regresa en el néant, etcétera en la perpetuidad. He aquí muy apresuradamente resumido la enseñanza del materialismo.

¿ Hay que hablar de la enseñanza de la fe católica? Esta enseñanza, considerada como un dogma, estando basado en una traducción errónea de un libro de físico escrito por un sacerdote de Osiris apodado Moisés, no hablaremos de eso: porque la colección de barbarismos acumulados por los traductores no merece por cierto que se fija en eso un solo instante.

Entre los físicos y los filósofos, todavía vemos aparecer los ocultistas. A la teoría de la evolución del físico hacia el psíquico, añaden la afirmación del embrollo del psíquico hacia el físico, y es del juego de estas dos corrientes que resulta la creación.

La unidad de fuerza y la unidad de sustancia, condensadas ellas mismas en la unidad del movimiento, el origen y de la fuerza y de la sustancia, siempre ha sido enseñada por los alquimistas, los poseedores de la tradición esotérica.

Por fin la existencia del plano astral, el factor y el conservador del plano físico e intermediario entre el plano creativo y la materia, permite resolver una cantidad de problemas todavía oscuros¹.

Las relaciones estrechas que unen el Macrocosmo y el Microcosmo dan, además, a la ocultista de las nuevas facilidades para la solución de estos problemas por el empleo del método analógico.

Establecer al lado de las enseñanzas analíticas de los contemporáneos sobre la astronomía la física, la química y las ciencias naturales diversas, la serie de obras sintéticas donde los caracteres generales de estas ciencias, descubiertos tiene la ayuda de la analogía, íntegramente serían dados a luz, mostrar que una ley sola y misma dirige todas las manifestaciones de la Naturaleza, he aquí todavía un nuevo campo abierto a la actividad del investigador que quiere extender las aplicaciones del ocultismo.

La cuestión de la existencia de un principio creativo universal, independiente de la acción inmediata de la creación gracias a la existencia del plano astral y del microcosmo, indigna en nuestra época de las disputas puramente metafísicas. También no nos hagamos pesado este punto, reenviando al lector lo que tenemos del conmovedor el arquetipo.

LAS SOCIEDADES

El Ocultismo, considerado hasta el punto de vista de su acción sobre el ser individual, tiene por objeto, ante todo, desarrollar en este ser la espontaneidad y exaltar a la personalidad.

Es porque los primeros estudios deben ser individuales y hechos en el recogimiento y el trabajo. Hay que aprender a conocer la fuerza de su voluntad.

Pero es allí solamente el principio, es la creación por el ser de un dinamismo que lo perderá si ellos no es ejercido sobre el mundo exterior.

Una vez armado, hay que poder sin temor lanzarse a la pelea; hay que actuar la sociedad rebelde por la acción, por la ciencia o por el arte.

Es mientras el joven investigador quiera ponerse en relación con las sociedades que se ocupen de cerca o de lejos de .ces cuestiones. Entrará o sea en un grupo a espiritista, o sea en una sociedad magnética, o sea en un grupo de estudios filosóficos.

También debemos, para acabar, decir algunas palabras de las ideas diversas y representadas y de las principales escuelas que existen actualmente en Francia. ¿ En primer lugar, cuál tituló toma al recién llegado?

TÍTULOS Y GRADOS

En la antigüedad los grados científicos que fueron librados por facultades que confieren todos los títulos después de pruebas iniciáticas; estos grados tenían totalmente un carácter sacerdotal.

Así es como la palabra de *Hermès trismégiste* designaba la Universidad central, cuyos templos todas las facultades regionales llamadas eran las ramas.

Los doctores de cada una de estas facultades tomaban el nombre de *sacerdotes*: sacerdote de Esculape doctor en medicina, sacerdote de Apollon, doctor en artes, Etc, etc - Además, los altos grados científicos conferidos en los centros diversos daban los títulos sucesivos de *hijo de la mujer* (licenciado), *el hijo de los Dioses* (catedrático), *el hijo de Dios* (iniciador practica y profesor) etc, etc..

Estos nombres cambiaban además según las Universidades. En Egipto, el *myste* y el *épopte* indicaban grados equivalen a los altos grados de los misterios de Mithra, en Persia, y el *épopte* equivalía a título de *magos* que, entre los Judíos iniciados, equivalía al *kabalista*.

En nuestra época, las sociedades secretas conservaron ciertas denominaciones sacerdotales. Pero, para evitar el ridículo, estos grados generalmente son designas por una carta M***, o por una cifra 18 ° ***, a menos que pertenezcan a título{*en calidad*} de la orden.

También, cuando ustedes verán, en nuestra época, a individuos titularse "Magos" o "Hiérophantes" o « hijo de Dios », sin que existe Asamblea patente u oculta capaz de librarles títulos iguales, al *examen*, sean persuadidos que ustedes están en relación con ignorantes o con vanidosos, si n es más.

EL OCULTISMO Y EL ESPIRITISMO

Hablamos ya a menudo, en el curso de nuestra exposición, fenómenos dichos espiritistas. La existencia de estos fenómenos constituye hoy un hecho tan innegable como la existencia de los fenómenos del hipnotismo y de la sugerencia.

Pero sabia que se ocuparon de estos hechos, como Crookes y Lombroso, si certificaron la realidad, siempre hicieron las reservas más grandes que concernían a teorías espiritista.

Basta además con leer un artículo, bastante mal documentado por otra parte, pero exponiendo bien las ideas de nuestros contemporáneos sabios, en la *Revista Filosófica* del 1 de abril. 1892. i El

autor es Sr. Pau! Janet. Veremos allí cómo las teorías son: consideradas por los filósofos como contemporáneos.

Es después de haber reconocido la insuficiencia de la teoría espiritista hasta el punto de vista de las exigencias de ello. Ciencia contemporánea que hemos sido hechos exponer las ideas del ocultismo que tocan los mismos hechos.

El ocultismo no niega, jamás negó la posibilidad de comunicar con los seres defectos; pero restringe considerablemente el número de las comunicaciones efectivas. La mayoría de las veces, en efecto, se trata de hechos de autosugestión o de hipnotismo transcendental, hechos en los cuales las fuerzas de los médiums. Y asistentes intervienen únicas.

Pero el ocultismo abastece de estos hechos una teoría complicada y abstracta, por algunos puntos, para ciertas inteligencias, susceptible de satisfacer un espíritu riguroso, pero muy poco simple para muchas personas.

Es porque vivamente aconsejamos a todos nuestros lectores todavía poco familiarizados con estas cuestiones, de estudiar primero la teoría espiritista y de practicar el espiritismo por medio de todos los médiums de los que podrán disponer.

Y tan hasta el espiritismo les parece ser la expresión total de la verdad, si esta doctrina esencialmente consoladora basta para sus aspiraciones, si se abstienen bien de buscar otra cosa.

El espiritismo enseña, en efecto, la constitución ternaria del ser humano, el estado del Espíritu en el plano astral es bien descrito por la doctrina del erraticité, la ley de la reencarnación con todas sus consecuencias sociales es bien expuesta, y un miembro de la antigua universidad hermética de Egipto reconocería en esta doctrina simple y consolante las preliminares de toda iniciación.

El filósofo contemporáneo buscaría vanamente, es verdad en el espiritismo, una teodicea, una cosmogonía o todavía una metafísica original; pero el espiritismo destina un amor tan intenso para la experimentación y tal desprecio para toda doctrina metafísica, sea científica, que el filósofo no tiene que decir nada.

También, todavía repitamoslo, comience siempre. Por el espiritismo, y, si esta doctrina plenamente responde a sus aspiraciones, quédese de allí allí. No somos unos sectarios que aspiran a la posesión exclusiva de la verdad, somos unos investigadores independientes, y toda convicción sincera merece nuestro respeto.

Si no obstante la acción constante de los "Espíritus" en la producción de estos fenómenos no le parece tan evidente que queremos decirlo; si usted observa analogías estrechas entre las comunicaciones obtenidas y el intellectualité del médium, si sus estudios conducidos según los principios del positivismo, le llevan a estudiar las relaciones del hipnotismo y de los hechos espiritistas a los que usted podrá comprobar, entonces aborda el ocultismo, cita cuenta teorías que pone por delante por la explicación de estos hechos todavía extraños.

El estudio y la explicación de los fenómenos del astral constituyen sólo una porción ínfima del dominio del ocultismo; lo vimos. También hablamos de estos hechos sólo para mostrar que, tan muchos de los que trabajan actualmente en la aplicación del ocultismo a nuestros conocimientos a contemporáneas comenzaron por estudiar prácticamente el espiritismo, es el que en efecto es allí la vía que vivamente les aconsejamos a todos los principiantes seguir.

Un ocultista que no conocería la teoría espiritista y los fenómenos espiritistas sería por cierto una excepción entre nosotros. Justo sólo comenzando por ahí puede darse cuenta posteriormente de complicaciones y dificultades aparentes que les presenta el ocultismo a los principiantes.

Quisimos hacer ocultistas a los adversarios de los espiritistas. ¿ Por qué? El ocultismo es mucho más abstraído, más complicado en sus explicaciones que el espiritismo. También somos persuadidos que basta con entenderse y que el tiempo se encargará de poner a todo el mundo de acuerdo.

LA " SOCIEDAD: TEOSÓFICA »

Si vivamente les aconsejamos a nuestros lectores comenzar sin temor sus estudios con los fenómenos y las teorías espiritistas, es porque él se encontrarán allí en presencia de investigadores cuya sinceridad no puede generalmente ser puesta en duda.

En cambio, les aconsejamos la prudencia más grande si nunca él vienen para ser puesto en informe de cerca o de lejos con la Sociedad de la que el nombre figura más arriba. Qué les baste con saber que todos los escritores franceses se retiraron súbitamente de esta Sociedad, y que nosotros mismos (as) nosotros debimos pedir dos veces nuestra expulsión de tal medio. No queremos decir sobre eso más.

Pero, si algún lector desea ocuparse de orientalismo y especialmente del ocultismo en Oriente, que él ir al Museo Guimet si está en París y qué se pusiera en contacto con la dirección. Sino, que se proporciona las publicaciones, en lengua inglesa y *hecha por el Estado* que concierne al Budismo y las religiones y las filosofías de la India.

Todo esto no le costará nada o, por lo menos, le costará muy poca cosa, y se enterará *tan seriamente* de la cuestión. Luego, si quiere divertirse, si estudia las enseñanzas dichas "esotéricas" de la Sociedad Teosófica, y somos persuadidos que será el primero que nos agradece por el consejo que le dimos en primer lugar.

EL GRUPO INDEPENDIENTE DE ESTUDIOS ESOTÉRICOS

Hace pronto tres años (noviembre de 1889), fue fundado el *Grupo independiente de Estudios esotéricos* El fin era el siguiente:

1 ° El estudio imparcial, aparte de toda academia y aparte de todo clericalismo, datos científicos, artísticos y sociales, escondidos en el fondo de todos los simbolismos, en el fondo de todos cultos y en el fondo de todas tradiciones.

2 °. El estudio científico, por la experimentación y la observación, fuerzas todavía desconocidas de la naturaleza y del hombre (fenómenos espiritistas, hipnóticos, mágicos y teúrgicos).

3 °. El agrupamiento de todos los elementos dispersos con vistas a la lucha contra las doctrinas desesperantes del materialismo y del ateísmo.

Ninguna cuota de entrada ninguna cuota les son pedidos a los miembros. Los abonados de una de las revistas publicadas por el Grupo hacen derecho parte de los círculos de estudios, sobre su petición.

En la actualidad (1892), el Grupo, fundado al principio en una pequeña oficina posee en París, 29, RUE DE TRÉVISE un salón de actos y una sala de lectura anexionadas una librería, una Librería de lo Maravilloso, especialmente consagrada a la venta y a la edición de las obras espiritualistas. Además, el Grupo le cuenta tanto con París como en La provincia y al Extranjero, 96 Grupos de experimentación, Ramas y Corresponsales. Es la sola Sociedad espiritualista que, en Francia, hubiera podido constituir tal agrupamiento regularmente establecido.

Los trabajos se prosiguen en París en comisiones (Grupos cerrados de estudios) ocupándose cada una de una cuestión especial.

Los informes son publicados en el *Velo de Isis* órgano semanal del Grupo.

Además de este *Velo de Isis* (Redactor jefe: Julián Lejay, secretario de la redacción, L. Mauchel) el Grupo posee *la Iniciación*, la revista mensual dirigida por Papus, *La psique* revista mensual de Arte y de literatura (Redactor jefe, Emilio Michelet, secretario de la redacción Augustin Chaboseau) *The light of París*, semanal (directora Srta A. De Wolska).

Por fin varias Sociedades de estudios filosóficos le hicieron adhesión al Grupo; pero conservando cada una sonido entero autonomía y toda su independencia: citemos especialmente: *la Sociedad de Psicología científica* de Munich, *La Fraternidad oculta* H. B. of L, *la Orden Kabbalistique de la Rose Croix* presidido por Estanislao de Guaita, *el Consejo Supremo de la Orden Martiniste*, *La biblioteca Internacional de las obras de las Mujeres*, etc., etc..

Tal es el estado actual de esta Sociedad que les recomendamos a nuestros lectores. Las personas. Que desearían informaciones más amplias nos encontrarán todo el mercredis de las 5 a las 7, 29, rue de Trévisé, o pueden escribirnos a esta dirección.

CONCLUSIÓN

Últimamente en el ocultismo estuvo expuesto a ataques apasionados tanto en Francia como en el extranjero. Ciertos autores muy poco eruditos o el mayo informados quisieron negar la antigüedad y la invariabilidad de la tradición esotérica a través de los tiempos; algunos otros quisieron, apoyándose en detalles secundarios buscar contradicciones dirigiéndose a diferentes escuelas.

Entonces hicimos todos nuestros esfuerzos para abandonar polémicas caros por los espíritus superficiales. Reenviamos pues a los autores precedentes los tres puntos fundamentales. De ella. Ciencia oculta: *selección-unidad - Analogía - mundo invisible*, y a las citas *tomadas en las épocas más diversas* y entre los autores más diferentes desde Zend Avesta hasta Wronski. Esta respuesta, por el hecho, valdrá más que todas las polémicas y que todas discusiones que tocarán las relaciones que unen el Ocultismo contemporáneo con las antiguas iniciaciones

Por otra parte, creímos que nuestro siglo tenía las primicias teoría y de prácticas que unían los seres visibles el año mundo invisible.

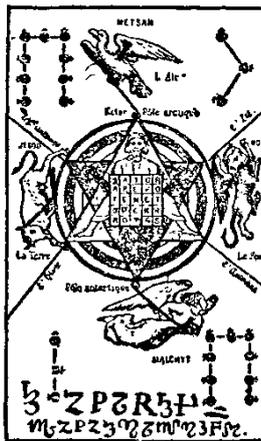
La teoría de los fenómenos modernos de sugerencia, de encarnaciones, de materializaciones, de respuestas inteligentes por golpes golpeados etc., etc, dada desde el XVIè el siglo, bastante refutará esta aserción.

Por fin la vuelta al estudio serio de los hechos extraordinarios que se relacionarán con esta orden de ideas, la búsqueda de las teorías más científicas que sentimentales conducirán al investigador, estamos convencidos de eso, al interesarse más por esta vieja " Ciencia de los Magos » que se conoce tan poco.

A vosotros todos que, en el futuro, buscan otro ideal que la moneda de oro, a vosotros todos que cansados del positivismo, como le fui antaño, creanles en la omnipotencia de la Razón humana secundada por la Intuición, artistas nobles, jóvenes directores sabios y futuros de hombres, acudo en nombre de la Moral que se apaga, de la Ciencia que se desconoce y del ideal que materializa. Reaccionemos contra las concepciones estrechas del materialismo y del clericalismo, soñemos con la transformación profunda que se cumple en nuestras sociedades y sepamos .si los acontecimientos que se preparan deben ser considerable, elevar nuestras almas a la altura de tales acontecimientos.

EL TAROT DE LOS BOHEMIOS

Dr Gerard Encausse (Papus)



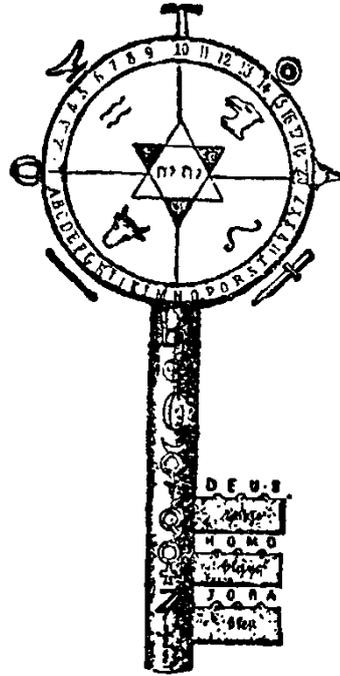
Se denomina **Tarot** a un conjunto de símbolos impresos en láminas o cartas atribuidos al legendario Hermes Trimegisto, y que se emplean comúnmente para la predicción, habiendo llegado hasta nosotros desde lejanísima época por intermedio de los llamados gitanos o bohemios. Esta baraja es para ellos la biblia de las biblias y en un tiempo les facilitó el diario vivir, pues con las mismas decían la buena ventura y eran también un motivo continuo de ocio, puesto que les permitía entretenerse jugando.

El Dr. Gerard Encausse (1866-1916), célebre ocultista que ha firmado sus interesantes escritos con el seudónimo de PAPUS, en este libro nos revela los misterios y secretos del enigmático Tarot, que lo considera como un libro maravilloso que tiene carácter cosmológico, filosófico, iniciático, y adivinatorio, siendo la base sintético-simbólica de todos los pueblos antiguos, pues aunque el hombre común no ve en este conjunto de cartas otra cosa que un simple pasatiempo, los pensadores vuelven a encontrar en ellas la clave de una olvidada tradición esotérica. Este interesante y erudito trabajo está entonces respaldado por el prestigio del expositor, también notable médico y cabalista, quien investigó en las más diversas fuentes y consultó a las más eminentes autoridades en la materia para ofrecernos una obra que ya es clásica dentro del tema.

PRIMERA PARTE

CLAVE GENERAL DEL TAROT

Dando la clave de la Ciencia Oculta



Clave absoluta de la Ciencia Oculta

dada por Guillermo Postel y completada por Eliphas Levi

CAPÍTULO PRIMERO

INTRODUCCIÓN AL ESTUDIO DEL TAROT

Es por lo que hay que abrir el libro y sopesar cuidadosamente cuanto sea deducido. Entonces reconoceréis que la droga contenida en su interior era muy diferente a lo que prometía su estuche; es decir que las materias aquí tratadas no eran tan disparatadas como podría inferirse del título que las encabeza.

RABELAIS.

Próxima muerte del materialismo — La síntesis — La ciencia oculta — Las sociedades secretas — Los cultos — El pueblo, órgano de transmisión del esoterismo — Los bohemios — La palabra sagrada de la masonería — Nuestro trabajo.

Estamos en la víspera de una transformación total de nuestros métodos científicos. El materialismo ha dado cuanto era posible esperar de él y los investigadores, desilusionados en su mayoría, esperan del porvenir lo suficiente como para no descansar por más tiempo sobre los errores del presente. El análisis ha sido llevado, en todas las ramas de nuestros conocimientos, tan lejos como era posible; lo cual no ha hecho más que aumentar la profundidad de los barrancos que separan las ciencias.

La síntesis es necesaria; mas, ¿cómo realizarla? Si nos dignamos abandonar por un instante nuestra creencia en el progreso indefinido y en la superioridad fatal de las nuevas generaciones sobre las antiguas, descubriremos fácilmente que las colosales civilizaciones del pasado tuvieron también una ciencia, universidades y escuelas.

La India y el Egipto están todavía sembradas de restos preciosos, que revelan al arqueólogo la existencia de esta ciencia antigua.

En la actualidad nos hallamos en condiciones para afirmar que la característica dominante de esta enseñanza era la síntesis, la cual reunía en algunas leyes muy simples la suma de todos los conocimientos adquiridos.

Es importante enumerar las causas que nos han hecho perder esta síntesis, casi por completo.

Antiguamente la ciencia era enseñada a ciertas personas apropiadas que habían logrado salir airoso de una serie de pruebas. Esta enseñanza se realizaba en el templo, bajo el nombre de misterios; el sabio tomaba entonces el título de sacerdote o iniciado. La ciencia era otrora secreta u oculta; de aquí el nombre de ciencia oculta, conferida por los contemporáneos a la síntesis antigua.

Otra causa que explica la poca difusión de las elevadas enseñanzas está representada por la falta de medios de transporte y por las extensas rutas que era necesario recorrer para alcanzar los más importantes centros iniciáticos.

Sin embargo cuando los iniciados presintieron que se aproximaba el momento en el cual todos sus conocimientos quedarían definitivamente perdidos para la humanidad, apelaron a todos los medios imaginables para salvar a la síntesis de la destrucción que la amenazaba. Para ello se les ofrecía tres medios principales:

- 1º Las sociedades secretas, continuación directa de los misterios.
- 2º Los cultos, expresión simbólica de las elevadas enseñanzas, para el vulgo.
- 3º Por último, los mismos pueblos, transformados en inconscientes depositarios de la ciencia.

Veamos qué ha hecho cada grupo del depósito que le fuera confiado.

LAS SOCIEDADES SECRETAS

La escuela de Alejandría constituyó la fuente principal de la que emanaron las sociedades secretas occidentales.

La mayoría de los iniciados se habían refugiado en Oriente, y hace relativamente poco tiempo, fue revelado al Occidente que en la India, y sobre todo en el Tibet, algunas fraternidades ocultas conservaban intacta la síntesis antigua.

Pero la existencia en Oriente de dicha ciencia nos interesa menos que la historia del desarrollo de las sociedades iniciáticas en el Occidente.

Las sectas Gnósticas, los Árabes, los Alquimistas, los Templarios, los Rosacruces y, por último, los Masones, forman la cadena occidental de transmisión de la ciencia oculta.

Una simple ojeada sobre las enseñanzas de estas asociaciones nos permitiría comprobar que la Masonería actual ha perdido casi por completo el sentido de los símbolos tradicionales, que constituía precisamente el depósito que debía transmitir de edad en edad.

Todas las ceremonias del ritual aparecen ridículas al grosero sentido común del abogado o del tendero, vivientes representantes en la hora actual, de las profundas enseñanzas de la antigüedad.

Debemos, no obstante, hacer algunas excepciones en favor de ciertos grandes pensadores, tales como Ragon y algunos otros.

En resumen, la Masonería ha perdido el depósito que le fuera confiado, y, ella sola, no puede darnos la ley sintética que buscamos.

LOS CULTOS

Las sociedades secretas debían ante todo transmitir en su simbolismo el aspecto científico de la iniciación primitiva, en cambio las sectas religiosas debían dar preferencia al lado filosófico y metafísico de la enseñanza.

Todo sacerdote de un culto antiguo era un iniciado, es decir que sabía perfectamente que no existía más que una sola religión y que la diferencia de los cultos respondía a la necesidad de adaptarla al temperamento de cada pueblo en particular.

De lo dicho se desprende una consecuencia importante, y es que el sacerdote de un dios, cualquiera que éste fuera, era honrosamente acogido en el templo de cualquier otro dios e invitado a ofrendarle sacrificio. Sin embargo, sería un lamentable error ver en esto una prueba de politeísmo. El gran sacerdote judío de Jerusalem recibió en el templo a un iniciado, Alejandro el Grande, y lo condujo al sagrado santuario para ofrecer un sacrificio.

Nuestras querellas religiosas por la supremacía de un culto determinado habría hecho reír a un sacerdote iniciado, de la antigüedad, incapaz de concebir que hombres inteligentes puedan ignorar la identidad de religión expresada por todos los cultos.

Semejante sectarismo, defendido por dos cultos ciegos para sus propios errores: los cristianos y los musulmanes, es la causa que motivó la pérdida total de la enseñanza secreta, que daba la clave de la unidad sintética.

Desde luego sería más fácil encontrar la síntesis en la Masonería que en nuestras religiones occidentales.

Tan sólo los Judíos poseen, si no el sentido, al menos la letra de su tradición oral o cábala. La Biblia escrita en el idioma judío constituye, desde este punto de vista, una verdadera maravilla. Contiene todas las tradiciones ocultas, pero el verdadero sentido de la Biblia no ha sido jamás revelado. Solamente los trabajos de Fabre D' Olivet han dado comienzo a esta tarea prodigiosa y la traducción del Génesis ha sido al fin reconstituida por Saint Yves d'Alueyde en su "Teogonía de los Patriarcas". Los ignorantes descendientes de la inquisición, cuya sede está en Roma, han puesto en el índice estos estudios. El porvenir los juzgará.

No obstante cada culto tiene su tradición, su libro, su Biblia que enseña, a los que entienden, la unidad de ese culto con todos los demás.

El Sepher Bereschit de Moisés es la Biblia judía, el Apocalipsis y el Evangelio Esotérico forman la Biblia cristiana, la Leyenda de Hiram es la Biblia masónica, la Odisea la del pretendido politeísmo griego, la Eneida la de Roma, en fin, los Vedas hindú y el Corán musulmano son demasiado conocidos para hablar de ellos.

Cuando se posee la clave, todas estas biblias revelan una misma doctrina.

Esta llave, que puede abrir el esoterismo, está perdida para los sectarios de nuestros cultos occidentales. Por lo tanto es inútil buscarla entre ellos.

LOS PUEBLOS

Los sabios no se habían hecho muchas ilusiones respecto al porvenir de esta tradición confiada a la inteligencia y virtud de las generaciones futuras.

Moisés había elegido un pueblo para preservar a través de las edades el libro que resumía toda la ciencia del Egipto; pero antes de Moisés, los iniciados hindúes eligieron otro para transmitir a las generaciones venideras la enseñanza primitiva de las grandes civilizaciones de la Atlántida.

El pueblo no ha burlado jamás las esperanzas de aquellos que depositaron en él su buena fe. Ignorando las verdades que posee, no se preocupa de alterarlas en lo más mínimo y considera un sacrilegio el más leve atentado contra su depósito.

Así es como los Judíos nos han transmitido, intactas, todas las letras que forman el Sepher de Moisés. Pero Moisés no resolvió el problema en la forma magistral como lo hicieron los Tibetanos.

Entregar a un pueblo un libro para que lo adore y lo conserve intacto, está bien; pero dar a un pueblo un libro que le ayude a vivir, es todavía mejor.

El pueblo encargado de transmitir, desde la más lejana antigüedad, el conocimiento oculto, es el pueblo bohemio.

LOS BOHEMIOS

Los bohemios poseen una biblia; esta biblia les facilita el diario vivir, pues con ella predicán la buenaventura; esta biblia es también un motivo continuo de ocio, puesto que les permite entretenerse jugando.

Sí, ese juego de cartas denominado Tarot, que poseen los bohemios, es la biblia de las biblias. Es el libro de Thot-Hermes-Trismegisto, es el libro de Adán, es el libro de la revelación primitiva de las antiguas civilizaciones.

Cuando el Masón, hombre inteligente y virtuoso, ha perdido la tradición; cuando el sacerdote, hombre igualmente inteligente y virtuoso, ha perdido su esoterismo; los Bohemios, hombres ignorantes y viciosos, nos dan la clave que nos permitirá explicar todos los simbolismos.

¿Cómo no admirar la sabiduría de estos iniciados que han utilizado el vicio y le han hecho producir, desde el punto de vista del bien, mejores resultados que a la virtud?

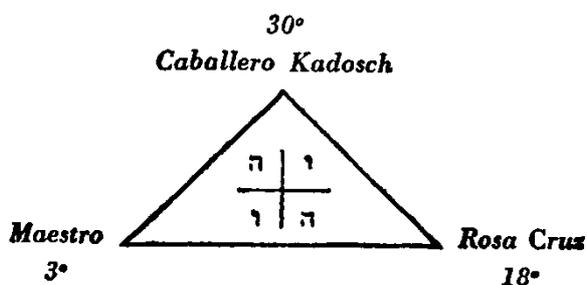
Este juego de cartas de los bohemios es un libro maravilloso, como acertadamente lo ha observado Court de Gébelin y sobre todo Vaillant. Este juego, con el nombre de Tarot, Torá, Rota, ha formado sucesivamente la base de la enseñanza sintética de todos los pueblos antiguos.

Allí donde el hombre del pueblo no ve otra cosa que un simple pasatiempo, los pensadores vuelven a encontrar la clave de esta oscura tradición. Raymond Lulle basa su Ars Magna sobre el Tarot y logra reemplazar el cerebro humano con el automatismo de aquél;

Jerome Cardan escribe sobre las claves del Tarot un tratado de la sutilidad; Guillaume Postel halla en el Tarot la llave de las cosas ocultas y Louis Claude de Saint Martin, el filósofo desconocido, ve descriptos en ellos los lazos misteriosos que unen a Dios, el Universo y el Hombre.

Es gracias al Tarot que hallaremos y desarrollaremos esta ley sintética encerrada en todos los simbolismos.

Se acerca la hora en que la palabra perdida será nuevamente hallada: Maestros, Rosacruces y Kadosch, vosotros que formáis el triángulo sagrado de la iniciación, recordad.



Acuérdate MAESTRO, de ese hombre *ilustre*, asesinado por la más cobarde de las conjuraciones; acuérdate de Hiram del cual esperas con fe la resurrección prometida por la Rama de la Acacia (Hiram-Hermes-Mariah).

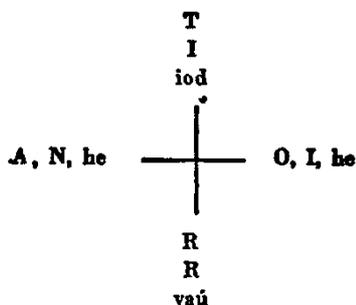
Acuérdate ROSACRUZ, de esa *palabra misteriosa* que has buscado durante tanto tiempo, pero cuyo significado se te oculta todavía.

Acuérdate KADOSCH, del *símbolo magnífico* que irradiaba en el centro del triángulo luminoso cuando te fue revelada la verdadera significación de la letra "G"

HIRAM-INRI-(IOD-HÉ-VAU-HÉ) encierra idéntico misterio bajo diferentes aspectos.

El que ha comprendido una de estas palabras posee la llave que abre la tumba de Hiram, símbolo de la ciencia sintética de los antiguos; puede abrir esta tumba y penetrar sin temor en el corazón del maestro venerable, símbolo de la enseñanza esotérica.

El Tarot entero está construido sobre esta palabra dispuesta en forma de rueda, ROTA.



INRI es la palabra que os revela la identidad de vuestro origen, o Masones o Católicos.

Igne Natura Renovatur Integra.

Iesus Nazareus Rex Iudeorum son los polos opuestos, científicos y religiosos, físicos y metafísicos de una idéntica doctrina.

IOD HÉ-VAU-HÉ (יהוה) es la palabra que os señala la unidad de vuestro origen, ioh! Masones, ioh! Cabalistas. TAROT, TORÁ, ROTA son las palabras que os indican a todos vosotros, orientales y occidentales, la unidad de vuestros deberes y aspiraciones en el Eterno Adán-Eva, fuente de todos nuestros conocimientos y creencias.

Salud, pues, nómades bohemios, a quienes agradecemos la conservación de este maravilloso instrumento, resumen sintético de toda la enseñanza antigua.

NUESTRO TRABAJO

Comenzaremos por un estudio preliminar respecto a los elementos de la cábala y de los números.

Munido de estos datos, expondremos en todos sus detalles la construcción del Tarot, estudiando por separado cada una de las piezas que componen nuestra máquina, para luego pasar a la acción que cada una ejerce sobre la otra. Seremos en este punto lo más explícitos posible.

A continuación abordaremos algunas aplicaciones de la máquina, pero solamente algunas, dejando al verdadero investigador el cuidado de hallar las demás. Limitaremos nuestro trabajo a una sola clave, constituida por una fórmula sintética; facilitaremos tan sólo la herramienta de trabajo. Aquellos que desean aprender que la utilicen a su sabor, y, con toda seguridad, apreciarán la utilidad de sus esfuerzos y de los nuestros.

Aquellos que suponen que la ciencia oculta no debe ser develada pueden estar tranquilos. La experiencia nos ha demostrado que puede decirse todo sin temor; sólo comprenderán aquellos que deben comprender; los demás tildan a nuestros escritos de oscuros e ininteligibles.

Hemos advertido a éstos encabezando nuestro trabajo con la leyenda siguiente:

Para el uso exclusivo de los iniciados.

Es una característica de las ciencias ocultas el poder ser comentadas ante cualquiera.

Semejante a las parábolas, tan caras a los antiguos, producen en muchos la impresión de tratarse de simples elucubraciones de una imaginación calenturienta; por lo tanto el temor de hablar es infundado: el Verbo no tocará más que a los predestinados a recibirlo.

Es a todos vosotros, filósofos de la unidad, enemigos del sectarismo científico, social y religioso, a quienes me dirijo; es a vosotros a quienes dedico el precio de varios años de trabajo. Ojalá pueda yo contribuir con esto a la edificación del templo que váis a construir en nombre del Dios Desconocido, del cual emanan todos los otros Dioses en la eternidad.

A la memoria del redactor de la "Iniciación", el Economista JULIÁN LEJAY.

CAPÍTULO SEGUNDO

(יהוה)

EL NOMBRE SAGRADO IOD-HE-VAU-HE

La cábala y el nombre sagrado — La iod — La hé — La vau, — La 2ª hé — Síntesis del nombre sagrado.

Si debemos creer a la antigua tradición oral o cábala, existe un nombre sagrado que revela, al mortal que descubra la verdadera pronunciación, la clave de todas las ciencias divinas y humanas. Este nombre que los israelitas no pronuncian jamás, y que el gran sacerdote decía una vez al año en medio de los gritos del pueblo profano, es aquel que se halla en la cima de todas las iniciaciones, aquel que irradia en el centro del triángulo resplandeciente correspondiente al grado 33 de la Masonería Escocesa, aquel que se instala sobre el pórtico de nuestras viejas catedrales; está formado por cuatro letras hebreas y se lee: iod-hé-vau-hé.

Se las emplea en el Sepher Bereschit o Génesis de Moisés para designar la divinidad, y su construcción gramatical es tal que recuerda por su misma estructura los atributos conferidos a Dios por los buenos deseos de los hombres.

A continuación veremos que los poderes atribuidos a esta palabra constituyen, hasta cierto punto, una realidad, atento a que abren con facilidad la puerta simbólica del arca que contiene la revelación de toda la ciencia antigua. Por lo tanto nos es indispensable entrar en algunos detalles a dicho respecto.

Esta palabra está formada por cuatro letras, iod, hé, vau, hé. Esta última se halla repetida dos veces.

A cada letra del alfabeto hebraico se le asigna un número. Veamos los que corresponden a las letras que nos ocupan.

י La iod = 10

ה La hé = 5

↳ La vau = 6

El valor numérico total del nombre iod-hé-vau-hé será entonces:

$$10+5+6+5 = 26$$

Consideremos por separado cada una de estas letras.

LA IOD

La iod, configurada por una coma y también por un punto, representa el principio de las cosas.

Todas las letras del alfabeto hebreo no son otra cosa que una serie de combinaciones resultantes del arreglo o permutación de la letra iod. El estudio sintético de la naturaleza, había hecho pensar a los antiguos que los fenómenos naturales eran dirigidos por la actuación de una sola ley. Esta ley, base de la analogía, colocaba la unidad-principio en el origen de las cosas y consideraba a las mismas como el reflejo, en grados diversos, de aquella unidad-principio. Por lo tanto, la iod, formando por sí sola todas las letras y, en consecuencia, todas las palabras y frases, era justamente la imagen y representación de esta unidad-principio, cuyo conocimiento estaba vedado a los profanos.

En consecuencia, la ley que presidió a la creación del idioma de los Hebreos es la misma que presidió a la creación del Universo, y conocer la una es conocer implícitamente la otra. He aquí lo que tiende a demostrar uno de los más antiguos libros de cábala, el Sepher Jesirah.

Antes de continuar, aclaremos mediante un ejemplo la definición que hicimos de la iod. La primera letra del alfabeto Hebreo, aleph, (א), está formada por cuatro iod opuestas dos a dos. Lo mismo ocurre con todas las demás letras.

El valor numérico de la iod conduce a otras consideraciones. La UNIDAD-PRINCIPIO, según la doctrina de los cabalistas, es también la UNIDAD-FIN de los seres y de las cosas, y la eternidad no es, desde este punto de vista, más que un eterno presente. Por esto los antiguos simbolistas (symbolistes) han expresado esta idea mediante un punto en el centro de un círculo; representando la unidad-principio por la circunferencia, línea sin comienzo ni fin.

Según esto, la unidad expresa la suma de todos los seres creados, los cuales representan sus partes constitutivas; lo mismo que la unidad-hombre está formada por la suma de los miles de millones de células que constituyen su ser.

En el origen de todas las cosas, la cábala sitúa la afirmación absoluta del ser por sí mismo, del ser-unidad, cuya representación simbólica es la iod, y el número 10 como expresión numérica. Este número (10) representando la unión del principio-todo (1) a la nada-ninguno (0) se adapta perfectamente a las condiciones exigidas.

LA HE

Mas el Yo no puede concebirse sino como opuesto al No Yo. Apenas nos afirmamos como tal Yo, nos vemos en la obligación de aceptar idéntica afirmación de parte del YO-ABSOLUTO, de lo cual inferimos la noción de su existencia.

Este es el origen de la "dualidad", de la oposición, del Binario —imagen de la femineidad—, así como la unidad es la imagen de la masculinidad.

Diez, dividiéndose para oponerse a sí mismo, da cinco (5), número exacto de la letra "hé" —segunda del gran nombre sagrado.

La "hé" representará así el "pasivo" referido a la "iod", que simbolizará el "activo"; el "no yo" referido al "yo"; la "mujer" en relación al "hombre"; la "sustancia" en relación a la "esencia"; la "vida" con referencia al "alma", etcétera.

LA VAU

Mas la oposición del Yo al No Yo produce un nuevo factor, la relación entre el Yo y el No Yo.

Luego, la "vau", sexta letra del alfabeto hebreo, generada por $10 \text{ (iod)} + 5 \text{ (hé)} = 15 = 1 + 5 = 6$, representa un "corchete" y también una "relación"; es el corchete que reúne los opuestos en la naturaleza, constituyendo el tercer término de esta trinidad:

Yo _____ No Yo

Relación del Yo con el No Yo

LA SEGUNDA HE

Más allá de la trinidad, considerada como ley, nada puede existir.

La trinidad es la fórmula sintética y absoluta que comprende todas las ciencias. Esta fórmula, cuyo valor científico parecía ya olvidado, nos ha sido transmitida íntegramente por todas las religiones (depositarias inconscientes de la CIENCIA-SABIDURÍA de las primitivas civilizaciones).

Es debido a esto que el nombre sagrado está constituido tan sólo por tres letras. El cuarto término se halla compuesto por la repetición de la letra "hé"

Esta repetición señala el tránsito de la ley Ternaria a una nueva aplicación, podríamos decir: la transición del mundo metafísico al mundo físico, y, en términos generales, de un mundo cualquiera a su inmediato subsecuente.

El conocimiento de esta propiedad, que caracteriza a la segunda "hé", es la clave de aplicación del nombre divino. En lo que sigue presentaremos la prueba de esta afirmación.

RESUMEN SOBRE EL NOMBRE IOD-HE-VAU-HE

Conociendo el valor de cada uno de los términos que comprende el nombre sagrado, hagamos la síntesis y totalicemos los resultados obtenidos.

El nombre "iod-hé-vau-hé" está formado por cuatro letras, significando cada una de ellas:

La **"iod"**: El principio activo por excelencia.

El yo = 10.

La **"hé"**; El principio pasivo por excelencia.

El no yo = 5.

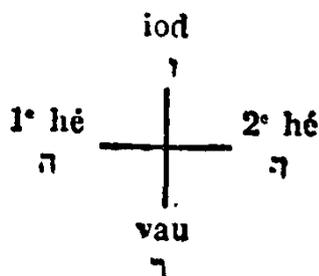
La **"vau"**: El término medio, el corchete que reúne el activo con el pasivo, la relación del Yo con el No Yo = 6.

Estos tres términos expresan la ley ternaria del ABSOLUTO. La "2ª hé": La que determina el paso de un mundo a otro, expresa la transición.

Esta segunda "hé" representa al ser total, encerrando en una unidad absoluta los tres términos que lo constituyen: YO-NO YO-RELACIÓN; el paso del noumeno al fenómeno y, recíprocamente, el paso de una gama a otra gama. Es la semilla que contiene en germen al futuro árbol.

REPRESENTACIÓN DEL NOMBRE SAGRADO

El nombre "iod-hé-vau-hé" puede representarse de muchas maneras, cualquiera de ellas nos demostrará su utilidad. Por ejemplo, en forma de círculo:



Mas como la segunda "hé", término de transición, resulta la entidad activa de la gama siguiente, es decir: como la 2ª "hé" representa en realidad una "iod" en germen, se puede escribir el nombre sagrado colocando la 2ª "hé" debajo de la primera "iod", del siguiente modo:

10	5	6
iod	1º hé	vau
2º hé		
5		

Una tercera manera de escribir el nombre sagrado sería sintetizando en la 2ª "hé" la trinidad "iod-hé-vau-hé".

Abandonemos por ahora estas consideraciones, sobre las cuales volveremos más tarde, y hablemos un poco de la concepción pitagórica de los números.

CAPÍTULO TERCERO

EL ESOTERISMO DE LOS NÚMEROS

Los números y las operaciones teosóficas — Significado de los números.

LOS NÚMEROS

El concepto que se tenía de los números en la antigüedad es casi desconocido en nuestros días.

Considerando que la unidad es el término constante que interviene en la formación de la cantidad, cualquiera que ésta sea, los antiguos veían en el número la expresión de leyes absolutas. De aquí la veneración por el número 3 y el 4, perfectamente incomprensible para nuestros matemáticos.

Es evidente que si los antiguos no hubieran conocido otras operaciones numéricas que las usadas en nuestros días carecerían de explicación las ideas enseñadas en las universidades de la India, de Egipto y de Grecia.

¿Cuáles son, pues, estas operaciones, desconocidas por nuestros sabios?

Dos: la reducción y la adición teosófica.

Estas operaciones se dicen teosóficas, porque nos introducen en el mundo de las "leyes esenciales" de la naturaleza.

Estas enseñanzas formaban la base de la instrucción secreta y oral que se trasmitía a determinadas personas predispuestas, y se les daba el nombre característico de "Esoterismo".

1º REDUCCIÓN TEOSÓFICA

La reducción teosófica consiste en reducir a un solo dígito las cifras que entran en la composición de un número dado, tal como se verá en los ejemplos siguientes:

$$10 = 1 + 0 = 1$$

$$11 = 1 + 1 = 2$$

$$12 = 1 + 2 = 3$$

$$126 = 1+2+6=9$$

$$2488 = 2+4+8=22=2+2=4$$

Estas operaciones corresponden a lo que llamamos hoy "la prueba del nueve".

2º ADICIÓN TEOSÓFICA

La adición teosófica consiste en sumar aritméticamente la serie natural de los números, comenzando por la unidad, hasta incluir el número propuesto. Por ejemplo, el número 4 será igual a:

$$1+2+3+4=10$$

El número 7 igual a $1+2+3+4+5+6+7= 28$ igual $2 + 8 = 10$.

El 12 igual a $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12 = 78$.

Reducción y adición teosóficas son las dos operaciones que deben dominarse para comprender la antigüedad.

Apliquemos estos procedimientos a cualquier número, para descubrir la ley que rige su progresión.

La reducción teosófica nos muestra inmediatamente que todos los números se reducen a los nueve primeros dígitos de la serie natural.

Mas esta consideración no es todavía suficiente; una observación más atenta nos traerá nuevas luces.

Tenemos que los números 1, 4, 7 y 10 son iguales a 1 puesto que $1=1$.

$$4=1+2+3+4=1$$

$$7=1+2+3+4+5+6+7= 28 =2+8= 10 =1$$

$$10=1$$

De manera que el dígito 1 se reproduce después de la serie de cada tres, esto es:

$$1. \quad 2. \quad 3. \quad \quad 4. \quad 5. \quad 6.$$

$$4 = 10 = 1 \quad \quad 7 = 28 = 10 = 1$$

Se podría escribir, por lo tanto:

$$1. \quad 2. \quad 3.$$

(1)

4. 5. 6.

(1) etc.

De la precedente consideración, resulta:

1º, que todos los números reproducen, en su evolución, los cuatro primeros;

2º, que el último número de los cuatro considerados, esto es el Nº 4, representará la unidad en una octava diferente.

La serie de los números puede entonces escribirse así:

1.	2.	3.	13.	14.	15.
4.	5.	6.	16.	17.	18.
7.	8.	9.	19.	etc.	
10.	11.	12.			

Observemos que los números 4, 7, 10, 13, 16, 19, etc., representan diferentes concepciones de la unidad, tal como lo prueba la adición y reducción teosófica de los mismos.

$$1=1$$

$$4=1+2+3+4= 10 =1$$

$$7=1+2+3+4+5+6+7=$$

$$28=2+8= 10 =1$$

$$10 = 1$$

$$13 =4=1+2+3+4= 10 =1$$

$$16=7=1+2+3+4+5+6+7=28+10=1$$

$$19 = 10 = 1 \text{ etc., etc.}$$

Se comprueba entonces que después de cada tres cifras la serie vuelve bruscamente a la unidad, mientras que lo hace en forma progresiva entre las dos intermediarias.

Repitamos una vez más que el conocimiento y el estudio de las leyes que rigen las cantidades, en la forma que acabamos de hacerlo, nos da la clave de las ciencias ocultas.

Resumiendo: todas las cantidades pueden ser reducidas a la serie de los cuatro primeros dígitos, dispuestos en el orden siguiente:

1. 2. 3.

4.

Valor de los doce primeros números que da la clave de la cifra (78) correspondiente a las cartas del Tarot:

$$1 = 1 \text{ } \text{☶}$$

$$2 = 1 + 2 = 3 \text{ } \text{☷}$$

$$3 = 1 + 2 + 3 = 6 \text{ } \text{☸}$$

$$4 = 1 + 2 + 3 + 4 = 10 \text{ } \text{☹}$$

$$5 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 = 15 \text{ } \text{☺}$$

$$6 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 = 21 \text{ } \text{☻}$$

$$7 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 = 28 \text{ } \text{☼}$$

$$8 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 = 36 \text{ } \text{☽}$$

$$9 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 = 45 \text{ } \text{☿}$$

$$10 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 = 55 \text{ } \text{♁}$$

$$11 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 + 11 = 66 \text{ } \text{♂}$$

$$12 = 1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 + 11 + 12 = 78 \text{ } \text{♁}$$

SIGNIFICADO DE LOS NÚMEROS

Sin embargo no se detienen aquí las enseñanzas de la ciencia antigua sobre los números, todavía se les atribuía un significado personal; y como hemos reducido a los cuatro primeros la serie de todos los números, nos bastará conocer el atribuido a cada uno de aquellos cuatro. La unidad representa el principio creador de los números, puesto que todo emana de ella. Es el principio activo por excelencia.

Mas la unidad sola nada puede producir, salvo oponiéndose a sí misma ($1 + 1$) de aquí nace la dualidad representada por el dos (principio pasivo por excelencia).

De la unión de la unidad y de la dualidad nace el tercer principio, que reúne los dos opuestos en una común neutralidad:

$$1 + 2 = 3$$

Tres representa, por lo tanto, el principio neutro por excelencia.

Pero estos tres principios se reúnen en el cuarto, el cual vendrá a ser un nuevo aspecto de la unidad, en carácter de "principio activo".

La ley que rige estos principios será entonces la siguiente:

Unidad o vuelta a la unidad	Oposición, Antagonismo	Acción de la oposición sobre la unidad
--------------------------------	---------------------------	---

Activo	Pasivo	Neutro
1	2	3
Activo	Etc.	
4		

A la memoria de Georges Montiere.

CAPÍTULO CUARTO

EL NOMBRE SAGRADO Y LOS NÚMEROS

La serie cabalística y la serie numérica — Definición de la "Tetractis" de Pitágoras — Configuración de la ley general.

LOS NÚMEROS Y LOS NOMBRES CABALÍSTICOS

Hemos dicho que la serie de los números 1, 2, 3 y 4 representa respectivamente el activo, el pasivo, el neutro y un nuevo activo; por lo tanto corresponde, perfectamente a la serie de letras que conforman el nombre sagrado, el cual puede escribirse así:

iod — hé — vau

2ª hé = iod, etc.

lo cual demuestra analógicamente, que:

1 representa a iod

2 " " hé

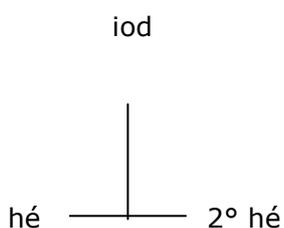
3 " " vau

4 " " la 2ª hé

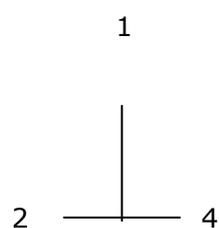
Esta correspondencia queda demostrada por la identidad de acción del 4 que vuelve a la unidad ($4 = 10 = 1$) y de la 2ª hé que representa la iod de la serie siguiente.

Comparando las dos series obtendremos el esquema siguientes

"Serie Cabalística"

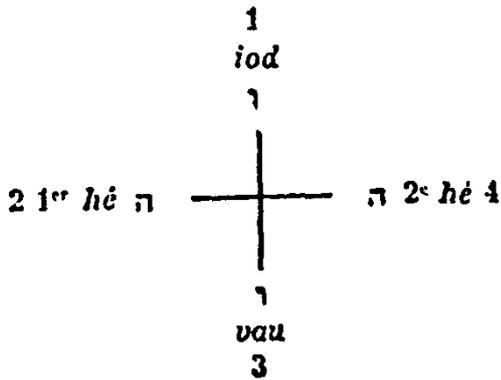


"Serie numérica"



vau

3

"IDENTIDAD DE AMBAS SERIES"

Estamos ahora en condiciones de comprender por qué Pitágoras, iniciado del Egipto en lo referente al misterio del nombre sagrado "iod-hé-vau-hé", reemplaza a éste con la serie de los cuatro primeros números o "tetractis" en sus enseñanzas esotéricas.

Tal serie de números corresponde, punto por punto, a la serie de letras del nombre sagrado; es decir que 1, 2, 3, 4 equivale en su orden a "iod-hé-vau-hé".

La serie de los números y la de las letras guardará entonces las siguientes correspondencias:

Un término positivo y generador: La "iod" o el 1.

Un término negativo y generante: La "hé" o el 2.

Un término neutro o generado, resultado de los dos anteriores: La "vau" o el 3.

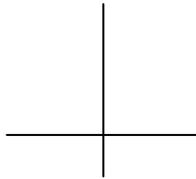
Un término de transición que se individualiza en la serie siguiente: La "2ª hé" o el 4.

Con estos datos preliminares, absolutamente indispensables, utilizaremos nuestro juego de cartas o Tarot, para comprobar la ley universal:

iod

hé

hé



vau

simbolizado antiguamente por la cruz.

Al doctor Goyard.

CAPÍTULO QUINTO

LA LLAVE DE LOS ARCANOS MENORES

Constitución del Tarot — Estudio de un color — Las cuatro figuras — Los diez números — Relación de las figuras y de los números — Estudio de los cuatro colores — Descripción de los arcanos menores.

El Tarot se compone de 78 láminas divididas del siguiente modo:

56 láminas denominadas arcanos "menores".

22 láminas denominadas arcanos "mayores".

Los 56 arcanos menores están formados por 4 series de 14 láminas cada una.

Los 22 arcanos mayores están formados por 21 láminas numeradas y una sin número.

Para que el estudio del Tarot resulte más conveniente tendremos que dividirlo en grupos o paquetes, del siguiente modo:

4 paquetes de 14 láminas = 56

1 paquete de 21 láminas = 21

1 paquete de 1 lámina = 1

Total: 78

Ya volveremos sobre esta maravillosa concepción del espíritu humano. Por el momento nos limitaremos a "disecar" la máquina para mostrar su misterioso funcionamiento.

Partiendo de un principio fijo e inmutable: la constitución del tetragrama sagrado "iod-hé-vau-hé", es posible desarrollar las más variadas combinaciones sin apartarse jamás de su base. Esta construcción asombrosa, que confirma por sus aplicaciones la ley universal de la analogía, es precisamente lo que vamos a revelar.

Los desarrollos que haremos podrán resultar áridos para ciertas personas; pero si éstas tienen en cuenta que les estamos proporcionando una llave casi infalible de las ciencias antiguas u ocultas, comprenderán que es mediante su uso cómo lograrán abrir la puerta del arca santa.

ESTUDIO DE UN COLOR

Separemos un paquete de 14 láminas para estudiar su construcción:

Este paquete considerado en conjunto, corresponderá a uno cualquiera de los colores que caracterizan nuestras cartas comunes. Las correspondencias o equivalencias entre las láminas que componen cada paquete y los colores de las cartas es la siguiente:

Los "bastos" del Tarot equivalen a los "tréboles"

Las "copas" del Tarot equivalen a los "corazones"

Las "espadas" del Tarot equivalen a los "piques"

Los "oros" del Tarot equivalen a los "rombos"

Supongamos que el paquete elegido sea el de los bastos, observaremos que está formado por cuatro figuras: el rey, la dama, el caballero, el valet y además 10 láminas, caracterizadas cada una por un número: el 1 o as, luego el 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 y finalmente el 10.

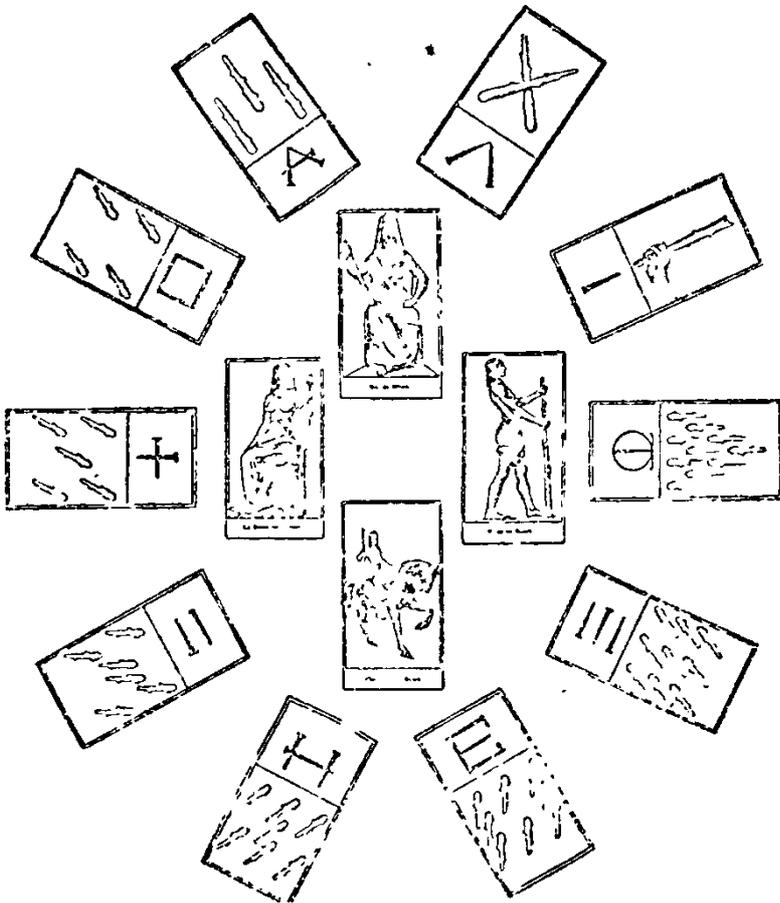
LAS CUATRO FIGURAS

Veamos ahora las cuatro figuras.

El rey representa el activo, el hombre, el macho.

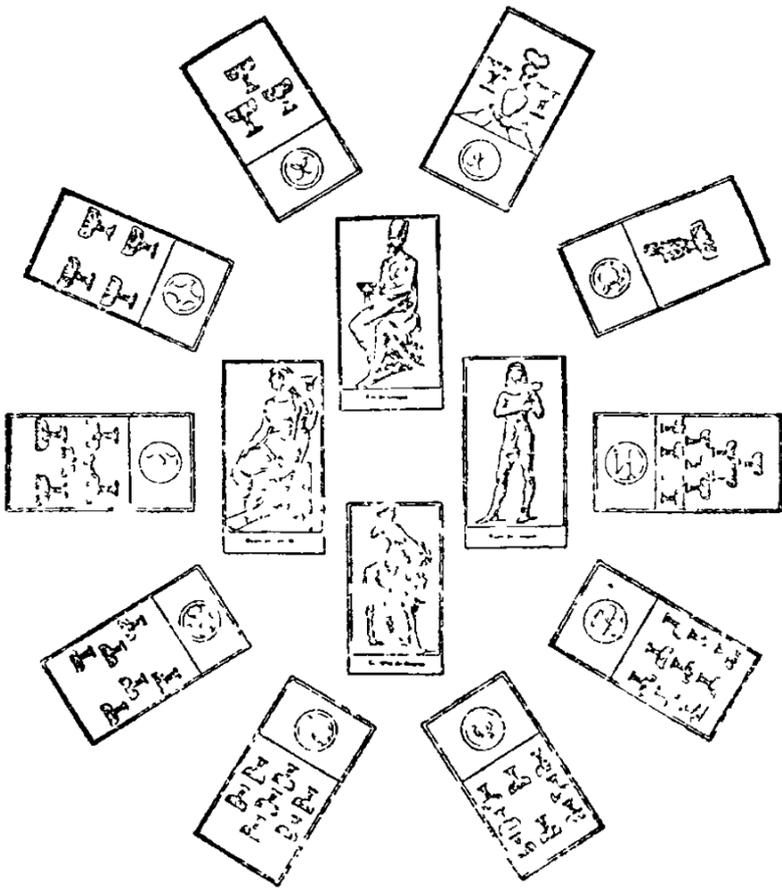
La dama el pasivo, la mujer, la hembra.

El caballero el neutro, el adolescente.



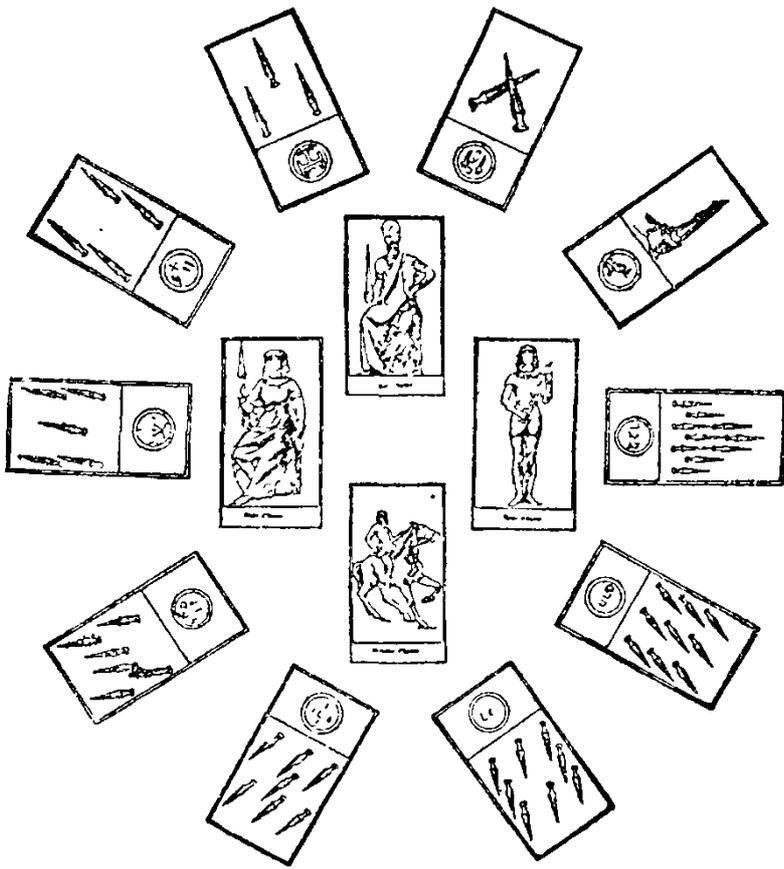
Tarot de Papus

Arcanos menores - Los Bastos



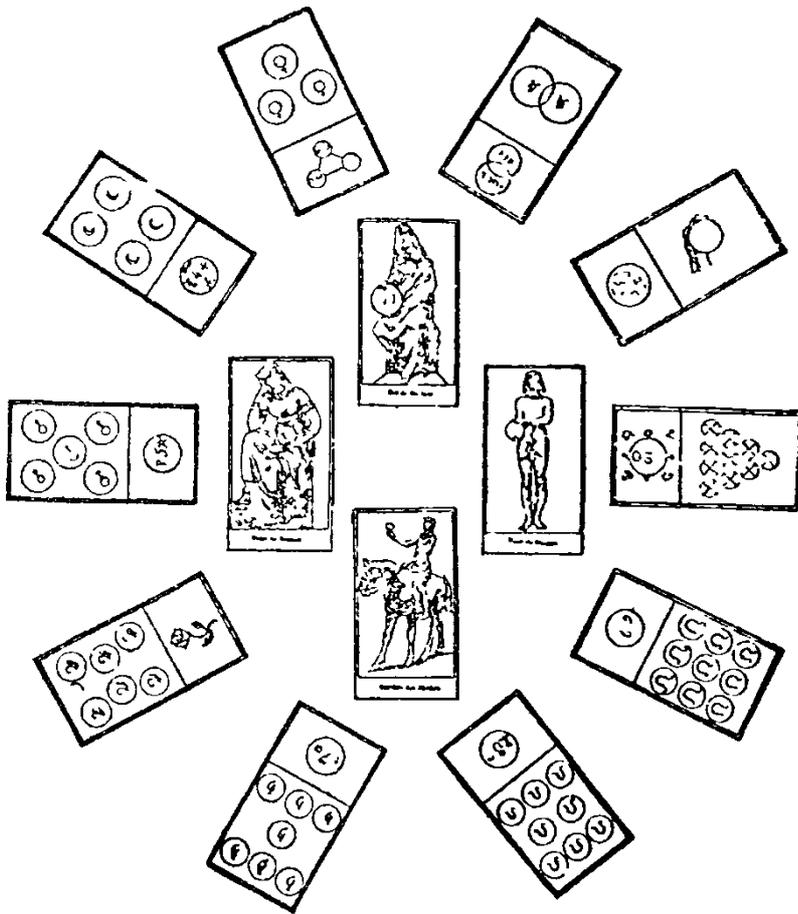
Tarot de Papus

Arcanos menores - Las Copas



Tarot de Papyrus

Arcanos menores - Las Espadas



Tarot de Papyrus

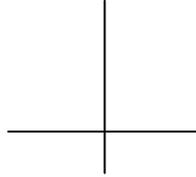
Arcanos menores - Los Oros

Por último el valet representa el 4º término de esta serie, la que podremos escribir así:

Rey

Dama

Valet



Caballero

Esta serie no es otra cosa que una aplicación de la ley general "iod-hé-vau-hé", que conocemos bien y cuyas relaciones son fáciles de establecer.

Rey

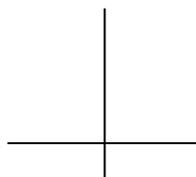
o iod

Dama

O 1º hé

Valet

o 2º hé



Caballero

o Vau

El valet corresponde entonces a la 2ª hé, es decir que representa un término de transición; mas. ¿transición entre qué?

Entre las cuatro figuras y los diez números siguientes.

LOS DIEZ NÚMEROS

Ocupémonos ahora de estos números. Conocemos ya "la ley" de los números o ley de las series, la que hemos enunciado del siguiente modo

1—2—3

4—5—6

7—8—9

10 — etc.

Las 10 láminas están regidas por la misma ley, en consecuencia las podemos ordenar según la serie estudiada.

La primera serie estará formada por el As, que representará el activo, el 2 que representará el pasivo, el 3 que representará el neutro y por último el 4 que representará la transición de una serie a la que le sigue, 1, 2, 3, 4, corresponden entonces a iod-hé-vau-hé, lo cual puede escribirse así:

Es lo que ocurrirá con las otras series de números, la 2ª hé de la serie precedente se transformará en la iod de la serie siguiente: así 4, cuarto término de la primera serie, será el primer término de la segunda; 7, cuarto término de la segunda, será el primer término de la tercera, tal como lo dejamos descripto en lo que sigue:

As

o iod

Dos

O 1º hé

Cuatro

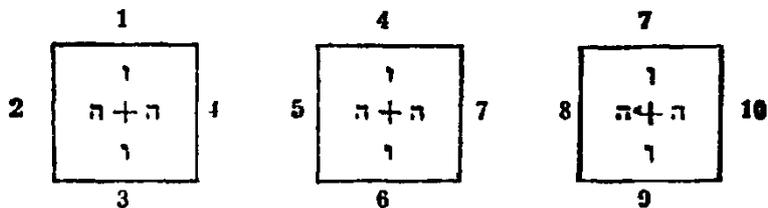
o 2º hé



Tres

o Vau

LA SERIE DE LOS NÚMEROS



Observemos que se aplica a estas series, la misma ley "iod-hé-vau-hé". Como esta ley rige igualmente para las cuatro figuras, podemos realizar una aproximación basada en la proposición siguiente:

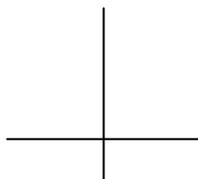
Dos términos (los números y las figuras) iguales a un tercero (la ley "iod-hé-vau-hé") son iguales entre sí.

LA SERIE EN UN COLOR

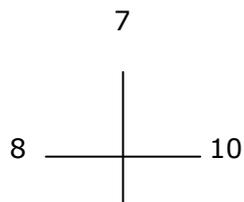
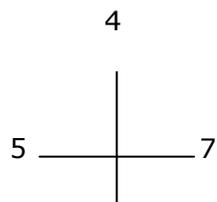
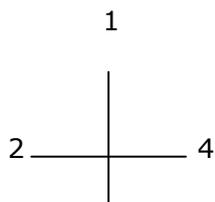
Rey

Dama

Valet



Caballero



3

6

9

Si ahora agrupamos todos los números de las series de acuerdo a las letras del tetragrama a que se refieren, encontraremos que:

1—4—7 Representarán la iod

2—5—8 Representarán la hé

3—6—9 Representarán la vau

10 Representará la 2ª hé

(1, 4, 7)

iod

(2, 5, 8) hé

2º hé (10)

vau

(3, 6, 9)

El 10, por lo tanto, es para los números lo que el valet es para las figuras, es decir que sirve de transición. ¿Entre qué?

Entre un color y otro.

RELACIONES ENTRE LAS FIGURAS Y LOS NÚMEROS

Hemos considerado las figuras solas, después los números solos. Veamos ahora las relaciones entre las figuras y los números.

Si agrupamos los términos semejantes según la ley única que los rige, hallaremos lo que sigue:

El Rey es la iod de 1, 4, 7,

La Dama es la hé de 2, 5, 8,
El Caballero es la vai de 3, 6, 9,
El Valet es la hé de 10.

La serie de las figuras está reproducida tres veces en la serie de los números, es decir que cada serie de números representa una concepción de las figuras en cada uno de los tres mundos cabalísticos.

La serie 1, 2, 3, 4 representa la emanación de la serie Rey, Dama, Caballero, Valet, en el mundo divino.

La serie 4, 5, 6, 7 representa esa misma evolución en el mundo humano.

La serie 7, 8, 9, 10 representa la evolución en el mundo material.

Cada color es un todo completo formado a la manera de los seres.

Un cuerpo material:

(Caballero—7, 8, 9)

Una fuerza vital:

(Dama—4, 5, 6)

Una intelectual:

(Rey-1.2, 3)

Órganos reproductores:

(Valet—10)

Cada una de estas partes se subdivide a su vez en otras tres, como lo indican los números.

Volvamos sin embargo a nuestra deducción y totalizando los resultados obtenidos encontraremos:

Representan la iod:

El Rey

El 1 o el As

El 4 El 7

Representan la hé:

La Dama

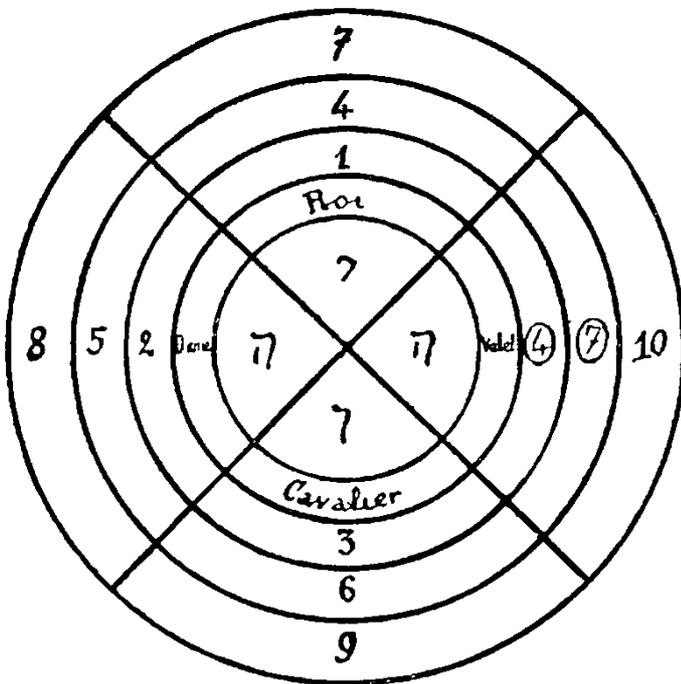
El 2 El 5 El 8

Representan la vau:

El Caballo El 3 El 6 El 9

Representando la 2ª hé:

El Valet El 10



REPRESENTACIÓN DE UN COLOR

REY

Cabeza -Espiritualidad



Mundo Divino

DAMA

Pecho-Vitalidad



Mundo Humano

CABALLERO

Cuerpo-Materialidad



Mundo Material

VALET

Transición de un ser



Transición de un

ESTUDIO DE LOS CUATRO COLORES

Con estos antecedentes continuemos nuestro estudio y apliquemos los mismos principios a las otras láminas.

Las leyes que acabamos de determinar para la constitución de un color se aplican del mismo modo a los otros tres.

Si consideramos ahora los cuatro colores del Tarot, resultarán nuevas deducciones. Recordemos que esos cuatro colores son: los Bastos, las Copas, las Espadas y los Oros.

El **Basto** representa el macho o el activo.

La **Copa** es la imagen del pasivo o de la femineidad.

La **Espada** representa la unión de ambos en su forma crucial.

Por último, el **Oro** representa la segunda hé.

Todos los autores que han estudiado el aspecto filosófico del Tarot reconocen unánimemente la correspondencia entre el tetragrama y los cuatro colores. Guillermo Postel, y sobre todo Eliphas Levi, han desarrollado estos estudios con provecho y nos muestran las cuatro letras del tetragrama aplicadas al simbolismo de todos los cultos.

Citemos de paso las correspondencias de estas letras con los símbolos de la religión cristiana.

La iod o Bastos del Tarot, representa la cruz episcopal.

La 1ª hé o Copas, el cáliz.

La vau o Espadas, la cruz, que afecta la misma forma.

La 2ª hé u Oros, la hostia; transición del mundo natural al mundo sobrenatural.

La serie que acabamos de estudiar en un solo color, se corresponde por igual a los cuatro colores tomados en su conjunto, así:

Bastos

o iod

Copas

Oros

O 1° hé

o 2° hé —————

Espadas

o Vau

OJEADA DE CONJUNTO SOBRE LOS ARCANOS MENORES

Si repasamos lo dicho hasta aquí nos hallaremos en condiciones de juzgar el camino andado.

Los cuatro colores, considerados globalmente, nos han enseñado la aplicación de la ley "iod-hé-vau-hé".

Mas en cada color tomado separadamente, hemos constatado que la ley se cumple regularmente.

Las cuatro figuras representan a "iod-hé-vau-hé". Como así también las cuatro series de los números.

Reunamos entonces las láminas según sus mutuas relaciones y obtendremos los siguientes resultados:

Los 4 Reyes	}	= iod
Los 4 Ases		
Los 4 Cuatros		
Los 4 Sietes		

Las 4 Damas	}	= hé
Los 4 Dos		
Los 4 Cincos		
Los 4 Ochos		

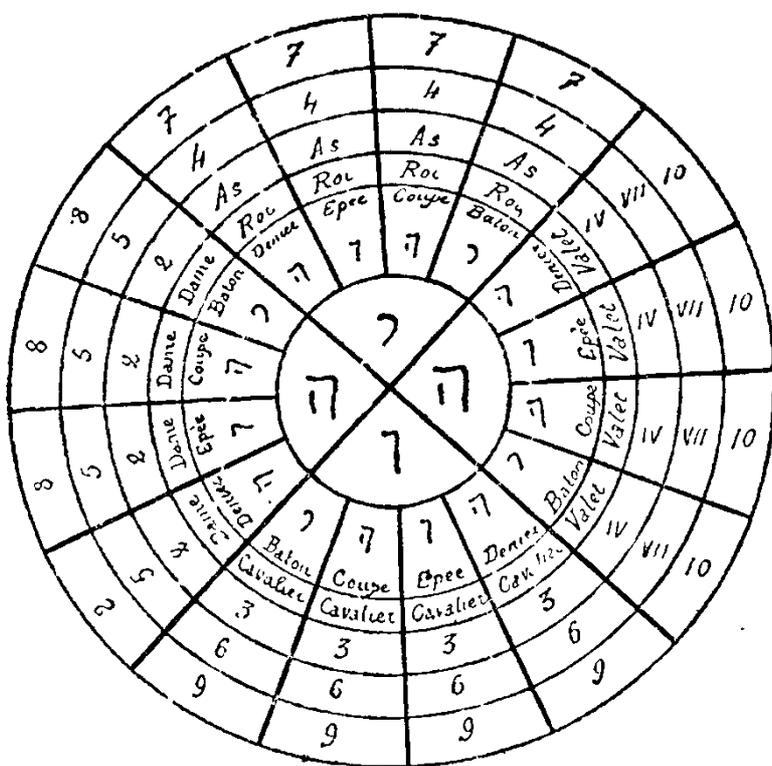
Los 4 Caballeros	}	= vau
Los 4 Tres		
Los 4 Seis		

Los 4 Nueves

Los 4 Valets } = hé

Los 4 Diez

Si ahora Queremos representar este conjunto mediante una figura sintética, escribiremos el nombre sagrado en el centro de un círculo dividido en cuatro partes, cada una de las cuales corresponderá a las letras "iod-hé-vau-hé". De cada una de estas partes irradian correspondencias del tetragrama a cada una de las láminas. He aquí esta figura:



Esquema General de los Arcanos Menores - Disposición en serie

Las figuras son a los colores lo que los números son a las figuras.

Los números reproducen en los tres mundos la serie de las figuras; así también las figuras reproducen la serie de los colores:

Bastos, Copas, Espadas y Oros.

Los Bastos son la iod de los 4 Reyes. Las Copas la hé de las 4 Damas. Las Espadas la vau de los 4 Caballeros. Los Oros la hé de los 4 Valets.

Así como cada color representa un conjunto formado de cuerpo, alma y espíritu o fuerza vital; así también los 4 colores representan un conjunto formado del siguiente modo:

Cuerpo material de los arcanos menores:

Los 4 Caballeros

Los 4 Sietes

Los 4 Ochos

Los 4 Nueves

Cuerpo vital de los arcanos menores:

Las 4 Damas

Los 4 Cuatros

Los 4 Cincos

Los 4 Seis

Cuerpo intelectual:

Los 4 Reyes

Los 4 Ases

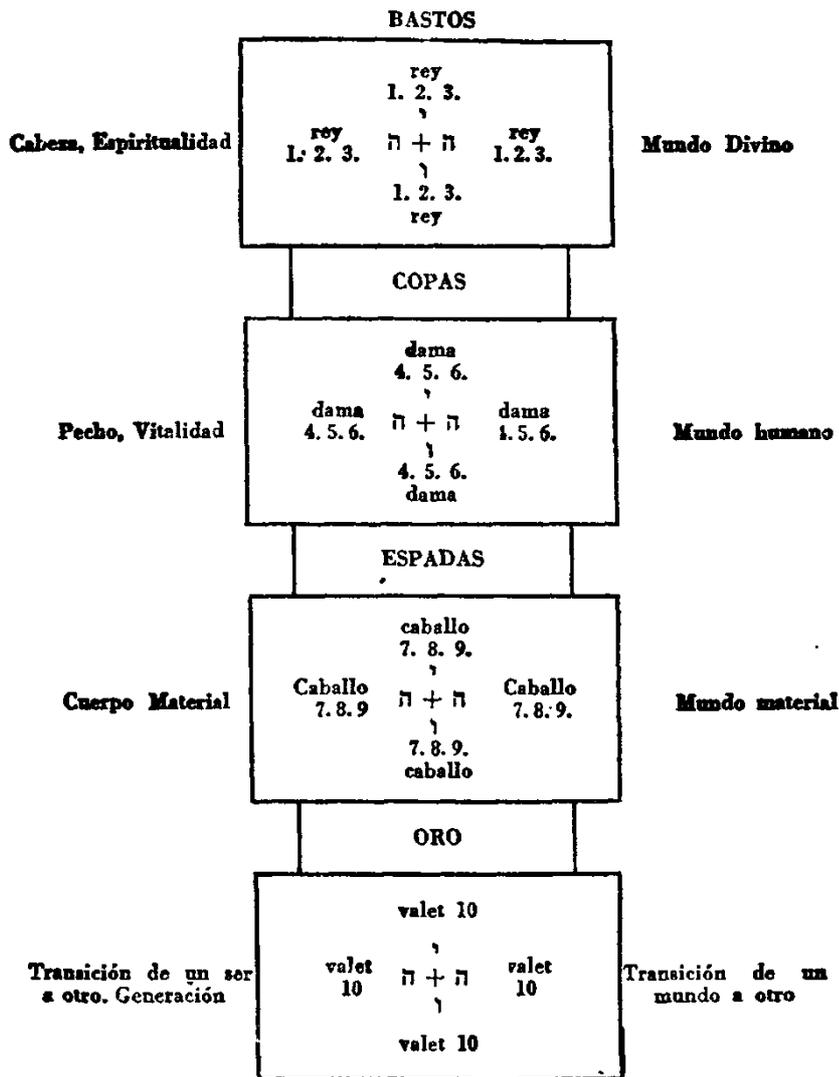
Los 4 Dos

Los 4 Tres

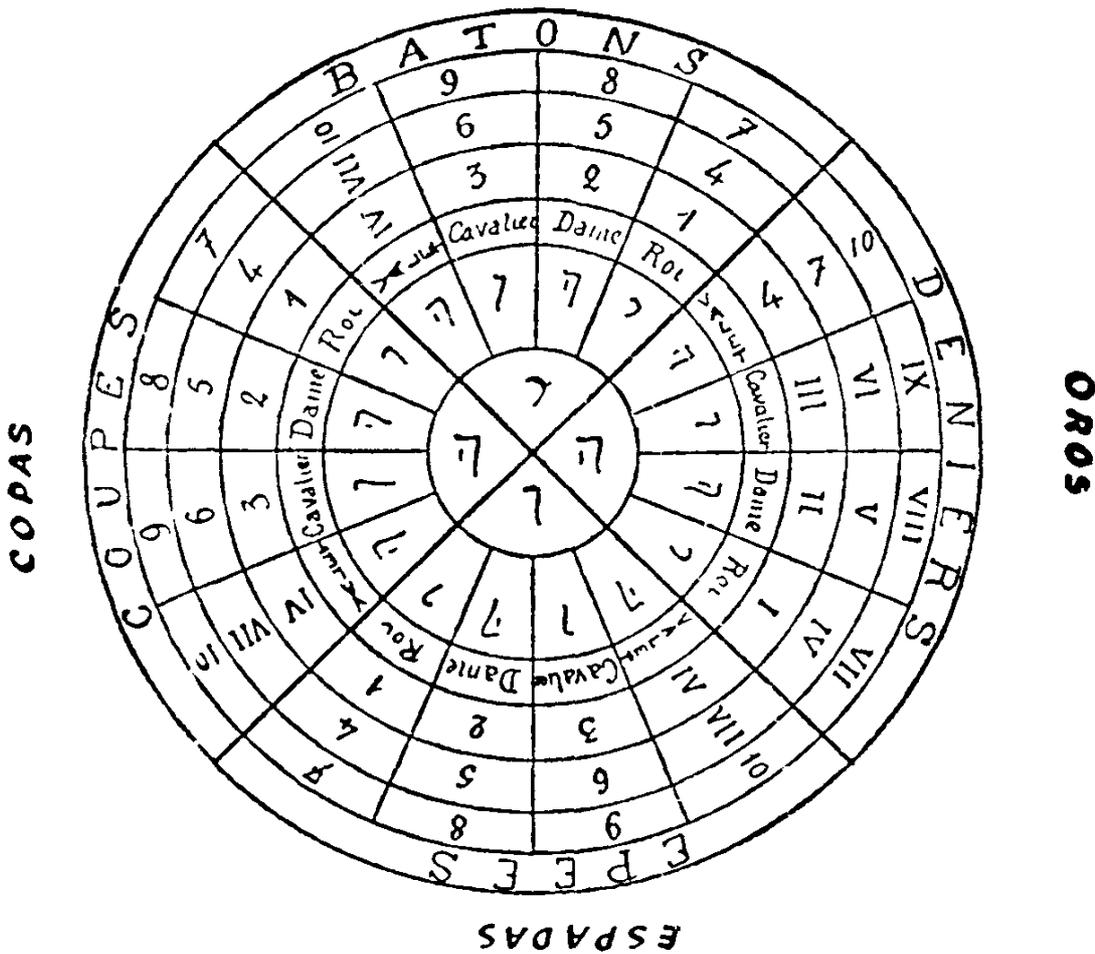
Órganos reproductores:

Los 4 Valets

Los 4 Diez



BASTOS



Clave general de los Arcanos Menores

Mostramos tan sólo estas relaciones, por demás instructivas, pues su análisis completo nos llevaría demasiado lejos.

Damos estas indicaciones con el fin de mostrar los métodos usados por la "analogía", característicos de las ciencias ocultas, respecto de los cuales nos hemos extendido bastante en otras obras anteriores.

Si comparamos ahora nuestro último diagrama con el primero (el cual no abarcaba más que un solo color) estaremos en condiciones de mostrar cómo la ley que ha regido su confección es la misma en ambos casos; lo único que varía son sus mutuas aplicaciones.

Es así como las células del cuerpo humano se agrupan para formar los órganos, los órganos para formar los aparatos y éstos para formar el individuo.

De cuanto precede hemos deducido la siguiente conclusión:

El Oro corresponde a la segunda hé e indica una transición.

¿Entre qué? Entre los arcanos menores y los arcanos mayores.

A la memoria del autor de la "REVANCHA DE LAS BESTIAS"

CAPÍTULO SEXTO

LA CLAVE DE LOS ARCANOS MAYORES

Arcanos mayores — 1° ternario — 2° ternario — 1° septenario — 2° septenario — Los tres septenarios y el ternario de transición.

LOS ARCANOS MAYORES

La diferencia fundamental entre los arcanos menores y los arcanos mayores consiste en que, mientras en éstos se reúnen los números a las figuras, en aquéllos se hallan separados.

Los arcanos mayores suman en total 22 láminas, de las cuales una lleva el número cero; por lo tanto, los grandes arcanos o arcanos mayores suman 21 en realidad.

La mayoría de los autores que se han ocupado del Tarot han considerado tan sólo estas 22 láminas, sin tener en cuenta las 56 restantes, que sin embargo nos dan la clave general del sistema.

Mas dejaremos estas disgresiones para abordar de inmediato la aplicación de la ley "iod-hé-vau-hé" a esta parte del Tarot.

La más simple reflexión nos sugiere la idea que deben existir en los arcanos mayores las mismas series que hemos hallado en los arcanos menores. Mas ¿cómo determinar la magnitud de estas series?

Cada uno de los arcanos menores llevaba un símbolo, fácil de referir al conjunto (Bastos, Copas, Espadas y Oros); pero el caso aquí es distinto. Cada lámina representa un símbolo diferente. Por lo tanto no será el simbolismo lo que pueda guiarnos, al menos por el momento.

Además del símbolo, cada lámina traduce una idea. La idea resulta ya una guía mejor, por lo menos es más fácil de clasificar que el símbolo; pero esta guía no ofrece todavía las garantías necesarias, pues se prestará a diversas interpretaciones. Por otra parte, la idea es consecuencia de la acción del símbolo sobre el otro término expresado por la lámina: el número.

El número, he aquí por cierto el elemento más positivo, el más fácil de seguir en su evolución. Será entonces el número el que nos guiará; será con su ayuda que descubriremos los otros dos términos.

Recordemos la exposición que hicieramos sobre los números. Con su ayuda hallaremos fácilmente las series de los arcanos mayores.

Pero antes hagamos una advertencia: Las series que enumeraremos serán las más generales de todas, mas no las únicas.

Esto dicho, consideraremos los cuatro primeros arcanos.

Los números 1, 2, 3 y 4 determinan de inmediato la clasificación que deberemos adoptar y la naturaleza de sus términos:

1 corresponde a iod y es por lo tanto "activo".

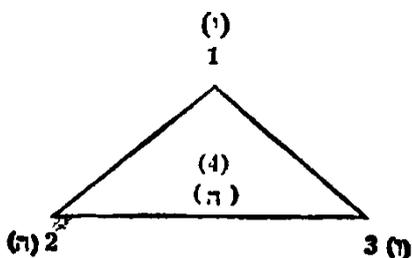
2 corresponde a hé y es por lo tanto "pasivo".

3 corresponde a vau y es por lo tanto "neutro".

4 corresponde a hé e indica la transición.

Este último arcano, el 4, corresponde al Valet y al 10 de los arcanos menores, por lo tanto constituirá la "iod" de la serie siguiente.

Si deseamos esquematizar el primer ternario, 1, 2, 3, podremos hacerlo así:



El término activo (1) se halla en el vértice superior del triángulo, los otros dos en los vértices de la base.

Este mismo ternario puede también dibujarse según sus relaciones con "iod-hé-vau-hé":

1

iod

|

2 hé 2° hé 4 _____

vau

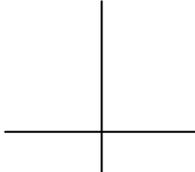
3

SEGUNDO TERNARIO

Hemos dicho que el "4" se transformaba en la iod o término activo de la serie siguiente. Esto se realiza según las correspondencias siguientes:

4

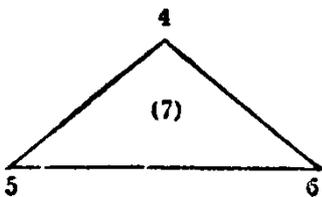
iod

5 hé 2° hé 7 

vau

6

El 4, representado por la iod, obrará en presencia del 5 y el 6, del mismo modo como el 1 obra en presencia del 2 y el 3; en consecuencia obtendremos un nuevo ternario:



El 7 actúa aquí del mismo modo como actuaba antes el 4; lo mismo ocurrirá con todas las series de los arcanos.

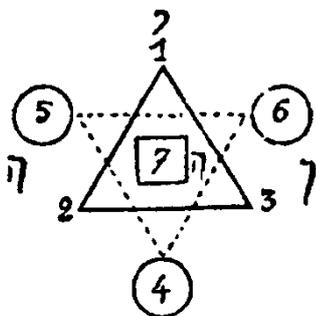
PRIMER SEPTENARIO

La aplicación de una misma ley a términos bastante diferentes nos ha conducido hasta aquí; no abandonemos este procedimiento y digamos:

Si en un ternario existe un término activo = iod, un término pasivo = hé, y un término neutro = vau, ¿por qué no habría de ocurrir lo mismo con los ternarios tomados en conjunto?

El primer ternario corresponderá entonces a iod, término activo; el segundo ternario corresponderá a hé, término pasivo; y el tercer ternario corresponderá a vau, término neutro, resultado de 1; acción del primer ternario sobre el segundo.

Representemos todo esto:



El 7 constituirá entonces el elemento de transición entre un septenario y el que le sigue.

Si ahora fijamos las relaciones de este primer septenario o "iod-hé-vau-hé", obtendremos:

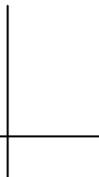
(1-4)

,

iod

(2-5) ¨ hé

2º hé ¨ (7)



vau

(3-6)

De paso hagamos resaltar una observación importante: el 4 no es otra cosa que el 1 considerado negativamente, del mismo modo que el 5 es el negativo de 2 y el 6 el negativo de 3. Por lo tanto se trata siempre de un mismo número considerado en diversos aspectos.

Hemos pues determinado un primer septenario formado por la oposición de dos ternarios.

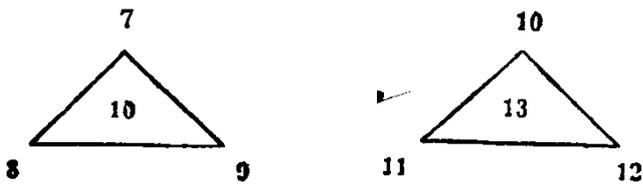
También hemos visto reproducir en este septenario la ley "iod-hé-vau-hé".

SEGUNDO SEPTENARIO

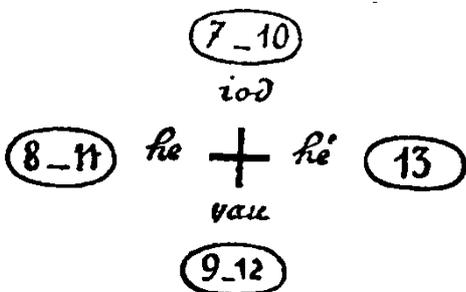
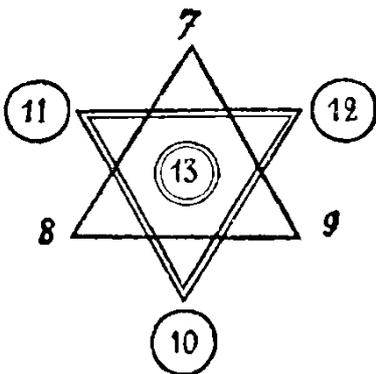
Lo que es verdadero para el primer ternario debe serlo también para los demás, continuando con el procedimiento propuesto obtendremos un segundo septenario así formado:

Ternario Positivo

Ternario Negativo



Los dos ternarios, positivo y negativo, se equilibrarán para dar nacimiento al segundo y a su término de transición 13. Así:



Mas si dos ternarios obran respectivamente como positivo y negativo, no ocurrirá lo mismo con los dos septenarios.

El primer septenario, considerado en conjunto, será entonces positivo con relación al segundo, el cual será negativo respecto del primero.

El primer septenario corresponde a iod y el segundo a hé.

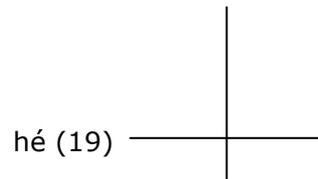
TERCER SEPTENARIO

El tercer septenario está formado del siguiente modo:

(13-16)

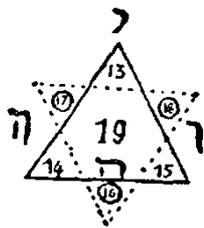
iod

(14-17) hé



vau

(15-18)



Si el primer septenario es positivo y el segundo negativo, el tercero será neutro y corresponderá a vau.

Tendremos en definitiva:

1º Un septenario positivo = iod

2º Un septenario negativo = hé

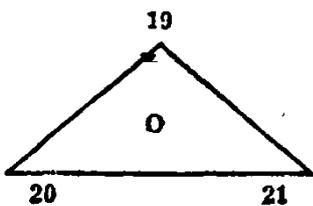
3º Un septenario neutro = vau

Sin embargo cada septenario nos ofrece un término común con el septenario precedente y común también con el siguiente. Luego el 7 es el séptimo término del primer septenario y el primer término del segundo; el 13 es el último término del segundo septenario y el primer término del tercero, etcétera.

Resulta de lo dicho que existen tres términos para clasificar:

19, 20, 21.

Estos tres términos forman el último ternario, ternario de transición entre los arcanos mayores y los menores, ternario correspondiente a la 2º hé, y que puede ser representado así:

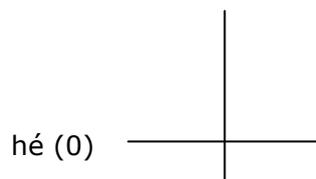


La última lámina, que debería llevar el N° 22 según la correspondencia hebraica, cierra el Tarot con una maravillosa figura que traduce su íntima constitución, para quien sepa comprenderla. Ya volveremos sobre esto.

(19)

iod

(20) hé

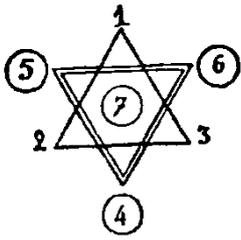


vau

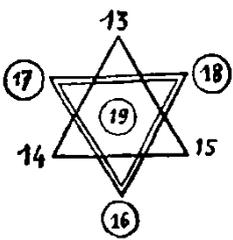
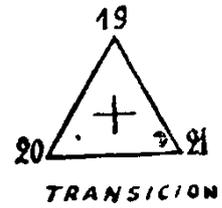
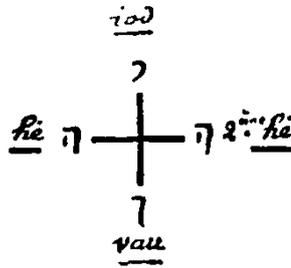
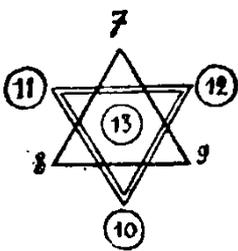
(21)

En definitiva, la gran ley está representada en los arcanos mayores, del siguiente modo.

DIOS



EL HOMBRE



LA NATURALEZA

El primer septenario corresponde al Mundo Divino, es decir Dios.

El segundo al hombre.

El tercero a la Naturaleza.

Y el último ternario indica el tránsito del mundo creador y providencial, al mundo creado y fatal.

Este ternario establece la relación entre los arcanos mayores y los arcanos menores.

A la memoria del autor de "Dios y la Creación", René Caillie.

CAPÍTULO VII

RELACIONES ENTRE LOS ARCANOS MAYORES Y LOS MENORES

RELACIONES GENERALES CLAVE DEL TAROT

Predominio del primer septenario — Relaciones del segundo septenario en el Tarot, lámina por lámina — Relaciones Generales — Relaciones de iod, de hé, de vau, de la 2º hé — Gráfico general que da la clave del Tarot — Confección del Tarot móvil o rotatorio (Rota).

De un lado los Oros, del otro el ternario de transición, establecen la relación entre los arcanos mayores y los arcanos menores.

Esta relación se resume en la más general de las cuatro letras del tetragrama.

El primer septenario corresponde a iod y gobierna todas las correspondencias de esta letra en la serie menor, es decir: Los 4 Reyes, los 4 Ases, los 4 Cuatros y los 4 Sietes.

Cada elemento del septenario gobierna términos diferentes; así:

PRIMER SEPTENARIO

Los arcanos 1 y 4 gobiernan: Rey, 1, 4, 7 de Bastos

Los arcanos 2 y 5 gobiernan: Rey, 1, 4, 7 de Copas

Los arcanos 3 y 6 gobiernan: Rey, 1, 4, 7 de Espadas

El arcano 7 gobierna: Rey, 1, 4, 7 de Oros

Además: El arcano N° 1 gobierna especialmente los términos positivos de la serie, es decir:

Arcano 1 (+)	El Rey de ior o de Bastos (+)
	El Rey de vau o de Espadas (—)

El arcano 4 gobierna particularmente los términos negativos de la serie:

Arcano 4 (-)	El Rey de hé o de Copas (+) 4 (—)
	El Rey de 2° hé o de Oros (—)

Aplicando la misma ley a los demás arcanos, hallaremos:

Arcano	As de ior (+) Bastos
2 (+)	As de vau (—) Espadas

Arcano	As de hé (+) Copas
5 (—)	As de hé (—) Oros

Arcano	4 de Bastos (+)
3 (+)	4 de Espadas (—)

Arcano	4 de Copas (+)
6 (—)	4 de Oros (—)

Arcano	Todos los términos transitivos
--------	--------------------------------

7(∞)7 (∞)

SEGUNDO SEPTENARIO

El segundo septenario corresponde a hé y gobierna todas las correspondencias de la primera hé en la serie menor, es decir:

Las 4 Damas

Los 4 Dos

Los 4 Cincos

Los 4 Ochos.

Cada elemento de este segundo septenario tiene las siguientes denominaciones:

Arcano		Dama de Bastos (+)	Arcano		Dama de Oros (-)
7(+)		Dama de Espadas (-)	10 (-)		Dama de Copas (+)

Arcano		Dama de Bastos (+)	Arcano		Dos de Copas (+)
8(+)		Dama de Espadas (-)	11 (-)		Dos de Oros (-)

Arcano		Cinco de Bastos (+)	Arcano		Cinco de Copas (+)
9(+)		Cinco de Espadas (-)	12 (-)		Cinco de Oros (-)

Arcano 13		Todos los 8
(∞)		(∞)

TERCER SEPTENARIO

El tercer septenario corresponde a vau y domina:

Los 4 Caballeros

Los 4 Tres

Los 4 Seis

Los 4 Nueves

Cada uno de estos elementos domina así:

Arcano	Caballero de Bastos (+)	Arcano	Caballero de Copas (+)
13 (+)	Caballero de Espadas (-)	16 (-)	Caballero de Oros (-)

Arcano	Tres de Bastos (+)	Arcano	Tres de Copas (+)
14 (+)	Tres de Espadas (-)	17 (-)	Tres de Oros (-)

Arcano 15	Seis de Bastos (+)	Arcano	Seis de Copas (+)
(+)	Seis de Espadas (-)	18 (-)	Seis de Oros (-)

Arcano 19	Todos los 8
(∞)	(∞)

TERNARIO DE TRANSICIÓN

El ternario de transición domina;

Los 4 Valets

Los 4 Diez

Cada uno de estos elementos domina así:

Arcano 19	Valet de Espadas (-)	Arcano 20	Valet de Copas (+)
(+) (∞)	Valet de Bastos (+)	(-) (∞)	Valet de Oros (-)

Arcano 21	Todos los 10
(+)	(∞)

Valor de los signos + , - y ∞

Los signos que acompañan cada lámina en el enunciado que acabamos de hacer, determinan exactamente el valor de esta lámina. Un ejemplo bastará para darlo a comprender:

Cada término puede ser considerado en dos sentidos principales: positivo o (+) y negativo o (—). Lo mismo ocurre con las subdivisiones de estos términos.

Así los correspondientes a iod en el primer septenario son 1 y 4.

1 es el positivo (+)

4 es el negativo (—)

1 domina a dos arcanos menores: Rey de Bastos y Rey de Espadas. .

Rey de Bastos es positivo (+)

Rey de Espadas es negativo (—)

El valor definitivo de estos términos será entonces:

1º Rey de Bastos.

Positivo (+) del positivo (+)

o

Rey de Bastos

+ +

2º Rey de Espadas.

Negativo (—) del positivo (+)

o

Rey de Espadas

— +

Los mismo ocurrirá con los otros términos si combinamos el signo que acompaña al arcano mayor con el que acompaña al término considerado.

Es ésta la forma de hallar el valor de cada uno de los 78 arcanos del Tarot.

RELACIONES GENERALES

RELACIONES DE IOD

	<i>Positivos</i>	<i>Negativos</i>
Arcanos Mayores	Arcano 1 Arcano 7 Arcano 13	Arcano 4 Arcano 10 Arcano 16
Arcanos Menores	Rey de Bastos As de Bastos 4 de Bastos 7 de Bastos Rey de Espadas As de Espadas 4 de Espadas 7 de Espadas	Rey de Copas As de Copas 4 de Copas 7 de Copas Rey de Oros As de Oros 4 de Oros 7 de Oros

RELACIONES DE LA 1° HE

Arcanos Mayores Positivos: 2, 8 y 14; Negativos 5, 11 y 17

Arcanos Menores Positivos: Dama, 2, 5 y 8 de Bastos

Arcanos Menores Positivos: Dama, 2, 5 y 8 de Espadas

Arcanos Menores Negativos: Dama, 2, 5 y 8 de Copas

Arcanos Menores Negativos: Dama, 2, 5 y 8 de Oros.

RELACIONES DE VAU

Arcanos Mayores Positivos: 3, 9 y 15; Negativos 6, 12 y 18

Arcanos Menores Positivos: Caballero, 3, 6 y 9 de Bastos

Arcanos Menores Positivos: Caballero, 3, 6 y 9 de Espadas

Arcanos Menores Negativos: Caballero, 3, 6 y 9 de Copas

Arcanos Menores Negativos: Caballero, 3, 6 y 9 de Oros

RELACIONES DE LA 2» HE

Positivos

Arcano 19

Valet de Bastos

Valet de Espadas

Negativos

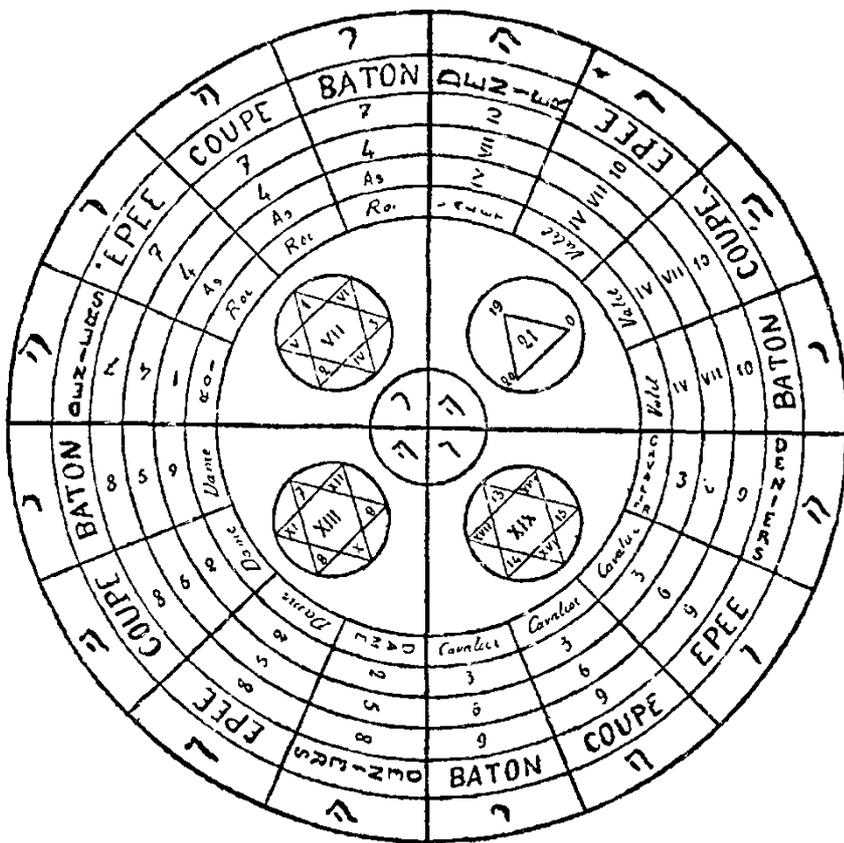
Arcano 20

Valet de Copas

Valet de Oros

CUADRO GENERAL DE LA CONSTRUCCIÓN DEL TAROT QUE RESUME LAS RELACIONES

La ley absoluta "iod-hé-vau-hé" está en el centro del cuadro.



Cada una de las letras del tetragrama domina un cuarto de círculo.
 Los diferentes colores indican el dominio particular de cada arcano.

CONSTRUCCIÓN DEL TAROT MÓVIL O ROTATORIO

Se establecen mediante el cuadro anterior las relaciones de todos los arcanos mayores con los menores. Para hallar el sentido de esta relación basta con hacer girar el centro de la figura alrededor del círculo superior.

Así el arcano 1, letra aleph, va a enfrentarse sucesivamente con los diversos grupos de arcanos menores, con lo que obtendremos una serie de nombres hebreos, cuya traducción puede hacerse mediante la ayuda de un diccionario.

Bastos		א י י
		ה י א
		ו י א
		ה י א
Copas		א ה ה
ה		ו ה ו
		ה ה א
		י ה א
Espadas		ו ו א
ו		ה ו א
		י ו א
		ה ו א
Oros		ה ה א
ה 2 ou ה		י ה א
		ה ה א
		ו ה ו

Rotación de la primera lámina del Tarot rotatorio. Basta con reemplazar por cada una de las 21 letras restantes, para hallar los nombres hebraicos correspondientes.

En todas las columnas tendremos:

Rey = iod

Dama = hé

Caballero = Vau

Valet = 2º hé

Rey = iod
 Dama = hé
 Caballero = Vau
 Valet = 2º hé

Bastos	Rey י	Dama ה	Caballero ו	Valet ה
Copas	Dama הה	Caballero ו	Valet הה	Rey י
Espadas	Caballero ו	Valet ה	Rey י	Dama ה
Oros	Valet הה	Rey ו	Dama הה	Caballero ו

147 |
 258 | **de iod**
 369 |
 10 |
Bastos

258 |
 369 | **de hé**
 10 |
 147 |
Copas

369 |
 10 | **de vau**
 147 |
 258 |
Espadas

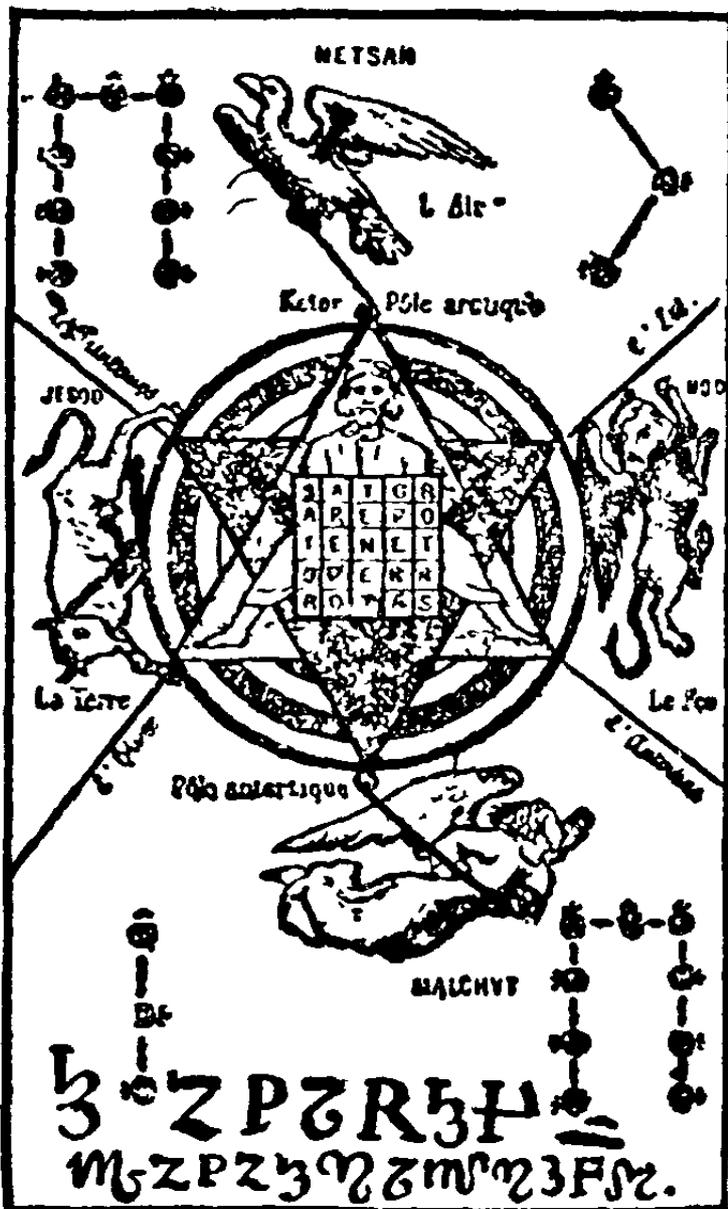
10 |
 147 | **de 2º hé**
 258 |
 369 |
Oros

SEGUNDA PARTE

EL SIMBOLISMO EN EL TAROT

APLICACIÓN DE LA CLAVE GENERAL AL SIMBOLISMO

A la memoria del autor de la Misión de los Judíos y del Arqueómetro el Marqués de Saint Yves D'Alveydre.



LA CLAVE DEL GRAN ARCANO

Al autor de "La Decadencia Latina", el Cabalista

JOSEPHIN PELADAN.

CAPÍTULO VIII

INTRODUCCIÓN AL ESTUDIO DEL SIMBOLISMO

Los símbolos — Los términos primitivos — Clave del simbolismo — Determinación inmediata del sentido de un símbolo — Ley general del simbolismo.

El estudio que hemos hecho sobre el Tarot en sus relaciones numéricas, nos ha facilitado la clave general que debe aplicarse a todos los desarrollos ulteriores.

Los símbolos deben seguir, en consecuencia, la evolución de los números, y, en efecto, comprobaremos que es así. No obstante, como estudiaremos sucesivamente cada una de las láminas del Tarot, podría ocurrir que la atención del lector se fatigara de estos desarrollos; es por esto que hemos decidido realizar una breve introducción sobre el simbolismo del Tarot, aprovechando de paso la ocasión para decir unas palabras sobre la agrupación de estos símbolos. Conocido este punto podemos pasar al desarrollo, terminando con una breve síntesis. Esperamos con esto aportar un poco más de luz sobre un asunto tan arduo.

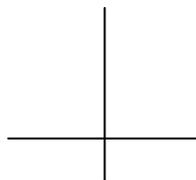
El análisis del nombre "iod-hé-vau-hé" nos ha dado la ley general que precede a la construcción del Tarot. Esta ley se expresa del siguiente modo:

1

iod

2 hé

2° hé 4



vau

3

Debemos determinar ahora en nuestros símbolos cuatro términos primitivos, los que expresarán la ley de aplicación a todo el simbolismo. En efecto, volveremos a encontrar estos cuatro términos en las cuatro primeras láminas, y su sentido general será:

1. Creador o Divino.
2. Conservador o Astral.
3. Transformador o Físico y Difusor.
4. Generador o Transitivo deviniendo Creador.

Esta ley responde perfectamente a nuestra palabra sagrada:

Creador o Divino

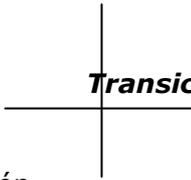
1
iod

Conservador o

Hé 2
o Astral

2° hé o
Generación

Transición



3
vau

Transformador
o Físico

Veremos que esta ley se aplica exactamente a cada una de las láminas, las cuales poseen tres sentidos diferentes.

1. Un sentido superlativo o Divino.
2. Un sentido comparativo o Mágico-Astral.

3. Un sentido positivo o Físico, que responde a una transición.

LAS CUATRO PRIMERAS LAMINAS. GENERALIDADES

CLAVE DEL SIMBOLISMO EN EL TAROT

Los cuatro primeros arcanos mayores forman, simbólica y numéricamente, una serie completa que responde a la palabra sagrada "iod-hé-vau-hé".

En efecto, la primera lámina expresa el "activo absoluto" y corresponde a "iod"; la segunda lámina simboliza el "reflejo" de la primera, el "pasivo absoluto" y corresponde a la primera "hé"; la tercera indica el término de conversión y de transformación y corresponde a "vau"; por último, la cuarta lámina constituye un término de transición entre la serie precedente y la que le sigue.

La serie simbólica del Tarot estará representada entonces por las cuatro primeras láminas, así como la serie numérica lo está por los cuatro primeros números. Se desprende de esto una consecuencia muy importante, y es que todos los símbolos del Tarot son meras transformaciones de los tres primeros arcanos mayores —siendo éstos, a su vez, los que nos dan la ley general del simbolismo—, ley que nos permite determinar matemáticamente el sentido de las láminas siguientes.

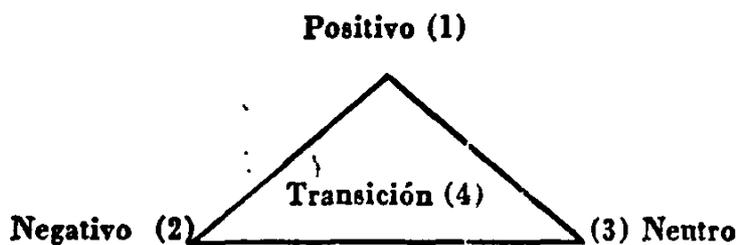
Todavía podemos ir más lejos: Como la segunda lámina es el reflejo de la primera —estando formada por la primera considerada negativamente—, y como la tercera lámina emana de las dos anteriores, bastará conocer el significado de la primera lámina del Tarot para determinar con toda precisión el sentido de las demás.

Veamos ahora algunos detalles imprescindibles:

La ley general de las cuatro primeras láminas es la siguiente:

1. Positivo. Creador.
2. Negativo. Reflejo de la primera. Conservador.
3. Neutro. Reunión de las otras dos. Transformador.
4. Tránsito de una a otra serie.

Podremos representarlas así:



Lo que es verdad para cada uno de los términos de un ternario, lo será también para ese mismo ternario considerado en su conjunto. Esto nos lleva a otras consideraciones.

El primer ternario será positivo y corresponderá a iod, el activo o creador; el segundo ternario será negativo y corresponderá a hé, por lo tanto todos sus términos serán el reflejo de los términos del primero, así como la segunda lámina era el reflejo de la primera.

Lo que nos dará:



En consecuencia podremos determinar el sentido de los arcanos 4, 5, 6 y 7 en los tres mundos, con sólo conocer el sentido de los arcanos 1, 2, 3 y 4.

Basta estudiar las correspondencias numerales del Tarot para encontrar de inmediato sus relaciones simbólicas con la iod, la hé, la vau y la segunda hé.

Mas si el segundo ternario es el reflejo del primero se infiere que existirán iguales correspondencias con el septenario, por lo tanto todas las láminas del segundo septenario serán el reflejo simbólico del primero.

Las cartas del tercer septenario representarán la tercera lámina, esto es la transformación. Tendremos entonces las siguientes interpretaciones:

1^{er}- Septenario

La creación activa. Lo divino. Osiris-Brahma. El Padre.

2^o- Septenario

La conservación. El astral. Vichnou. El Hijo.

3^{er}- Septenario

La transformación. Lo físico. Horus. Siva. El Espíritu Santo.

Resumiendo: Los tres primeros arcanos dan la interpretación de todos los demás, tal como lo resumimos en la siguiente tabla.

TABLA Indicando el sentido de los 22 arcanos mayores							
<i>iod</i> serie positiva o creadora	1.	4.	7.	10.	13.	16.	19.
<i>1ª hé</i> serie de transición o conservadora	2.	5.	8.	11.	14.	17.	20.
<i>vaú</i> serie neutra transformadora equilibrante	3.	6.	9.	12.	15.	18.	21.
<i>2ª hé</i> serie negativa	4 = (1)		—		—		—
	+	—	+	—	+	—	∞
	positiv	negat					
	IOD serie positiva. o creatriz		HE serie negativa o conservad.		VAU serie neutra o transform. equilibr.		2ª HE serie de transición

Esta tabla es muy importante, puesto que nos permitirá hallar el valor simbólico de una lámina cualquiera del Tarot, operando del siguiente modo:

DETERMINACIÓN A PRIORI DEL VALOR SIMBÓLICO DE UNA LÁMINA DEL TAROT

Determinaremos:

1º Cuál es la letra hebraica impresa a la izquierda, en la columna horizontal que contiene la lámina considerada;

2º Cuál es la letra hebraica impresa debajo de la columna vertical que contiene la lámina considerada;

3º Cuál es la letra hebraica, impresa debajo de la columna vertical, que contiene la lámina considerada.

EJEMPLO

Sea hallar el sentido del arcano 5.

Miro a la izquierda y encuentro como letra hebraica la hé.

Esto me indica que el arcano 5 es la hé, ¿de qué? Para saberlo miro la columna vertical y encuentro iod.

El arcano 5 es la hé de iod; mas esto no es todavía suficiente, miro entonces la columna secundaria que contiene el signo (—), negativo.

Obtengo así una fórmula definitiva del arcano 5.

La quinta lámina del Tarot es:

La hé de iod, considerada negativamente.

Es ésta una fórmula sintética comprensible únicamente para quien está habituado al manejo del nombre "iod-hé-vau-hé". Por lo tanto es necesario desarrollar esta explicación. Hé representa el reflejo.

Diremos entonces, para ser más claros:

El arcano 5 es:

El reflejo de iod considerado negativamente. Pero ¿qué es iod considerado negativamente?

Para saberlo busco en la columna de la izquierda la letra iod, luego en la columna vertical secundaria el signo negativo (—) y en la intersección de estas dos líneas encuentro el arcano 4.

La iod considerada negativamente es el arcano 4.

Por lo tanto, diré:

El arcano 5 es el reflejo del arcano 4.

Así se explican todos los arcanos, los unos por los otros, de acuerdo a lo que dijimos más arriba.

Esta tabla es la clave del "Ars Magna" de Raymond Lulle.

ARCANOS MAYORES

"Relaciones del Tetragrama y de cada arcano"

1 iod de iod + (positivo)

2 hé de iod +

3 vau de iod +

4 iod de iod —

5 hé de iod —

6 vau de iod —

7 iod de hé +

8 he de hé +

9 vau de hé +

10 iod de hé —

11 hé de hé —

12 vau de hé—

13 iod de vau +

14 he de vau 4-

15 vau de vau 4-

16 iod de vau—

17 he de vau—

18 vau de vau—

19 iod de 2ª hé

20 he de 2ª hé

O ó 21 vau de 2ª hé

22 iod hé vau 2º hé

CORRESPONDENCIAS ENTRE LAS LÁMINAS DEL TAROT

Para obtener el origen y la derivada de una lámina cualquiera del Tarot, basta con tomar la tercera lámina anterior y la tercera que le sigue.

Así el arcano 8, derivada del arcano 5, da nacimiento al arcano 11.

5	8	11
Vida Universal	Existencia	Vida reflejada
	Elemental	y pasajera

Se sigue de esto que cuando la suma de dos láminas da una cantidad par, bastará con tomar la mitad de esta cantidad para hallar la lámina que sirve de enlace a estas dos.

Por ejemplo, sea hallar el enlace que une el arcano 4 al arcano 6 (el fluido animador universal y el amor universal); sumando 4 y 6 obtenemos 10 como resultado, la mitad de esta suma es igual a 5.

El arcano 5 (vida universal) reúne entonces los dos opuestos. (El alfabeto hebreo establece rigurosamente esta filiación mediante las letras correspondientes a estos tres números.) [Ver el arcano 8.]

El pasaje del fluido animador (4) en el amor (6) se opera por intermedio de la vida universal (5).

Cada lámina del Tarot, poseyendo tres sentidos bien determinados, permite filosofar a cualquiera sin necesidad de romperse mucho la cabeza.

De todo esto puede obtenerse una nueva conclusión, y es que cada una de las cartas del Tarot tiene como complementaria aquella que restada de 22 reproduce el número de la primera.

EJEMPLO

¿Cuál es la carta complementaria del arcano 1?

$22 - 1 = 21$. Luego el arcano complementario será el 21.

¿Cuál es ahora el término de enlace o de transición entre el arcano 1 y el 21? De acuerdo a lo ya explicado tendremos, $21 + 1 = 22$, y ahora $22/2 = 11$. En consecuencia: el arcano 11 (vida reflejada y pasajera) establece la transición entre el arcano 1 (principio creador) y el arcano 21 (la generación universal).

Para hallar la carta complementaria bastará, según ya dijimos, con restar de 22 la carta considerada. Veamos otro ejemplo:

Hallar la carta complementaria del arcano 14.

$22 - 14 = 8$

El arcano 8 será, en consecuencia, el complemento del 14. Todos estos datos nos serán muy útiles en lo que sigue. Es por esto que hemos sido tan insistentes. Podemos ahora volver al estudio de los arcanos mayores. Pero antes repetiremos la figura que nos ha servido para encontrar la clave general del Tarot, valiéndonos para ello de la ley que rige las cuatro primeras láminas.

Positivo

1

iod

Negativo

Reflejo de (2) Hé

iod

Transición

2° hé iod de la serie

siguiente

vau

(3)

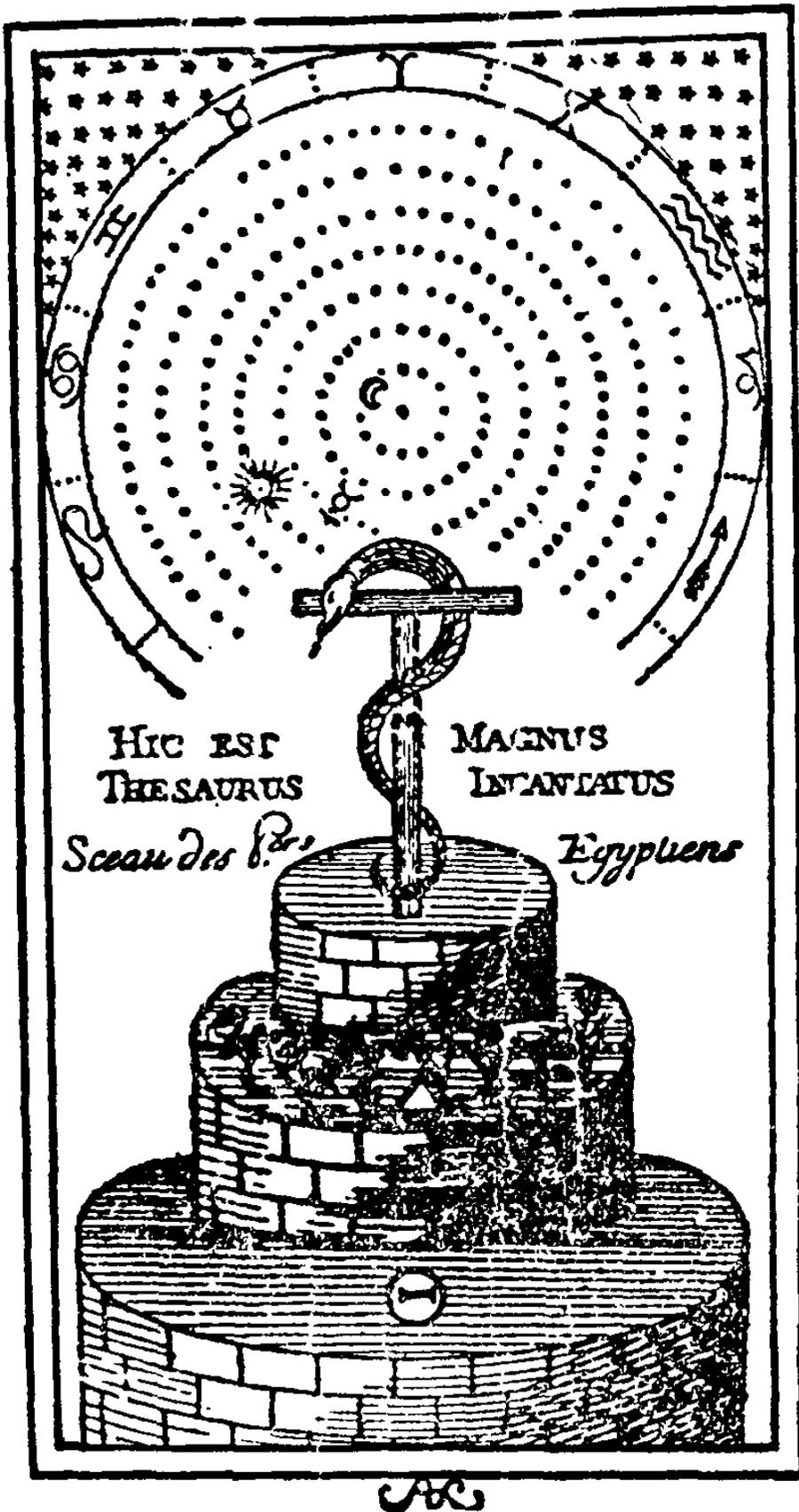
Neutro

Unión de iod y de hé

M. ETTEILLA
Professeur d'Algèbre
Rue de la Verrerie vis à vis celle de la Poivre
Hotel de Crillon

*Reçu par le propriétaire de la bibliothèque de Pampus
à Paris le 10 Mars 1840. Etteilla*

Autógrafo de Etteilla. (Biblioteca de Pampus.)



Adaptación Astro Hermética del Tarot por Etteilla

Al autor de "Los Grandes Iniciados", M. Schure.

CAPÍTULO IX

HISTORIA DEL SIMBOLISMO DEL TAROT

INVESTIGACIONES SOBRE SU ORIGEN

El Tarot es un libro Egipcio — Sus transformaciones — Juego de Mantegna — Tarot veneciano — Tarot de Florencia — Tarot de Bologna — Tarot hindú — Relaciones del Tarot con un monumento chino — Tarot chino — Los Tarots actuales — Etteilla — Marsella — Besancon — Wattillaux — Tarots alemanes e italianos — Tarot de Papus — Construcción del simbolismo del Tarot — Los 16 signos hieroglíficos primitivos — Las 22 letras hebraicas, base del Tarot simbólico

ORÍGENES DEL SIMBOLISMO DEL TAROT

Cada lámina del Tarot representa, ya lo hemos dicho, un símbolo, un número y una idea.

En el transcurso de esta exposición nos propusimos evitar, dentro de lo posible, una actitud empírica; con tal motivo hemos estudiado primeramente el elemento más sólido, fijo e invariable en sus combinaciones, el número.

Firmemente apoyados sobre esta base, nos hallamos ahora en condiciones de estudiar con más provecho el aspecto simbólico. Con tal fin supondremos que "el lector se ha procurado un Tarot, sobre todo **EL TAROT DE MARSELLA**, que **es el más exacto desde el punto de vista simbólico**.

Bastará entonces con disponer las láminas sobre una mesa para observar de inmediato que los personajes visten como en la época del "renacimiento". Me diréis entonces: ¿a juzgar por la vestimenta, vuestro juego no parece tan antiguo?

Mas considerad con mayor atención las figuras y descubriréis de inmediato ciertos símbolos egipcios (cruz ansata, N°5; ibis, N° 17) mezclados a los trajes renacentistas.

Esto nos indica que el Tarot de Marsella es efectivamente la representación exacta del Tarot egipcio primitivo. Solamente los Bohemios poseen intacto el juego primitivo.

Los estudios de los eruditos que se han ocupado del Tarot prueban hasta la evidencia nuestra afirmación. Si hojeamos los trabajos de Chatto, de Boiteau y sobre todo de Merlín, veremos que nuestro aserto está también probado por la historia.

Merlín condujo sus investigaciones mediante un rigorismo científico que le permitió hallar el origen de nuestro Tarot de Marsella en un Tarot italiano de Venecia, el cual es el padre de todos los juegos ulteriores. Asimismo encuentra el origen del Tarot veneciano en el juego filosófico de Mantegna. Mas no logra hallar el origen de este último juego. La causa de esto está en que Merlín toma como origen lo que en realidad es una reproducción hecha por un iniciado. Es también lo que se ha producido con el Ars Magna, de Raymond Lulle, deducido totalmente del Tarot.

Damos a título informativo el juego de Mantegna conocido por los comerciantes con el nombre de "Cartas de Baldini", como así mismo los juegos italianos, de los cuales se han derivado la mayor parte de los nuestros.

La última de las tablas que damos a continuación, en la que se contienen las relaciones del Tarot o juego de Mantegna, debe ser invertida —con lo que representará las cartas de Mantegna derivadas del Tarot— tal como acabamos de indicarlo.

He aquí esta tabla:

JUEGO DE MANTEGNA

1 El pobre	11 Calíope	21 Gramática	31 Astronomía	41 Luna
2 El valet	12 Urania	22 Lógica	32 Cronología	42 Mercurio
3 El artesano	13 Tepsícure	23 Retórica	33 Cosmología	43 Venus
4 El comerciante	14 Erato	24 Geometría	34 Temperancia	44 Sol
5 El gentilhombre	15	25 Aritmética	35 Prudencia	45 Marte
6 El caballero	16	26 Música	36 Fuerza	46 Júpiter
7 El dogo	17 Melpómene	27 Poesía	37 Justicia	47 Saturno
8 El rey	18	28 Filosofía	38 Caridad	48 8ª Esfera
9 El emperador	19	29 Astrología	39 Esperanza	49 Primer móvil
10 El papa	20	30 Teología	40 Fe	50 Causa primera
E	D	C	B	A
A = Triunfos B = Bastos C = Copas D = Oros E = Espadas			E = Estado de la vida D = Museos y Artes C = Ciencias B = Virtudes A = Sistema del mundo	

ORIGEN DE LOS OTROS JUEGOS

Minchiate de Florencia 97 cartas	Tarot Veneciano 78 cartas	Tarochino de Bologna 62 cartas
0 El Loco	0 El Loco	0 El Loco
1 El Mago	1 El Mago	1 El Mago
2 El Gran Duque	2 La Papisa	2 La Papisa
3 El Enap. de Occid.	3 La Emperatriz	3 La Emperatriz
4 El Enap. de Oriente	4 El Emperador	4 El Emperador
5 El Amor	5 El Papa	5 El Papa
6 La Temperanza	6 El Enamorado	6 El Amor
7 La Fuerza	7 El Carruaje	7 El Carruaje
8 La Justicia	8 La Justicia	8 La Temperanza
9 La Rueda de la Fort.	9 El Ermitaño	9 La Justicia
10 El Carro	10 La Rueda Fort.	10 La Fuerza
11 El Viejo	11 La Fuerza	11 La Fortuna
12 El Ahorcado	12 El Ahorcado	12 El Anciano
13 La Muerte	13 La Muerte	13 El Ahorcado
14 El Diablo	14 La Temperanza	14 La Muerte
15 El Infierno	15 El Diablo	15 El Diablo
16 La Esperanza	16 La Casa de Dios	16 La Pólvara
17 La Prudencia		
18 La Fe		
19 La Caridad		
20 El Fuego		
21 El Agua		
22 La Tierra		
23 El Aire		
24 La Balanza		
25 La Virgen		
26 El Escorpión		
27 El Carnero		
28 Capricornio		
29 Sagitario		
30 Cáncer		
31 Piscis		
32 Acuarium		
33 Leo		
34 Taurus		
35 Géminis		
36 La Estrella	17 La Estrella	17 La Estrella
37 La Luna	18 La Luna	18 La Luna
38 El Sol	19 El Sol	19 El Sol
39 El Mundo	20 El Juicio	20 El Mundo
40 El Renombrado	21 El Mundo	21 El Angel

CORRESPONDENCIAS ENTRE LOS JUEGOS ITALIANOS PRIMITIVOS Y EL TAROT ACTUAL

TAROT ACTUAL DE MANTEGNA

El Rey	Rey	Nº8 de Mantegna
El Caballo	Caballero	Nº6 de Mantegna
El Valet	Famero	Nº2 de Mantegna
El Emperador	4 del Tarot y el IX	serie E de Mantegna
El Papa	5 del Tarot y el X	serie E Mantegna
La Temperanza	14 del Tarot y el 34	serie B de Mantegna
La Fuerza	11 del Tarot y el 36	serie B de Mantegna
La Justicia	8 del Tarot y el 37	serie B de Mantegna
La Luna	18 del Tarot y el 41	serie A de Mantegna
El Sol	19 del Tarot y el 44	serie A de Mantegna
El Loco	Mísero	Nº1 de Mantegna
La Estrella	17 Venus	Nº42 de Mantegna
El Carruaje	7 Marte	Nº10 de Mantegna
El Ermitaño	9 Saturno	Nº47 de Mantegna
El Mundo	21 Júpiter	Nº46 de Mantegna
	Primera causa	Nº50 de Mantegna

Si a pesar de esto, la existencia de los símbolos egipcios de este Tarot —pseudo italianos— no conforma al lector, algunas palabras sobre las transformaciones del Tarot en Oriente y en Europa, principalmente en Italia, lo satisfará plenamente.

En efecto, los hindúes poseen un juego de ajedrez (Tchatu-ranga) que se deriva del Tarot, tal como lo demuestra la disposición de sus piezas divididas en cuatro series: Elefantes, Carros, Caballos, Infantes.

Los musulmanes de la India poseen igualmente un juego derivado en línea directa de los viejos símbolos del Tarot: el Gungeifu o Ghendgeifeh. Este juego se compone de ocho series de doce cartas, las que se dividen así:

SECCIÓN SUPERIOR

O BISHBUR

Coronas

Lunas

Sables

Esclavos

SECCIÓN INFERIOR

O KUNBUR

Arpas

Soles

Diplomas reales

Bultos de mercaderías

RELACIONES DE ESTE JUEGO CON UN MONUMENTO CHINO

Berlín, que tantos servicios rindió a la literatura y a la ciencia con las excelentes memorias que se procuró y que hizo publicar sobre China, nos comunicó la existencia de un monumento único, el cual le fue remitido desde aquellas latitudes, y que se remonta a las primeras edades de este imperio. Esto es lo que afirman los chinos diciendo que el susodicho monumento representa a Yao en el acto de deseca: las aguas del diluvio.

Las inscripciones del monumento están formadas por grandes compartimentos que afectan la forma de un rectángulo, todos ellos iguales, y del mismo tamaño que las cartas del Tarot. Estos compartimentos están dispuestos en seis columnas perpendiculares; las cinco primeras comprenden 14 compartimentos cada una y la última 7 solamente. En total suman 77 figuras, iguales a las 77 del Tarot;

y está formado por combinaciones de 7 cartas, puesto que cada columna contiene 14 signos y aquella que abarca solamente media columna tiene tan sólo siete compartimentos.

A no ser por esto, podrían haberse arreglado estos 77 compartimentos de manera de llenar casi totalmente la sexta columna: bastaría para ello disponer las columnas en 13 compartimentos, la sexta tendría entonces 12.

Este monumento es por lo tanto muy semejante, en su disposición, al juego del Tarot. Si se los dispusiera sobre un tablero: los cuatro colores estarían representados por las cuatro primeras columnas de catorce cartas cada una, y los triunfos, 21 en total, llenarían la quinta columna y la mitad de la sexta.

Sería muy extraño que un arreglo semejante fuera la mera obra del azar; parece en cambio muy probable que cada uno de estos monumentos fueran constituidos según el principio sagrado del número 7; en consecuencia ambos aparecen como el resultado de la aplicación de una idéntica fórmula, posiblemente anterior a la existencia de los chinos y egipcias. Quizá podría hallarse algo semejante entre los hindúes o entre los pueblos del Tibet, situados entre estas dos naciones.

Tuvimos muchos deseos de hacer grabar este monumento chino; mas el temor de desfigurarlo —al reducir demasiado su tamaño original—, y considerando además la parquedad de nuestros recursos económicos es por lo que hemos desistido.

Nos olvidábamos decir que las figuras chinas están grabadas en blanco sobre fondo negro, lo que las hace particularmente claras.

RELACIONES DEL JUEGO CON LAS CUADRILLAS Y TORNEOS

Durante muchos siglos la nobleza montaba a caballo y, dividida en colores o en facciones, realizaba combates o torneos simulados, en un todo análogos a los que se realizan con los juegos de cartas y particularmente con el Tarot, el cual era un juego militar lo mismo que el ajedrez, al mismo tiempo que podía ser considerado como un juego civil.

En su origen, los caballeros del torneo estaban divididos en cuatro, y aun en cinco bandos, correspondientes a los cuatro colores del Tarot y al total de los triunfos.

Es así como la última diversión de este género que se vio en Francia, fue presentada en 1662 por Luis XIV, entre las Tullerías y el Louvre, en esa gran plaza que ha conservado el nombre de Carrousel. Estaba compuesto por cinco cuadrillas. El rey estaba a la cabeza de los romanos; su hermano, jefe de la casa de Or-leáns, a la cabeza de los persas; el príncipe de Conde mandaba a los turcos; el duque de Enghien, su hijo, a los hindúes; el duque de Guisa, a los americanos. Tres reinas se hacían presente bajo un dosel: la reina madre, la reina reinante y la reina de Inglaterra, viuda de Carlos II. El conde de Sault, hijo del duque de Lesdiguières ganó el premio y lo recibió de manos de la reina madre.

Las cuadrillas estaban compuestas generalmente por 8 ó 12 caballeros para cada color: lo que para cuatro colores y a ocho por cuadrilla, da el número 32, que suma el total necesario en el juego de piquet; y para cinco colores, el número 40 que es el número de cartas indispensables para el juego de las cuadrillas.

Court de Gébelin

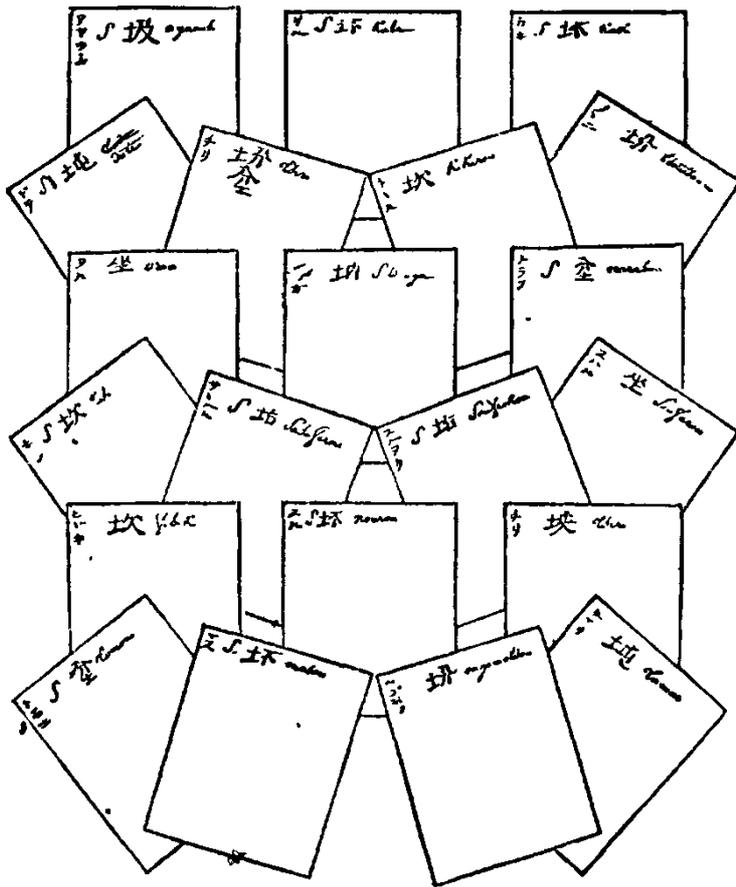
TAROT CHINO

Mas si un ojo poco experimentado podría no reconocer al Tarot en este juego, no ocurriría lo mismo con el Tarot Chino, pues la disposición de sus cartas demuestra irrecusablemente su legítimo origen. En el cuadro que sigue se exponen sus correspondencias con el nombre sagrado:

ARCANOS MAYORES		ARCANOS MENORES			
	iod	hé	vau	hé	
1	15	29	43	57	71
2	16	30	44	58	72
3	17	31	45	59	73
4	18	32	46	60	74
5	19	33	47	61	75
6	20	34	48	62	76

7	21	35	49	63	77
8	22	36	50	64	
9	23	37	51	65	
10	24	38	52	66	
11	25	39'	53	67	
12	26	40	54	68	
13	27	41	55	69	
14	28	42	56	70	

Hemos situado en la parte superior de este cuadro las correspondencias de los arcanos menores y mayores y de las cuatro letras del tetragrama. La descripción de este monumento chino se hallará en el "Mundo Primitivo" de Court de Gébelin y en la obra de J. A. Vaillant. En cuanto a los Tarots extranjeros puede decirse que los poseemos casi todos; esto nos permite indicar todos aquellos que pueden consultarse.



Tarot Chino (Algunas cartas)

TAROTS ACTUALES

Poseemos hoy en día un gran número de juegos de Tarot. He aquí algunos de los principales:

- Tarot de Etteilla
- Tarot de Italia
- Tarot de Marsella
- Tarot de Besancon
- Tarot de Besancon a dos cabezas
- Tarot de Watillaux
- Tarot de Alemania
- Tarot de Papus

TAROTS FRANCESES

El Tarot de Etteilla no posee ningún valor simbólico, pues constituye una pésima mutilación del verdadero Tarot; es el juego comúnmente empleado por nuestras cartománticas y no posee otro interés que la rareza de sus figuras.

El Tarot de Watillaux o juego de la princesa Tarot, reproduce con bastante exactitud los arcanos menores. Este es el único aspecto que lo hace interesante.

El Tarot italiano, el de Besancon y el de Marsella son los mejores que poseemos hoy en día, sobre todo el último, que reproduce bastante bien el Tarot simbólico primitivo.

TAROTS EXTRANJEROS

Además del italiano, debemos citar el Tarot alemán cuyos arcanos llevan símbolos diferentes. En efecto:

Las Copas están representadas por los corazones.

Los Oros por cascabeles.

Las Espadas por hojas.

Los Bastos por bellotas.

Por otra parte, este Tarot es bastante malo.

TAROT DE PAPUS

Era importante poseer un juego de Tarot cuyo simbolismo quedara definitivamente establecido. Semejante trabajo, reclamado por Eliphas Levi —que estableció sus principios— acaba de ser realizado por Goulinat, bajo la dirección de Papus.

Este talentoso artista ha dibujado la serie completa de los 22 arcanos mayores y de los 56 menores. Los diseños reproducen el Tarot de Marsella con las modificaciones simbólicas aconsejadas por Eliphas Levi, cuyos trabajos e investigaciones sobre tan profunda cuestión resultan especialmente hermosos. Tal como lo hemos indicado, es sumamente útil para aquellos que deseen profundizar en el estudio del Tarot, procurarse el Tarot de Marsella y el de Papus. Es sobre éstos que nos basaremos para desarrollar el sentido simbólico de cada lámina. Pero antes de pasar al estudio de dicho simbolismo, debemos averiguar si no existe un medio capaz de revelarnos el simbolismo definitivo del Tarot.

¿COMO PODEMOS ASENTAR DEFINITIVAMENTE

EL SIMBOLISMO DEL TAROT?

El Tarot representa la ciencia antigua o ciencia oculta en todos sus desarrollos posibles, es lo que hemos afirmado repetidas veces.

Por lo tanto si deseamos encontrar una base suficientemente sólida como para referir a ella el simbolismo de los 22 arcanos mayores, deberemos abandonar por un instante nuestro Tarot, para dirigirnos a esta antigua ciencia. Solamente ésta nos facilitará los medios para alcanzar nuestro objeto, no precisamente para hallar la explicación de los símbolos, sino más bien para "crearlos" uno a uno, deduciéndolos de los principios fijos y generales.

Realizaremos así un trabajo completamente nuevo en su género, evitando al mismo tiempo, dentro de lo posible, los errores resultantes de querer explicar por sí mismos los símbolos del Tarot, en vez de buscarlos en sus fuentes originales.

La búsqueda de estos símbolos particulares nos conduce de inmediato a la discusión del grave problema de su origen. Nuestras solas fuerzas no son suficientes para abordar esta cuestión y, sobre todo, resolverla; nos ayudaremos entonces con la opinión de otros autores más autorizados. Siendo la unidad el criterio de la verdad la concordancia de las varias conclusiones sobre un punto fijo será para nosotros un índice precioso.

Claude de Saint Martin, el filósofo desconocido, dice, en su libro de Las Relaciones, que el alfabeto primitivo se componía de 16 signos. Obtuvo estos datos, según lo

que podemos juzgar, de la revelación intuitiva unida a las enseñanzas del Iluminismo del cual era miembro activo.

Lacour, en su libro de los Elohim o dios de Moisés, llegó a determinar por vía inductiva la existencia de un alfabeto primitivo igualmente compuesto por 16 signos. Otro autor, persiguiendo otras investigaciones, llega también a descubrir la existencia de estos 16 signos primitivos. El autor es Barrois, y el libro se refiere a un sistema de dactilología.

Los trabajos de Court de Gébelin y sobre todo los de Fabre D'Olivet son notables a este respecto. En su "lengua hebraica restituida", este sabio iniciado establece la existencia de ciertos signos hieroglíficos primitivos, de los cuales se habrían derivado las letras hebreas.

Todos estos autores, partiendo de fuentes bastante diferentes, concuerdan en sus conclusiones, lo que demuestra la exactitud de sus investigaciones.

Que estos 16 signos primitivos fueran el origen de los signos alfabéticos hebreos, sánscritos, chinos o griegos, no nos interesa mayormente. Lo importante es la identidad de las fuentes que justifican conclusiones equivalentes.

El alfabeto hebreo, compuesto por 22 letras, nos resulta particularmente satisfactorio, visto la correspondencia entre el número de las letras de que se compone y las láminas de los arcanos mayores del Tarot. Apenas asentada esta conclusión surgen de inmediato otras de igual importancia.

Guillaume Postel nos revela las relaciones del alfabeto hebraico con el Tarot; van Helmont hijo, Claude de San Martín, Fabre D'Olivet fortalecen nuestra opinión; en fin, Eliphaz Levi aporta también el peso de su maravillosa erudición sobre estas cuestiones.

Mas lo que nos sorprenderá todavía más, es que un viejo libro de cábala, el Sefer Jesirah, estudiando la constitución del alfabeto hebraico, llega a dividir las letras de modo a relacionarlas, con toda exactitud, a los datos de la astrología, tal como lo demuestra un viejo manuscrito del Vaticano; sobre el cual, Cristián, ha basado sus trabajos horoscópicos.

De puntos de vista tan diferentes surge una única consecuencia: el valor de la letra hebraica como elemento simbólico. Poseemos en ella un simbolismo verdadero del cual podemos obtener no solamente las consecuencias inmediatas, sino también los orígenes.

Podríamos hacer un Tarot compuesto únicamente por las letras hebreas y sus números respectivos; mas no es éste nuestro objeto; vamos a investigar cómo puede deducirse del simbolismo de los caracteres hebreos el simbolismo del Tarot y realizaremos así nuestro diseño: determinar por vía deductiva el valor de las figuras del Tarot y su razón de ser.

LAS LETRAS HEBREAS BASE DEL TAROT SIMBÓLICO

Vamos a estudiar las letras hebreas una a una, determinando sucesivamente:

1° El valor jeroglífico de cada una, de acuerdo a su origen (Fabre D'Olivet y Barrois);

2° El valor simbólico derivado de este jeroglífico (Fabre D'Olivet, Eliphas Levi y Christian);

3° Su valor astronómico (Christian y Sefer Jesirah).

Conociendo estos datos nos resultará fácil establecer su aplicación a los símbolos del Tarot. Mas antes de abordar este estudio, diremos algunas palabras sobre el alfabeto hebreo en general y de su constitución.

El alfabeto hebreo está compuesto por 22 letras; estas letras guardan un orden correlativo; cada una de ellas corresponde a un número derivado de la posición que ocupa en el alfabeto, a un jeroglífico resultado de su forma y a un símbolo correspondiente a sus relaciones con las demás letras. Cada letra es la derivada de otra llamada iod. La iod las ha formado de la siguiente manera (ver el Sefer Jesirah).

1° Tres letras madres:

א (aleph) A

מ (mem) M

ש (shin) S

2° Siete dobles (dobles porque expresan dos sonidos, uno positivo-fuerte, otro negativo-suave):

ב beth B 2 ♂

ג ghimel G 3 ♀

ד daleth D 4 ♀

כ caph C 11 ♂

פ phé F 17 ♂

ר resch R 200 ♂

ת thau T 400 ♂

3° Por último 12 simples formadas por las otras letras.

Para mayor claridad daremos el alfabeto hebreo con la indicación de las cualidades y orden de cada letra.

N°de Orden	Nombre	Equivalencias romanas	Valor
1	aleph	A	madre
2	beth	B	doble
3	ghimel	G	doble
4	daleth	D	doble
5	hé	E	simple
6	vau	V	simple
7	heth	Z	simple
8	Zaïn	H	simple
9	iod	T	simple

10	caph	I	simple	y
			principio	
11	lamed	C	doble	
12	mem	L	simple	
13	teth	M	madre	
14	noun	N	simple	
15	samech	S	simple	
16	haïn	X	simple	
17	phé	F	doble	
18	tsadé	P	simple	
19	coph	K	simple	
20	resch	R	doble	
21	shin	V	madre	
22	thau	O	doble	

Hemos determinado un principio fijo para el simbolismo de las letras hebreas. No tememos ahora ningún error producido por la mala interpretación de una

vestimenta o por una figura inexacta. La letra hebrea nos servirá de referencia para elucidar cualquier punto oscuro de difícil interpretación. Podemos ahora volver sobre nuestro Tarot, al que abandonáramos para hacer esta digresión.

A la memoria del autor del Mundo Nuevo, el abate Roca.

CAPÍTULO X

EL TAROT SIMBÓLICO

PRIMER SEPTENARIO — ARCANOS 1 A 7 — TEOGONIA

Plan de trabajo — Clave del 1º septenario — La primera lámina del Tarot, origen de todas las demás — Los tres principios del Absoluto — La Trinidad — Cuadro resumen de la primera lámina — La Papisa y la beth — La Guimel y la Emperatriz — La dalet y el Emperador — La hé y el Papa — La vau y el Enamorado — Resumen sobre el 1^{er}- septenario — Constitución de Dios.

ESTUDIO DE CADA UNO DE LOS ARCANOS MAYORES

PLAN DE TRABAJO

Tratemos de aplicar esta ley general del simbolismo a cada uno de los 22 arcanos mayores del Tarot. Con tal fin pedimos al lector el máximo de atención. Haremos todo lo posible para que nuestra exposición sea clara; para esto explicaremos el plan que nos proponemos seguir en el estudio de cada una de las láminas del Tarot.

1º Comenzaremos por el signo jeroglífico que dio origen a la correspondiente letra hebrea. A este respecto seguiremos las indicaciones de Court de Gébelin.

2º Extraeremos del carácter jeroglífico las ideas que se deduzcan progresivamente y que caracterizan la letra hebrea considerada como signo. Kirscher y Fabre D'Olivet son nuestras autoridades en esta cuestión.

3° Una vez que hayamos determinado las ideas figuradas por la letra hebraica buscaremos la aplicación de estas ideas en la figura simbólica del Tarot. Eliphas Levi, Christian o Barrois, nos ayudarán en nuestra búsqueda.

4° En fin, determinaremos el sentido que deba atribuirse a la lámina del Tarot, de acuerdo a sus relaciones numéricas y simbólicas con las restantes, aplicando la ley general del simbolismo. Esta parte de nuestro trabajo nos es personal.

5° Terminaremos el estudio de cada una de las láminas mediante un cuadro en el que resumiremos cuanto acabamos de indicar.

Advertimos al lector que la simple lectura de este cuadro no le sería de ninguna utilidad para comprender las láminas del Tarot y que el mejor camino consiste en seguir progresivamente el desarrollo de cada lámina teniendo el juego de Tarot a la vista.



TAROT DE COURT DE GÉBELIN

No queremos terminar esta introducción sin añadir algunas palabras respecto a la base sobre la cual hemos establecido las relaciones astronómicas de las láminas.

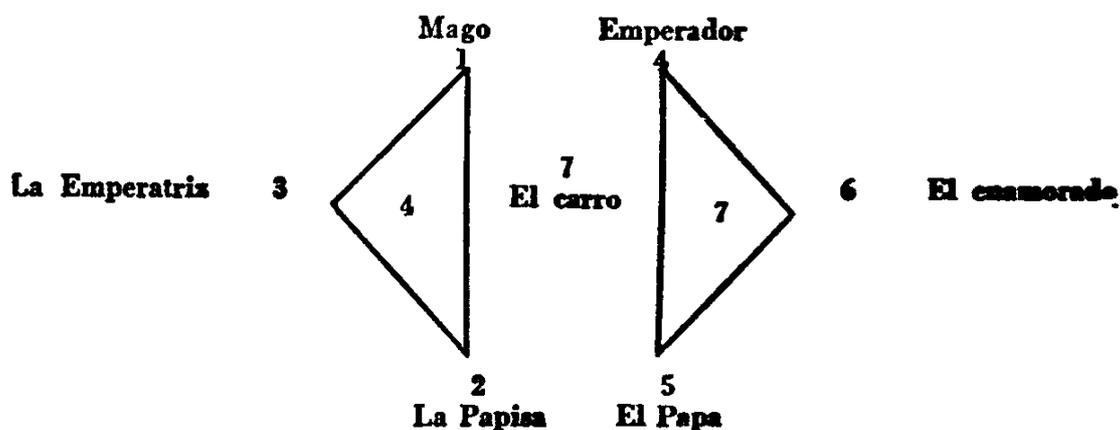
Uno de los más viejos libros de cábala que poseemos: el Sefer Jesirah, dice que las tres letras madres del alfabeto hebreo corresponden a los tres mundos; las siete dobles a los siete planetas y las doce simples a los doce signos del zodiaco.

Ahora bien, recorriendo el manuscrito astrológico publicado por Christian, hemos descubierto que los números atribuidos por el autor del manuscrito a los planetas, corresponden exactamente a los números de las letras hebraicas dobles. Los números atribuidos a los doce signos del zodiaco corresponden también exactamente a las letras simples.

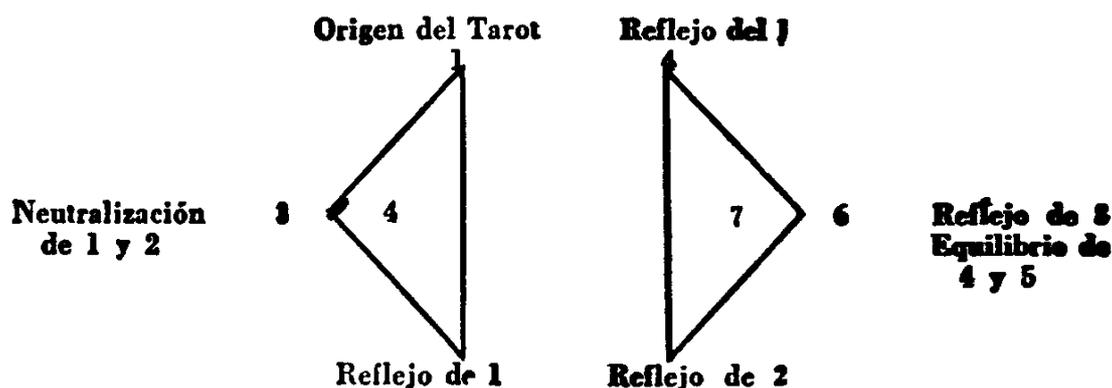
Hemos pensado que esta concordancia absoluta entre documentos de origen tan diferente merecía ser tomada en seria consideración y, por lo tanto, hemos indicado la correspondencia astrológica de cada lámina.

CLAVE DEL PRIMER SEPTENARIO

DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS PARA Su ESTUDIO



CARACTERÍSTICAS DE LAS FIGURAS



LA PRIMERA LÁMINA DEL TAROT ORIGEN DEL SIGNIFICADO DE LAS RESTANTES

Después de lo que precede observaremos que basta conocer el exacto sentido de la primera lámina del Tarot para deducir la significación de todas las demás. Es por esto que abordamos la cuestión con cierta nerviosidad. La esperanza de alcanzar la verdad está balanceada por la posibilidad de un error, cuyas consecuencias serían funestas.

Los trabajos que nos han conducido hasta aquí nos permiten, no obstante, alcanzar casi matemáticamente el sentido de la primera lámina del Tarot; mas en su sentido general solamente, y nos consta que cada lámina debe tener no solamente uno, sino tres sentidos diferentes. Por lo tanto debemos hallar tres principios suficientemente generales como para poder aplicarlos a todos los órdenes del conocimiento humano; puesto que tal debe ser la finalidad del Tarot.

En este caso, como siempre, recurriremos a los autores eminentes que han tratado esta cuestión desde diversos puntos de vista; la concordancia entre sus enseñanzas nos aportará nuevas luces, capaces de alumbrar nuestro camino.

El polonés Wronski, muerto de hambre en los alrededores de París, es probablemente uno de los cerebros más poderosos que ha producido el siglo XIX. Pretendía haber hallado la fórmula del absoluto y sus obras constituyen, incuestionablemente, una de las síntesis más elevadas conocidas. No discutiremos las doctrinas de Wronski, queremos simplemente decir unas palabras sobre los tres elementos primitivos que conforman su ley de la creación.

Wronski sitúa en el origen de cualquier creación tres elementos que designa con los nombres de:

Elemento neutro (E.N.)

Elemento ser (E.E.)

Elemento saber (E.S.)

El "elemento neutro" representa el absoluto, la realidad resultante de la neutralización total de los dos elementos restantes.

El "elemento saber" representa la facultad creadora con sus características especiales: la autogénesis y la espontaneidad.

El "elemento ser" representa la facultad permanente cuyas características son: la autotesis y la inercia.

Principio de la creación o elemento saber.

Principio de la conservación o elemento ser.

Principio de la neutralización o elemento neutro.

Tal son los tres términos sobre los cuales Wronski establece el fundamento de la realidad y, en consecuencia, de todos los sistemas de creación. Recordemos bien esta conclusión.

Fabre D'Olivet, en sus investigaciones sobre los primeros principios que todo lo dirigen, determina la existencia de tres términos que denomina providencia, destino y voluntad humana.

La providencia es el principio de la libertad absoluta, de la creación de los seres y de las cosas.

El destino es el principio de la necesidad absoluta, de la creación de las cosas y de los seres.

En fin, la voluntad humana es un principio neutro intermediario entre los dos: el principio de la movilidad y del cambio en todas sus formas. Ahora bien, no se necesita ser muy lince para descubrir la concordancia absoluta que existe entre estos dos autores; uno de ellos, Wronski, obtiene sus conclusiones por inferencia matemática: el otro, Fabre D'Olivet, por el profundo estudio de la antigüedad y de sus misterios. En efecto, solamente las palabras cambian; las ideas en el fondo son las mismas. ¿El (E.S.) de Wronski, principio de la creación, es algo diferente de la providencia de D'Olivet, que la concibe también como principio de la creación? ¿El (E.E.) de Wronski, principio de la facultad permanente, es algo diferente de lo que D'Olivet llama el destino y que concibe como principio de la conservación? En fin, la voluntad humana de D'Olivet responde perfectamente al elemento neutro de Wronski.

He aquí dos sistemas bien diferentes reunidos por una idéntica significación. Pero nuestras conclusiones no se detienen aquí.

Si consideramos más atentamente estos tres principios primitivos hallaremos en el primero: La providencia o el elemento saber, lo que se representa filosóficamente con el nombre de Dios. El destino o el ser nos muestra su identidad con la ley fatal que gobierna el Universo. Por último la voluntad humana corresponde al hombre y no requiere ser largamente estudiada para llegar a esta conclusión.

DIOS, EL HOMBRE Y EL UNIVERSO

Tal es la base de toda la filosofía esotérica de los antiguos y ahora no es solamente Wronski y Fabre D'Olivet que vienen a coincidir por sus conclusiones en este misterioso ternario; es toda la ciencia oculta que nos anuncia su identidad con estos principios mediante las voces de todos sus discípulos. Hermes Trismegisto, la Santa Cábala, los Neoplatónicos y los Alquimistas, pasando por Pitágoras y toda la filosofía griega, nos afirman la división del Gran Todo en tres entidades o mundos.

Guillermo Postel nos da la clave del Tarot sin desear explicarla, y la base de esta clave está formada por esta misteriosa entidad:

DIOS, HOMBRE, ROTA

Tritemo y su discípulo Cornelio Agrippa enunciaban igualmente en sus tablas analógicas esta fecunda y sublime Trinidad. El jesuíta Kircher demuestra que la división en tres mundos formaba la base de los misterios egipcios. Por último Claude de Saint Martin ha llenado un libro sobre las claves del Tarot. Este libro se intitula: "Cuadro natural de las relaciones que unen a Dios, el HOMBRE y el UNIVERSO".

Interroguemos a la India sobre las leyes del absoluto, nos contestará:

Trimurti: BRAHMA, SHIVA, WICHNOU

Preguntemos a la China venerable el último secreto de su filosofía y nos ofrecerá los "Tri-grammos de Fo-Hi".

Dirijámonos a los viejos iniciados del Egipto y nos responderán:

Osiris, Isis, HORUS

El fundador de la cosmografía griega, discípulo de la ciencia del Egipto, Hesíodo, nos transmite todavía esta ley, y todo confirma las palabras de Luis Lucas: "Siento

que bajo esta fórmula mística de la Trinidad se oculta una de las leyes científicas más importantes para el hombre".

Dios, el hombre y el Universo, tales son los principios más generales que podemos alcanzar, tales serán también los que constituirán el triple sentido de la primera lámina del Tarot.

Nos queda todavía por ver si estas interpretaciones responden correctamente al jeroglífico primitivo y coinciden con las restantes láminas del Tarot.

1º LETRA HEBRAICA (ALEPH)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA PRIMERA LÁMINA DEL TAROT

La aleph expresa jeroglíficamente el hombre, considerado en sí mismo como una unidad colectiva, principio maestro y dominador de la tierra.

De este sentido jeroglífico se han derivado las ideas sobre el universo y del principio que lo determina, ideas que confieren a la aleph su valor como emblema de la potencia y de la estabilidad.

El hombre o el microcosmo, la unidad, es el principio de todos los mundos; tal es el sentido jeroglífico primitivo que, como vemos, determina exactamente las ideas generales que tuvimos ocasión de enunciar. Mas un estudio detenido de la primera lámina del Tarot nos aportará nuevas luces.

SIMBOLISMO DE LA PRIMERA LÁMINA DEL TAROT

EL MAGO

1



Si observamos atentamente la primera lámina del Tarot, no tardaremos en reconocer que la disposición del mago en la figura, responde perfectamente a la configuración de la letra aleph. Si ahora aplicamos al estudio de esta lámina los principios que determinan el simbolismo, según lo expusimos en nuestro Tratado Elemental de Ciencias Ocultas, recibiremos nuevas enseñanzas.

En la parte superior de la figura puede verse el signo divino de la vida universal, situado sobre la cabeza del mago. La parte inferior representa a la tierra ornamentada con sus productos, símbolo de la naturaleza. La parte media está ocupada por el hombre, situado detrás de una mesa sobre la que descansan diversos objetos.

La derecha y la izquierda de la figura está ocupada por las manos del mago, de las cuales una señala la tierra y la otra el cielo. La posición de estas dos manos representa los dos principios, activo y pasivo, del Gran Todo y corresponde a las dos columnas (Jakín y Bohas) del templo de Salomón y de la Masonería.

Con una mano el hombre busca a Dios en el cielo, mientras que hunde la otra en lo inferior para elevar el demonio hasta sí, con lo que reúne en lo humano, lo divino y lo diabólico. Es así como el Tarot nos muestra la universal función mediadora acordada al Adán-Kadmon. Si ahora queremos resumir el sentido simbólico determinado en lo que precede, podremos disponerlo así:



Mas el simbolismo de esta primera lámina del Tarot no se detiene aquí. El mago oprime en la mano levantada la varita mágica; delante de él están colocados los cuatro grandes símbolos del Tarot: la Copa, la Espada, los Oros o talismanes y el Basto (figurado por la varita que el mago lleva en la mano). Estos cuatro símbolos corresponden exactamente a las letras del tetragrama:

Bastos o iod, símbolo del principio activo por excelencia y de Dios.

Copas o hé, símbolo del principio pasivo por excelencia o del Universo.

Espadas, cruz o vau, símbolo del principio equilibrante por excelencia o del hombre.

Oros o 2ª hé, símbolo cíclico de la eternidad que reúne los tres primeros principios en un todo único.

Desde el punto de vista humano estos símbolos corresponden a las cuatro grandes castas sociales.

Los hombres de iod o los inventores, los productores, la nobleza de la inteligencia.

Los hombres de hé, o los depositarios de las grandes verdades descubiertas por los hombres de iod: los sabios, los jueces, la nobleza de toga.

Los hombres de vau o los guardianes y defensores de los precedentes: los guerreros, la nobleza de espada.

Los hombres de la 2ª hé, la multitud entre la cual se reclutan en todo momento las otras castas: el pueblo.

Los cuatro grandes símbolos están situados al azar sobre la mesa, el hombre debe dominarlos y ordenarlos; en el arcano 22 veremos estos símbolos ordenados en cruz.

En efecto, sabemos que la primera lámina del Tarot se completa con la 21 (21 más 1 igual a 22); vemos entonces que si la primera lámina representa el "microcosmo", la última representará el "macrocosmo"; y la undécima lámina que ejerce la función de enlace universal entre todas las complementarias del Tarot, representará la "Corriente Universal Reflejada" que sirve de enlace entre los mundos. Mas no nos anticipemos y volvamos a nuestro primer arcano.

Este símbolo es el primero del Tarot y lleva el nombre característico de: la unidad.

La unidad-principio, cuyo origen es impenetrable para el hombre, es el comienzo de toda cosa. No podemos alcanzar el origen de esta causa primera, que nos contentamos con afirmar, de acuerdo a la ley de analogía, según los versos de Eliphas Levi:

Creo en lo desconocido que Dios personifica,

Probado por el ser y por la inmensidad

Ideal suprahumano de la filosofía,

Perfecta inteligencia y suprema bondad.

Si no podemos alcanzar este desconocido en su principio, por lo menos nos es permitido seguirlo en sus consecuencias; por lo tanto nuestro estudio se limitará al desarrollo de la unidad-principio en creación, según lo enseña la cosmografía de la antigua iniciación.

Dios, el hombre y el Universo serán, en consecuencia, el triple sentido de nuestra primera lámina. Añadiremos algunas palabras respecto de la aplicación de estos antecedentes a las otras láminas del Tarot.

EXTENSIÓN DE LOS TRES GRANDES PRINCIPIOS AL TAROT

El triple sentido de la primera lámina representa respectivamente:

El creador o iod El receptor o hé El transformador o vau

En fin, la transición a la 2ª hé, que no consideraremos. Mas la primera lámina del Tarot, considerada en su conjunto, representa al creador o iod; la segunda lámina, considerada según el mismo punto de vista, representará entonces al receptor o hé, y la tercera al transformador o vau. Cada una de ellas mostrará además los cuatro aspectos en "iod, hé, vau, hé", de la idea que expresa.

Lo que es verdadero para el ternario lo será también para el septenario, y si el primer septenario, tomado en su conjunto, representa al creador, el segundo septenario representará al receptor y el tercero al transformador. En fin, el ternario transición representará el retorno de los efectos en las causas y en consecuencia en el principio.

Resumamos todo esto diciendo:

1 septenario: Dios

2 septenario: El hombre

3 septenario: El Universo

Además cada uno de estos elementos se halla contenido en los dos restantes en todos los puntos de su manifestación.

RESUMEN GENERAL

Nos queda por resumir las diversas acepciones de la primera lámina en un cuadro general. Como cada una de las láminas del Tarot tendrá también su correspondiente resumen, nos parece útil explicar el plan que seguimos en esta exposición.

En la parte superior del cuadro se hallará el número y la letra hebrea correspondiente a la lámina. En la parte inferior el nombre vulgar usado en el Tarot.

En la parte derecha se hallarán las significaciones en los tres mundos:

divino,

humano y

material.

Al final de estas tres significaciones se hallará la clave absoluta de cada lámina, de acuerdo con el cuadro de transformaciones del nombre "iod hé vau hé". Las letras hebreas situadas sobre la línea superior de esta clave, indican el origen de la lámina considerada; las letras hebreas situadas debajo indican el sentido exacto de la lámina.1.- ALEPH

1- ALEPH 

EL MAGO

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El hombre

CÁBALA: Kether

ASTRONOMÍA: (sin relaciones)

ARCHEÓMETRO: (ver el Tarot Adivinatorio)

SIGNIFICADOS:

CLAVE DE LÁMINA: iod – iod

El creador divino o Dios el padre

DIOS

El padre

OSIRIS

iod de iod

iod-iod

El conservador divino

EL HOMBRE

ADÁN

hé de iod

iod-iod

El transformador divino

EL UNIVERSO ACTIVO

LA NATURA NATURANTE

vau de iod

iod-iod

2º LETRA HEBRAICA (BETH)

ב

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SEGUNDA LÁMINA DEL TAROT

La beth expresa, jeroglíficamente, la boca del hombre como órgano de la palabra. La palabra es una elaboración interior del ser. Por esto la beth representa todo lo que es interior, central, tal como una habitación adonde podemos aislarnos sin ser molestados.

De aquí las ideas de Santuario, mansión inviolable del hombre y de Dios. Además, la beth expresa también toda producción emanada de esta misteriosa morada, toda acción interior y activa; de aquí las ideas de enseñanza, de elevada ciencia, de ley, de gnosis, de ciencia oculta o cábala.

La beth corresponde al número 2 y astronómicamente a la luna. Este nombre es el que ha dado nacimiento a todas las significaciones "pasivas" emanadas del binario, de donde las ideas de reflejo, de mujer aplicado a la luna por referencia al sol y a la mujer por referencia al hombre.

LA SEGUNDA LÁMINA DEL TAROT

LA GRAN SACERDOTIZA

2



El mismo Dios, o Dios el padre, se refleja y produce el nacimiento de Dios el hombre o Dios el hijo, negativo en relación a su creador. El hombre es el receptor divino, por lo tanto esta segunda lámina del Tarot expresará todas las ideas de la primera concebida negativamente.

La primera lámina representaba a un hombre de pie; ésta, en cambio, representa lo contrario: una mujer sentada. (Primera idea de pasividad representada por la mujer y por la posición.)

El hombre estaba revestido con los atributos del poder y situado en el medio de la naturaleza. La mujer se halla ornamentada con los atributos de la autoridad y de la persuasión y se halla colocada bajo el pórtico del templo de Isis, entre dos columnas.

Idea de recinto sagrado, de receptor divino.

2. ➤

LA PAPISA

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La boca del hombre

CÁBALA: Chocmah

ASTRONOMÍA: La Luna

DÍA DE LA SEMANA: Lunes

ARCHEÓMETRO: Beth (doble).

SIGNIFICACIONES:

Reflejo de Dios el padre u Osiris

DIOS

El hijo

Isis

iod de hé

hé hé

Reflejo de Adán

EVA

La mujer

hé de hé

hé hé

Reflejo de la naturaleza naturante

LA NATURALEZA NATURADA

vau de hé

hé de hé

Las dos columnas expresan lo positivo y lo negativo tal, como los brazos del mago.

La mujer se halla coronada con una tiara, sobre la que descansa el creciente lunar, y envuelta por un velo transparente, cuyos pliegues caen sobre su rostro. Lleva sobre el pecho la cruz solar y sobre sus rodillas un libro abierto que cubre a medias con su manto.

Tal es la imagen de Isis, la naturaleza, de la cual no hay que levantar el velo ante los profanos. Las enseñanzas de Isis son de orden oculto, tal como lo indica el libro; es ella la que enseña al mago los secretos de la verdadera cábala y de las ciencias ocultas. Este profundo símbolo merece toda nuestra admiración.

La primera lámina expresaba a Osiris en los tres mundos, la segunda nos dará la significación de Isis, compañera de Osiris: "En Dios, es el reflejo de Osiris, el reflejo de Dios el padre: Isis o Dios el hijo. En el hombre es el reflejo de Adán, del hombre absoluto: Eva, la mujer, la vida. En el Universo es el reflejo de la naturaleza naturante: la naturaleza naturada".

3ª LETRA HEBRAICA (GHIMEL)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA TERCERA LÁMINA DEL TAROT

La ghimel expresa, jeroglíficamente, la garganta, la mano del hombre semicerrada y en actitud de apresar un objeto. De aquí todo lo que rodea, todo hueco, un canal, un cerco. La garganta es el lugar donde se forma, donde se corporifica, me atrevería a decir, la palabra concebida en el cerebro; así la ghimel es el símbolo del envolvimiento material de las formas espirituales, de la generación orgánica en todos sus aspectos, de todas las ideas que se derivan de los órganos corporales o de sus acciones. La generación es el misterio en virtud del cual el espíritu se une a la materia, y mediante el cual lo divino se transforma en humano. Con estas explicaciones comprenderemos fácilmente lo que representaba Venus-Urania.

LA TERCERA LAMINA DEL TAROT

LA EMPERATRIZ

3



El símbolo debe expresar la idea de generación, de corporización en todos los mundos.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La mano en la acción de asir.

CÁBALA: Binah

ASTRONOMÍA: Venus

DÍA: Viernes

LETRA HEBRAICA: Ghimel (doble)

SIGNIFICACIONES:

Dios el Espíritu Santo "Horus"

LA FUERZA ANIMATRIZ UNIVERSAL

iod de vau

vau-vau

Adán-Eva

LA HUMANIDAD

hé de vau

vau-vau

El Mundo

vau de vau

vau-vau

2º hé de vau

vau-vau

UNA MUJER VISTA DE FRENTE

Es en los costados de la mujer que el ser humano se reviste de su cuerpo, se corporifica.

La mujer aparece con alas, o bien en el centro de un sol radiante.

"Idea de la espiritualidad del principio animador de los seres."

Aprisiona un águila en su mano derecha.

"El águila es el símbolo del alma y de la vida (Espíritu Santo)."

En su mano izquierda ostenta un cetro, signo astrológico de Venus.

"El cetro está sostenido por la mano izquierda para indicar la influencia pasiva que ejerce la naturaleza, Venus-Urano, o la mujer durante la generación de los seres."

Está coronada por una corona de doce puntas o también de doce estrellas.

"Signo de la difusión del principio animador a través de todos los mundos y del sol a través del zodíaco."

La tercera lámina del Tarot muestra el resultado de la acción recíproca de los dos primeros términos que se neutralizan en un mismo principio. Es éste el "elemento neutro" de Wronski, base de cualquier sistema de realidad.

La fuerza creadora u Osiris y la fuerza conservadora o Isis se neutralizan en la fuerza equilibrante, que resume en ella las propiedades, tan diferentes, de las dos primeras formas.

En Dios será el equilibrio del padre y del hijo, o:

Dios el Espíritu Santo

HORUS

La fuerza animatriz universal

En el hombre será el equilibrio de Adán-Eva o la humanidad:

Adán-Eva

La humanidad

En el Universo será el equilibrio de la naturaleza naturante y de la naturaleza naturada:

El Mundo (concebido como un ser)

El principio creador y el principio receptor, habiendo producido por su acción recíproca el principio transformador, crea una entidad completamente nueva. Esta entidad corresponderá a la "segunda hé" del nombre sagrado, y, en consecuencia, indicará la transición de una serie a otra.

4º LETRA HEBRAICA (DALETH)

ד

ÓBICES DEL SIMBOLISMO DE LA CUARTA LÁMINA DEL TAROT

La daleth expresa, jeroglíficamente, el seno. De aquí la idea de un objeto capaz de producir una abundante alimentación, fuente de un crecimiento futuro. El niño es el lazo viviente que reúne en esa neutralidad el antagonismo de los sexos, por esto la daleth representa también la abundancia nacida de la división. Es, al igual que el 1, un signo de creación activa; mas esta creación es el resultado de acciones anteriores fácilmente determinables, mientras que el origen de la unidad es inabordable para la humana concepción. La daleth expresa una creación realizada, según las leyes divinas, por un ser creado. La daleth será la imagen del principio animador y activo del Universo: Júpiter, reflejo de la primera causa.

LA CUARTA LÁMINA DEL TAROT

EL EMPERADOR



RELACIONES:

JERoglÍFICO PRIMITIVO: El Seno

CÁBALA: Chesed

ASTRONOMÍA: Júpiter

DÍA: Jueves

LETRA HEBRAICA: Daleth (doble)

SIGNIFICACIONES:

Reflejo de Dios el padre

LA VOLUNTAD

Reflejo de Adán

EL PODER

Reflejo de la naturaleza naturante

El fluido universal creador

EL ALMA DEL UNIVERSO

5º LETRA HEBRAICA (HE)

ה

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA QUINTA LÁMINA DEL TAROT

La hé expresa, jeroglíficamente, la respiración, el aliento. Es por la respiración que se crea y se mantiene la vida, razón por la cual se atribuye a la hé "todo aquello que anima". Mas la vida especializa al individuo diferenciándolo de sus semejantes; de aquí la idea de "ser" atribuida a esta letra.

Pero la acción de la vida no se detiene aquí; es también el principio que enlaza el cuerpo material al espíritu divino, del mismo modo el hombre enlaza a Dios con la naturaleza. La vida es como para el hombre (aleph) lo que el hombre es para el Universo, el principio mediador por excelencia. De aquí todas las ideas de "lazo", de reunión de los opuestos, de religión, atribuidos a la hé.

Esta letra es simple; corresponde astronómicamente al signo ígneo del carnero, cuyo significado explica.

LA QUINTA LÁMINA DEL TAROT

EL HIEROFANTE:



Este símbolo debe expresar las ideas siguientes:

1º Idea de vida, de animación.

2º Idea de ser.

3º Idea de reunión.

El iniciador en los misterios de Isis está sentado entre las dos columnas del santuario. Se apoya sobre una cruz de tres travesaños y forma con la mano derecha el signo del esoterismo.

La cruz de tres travesaños simboliza el triple "Lingham" de la teogonía india, es decir, la penetración de la potencia creadora a través del mundo divino, del mundo intelectual y del mundo físico para producir todas las manifestaciones de la vida universal (primera idea).

Las dos columnas simbolizan, la de la derecha: la ley, la de la izquierda: la libertad de obedecer y desobedecer, esencia del ser (segunda idea).

El iniciador está cubierto con una tiara. A sus pies están postrados dos hombres coronados, el primero viste de rojo, el segundo de negro.

Aquí volvemos a encontrar en "activo" el símbolo expresado en "pasivo" por la segunda lámina. En efecto, la misma idea de esoterismo, de enseñanza secreta reaparece; mas la instrucción es ahora "práctica y oral", no hay ya necesidad de libros (tercera idea).

Como vemos, esta lámina es el complemento de la segunda: ocurre lo mismo con todas aquellas láminas cuya suma es igual a 7. Así:

3	se completa por	4
La Emperatriz	$4+3=7$	El Emperador
2	se completa por	5
La Papisa	$7=28=10=1$	El Papa
	$2+5 = 7$	
1	se completa por	6
El Mago	$1+6=7$	El Enamorado

La quinta lámina del Tarot corresponde a la letra hé del nombre sagrado. Es el reflejo directo del arcano 4 y el reflejo indirecto del arcano 2. De aquí las siguientes significaciones:

En lo divino. Reflejo de la voluntad:

LA INTELIGENCIA

(característico en Dios el hijo)

En lo humano. Reflejo del poder:

LA AUTORIDAD

(característico en la mujer)

En la religión: la fe. En lo natural. Reflejo del alma del mundo o del fluido

universal creador.

LA VIDA UNIVERSAL

(característico de la naturaleza naturada)

La vida universal es la parte negativa del fluido animador universal. Su acción recíproca dará nacimiento a la "atracción universal" o "amor universal" representado por el arcano 6.

RELACIONES:

JERoglÍFICO PRIMITIVO: El aliento

CÁBALA: Pechad

ASTRONOMÍA: El Carnero

MES: Marzo

LETRA HEBRAICA: Hé (simple)

SIGNIFICADOS:

Reflejo de la voluntad

LA INTELIGENCIA

hé

iod-hé

Reflejo del poder

LA AUTORIDAD

LA RELIGIÓN – LA FE

hé

hé de hé

Relejo del alma del mundo

LA VIDA UNIVERSAL

hé

vau de hé

6ª LETRA HEBRAICA (VAU)

ו

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SEXTA LÁMINA DEL TAROT

La vau representa, jeroglíficamente, el ojo, todo lo que tiene relación con la luz y el resplandor. El ojo establece la relación entre el mundo exterior y el sujeto; es por su intermedio que la luz y las formas se revelan a nuestra conciencia. La idea dominante expresada por esta letra será la de "relación" y también la de "reunión de los opuestos". Mucho es lo que ya hemos hablado sobre la vau, sin embargo, creemos útil y necesario dar "in extenso" el estudio realizado por Fabre D'Olivet sobre esta letra;

"Esta letra es la imagen del misterio más profundo e inconcebible, la imagen del nudo que reúne o del punto que separa la nada del ser. Es el signo de conversión universal, el signo que sirve para pasar de una naturaleza a otra comunicando de un lado con el signo de la luz y del sentido espiritual (vau con punto), que es su aspecto más elevado, y uniéndose por otra parte, en su aspecto degenerativo, al signo de las tinieblas y del sentido material Aïn (וּ), que es su aspecto más bajo."

La vau es la segunda letra simple, que representa astronómicamente el segundo signo del zodiaco: Taurus.

LA SEXTA LÁMINA DEL TAROT

LOS ENAMORADOS:



Este símbolo debe traducir las ideas de reunión y de antagonismo con todas sus consecuencias.

Un joven imberbe (el mago del arcano 4) descubierto, está de pie, inmóvil en la encrucijada de dos caminos. Sus brazos se hallan cruzados sobre el pecho formando la cruz diagonal.

Nuevo aspecto del arcano 1. Ya no se trata de un iniciado. Este ignora el procedimiento que permite dirigir las corrientes magnéticas de la luz astral; por

esto se halla perplejo en la oposición de las ideas antagónicas que es incapaz de gobernar.

Dos mujeres, una a la derecha, otra a la izquierda, apoyan una mano sobre sus hombros, mientras le señalan con la otra los dos caminos que puede recorrer. La mujer de la derecha ciñe un círculo de oro sobre su frente, mientras que la de la izquierda se halla despeinada y coronada con pámpanos.

Los brazos del mago representan el positivo y el negativo; las dos columnas del templo de Isis (la necesidad y la libertad) están personificadas en las dos mujeres (las que representan también el vicio y la virtud).

De acuerdo a la senda elegida, el joven podrá transformarse en el mago iniciado del arcano 1, o en el imprudente fulminado del arcano 16.

Encima de este grupo, el genio de la justicia, planeando en una aureola fulgurante, tiende su arco y dirige hacia la mujer que personifica el vicio la flecha del castigo.

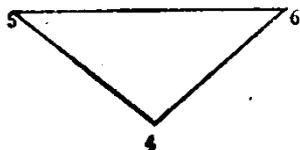
Simbolismo profundo que indica que si el hombre elige la senda de la virtud, será ayudado por la providencia para vencer el mal.

En resumen, todos estos jeroglíficos traducen la lucha entre las pasiones y la conciencia, el antagonismo de las ideas. Pero este antagonismo, cuando se transmuta en amor, constituye una fuerza poderosa (en virtud de la cual se reúnen los opuestos).

Esta lámina debe ser considerada bajo dos aspectos diferentes. Ambos nos llevarán a la misma conclusión.

Primer aspecto: como 3 del 4, es decir como representando al arcano 4 o reflejo de 1 considerado en sus relaciones de unión.

Segundo aspecto: como equilibrando a 4 y 5 tal como lo enseña el triángulo formado por el segundo ternario.



Cada carta equilibra a las otras dos.

El 4 equilibra el 5 y el 6.

El 5 equilibra el 4 y el 6.

El 6 equilibra el 4 y el 5.

De aquí los siguientes significados:

En lo divino. Equilibrio de la voluntad y de la inteligencia:

LA BELLEZA

(característico del Espíritu Santo)

En lo humano. Equilibrio del poder y de la autoridad:

EL AMOR

(característico de la humanidad)

La Caridad

En lo natural. Equilibrio del alma universal y de la vida universal.

LA ATRACCIÓN UNIVERSAL

El amor universal

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El Ojo, La Oreja

CÁBALA: Tiphereth

ASTRONOMÍA: El Toro

MES: Abril

LETRA HEBRAICA: vau simple

SIGNIFICADOS:

Equilibrio de la voluntad y de la inteligencia

LA BELLEZA

Equilibrio del poder y de la autoridad

EL AMOR

LA CARIDAD

Equilibrio del alma universal y de la vida universal

LA ATRACCIÓN UNIVERSAL

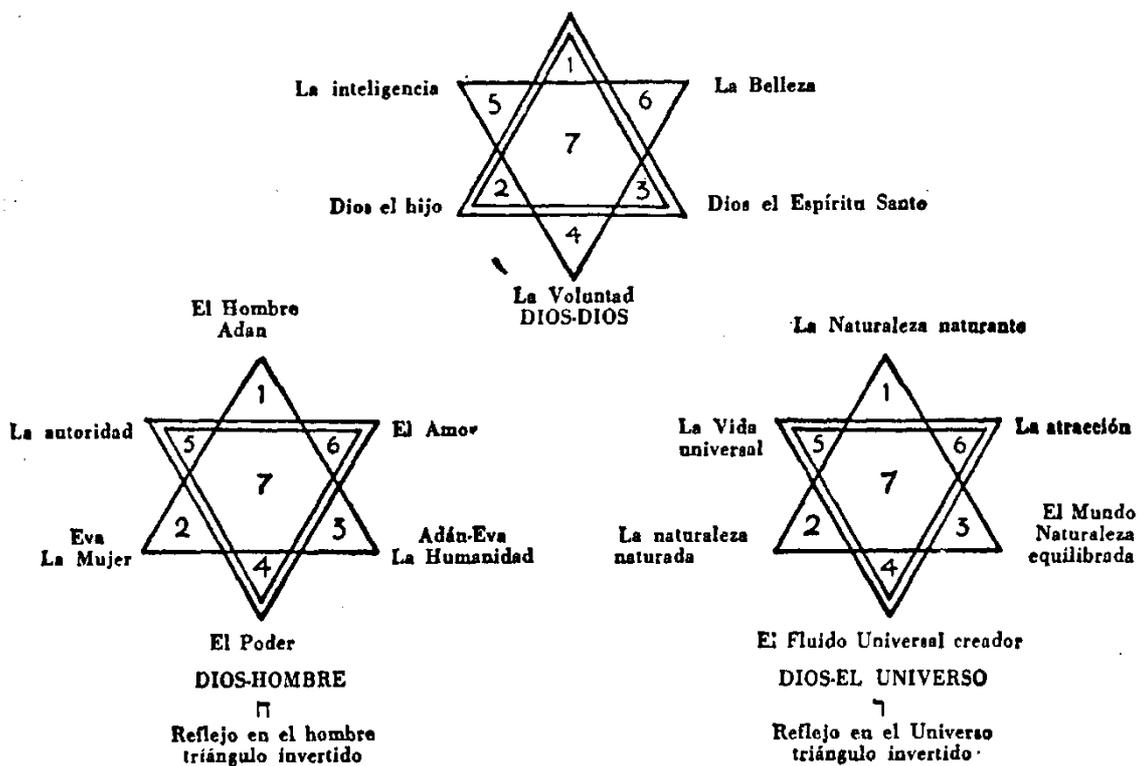
O

EL AMOR UNIVERSAL

1° SEPTENARIO

CONSTITUCIÓN DE DIOS

DIOS- DIOS o DIOS EL PADRE



Al amigo Marc Haven

El biógrafo de CAGLIOSTBO

CAPÍTULO XI

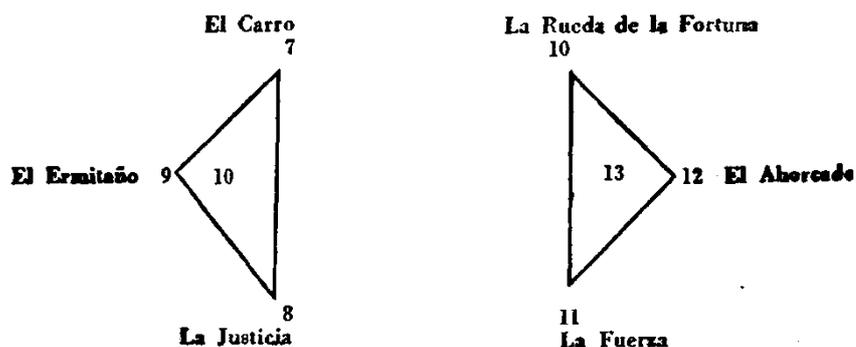
2° SEPTENARIO — ARCANO 7 AL 13

ANDROGONÍA

Clave del segundo septenario — La zaïn y el Carro — La heth y la Justicia — La teth y el Ermitaño — La iod y la Rueda de la Fortuna — La caph y la Fuerza — La lamed y el Ahorcado — Resumen del segundo septenario — Constitución del Hombre.

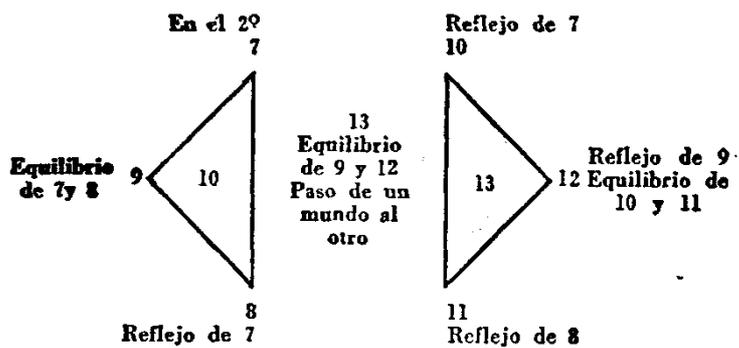
CLAVE DEL SEGUNDO SEPTENARIO

DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS PARA SU ESTUDIO



CARÁCTER DE LAS FIGURAS

Influencia del 1° septenario



El primer septenario nos ha enseñado el mundo de los principios o de la creación en todos sus aspectos; estudiaremos ahora el mundo de las leyes o de la conservación.

7º LETRA HEBRAICA (ZAYN)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA SÉPTIMA LAMINA DEL TAROT

La zaïn expresa, jeroglíficamente, una flecha. De aquí las ideas de "arma", o instrumentos utilizados por el hombre para "dominar", "vencer" y realizar sus fines. La zaïn expresa la victoria en todos los mundos. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal "Los Gemelos".

SÉPTIMA LAMINA DEL TAROT EL CARRO

EL CARRO



El simbolismo de esta lámina concuerda exactamente con las ideas que debe expresar. Sobre un carro de forma cúbica, cubierto por un dosel de color azul tachonado de estrellas y sostenido por cuatro columnas, avanza un triunfador coronado con un círculo, sobre el cual relumbran tres pentagramas de oro.

Este símbolo reproduce, en un nuevo orden de ideas, el arcano 1 y el 22. Las cuatro columnas corresponden a los cuatro animales del arcano 22 y a los cuatro símbolos del arcano 1; expresan el cuaternario en todas sus acepciones.

El triunfador —que ocupa el centro de los cuatro elementos— es el hombre que ha vencido y que dirige las fuerzas elementales; esta victoria se halla confirmada por

la forma cúbica del carro, como asimismo por los pentagramas que coronan al iniciado.

El triunfador ostenta sobre su coraza tres escuadras superpuestas. Lleva sobre las espaldas el "urim" y el "thumin" del soberano sacrificador, figurado por los dos crecientes; esgrime el cetro terminado por un globo, un cuadrado y un triángulo. En el frente del carro se halla el lingham indio sobre el cual se divisa la esfera volante de los egipcios. Dos esfinges, una blanca, la otra negra, se hallan enganchadas al carro.

Tal es la representación del septenario sagrado en todas sus manifestaciones. El nombre "iod hé vau hé" está representado en la parte delantera del carro por el globo alado para indicar que el septenario da la clave total del Tarot. Las dos esfinges corresponden a los dos principios: activo y pasivo. El triunfador corresponde sobre todo a la "espada" y a la "vau" del nombre sagrado.

La 7ª lámina del Tarot muestra la influencia de la creación en la conservación, de lo divino en lo humano. Representa también la "iod" o el Dios del segundo septenario.

El Dios del 2º septenario

El hombre como función del Dios creador.

EL PADRE

La ley del 2º septenario.

LA REALIZACIÓN

(reflejo del poder)

El hombre del 2º septenario.

La naturaleza haciendo funciones de Adán

.

LA LUZ ASTRAL

Apenas se opera el pasaje de un mundo al otro, vemos surgir la misma ley del primer septenario. El tercer término de esta serie será el reflejo del primero, así como el segundo término de la primera serie reflejaba también aquél. No obstante, como el segundo septenario constituye el término medio de los otros dos, hallaremos en el fondo de todos estos arcanos la idea de mediación o equilibrio. Es precisamente lo que nos mostrará la octava lámina.

8° LETRA HEBRAICA (HETH)

ח

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA OCTAVA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la heth expresa un campo. De aquí la idea de todo lo que exige trabajo, pena o esfuerzo.

De la continuidad del esfuerzo surge el equilibrio entre la destrucción (resultado de la acción fatal de la naturaleza) y la conservación de las obras del hombre. De estos conceptos dimana la idea de "poder equilibrante" y de justicia, conferida a esta letra.

La correspondencia astronómica de la letra heth, es el signo zodiacal Cáncer.

LA OCTAVA LAMINA DEL TAROT

LA JUSTICIA



El contenido de este símbolo y, en consecuencia, lo que debe de expresar, es la idea de "equilibrio" en todas sus formas.

Una mujer, representada de frente, se halla sentada en un trono, entre las dos columnas del templo. Sobre su frente ciñe una corona de hierro y sobre su pecho se destaca la cruz estelar.

Hallamos aquí de nuevo el simbolismo de los arcanos 2 y 5. El hecho de que la mujer se halla situada entre las dos columnas traduce la primera idea de equilibrio: El equilibrio entre el bien y el mal.

En la mano derecha empuña la espada, cuya punta está dirigida hacia arriba; en la mano izquierda sostiene una balanza.

La ciencia oculta (2), teórica hasta hoy, adquiere un valor práctico a través de la enseñanza oral. Esta ciencia se muestra ahora en todo el rigor de sus consecuencias —terrible para el falso mago (la espada), más justa para el verdadero iniciado (la balanza)—. Este arcano ocupa —desde el punto de vista de su significado— una posición intermedia entre los arcanos 5 y 11.

Esta lámina es la complementaria de la undécima (así como la quinta lo era de la décima). En el primer septenario todas las láminas cuya suma era 7 se explicaban recíprocamente, en el segundo septenario, ocurre lo mismo con todas aquellas que suman 19.

7		12
El Carro	se complementa por	El Ahorcado
	$7 + 12 = 19$	
	$19 = 10 = 1$	

8		11
La Justicia	se complementa por	La Fuerza
	$8 + 11 = 19$	

9		10
El Ermitaño	se complementa por	La Rueda de la Fortuna
	$9 + 10 = 19$	

La octava lámina del Tarot traduce el aspecto "conservador" de la segunda lámina. Sintetiza las ideas de la segunda y de la quinta lámina, además constituye el reflejo de la séptima. Representa:

1° *En lo divino*. Dios el hijo, del segundo septenario.

La mujer como función de Dios el hijo.

LA MADRE

Reflejo del Padre. Conservador de Dios el hijo en la humanidad.

2° Ley pasiva del segundo septenario.

LA JUSTICIA

Reflejo de la realización y de la autoridad.

3° La mujer del segundo septenario. La naturaleza en función de Eva.

LA EXISTENCIA ELEMENTAL

Reflejo de la luz astral. Conservación de la naturaleza naturalada en el mundo.

La existencia elemental es el medio en virtud del cual el fluido animador astral o "luz astral" (7) se manifiesta al través del éter o "materia astral" (9). Es lo que nos demostrará el arcano siguiente.

RELACIONES:

JERoglÍFICO PRIMITIVO: Un Campo

CÁBALA: Nizah

ASTRONOMÍA: Cáncer

SIGNIFICADOS:

La mujer como función de Dios el hijo

LA MADRE

LEY

LA JUSTICIA

La Naturaleza como función de Eva

LA EXISTENCIA ELEMENTAL

9º LETRA HEBRAICA (TETH)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA NOVENA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la teth representa un "techado". De aquí las ideas de protección, lugar seguro, etc. Todas las ideas que despierta esta letra derivan de la unión entre la seguridad y la protección, por intermedio de la sabiduría. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal Leo.

NOVENA LÁMINA DEL TAROT

EL ERMITAÑO



Las ideas que esta lámina debe sugerir, son:

1º Protección.

2º Sabiduría, circunspección.

Un anciano camina apoyándose sobre un bastón; sostiene con la mano derecha una lámpara cuya luz se halla semioculta entre los pliegues del manto que lo cubre.

Este símbolo ocupa un lugar intermedio entre el sexto y el duodécimo arcano. La protección se halla simbolizada en el manto que cubre al anciano. La sabiduría por la lámpara semioculta. El bastón indica que el sabio se halla siempre armado para luchar contra la injusticia y el error.

Si comparamos esta lámina con la sexta y la duodécima, veremos que el joven imberbe de la sexta lámina se ha decidido por el buen camino. La experiencia adquirida en el diario vivir lo ha convertido en un anciano prudente, y ésta, unida a la sabiduría lo conduce al elevado fin que se ha propuesto (lámina 12). La flecha del genio de la sexta lámina, se ha transformado en su bastón, y la aureola que envolvía a este genio se halla ahora encerrada en la lámpara que guía al iniciado; tal es el resultado de su esfuerzo continuado.

La novena lámina del Tarot representa a la tercera, concebida en su sentido "conservador" y "receptor". Además equilibra la séptima y la octava lámina.

1º La humanidad como función de Dios el Espíritu Santo. La fuerza humana creadora.

EL AMOR HUMANO

Potencia conservadora de la humanidad. Equilibrio entre el padre y la madre. *

2º Equilibrio entre la realización y la justicia.

LA PRUDENCIA (Callarse)

3º La naturaleza como función de la humanidad. Equilibrio entre la luz astral y la existencia elemental.

LA FUERZA CONSERVADORA NATURAL El Fluido Astral

Por lo tanto, el fluido astral representa la conservación universal de las fuerzas que actúan en la naturaleza. Con esto concluye el primer ternario del septenario de la conservación. Veremos ahora el reflejo de estos términos en el ternario siguiente.

RELACIONES:

JERoglífico PRIMITIVO: Un techo

CÁBALA: Iesod

ASTRONOMÍA: Leo

MES: Julio

LETRA HEBRAICA: Teth (simple)

SIGNIFICADOS:

La Humanidad como función de Dios,
el Espíritu Santo

EL AMOR HUMANO

LA PRUDENCIA

Callarse

La Fuerza Conservadora Natural

EL FLUIDO ASTRAL

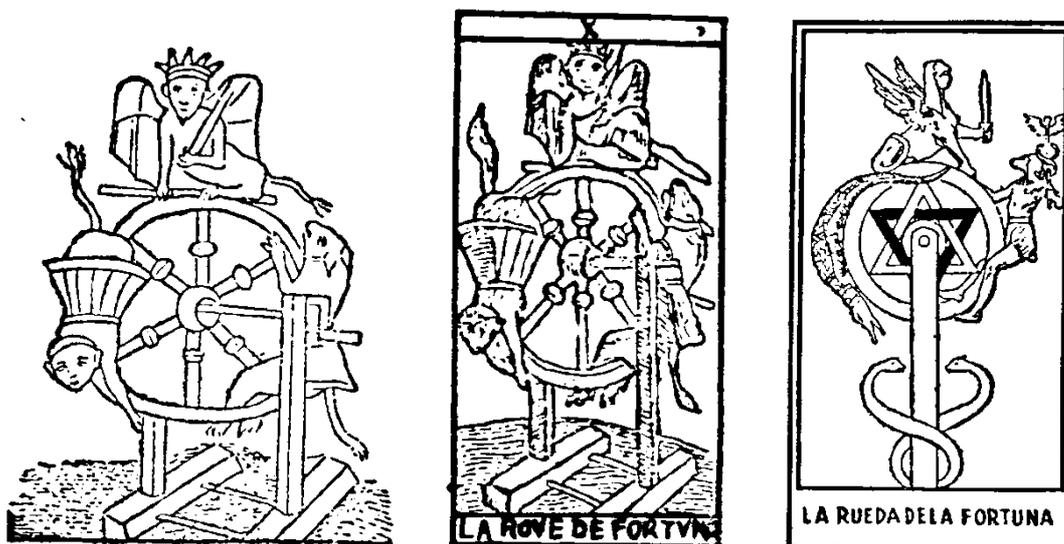
10ª LETRA HEBRAICA (IOD)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la iod representa el dedo del hombre, el índice en ademán de ordenar. Por esto es que esta letra se ha transformado en la imagen de la manifestación potencial, de la duración espiritual, en fin, de la eternidad de los tiempos y de todas aquellas ideas que con ella se relacionan.

La iod es un letra simple. Corresponde astronómicamente al signo zodiacal Virgo.

DÉCIMA LÁMINA DEL TAROT



LA RUEDA DE LA FORTUNA

Dos ideas principales deben ser expresadas por este símbolo:

1º La idea de mando, de supremacía.

2º La idea de duración, de la eterna acción del tiempo.

La rueda de la fortuna gira sobre un eje. A la derecha está Hermanubis, genio del bien ascendente; a la izquierda Typhon, genio del mal descendente; en la parte

superior y en el medio, la Esfinge en equilibrio, la cual aprisiona una espada entre sus garras de león.

La idea primera queda expresada por el ternario: Hermanubis o positivo, Typhon o negativo, la Esfinge o equilibrio dominante.

La segunda idea se halla expresada por la rueda, cuya circunferencia carece de comienzo y de fin: símbolo de la eternidad.

El arcano 10 ocupa un lugar intermedio entre el 7 y el 13:

$$7 + 13 == 20; 20/2 == 10$$

y expresa el equilibrio incesante que atempera la realización creadora del septenario por la destrucción necesaria de la muerte (arcano 13). Los arcanos 7, 10 y 13 corresponden exactamente a la trinidad hindú o TRIMURTI:

Brahma	Creador	Arc. 7
Siva	Destructor	Arc. 13
Vichnou	Conservador	Arc. 10

Es la representación del curso de los acontecimientos según la ley ternaria que dirige las manifestaciones divinas.

La décima lámina del Tarot es el comienzo de la porción negativa del segundo septenario. En consecuencia expresará a éste en sus reflejos.

1º Reflejo de la voluntad (Arc. 4).

LA NECESIDAD

EL KARMA de los hindúes

2º Reflejo del poder y de la realización.

LA POTENCIA MÁGICA

La fortuna (Voluntad)

3º Reflejo del alma universal.

LA FUERZA EN POTENCIA DE MANIFESTACIÓN

La fuerza creadora absoluta se ha diferenciado, sucesivamente en el fluido animador universal (arc. 4); la luz astral (arc. 7) está ahora representada por la fuerza en potencia de manifestación. Veremos manifestarse esta fuerza en el arcano siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El Índice

CÁBALA: Malchut

ASTRONOMÍA: Virgo

MES: Agosto

LETRA HEBRAICA: Iod (simple)

SIGNIFICADOS:

LA NECESIDAD

El Karma de los hindúes

LA POTENCIA MÁGICA

La Fortuna

Reflejo del alma universal

LA FUERZA EN POTENCIA

DE MANIFESTACIÓN

11° LETRA HEBRAICA (CAPH)

כ

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA UNDÉCIMA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la caph representa la mano del hombre, semi-cerrada y en actitud de aprehender un objeto, tal como la letra ghimel.

Mas la caph es algo así como una expresión más enérgica de ghimel, por esto es que se la puede definir también como la acción de "apretar con fuerza". Resulta de esta última idea que la letra caph debe traducir o expresar, siempre, el concepto de fuerza.

El número 11, el que le sigue a la década, modifica el valor de la caph en su sentido de aplicación, pues este número traduce el concepto de "vida refleja y pasajera" (algo así como una muela que recibe y devuelve todas las formas).



LA FUERZA:

Esta carta se deriva de la letra heth (arc. 8) que a su vez deriva de la vida absoluta hé (arc. 5). En consecuencia, desde el punto de vista de la vida elemental (arc. 8) une al significado del carácter heth la del signo orgánico ghimel (arc. 3), del cual no es —por otra parte— más que una especie de refuerzo. Astronómicamente la letra caph corresponde al planeta Marte y al día martes.

Este arcano debe expresar dos ideas:

1º La idea de fuerza.

2º La idea de vitalidad.

Una joven cierra sin esfuerzo aparente, la boca de un león (primera idea). En la parte superior, sobre su cabeza lleva el signo vital (segunda idea).

El arcano 11 ocupa el término medio entre el 8 y el 14. Volvemos a encontrar en él el simbolismo del arcano 8 aplicado al plano físico. Representa la imagen del poder que concede la ciencia sagrada (arc. 2) aplicado con justicia (arc. 8).

La undécima lámina del Tarot nos muestra todos los aspectos negativos o reflejos de la quinta, es decir:

1º Reflejo de la inteligencia (arc. 5):

LA LIBERTAD

2º Reflejo de la autoridad, de la fe:

EL CORAJE (osar)

3º Reflejo de la vida universal. Manifestación de la fuerza:

LA VIDA REFLEJADA Y PASAJERA

La fuerza, que hasta entonces se hallaba en potencia de manifestación, se ha manifestado en el arcano 11; se equilibrará más tarde en el arcano siguiente.

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La mano en la acción de apretar

ASTRONOMÍA: Marte

DÍA: Martes

LETRA HEBRAICA: Caph (doble)

SIGNIFICADOS:

Reflejo de la inteligencia

LA LIBERTAD

Reflejo de la autoridad, de la fe

EL CORAJE

(osar)

Reflejo de la vida universal

LA VIDA REFLEJA Y PASAJERA

12° LETRA HEBRAICA (LAMED)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DUODÉCIMA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la lamed representa el brazo. Pero esto designa cualquier cosa que se eleva, se extiende o se despliega, como el brazo. Es el signo del movimiento expansivo. Este signo se aplica a todas las ideas de extensión, ocupación y posesión. Finalmente es la imagen del poder que resulta de la elevación.

La expansión divina en la humanidad se realiza por los profetas y por la revelación. De aquí surge la idea de "ley revelada".

Mas la ley revelada conlleva la idea de castigo para todo aquel que la viole, o la elevación para aquel que la comprende; por lo tanto le corresponden los conceptos de castigo, de muerte violenta, voluntaria o no.

La lamed, letra simple, corresponde astronómicamente al signo zodiacal Libra.

DUODÉCIMA LÁMINA DEL TAROT



EL COLGADO:

Un hombre se halla suspendido por un pie a una horca, sostenida por dos árboles, cada uno de los cuales ostenta seis ramas cortadas. Las manos del ahorcado se hallan atadas a la espalda; sus brazos forman la base de un triángulo invertido, cuyo vértice lo ocupa la cabeza. Los ojos están abiertos, sus rubios cabellos flotan al viento libre. La pierna derecha forma una cruz con la izquierda.

Encontramos de nuevo aquí al sujeto de los arcanos 1, 6 y 7 cuyas transformaciones conocemos ya. Semejante al sol, situado en el medio de los signos zodiacales (seis de cada lado; las ramas cortadas) nuestro joven audaz se halla todavía suspendido entre dos decisiones, de las cuales nacerá no ya su porvenir material —como en el arcano 6— sino su porvenir espiritual.

El arcano 12 ocupa el término medio entre el 9 (la sabiduría) y el 15 (la fatalidad). Estos dos últimos arcanos representan las dos mujeres del arcano 6, desde el punto de vista espiritual.

Este ahorcado sirve de ejemplo a los audaces, y señala la disciplina, la sumisión absoluta con que el hombre debe respetar lo divino.

Desde el punto de vista alquímico, el ahorcado es el símbolo de la personalidad (la cual se halla representada en el triángulo invertido, sobre cuya base se asienta la cruz).

En el grado hermético de la Rosa Cruz (18° de la Masonería Escocesa) uno de los signos de reconocimiento consiste en cruzar la pierna izquierda sobre la derecha, tal como se lo ve en el ahorcado hermético. Nos parece inútil destacar la ignorancia absoluta de la masonería respecto de este símbolo.

La lámina 12 del Tarot representa la potencia equilibrante por excelencia. Neutraliza los opuestos caracterizados por la décima y la undécima lámina.

1° Equilibrio entre la necesidad y la libertad:

LA CARIDAD

LA GRACIA

(Potencia conservadora del amor)

2° Equilibrio entre el poder y el coraje. Reflejo de la prudencia:

LA EXPERIENCIA ADQUIRIDA

(Saber)

3° Equilibrio entre la manifestación potencial (arc. 10) y la

vida refleja (arc. 11). Reflejo del fluido astral:

LA FUERZA EQUILIBRANTE

La fuerza que atempera es el último término del segundo septenario. Mediante la acción de esta fuerza "lo astral" se realizará para pasar a lo físico, y también para pasar del mundo de la conservación y de la recepción (2° septenario), al mundo de la transformación (3° septenario).

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: El brazo extendiéndose

ASTRONOMÍA: Libra

MES: Septiembre

LETRA HEBRAICA: Lamed (simple)

SIGNIFICADOS:

LA CARIDAD

La gracia

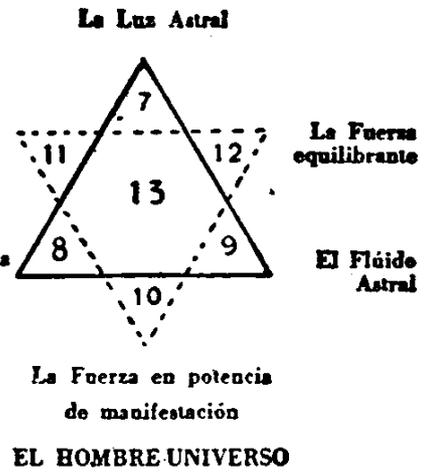
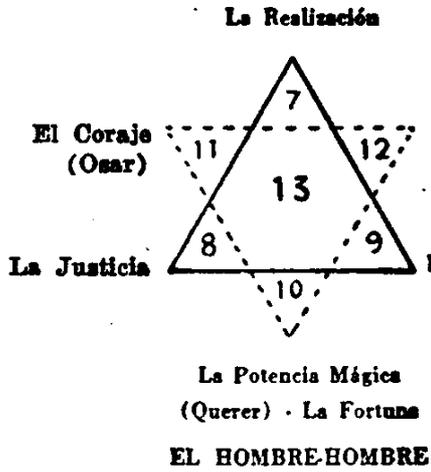
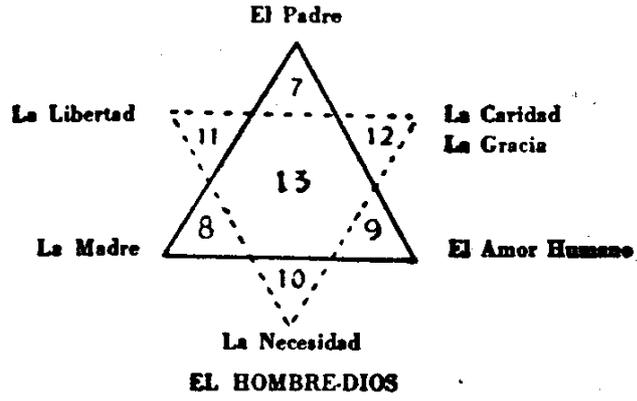
LA EXPERIENCIA ADQUIRIDA

(Saber)

LA FUERZA EQUILIBRANTE

2º SEPTENARIO

CONSTITUCIÓN DEL HOMBRE



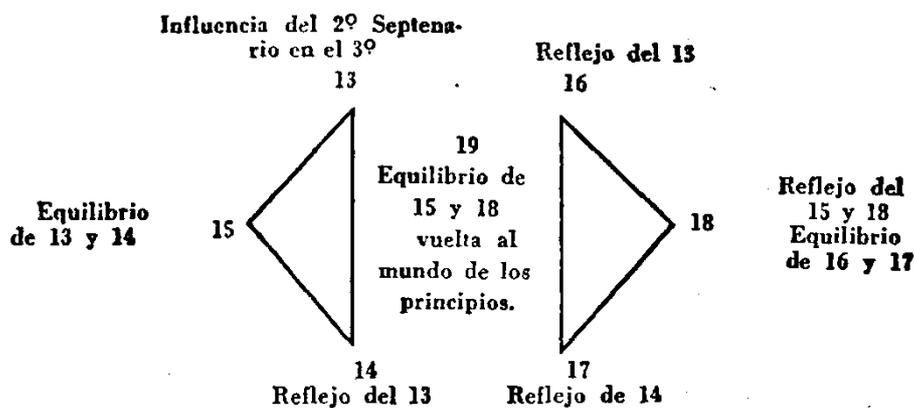
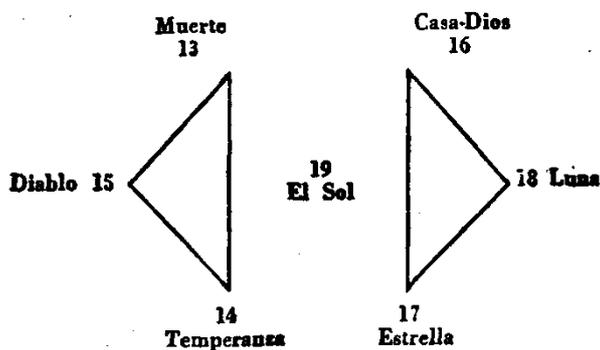
Al autor de la "Historia del Diablo", M. Jules Baissac.

CAPÍTULO XII

3º SEPTENARIO — ARCANOS 13 y 19 COSMOGONÍA

Llave del tercer septenario — La mem y la Muerte — La noun y la Temperanza — La samech y el Diablo — La Gnain y la Casa de Dios — La tsade y la Luna — Resumen del tercer septenario — Constitución del Universo.

CLAVE DEL TERCER SEPTENARIO DISPOSICIÓN DE LAS FIGURAS



El primer septenario nos ha mostrado el "mundo de los principios" o de la creación. El segundo nos ha desarrollado el "mundo de las leyes" o de la conservación. El tercero nos enseñará el "mundo de los hechos", de la transformación. Veremos ahora cómo se establece la circulación entre los dos primeros septenarios.

13° LETRA HEBRAICA (LA MEM)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOTERCERA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la mem designa a la mujer, compañera del hombre. Por lo tanto evoca la idea de todo lo que es fecundo y capaz de crear. Constituye el signo maternal y femenino por excelencia, el signo local y plástico, imagen de la acción exterior y pasiva. Su uso al final de los nombres, adquiere una significación colectiva, pues desarrolla al ser en el espacio indefinido.

Dado que la creación exige una destrucción correspondiente y de sentido contrario, la mem ha figurado también las regeneraciones nacidas de la construcción anterior, es decir las transformaciones y, en consecuencia, la muerte (concebida como el pasaje de un mundo a otro).

La mem es una de las tres letras madres.

DECIMOTERCERA LAMINA DEL TAROT

LA MUERTE



Las ideas que este arcano debe expresar son las de la destrucción, precediendo o siguiendo a la regeneración. Un esqueleto sesga las cabezas de un campo, del cual surgen por todas partes pies y manos de hombres, a medida que el esqueleto prosigue su obra.

Las obras de la cabeza (concepción) se vuelven inmortales tan pronto han sido realizadas (manos y pies).

El arcano 13 ocupa el justo medio entre el arcano 10 (la fortuna) y el 16 (la destrucción).

$$10+16 = 26 ; 26/2 = 13$$

Trece, es pues, el término medio entre la iod (principio de la creación) y la hain (principio de la destrucción).

El arcano 18 es el complementario del 13, así como el 5 lo es del 12, y el 12 del 7. (Ver arcanos 8 y 5.)

13		18
La muerte	se completa con	La Luna
	$13 + 18 = 31$	
	$31 = 4 = 10 = 1$	
14		17
La Temperanza	se completa con	Las Estrella
	$14 + 17 = 31$	
15		16
El Diablo	se completa con	La Destrucción
	$15 + 16 = 31$	

La decimotercera lámina del Tarot está ubicada entre el mundo invisible y el visible. Resulta así ser el lazo universal de la naturaleza, el medio en virtud del cual las influencias reaccionan de un mundo sobre el otro. Representa:

1° Dios el transformador:

EL PRINCIPIO TRANSFORMADOR UNIVERSAL

Destructor y Creador

2° El negativo de la realización:

LA MUERTE

3° La luz astral como función del creador:

LA FUERZA PLÁSTICA UNIVERSAL

(Equilibrio entre la muerte y la fuerza transformadora)

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La Mujer

LETRA HEBRAICA: Mem (una de las tres letras madres)

SIGNIFICADOS:

EL PRINCIPIO TRANSFORMADOR UNIVERSAL

Destructor creador

LA MUERTE

LA FUERZA PLÁSTICA UNIVERSAL

14ª LETRA HEBRAICA (NOUN)

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOCUARTA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la noun expresa el producto de la mujer, es decir un hijo, un fruto; y, en general, cualquier ser creado. Esta letra se ha transformado en la imagen del ser creado o reflejado, el signo de la existencia individual y corporal. Al final de un nombre, constituye el signo aumentativo, confiriéndole la extensión individual que la cosa representada puede alcanzar. Astronómicamente corresponde al signo zodiacal SCORPIUS.

Resumiendo: la noun personifica el producto de cualquier combinación, el resultado de la acción de las fuerzas ascendentes o creadoras y de las descendentes o destructivas (simbolizadas por la estrella de Salmón).

DECIMOCUARTA LAMINA DEL TAROT

LA TEMPLANZA



He aquí las ideas que este símbolo debe expresar:

- 1º La combinación de los fluidos.
- 2º La individualización de la existencia.

El genio del sol vierte desde un cántaro de oro a otro de plata las esencias flúidicas de la vida (primera idea).

Estas esencias pasan de uno a otro vaso sin verter una sola gota (segunda idea).

La lámina 14 representa a la joven del arcano 11, que volveremos a hallar en la 17. La corriente vital, representada en el arcano 11 por el símbolo que ostenta sobre la

cabeza, pasa aquí de un cántaro al otro; en el arcano 17 veremos la expansión de esta corriente.

La decimocuarta lámina del Tarot nos muestra los fluidos que circulan en la naturaleza.

1º Combinación de los fluidos y de los pasivos. Introducción del espíritu en la materia y reacción e la materia sobre el espíritu:

INVOLUCIÓN

2º Reflejo de la justicia en el mundo material:

LA TEMPERANZA

3º Fijación de la vida refleja. Encarnación de la vida:

LA VIDA INDIVIDUAL Y CORPORAL

RELACIONES:

JERoglífico PRIMITIVO: Un fruto

ASTRONOMÍA: Escorpio

MES: Octubre

LETRA HEBRAICA: Noun (simple)

SIGNIFICADOS:

LA INVOLUCIÓN

El Espíritu desciende en la materia

LA TEMPERANZA

LA VIDA INDIVIDUAL Y CORPORAL

15ª LETRA HEBRAICA (SAMECH)

𐤎

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOQUINTA LÁMINA DEL TAROT

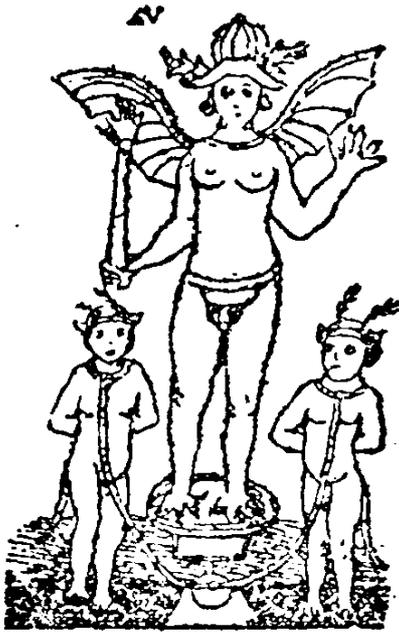
Jeroglíficamente la samech expresa las mismas ideas de la zaïn, es decir una flecha, un arma cualquiera; mas en este caso la idea se completa mediante una nueva concepción: el movimiento circular realizado por la misma, lo que presupone que cualquier objeto en movimiento tendrá como signo representativo a la flecha (si este movimiento es circular). Ahora bien: el límite del círculo es la circunferencia; por lo tanto es la circunferencia la que delimita la superficie o área circunscripta por ella.

Esta idea de una circunferencia, cuyos límites no pueden ser sobrepasados, es lo que ha dado pie al concepto de destino, de fatalidad (superficie del círculo sobre la cual juega libremente la voluntad humana, pero cuya circunferencia señala el dominio del destino). La serpiente que se muerde la cola, es el símbolo que traduce el concepto anterior, al mismo tiempo que la imagen del año (anillo), y de las revoluciones fatales y determinadas de los tiempos.

La samech constituye el lazo (zaïn) reforzado y replegado sobre sí mismo. Como letra simple corresponde al signo zodiacal Sagitario.

DECIMOQUINTA LAMINA DEL TAROT

EL DIABLO



En todas las cosmogonías, el diablo representa esa misteriosa fuerza astral cuyo origen revela el jeroglífico que caracteriza a samech. Una observación atenta del símbolo nos permitirá encontrar los mismos datos que hemos hallado ya en diversas láminas del Tarot, pero presentadas bajo un nuevo aspecto. En efecto, colocad al mago al lado del diablo y no tardaréis en descubrir que los brazos de ambos personajes realizan el mismo gesto, mas de una manera invertida. El mago dirige su mano derecha hacia el Universo y la izquierda hacia Dios; el diablo, en cambio, eleva la derecha hacia el cielo y la izquierda hacia la tierra. En lugar de la varita mágica e iniciatriz del mago, el diablo muestra la antorcha encendida, símbolo de la magia negra y de la destrucción.

Al lado del diablo, y equilibrados por él, se hallan dos personajes (que reproducen el mismo símbolo de las dos mujeres del arcano 6 —El enamorado—), y que también se hallan representados por los montantes de la horca del ahorcado (arc. 12).

La fuerza animatriz universal, representada por el arcano 3, se ha transformado aquí en la fuerza destructora universal. El cetro de Venus-Urano se ha transformado en la antorcha del demonio y las alas del ángel en los odiosos alones del Dios del mal.

El arcano 3 simboliza el Espíritu Santo o la providencia de Fabre D'Olivet.

$$15+3 = 18 ; 18/2 = 9$$

El arcano 9, término medio entre ambas figuras, simboliza la prudencia o la voluntad humana de Fabre D'Olivet.

El diablo ha materializado sobre su cabeza el fluido universal que envolvía la cabeza del mago, tal como lo demuestra los dos cuernos (los cuales muestran seis puntas cada uno) que lo decoran. Se halla sentado sobre un cubo que descansa sobre una bola, para indicar el dominio de la materia (cubo) sobre el espíritu (la esfera).

Del simbolismo de la 15ª lámina del Tarot se obtienen los siguientes significados:

1º EL DESTINO (el azar)

2º LA FATALIDAD, resultado de la "caída" de Adán-Eva.

3º El fluido astral que individualiza.

NAHASH, el guardián del umbral

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La Serpiente

ASTRONOMÍA: Sagitario

MES: Noviembre

LETRA HEBRAICA: Samech (simple)

SIGNIFICADOS:

EL DESTINO

El azar

LA FATALIDAD

Resultado de la caída de Adán-Eva

NAHASH

El Dragón del umbral

16° LETRA HEBRAICA (GNAÏN)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOSEXTA LÁMINA DEL TAROT

La gnaïm expresa el mismo jeroglífico que la vau (6), solamente que en este caso el jeroglífico se ha materializado. Es el signo del sentido material. En su aspecto degenerado, este signo expresa también todo lo que es curvo, falso, perverso y malo.

Astronómicamente esta letra corresponde al signo zodiacal Capricornio.

DECIMOSEXTA LAMINA DEL TAROT

LA TORRE



Una torre cuyas almenas han sido destruidas por el rayo. Un hombre coronado y otro sin corona se precipitan al vacío, arrastrados por las ruinas. Uno de ellos reproduce la forma de la letra gnäin.

En esta figura vemos aparecer, por primera vez, la imagen de una construcción material. Volveremos a encontrar este símbolo en los arcanos 18 y 19. Se trata aquí del mundo visible o material en el cual se encarna el mundo invisible o espiritual. Figura la caída de Adán en la materia, el cual seguirá materializándose cada vez más hasta alcanzar el arcano 18, punto en el cual la materialización alcanzará su valor óptimo.

El sentido de este arcano deriva en su totalidad de esta idea de caída, de materialización de la letra vau.

1º Materialización de Dios al Espíritu Santo. (Ver arc. 3.)

Introducción del Espíritu Santo en el mundo visible. El Espíritu Santo obrando como el Dios de la materia.

DESTRUCCIÓN DIVINA

2º Materialización de Adán-Eva, en estado espiritual hasta este momento. Entrada de Adán-Eva en el mundo visible:

LA CAÍDA (Reflejo de la muerte)

3º Materialización del Universo-principio:

EL MUNDO VISIBLE

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: Vau (lazo material)

ASTRONOMÍA: Capricornio

MES: Diciembre

LETRA HEBRAICA: Gnaïn (simple)

SIGNIFICADOS:

DESTRUCCIÓN DIVINA

LA CAÍDA

EL MUNDO VISIBLE

17° LETRA HEBRAICA (PHE)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOSÉPTIMA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la phé expresa las mismas ideas que la beth (arc. 2), mas en un sentido más "expansivo". Si la beth significa fundamentalmente la boca del hombre como órgano de la palabra, la phé significa más bien el producto de este órgano, esto es la palabra.

Es el signo de la palabra y de todo aquello que con ella se relaciona. Es el "verbo en acción" en la naturaleza con todas sus consecuencias. Así esta letra se relaciona astronómicamente con Mercurio, Dios de la palabra y de la difusión científica o comercial, Dios del intercambio universal entre todos los seres de todos los mundos.

La phé es una letra doble.

DECIMOSÉPTIMA LÁMINA DEL TAROT

LA ESTRELLA



Las ideas que este símbolo debe expresar son:

1º La expansión de los fluidos.

2º Su eterna renovación.

Una joven desnuda vierte sobre la tierra los fluidos de la vida universal, mediante dos copas.

El genio del sol (arc. 14) ha descendido ahora hasta nosotros, en la figura de esta joven, imagen de la eterna juventud. Los fluidos que antes trasvasaba de una a otra ánfora, los vuelca ahora sobre la tierra (primera idea).

Esta joven está coronada por siete estrellas, en el medio de las cuales resplandece una de mayor tamaño. Cerca de la joven un Ibis o también una mariposa, depende del Tarot que se considere, se posa sobre una flor.

Volvemos a hallar aquí el símbolo de la inmortalidad. El alma (Ibis o mariposa) debe sobrevivir al cuerpo, el cual no es más que un instrumento de experiencia (flor efímera). El coraje necesario para resistir las pruebas, vendrá de lo alto. (Astros.)

La caída de lo divino y lo humano en lo material, tan pronto se ha operado, surge una voz misteriosa que viene a renovar el coraje del pecador, permitiéndole entrever la ascensión Futura en virtud de las pruebas que sufrirá. Esta lámina balancea los nocivos efectos de la precedente. Esto explica su significado.

1º Oposición a la destrucción. Nada se destruye definitivamente. Todo es eterno e inmortal en Dios:

INMORTALIDAD

Creación del alma humana

2º La caída no es irreparable, nos dice ese sentimiento íntimo al que denominamos:

LA ESPERANZA

3º El Universo visible contiene en sí la fuente de su divinización, es:

LA FUERZA DISPENSADORA DE LOS FLUIDOS

(que le da los medios para renovar eternamente sus creaciones después de la destrucción)

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La Palabra (la boca y la lengua)

ASTRONOMÍA: Mercurio

DÍA: Miércoles

LETRA HEBRAICA: Phé (doble)

SIGNIFICADOS:

LA INMORTALIDAD

LA ESPERANZA

LA FUERZA DISPENSADORA

DE LOS FLUIDOS

18° LETRA HEBRAICA (TSADE)

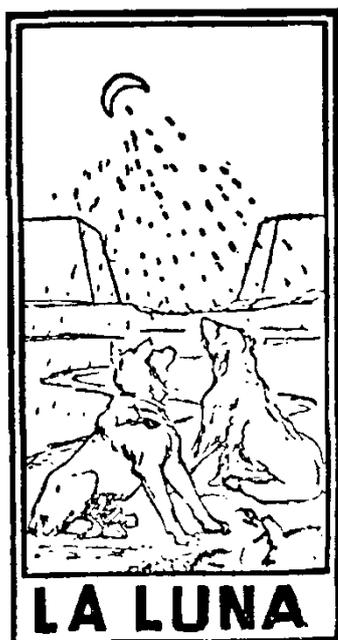


ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMOCTAVA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la tsade expresa las mismas ideas de la teth (arc. 9), sobre todo la idea de término, meta, fin. Por lo tanto constituye un signo final y determinativo que se relaciona con las ideas de límite, de escisión, de solución, etc. La tsade, letra simple, corresponde al signo zodiacal Libra.

DECIMOCTAVA LAMINA DEL TAROT

LA LUNA



RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: Un techo

ASTRONOMÍA: Libra

MES: Enero

LETRA HEBRAICA: Tsade (simple)

SIGNIFICADOS:

EL CAOS

EL CUERPO MATERIAL

Y SUS PASIONES

LA MATERIA

Acabamos de recorrer los escalones que el espíritu desciende en su caída en la materia. Estamos ya en el fin: el espíritu se halla totalmente materializado (es precisamente lo que nos enseña la lámina 18).

Un campo débilmente iluminado por la luna.

La luz, símbolo del alma, se proyecta ahora indirectamente, lo que nos enseña que el mundo material se halla iluminado por reflejo.

El campo se halla limitado por dos torres, que sirven de mojones. De la luna se desprenden gotas de sangre.

El mundo material es la meta final hacia la cual tiende el espíritu. Nada puede descender de más allá, es lo que indican las torres. Las gotas de sangre representan el descenso del espíritu en la materia.

Un sendero rociado por gotas de sangre se pierde en el horizonte. En el trayecto un perro y un lobo aúllan a la luna. Un cangrejo sale del agua y trepa entre los dos animales.

La introducción del espíritu en la materia representa una caída tan considerable que todo conspira para aumentarla. Los espíritus serviles (perros), las larvas feroces (lobos) y los elementales rampantes (cangrejos) vigilan la caída del alma en la materia para ensayar de oprimirla todavía más.

1º Final de la materialización divina. Punto final de la involución:

EL CAOS

2º Final de la materialización adámica:

EL CUERPO MATERIAL Y SUS PASIONES

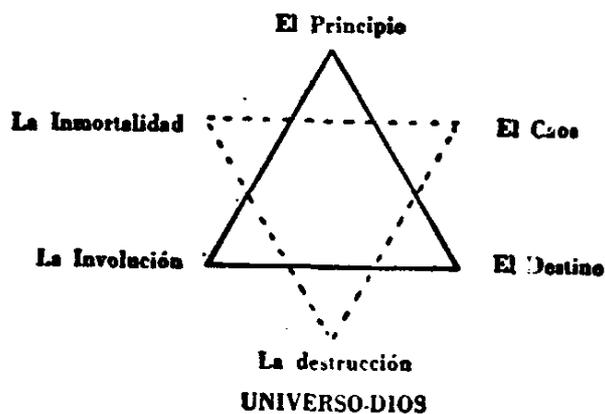
3º Final de la materialización física:

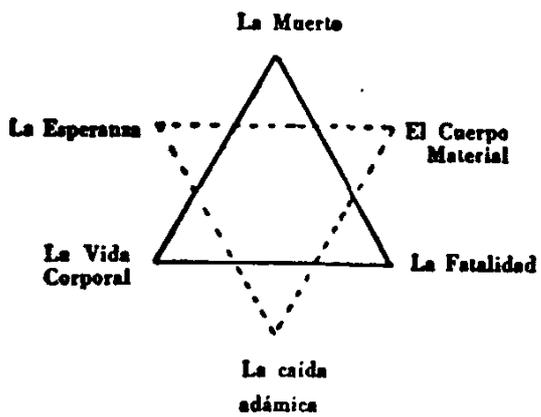
LA MATERIA

Con el tercer septenario termina la "involución", es decir el descenso del espíritu en la materia. Las tres últimas cartas del Tarot nos indicarán de qué manera las fuerzas emanadas progresivamente volverán a su principio común mediante la "evolución".

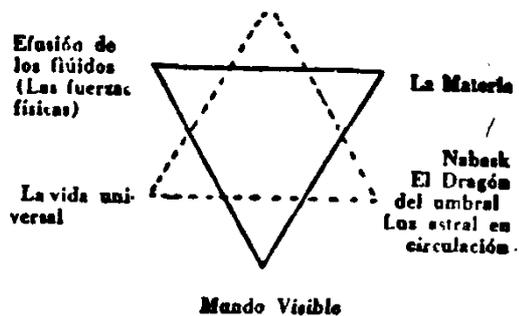
3º SEPTENARIO

CONSTITUCIÓN DEL UNIVERSO





UNIVERSO-HOMBRE
La Fuerza plástica universal



UNIVERSO-UNIVERSO

Al filósofo místico SEDIR.

CAPÍTULO XIII

ARCANOS 19 A 21

La coph y el Sol — La resch y el Juicio — La shin y el Loco — La thau y el Sol — El ternario de transición.

19° LETRA HEBRAICA (COPH)

פ

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA DECIMONOVENA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente la coph expresa un arma cortante, todo lo que es útil al hombre, lo que lo defiende y le presta ayuda. Por lo tanto la coph es un signo eminentemente comprensivo, astringente y cortante; es la imagen de la forma aglomerante y restrictiva, de aquí la idea de "existencia material". Incluye asimismo los caracteres de la letra coph en el sentido de la materialización completa aplicados, desde luego, a los objetos puramente físicos. Veamos la progresión del signo:

ה (he 5). La vida universal.

ח (heth 8). La existencia elemental. El esfuerzo de la naturaleza.

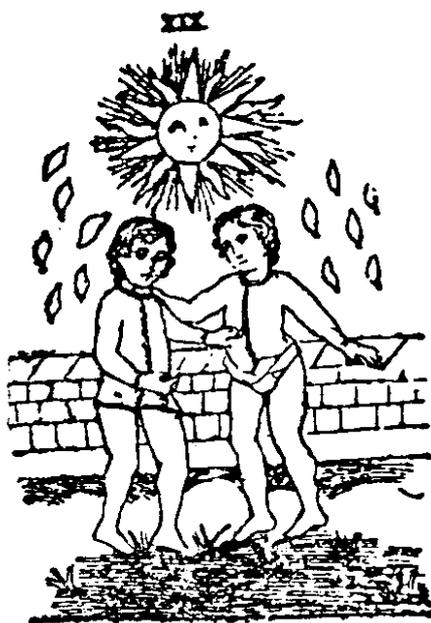
כ (caph 11). La vida asimilada referida a las formas naturales.

פ (coph 19). La existencia material expresándose en las formas.

Astronómicamente, la letra coph corresponde al signo zodiacal Piscis.

DECIMONOVENA LAMINA DEL TAROT

EL SOL



Dos niños desnudos encerrados en un cerco amurallado. Encima, el sol lanza sus rayos sobre la tierra; gotas de oro que se desprenden del astro rey caen alrededor de los niños.

El espíritu se halla ahora en la parte superior. Ya no es la luz reflejada, como en el arcano precedente, la que aclara esta figura, sino la luz creadora, la luz del Dios de nuestro Universo. El cerco amurallado nos informa que nos hallamos todavía en el mundo visible o material. Los niños representan los fluidos creadores, positivo y negativo del ser naciente.

1° Despertar del espíritu. Transición del mundo material al mundo divino. La materia como función de Dios: .

LOS ELEMENTOS

2° El cuerpo del hombre se renueva:

LA NUTRICIÓN, LA DIGESTIÓN

3° La materia del mundo comienza su ascensión hacia Dios:

EL REINO MINERAL

RELACIONES:

JERoglífico PRIMITIVO: Un hacha, arma cortante

ASTRONOMÍA: Piscis

MES: Febrero

LETRA HEBRAICA: Coph (simple)

SIGNIFICADOS:

LOS ELEMENTOS

LA NUTRICIÓN

La digestión

EL REINO MINERAL

20° LETRA HEBRAICA (RESCH)

ך

ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA VIGÉSIMA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la resch representa la cabeza del hombre. De aquí la idea de todo aquello que posee en sí un movimiento propio y terminante. Es el signo del movimiento propio; malo o bueno, expresa la renovación de las cosas, por lo que a su movimiento se refiere.

La resch es una letra doble y corresponde astronómicamente a Saturno.

VIGÉSIMA LAMINA DEL TAROT

EL JUICIO



Una tumba se abre y un hombre, una mujer y un niño aparecen juntando las manos en signo de adoración. ¿Es posible expresar con mayor acierto el despertar de la naturaleza bajo la influencia del verbo? ¿Cómo no admirar la justeza del símbolo que traduce el jeroglífico hebraico correspondiente?

1º Regreso al mundo divino. El espíritu vuelve a entrar en posesión de sí mismo:

EL MOVIMIENTO PROPIO Y DETERMINADO

2º La vida se renueva por su propio movimiento:

LA VIDA VEGETATIVA, LA RESPIRACIÓN

3° La materia del mundo aumenta en un grado su ascensión hacia Dios:

EL REINO VEGETAL

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: La cabeza del hombre

ASTRONOMÍA: Saturno

DÍA: Sábado

LETRA HEBRAICA: Resch (doble)

SIGNIFICADOS:

EL MOVIMIENTO PROPIO

Y DETERMINADO

LA RESPIRACIÓN

La vida vegetal

EL REINO VEGETAL

● 21ª LETRA HEBRAICA (SCHIN)



ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA VIGESIMOPRIMERA LÁMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la schin expresa lo mismo que la zaïn y la samech; es una flecha, un objeto que persigue una meta. Mas el movimiento, directo en la zaïn y circular en la samech, adquiere aquí las características de un movimiento rítmico y periódico, tal como ocurre con el péndulo. Por esto la schin es el signo de la duración relativa y del movimiento alternativo, mientras que la samech expresa el movimiento cíclico y, en consecuencia, la duración absoluta. Esta letra es una de las tres letras madres.

VIGESIMOPRIMERA LÁMINA DEL TAROT

EL LOCO



Un hombre de aspecto distraído y cubierto con un bonete de loco, una alforja a la espalda y el traje deshilachado, camina sin preocuparse, al parecer, de que un perro le muerde la pierna. Marcha sin mirar el precipicio que se abre a sus pies y en el cual se halla un cocodrilo dispuesto a devorarlo. Es la imagen de la situación a que arriba el ser humano cuando sus pasiones lo dominan. Desde el punto de vista moral, estos cuatro versos de Eliphaz Levi explican magníficamente el simbolismo.

Sufrir es trabajar, es cumplir su tarea. Desgraciado de los perezosos que duermen sobre el camino.

El dolor, como un perro, muerde los talones del cobarde, quien por un solo día perdido, sobrecarga su mañana.

1° Regreso, en forma más activa, al mundo divino. La personalidad se afirma

EL MOVIMIENTO DE DURACIÓN RELATIVA

2° La intelectualidad se perfila bajo la influencia de la evolución :

LA INERVACIÓN, EL INSTINTO

3° La materia alcanza su máximo de progresión material:

EL REINO ANIMAL

RELACIONES:

JEROGLÍFICO PRIMITIVO: Una Flecha

LETRA HEBRAICA: Schin (una de las tres letras madre)

SIGNIFICADOS:

EL MOVIMIENTO DE DURACIÓN RELATIVA

El Instinto

LA INERVACIÓN

EL REINO ANIMAL

22» LETRA HEBRAICA (THAU)

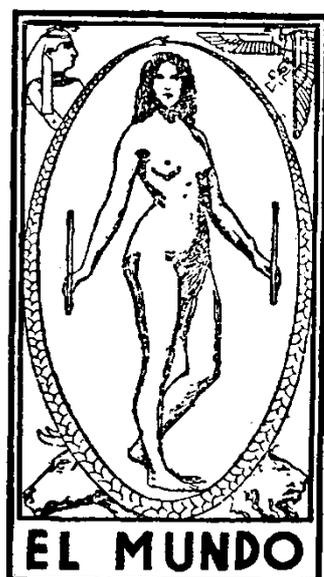
ORIGEN DEL SIMBOLISMO DE LA VIGESIMOSEGUNDA LAMINA DEL TAROT

Jeroglíficamente, la thau expresa el seno, al igual que la dalet (arc. 4); pero más específicamente es el signo de la reciprocidad, la imagen de la mutualidad y de la reciprocidad. Es el signo de los signos, pues une a los caracteres de dalet (arc. 4) y a la fuerza de resistencia y de protección de la teth (arc. 9), la idea de perfección (que es la esencia de su símbolo).

En el primitivo alfabeto hebraico, la teth se presentaba por una cruz (+); es una letra doble y representa astronómicamente al sol.

VIGESIMOSEGUNDA LAMINA DEL TAROT

EL MUNDO



En el centro de una elipse aparece una joven desnuda. En cada mano sostiene una varita. Mantiene las piernas cruzadas, tal como lo hace el ahorcado del arcano 12. En las esquinas de la lámina aparecen, sucesivamente, los cuatro animales citados por los evangelistas y las cuatro formas de la Esfinge: El hombre, el león, el toro y el águila. Este símbolo representa el macrocosmo y el microcosmo, es decir Dios y la creación o la ley del absoluto. Las cuatro figuras representan las cuatro letras del nombre sagrado y también los cuatro símbolos superiores del Tarot.

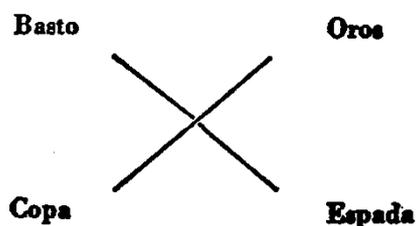
El Basto o iod = Fuego.

La Copa o he = Agua.

La Espada o vau = Tierra.

El Oro o 2ª he = Aire.

Esta relación puede escribirse así:



Entre el nombre sagrado (Dios) y el centro de la figura se ve un círculo y una elipse que representa a la NATURALEZA en su curso regular y fatal, es por esto que Guillermo Postel le da el nombre de "Rota" (rueda). En cuanto al centro de la figura, representa la humanidad ADÁN-EVA, tercer término de la gran serie del absoluto cuya constitución es la siguiente:

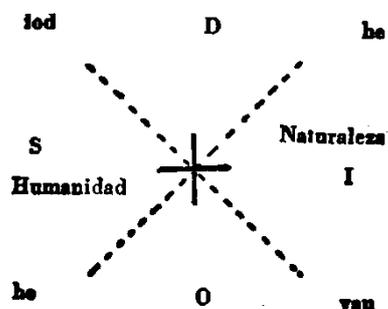
El absoluto impenetrable, EN SOPH de los cabalistas, PARABRAHM de los hindúes:

El espíritu del absoluto o Dios: 1º septenario

El alma del absoluto o el hombre: 2º septenario

El cuerpo del absoluto o el universo: 3º septenario

Esta lámina resume nuestro trabajo y prueba el rigor lógico de nuestras deducciones. Una simple figura resume cuanto, dejamos expuesto.



Este símbolo nos da con toda exactitud los elementos de la construcción del Tarot: la figura central reproduce un triángulo (la cabeza y dos brazos extendidos) en cuya parte superior se halla una cruz, es decir, la figura del septenario cuyo vértice superior sostiene una cruz.

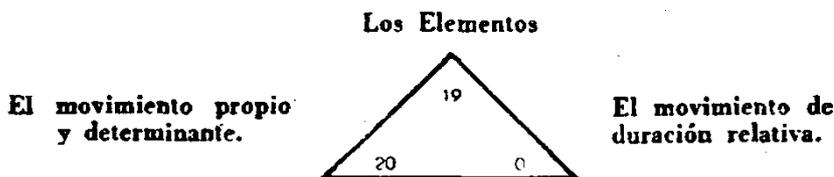
Las cuatro esquinas reproducen los cuatro grandes símbolos del Tarot. El centro reproduce la interacción de estos símbolos figurados por los 10 números de los arcanos menores y las 22 letras de los mayores. Por último, el centro mismo, expresa en particular la ley septenaria de los arcanos mayores.. Y dado que este septenario ocupa precisamente el centro de los tres círculos, correspondientes a los tres mundos, queda determinado una vez más el sentido de los 21 arcanos mayores ($3 \times 7 = 21$).

A continuación exponemos las aplicaciones de la lámina 21.

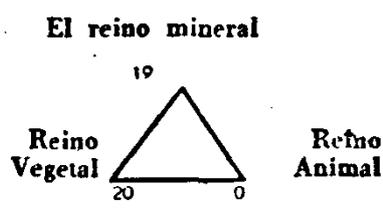
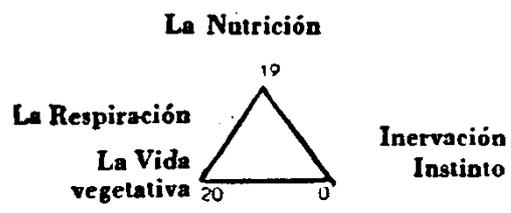


Esta misma lámina nos facilitará las normas de nuestro juego para aplicarlas al año, la filosofía, la cábala, etcétera.

EL TERNARIO DE TRANSICIÓN:



REPRODUCCIÓN DIVINA



REPRODUCCIÓN DEL HOMBRE

REPRODUCCIÓN DEL UNIVERSO

21

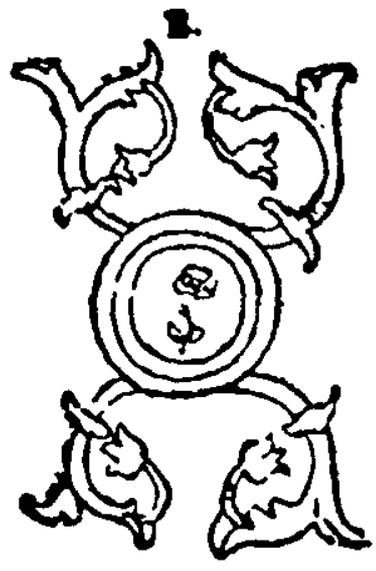
(en un círculo)

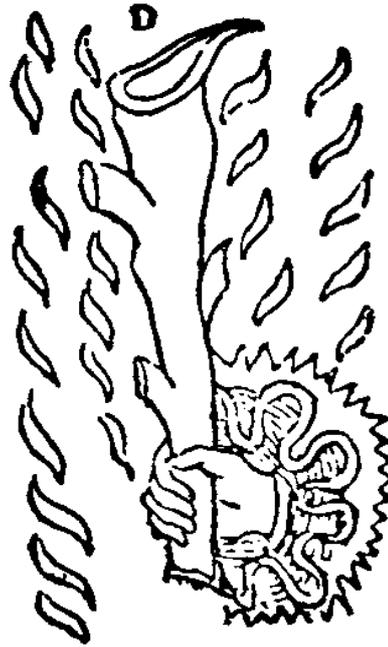
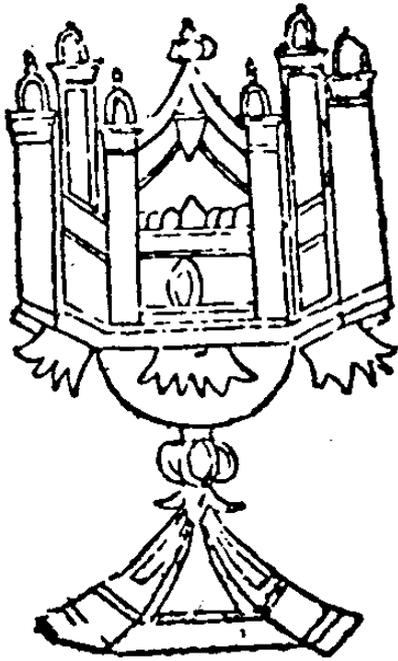
El Absoluto

encerrando en sí mismo

EL HOMBRE

EL UNIVERSO





Tarot de Court de Gébelin Los Ases

A la memoria del autor de "Los Grandes Misterios"
el filósofo EUGENIO ÑUS.

CAPÍTULO XIV

RESUMEN GENERAL DEL TAROT SIMBÓLICO

TEOGONIA — ANDROGONIA — COSMOGONÍA

Involución y evolución — Teogonía — El absoluto según Wronski, Lacuria y el Tarot — Teogonía de las diversas religiones idénticas a las del Tarot — Resumen de Androgonía — Cosmogonía — Tabla que resume el simbolismo de todos los arcanos mayores y que permite hallar inmediatamente su sentido, cualquiera que este sea.

RESUMEN GENERAL DEL SIMBOLISMO DE LOS ARCANOS MAYORES

Terminado nuestro estudio sobre cada uno de los 22 arcanos mayores, debemos ahora resumir las enseñanzas que puedan inferirse de tan prolongada exposición.

Al estudiar la primera lámina tuvimos ocasión de establecer tres principios evolutivos, a saber: El Universo, el hombre y Dios. Bastaría con recordar "grosso modo" el sentido de cada una de las láminas del Tarot para constatar la acción de una progresión que, partiendo del Espíritu Santo, concluye en la materia, pasando por una serie incalculable de modalidades. De la materia nace una nueva progresión, que vuelve al origen primitivo, esto es. Dios.

Esta doble corriente de "materialización progresiva" de lo divino o INVOLUCIÓN, y de la "divinización progresiva" de lo material o EVOLUCIÓN, ha sido demasiado bien estudiada por nuestro amigo BARLET, para que nosotros tengamos que añadir una sola palabra.

Más adelante damos "in extenso" este magnífico trabajo, con ayuda del cual el lector podrá apreciar el paralelismo entre las conclusiones de aquel autor y las nuestras (obtenidas por senderos muy distintos por cierto). Nuestro deseo no es otro, que el de expresar en una breve síntesis el sentido de los arcanos mayores; de lo que se infiere que nuestro trabajo implica una verdadera cosmogonía o estudio de la creación del Universo, más una androgonía o estudio de la creación del hombre, terminando con un ensayo de teogonía o estudio de la creación de Dios.

TEOGONIA

En el origen, el Tarot predica lo ABSOLUTO, indeterminado e indeterminable, el UNO, a la vez consciente e inconsciente, afirmativo y negativo, fuerza y materia, innombrable, incomprendible para el hombre.

La unidad se manifiesta a sí misma mediante tres términos, siendo éstos los más elevados y generales que el entendimiento humano pueda concebir. Dichos términos constituyen el fundamento de todas las teogonías y sirven para explicar ciertos principios invariables, conocidos con nombres muy diversos.

El primero de estos términos simboliza la actividad absoluta en sus diversas acepciones, el origen de cualquier movimiento y de toda fuerza masculina creadora: Dios EL PADRE, OSIRIS, BAHAMA, JÚPITER. El segundo término simboliza el pasivo absoluto en todas sus aplicaciones, el origen del reposo, de cualquier fuerza femenina conservadora (es el principio húmedo de la naturaleza así como el primero constituía el ígneo): Dios EL HIJO, Isis, VICHNOU, JUNO. El término tercero es el más importante de todos, pues es el que sintetiza los anteriores en una sola unidad; por lo tanto, nuestro estudio debería haber comenzado por éste (dado que ningún ser puede ser concebido si no es en forma sintética, y el tercer término es precisamente el origen de toda síntesis); es la unión absoluta en todas sus diversas acepciones, el origen de toda realidad, de todo equilibrio, de cualquier fuerza equilibrante y transformadora; es el principio mercurial de la naturaleza que equilibra a los dos anteriores: Dios EL ESPÍRITU SANTO, HORUS, SIVA, VULCANO.

Con el fin de aclarar lo que sigue, formularemos algunas observaciones de importancia.

Hemos dicho ya que no es posible concebir ser alguno si no es desde el punto de vista sintético. Explicaremos nuestro pensamiento. Tomemos como ejemplo la definición de Saint Martin: "Hay que explicar a la naturaleza por el hombre y no al hombre por la naturaleza".

Sintéticamente considerado, el hombre se compone de un cuerpo que contiene un alma, y su característica es la movilidad. Si tratamos de imaginarnos este cuerpo aislado del alma y, en consecuencia, sin movimiento, la realidad desaparece de inmediato; ya no es un hombre lo que tenemos por delante sino un fantasma (que podemos analizar y estudiar en sus partes diversas, pero cuya realidad ha quedado inhibida por falta de una idea sintética). Lo mismo ocurrirá al querer abstraer el alma del cuerpo que la aprisiona. Imaginar la vida como independiente de su recipiente es crear una ficción metafísica sin explicación posible. Este es precisamente el argumento usado por los materialistas en contra de los idealistas intransigentes.

La dificultad aumenta cuando nos referimos al principio que obra en este cuerpo: la voluntad, el alma. El análisis no aportaría mayores beneficios, pues resultaría punto

menos que imposible concebir el alma fuera de su envoltura física. Podremos imaginárnosla como una pequeña bola, como una cabeza alada, pero nunca tal como ella es considerada individualmente.

Pero si decimos: Un hombre, de inmediato los tres términos que lo constituyen se objetivarán en nuestra mente, pues expresarán una realidad, un ser compuesto de cuerpo, vida y voluntad. Esta síntesis, en virtud de la cual se alcanza la existencia y la realidad es la característica del tercer término. Wronski llama a este término elemento neutro y lo sitúa en el origen de todos sus estudios.

De todo esto resulta que la trinidad formada por los tres términos ya considerados debe ser entendida bajo dos aspectos:

1º Primeramente hay que descubrir la síntesis de esta trinidad, síntesis que constituye la razón de ser de su realidad. El tercer término (Dios el Espíritu Santo) resume en sí estas condiciones;

2º Luego hay que analizar esta síntesis descomponiéndola en sus tres términos constitutivos y determinando la existencia de los dos términos opuestos: activo y pasivo, positivo y negativo. No hay que olvidar que en el transcurso de este análisis la realidad del ser así fraccionado queda destruida.

En consecuencia, cualquier realidad que podamos imaginar se hallará compuesta de tres términos, los cuales se resumen en un todo único. Esta verdad halla su justa aplicación tanto en lo físico como en lo metafísico- Los trabajos de Louis Luca sobre la física y la química, los de Wronski sobre las matemáticas representan un argumento irresistible en contra de los que piensan que un principio filosófico no es otra cosa que una fantasmagoría inútil.

El tercer término de nuestra serie teogónica o Dios el Espíritu Santo, representa por lo tanto el cuerpo total de Dios, el cual puede analizarse del modo siguiente:

DIOS EL ESPÍRITU SANTO



Para resumir cuanto hemos estudiado hasta aquí, puntualizaremos las enseñanzas que se infieren de su contenido:

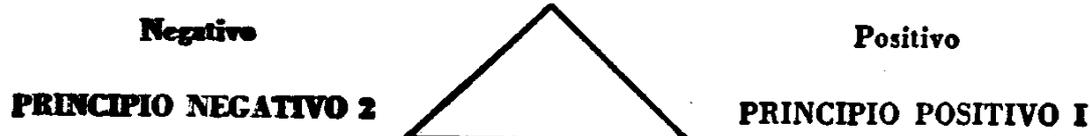
1º Un principio indeterminable e innombrable que nos conformamos con afirmar.

2º El análisis de este principio sintético se presenta con la forma de una trinidad, constituida del siguiente modo:

Neutro

∞

DIOS EL ESPÍRITU SANTO



Usando una imagen vulgar pero muy sugestiva, podríamos decir:

Según el Tarot, la constitución de Dios se define así:

El espíritu de Dios o Dios el padre.

El alma de Dios o Dios el hijo.

El cuerpo de Dios o Dios el Espíritu Santo¹.

Nos queda ahora por demostrar que las conclusiones del Tarot son idénticas a las obtenidas por todos aquellos autores que se han ocupado de estas cuestiones, como asimismo con todas las teogonías de la antigüedad.

1º PRINCIPALES AUTORES QUE SE HAN OCUPADO DEL ASUNTO

De entre los autores que se han dedicado al estudio de los primeros principios, elegiremos dos escritores, los cuales, partiendo de puntos de vista opuestos, arriban a conclusiones iguales a las del Tarot. Son éstos: Lacuria y Wronski.

¹ El término Espíritu está tomado aquí en el sentido de: Principio superior y creador; alma en el sentido de: Principio intermedio y animador. Ambos términos no coinciden con las interpretaciones dadas por otros autores.

F. G. LACURIA

En su libro sobre las "Armonías del ser expresadas por los números", este eminente autor parte, en sus deducciones, de tres vocablos citados por San Juan: VITA, VERBUM, LUX. Analiza cada uno de estos términos, establece sus relaciones con la trinidad de los cristianos y determina los elementos que la integran.

He aquí la Trinidad: el padre, que es vida o inmensidad; el hijo, que es verbo o forma y distinción o variedad; el Espíritu Santo, que es luz y amor o unidad. Estas tres personas son un solo Dios, y su unidad está no solamente en el hecho eterno de su existencia, sino en la esencia misma de las cosas puesto que el pensamiento no puede separarlas; no puede concebirse uno sin el otro.

En su origen, el ser se halla indeterminado, mas se distingue del No SER; reconoce que es el ser, y estos dos puntos de vista, produce por su unión LA CONCIENCIA que es también luz o armonía.

+	—
EL SER	EL NO SER
El Padre	El Hijo
La vida	El Verbo



LA CONCIENCIA

El Espíritu Santo

La Luz

Primer principio de Lacuria.

HENE WRONSKY

Este autor nos interesa particularmente, no solamente porque sus conclusiones concuerdan con las del Tarot, sino también porque las vuelve más comprensibles. Escuchémoslo: (Apodíctica, p. 5.)

"Así la realidad del absoluto, la realidad en sí misma, o la realidad en general, es, incuestionablemente, la primera determinación de la esencia misma del absoluto; y, en consecuencia, el principio primero de la razón (sin la cual, todas estas aserciones carecerían de valor). Y es sobre este principio fundamental de la razón, sobre esta condición indestructible e indispensable que estableceremos, con igual infalibilidad, la filosofía absoluta.

Digamos, ante todo, que esta realidad del absoluto —que acabamos de reconocer en su aspecto más profundo— se produce, es decir, se crea a sí misma; pues, como lo hemos asentado irrevocablemente, el absoluto (este término indispensable de la razón) es aquello que es por sí mismo. Por lo tanto, esta autogeneración, esta autogenia de la realidad del absoluto, esta autocreación, es, manifiestamente, una segunda determinación de la esencia misma del absoluto, y la condición en virtud de la cual puede manifestarse esta determinación constituye la facultad que designa con el nombre de saber.

Vemos entonces que el segundo atributo esencial del absoluto es el SABER —esta facultad primordial que es la condición de toda creación, mejor dicho, que es la misma facultad creadora— la cual, elevada a su máxima potencia, tal como acabamos de reconocerla, es —si así puede decirse— el instrumento de la autogenia, esto es la facultad de la autocreación. Encontramos, por lo tanto, en el saber, elevado a su más alta potencia creadora, el segundo principio de la razón, el cual resulta tan infalible como el del absoluto hallado anteriormente.

A continuación, considerando que en su esencia, la resultante necesaria del saber del absoluto es una FIJEZA PERMANENTE (puesto que "si es por sí mismo" el absoluto no podría ser diferente de lo que es) se concebirá que esta fijeza permanente en la realidad del absoluto (que es precisamente su autotesis) constituye una tercera determinación de la propia esencia del absoluto; deduciéndose en consecuencia de esta fijeza, de esta permanente invariabilidad, de este si mismo inalterable, la condición de la realidad que designamos con el nombre de ser.

Encontramos así, como tercer atributo del absoluto, el SER: que es la condición de la fijeza en la realidad y, en consecuencia, de su fuerza o autoinalterabilidad, la cual, en lo absoluto, constituye su propia autotesis. En consecuencia, descubrimos en el ser, considerado en la proximidad de su origen autotético, el tercer principio de la razón, el absoluto, del cual lo hemos, deducido.

Con esto poseemos ya los tres principios primeros de la razón, los cuales, como acabamos de verlo, son las tres primeras determinaciones de la esencia misma del absoluto. Además, si consideramos, por una parte, que el saber es el ser (considerándolos en su más amplio sentido), observaremos que se oponen uno al otro al igual que la autogénesis y la autotesis, los cuales traducen sus condiciones esenciales —o como lo son la espontaneidad y la inercia, que expresan sus caracteres—; por otra parte, si ahora se observa que el saber y el ser se hallan neutralizados en toda REALIDAD (considerada en el más amplio sentido) la cual, según la deducción que acabamos de proponer, constituye el principio fundamental de la razón —su base primitiva— se concebirá que estos tres principios que acabamos de hallar en la determinación de la esencia del absoluto, son precisamente los tres principios primitivos del saber supremo o de la filosofía.

+	-
EL SABER	EL SER
La Autogénesis	La Autotesis
Principio del Movimiento	Principio de la Fijeza

∞

LA REALIDAD
Principio de la existencia
Principio primero de Wronsky

STANISLAS DE GUAITA

El eminente cabalista ha dedicado al Tarot varios trabajos, compilados bajo el título de "El Templo de Satán o la Clave de la Magia Negra". Se trata de un libro admirable.

TEOGONIA DE DIVERSAS RELIGIONES

Acabamos de mostrar los tres primeros principios del Tarot, en correspondencia con los descubrimientos filosóficos de algunos autores modernos. Bastará con recordar cuanto se ha dicho sobre el arcano primero para hallar igualmente las correspondencias entre las conclusiones obtenidas por Fabre D'Olivet y Claude de Saint Martin. Diremos ahora algunas palabras sobre las relaciones entre las enseñanzas del Tarot y las contenidas en las religiones de diversos pueblos.

TEOGONIA EGIPCIA

Osiris es una emanación del gran ser; se revela mediante tres personas:

Ammon, que manifiesta los modelos arquetípicos de las cosas: es el poder.

Phtha, el demiurgo, eterno obrero que realiza las ideas primitivas: es la sabiduría.

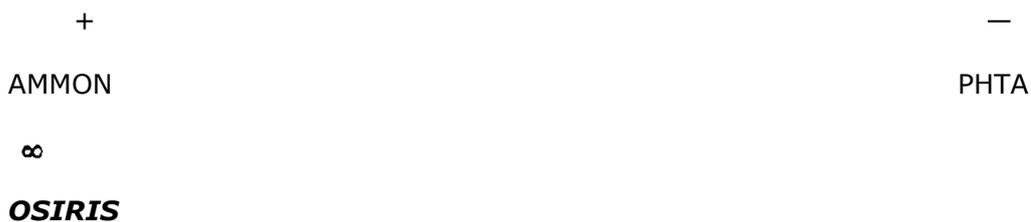
Osiris, el autor del bien, la fuente de toda vida: es la bondad.

"El dios egipcio, cuando se lo considera como la fuerza oculta que revela las cosas, se llama Ammon; cuando es el que realiza las cosas con arte y verdad se llama Phta; en fin cuando actúa como el dios bueno y generoso se le llama Osiris" (Jámblico).

Principio Indeterminable

RA

Trinidad Divina



TEOGONÍA HINDÚ

Principio Indeterminable

PARABRAHM



He aquí además un análisis de esta concepción aplicada a la cosmogonía.

COSMOGONÍA HINDÚ PRIMITIVA SEGÚN EL RIG-VEDA

"No había ser ni no ser, ni éter, ni esta tienda del cielo; nada desarrollándose ni desarrollado. No había muerte ni inmortalidad; nada separaba la noche oscura del día luminoso. Mas aquél, ÉL, respiraba solamente con AQUEL de quien sostiene la vida en su seno. Fuera de él nada existía que después haya existido. Las tinieblas lo cubrían, semejante a un océano que nada alumbraba. Este Universo era distinto, como los fluidos mezclados con las aguas; mas esta masa que estaba cubierta por una corteza, fue, al fin, organizada por el poder de la contemplación.

En su inteligencia se formó el primer deseo; y resultó ser la simiente productiva originaria. Esta simiente productiva se transformó en la providencia o alma sensible; y materia o elemento, ELLA que es sostenida por él en su seno, fue la parte inferior, y ÉL que observa fue la parte superior. ¿Quién conoce exactamente y quién podría afirmar, en este mundo, de dónde y cómo esta creación ha tenido lugar?... Los dioses son posteriores a esta creación del mundo."

TEOGONÍA CABALÍSTICA

Principio Indeterminable

AIN SOPH

El Absoluto

Trinidad divina

+

CHOCMAH

La Sabiduría absoluta
Inteligencia absoluta

-

BINAH

La

∞

KETHER

La potencia equilibrada absoluta

Podríamos llevar más lejos estas comparaciones, mas sería inútil alargar desmesuradamente nuestro estudio. El lector curioso podrá consultar por sí mismo los resúmenes de las teogonias antiguas y ver la concordancia universal de los principios primitivos en todas las religiones. Nos basta con haber determinado la universalidad de nuestros tres primeros principios, que nombraremos, con los cristianos, para ser mejor entendidos:

+

DIOS EL PADRE

-

DIOS EL HUO

∞

DIOS EL ESPÍRITU SANTO

Una vez terminados estos principios, los veremos inmediatamente en acción en el curso de la creación.

El primer principio había revelado su existencia en el segundo, llamado por los cristianos: el hijo. En fin, estos dos principios se corporizan en el tercero. He aquí por qué hemos denominado hace un instante al Espíritu Santo: cuerpo de Dios.

Ahora bien; la misma ley de creación, obrando sobre las relaciones del primer principio con el segundo, va a manifestarse en la acción del primer ternario sobre sí mismo, para dar nacimiento a la Trinidad siguiente. Dios el padre, principio de la voluntad, se refleja todo entero sobre el rudo Adán, principio del poder; Dios el hijo, principio de la inteligencia se refleja en la graciosa Eva, principio de la autoridad. En fin Dios total, o Dios el Espíritu Santo, da cuerpo a esas dos unidades místicas y las hace una realidad en la creación equilibrada de Adán-Eva o de la HUMANIDAD.

La "humanidad", imagen del "amor", contiene también en ella un principio rudo y astringente (diría Jacobo Boehm) y un principio suave e insinuante. El primero de estos principios, simbolizado por Adán, es el origen de la fuerza brutal, del poder en todas sus manifestaciones. El segundo, simbolizado por Eva, es el origen de la gracia femenina, de la autoridad. Hemos visto que el poder y la autoridad se equilibran en el amor.

Cada hombre, molécula reflejada de la humanidad, está hecho a su imagen; contiene en él un Adán, fuente de la voluntad: es el cerebro; una Eva, fuente de la inteligencia, es el corazón; y debe equilibrar el corazón por el cerebro y el cerebro por el corazón, para ser un centro de amor divino.

Lo mismo puede decirse del hombre y de la mujer, los que representan igualmente a Adán y Eva. Mas así como el padre y el hijo se han vuelto realidades en el Espíritu Santo; lo mismo que Adán y Eva han tomado cuerpo en la humanidad; lo mismo el tercer ternario va a tomar nacimiento de la acción recíproca de los otros dos.

La NATURA NATURANTE o creadora surgirá de la acción y de la reacción recíproca de Dios el padre y de Adán. (Los principios creadores, respectivamente activo y pasivo.) Nace así el fluido universal creador o la vida universal, equilibrando y realizando la inteligencia y la autoridad, que define sus propias cualidades. En fin, el Espíritu Santo y la humanidad, el cuerpo divino y el cuerpo humano, van a unirse y a manifestarse eternamente en el UNIVERSO VIVIENTE, fuente de la atracción universal.

Y así como el Espíritu Santo era el cuerpo de Dios, el hijo su alma y el padre su Espíritu; así como la humanidad era el cuerpo de Adán, Eva su vida o alma, y Adán su Espíritu, así también:

El Universo es el cuerpo de Dios.

La humanidad es el alma de Dios.

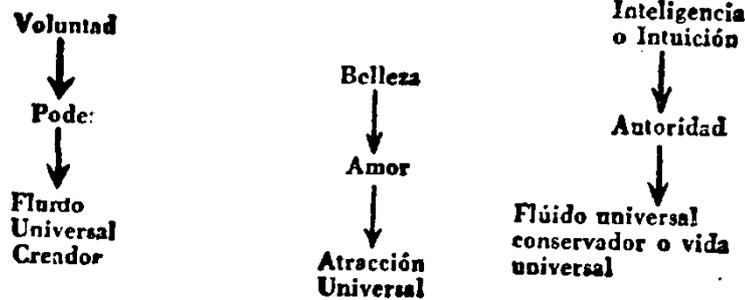
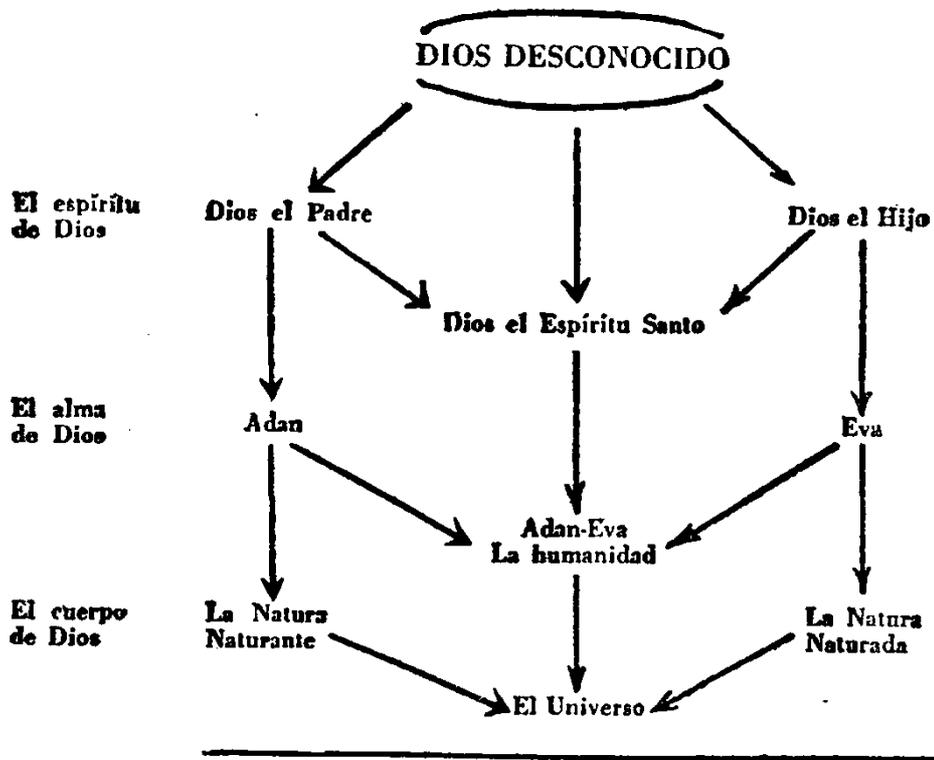
Dios es su propio espíritu.

Comprobamos así la opinión de los panteístas cuando definen a Dios como la reunión del Universo, pero comprobamos igualmente el error que cometen cuando le niegan toda conciencia propia. Así como la conciencia del hombre es independiente de los millones de células que constituyen su cuerpo, así también la conciencia de Dios es independiente de las moléculas del Universo y del hombre, que constituyen su cuerpo y su alma. Se podría destruir una parte del Universo sin disminuir en lo más mínimo la personalidad divina, del mismo modo que se pueden cortar los cuatro miembros a un hombre sin que por esto deje de tener conciencia de la integralidad de su persona. He aquí por qué las conclusiones de Schopenhauer y de Hartmann son en parte erróneas.

Antes de abandonar nuestro estudio admiremos una vez más ese libro maravilloso, ese libro simbólico denominado Tarot, que así define a Dios.

Dios es el absoluto, cuya esencia es impenetrable, cuyo cuerpo es el Universo, la humanidad su alma y su espíritu él mismo.

TEOGONIA



ANDROGONÍA

Cada hombre contiene un Adán —fuente de la voluntad— es el cerebro; una Eva —fuente de la inteligencia— es el corazón, y debe equilibrar el corazón por el cerebro y el cerebro por el corazón para transformarse en un centro de amor divino.

En la humanidad, principio realizador pasivo de Dios, en cuanto tal, el padre y el hijo divinos se hallan representados por el hombre. El hombre ejerciendo las funciones de Dios el creador, es el PADRE; la mujer ejerciendo las funciones de Dios el conservador es la MADRE; en fin el AMOR HUMANO realiza la divinidad total

en la humanidad. La familia humana es, por lo tanto, la representación de la divinidad sobre la tierra. Es precisamente lo que nos enseña el Tarot, mediante los arcanos menores (rey o el padre, dama o la madre, caballero u hombre joven y valet o niño). Es también lo que la ciencia antigua había comprendido, cuando establecía su organización entera sobre la familia, en vez de hacerlo sobre el individuo, tal como ocurre en nuestros días.

Si la China venerable mantiene todavía en pie, desde hace muchos siglos, su organización social, es porque la fundamentó en la familia.

El ternario humano tiene como característica: Adán, la necesidad —imagen y reflejo de la voluntad y el poder—; Eva, la libertad —imagen y reflejo de la inteligencia y de la autoridad—; y Adán y Eva, la caridad —imagen y reflejo del amor y de la belleza— que aporta los términos constitutivos.

LA REALIZACIÓN, LA JUSTICIA equilibrada por la prudencia, revela la constitución moral del hombre, mientras que la LUZ ASTRAL POSITIVA (OD), la LUZ ASTRAL NEGATIVA (OB) y el FLUIDO ASTRAL EQUILIBRADO (AOUR) muestra el origen de su constitución física.

La potencia mágica, el coraje y la esperanza manifiestan las cualidades morales del hombre, mientras que la fuerza en potencia de manifestación, la vida reflejada y la fuerza equilibrada indican la influencia del Universo en él.

Así, la ley que gobierna todas estas manifestaciones de Dios en la serie de sus creaciones es la emanación. Del centro único pero insondable, emana a continuación una trinidad de principios absolutos, que servirá de modelo a todas las emanaciones posteriores del ser principio. Cada uno de los elementos de esta trinidad se manifiesta por dos grandes emanaciones, las que son su fuente original; del primer principio o el padre emana sucesivamente Adán y la naturaleza creadora (naturante, según Spinoza) ; del segundo principio emana Eva y la naturaleza naturada o receptriz; en fin el principio tercero o Espíritu Santo sirve de modelo a la constitución idéntica de Adán-Eva, o la humanidad y el Universo.

Es así como el ternario emanado de la unidad misteriosa constituye a renglón seguido un septenario formado por las diversas emanaciones de estos tres principios, tal como los siete colores de la gama luminosa formado por la combinación de los tres colores fundamentales, emanados ellos mismos de la única luz, y de las siete notas de la gama musical constituidas por la trinidad fundamental de los sonidos.

El septenario, "formado por dos ternarios en el medio de los cuales se contiene la unidad" (Sepher Jesirah), es, en consecuencia, la expresión cabal de un ser totalmente constituido. Es precisamente lo que demuestra la teosofía hindú, mediante los siete principios del hombre y los siete principios del Universo.

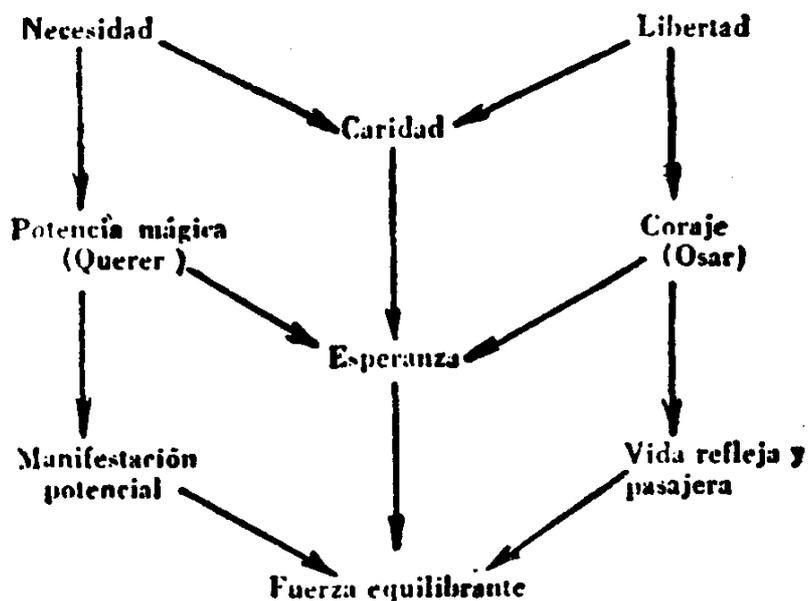
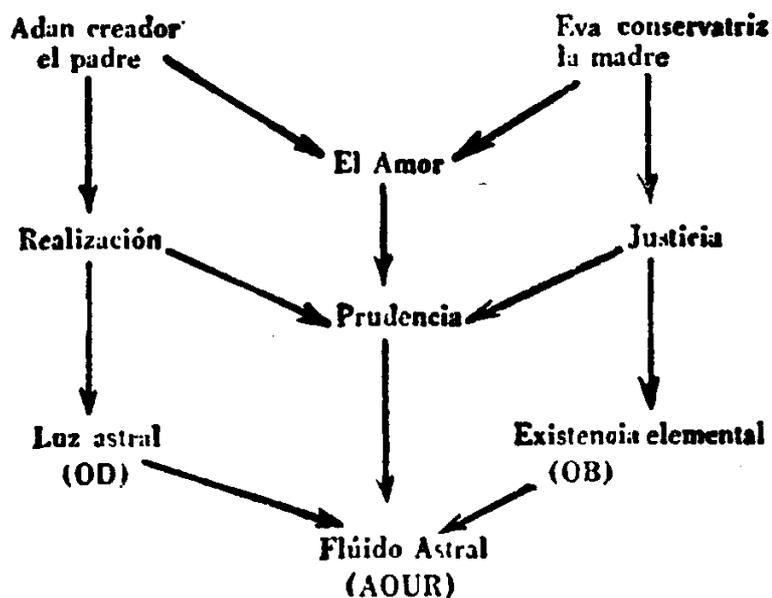
Concluimos nuestro estudio sobre el hombre mostrando su constitución según el Tarot, el cual demuestra que su cuerpo viene del Universo, su alma del plano astral y su espíritu de Dios.

ANDROGONÍA

El espíritu
del hombre
(intelectual)

El alma
del hombre
(moral)

El cuerpo
del hombre
no materializado
(físico)



COSMOGONÍA

A medida que descendemos por la escala de las emanaciones del ser absoluto, los principios se materializan cada vez más y, en consecuencia, resultan menos metafísicos. El Tarot nos enseña que el Universo es el resultado de la participación de lo humano en los actos creadores de lo divino; profundo misterio que alumbra vivamente las teorías teológicas de la caída. Jacob Boëhm, el sublime cordelero visionario y Claude de Saint Martin —su admirador y discípulo— dan a este respecto algunas explicaciones, fáciles de comprender mediante el Tarot. El investigador suficientemente curioso como para tomarse el trabajo de comprobar este aserto, quedará sorprendido de las correspondencias que hallará.

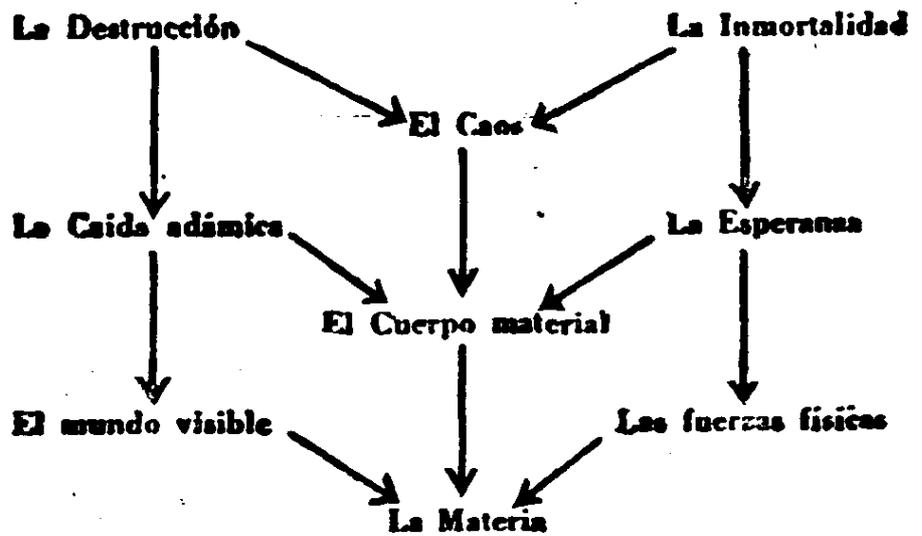
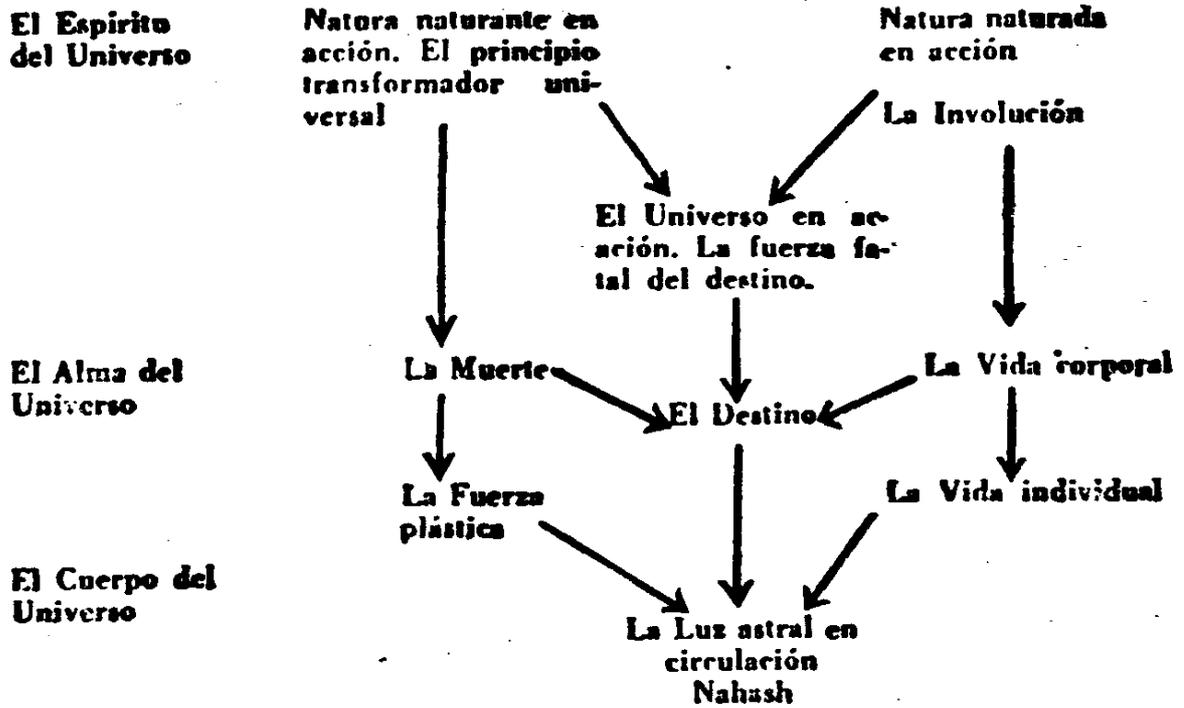
Dios se manifiesta en el Universo mediante la tercera emanación ternaria: la naturaleza naturante, realizada en el PRINCIPIO TRANSFORMADOR UNIVERSAL; la naturaleza naturada realizada en la INVOLUCIÓN, y, en fin, en esa misteriosa fuerza cíclica que hemos analizado al estudiar el arcano 15 y que denominaremos: la FUERZA FATAL DEL DESTINO. Este es el Dios adorado por la ciencia materialista, y se ve que en su ignorancia, ofrece sus homenajes a la propia divinidad —en la forma más materialista— creyéndose, no obstante, profundamente atea.

LA MUERTE, LA VIDA CORPORAL y EL DESTINO que regula sus relaciones recíprocas, constituirán los principios conservadores del Universo; en fin, la FUERZA PLÁSTICA, la VIDA INDIVIDUAL y la LUZ ASTRAL EN CIRCULACIÓN nos mostrará los medios de transformación y de realización utilizados por el Cosmos.

Mas éstos son principios abstractos; si deseamos verlos en acción consideremos el ternario siguiente. El principio transformador universal revela su existencia por la DESTRUCCIÓN de los seres y de las cosas; más de inmediato el principio opuesto por la involución, INMORTALIZA la destrucción por el influjo de las nuevas corrientes divinas en el caos. Así también, Adán, se materializa por LA CAÍDA de su espíritu en la materia, fuente de la MUERTE; mas la vida corporal, fuente de la esperanza, nace y concede los medios de rescatar la falta por el sufrimiento del CUERPO MATERIAL. Por último aparece la propia materia, último término de la involución, después de la cual comenzará la grandiosa evolución hacia el centro primitivo.

Creemos inútil manifestar que solamente hemos querido describir a grandes rasgos las enseñanzas del Tarot respecto de la teogonía, la androgonía y la cosmogonía, sin entrar en mayores detalles. Se trata de un asunto demasiado grave; muy lejos de nosotros la intención de aparecer ni siquiera como un mero comentador de tan profunda metafísica.

COSMOGONÍA



Resumiendo ahora la involución de los tres grandes principios:

de Dios EL PADRE emanaron sucesivamente:

ADÁN	LA VOLUNTAD
LA NATURALEZA	EL PODER
NATURANTE	EL FLUIDO UNIVERSAL
después sus formas	CREADOR

Adán realizado en el padre ha producido la realización y la luz astral, mientras que la voluntad se realizaba en la necesidad, el poder en la potencia mágica y el fluido universal creador en la fuerza en potencia de manifestación.

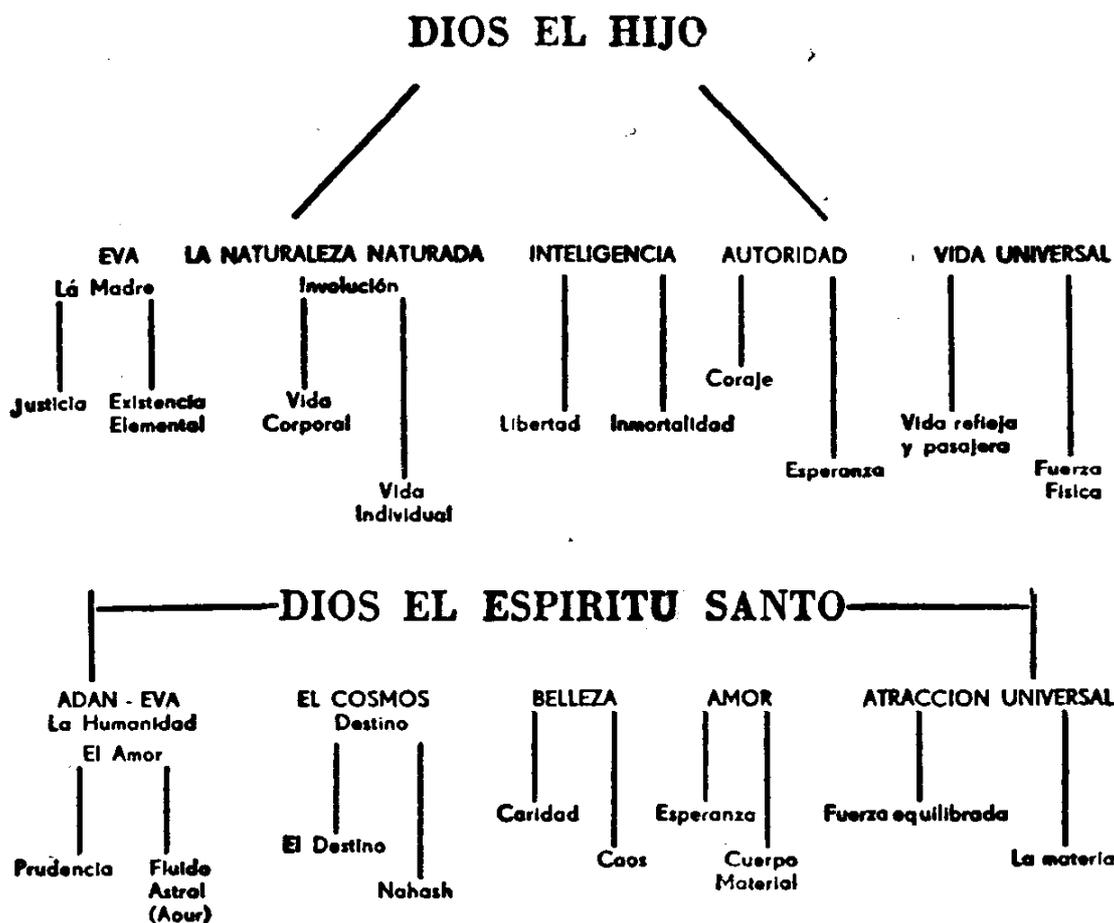
La naturaleza naturante realizada en el principio transformador universal a producido la muerte y la fuerza plástica universal con sus formas: la destrucción, la caída adámica y el mundo visible. He aquí los principios emanados del padre y que lo representan:

Resumámolos en un cuadro.



Los otros dos cuadros, contruidos siguiendo el mismo plan, dan la emanación de los otros dos principios del primer ternario.

Hemos consignado en la introducción al estudio del simbolismo un cuadro cifrado que permitía determinar de inmediato el sentido de una lámina cualquiera del Tarot.



Apliquemos ahora cuanto hemos señalado respecto al simbolismo de cada una de las láminas y construiremos de esta manera el resumen general del simbolismo de los arcanos mayores.

El cuadro así formado nos dará el sentido de todos nuestros principios, cualquiera que éste sea, he aquí cómo:

USO DEL CUADRO

1º Buscad en la columna horizontal, a la izquierda del principio considerado, el sentido que se halla anotado.

2º Conocido que sea este sentido, volved a vuestro principio y buscad en la columna vertical, debajo, el gran principio (Dios, hombre o Universo) allí indicado.

3º Combinad el sentido obtenido anteriormente con el nombre situado en la columna Vertical, añadiendo a continuación la palabra (el mismo o manifestado) escrito en la columna vertical que contiene el principio cuyo sentido buscáis.

Un ejemplo servirá para aclarar las ideas.

Propongámonos determinar el sentido de LA MADRE:

Primer término del arcano 8.

1º Busco en la columna horizontal el nombre MADRE, y encuentro en la primera columna vertical la siguiente leyenda:

Principio conservador activo.

La madre es el principio conservador activo; ¿de qué?

2º Para saberlo, busco en la columna vertical en la que se halla escrito el nombre MADRE, y al final de la columna hallo la inscripción hombre o humanidad.

La madre es el principio conservador de la humanidad.

3º Añado entonces el nombre humanidad el que se halla situado en la pequeña columna vertical que contiene la palabra MADRE; leo:

Él mismo, tratándose del hombre, o ella misma si nos referimos a la humanidad. Diremos entonces:

La madre es el principio conservador activo del hombre (él mismo) o de la humanidad (ella misma).

Este ejemplo explica claramente el uso del cuadro en cuestión.

RESUMEN DEL SIMBOLISMO DE LOS ARCANOS MAYORES

Principio creador Activo (iod)	Dios el Padre	Voluntad	El Padre	Necesidad	Principio Universal transformador.	La Destrucción	Los Elementos
Principio creador Pasivo (he)	Adón	4 Poder	7 Realización	Potencia mágica 10	La Muerte 13	La Caída adánica.	La Nutrición 19
Principio creador Equilibrante (vau)	La Naturaleza naturante.	Fluido Universal creador.	Luz astral	La Fuerza en Potencia de manifestación.	La Fuerza plástica universal.	El Mundo visible.	El Reino mineral
Principio conservador Activo (iod)	Dios el Hijo	Inteligencia	La Madre	La Libertad	La Involución	La Inmortalidad	El auto movimiento.
Principio conservador Pasivo (he)	Eva	5 Autoridad	8 Justicia	El Coraje (OSAR) 11	La Vida 14	La Esperanza 17	La Respiración 20
Principio conservador Equilibrante (vau)	La Naturaleza naturada.	La Vida Universal.	Existencia elemental.	La Vida refleja y pasajera.	La Vida individual.	La Fuerza física	El Reino vegetal
Principio realizador Activo (iod)	Espíritu Santo	Belleza	Amor	Caridad	El Destino	El Caos	El Movimiento de duración relativo.
Principio realizador Pasivo (he)	Adón-Eva, La Humanidad.	Amor 6	Prudencia CALLAR 9	Esperanza (SABER) 12	Lo Destinado 15	El Cuerpo material. 18	La Inervación 9
Principio realizador Equilibrante (vau)	El Cosmos.	Atracción Universal.	Fluido Astral (AOUR)	Fuerza Equilibrante.	Nahash, Luz astral en circulación.	La Materia	El Reino animal
	El mismo (iod) + DIOS	Manifestado	El mismo (he) + EL HOMBRE LA HUMANIDAD	Manifestado	El mismo (vau) + EL UNIVERSO	Manifestado	Regreso a (he) la unidad.

CUADRO QUE INDICA EN CIFRAS LAS REVOLUCIONES DE IOD HE VAU HE (ARCANO POSITIVO)

(iod - 1, hé - 2, vau - 3, hé - 4)

CLAVE DEL CUADRO ANTERIOR

	1		2		3		4	
	1		2		3		4	
	2	de 1 en 1	3	de 1 en 2	4	de 1 en 3	1	de 1 en 4
	3		4		1		2	
I 1	4	VII	1	XIII	2	XIX	3	
	1		2		3		4	
	2	de 2 en 1	3	de 2 en 2	4	de 2 en 3	1	de 2 en 4
	3		4		1		2	
II 2	4	VIII	1	XIV	2	XX	3	
	1		2		3		4	
	2	de 3 en 1	3	de 3 en 2	4	de 3 en 3	1	de 3 en 4
	3		4		1		2	
III 3	4	IX	1	XV	2	XXI	3	
	1		2		3		4	
	2	de 4 en 1	3	de 4 en 2	4	de 4 en 3	1	de 4 en 4
	3		4		1		2	
IV 4	4	X	1	XVI	2	XXII	3	

TERCERA PARTE

APLICACIONES DEL TAROT

A la memoria de mi maestro espiritual, NIZIER PHILLIPE, De Lyon.

Al teósofo AMARAVELLA.

CAPÍTULO XV

El principio y la forma — La vigésimoprimer lámina del Tarot es una figura principal — El Tarot — El año — El día — La vida humana — El Tarot filosófico: Relaciones entre el Tarot y el arqueómetro de Saint-Yves D'Alveydne.

CLAVE GENERAL DE LAS APLICACIONES DEL TAROT

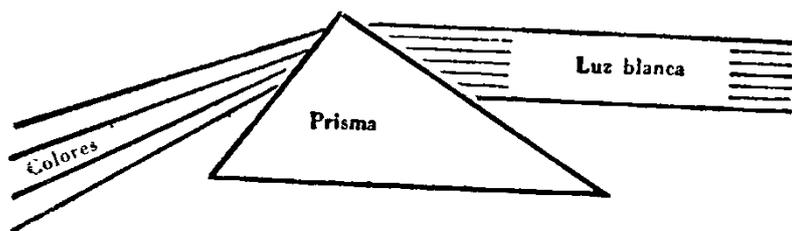
Hemos visto que la vigésimoprimer lámina del Tarot daba la clave de toda la construcción del Tarot. No para aquí, sin embargo, la utilidad de este arcano; veremos, en efecto, que constituye la clave de todas las aplicaciones del Tarot.

Creemos oportuno añadir algunas explicaciones para mostrar cómo una figura simbólica puede aplicarse, sin sufrir la más mínima alteración, a concepciones de orden muy diferente. Tomemos un ejemplo muy simple, elegido entre los que nos ofrece la ciencia experimental, y apliquemos a su estudio el método analógico. Sea el de representar el fenómeno, bien conocido, de la descomposición de la luz blanca mediante el prisma.

En el centro dibujamos el prisma, representado por una figura triangular; a un lado de este prisma llega la luz blanca, figurada por un haz paralelo; del otro surgen los colores, figurados por la refracción de los haces más o menos oblicuos.

Las palabras prisma, luz blanca y colores, resumen todas las facetas del fenómeno.

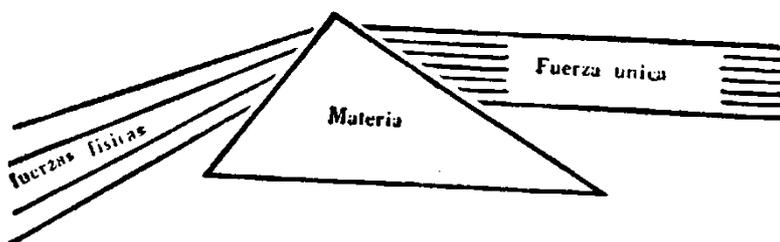
Si ahora reflexionamos que, después de todo, no se trata aquí más que de una fuerza general (luz blanca) que sufre diversos cambios, en proporción a la cantidad de materia sobre la cual obra (espesor del prisma), arribaremos fácilmente a una nueva concepción de la figura.



En efecto, los trabajos de Luis Lucas, inconscientemente utilizados por los sabios contemporáneos, demuestran acabadamente la unidad de las fuerzas operantes en la naturaleza. Las fuerzas físicas llamadas calor, luz o electricidad, no son otra cosa que la manifestación de esta fuerza única modificada en proporción a las cantidades de materia con la cual entra en contacto.

Así la luz blanca, en contacto directo con una espesa base del prisma, emerge violeta, así también, la fuerza única, en contacto con suficiente materia, emerge calor, y si la cantidad de materia es menor emerge como luz o electricidad.

Podemos representar este nuevo fenómeno sin alterar en lo más mínimo la figura anterior; lo único que cambiarán serán los nombres:

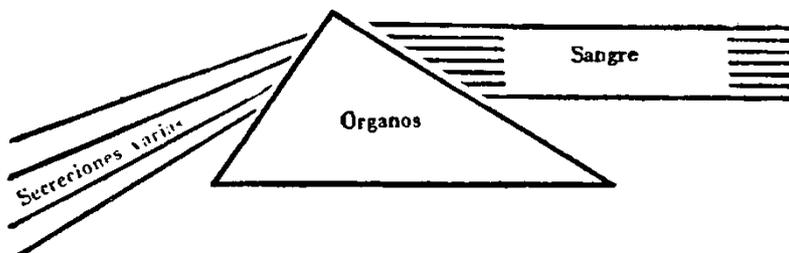


Así las diferentes cantidades de materia están representadas por los diferentes espesores del prisma, la fuerza única (correspondiente a la luz blanca) por el haz paralelo, y las diversas fuerzas físicas (correspondientes a los diversos colores) por el haz refractado.

Si ahora se nos objeta que ambos ejemplos pertenecen al dominio de la física y que esto no es suficiente para generalizar un fenómeno, responderemos con este último punto de vista obtenido de la fisiología. La fisiología nos enseña que todos los órganos obran por la influencia de la sangre. La sangre obrando sobre las glándulas salivales producirá la saliva, obrando sobre las glándulas del estómago producirá el jugo gástrico, obrando sobre el hígado producirá, en determinados casos, la bilis, etc. Resumiendo, el fenómeno fisiológico se reduce a un agente único (la sangre) obrando sobre los distintos órganos (glándulas salivales, estómago, hígado) del que resultan otros fenómenos (saliva, jugo gástrico, bilis). Ahora bien, ¿no podríamos representar exactamente a los diferentes órganos por los diversos espesores del

prisma? ¿Y las diferentes transformaciones de la fuerza única por los rayos refractados, y la fuerza única por el haz paralelo?

La correspondencia es absoluta y nuestra figura puede aplicarse una vez más con perfecta justeza:

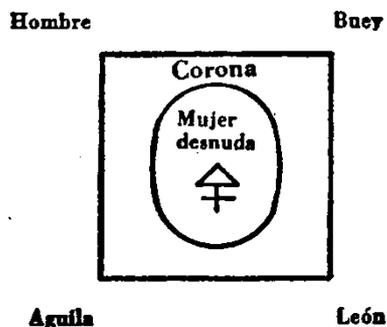


La figura no cambia; solamente la situación de las palabras dentro del esquema es lo que ha cambiado. Tal es la base entera de la ciencia oculta y del método analógico: un principio fijo e invariable (ejemplo, la figura) sobre el cual se aplica sucesivamente diferente orden de fenómenos.

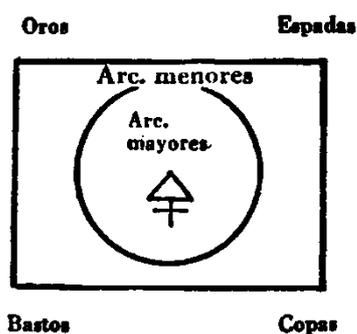
La lámina 22 del Tarot es una figura principio semejante a la del prisma que hemos estudiado y algunos ejemplos sobre sus aplicaciones confirmarán lo que dejamos expuesto. Esta lámina representa, como ya dijimos, los cuatro animales de los evangelistas, situados en los cuatro ángulos de la lámina. En el centro está dibujada una mujer, imagen de la humanidad, y, entre ambos símbolos, una corona de forma elíptica. Esto nos indica que en todas las aplicaciones de esta lámina existen cuatro principios fijos (dado que los cuatro símbolos colocados en los ángulos no pueden girar), además de un cierto número de principios móviles figurados por la rueda, rota, que ocupa el centro de los símbolos.

Esta figura no debe cambiar jamás, puesto que es una figura principio, solamente deben variar los nombres que se le aplique.

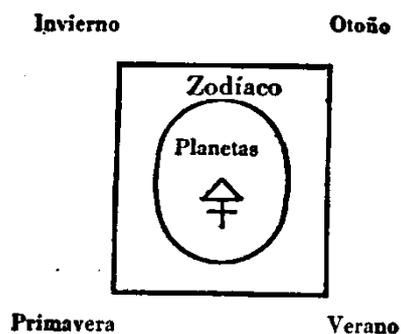
Ya hemos visto los cuatro símbolos siguientes:



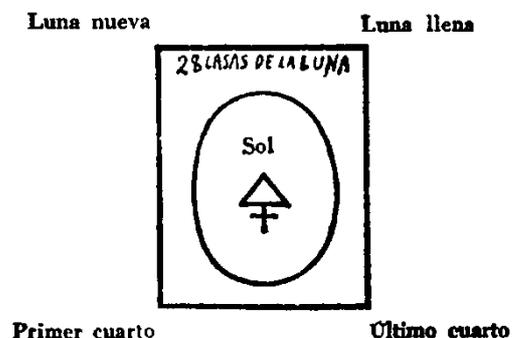
Convertirte en:



Como vemos ningún símbolo ha cambiado, solamente han variado los nombres. Ocurre lo mismo en todas las aplicaciones del Tarot. Así, si hablamos de astronomía, las cuatro figuras representarán las cuatro estaciones: la corona será el zodiaco y la mujer desnuda (Eva) el sistema animador de aquél (los planetas); tendremos entonces:



Lo que nos enseñará la marcha del sol para dar nacimiento al año. ¿Queremos ahora conocer la marcha de la luna para dar nacimiento al mes? Las cuatro estaciones quedarán sustituidas por las cuatro fases lunares, el zodiaco será las 28 casas de la luna y el centro, el sol animador de la luna, así:

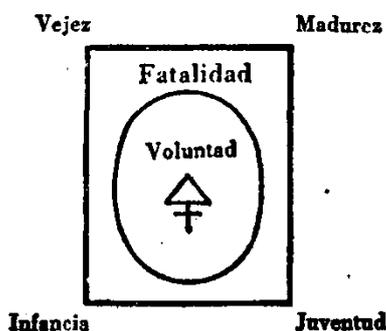


¿Queremos saber el horóscopo para la marcha de un solo día? Nos la dará la figura siguiente:



Es la tierra la que juega el rol cuyo agente era antes la luna en el mes y el sol en el año.

Estos datos astronómicos nos resultan aburridos, estudiemos entonces el círculo de la vida humana y la figura tomará este nuevo aspecto:



Símbolo profundo que nos indica que la voluntad humana es la causa de la fatalidad dentro de la cual se mueve el hombre bajo la influencia del ciclo providencial de las cuatro edades de la vida humana. Si sabemos que la providencia (círculo exterior) obra sobre lo porvenir, la fatalidad (círculo medio), sobre lo pasado y la voluntad humana (círculo interior) sobre el presente, tendremos la base del Tarot adivinatorio.

Pensamos que estos ejemplos son lo suficientemente claros como para evitarnos otros nuevos. Estudiaremos ahora algunas aplicaciones del Tarot, dejando en libertad al lector para imaginar otras aplicaciones de igual interés.

EL TAROT FILOSÓFICO RELACIONES ENTRE EL TAROT Y EL ARQUEÓMETRO DE SAINT YVES

Hasta la fecha ningún autor ha dado la clave de las adaptaciones filosóficas del Tarot. Imitando a nuestros predecesores guardaremos esta clave para la enseñanza oral; mas después de haberlo pensado mejor hemos decidido facilitar a los lectores los elementos necesarios para el manejo del Tarot. Nos está prohibido facilitar otra cosa que algunos elementos. Es más, nosotros que amamos la claridad por encima de todas las cosas, nos veremos obligados a dejar en la oscuridad algunos puntos esenciales.

Que los perezosos nos perdonen, pues para alcanzar la almendra se verán obligados a cascar la dura caparazón que la envuelve. Por lo que se refiere a los laboriosos que no pierdan las esperanzas: tienen marcado su camino, a ellos el trabajo de seguirlo con inteligencia.

El idioma de los misterios, del cual el hebreo es una reproducción, no conoce otro verbo que éste: ser-siendo. Es el único verbo que permite leer los aforismos del Tarot; la clave está en colocarlo donde corresponde.

Además, habrá que dar la adaptación filosófica de los 22 arcanos mayores para comprender exactamente las enseñanzas del libro de Thot.

ADAPTACIÓN FILOSÓFICA DE LOS 22 ARCANOS MAYORES

1. El Principio. La Esencia	El Hombre	Naturaleza naturante
2. La Sustancia	La Mujer	La Naturaleza naturada
3. La Ciencia	La Humanidad	El Cosmos
4. Voluntad	Poder	Fluido creador
5. Inteligencia	Autoridad	Vida Universal
6. Belleza	Amor	Atracción natural

7. El Padre	Realización Victoria	Luz astral
8. La Madre	Justicia	Existencia elemental
9. Amor divino	Prudencia (callar)	Fluido astral
10. El Orden	Fortuna (destino) Potencia mágica	La Fuerza en potencia de manifestación
11. La Libertad	El Coraje (osar)	La vida refleja y pasajer
12. La Prueba	El Sacrificio conciente	La Fuerza equilibrante La Fuerza plástica uni- versal
13. El Principio Transformador	La Muerte	
14. Involución	Temperancia	Vida individual
15. El Destino	La Fatalidad	La encarnación material
El Tiempo	La Fuerza mágica	y su agente
16. Destrucción	Catástrofe	Desequilibrio
Caos		Materialización
17. Inmortalidad	La Esperanza	Las Fuerzas físicas
18. Adversarios	Los El Cuerpo material invisibles	Las Fuerzas ocultas
19. La verdadera luz	La Verdad fecunda	El Reino Mineral El Oro filosófico
20. Renacimiento	Cambio	El Reino Vegetal

moral		La Vida Vegetativa
21. Ruptura de Ceguera moral		La Materia viva
las co- municaciones		
22. El Absoluto	El Triunfo	El Universo equilibrado
	(adquirido por la sabiduría	(Relaciones astronómicas)

Para leer las relaciones del Tarot aconsejamos proceder de la manera siguiente:

1º Juntar dos láminas y leer el sentido indicado sin añadir ni verbo, ni pronombre, ni nombre.

2º Buscar a continuación la lámina que ha de completar el ternario.

3º Leer el sentido revelado añadiendo el verbo. Ejemplo:

Lámina 3ª: Ciencia Lamina 6ª: Belleza

La suma de estas dos láminas nos da (3+6=9); por lo tanto:

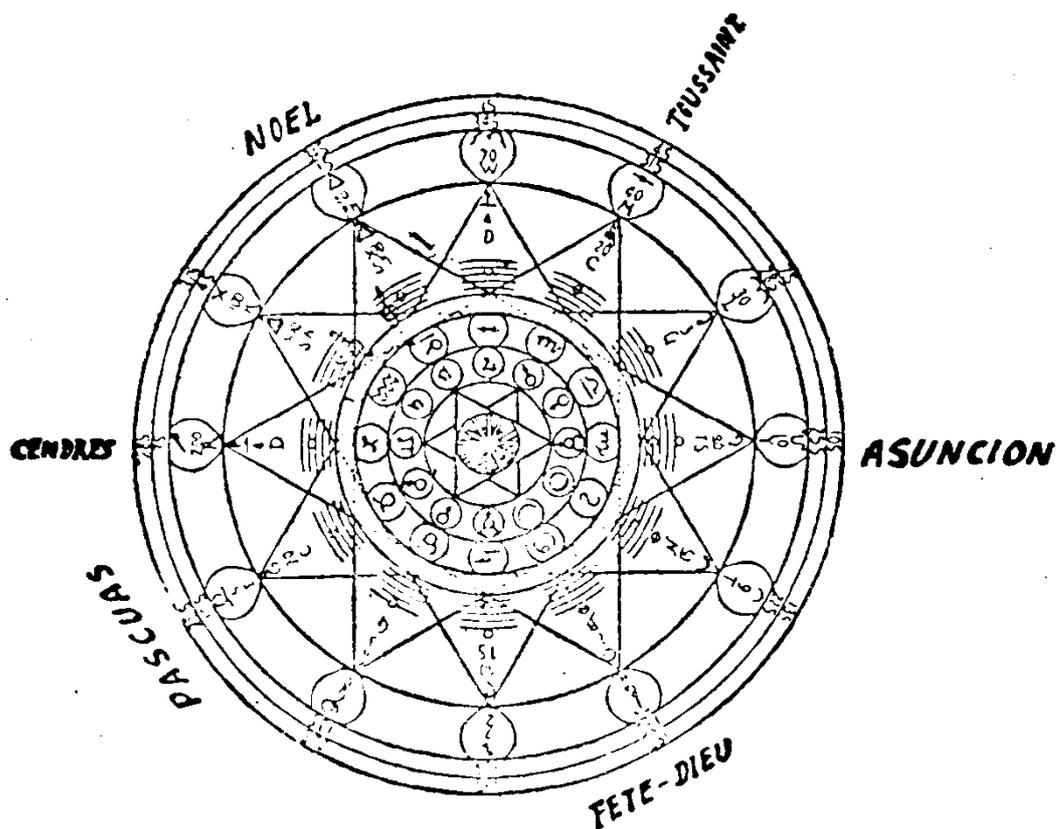
3	6	9
Ciencia	Belleza	Amor divino

Añadiendo la conjunción entre 3 y 6 y el verbo entre 6 y 9, obtendremos el aforismo: La ciencia de la belleza es el amor divino.

La situación del verbo es el secreto del manejo del Tarot. Desplazando el verbo y la conjunción obtendremos un nuevo aforismo:

La ciencia es la belleza del amor divino.

Mas en el manejo de estas relaciones tan sólo debe intervenir el lector. El cuadro de las adaptaciones naturales del Tarot encierra diversos sentidos que deben ser reformados o reconstituidos, pero dado que ello se relaciona con la clave de la gran obra, no podemos ofrecer sino las vagas indicaciones consignadas en este cuadro.



Ejemplo de algunos aforismos filosóficos para ser estudiados y transformados por nuestros lectores.

ARCANOS MAYORES DE TRES EN TRES

7	10	13
La Victoria	de la	es la
	Potencia mágica	Muerte

La clave de este aforismo reside en reemplazar el arcano 13 por el 8 ($10 + 7 = 17 = 8$).

ARCANOS DE CUATRO EN CUATRO

3	7	11
La Ciencia	es el	de la Libertad

Principio creador

ARCANOS DE SIETE EN SIETE

1	8	15
El Hombre	es la Justicia	del Destino

ARCANOS DE DIEZ EN DIEZ

2	12	22
La mujer	es la Potencia mágica	del Abtoluto.realizado

RELACIONES DIVERSAS

13		20		10
La Muerte	es el	cambio	de lo	Destinado

13		4		10
La Muerte	es la	voluntad	del	destino

DEFINICIONES POR CUATRO

3	es la	2	del	20	de las	11
La Naturaleza		Sustancia		Cambio		Fuerzas

ESTUDIO DE UN NUMERO MEDIANTE EL TAROT

4	=	La Voluntad				
1+2+3+4 = 10		La Fortuna		La Rueda cíclica		
El Principio		Sustancia		Ciencia		Voluntad
1		2		3		4
El Hombre		La Mujer		Humanidad		Poder

El Hombre es la Realización del Poder

1 7 4

La naturaleza es la luz astral del Fluido creador naturante

DEFINICIONES DE A TRES CARTAS

1 7 4
El Principio es la Victoria de la Voluntad

1 4 7
El principio es la Voluntad de la Victoria

4 1 7
La Voluntad es el Principio de la Victoria

4 7 1
La Voluntad es la Victoria del Principio

7 4 1
La Victoria es la Voluntad del Principio

7 1 4
La Victoria es el Principio de la Voluntad

$$12/6 = 3$$

12 3 6
El Sacrificio es la Acción del Amor

LOS NOMBRES PROPIOS

Para los nombres se toma en consideración nada más que las láminas.

J	E	A	N
10	5	1	14
El Destino	del Amor	es la Esencia	de la Temperanza

M	A	R	I
El Sacrificio es la Esencia		del Cambio	del Destino
<i>Cartas en los 3 mundos por 1</i>			

1	8	15
El Hombre	es la Justicia	del Destino

15	8	1
El Destino	es la Justicia	del Hombre

por 3

7	10	13
La Victoria	es la Potencia mágica	de la Muerte

13	10	7
La Muerte es el Poder Mágico	de la Victoria	

3	7	11
La Ciencia	es el Padre	de la Libertad

(Principio creador)

12 16 20
La Prueba es el Caos del Renacimiento moral

por 10

2 12 22
La Mujer es la Potencia Mágica del Absoluto realizado

1 11 21
El Hombre es el Coraje del Instinto

TAROT ASTRONÓMICO

20 13 6
Saturno es la Madre de Taurus

2 9 16
La Luna es el Leo de Capricornio

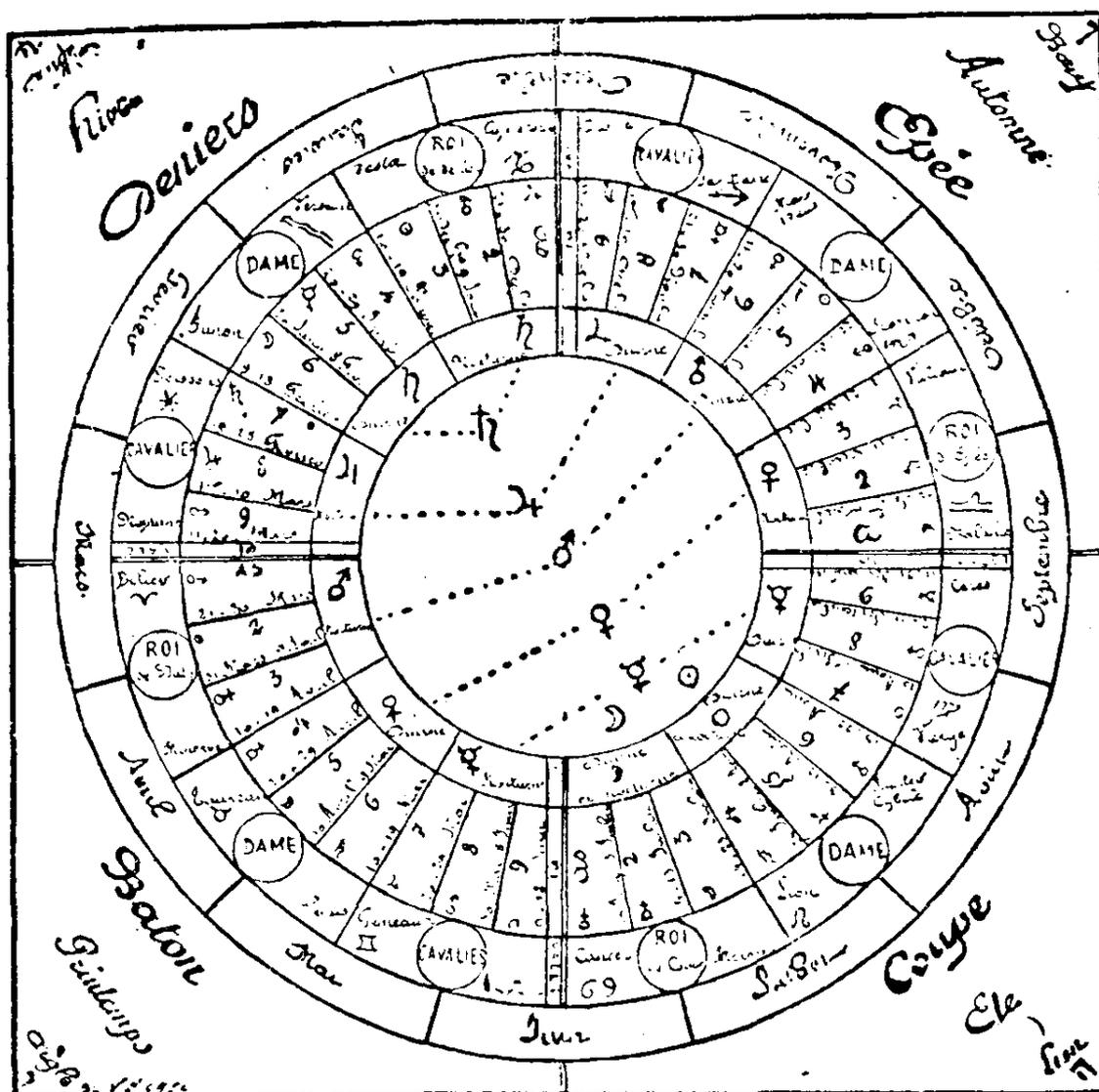
El arqueómetro de Saint-Yves D'Alveydre da la clave de la adaptación de los arcanos mayores. Se hallarán todas las explicaciones útiles en el magnífico volumen sobre el arqueómetro. Diremos solamente que este instrumento de elevada ciencia encierra:

1° Los tres arcanos mayores 1, 15 y 22 (A-S-Th) o también (A-Z-Th) constituyen el centro de los tres círculos de construcción.

2° Los siete arcanos planetarios.

3° Los doce arcanos zodiacales.

Es la clave de Tebas, de Alpha — Be — Th, de las 22 derivadas del antiguo alfabeto jeroglífico de los egipcios, transmitido por los fenicios a la intelectualidad occidental.



Tarot astrónomico y astrológico por P. Papus Clave de los trabajos astrológicos de Christian y Adaptación del Arqueómetro de St. Yves

Al autor de los estudios histórico-masónicos, TÉDER

CAPÍTULO XVI

EL TAROT ASTRONÓMICO

Astronomía egipcia — Las cuatro estaciones — Los doce meses — Los treinta y seis decanatos — Los planetas — Relaciones absolutas con el Tarot — El Juego de Tarot (sus orígenes, sus alegorías) — Figura conteniendo las aplicaciones del Tarot a la astronomía — Clave de los trabajos astrológicos de Christian — Adaptación del arqueómetro de Saint-Yves D'Alveydre — El Tarot astronómico de Court de Gébelin.

EL TAROT ASTRONÓMICO

Con el fin de mostrar la exactitud de los principios en que descansa la construcción del Tarot, tomaremos como ejemplo de su primera aplicación la propia constitución del Universo, según las enseñanzas de la astronomía.

Sabemos que los egipcios dividían el año en cuatro estaciones, de tres meses cada una. Cada mes se hallaba compuesto por tres decanatos o períodos de diez días, lo que da 360 días para el año. Para completarlo añadían un período de 5 días o (Epacta) situado después de los 30° de Leo (agosto). Debemos hallar pues en nuestro Tarot:

1° Las cuatro estaciones;

2° Los doce meses, mejor dicho, los doce signos del zodiaco;

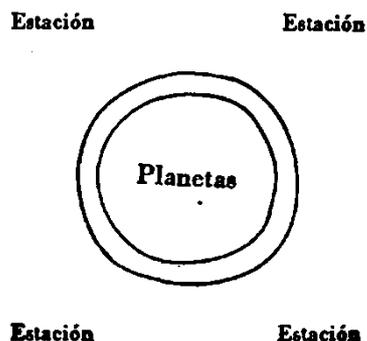
3° Los 36 decanatos.

Además cada mes, o también, cada signo está regido por un planeta como asimismo por cada decanato.

1° Las cuatro estaciones

Las cuatro figuras del Tarot corresponden perfectamente a las cuatro estaciones. Así, considerando a la lámina 21 como el origen de todas sus aplicaciones, observaremos que las cuatro figuras de las esquinas representan los cuatro colores del Tarot, y, en nuestro caso, las cuatro estaciones del año.

La parte elíptica situada entre las figuras y el centro corresponde al zodiaco con sus divisiones respectivas. Por último, el centro mismo corresponde a los planetas que influyen todo el sistema.



2º Los doce signos del zodiaco

Cada color representa una estación, cada estación se compone de tres meses, en consecuencia ¿cómo se hallarán representados los meses en los colores...? Los meses estarán representados por las figuras y las correspondencias se establecen del modo siguiente:

- REY 1º mes o mes activo de la estación. Mes creador, iod.
 DAMA 2º mes o mes pasivo de la estación. Mes conservador, hé.
 CABALLO 3º mes o mes realizador, equilibrante de la estación, vau.
 VALET Transición del tercer decanato de la serie actual al primer decanato de la serie siguiente.

Hallamos entonces 12 figuras correspondientes a los 12 signos del zodiaco, a saber:

	Rey de bastos	Aries	
BASTOS	Dama	Taurus	PRIMAVERA
	Caballero	Géminis	
	<i>Valet</i>	<i>Transición</i>	<i>Epacta</i>
	Rey	Cáncer	
COPAS	Dama	Leo	VERANO
	Caballero	Virgo	
	<i>Valet</i>	<i>Transición</i>	<i>Epacta</i>
	Rey	Libra	
ESPADAS	Dama	Scorpius	OTOÑO
	Caballero	Sagitario	

	<i>Valet</i>	<i>Transición</i>	<i>Epacta</i>
	Rey	Capricornio	
OROS	Dama	Acuario	INVIERNO
	Caballero	Piscis	
	<i>Valet</i>	<i>Transición</i>	<i>Epacta</i>

3° Los 36 decanatos

Cada estación se divide en tres meses; pero cada mes se divide en tres decanatos o períodos de 10 días. Para determinar cuáles son las láminas del Tarot que corresponden a estas nuevas divisiones, bastará con que recordemos las relaciones que existen entre las figuras y los números de los arcanos menores. Si elegimos, por ejemplo, el rey, sabremos que esta figura gobierna las láminas: As, 2 y 3, además del primer ternario. Tendremos entonces las relaciones siguientes: rey de Bastos, signo zodiacal Aries.

AS	1° Decanato o decanato activo del mes. Decanato creador, iod.
DOS	2° Decanato o decanato pasivo del mes. Decanato formador, conservador, hé.
TRES	3° Decanato o decanato equilibrante, vau.
CUATRO	Transición del tercer decanato de la serie actual al primer decanato de la serie siguiente.

He aquí cómo se hallan representados los 36 decanatos.

Rey	As de Bastos	1º Decanato	de Aries
	2 " "	2º "	
	3 " "	3º "	
Dama	4 " "	1º "	de Tauro
	5 " "	2º "	
	6 " "	3º "	
Caballero	7 " "	1º "	de Géminis
	8 " "	2º "	
	9 " "	3º "	
Valet	10 Transición	Epacta	
Rey	As de Copas	1º Decanato	de Cáncer
	2 " "	2º "	
	3 " "	3º "	
Dama	4 " "	1º "	de Leo
	5 " "	2º "	
	6 " "	3º "	
Caballero	7 " "	1º "	de Virgo
	8 " "	2º "	
	9 " "	3º "	
Valet	10 Transición	Epacta	
Rey	As de Espadas	1º Decanato	de Libra
	2 " "	2º "	
	3 " "	3º "	
Dama	4 " "	1º "	de Scorpius
	5 " "	2º "	
	6 " "	3º "	
Caballero	7 " "	1º "	de Sagitario
	8 " "	2º "	
	9 " "	3º "	
Valet	10 Transición	Epacta	
Rey	As de Oros	1º Decanato	de Capricornio
	2 " "	2º "	
	3 " "	3º "	
Dama	4 " "	1º "	de Acuario
	5 " "	2º "	
	6 " "	3º "	
Caballero	7 " "	1º "	de Piscis
	8 " "	2º "	
	9 " "	3º "	
Valet	10 Transición	Epacta	



(Relaciones de los 12 signos con los órganos del cuerpo)

Supuesto que cada decanato gobierna 10° del zodiaco y representa una cierta fracción del mes, cada uno de los arcanos menores —representando a su vez un decanato— gobernará una cierta fracción del año:

As de Bastos 21 a 30 de marzo

3 de Bastos 31 de marzo a 9 de abril

2 de Bastos 10 a 19 de abril, etc.

Para conocer los días que corresponden a cada decanato se consultará la tabla dispuesta al comienzo de este capítulo. Esta es la base del Tarot astrológico que permite disponer las láminas para el horóscopo: mas como esta particular aplicación nos apartaría del aspecto puramente científico que nos hemos propuesto seguir, no insistiremos sobre el particular.

Resumiendo: el Tarot astronómico está representado por los arcanos menores los cuales determinan el campo en que actuarán los planetas que nos falta considerar.

DE LOS PLANETAS

En esta exposición del Tarot, los arcanos mayores se hallan representados por el septenario planetario, el cual obra sobre los tres mundos ($3 \times 7=21$).

Cada signo zodiacal y cada decanato se hallan gobernados por un planeta. Las relaciones de los planetas con los signos se hallan indicados en el cuadro de la página anterior. Este cuadro permite descifrar los trabajos de Cristian (Historia de la Magia) y los de Ely Star (Los Misterios del Horóscopo) sobre la astrología. También indican las correspondencias astronómicas del Tarot. Veamos su construcción:

Las cuatro figuras del arcano 21 representan las cuatro estaciones del año y los cuatro colores del Tarot. El centro de la lámina corresponde a los siete planetas. Entre ambos se desenvuelve la elipse del zodiaco, clave de las influencias de los arcanos mayores (planetas) sobre los arcanos menores (decanatos). Como vemos, este cuadro es no solamente un sistema de interpretación del Tarot, sino también una verdadera clave del mismo.

Para demostrar la correspondencia entre nuestras propias deducciones y las dadas por los bohemios, transcribimos a continuación un extracto publicado por Vaillant (Historia de los Bohemios).

ENSEÑANZAS DE LOS BOHEMIOS SOBRE EL TAROT ASTRONÓMICO

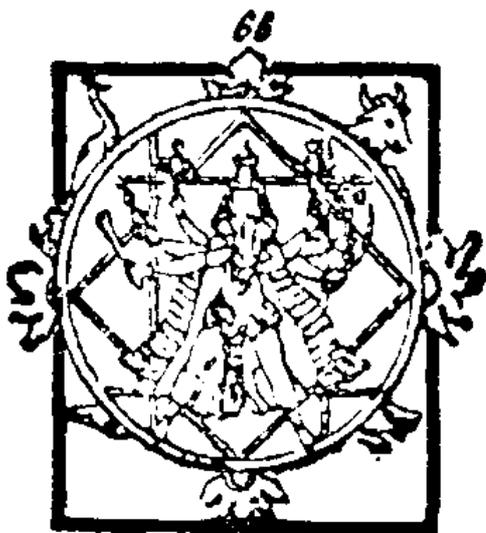
La carta 21, intitulada el mundo o el tiempo es, en efecto, el tiempo del santuario y el santuario del tiempo. Representa una corona de flores dispuesta en óvalo y dividida en cuatro partes mediante igual número de flores de loto, sostenida por las cuatro cabezas simbólicas que San Juan copió de Ezequiel y éste de los querubines y serafines de Asiria y Egipto. La cabeza del águila es el símbolo del Oriente, de la mañana, del equinoccio de primavera, etc.; la del león, el símbolo del mediodía y del solsticio de verano; la del buey, el símbolo de la noche, del Occidente y del equinoccio de otoño; por último, la del hombre es el símbolo de la noche, del septentrión y del solsticio de invierno.

En el medio de esta corona, que representa el huevo del mundo y también el mar, el océano, el arca, etc., se halla una mujer desnuda, esta mujer es la Eva de las escrituras. Tiene un pie levantado, símbolo del tiempo que pasa. En su mano aprisiona dos bastones, que simbolizan: la balanza, el equilibrio del tiempo, la justicia de los hombres, la equivalencia de los días y de las noches, la igualdad del hombre y de la mujer, etcétera.

Esta EVA es la gran madre (Ava o Ebe) que vierte a los astros (los dioses-hombres del cielo) y a los hombres (los astros-dioses de la tierra) el néctar y la ambrosía de la inmortalidad, la sombra y la justicia. Y, en efecto, el nombre de KUDAS dado por los cretenses a EBE, es la justicia (Saduk) que se traduce en MELCHI (Sedek) "como el espíritu del señor" y de este "espíritu (Eon) del sol": la justicia del tiempo, de los astros y de la vida humana. En fin. NOÉ luz de la eternidad (Aon).

Desde muy antiguo se ha utilizado este símbolo para personificar a la naturaleza y también para expresar la síntesis de los segmentos del círculo y la alianza de los arcos de la esfera, origen del arco de la alianza de los hebreos. Ha servido igualmente para simbolizar la transformación de una antigua moneda cretense, que había tomado esta "arca" (alianza de los arcos del cielo) como el "principio de la que representa el espíritu (Eon) de la eternidad (Aon) de los siglos (Aion) fue la praeco-justiciae, revelador de la justicia.

El Tarot es una interpretación del libro sideral de Enoc, que es Henochia; está construido sobre el modelo de la rueda astral de ATHOR, que es AS-TAROTH, semejante al OT-TARA hindú, osa polar o ARC-TURA del septentrión; es la fuerza mayor (tarie) sobre la que se apoya la solidez (ferrale) del mundo y el firmamento sideral de la tierra; en consecuencia, así como la osa polar llegó a ser el carro del sol, el carruaje de David y de ARTHUR, es también, la hora (tuche) de los griegos, el destino (tiko) de los chinos, el azar (tiki) de los egipcios, la suerte (tika) de los romes; y que girando incesantemente alrededor de la osa polar, los astros desarrollan sobre la tierra el fasto y lo nefasto, la luz y la sombra, el calor y el frío de lo cual deriva el bien y el mal, el amor y el odio, que hacen la felicidad (ev-tuche) y la desgracia (dis-tuchie) de los humanos.



En efecto, SEPHORA es un armónico de esa tríada (s.f.r) cuya uniüad, la esfera (Spheri) del mundo, se traduce mediante la luz (Sapher), la cifra (Sipher) y la palabra (Sephora) de los hebreos. ror esto se dice de esta esfera,

CUYA LUZ ES LA VERDAD,

el zodíaco el libro que la encierra, y las estrellas los guarismos y letras que la nombran; se dice, repetimos, que los ANAKS han obtenido su TARA, los bohemios

su TAROT, los fenicios su AS-THAROT, los egipcios su ATHOR y los hebreos su THORAH.

DEL JUEGO DEL TAROT

Donde se trata de su origen, se explican sus alegorías y se demuestra que constituyen la fuente de nuestros actuales juegos de naipes, etcétera.

COURT DE GÉBELIN

SORPRESA QUE CAUSARÍA EL HALLAZGO DE UN LIBRO EGIPCIO

Si se nos dijera que existe en nuestros días una obra del antiguo Egipto, un libro que se salvó del incendio que redujo a cenizas sus magníficas bibliotecas y en el que se trata de las más puras doctrinas, referentes a ciertos asuntos muy importantes, es seguro que una gran mayoría se apresuraría en conocer un libro tan extraordinario y precioso. Si a esto añadimos que el tal libro se ha divulgado en una gran parte de Europa y que desde hace siglos está al alcance de todo el mundo, la sorpresa sería todavía mayor; pero llegaría a su colmo si afirmáramos que jamás se sospechó de su origen egipcio, que le tenemos muchas veces entre las manos sin saberlo, que nadie se ha preocupado en descifrar una sola de sus hojas, y que el fruto de tan elevada sabiduría es considerado como un conjunto de figuras extravagantes sin mérito alguno. ¿No se diría que deseamos divertirnos a costa de nuestros lectores?

PUES BIEN, ESE LIBRO EXISTE

Lo repetimos, ese libro egipcio, único vestigio de sus soberbias bibliotecas, existe; y es tan común que ningún sabio se ha dignado ocuparse de él. Antes de nosotros nadie sospechó su ilustre origen. Este libro está compuesto por 77 páginas y también por 78, dividido en cinco clases, cada una de las cuales ofrece aspectos tan variados cuanto instructivos y entretenidos. Digámoslo de una vez: este libro es el TAROT. Juego desconocido en París, es verdad, pero en cambio muy conocido en Italia, Alemania y hasta en la Provenza, y, tan original por el aspecto de las figuras, como por la variedad y multiplicidad de las mismas.

A pesar de su extraordinaria difusión, nada se sabía de sus extrañas figuras, y su origen, que se pierde en la noche de los tiempos, es tal que se ignoraba cuándo y en qué lugar se lo había inventado ni los motivos en virtud de los cuales se había reunido un conjunto de figuras tan extrañas, y al parecer sin ilación, de tal modo que ninguna persona había logrado resolver el enigma que encerraba.

Por otra parte este juego ha llamado tan poco la atención, que ningún sabio se ha dignado mencionarlo en los estudios que se han realizado sobre las cartas. Tan sólo nos han citado las cartas francesas, usadas en París, y cuyo origen es relativamente moderno —con lo que se han dado por satisfechos—. Generalmente se confunde el origen de un conocimiento con el país que nos lo reveló por vez primera. Es precisamente lo que hicimos notar al hablar de la brújula: los griegos y los romanos nos han transmitido por igual las características de este instrumento, motivo que confunde la pureza de su origen.

Mas la forma, la disposición y el arreglo de este juego —como así también el aspecto simbólico de sus figuras— se corresponden de tal manera con las doctrinas civiles, filosóficas y religiosas de los antiguos egipcios, que no podemos evitar de reconocerlo como la obra maestra de ese pueblo de sabios. Únicamente ellos pudieron ser los autores de ese juego, digno rival del juego de ajedrez, inventado por los hindúes.

DIVISIÓN

Mostraremos las alegorías contenidas en las cartas de este juego, las fórmulas numéricas que lo componen, de qué modo ha llegado hasta nosotros, sus relaciones con un monumento chino, cómo dieron origen a las cartas españolas y las relaciones de estas últimas con las francesas.

Daremos también, a continuación de este ensayo, sus aplicaciones a las artes adivinatorias —lo que debemos a las gentiles indicaciones de un oficial, gobernador de la Provenza— el cual ha descubierto en este juego —con una sagacidad que le honra— los principios aplicados por los egipcios en el arte de la adivinación. Estos principios son los que distinguieron las primitivas bandas de este pueblo, impropriamente llamado Bohemio, que se diseminaron por toda Europa y cuyos

vestigios se hallan en nuestros actuales juegos de cartas, si bien muy pobres en figuras y, en consecuencia, bastante aburridos.

En cambio, el juego egipcio brilla por lo apasionante de sus láminas que abarcan todo el Universo y las etapas múltiples de la vida humana de ese pueblo único y sabio, que trasuntaba en cada una de sus obras el sello de la inmortalidad y en el cual, todos los pueblos del mundo, se han inspirado.

ARTÍCULO I

ALEGORÍAS QUE OFRECEN LAS LÁMINAS DEL TAROT

Si este juego, que ha permanecido mudo para todos los que le conocen, se ha revelado a nuestros ojos, no ha sido como resultado de una profunda meditación ni del deseo de poner orden en su caos aparente, sino simplemente por obra del azar. Invitados hace algunos años, para visitar a la esposa de un amigo nuestro, que acababa de llegar de Alemania o de Suiza, la hallamos empeñada en una partida de naipes.

—Jugamos a un juego que seguramente usted no debe conocer.

—Es posible. ¿De cuál se trata?

—Del juego del Tarot.

—Tuve ocasión de verlo jugar cuando era muy joven, pero no tengo la más mínima idea de su contenido.

—Es una rapsodia de figuras a cual más extraña y original. Por ejemplo, observe ésta.

Se tuvo cuidado en elegir una de las más extraordinarias y sin relación aparente con el título que ostentaba: El mundo. La miro y de inmediato reconozco la alegoría. Los jugadores interrumpen la partida y se apresuran a mostrarme quien una carta, quien otra. En un cuarto de hora el juego fue estudiado, explicado y declarado egipcio. Pronto nos convencimos que no éramos víctimas de nuestra imaginación. Nuestro conocimiento de la civilización egipcia nos aseguraba haber hallado un libro de muy antiguo linaje, escapado quien sabe cómo de la barbarie de los invasores, de los incendios accidentales, del tiempo y de la ignorancia, mucho más desastrosa todavía.

El aspecto ligero y frívolo de este libro es, sin duda alguna, lo que lo ha preservado de la destrucción, permitiendo que llegue a nuestras manos en toda su pureza original. Como es natural, ignorantes del valor de su contenido, nadie se preocupó de mutilarlo.

Pero era ya tiempo de redescubrir el sentido alegórico de su contenido, destinado a mostrar al mundo la pujanza de la sabiduría antigua que supo cifrar en un simple juego de cartas las más altas enseñanzas de su civilización.

Como ya dijimos, el Tarot está compuesto de 77 cartas (algunas veces de 78) dividido en cuatro colores o palos. A fin de que nuestros lectores puedan seguir nuestra explicación con toda comodidad, hemos hecho grabar los triunfos y los cuatro ases, correspondientes a cada color, o palo, llamados por los españoles. Espadas, Bastos, Copas y Oros.

Los colores

En páginas anteriores se hallan dibujados los cuatro ases. A, representa el as de Espadas, adornado con una corona entrelazada por dos palmas; C, el as de Copas, con la apariencia de un castillo, tal como los que figuran cincelados en muchas copas antiguas; D, el as de Bastos, de apariencia pesada y rígida; B, el as de Oros, rodeado de guirnaldas. "

Cada color se compone de 14 cartas: diez cartas se hallan -numeradas del 1 hasta el 10 inclusive y las cuatro restantes no llevan número, y son: el rey, la reina, el caballero y el escudero o valet.

Los colores corresponden a las cuatro clases sociales en que se hallaba dividida la nación egipcia. Las **ESPADAS** corresponden a la **clase soberana: la nobleza**; las **COPAS** al **sacerdocio**; los **BASTOS** a la **maza de Hércules y la agricultura**; los **OROS** al **comercio**, cuyo emblema es el dinero.

Este juego está basado en el número septenario

Siete, el número sagrado por excelencia, es la base fundamental de este juego. Cada color está compuesto de dos septenarios. Los triunfos suman en total tres septenarios. El total de cartas es igual a 78 (77 cartas numeradas y una que lleva por número el cero y a la que se conoce con el nombre de El Loco). Ahora bien, todo el mundo sabe que el siete era el número clave y sagrado, al cual referían los egipcios los elementos de todas las ciencias que conocían. El fúnebre aspecto de la carta 13 nos demuestra, mejor dicho, nos confirma el origen egipcio de la misma.

Por otra parte este juego tiene que ser necesariamente de origen egipcio, puesto que está basado en el número 7; que corresponde a las cuatro clases en que se hallaban subdivididos sus habitantes; que el mayor de los triunfos traduce algunas características de aquel país, por ejemplo: los dos supremos Hierofantes —hombre y mujer respectivamente—, Isis, Tifón, Osiris, la Casa de Dios, el Mundo, los Canes —correspondientes a los trópicos—, etcétera.

Inventado por un hombre de genio, antes o después del juego de ajedrez, y reuniendo en sí lo útil a lo agradable, ha llegado hasta nosotros desde el fondo mismo de los siglos. Último sobreviviente de la cultura y del saber de un magno imperio, ha servido de entretenimiento a casi todas las civilizaciones, sin que el profundo simbolismo de sus láminas haya sido jamás develado.

Tratemos de investigar por cuáles rutas misteriosas este juego admirable ha llegado hasta nosotros. En los primeros siglos de la iglesia cristiana, los egipcios gozaban de gran prestigio en Roma; sus ceremonias y el culto de Isis eran muy conocidos, es por lo tanto lógico que lo fuera también el juego que nos ocupa.

Por mucho tiempo, este juego quedó circunscripto a la península itálica. Más tarde, cuando la alianza entre Italia y Alemania, fue divulgado en este último país. El pacto entre Italia y el condado de Provenza, como asimismo el asiento de la Corte de Roma en Avignon, permitió que fuera conocido también en la Provenza y en Avignon. Y si se detuvo a las puertas de París, ello fue debido a la superficialidad de las damas francesas, que no lograron simpatizar con el aspecto algo tosco y extravagante del juego.

Sin embargo, el Egipto no ha logrado alcanzar los frutos de su ingenio. Reducido al más deplorable de los servilismos, a la más profunda ignorancia; privados de todas sus artes, sus habitantes no serían capaces de fabricar una sola carta del Tarot.

Si las cartas francesas, mucho menos complicadas, requieren el trabajo asiduo de una gran cantidad de personas y el concurso de artes muy diversas, ¿cómo habría podido ese pueblo desafortunado conservar las suyas?

Nombres orientales conservados en este juego

Los nombres conservados en este juego prueban también su origen oriental, por ejemplo: Tarot, Mat (loco) y Pagad.

1. TAROT

El nombre de este juego es egipcio; se halla compuesto del vocablo TAR, que quiere decir vía, camino; y de Ro, ROS, Rog, que significa REY, REAL; es pues, equivalente a camino real de la vida, Y, en efecto, se relaciona con la vida de los ciudadanos, puesto que representa las distintas clases en que aquellos se dividían. Además el Tarot contiene todos los acontecimientos que pueden transcurrir en la vida de cada uno de los componentes de esas clases, señalándoles los guías físicos y morales que gobiernan sus destinos: el rey, la reina, el sacerdote, el sol, la luna, etcétera.

Les enseña también por medio del jugador de cubiletes y la rueda de la fortuna, que el hombre debe escudarse en la virtud para sortear las transiciones del destino.

2. MAT

Mat es la palabra oriental, sinónimo de asesinado, herido, partido, etc.; en el idioma italiano quiere decir loco. Es curioso que al loco se le suela llamar cabeza partida.

3. PAGAD

Se llama (Pagad) al jugador de cubilete. Esta palabra, desconocida en las lenguas occidentales, es también de origen oriental. Pag, quiere decir jefe, maestro, señor;

y Gad, equivale a fortuna. Es por esto que el jugador de cubilete ostenta en su mano la varita de Jacob o la verga de los magos, que lo hacen dueño del destino.

LIBRO DE THOT

El deseo de aprender se desarrolla en el corazón del hombre a medida que su espíritu atesora nuevos conocimientos; la necesidad de conservarlos y la ambición de transmitirlos exigió la creación de un alfabeto característico. La paternidad de este alfabeto es atribuida generalmente a Thot, conocido también con el nombre de Mercurio. Las letras de este alfabeto no eran, como los nuestros, meros signos convencionales para la estructuración de las palabras sino que se trataba de un sistema de imágenes, mediante el arreglo de las cuales se exponían las ideas y conceptos más profundos.

Es lógico suponer que el creador de estas imágenes debió ser también el primer historiador conocido. En efecto, se dice que Thot pintó a los dioses, esto es, que describió las obras de la creación o potencia suprema, a la que añadió algunos conceptos morales. Parece ser que este libro fue llamado AS-TAROSH; de A, doctrina, ciencia y de ROSCH: Mercurio; todo lo cual y junto al artículo (T) quiere decir: cuadro de la doctrina de Mercurio. Mas como ROSCH quiere decir también comienzo, el nombre TA-ROSCH, fue consagrado especialmente a la Cosmogonía; así también como la ETHOTIA: Historia de los Tiempos, fue el título que dieron a la Astronomía. Y puede ser que ATHOTES —que se define como el rey, hijo de Thot—, no sea otra cosa que el hijo de su genio y la historia de los reyes del Egipto².

Esta vieja cosmogonía, ese libro de TA-ROSH, ligeramente alterado, parece haber llegado hasta nosotros a través de las cartas que hoy conocemos por el mismo nombre, ya sea que la concupiscencia lo haya conservado para engañar el ocio o que la superstición lo haya preservado de las injurias del tiempo, los misteriosos símbolos que servían, como a los magos de antaño, a engañar la credulidad de las gentes.

Los árabes transmitieron este libro a los juegos de los españoles y los soldados de Carlos V lo llevaron a Alemania. Estaba compuesto de tres series superiores, representación de los tres primeros siglos: el de oro, el de plata y el de bronce, estando cada uno compuesto de siete cartas.

Como la escritura egipcia se leía de izquierda a derecha, la carta 21 que ha sido numerada con cifras modernas, es precisamente la primera y debe tenerse en cuenta para la debida interpretación de la historia; es también la primera carta del juego de Tarot y del método de adivinación para lo cual servían estas antiguas imágenes.

² Ver también el ALTOTAS, de Cagliostro, tan bien estudiado por el doctor Marc Haven en su libro: El Maestro desconocido.

En fin, hay todavía una carta, la 22, sin número ni potencia, pero que aumenta el valor de las que le preceden, es el cero de los cálculos mágicos, se la conoce con el nombre de La Locura.

1	א	א	א
10	ב	ב	ב
6	ג	ג	ג
10	ד	ד	ד
2	ה	ה	ה
40	ו	ו	ו
50	ז	ז	ז
30 - 200	ח	ח	ח
5	ט	ט	ט
8	י	י	י
800 - 100	כ	כ	כ
60	ל	ל	ל
300	מ	מ	מ
1000 - 20	נ	נ	נ
3	ס	ס	ס
20	ע	ע	ע
9	פ	פ	פ
4	צ	צ	צ
900 - 400	ק	ק	ק

Correspondencias del alfabeto hebreo (Tarot) con el jeroglífico de Pasas.

A la memoria del H. BERTRAND, VEN

CAPÍTULO XVII

EL TAROT INICIATICO

Trabajos de Ch. Barlet sobre el particular — Involución y Evolución — Las Horas de Apolonio de Tyana — Las fases de la iniciación descritas por el Tarot — Los nombres divinos en el Tarot.

EL TAROT INICIATICO

APLICACIONES DEL TAROT A LAS DOCTRINAS TEÓRICAS Y PRÁCTICAS DE LA INICIACIÓN

A continuación damos in extenso un trabajo muy interesante de nuestro camarada Ch. Barlet. Los lectores podrán así verificar las correspondencias existentes entre sus conclusiones y las nuestras.

En la antigüedad los hombres de ciencia eran también grandes sabios, testigos: Pitágoras, Platón, Aristóteles; en cambio, en nuestros días la ciencia y la sabiduría se buscan sin lograr encontrarse, o se encierran en un conflicto mortal: la cuestión religiosa.

Lo absurdo de esta separación se trasluce al estudiar las obras de los filósofos positivistas preocupados en edificar una síntesis del saber científico moderno. Mientras el aforismo fundamental del cual parten es que el hombre no puede actuar sino en el mundo de los fenómenos, sus libros testimonian una tendencia cada vez mayor en trascender, mal que les pese, los límites que se habían impuesto; arrastrados por esa misma naturaleza que aman y conocen mejor que nadie en sus manifestaciones finales.

Podríamos compararlos a los insectos encerrados detrás de los cristales de una ventana: se desesperan, divisan claramente los rayos que deben conducirlos a la fuente de toda luz, pero no pueden escaparse de su prisión. Los espiritualistas, en cambio, libres y como perdidos en el océano luminoso, navegan sin brújula, incapaces de hallar el rayo conductor que desespera a los positivistas.

Existe no obstante una escuela que promete guiar a los unos, liberar a los otros y dirigir a ambos hacia el ansiado foco de la verdad; escuela desconocida, poco

frecuentada, mas cuyos maestros han demostrado poseer una ciencia vastísima: la **TEOSOFÍA**, verdadero espiritualismo positivo por mucho tiempo conservado en los antiguos misterios, transmitido con más o menos pureza por los cabalistas, los místicos, los templarios, los rosacruces y los masones, a menudo degenerada como cualquier doctrina que se divulga prematuramente, mas siempre oculta en el fondo de todas las religiones y cuidadosamente cultivada en muchos santuarios ignorados, siendo la India su foco principal.

El secreto de la Teosofía, para conciliar la ciencia con la metafísica, se halla en un cierto desarrollo práctico de las facultades humanas capaces de ampliar los límites de la certeza. Ensayemos por lo pronto de comprender sus posibilidades.

El examen atento de los métodos científicos, por muy positivos que parezcan, prueban que existe evidencia o certeza solamente en los axiomas, y que el andamiaje frágil y cambiante de nuestras ciencias, edificado sobre esta base inquebrantable, se debe totalmente a la intuición, de la cual son instrumentos la observación y la experiencia.

Por otra parte, el campo de la percepción directa en el cual se ejerce la intuición es susceptible de extensión; es lo que demuestran los fenómenos del hipnotismo y magnetismo (tormento de la ciencia moderna) en los cuales los límites de la materia opaca, del espacio y del tiempo se hallan suprimidos en una medida variable pero incontestable.

En fin, en este campo de las facultades trascendentes, la percepción no siempre se aproxima a la certeza invencible que caracteriza el axioma, dado que, entre los sujetos hipnotizables o magnetizables, la lucidez material presenta una serie de matices, que se repiten, en el orden intelectual, entre las fantasías de una imaginación desordenada y las revelaciones sublimes del genio verdaderamente inspirado.

No escapamos entonces de los datos positivos de la observación y de la experiencia al afirmar que la percepción física e intelectual del ser humano, es capaz de sobrepasar la sensación y el juicio ordinario que, en las regiones trascendentales que puede alcanzar, resulta pasible de mayor o menor certeza. Esta afirmación ofrece nuevos horizontes al conocimiento humano, una jerarquía de nuevas causas inmediatas, y la perspectiva de una progresión indefinida para la ciencia.

Ahora bien, la Teosofía enseña al hombre el entrenamiento que le permitirá abordar esas regiones trascendentales de la percepción, preservándolo al mismo tiempo de las ilusiones a través de las fuerzas y los nuevos seres que hallará; esta enseñanza constituye la iniciación propiamente dicha.

El ligero esbozo que daremos, cuya imperfección deberá el lector atribuir al estudiante que lo formula, nos dará, al menos, una idea de los principios que unen la Religión y la Filosofía, la Sabiduría y la Ciencia, en la Teosofía.

La iniciación comprende dos partes diferentes pero solidarias; La Teoría de los recursos y de las necesidades de su comienzo, que el neófito admite siempre a beneficio de inventario, —conjuntamente con la reserva absoluta de su libertad de pensamiento—; y la práctica, en la que se ejercita, bajo la dirección de sus

maestros, en el entrenamiento físico, intelectual y moral que debe transformarlo en un iniciado.

La Teoría, primera enseñanza de la Teosofía, es tal como quedó indicada; es ella la que aporta el material de las publicaciones teosóficas: no caigamos entonces en el error de creernos iniciados por el solo hecho de poseer algunos libros de uso público; su conocimiento puede ser una preparación excelente, pero nada más.

Estas teorías se hallan diseminadas en una multitud de libros más o menos conocidos, más o menos accesibles; pero son contados los que la exponen con la suficiente simplicidad y método para que su conjunto guste a todos los debutantes. Esta primera dificultad, motivada principalmente por el estado actual de las mentes, que dificulta la enseñanza regular, corresponde también a la diversidad de las inteligencias.

Unas, predispuestas a las doctrinas teosóficas, obtienen inmediato provecho de cualquier detalle; otras, al contrario, no pudiendo aceptarlas "a priori" en su conjunto, penetran voluntariamente por una puerta secundaria que les convenga especialmente, pero que frecuentemente las obliga a un largo rodeo a través de nuestras ciencias filosóficas.

En consecuencia, los comienzos serán siempre variables, exigiendo la dirección de algún compañero más avanzado, capaz de discernir el estado intelectual y moral del aspirante.

En el tratado elemental de ciencias ocultas de PAPUS, se hallará una excelente bibliografía de las obras teosóficas. He aquí, presentada en conjunto, una serie de estudios, algo larga tal vez, pero segura, capaz de establecer una transición adecuada entre el positivismo y la Teosofía.

Los hechos: estudiar: Richet, — D'Assier, — Liebeault, — Philipps, — Dupotet, — Reichenbach, — Mesmer, etcétera.

Las hipótesis de conjunto: Comte, — Stuart Mili, — Ribot, — Spencer, — Taine, etcétera.

Los filósofos: Del Prel, — Hartmann, — Schopenhauer, — Hegel. — Se hallará gran provecho en los más antiguos: Espinosa, — Leibnitz, y hasta la antigüedad: Aristóteles, — Platón, — los neo-platónicos, — los pitagóricos, — después los sabios místicos modernos: Wronsky, — Fabre D'Olivet, — Lucas, etcétera.

Nos hallamos entonces en plena Teosofía.

Esta serie requiere sin embargo algunos retoques, correlativamente al carácter y aptitudes científicas del estudiante. Sin embargo es necesario mostrar algunos aspectos de esta teoría para la mejor inteligencia del asunto; el lector no deberá olvidar que el método de exposición es privativo del autor de este artículo, y con él los errores en que pudiera incurrir.

Las ciencias positivas dan como última fórmula del mundo sensible; no hay materia sin fuerza; no hay fuerza sin materia.

Fórmula incontestable, pero incompleta si no se le añade el comentario siguiente:

1° La combinación de lo que llamamos fuerza y materia se presenta en variadas proporciones después de lo que podría denominarse la fuerza materializada (la roca, el mineral, el cuerpo químico simple) hasta la materia sutilizada o materia fuerza (el grano de polen, el espermatozoide, el átomo eléctrico); la materia y la fuerza aunque no nos sea posible aislarla, se presenta entonces como el límite matemático extremo y opuesto (o de signo contrario) de una serie en la que no vemos sino algunos términos intermediarios; límites abstractos pero indubitables.

2° Los términos de esta serie, es decir, los individuos de la naturaleza, no son jamás estables; la fuerza, cuyo carácter es la movilidad, arrastra, como a través de una corriente continua, de uno a otro polo, la materia esencialmente inerte, que se acusa por una contracorriente de retorno. Es así, por ejemplo, como un átomo de fósforo, extraído por el vegetal de los fosfatos minerales, constituirá el elemento de una célula cerebral (materia sutilizada) para regresar por desintegración al reino mineral inerte.

3° El movimiento, resultado de este equilibrio inestable, no es inarmónico; ofrece una serie de armonías coordinadas, a las que llamamos leyes, y que se sintetizan a nuestras miradas en la ley suprema de la evolución.

La conclusión se impone: Esta síntesis armoniosa de fenómenos, es la manifestación evidente de lo que denominamos una voluntad.

Ergo, según la ciencia positiva, el mundo, es la expresión de una voluntad que se manifiesta por el equilibrio inestable, pero progresivo de la fuerza, y la materia.

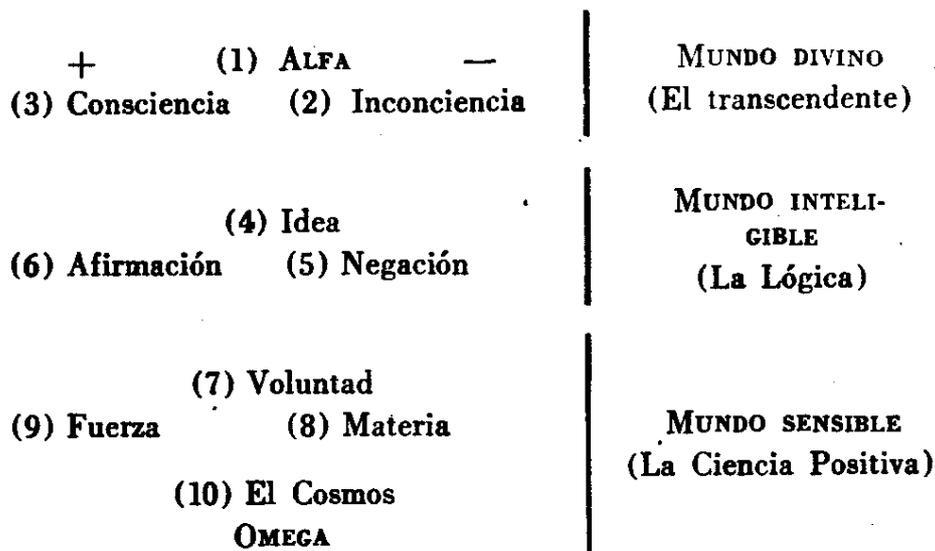
Se traduce por este cuaternario:

- I. VOLUNTAD (origen simple)
 - II. FUERZA (Elemento de la voluntad polarizada)
 - III. MATERIA
 - IV. EL MUNDO SENSIBLE
- (Resultado de su equilibrio inestable, dinámico)

El método positivo no nos permite detenernos aquí: es preciso todavía analizar la voluntad. Observemos que este análisis, que el lector realizará fácilmente con la ayuda de un texto de psicología, nos conduce (a través de los dos términos opuestos, afirmación y negación) a una nueva causa superior de apariencia simple, la idea, que el análisis descompondrá todavía en conciencia e inconciencia, para

ascender —sin que pueda sobrepasarlo— a ese término absoluto, el uno, a la vez conciente e inconciente, afirmativo y negativo, fuerza y materia, innombrable, incomprensible para el hombre.

Designemos este término supremo por ALFA, y el átomo material por OMEGA, tendremos, según nuestro análisis, como representación del universo la siguiente serie de cuaternarios jerárquicos:



Los términos extremos. Alfa y Omega, Espíritu y Materia, igualmente inaccesible a la inteligencia humana en su infinita grandeza y pequeñez infinita³, no solamente están reunidos por cadenas intermediarias invariables, sino que se produce del uno al otro un continuo movimiento descendente, en el cual el Espíritu deviene Materia —por las desintegraciones sucesivas expresadas por la idea, la voluntad y el cosmos. Es lo que constituye la creación.

Pero dado que el cosmos se halla en movimiento evolutivo —como lo demuestra la ciencia— y puesto que, según ella, este movimiento tiende palmariamente hacia una síntesis progresiva que espiritualiza a los seres complicándolos cada vez más, el esquema precedente no expresa sino la mitad del universo, la descendente; es necesario añadirle la otra mitad para que retrotraiga el átomo, Omega, al principio opuesto, Alfa, a través de las síntesis progresivas de las vidas individuales. Es el progreso, continuación de la creación.

³ El primero, alfa Uno, es un infinitamente grande, integración de OMEGA. El segundo, omega, múltiple compuesto de un número infinito de elementos infinitamente pequeños; análisis de alfa.

Así, el universo se nos muestra como una corriente circular cuya orientación es necesariamente inversa en los dos arcos opuestos; del polo positivo Alfa al polo negativo Omega, la corriente desciende: de la involución, el descenso del Espíritu en la materia; del polo negativo Omega al polo positivo Alfa, la corriente asciende: es la evolución, la espiritualización de la materia; llegaremos luego a su descripción.

En conclusión, por lo que al hombre se refiere:

La ciencia nos lo muestra sobre el arco ascendente y ya muy lejos del polo negativo, puesto que se halla a la cabeza de los tres reinos terrestres. Pertenece en consecuencia al mundo sensible del universo; el movimiento impresionante de la ciencia certifica igualmente el lugar que ocupa en el mundo intelectual; pero al mismo tiempo, sus errores, sus incertidumbres, las enormes lagunas de su saber, como asimismo sus pasiones, demuestran acabadamente que aquí no es ya el amo absoluto. En cuanto al mundo divino, lo concibe, lo presiente, pero apenas si logra atisbarlo recurriendo a la fe más bien que a la ciencia.

El hombre es, por lo tanto, un ser que ha logrado alcanzar en su reascensión la región intermedia y sobre todo un sector vecino al centro de aquélla; su lugar está en el medio del arco ascendente, entre los seres superiores y los inferiores de la creación, dominando a los unos, dominado por los otros, entre el ángel y la bestia.

Situación necesariamente penosa a causa de la igualdad de dos fuerzas contrarias que retardan la ascensión, verdadero punto muerto que es necesario vencer mediante un esfuerzo especial.

La iniciación es la enseñanza que facilita, llegado ese momento, la eclosión de la crisálida humana. Nos hallamos ahora en las condiciones necesarias para comprenderla.

Los antiguos, con la pujanza de su genio sintético, habían simbolizado el conjunto de la involución y de la evolución mediante una serie de 22 figuras plenas de significado, que constituye lo que los ocultistas denominan los 22 arcanos mayores.

Considerando a las 10 primeras como una descripción de la involución, hallaremos en las restantes las fases sucesivas de la iniciación, tal como las describen las doce horas (o sentencias) atribuidas al célebre Apolonio de Tyana, y que enumeraremos a continuación.

Para mayor claridad, deberemos volver por un instante sobre la evolución:

En efecto, su análisis no se completa con los 10 términos que nos han conducido al cosmos, equilibrio dinámico de la fuerza y la materia. Este cosmos puede analizarse a su vez en dos principios, que la ciencia nos muestra en conflicto en los movimientos de la materia, a saber: el activo y el pasivo (masculino y femenino de los organismos, ácido y base de la química, polos opuestos de la electricidad, etcétera).

Es tan sólo en su equilibrio absoluto que reside la materia completamente inerte, el polo inaccesible exactamente opuesto al Alfa: Omega del universo.

Los ocultistas han representado esta 4ª tetraktis, cuyo primer término es el cosmos (la tetraktis del mundo inferior, infera, los infiernos), mediante los arcanos 11, 12 y 13. El último, aquel que lleva el número 13, tan generalmente temido, merece destacarse. Se denomina la MUERTE y la RESURRECCIÓN: es allí, efectivamente, donde reside la inercia absoluta, pero es también allí donde la involución se detiene y la evolución comienza, puesto que el equilibrio de los dos principios activo y pasivo no persiste jamás.

Esto parece contradecirse con la observación precedente: que la descripción de la iniciación, es decir la reascensión, comienza en el arcano 10 y no en el 14. Pero no es así: En la evolución, el ser debe tomar en sentido inverso, para efectuar la síntesis, todos los planos a través de los cuales el Alfa se ha desintegrado en el curso de la involución. El hombre, es la resultante de un trabajo de este género anterior a su estado presente, pero este trabajo, que lo ha elevado desde el Omega hasta el plano de la voluntad, no es consciente para él; lo ha recorrido, primeramente bajo la presión fatal de la fuerza pura, después del instinto, de los deseos, de las pasiones; por lo tanto no conoce su solución anterior, y, no obstante: ¿de qué manera podría él transformarse en el dueño de cualquiera de esos mundos, sin conocerlos a todos por igual? Su primera operación en la iniciación será, pues, el redescender hasta sus orígenes en la evolución, entrar en conocimiento en sus diversos grados, de todas sus fuerzas, de los variados seres que la atravesaron, de hundirse, por así decirlo, hasta las raíces de la vida, hasta la muerte, y de aprender a dominarla.

Como lo demostraremos, esto no es una metáfora; el neófito no puede llegar al ejercicio certero, voluntario, de las facultades trascendentes sin obtener previamente el dominio de las fuerzas que producen la ilusión y que amenazarían su propia vida; sin alcanzar la inercia y vencerla. Es necesario que como el Cristo, modelo del hombre regenerado, expire sobre la cruz y resucite al tercer día, es decir después de haber descendido los tres últimos grados representados por los arcanos 11, 12 y 13 hasta la sima de los infiernos, para enfrentarse con la muerte y dominarla.

Dicho lo cual, describamos las doce horas o fases de la iniciación.

El arcano 10, primera hora de la serie, corresponde al plano actual del hombre. El símbolo de este arcano es la esfinge que defendía la entrada del mundo egipcio; el neófito descendía entre las patas al subterráneo que debía conducirlo al santuario, a través de una serie de pruebas, imagen y noviciado del descenso precitado.

Esta hora es pues la de la preparación; separa la vida común de la vida trascendente; se aprende la clase de trabajo a realizar y se decide realizarlo. Veamos cómo:

La cabeza humana de la esfinge, foco de la inteligencia, dice al neófito: "Adquiere primero la *ciencia* que muestra el fin y alumbra el camino". Es la enseñanza teórica indicada más arriba.

Sus flancos de toro, imagen de la labor ruda y perseverante de la cultura, le dice: "Sé fuerte y paciente en el trabajo".

Sus patas de león le dicen: "Hay que osar y defenderse de las fuerzas inferiores".

Sus alas de águila le dicen "y querer elevarse hacia las regiones trascendentes que tu alma alcanza ya".

La pregunta atribuida a la esfinge griega y la obligatoria respuesta ofrece una imagen no menos expresiva del hombre y de su finalidad. Es él el animal que de mañana, es decir en la infancia de la humanidad, camina en 4 pies (4 es el número de la realización, personifica a la materia y sus instintos, el mundo sensible), a medio día (es decir en la edad viril de esta humanidad) marcha sobre 2 pies (2, número de la oposición, imagen de la ciencia, de sus contradicciones, de sus dudas, del mundo inteligible) y a la noche (cuando se aproxima el término de la jornada, anda sobre 3 pies (3, número del mundo divino; 3 ó la trinidad da la solución de todas las oposiciones, de todas las antinomias mediante el término superior, síntesis armónica de los dos términos contrarios).

Apolonio describe esa hora con estas palabras: "aquí el neófito alaba a Dios, no profiere injurias, no es ya motivo de sufrimiento" —dicho de otro modo, empieza a conocer la creación en su aspecto teórico y se ejercita en el dominio de sus pasiones.

Detengámonos un instante en la concordancia de estas diversas prescripciones.

Hemos visto al hombre alcanzar el arco ascendente, solicitado por las fuerzas de inercia, inferiores, que acaba de atravesar bajo el impulso del instinto, y aquellas activas que lo atraen hacia lo alto. Como lo hicimos observar, éste es el momento en que la lucha debe decidirse por intervención de la voluntad suficientemente desarrollada por la evolución, y suficientemente libre como para tomar partido por cualquiera de los bandos; puede entonces decidirse o por las fuerzas inferiores, de desintegración, o por las superiores, de síntesis; es a lo que llamamos el mal y el bien: Mal, en efecto, para él porque redescendiendo volverá a encontrar los vapores de la descomposición y de la muerte; Bien, al contrario, si remonta, porque gozará en la realización de sus aspiraciones naturales el conocimiento y el dominio de la creación.

Ahora bien: ¿en qué lugar del organismo humano se halla instalado el índice de las fuerzas de inercia?

En el instinto, las pasiones. Por lo contrario, ¿donde está el índice de las fuerzas activas? En la energía moral, la virtud.

¿Dónde está en la organización humana el índice de las fuerzas desintegradoras que provocan el retorno a la inercia? En la tendencia al aislamiento, en el egoísmo. ¿Dónde está, por lo contrario el índice de las fuerzas integrantes? En la tendencia a la solidaridad, en el altruismo, en la fraternidad.

Ergo, el mundo trascendente se halla abierto para cualquiera que posea la voluntad (o aun el impulso artificial) suficiente como para triunfar de las fuerzas que lo defienden; mas desgraciado de aquél que lo aborde con el corazón pasinado y egoísta, pues volverá a hundirse en la corriente de descomposición para disolverse. La naturaleza destruye el mal; íes la ley de selección!

Tan solo aquél cuyo corazón rebose de caridad podrá elevarse, conforme al verdadero destino del ser humano, a la región de los principios.

Es por lo que la esfinge prescribe a la par de la voluntad perseverante del toro, el coraje del león contra las fuerzas pasionales. Y es también por lo que Apolonio prescribe las reservas y la fraternidad, conjuntamente con el Evangelio que constituye la fuente de la ley.

Esta es, además de la ciencia, la preparación a la iniciación. Veremos muy pronto la sanción de esos preceptos.

El neófito suficientemente ejercitado en los preliminares de la primera hora desciende los tres grados inferiores del siguiente modo:

ARCANO XI: LA FUERZA

Segunda hora de Apolonio: Los abismos del fuego; las virtudes astrales forman un círculo a través de los dragones y el fuego (la cadena magnética).

El Neófito aprende a conocer la Fuerza Universal que obra en su organismo y la doble corriente (positiva y negativa) que la caracteriza. Este conocimiento tendrá su adecuada aplicación en las dos horas siguientes.

ARCANO XII: LA GRAN OBRA

Tercera hora de Apolonio: Las serpientes, los canes y el fuego. Primera manifestación de la fuerza aplicada exteriormente a la materia inerte para efectuar las transmutaciones: LA ALQUIMIA. Alcanzando este grado práctico, el neófito debe, en lo moral, estar dispuesto al sacrificio completo de la personalidad. Usando la terminología alquímica, diremos que debe haber destruido por el fuego su naturaleza fija a fin de volatilarla.

ARCANO XIII: LA MUERTE

Cuarta hora de Apolonio: "El neófito vagará de noche entre los sepulcros. Experimentará el horror de las visiones. Se entregará a la magia y a la goecia".

Es la necromancia, utilización de las fuerzas para el dominio de los seres inferiores: elementales (organismos a punto de sintetizarse) y elementarios: restos cadavéricos en desorganización.

En lo moral, el neófito debe morir para la vida ordinaria a fin de renacer en la vida espiritual. El hombre celeste surgirá de los despojos del hombre terrestre.

Se ha alcanzado el fondo del universo. El neófito se halla en los límites del aura terrestre: atmósfera sublunar que envuelve al planeta y que constituye el depósito de los elementos de su vida. Helo aquí en el momento terrible en que debe abandonar la tierra para lanzarse al océano del espacio; crisis terrible a la que se consagrarán dos períodos.

El primero es transitorio.

ARCANO XIV: LAS DOS URNAS, (los fluidos terrestres y celestes)

Quinta hora de Apolonio: "Las aguas superiores del cielo".

Se adquiere el conocimiento de las corrientes astrales que circulan en el aura planetaria, tal como en la segunda hora se adquirió el conocimiento de la fuerza anterior a su manifestación en la hora siguiente.

ARCANO XV: TIFÓN, (el huracán eléctrico)

Sexta hora de Apolonio: "Aquí es necesario mantenerse quieto, inmóvil, a causa del temor".

El neófito se expone a la doble y potente corriente fluídica del espacio interestelar, que arrolla sin miramientos al imprudente o al ignorante, pero que eleva al fuerte suficientemente purificado. Silencio, prudencia, coraje.

Según vuestros méritos, seréis arrebatados como San Pablo, o de lo contrario os expondréis a la locura, la hechicería, y hasta a la espiritualización del mal. Será el sabbat o el éxtasis.

El lector deberá prestar la máxima atención a este solemne instante del ocultismo práctico, tan bien descrito por Lytton en su novela (Zanoni) con el nombre de "El Guardián del Umbral". Se llega a este umbral por vías muy diversas: el haschich, los narcóticos, los hipnóticos, las prácticas de la mediumnidad espirita; mas desgraciado de aquél que se asoma a este umbral sin haber triunfado en su larga y penosa labor preparatoria.

El próximo arcano nos muestra los resultados que pueden esperarse.

ARCANO XVI: LA TORRE FULMINADA.

Séptima hora de Apolonio: "El fuego reconforta los seres animados, y si algún sacerdote, hombre suficientemente purificado, lo roba y luego lo proyecta; si lo

mezcla al óleo santo y lo consagra, logrará curar todas las enfermedades con sólo aplicarlo a la parte afectada".

La irresistible corriente abate al hombre que la desafía desde las elevadas cimas terrestres. Si el temerario carece de la pureza necesaria, sufrirá la acción de las fuerzas desorganizadoras en la justa proporción de su indignancia moral e intelectual (misticismo incoherente, locura, muerte o desintegración completa, figurada por el genio del mal: el Diablo).

Si en cambio hubiera merecido habitar las regiones superiores, este bautismo de fuego le dará los poderes del mago. Las fuentes de la vida terrestre se hallarán a su disposición. Llegará a ser terapeuta.

Entonces conocerá y dominará los espacios celestes en la misma forma como conocerá y dominará la esfera terrestre. Tres horas se consagran a esta exploración.

ARCANO XVII: LA ESTRELLA DE LOS MAGOS.

Octava hora de Apolonio: "Las virtudes astrales de los elementos, de las simientes de todo género".

Estamos en la región de los principios del sistema solar. La vida se aclara; su distribución desde el centro solar hacia todos los planetas y sus recíprocas influencias, son al fin entendidos en todos sus detalles. Es a lo que los ocultistas llaman correspondencias. El iniciado alcanza los más profundos conocimientos de la Astrología.

ARCANO XVIII: EL CREPÚSCULO.

Novena hora de Apolonio: "Aquí nada terminado todavía". El iniciado aumenta su percepción hasta sobrepasar los límites del sistema solar, "más allá del zodiaco". Llega al umbral del infinito. Alcanza los límites del "mundo inteligible". Se revela la luz divina y con ella aparecen nuevos temores y peligro".

ARCANO XIX: LA LUZ RESPLANDECIENTE.

Décima hora de Apolonio: "Las puertas del cielo se abren y el hombre sale de su letargo".

La idea aparece al alma regenerada del iniciado; como se dice en ocultismo: surge el "Sol espiritual". Mediante un nuevo renacimiento entrará en el mundo divino y allí será inmortal.

Dos pagos hay que efectuar para llenar el más alto destino humano.

ARCANO XX: "EL DESPERTAR DE LOS MUERTOS".

Undécima hora de Apolonio: "Los ángeles, los querubines y los serafines vuelan con rumores de alas; hay regocijo en el cielo, despierta la tierra y el sol, que surge de Adán".

Son las jerarquías del mundo divino que se manifiestan sobre nuevos mundos y cielos. El iniciado no volverá a morir; se ha hecho inmortal.

ARCANO XXI: LA CORONA DE LOS MAGOS.

Duodécima hora de Apolonio: "Los cohortes del fuego se aquietan".

Nirvana. Regreso definitivo al ALFA. Resumamos en un cuadro las doce horas de la iniciación.

Sería inútil destacar las dificultades que presentan cada una de estas horas. Por otra parte, el tiempo que demandan hasta su total realización no solamente puede contarse en años sino también por vidas, y aun por centenares de siglos.

Del conocimiento de estas horas podemos esperar lo siguiente:

1º Un amplio progreso en la dirección de nuestras más hermosas esperanzas.

<p>O — Estudio y Pruebas preliminares.</p> <p>I. — Estudio trascendente del mundo sensible.</p> <p>Manifestaciones inferiores:</p>			
<p>1º Estudio preliminar de la Fuerza.</p>	<p>(Magnetismo)</p>	<p>Arcano X</p>	<p>1ª hora</p>
<p>2º Aplicación al mundo inerte.</p>	<p>(Alquimia)</p>	<p>Arcano XI</p>	<p>2ª hora</p>
<p>3º Aplicación al mundo animado elemental.</p>	<p>(Necromancia) (Magia)</p>	<p>Arcano XII</p>	<p>3ª hora</p>
<p>Fase transitoria:</p>		<p>Arcano XIII</p>	<p>4ª hora</p>
<p>1º Percepción de las fuerzas superiores.</p>		<p>Arcano XIV</p>	<p>5ª hora</p>
<p>2º Entrada en el mundo ultraterrestre.</p>	<p>(Extasis)</p>	<p>Arcano XV</p>	<p>6ª hora</p>
<p>EL GUARDIAN DEL UMBRAL</p>			<p>(TIFON)</p>
<p>Regiones superiores:</p>			
<p>1º Aplicación de las fuerzas superiores a la vida terrestre.</p>	<p>(Terapéutica)</p>	<p>Arcano XVI</p>	<p>7ª hora</p>
<p>2º Las fuerzas en el sistema solar.</p>	<p>(Astrología)</p>	<p>Arcano XVII</p>	<p>8ª hora</p>
<p>3º Las fuerzas en el universo entero.</p>		<p>Arcano XVIII</p>	<p>9ª hora</p>
<p>II. — Estudio del mundo inteligible: Al borde del Infinito.</p>		<p>Arcano XIX</p>	<p>10ª hora</p>
<p>III. — Estudio del mundo divino. Jerarquías divinas. Nirvana.</p>		<p>Arcano XX Arcano XXI</p>	<p>11ª hora 12ª hora</p>

2º Una realización suficiente como para permitir y asegurar el éxito de los que nos acompañan.

3º La suficiente confianza en las enseñanzas de aquellos que reconocemos como nuestros maestros.

4º La certeza que de estas fecundas enseñanzas obtendremos los medios necesarios para ser útiles a nuestros semejantes.

Si queremos triunfar deberemos poner en práctica el consejo de la esfinge: aumentar el caudal de nuestros conocimientos, al mismo tiempo que apuntalamos sólidamente nuestra conciencia moral.

Sin embargo tas sólo aquellos que llevaron a la práctica estos consejos saben del intenso esfuerzo que requieren. Ojalá estas líneas tengan la virtud de provocar en el lector, el deseo y el coraje de repetir estos esfuerzos.

F. CH. BARLET.

EL NOMBRE DIVINO EN EL TAROT

Por F. CH. BALLETT.

El conjunto de símbolos que conocemos con el nombre de Tarot, se halla distribuido en una serie de 78 láminas o cartas, en vez de condensarse en una única figura sintética. La razón que informa esta distribución obedece a los múltiples significados (a la vez teológicos, cosmológicos, psicológicos y adivinatorios) que contiene, y a que esta multiplicidad resulta de las combinaciones y permutaciones que pueden efectuarse con las 78 láminas. Semejante disposición no es la menos atrayente de esta obra maestra, pues a ella se añade el movimiento, es decir la vida, que falta por lo general en todas las representaciones gráficas; esto sin contar la variedad de sus manifestaciones que abarcan el número, la palabra, la forma y el color.

Podemos entonces hacer hablar al Tarot cuando hallamos algunas de sus innumerables combinaciones, es decir, cuando sabemos disponer sobre una mesa una parte o la totalidad de sus láminas, en el orden que corresponde.

Preguntémosle, por ejemplo, qué es la creación desde el punto de vista humano, es decir qué es la vida del gran todo y en qué medida debe y puede participar en ella. El Tarot, considerado en su conjunto (22 arcanos mayores y 56 menores) nos contestará al punto, tal como vamos a demostrarlo citando algunas de las profundas interpretaciones que ofrece.

Para obtener esta enseñanza, recordemos, primeramente que las tres primeras láminas del Tarot expresan la trinidad, al mismo tiempo que constituyen la clave de los 22 arcanos mayores, los cuales, abstracción hecha del 0— no son otra cosa que una séptuplo repetición de esta trinidad. Recordemos también que la lámina IV, cuarto término de la tetraktis divina es, a la vez, la realización de la trinidad vuelta a la unidad y el primer término de la trinidad siguiente. De acuerdo a lo que

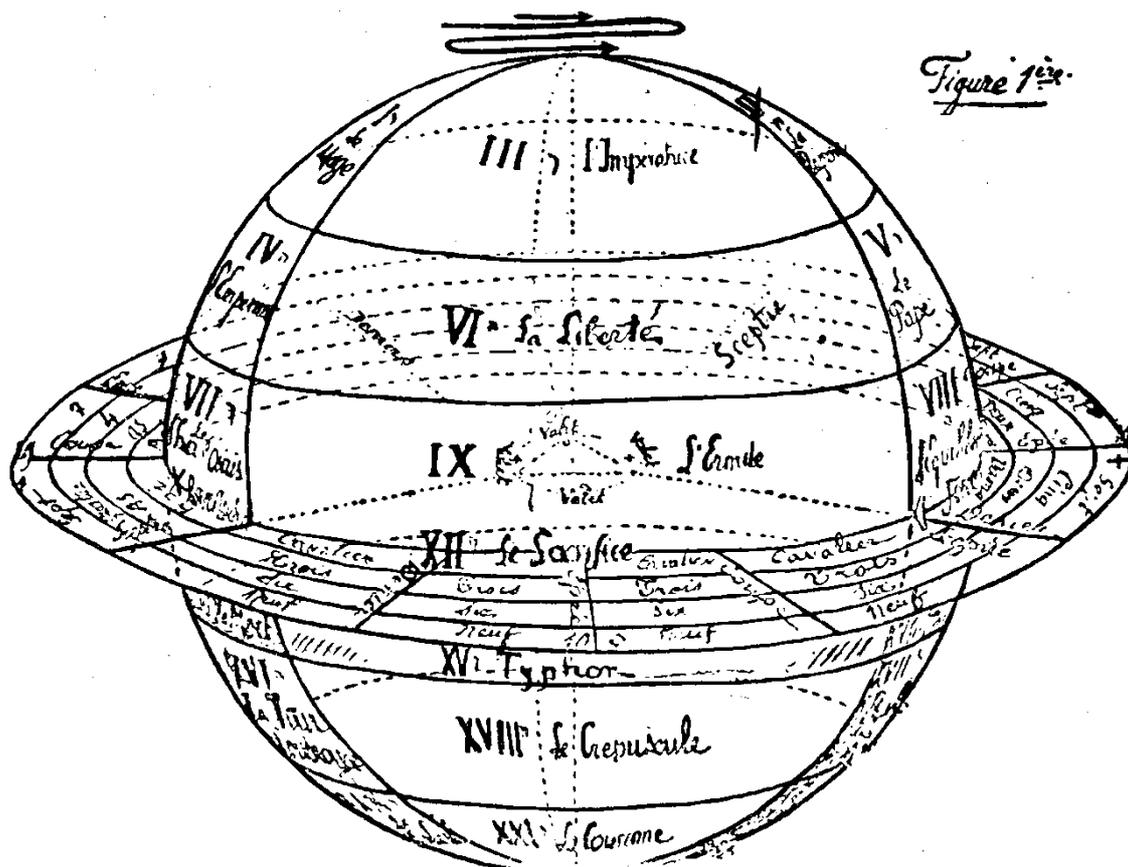
antecede, las cuatro primeras láminas representarán el nombre divino de cuatro letras (IEVE), de tal manera que si repetimos siete veces la trinidad para obtener la serie completa de los 21 arcanos mayores, los números y las letras se hallarán en la siguiente relación:

Número	1.2.3.	—	4.5.6.	—	7.8.9.	—	etc.
	והי		היה		יהו		
Letras	IEV	—	EIE	—	VEI	—	„

Supongamos a estas letras unidas a los arcanos correspondientes y tendremos entonces la primera clave de la distribución que buscamos. Para hallar la segunda clave, distribuiremos las láminas en el espacio, y de inmediato resultará su ubicación en el plano.

Sabemos que el cosmos debe ser concebido como una expansión finita del punto matemático, es decir del absoluto, el cual poseyendo esta expansión, contiene en la nada todas las fuerzas o potencialidades. Dibujemos esta esfera (ver fig. I). Su centro estará determinado por la lámina O, el loco o el cocodrilo. Esta lámina será el pivote de las restantes. Todas las láminas, inclusive la O, expresarán las múltiples propiedades de nuestro universo.

Desde un punto cualquiera de la esfera, que constituirá para nosotros el polo norte, se iniciará el movimiento, en virtud del cual, veremos a la creación aparecer sobre la superficie.



Alrededor de este punto, reflejo del centro, situaremos sobre la esfera los tres primeros arcanos: I (el mago, el espíritu ♁) II (la ciencia, la sustancia ♃) III (el amor, la potencia fecunda, el ser ♃) y para que esta trinidad se repita en todo el septenario de nuestra distribución, la consideraremos como el origen de los 3 grandes husos, que representarán los 3 términos de la trinidad, cortando en 3 meridianos la superficie de nuestra esfera.

A continuación distribuiremos las láminas sobre la esfera, siguiendo el procedimiento siguiente: el jefe de cualquier trinidad parcial se hallará en el huso 1; el segundo término se hallará en el huso 2; el término tercero en el huso 3. En consecuencia, la lámina IV (el emperador ♃) caerá bajo la I; la lámina V (el Papa

♁) caerá bajo la II; la lámina VI (la libertad ♃) caerá bajo la III, y esta segunda serie constituirá sobre nuestra esfera una nueva zona. Una tercera, más inferior, se hallará formada por las láminas VII, VIII y IX; las láminas XI y XII ocuparán el ecuador, y las 9 láminas, de XIII a XXI se distribuirán, como las 9 primeras, en 3 bandas superpuestas sobre el hemisferio inferior, tal como se ve en la figura 1.

Tenemos ya colocados nuestros 22 arcanos; detengámonos un poco sobre sus significados: Por encima del ecuador notamos una expansión cada vez mayor del Polo Norte, representado por los tres planos de la creación: El divino, metafísico (I, II, III); inteligible, moral (IV, V, VI); y el físico, el de los atributos generadores o elementos (VII, VIII y IX).

La creación se realiza sobre la línea ecuatorial (X, XI, XII) cuyo primer término representa, conjuntamente con las láminas precedentes, los 10 sephirot de la cábala.

Debajo del ecuador, mundo de la realización material que se abandona con la muerte (arc. XIII), la expansión se estrecha, se sintetiza mediante un movimiento inverso y simétrico al precedente. Los arcanos siguientes representarán la iniciación llevada hasta sus límites extremos, la senda por la cual la criatura (Arc. X) retorna de la multiplicidad a la unidad del espíritu, regresa al punto, al polo del meridiano, nuevo reflejo del absoluto, hacia el cual ascenderá por el eje vertical de la esfera.

El neófito, después de su preparación (ciencias positivas, magnetismo y alquimia, arc. X, XI, XII) reconoce el mundo sublunar (arc. XIII, XIV, XV), después el sistema solar (arc. XVI, XVII, XVIII) y se escapa por el sol en los abismos del infinito (arc. XIX, XX, XXI).

Es cuanto podemos deducir de esta breve exposición sobre la distribución práctica de los 21 arcanos sobre un plano (distribución que el lector deberá reproducir sobre una mesa para obtener de ella todo el provecho posible).

Bastará con que nos imaginemos a esta esfera vista desde una distancia considerable, sobre la vertical de su eje; por ejemplo, a la distancia de la tierra al sol aparecerá solamente el hemisferio superior; el otro será visto en "transparencia", y aparecerá como un círculo cuyo ecuador será la circunferencia. Los límites de las 3 zonas superpuestas se verán como 3 círculos concéntricos; los planos meridianos, vistos en secciones, aparecerán en forma de 3 rayos igualmente espaciados, formando 3 sectores e igual cantidad de arcos. Esta representación, que los geómetras denominan proyección sobre un plano del ecuador, nos da la figura 2 (solamente los 4 círculos del medio); para la mayor claridad de los símbolos se le añade un triángulo equilátero inscrito en el círculo interior, con los vértices situados en los 3 meridianos. Las cifras romanas anotadas en el círculo representan los números de las láminas, situadas como ya se dijo, y, en consecuencia, indicarán también su ubicación sobre la mesa: los arcanos del hemisferio inferior están indicados en la figura mediante cifras de puntos, dentro el mismo círculo que las precedentes, ya que la zona inferior, vista al trasluz, se confunde con la superior a causa de su recíproca simetría.

Tenemos ya, en sus líneas generales, la respuesta a nuestra pregunta: El espíritu desciende mediante tres trinidades del absoluto a la materia (hemisferio superior). Se realiza mediante la trinidad X (Malchut), XI y XII (el Ecuador), y vuelve al absoluto mediante una trinidad de síntesis creciente que constituye el programa humano (hemisferio inferior).

Indicaremos luego algunas de las interpretaciones filosóficas que ofrece esta distribución; terminemos ahora con nuestros 55 arcanos menores. Representan especialmente nuestro mundo solar.

Como nos hallamos aquí en el mundo de la realización, su número o base fundamental será el 4; es la trinidad manifestada, el nombre divino de 4 letras IEVE (יהוה).

Dividiremos nuestras láminas en cuatro secciones: los 4 colores del juego de cartas: piques, corazones, tréboles y diamantes, o, según su nombre hieroglífico — mucho más significativo— Cetros, Copas, Espadas y Oros.

Todo es dual en este mundo de equilibrio inestable, cuyo reboso no podrá alcanzarse sino regresando a la trinidad que lo originó.

Así estas cuatro divisiones fundamentales van a dividirse en dos duadas: una espiritual, la otra material, cada una de ellas compuestas por un principio masculino y otro femenino, a saber:

Duada espiritual: los Cetros (piques, triángulo pleno, masculino) ; las Copas (corazones, triángulo abierto, femenino) ; atributos religiosos.

Duada material: las Espadas (tréboles, triángulo lobulado) y los Oros (diamantes, triángulo doble); atributos del guerrero y del artesano.

A estas 4 divisiones de colores corresponden otras 4, las de las figuras, compuestas a su vez de dos duadas; a saber:

Rey y dama.

Caballero o combatiente, y valet.

En cuanto a los números que siguen a estas figuras, nos llevan a otra consideración, de mucha importancia para la distribución de nuestras láminas.

Si 4 es la cifra fundamental de estos arcanos menores, símbolos de nuestro mundo, no debemos olvidar que se relacionan también con la trinidad de la cual emanan. Es necesario que volvamos a encontrar el elemento ternario, después de los colores y las figuras, que han constituido la base de nuestro mundo; los números, que constituyen su esencia, reflejarán los sephirots y mediante ellos el acto de la creación; en efecto, se detienen en el número 10, abarcando 3 trinidades además de la decena, Malchut, que los resume.

Es necesario también que nuestra distribución tenga en cuenta los dos números, 3 y 4, combinándolos de manera de poder utilizar todos los elementos que acabamos de enumerar. Explicaremos cómo podremos hacerlo (seguir la figura 1 sobre el plano del Ecuador proyectado fuera de la esfera):

Separaremos primeramente dos clases de láminas: los valet de cada uno de los 4 colores (♠), los cuales, realizando la trinidad Rey (♠), dama (♠), caballero (♠), representan la transición del cuaternario al ternario; luego, el 10 de cada color que es la unidad de realización completa, la unidad múltiple 1 y 0 — Malchut.

Los valet, por su participación en el cuaternario y en el ternario, y su regreso a la unidad por la trinidad, poseen un carácter de universalidad semejante a la lámina 0 de los grandes arcanos; por lo tanto, los colocamos en cruz alrededor de esta lámina, y en el centro del círculo ecuatorial. De esta manera, el centro expresará: mediante la lámina 0 la unidad original, fuente y meta de la creación; mediante el triángulo, la trinidad primitiva; mediante los 4 colores, el cuaternario por medio del cual se realiza; mediante el atributo de los 4 valet, la reducción del cuaternario al

ternario; es decir toda la creación reunida en un punto, en estado potencial; es la característica del espíritu.

Los 10, al contrario, estarán situados en las extremidades de la cruz trazada por los valet, fuera de los círculos, como la expresión de la unidad múltiple en su último término de diferenciación.

En cuanto a las otras láminas, comprenden 3 clases de figuras correspondientes a los 3 términos de la trinidad; es muy fácil distribuirlas sobre las 3 partes del plano ecuatorial externo, correspondientes a las 3 divisiones de la esfera:

Los reyes delante la división I (י)

Las damas delante la división E (ה),

Los caballeros delante la división V (ו),

y dado que hay 4 colores para cada uno de ellos, se producirán 4 subdivisiones naturales en cada una de las 3 divisiones principales; estas 4 subdivisiones corresponden a los Cetros (י); a las Copas (ה); a las Espadas (ו); a los Oros (ה), como asimismo al nombre divino de 4 letras IEVE (יהוה) y forman la transición del ternario al cuaternario.

Queda por colocar los números; bastará hallar sus correspondencias con los términos de la trinidad:

Los cuatro 1, detrás de los reyes;

Los cuatro 2, detrás de las damas;

Los cuatro 3, detrás de los caballeros;

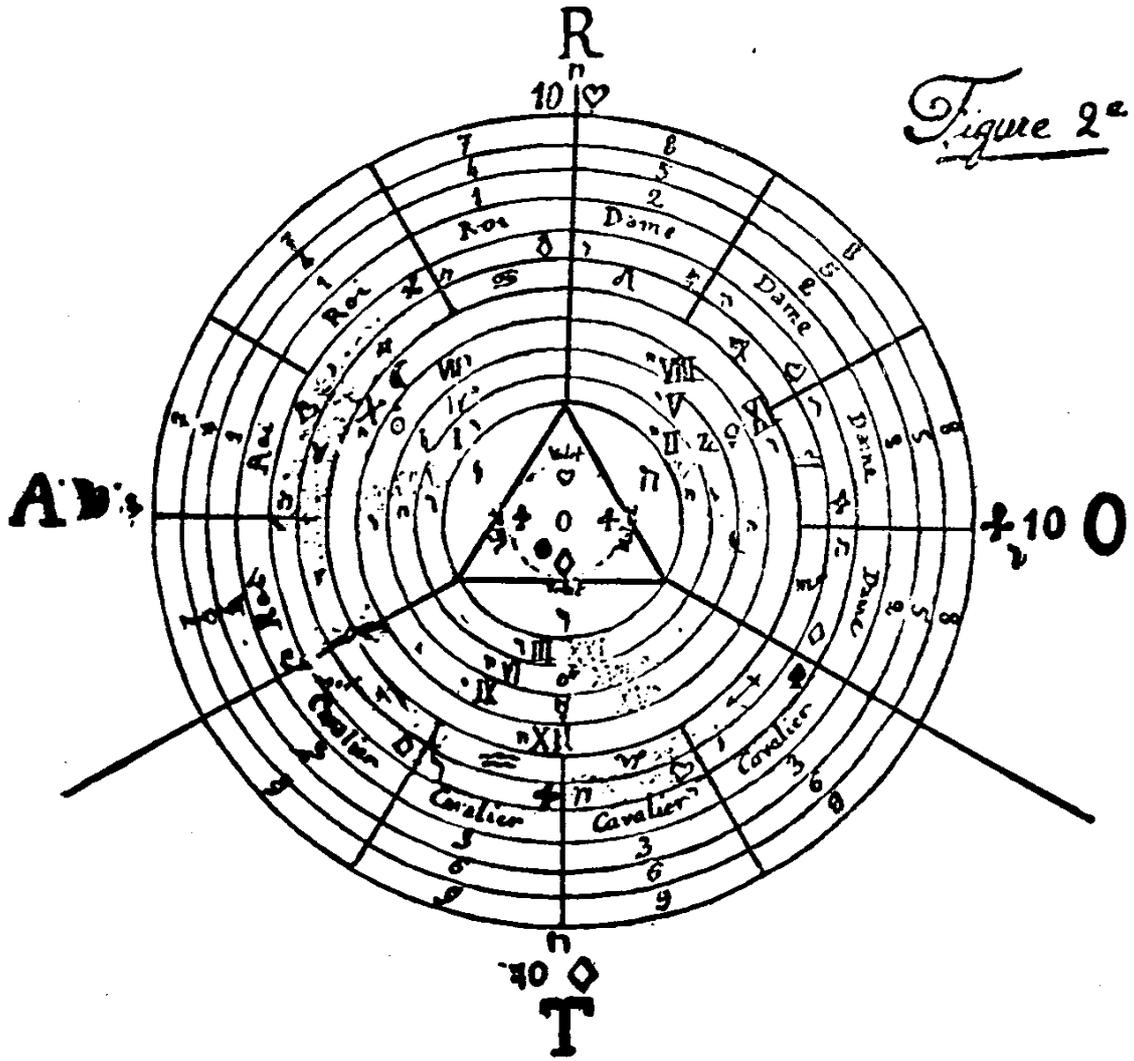
después, en el círculo siguiente:

Los cuatro 4, detrás de los reyes y los 1;

Los cuatro 5, detrás de las damas y los 2;

Los cuatro 6, detrás de los caballeros y los 3.

En fin, un tercer círculo contendrá dentro del mismo orden los 7, los 8 y los 9. En cuanto a los 10 se hallan situados al exterior, como ya quedó dicho.



De este modo se obtiene la distribución representada en las figuras 1 y 2. Veamos ahora su significación:

El átomo viviente en su descenso sobre la esfera ha llegado al punto representado por el arcano 10; la rueda de Ezequiel que eleva al hombre y humilla al elemental, el átomo va a instalarse, por así decirlo, en el mundo material al cual acaba de llegar; desciende primeramente a través de la década espiritual (Cetros y Copas) recorriendo a su paso los números cada vez más complejos que se hallan en su camino: rey, 1, 4, 7, después el 10. Mediante este 10, unidad múltiple, límite de la materialización semejante a las dos partes de la década Cetros-Copas, toma en sentido inverso el camino que lo volverá a la lámina X, ascendiendo por las láminas 4, 7, 1, rey de Copas y rey de Espadas, duada sustancial.

Pero esto es solamente la tercera parte del viaje que el átomo viviente debe cumplir en el mundo real; en efecto, en esta su primera excursión a través de la materia, conserva todavía su carácter espiritual, conferido por la iod (ד), clave de la lámina X; ahora debe perder esta característica para adquirir la de hé (ה) que la

sigue. Con tal fin, pasará de la lámina X a la lámina XI (ה) el ERMITAÑO, la LÁMPARA VELADA, para recorrer como lo hizo anteriormente la serie dualista Cetros-Copas, a través de las damas, los 2, los 5 y los 8, pasar por el 10 de Copas, y ascender por la segunda serie Espadas-Oros, hasta el arcano XI, punto de partida de esta segunda excursión.

Por fin desde este último arcano, pasa al XII, el SACRIFICIO, desciende la serie neutra caballero, 3, 6, 9 de Cetros y de Copas, atraviesa el 10 de Espadas y el 10 de Oros, y sube por la dualidad Espadas-Oros hasta el mundo inteligible.

Su viaje a través del mundo material ha terminado; ha recorrido todo el zodíaco, ahora tendrá que morir; el arcano XIII lo espera y le facilita el acceso al mundo espiritual, a la Redención.

Penetremos en algunos nuevos detalles de esta distribución:

Ella divide el círculo exterior del ecuador en 3 arcos subdivididos en 4 partes; en total 12 divisiones de diferente carácter. Son los 12 signos del zodíaco; el primero se sitúa, juntamente con la primera lámina de los arcanos menores, en el sector espiritual, es decir el rey de Cetros (piques); el segundo coincide con el rey de Copas, y así sucesivamente hasta la duodécima.

Una sola observación será suficiente para justificar esta correspondencia entre el zodíaco y nuestra lámina: anotemos las 12 subdivisiones del círculo sobre el cual están trazadas las 4 letras del nombre sagrado 3 veces repetido; operación justificada por la observación anterior de que los colores corresponden a estas letras (ver fig. 2 el círculo intermedio sobre el cual se hallan grabados los signos del zodíaco). Reconoceremos de inmediato los cuatro trígonos del zodíaco correspondientes a los elementos representados a su vez por los 4 colores.

Trígono de fuego (Aries, Leo, Sagitario) corresponde a los Cetros y a las letras (דד) en el que predomina el elemento espiritual.

Trígono de tierra (Tauros, Virgo, Capricornio) correspondiente a las Copas y a las letras (ההה), a saber: dos E. del nombre de 3 letras y la E final del nombre de 4 letras —carácter esencialmente femenino, sustancia, mas de orden superior.

Trígono de aire (Géminis, Libra, Acuario), correspondiente a las Espadas y a las letras (ההה), y en el que predomina el elemento masculino de segundo orden.

Trígono de agua (Cáncer, Scorpius, Piséis), correspondiente al Oro y a las letras

(ההה) que comprenden, esta vez, dos veces la E final del nombre de cuatro letras y la E del nombre de tres letras; característica dominante, lo femenino inferior.

Mas dejemos los arcanos menores librados a la investigación del lector; nos llevarían demasiado lejos; volvamos sobre ciertos aspectos de los arcanos mayores.

Observemos primeramente cómo los 3 sectores principales conservan y reproducen en todas sus partes los caracteres que les son propios.

En el primero, el de la letra iod (י), el espíritu, se hallan los NÚMEROS unitarios: I, IV, VII, X (repetidos en los arcanos menores); como FIGURA, los reyes; como COLOR, los Cetros; en el ZODÍACO, las líneas recorridas por el sol encima del ecuador, desde la primavera hasta el solsticio.

En el segundo sector (-1) el principio sustancial, se hallan los NÚMEROS femeninos II, V, VIII, IX (repetidos en los arcanos menores) ; como FIGURA, las damas; como COLOR, las Copas; en el ZODÍACO, los cuatro signos que recorre el sol hacia el ecuador; estación de la mies y la vendimia, fecundidad en todos sus aspectos.

En el tercer sector (1) el Hijo. el Elemento, están los nombres sagrados que participan de los dos órdenes precedentes III, VI, IX; como FIGURA, el caballero; como COLOR, los Oros del mundo práctico y también las Espadas, que cierra el sector precedente; en el ZODÍACO, los signos que el sol recorre en el hemisferio Sud; nuestro invierno, tiempo durante el cual se consumen los productos, de renovación del ciclo siguiente; Navidad se halla en el medio; el renacimiento en los hielos de la muerte; el tiempo durante el cual el HIJO nace en un mundo inferior para reanimarlo.

El nombre divino (יהוה) no se halla solamente inscripto en la serie de los círculos concéntricos sino que se lee también sobre los radios comunes a estos círculos, tanto en sentido descendente como ascendente.

El primer sector lo da sin transposición, tal como se ve en la fig. 2. En el segundo sector, el nombre divino se halla precedido de la letra femenina E, la Madre, y en seguida se une a ella: E, IEVE, IE (ver la figura).

En el tercero, comienza con la letra del HIJO y termina con la del PADRE: VE, IEVE.

Partiendo de estas observaciones, vamos a preguntar a los símbolos de las láminas cuáles son las diferentes maneras de pronunciar el Nombre divino y las diferentes manifestaciones, en el cosmos, de cada una de estas cuatro letras. Interroguemos más bien al Espíritu de estos símbolos, en vez de sus números, de sus colores o de sus formas, que es lo que nos preocupó especialmente hasta aquí. Siguiendo el orden de nuestra distribución hallaremos:

En el mundo divino: arcanos I, II, III, IV, la tetraktis divina, compuesta por:

- 1° el ser absoluto;
- 2° la conciencia del absoluto;
- 3° el amor o potencia fecundante;
- 4° la realización de las virtualidades del absoluto.

En el mundo de las leyes:

arcano V, la ley que relaciona a lo creado con lo increado (el iniciador, y también el temor);

VI (la libertad, la belleza), la ciencia del bien y del mal, conciencia de la ley;

VII (la gloria); dominio del espíritu sobre la materia; potencia fecunda de la ley;

VIII (justicia absoluta, victoria) realización de la ley.

En el mundo físico:

arcanos IX (la Lámpara velada), la luz apagada por las tinieblas de la sustancia, el espíritu encarcelado en el mundo material, lesod.

X (la Rueda de la Fortuna) que eleva al espíritu caído para traerlo, juntamente con la materia espiritualizada por él, a su plena potencia, mediante (la Fuerza), arcano XI, y por (el Sacrificio) arcano XII.

Siguen ahora las fases de la espiritualización.

XIII Primera fase: (la muerte) en el mundo físico.

XIV (las dos Urnas) combinación de los movimientos de la vida.

XV (Tifón, la Magia);

XVI (la Torre Fulminada), la fuerza interplanetaria.

Segunda fase:

XVII (la Estrella relampagueante), la luz interior;

XVIII (el Crepúsculo), el amanecer del sol divino;

XIX (el Sol) central; y

XX (el Juicio), después del cual se obtiene la realización suprema, la Corona de los Magos.

Como ya dijimos, el nombre divino puede enunciarse también recorriendo los 3 sectores.

En el primero se encuentran los arcanos I, IV, VII, X. El absoluto, la realización de sus virtualidades, el dominio del espíritu sobre la materia y los principios vivificantes del ser. Después, al volver, XII, XVI, XIX y I. La muerte (la Inercia) la luz astral, el sol central y el innombrable.

En la relación, mediante los principios, de la diferenciación y de la integración del absoluto.

En el segundo sector, aquel que corresponde a la conciencia del Absoluto, o la fe, tenemos la serie: V, VIII, IX, XIV; el Hierofante o la Religión; la Justicia, la Fuerza y la combinación de los movimientos de la vida, imagen de los Santos místicos de todas las religiones quienes, por la Fe y la Justicia absoluta, virtudes receptoras, femeninas, adquieren, sin proponérselo, el poder de realizar prodigios.

Por fin, un tercer sector, el del Amor o poder de fecundidad, tendremos la serie: IX, Sabiduría y Prudencia; XII, el Sacrificio; XV, el abandono a las fuerzas astrales; y XVIII, el regreso al infinito. En la quintaesencia de esta serie de esfuerzos activos y pasivos lo que constituye la Iniciación, la Redención.

Busquemos todavía el nombre divino a través de los tres husos y hallaremos, por ejemplo, los arcanos I, II, III, IV que muestran la trinidad divina manifestada por medio de la Belleza y la Libertad en el mundo intelectual: es la transición del Padre (♁) al Hijo (♂)

O también I, VI, IX, X: El descenso del Padre en el mundo físico (X) mediante el Hijo (IV) y Jesod (IX); el verbo hecho carne. Es la Redención, la serie que, en el Sepher Jesirah representa la columna central de los Sephirot (Kether, Tiphereth, Jesod y Malchut).

Mas terminemos con estos ejemplos que el lector podrá multiplicar a su sabor. Digamos tan sólo dos palabras respecto al segundo problema, las diferentes manifestaciones de cada una de las tres personas de la trinidad divina.

La iod se encuentra en los arcanos I, V, IX, XII y XIII; en Kether, el Hierofante y el Ermitaño; preside luego a la Muerte que volverá el mundo, desde el fondo de la Inercia encerrada en tinieblas a la corona resplandeciente del Mago, mediante la luz interna.

Notemos de paso que la iod es la única letra cuyas diversas situaciones forman una espiral completa sobre la esfera, desde el polo norte hasta el polo sud; símbolo sumamente sugestivo para quien conoce los misterios de la vida planetaria.

La primera E, la Madre celeste (arc. II), se reproduce en los arcanos VI, X, XIV y XVIII, es decir la Belleza, la Forma, el Ángel de la Temperancia, que equilibra los movimientos de la vida, y la aurora del sol divino; Diana, la Luna.

El V, el Hijo, se halla configurado sobre los diversos planos por los arcanos III, VII, XI, XV y XIX; el Amor, poder fecundo; el Dominador de la Materia, la Fuerza, después Tifón, el Bafomet misterioso de los Templarios, que reúne las fuerzas superiores para verterlas sobre la Tierra, y por último el Sol central. En una palabra, el Cristo del Evangelio, Maestro de los Elementos, Verbo hecho carne para espiritualizar la carne: Ángel del Sol, reflejo divino del Sol Universal.

En fin, la segunda E, la madre terrestre, se halla en los arcanos IV, VIII, XII, XVI y XX. Realización de las virtudes divinas, y también Misericordia; Justicia absoluta. Sacrificio, Espíritu fulminado y sufriente, y al fin Resurrección; la cabeza de la serpiente aplastada bajo el talón de la mujer, por la fuerza de la abnegación y de la fe resignada.

Basta con seguir estos diversos arcanos sobre la esfera para observar todavía que la iod contiene tres arcanos superiores (hemisferio norte) y 2 inferiores;

Que la vau contiene tan sólo 2 superiores, además de uno intermedio (sobre el ecuador);

Y que la E contiene 4 superiores, 2 inferiores y 2 medianos. Concluyamos estas observaciones, demasiado extensas, con una simple nota.

Los 3 mundos. Divino, Inteligible y Físico no se hallan solamente en las 3 zonas de la esfera; se reproducen también en la disposición de conjunto; el mundo divino está en el centro, mediante el Loco del Tarot y la cruz formada por los 4 colores.

El mundo Inteligible se crea por el desarrollo de la esfera (fig. 1) o la distribución circular de los 21 arcanos mayores (figura 2).

El mundo Físico aparece en el plano exterior del ecuador (figura 1) mediante la distribución de los 56 arcanos menores, representación del zodiaco y de los diversos grados de multiplicidad de la Fuerza a través de la sustancia, hasta el polo opuesto, la unidad negativa, 10.

Además, el conjunto (fig. 1) reproduce la forma del planeta Saturno, con sus anillos, forma que, según las teorías de nuestra ciencia materialista, es la manifestación evidente, la demostración de las grandes leyes de formación de nuestro Universo. A saber: la concentración de la sustancia al estado radiante, alrededor de un punto de atracción, capaz de reproducir por condensación progresiva un movimiento de rotación —particularmente acentuado en el ecuador— en virtud del cual se producen las estrellas, los planetas, los satélites, descendiendo así de la nebulosa etérea al átomo; de la nada viviente a la nada inerte, del uno a la infinita multiplicidad.

Como vemos, el Tarot, producto secular del genio, de nuestros abuelos, no solamente nos explica la creación en su estado actual, sino también su historia y hasta su futuro —conjuntamente con la del ser humano, desde su comienzo— evitando por la combinación de sus símbolos analógicos copiados a la naturaleza, el

escollo contra el cual tropiezan todas las filosofías, esto es la definición de las palabras, la expresión perfecta y completa del Verbo en el mundo sublunar.

CAPÍTULO XVIII

EL TAROT CABALÍSTICO

Deducciones de Etteilla sobre el libro de Thoth — Ejemplo de aplicación del Tarot a la Cábala, el Hierograma de Adán por Stanislas de Guaita.

DEDUCCIONES DE ETTEILLA SOBRE EL LIBRO DE THOTH

Vamos a resumir algunas de las conclusiones a las cuales había llegado Etteilla referente al libro de Thoth (el Tarot).

El nombre de: Libro de Thoth Hermes, dado por Etteilla al Tarot, revela que nuestro autor conocía su origen egipcio. Este libro está compuesto de 78 páginas repartidas en cuatro volúmenes.

El 1º comprende 12 páginas

El 2º comprende 5 páginas

El 3º comprende 5 páginas

El 4º comprende 56 páginas

Los 22 arcanos mayores componen 3 volúmenes, el último está compuesto por los 56 arcanos menores.

Las 56 páginas del último volumen se dividen de la siguiente manera, de acuerdo con la operación indicada en la primera tirada de cartas.

$$26 + 17 + 11 + 2 = 56$$

Las 4 divisiones de estas 56 páginas (los 4 colores) representan respectivamente:

1º La agricultura.

2º El sacerdocio.

3º La nobleza. La magistratura. Los militares. Los artistas.

4° El pueblo. El comercio.

El libro de Thoth contiene tres partes que son:

22 Triunfos mayores.

16 Triunfos menores (figuras).

40 Láminas inferiores.

Está compuesto igual que un ser viviente, puesto que:

78 es su cuerpo;

3 su espíritu o mediador;

1 su alma.

Si sumamos las 12 primeras páginas de este libro hallaremos el número total de que se halla compuesto:

$$1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12 =78$$

Si ahora nos trasladamos a la primera operación dada por nuestro autor, hallaremos nuevas enseñanzas.

El número 78 representa, en efecto, la Sal o el Espíritu incorruptible. El número 1 (un libro) representa la Unidad, la Divinidad; por último, el número 26, que secciona el Tarot en tres partes, es precisamente el número de Jehová (יהוה)

Iod, igual 10

Hé, igual 5

Vau, igual 6

Hé, igual 5

Total 26

En la primera operación, sobre el paquete de 26 cartas queda 0.

En la segunda operación, del paquete de 17 cartas queda 1, que representa el punto, dentro del círculo 0.

En fin, en la tercera operación, sobre el paquete de 11 cartas quedan 2, que representan al hombre.

0. Circunferencia del Universo.
1. El Puente del Centro-Dios.
2. El Macho y la Hembra. El Hombre.

¡Dios, el Hombre y el Universo deducido por los procedimientos místicos de Etteilla!

No terminaríamos nunca si nos propusiéramos seguir a nuestro autor a través de sus deducciones; para terminar, conformémonos con enseñar el sentido que atribuye al número de paquetes puestos aparte.

26. Es el Alma.
17. El Espíritu.
11. El Cuerpo.

Y el resto de las cartas $11 + 11 + 2 = 24$ es la vida. Estas páginas bastarán para mostrar el procedimiento de Etteilla.

APLICACIÓN DEL TAROT A LA CÁBALA EL HIEROGRAMA DE ADÁN

POR STANISLAS DE GUAITA

Al afirmar que el hierograma de Adán oculta los más profundos arcanos del Universo, no asombraremos a quienes hayan realizado un estudio cuidadoso del Sepher Bereschit. Confrontando la admirable traducción de Fabre D'Olivet con las revelaciones pantaculares del Libro de Tholh, no es difícil hacer brotar las supremas chispas de la verdad. Daremos a continuación algunas indicaciones que facilitarán la tarea.

Adán אדם se escribe en hebreo: aleph, duleth, mem.

א (primera clave del Tarot: el Mago). Dios y el hombre; el principio y el fin; la unidad equilibrante.

ד (cuarta clave del Tarot: el Emperador). El Poder y el Reino; el cuaternario verbal; la multiplicación del cubo.

⚡ (decimotercera clave del Tarot: La Muerte). Destrucción y Restauración; Noche y Día moral y física; la eternidad y lo efímero; la pasividad femenina, simultáneamente abismo del pasado y matriz del porvenir.

El análisis ternario del principio insondable, que iod manifiesta en su inaccesible y sintética unidad, Adán, es, en el fondo, muy semejante al hierograma Aum, tan famoso en los santuarios hindúes.

En אדן aleph corresponde al Padre, origen de la Trinidad; daleth al Hijo (al cual la Cábala llama también el Rey) y mem al Espíritu Santo cuyo cuerpo etérico, constructor y destructor de las formas transitorias, produce la vida (indestructible e inalterable en su esencia).

He dicho que אדן es el análisis cíclico del principio del cual iod es la síntesis inccesible.

Un simple cálculo de cábala numérica confirmará esta afirmación: Reduzcamos las letras a números (método tarótico).

$$\begin{array}{cccccc}
 \aleph & 1 & \daleth & 4 & \mem & 13 \\
 1 & \dot{+} & 4 & + & 13 & = & 18 & \quad & 1 & + & 8 & = & 9
 \end{array}$$

En cábala numérica, el número analítico de Adán es, por lo tanto, 9. Ahora bien, obtenemos 10 añadiendo a 9 la unidad específica que vuelve el ciclo a su punto de partida y termina el análisis en la síntesis, y 10 es el número correspondiente a la letra iod: lo que era necesario demostrar.

El vocablo hierogramático Adán representará entonces la evolución nonaria de un ciclo emanado por la iod y que termina en el 10, regresando a su punto de partida. Principio y fin de todo, iod eterna, revelada por su forma de expansión triuna.

Vayamos más lejos.

Tenemos pues el derecho (habida cuenta que Adán difiere de iod o de Wodh como la reunión de los submúltiplos difieren de la unidad) es decir, siguiendo nuestro análisis:

Si Adán es igual a I.

A la memoria del ocultista E. POIREL.

NOTICIAS SOBRE LOS AUTORES QUE SE HAN OCUPADO DEL TAROT

Raymond Lulle — Cardan — Pastel — Los Rosacruces — Court de Gébelin — Etteilla — Claude de Saint Martin — J. A. Vaillant — Christian — Eliphas Levi — Stanislas de Guaita — Josephin Peladan — Tke Platonist — Theosophical publicattions — F. Ch. Barlet — Poirel — Ely Star — H. P. Blavatsky — Ch. de Sivry — Mathers — Bourgeat — P. Piobb.

RAYMOND LULLE (1235-1315). Sabio eminente, fundador de un sistema filosófico, sobre todo de lógica, basado enteramente en las aplicaciones del Tarot; es el Ars Magna.

CARDAN (JEROME). Nacido en París en el año 1501, muerto en 1576. Profesor de matemática y de medicina en Bologna. Viajó por Escocia, Inglaterra, Francia, haciendo curas maravillosas. Su tratado de la Subtilidad (1550) está basado enteramente sobre las claves del Tarot.

POSTEL (GUILLAUME). Nació en el año 1510 en Dolerie (diócesis de Avranches). Enviado por Francisco I a Oriente, regresó cargado con varios manuscritos preciosos y fue nombrado profesor de matemática y de lenguas orientales en el Colegio de Francia. Murió en el convento de Saint Martin des Champs el año 1581. Fue uno de los más altos iniciados del siglo XVI. Halló la clave del Tarot; mas la mantuvo oculta como lo demuestra su obra: La clave de las cosas ocultas (1580). Sus libros están en el índice.

LA MISTERIOSA FRATERNIDAD DE LOS ROSA-CRUZ (1604). La Fama fraternitatis Rosae Crucis (1613) muestra a los iniciados que los Rosa-Cruces poseían el Tarot, al cual describen del siguiente modo:

Poseen un libro que puede enseñarles todo cuanto se halla en los libros ya escritos y en los que podrán escribirse en el futuro.

No olvidemos que estos Rosa-Cruces son los iniciadores de Leibnitz y los fundadores de la Masonería actual, atribuida a Asmhole.

COURT DE GÉBELIN. Nacido en Nimes el año 1725, muerto en París en 1784. Sabio ilustre. Halló el origen egipcio del Tarot. Ver su Mundo Primitivo (1773-1783).

ETTEILLA (1783). Hemos dado un resumen de sus métodos sobre el arte de hechar las cartas con el Tarot y de las aplicaciones de este juego a la Cábala.

CLAUDE DE SAINT MARTIN. El filósofo desconocido. Nació en 1743 en Amboise, murió en 1803. Discípulo de Martínez Pascualis y de Jacobo Boëhm, fundador de las órdenes llamadas Martinistas. Su libro: Cuadro natural de las relaciones que existen entre Dios, el Hombre y el Universo, está basado estrictamente sobre el Tarot.

J A. VAILLANT. Vivió muchos años entre los bohemios y recibió por vía oral gran parte de sus tradiciones, las que resume en sus obras: Los Romes, la verdadera historia de los verdaderos bohemios (1853). La Biblia de los bohemios. Clave mágica de la ficción y de los hechos (1863).

CHRISTIAN. Bibliotecario del Arsenal. Publicó un manuscrito secreto sobre el Tarot, mezclando en él sus fantasías personales respecto a la astrología en su libro: El hombre rojo de las Tullerías (1854).

ELIPHAS LEVI. El maestro contemporáneo del ocultismo que más ha profundizado el Tarot. Su obra: Dogma y Ritual de la Alta Magia, está basada sobre el Tarot. Tuvo una vida sumamente novelesca; murió en 1870 dejando, según creo, una hija.

STANISLAS DE GUAITA. Sabio cabalista contemporáneo. Hizo varias aplicaciones del Tarot a la cábala. Damos en este libro un extracto. Ver también: En el dintel del misterio (1886), El templo de Satán y la Clave de la magia negra.

JOSEPHIN PELADAN. Novelista famoso y cabalista eminente. Habla muy a menudo del Tarot en sus libros (1885-1889).

THE PLATONIST (1886). Revista americana de Ocultismo. Dio un estudio bastante pésimo sobre las aplicaciones del Tarot a la horoscopia. Este estudio ha sido reproducido, sin indicar su origen, por la revista Theosophical Publications (Londres, 1888).

F. CH. BARLET. Uno de los más eruditos escritores que posee el Ocultismo francés. Transcribimos en este libro uno de sus trabajos sobre el Tarot Iniciático (1889).

E. POIREL. Ocultista. Editor del Tarot (1889).

ELY STAR. Autor conocido por sus interesantes trabajos sobre la Astrología. Los misterios del Horóscopo contiene un estudio muy importante sobre el Tarot y la nueva Onomancia.

H. P. BLAVATSKY. Esta eminente autora se refiere al Tarot en sus libros (Isis sin velos y la Doctrina Secreta), mas de una manera bastante superficial y sin ninguna base sintética.

CH. DE SIVRY. Ocultista de mucho talento, conocido principalmente por sus trabajos sobre la música. Debemos a su gentileza la comunicación de un resumen sobre nuestro libro.

MATHERS. Autor inglés, publicó recientemente un pequeño tratado de 60 páginas sobre el Tarot en el cual no hay nada original; se trata de un simple resumen respecto a los autores que se han ocupado del asunto. Este tratado contempla principalmente el arte de hechar las cartas.

BOURGEAT. Ha publicado recientemente un libro sobre el Tarot adivinatorio.

P. PIOBB. Ha analizado el Tarot en su Formulario de Alta Magia. Ver también Evolución del Ocultismo.

Estos son los autores que conocemos y que se han ocupado del Tarot. Puede que omitamos alguno. En tal caso nos apresuramos a presentarle nuestras excusas.

Al autor de "A Brúler", JULES LERMINA.

CONCLUSIÓN

Llegado el término de nuestra marcha debemos echar una ojeada sobre el camino recorrido a fin de darnos cuenta de la verdadera importancia de nuestro trabajo.

Viendo a la ciencia materialista desmoronarse, a pesar del esfuerzo de sus defensores, bajo el impulso irresistible de los nuevos tiempos, nos vimos en la obligación de constatar la impotencia de los métodos exclusivamente analíticos y buscar las bases de una síntesis probable, exigida imperiosamente por todos los estudiosos.

Es entonces cuando la ciencia antigua nos fue revelada como la única que alcanza este método sintético, base inmovible de sus descubrimientos científicos, religiosos y sociales.

Las sociedades secretas encargadas de transmitir este depósito sagrado perdieron la clave, al igual que los cultos; solamente los Bohemios y los Judíos han atravesado las generaciones con su biblia auestas, éstos con su Sepher de Moisés, aquéllos con el Tarot, atribuido a Thot Hermes Trismegisto, la Universidad triplemente jerárquica de la Sabiduría Egipcia⁴.

El Tarot se nos ha mostrado como la traducción egipciana del libro de la iniciación, partiendo, al igual que esta clave —actualmente perdida— de la Masonería y de las ciencias ocultas.

¿Cómo descifrar este jeroglífico? ¿Cómo descubrir la agrupación misteriosa de estas láminas?

La facultad de concebir supone implícitamente la facultad de ejecutar, nos dice Wronski. Convencidos de esta verdad hemos interrogado a la antigüedad venerable. Las esfinges, mudas para los profanos, han hablado; los antiguos templos han develado sus misterios, los Iniciados han respondido a nuestro llamado: cuatro letras enigmáticas nos han sido reveladas:

El Tarot traduce las combinaciones de IEVE, según nos lo ha demostrado su análisis; no obstante, a fin de frenar nuestra imaginación, hemos elegido como punto de partida para nuestro estudio un principio fijo e inmutable, capaz de prevenir cualquier error: el número.

Hé Vau Hé lod

⁴ Ver San Ivés D'Alveydre, Misión de los Judíos.

¡Sagrada palabra que ilumina la cima de todas las iniciaciones, objeto de respeto y de veneración para los sabios!

Recién entonces hemos abordado el símbolo, y allí también tuvimos necesidad de orillar algunas dificultades. La historia del Tarot nos ha mostrado las transformaciones del símbolo al través de los pueblos y de las épocas, manteniendo, no obstante, la unidad de interpretación.

Por lo tanto, era necesario hallar para el símbolo, un principio igualmente fijo e inmutable en su combinación, como el hallado para el número; es precisamente lo que nos propusimos descubrir. El estudio referente al origen de los idiomas nos llevó a determinar 16 jeroglíficos originales, génesis de los primitivos alfabetos. Las 22 letras hebreas derivadas directamente de esos 16 jeroglíficos, nos ofrecen una base lo suficientemente fija para el símbolo, como para evitar cualquier error involuntario.

Gracias a la aplicación de estos principios, algunas informaciones, de un carácter muy general, nos fueron facilitadas respecto a la Teogonía, la Androgonía y la Cosmogonía, y mediante su ayuda pudimos construir un esquema en el que resumimos el simbolismo del Tarot.

Es entonces cuando quisimos demostrar que el Tarot era precisamente la clave general que habíamos prometido. Bastarían algunas aplicaciones para demostrarlo. La Astronomía, es, en razón de sus principios invariables, el plano de referencia por excelencia, cuando se quiere determinar el paso de una evolución y se yerra el verdadero camino, la Astronomía nos recuerda el sentido de la marcha del Sol y con ello la clave de todas las evoluciones posibles.

Es por no haber comprendido que el Mito solar no era sino la representación de esta ley general de la evolución, y no la especial ley de evolución del sol, que los gigantescos trabajos de Dupuis no dieron resultados prácticos. El método de las ciencias ocultas no es ni la inducción ni la deducción; sino la analogía, método hoy día desconocido y que el Tarot nos revela en todo su esplendor.

Hicimos después otras aplicaciones; hubiéramos podido todavía revelar la clave de la Filosofía, de la Santa Cábala, de la Teosofía, de la Fisiología del hombre y del universo; pero hemos preferido dar la clave y demostrar sus aplicaciones mediante algunos ejemplos, y detenernos allí.

Nuestro trabajo contiene algunas imperfecciones que hubiéramos deseado evitar. No obstante nos parece oportuno destacar que, de su conjunto, se infiere la conclusión evidente: la aplicación de métodos precisos para el estudio del ocultismo.

Es el conocimiento de las ciencias exactas contemporáneas lo que nos llevó al estudio del ocultismo; es partiendo del más crudo materialismo, del cual fuimos un ferviente defensor, como nos vimos empujados a trascender sus límites. Nos ha quedado de nuestra vieja conformación materialista el gusto por la metodología. Lo que obstaculiza la enseñanza de las ciencias ocultas, es la ausencia de método, pues Lucas había ya hecho notar que es necesario hacer marchar la física a la par de la metafísica para que se apoyen mutuamente; es lo que nosotros mismos hemos llevado a la práctica al desarrollar los principios fijos, tal como los números

o las letras hebraicas, paralelamente a los principios metafísicos: símbolos o conceptos abstractos.

Lo que pierde en general a los ocultistas, es la falta de precisión. Hemos hecho todo lo que pudimos para evitar este escollo, no sabemos si lo hemos logrado. El autor no puede juzgar su obra.

Sea lo que fuere, nos hemos visto forzados algunas veces a hablar de las ciencias ocultas, sin haber tenido el placer de entrar en detalles explicativos; he aquí porqué dedicamos este libro.

A LOS INICIADOS

cuarta parte

Ocultistas vivos

Hoy el ocultismo recluta a adherentes cada vez más numerosos y cada vez más instruidos. A la primera fila de los franceses debo citar:

Saint Yves de Alveydre

Que hizo tres obras maravillosas tanto para el trabajo que contiene que para el estilo completamente especial que los caracteriza. El marqués Saint Yves d' Alveydre trata sobre todo la parte histórica y social de oculto: es un defensor brillante de la Sinarquía ya divisada por Wronski y por San - Martín.

En últimamente, este autor estuvo expuesto a las calumnias más viles, lo que no debe asombrar a lo que saben lo que siempre esperó ocultistas instruidos. No tengo el honor de conocer a Sr. d' Alveydre, sino la lectura de sus obras basta para mí para estimarlo. Admitiendo, lo que no creo, lo que las acusaciones viles llevadas contra él tuvieran una apariencia de la verdad, esto no toca sólo al hombre y no alcanza en nada al escritor de las tres misiones: misión de los obreros - Misiones de los soberanos 1882 (anónimo). - la misión de los judíos (1884). Su obra más célebre es el último. Ejerció una gran influencia sobre ellos todos los que se ocupaban de la cuestión. Basta para comprobarlo de leer los escritos posterior a su aparición.

Así otro autor, **ALBERT JHONEY**, acaba de publicar un libro donde se inspira sobre todo en la Cábala.

Tiene un talento completamente personal de exposición; pero muchos de sus ideas son extraídas de escritos de Eliphas Lévi (para la Cábala) de Lacurie (para la religión) y de Saint Yves (para la sinarquía). Los que escriben saben bien que a menudo se ignora haber copiado a alguien. Así, soy persuadido que Sr. Jhoney no conoce a Lacurie y que encontró sólo las bellas cosas que nos dice. Es por eso que saludo uno de los kabalistas gnóstico los más instruidos de nuestro tiempo en el autor del Reino de Dios 1. De escritos de los ocultistas y particularmente del Eliphas Lévi nació escuela literaria cuyas producciones causaron sensación. Nombé La Escuela Simbolica representada principalmente por Joséphin Péladan uno de los decadentes serios de nuestra época. Publica un éthopée, la Decadencia latina en cuatro volúmenes, tres ya aparecieron esto son: el vicio supremo; - curiosa; - la iniciación sentimental; uno va a aparecer: a corazón perdido.-

En esta escuela se relaciona **DE GUAITA**, que publicó un bello folleto titulado A las puertas del misterio 2, en el que resume en, un estilo maravilloso, las ideas. De Eliphas Lévi y de Saint Yves de Alveydre.

Citemos todavía a un autor científico de este grupo, Charles Henry, un .qui publicó varios estudios interesantes y escritos de Wronski en la Boga revisada de los decadentes.

Al lado de todos estos autores, se colocan los vulgarizadores ello de ciencia oculta - entre los cuales - - citaré a **DURVILLE**, magnetizador que lucha con perseverancia por la ciencia. Dejó ver últimamente en estudios muy interesantes que completaban a los

1. París, 1887 Chatre editor.
2. En Cuadrado
3. Ver las obras de Décle y Chazarain que pide para ellos la prioridad del descubrimiento de este autor.

De Baron de Reicheback sobre la polaridad 1 humana y sobre la fuerza universal, que habría descubierto esta fuerza es la tan bien estudiada por Luis Lucas en sus aplicaciones físicas y medicales, y por Eliphas Lévi en sus aplicaciones ocultas. Lucas lo llama el movimiento (como Durville) y Eliphas la luz astral. Sea lo que sea, saludo en Durville celoso vulgarizadora de la ciencia magnética.

Entre los vulgarizadores, todavía señalemos a el Maestro LOUIS MOND 2, escritor lionés que tiene una tendencia lastimosa que se atribuye los descubrimientos de Mesmer y de Eliphas Lévi sin citar a sus dueños. ELY estrella 3 que hizo un pequeño resumen excelente de Christian, escribe en un estilo que afortunadamente no recuerda al del escritor precedente.

Todavía citemos para la memoria la Historia de lo oculto de Fabart (París, 1885), plenas de informaciones preciosas y en qué pienso conocida todos los ocultistas. Pero lo tiene gran movimiento contemporáneo nos viene de la India. Bajo la inspiración de grandes iniciados orientales una sociedad ha sido fundada en Nueva York en 1875. Esta sociedad adquirió hoy una importancia enorme. Tiene 136 ramas en diferentes ciudades del mundo 4, las librerías, los periódicos independientes y los corresponsales por todas partes: es la Sociedad Teosófica. Una sociedad de Inglés pretende, que los iniciados de Thibet existen sólo en la imaginación de los afiliados.

1. - tratado experimental y terapéutico del magnetizador, por H. Durville 1885-1886
2. Curso de Magnetismo y curso de Grafología en la Biblioteca 34 universal de la Santa-Genoveva
3. Curso de astrología la misma librería

4. Ver el nombre y la dirección de estas ramas en el Loto, vista de nuevo revisada francesa de la Sociedad.

Para mi cuenta, no persas no y de todo modo una carta de uno de este iniciado Kouth-Houmi insertada en la Misión de los judíos y en el mundo oculto, denoto un espíritu superior que no vacilo en mirar al que lo escribió, inició o bromista, como un verdadero dueño en el sentido completo de esta palabra. Los Hijos de la Viuda me comprenderán posiblemente.

A este movimiento oriental que particularmente estudia el budismo esotérico, se relacionan los autores y los escritos siguientes:

Madame BLAVATSKY

Iniciada en Oriente, calumniada por todas partes. Secretaria de la Sociedad y escritora muy distinguida, escribió una obra admirable sobre el ocultismo titulado 1 Isis unveiled 1. Es una de las únicos autores vivos quien, a nuestro conocimiento, junta la práctica y tiene la teoría.

Se ocupa, aparece, actualmente, un otro trabajo titulado: la Doctrina secreta. Siento sólo una cosa; el caso es que no escribe bastante a menudo en francés, porque sus artículos son verdaderamente notables 2. Así como todos los adeptos fue el objeto de ataques muy vivos por parte de sus contemporáneos. Ella ha sido tratado de Charlatána, Mistificadora, etc. Soporta además estos pequeños disgustos y da prueba de muy ingeniosas en sus respuestas a los reporteros hambrientos a los que los artículos que contra ella hacen de su vida. 3

Todavía citemos en el mismo sentido los escritos de Sinnet: Occult World y Esoteric Buddhism,

1. Nueva York, 1877, 2 volumen en octavo, Biblioteca Nacional a la marca siguiente: R 1404
2. Ver el Loto .Carré editor.
3. Ver el número 4 del Loto.

Cuyo primero ha sido traducido en francés por un traductor concienzudo que debemos agradecer servicios que hace a ocultistas franceses agarrando sobre sus estudios el tiempo precioso para poner en nuestra alcance las grandes obras extranjeras. Quiero empañar de GABORIAU 1. Añadamos a estos nombres al del Presidente de Isis, la una de las ramas francesas de la Sociedad Teosófica, DRAMARD, el autor de un folleto interesante titulado la ciencia oculta .

Hay que también citar como uno de los vulgarizadores de las doctrinas teosóficas a lady Caithness, duquesa de Pomar, que escribió varias obras inspiradas por el Budismo esotérico de Sinnet 2. La duquesa fue presidenta de una rama francesa de la Sociedad. Dirige una revista que tiene por objeto, si comprendí bien; de mostrarles a los católicos la unidad de los cultos del Cristo y del Buda. ¿ Terminará la intolerancia bien conocida las religiones de Occidente? Felicitémosla no obstante por su tentativa. Por fin, no puedo acabar con esta sociedad a la que el ocultismo

debe tanto sin citar a Ch. BARLET, uno de los mejores escritores contemporáneos en la cuestión que publicó una serie de artículos en el Loto y el poeta J. RAMA, joven y ya célebre.

En el último momento recibo una obra absolutamente notable que siento poder sólo citar: las fuerzas no definidas por A. De ROCHAS (en casa de Masson).

En suma, todavía hoy dos campos Filosóficos se encuentran en presencia, los ocultistas y sus detractores. Estos últimos generalmente no saben

1. El mundo oculto de Sinnet por Gaboriau. Carre editor
2. Teosofía budista, 1886, en , Fragmentos de teosofía oculta.

Nada cuestiones que combaten. No es pues insultándolos y lastimando en su amor propio; pero bien instruyéndolos que se los convencerá. Podemos ser matemático muy fuerte, fisiólogo muy fuerte o médico muy fuerte y ser un asno en alquimia o en astrología. Pero no hay que desprestigiar lo que no se conoce y el médico que se burla de la ciencia oculta es semejante a la portera que "da una broma" a los médicos. La prueba de esto es tono que toman los periódicos científicos para hablar del espiritismo 1 ahora que funcionarios sabios se ocuparon de eso 2. Este periódico no hubo hablado por cierto así hace diez años.

Dejemos pues marchar el movimiento y comprendamos bien qué en el momento dado las corrientes ahoguen en sus remolinos a los que quieren oponerse a su marcha.

También sabría acabando exhortar demasiado los ocultistas a dejar allí las cuestiones de personalidad o de doctrinas básicas. Agrúpese; si usted no quiere formar una sociedad o entrar en uno de las que existen. Usted va a ver mutuamente. Haga el conocimiento de los que se ocupan de la misma cuestión y pronto las ciencias ocultas tomarán el sitio que merecen en la orden de los conocimientos humanos.

1. Ver la revista científica. Loc. cit.
2. W. Crookes, de la academia real de Londres. Zoellner, profesor correspondiente de nuestro Instituto en Alemania ...

DOBLE POLARIDAD

Dr. Gerard Encausse (PAPUS)

«Todo es dual; todo tiene polos; todo su par de opuestos; los semejantes y desemejantes son los mismos; los opuestos son idénticos en naturaleza, difiriendo sólo en grado; los extremos se tocan; todas las verdades son semiverdades, todas las paradojas pueden reconciliarse»

EL KYBALION

El Cuarto Gran Principio Hermético —el Principio de Polaridad— encierra la verdad de que todas las cosas manifestadas tienen dos lados, dos aspectos, dos polos; un par de opuestos con innumerables grados entre ambos extremos. Las antiguas paradojas, que siempre han confundido la mente de los hombres, quedan explicadas si se comprende este principio. El hombre siempre ha reconocido algo semejante a este principio y ha tratado de expresarlas con dichos, máximas o aforismos como los siguientes: «Todo es y no es al mismo tiempo»; «todas las verdades no son más que semiverdades»; «toda verdad es medio falsa»; «todas las cosas tienen dos lados»; «siempre hay un reverso para cada anverso»; etcétera.

Las enseñanzas herméticas opinan sobre la diferencia que existe entre cosas aparentemente opuestas diametralmente, que es sólo cuestión de grado. Y afirma que todo par de opuestos puede conciliarse y que la tesis y la antítesis son idénticas en naturaleza, difiriendo sólo en grado. La conciliación universal de los opuestos se efectúa reconociendo este Principio de Polaridad. Ejemplos de este principio pueden encontrarse en todas partes, después de un examen de la naturaleza real de las cosas. El espíritu y la materia no son más que polos de las mismas cosas, siendo los planos intermediarios cuestión de grados vibratorios meramente. El TODO y los muchos son los mismos, residiendo la diferencia solamente en el grado de manifestación mental. De manera, pues, que la LEY y las leyes son los dos polos de una sola y misma cosa. E igual sucede con el PRINCIPIO y los principios, con la MENTE infinita y la mente finita.

Si pasamos al plano físico encontramos que el Calor y el Frío son de naturaleza idéntica, siendo la diferencia simple cuestión de grados. El termómetro indica los grados de temperatura, siendo el polo inferior el llamado «frío» y el superior «calor». Entre ambos hay muchos grados de calor y frío, pues cualquier nombre que se les dé es correcto. De dos grados, el superior es siempre más caliente en comparación con el inferior, que es más frío. No hay

ningún sitio en el termómetro en el que cese el calor y comience el frío absolutamente. Todo se reduce a vibraciones más o menos elevadas o bajas. Las mismas palabras «elevado» y «bajo» que nos vemos obligados a usar, no son más que polos de la misma cosa: los términos son relativos. Así sucede igualmente con el «Este» y el «Oeste». Si viajamos alrededor del mundo en dirección al Oriente, llegaremos a un punto que se llama Occidente, considerándolo desde el punto de partida. Marchemos suficientemente lejos hacia el Norte y pronto nos encontraremos viajando hacia el Sur, y viceversa.

La luz y la oscuridad son polos de la misma cosa, con muchos grados entre ambos. La escala musical es la misma. Partiendo del sí en adelante llegaremos a encontrar otro sí, y así sucesivamente, siendo las diferencias entre los extremos también cuestión de grado. En la escala del color sucede otro tanto, siendo la intensidad vibratoria la única diferencia que existe entre el rojo y el violeta. Lo grande y lo pequeño son cosas relativas. Igualmente lo es el ruido y la quietud, lo duro y lo blando, lo afilado y lo romo. Positivo y negativo son los dos polos de una misma cosa, son innumerables gradaciones entre ambos.

Bueno y malo no son cosas absolutas; a un extremo lo llamamos bueno y al otro malo, o Bien al uno y Mal al otro, de acuerdo con el sentido que queramos darle. Una cosa es menos buena que la que le es superior en la escala, pero esa cosa menos buena, a su vez, es mejor comparada con la que tenga el más o el menos regido por la posición que tenga en la escala.

Igual cosa sucede en el plano mental. El amor y el odio son considerados como diametralmente opuestos, completamente diferentes e irreconciliables. Pero si aplicamos el Principio de Polaridad, encontraremos que no existe un amor absoluto o un odio absoluto, diferentes uno de otro. Los dos no son más que términos aplicados a los dos polos de la misma cosa. Empezando en cualquier punto de la escala, encontramos «más amor» o «menos odio», si ascendemos por ella, o «menos amor» si por ella descendemos, y esto es cierto, sin importar nada el punto, alto y bajo, que tomemos como partida. Hay muchos grados de amor y de odio, y existe también un punto medio donde el agrado y el desagrado se mezclan en tal forma que es imposible distinguirlos. El valor y el miedo quedan también bajo la misma regla. Los pares de opuestos existen por doquier. Donde encontremos una cosa, encontraremos también su opuesta: los dos polos.

Este hecho es el que permite al hermético transmutar un estado mental en otro, siguiendo las líneas de polarización. Las cosas de diferente clase no pueden transmutarse unas en otras, pero sí las de igual clase. Así pues, el Amor no podrá convertirse en Este u Oeste, o Rojo o Violeta, pero puede tornarse en Odio, e igualmente el Odio puede tornarse en Amor cambiando su polaridad. El valor puede transmutarse en miedo y viceversa. Las cosas duras pueden tornarse blandas, las calientes, frías, y así sucesivamente, efectuándose siempre la transmutación entre cosas de la misma clase, pero de grado diferente. Tratándose de un hombre cobarde,

si se elevan sus vibraciones mentales a lo largo de la línea Miedo-Valor, se llenará de valentía y desprecio por el peligro. E igualmente el perezoso puede hacerse activo y enérgico, polarizándose simplemente a lo largo de las líneas de la deseada cualidad.

Los discípulos familiarizados con los procedimientos mediante los cuales producen las diversas escuelas de ciencia mental cambios en los estados mentales de sus seguidores, quizá no comprendan fácilmente cuál es el principio que se oculta tras esos cambios. Pero, no obstante, una vez que se ha entendido el Principio de Polaridad, se ve inmediatamente que esos cambios mentales son ocasionados por un cambio de polaridad, por un deslizamiento a lo largo de la misma escala. Este cambio no es de la naturaleza de transmutar una cosa en otra completamente diferente, sino que se reduce a un simple cambio de grado de la misma cosa, lo que es una diferencia importantísima. Por ejemplo, y sacando un ejemplo del Mundo Físico, es imposible cambiar el calor en agudeza o filiosidad, pesadez, elevación, etc., pero puede ser fácilmente transmutado en frío, con sólo amortiguar la vibración. De la misma manera el odio y el amor son recíprocamente transmutables, así como el miedo y el valor. Pero el Miedo no puede transformarse en Amor, ni el Valor en Odio. Los estados mentales pertenecen a innumerables clases, cada una de las cuales tiene sus polos opuestos, a lo largo de los cuales es posible la transmutación.

Se comprenderá fácilmente que, tanto en los estados mentales como en los fenómenos del plano físico, los dos polos pueden ser clasificados respectivamente, como positivo y negativo. Así pues, el amor es positivo respecto al odio; el valor respecto del miedo; la actividad respecto de la inercia, etc. Y también se notará, aun desconociendo el principio de vibración, que el polo positivo parece ser de grado superior que el negativo, pudiendo aquél dominar fácilmente a éste. La tendencia de la Naturaleza es en dirección a la actividad dominante del polo positivo.

Además del cambio de los polos de los propios estados mentales mediante la aplicación del arte de la polarización, el fenómeno de la influencia mental, en sus múltiples fases, demuestra que el principio puede extenderse hasta abarcar los fenómenos de la influencia de una mente sobre otra, de lo que tanto ha sido escrito en los últimos años. Cuando se comprende que la inducción mental es posible, esto es, que los estados mentales pueden producirse por inducción de los demás, entonces se verá cómo puede comunicarse a otra cierta clase de vibración o polaridad, cambiándose así la polarización de la mente entera. La mayoría de los resultados obtenidos mediante los «tratamientos mentales» se obtienen según ese principio. Por ejemplo, una persona está triste, melancólica y temerosa. Un científico de la mente eleva su propia mentalidad al deseado grado de vibración, mediante su voluntad previamente ejercitada, y de esta manera obtiene la polarización requerida en su propia mentalidad. Entonces, por inducción, produce un estado mental análogo en el otro, siendo el resultado que las vibraciones de éste se intensifican y el paciente se polariza hacia el polo positivo de la escala, en vez de polarizarse hacia el

negativo, y sus temores, melancolía, etc., se transforman en valor, contento y parecidos estados internos. Un poco de meditación sobre el asunto demostrará que esos cambios mentales se efectúan casi todos a lo largo de las líneas de polarización, siendo el cambio más bien cuestión de grado que de clase.

El conocimiento de este gran principio hermético permitirá comprender mejor los propios estados mentales, así como los de los demás. Y se verá que esos estados son puramente cuestión de grados, y al comprobar el hecho podrá elevar las vibraciones interiores a voluntad, cambiando su polaridad, haciéndose dueño de sus pensamientos, en vez de ser su esclavo y servidor. Este conocimiento le permitirá además ayudar a otros inteligentemente, cambiando, mediante los métodos apropiados, su polaridad. Es muy conveniente familiarizarse con este principio, porque su comprensión correcta arrojará muchísima luz sobre problemas difíciles y oscuros

REENCARNACION Y RELIGIÓN

Dr. Gerard Encausse (PAPUS)

Podríamos dar por finalizado aquí el estudio de la reencarnación, y para terminar nuestro trabajo vamos solamente a incluir algunas notas que se refieren a la tradición.

Hemos visto en los capítulos precedentes que la reencarnación era una de las enseñanzas secretas de todos los templos de la antigüedad. Dada primitivamente como una parte de la iniciación en los grandes misterios del antiguo Egipto, esta revelación ha pasado a todas las religiones esotéricas, y volvemos a encontrarla entre los autores clásicos, de lo que hemos dado numerosos ejemplos; también la volveremos a encontrar en el budismo.

Las investigaciones modernas relativas a las escrituras de la India han alterado las nociones que se podrían tener acerca de la antigüedad fabulosa de los alfabetos indios. De esta manera los trabajos de Philippe Berger y otros sabios permiten hacer remontar sólo hasta el año 500 antes de Jesucristo la constitución del alfabeto sánscrito, es decir, un alfabeto de Thebah, la academia de gramáticos; ésta fue la época en que en realidad vivió Gautama el Buda, un iniciado de la época brahmánica que dejó el palacio de su padre—el centro de iniciación—para dar al mundo profano una parte de los misterios.

No debemos figurarnos, sin embargo, que sea el budismo el creador religioso de esta idea de la reencarnación; Buda ha sido el difusor a pesar de sus maestros y ha rendido con ello un servicio considerable a la humanidad.

Las personas que se interesen por estas cuestiones encontrarán en un volumen de M. de Lafont, titulado *El budismo*, textos precisos y enseñanzas positivas capaces de satisfacerlos plenamente.

¿Se ha ocupado alguna vez la religión cristiana de la reencarnación? Se puede responder francamente de modo afirmativo.

En principio los evangelios aseguran sin ambages que San Juan Bautista era Elías reencarnado. Esto constituía un misterio, y San Juan Bautista, al ser interrogado sobre ello, se callaba, pero los demás lo sabían.

Está también la parábola del ciego de nacimiento, castigado por sus pecados anteriores, que es un interesante motivo de reflexión.

La religión cristiana es continuación directa de la egipcia, y cada uno de los evangelistas está representado por un símbolo, que es una de las cuatro formas de la esfinge: la cabeza humana, o el

ángel, el águila, el león y el toro.

La idea de la reencarnación formó parte de las enseñanzas secretas de la Iglesia, como sucedía con la mayoría de las ideas de la iniciación egipcia .

Se ha dicho que la reencarnación había sido condenada por la Iglesia; esto es falso. Un concilio ha dicho que aquel que proclamara haber vuelto a la tierra por encontrarse a disgusto en el cielo sería anatematizado; pero lejos de condenar la reencarnación, esta advertencia del Concilio indica, por el contrario, que formaba parte de las enseñanzas, y que si había quienes volvían voluntariamente a reencarnarse, no por encontrarse a disgusto en el cielo, sino por amor al prójimo, el anatema no podía afectarles (Rozier).

Por último, según las enseñanzas de la iglesia católica romana, que ha guardado mucho menos la tradición esotérica que la iglesia ortodoxa rusa, transcurre un lapso considerable entre el juicio posterior a la muerte y el juicio final, siendo precisamente tras el juicio final cuando los espíritus deben recibir, según el catolicismo, su destino definitivo. Hasta este momento puede haber cambios en la evolución del espíritu, en el tiempo que pasa entre estos dos juicios. ¿Y qué hace el espíritu durante el tiempo que transcurre entre estos dos juicios? Se puede admitir que el cielo, el infierno y el purgatorio son estados que pueden vivirse en forma material; ésta era la enseñanza de Swedenborg y del propio Mahoma, que sin embargo le tenía horror a toda forma de esoterismo tradicional, pero indica que había sido verdaderamente informado, al decir en su capítulo, «Las mujeres del Corán», que el Cristo volvería al final de los tiempos para juzgar a los vivos y a los muertos.

Se puede asegurar que la idea de la reencarnación, que ha sido el faro luminoso de toda la antigüedad, no se ha perdido jamás en ninguna religión; y hoy día esta idea reaparece, defendida por tres tradiciones: la tradición cabalista, procedente de Egipto y transmitida hasta nosotros por los pitagóricos y los neoplatónicos; la tradición oriental, transmitida por el budismo y de la que acabamos de hablar, y por último, la revelación moderna del espiritismo.

Rivail, más conocido bajo su seudónimo de Allan Kardec, ha prestado un gran servicio a la humanidad occidental, al popularizar el dogma de la reencarnación, Si esta idea ha preocupado a determinados cerebros débiles, como lo hizo en otra época, hacia el año 100, la idea del infierno, por otra parte, ha impedido tal número de suicidios y levantado tanto valor en los corazones, que sería preciso felicitar al creador del espiritismo contemporáneo, así como a sus sucesores actuales, como Gabriel Delanne, León Denis y Leymarie, por haber difundido entre las masas un instrumento tan precioso como ése.

Los niños prodigio se explican así muy fácilmente por esta idea

de la reencarnación. También los recuerdos positivos de ciertos sujetos, que encuentran paisajes familiares, y sin insistir a este respecto, se da uno cuenta de la claridad que proporciona el conocimiento de la reencarnación sobre un gran número de problemas, sean humanos, sean sociales. No tenemos la intención de hacer un estudio dogmático de la reencarnación en todas sus consecuencias, ni una investigación histórica o bibliográfica completa, nuestro deseo es sobre todo el despertar en cada uno de nuestros lectores los dioses que dormitan, de hacer hablar en su corazón el dios del recuerdo, y crear en cada uno de ellos el entusiasmo (En y Théos), este dios interior que revela verdaderamente todos los misterios.

Entonces cada uno de los hombres comprenderá que el dinero terrestre, si bien constituye una necesidad alimenticia, y si bien es, como han dicho Barlet y Lejay, la sangre social, no es más que una herramienta y no un fin. Nuestras facultades superiores merecen dedicarse a cosas más elevadas que este ideal plenamente terrestre de la riqueza o de las situaciones generadas por el orgullo. Para seguir a Cristo es preciso abandonarlo todo, sin pesar, como se deja un viejo vestido para cubrirse con la ropa de luz de todas las iniciaciones. Para comprender que sobre la tierra sólo somos los personajes de una comedia, que desempeñan un papel determinado durante una existencia, es preciso haber participado en los misterios del Padre, es necesario estar dispuesto a sacrificar todo lo que no es eterno, y cuando conozcamos el misterio de la reencarnación, podremos decir con San Pablo: « ¡Oh muerte!, ¿dónde está el terror? ¡Oh muerte!, ¿dónde está tu agujón?».

El doctor Rozier dice efectivamente: «Deseo solamente probar que los Católicos tienen el derecho de creer lo que les parezca más racional en este sentido: la opinión general entre ellos es que sólo se vive una vez sobre la tierra, pero no existe ninguna prohibición real de creer lo contrario. Una opinión, por respetable que sea y por numerosos que sean los que la sostienen, está sujeta a revisión. Ciertamente, si nos vemos seducidos por una teoría que está en contradicción con los sentimientos de hombres de categoría considerable, de los Padres de la Iglesia, por ejemplo, debemos estar contrariados y exigir argumentos de peso para continuar profesándola; pero no debemos capitular más que después de haber sido vencidos por argumentos de una fuerza suficiente, o al menos que nos lo parezcan así.»

En realidad, ¿qué es lo que dice ese famoso Concilio de Constantinopla, sobre el cual ciertos autores se apoyan para demoler, no la metempsicosis, que no se ha puesto en duda en Occidente, sino la teoría de la reencarnación? Este concilio ha condenado, el año 503, algunas proposiciones de Orígenes, entre otras, y en primer lugar, la que dice en latín: «Si alguien dice, o piensa, que las almas de los hombres preexisten y que han sido anteriormente espíritus y virtudes (potencias santas, y que han obtenido hartura de la contemplación divina; que se han pervertido y que en consecuencia el amor de Dios se ha enfriado en ellos, a causa de lo que se les ha llamado almas (soplos), y que han sido

enviadas en cuerpos como castigo: que sea declarado anatema». Los antiguos reencarnacionistas cristianos no pretenden que suceda por cansancio de la contemplación divina, por enfriamiento del amor de Dios el que las almas vengan a la tierra, sino que, por el contrario, aseguran que su vuelta ha sido por castigo. Dicen que la existencia terrena nos ha sido impuesta para evolucionar y llegar a hacernos dueños de la materia de la que Adán, por su caída, nos hizo esclavos.

Esta existencia terrestre no podría sin inconvenientes prolongarse más de cien años, por razones que es inútil indicar aquí; pero cien años son insuficientes para obtener la victoria definitiva. Ha sido preciso, por tanto, el concedernos un tiempo mucho más prolongado, pero cortado por intervalos, como sucede con los sueños profundos y el ensueño diurno; cada uno de estos sueños se llama la muerte. Es cierto que cada existencia se acompaña del olvido de las que la han precedido, pero este olvido es providencial, facilita la evolución, y con el recuerdo sería difícil cambiar el plano de existencia. Cuando finalmente nos hemos despertado un número de veces suficiente para lograr la finalidad de nuestros esfuerzos: la santidad, morimos una última vez para no volver más. Es entonces cuando somos juzgados definitivamente y colocados en las moradas del cielo, o en el purgatorio. Si, por el contrario, en cada una de nuestras existencias descendemos más y más bajo, cuando hemos alcanzado un cierto límite no dejando ninguna esperanza de salvación, morimos una última vez para ir al infierno; pero este caso es muy raro.

La teoría de las reencarnaciones, considerada así, por esos antiguos reencarnacionistas cristianos puede ser aceptada o rechazada por los católicos, pero no cae bajo el anatema citado anteriormente. Solamente si se rechaza esta teoría, no es preciso admitir ninguna excepción, no se debe abrir ninguna brecha a través de la cual se pueda pasar

REENCARNACION Y RELIGIÓN

Dr. Gerard Encausse (PAPUS)

Podríamos dar por finalizado aquí el estudio de la reencarnación, y para terminar nuestro trabajo vamos solamente a incluir algunas notas que se refieren a la tradición.

Hemos visto en los capítulos precedentes que la reencarnación era una de las enseñanzas secretas de todos los templos de la antigüedad. Dada primitivamente como una parte de la iniciación en los grandes misterios del antiguo Egipto, esta revelación ha pasado a todas las religiones esotéricas, y volvemos a encontrarla entre los autores clásicos, de lo que hemos dado numerosos ejemplos; también la volveremos a encontrar en el budismo. Las investigaciones modernas relativas a las escrituras de la India han alterado las nociones que se podrían tener acerca de la antigüedad fabulosa de los alfabetos indios. De esta manera los trabajos de Philippe Berger y otros sabios permiten hacer remontar sólo hasta el año 500 antes de Jesucristo la constitución del alfabeto sánscrito, es decir, un alfabeto de Thebah, la academia de gramáticos; ésta fue la época en que en realidad vivió Gautama el Buda, un iniciado de la época brahmánica que dejó el palacio de su padre--el centro de iniciación--para dar al mundo profano una parte de los misterios.

No debemos figurarnos, sin embargo, que sea el budismo el creador religioso de esta idea de la reencarnación; Buda ha sido el difusor a pesar de sus maestros y ha rendido con ello un servicio considerable a la humanidad. Las personas que se interesen por estas cuestiones encontrarán en un volumen de M. de Lafont, titulado El budismo, textos precisos y enseñanzas positivas capaces de satisfacerlos plenamente. ¿Se ha ocupado alguna vez la religión cristiana de la reencarnación? Se puede responder francamente de modo afirmativo.

En principio los evangelios aseguran sin ambages que San Juan Bautista era Elías reencarnado. Esto constituía un misterio, y San Juan Bautista, al ser interrogado sobre ello, se callaba, pero los demás lo sabían. Está también la parábola del ciego de nacimiento, castigado por sus pecados anteriores, que es un interesante motivo de reflexión.

La religión cristiana es continuación directa de la egipcia, y cada uno de los evangelistas está representado por un símbolo, que es una de las cuatro formas de la esfinge: la cabeza humana, o el ángel, el águila, el león y el toro.

La idea de la reencarnación formó parte de las enseñanzas secretas de la Iglesia, como sucedía con la mayoría de las ideas de la iniciación egipcia. Se ha dicho que la reencarnación había sido condenada por la Iglesia; esto es falso. Un concilio ha dicho que aquel que proclamara haber vuelto a la tierra por encontrarse a disgusto en el cielo sería anatematizado; pero lejos de condenar la reencarnación, esta advertencia del Concilio indica, por el contrario, que formaba parte de las enseñanzas, y que si había quienes volvían voluntariamente a reencarnarse, no por encontrarse a disgusto en el cielo, sino por amor al prójimo, el anatema no podía afectarles (Rozier).

Por último, según las enseñanzas de la iglesia católica romana, que ha guardado mucho menos la tradición esotérica que la iglesia ortodoxa rusa, transcurre un lapso considerable entre el juicio posterior a la muerte y el juicio final, siendo precisamente tras el juicio final cuando los espíritus deben recibir, según el catolicismo, su destino definitivo. Hasta este momento puede haber cambios en la evolución del espíritu, en el tiempo que pasa entre estos dos juicios. ¿Y qué hace el espíritu durante el tiempo que transcurre entre estos dos juicios? Se puede admitir que el cielo, el infierno y el purgatorio son estados que pueden vivirse en forma material; ésta era la enseñanza de Swedenborg y del propio Mahoma, que sin embargo le tenía horror a toda forma de esoterismo tradicional, pero indica que había sido verdaderamente informado, al decir en su capítulo, "Las mujeres del Corán", que el Cristo volvería al final de los tiempos para juzgar a los vivos y a los muertos.

Se puede asegurar que la idea de la reencarnación, que ha sido el faro luminoso de toda la antigüedad, no se ha perdido jamás en ninguna religión; y hoy día esta idea reaparece, defendida por tres tradiciones: la tradición cabalista, procedente de Egipto y transmitida hasta nosotros por los pitagóricos y los neoplatónicos; la tradición oriental, transmitida por el budismo y de la que acabamos de hablar, y por último, la revelación moderna del espiritismo.

Rivail, más conocido bajo su seudónimo de Allan Kardec, ha prestado un gran servicio a la humanidad occidental, al popularizar el dogma de la reencarnación. Si esta idea ha preocupado a determinados cerebros débiles, como lo hizo en otra época, hacia el año 100, la idea del infierno, por otra parte, ha impedido tal número de suicidios y levantado tanto valor en los corazones, que sería preciso felicitar al creador del espiritismo contemporáneo, así como a sus sucesores actuales, como Gabriel Delanne, León Denis y Leymarie, por haber difundido entre las masas un instrumento tan precioso como ése.

Los niños prodigio se explican así muy fácilmente por esta idea de la reencarnación. También los recuerdos positivos de ciertos sujetos, que encuentran paisajes familiares, y sin insistir a este respecto, se da uno cuenta de la claridad que proporciona el conocimiento de la reencarnación sobre un gran número de problemas, sean humanos, sean sociales. No tenemos la intención de hacer un estudio dogmático de la reencarnación en todas sus consecuencias, ni una investigación histórica o bibliográfica completa, nuestro deseo es sobre todo el despertar en cada uno de nuestros lectores los dioses que dormitan, de hacer hablar en su corazón el dios del recuerdo, y crear en cada uno de ellos el entusiasmo (En y Théos), este dios interior que revela verdaderamente todos los misterios.

Entonces cada uno de los hombres comprenderá que el dinero terrestre, si bien constituye una necesidad alimenticia, y si bien es, como han dicho Barlet y Lejay, la sangre social, no es más que una herramienta y no un fin. Nuestras facultades superiores merecen dedicarse a cosas más elevadas que este ideal plenamente terrestre de la riqueza o de las situaciones generadas por el orgullo. Para seguir a Cristo es preciso abandonarlo todo, sin pesar, como se deja un viejo vestido para cubrirse con la ropa de luz de todas las iniciaciones. Para comprender que sobre la tierra sólo somos los personajes de una comedia, que desempeñan un papel determinado durante una existencia, es preciso haber participado en los misterios del Padre, es necesario estar dispuesto a sacrificar todo lo que no es eterno, y cuando conozcamos el misterio de la reencarnación, podremos decir con San Pablo: " ¡Oh muerte!, ¿dónde está el terror? ¡Oh muerte!, ¿dónde está tu aguijón?".

El doctor Rozier dice efectivamente: "Deseo solamente probar que los Católicos tienen el derecho de creer lo que les parezca más racional en este sentido: la opinión general entre ellos es que sólo se vive una vez sobre la tierra, pero no existe ninguna prohibición real de creer lo contrario. Una opinión, por respetable que sea y por numerosos que sean los que la sostienen, está sujeta a revisión. Ciertamente, si nos vemos seducidos por una teoría que está en contradicción con los sentimientos de hombres de categoría considerable, de los Padres de la Iglesia, por ejemplo, debemos estar contrariados y exigir argumentos de peso para continuar profesándola; pero no debemos capitular más que después de haber sido vencidos por argumentos de una fuerza suficiente, o al menos que nos lo parezcan así."

En realidad, ¿qué es lo que dice ese famoso Concilio de Constantinopla, sobre el cual ciertos autores se apoyan para demoler, no la metempsicosis, que no se ha puesto en duda en Occidente, sino la teoría de la reencarnación? Este concilio ha condenado, el año 503, algunas proposiciones de Orígenes, entre otras, y en primer lugar, la que dice en latín: "Si alguien dice, o piensa, que las almas de los hombres preexisten y que han sido anteriormente espíritus y virtudes (potencias santas, y que han obtenido hartura de la contemplación divina; que se han pervertido y que en consecuencia el amor de Dios se ha enfriado en ellos, a causa de lo que se les ha llamado almas (soplos), y que han sido enviadas en cuerpos como castigo: que sea declarado anatema". Los antiguos reencarnacionistas cristianos no pretenden que suceda por cansancio de la contemplación divina, por enfriamiento del amor de Dios el que las almas vengan a la tierra, sino que, por el contrario, aseguran que su vuelta ha sido por castigo. Dicen que la existencia terrena nos ha sido impuesta para evolucionar y llegar a hacernos dueños de la materia de la que Adán, por su caída, nos hizo esclavos. Esta existencia terrestre no podría sin inconvenientes prolongarse más de cien años, por razones que es inútil indicar aquí; pero cien años son insuficientes para obtener la victoria definitiva. Ha sido preciso, por tanto, el concedernos un tiempo mucho más prolongado, pero cortado por intervalos, como sucede con los sueños profundos y el ensueño diurno; cada uno de estos sueños se llama la muerte. Es cierto que cada existencia se acompaña del olvido de las que la han precedido, pero este olvido es providencial, facilita la evolución, y con el recuerdo sería difícil cambiar el plano de existencia. Cuando finalmente nos hemos despertado un número de veces suficiente para lograr la finalidad de nuestros esfuerzos: la santidad, morimos una última vez para no volver más. Es entonces cuando somos juzgados definitivamente y colocados en las moradas del cielo, o en el purgatorio. Si, por el contrario, en cada una de nuestras existencias descendemos más y más bajo, cuando hemos alcanzado un cierto límite no dejando ninguna esperanza de salvación, morimos una última vez para ir al infierno; pero este caso es muy raro.

La teoría de las reencarnaciones, considerada así, por esos antiguos reencarnacionistas cristianos puede ser aceptada o rechazada por los católicos, pero no cae bajo el anatema citado anteriormente. Solamente si se rechaza esta teoría, no es preciso admitir ninguna excepción, no se debe abrir ninguna brecha a través de la cual se pueda pasar.

La Senda del Corazón

Dr. Gerard Encausse (PAPUS)

Conozco un hombre sencillo que nunca ha leído un libro y que, sin embargo, puede resolver los más mañosos problemas de la ciencia mejor que muchos científicos famosos. Hay gente humilde sin calificaciones académicas ni experiencia médica para quienes el cielo es tan accesible que los enfermos son sanados a petición suya y los malvados sienten que sus corazones se consumen en amorosa bondad con su contacto.

¡Juana de Arco nunca había leído un tratado sobre estrategia ni visto un campo de batalla pero derrotó en su primer intento a los grandes estrategas de su tiempo! ¿Cómo pudo ser esto? Es muy sencillo: porque ella se sometió completamente a la Voluntad Divina y no cuestionó al Invisible como hubiese hecho un adepto del plano intelectual.

¿Debería uno entonces maravillarse con la embrollada forma en que los críticos miran a estas criaturas animadas por la "viviente luz del Padre" y que son generalmente conocidas como quietistas o místicos? Ellos (los adeptos del plano intelectual) no pueden comprenderlos porque tratan de medir facultades universales con las limitadas capacidades de sus cerebros. Porque no puede entenderlo, el crítico insulta al místico y lo tiene en menosprecio, mientras que el místico ora por su atormentador y continúa con su labor de amor. El sendero del desarrollo espiritual es sencillo y recto hacia delante: "Vive siempre para los demás y nunca para ti"; "Haz a los demás como quieres que se te haga en todas las cosas"; "Nunca hables o pienses mal del ausente"; "Haz lo difícil en lugar de hacer lo que deseas"; - estas son algunas de las fórmulas de la senda mística que conduce a la humildad y la oración.

Existe una forma de purificación física muy querida por el corazón del adepto del plano intelectual: es el vegetarianismo, que debilita la atracción de lo físico. Pero esta purificación no significa nada sin embargo, si al purgar el cuerpo de la influencia animal, no purgamos el cuerpo astral del egoísmo y el influjo de la vanidad, ---cien veces más dañinos que los impulsos nacidos de comer carne. ¿Cuando un hombre piensa que sabe algo y se coloca a sí mismo a la par de los Dioses, trabajando para conseguir su salvación personal y se retira en una torre de marfil para purificarse, por qué ha de dársele algo? Piensa que tiene lo que necesita y se considera a sí mismo como una persona pura y conocedora de todo. Pero cuando un hombre es sencillo y sabedor de su debilidad, y conoce que su voluntad carece de importancia si no se conforma con las acciones del Padre Celestial, cuando no está preocupado con su pureza personal ni con sus necesidades sino con el sufrimiento de los demás, entonces el cielo lo reconoce como uno de sus "niños pequeños" y Cristo manda que sea conducido hacia Él.

Una madre que ha trabajado toda su vida por educar no sólo a sus propios hijos sino a los de gentes más pobres que ella es mayor delante del Eterno que el teólogo pedante y el así llamado adepto tan orgulloso de su pureza. Esta es una verdad instintiva que impresiona a la gente sin necesidad alguna de demostración porque es una verdad aplicable a todos los niveles.

Por tanto que el estudiante aspire a la simplicidad en lugar de la pedantería y se cuide de los hombres que se presenten como perfectos porque "icuan to más alto más dura es la caída!"

La Senda Mística requiere así de una ayuda incesante en todas las etapas de la evolución y la perfección. En el plano físico, ayuda de amigos y maestros que enseñen mediante el ejemplo; en el plano astral, auxilio de los pensamientos de devoción y de caridad que iluminen el sendero y permitan soportar las pruebas por medio de la paz del corazón; por último, en el plano espiritual, asistencia de los Espíritus Guardianes fortalecidos por los sentimientos de piedad hacia todos los pecadores y de indulgencia por todas las debilidades humanas así como orar por todos los ciegos obstinados y por todos los enemigos. Es entonces, que toda la sombra terrenal desaparece lentamente, que el velo es levantado por un momento y que el Divino sentimiento de saber que nuestras oraciones son escuchadas llena el corazón de coraje y amor.

Habiendo alcanzado ese punto el místico no puede entender la necesidad de las llamadas sociedades eruditas, incluso de aquellas dedicadas al ocultismo, ni de libros tan numerosos, necesarios para explicar cosas tan simples. Es muy cauteloso con las sociedades y los libros y se retira más y más en comunión con el desamparado y el miserable. Actúa y no lee más, ora, perdona y ya no tiene más tiempo para juzgar y criticar. ¡El intelectual, observando semejante hombre, se pregunta ante todo mediante que libros ha alcanzado aquel estado, también a qué tradición pertenece y por último, en que categoría ha de colocarse para... juzgarlo mejor!

Busca la "palabra mágica" que el místico usa para curar a voluntad las más malignas enfermedades, por la forma de hipnotismo que le permite influenciar las mentes de otros de tal manera, incluso a remota distancia, y por el propósito egoísta detrás de todo. Y como el intelectual no encuentra en los libros una respuesta a estas preguntas, y como necesita una explicación para reconquistar su serenidad mental, se dice a sí mismo muy gravemente o al círculo de sus admiradores: "¡Posesión!" o un "¡Místico!" o "¡Simple Sugestión!"...y todo está dicho. El intelectual, de este modo se hace un poco más vano y el místico, ---un poco más humilde. Y mientras que el estudio, la lectura y el tiempo son necesarios para progresar en el plano intelectual, nada de esto es necesario para progresar en la senda mística. Puede ser recorrida casi hasta el final y en una hora de nuestro tiempo terrestre como lo hizo Swedenborg en el primer día de su visión y como lo hizo Jacob Boehme, o puede tomar 19 años incluso antes que su entrada sea descubierta como fue el caso de Willermoz y muchos ocultistas. La razón es que la puerta hacia esta senda no es abierta por el buscador sino por sus guías invisibles y por la fuerza de su ser espiritual.

Por tanto, no hay nada más fácil ni nada más difícil que seguir esta senda. Está abierta a todos los hombres de buena voluntad y ningún otro hombre es digno de ella. La entrada es tan baja que sólo los niños pequeños pueden entrar. Como aquellos que acuden a esta puerta son con frecuencia hombres altos y orgullosos que piensan que está por debajo de su dignidad empedirse, la entrada permanece por mucho tiempo invisible para ellos